

JEAN M.
AUEL

OS FILHOS DA TERRA



OS CAÇADORES
DE MAMUTES



dLivros

{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

Converted by [convertEPub](#)

Jean M. Auel

**OS CAÇADORES
DE MAMUTES**

Os Filhos da Terra - Vol.3

Tradução de Maria Célia Castro
Digitalização de Digital Source
Formatação de LeYtor

RECORD

Os Caçadores de Mamutes

Título original norte-americano
THE MAMMOTH HUNTERS

Quero agradecer a
leytora Marinilda por me
ajudar a formatar esse livro.

Sem você isso não seria
possível.

Obrigado,
LeYtor

Para MARSHALL,
Que se tornou um homem para se orgulhar,

E para BEVERLY,
Que ajudou,

E para CHRISTOPHER, BRIAN, e MELLISSA,
Com Amor.

Agradecimentos

Eu jamais contaria esta história sem os livros e material dos especialistas que trabalharam nos locais e colecionaram os artefatos de nossos ancestrais pré-históricos, e têm minha mais profunda gratidão. Devo agradecimentos especiais a várias pessoas. Gostei das discussões, da correspondência, e dos documentos, cheios não apenas de fatos, mas também de idéias e teorias. Devo deixar claro, no entanto, que aqueles que me proporcionaram informação e ofereceram ajuda não são, de forma alguma, responsáveis pelos pontos de vista ou idéias expressos nesta história. Esta é uma obra de ficção, uma história da minha imaginação. Os personagens, conceitos e descrições culturais são meus. Em primeiro lugar, sinceros agradecimentos a David Abrams, professor de antropologia e diretor de turismo extraordinário, e a Diane Kelly, estudante de antropologia, e com mestrado em relações humanas, que planejou, providenciou e nos acompanhou em viagem de pesquisa particular a locais e museus da França, Austria, Tcheco-slováquia e União Soviética.

Meus agradecimentos e grande apreço ao dr. Jan Jelinek, diretor do Anthropos Institute, Brno, Tcheco-Eslováquia, pelo tempo gasto mostrando-me muitas das peças verdadeiras da Europa Oriental que aparecem neste livro, *The Pictorial Encyclopedia of the Evolution of Man* (The Hamlyn Publishing Group, Ltd., Londres).

Sou grata à dra. Lee Porter, da Washington State University, e ao destino que a colocou, com seu sotaque americano, em nosso hotel de Kiev. Ela estava lá estudando ossos fósseis de mamutes e, encontrando-se com a pessoa que tentáramos desesperadamente ver, afastou todas as dificuldades e providenciou o encontro.

Devo ao dr. J. Lawrence Angel, diretor de antropologia física na Smithsonian Institution, muitas coisas: palavras positivas e encorajadoras sobre meus livros; dar-me uma visão “dos bastidores” e uma explicação sobre algumas diferenças e semelhanças entre os ossos de Neandertal e os ossos humanos modernos e, particularmente, a sugestão de pessoas que poderiam me dar maior informação e assistência.

Aprecio profundamente os esforços especiais da dra. Ninel Kornietz, especialista russa em era paleolítica superior ucraniana, que foi amável e bondosa, mesmo em pouco tempo. Vimos, com ela, as peças em dois museus, ela deu me de presente o livro que eu estivera procurando sobre os instrumentos musicais feitos com ossos de mamute pelos povos da era glaciária e um registro dos seus sons. O livro era em russo, e devo agradecimentos profundos à dra. Gloria y’Edynak, ex-assistente do dr. Angel, que conhece russo, inclusive a terminologia técnica de paleantropologia, por arranjar um tradutor para este livro, e especialmente por revisá-lo e preenchê-lo com as palavras técnicas corretas.

Agradecimentos também por sua tradução dos artigos em língua ucraniana comparando os modernos padrões de tecelagem na Ucrânia com desenhos esculpidos nas peças da era glacial.

Grande apreço a Dorothy Yacek-Matulis por uma tradução boa, com preensível e útil do livro russo de música com ossos de mamutes. O material é de valor incalculável. Agradecimentos também ao dr. Richard Klein, autor de Ice-Age Hunters o! Ihe Ukraine (University Chicago Press), que proporcionou bondosamente informação e documentos adicionais sobre o povo antigo da região.

Sou particularmente grata a Alexander Marshack, pesquisador do Museu Peabody de Arqueologia e Etnologia da Harvard University, e autor de The Roots of

Civilization (McGraw-Hill Book Co.), por cópias dos resultados de seus estudos microscópicos dos artefatos em Curren (Anthropology, material de seu livro ainda não publicado sobre o povo da Europa Oriental da era glacial.

Meu agradecimento mais sincero à dra. Olga Soffer, do Departamento de Antropologia da Universidade de Wisconsin, e, provavelmente, a maior perita nos Estados Unidos, atualmente, sobre as populações russas da era glaciária, pela conversa longa, interessante e proveitosa no saguão do Hilton, e por matéria, “Patterns of Intensification as Seen from Upper Paleolithic Central Russian Plain”, de Prehistoric Hunter-Gatherers: The Emergence of Cultural Complexity, T. Douglas Price e James A. Brown, editores (Academic Press).

Enorme gratidão ao dr. Paul C. Paquet, co-editor, Wolves of the World (Noyes Publications), por interromper suas férias para atender ao meu chamado, e pelos longos debates sobre lobos e sua possível domesticação.

Agradeço, novamente, a Jim Riggs, antropólogo e instrutor de turmas sobre “Aboriginal Life Skills”. Continuo a usar a informação que ele me transmitiu.

Devo muito a três pessoas que leram um grosso manuscrito, de repente, e ofereceram comentários úteis do ponto de vista do leitor: Karen Auel, que leu o primeiro rascunho e ficou presa a ele e me deixou saber que eu tinha uma história; Doreen Gandy, poetisa e professora, que introduziu a leitura no final do seu ano letivo sem qualquer perda de seus insights habituais; e Cathy Humble, que conseguiu, mais uma vez, fazer observações astutas.

Agradecimentos especiais a Betty Prashker, minha editora, cujas percepções valorizo, e cujos comentários e sugestões acertaram bem no alvo.

As palavras são insuficientes para agradecer a Jean Naggar, amiga, confidente e agente literária incomparável, que continuou a exceder minhas expectativas mais ousadas.

Apreço sincero à produção e departamentos de arte da Crown Publishers, cujo cuidado e perícia no trabalho resultaram consistentemente em livros belos e bem-feitos.

Sou grata a Judith Wilkes, minha secretária e assistente, cuja inteligência me fez depender dela, e que alivia a pressão do meu volume crescente de correspondência, para que eu possa escrever.

Capítulo 1

Tremendo de medo, Ayla se apegou ao homem alto ao seu lado, enquanto observava os estranhos se aproximarem. Jondalar a abraçou protetoramente, mas ela continuou tremendo.

Ele é tão grande, pensou Ayla, olhando embasbacada para o homem no comando, de cabelo e barba cor de fogo. Ela jamais vira alguém tão grande. Ele chegava até a fazer Jondalar parecer pequeno, embora o homem que a abraçava fosse mais alto que a maioria. O homem ruivo que se aproximava era de estatura ainda maior; era grande, um urso. O pescoço, volumoso, o peito poderia encher dois homens comuns, o bíceps maciço equivalia às coxas da maioria dos homens.

Ayla lançou um rápido olhar a Jondalar e não viu medo em seu rosto, mas o sorriso dele desapareceu. Eram estranhos e, em suas longas viagens, ele aprendera a ser cauteloso com desconhecidos.

- Não me lembro de tê-los visto antes - disse o grandalhão indo direto ao assunto. - De que acampamento são? - Ele não falava a língua de Jondalar, notou Ayla, mas uma das outras que este andara lhe ensinando.

- De acampamento nenhum - retrucou Jondalar. - Não somos Mamutoi. - Largou Ayla e deu um passo à frente, estendendo as duas mãos, as palmas para cima, mostrando que nada escondia, na saudação de amizade. - Sou Jondalar dos Zelandonii.

As mãos não foram aceitas.

- Zelandonii? É um estrangeiro... Espere, não havia dois homens desconhecidos vivendo com o povo do rio, a oeste? Parece-me que o nome que ouvi era parecido.

- Sim, meu irmão e eu vivemos com eles - admitiu Jondalar.

O homem da barba flamejante ficou pensativo por algum tempo. De pois, inesperadamente, investiu para Jondalar e agarrou o homem louro e alto num abraço de urso de quebrar os ossos.

- Então, somos parentes! - exclamou, com um largo sorriso iluminando-lhe o rosto. - Tholie é a filha do meu primo! O sorriso de Jondalar reapareceu, um pouco trêmulo.

- Tholie! Uma mulher Mamutoi chamada Tholie era a companheira mestiça de meu irmão! Ela me ensinou a língua de vocês.

- Claro! Eu lhe disse, somos parentes. - Segurou as mãos que Jondalar estendera em sinal de amizade e que recusara antes. - Sou Talut, chefe do Acampamento do Leão.

Ayla observou que todos sorriam. Talut a cumprimentou com a cabeça, sorrindo. Depois, analisou-a com admiração.

Vejo que não viaja com um irmão agora - falou a Jondalar.

Jondalar tornou a abraçá-la e ela notou uma fugaz expressão de sofrimento enrugando-lhe a testa antes de ele dizer: - Esta é Ayla.

Um nome incomum. Ela é do povo do rio? Jondalar ficou surpreso com a pergunta brusca; depois sorriu interiormente ao se lembrar de Thotie. A mulher baixa, atarracada, que conhecera, tinha pouca semelhança ao grandalhão ali de pé, à margem do rio, mas eram parentes. Ambos possuíam a mesma maneira de abordagem direta, a mesma franqueza desinibida - quase ingênua. Ele não sabia o que dizer. Não seria fácil explicar Ayla.

- Não, ela vivia num vale a alguns dias de viagem daqui.

Talut pareceu intrigado.

- Não ouvi falar de mulher nenhuma com o nome dela, vivendo por perto. Tem certeza de que ela é Mamutoi? - Tenho certeza de que não é.

- Então, qual é o povo dela? Somente nós, que caçamos mamutes, vivemos nesta região.

- Não tenho povo - disse Ayla, erguendo o queixo com um toque de desafio.

Talut a avaliou argutamente. Ela havia falado na língua dele, mas o timbre da voz e a forma como pronunciava os sons eram... estranhos. Não desagradáveis, mas incomuns. Jondalar falava com o sotaque de uma língua que lhe era desconhecida; a diferença na maneira de ela falar ultrapassava o sotaque. O interesse de Talut cresceu.

- Bem, aqui não é lugar para conversar - disse Talut, por fim. - Nezzie ficará indignada como a Mãe, se não os convidar para uma visita. Os visitantes sempre trazem alguma excitação, e não recebemos visitas há algum tempo. O Acampamento do Leão lhes daria boas-vindas, Jondalar dos Zelandonii e Ayla de Nenhum Povo. Vocês virão? - O que diz, Ayla? Gostaria de visitá-los? - perguntou Jondalar, mudando para a língua dos Zelandonii a fim de que ela pudesse responder sinceramente, sem medo de ofender. - Não é hora de conhecer os de sua espécie? Não foi isso que Iza mandou que fizesse? Encontrar seu próprio povo? Ele não queria parecer ansioso demais, porém depois de tanto tempo sem mais ninguém com quem conversar, estava ávido para fazer uma visita.

- Não sei - disse ela, franzindo a testa, indecisa. - O que pensarão de mim? Ele quis saber quem era o meu povo. Não tenho mais família. E se não gostarem de mim? - Gostarão de você, Ayla, acredite. Sei que gostarão. Talut a convidou, não? Não se importou por você não ter parentes. Além disso, você nunca saberá se

a aceitarão... ou se gostará deles... se não lhes der uma chance. Sabe, são o tipo de pessoas com quem deveria ter sido criada. Não precisamos ficar muito tempo. Podemos partir a qualquer momento.

- Podemos partir a qualquer momento? - Claro.

Ayla abaixou os olhos para o solo, tentando decidir-se. Queria ir com eles, sentia atração por aquelas pessoas, e curiosidade em saber mais a respeito delas, mas sentia um nó apertado de medo no estômago. Ergueu os olhos, viu dois peludos cavalos da estepe pastando no rico capim da planície perto do rio, e seu medo aumentou.

- E Whinney? O que faremo com ela? E se quiserem matá-la? Não posso deixar ninguém ferir Whinney! Jondalar não pensara em Whinney. O que pensariam?, perguntou-se.

- Não sei o que farão, Ayla, mas acho que não a matarão se dissermos que é especial e não se destina à alimentação. - Lembrou-se de sua surpresa e sentimento inicial de espanto diante do relacionamento de Ayla com o animal. Seria interessante ver a reação deles. - Tenho uma idéia.

Talut não compreendeu o que Ayla e Jondalar diziam um ao outro, mas percebeu que a mulher relutava, e que o homem tentava persuadi-la. Também notou que ela falava com o mesmo sotaque incomum, até na língua dele. A língua do homem, mas não dela, notou o chefe.

Ele refletia sobre o mistério da mulher com certo prazer - gostava do novo e incomum, o inexplicável o desafiava. Mas, então, o mistério assumiu uma dimensão inteiramente nova.

Ayla assobiou alto e agudamente. De repente, uma égua cor de palha e um potro de um tom marrom extraordinariamente escuro galoparam até eles, diretamente até a mulher, e permaneceram quietos

enquanto ela os tocava! O homem grande conteve um arrepio de pasmo.

Aquilo estava além de qualquer coisa que tinha visto.

Será que ela era Mamut? - perguntou-se, com apreensão crescente. Alguém com poderes especiais? Muitos Daqueles que Serviam à Mãe reivindicavam a magia para chamar animais e dirigir a caçada, mas ele nunca havia visto alguém com tanto controle sobre os animais que os chamasse com um sinal. Ela possuía um dom único. Era um pouco assustador - mas imagine o quanto um acampamento poderia beneficiar-se de tal talento.

Caçar animais seria bem fácil! Exatamente quando Tãlut se recuperava do choque, a mulher causava-lhe outro. Segurando a crina rija e erguida da égua, a jovem saltou sobre o dorso do animal e sentou-se com uma perna de cada lado da égua. A boca do homem grande se escancarou de admiração enquanto a égua, com Ayla montada, galopava pela margem do rio. Com o potro seguindo-as, subiram rapidamente a encosta para as estepes mais distantes. A admiração nos olhos de Talut era partilhada pelo resto do bando, particularmente por uma menina de doze anos.

Ela avançou para o chefe e apoiou-se nele, como se buscasse apoio - Como ela fez aquilo, Talut? - perguntou a menina, num tom de voz baixo que continha surpresa, pasmo e um vislumbre de ânsia. - Aquele cavalinho estava tão perto que quase pude tocá-lo.

A expressão de Talut se suavizou.

- Terá que perguntar a ela, Latie. Ou, talvez, a Jondalar - falou, virando-se para o grandalhão desconhecido.

- Também não tenho certeza - replicou ele. - Ayla tem um jeito especial com animais.

Ela criou Whinney desde potranca.

- Whinney? - É o mais parecido que posso dizer ao nome que ela deu à égua Quando ela o pronuncia, pensa-se que é um cavalo. O potro é Racer. Eu dei o nome a ele... ela me pediu. É a palavra dos Zelandonii para alguém que corre muito. Também significa alguém que se esforça para ser o melhor. Na primeira vez que a vi, Ayla ajudava a égua a ter o filhote.

- Deve ter sido uma visão! Eu não imaginava que uma égua permitisse que alguém se aproximasse dela nesse momento - disse um dos outros homens.

A demonstração de equitação causou o efeito que Jondalar havia esperado e ele achou que era o momento adequado para abordar a preocupação de Ayla.

- Acho que ela gostaria de visitar seu acampamento, Talut, mas teme que possam pensar que os cavalos são animais comuns para serem caçados, e como eles não têm medo de pessoas, seria fácil matá-los.

- Sim, seria. Você deve ter adivinhado o que eu pensava, mas como poderia evitá-lo? Talut observou Ayla voltando, parecendo um estranho animal, parcialmente humana, parcialmente cavalo. Ficou contente por não ter se aproximado deles inocentemente. Teria sido enervante. Refletiu um instante como seria cavalgar, e se ele causaria tanto assombro cavalgando. E de pois, imaginando-se montado com uma perna de cada lado do pequeno, embora forte animal das estepes, riu alto.

- Eu poderia carregar esse animal mais facilmente do que ele a mim! - exclamou.

Jondalar riu baixinho. Não fora difícil acompanhar a linha de pensamento de Talut. Várias pessoas sorriram, ou riram baixo, e Jondalar compreendeu que todas elas tinham refletido sobre montar um cavalo. Não era tão estranho. Ocorrera com ele quando vira Ayla sobre o dorso de Whinney pela primeira vez.

Ayla vira surpresa e confusão nos rostos do pequeno grupo de pessoas e, se Jondalar não a estivesse

esperando, ela teria continuado a cavalgar na direção do seu vale. Quando mais jovem, ela já sofrera bastante desaprovação por ações que não eram aceitáveis. E tivera liberdade suficiente, desde que vivia sozinha, para não querer sujeitar-se à crítica por seguir suas inclinações. Estava pronta para dizer a Jondalar que ele podia visitar aquelas pessoas se quisesse; ela ia voltar.

Mas, ao regressar, viu Talut ainda rindo por causa de sua imagem mental de ele próprio cavalgando e reconsiderou. O riso se tornara precioso para ela. Não tivera permissão para rir quando vivia com o Clã; eles ficavam nervosos e pouco à vontade. Somente com Durc, em segredo, ela ria alto. Foram Neném e Whinney que lhe ensinaram a gozar a sensação do riso, mas Jondalar era a primeira pessoa a dividi-lo abertamente com ela.

Observou o homem rindo, facilmente, com Talut. Ele ergueu a cabeça e sorriu, e a magia dos indescritíveis olhos azuis vívidos dele tocou um local profundo em seu íntimo, que ressoou como um arrebatamento cálido, ardente, e ela sentiu um grande amor por ele. Não podia voltar para o vale, não sem ele. Só pensar em viver sem ele trazia-lhe um aperto estrangulador à garganta e a dor causticante das lágrimas contidas.

Ao cavalgar na direção deles, notou que embora não fosse tão grande quanto o homem ruivo, em volume, Jondalar era quase tão alto e maior que os outros três. Não, um deles era um menino, percebeu. Será que era uma menina que estava com eles? Encontrou-se observando o grupo disfarçadamente, não querendo fixar o olhar.

Os movimentos do seu corpo deram sinal a Whinney para parar. De pois, movimentando a perna sobre a égua, escorregou para o solo. Os dois animais pareciam nervosos quando Talut se acercou; ela acariciou Whinney e pôs um braço em volta do pescoço de Racer.

Tinha tanta necessidade da confiança renovada e familiar da presença dos animais como eles o tinham da dela.

- Ayla, de Nenhum Povo - disse ele, incerto se era a maneira correta de dirigir-se a ela, embora talvez o fosse, para aquela mulher de dom estranho - Jondalar diz que você teme que algum mal aconteça aos seus cavalos, se nos visitar. Digo aqui, enquanto Talut for o chefe do Acampamento do Leão, nenhum mal acontecerá à égua ou a seu filhote. Gostaria que nos visitasse e trouxesse os animais. - Seu sorriso se alargou com uma risada. - Do contrário, ninguém acreditará em nós! Ela se sentia mais relaxada agora e sabia que Jondalar desejava fazer a visita. Não tinha razão verdadeira para recusar e foi atraída pelo riso fácil, amigável, do grande homem de cabelo ruivo.

- Sim, eu vou - disse ela. Talut sacudiu a cabeça, concordando, sorrindo e perguntando- se sobre ela, sobre seu sotaque curioso, sobre seu jeito estranho com os cavalos. Quem era Ayla de Nenhum Povo? Ayla e Jondalar tinham acampado ao lado do rio impetuoso e decidiram na quela manhã, antes de encontrarem o bando do Acampamento do Leão, que era hora de voltar. O rio era largo demais para atravessar sem dificuldade e não valia o esforço, se eles iam dar meia- volta e voltar sobre seus passos. O leste do vale formado por estepes, onde Ayla vivera sozinha por três anos, fora mais acessível e a jovem não se dera o trabalho de trilhar o caminho difícil para o oeste, fora do vale, muitas vezes, e não estava nada familiarizada com a região. Embora tivessem partido na direção oeste, não tinham destino determinado em mente e acabaram viajando para o norte e depois para o leste, porém muito mais longe do que Ayla já viajara em suas incursões de caça.

Jondalar a convencera a fazer a viagem exploratória para acostumá-la a viajar. Ele queria levá-la para casa

consigo, mas seu lar era distante, no oeste. Ela relutara, e ficara assustada ao deixar seu vale seguro para viver com pessoas desconhecidas num local desconhecido.

Embora estivesse ansioso para regressar após viajar durante muitos anos, havia se resignado a passar o inverno com ela no vale. Seria uma longa jornada de volta - provavelmente levaria um ano inteiro - e seria melhor iniciá-la no final da primavera. Nessa época, ele estava certo de convencê-la a acompanhá-lo. Não queria sequer considerar qualquer outra alternativa.

Ayla o havia encontrado gravemente ferido e quase morto no início do verão que agora via seus últimos dias, e ela conheceu a tragédia que ele sofrera. Apaixonaram-se enquanto ela cuidava dele, trazendo-lhe a saúde de volta, embora demorassem a vencer as barreiras de seus backgrounds enormemente diferentes. Ainda estavam aprendendo sobre os costumes e inclinações mútuos.

Capítulo 2

Ayla e Jondalar acabavam de levantar acampamento e para surpresa - e interesse - das pessoas que esperavam, colocaram suprimentos e equipamentos sobre a égua, em vez de embornais e mochilas que eles próprios carregariam. Embora os dois, às vezes, cavalgassem a égua robusta, Ayla achou que Whinney e seu potro ficariam menos nervosos se a vissem. Os dois caminharam atrás do bando. Jondalar puxava Racer por uma corda comprida presa a um cabresto que ele mesmo idealizara. Whinney seguia Ayla em liberdade total.

Acompanharam o curso do rio durante vários quilômetros, através de um grande vale que descia de planícies herbosas circundantes. Feno que chegava à altura do peito, extremidades de sementes inclinando-se, maduras e pesadas, crescendo em ondas douradas nas encostas próximas, harmonizando-se com o ritmo frio do ar frígido, que soprava em rajadas intermitentes das geleiras maciças ao norte. Nas estepes abertas, alguns vidoeiros e pinheiros inclinados e retorcidos amontoavam-se ao longo de rios, com suas raízes procurando a umidade cedida aos ventos dessecantes. Perto do rio, juncos e ciperáceas ainda estavam verdes, embora um vento frio retinisse através de galhos velhos, desprovidos de folhas.

Latie se demorou, olhando de vez em quando para os cavalos e a mulher, até virem várias pessoas em uma curva do rio. Então, ela correu à frente, querendo ser a primeira a contar sobre os visitantes. Ao ouvir seus gritos, as pessoas se viraram e ficaram boquiabertas.

Outras pessoas saíam do que pareceu a Ayla um grande buraco à margem do rio, uma caverna de algum tipo, talvez, mas diferente de todas as que já vira antes.

Parecia ter se projetado da encosta que dava para o rio, mas não tinha a forma casual de taludes de pedra ou terra. O capim crescia no telhado, porém a abertura era uniforme demais, regular demais, e de aparência bastante antinatural. Era um arco perfeitamente simétrico.

De repente, em profundo nível emocional, compreendeu. Não era uma caverna, e as pessoas não eram um clã! Não se pareciam com Iza, que era a única mãe de quem se lembrava, ou com Creb ou Brun, baixos e musculosos, com grandes olhos encobertos por sobrelanceiras grossas, uma testa curvada para trás e um maxilar sem queixo que se projetava para a frente. Aquelas pessoas se pareciam com ela. Eram semelhantes ao seu povo. Sua mãe, sua verdadeira mãe, não devia ter sido parecida com uma daquelas mulheres. Aqueles eram os Outros! Ali era o seu lugar! A compreensão trouxe uma onda de excitação e um formigamento de medo.

Um silêncio atordoado saudou os estranhos - e seus animais ainda mais estranhos - quando chegaram no local de inverno permanente do Acampamento do Leão. Então, todos pareceram falar ao mesmo tempo.

- Talut! O que trouxe desta vez? Onde conseguiu esses cavalos? O que lhes fez? Alguém se dirigiu a Ayla: - Como os faz ficar parados? - De que acampamento são, Talut? As pessoas ruidosas, gregárias, avançavam, agrupadas, ansiosas para ver e tocar os desconhecidos e os animais. Ayla estava perturbada, confusa. Não estava acostumada com tanta gente. Não estava acostumada com pessoas falando, especialmente todas falando ao mesmo tempo. Whinney dava passos para o lado, agitando as orelhas, a cabeça erguida, o pescoço arqueado, tentando proteger o potro assustado e afastar-se das pessoas que fechavam o cerco.

Jondalar percebia a confusão de Ayla e o nervosismo dos cavalos, mas não podia fazer Talut ou as outras pessoas entenderem. A égua suava, sacudindo o rabo, dançando em círculos. De repente, não suportou mais. Em pinou, relinchou de medo e escoiceou com os cascos duros, obrigando as pessoas a recuar.

A aflição de Whinney atraiu a atenção de Ayla. Chamou a égua pelo nome, com um som como um agrado confortador, e fez gestos que usara para se comunicar antes de Jondalar ensinar-lhe a falar.

- Talut! Ninguém deve tocar os cavalos a menos que Ayla o permita! Somente ela pode controlá-los. Eles são mansos, mas a égua pode ser perigosa se for provocada ou achar que seu potro está ameaçado. Alguém poderia ficar ferido - disse Jondalar.

- Recuem! Ouviram o que ele disse - gritou Talut com uma voz retumbante que silenciou a todos. Quando as pessoas e cavalos se imobilizaram, ele continuou em tom mais normal: - A mulher é Ayla. Prometi-lhe que não aconteceria nenhum mal aos cavalos se viessem nos visitar. Prometi, como chefe do Acampamento do Leão. Este é Jondalar dos Zelan donii, um parente, irmão do companheiro de Tholie. - Depois, com um sorriso de vaidade, acrescentou: - Talut trouxe alguns visitantes! Houve balanços de cabeça, concordando. As pessoas permaneceram por perto, fixando com curiosidade clara, mas o suficientemente distantes para evitar os coices da égua. Mesmo se os estranhos tivessem partido na quele momento, despertariam interesse bastante e tagarelice para durar anos. A notícia de que dois homens desconhecidos estavam na região, vivendo com o povo do rio, a sudoeste, fora motivo de conversa nas Reuniões de Verão.

Os Mamutoi negociavam com os Sharamudo, e desde que Tholie, que era parente, escolhera um homem do rio, o Acampamento do Leão ficara ainda mais

interessado. Mas nunca esperaram que um dos homens estrangeiros entrasse em seu acampamento, principalmente com uma mulher que tinha algum controle mágico sobre cavalos.

- Está bem? - perguntou Jondalar a Ayla.

- Assustaram Whinney e Racer também. As pessoas sempre falam ao mesmo tempo assim? Mulheres e homens juntos? É confuso, e gritam tanto, como se pode saber quem está dizendo o quê? Talvez devêssemos ter voltado para o vale. - Abraçava o pescoço da égua, inclinando-se contra ela, tranqüilizando-se, assim como consolando o animal.

Jondalar sabia que Ayla estava quase tão infeliz quanto os cavalos. A acolhida ruidosa das pessoas a havia chocado. Talvez não devessem ficar muito tempo. Talvez fosse melhor começar apenas com duas ou três pessoas de cada vez, até ela acostumar-se à sua espécie novamente, mas ele se perguntou o que ele faria se ela, realmente, nunca se habituasse.

Bem, estavam ali, agora. Ele podia esperar e ver.

- Às vezes as pessoas são barulhentas e falam ao mesmo tempo mas, a maior parte das vezes, fala uma de cada vez. E acho que serão cuidadosas com os animais agora, Ayla - disse, quando ela começou a descarregar as cestas amarradas de ambos os lados do animal, com um arreio que ela fizera de tiras de couro.

Enquanto ela estava ocupada, Jondalar afastou-se com Talut e lhe disse, calmamente, que os cavalos de Ayla estavam um pouco nervosos e precisavam de algum tempo para se acostumar com todos.

- Seria melhor se fossem deixados sozinhos por algum tempo.

Talut compreendeu e se dirigiu às pessoas do acampamento, falando com cada uma delas.

Dispersaram-se, dedicando-se a outras tarefas, preparando comida, trabalhando em peles de animais ou

ferramentas, de forma que pudessem observar sem serem tão óbvias a respeito. Também estavam inquietas. Os desconhecidos eram interessantes, mas uma mulher com magia tão atraente poderia fazer alguma coisa inesperada.

Somente algumas crianças permaneceram para observar, com interesse ávido, enquanto o homem e a mulher descarregavam seus pertences, mas Ayla não fez caso delas. Havia anos que não via crianças, desde que deixara o Clã, e estava tão curiosa em relação a elas quanto as crianças a respeito dela. Ela tirou o arreio e cabresto de Racer, depois acariciou e deu tapinhas em Whinney e em Racer em seguida. Após coçar e abraçar afetuosamente o potro, Ayla ergueu os olhos e viu Latie olhando atentamente com desejo o jovem animal.

- Gosta de tocar em cavalos? - perguntou Ayla.

- Posso? - Venha. Dê a mão. Eu mostro. - Pegou a mão de Latie e a manteve sobre o pêlo do cavalo parcialmente crescido. Racer virou a cabeça para cheirar e focinhar a menina.

- Ele gosta de mim - disse a garota com um sorriso de gratidão que era uma dádiva.

- Ele também gosta de ser coçado, assim - disse Ayla, mostrando à menina os principais locais de comichão do potro.

Racer estava encantado com a atenção e demonstrou-o. Latie não cabia em si de alegria. O potro a havia atraído desde o início. Ayla deu as costas aos dois para ajudar Jondalar e não notou a aproximação de outra criança. Quando se virou, arquejou e sentiu o sangue fugir de seu rosto.

- Está bem se Rydag tocar o cavalo? - perguntou Latie. - Ele não pode falar, mas sei que quer fazê-lo. - Rydag sempre fazia as pessoas reagirem com surpresa. Latie estava acostumada a isso.

- Jondalar! - gritou Ayla. - Essa criança.., poderia ser meu filho! Parece Durc! Ele se virou e abriu os olhos em surpresa e assombrado. Era uma criança de espíritos mistos.

Cabeças-chatas - aqueles a quem Ayla sempre se referia como Clã - eram animais para a maioria das pessoas, e crianças como aquela eram consideradas como "abominações", parcialmente animais e parcialmente humanos. Ele ficara chocado ao compreender, pela primeira vez, que Ayla havia dado à luz um filho misto. A mãe de tal criança era, em geral, pária, excluída por medo que atraísse o mau espírito animal novamente e fizesse as outras mulheres darem à luz estas aberrações. Algumas pessoas não queriam sequer admitir que existissem, e encontrar uma ali vivendo com aquela gente era mais do que inesperado. Era um choque. De onde viera o menino? Ayla e a criança se olhavam nos olhos, esquecidas de tudo ao seu redor. Ele é magro para quem é metade do Clã, pensou Ayla. Em geral têm ossos grandes e são musculosos.

Mesmo Durc não era tão magro assim. Ele é doente, disse a Ayla sua visão treinada de curandeira. Um problema desde o nascimento, com o forte músculo no peito, que pulsava e palpitava e fazia o sangue correr, adivinhou. Mas guardou esses fatos sem pensar; olhava mais atentamente para o rosto do menino, e sua cabeça, procurando as semelhanças e diferenças entre a criança e seu filho.

Os olhos grandes, castanhos e vivos eram como os de Durc, até a expressão de antiga sabedoria muito além de sua idade - ela sentiu uma pontada de saudade e um nó na garganta - mas havia também dor e sofrimento, de forma alguma físicos, que Durc jamais conhecera. Encheu-se de compaixão. Depois de exame cuidadoso concluiu que os supercílios do menino não eram bastante pronunciados. Mesmo com apenas três anos de

idade, quando ela partira, os olhos de Durc e suas sobrancelhas projetadas eram totalmente Clã, mas sua testa era como a daquela criança. Não era caída para trás e achatada como do Clã, mas alta e arqueada como a dela.

Seus pensamentos se desviaram. Durc teria seis anos agora, recordou, com idade suficiente para acompanhar os homens quando se exercitavam com suas armas de caça. Mas Brun estará ensinando Durc a caçar, não Broud. Ela jamais esqueceria como o filho da companheira de Brun ali mentara seu ódio contra ela até conseguir lhe tirar o bebê, por maldade, e expulsá-la do Clã. Fechou os olhos quando a dor da recordação a dilacerou como faca. Não queria acreditar que jamais tornaria a ver o filho.

Abriu os olhos para Rydag, e respirou fundo.

Qi anos terá este menino? É pequeno, mas deve ter quase a idade de Durc, pensou, comparando os dois novamente. A pele de Rydag era clara e o cabelo escuro e crespo, mas menos escuro e mais macio que o cabelo castanho basto muito comum ao clã. A maior diferença entre aquela criança e seu filho, observou Ayla, eram o queixo e o pescoço. Seu filho tinha um pescoço longo como o dela - ele engasgava, às vezes, com a comida, o que não acontecia nunca com os outros bebês do Clã - e um queixo pequeno, mas bem definido. Este menino tinha o pescoço curto do Clã, e maxilar protuberante. Então, ela se lembrou. Latie dissera que ele não podia falar.

De repente, em um instante de compreensão, soube como devia ser a vida daquela criança.

Uma coisa era uma menina de cinco anos que perdera a família em um terremoto, e que fora encontrada por uma tribo de pessoas incapazes de uma fala totalmente articulada, aprender a linguagem de sinais com que costumavam se comunicar. Outra coisa

bem diferente era viver com pessoas que falavam e ser incapaz de falar. Ela recordou sua frustração inicial porque não fora capaz de se comunicar com as pessoas que a recolheram, e pior ainda, como havia sido difícil fazer Jondalar compreendê-la antes que ela aprendesse a falar novamente. E se ela não tivesse conseguido aprender? Fez um sinal ao menino, um simples gesto de saudação, um dos primeiros que aprendera há tanto tempo atrás. Houve um instante de excitação nos olhos da criança, depois ele sacudiu a cabeça e pareceu intrigado. Ele jamais aprendera a maneira de falar com gestos do Clã, percebeu ela, mas devia ter guardado algum vestígio das lembranças do Clã. Ele reconheceria o sinal por um momento, ela tinha certeza disso.

- Rydag pode tocar o potro? - perguntou Latie de novo.

- Pode - disse Ayla, segurando a mão do garoto. - Ele é tão franzino, tão frágil, pensou ela e compreendeu, então, o resto. Ele não podia correr como as outras crianças. Não podia brincar de luta, normalmente Só podia observar - e desejar.

Com uma ternura que Jondalar jamais vira em seu rosto, Ayla pegou o garoto no colo e colocou-o no dorso de Whinney. Fazendo sinal à égua para andar, ela deu volta com eles, lentamente, pelo acampamento. Houve uma parada na conversa quando todos fitaram Rydag cavalgando. Embora tivessem falado a respeito, exceto Talut e as pessoas que os tinham encontrado perto do rio, ninguém jamais vira alguém montar um cavalo antes.

Ninguém nunca imaginara tal coisa.

Uma mulher gorda, maternal, saiu da estranha habitação e, vendo Rydag montado à égua que escoiceara perigosamente próximo à sua cabeça, sua primeira reação foi correr em ajuda da criança. Mas, ao

se acercar, tornou-se consciente do drama silencioso da cena.

O rosto do menino estava repleto de assombro e deleite. Quantas vezes ele havia observado com olhos ansiosos, impedido por sua fraqueza ou sua diferença de fazer o que as outras crianças faziam? Quantas vezes desejara poder fazer algo para ser admirado ou invejado? Agora, pela primeira vez, montava a cavalo e todas as crianças e adultos do acampamento o observavam com olhos desejosos.

A mulher da moradia viu e se perguntou: teria aquela estranha realmente compreendido o menino tão depressa? Aceito a criança tão facilmente? Viu a forma como Ayla olhava para Rydag e constatou que sim.

Ayla notou que a mulher a examinou e depois lhe sorriu. Ela retribuiu o sorriso e parou ao lado dela.

- Fez Rydag muito feliz - disse a mulher, estendendo os braços para o garoto que Ayla fazia desmontar.

- É pouco - disse Ayla.

A mulher concordou com um gesto de cabeça.

- Meu nome é Nezzie - O meu é Ayla.

As duas mulheres se olharam, examinando-se cuidadosamente, não com hostilidade, mas sondando o terreno para um futuro relacionamento.

As perguntas que Ayla queria fazer sobre Rydag giravam em sua mente, mas ela hesitou, indecisa sobre se era adequado fazê-las. Será que Nezzie era a mãe do menino? Se o fosse, como dera à luz uma criança de espíritos mistos? Ayla também estava intrigada em relação a uma pergunta que a incomodara desde que Durc nascera. Como a vida começava? Uma mulher só sabia que a vida estava ali quando seu corpo mudava à medida que o bebê crescia. Como ele entrava em uma mulher? Creb e Iza acreditavam que uma nova vida começava quando uma mulher engolia os espíritos do totem dos homens. Jondalar achava que a Grande Mãe

Terra misturava os espíritos de um homem e uma mulher e os colocava dentro da mulher quando ela engravidava. Mas Ayla tinha formado sua própria opinião. Quando ela notou que seu filho tinha algumas das características do Clã, e algumas suas, compreendeu que nenhuma vida havia tido início dentro de si, senão depois de Broud forçar sua penetração nela.

Estremeceu com a lembrança, mas não podia esquecê-la porque era dolorosa demais, e ela viera a acreditar que se tratava de algo sobre um homem colocar seu órgão dentro do local de onde os bebês nasciam, o que fazia a vida ter início no interior de uma mulher. Jondalar achava que era uma idéia estranha, quando ela lhe contou, e tentou convencê-la de que era a Mãe que criava a vida. Ela não acreditou nele, pensava agora. Ayla havia crescido com o Clã, era um deles, apesar de parecer diferente. Embora ela houvesse odiado quando ele o fizera, Broud apenas estava exercendo direitos. Mas, como um homem do Clã pudera forçar Nezzie? Seus pensamentos foram interrompidos pelo alvoroço de um Outro pequeno grupo de caça que chegava. Quando um homem se aproximou e puxou para trás seu capuz, Ayla e Jondalar arquejaram, surpresos. O homem era marrom! A cor de sua pele era de um marrom-escuro forte, quase da cor de Racer, o que já era bastante incomum para um cavalo.

Nenhum deles jamais vira uma pessoa com pele marrom antes.

O cabelo era negro, cachos rijos, pequenos, que formavam um gorro lanoso como o pêlo de um carneiro selvagem. Os olhos eram negros também, e brilhavam de prazer quando sorriu, mostrando dentes brancos e uma língua rosada em contraste com a pele escura. Ele sabia a sensação que causava quando estranhos o viam pela primeira vez e gostava bastante disso.

Sob outros aspectos era um homem perfeitamente comum, de estatura mediana, dificilmente mais que uma polegada mais alto que Ayla e de constituição média. Mas uma vitalidade compacta, uma economia de movimentos e uma autoconfiança natural davam a impressão de alguém que sabia o que queria e não perderia tempo buscando o que desejava. Seus olhos revelaram um brilho extra ao ver Ayla.

Jondalar reconheceu o olhar como de atração. Sua testa franziu, mas nem a mulher loura, nem o homem de pele escura perceberam. Ela estava cativada pelo colorido incomum do homem e fitava-o com o espanto descarado de uma criança. Ele se sentiu atraído tanto pela aura de inocência ingênua que a resposta de Ayla refletia, quanto por sua beleza.

De repente, Ayla compreendeu que estivera fitando o homem e corou fortemente enquanto abaixava os olhos para o solo. Ela havia aprendido com Jondalar que era perfeitamente adequado que homens e mulheres olhassem diretamente uns para os outros, porém, para o povo do Clã era não apenas descortês, mas ofensivo encarar, principalmente para uma mulher. Era a sua educação, os costumes do Clã, fortalecidos sempre por Creb e Iza de maneira a ela ser mais aceitável, que causavam tal embaraço.

Mas sua aflição apenas aumentou o interesse do homem escuro. Ele era seguidamente objeto de atenção incomum de mulheres. A surpresa inicial de sua aparência parecia despertar curiosidade sobre que outras diferenças ele poderia ter. Às vezes, perguntava-se se toda mulher, nas reuniões de verão, tinha que descobrir por si mesma que ele era, realmente, um homem igual a todos os outros. Não que fizesse objeção, mas a reação de Ayla era tão intrigante para ele, quanto sua cor o era para ela. Ele não estava acostumado a ver

uma mulher adulta incrivelmente bonita corar com tanto recato quanto uma menina.

- Ranec, conhece nossos visitantes? - gritou Talut, aproximando-se.

- Ainda não, mas estou esperando... ansiosamente.

À entoação de sua voz, Ayla levantou a cabeça para os olhos negros cheios de desejo - e humor sutil. Eles alcançaram seu íntimo e tocaram um local que somente Jondalar havia tocado antes. O corpo de Ayla respondeu com um formigamento que trouxe um arquejo fraco aos seus lábios, e arregalou os olhos cinza-azulados. O homem se inclinou para a frente, preparando-se para tomar-lhe as mãos, mas antes que as apresentações costumeiras pudessem ser feitas, o desconhecido alto avançou, ficando entre eles, e com ar sério estendeu as duas mãos.

- Sou Jondalar, dos Zelandonii - falou. - A mulher com quem viajo é Ayla.

Alguma coisa, Ayla estava certa, incomodava Jondalar, alguma coisa ligada ao homem escuro. Ela estava acostumada a ler o significado pela postura e atitude, e havia observado Jondalar atentamente em busca de pistas sobre que basear seu próprio comportamento. Mas a linguagem corporal de pessoas que dependiam de palavras era muito menos intencional do que a do Clã, que usava gestos para se comunicar, e portanto, ela não confiava em suas percepções ainda. Estas pessoas pareciam ser tanto mais fáceis quanto mais difíceis de ler, como com a mudança súbita na atitude de Jondalar. Ela sabia que ele estava zangado, mas ignorava por quê.

O homem tomou as duas mãos de Jondalar e as apertou com firmeza.

- Sou Ranec, meu amigo, o melhor, senão o único escultor do Acampamento do Leão dos Mamutoi - disse ele, com um sorriso de autocen sura, ajuntando depois: -

Quando se viaja com uma companhia tão bonita, deve-se esperar que ela chame a atenção.

Agora, foi a vez de Jondalar ficar embaraçado. A franqueza e amabilidade de Ranec o fizeram sentir-se um idiota e, com dor conhecida, lembrou-se do seu irmão. Thonolan tivera a mesma autoconfiança amistosa, e sempre dera os primeiros passos quando encontravam alguém em sua jornada. Jondalar se aborrecia quando fazia alguma tolice - sempre fora assim - e não gostava de começar um novo relacionamento de forma errada. Havia exibido má educação, no mínimo.

Mas sua raiva imediata o havia surpreendido e o pegara desprevenido.

O golpe ardente do ciúme era uma nova emoção para ele, ou ao menos uma que não experimentava havia tanto tempo que se tornara inesperada. Ele o negaria depressa, mas o homem alto e atraente, com um carisma inconsciente e habilidade apreciável com peles, estava mais acostumado a ser alvo dos ciúmes das mulheres.

Por que deveria se aborrecer quando um homem olhava para Ayla, pensou Jondalar. Ranec estava certo, ele devia esperar por isso, sendo ela bonita como era. Tinha também o direito de fazer sua escolha. Somente porque ele foi o primeiro homem de sua raça que ela conheceria, não significava que seria o único que ela acharia atraente para sempre. Ayla o viu sorrir para Ranec e notou que a tensão em seus ombros não diminuía.

- Ranec sempre fala casualmente a respeito disso, embora não tenha o hábito de negar qualquer uma de suas outras aptidões - dizia Talut e quanto caminhava à frente, em direção à incomum caverna que parecia ser feita de terra projetando-se do talude. - Ele e Wyrnez são parecidos nisso, se não em muitas outras coisas. Wymez reluta tanto em admitir sua habilidade como fazedor de ferramentas, quanto o filho de sua fogueira em falar

sobre sua entalhadura. Ranec é o melhor escultor de todos os Mamutoi.

- Vocês têm um ferramenteiro capaz? Um quebrador de sílex? - perguntou Jondalar com agradável expectativa, seu ardente lampejo de ciúme desaparecendo com o pensamento de conhecer outra pessoa conhecedora de sua habilidade.

- Sim, e ele é o melhor, também. O Acampamento do Leão é bem conhecido. Temos o melhor escultor, o melhor ferramenteiro, e o Mamut mais velho - declarou o chefe.

- E um chefe bastante grande para fazer todos concordarem, quer acreditem ou não - disse Ranec com um sorriso torto.

Talut devolveu o sorriso, conhecendo a tendência de Ranec de ignorar elogios em relação à sua perícia de escultor com um gracejo. Não impediu que Talut se vangloriasse, no entanto.

Tinha orgulho de seu acampamento e não hesitava em deixar que todos soubessem disso.

Ayla observava a interação sutil dos dois homens - o mais velho, um gigante maciço com cabelo flamejante e olhos azul-claros, o outro moreno e forte - e compreendeu o elo profundo de afeto e lealdade que partilhavam embora fossem os mais diferentes possíveis. Ambos eram caçadores de mamutes, ambos membros do Acampamento do Leão dos Mamutoi.

Caminharam em direção à abertura em arco que Ayla notara antes. Parecia dar para um outeiro ou talvez uma série deles, enfiada na ladeira de frente para o grande rio. Ayla havia visto pessoas entrando e saindo. Sabia que devia ser uma caverna ou uma habitação de algum tipo, mas que parecia ser inteiramente feita de terra; barro duro, mas com capim crescendo em espécie de canteiros, principalmente em volta do fundo e dos lados. Misturava-se tão bem com o ambiente que, exceto

pela entrada, era difícil distinguir a moradia de seu meio.

Em observação mais atenta, ela notou que o topo arredondado do monte de terra era repositório de vários objetos e instrumentos curiosos. Então ela viu um, bem acima da arcada, e prendeu a respiração.

Era a cabeça de um leão da caverna! Ayla se escondia em uma pequena fenda de uma muralha de pedra pura, observando uma grande pata de um leão de caverna estender-se para alcançá-la. Ela gritou de dor e medo quando a garra encontrou sua coxa nua e marcou-a com quatro cortes paralelos. O Espírito do Grande Leão da Caverna a havia escolhido, e fez com que fosse marcada para mostrar que ele era seu totem, explicara Creb, depois de uma prova muito além do que até um homem tinha de suportar, embora ela fosse uma menina de apenas cinco anos. Uma sensação de tremor de terra sob seus pés lhe trouxe uma onda de náusea.

Ela sacudiu a cabeça para afastar a recordação vivida.

- O que há, Ayla? - perguntou Jondalar, percebendo sua aflição.

- Vi aquela caveira - disse ela, apontando para a decoração sobre a porta - e recordei quando fui escolhida, quando o Leão da Caverna se tornou meu totem! - Somos o Acampamento do Leão - anunciou Talut com orgulho, apesar de já tê-lo dito antes. Ele não compreendia quando falavam a língua de Jondalar, mas viu o interesse que mostravam pelo talismã do acampamento.

- O leão da caverna tem um forte significado para Ayla - explicou Jondalar. - Ela diz que o espírito do grande gato a guia e protege.

- Então, deve se sentir à vontade aqui - disse Talut, dirigindo-lhe um sorriso, sentindo-se satisfeito Ela viu

Nezzie carregando Rydag e pensou novamente em seu filho - Acho que sim - falou.

Antes de entrarem, a jovem parou para examinar o arco da entrada e sorriu ao ver como sua simetria perfeita fora conseguida. Era simples, porém ela nunca o teria imaginado. Duas grandes presas de mamute, do mesmo animal ou, ao menos, de animais de idêntico tamanho tinham sido cravadas firmemente ao solo com as pontas de frente uma para a outra, e unidas no alto do arco, em uma manga feita de uma pequena parte oca do osso da perna de um mamute.

Uma pesada cortina de pele de mamute cobria a abertura, que era suficientemente alta para que até Talut, afastando a cortina, pudesse entrar sem abaixar a cabeça. A arcada levava a uma ampla área de entrada com outro arco simétrico de presas de mamute e couro diretamente pendurado nelas. Eles desceram para um salão de entrada circular cujas grossas paredes se curvavam para um teto abobadado baixo.

Quando atravessaram o recinto, Ayla notou as paredes laterais, que pareciam um mosaico de ossos de mamute, cobertas com roupas externas penduradas em cabides com implementos e recipientes de estocagem. Talut afastou a cortina interna, avançou e segurou-a para os hóspedes.

Ayla desceu novamente. Depois parou e reparou, com surpresa, do minada por impressões assombradas de objetos desconhecidos, visões incomuns e cores vivas. Muito do que via lhe era incompreensível e agarrou-se ao que fazia algum sentido para ela.

O espaço onde se encontravam tinha uma grande fogueira perto do centro. Um pernil maciço cozinhava nela, espetado em uma vara comprida. Cada extremidade descansava em um encaixe cortado na articulação do joelho de um osso vertical da perna de um filhote de mamute, cravado no solo. Uma forquilha de

uma grande galhada de veado tinha sido conver tida em manivela e um menino a girava. Era uma das crianças que permanecera para observar Ayla e Whinney. Ayla o reconheceu e sorriu. Ele retribuiu o sorriso.

Ela estava surpresa pela amplidão da moradia de barro, limpa e confortável, enquanto os olhos se acostumavam à luz fraca do interior. A fogueira era apenas a primeira de uma série que se estendia até o meio da habitação comunal, uma moradia com mais de 25 metros de comprimento e quase seis de largura.

Sete fogueiras, contou Ayla, pressionando os dedos discretamente na perna e pensando nas palavras de contagem que Jondalar lhe ensinara.

Ela percebeu que estava quente ali dentro. As fogueiras aqueciam o interior da habitação parcialmente subterrânea mais do que os fogos aque ciam, em geral, as cavernas a que ela estava habituada. Na verdade, estava bastante quente e ela notou algumas pessoas mais ao fundo, com vestimentas muito leves.

Mas não estava mais escuro no fundo. O teto tinha a mesma altura em toda a habitação, cerca de 3,6 metros, e havia aberturas para a fumaça acima de cada fogueira, que deixavam também a luz penetrar. Caibros de ossos de mamute, cheios de roupas, implementos e alimentos, estendiam-se pelo local, mas a parte central do teto era feita com muitos chifres de rena entrelaçados.

De repente, Ayla sentiu um odor que encheu-lhe a boca de água. É carne de mamute, pensou. Não comia a carne saborosa e tenra de mamute desde que deixara a caverna do Clã.

Havia outros odores deliciosos de comida também, alguns familiares, Outros não, mas combinavam-se para lembrar-lhe que estava com fome.

Enquanto eram conduzidos ao longo de uma passagem freqüentada que descia em direção ao meio da habitação comunal, próxima a várias fogueiras, ela

notou largos bancos com peles empilhadas sobre eles, projetando-se das paredes. Algumas pessoas estavam sentadas ali, descansando ou conversando. Ela sentiu que a olhavam quando passou. Viu mais arcadas de presas de mamutes nas partes laterais, e se perguntou aonde levariam, mas hesitou em indagar.

É como uma caverna, pensou, uma caverna grande e confortável. Mas as presas em arco e os grandes e longos ossos de mamutes, usados como pilares, suportes e paredes, fizeram-na compreender que não era uma caverna descoberta por alguém. Era uma das que eles haviam construído! A primeira dependência, onde a carne cozinhava, era maior que o resto, e o mesmo acontecia à quarta, aonde Talut os conduziu. Vários bancos de dormir vazios ao longo das paredes, aparentemente sem uso, mostravam como eram construídos.

Quando o solo inferior fora escavado, largas plataformas de terra foram deixadas exatamente abaixo do nível do chão, ao longo dos dois lados e fixadas com ossos de mamute estrategicamente colocados. Mais ossos de mamute estavam colocados ao longo do topo das plataformas, cheios com capim entrelaçado entre os espaços, para erguer e sustentar enxergas de couro macio estofadas com lã de mamute e outros materiais penugentos. Com várias camadas de peles adicionais, as plataformas de barro tornavam-se leitos ou camas quentes e confortáveis. Jondalar se perguntou se a fogueira para onde foram levados estava desocupada. Parecia vazia, mas apesar de todos os espaços nus, tinha aparência de ser habitada. As brasas brilhavam na fogueira, peles e couros empilhavam-se em alguns dos bancos, e ervas secas pendiam de suportes.

- Em geral, os visitantes ficam na Fogueira do Mamute - explicou Talut - se Mamut não faz objeção. Vou perguntar.

- Claro que podem ficar, Talut.

A voz veio de um banco vazio. Jondalar deu meia-volta e fitou uma das pilhas de peles que se moveu. Então, dois olhos cintilaram num rosto marcado, a maçã direita com distintivos tatuados que caíam nos vincos e costuravam através das rugas de idade inacreditável, O que ele imaginara ser uma pele de animal de inverno, revelou-se uma barba branca. Duas canelas compridas e finas desembaraçaram-se de uma posição de pernas cruzadas e caíram sobre a borda do estrado erguido, para o chão.

- Não fique tão surpreso, homem dos Zelandonii. A mulher sabia que eu estava aqui - disse o velho com voz forte, que sugeria pouco a sua idade avançada.

- Sabia, Ayla? - perguntou Jondalar, mas ela não pareceu ouvi-lo. Ayla e o velho estavam presos ao domínio dos olhos um do outro, fitando-se como se um pudesse ver a alma do outro. Então, a jovem caiu ao chão diante do velho Mamut, cruzando as pernas e inclinando a cabeça.

Jondalar estava curioso e embaraçada. Ayla usava a linguagem de sinais que, ela lhe contara, a gente do Clã utilizava para se comunicar. Aquela maneira de sentar era a postura de deferência e respeito que uma mulher do Clã assumia quando pedia permissão para expressar-se. A única vez em que ele a vira naquela posição foi quando ela tentava dizer-lhe algo muito importante, alguma coisa que não podia comunicar de outra forma quando as palavras que ele lhe havia ensinado não eram suficientes para dizer-lhe como ela se sentia. Perguntou-se como algo podia ser expresso mais claramente, numa linguagem em que gestos e ações fossem mais usados que palavras, porém ficara mais surpreso ao saber que aquelas pessoas se comunicavam de qualquer moda.

Desejou, porém, que ela não houvesse feito aquilo, ah. Seu rosto ficou ru bro ao vê-la usar sinais dos

cabeças-chatas em publico, daquela maneira, e quis apressar-se a dizer-lhe que se levantasse, antes que mais alguém a visse. De qualquer forma, a postura o fazia sentir-se desconfortável, como se ela lhe oferecesse a reverência e homenagem devidas a Dom, a Grande Mãe krra. Ele havia pensado naquilo como algo particular, entre eles, pessoal, não uma coisa a ser mostrada a outra pessoa. Uma coisa era fazê-lo com ele, quando estavam sozinhos, mas ele queria que ela causasse boa impressão àquelas pessoas. Queria que gostassem dela. Não desejava que conhecessem o background de Ayla.

O Mamut lançou-lhe um olhar penetrante, depois se voltou a Ayla. Examinou-a um momento, em seguida inclinou-se e deu-lhe um tapinha no ombro.

Ayla levantou a cabeça e viu olhos sábios, bondosos, num rosto enrugado, com dobras delicadas e vincos suaves. A tatuagem sob o olho direito deu-lhe a impressão fugidia de uma órbita escurecida e da falta de um olho, e por um segundo ela pensou que fosse Creb.

Mas o velho santo do Clã, que com Iza a havia criado e zelado por ela, estava morto e Iza também. Então, quem era aquele homem que lhe provocara tais sentimentos fortes? Por que estava ela sentada aos pés dele, como uma mulher do Clã? E como ele soubera a resposta adequada do Clã? - Levante-se, minha cara. Conversaremos mais tarde - disse o Mamut. - Precisa de tempo para repousar e comer. isto são camas... Lo cais de dormir - explicou, indicando os bancos, como se soubesse que era algo de que precisava contar a ela. - Há peles extras e roupas ali.

Ayla ficou de pé graciosamente. O velho observador viu anos de prática no movimento e acrescentou essa informação ao seu conhecimento crescente sobre a mulher. Durante o rápido encontro, ele já sabia mais sobre Ayla e Jondalar do que qualquer outro indivíduo do acampamento. Entretanto ele tinha uma vantagem, sabia

mais a respeito de onde Ayla viera, do que qualquer outra pessoa no acampamento.

O assado de mamute fora levado para o exterior numa grande travessa de osso pélvico com várias raízes, vegetais e frutas para que se usufruísse a refeição ao sol do fim de tarde. A carne de mamute estava tão saborosa e macia quanto Ayla recordava, mas ela teve um instante de dificuldade quando a refeição foi servida. Desconhecia o protocolo. Em certas ocasiões, em geral mais formais, as mulheres do Clã comiam separadamente dos homens.

Comumente, contudo, sentavam-se em grupos familiares, juntos, mas, mesmo assim, os homens eram servidos em primeiro lugar.

Ayla ignorava que os Mamutoi homenageavam os hóspedes oferecendo-lhes o primeiro e escolhido pedaço, ou que o costume ditava, em deferência com a Mãe, que uma mulher desse a primeira mordida. Ayla se retraiu quando a comida foi trazida, mantendo-se atrás de Jondalar, tentando observar os outros discretamente. Houve um momento de confusão enquanto todos relutavam, esperando que ela comesse, e ela continuava tentando se manter atrás deles.

Alguns membros do grupo perceberam a ação e, com sorrisos maliciosos, começaram a fazer troça, mas Ayla não achou graça. Sabia que fazia algo errado, e não adiantava observar Jondalar. Ele também tentava empurrá-la para a frente.

Mamut veio em seu auxílio. Tomou-lhe o braço e conduziu-a à travessa de osso de assado de mamute em fatias grossas.

- Espera-se que coma primeiro, Ayla - disse ele.

- Mas sou uma mulher! - protestou ela.

- Por isto deve comer primeiro. É nossa oferta à Mãe, e é melhor se uma mulher a aceitar em Seu nome.

Tire o melhor pedaço, não para seu bem, mas para honrar Mudo - explicou o velho.

Ela olhou para ele, primeiro com surpresa, depois com gratidão. Pegou um prato, uma peça de marfim ligeiramente curva lascada de uma presa e, com grande seriedade, escolheu cuidadosamente a melhor fatia. Jondalar lhe sorriu, sacudindo a cabeça em aprovação; depois os outros avançaram para servir-se. Quando terminou, Ayla pôs o prato no chão, onde vira os outros colocarem os seus.

- Perguntei-me se antes nos mostrava uma nova dança - disse uma voz próxima, atrás dela.

Ayla se voltou para ver os olhos escuros do homem com pele marrom. Não compreendeu a palavra "dança", mas seu sorriso largo era amistoso. Ela devolveu-lhe o sorriso.

- Alguém já lhe disse como é bonita quando sorri? - disse ele.

- Bonita? Eu? - Ela riu e sacudiu a cabeça, incrédula.

Jondalar dissera quase as mesmas palavras, certa vez, mas Ayla não pensava assim sobre si mesma. Desde muito antes de chegar à vida adulta, fora mais magra e mais alta do que as pessoas que a criaram. Ela parecera tão diferente, com sua testa proeminente e o osso engraçado sob a boca, que Jondalar chamava de queixo, que sempre se considerara grande e feia.

Ranec observava intrigado. Ela riu com descontração infantil, como se pensasse realmente que ele dissera algo engraçado. Não era a resposta que ele esperava. Um sorriso tímido, talvez, ou um convite sagaz, risonho, mas os olhos cinza-azulados não tinham astúcia, e nada havia de reservado ou acanhado na maneira pela qual ela atirou a cabeça para trás ou afastou do caminho os longos cabelos.

Em vez disso, ela se moveu com a graça fluida natural de um animal, talvez um cavalo ou um leão. Possuía uma aura à sua volta, um atributo que ele não podia definir claramente, mas tinha elementos de honestidade e candura totais, não obstante algum mistério profundo. Parecia inocente como um bebê, aberta para tudo, mas era mulher em cada partícula, uma mulher alta, formidável, inflexivelmente bonita.

Ele a examinou com curiosidade e interesse. Seu cabelo espesso e longo, com uma ondulação natural, era brilhante como ouro, como um campo de feno soprando ao vento; os olhos eram grandes e separados e emoldurados por pestanas um pouco mais escuras que o cabelo. Com o sentido experiente de um escultor, examinou a estrutura lisa, elegante do rosto, a graça musculosa do corpo, e quando seus olhos alcançaram-lhe os seios exuberantes e os quadris convidativos assumiram uma expressão que a desconcertou.

Corou e desviou o olhar. Embora Jondalar lhe houvesse dito que era adequado, não estava certa de gostar daquele olhar direto de alguém. Fazia com que se sentisse indefesa, vulnerável. As costas de Jondalar estavam voltadas para ela quando olhou em sua direção, porém a postura do homem lhe disse mais que palavras. Ele estava zangado. Por quê? Tinha ela feito alguma coisa que o encolerizasse? - Talut! Ranec! Barzec! Vejam quem está aqui! - gritou uma voz. Todos se voltaram para olhar. Várias pessoas subiam a elevação chegando ao topo da encosta. Nezzie e Talut começaram a subir a colina enquanto um jovem se afastou, correndo em direção a eles.

Encontraram-se no meio do caminho e se abraçaram com entusiasmo. Ranec se apressou também para ir ao encontro de um daqueles que se aproximavam e, em bora o cumprimento fosse mais contido, foi ainda com afeto caloroso que abraçou o homem mais velho.

Ayla observava com uma sensação de estranho vazio, enquanto o resto das pessoas do acampamento abandonava os visitantes em sua ansiedade para saudar os amigos e parentes que regressavam, todos falando e rindo ao mesmo tempo. Ela era Ayla de Nenhum Povo.

Não tinha lugar aonde ir, não tinha lar para onde retornar, nenhum Clã para lhe dar boas-vindas com abraços e beijos. Iza e Creb, que a amaram, estavam mortos, e ela estava morta para aqueles a quem amava.

Uba, filha de Iza, fora uma irmã tanto quanto era possível ser; eram parentes por amor, se não por sangue. Mas Uba fecharia seu coração e mente para Ayla se a visse agora; recusaria acreditar em seus olhos; não acreditaria em seus olhos, não a veria. Broud a havia amaldiçoado com a morte. Ela estava, portanto, morta.

E Durc se lembraria dela sequer? Ela tivera que deixá-lo com o Clã de Brun. Mesmo se ela tivesse podido roubá-lo, teriam sido apenas os dois.

Se alguma coisa lhe acontecesse, ele ficaria sozinho. Era melhor deixá-lo com o Clã. Uba o amava e cuidaria dele. Todos o amavam - exceto Broud. Brun o protegeria, contudo, e lhe ensinaria a caçar. E ele cresceria forte e bravo, e seria tão bom quanto ela era com uma funda, e seria um corredor rápido e...

De repente, reparou num membro do acampamento que não havia subido a ladeira correndo. Rydag estava perto da habitação de terra, com uma das mãos sobre uma presa de mamute, fitando com olhos arregalados o grupo de pessoas risonhas, felizes, que caminhavam de volta. Ela as viu então, através dos olhos do menino, abraçadas, com crianças ao colo, enquanto outras crianças saltavam pedindo para serem carregadas. Ele respirava com dificuldade, achou ela, sentindo demasiada excitação.

Ela caminhou para o menino e viu Jondalar mover-se na mesma direção.

- Eu ia levá-lo lá em cima - disse ele. Jondalar também notara o menino e os dois tiveram o mesmo pensamento.

- Sim, faça isso - disse ela. - Whinney e Racer podem ficar nervosos novamente perto de toda essa nova gente. Vou ficar com eles.

Ayla observou Jondalar pegar no colo a criança de cabelos escuros, colocá-la nos ombros e subir a encosta com passos largos em direção às pessoas do Acampamento do Leão. O jovem, quase da altura de Jondalar, que Talut e Nezzie receberam tão afetuosamente, estendeu os braços para o menino com claro prazer e cumprimentou-o, depois colocou Rydag em seus ombros para voltar à moradia. Ele é amado, pensou Ayla, e lembrou-se de que ela também fora amada, apesar de sua diferença.

Jondalar a viu observando-os e lhe sorriu. Ela sentiu um ímpeto afetivo de sentimento pelo homem amoroso, sensível, embaraçada ao pensar que tivera pena de si mesma momentos antes. Não estava mais sozinha. Tinha Jondalar. Amava o som do seu nome e seus pensamentos se ocuparam dele e de seu sentimento por ele.

Jondalar. O primeiro dos Outros que ela havia visto, que era capaz de lembrar; o primeiro com um rosto como o dela, olhos azuis como os dela - apenas mais azuis; os olhos dele eram tão azuis que era difícil acreditar que fossem verdadeiros.

Jondalar. O primeiro homem que conhecera que era mais alto que ela; o primeiro que rira com ela e o primeiro a derramar lágrimas de tristeza - pelo irmão que ele havia perdido.

Jondalar. O homem que fora trazido como dádiva do seu totem, ela estava certa, para o vale onde ela se fixara depois de deixar o Clã, quando se cansara de procurar os Outros parecidos com ela.

Jondalar. O homem que lhe ensinara a falar novamente, com palavras, não apenas a linguagem de sinais do Clã. Jondalar, cujas mãos sensíveis eram capazes de moldar uma ferramenta, ou coçar um pequeno cavalo, ou erguer uma criança e colocá-la às costas.

Jondalar que lhe ensinou as alegrias do seu corpo - e do dele - e que a amava, e que ela amava mais do que imaginara possível amar alguém.

Ela caminhou em direção ao rio e por uma curva, onde Racer estava amarrado a uma árvore mirrada por uma corda comprida. Enxugou os olhos molhados com a palma da mão, vencida pela emoção que ainda era tão nova para ela. Estendeu a mão para seu amuleto, uma pequena bolsa de couro presa e uma correia ao redor do pescoço. Sentiu os objetos grumosos que continha e dirigiu o pensamento para seu totem.

"Espírito do Grande Leão da Caverna, Creb sempre dizia que era difícil conviver com um totem poderoso. Ele tinha razão. A prova sempre é difícil, mas tem valido a pena, sempre. Esta mulher é grata pela proteção, e pelas dádivas do poderoso totem. Os dons interiores das coisas aprendidas, e os dons daqueles por quem me interesse, como Whinney, Racer e Bebé e, mais que todos, Jondalar." Whinney se aproximou de Ayla, quando ela alcançou o potro, e bu fou-lhe um cumprimento suave. Ela colocou a cabeça sobre o pescoço da égua. A mulher se sentia cansada, esgotada. Não estava habituada com tantas pessoas, tanta coisa acontecendo, e as pessoas que falavam uma língua eram muito ruidosas! Ela estava com dor de cabeça, as têmporas martelavam, e o pescoço e ombros doíam. Whinney encostou-se nela, e Racer, reunindo-se a elas, acrescentou a pressão do seu flanco, até ela se sentir com primida entre os animais. Não se importou, contudo.

- Chega! - exclamou, afinal, dando um tapa no flanco do potro.

- Está grande demais, Racer, para me colocar no meio, assim. Olhe para você! Veja como está grande. Quase tão grande quanto sua mãe! - Coçou-o, depois esfregou Whinney e lhe deu um tapinha carinhoso, notando o suor seco. - É difícil para você também, não é? Mais tarde eu lhe darei uma boa esfregadela e a escovarei, mas as pessoas estão chegando agora, assim, provavelmente, você receberá mais atenção. Não será tão ruim quando elas se acostumarem com você.

Ayla não notou que ela usara a linguagem particular que desenvolvera durante os anos que passara sozinha, tendo somente animais por companhia. Compunha-se em parte de gestos do Clã, e parcialmente de verbalizações de algumas das poucas palavras que o Clã falava, imitações de animais, e as palavras tolas que ela e o filho tinham começado a empregar.

Para qualquer outra pessoa, era provável que os sinais com a mão não tivessem sido notados, e ela pareceria murmurar uma série de sons muito peculiar; grunhidos e resmungos e sílabas repetitivas. Talvez não fosse considerada como língua.

"Talvez Jondalar escove Racer também." Parou, de repente, quando um pensamento perturbador lhe ocorreu. Estendeu a mão para o amuleto novamente e tentou conter seus pensamentos.

"Grande Leão da Caverna, Jondalar também é seu escolhido agora, ele tem as cicatrizes de sua marca na perna, como eu tenho." Mudou os pensamentos para a antiga linguagem silenciosa falada somente com as mãos; a linguagem adequada para se dirigir ao mundo dos espíritos.

"Espírito do Grande Leão da Caverna, o homem que foi escolhido não tem conhecimento dos totens. O homem não sabe sobre as provas, nem sobre os

juulgamentos de um totem poderoso, ou os dons e o aprendizado. Até esta mulher que sabe os achou difíceis. Esta mulher pede ao Espírito do Leão da Caverna.., pede por esse homem..." Ayla parou. Não estava certa sobre o que pedia. Não queria pedir ao espírito para não testar Jondalar - não queria que ele fosse privado dos benefícios que tais provas teriam, com grande certeza - e nem mesmo que fosse condescendente com & Desde que ele havia sofrido grandes provações e conseguido talentos únicos e insights, ela viera a acreditar que os benefícios eram proporcionais ao rigor da prova. Ela reuniu seus pensamentos e prosseguiu.

"Esta mulher pede ao Espírito do Grande Leão da Caverna para ajudar esse homem, que foi escolhido, a conhecer o valor de seu poderoso totem, a saber que não importa quão difícil possa parecer a prova, ela é necessária." Afinal, terminou e deixou as mãos caírem.

- Ayla? Ela deu meia-volta e viu Latie.

- Sim.

- Parece estar... ocupada. Não quis interrompê-la.

- Acabei.

- Talut gostaria que você viesse e trouxesse os cavalos. Ele já disse a todos que não devem fazer nada que você não queira. Para não assustar os animais, ou deixá-los nervosos... Acho que ele fez algumas pessoas ficarem nervosas.

- Eu irei - disse Ayla, depois sorriu. - Gosta de andar a cavalo? - interrogou.

O rosto de Latie se abriu em um sorriso largo.

- Posso? De verdade? -Quando ela sorria daquele jeito, parecia-se com Talut, pensou Ayla.

- Talvez as pessoas não fiquem nervosas quando virem você montando Whinney. Venha.

Aqui está uma pedra, ajudará você a subir.

Quando Ayla fez a curva do rio seguida por uma égua adulta, com a menina montada nela e um potro

brincalhão atrás, toda a conversa cessou. Aqueles que tinham visto a cena antes, embora ainda assombrados, divertiam-se com as expressões de incredulidade aturdida nos rostos dos outros.

- Está vendo, Tulie? Eu lhe disse! - exclamou Talut para uma mulher de cabelos escuros que se parecia com ele em tamanho, se não na cor. Ela era mais alta que Barzec, o homem da última fogueira, que estava de pé ao seu lado, o braço ao redor de sua cintura.

Perto deles encontravam-se os dois meninos dessa fogueira, de treze e oito anos, e sua irmã de seis, que Ayla conhecera recentemente.

Quando chegaram à habitação de terra, Ayla tirou Latie de cima da égua, depois acariciou e deu tapinhas em Whinney, cujas narinas se alar gavam ao farejar novamente o odor de pessoas estranhas. A garota correu para um rapaz ruivo, desajeitado, de uns quatorze anos talvez, quase tão alto quanto Talut e, exceto pela idade e pelo corpo ainda não totalmente desenvolvido, quase idêntico a ele.

- Venha conhecer Ayla - disse Latie, puxando-o na direção da mulher com os cavalos.

Ele se deixou levar. Jondalar se moveu a fim de manter Racer calmo.

- Este é meu irmão Danug - explicou Latie. - Ele ficou longe muito tempo, mas permanecerá em casa agora, já que sabe tudo sobre sílex de minas. Não é, Danug? - Não sei tudo sobre isso, Latie - falou ele, um pouco embaraçado.

- Eu o saúdo - disse Ayla sorrindo e estendendo as mãos.

Ele ficou ainda mais constrangido. Era o filho da Fogueira do Leão, devia ter saudado a visitante primeiro, mas estava surpreso pela bela desconhecida que possuía tanto poder sobre os animais. Ele tomou-lhe as mãos e murmurou um cumprimento.

Whinney escolheu esse momento para resfolegar e empinar, e ele soltou as mãos de Ayla depressa, sentindo, por alguma razão, que a égua desaprovava.

- Whinney aprenderia a conhecê-lo melhor se a acariciasse e a deixasse sentir seu odor - disse Jondalar, sentindo o desconforto do rapaz. Era uma idade difícil, não mais uma criança, mas ainda não um homem.

- Andou aprendendo a arte de mineração de sílex? - perguntou ele, amável, tentando colocar o rapaz à vontade, enquanto lhe mostrava como acariciar o animal.

- Sou um trabalhador de sílex. Wymez tem me ensinado desde que eu era criança - disse o rapazola com orgulho. - Ele é o melhor, mas queria que eu aprendesse algumas outras técnicas, e como julgar a pedra bruta. - Com a conversa voltada para tópicos familiares, o entusiasmo natural de Danug veio à tona.

Os olhos de Jondalar se iluminaram com interesse sincero.

- Também trabalho com sílex e aprendi meu ofício com um homem que é o melhor.

Quando tinha a sua idade, mais ou menos, vivi com ele perto da mina de síl que descobriu.

Eu gostaria de conhecer seu professor, um dia.

- Então, deixe que o apresente, já que sou o filho de sua fogueira... e o primeiro, embora não o único, usuário de suas ferramentas.

Jondalar se virou ao som da voz de Ranec, e notou que todo o acampamento formava um círculo. De pé, ao lado do homem de pele escura, encontrava-se aquele que Ranec saudara com tanto entusiasmo. Apesar de serem da mesma altura, Jondalar não viu nenhuma outra semelhança. O cabelo do homem mais velho era liso e castanho-claro salpicado de cinza, os olhos de um azul comum, e não havia semelhança entre as suas e as feições distintamente exóticas de Ranec. A Mãe devia

ter escolhido o espírito de outro homem para filho de sua fogueira, pensou Jondalar, mas por que Ela escolhera um com uma cor tão rara? - Wymez, da Fogueira da Raposa do Acampamento do Leão, Mestre de Sílex dos Mamutoi - disse Ranec com formalidade exagerada - conheça nossos visitantes, Jondalar dos Zelandonii, outro de sua classe, parece. - Jondalar sentiu uma tendência oculta de... não estava certo. Humor? Sarcasmo? Alguma coisa. - E sua bela companheira, Ayla, uma mulher de Nenhum Povo, mas de grande encanto... e mistério. - Seu sorriso atraiu os olhos de Ayla com o contraste entre os dentes brancos e a pele escura, e os olhos escuros cintilaram com expressão sagaz.

- Saudações - disse Wymez, tão simples e direto quanto Ranec havia sido rebuscado. - Trabalha a pedra? - Sim, sou um britador de sílex - replicou Jondalar.

- Tenho excelente pedra comigo. Recém-tirada da fonte, não secou totalmente ainda.

- Tenho um malho e um bom buril em minha trouxa - disse Jondalar, imediatamente interessado. - Usa um buril? Ranec lançou um olhar penalizado a Ayla enquanto a conversa mudava rapidamente para suas habilidades mútuas.

- Eu podia ter-lhe dito que isto aconteceria - disse ele. - Sabe qual a pior parte de viver na fogueira de um ferramenteiro-mestre? Nem sempre é ter lascas de pedra em suas peles, é sempre ter uma conversa sobre pedra em seus ouvidos. E depois que Danug mostrou interesse.., pedra, pedra, pedra... é só o que ouço. - O sorriso cálido de Ranec desmentia sua queixa, e todos a tinham, obviamente, ouvido antes, já que ninguém prestou muita atenção, com exceção de Danug.

- Eu não sabia que isto o incomodava tanto - disse o jovem.

- Não incomoda - disse Wymez ao rapazola. - Não percebe quando Ranec está tentando impressionar uma mulher bonita? - Na verdade, sou-lhe grato, Danug. Até você chegar, acho que esperava tornar-me um trabalhador de sílex - falou Ranec para aliviar a preocupação de Danug.

- Não depois de eu compreender que seu único interesse em minhas ferramentas era o de esculpir marfim com elas, e isto não foi muito depois de chegarmos aqui - falou Wymez, depois sorriu e ajuntou: - E se acha que lascas de sílex em sua cama são coisa ruim, devia tentar pó de marfim em sua comida.

Os dois homens diferentes sorriam um para o outro, e Ayla com preendeu com alívio que brincavam, provocando-se verbalmente de forma amistosa. Também observou que apesar de toda a diferença na cor e nas feições exóticas de Ranec, seu sorriso era semelhante, e os corpos moviam-se da mesma maneira.

De repente, ouviu-se gritaria vinda do interior da habitação comunal.

- Fique fora disso, velha! Isto é entre Fralie e mim. - Era uma voz de homem, o homem da sexta fogueira, vizinha da última. Ayla lembrou-se de tê-lo conhecido.

- Não sei por que ela escolheu você, Frebec! Eu jamais o teria permitido! - retrucou uma mulher. De repente, uma mulher mais velha irrompeu da passagem em arco, arrastando consigo uma jovem que chorava. Dois meninos espantados as seguiam, um de cerca de sete anos, o outro um bebê de dois anos, nu e com o polegar na boca.

- A culpa é toda sua. Ela lhe dá ouvidos, demasiadamente. Por que não pára de interferir? Todos deram as costas - já tinham ouvido tudo aquilo antes, inúmeras vezes. Mas Ayla encarava, surpresa. Nenhuma mulher do Clã teria discutido com qualquer homem daquela forma.

- Frebec e Crozie estão brigando de novo, não ligue para eles - falou Tronie. Era a mulher da quinta fogueira - a Fogueira da Rena, lembrou Ayla. Era a seguinte depois da Fogueira do Mamute, onde ela e Jondalar estavam. A mulher mantinha um bebê contra seu seio.

Ayla encontrara a jovem mãe da fogueira vizinha anteriormente, e se sentira atraída a ela.

Tornec, seu companheiro, pegou a filha de três anos que se agarrava à mãe, ainda não aceitando o bebê novo que roubara seu lugar no seio materno. Eram um jovem casal amoroso e afável, e Ayla estava contente por serem eles a morar na fogueira seguinte, e não aqueles que discutiam. Manuv, que vivia com eles, viera falar com ela enquanto comiam, e contou-lhe que ele fora o homem da fogueira quando Tornec era jovem, e era o filho de um primo de Mamut. Disse que passava o tempo, muitas vezes, na quarta fogueira, o que a agradou. Ela sempre gostara muito de pessoas mais velhas.

Não se sentia tão à vontade com a fogueira vizinha do lado oposto, a terceira. Ranec vivia nela - e a chamara Fogueira da Raposa. Ela não desgostava dele, mas Jondalar agia tão estranhamente em relação a ele... Era uma fogueira menor, todavia, com apenas dois homens, e tomava menos espaço na habitação comuna!. Assim, ela se sentia mais perto de Nezzie e Talut, na segunda fogueira, e de Rydag. Gostava das outras crianças da Fogueira do Leão, de Talut, também, Latie e Rugie, a filha mais nova de Nezzie, de idade bem próxima à de Rydag. Agora, que havia conhecido Danug, gostava dele também.

Talut se aproximou com a mulher grande. Barzec e as crianças estavam com eles e Ayla imaginou que eram companheiros.

- Ayla, quero que conheça minha irmã, Tulie, da Fogueira dos Auroques, a chefe do Acampamento do Leão.

- Saudações - disse a mulher, estendendo as duas mãos na forma protocolar. - Em nome de Mut, eu lhe dou boas-vindas. - Como irmã do chefe ela era da sua categoria e consciente de suas responsabilidades.

- Eu a saúdo, Tulie - respondeu Ayla, tentando não encará-la.

A primeira vez que Jondalar pôde ficar de pé, fora um choque descobrir que ele era mais alto que ela, porém ver uma mulher que era mais alta era ainda mais espantoso. Ayla sempre fora mais alta que todos do Clã. Mas a chefe era mais que alta, era musculosa e de aparência forte. O único que a ultrapassava em tamanho era o irmão. Ela se comportava com a presença que somente peso e altura pura podem dar e a auto-segurança inegável de uma mulher, mãe, e líder completamente confiante e com o controle de sua vida.

Tulie se perguntou sobre o estranho sotaque da visitante, porém outro problema a preocupava mais e, com a franqueza típica de seu povo, não hesitou em abordá-lo.

- Eu não sabia que a Fogueira do Mamute estaria ocupada quando convidei Branag a voltar conosco. Ele e Deegie serão unidos neste verão. Ele ficará apenas alguns dias, e sei que ela havia esperado que pudessem passar estes dias um pouco sozinhos, longe da irmã e dos irmãos dela. Por você ser uma hóspede, Deegie não pediria, mas ela gostaria de ficar na Fogueira do Mamute com Branag, se não fizer objeção.

- E uma fogueira grande. Muitas camas. Não faço objeção - disse Ayla sentindo-se pouco à vontade com a pergunta. Não era o seu lar.

Enquanto falavam, uma jovem saiu da habitação de terra, seguida por um rapaz. Ayla olhou duas vezes. Tinha quase a idade de Ayla, era entroncada e um pouquinho mais alta! Tinha o cabelo castanho-escuro e um rosto simpático que muitos diriam que era bonito, e

era evidente que o rapaz que a acompanhava achava-a muito atraente. Mas Ayla não prestava grande atenção à aparência física da moça, fitava com assombro a roupa da jovem.

Vestia perneiras e uma túnica de couro de uma cor quase igual à do cabelo - uma túnica comprida, profusamente enfeitada, vermelho-ocre, que se abria na frente, e cintada para ser mantida fechada. Vermelho era uma cor sagrada para o Clã. O saquinho de Iza era o único objeto que Ayla possuía que fora tingido de vermelho. Continha as raízes especiais usadas para fazer a bebida para as cerimônias importantes. Ela ainda o possuía, cuidadosamente guardado em sua sacola de remédios onde carregava as ervas secas utilizadas na magia da cura. Uma túnica inteira feita de couro vermelho? Era difícil de acreditar.

- É tão bonita! - exclamou Ayla, mesmo antes de ser apresentada adequadamente.

- Gosta? E para meu matrimônio, quando formos unidos. A mãe de Branag me deu, e tive que vesti-la para mostrar a todos.

- Nunca vi uma coisa assim! - exclamou Ayla, os olhos arregalados.

A jovem estava encantada.

- E você que se chama Ayla, não é? Meu nome é Deegie, e este é Branag. Ele tem que voltar dentro de poucos dias - disse, parecendo desapontada - mas depois do próximo verão estaremos juntos. Vamos morar com meu irmão Tarneg. Ele vive com sua mulher e sua família agora, mas quer erguer um novo acampamento e tem andado atrás de mim para que eu arranjasse um companheiro a fim de ele ter uma chefe.

Ayla viu Tulie sorrindo e sacudindo a cabeça afirmativamente para a filha e se lembrou do pedido.

- A fogueira tem muito espaço, muitos leitos vazios, Deegie. Você fica na Fogueira do Mamute com Branag?

Ele também é visitante., se Mamut não se importar. A fogueira é de Mamut.

- A primeira mulher dele foi a mãe de minha avó. Já dormi em sua fogueira muitas vezes.

Mamut não se importará, não é? - perguntou Deegie ao vê-lo.

- Claro, você e Branag podem ficar, Deegie - disse o velho- mas lembre-se de que não poderão dormir muito.

- Deegie sorriu com ansiedade, enquanto o velho continuava: - Com visitantes, Danug de volta de pois de estar longe por um ano, seu matrimônio e o sucesso de Wymez em sua missão de comércio, acho que há razão para uma reunião na Fogueira do Mamute esta noite e para contar as histórias.

Todos sorriram. Esperavam o anúncio, mas isso não diminuía sua expectativa. Sabiam que uma reunião na Fogueira do Mamute significava a repetição de experiências, contar histórias e, talvez, outra diversão, e esperavam a noite com alegria.

Estavam ansiosos para ouvir notícias de outros acampamentos, e para ouvir novamente as histórias que conheciam. E estavam tão interessados em ver as reações dos estranhos às vidas e aventuras dos membros de seu acampamento, quanto ouvir as histórias que eles tinham que compartilhar.

Capítulo 3

Jondalar também sabia o que a reunião significava, e incomodava-o. Ayla contaria muito de sua história? O Acampamento do Leão seria tão acolhedor depois? Pensou em levá-la para um lado e preveni-la, mas sabia que ela ficaria apenas zangada e aborrecida. Em muitos aspectos ela era como os Mamutoi, direta e honesta na expressão de seus sentimentos. De qualquer forma, não adiantaria nada. Ela não sabia mentir. No máximo, poderia abster-se de falar.

Ayla passou bastante tempo, à tarde, alisando e esfregando Whinney com um pedaço macio de couro e a cabeça seca espinhosa de um cardo-penteador. Era tão relaxante para ela quanto para a égua.

Jondalar trabalhava amistosamente ao seu lado, usando um cardo em Racer para aliviar os locais que coçavam, enquanto alisava o pêlo emaranhado do potro, embora o animalzinho quisesse brincar, mais do que permanecer parado. A camada interior, macia e cálida de Racer havia-se tornado bem mais espessa, lembrando ao homem que breve o frio chegaria até eles, o que o levou a pensar sobre onde passariam o inverno. Ainda não estava certo sobre como Ayla se sentia em relação aos Mamutoi, mas ao menos as pessoas do acampamento e os cavalos se acostumavam uns aos outros.

Ayla também notou o alívio das tensões, mas estava preocupada sobre onde os cavalos passariam a noite quando ela estivesse no interior da habitação de barro. Eles estavam habituados a dividir uma caverna com ela. Jondalar continuou assegurando que ficariam bem. Os cavalos estavam habituados a ficar fora de casa. Afinal, ela resolveu amarrar Racer próximo à entrada, sabendo

que Whinney não se afastaria sem o potro, e que a égua a despertaria se surgisse algum perigo.

O vento se tornou frio quando a noite caiu, e havia uma brisa de neve no ar quando Ayla e Jondalar entraram, mas a Fogueira do Mamute, no meio da moradia quase subterrânea, estava agradável e quente quando as pessoas se reuniram. Muitas se haviam detido para pegar sobras frias da refeição anterior, que tinham sido trazidas para dentro: pequenas raízes amiláceas, cenouras, uvas-do-monte e fatias de assado de mamute. Pegavam as verduras e frutas com os dedos ou um par de pauzinhos usados como pinças, mas Ayla reparou que cada pessoa, exceto as crianças, tinha uma faca para comer a carne. Intrigou-a ver alguém segurar uma fatia grande com os dentes, depois cortar um pequeno pedaço com um movimento rápido da faca para cima - sem perder o nariz.

Pequenas sacolas marrons de água - os estômagos e vesículas preser vados e à prova d'água de vários animais - eram passadas e as pessoas bebiam delas com grande prazer.

Talut ofereceu-lhe um gole. Tinha um odor fermentado e um pouco desagradável, e encheu-lhe a boca com um sabor levemente doce, mas fortemente ardente. Ela recusou um segundo oferecimento. Não gostou, embora Jondalar parecesse apreciar a bebida.

As pessoas falavam e riam enquanto encontravam lugares em plataformas ou sobre peles ou capachos no chão. A cabeça de Ayla estava virada, ouvindo uma conversa, quando o nível de barulho caiu claramente. Ela se voltou e viu o velho Mamut de pé, silencioso, atrás da fogueira em que o fogo ardia. Quando toda a conversa cessou e ele conseguiu a atenção de todos, pegou uma pequena tocha apagada e estendeu-a até as chamas quentes até ela se acender. No silêncio expectante de respirações contidas, levou a chama até

um pequeno lampião de pedra, que se encontrava em uma reentrância na parede, atrás de si. O pavio de líquen seco crepitou na gordura de mamute e depois se incendiou, revelando uma pequena escultura de marfim, de uma mulher corpulenta, bem-dotada, atrás da lâmpada.

Ayla sentiu uma alfinetada de reconhecimento, embora nunca houvesse visto uma igual àquela antes. É o que Jondalar chama uma donii, pensou. Diz que ela possui o Espírito da Grande Mãe Terra. Ou parte dele, talvez. Parece pequena demais para contê-lo todo. Mas, enfim, quão grande é um espírito? Sua mente vagou de volta à outra cerimônia, à época em que lhe foi dada a pedra negra que ela carregava no saquinho de amuleto ao redor do pescoço. O pequeno volume de dióxido de manganês negro continha uma parte do espírito de todos no Clã inteiro, não apenas no seu clã. A pedra havia-lhe sido dada quando ela se tornou curandeira e cedera parte do seu próprio espírito em troca, de modo que, se salvasse a vida de alguém, essa pessoa não tivesse obrigação de dar-lhe alguma coisa de valor e espécie igual, em retribuição. Já havia sido feito.

Ainda ficava perturbada quando recordava que os espíritos não tinham sido devolvidos depois que foi amaldiçoada de morte. Creb os havia tirado de Iza, depois que a velha curandeira morreu, para que não fossem com ela para o mundo espiritual, mas ninguém os tinha tirado de Ayla. Se ela possuía uma parte do espírito de cada membro do Clã, será que Broud fizera com que também fossem amaldiçoados de morte? Estou morta?, perguntou-se, como já se interrogara muitas vezes antes. Achava que não.

Havia aprendido que o poder da maldição de morte estava na crença e que, quando seres amados não reconhecem mais sua existência e você não tem mais lugar aonde ir, pode muito bem morrer. Mas por que ela

não morrera? O que a havia impedido de desistir? E, mais importante, o que aconteceria ao Clã quando ela realmente morresse? Sua morte poderia causar dano àqueles a quem amava? Talvez a todo o Clã? A pequena bolsa de couro pesava com a força da responsabilidade, como se o destino de todo o Clã pendesse de seu pescoço.

Ayla foi arrancada de sua reflexão por um som rítmico. Com uma parte de um chifre de veado em forma de martelo, Mamut batia sobre o crânio de um mamute, pintado com linhas geométricas e símbolos. Ayla achou que de tectava uma qualidade além do ritmo e observou e ouviu com atenção. A cavidade oca intensificava o som com vibrações harmoniosas, porém era mais que a ressonância simples do instrumento. Quando o velho feiticeiro tocava nas diferentes partes marcadas sobre o tambor de osso, a altura do tom e o timbre mudavam com variações tão complexas e sutis que parecia que Mamut arrancava palavras do tambor, fazendo o velho crânio de mamute falar.

No fundo, e muito baixo em seu peito, o velho começou a entoar um canto de tons menores acuradamente modulados. Enquanto o tambor e a voz se entrelaçavam num intrincado padrão de som, outras vozes se juntavam daqui e dali, em todo o recinto, ajustando-se ao modo estabelecido, no entanto, variando-o de forma independente. O ritmo do tambor era acompanhado por um som similar do lado oposto da dependência. Ayla olhou e viu Deegie tocando outro tambor de caveira. Depois Tornec começou a bater devagar com um martelo de chifre sobre outro osso de mamute, um osso da espádua coberto com divisas e linhas igualmente espaçadas pintadas de vermelho. As graves ressonâncias dos tambores e o timbre agudo da omoplata, encheram a habitação de terra com um belo som obsedante. O corpo de Ayla palpitava com

movimento e ela observou os outros mexerem seus corpos ao compasso do som. De repente, ele parou.

O silêncio estava pleno de expectativa, mas este se desvaneceu. Não se planejara qualquer cerimônia formal, somente uma reunião informal do acampamento para se passar uma noite agradável em companhia uns dos outros, fazendo o que as pessoas realizavam melhor - falar.

Tulie começou anunciando o acordo feito, e que as núpcias de Deegie e Branag seriam formalizadas no próximo verão. Palavras de aprovação e congratulações foram ditas, embora todos esperassem por aquilo. O jovem casal se inclinou, mostrando seu regozijo.

Depois Talut pediu a Wymez para lhe contar sobre sua missão comercial, e souberam que tal missão envolvia trocas de sal, âmbar e sílex. Várias pessoas fizeram perguntas ou comentários enquanto Jondalar ouvia com interesse, mas Ayla não compreendia e resolveu que o interrogaria mais tarde. Em seguida, Talut perguntou a respeito do progresso de Danug, causando embaraço ao rapaz.

- Ele tem talento, um toque hábil. Mais alguns anos de prática e será muito bom. Ficaram com pena de vê-lo partir. Ele aprendeu bem, valeu a pena o ano longe - relatou Wymez. O grupo pronunciou mais palavras de aprovação. Depois, houve uma calma cheia de pequenas conversas particulares, antes de Talut se voltar a Jondalar, o que causou sussurros de excitação.

- Diga-nos, homem dos Zelandonii, como aconteceu de estar sentado no abrigo do Acampamento do Leão dos Mamutoi? - perguntou.

Jondalar engoliu um gole fermentado de uma das pequenas sacolas de água marrons, olhou ao redor para as pessoas que esperavam com ânsia e depois sorriu para Ayla. Já fez isto antes, pensou ela, um pouco surpresa, compreendendo que ele estabelecia o caminho

e o tom para contar sua história. Ela se ajeitou para ouvi-lo bem.

- É uma longa história - começou ele, enquanto as pessoas sacudiam as cabeças afirmativamente. Era o que desejavam ouvir. - Meu povo vive muito longe daqui, distante, distante, a oeste, até além da nascente do Grande Rio Mãe que se esvazia no mar Beran. Vivemos perto de um rio também, como vocês, mas nosso rio corre para as Grandes Aguas do oeste.

"Os Zelandonii são um grande povo. Como vocês, somos os Filhos da Terra; aquela que chamam Mut, Mudo, chamamos Doni, mas Ela é ainda a Grande Mãe Terra. Caçamos e negociamos e, às vezes, fazemos longas jornadas. Meu irmão e eu resolvemos fazer uma dessas jornadas.

- Jondalar fechou um momento os olhos e sua testa enrugou-se de dor.

- Thonolan... meu irmão... era muito alegre e adorava uma aventura. Era um favorito da Mãe." O sofrimento era real demais. Todos notaram que não era fingimento, para realçar a história. Mesmo sem dizer, as pessoas adivinharam a causa. Também tinham um ditado sobre a Mãe levar cedo aqueles que protegia. Jondalar não planejava revelar seus sentimentos daquela forma. A tristeza o pegou de surpresa e o deixou um pouco constrangido. Mas tal perda é universalmente compreendida. Sua demonstração não-intencional provocou a simpatia deles e fez com que sentissem por ele um carinho que ia além da curiosidade normal e cortesia que ofereciam, em geral, a estranhos não-ameaçadores.

Ele respirou fundo e tentou seguir o fio de sua história.

- A jornada foi de Thonolan no início. Eu pretendia acompanhá-lo somente durante um trajeto curto, apenas

até o lar de alguns parentes, mas então resolvi ir com ele.

Atravessamos uma pequena geleira, que é a nascente do Donau... o Grande Rio Mãe... e dissemos que iríamos segui-lo até o fim. Ninguém acreditou que o fizéssemos, não estou certo se fizemos, mas continuamos avançando, cruzando muitos afluentes e encontrando muitas pessoas.

"Certa vez, durante o primeiro verão, paramos para caçar e enquanto secávamos a carne, nos encontramos cercados por homens apontando lanças para nós..." Jondalar havia novamente encontrado seu ritmo e manteve o acampamento cativado enquanto tornava a contar suas aventuras. Era um bom contador de histórias, com jeito para estender o suspense. Houve murmúrios e gestos de cabeça de aprovação e palavras de encorajamento, muitas vezes gritos de excitação. Mesmo quando ouvem, pensou Ayla, as pessoas que falam com palavras não estão silenciosas.

Ela estava tão fascinada quanto os outros, mas encontrou-se observando, um instante, as pessoas que ouviam Jondalar. Adultos seguravam crianças ao colo enquanto os filhos mais velhos sentavam-se juntos, vendo o estranho carismático com olhos brilhantes. Particularmente, Danug parecia cativado. Estava inclinado à frente, com atenção enlevada.

- Thonolan entrou no desfiladeiro pensando que estava seguro, tendo a leoa ido embora.

Então, ouvimos o rugido de um leão...

- O que aconteceu então? - indagou Danug.

- Ayla terá que contar o resto. Não me lembro de muita coisa, de pois disso.

Todos os olhos se voltaram para ela. Ayla ficou aturdida. Não o esperava; jamais falara antes a um grupo de pessoas. Jondalar lhe sorria. Ele havia pensado, subitamente, que a melhor maneira de

acostumá-la a falar com as pessoas era levando-a a fazê-lo. Não seria a última vez que esperariam que narrasse alguma experiência e, com o seu domínio sobre os cavalos ainda fresco na lembrança de todos, a história do leão seria mais crível. Era uma história excitante, sabia ele, e somaria ao mistério de Ayla - e talvez, se os satisfizesse com esta história, não teria que falar sobre seu back ground.

- O que aconteceu, Ayla? - perguntou Danug, ainda preso à narrativa. Rugie vinha se sentindo tímida e relutante perto do irmão mais velho que se ausentara por tanto tempo mas, recordando épocas anteriores quando se sentavam em círculo contando histórias, resolveu sentar-se na quele momento ao colo dele. Ele a recebeu bem, com um abraço e sorriso distraído, mas olhando com expectativa para Ayla.

Ayla olhou ao redor, para todos os semblantes voltados para si, tentou falar, mas a boca estava seca, embora as palmas das mãos se encontrassem molhadas.

- Sim, o que aconteceu? - repetiu Latie. Ela estava acomodada próxima a Danug, com Rydag em seu colo.

Os grandes olhos castanhos do menino estavam cheios de excitação. Ele abriu a boca para perguntar também, mas ninguém compreendeu o som emitido - exceto Ayla. Não a própria palavra, mas a intenção. Ela havia ouvido sons semelhantes antes, chegara até a aprender a falá-los. As pessoas do Clã não eram mudas, mas eram limitadas em sua capacidade de articular. Em vez disso, tinham desenvolvido uma linguagem rica e compreensível de sinais para se comunicar, usando palavras somente para ênfase. Ela sabia que a criança pedia-lhe para continuar a história e que as palavras tinham significado para o menino. Ayla sorriu e dirigiu a ele suas palavras.

- Eu estava com Whinney - começou Ayla. Sua maneira de dizer o nome da égua sempre fora uma

imitação do murmúrio suave de um cavalo. As pessoas no abrigo não compreenderam que ela dizia o nome do animal. Pensaram, em vez disso, que era um embelezamento maravilhoso da história. Sorriam e pronunciavam palavras de aprovação, encorajando-a a continuar no mesmo tom.

- Ela teve filhote logo - disse Ayla, mantendo as mãos diante do ventre para indicar que a égua estava grávida. - Muito grande. - Houve sorrisos de compreensão. - Todo dia cavalgamos, Whinney precisava sair. Não longe, não depressa.

Sempre para leste, fácil ir para leste. Fácil de mais, nada novo. Um dia fomos para oeste, não leste. Ver um lugar novo - continuou Ayla, dirigindo suas palavras a Rydag.

Jondalar estivera lhe ensinando Mamutoi, assim como as outras línguas que conhecia, mas ela não era tão fluente quanto o era na língua dele, aquela que havia aprendido a falar primeiro. Sua forma de falar era estranha, diferente, de uma maneira difícil de explicar, e ela lutou para encontrar palavras, sentindo-se tímida a respeito disso. Mas quando pensou no menino que não era capaz de fazer-se entender de modo algum, teve que tentar. Porque ele havia pedido.

- Ouvi um leão. - Ela não estava certa por que o fazia. Talvez fosse o olhar ansioso no rosto de Rydag, ou a maneira como virou a cabeça para ouvir, ou um instinto, mas acompanhou a palavra "leão" com um rugido ameaçador, que soou como leão verdadeiro para todos. Ouviu pequenos arquejos de medo, risadinhas nervosas, depois palavras alegres de elogio do grupo reunido. Sua capacidade de imitar os sons dos animais era rara. Somava excitação inesperada à sua história. Jondalar sacudia a cabeça e sorria, aprovando também.

- Ouvi homem gritar. - Olhou para Jondalar e seus olhos se encheram de tristeza. - Parei. O que fazer?

Whinney esperava bebê. - Produziu sons agudos de um filhote e foi recompensada com um sorriso e inclinação de cabeça de Latie. - Preocupe-me com cavalo, mas o homem gritava. Ouvi o leão de novo. Prestei atenção. - De alguma forma, conseguiu que o som do rugido do leão parecesse engraçado. - Era "Neném". Então, entrei no desfiladeiro. Sabia que a égua não seria ferida.

Ayla notou olhares intrigados. A palavra dita não era familiar, em bora Rydag pudesse conhecê-la se sua situação fosse diferente. Ela havia dito a Jondalar que era a palavra do Clã para filhote de animal, ou criança pequena.

- Neném é leão - falou, tentando explicar. - Neném é leão que conheço, Neném é...

como filho. Entrei no desfiladeiro, fiz leão ir embora. Encontrei um homem morto. Outro homem, Jondalar, muito ferido. Whinney o carregou de volta para o vale.

- Ah! - exclamou uma voz zombeteira. Ayla ergueu os olhos e viu que era Frebec, o homem que andara discutindo antes com a mulher. - Está tentando dizer que mandou um leão afastar-se de um homem ferido? - Um leão qualquer, não. Neném - disse Ayla.

- O que é isso.., o que está dizendo? - Neném é palavra do Clã. Significa criança pequena, filhote. É o nome que dei ao leão quando viveu comigo. Neném é um leão que conheci. Égua conhece também, não teve medo. - Ayla estava aborrecida, alguma coisa estava errada, mas ela não tinha certeza do que era.

- Viveu com um leão? Não acredito nisso - escarneceu ele.

- Não acredita? - disse Jondalar, parecendo zangado. O homem acusava Ayla de mentir, e ele sabia muito bem quanto sua história era verdadeira. - Ayla não mente - disse ele, levantando-se para desatar uma correia que se fechava ao redor de suas calças de couro. Abaixou um

lado das calças e expôs uma virilha e uma coxa desfiguradas por cicatrizes vermelhas. - Esse leão me atacou, e Ayla não apenas me tirou de perto dele, como se revelou uma curandeira de grande perícia. Eu teria seguido meu irmão para o outro mundo se não fosse ela. Vou lhe dizer mais. Vi-a cavalgar aquele leão, exatamente como cavalga a égua. Vai me chamar de mentiroso? - Nenhum hóspede do Acampamento do Leão é chamado de mentiroso - falou Tulie, olhando para Frebec com raiva, tentando acalmar uma cena potencialmente ameaçadora. - Acho evidente que você foi gravemente ferido, e certamente vimos a mulher... Ayla...

cavalgar a égua. Não vejo motivo para duvidar de você, ou dela.

Houve um silêncio constrangido. Ayla olhava de um para o outro, confusa. A palavra "mentiroso" lhe era desconhecida, e não entendia por que Frebec dissera não acreditar nela.

Ayla havia crescido entre pessoas que se comunicavam com movimento. Mais do que com sinais manuais, a linguagem do Clã incluía postura e expressões para atenuar significados e oferecer nuances. Era impossível mentir eficazmente com o corpo inteiro. Podia-se, no máximo, deixar de mencionar algo, e mesmo isso era percebido, embora permitido para o bem da privacidade. Ayla jamais aprendera a mentir.

Mas sabia que alguma coisa estava errada. Podia ler raiva e hostilidade que surgiram tão facilmente quanto se as tivessem expressado em voz alta. Também compreendeu que tentavam conter-se. Talut viu Ayla olhar para o homem de pele escura, depois desviar o olhar. Ao ver Ranec, ele teve uma idéia para aliviar as tensões e voltar à narrativa de histórias.

- Foi uma boa história, Jondalar - retumbou Talut, enviando um olhar duro a Frebec. - É sempre excitante

ouvir sobre longas jornadas. Gostaria de ouvir uma história sobre outra longa jornada? - Sim, muito.

Houve sorrisos em toda parte, enquanto as pessoas relaxavam. Era uma história favorita do grupo e, muitas vezes, não existia a oportunidade de partilhá-la com pessoas que não a tinham ouvido antes.

- É a história de Ranec... - começou Talut.

Ayla olhou para Ranec, expectante.

- Quero saber como homens com pele marrom vieram viver no Acampamento do Leão - disse ela.

Ranec lhe sorriu, mas voltou-se para o homem de sua fogueira.

- É a minha história, mas você deve contá-la, Wymez - disse ele.

Jondalar sentou-se de novo, incerto sobre se gostava do rumo novo que a conversa tomara - ou talvez do interesse de Ayla por Ranec - embora fosse melhor do que a quase franca hostilidade, e ele também estava interessado.

Wymez se acomodou, fez um sinal de cabeça a Ayla, depois, sorrindo para Jondalar, começou: - Temos mais em comum do que um jeito com pedra, rapaz. Também fiz uma longa jornada em minha juventude. Viajei para o sul, primeiro em direção ao leste, passei pelo mar Beran, e percorri todo o caminho para as praias de um mar muito maior, no sul mais distante. Este mar do Sul tem muitos nomes, porque muitas pessoas vivem em suas praias.

Viajei em sua parte oriental, depois ocidental, ao longo do litoral Sul através de terras de muitas florestas, mais quentes e chuvosas do que aqui.

"Não tentarei contar tudo o que me aconteceu. Guardarei isso para outra ocasião. Vou contar a história de Ranec. Ao viajar para o oeste, encontrei muitas pessoas e permaneci com algumas. Aprendi muitos costumes novos, mas depois ficava inquieto e tornava a

viajar. Queria ver até onde eu poderia ir na direção oeste. Depois de vários anos, cheguei a um local, não longe de suas Grandes Aguas, acho, Jondalar, mas do outro lado dos estreitos canais onde o mar do Sul se junta a elas. Lá conheci pessoas cuja pele era tão escura que parecia negra, e lá encontrei uma mulher que me atraiu. Talvez, a princípio, fosse a diferença... suas roupas exóticas, a cor, os olhos negros cintilantes. O sorriso sedutor... e a maneira como dançava e se movia..., era a mulher mais excitante que eu já conhecera.

Wymez falava de forma direta, moderada, mas a história era tão cativante que não necessitava de arte dramática. No entanto, a conduta do homem robusto, calmamente reservado, mudou perceptivelmente quando mencionou a mulher.

- Quando ela concordou em juntar-se a mim, resolvi ficar lá com ela. Sempre tive interesse em trabalhar pedra, mesmo quando jovem, e aprendi a maneira deles de fazer pontas de lança. Eles lascam os dois lados da pedra, entende? - Dirigiu a pergunta a Jondalar.

- Sim, de forma bifacial, como um machado.

- Mas estas pontas não eram tão espessas e brutas. Tinham boa técnica. Também lhes mostrei algumas coisas, e fiquei bastante satisfeito em aceitar seus hábitos, especialmente depois que a Mãe a abençoou com uma criança, um menino. Ela me pediu um nome, como era seu costume, e escolhi Ranec.

Isto explica, pensou Ayla. A mãe dele tinha pele escura.

- O que fez com que resolvesse voltar? - interrogou Jondalar.

- Alguns anos depois que Ranec nasceu, as dificuldades começaram. O povo de pele escura com quem eu vivia se mudara para além do sul mais distante, e algumas pessoas dos acampamentos vizinhos não queriam partilhar as terras de caça. Havia diferenças de

costumes. Quase os convenci a se reunir e conversar. Então, alguns jovens exaltados de ambos os lados resolveram lutar, em vez de conversar. Uma morte levou a outra, por vingança, e depois a ataques a acampamentos familiares.

"Providenciamos boas defesas, porém eles eram mais numerosos. A luta continuou por algum tempo e eles nos matavam, um após o outro. De pois de certo tempo, a visão de uma pessoa com pele mais clara começou a causar medo e ódio. Embora eu fosse um deles, começaram a desconfiar de mim e até de Ranec. Sua pele era mais clara que a dos Outros e suas feições tinham um feitio diferente. Conversei com a mãe de Ranec e decidimos partir. Foi uma partida triste, deixar a família e muitos amigos, porém não era seguro ficar. Alguns dos exaltados quiseram até nos impedir de ir embora, mas escapamos de noite com alguma ajuda.

"Viajamos para o norte, para os canais. Eu sabia que algumas pessoas viviam lá e faziam pequenos barcos que usavam para atravessar o mar amplo. Fomos avisados de que era a estação errada e era difícil uma travessia durante a melhor das condições. Mas sentimos que tínhamos que fugir e resolvemos arriscar.

"Foi uma decisão errada", disse Wymez numa voz rigidamente controlada. "O barco virou e somente Ranec e eu conseguimos atravessar, e uma trouxa dos pertences dela." Fez uma pausa por um momento antes de continuar a história. "Ainda estávamos longe de casa, e demoramos muito tempo, mas chegamos finalmente aqui, durante a Reunião de Verão." - Por quanto tempo ficou longe? - interrogou Jondalar.

- Dez anos - respondeu Wymez, depois sorriu. - Provocamos um grande alvoroço.

Ninguém esperava tornar a ver-me, muito menos com Ranec. Nezzie não me reconheceu sequer, mas minha irmãzinha era apenas uma menina quando parti.

Ela e Talut tinham completado seu matrimônio e criavam o Acampamento do Leão com Tulie e seus dois companheiros, e seus filhos. Convidaram-me a me reunir a eles. Nezzie adotou Ranec, em bora ele ainda seja o filho da minha fogueira, e cuidou dele como se fosse dela, mesmo depois do nascimento de Danug.

Quando ele se calou, foi preciso um instante para compreender que tinha terminado. Todos queriam ouvir mais. Embora a maioria tivesse ou vido a maior parte de suas aventuras, ele sempre parecia ter histórias novas ou novas versões para antigas histórias.

- Acho que Nezzie seria a mãe de todos, se pudesse - disse Tulie, recordando a época de sua volta. - Eu amamentava Deegie, então, e Nezzie nunca se cansava de brincar com ela.

- Ela faz mais do que ser minha mãe! - exclamou lâlut com um sorriso brincalhão, enquanto dava tapinhas em suas nádegas grandes. Pegara outro saco de água com a bebida forte e a passava depois de tomar um gole.

- Talut! Muito bem, farei mais do que ser sua mãe! - Ela tentava mostrar-se zangada, mas reprimia um sorriso.

- É uma promessa? - contra-atacou ele.

- Sabe o que quero dizer, Talut - disse Tulie, ignorando as indiretas bastante óbvias entre seu irmão e sua mulher. - Ela nem sequer renunciou a Rydag. Ele é tão doente que seria melhor para ele.

Ayla fitou o menino, O comentário de Tulie o havia incomodado. As palavras da mulher não foram intencionalmente maldosas, mas Ayla sabia que ele não gostava que falassem dele como se não estivesse presente. Não havia nada, contudo, que ele pudesse fazer a respeito. Ele não podia dizer a ela como se sentia e, sem pensar, ela imaginava que porque ele não podia falar não sentia tampouco.

Ayla quis perguntar sobre a criança também, mas achou que poderia parecer presunção.

Jondalar o fez em seu lugar, embora fosse para satisfazer sua própria curiosidade.

- Nezzie, quer nos contar sobre Rydag? Acho que Ayla estaria particularmente interessada.., e eu também.

Nezzie inclinou-se para a frente e pegou a criança de Latie, e segurou-a no colo enquanto punha os pensamentos em ordem.

- Sabe, estávamos fora, atrás de megáceros, os veados gigantes com grandes galhadas - começou ela - e planejavamos construir uma cerca para levá-los para dentro... este é o melhor meio para caçar os veados de grandes galhadas. Quando notei primeiro a mulher escondida perto de nosso acampamento de caça, achei estranho. Raras vezes se vêem mulheres cabeças-chatas, muito menos sozinhas.

Ayla se inclinou para mais perto, ouvindo atentamente.

- Ela sequer fugiu quando me viu olhando-a, somente quando tentei aproximar-me mais.

Então, vi que estava grávida. Pensei que talvez tivesse fome e deixei alimento próximo ao local onde se encontrava escondida. De manhã, o alimento tinha desaparecido e deixei mais, antes de desarmarmos o acampamento.

Pensei tê-la visto algumas vezes no dia seguinte, mas eu não estava segura. Então, naquela noite, quando eu estava perto do fogo acalentando Rugie, tornei a vê-la. Levantei-me e tentei me aproximar mais dela. Ela tornou a fugir, mas movia-se como se sentisse dor e compreendi que ia dar à luz. Eu não sabia o que fazer. Queria ajudar, mas ela continuou fugindo, e escurecia. Contei a Talut e ele reuniu algumas pessoas para irem atrás dela." - Isso também foi estranho - disse Talut, juntando sua parte à história de Nezzie. - Achei que

teríamos que cercá-la e armar-lhe uma cilada, mas quando lhe gritei para parar, ela apenas se sentou ao solo e esperou. Não me pareceu amedrontada demais e, quando lhe acenei para se acercar, levantou-se imediatamente e seguiu atrás de mim, como se soubesse o que fazer e compreendesse que eu não iria machucá-la.

- Não sei como ela conseguia andar - continuou Nezzie. - Sentia muita dor.

Compreendeu depressa que eu queria ajudá-la, mas não sei quanto auxílio prestei. Eu nem mesmo sabia, com certeza, se ela viveria para dar à luz seu bebê. Ela nunca gritou, no entanto. Por fim, na manhã se guinte, seu filho nasceu. Fiquei surpresa ao ver que era de espíritos mistos. Mesmo tão novo, podia-se dizer que era diferente.

"A mulher estava tão fraca que pensei que talvez a encorajasse a viver, se lhe mostrasse que seu filho vivia, e ela pareceu ansiosa para vê-lo. Mas acho que ela estava muito doente, perdera sangue demais e morreu antes de o sol nascer.

"Todos me disseram para deixar o bebê morrer com sua mãe, mas de qualquer maneira eu amamentava Rugie e tinha muito leite. Não foi tanto trabalho dar-lhe o meu peito também." Ela o abraçou, protetora: "Sei que é fraco, talvez eu devesse tê-lo abandonado, mas não poderia amar mais Rydag se fosse meu próprio filho. E não lamento tê-lo protegido." Rydag ergueu a cabeça para Nezzie com os grandes olhos castanhos brilhando, depois colocou os braços ao redor do pescoço da mulher e recostou a cabeça a seu seio. Nezzie o ninou enquanto o segurava.

- Algumas pessoas dizem que ele é um animal porque é incapaz de falar, mas sei que ele compreende. E não é tampouco uma "abominação" - acrescentou ela com uma expressão encolerizada dirigida a Frebec. -

Somente a Mãe sabe por que os espíritos que o fizeram eram mistos.

Ayla lutava para conter as lágrimas. Ignorava como aquelas pessoas reagiriam às lágrimas; seus olhos úmidos sempre incomodaram a gente do Clã. Observando a criança e a mulher, foi dominada por lembranças. Ansiava por segurar seu filho, e entristecia-se mais uma vez por Iza, que a acolhera e criara, embora ela fosse diferente do Clã, como Rydag era do Acampamento do Leão. Porém, mais que tudo, desejava que existisse alguma maneira de explicar a Nezzie como estava comovida, como era grata em nome de Rydag... e em seu nome. Inexplicavelmente, Ayla sentia que de algum modo ajudaria a retribuir o que Iza fizera, se ela encontrasse uma maneira de auxiliar Nezzie.

- Nezzie, ele sabe - falou Ayla, suavemente. - Não é um animal, não é cabeça-chata. É um filho de Clã e filho dos Outros.

- Sei que ele não é um animal, Ayla - disse Nezzie - mas o que é Clã? - Pessoas, como a mãe de Rydag. Vocês dizem cabeça-chata, eles dizem Clã - explicou Ayla.

- O que significa "eles dizem Clã"? Não podem falar - interrompeu Tulie.

- Não falam muitas palavras, mas falam. Falam com as mãos.

- Como sabe? - perguntou Frebec. - O que a faz tão sagaz? Jondalar respirou fundo e prendeu a respiração em seguida, esperando pela resposta de Ayla.

- Vivi com o Clã antes. Eu falava como o Clã. Não com palavras, até Jondalar aparecer - disse Ayla. - O Clã era meu povo.

Houve um silêncio aturdido quando o significado de suas palavras se tornou claro.

- Quer dizer que viveu com cabeças-chatas! Viveu com aqueles animais sujos! - exclamou Frebec com nojo, levantando-se de um salto e recuando. - Não é de

admirar que ela não seja capaz de falar direito. Se ela viveu com eles, é tão má quanto eles. Nada senão animais, todos eles, inclusive a sua perversão mista, Nezzie.

O acampamento ficou tumultuado. Mesmo se alguns concordassem com ele, Frebec havia ido longe demais. Ultrapassara os limites da cortesia com os visitantes e chegara até a insultar a companheira do chefe. Mas havia muito tempo que ele se sentia constrangido por pertencer ao acampamento que acolhera a "abominação de espíritos mistos", e ainda se irritava diante da mãe de Fralie, no round mais recente de sua luta de longa duração. Queria jogar sua impaciência sobre alguém.

Talut bradou em defesa de Nezzie e Ayla. Tulie foi rápida na defesa de honra do acampamento. Crozie, sorrindo com malícia, alternadamente reprovava Frebec e intimidava Fralie, e os Outros expressavam sua opinião em voz alta. Ayla olhava de um para o outro, querendo colocar as mãos sobre os ouvidos para abafar o barulho.

De repente, Talut gritou ordenando silêncio. Foi um brado bastante forte para surpreender e silenciar a todos. Então, ouviu-se o tambor de Mamut. Tinha um efeito calmante, tranqüilizador.

- Acho que antes de mais alguém dizer alguma coisa, devemos ouvir o que Ayla tem a dizer - falou Talut, enquanto o tambor se calava.

As pessoas se inclinaram para a frente, atentas, muito desejosas de ouvir para saber sobre a mulher misteriosa. Ayla não estava muito segura de querer dizer mais alguma coisa às pessoas ruidosas, rudes, mas sentiu que não tinha escolha. Então, erguendo um pouco o queixo, achou que, se queriam ouvir, ela lhes contaria, mas partiria de manhã cedo.

- Eu não... não lembro da infância - começou Ayla - somente do terremoto e da caverna do leão que fez cicatrizes em minha perna. Iza disse que me encontrou

perto do rio., como é a palavra, Mamut? Não acordada?
- Inconsciente.

- Iza me encontrou perto do rio, inconsciente. Tinha quase a idade de Rydag, pouco menos. Talvez cinco anos. Minha perna estava ferida pela garra do leão da caverna. Iza era... curandeira. Curou minha perna. Creb... Creb era Mog-ur... como Mamut... homem santo... conhecia o mundo espiritual. Creb me ensinou a falar do jeito do Clã. Iza e Creb...

todo o Clã... cuidaram de mim. Não sou do Clã, mas cuidaram de mim.

Ayla se esforçava para lembrar-se de tudo que Jondalar lhe dissera sobre sua língua. Não gostara do comentário de Frebec de que ela não era capaz de falar direito, e tampouco do resto que ele havia dito. Lançou um olhar a Jondalar. Sua testa estava franzida. Ele queria que ela tomasse cuidado com alguma coisa. Ela não estava inteiramente certa sobre a razão da preocupação dele, mas talvez não fosse necessário mencionar tudo.

- Cresci com o Clã... mas parti para encontrar os Outros, como eu. Eu tinha... - Calou-se para pensar na palavra correta. - Quatorze anos então. Iza me disse que os Outros viviam ao norte. Procurei muito tempo, não encontrei ninguém. Então, encontrei o vale e fiquei para me preparar para o inverno. Matei cavalo para ter carne, depois vi pequeno cavalo, seu filhote. Não tenho família, o cavalinho é como bebê, eu cuidei dele. Mais tarde, encontrei um filhote de leão ferido. Cuidei do leãozinho também, mas ele cresceu, foi embora encontrar companheira. Vivi anos sozinha no vale. Então, Jondalar chegou.

Ayla se calou então. Ninguém falou. Sua explicação, narrada com tanta simplicidade, sem ornatos, só podia ser verdadeira, embora difícil de acreditar. Formulava mais perguntas do que dava respostas. Podia ela,

realmente, ter sido acolhida e criada pelos cabeças-chatas? Eles falavam, realmente, ou ao menos se comunicavam? Poderiam eles ser tão bondosos, tão humanos? E ela? Se fora criada por eles, era humana? No silêncio que se seguiu, Ayla observou Nezzie e seu menino, e de pois se lembrou de um incidente no início de sua vida com o Clã. Creb lhe ensinara a se comunicar com sinais manuais, mas havia um gesto que ela aprendera sozinha. Era um sinal feito muitas vezes a bebês, e sempre usado pelas crianças para as mulheres que tomavam conta delas, e ela recordou como Iza se sentira quando ela fizera o sinal pela primeira vez.

Ayla se inclinou para a frente e disse a Rydag: - Quero lhe mostrar palavra. Palavra que diz com as mãos.

Ele endireitou o corpo, os olhos revelando interesse e excitação. Ele havia compreendido, como sempre acontecia, toda palavra dita, e a conversa sobre sinais manuais causara vaga agitação em seu íntimo. Com todos observando, ela fez um gesto, um movimento proposital com as mãos. Ele fez uma tentativa de imitá-la, franziu a testa com curiosidade.

Então, de repente, a compreensão o alcançou de algum local profundamente enter rado, e se revelou em seu rosto. Ele se corrigiu enquanto Ayla sorria, e sacudia a cabeça afirmativamente. Então, ele se voltou para Nezzie e repetiu o gesto. Ela olhou para Ayla.

- Ele diz "mãe" para você - explicou Ayla.

- Mãe? - repetiu Nezzie, depois fechou os olhos, pestanejando para conter as lágrimas, enquanto abraçava a criança que criara desde o nasci mento. - Talut! Viu isso? Rydag acabou de me chamar de "mãe". Nunca pensei que veria o dia em que Rydag me chamaria de "mãe".

Capítulo 4

O humor do acampamento suavizou-se. Ninguém sabia o que dizer ou o que pensar. Quem eram os estranhos que apareceram, de repente, em seu meio? Era mais fácil acreditar no homem que afirmava vir de um local dis tante, a oeste, do que na mulher que dizia ter vivido durante três anos num vale próximo e, ainda mais surpreendente, com um bando de cabeças-chatas antes. A história da mulher ameaçava uma inteira estrutura de crenças con fortadoras, no entanto era difícil duvidar-se dela.

Nezzie carregara Rydag para a cama com lágrimas nos olhos, depois que ele fizera o gesto de sua primeira palavra silenciosa. Todos encararam isso como sinal de que a narrativa de histórias terminara e se dirigiram às suas fogueiras. Ayla aproveitou a chance para escapulir. Puxando sua parka, uma túnica de pele com capuz, sobre a cabeça, saiu.

Whinney a reconheceu e relinchou suavemente. Tateando seu caminho no escuro, guiando- se pelo bufo e resfôlego da égua, Ayla encontrou o animal.

- Está tudo bem, Whinney? Está confortável? E Racer? Provavel mente, não mais do que eu - disse Ayla, com pensamentos, tanto quanto com a linguagem particular que usava quando se encontrava com os cavalos. Whinney sacudiu a cabeça, empinando delicadamente, depois descansou a cabeça no ombro da mulher, enquanto Ayla envolvia o pescoço peludo da égua com os braços e repousava a testa contra o animal que havia sido sua única companhia durante tanto tempo. Racer se acercou e todos três ficaram juntos, encostados um ao outro por um momento de intervalo de todas as experiências incomuns do dia.

Depois de Ayla assegurar-se de que os animais estavam bem, desceu para a margem do rio.

Era bom sair do abrigo, ficar longe das pessoas. Respirou fundo. O ar da noite era frio e seco. Faíscas estalavam através do seu cabelo quando empurrou para trás o capuz revestido de pele, esticou o pescoço e ergueu a cabeça.

A lua nova, evitando o grande companheiro que a mantinha acorren tada, havia voltado o olho brilhante para as profundezas distantes, cujas luzes giratórias atormentavam com promessas de liberdade ilimitada, mas ofereciam apenas vazio cósmico. Altas nuvens finas escondiam as estrelas mais fracas, mas apenas velavam as mais determinadas, com auréolas cintilantes, e faziam o enfarruscado céu negro parecer mais próximo e agradável.

Ayla estava em um turbilhão, emoções conflitantes abatiam-na. Estes eram os Outros que ela havia procurado. A raça da qual nascera. Teria crescido com pessoas como aquelas, satisfeita, à vontade, se não fosse o terremoto. Em vez disso, fora criada pelo Clã.

Conhecia os costumes do Clã, mas os hábitos de seu próprio povo lhe eram estranhos. No entanto, se não fosse o Clã, ela não teria crescido, de modo algum. Não podia voltar para eles, mas tampouco sentia que pertencia àquele lugar.

Aquelas pessoas eram muito ruidosas e desordenadas. Iza teria dito que não tinham educação. Como aquele homem, Frebec, falando fora de sua vez, sem pedir permissão, e depois todos gritando e falando ao mesmo tempo. Ela achava que Talut era um líder, mas mesmo ele tivera que gritar para se fazer ouvir. Brun jamais teria que gritar. A única vez em que ela o ouvira berrar foi para avisar alguém sobre um perigo iminente. Todos no Clã conservavam o líder em um certo nível de

percepção. Brun tinha apenas que fazer um sinal e, em segundos, tinha a atenção de todos.

Ela também não gostava da maneira como aquelas pessoas falavam do Clã, chamando-os de cabeças-chatas e animais. Será que ninguém via que também eram pessoas? Um pouco diferentes, talvez, mas gente, do mesmo modo. Nezzie sabia disso. Apesar do que o resto dissera, ela sabia que a mãe de Rydag era uma mulher, e o filho que tivera, apenas um bebê.

Ele é misto, contudo, como o meu filho, pensou Ayla, e como a menina de Oda na Reunião de Clãs. Como a mãe de Rydag pudera ter um filho de espíritos mistos, como aquele? Espíritos! Será que são mesmo os espíritos que fazem bebês? Será que o espírito do totem de um homem vence o da mulher e faz um bebê crescer dentro dela, como pensa o Clã? Será que a Grande Mãe escolhe e combina os espíritos de um homem e uma mulher e então coloca-os dentro de uma mulher, como acreditam Jondalar e estas pessoas? Por que será que sou a única a pensar que é um homem, não um espírito, que inicia um processo de gestação de um bebê dentro de uma mulher? Um homem, que o faz com seu órgão... sua virilidade, diz Jondalar. Por que outro motivo os homens e as mulheres se uniriam como o fazem? Quando Iza me contou sobre o remédio, disse que ele fortalecia seu totem e foi isso que a impediu de ter um bebê por tantos anos. Talvez sim, mas não tomei o remédio quando vivia sozinha e bebê nenhum começou a crescer por si mesmo. Foi somente depois que Jondalar veio, que pensei em procurar aquela planta de fibra dourada e raízes de salva, novamente...

Depois que Jondalar me mostrou que não tinha que doer... depois que me mostrou como podia ser maravilhoso um homem e uma mulher juntos...

Pergunto-me o que aconteceria se eu parasse de tomar o remédio secreto de Iza. Teria eu um bebê? Teria

um bebê de Jondalar? Se ele pusesse sua virilidade lá, de onde os bebês vêm? O pensamento trouxe uma onda de calor ao seu rosto e um formigamento aos seus seios. É tarde demais hoje, pensou ela, eu já tomei o remédio esta manhã, mas e se eu fizer um chá comum amanhã? O bebê de Jondalar poderia começar a crescer? Não teríamos que esperar, contudo. Podíamos tentar esta noite...

Ela sorriu consigo mesma. Você quer apenas que ele toque em você e ponha sua boca sobre a sua e... Estremeceu com ansiedade, fechando os olhos para deixar seu corpo recordar como Jondalar podia fazê-lo sentir.

- Ayla? - clamou uma voz.

Ela saltou ao ouvir o som. Não ouvira Jondalar se aproximar, e o tom que ele usara não estava de acordo com a maneira como ela se sentia. Dissipou o ardor. Alguma coisa o aborrecia. Algo o incomodava desde que chegaram; ela gostaria de descobrir o que era.

- Sim.

- O que está fazendo aqui fora? - falou ele, bruscamente.

O que ela estivera fazendo? - Estou sentindo a noite, e respirando e pensando em você - respondeu ela, explicando o melhor possível.

Não era a resposta que Jondalar esperava, embora não estivesse se guro da resposta que esperava. Ele andara lutando contra uma sensação dura de cólera e ansiedade, que fizera seu estômago revolver-se desde que o homem de pele escura aparecera. Ayla parecia achá-lo muito interessante e Ranec estava sempre olhando para ela. Jondalar havia tentado engolir sua raiva e convencer-se de que era tolice pensar que havia alguma coisa mais séria.

Ela precisava de outros amigos. Só porque ele foi o primeiro, não significava que era o único homem que ela

poderia querer conhecer.

No entanto, quando Ayla perguntou a Ranec sobre seu passado, Jondalar se sentiu corar de raiva ardente e estremecer de frio terror ao mesmo tempo. Por que ela queria saber mais sobre o fascinante desconhecido, se não estava interessada? O homem alto resistiu ao desejo de levá-la para longe, e ficou aborrecido por ter este sentimento. Tinha o direito de escolher seus amigos, e eles eram apenas amigos. Tinham somente se olhado e falado um com o outro.

Quando saiu sozinha, Jondalar, vendo os olhos escuros de Ranec se gui-la, colocou rapidamente sua parka e foi atrás dela. Ele a viu de pé ao lado do rio e, por uma razão que não pôde explicar, teve certeza de que ela pensava em Ranec. A resposta de Ayla o pegou de surpresa a princípio, de pois ele relaxou e sorriu.

- Eu devia saber que, se perguntasse, teria uma resposta completa e honesta. Respirando e sentindo a noite - você é maravilhosa, Ayla.

Ela lhe devolveu o sorriso. Não estava certa do que havia feito, mas alguma coisa o fizera sorrir e recolocara a felicidade de volta em sua voz. O afeto que ela estivera sentindo reapareceu, e ela se moveu para ele. Mesmo na escuridão da noite, com o brilho das estrelas quase insuficiente para revelar um rosto, Jondalar sentiu o estado de espírito da jovem pela forma como ela se moveu e respondeu na mesma moeda. No instante seguinte ela estava nos braços dele, com a boca de Jondalar sobre a sua e todas as suas dúvidas e preocupações abandonaram-lhe a mente. Ela iria para qualquer lugar, viveria com qualquer povo, aprenderia qualquer costume estranho, contanto que tivesse Jondalar.

Um instante depois, ela levantou a cabeça para ele.

- Recorda quando lhe perguntei qual era o seu sinal? Como eu faria quando quisesse que você me

tocasse, e quisesse sua virilidade em mim? - Sim, lembro - disse ele, com um sorriso torto.

- Você disse para beijar, ou apenas pedir. Estou pedindo. Pode aprontar sua virilidade? Ela estava tão séria, e tão ingênua e tão atraente que ele inclinou a cabeça para tornar a beijá-la, e conservou-a tão perto de si, que ela quase podia ver o azul de seus olhos e o amor neles.

- Ayla, minha mulher bonita, engraçada - disse ele. - Sabe quanto amo você? Mas, enquanto a abraçava, sentiu um lampejo de culpa. Se a amava tanto, por que se sentia embaraçado com as coisas que ela fazia? Quando Frebec se afastara dela com nojo, desejara morrer de vergonha por tê-la trazido, por ter-se ligado a ela. Pouco depois, ele se odiara por isso. Ele a amava. Como podia se envergonhar da mulher que amava? Ranec, o homem escuro, não sentia vergonha. A forma como olhava para ela, com os dentes brancos brilhando e os olhos escuros cintilantes, rindo, adulando, provocando; quando Jondalar pensava nisso, tinha que lutar contra o impulso de atacar o homem.

Sempre que pensava a respeito, tinha que combater o desejo novamente. Amava-a tanto que não suportava o pensamento de que ela pudesse querer outro homem, talvez alguém que não ficasse constrangido por causa dela. Ele a amava mais do que julgara possível amar alguém. Mas como podia se envergonhar da mulher que amava? Jondalar tornou a beijá-la, com mais força, apertando-a tanto que doía, depois com um ardor quase frenético, beijou-lhe a garganta e pes coço.

- Sabe o que significa ter certeza, afinal, de que você é capaz de se apaixonar? Ayla, não sente o quanto amo você? Ele estava tão sério, tão ardente, que ela sentiu uma pontada de medo, não por ela, mas por ele. Ela o amava, mais do que jamais poderia se expressar em palavras, mas este amor que ele sentia por ela não

era exata mente o mesmo. Não era tão mais forte, quanto mais exigente, mais insistente. Como se ele temesse perder aquilo que afinal ganhara. Os to tens, especialmente os totens fortes, tinham uma maneira de conhecer e testar esses temores. Ela queria encontrar um meio de desviar aquele der ramamento de emoção poderosa.

- Posso sentir quanto você está pronto - disse ela com um sorriso curto.

Mas ele não respondeu com um humor mais afável, como ela esperara. Em vez disso beijou-a ferozmente, esmagando-a até ela imaginar que suas costelas se partiriam. Então, ele tateou sob a parka de Ayla, embaixo de sua túnica, alcançando-lhe os seios, tentando desatar as tiras de amarrar das calças da mulher.

Ela jamais o vira assim, necessitado, ansioso, implorando em sua pressa. Em geral, sua maneira era mais terna, mais atenciosa em relação às necessidades dela. Ele conhecia-lhe o corpo melhor que ela mesma e deleitava-se com o seu conhecimento e habilidade. Mas desta vez suas necessidades eram mais fortes. Reconhecendo o momento por aquilo que era, ela cedeu, e se perdeu na expressão poderosa do amor do homem. Ela estava tão pronta para ele quanto ele para ela. Ela desatou a tira e deixou suas calças caírem, depois ajudou-o com as dele.

Antes de se dar conta, ela estava sobre o solo duro próximo à margem do rio. Teve um vislumbre de estrelas levemente nebulosas antes de fechar os olhos. Ele estava sobre ela, a boca justo sobre a dela, a língua estimulando, buscando, como se ele pudesse encontrar com ela o que procurava tão avidamente com o membro ardente e ereto. Ela se abriu para ele, sua boca e coxas, depois estendeu a mão para o homem e guiou-o para suas profundezas úmidas, convidativas. Arquejou quando ele penetrou, e ouviu um lamento quase

abafado, depois sentiu seu pênis mergulhar para en chê-la, enquanto ela se agarrava a ele.

Mesmo em seu frenesi, ele se encantou com a mulher maravilhosa, com o quanto eram adequados um para o outro, com o quanto as profundezas dela equivaliam ao tamanho dele.

Ele sentiu-lhe as dobras cálidas envolvê-lo completamente e quase alcançou o auge naquele primeiro instante. Por certo tempo, lutou para controlar-se, para exercitar o domínio a que estava tão acostumado; depois, abandonou-se. Afundou, e novamente, e mais uma vez, e então com um estremecimento inexprimível sentiu um êxtase crescente e gritou o nome dela.

- Ayla! Oh, minha Ayla, minha Ayla. Amo você! - Jondalar, Jondalar, Jondalar...

Ele terminou alguns últimos movimentos, depois enterrou o rosto em seu pescoço com um gemido e segurou-a enquanto permanecia imóvel, exaurido. Ela sentiu uma pedra espetando-lhe as costas, mas ignorou-a.

Um pouco depois ele se ergueu e olhou-a com a testa enrugada de preocupação.

- Sinto muito - falou.

- Por quê? - Foi rápido demais, e não fiz você ficar pronta, não lhe dei prazer também.

- Eu estava pronta, Jondalar. Tive prazer. Não lhe pedi? Tenho prazer no seu prazer.

Tenho prazer em seu amor, em seu forte sentimento por mim.

- Mas não sentiu o momento como eu senti.

- Não foi preciso, tive sensação diferente, prazer diferente. É sempre necessário? - interrogou ela.

- Não, suponho que não - retrucou ele, a testa franzida. Depois beijou-a, demorando-se.

- E esta noite não acabou ainda. Venha, levante-se. Está frio aqui fora. Vamos encontrar uma cama quente. Deegie e Branag já fecharam suas cortinas. Estarão separados até o próximo verão, e estão ansiosos.

Ayla sorriu.

- Mas não tão ansiosos quanto você estava. - Não pôde ver, mas achou que ele corava.

- Amo você, Jondalar. Tudo. Tudo o que faz. Até sua ávida... - Balançou a cabeça. - Não, não está certo, a palavra está errada.

- A palavra que quer é "avidez", eu acho.

- Amo até sua avidez. Sim, é verdade. Ao menos, sei suas palavras melhor que Mamutoi.

- Fez uma pausa. - Frebec disse que eu não falava correto, Jondalar. Será que aprenderei, um dia, a falar certo? - Eu, tampouco, falo Mamutoi muito bem. Não é a língua com que fui criado. Frebec apenas gosta de causar encrenca - disse Jondalar, ajudando-a a levantar-se. - Por que toda caverna, todo acampamento, todo grupo tem um encrenqueiro? Não dê atenção a ele, ninguém mais dá. Você fala muito bem. Estou surpreso com a forma como aprende línguas.

Dentro de pouco tempo falará Mamutoi melhor do que eu.

- Tenho que aprender como falar com palavras. Não tenho mais nada agora - disse ela suavemente. - Não conheço ninguém que fale a linguagem com que cresci. Não mais. - Fechou os olhos um instante, enquanto uma sensação de triste vazio a dominava.

Ela sacudiu os ombros para afastá-la e começou a vestir as calças e então parou.

- Espere - disse ela, tirando-as novamente. - Há muito tempo, quando fiquei mulher pela primeira vez, Iza me contou tudo o que uma mulher do Clã devia saber sobre homens e mulheres, embora duvidasse de que eu encontrasse um companheiro, algum dia, e necessitasse

saber. Os Outros talvez não acreditem nisso, até os sinais entre homens e mulheres não são os mesmos, mas na primeira noite que durmo num local dos Outros, acho que deveria fazer uma limpeza depois de nossos prazeres.

- O que quer dizer? - Vou me lavar no rio.

- Ayla! Está frio. Está escuro. Pode ser perigoso.

- Não irei longe, só aqui na margem - disse ela, tirando a parka e puxando a túnica pela cabeça.

A água estava fria. Jondalar a observava da margem, e se molhou o suficiente para saber como a água estava fria. O sentimento de Ayla pela cerimônia da ocasião o fez pensar nos rituais de purificação dos Primeiros Ritos, e resolveu que uma limpeza não lhe faria mal, tampouco. Ela tremia quando saiu. Ele a segurou em seus braços para aquecê-la. A pele de bisão felpuda da parka dele a secou, e ele a ajudou a vestir sua túnica e parka, depois.

Ela se sentia viva, animada e fresca quando caminharam de volta à habitação de terra. A maioria das pessoas se acomodava para dormir quando eles entraram. As fogueiras estavam abafadas e as vozes, baixas. A primeira fogueira se encontrava vazia, embora o assado de mamute ainda se encontrasse em evidência. Quando se dirigiram em silêncio pela passagem através da Fogueira do Leão, Nezzie se levantou e os deteve.

- Eu queria apenas lhe agradecer, Ayla - disse ela, olhando para uma das camas ao longo da parede.

Ayla acompanhou-lhe os olhos e viu três pequenas formas esparramadas num grande leito.

Latie e Rugie dividiam a cama com Rydag. Danug, com o corpo espalhado em seu sono, ocupava outra cama, e Talut, estendido ao comprido, apoiado em um cotovelo, esperava por Nezzie e sorriu para ela de uma terceira cama. Ela sacudiu a cabeça afirmativamente e

sorriu também, insegura sobre qual era a resposta correta.

Caminharam para a próxima fogueira, enquanto Nezzie rastejava para o lado do gigante de cabelo ruivo, e tentaram atravessar silenciosamente para não perturbar ninguém. Ayla sentiu alguém observando-os e olhou em direção à parede. Dois olhos brilhantes e um sorriso fixavam-nos do recesso escuro. Ela sentiu os ombros de Jondalar enrijecerem e desviou o olhar depressa. Pensou ter ouvido uma risadinha baixa, depois achou que deviam ser os roncos vindos da cama ao longo da parede oposta.

Na grande quarta fogueira, uma das camas estava escondida por uma cortina pesada de couro, isolando o espaço do corredor, embora se pudesse detectar sons e movimentos lá dentro. Ayla notou que a maioria das outras camas na habitação comunal possuía cortinas similares, presas a suportes de osso de mamute no alto, ou a estacas de um lado a outro, embora nem todas estivessem fechadas. A cama de Mamut, na parede lateral oposta à deles, estava aberta. Ele estava deitado, mas ela notou que ele não dormia.

Jondalar acendeu um pau numa brasa da fogueira e, protegendo-o com a mão, carregou-o até a parede perto da cabeceira de seu estrado de dormir. Lá, em um nicho, uma pedra espessa, achatada, na qual fora feita uma cavidade com a forma de um pires, estava cheia de gordura até a metade. Ele acendeu um pavio de lanugem de tifa torcido, iluminando uma pequena figura da Mãe atrás do lampião de pedra. Então, desatou as correias que sustentavam a cortina ao redor da cama deles e, quando a cortina desceu, moveu-se até Ayla.

Ela se esgueirou e subiu ao estrado com uma pilha alta de peles macias. Sentada no meio, isolada pela cortina e iluminada pela suave luz trêmula, ela se sentiu escondida e segura.

Era um pequenino recinto todo deles. Lembrou-se da pequena caverna que encontrara quando menina, onde costumava ir quando desejava ficar sozinha.

- São muito inteligentes, Jondalar. Eu não teria pensado nisto.

Jondalar se estendeu ao seu lado, satisfeito com a alegria dela.

- Gosta da cortina fechada? - Oh, sim! Faz a gente se sentir sozinha, mesmo sabendo que as pessoas estão por perto.

Sim, gosto. - O sorriso era radiante.

Ele a puxou para si e beijou-a de leve.

- É tão bonita quando sorri... Ayla.

Ela olhou para o rosto dele inundado de amor, para os olhos irresistíveis, cor de violeta à luz do fogo, em vez do usual azul vivo; para o comprido cabelo louro desalinhado sobre as peles para o queixo determinado e testa alta, tão diferentes do maxilar sem queixo e da testa fugidia dos homens do Clã.

- Por que corta sua barba? - perguntou ela, tocando-lhe os pêlos do queixo.

- Não sei. É hábito, acho. No verão, é mais fresco, não coça tanto. Em geral, deixo a barba crescer no inverno. Ajuda a manter o rosto quente quando estou fora. Não gosta que eu a corte? Ela franziu a testa, confusa.

- Não sou eu que devo dizer. A barba é de um homem, é ele quem deve cortá-la ou não, como lhe agradar. Perguntei apenas porque nunca tinha visto um homem que cortava a barba, que nem você faz. Por que pergunta se gosto ou não de barba? - Pergunto porque quero agradá-la. Se gosta de barba, deixarei a minha crescer.

- Não importa. Sua barba não é importante. Você é importante. Você me dá praz... Não.

- Sacudiu a cabeça, zangada. - Você me dá praz.

Prazeres... você me dá prazer - corrigiu-se.

Ele sorriu diante do esforço dela, e disse: - Gostaria de lhe dar prazeres - puxou-a para si, de novo, e beijou-a. Ela se aconchegou a ele, deitada de lado. Ele rolou, depois se sentou e abaixou os olhos para ela.

- Como a primeira vez - disse ele. - Há até uma donii observan do-nos. - Fitou o nicho com a escultura de marfim iluminada pelo fogo da figura maternal.

- É a primeira vez..., em um local dos Outros - falou ela, fechando os olhos, sentindo tanto a expectativa quanto a solenidade do momento.

Ele colocou a mão em concha no rosto dela e beijou-lhe as pálpebras, 1 depois fitou com ardor a mulher que achava mais bonita que qualquer outra que conhecera.

Havia um atributo exótico nela. Suas maçãs do rosto eram mais altas do que as das mulheres dos Zelandonii, seus olhos mais amplamente espaçados. Eram emoldurados por pestanas espessas, mais escuras que o cabelo farto, que era dourado como o capim outonal.

Seu maxilar era firme, o queixo levemente pontudo.

Tinha ela uma pequena cicatriz reta na cavidade na altura da garganta.

Ele beijou a cicatriz, e sentiu-a estremecer de prazer. Ele tornou a erguer-se e a examinou outra vez, depois beijou-lhe a ponta do nariz reto, bonito, e o canto da boca carnuda onde se levantava a insinuação de um sorriso.

Ele podia sentir a tensão dela. Como um beija-flor, imóvel mas cheio de tremores de excitação, que ele não podia ver mas sentir, ela mantinha os olhos fechados, fazendo imóvel e obrigando-se a esperar. Ele a observou, deleitando-se com o momento, depois beijou-lhe a boca, abriu a dele e procurou entrar com a língua. Sentiu que ela a acolhia. Nenhuma estocada desta vez, apenas uma busca gentil e depois a aceitação dela.

Ele se sentou, viu-a abrir os olhos e sorrir-lhe. Tirou a túnica e ajudou-a a despir a sua. Levando-a a deitar-se com calma, inclinou-se sobre ela e tomou um mamilo endurecido com a boca, sugando-o. Ela arquejou quando o choque excitante a atravessou. Sentiu um cálido e úmido torpor entre as pernas, e perguntou-se por que a boca de Jondalar em seu mamilo a fazia ter sensações onde ele ainda nem sequer tocara.

Ele acariciou e mordiscou levemente, até ela se mover para ele, e sugou com ânsia. Ela gemeu de prazer. Ele procurou o Outro seio, acariciou seu bico túrgido e totalmente redondo. Ela já respirava entrecortadamente. Ele soltou o seio e começou a beijar-lhe o pescoço e garganta, encontrou sua orelha e mordiscou um lóbulo, depois soprou nele, acariciando-lhe braços e seios com as duas mãos. Estremecimentos tomaram conta de Ayla.

Ele lhe beijou a boca, depois correu a língua cálida lentamente pelo queixo até a altura da garganta, entre os seios e desceu até o umbigo. Sua virilidade havia enrijecido de novo, e investia insistentemente contra as restrições do fechamento com o cinto. Primeiro, ele abriu o cinto e tirou as calças compridas, depois, começando no umbigo da mulher, continuou na direção que seguia. Sentiu pêlo macio, e depois sua língua encontrou o alto da fenda cálida. Ele a sentiu pular quando alcançou a saliência pequena, dura. Quando ele parou, ela soltou um pequeno grito de desalento.

Então, ele desatou sua própria tira de couro e libertou o membro enquanto despia as calças.

Ayla se sentou e tomou-o na mão, deixando-o escorregar para frente e para trás em toda a sua extensão, sentindo a pele quente e lisa, o volume rijo. Ele estava contente por seu tamanho não assustá-la, como havia acontecido com tantas mulheres quando o viram pela primeira vez; com Ayla, nem sequer da primeira. Ela se inclinou para ele, e Jondalar sentiu a

boca generosa envolvê-lo. Teve vontade de avançar enquanto ela se movia para cima e para baixo, e ele ficou feliz por já ter satisfeito sua necessidade mais forte, ou talvez não conseguisse se controlar agora.

- Ayla, desta vez quero dar-lhe prazer - disse ele, afastando-a.

Ela o fitou com olhos arregalados, escuros e luminosos, beijou-o e concordou com um gesto de cabeça. Ele a segurou pelos ombros e empurrou-a de costas sobre as peles, e beijou-lhe a boca e a garganta de novo, dando a ela calafrios de prazer. Segurou-lhe os seios com as mãos em concha, manteve-os juntos, e foi de um mamilo sensível a outro, e entre eles. De pois, a língua descobriu o umbigo outra vez, e cercou-o com uma espiral sempre crescente, até alcançar o pêlo suave de seu púbis.

Ele se moveu entre as coxas de Ayla, abrindo-as, depois empurrou-lhe as dobras para trás com as mãos e experimentou' um sabor prolongado e lento. Ela estremeceu, parcialmente sentada, gritou, e ele se sentiu crescer novamente. Amava lhe dar prazer, sentir a resposta de Ayla à sua habilidade.

Era como tirar uma lâmina fina de um pedaço de sílex. Dava-lhe uma sensação especial de alegria saber que ele fora o primeiro a dar-lhe prazer. Ela havia conhecido somente a força e a dor antes de ele despertar nela a Dádiva do Prazer que a Grande Mãe Terra dera aos Seus filhos.

Ele a explorou com ternura, sabendo onde jaziam suas sensações agradáveis, provocando-as com a língua e, com as mãos hábeis, alcançando-lhe o íntimo. Ela começou a mover-se contra ele, gritando e sacudindo a cabeça, e ele compreendeu que estava pronta. Encontrou a saliência rija, começou a trabalhá-la, enquanto a respiração dela se acelerava, a própria

virilidade dele, ansiosa por ela. Então ela gritou, ele sentiu uma umidade quando ela o agarrou.

- Jondalar... ahhh... Jondalar! Ela estava além de si, além de qualquer conhecimento exceto ele. Ela o queria, desejava sentir-lhe o membro dentro de si. Ele estava sobre ela, ela o ajudava, guiando-o. Ele escorregou para dentro e sentiu uma vibração que o levou ao auge inexprimível. Recuou e afundou de novo, profundamente; ela o abraçou totalmente.

Ele saiu e depois investiu de novo, e mais uma vez, e outra ainda. Queria retirar-se, prolongar o ato.

Desejava que nunca terminasse e, contudo, não podia esperar. Com cada investida forte, sentia-se mais próximo do êxtase. O suor brilhava em seus corpos, sob a luz trêmula, enquanto ajustavam o ritmo, encontravam o compasso e se moviam com o passo da vida.

Respirando com dificuldade, esforçavam-se para o encontro a cada golpe, buscando, palpitando, desejo puro, pensamento total, sentimentos concentrados. Então, quase inesperadamente a intensidade chegou ao auge. Em uma explosão além dos dois, atingiram o clímax e gozaram com um espasmo de alegria. Ficaram quietos um instante, como se tentassem se tornar um só, e depois se afastaram.

Permaneceram imóveis, arfando. A luz piscou, enfraqueceu, inflamou-se, depois apagou. Depois de algum tempo, Jondalar rolou sobre o próprio corpo e jazeu ao lado dela, sentindo-se num estado crepuscular entre o sono e o despertar. Mas Ayla ainda estava bem acordada, os olhos abertos na escuridão, ouvindo pela primeira vez, em anos, os sons das pessoas.

O murmúrio de vozes baixas de um homem e de uma mulher vinha do leito próximo e, um pouco além, o som irritante, baixo, do feiticeiro ador mecido. Ela podia ouvir um homem roncando na fogueira seguinte e, da primeira fogueira, vinham os gritos e resmungos

inconfundíveis, ritmados, de Talut e Nezzie partilhando prazeres. Da outra direção, um bebê gritava. Alguém produziu sons confortadores até o choro cessar abruptamente. Ayla sorriu. Sem dúvida, um seio fora oferecido. Mais distante, vozes de raiva contida chegaram até ela numa explosão. Depois, silenciaram e, mais distante ainda, uma tosse seca se fez ouvir.

As noites tinham sido sempre o pior momento durante os longos anos de Ayla no vale. De dia, encontrava alguma coisa para manter-se ocupada mas, à noite, o vazio desolado de sua caverna influía fortemente. No início, ouvindo apenas o som de sua própria respiração, ela até tivera problema para dormir. Com o Clã, havia sempre alguém por perto de noite - o pior castigo que podia ser infligido era alguém ser isolado, separado; o ostracismo, a evitação, a maldição da morte.

Ela sabia muito bem que era realmente um castigo terrível. Soube melhor ainda naquele momento.

Deitada no escuro, ouvindo os sons de vida ao seu redor, sentindo o calor de Jondalar ao seu lado, sentiu-se em casa pela primeira vez desde que conhecera aquelas pessoas, a que chamava de os Outros.

- Jondalar? - disse, suavemente.

- Hummmmm.

- Está dormindo? - Ainda não - balbuciou ele.

- Estas pessoas são boas. Você tinha razão, eu precisava vir e conhecê-las.

O cérebro de Jondalar se desanuviou imediatamente. Ele esperava que quando conhecesse sua raça, e esta não era mais tão desconhecida, ela não tivesse tanto medo deles. Ele partira há muitos anos, a jornada de regresso ao lar seria demorada e difícil. Ela teria que querer ir com ele. Mas o vale de Ayla se tornara um lar. Oferecia-lhe tudo do que ela necessitava para sobreviver e ela construiu uma vida para si mesma

ali, usando os animais como substituto para as pessoas que lhe faltavam.

Ayla não queria partir; em vez disso, desejava que Jondalar ficasse.

- Eu sabia que você iria pensar assim, Ayla - falou ele afetuoso, persuasivo - se conhecesse essas pessoas.

- Nezzie me faz lembrar de Iza. Como acha que a mãe de Rydag ficou grávida? - Quem sabe por que a Mãe lhe deu um filho de espíritos mistos? Os caminhos da Mãe são sempre misteriosos.

Ayla ficou um tempo em silêncio.

- Não acho que a Mãe deu-lhe espíritos mistos. Acho que ela conheceu um homem dos Outros.

Jondalar franziu a testa.

- Sei que acha que os homens têm algo a ver com o início da vida, mas como uma mulher cabeça-chata poderia conhecer um homem? - Não sei como, mas as mulheres do Clã não viajam sozinhas, e ficam longe dos Outros. Os homens não querem os Outros ao redor das mulheres. Acham que os bebês são iniciados por um espírito do totem de um homem, e não querem que o espírito de um homem dos Outros se aproxime demais. E as mulheres temem os Outros. Sempre há novas histórias na Reunião de Clãs sobre pessoas que foram incomodadas ou feridas pelos Outros, principalmente mulheres.

"Mas a mãe de Rydag não tinha medo dos Outros. Nezzie disse que ela os seguiu por dois dias e veio com Talut quando ele lhe fez um sinal. Qualquer outra mulher do Clã teria fugido dele rapidamente. Ela devia ter conhecido um antes, e um que a tratou bem, ou ao menos não a feriu, porque não teve medo de Talut. Quando precisou de ajuda, o que lhe deu motivo para pensar que talvez a encontrasse nos Outros? - Talvez fosse apenas porque ela viu Nezzie amamentando - sugeriu Jondalar.

- Talvez. Mas isso não responde ao motivo por que ela estava sozinha. A única razão em que posso pensar é que foi amaldiçoada e expulsa do seu Clã. As mulheres do Clã não são muitas vezes amaldiçoadas. Não é de sua natureza trazer a maldição sobre si mesmas. Talvez tivesse algo a ver com um homem dos Outros..

fez uma pausa e depois acrescentou pensativa: - A mãe de Rydag deve ter querido muito o seu bebê. Precisou de muita coragem para se aproximar dos Outros, mesmo conhecendo um homem antes. Foi somente quando viu o bebê e achou que era deformado, que desistiu. O Clã tampouco gosta de crianças mistas.

- Como pode estar tão segura de que ela conheceu um homem? - Ela procurou os Outros para ter o seu bebê, o que significa que não tinha Clã para ajudá-la e havia algum motivo para pensar que Nezzie e Talut a ajudariam. Talvez ela o tenha conhecido mais tarde, mas tenho certeza de que encontrou um homem que teve prazeres com ela... talvez só satisfazendo as necessidades dele. Ela teve uma criança mista, Jondalar.

- Por que acha que é um homem que faz a vida começar? - Pode ver, Jondalar, se pensar sobre isso. Veja o menino que chegou hoje, Danug. Ele se parece com Talut, apenas mais jovem. Acho que Talut o começou quando dividiu prazeres com Nezzie.

- Isso significa que ela terá outro filho porque eles partilharam pra zeros esta noite? - perguntou Jondalar. - Prazeres são compartilhados muitas vezes. São uma Dádiva da Grande Mãe Terra e Ela é honrada quando eles são divididos muitas vezes. Mas as mulheres não têm filhos cada vez que partilham Sua Dádiva. Ayla, se um homem aprecia as Dádivas da Mãe, honra-a, depois Ela pode escolher, levar seu espírito para misturá-lo com a mulher que ele tem por companheira. Se o espírito é do homem, a criança pode parecer com ele, como Danug se parece com Talut, mas é a Mãe quem decide.

Ayla franziu a testa na escuridão. Era uma questão que ela não tinha analisado.

- Não sei por que uma mulher não tem filhos todas as vezes. Talvez os prazeres devam ser divididos várias vezes antes de um bebê poder ser iniciado, ou talvez somente algumas vezes.

Talvez seja apenas quando o espírito do totem de um homem é especialmente poderoso e pode, assim, vencer o da mulher, ou talvez a Mãe resolva, mas Ela escolhe o homem e torna sua virilidade mais forte. Pode dizer, com certeza, como Ela escolhe? Sabe como os espíritos se misturam? Não poderiam se misturar dentro da mulher quando eles dividem prazeres? - Nunca ouvi falar nisso - disse Jondalar - mas suponho que sim.

- Agora, ele enrugava a testa na escuridão. Ficou calado por tanto tempo que Ayla pensou que ele adormecera, mas, então, ele falou: - Ayla, se o que você pensa for verdade, talvez estejamos começando um bebê dentro de você todas as vezes que partilhamos a Dádiva da Mãe.

- Sim, acho que sim - falou Ayla, encantada com a idéia.

- Então, devemos parar! - exclamou Jondalar, sentando-se de repente - Mas por quê? Quero ter um bebê começado por você, Jondalar.

O desalento de Ayla era evidente.

Jondalar rolou sobre si mesmo e abraçou-a.

- Eu também quero, mas não agora. É uma longa jornada de volta a casa. Poderia levar um ano ou mais. Poderia ser perigoso para você viajar tanto se estiver grávida.

- Não podemos apenas voltar para o meu vale, então? Jondalar temia que se voltassem para o vale a fim de que ela pudesse ter o filho em segurança, jamais partissem.

- Ayla, acho que não seria uma boa idéia. Você não deveria ficar sozinha. Eu não saberia como ajudá-la, você precisaria de mulheres por perto. Uma mulher pode morrer de parto - disse ele, a voz comida com angústia. Ele o tinha visto acontecer, não há muito tempo atrás.

Era verdade, compreendeu Ayla. Ela quase morrera ao dar à luz o seu filho. Sem Iza, não teria vivido. Aquele não era o momento de ter um bebê, nem mesmo um de Jondalar.

- Sim, tem razão - disse ela, sentindo grande desapontamento. - Pode ser difícil... eu... eu...

gostaria de mulheres ao meu lado - concordou.

Ele ficou em silêncio por longo tempo, novamente.

- Ayla - falou, a voz quase falhada com a tensão - talvez.., talvez não devêssemos dividir a mesma cama. . se... Mas, honra a Mãe, partilhar Sua Dádiva - explodiu.

Como ela lhe poderia dizer, sinceramente, que não precisavam parar de dividir prazeres? Iza a havia prevenido para jamais contar a ninguém, principalmente a um homem, sobre seu remédio secreto.

- Acho que não deve se preocupar com isso - disse ela. - Não sei, com certeza, se é um homem que faz as crianças, e se a Grande Mãe resolver, pode escolher qualquer momento, não pode? - Pode, e me preocupa. Contudo, se evitarmos Sua Dádiva, talvez se zangue. Ela espera ser honrada.

- Jondalar, se Ela resolver, estará resolvido. Se chegar o momento, podemos tomar uma decisão então. Não gostaria que você A ofendesse.

- Sim, Ayla, tem razão - disse ele, um pouco aliviado.

Com uma pontada de remorso, Ayla decidiu que continuaria tomando o remédio que evitava a concepção, mas sonhou em ter filhos naquela noite, alguns com compridos cabelos louros e outros que se pareciam com Rydag e Durc. Era quase de manhã quando teve um

sonho que tinha uma dimensão diferente, sinistro e do outro mundo.

No sonho, tinha dois filhos, irmãos que ninguém imaginaria que o fossem. Um era alto e louro, como Jondalar, o outro, mais velho, ela sabia que era Durc embora seu rosto estivesse obscuro. Os dois irmãos se aproximavam um do outro, de direções opostas no meio de uma planície de serto, desolada, castigada pelo vento. Ela sentiu grande ansiedade; alguma coisa terrível ia acontecer, algo que ela devia impedir. Então, com um choque de terror, ela soube que um dos filhos iria matar o outro. Quando se aproximaram mais, ela tentou alcançá-los, mas uma muralha espessa, viscosa a mantinha encurralada. Eles estavam quase se alcançando, os braços erguidos como para uma luta.

Ela gritou.

- Ayla! Ayla! O que aconteceu? - disse Jondalar, sacudindo-a.

De repente, Mamut estava ao lado dele. - - Acorde, filha. Acorde! - disse ele. É apenas um símbolo, uma mensagem. Acorde, Ayla! - Mas um vai morrer! - gritou ela, ainda cheia de emoção do seu sonho.

- Não é o que pensa, Ayla - falou Mamut. - Talvez não signifique que um irmão morrerá. Deve aprender a procurar o verdadeiro significado em seus sonhos. Você tem o Dom; é muito forte, mas falta prática.

A visão de Ayla desapareceu e ela viu dois semelhantes preocupados olhando-a, ambos homens altos, um, jovem e atraente, o outro, velho e sábio. Jondalar segurava uma lenha acesa da fogueira para ajudá-la a despertar. Ela se sentou e se esforçou para sorrir.

- Está bem, agora? - indagou Mamut.

- Sim, sim. Lamento tê-lo acordado - disse Ayla em Zelandonii, esquecendo que o velho não entendia essa língua.

- Falaremos mais tarde - disse ele sorrindo, gentilmente, e voltando para seu leito. Ayla observou a cortina da outra cama ocupada descer, quando ela e Jondalar se recostaram em seu estrado de dormir, e sentiu-se um pouco embaraçada por ter criado tal alvoroço. Ela se aninhou ao lado de Jondalar, descansando a cabeça na cavidade sob seu ombro, grata por seu calor e sua presença. Estava quase dormindo quando, de repente, seus olhos se abriram de novo.

- Jondalar - sussurrou - como Mamut soube que sonhei com meus filhos, sobre um irmão matar o outro? Mas ele já dormia.

Capítulo 5

Ayla despertou sobressaltada, depois jazeu imóvel e ouviu. Novamente, escutou um gemido alto.

Alguém parecia estar sofrendo muito. Preocupada, afastou a cortina para um lado e espiou. Crozie estava de pé no corredor, próxima à sexta fogueira com os braços abertos numa atitude de desespero, suplicando com o fim de provocar compaixão - Ele me apunhalaria. Seria capaz de virar minha própria filha contra mim! - gritou Crozie como se morresse, apertando as mãos contra o peito. Várias pessoas pararam para olhar. - Dei a ele minha própria carne, tirada do meu corpo...

- Deu! Você não me deu nada! - berrou Frebec. - Paguei o seu Preço de Noiva por Fralie.

- Foi insignificante! Eu poderia ter conseguido muito mais por ela - rebateu Crozie. Seu lamento não era mais sincero do que fora seu grito de dor. - Ela foi para você com dois filhos. Prova do favor da Mãe. Você diminuiu seu valor com sua ninharia. E o valor de seus filhos. E olhe para ela! Abençoada novamente. Eu a dei a você por bondade, por generosidade do meu coração...

- E porque ninguém mais aceitaria Crozie, mesmo com sua filha duas vezes abençoada - disse uma voz próxima.

Ayla se virou para ver quem falara. A jovem que usara a bonita túnica vermelha no dia anterior lhe sorriu.

- Se planejava dormir até tarde, pode esquecer - disse Deegie. - Eles começaram cedo hoje.

- Não, vou levantar - falou Ayla. Olhou ao redor. A cama estava vazia e, exceto pelas duas mulheres, não havia ninguém por perto. - Jondalar já levantou. - Ela

encontrou suas roupas e começou a se vestir. - Acordei, pensei que a mulher estava ferida.

- Ninguém está. Ao menos, não que alguém possa ver. Mas, sinto por Fralie - disse Deegie. - É duro ficar no meio, assim.

Ayla sacudiu a cabeça.

- Por que gritam? - Não sei por que discutem o tempo todo. Suponho que ambos querem as boas graças de Fralie.

Crozie está envelhecendo e não quer que Frebec destrua sua influência, mas Frebec é teimoso. Ele não tinha muito antes, e não deseja perder sua nova posição. Fralie lhe trouxe um bocado de status, mesmo com seu baixo Preço de Noiva.

A visitante estava obviamente interessada e Deegie se sentou em um estrado que servia de leito, enquanto Ayla se vestia, entusiasmando-se com o assunto.

- No entanto, acho que ela não o poria de lado, acredito que goste dele, embora ele possa ser tão maldoso, às vezes. Não foi tão fácil encontrar outro homem... um que aceitasse sua mãe. Todos viram como foi da primeira vez, ninguém queria agüentar Crozie. A velha pode gritar tudo o que quiser sobre dar a filha, mas foi ela quem reduziu o valor de Fralie. Eu odiaria ser puxada de dois lados, assim. Não tenho sorte. Mesmo se eu fosse para um acampamento estabelecido em vez de iniciar um novo com meu irmão, Tulie seria bem-vinda.

- Sua mãe vai com você? - perguntou Ayla, curiosa. Ela entendia que uma mulher se mudasse para o Clã do companheiro, mas levar a mãe consigo era novidade para ela.

- Gostaria que fosse, mas acho que não irá. Creio que prefere ficar aqui. Não a culpo. É melhor ser a chefe em seu próprio acampamento do que mãe de uma, em outro. No entanto, sentirei sua falta.

Ayla ouvia, fascinada. Não compreendia metade do que Deegie dizia, e não estava certa se acreditava compreender a outra metade.

- É triste deixar a mãe e o seu povo - disse Ayla. - Mas, terá com panheiro cedo? - Oh, sim, no próximo verão. Na Reunião de Verão. Afinal, mamãe acertou tudo. Estabeleceu um Preço de Noiva tão alto que tive medo de que ninguém chegasse a ele, mas concordaram. Contudo, é muito difícil esperar. Se, ao menos, Branag não tivesse que partir agora, mas eles o estão esperando. Ele prometeu voltar imediatamente...

As duas jovens caminharam juntas para a entrada da habitação comunal, amistosamente, Deegie tagarelando e Ayla a ouvindo com interesse.

Estava mais frio no salão da entrada, mas só ao sentir a rajada de vento frio, quando a cortina do arco da frente foi erguida, é que Ayla compreendeu o quanto a temperatura havia caído. O vento frio atirou-lhe o cabelo para trás e arrancou a pesada cobertura da entrada de pele de mamute, estofando-a com uma rajada repentina. Uma camada fina de neve caíra durante a noite. Uma contracorrente cortante atingiu os flocos finos, arrastou-os para cavidades e depressões, retirou os cristais castigados pelo vento e arremessou-os através do espaço aberto. O rosto de Ayla ardia com bolinhas duras de gelo.

No entanto, estivera aqui dentro, muito mais quente do que em uma caverna. Ela pusera sua parka de pele somente para sair; não precisaria de roupa extra se tivesse ficado no interior. Ouviu Whinney relinchar. A égua e o potro, ainda amarrados, estavam o mais longe possível das pessoas e de suas atividades. Ayla caminhou até eles, virou-se e sorriu para Deegie.

A jovem retribuiu-lhe o sorriso e foi procurar Branag.

A égua parecia aliviada quando Ayla se acercou, agitando-se e sacudindo a cabeça em cumprimento. A mulher retirou o cabresto de Racer e depois caminhou com eles em direção ao rio e perto da curva. Whinney e Racer relaxaram assim que o acampamento se perdeu de vista e, depois de alguns agradamentos mútuos, começaram a pastar no capim frágil e seco.

Ayla parou ao lado de um arbusto antes de começar a voltar. Desatou a tira da cintura de suas calças, mas ainda estava incerta sobre o que fazer para as pernas não se molharem quando urinasse. Ela havia tido o mesmo problema desde que começara a usar as roupas. Ela própria fizera o traje durante o verão, tendo como modelo o que havia feito para Jondalar, que fora copiado da roupa que o leão dilacerara. Mas não havia usado a roupa senão quando começaram sua viagem de exploração. Jondalar ficara tão satisfeito ao vê-la vestindo roupas como a dele, em vez do agasalho de couro usado em geral pelas mulheres do Clã, que ela resolveu abandoná-lo. Mas ainda não descobrira como resolver esta necessidade básica facilmente e não queria perguntar a ele. Jondalar era um homem. Como poderia saber o que uma mulher precisava fazer? Ela desfez-se das calças ajustadas, o que exigia que tirasse também o calçado - mocassins de gáspea alta que se enrolavam ao redor das partes inferiores das calças - depois separou as pernas e se inclinou em sua maneira usual. Equilibrando-se em um dos pés, para vestir novamente as calças, notou o rio que corria suavemente e mudou de idéia. Em vez disso, tirou a parka e a túnica pela cabeça, retirou o amuleto do pescoço e caminhou até a margem em direção à água. O ritual de limpeza devia ser completo e ela gostava de um banho matinal.

Havia planejado lavar o rosto e as mãos no rio. Ignorava que meios aquelas pessoas usavam para se limpar. Quando era necessário, se a pilha de lenha

estivesse enterrada sob o gelo e o combustível estivesse escasso, ou se o vento soprasse fortemente através da caverna, ou se a água congelasse a ponto de ser difícil conseguir quebrar algum gelo até para beber podia passar sem se lavar, mas preferia estar limpa. E, no fundo do seu pensamento, ainda pensava no ritual, no término de uma serimônia de purificação após sua primeira noite na caverna - ou na habitação comunal - dos Outros.

Olhou para a água. A corrente movia-se depressa ao longo do canal principal, mas o gelo em lâminas transparentes cobria poças e as águas mais paradas do rio e formava uma crosta branca na margem. Um apêndice do rio, escassamente coberto com capim esbranquiçado e descorado, estendia-se até o rio, formando uma lagoa parada entre ele próprio e a praia. Um único vidoeiro, reduzido a arbusto, crescia na faixa de terra.

Ayla caminhou na direção do pequeno lago e entrou, despedaçando a perfeita vidraça de gelo que o recobria. Arquejou enquanto a água gelada do rio provocava-lhe um forte arrepio e agarrou um ramo mirrado do pequeno vidoeiro para firmar-se, enquanto entrava na corrente. Uma rajada cortante de vento gelado castigou-lhe a pele nua, arrepiando-a e atirou-lhe o cabelo sobre o rosto.

Ela cerrou os dentes que rangiam e avançou mais na água. Quando a água estava quase à cintura, ela jogou água gelada ao rosto. Depois, com outra respiração rápida, aspirada, de choque, abaixou-se e submergiu até o pescoço.

Apesar de todos os arquejos e tremores, estava habituada à água fria, e concluiu que breve seria impossível banhar-se no rio. Quando saiu, tirou a água do corpo com as mãos e vestiu-se depressa. Uma calidez ardente substituiu o frio entorpecedor quando caminhou

ladeira acima, fazendo-a sentir-se renovada e revigorada, e ela sorriu quando um sol cansado momentaneamente sobressaiu no céu nublado.

Ao se aproximar do acampamento, deteve-se à beira de uma área pisada, próxima à habitação comunal, e observou os vários grupos de pessoas envolvidos em ocupações diversas.

Jondalar falava com Wymez e Danug, e ela não teve dúvida em relação ao tema da conversa dos três britadores de sílex. Não distante deles, quatro pessoas desatavam cordas que tinham segurado a pele de um veado - agora, um couro macio, flexível, quase branco - numa armação retangular feita de ossos de costela de mamute amarrados com correias. Perto, Deegie estendia e prendia vigorosamente uma segunda pele, que estava amarrada a uma armação semelhante com a ponta um pouco rombuda de outro osso de costela. Ayla sabia que se trabalhava pele enquanto secava, para tornar o couro flexível, mas prendê-lo a armações de ossos de mamute era um novo método de estender couro. Ficou interessada e notou os detalhes do processo.

Uma série de pequenos cortes eram feitos perto da orla, seguindo o contorno da pele do animal, depois passava-se uma corda por cada um, amarrava-se à armação e puxava-se com força para esticar a pele retesada. A armação era apoiada contra a habitação comunal e podia ser virada e trabalhada dos dois lados. Deegie inclinava-se com todo o seu peso sobre a estaca de ossos de costela, empurrando a ponta rombuda para a pele fixada até parecer que a haste comprida a furaria, mas o couro forte, elástico, resistia, sem se deixar perfurar.

Alguns outros ocupavam-se com atividades que Ayla não conhecia, mas o resto das pessoas colocava as sobras do esqueleto de mamutes em covas que tinham sido abertas no solo. Ossos e marfim espalhavam-se por

toda parte. Ela levantou a cabeça quando alguém gritou e viu Talut e Tulie acercando-se do acampamento, carregando aos ombros uma grande presa curva, ainda ligada à caveira de um mamute. A maioria dos ossos não vinha de animais que eles matavam. Descobertas ocasionais nas estepes propiciavam alguns, porém a maioria vinha das pilhas de ossos acumulados em curvas pronunciadas, nos rios, onde águas enraivecidas depositavam os restos dos animais.

Então, Ayla observou outra pessoa que vigiava o acampamento, não distante dela. Sorriu ao reunir-se a Rydag, mas sobressaltou-se ao vê-lo retribuir o sorriso. As pessoas do Clã não sorriam. Uma expressão revelando os dentes nus, em geral, denotava hostilidade num rosto com feições do Clã, ou extremo nervosismo e medo. O sorriso do menino pareceu, por um momento, inadequado. Mas o menino não crescera com o Clã e havia aprendido um significado amistoso em relação àquela expressão.

- Bom dia, Rydag - disse Ayla, fazendo ao mesmo tempo o gesto de saudação do Clã com uma pequena variação, que indicava que era dirigido a uma criança. Notou, novamente, o lampejo de compreensão diante do sinal manual. Ele se lembra!, pensou ela. Ele se lembra, estou certa disso.

Conhece os sinais, teria apenas de ser lembrado deles. Não como eu. Tive que aprendê-los.

Ela recordou a tristeza de Creb e Iza quando descobriram como lhe era difícil, comparativamente aos jovens do Clã, lembrar qualquer coisa.

Ela tivera que lutar para aprender a memorizar, enquanto as crianças do clã necessitavam ver o sinal uma vez apenas. Algumas pessoas pensaram que Ayla fosse bastante estúpida mas, à medida que cresceu, ensinou a si mesma a memorizar rapidamente, de modo que não perdessem a paciência com ela.

Mas Jondalar ficara surpreso com sua habilidade. Em comparação a outros como ela, sua memória treinada era uma maravilha e acentuava sua capacidade de aprender. Ficou assombrado como ela aprendia novas línguas com facilidade, por exemplo, quase que aparentemente sem qualquer esforço. Mas não fora fácil conseguir tal perícia e, embora houvesse aprendido a memorizar depressa, nunca compreendeu inteiramente o que eram as memórias do Clã. Nenhum dos Outros era capaz. Era uma diferença básica entre eles.

Com cérebros ainda maiores do que aqueles que vieram depois, o Clã não era tão menos inteligente que um tipo diferente de inteligência. Aprendiam de lembranças que eram de alguma forma semelhantes ao instinto, porém mais conscientes, e tudo o que seus antepassados sabiam estava estocado no fundo de seus grandes cérebros, ao nascer. Não precisavam aprender o saber e habilidades necessárias para viver, lembravam-se deles. Como crianças, necessitavam apenas serem lembradas do que já sabiam para habituar-se ao processo. Como adultos, sabiam como recorrer às suas lembranças.

Recordavam facilmente, mas nada novo era dominado senão com grande esforço. Assim que alguma coisa nova era aprendida - ou um novo conceito compreendido, ou uma nova crença aceita - jamais o esqueciam e o passavam à sua descendência, mas aprendiam e mudavam devagar. Iza viera a entender, se não a assimilar, a diferença entre elas quando ensinava a Ayla a arte de uma curandeira. A estranha menina não era capaz de lembrar tão bem quanto eles, porém aprendia bem mais depressa.

Rydag disse uma palavra. Ayla não entendeu imediatamente. Depois reconheceu-a. Era o seu nome! O seu nome dito de uma forma que fora familiar certa vez, como algumas pessoas do Clã o tinham pronunciado.

Como elas, a criança não era capaz de uma fala totalmente articulada; podia vocalizar, mas não era capaz de emitir alguns sons importantes, necessários para reproduzir a língua das pessoas com quem vivia. Eram os mesmos sons com que Ayla tinha dificuldade, por falta de prática. Era essa limitação no aparelho vocal do Clã, e aquelas que existiram antes, que os havia levado a desenvolver, em seu lugar, uma rica e compreensiva linguagem de gestos e sinais manuais para expressar os pensamentos de sua rica e extensa cultura. Rydag compreendia os Outros, o povo com quem vivia; compreendia o conceito de linguagem. Apenas, não era capaz de se fazer entender por eles.

Então, o menino fez o gesto que havia feito a Nezzie na noite anterior; chamou Ayla de "mãe".

Ayla sentiu o coração bater mais depressa. O último que lhe fizera esse gesto fora seu filho, e Rydag parecia-se tanto com Durc que, por um instante, ela viu seu filho nele. Quis acreditar que ele fosse Durc e ansiou pegá-lo ao colo, apertá-lo nos braços e dizer seu nome. Fechou os olhos e reprimiu a ânsia de chamá-lo, estremecendo com o esforço.

Quando tornou a abrir os olhos, Rydag a observava com uma expressão sagaz, antiga, terna, como se a compreendesse e soubesse que ela o compreendia. Apesar dos desejos dela, Rydag não era Durc. Não mais Durc do que ela, Deegie; era ele próprio. Controlada de novo, respirou fundo.

- Gostaria de mais palavras? Mais sinais manuais, Rydag? - perguntou.

Ele sacudiu a cabeça afirmativa e enfaticamente.

- Lembra-se de "mãe" da noite passada...

Ele respondeu repetindo o gesto que tanto comovera Nezzie... e a si própria.

- Conhece este? - indagou Ayla, fazendo o gesto de saudação. Podia vê-lo lutando com o conhecimento que

quase já possuía. - É um cumprimento, significa "bom dia" ou "alô". Este... - ela mostrou o sinal de novo, com a variação que usara - . . .é quando uma pessoa mais velha fala com uma mais jovem.

Ele franziu a testa, depois fez o gesto; em seguida sorriu para ela com seu sorriso surpreendente.

Fez os dois gestos, depois pensou e fez um ter ceiro, e olhou para ela de soslaio, incerto sobre se havia feito realmente alguma coisa.

Sim, está certo, Rydag, sou uma mulher, como mãe, e essa é a forma de cumprimentar a mãe. Você se lembra! Nezzie notou que Ayla e o menino estavam juntos. Ele lhe havia causado grande aflição, algumas vezes, quando se descontrolava e fazia excessos, daí ela estar sempre ciente das atividades e localização da criança. Foi atraídaA jovem e o menino, tentando observar e entender o que faziam.

Ayla a viu, na sua expressão de curiosidade e preocupação, e chamou-a.

- Estou mostrando a Rydag a linguagem do Clã... a raça da mãe - explicou Ayla - como a palavra, na noite passada.

Rydag, com um largo sorriso que revelava seus dentes maiores que o normal, fez um gesto deliberado para Nezzie.

- O que isso significa? - perguntou ela, olhando para Ayla.

- Rydag diz "Bom dia, mãe" - explicou a jovem.

- Bom dia, mãe? - Nezzie fez um movimento que se parecia vagamente com o gesto deliberado que Rydag fizera. - Isso significa "Bom dia, mãe"? - Não. Sente-se aqui, eu lhe mostrarei. - Isto... - Ayla fez o sinal - ...significa "Bom dia, mãe". Talvez ele faça o mesmo sinal para mim. Significaria "mulher maternal". Você faria deste jeito... - Ayla fez outra variação do sinal manual - ...para dizer "Bom dia, criança". E este... - Ayla

prosseguiu com mais uma variação - .. para dizer "Bom dia, meu filho". Está vendo? Ayla repetiu todas as variações enquanto Nezzie observava com cuidado. A mulher, sentindo-se um pouco inibida, tentou de novo. Embora não houvesse finura no gesto, ficou claro para ambos, Ayla e Rydag, que o sinal que ela tentava fazer significava "Bom dia, filho".

O menino, que estava de pé ao seu lado, estendeu os braços finos ao redor do pescoço de Nezzie e ela abraçou-o, pestanejando fortemente para conter o fluxo de lágrimas que ameaçava derramar-se, e até os olhos de Rydag ficaram úmidos, o que surpreendeu Ayla.

De todos os membros do clã de Brun, somente os olhos dela tinham derramado lágrimas de emoção, embora os sentimentos de todos fossem igualmente fortes. Seu filho podia vocalizar o mesmo que ela; era capaz de fala total - o coração de Ayla ainda doía quando ela recordava como ele a chamara quando foi forçada a partir - mas Durc não derramava lágrimas para expressar sua tristeza. Como sua mãe do Clã, Rydag não podia falar, mas quando seus olhos se enchiam de amor, cintilavam com lágrimas.

- Nunca fui capaz de conversar com ele antes... tendo certeza de que compreendia - disse Nezzie.

- Gostaria de mais sinais? - perguntou Ayla, gentilmente.

A mulher concordou com um gesto de cabeça, ainda segurando o menino, não confiando em si mesma para falar naquele instante, por medo de se descontrolar. Ayla fez outra série de sinais e variações com Nezzie e Rydag concentrados, tentando aprendê-los. E depois outra. As filhas de Nezzie, Latie e Rugie, e os filhos mais novos de Tulie, Brinan e sua irmãzinha Tusie, que tinham quase a mesma idade de Rugie e Rydag, vieram descobrir o que ocorria; depois o filho de sete anos de Fralie, Crisavec, se reuniu a eles. Breve, todos estavam entretidos no que

parecia ser um maravilhoso jogo novo: falar com as mãos.

Mas, ao contrário da maioria dos jogos das crianças do acampamento, este era aquele em que Rydag levava vantagem. Ayla não conseguia ensiná-lo depressa demais. Mal lhe mostrava um sinal uma vez, e breve ele próprio acrescentava as variações - as nuances e sutilezas de significado. Tinha a sensação de que aquilo estava bem ali, dentro dele, derramando-se e pronto para sair, precisando apenas da menor passagem, e uma vez liberado, não podia ser contido.

Era mais excitante ainda porque as crianças que tinham quase a idade dele aprendiam também. Pela primeira vez na vida, Rydag podia expressar-se completamente e não se satisfazia nunca. As crianças com quem crescera aceitaram facilmente sua capacidade de "falar" fluentemente daquela nova maneira. Elas se comunicaram com ele antes. Sabiam que ele era diferente, que tinha problema para falar, mas ainda não tinham adquirido o preconceito adulto de que, portanto, lhe faltava inteligência. E Latie, como fazem as irmãs mais velhas muitas vezes, andara traduzindo seu "palavreado" para os membros adultos do acampamento durante anos.

Quando todos já tinham aprendido bastante e começaram a levar o novo jogo a sério, Ayla observou que Rydag os corrigia e as crianças se voltavam para ele em busca de confirmação do significado de gestos e sinais manuais. Ele havia encontrado um novo lugar entre seus iguais.

Ainda sentada ao lado de Nezzie, Ayla observou-os fazendo rápidos sinais silenciosos uns para os outros. Ela sorriu, imaginando o que Iza pensaria de filhos dos Outros falando como o Clã, gritando e rindo ao mesmo tempo. De algum modo, refletiu Ayla, a velha curandeira teria compreendido.

- Deve estar certa. Essa é a maneira dele de falar - disse Nezzie. - Nunca o vi aprender algo tão depressa. Eu não conhecia os cabeças-cha... Como é que você os chama? - Clã. Eles dizem Clã. Significa... família... gente... homens. O Clã do Urso da Caverna, que honram o Grande Urso da Caverna; vocês dizem Mamutoi, Caçadores de Mamutes, que honram a Mãe - replicou Ayla.

- Clã... eu não sabia que eles podiam falar assim, não sabia que alguém pudesse dizer tanto com as mãos... Jamais vi Rydag tão feliz. - A mulher hesitou e Ayla sentiu que ela tentava encontrar uma maneira de dizer mais alguma coisa. Esperou para dar-lhe uma chance de pôr os pensamentos em ordem. - Estou surpresa por você ter gostado dele tão depressa - continuou Nezzie. - Algumas pessoas fazem objeção porque é misto e a maioria fica um pouco constrangida perto dele.

Mas você parece conhecê-lo.

Ayla fez uma pausa antes de falar enquanto examinava a mulher mais velha, incerta sobre o que dizer. Depois, tomando uma decisão, disse: - Certa vez, conheci alguém como ele... meu filho. Meu filho, Durc.

- Seu filho! - Havia surpresa na voz de Nezzie, porém Ayla não detectou qualquer sinal da reação repentina que fora tão evidente na voz de Frebec quando falou dos cabeças-chatas e de Rydag na noite anterior. - Você teve um filho misto? Onde está ele? O que lhe aconteceu? A angústia obscureceu o semblante de Ayla. Ela havia guardado os pensamentos sobre seu filho enterrados no fundo, enquanto estava sozinha no vale, mas a visão de Rydag os havia despertado.

As perguntas de Nezzie trouxeram lembranças e emoções dolorosas à tona e pegaram-na de surpresa. Agora, tinha que enfrentá-las.

Nezzie era tão aberta e franca quanto o resto de seu povo, e as perguntas foram espontâneas, mas ela era sensível.

- Desculpe, Ayla. Eu devia ter pensado...

- Não se preocupe, Nezzie - disse Ayla, pestanejando para conter as lágrimas. - Sei que surgem perguntas quando falo de meu filho. Dói... pensar em Durc.

- Não precisa falar sobre ele.

- As vezes preciso falar de Durc. - Ayla fez uma pausa, depois investiu: - Durc está com o Clã. Quando ela morreu... Iza... minha mãe, como você com Rydag... disse para eu ir para o norte, encontrar meu povo. Não o Clã, os Outros. Durc era bebê então. Eu não fui. Depois, Durc tinha três anos, Broud me fez ir. Eu não sabia onde viviam os Outros, não sabia para onde ir, não podia levar Durc. Dei para Uba... irmã. Ela ama Durc, toma conta dele. É filho dela, agora.

Ayla parou de falar, mas Nezzie não sabia o que dizer. Gostaria de fazer mais perguntas, mas não queria pressionar, quando era claro que era um sofrimento enorme para Ayla falar do filho que amava mas tivera que abandoná-lo. Ayla continuou por conta própria.

- Três anos desde que vi Dure. Ele tem... seis anos agora. Como Rydag? Nezzie concordou com um gesto de cabeça.

- Não se passaram sete anos ainda desde que Rydag nasceu.

Ayla ficou calada, parecendo imersa em pensamento. Depois prosseguiu: - Durc é como Rydag, mas não é. Durc é como Clã nos olhos, como eu na boca. - Sorriu torto.

- Devia ser de Outro jeito. Durc forma palavras, podia falar, mas oClã não. Melhor se Rydag falasse, mas ele não pode. Dure é forte. - Os olhos de Ayla assumiram uma expressão distante. - Ele corre depressa, é o melhor

corredor, será muito bom corredor um dia, como diz Jondalar. - Seus olhos encheram-se de tristeza quando se ergueram para Nezzie. - Rydag fraco. De nascimento. Fraco em...? - Colocou a mão no peito, não sabia a palavra.

- Ele tem problema de respiração, às vezes - disse Nezzie.

- Problema não é de respiração, problema é sangue... não... sangue não... aqui dentro - disse, a mão fechada sobre o peito, frustrada por desconhecer a palavra.

- O coração. É o que Mamut diz. Ele tem um coração fraco. Como soube disso? - Iza era curandeira, feiticeira. Melhor curandeira do Clã. Ela me ensinou como filha. Sou curandeira.

Jondalar havia dito que Ayla era uma curandeira, lembrou Nezzie. Estava surpresa em saber que os cabeças-chatas sequer pensavam em curar, mas também ignorara que eram capazes de falar. E havia estado perto de Rydag o suficiente para saber que, mesmo sem uma fala completa, ele não era o animal estúpido que tantas pessoas acreditavam. Mesmo não sendo um Mamut, não havia razão para Ayla não poder saber alguma coisa sobre a arte de curar.

As duas mulheres ergueram os olhos quando uma sombra desceu sobre elas.

- Mamut quer saber se pode ir falar com ele, Ayla - disse Danug. As duas estavam tão entretidas na conversa que nenhuma havia notado a aproximação do jovem alto. - Rydag está muito excitado com o novo jogo de mãos que você lhe mostrou - continuou ele. - Latie diz que ele quer que eu pergunte se você me ensinará alguns dos sinais também.

- Sim. Sim. Ensino a você, ensino a todos.

- Também quero saber mais sobre suas palavras manuais - disse Nezzie quando as duas ficaram de pé.

- De manhã? - interrogou Ayla.

- Sim, amanhã de manhã. Mas ainda não comeu nada. Talvez, amanhã, seja melhor comer alguma coisa primeiro - disse Nezzie. - Venha comigo e lhe darei alguma coisa, e também para Mamut.

- Estou faminta - falou Ayla.

- Eu também - ajuntou Danug.

- Quando é que não está com fome? Você e Talut juntos poderiam comer um mamute - falou Nezzie com orgulho nos olhos, por seu filho grande e forte.

Quando as duas mulheres e Danug se dirigiram à casa comunal, aparentemente os Outros consideraram-no uma sugestão para parar a fim de fazerem uma refeição e seguiram-nos. As roupas exteriores foram removidas no recinto de entrada e penduradas em cabides. Era uma refeição matinal, casual, diária, com algumas pessoas cozinhando em suas próprias fogueiras e outras reunindo-se na grande primeira fogueira, que continha o fogo principal, e várias outras, menores. Algumas pessoas comiam sobras frias de mamute, outras, carne ou peixe cozidos com raízes ou verduras em uma sopa engrossada com cereais rudemente moídos, colhidos dos pastos das estepes. Mas, quer cozinhassem em seu recinto privado ou não, a maioria das pessoas perambulava, eventualmente, pela área comunal para uma visita, enquanto bebia um chá quente antes de sair novamente.

Ayla estava sentada ao lado de Mamut, observando as atividades com grande interesse. O nível de ruído de tantas pessoas conversando e rindo juntas ainda a surpreendia, mas já se acostumava a ele.

Estava ainda mais surpresa com a naturalidade com que as mulheres se moviam entre os homens.

Não havia hierarquia rígida, nenhuma ordem para cozinhar ou servir a comida. Todos pareciam se servir,

exceto as mulheres e homens que ajudavam os filhos mais novos.

Jondalar aproximou-se deles e se acomodou cuidadosamente na esteira de capim ao lado de Ayla, enquanto equilibrava com as duas mãos uma tigela bastante flexível, à prova d'água, mas sem alça, tecida de gramínea, em um desenho em ziguezague decorações contrastantes, cheia de chá de hortelã quente.

- Acordou cedo de manhã - disse Ayla.

- Não quis perturbar você. Dormia tão profundamente...

- Acordei quando pensei que alguém estava ferido, mas Deegie me disse que a velha... Crozie...

sempre fala alto com Frebec.

- Discutiam tão alto que até os ouvi lá fora - falou Jondalar. - Frebec pode ser um encenqueiro, mas não estou certo de que tem culpa. Aquela mulher velha grasna mais que um gaio. De que modo alguém pode viver com ela? - Achei que alguém estava ferido - disse Ayla, pensativa.

Jondalar a olhou, intrigado. Não achava que ela se repetia, dizendo que pensara, erradamente, que alguém estava fisicamente ferido.

- Tem razão, Ayla - disse Mamut. - Velhas feridas que ainda doem.

- Deegie tem pena de Fralie. - Ayla se virou para Mamut, sentin do-se à vontade para fazer-lhe perguntas, embora na maioria das vezes não quisesse revelar sua ignorância. - O que é Preço de Noiva? Deegie disse que Tulie pediu alto Preço de Noiva por ela.

Mamut fez uma pausa antes de responder, pondo cuidadosamente os pensamentos em ordem porque queria compreendê-la. Ayla observava o velho de cabelos brancos com ansiedade.

- Eu poderia lhe dar uma resposta simples, Ayla, mas a coisa não é tão clara quanto parece. Tenho

pensado a respeito durante muitos anos.

Não é fácil compreender e explicar você e sua gente, mesmo quando você é um daqueles que os outros procuram para ter respostas. - Fechou os olhos, enrugando a testa, concentrado. - Compreende status, não? - Sim - respondeu Ayla. - No Clã, o líder tem o maior status, de pois o caçador escolhido, em seguida outros caçadores. Mog-ur tem alto status também, mas é diferente. Ele é... homem do mundo espiritual.

- E as mulheres? - As mulheres têm status do companheiro, mas a curandeira tem seu status próprio.

Os comentários de Ayla surpreenderam Jondalar. Com tudo o que ele aprendera com ela sobre os cabeças-chatas, ainda tinha dificuldade em acreditar que eram capazes de entender um conceito tão complexo quanto a posição social comparativa.

- Imaginei isso - disse Mamut em voz baixa, continuando a explicar depois: - Reverenciamos a Mãe, a criadora e sustentadora de toda a vida. As pessoas, animais, plantas, água, árvores, rochas, terra, tudo foi dado à luz por Ela, Ela criou tudo. Quando invocamos o espírito do mamute, ou o espírito do veado, ou do bisão para pedir permissão para caçá-los, sabemos que é o Espírito da Mãe que lhes deu vida; é Seu Espírito que faz com que outro mamute, ou veado, ou bisão nasça para substituir aqueles que Ela nos dá como alimento.

- Dizemos que é a Dádiva de Vida da Mãe - disse Jondalar, intrigado. Interessava-se em descobrir como os costumes dos Mamutoi comparavam-se aos dos Zelandonii.

- Mut, a Mãe, escolheu as mulheres para nos mostrar como Ela tomou o Espírito da Vida em si mesma, para criar e dar à luz nova vida, a fim de substituir aquelas que Ela chamou de volta - disse o velho santo.

- As crianças aprendem isto quando crescem, por meio de lendas e histórias e canções, mas você está além disso agora, Ayla. Gostamos de ouvir as histórias mesmo quando envelhecemos, mas você precisa compreender o curso que as move e o que jaz embaixo, para poder entender as razões para muitos dos nossos costumes. Conosco, o status depende de uma mãe, e o Preço de Noiva é a maneira como mostramos valor.

Ayla sacudiu a cabeça concordando, fascinada. Jondalar tentara explicar sobre a Mãe, mas Mamut fez parecer tão razoável, tão mais fácil de compreender...

- Quando as mulheres e homens decidem formar uma união, o homem e seu acampamento dão muitos presentes à mãe da mulher e ao seu acampamento. A mãe ou chefe do acampamento estabelece o preço - diz quantos presentes são exigidos - pela filha, ou ocasionalmente, a mulher pode fixar seu próprio preço, mas depende de muito mais do que do seu capricho. Nenhuma mulher quer ser desvalorizada, mas o preço não deve ser tão alto que o homem de sua escolha e o seu acampamento não tenham os meios ou não desejem pagar.

- Por que pagamento por uma mulher? - perguntou Jondalar. - Isso não a torna uma mercadoria de comércio, como o sal ou sílex ou âmbar? - O valor de uma mulher é muito maior. O Preço de Noiva é o que um homem paga pelo privilégio de viver com uma mulher. Um Preço de Noiva bom beneficia a todos. Concede alto status à mulher; diz a todos como o homem que a quer lhe dá um elevado valor, assim como o seu próprio acampamento. Honra o acampamento dele e deixa que mostrem que são bem-sucedidos e podem pagar o preço. Distingue o acampamento da mulher, mostra-lhes estima e respeito e lhes dá alguma coisa para compensar pela perda da mulher, se ela partir, como fazem algumas jovens, para formar novo acampamento ou para viver no

acampamento do homem. Porém, mais importante, ajuda-os a pagar um bom Preço de Noiva quando um dos seus homens desejar uma mulher, de forma a poderem exibir sua riqueza.

"As crianças nascem com o status de suas mães, ou seja, um Preço de Noiva alto as beneficia.

Embora o Preço de Noiva seja pago em presentes, e alguns sejam para o casal começar a vida juntos, o valor real é o status, o elevado conceito da mulher em seu próprio acampamento e em todos os outros, e o valor que ela dá ao seu companheiro e filhos.

Ayla ainda estava intrigada, mas Jondalar sacudia a cabeça afirmativamente, começando a compreender. Os detalhes específicos e complexos não eram os mesmos, porém os esboços gerais de valores e relacionamentos de parentesco não eram tão diferentes dos de seu próprio povo.

- Como se conhece o valor de uma mulher? Para fixar um bom Preço de Noiva? - perguntou o homem dos Zelandonii.

- O Preço de Noiva depende de muitas coisas. Um homem irá sempre tentar encontrar uma mulher com o status mais elevado que ele possa pagar porque, quando ele deixa sua mãe, assume o status de sua companheira que é ou será uma mãe. Uma mulher que provou sua maternidade tem um valor mais alto, assim, as mulheres com filhos são grandemente desejadas. Os homens tentarão, muitas vezes, aumentar o valor de sua provável companheira porque é benefício para eles; dois homens que estão competindo por uma mulher de alto valor talvez combinem seus recursos., se puderem se dar bem e ela concordar., e sobem ainda mais o Preço de Noiva. Às vezes, um homem se unirá a duas mulheres, especialmente irmãs que não querem se separar. Então, ele consegue o status da mulher de categoria mais alta e é considerado com distinção, o que

lhe dá certo status adicional. Ele mostra que é capaz de sustentar duas mulheres e seus futuros filhos. Gêmeas são consideradas bênção especial, raramente são separadas.

- Quando meu irmão encontrou uma mulher entre os Sharamudoi, ele tinha laços de parentesco com uma mulher chamada Tholie, que era Mamutoi. Uma vez ela me contou que foi "roubada", embora concordasse com isso - falou Jondalar - Negociamos com os Sharamudoi, mas nossos costumes não são os mesmos. Tholie era uma mulher de status elevado. Perdê-la para outros significou ceder alguém que não era apenas valioso., e pagaram um bom Preço de Noiva., mas que levaria o valor que ela havia recebido de sua mãe e o daria ao seu companheiro e filhos, valor que, eventualmente, teria sido trocado entre todos os Mamutoi. Não havia maneira de compensar isso. Era a perda para nós, embora seu valor fosse roubado de nós. Mas Tholie estava apaixonada e determinada a unir-se ao jovem Sharamudoi.

Assim, para resolver o caso, permitimos que ela fosse "roubada".

- Deegie diz que a mãe de Fralie fez Preço de Noiva baixo - falou Ayla.

O velho mudou de posição. Podia ver a que sua pergunta conduzia e não seria fácil responder. A maioria das pessoas compreendia seus costumes intuitivamente e não poderia dar uma explicação tão clara quanto Mamut. Muitos, em sua posição, teriam relutado em explicar crenças que normalmente teriam sido disfarçadas em histórias ambíguas, temendo que tal exposição direta e detalhada de valores culturais os despojasse de seu mistério e poder. Chegou mesmo a deixá-lo pouco à vontade, mas já fora levado a algumas conclusões e tomara algumas decisões sobre Ayla.

Queria que ela entendesse os conceitos e assimilasse seus costumes tão depressa quanto possível.

- Uma mãe pode ir para a fogueira de qualquer um dos seus filhos - disse ele. - Se faz isso... e em geral, não o fará até envelhecer., será a de um filho que ainda vive no mesmo acampamento. Seu companheiro se muda, em geral, com ela, mas ele pode voltar para o acampamento de sua mãe, ou viver com uma irmã se quiser. Muitas vezes, um homem se sente mais próximo dos filhos de sua companheira, dos filhos de sua fogueira, porque ele vive com eles e os treina, mas os filhos de sua irmã são seus herdeiros, e quando ele envelhece é responsabilidade deles. Usualmente, os idosos são bem-vindos, mas infelizmente, nem sempre.

Fralie é a única filha que resta a Crozie, por isto, onde sua filha vai, ela vai. A vida não tem sido boa para Crozie e ela não se tornou bondosa com a idade. Ela se apega e é dominadora e poucos homens desejariam dividir sua fogueira com ela. Teve que baixar muito o Preço de Noiva de sua filha depois que o primeiro marido de Fralie morreu, o que inflama e aumenta sua amargura.

Ayla concordou com um gesto de cabeça, depois franziu atesta, preo cupada.

- Iza me contou sobre velha que viveu com o clã de Brun antes de eu ser encontrada. Ela veio de outro clã. O companheiro morreu, nenhum filho. Ela não tinha valor, nem status, mas sempre tinha comida, lugar perto do fogo. Se Crozie não tivesse Fralie, para onde iria? Mamut ponderou a pergunta por um momento. Queria dar uma resposta totalmente verdadeira a Ayla.

- Crozie teria um problema, Ayla. Em geral, alguém que não tem parentes será adotado por outra fogueira, mas ela é tão desagradável, que não há muitos que a aceitariam. Provavelmente, encontraria o suficiente para comer e um lugar para dormir em qualquer

acampamento, mas depois de algum tempo a fariam ir embora, exatamente como seu acampamento as fez partir depois que o primeiro marido de Fralie morreu.

O velho feiticeiro continuou com uma careta.

- Frebec também não é muito agradável. O status de sua mãe era muito baixo, tinha poucos talentos e pouco a oferecer exceto uma inclinação para a bebida, assim, ele nunca teve muito para começar. Seu acampamento não quis Crozie e não se importava se ele partisse. Recusaram-se a pagar qualquer coisa. Por isto, o Preço de Noiva de Fralie foi tão baixo. A única razão pela qual estão aqui é por causa de Nezzie. Ela convenceu Talut a falar em nome deles, e foram aceitos. Há alguns, aqui, que lamentam.

Ayla balançou a cabeça, compreendendo. A situação era um pouco mais clara agora.

- Mamut, que...

- Nuvie! Nuvie! Ó Mãe! Ela está com asfixia! - gritou uma mulher, de repente.

Várias pessoas estavam de pé ao redor, enquanto sua filha de três anos tossia e cuspiava e lutava para respirar. Alguém bateu nas costas da criança, mas não deu resultado. Outros se encontravam de pé à sua volta, tentando dar conselhos, mas não sabiam o que fazer enquanto observavam a menina arquejar e se tornar azul.

Ayla abriu caminho entre a multidão e alcançou a criança quando ela perdia a consciência. Pegou a menina, sentou-se e colocou-a atravessada em seu colo, depois enfiou um dedo em sua boca para ver se encontrava a obstrução. Quando isto não teve sucesso, Ayla se levantou, virou a criança ao contrário e segurou-a pela cintura com um braço, fazendo com que pendessem sua cabeça e braços, e golpeou-a com força entre os ombros. De pois, colocou os braços por trás da criança flácida e empurrou com um movimento brusco.

Todos retrocederam, as respirações suspensas, observando a mulher que parecia saber o que fazia, numa luta de vida ou morte para desobstruir o bloqueio na garganta da meninazinha. A criança parara de respirar, em bora seu coração ainda batesse. Ayla deitou a criança e se ajoelhou ao seu lado. Viu uma peça de roupa, a parka da criança e enfiou-a sob seu pescoço para manter a cabeça para trás e a boca aberta. Então, mantendo o narizinho fechado, a mulher colocou sua boca sobre a da criança e inspirou o mais forte possível, criando uma forte sucção. Manteve a pressão até estar, ela própria, quase sem ar.

De repente, então, com um ruído abafado, ela sentiu um objeto voar para sua boca e quase se alojar em sua própria garganta. Ayla ergueu a boca e cuspiu um pedaço de osso cartilaginoso com carne agarrada a ele. Inspirou profundamente, empurrou o cabelo para trás, e cobrindo a boca da criança imóvel com a sua, novamente, cedeu sua respiração, para reanimar os pulmões sem vida. O pequeno peito se ergueu. Ela repetiu o gesto várias vezes.

De repente, a criança recomeçou a tossir e cuspir e depois respirou fundo, asperamente.

Ayla ajudou Nuvie a sentar-se quando ela recomeçou a respirar, só então tendo consciência de Tronie que soluçava, aliviada ao ver sua filha ainda viva.

Ayla vestiu sua parka pela cabeça, afastou o capuz para trás e abaixou o olhar para a fila de fogueiras. Na última, a Fogueira dos Auroques, viu Deegie de pé próxima ao fogo, escovando seu cabelo castanho abundante e fazendo um coque enquanto conversava com alguém em um estrado-cama. Ayla e Deegie tinham-se tornado boas amigas nos últimos poucos dias e geralmente saíam juntas de manhã. Enfiando um grampo de cabelo de marfim - comprido e fino esculpido de uma presa de mamute e polido suavemente - Deegie

acenou para Ayla e fez um sinal, "Espere por mim, irei com você".

Capítulo 6

Tronie estava sentada sobre um leito na fogueira vizinha à Fogueira do Mamute, amamentando Hartal. Sorriu para Ayla e chamou-a. Ayla entrou na área definida como Fogueira da Rena e sentou-se ao lado dela; de pois se inclinou e fez cócegas no bebê. Ele soltou o peito da mãe um instante, riu e deu chutes; depois procurou o seio materno para mamar novamente.

- Ele já conhece você - disse Tronie.

- Hartal está feliz, saudável. Cresce depressa. Onde está Nuvie? - Manuv a levou lá fora mais cedo. Ele ajuda tanto com ela, que estou contente por ele ter vindo morar conosco. Tornec tem uma irmã com quem poderia ter ficado. O velho e o jovem sempre parecem se dar bem, mas Manuv passa quase todo o seu tempo com a pequenina e não é capaz de recusar-lhe coisa alguma. Especialmente agora, depois que quase a perdemos. - A jovem mãe colocou o bebê ao ombro para dar palmadinhas em suas costas, depois voltou-se a Ayla de novo. - Não tive uma chance, realmente, de falar com você a sós. Gostaria de lhe agradecer novamente.

Todos somos tão gratos... eu tive medo de que ela... ainda tenho pesadelos. Eu não sabia o que fazer. Não sei o que teria feito se você não estivesse presente. - Ficou com a voz embargada enquanto lágrimas surgiam em seus olhos.

- Tronie, não fale. Não é necessário agradecer. É meu... Não sei a palavra. Tenho conhecimento... é necessário para mim.

Ayla viu Deegie atravessar a Fogueira da Garça e notou que Fralie a observava. Havia olheiras fundas em redor de seus olhos e ela parecia mais cansada do que deveria estar. Ayla andara observando-a e embora sua

gravidez já estivesse bem adiantada, a ponto de não dever mais ter enjôo matinal, Fralie ainda vomitava regularmente e não apenas de manhã. Ayla quis fazer um exame mais detalhado, porém Frebec ficara enfurecido quando ela o mencionara. Afirmou que porque impedira que alguém tivesse asfixia, isso não provava que ela conhecia alguma coisa sobre cura. Não estava convencido, só porque ela dizia isso, e não queria que uma mulher estranha desse mau conselho a Fralie. Isto deu motivo a Crozie para discutir com ele. Por fim, para parar com a briga, Fralie declarou que estava ótima e não precisava consultar Ayla.

Ayla sorriu para a mulher acossada, encorajando-a. Depois, pegando uma vasilha de couro, vazia, para água pelo caminho, dirigiu-se à entrada com Deegie. Quando atravessaram a Fogueira do Mamute e entraram na Fogueira da Raposa, Ranec levantou a cabeça e observou-as passar. Ayla teve a sensação distinta de que ele a observava durante toda a travessia da Fogueira do Leão e área de cozinhar até ela alcançar o arco interior, e teve que controlar o desejo de olhar para trás.

Quando afastaram a cortina exterior, Ayla pestanejou diante do brilho inesperado de um sol intenso num céu azul vivo. Era um desses dias quentes, tranquilos, de outono que chegavam como um presente raro, para serem lembrados na estação em que ventos cortantes, tempestades furiosas e frio intenso seriam o clima diário. Ayla sorriu com prazer e de repente recordou, embora não houvesse pensado naquilo havia anos, que Uba havia nascido num dia como aquele, no primeiro outono depois do clã de Brun encontrá-la.

A habitação comunal e a área nivelada à sua frente foram cavadas mais ou menos à metade de uma encosta que dava para o oeste. Da entrada, a vista era ampla e Ayla ficou parada um instante, apreciando. O rio apressado cintilava e resplandecia como se murmurasse

um líquido subtom à interação da água e da luz solar e, do outro lado, numa névoa distante, ela viu uma escarpa semelhante. O rio largo e rápido, abria um canal através das vastas estepes descampadas, stava ladeado por taludes de terra erodida.

Da banquetta arredondada do platô acima até a larga planície aluvial abaixo, o bom solo de loesse era marcado por ravinas profundas; o trabalho da chuva, a neve derretida, e o escoamento das grandes geleiras para o norte durante o fluxo primaveril. Poucos pinheiros e lanços verdes se erguiam eretos e rígidos em seu isolamento, disseminados esparsamente entre o emaranhado reclinado de arbustos desfolhados no terreno mais baixo. Rio abaixo, ao longo de sua margem, as espigas de tifáceas misturavam-se com canas e junças. Sua visão rio acima estava bloqueada pela curva do rio, mas Whinney e Racer pastavam por perto, no capim seco, vertical, que cobria o equilíbrio da paisagem árida, seca.

Um salpico de poeira aterrissou aos pés de Ayla. Ela ergueu a cabeça surpresa para os olhos azuis, vívidos de Jondalar. Talut estava ao lado dele, com um largo sorriso no rosto. Ela ficou espantada ao ver mais algumas pessoas no alto da habitação.

- Suba, Ayla. Eu ajudo - disse Jondalar.

- Agora não. Depois. Acabei de sair. Por que estão aí em cima? - Estamos colocando os barcos bojudos sobre os buracos de fumaça - explicou Talut.

- O quê? - Venha, eu explicarei - falou Deegie. - Estou pronta para urinar.

As duas jovens caminharam juntas em direção a uma ravina próxima. degraus tinham sido cortados rudemente na encosta íngreme que levava a várias grandes omoplatas de mamutes, achatadas, com buracos, colocadas sobre uma parte mais funda da ravina seca. Ayla ficou de pé sobre um dos ossos,

desatou a tira de suas calças, abaixou-as, depois se inclinou e acocorou-se sobre a abertura, ao lado de Deegie, perguntando-se mais uma vez por que não pensara na postura quando tivera tanta dificuldade com suas roupas. Parecia tão simples e claro depois de ter observado Deegie, uma vez. Os conteúdos das cestas noturnas também eram atirados na ravina, assim como outro refugio, sendo tudo limpo pelas águas na primavera.

Afastaram-se e desceram para o rio ao lado da larga ravina. Um riacho, cuja nascente mais ao norte já estava congelada, escorria pelo meio. Quando a estação mudasse novamente, a vala carregaria uma corrente enraivecida. As partes mais altas de alguns crânios de mamutes estavam invertidas e fincadas perto da margem juntamente com algumas canecas toscas de cabo comprido, feitas de ossos das pernas.

As duas mulheres encheram as bacias de crânios de mamute com água tirada do rio e, de uma sacola que trouxera consigo, Ayla salpicou pétalas esbranquiçadas - antes os ramos azuis-claros de flores de ceanoto, ricas em saponina às mãos. Esfregando com mãos molhadas criou uma substância espumosa para lavar, levemente arenosa, que deixava um perfume suave em rosto e mãos limpos. Ayla arrancou um graveto, mastigou a ponta partida e usou-a sobre os dentes, um hábito adquirido com Jondalar.

- O que é um barco bojudo? - perguntou Ayla enquanto voltavam carregando uma de cada lado o estômago de bisão impermeável, abaulado com água fresca.

- Nós os usamos para atravessar o rio, quando não está muito agitado. Você começa com uma armação de osso e lã em forma de uma tigela grande, um bojo, que poderá conter duas ou talvez três pessoas e cobre-a com uma pele em geral de auroques, o pêlo voltado para o

lado exterior e bem oleado. Galhada de megáceros com algumas aparas dá bons remos... Para mover a embarcação através da água - explicou Deegie.

- Por que os barcos no alto da moradia? - É onde os colocamos sempre quando não os estamos usando, mas no inverno cobrimos as aberturas de fumaça com eles para que a chuva e a neve não entrem. Eles estavam atando os barcos aos buracos para que não fossem levados pelo vento. Mas você tem que deixar um espaço para a fumaça sair, e poder movê-la, e abaná-la para que se solte do interior se a neve subir.

Enquanto caminhavam juntas, Ayla pensava como era feliz por conhecer Deegie. Uba havia sido uma irmã e ela a amava, mas Uba era mais jovem e filha verdadeira de Iza; sempre existira uma diferença. Ayla jamais conhecera alguém de sua própria idade que parecesse compreender tudo o que ela dizia e com quem tivesse tanto em comum. Colocaram o pesado odre no chão, parando para descansar um pouco.

- Ayla, mostre-me como dizer "Eu amo você" com sinais, para eu poder dizer a Branag quando tornar a vê-lo - pediu Deegie.

- Clã não tem sinal como esse - disse Ayla.

- Não se amam? Você os faz parecer tão humanos quando fala deles que pensei que se amassem.

- Sim, se amam, mas são calados... não, essa não é a palavra correta.

- Acho que a palavra que quer é "Sutis" - disse Deegie.

- Sutis... sobre mostrar seus sentimentos. Uma mãe poderia dizer você me enche de felicidade" ao filho - replicou Ayla, mostrando o sinal adequado a Deegie - mas a mulher não seria tão aberta... não, óbvia? - questionou sua segunda escolha de palavras e esperou pelo gesto afirmativo de Deegie para continuar - óbvia sobre seus sentimentos por um homem.

Deegie estava curiosa.

- O que ela deveria fazer? Tive que deixar Branag saber como me sentia em relação a ele quando descobri que estivera me observando nas Reuniões de Verão, exatamente como eu o estivera examinando. Se não lhe pudesse dizer, não sei o que eu teria feito.

- Uma mulher do Clã não diz, mostra. Faz coisas para o homem que ama, cozinha como ele gosta, apronta seu chá preferido de manhã, quando ele acorda. Faz roupas de maneira especial... agasalho de pele do pêlo interior muito macio, ou proteções quentes para os pés, com pele dentro. Melhor ainda se a mulher conseguir saber o que ele quer, antes que peça. Mostra que ela presta muita atenção para aprender seus hábitos e inclinações, o conhece e se importa com ele.

Deegie concordou com um gesto de cabeça.

- É uma boa maneira de dizer a alguém que você o ama. É bonito fazer coisas especiais um para o outro. Mas, como uma mulher sabe que o homem a ama? O que um homem faz por uma mulher? - Uma vez, Goov se arriscou para matar um leopardo da neve que era assustador para Oвра, porque estava rondando muito perto da caverna. Ela sabia que ele fizera isso por ela, embora ele desse a pele a Creb e Iza tivesse feito um agasalho de pele para mim - explicou Ayla.

- Isso é sutil! Não estou certa se eu teria compreendido. - Deegie riu. - Como sabe que ele se arriscou por causa dela? - Oвра me contou, mais tarde. Eu não sabia, na época. Eu era criança. Ainda aprendia. Sinais manuais, não toda a linguagem do Clã. Muito mais era dito no rosto, olhos e corpo. A maneira de andar virando a cabeça, músculos dos ombros rígidos, se você sabe o que significa, dizem mais do que palavras. Levei muito tempo para aprender linguagem do Clã.

- Estou surpresa como aprendeu Mamutoi depressa! Eu a tenho visto, está melhor a cada dia.

Quisera ter seu talento para línguas.

- Ainda não estou segura, há muitas palavras que ignoro, mas penso em dizer as palavras na forma de linguagem do Clã. Ouço as palavras e observo a expressão dos rostos, sinto como as palavras soam e se unem e vejo como o corpo se move., e tento lembrar. Quando mostro a Rydag e aos outros os sinais manuais, aprendo também. Aprendo mais sua língua. Devo aprender, Deegie - acrescentou Ayla com um ardor que revelava sua sinceridade.

- Não é apenas um jogo para você, é? Como os sinais manuais para nós. É engraçado pensar que podemos ir à Reunião de Verão e falar um com o Outro sem mais ninguém saber.

- Estou feliz porque todos se divertem e querem saber mais. Por Rydag. Ele se diverte agora, mas não é uma brincadeira para ele.

- Não, suponho que não seja. - Pegaram o odre de novo. Depois, Deegie parou e olhou para Ayla. - No princípio, não entendi por que Nezzie quis ficar com ele. Mas depois acostumei-me a ele e comecei a gostar dele. Agora, é um de nós, e sentiria sua falta se ele não estivesse aqui, mas nunca me ocorreu que, talvez, ele quisesse falar antes daquela noite. Nunca imaginei que ele sequer pensasse nisso.

Jondalar estava de pé à entrada da moradia comunal, observando as duas jovens profundamente envolvidas na conversa enquanto se aproximavam, satisfeito por ver Ayla dando-se tão bem.

Quando refletiu a respeito, parecia bastante espantoso que, de todos os povos que pudessem ter encontrado, o grupo que descobriram tivesse uma criança de espíritos mistos em seu meio e, assim, estivesse mais ansioso que a maioria, provavelmente, para aceitá-la. Ele estivera certo sobre uma coisa,

todavia. Ayla não hesitou em contar a todos sobre sua formação.

Bem, ao menos ela não lhes contara sobre seu filho, pensou ele. Uma coisa era uma pessoa como Nezzie abrir seu coração para um órfão, outra, bem diferente, acolher uma mulher cujo espírito havia se misturado ao de um cabeça-chata, e que dera à luz uma abominação. Havia sempre um temor oculto de que pudesse acontecer de novo, e se ela atraísse o tipo errado de espíritos, talvez eles se espalhassem por outras mulheres próximas.

De súbito, o homem atraente e alto corou. Ayla não acha que seu filho é uma abominação, refletiu, mortificado. Ele havia vacilado, sentira-se repugnado, quando Ayla lhe contara pela primeira vez sobre o filho e ela ficara furiosa. Jamais a vira tão zangada, mas seu filho era seu filho e, certamente, ela não se envergonhava dele. Ela tem razão. Doni me contou num sonho. Cabeças-chatas... o Clã... são filhos, também, da Mãe. Veja Rydag. É muito mais inteligente do que imaginei que alguém como ele pudesse ser. É um pouco diferente, mas é humano e muito simpático.

Jondalar havia passado algum tempo com o menino e descoberto como era esperto e maduro, com uma graça até mesmo irônica, principalmente quando sua diferença ou fraqueza era mencionada.

Vira adoração nos olhos de Rydag sempre que o menino fitava Ayla. Ela lhe contara que meninos da idade de Rydag estavam mais perto da virilidade no Clã, mais como Danug, mas também era verdade que sua fraqueza talvez o tivesse amadurecido além de sua idade.

Ela está certa. Sei que tem razão sobre eles. Mas, se ela não falasse a respeito deles, seria muito mais fácil. Ninguém sequer saberia, se não contasse Ela os considera sua gente, Jondalar, censurou-se ele, sentindo

o rosto rubro de novo, encolerizado com seus próprios pensamentos. Como você se sentiria se alguém lhe dissesse para não falar das pessoas que o criaram e cuidaram de você? Se ela não se envergonha de seu povo, por que você deveria se envergonhar? Isto não tem sido tão mau assim. De qualquer forma, Frebec é um encenqueiro. Mas ela não sabe como as pessoas podem atacá-lo e a qualquer pessoa que estiver em sua companhia.

Talvez seja melhor que não saiba. Talvez não vá acontecer. Ela já levou a maioria deste acampamento a falar como os cabeças-chatas, inclusive a mim.

Depois de Jondalar ter visto como quase todos estavam ansiosos para aprender a maneira de comunicação do Clã, ele passou a tomar parte nas lições improvisadas que pareciam ter origem sempre que alguém fazia perguntas sobre o assunto. Encontrava-se cativado pela diversão do novo jogo, enviando sinais a distância, fazendo brincadeiras silenciosas, como dizer uma coisa e fazer o sinal de outra pelas costas de alguém. Estava surpreso com a profundidade e plenitude da fala silenciosa.

- Jondalar, seu rosto está vermelho. Em que estaria pensando? - interrogou Deegie em tom provocador quando chegaram à arcada.

A pergunta o pegou desprevenido, lembrou-o de sua vergonha e ele corou ainda mais em seu embaraço.

- Devo ter estado perto demais do fogo - resmungou, virando-se e afastando-se.

Por que Jondalar diz palavras que não são verdadeiras?, perguntou-se Ayla, notando-lhe a testa enrugada e os belos olhos azuis profundamente perturbados antes de ele desviá-los. Ele não está vermelho do fogo. Está corado de emoção. Exatamente quando acho que estou começando a entender, ele faz

algo que não compreendo. Eu o observo, tento prestar atenção.

Tudo parece maravilhoso. Depois, sem qualquer razão, de repente, ele fica zangado. Vejo que está zangado, mas não entendo por que motivo. É como nos jogos, dizendo uma coisa com as palavras e outra com os sinais. Como quando diz palavras bonitas a Ranec, mas seu corpo diz que ele está com raiva. Por que Ranec o encoleriza? E, agora, alguma coisa o incomoda, mas diz que o fogo o fez ficar vermelho, O que estou fazendo de errado? Por que não o compreendo? Entenderei, um dia? Os três se viraram para entrar e quase esbarraram em Talut que saía da habitação comunal.

- Vinha procurá-lo, Jondalar - disse o chefe. - Não quero perder um dia tão bom, e Wymez fez exploração não-planejada ao voltar para cá. Ele disse que passou por uma manada de inverno de bisões. Depois de comermos vamos caçá-los. Gostaria de ir conosco? - Sim, gostaria! - exclamou Jondalar com um sorriso largo.

- Pedi a Mamut para sentir o tempo e procurar o rebanho. Ele diz que os sinais são bons, e que a manada não foi para longe. Disse outra coisa também, que não compreendo. Disse "A saída também é a entrada". Entende isso? - Não, mas não é incomum. Aqueles Que Servem a Mãe dizem, muitas vezes, coisas que não compreendo - Jondalar sorriu. - Falam com palavras obscuras.

- Às vezes pergunto-me se sabem o que querem dizer - falou Talut.

- Se vamos caçar, gostaria de lhe mostrar uma coisa que pode ser útil.

- Jondalar os conduziu ao estrado de dormir na Fogueira do Mamute. Pegou um punhado de lanças leves e um implemento que era desconhecido de Talut. - Fi-lo no vale de Ayla e temos caçado com isso, desde então.

Ayla recuou, observando, sentindo uma tensão terrível crescer em seu íntimo. Queria desesperadamente ser incluída, mas não estava segura de como aquelas pessoas reagiriam diante de mulheres caçadoras. Caçar havia sido causa de grande angústia para ela no passado. As mulheres do Clã eram proibidas de caçar, ou mesmo de tocar em armas de caça, mas ela havia aprendido sozinha a usar uma funda, apesar do tabu e do castigo ter sido severo quando foi descoberta.

Depois, resistira e teve até permissão para caçar em base limitada para acalmar seu totem poderoso que a protegera. Mas sua caça fora apenas mais uma razão para Broud odiá-la e posteriormente contribuiu para sua expulsão.

Sim, caçar com sua funda aumentara suas chances quando vivia sozinha no vale e lhe dera incentivo e encorajamento para expandir sua habilidade. Ayla sobrevivera por causa das artes que aprendera como uma mulher do Clã e sua própria inteligência e coragem lhe deram a capacidade de cuidar de si mesma. Mas caçar passara a simbolizar para ela mais do que a segurança de depender e ser responsável por si mesma; apoiava a independência e liberdade que eram o resultado natural.

Não desistiria da caça facilmente.

- Ayla, por que não pega seu arremessador de lanças também? - falou Jondalar, depois tornou a virar-se para Talut. - Tenho mais força, porém Ayla é mais precisa do que eu, pode lhe mostrar o que isto pode fazer, melhor do que eu. Na verdade, se quiser ver uma exibição de precisão, deve vê-la com uma funda. Acho que sua perícia lhe dá vantagem com estas armas.

Ayla soltou a respiração - não sabia que a estivera prendendo - e foi buscar seu arremessador e lanças enquanto Jondalar conversava com Talut. Ainda era difícil acreditar como aquele homem dos Outros aceitara

seu desejo e habilidade para caçar e como ele falara natural e elogiosamente de sua perícia. Ele parecia presumir que Talut e o Acampamento do Leão a aceitariam como caçadora também. Ela lançou um olhar a Deegie, perguntando-se qual seria a opinião de uma mulher.

- Deve avisar a Mãe se vai experimentar uma nova arma na caça, Talut. Sabe que ela querera vê-la também - falou Deegie. - Acho que vou buscar minhas lanças e fardos, agora. E uma tenda.

Provavelmente, passaremos a noite fora.

Depois do desjejum, Talut se dirigiu a Wymez e se acorou perto de uma área de terra macia, próxima a uma das fogueiras menores do espaço de cozinhar, bem iluminado pela luz que entrava pelo buraco da fumaça. Fincado no solo perto da extremidade, estava um implemento feito de um osso de perna de veado. Tinha a forma de uma faca ou de uma adaga afilada, com um fio reto e cego que vinha da junta do joelho até uma ponta. Talut, segurando-a pelo nó da junta, aplainou o chão com a extremidade plana da faca. Depois, mudando-a de posição, começou a traçar marcas e linhas na superfície com a ponta. Várias pessoas reuniram-se à sua volta.

- Wymez disse que viu o bisão perto dos três aforamentos a nordeste, próximo do tributário do riacho que descarrega rio acima - começou o chefe, explicando enquanto desenhava um mapa grosseiro da região com a faca.

O mapa de Talut não era nem uma reprodução visual aproximada nem um desenho esquemático.

Não era necessário representar a localização com precisão. O povo do Acampamento do Leão conhecia a região e o desenho não passava de uma ajuda mnemônica para lembrá-los de um local que lhes era familiar. Consistia de linhas e marcas convencionais que representavam sinais e idéias que eram compreendidos.

O mapa não indicava a rota que o rio tomava atravessando a terra; sua perspectiva não era uma vista geral. Ele traçava linhas em ziguezague e espinha de peixe para indicar o rio, e ligava-as aos dois lados de uma linha reta para mostrar um afluente. No nível da superfície de sua paisagem aberta, plana, os rios eram troncos de água que se juntavam algumas vezes.

Eles sabiam de onde os rios vinham e aonde levavam, e que os rios podiam ser seguidos para se chegar a um determinado destino, mas também outros pontos de referência o podiam, e um afloramento rochoso tinha menos possibilidade de mudar. Numa terra tão próxima de uma geleira, ainda sujeita a mudanças sazonais de latitudes mais baixas, o gelo e a camada de permafrost - solo que estava permanentemente congelado - causavam alterações drásticas na paisagem. Exceto em relação ao maior deles, a enchente como escoamento glacial podia mudar o curso de um rio de uma estação para a outra tão facilmente quanto as colinas geladas do inverno se derretiam nos pântanos do verão. Os caçadores de mamutes imaginavam seu solo como um todo interligado, em que os rios eram apenas um elemento.

Tampouco Talut concebia desenhar linhas para determinar a extensão de um rio ou trilha em quilômetros ou passos. Essas medidas lineares tinham pouco significado. Compreendiam a distância não em termos de quão longe era um local, mas quanto tempo seria necessário para chegar lá, e isso era mais bem demonstrado por uma série de linhas indicando o número de dias, ou algumas outras marcas de número ou tempo. Mesmo assim, um local talvez ficasse mais distante para algumas pessoas do que para outras, ou o mesmo lugar talvez ficasse mais longe em uma estação do que em outra porque se demorava mais para viajar até ele. A distância percorrida por todo o acampamento

era avaliada pela extensão de tempo que o mais lento levava. O mapa de Talut era perfeitamente claro para os membros do Acampamento do Leão, mas Ayla observava com fascinação e curiosidade.

- Wymez, diga-me onde eles estavam - falou Talut.

- No lado sul do afluente - replicou Wymez, pegando a faca de desenho de osso e acrescentando algumas linhas adicionais. - É rochoso, com afloramentos íngremes, mas a planície aluvial é grande.

- Se continuarem subindo a corrente, não existem muitas saídas da quele lado - disse Tulie.

- Mamut, o que acha? - indagou Talut. - Você disse que eles não foram longe.

O velho feiticeiro pegou a faca e fez uma pausa por um instante, com os olhos fechados.

- Existe uma corrente que se aproxima, entre o segundo e o último afloramento - disse ele, enquanto desenhava. - Provavelmente, eles se moverão nessa direção, imaginando que levará a uma saída.

- Conheço o lugar! - exclamou Talut. - Se se subir a corrente, a planície aluvial se estreita e, depois, é cercada por rocha escarpada. É um bom local para encurralá-los. Quantos são? Wymez pegou o instrumento de desenho e fez várias linhas ao longo da margem, hesitou e acrescentou mais uma.

- Vi este número, tenho certeza - disse, cravando a faca de osso no solo.

Tulie pegou a faca e ajuntou mais três linhas.

- Vi três atrasados, um parecia bem novo, talvez estivesse fraco.

Danug pegou a faca e traçou mais uma linha.

- Acho que era um gêmeo. Vi outro extraviado. Você viu dois, Deegie? - Não me lembro.

- Ela só tinha olhos para Branag - falou Wymez com um sorriso afável.

- Esse local fica a meio dia daqui, não é? - perguntou Talut.

Wymez concordou com um gesto de cabeça.

- Meio dia, em boa marcha.

- Então, devemos partir imediatamente. - O chefe fez uma pausa, pensativo. - Faz algum tempo desde que estive lá. Gostaria de saber qual a configuração do terreno. Pergunto-me...

- Alguém que quisesse correr poderia chegar lá mais depressa e explorar o terreno e depois nos encontrar ao voltar - disse Tulie, adivinhando O que o irmão pensava.

- É uma corrida longa.. - disse Talut e lançou um olhar a Danug.

O rapaz alto, desajeitado, ia falar, mas Ayla o fez primeiro.

- Não é um percurso longo para um cavalo. Os cavalos correm muito. Eu poderia montar Whinney... mas não conheço o local - disse ela.

Talut pareceu surpreso a princípio, depois sorriu largamente.

- Eu poderia lhe dar um mapa como este! - exclamou, apontando para o desenho no solo. Olhou ao redor e descobriu uma lasca de marfim perto da pilha de ossos para combustível, depois pegou sua faca aguçada, de sílex. - Escute, você vai para o norte até chegar ao grande rio - começou a gravar linhas em ziguezague para indicar a água. - Há um menor que deve atravessar primeiro. Não se deixe confundir por ele.

Ayla enrugou a testa.

- Não entendo mapa - disse. - Nunca vi mapa antes.

Talut pareceu desapontado e devolveu o marfim à antiga pilha.

- Não haveria alguém para ir com ela? - sugeriu Jondalar. - O cavalo pode carregar duas pessoas. Eu já montei a égua com ela.

Talut tornou a sorrir.

- Boa idéia! Quem quer ir? - Eu irei! Conheço o caminho - gritou uma voz, seguida rapidamente por outra.

- Conheço o caminho. Acabei de vir de lá.

Latie e Danug tinham falado juntos e vários outros pareciam prontos para ir.

Talut olhou de um para o outro, depois deu de ombros, estendendo as duas mãos e se virou para Ayla.

- A escolha é sua.

Ayla olhou para o rapaz, quase tão alto quanto Jondalar, com cabelo ruivo, da cor do de Talut, e a penugem clara de uma barba incipiente. De pois para a menina alta e magra, não ainda uma mulher, mas quase sendo, com cabelo louro-escuro, uma ou duas tonalidades mais claro que o de Nezzie, Havia esperança e ansiedade nos dois pares de olhos. Ela não sabia qual escolher. Danug era quase um homem. Achou que devia levá-lo, mas alguma coisa em Latie fazia Ayla lembrar de si mesma, e ela recordou a expressão de desejo que havia visto no semblante da menina, na primeira vez que Latie vira os cavalos.

- Acho que Whinney irá mais depressa se não carregar peso demais. Danug é homem - disse Ayla, endereçando-lhe um sorriso afetuoso, cálido. - Acho que Latie é melhor, desta vez.

Danug concordou com um gesto de cabeça, parecendo aturdido, e recuou tentando encontrar um modo de enfrentar a repentina onda de emoções diversas que, inesperadamente, o dominava. Ele estava dolorosamente desapontado por Latie ter sido escolhida, mas o sorriso radiante de Ayla quando o chamara de homem fizera com que seu sangue corresse para o rosto e o coração batesse mais depressa... e sentiu um aperto embaraçoso em seus rins.

Latie apressou-se para trocar a roupa pelas peles de rena leves e quentes que usava para viajar, arrumou sua mochila, ajuntou comida e a sacola de água que Nezzie lhe preparou, e estava do lado de fora e pronta antes de Ayla se vestir. Observou enquanto Jondalar ajudava Ayla a prender as cestas laterais em Whinney com o arranjo de arreios que ela havia idealizado. Ayla colocou numa cesta a comida que Nezzie lhe deu juntamente com a água por cima de suas outras coisas, pegou a mochila de Latie, e a colocou na outra cesta. Depois, segurando a crina de Whinney, Ayla deu um salto rápido e montou, uma perna de cada lado. Jondalar ajudou a menina a montar. Sentada na frente de Ayla, do dorso da égua castanha, Latie abaixou o olhar para as pessoas de seu acampamento, com os olhos cheios de felicidade.

Danug se aproximou um pouco timidamente delas, e entregou a lasca de marfim a Latie.

- Tome, eu terminei o mapa que Talut começou, para tornar o local mais fácil de achar - disse.

- Oh, Danug, obrigada! - exclamou Latie, e agarrou-o pelo pescoço para abraçá-lo.

- Sim, obrigada, Danug - disse Ayla, enviando-lhe seu sorriso sincero.

O rosto de Danug ficou quase tão vermelho quanto seu cabelo. Quando a mulher e a menina começaram a subir a encosta montadas na égua, ele acenou para elas com a palma da mão de frente para ele, num gesto de "regresso".

Jondalar, com o braço ao redor do pescoço arqueado do potro que se esforçava para ir atrás delas, com a cabeça erguida e focinho no ar, colocou o outro braço ao redor do ombro do rapaz.

- Foi muita bondade sua. Sei que você queria ir. Estou certo de que poderá montar a égua em outra ocasião. - Danug sacudiu a cabeça apenas, concordando.

Naquele momento, ele não pensava exatamente em montar a cavalo.

Assim que alcançaram as estepes, Ayla se comunicou com a égua com pressões sutis e movimentos corporais, e Whinney começou a galopar na direção norte. O solo se toldava com o movimento sob os cascos rapidíssimos e Latie mal podia acreditar que atravessava as estepes no dorso de um cavalo. Ela sorria com orgulho quando partiram e o sorriso perdurava, porém ela fechava os olhos às vezes e se inclinava à frente a fim de sentir o vento no rosto. Estava indescritivelmente entusiasmada; jamais sonhara que podia haver algo tão excitante.

O resto dos caçadores a seguiu não muito tempo depois de sua partida. Todos que eram capazes e queriam ir, foram. A Fogueira do Leão contri buiu com três caçadores. Latie era jovem e só recentemente tivera permissão de se reunir a Talut e Danug. Estava sempre ansiosa a ir, como a mãe o estivera quando jovem, mas Nezzie não acompanhava mais os caçadores com freqüência, agora. Ficava para tomar conta de Rugie e Rydag e ajudar a vigiar as outras crianças pequenas. Não participara de muitas caçadas desde que acolhera Rydag.

A Fogueira da Raposa tinha apenas dois homens e ambos, Wymez e Ranec, caçavam, mas nenhum da Fogueira do Mamute o fazia, exceto os Visitantes, Ayla e Jondalar. Mamut era velho demais.

Embora quisesse ter ido, Manut ficou para não atrasar os outros. Tronie permaneceu também, com Nuvie e Hartal. Exceto por um passeio Ocasional, onde mesmo as crianças podiam ajudar, ela não mais fazia viagens para caçar, tampouco. Tornec era o único caçador da Fogueira da Rena, assim como Frebec, o único caçador da Fogueira da Garça. Fralie e Crozie permaneceram no acampamento com Crisavec e Tasher.

Tulie quase sempre encontrara um meio de reunir-se a grupos de caça, mesmo quando tinha filhos pequenos, e a Fogueira dos Auroques estava bem representada. Além da chefe, Barzec, Deegie e Druwez, foram todos. Brinan se empenhou o máximo para que sua mãe o deixasse ir, mas foi deixado com Nezzie juntamente a sua irmã, Tusie, acalmando-se com a promessa de que, breve, ele teria idade suficiente.

Os caçadores subiram com esforço a encosta, juntos, e Talut acelerou o passo quando alcançaram a pastagem plana.

- Acho que o dia está bom demais para desperdiçar, também - disse Nezzie, pousando sua tigela com firmeza e falando ao grupo reunido ao redor da fogueira ao ar livre para cozinhar, depois que os caçadores partiram. Bebiam chá e terminavam o desjejum. - Os cereais estão secos e maduros, e tenho querido subir e colher a riqueza de um último bom dia. Se nos dirigirmos àquela plataforma de pinheiros-mansos perto do riacho, podemos colher as pinhas maduras dos estróbilos, se houver tempo. Mais alguém deseja ir? - Não sei se Fralie deve caminhar tanto - disse Crozie.

- Oh, mamãe - falou Fralie. - Uma pequena caminhada me fará bem, e se o tempo ficar ruim, todos teremos que ficar dentro de casa a maior parte do tempo. Isso acontecerá muito breve. Eu gostaria de ir, Nezzie.

- Bem, é melhor eu ir, então, para ajudar você com as crianças - disse Crozie, como se fizesse um grande sacrifício, embora a idéia de um passeio lhe parecesse boa.

Tronie não relutou em admitir isso: - Que boa idéia, Nezzie! Estou certa de que posso colocar Hartal na acomodação das costas; assim, poderei carregar Nuvie quando ela ficar cansada. Não há nada que me agrada mais do que passar um dia fora.

- Carregarei Nuvie, você não precisa carregar duas crianças - falou Manuv. - Mas, acho que pegarei as pinhas primeiro e deixarei a colheita de cereais para o resto de vocês.

- Acho que também vou, Nezzie - disse Mamut. - Talvez Rydag não se importe com a companhia de um velho e talvez me ensine mais sobre os sinais de Ayla, já que ele é tão bom neles.

- Você é muito bom em sinais, Mamut - indicou Rydag. - Aprende os sinais depressa, talvez me ensine.

- Talvez possamos ensinar um ao outro - Mamut respondeu por sinais.

Nezzie sorriu. O velho nunca tratara o filho de espíritos mistos de forma diferente das outras crianças do acampamento, exceto para mostrar consideração extra por sua fraqueza, e muitas vezes a ajudara com Rydag. Parecia haver uma intimidade especial entre eles, e ela suspeitava de que Mamut ia acompanhá-los para manter o menino ocupado enquanto o resto trabalhava. Sabia que ele também impediria que alguém exercesse pressão, inadvertidamente, sobre Rydag para se mover mais depressa do que devia.

Ele podia se retardar se visse que o menino se esforçava demais e culpar sua idade avançada. Ele havia feito isso antes.

Quando todos se reuniram fora da habitação comunal, com cestas para colher e carregar, mochilas de couro, sacos de água e alimento para uma refeição do meio-dia, Mamut trouxe uma pequena figura de mulher madura esculpida em marfim e fincou-a ao solo diante da entrada. Disse algumas palavras que somente ele compreendeu e mais ninguém, e fez gestos evocativos. Todos do acampamento sairiam, a moradia ficaria vazia, e ele invocava o Espírito de Mut, a Grande Mãe, para que guardasse e protegesse a habitação em sua ausência.

Ninguém violaria a proibição de entrada que a figura da Mãe à porta representava. A não ser por absoluta necessidade, ninguém ousaria arriscar-se às conseqüências resultantes, segundo todos acreditavam, de tal ato. Mesmo se a necessidade fosse terrível - se alguém estivesse ferido, ou apanhado em uma tempestade de neve e precisasse de abrigo - medidas imediatas seriam tomadas para aplacar uma protetora provavelmente encolerizada e vingativa. Compensação maior e acima do valor de qual quer coisa utilizada seria paga pela pessoa, ou a família ou acampamento da pessoa, o mais cedo possível. Doações e presentes seriam dados aos membros da Fogueira do Mamute para acalmar o Espírito da Grande Mãe com pedidos e explicações, e promessas de futuras boas ações ou atividades com pensadoras. A ação de Mamut era mais eficaz que qualquer fechadura.

Quando Mamut se virou e se afastou da entrada, Nezzie levantou a cesta até suas costas e prendeu sua correia à testa, pegou Rydag e colocou-o em seu quadril largo para carregá-lo encosta acima.

Depois, reunindo Rugie, Tusie e Brinan à sua frente, começou a subir as estepes. Os outros a seguiram e, logo, a outra metade do acampamento caminhava através das pastagens abertas para um dia de trabalho, colhendo os grãos e sementes que tinham sido plantados e oferecidos a eles pela Grande Mãe Terra. O trabalho e a contribuição para a sua sobrevivência por parte dos colhedores eram tidos como tão valiosos quanto o trabalho dos caçadores, porém, nenhum dos dois era somente trabalho. O companheirismo e a participação tornavam o trabalho divertido.

Ayla e Latie chafurdavam num riacho raso, mas Ayla reduziu a marcha do animal antes de chegarem ao próximo rio um pouco mais extenso.

- este rio que devemos seguir? - perguntou.

- Acho que não - respondeu Latie. Depois consultou as marcas no pedaço de marfim. - Não.

Está vendo?, este aqui é o riacho que atravessamos. E cruzamos este também. Viramos e seguimos o próximo, corrente acima.

- Não parece fundo aqui. É um bom lugar para atravessar? Latie olhou rio acima e rio abaixo.

- Há um lugar melhor um pouco acima. Temos apenas que tirar as botas e enrolar as calças.

Subiram a corrente, mas quando chegaram ao passo largo e raso, onde a água espumava ao redor de pedras salientes, Ayla não parou. Virou Whinney para a água e deixou a égua escolher seu caminho. Do outro lado, a égua se afastou a galope e Latie tornou a sorrir.

- Nem mesmo nos molhamos! - exclamou. - Somente alguns salpicos.

Quando alcançaram o rio seguinte e viraram a leste, Ayla diminuiu a marcha um pouco para dar descanso a Whinney mas mesmo a andadura mais lenta do animal era tão mais rápida que os passos de um homem, andando ou correndo, que cobriram a distância rapidamente. O terreno mudou enquanto prosseguiram, tornando-se mais acidentado e ganhando em altura. Quando Ayla parou e apontou para um rio do lado oposto que formava um largo "V" com aquele que tinham seguido, Latie ficou surpresa. Não esperava ver o afluente tão cedo, mas Ayla havia notado turbulência e o esperava. Tinha grandes afloramentos de granito podiam ser vistos onde elas se encontravam, uma face escarpada e recortada do outro lado do rio e mais duas na margem em que estavam, rio acima, e formando um ângulo.

Seguiram a margem do rio e observaram que formavam um cotovelo em direção aos afloramentos e, quando se aproximaram do primeiro, viram que o rio corria entre eles. A alguma distância dos afloramentos

que elas ultrapassaram e que ladeavam o rio, Ayla notou vários bisões escuros, peludos, pastando nos caniços e junças verdes perto da água. Ela apontou e cochichou ao ouvido de Latie.

- Não fale alto. Veja.

- Lá estão eles - disse Latie em voz abafada, tentando controlar sua excitação.

Ayla virou a cabeça para trás e para a frente, umedeceu um dedo de pois e manteve-o no alto, testando a direção do vento.

- O vento sopra dos bisões para nós. Bom. Não quero perturbá-los até estarmos prontos para caçar. O bisão conhece cavalos. Vamos nos aproximar, mas não demais.

Ayla guiou a égua com cuidado contornando os animais, para verificar mais além, corrente acima, e quando ficou satisfeita voltou pelo mesmo caminho. Uma vaca grande e velha ergueu a cabeça e olhou para elas, ruminando. A ponta de seu chifre esquerdo estava quebrada. A mulher reduziu a marcha e deixou Whinney assumir seu movimento natural enquanto as amazonas prendiam a respiração. A égua parou e abaixou a cabeça para comer algumas folhas de capim. Os cavalos em geral não pastariam se estivessem nervosos e a ação pareceu tranquilizar o bisão, que também voltou a pastar. Ayla esgueirou-se em volta do pequeno rebanho, tão depressa quanto pôde, e fez Whinney galopar corrente abaixo. Quando alcançaram pontos de referência observados antes, viraram para o sul novamente. Depois de atravessarem o rio seguinte, pararam para Whinney beber água e elas também e em seguida continuaram em direção ao sul.

Capítulo 7

O grupo de caça estava exatamente depois do primeiro riacho quando Jondalar notou Racer puxando com força o seu cabresto, em direção a uma nuvem de poeira que se aproximava deles. Jondalar bateu de leve no ombro de Talut e apontou. O chefe olhou à frente e viu Ayla e Latie galopando em sua direção, montadas em Whinney. Os caçadores não tiveram que esperar muito antes de a égua e as amazonas avançarem para o seu meio e pararem. O sorriso no rosto de Latie era de êxtase, seus olhos cintilavam, as maçãs do rosto estavam coradas de excitação quando Talut as ajudou a desmontar. Então, Ayla passou a perna por cima da égua e escorregou para o chão. Todos se amontoaram ao redor.

- Não conseguiram encontrar o Ioc - perguntou Talud, expressando a preocupação que todos sentiam.

Outra pessoa mencionou-o quase ao mesmo tempo, mas em tom diferente.

- Nem sequer encontraram o local. Achei que correr à frente a cavalo de nada adiantaria - escarneceu Frebec.

Latie respondeu-lhe com raiva e perplexidade.

- O que quer dizer com "não conseguiram sequer encontrar o local. Encontramos o lugar. Até vimos os bisões.

- Está tentando dizer que já estiveram lá e já voltaram? - perguntou ele, sacudindo a cabeça com incredulidade.

- Onde estão os bisões agora? - Wymez interrogou a filha de sua irmã, ignorando Frebec e desprezando seu comentário vulgar.

Latie caminhou até a cesta no flanco esquerdo de Whinney e pegou o pedaço de marfim marcado. Depois, tirando a faca de sílex da bainha à sua cintura, sentou-se ao chão e começou a traçar algumas linhas adicionais no mapa.

- Aqui, a bifurcação sul passa entre dois afloramentos - disse ela. Wymez e Talut sentaram-se ao lado dela e concordaram, sacudindo as cabeças, enquanto Ayla e vários outros ficavam de pé atrás e ao redor deles.

- Os bisões estavam do lado oposto ao aforamento, onde a planície aluvial se abre e existe ainda alimento verde próximo à água. Vi quatro pequenos... - Ela traçou quatro pequenas marcas paralelas enquanto falava.

- Acho que cinco - emendou Ayla.

Latie ergueu os olhos a Ayla e concordou com um gesto de cabeça, depois acrescentou mais uma pequena marca.

- Você tinha razão, Danug, sobre os gêmeos. E são filhotes. E sete vacas... - ergueu novamente os olhos a Ayla, em busca de confirmação. A mulher balançou a cabeça afirmativamente, e Latie acrescentou mais sete linhas paralelas, um pouco mais longas do que as primeiras -... somente quatro com filhotes, acho. - Refletiu um pouco. - Havia mais, um pouco mais longe.

- Cinco machos novos - acrescentou Ayla. - E dois ou três outros. Não tenho certeza. Talvez mais alguns que não tenhamos visto.

Latie fez cinco linhas ligeiramente mais compridas, um pouco afastadas das primeiras, depois acrescentou mais três entre as duas séries, fazendo-as um pouco menores novamente. Ela traçou um pequeno Y na última marca da linha para indicar que estava terminado, que aquele era o número total de bisões que haviam contado. Suas marcas de contagem passaram sobre algumas das outras marcas, que foram desenhadas antes no marfim,

porém, não importava. Já tinham servido ao seu propósito Talut pegou a lasca de marfim de Latie e examinou-a. Depois olhou para Ayla.

- Por acaso, não notaram que direção os animais seguiam, não é? - Acho que subiam o rio. Passamos ao largo do rebanho com cui dado, para não perturbar.

Nenhum rastro do lado oposto, o capim não estava comido - falou Ayla.

Talut concordou com um gesto de cabeça e fez uma pausa, obviamente pensando.

- Você disse que passou ao largo do rebanho. Subiu muito o rio? - Sim.

- Pelo que me lembro, a planície aluvial se estreita até desaparecer, e rochas elevadas se fecham sobre a corrente e não existe saída. É correto? - Sim... mas, talvez exista saída.

- Saída? - Antes das rochas elevadas a encosta é íngreme, árvores, arbustos espessos com espinhos, mas perto dos rochedos está o leito seco do rio. Como trilha íngreme. Acho que é uma saída - disse ela.

Talut franziu a testa, olhou para Wymez e Tulie, depois riu alto.

- A saída também é a entrada! Foi isso que Mamut disse! Wymez pareceu intrigado por um momento. Depois, sorriu lentamente ao compreender. Tulie olhou para os dois e uma expressão inicial de com preensão apareceu em seu rosto, depois.

- Claro! Podemos seguir nesta direção, construir uma cerca para pegá-los, depois dar a volta pelo outro lado e empurrá-los para lá - falou Tulie, deixando claro a todos o que fariam. - Alguém terá que vigiar e certificar-se de que o vento não está soprando de nós para eles, para que não desçam o rio de novo enquanto construimos a cerca.

- Parece um bom trabalho para Danug e Latie - disse Talut.

- Acho que Druwez pode ajudá-los - acrescentou Barzec - e se achar que precisam de mais ajuda, eu irei.

- Ótimo! - exclamou Talut. - Por que não vai com eles, Barzec, e segue o rio subindo a corrente? Conheço um caminho mais rápido para chegar à extremidade oposta. Cortaremos caminho daqui. Vocês os mantêm cercados até construirmos a armadilha e, então, daremos a volta para ajudar a encurralá-los.

O leito ressequido do rio era uma faixa de barro seco e pedra atravessando uma encosta escarpada, arborizada, com arbustos emaranhados. Levava a uma planície aluvial estreita, mas nivelada, ao lado de um curso d'água intenso que jorrava entre os rochedos formando uma série de cachoeiras e pequenas quedas d'água. Assim que Ayla desceu a pé, voltou para buscar os cavalos. Tanto Whinney quanto Racer, acostumados à trilha íngreme que conduzia à sua caverna no vale, desceram sem dificuldade.

Ela removeu o arreio com as cestas de Whinney para que o animal pudesse pastar livremente. Mas Jondalar ficou apreensivo em tirar o cabresto de Racer já que nem ele nem Ayla tinham muito controle sobre o potro sem o cabresto, e Racer estava suficientemente velho para se tornar rebelde quando ficava de mau humor. Já que o cabresto não o impedia de pastar, ela concordou em que ficasse com ele, embora houvesse preferido dar-lhe total liberdade. Isto fazia com que Ayla compreendesse a diferença entre o cavalo e a mãe dele. Whinney sempre andara à solta, à vontade, mas Ayla passara todo o tempo com a égua - ela não tinha mais ninguém. Racer tinha Whinney, mas menos contato com ela. Talvez ela ou Jondalar de vessem passar mais tempo com ele, e tentar ensiná-lo, pensou ela.

O abrigo tipo curral já estava em construção quando Ayla foi ajudar. A cerca foi feita com os materiais que encontrassem, pedras grandes, ossos, árvores e

galhos, que eram erguidos e entrelaçados. A vida animal rica e variada das frias planícies se renovava constantemente e os velhos ossos espalhados pelo terreno eram muitas vezes levados por rios caprichosos formando pilhas confusas. Uma busca rápida rio abaixo revelara um monte de ossos a curta distância e os caçadores arrastavam grandes ossos das pernas e costelas em direção ao centro de atividades: uma área perto do fundo do rio seco, que cercavam. A cerca precisava ser bastante forte para conter a manada de bisões, mas não se destinava a ser uma estrutura permanente. Seria usada uma vez apenas e não era provável que durasse mais que a primavera, quando o rio rápido se transformava em torrente impetuosa.

Ayla observou Talut girar um enorme machado com uma gigantesca cabeça de pedra como se fosse um brinquedo. Ele tirara a camisa e suava profusamente enquanto abria o caminho golpeando em direção a uma plataforma de árvores novas, eretas, abatendo cada árvore com duas ou três machadadas. Tornec e Frebec, que carregavam as árvores derrubadas, não conseguiam manter o mesmo ritmo que ele. Tulie supervisionava a colocação das árvores. Ela utilizava um machado quase tão grande quanto o do irmão e manejava-o com igual facilidade, partindo a árvore ao meio, ou golpeando um osso para torná-lo adequado. Poucos homens igualavam-se à força da chefe.

- Talut! - gritou Deegie. - Ela carregava a extremidade dianteira de uma presa inteira, curvada, de mamute, que tinha mais de 4,5 metros de comprimento. Wymez e Ranec sustentavam o meio e a parte de trás. - Encontramos alguns ossos de mamute. Quer quebrar esta presa? - inter rogou ela.

O gigante de cabelos ruivos sorriu.

- Este animal enorme deve ter vivido muito e bem! - exclamou, abrindo a presa quando a puseram no solo.

Os músculos enormes de Talut se salientaram quando ergueu o machado do tamanho de um malho e o ar ressoou com os golpes enquanto estilhas e lascas de marfim voavam em todas as direções.

Ayla ficou fascinada só de observar o homem forte brandir a ferramenta maciça com tal perícia.

Maso feito ainda era mais surpreendente para Jondalar, por uma razão que ele jamais levava em consideração. Ayla estava mais acostumada a ver homens executarem façanhas prodigiosas de força muscular. Embora ela os excedesse em estatura, os homens do Clã eram maciçamente musculosos e extraordinariamente robustos. Mesmo as mulheres possuíam pronunciada força bruta e a vida que Ayla levava enquanto crescia, esperan do-se que realizasse as tarefas de uma mulher do Clã, fê-la desenvolver músculos incomumente fortes para seus ossos franzinos.

Talut pousou o machado, ergueu a parte posterior da presa até seu ombro e partiu em direção ao cercado que construía. Ayla pegou o grande machado para movê-lo e compreendeu que não poderia manejá-lo. Até Jondalar o achou pesado demais para usar com habilidade. Era uma ferramenta adequada unicamente ao grande chefe. Eles dois ergueram a outra metade da presa, colocaram-na ao ombro e seguiram Talut.

Jondalar e Wymez permaneceram para ajudar a socar os pedaços pesados de marfim com pedras grandes; eles seriam uma barreira sólida contra qualquer bisão atacante. Ayla foi pegar mais osso com Deegie e Ranec. Jondalar se voltou para vê-los ir e lutou para conter a cólera quando viu o homem escuro se mover para o lado de Ayla e fazer um comentário que provocou seu riso e o de Deegie. Talut e Wymez notaram o rosto vermelho, brilhante de seu visitante jovem e atraente, e trocaram um olhar significativo, mas não disseram coisa alguma.

O elemento final do curral era uma porteira. Uma árvore nova e resis tente, desprovida de seus galhos, estava posicionada, ereta, a um lado de uma abertura na cerca. Escavaram um buraco para a base, e um monte de pedras foi empilhado ao redor para sustentá-la. Era reforçada sendo amarrada com correias a pesadas presas de mamute. A própria porteira era construída de ossos de perna, galhos e costelas de mamute atados firmemente a pedaços cruzados de árvores novas, cortados no tamanho conveniente. Então, com várias pessoas mantendo a porteira no lugar, uma extremidade foi presa em muitos locais ao mastro ereto, usando-se uma corda transpassada que permitia que ela se movesse sobre as dobradiças de couro. Pedras grandes e ossos pesados foram empilhados próximos à outra extremidade, prontos para serem empurrados para a frente da porteira assim que fosse fechada.

Era de tarde, o sol ainda alto, quando tudo ficou pronto. Com todos trabalhando juntos, fora necessário um período de tempo surpreendente- mente curto para construir o curral. Reuniram-se em volta de Talut e al oçaram a comida seca de viagem que trouxeram, enquanto faziam mais planos.

- A parte difícil será fazer com que atravessem a porteira - disse Talut. - Se conseguirmos que um entre, os outros o seguirão, provavelmente. Mas se forem além da porteira e começarem a mover-se em círculos neste pequeno espaço ao fundo, se dirigirão à água. Aquele rio é acidentado aqui, e talvez alguns não consigam atravessar, mas isso não adiantará de nada para nós. Nós os perderemos. O máximo que poderíamos esperar seria encontrar uma carcaça afogada rio abaixo.

- Então, temos que impedir-lhes a passagem - disse Tulie. - Não deixar que ultrapassem o curral.

- Como? - indagou Deegie.

- Podíamos construir outra cerca - sugeriu Frebec.

- Como sabe que os bisões não se voltarão à água quando alcançarem a cerca? - perguntou Ayla.

Frebec a olhou com expressão protetora, mas Talut falou antes dele.

- Uma boa pergunta, Ayla. Além disso, não resta muito material aqui por perto para a construção de cercas.

Frebec enviou um olhar sombrio de cólera a Ayla. Sentiu como se ela o tivesse feito parecer estúpido.

- Qualquer coisa que pudéssemos construir para impedir a sua passagem seria útil, mas acho que alguém precisa estar lá para guiá-los para o cercado. Pode ser uma posição perigosa - continuou Talut.

- Eu ficarei. É um bom lugar para usar este arremessador de lanças sobre o qual lhes tenho falado - disse Jondalar, mostrando o implemento incomum. - Não apenas faz uma lança alcançar distância maior, como também dá mais força à lança do que quando é atirada de forma manual.

Com pontaria correta, a lança pode matar instantaneamente, a curta distância.

- É verdade? - perguntou Talut, olhando Jondalar com interesse renovado. - Teremos que falar mais sobre isso depois, mas, sim, se de sejar, pode assumir essa posição. Acho que também irei.

- E eu também - murmurou Ranec.

Jondalar franziu a testa para o homem escuro, sorridente. Não estava certo de querer assumir uma posição com o homem que, tão obviamente, se interessava por Ayla.

- Eu também ficarei aqui - disse Tulie. - Mas, em vez de tentar construir outra cerca, devíamos fazer pilhas separadas para cada um de nós se colocar atrás.

- Ou correr para trás delas - gracejou Ranec. - O que a faz pensar que eles não acabarão nos caçando? - Por falar em caçar, agora que decidimos o que fazer

quando chegarem aqui, como vamos trazer os animais para cá? - perguntou Talut, lançando um olhar para a localização do sol no céu. - É uma longa caminhada para nos colocarmos atrás deles. Talvez escureça antes de conseguirmos.

Ayla estivera ouvindo com mais do que interesse. Recordava-se dos homens do Clã traçando planos para caçar, e especialmente depois que ela começara a caçar com sua funda, desejosa, muitas vezes, de ser incluída. Desta vez, ela era um dos caçadores. Notou que Talut dera ouvidos ao seu comentário anterior e lembrou como eles tinham aceitado prontamente seu oferecimento de explorar adiante deles. Isso a encorajou a fazer outra sugestão.

- Whinney é boa caçadora - falou. - Cacei rebanhos, muitas vezes, montada em Whinney.

Posso dar a volta pelos bisões, encontrar Barzec e os outros, perseguir os animais trazendo-os logo para cá. Vocês esperam, empurram os bisões para o curral.

Talut olhou para os caçadores depois de fitar Ayla, e olhou-a de novo em seguida.

- Tem certeza de que pode fazer isso? - Tenho.

- E dar a volta ao redor deles? - perguntou Tulie. - Provavelmente, já perceberam que estamos aqui e a única razão por que não se foram é que Barzec e os jovens os estão mantendo encurralados.

Mas por quanto tempo serão capazes de conter os animais? Você não os levará pelo caminho errado se for na direção deles deste ponto? - Acho que não. Cavalos não perturbam muito o bisão, mas darei a volta, se quiserem. Cavalos andam mais depressa que vocês - disse Ayla.

- Ela tem razão! Ninguém pode negá-lo. Ayla poderia dar a volta mais depressa a cavalo do que nós caminhando - disse Talut, depois franziu a testa, pensativo. - Acho que devemos deixá-la fazer do jeito

que quer, Tulie. Importa, realmente, o sucesso desta caçada? Ajudaria, principalmente, se o inverno for duro e prolongado, e nos daria mais variedade, porém temos estoque suficiente, na verdade. Não sofreríamos se o resultado não fosse bom nesta caçada.

- É verdade, mas tivemos bastante trabalho.

- Não seria a primeira vez em que teríamos muito trabalho e voltaríamos de mãos vazias. - Talut fez outra pausa. - A pior coisa que pode acontecer é perdermos a manada. Se der certo, poderemos festejar comendo bisão antes de escurecer e estar de regresso de manhã.

Tulie concordou com um gesto de cabeça.

- Muito bem, Talut. Tentaremos do seu modo.

- Quer dizer, do modo de Ayla. Vá em frente, Ayla. Veja se consegue trazer os bisões para cá.

Ayla sorriu e assobiou para Whinney. A égua relinchou e galopou em direção à mulher, seguida por Racer.

- Jondalar, mantenha Racer aqui - disse ela, e correu para a égua.

- Não esqueça seu arremessador de lanças - gritou ele.

Ela parou para pegá-lo e a algumas lanças do portalanças ao lado de sua mochila. Depois, com um movimento treinado e hábil, saltou para o dorso do animal e partiu. Durante algum tempo Jondalar teve as mãos ocupadas com o potro, que não gostava de ser impedido de reunir-se à sua mãe num galope excitante. Foi bom. Não deu tempo a Jondalar de ver a expressão no rosto de Ranec enquanto observava Ayla partir.

A mulher, montada em pêlo, cavalgou diligentemente ao longo da planície aluvial ao lado do rio agitado, impetuoso, que serpenteava em um corredor sinuoso, ladeado por encostas onduladas e escarpadas de ambos os lados. Galhos nus encobertos por feno seco agarravam-se às encostas e se curvavam nos picos

ventosos, suavizando a aparência alcantilada da terra mas, escondido sob a camada superficial do solo, atingida pelo vento que enchia as rachaduras, encontrava-se um núcleo de pedra. Saliências expostas de leito de rocha firme, juncando os declives, revelavam a característica essencial de granito da região, dominada por outeiros majestosos que alcançavam os cumes rochosos, nus, dos aforamentos protuberantes.

Ayla reduziu a marcha quando se acercou da área onde antes vira os bisões, naquele dia, mas eles não se encontravam ali. Tinham sentido ou ouvido a atividade de construção e mudaram de rumo.

Ela os viu exata mente quando se movia à sombra de um dos aforamentos, projetada pelo sol da tarde e, bem além do pequeno rebanho, viu Barzec de pé, próximo ao que parecia ser um pequeno marco.

O capim mais verde entre as árvores nuas, esguias, perto da água, havia induzido os animais a ir para o vale estreito, mas do momento em que atravessavam os afloramentos gêmeos que ladeavam o rio, não existia outra saída senão a entrada. Barzec e os jovens caçadores tinham visto a manada enfileirada ao longo do rio, parando ainda para pastar de vez em quando, avançando, porém, com firmeza. Tinham perseguido a manada, de volta, até ali, mas isso detinha os animais apenas temporariamente e fazia com que se agrupassem e se movessem com mais determinação quando tentassem deixar o vale da próxima vez. Determinação e frustração podiam levar ao estouro.

Os quatro tinham sido enviados para impedir que os animais partissem, mas sabiam que jamais controlariam um estouro da boiada. Não podiam continuar a persegui-los ali. Era preciso muito esforço para contê-los e Barzec tampouco queria que houvesse um estouro na direção oposta, antes de o curral estar pronto. O monte de pedras próximo ao local onde Barzec estava de pé,

quando Ayla o viu pela primeira vez, encontrava-se empilhado ao redor de um galho resistente. Uma peça de roupa estava amarrada a ele e oscilava ao vento. Então, ela viu mais alguns montes de pedras sustentando galhos ou ossos verticais, a intervalos bastante pequenos entre o aforamento e o rio, e em cada um se encontrava pendurada uma pele de dormir ou uma peça de roupa ou ainda a cobertura de uma tenda. Tinham usado até pequenas árvores e arbustos, qualquer coisa onde pudessem pendurar algo que se movesse ao vento.

Os bisões espiavam nervosamente as estranhas aparições, incertos sobre quão ameaçadoras eram.

Não queriam voltar por onde tinham vindo, mas tampouco queriam avançar mais.

Esporadicamente, um bisão movia-se em direção às coisas, depois recuava quando elas balançavam ao vento. Estavam bloqueados exatamente no local em que Barzec os queria. Ayla ficou impressionada com a idéia inteligente.

Fez Whinney avançar devagar, perto do aforamento, tentando dar lentamente a volta ao redor da manada, para não perturbar o delicado equilíbrio. Observou a velha vaca com o chifre quebrado avançando com hesitação. Não estava gostando de ser retida e parecia pronta para escapar.

Barzec viu Ayla, olhou para trás de si em busca do resto dos caçadores e depois voltou a fixá-la, a testa enrugada. Depois de todos os seus esforços, não queria que ela perseguisse os bisões pelo caminho errado. Latie acer cou-se dele e falaram em voz baixa, mas ele ainda observava a mulher e a égua com apreensão, até que ela os alcançou.

- Onde estão os outros? - perguntou Barzec.

- Estão esperando - retrucou Ayla.

- Esperando o quê? Não podemos manter estes bisões aqui para sempre! - Esperam que nós os persigamos.

- Como vamos fazê-lo? Não somos suficientemente numerosos! Eles estão se preparando para fugir. Não sei por quanto tempo mais conseguiremos mantê-los aqui, muito menos levá-los ao cercado. Faríamos com que houvesse um estouro.

- Whinney os levará - disse Ayla.

- A égua levará os bisões! - Ela já o fez antes, mas é melhor ajudarem, também.

Danug e Druwez, que se tinham afastado para vigiar a manada, atirando pedras em algum animal que ousava, por acaso, enfrentar as sentinelas esvoaçantes, aproximaram-se para ouvir. Não ficaram menos espantados que Barzec, mas sua vigilância reduzida abriu uma oportunidade e pôs fim à conversa.

Com o canto do olho, Ayla viu um touro novo e grande saltar, seguido por vários outros. Num instante, todos estariam perdidos enquanto o rebanho enclausurado se libertava. Ela fez Whinney girar, largou sua lança e arremessador de lanças e foi atrás do animal, agarrando a túnica oscilante e puxando-a do galho, no caminho.

Correu diretamente ao animal, inclinando-se, acenando-lhe com a túnica. O bisão se esquivou, tentando dar a volta. Whinney girou de novo enquanto Ayla batia com o couro na cara do touro novo. O próximo movimento de fuga do animal o fez voltar para o vale estreito e para a trilha dos animais que tinham seguido seu comando, com Whinney e Ayla, agitando a túnica de couro, bem atrás dele.

Outro animal fugiu, mas Ayla conseguiu fazer com que voltasse também. Whinney parecia saber, quase antes de o bisão agir, o que ele tentaria em seguida, mas eram tanto os sinais inconscientes da mulher para o

animal, quanto o sentido intuitivo da égua, que a colocavam no caminho do bisão peludo. O treinamento de Whinney por Ayla não fora um esforço consciente no início. Na primeira vez em que ela montou a égua foi por puro impulso e nenhum pensamento de controle ou comando passou por sua cabeça. Havia acontecido aos poucos, à medida que a compreensão mútua crescia e o controle era exercido pela tensão de suas pernas e mudanças sutis de posição do corpo. Embora, eventualmente, ela começasse a aplicar isso de propósito, havia sempre um elemento adicional de interação entre mulher e égua, e muitas vezes moviam-se como um único ser, como se dividissem uma só mente.

No instante em que Ayla se moveu, os outros entenderam a situação e correram para deter o rebanho. Ayla havia caçado animais de rebanho com Whinney no passado, mas não teria sido capaz de fazer os bisões darem meia-volta sem ajuda. Os grandes animais encurvados eram muito mais difíceis de controlar do que ela imaginara. Tinham sido detidos e ela jamais tentara conduzir animais a um local aonde não desejavam ir. Era quase como se algum instinto os prevenisse sobre a cilada que os esperava.

Danug correu para ajudar Ayla, para forçar os primeiros animais a saltar a darem meia-volta, embora ela se concentrasse tanto em deter o touro novo que mal notou sua presença a princípio.

Latie viu um dos bezerros gêmeos fugir e, arrancando o galho da pilha de pedras, correu para obstruir o caminho. Ela golpeou-lhe o focinho e forçou-o a recuar, enquanto Barzec e Druwez atacavam uma vaca com pedras e uma pele oscilante. Afinal, seus esforços determinados puseram fim ao estouro incipiente. A velha vaca com o chifre partido e alguns outros animais conseguiram fugir, mas a maioria do rebanho se

arrastou ao longo da planície aluvial do riacho, subindo a corrente.

Eles respiraram um pouco aliviados quando o pequeno rebanho estava além dos aforamentos de granito, mas precisavam mantê-lo avançando. Ayla parou somente o tempo suficiente para descer da égua, pegar sua lança e arremessador de lanças, e saltar sobre o animal novamente.

Talut havia tomado um gole de seu saco de água quando pensou ouvir um ruído surdo, como um trovão abafado. Ergueu a cabeça para rio abaixo e ouviu com atenção durante alguns instantes, não esperando escutar nada tão cedo, incerto de esperar ouvir alguma coisa, afinal. Inclinou o rosto e colocou o ouvido ao solo.

- Estão vindo! - gritou, levantando-se de um salto.

Todos se misturaram para apanhar suas lanças e correram para os locais que haviam resolvido ocupar. Frebec, Wymez, Tornec e Deegie espalharam-se pela encosta escarpada de um lado, prontos para investir por trás e bloquear a porteira fechada. Tulie se encontrava mais perto da porteira aberta, do lado oposto, pronta para fechá-la assim que os bisões estivessem dentro do curral.

No espaço entre o curral e o rio impetuoso, Ranec se encontrava a alguns passos de Tulie, e Jondalar, mais alguns passos adiante, quase à margem do rio. Talut escolheu um local um pouco à frente do visitante e permaneceu de pé na margem úmida. Cada pessoa tinha um pedaço de Couro ou roupa para agitar diante dos animais que se acercavam, com esperança de fazê-los virar para um lado, mas todos também erguiam uma lança, giravam-na no ar levemente, depois a agarravam com firmeza ao redor do fuste, e mantinham-na em posição - com exceção de Jondalar.

O implemento estreito, liso, de madeira, que segurava na mão direita tinha quase o comprimento do

seu braço, do cotovelo às pontas dos dedos, e acanelado no centro. Tinha um gancho como escora numa extremidade e duas alças de couro, de ambos os lados, para seus dedos, na extremidade dianteira. Ele o segurava horizontalmente, e ajustou a ponta emplumada de uma haste de lança leve, coroada com uma ponta de osso muito aguçada e comprida, contra o gancho na parte posterior do arremessador de lanças. Mantendo a lança no lugar com seus dois primeiros dedos que atravessavam as alças, enfiou seu pedaço de couro no cinto e pegou uma segunda lança com a mão esquerda, pronto para colocá-la rapidamente no lugar para um segundo arremesso.

Então, esperaram. Ninguém falava e, na expectativa silenciosa, pequenos sons se avolumavam.

Aves trinavam e cantavam. O vento sussurrava nos galhos secos. A água cascadeando sobre as rochas salpicava e gorgolejava. As moscas zuniam. O ruído surdo de cascos em disparada crescia.

Depois, podiam-se ouvir gritos, roncos e resmungos acima do estrondo que se acercava, e vozes humanas berrando. Os olhos se esforçaram para ver sinais do primeiro bisão na curva, rio abaixo, mas quando ele chegou, não era apenas um. De repente, toda a manada avançava pesadamente pela curva e os animais grandes, peludos, marrom-escuros com chifres longos, negros, mortíferos, debandavam diretamente na direção deles.

Cada pessoa se preparou, esperando o ataque. Na frente estava o grande e jovem touro que quase havia saltado para salvar-se antes de a longa perseguição começar. Ele viu o cercado à frente e virou em direção à água - e aos caçadores em seu caminho.

Ayla, bem nos calcanhares do pequeno rebanho, estivera segurando seu arremessador de lanças frouxamente enquanto perseguiam os animais mas, quando se aproximaram da última curva, ela o colocou

em posição, sem saber o que esperar. Viu o touro mudar de rumo... e dirigir-se diretamente para Jondalar. Outros bisões o seguiam.

Talut correu para o animal sacudindo uma túnica, mas o bisão de crina abundante já estava farto de coisas agitadas à sua frente, e não seria de tido. Sem pensar de novo, Ayla inclinou-se à frente e apressou Whinney para um galope a toda velocidade. Desviando-se e passando por outros animais que corriam, ela se acercou do grande touro e arremessou sua lança exatamente quando Jondalar atirava a sua. Uma terceira lança foi arremessada ao mesmo tempo.

A égua moveu-se com estardalhaço passando pelos outros caçadores, salpicando Talut quando seus cascos atingiram a margem do rio. Ayla reduziu a marcha do animal e parou; depois voltou rapidamente. Então, estava acabado. O grande bisão se encontrava no solo. Os que vinham atrás dele diminuíram a corrida, e os que se encontravam mais perto da encosta não tinham outro local para ir senão o curral. Depois de o primeiro atravessar a abertura, os outros o seguiram com pouco estímulo. Tulie acompanhou o último animal extraviado e fechou a porteira. E quando se fechou, Tornec e Deegie empurraram uma grande pedra contra ela. Wymez e Frebéc a prenderam a escoras verticais seguras, enquanto Tulie empurrava outra grande pedra para o lado da primeira.

Ayla desmontou de Whinney, ainda um pouco trêmula. Jondalar estava ajoelhado ao lado do touro com Talut e Ranec.

- A lança de Jondalar entrou no lado do pescoço e atravessou a garganta. Acho que teria matado este touro por si só, mas sua lança também poderia ter feito isso, Ayla. Nem sequer vi você vindo - disse Talut apenas um pouco espantado com sua proeza. - Sua lança penetrou profundamente nas costelas do animal.

- Mas foi uma coisa perigosa, Ayla. Você poderia ter sido ferida - disse Jondalar. Suava zangado, mas era a reação do medo que sentira por Ayla ao compreender o que ela tinha feito.

Depois, olhou Talut e apontou para uma terceira lança. - De quem é esta lança? Foi bem atirada, penetrou fundo no peito. Também teria detido o animal.

- É de Ranec - disse Talut.

Jondalar se virou para o homem de pele escura e os dois se examinaram mutuamente. Diferenças que talvez tivessem, e rivalidades, poderiam fazê-los discutir, mas em primeiro lugar eram humanos, homens que dividiam um mundo belo, mas duro, primitivo, e sabiam que a sobrevivência dependia de ambos.

- Devo-lhe agradecimentos - falou Jondalar. - Se minha lança ti vesse errado o alvo, eu lhe estaria agradecendo por minha vida.

- Somente se a lança de Ayla também falhasse. Esse bisão foi morto três vezes. Não tinha chance alguma avançando contra você. Parece que seu destino é viver. Tem sorte, meu amigo; a Mãe deve favorecê-lo. Tem sorte assim em tudo? - perguntou Ranec, olhando depois para Ayla com expressão de admiração, de muita admiração.

Ao contrário de Talut, Ranec a tinha visto aproximar-se. Indiferente ao perigo de chifres longos e aguçados, o cabelo esvoaçante, os olhos cheios de terror e raiva, dominando a égua como se fosse uma extensão de si própria, era como um espírito vingador, ou como toda mãe de todo ser vivo que já havia defendido seus filhos. Não lhe parecia importar que tanto ela quanto a égua pudessem ser facilmente feridas pelos chifres. Era quase como se ela fosse o Espírito da Mãe, que era capaz de controlar o bisão tão facilmente quanto ela dominar a égua. Ranec jamais havia visto algo como ela.

Ayla era tudo o que ele já desejara: bonita, forte, destemida, carinhosa, protetora. Era toda mulher.

Jondalar viu como Ranec olhou-a e suas entranhas se retorceram. Como Ayla poderia não perceber? Como poderia não responder? Ele temia Perdê-la, talvez para o excitante homem moreno, e não sabia o que fazer a respeito. Rangendo os dentes, a testa enrugada com raiva e frustração, deu meia-volta, tentando esconder seus sentimentos.

Ele tinha visto homens e mulheres reagirem como ele estava fazendo e sentira piedade por eles, e algum desprezo. Era o comportamento de uma criança, uma criança inexperiente, sem conhecimento e saber das coisas do mundo. Pensou que estava além daquilo.

Ranec agira para salvar sua vida, e ele era um homem. Podia culpá-lo por se sentir atraído por Ayla? Não tinha ela o direito de fazer sua escolha? Ele se odiou por sentir o que sentia, mas nada podia fazer. Jondalar arrancou sua lança do bisão e se afastou.

A matança já havia começado. De trás da segurança da cerca, os caçadores atiravam lanças aos animais que se inclinavam, berrando, e confusos, dando voltas pelo cercado-armadilha. Ayla subiu na cerca, encontrando um local conveniente para ficar, e viu Ranec arremessar uma lança com força e precisão. Uma grande vaca cambaleou e caiu de joelhos. Druwez atirou outra, contra o mesmo animal, e de outra direção - ela não tinha certeza de quem atirou - veio ainda uma terceira. O animal peludo, encurvado, tombou e a cabeça ferida caiu sobre seus joelhos. Ela compreendeu que os arremessadores de lança não eram uma vantagem ali. Os homens tinham um método bastante eficaz com lanças atiradas manualmente.

De repente, um touro investiu contra a cerca, chocando-se nela com a força de toneladas. A madeira lascou, pedaços se soltaram e as escoras verticais

deslocaram-se. Ayla pôde sentir a cerca tremendo e saltou para o solo, mas o tremor não cessou. Os chifres do bisão estavam presos! Ele fazia toda a estrutura estremecer em seus esforços para libertar-se. Ayla pensou que a cerca ia se partir.

Talut subiu na porteira trêmula e, com um golpe de seu grande machado, abriu o crânio do forte animal. O sangue jorrou e os miolos saltaram. O bisão se inclinou e, com seus chifres ainda presos, puxou a porteira em fraquecida e Talut para o chão com ele.

O grande chefe se afastou agilmente da estrutura que caía quando ela alcançou o solo, deu alguns passos e desferiu outro golpe abrindo o crânio do último bisão ainda de pé. A porteira havia servido para o seu propósito.

- Agora, vem o trabalho - disse Deegie, gesticulando em direção ao espaço cercado pela porteira improvisada. Animais caídos espalhavam-se ao redor, como montículos de lã marrom-escura. Ela caminhou para o primeiro, tirou da bainha sua faca de sílex, afiada como navalha e, abrindo-lhe a cabeça, cortou-lhe a garganta. Sangue vermelho vivo esguichou da jugular, depois diminuiu e fez uma poça de tom vermelho-escuro ao redor da boca e nariz. Afundou lentamente no solo em um círculo que se alargava, manchando a terra parda de negro.

- Talut! - gritou Deegie, quando chegou ao monte seguinte de pele marrom-escura. A lâmina da comprida lança saindo do flanco do animal ainda estremecia. - Venha acabar com a dor deste aqui, mas tente salvar parte dos miolos desta vez. Quero usá-los. - Talut liquidou rapidamente o animal sofrido.

Depois veio o trabalho sangrento de destripar, tirar a pele e talhar. Ayla se reuniu a Deegie e ajudou-a a virar uma grande vaca para desnudar seu lado inferior tenro. Jondalar caminhou até elas, mas Ranec estava

mais próximo e chegou primeiro. Jondalar observou, perguntando-se se precisariam de ajuda ou se uma quarta pessoa iria apenas atrapalhar.

Começando pelo ânus, cortaram do estômago até a garganta, retirando os úberes cheios de leite.

Ayla segurou de um lado e Ranec do outro para dilacerar a caixa torácica. Ela se abriu com um estalo e, depois, com Deegie quase subindo ao interior da cavidade ainda quente, extraíram os órgãos internos - estômago, intestinos, coração, fígado. Foi feito rapidamente, de forma que os gases intestinais, que breve começariam a inchar a carcaça, não contaminassem a carne. Em seguida, começaram a trabalhar na pele.

Era evidente que não precisavam de ajuda. Jondalar viu Latie e Danug lutando com a caixa torácica de um animal menor. Deu uma cotovelada em Latie, afastando-a para um lado, e com as duas mãos abriu a caixa com um forte rasgão encolerizado. Mas talhar era trabalho duro e, quando estavam prontos para destripar, o esforço havia abrandado sua raiva.

Ayla não desconhecia o processo, havia feito aquilo sozinha, muitas vezes. A pele não era tão cortada quanto arrancada. Uma vez cortada e solta ao redor das pernas, separava-se bastante facilmente do músculo, e era mais eficaz e limpo segurá-la e arrancá-la com força do interior, ou puxá-la. Onde havia um ligamento preso e era fácil cortar, usavam uma faca especial de estripar com um cabo de osso e uma lâmina de sílex aguçada nos dois fios, mas arredondada e rombuda na ponta para não perfurar a pele. Ayla estava tão habituada a utilizar ferramentas e facas seguras diretamente com as duas mãos, que se sentia desajeitada usando uma lâmina com cabo, em bora já pudesse dizer que teria melhor controle e ação quando se acostumasse a ela.

Os tendões das pernas e costas foram extraídos; tinham grande variedade de usos, desde fio para costurar, até laços. A pele se tornaria objetos ou roupas de pele e couro. A crina longa, emaranhada, transformar-se-ia em corda e cordame de vários tamanhos e em rede para pescar, ou pegar pássaros, ou pequenos animais em sua estação. Todos os cérebros eram guardados, assim como vários cascos, para serem fervidos com os ossos e pedaços de pele para grude. Os grandes chifres, que tinham, às vezes, 1,82m eram considerados de grande valor. As extremidades sólidas que se estendiam por um terço do seu comprimento podiam ser usadas como ala vancas, pregos, sovelas, cunhas e adagas. A porção oca com a extremidade sólida periférica removida transformava-se em tubos cônicos utilizados para avivar fogos, ou funis para encher bolsas de pele com líquidos, pós ou sementes, e para esvaziá-las de novo. Uma parte central, com alguma porção sólida intata para fazer um fundo, podia servir como xícara. Segmentos transversais estreitos podiam-se tornar fivelas, braceletes e anéis.

Os focinhos e línguas do bisão eram reservados - iguanas selecionadas juntamente com os fígados. Depois, as carcaças eram cortadas em seis pedaços: dois traseiros, dois dianteiros, a parte do meio pela metade, e o grande pescoço. Os intestinos, estômagos e bexigas eram levados e enrolados em peles. Mais tarde, seriam enchidos de ar para que não encolhessem e depois usados para cozinhar ou recipientes para estoque de gorduras ou líquidos, ou bóias para redes de pesca. Toda parte do animal era utilizada, mas nem todas as partes de todo animal eram levadas, somente as selecionadas e mais úteis.

Somente uma quantidade que podia ser carregada.

Jondalar havia levado Racer até metade da trilha íngreme e, para infelicidade do potro, o amarrara

seguramente a uma árvore para mantê-lo fora do caminho, e de perigo. Whinney o encontrou assim que os bisões foram encurralados e Ayla deixou-a ir. Jondalar foi buscar o potro depois de acabar de ajudar Latie e Danug com o primeiro bisão, mas Racer es tava assustado ao redor de todos os animais mortos. Whinney tampouco gostava daquilo, porém estava mais acostumada. Ayla os viu se aproximarem e observou Barzec e Druwez descendo o rio de novo, e lhe ocorreu que na pressa de fazer os bisões se voltarem e de persegui-los até o cercado, suas mochilas tinham sido abandonadas. Ela foi atrás deles - Barzec, vai buscar as mochilas? - interrogou.

Ele lhe sorriu.

- Vou. E as roupas que sobraram. Partimos com tanta pressa... não que eu lamente Se você não os tivece feito virar quando o fez, nós teríamos perdi do os animais, com certeza. Foi um truque e tanto que fez com aquele cavalo. Eu não teria acreditado, se não houvesse visto, mas estou preocupado em abandonar tudo lá. Todos estes bisões mortos vão trazer os animais carnívoros que estejam por perto. Vi rastros de lobo enquanto esperávamos, e pareciam recentes. Os lobos adoram mastigar couro quando o encontram. Os carcajus também, e ficarão irritados por isto, mas os lobos só o fazem pela diversão.

- Posso ir buscar as roupas e mochilas a cavalo - disse Ayla.

- Não pensei nisso! Depois que terminarmos haverá muita comida, mas não quero deixar de lado nada que eu não queira que eles comam.

- Escondemos os fardos, lembra? - disse Druwez. - Ela jamais os encontrará.

- É verdade- falou Barzec. - Acho que nós mesmos teremos que ir.

- Druwez sabe onde encontrar? - perguntou Ayla.

O garoto olhou para Ayla e sacudiu a cabeça afirmativamente.

Ayla sorriu: - Quer vir a cavalo comigo? O rosto do menino abriu-se em largo sorriso.

- Posso? Ela olhou para Jondalar e seus olhos se cruzaram. Então, ela lhe acenou para que trouxesse os cavalos. Ele se apressou.

- Vou levar Druwez e pegar as trouxas e coisas que abandonaram quando começamos a caçada - disse Ayla, falando Zelandonii. - Deixarei Racer ir também. Uma boa corrida talvez o acalme. Os cavalos não gostam de animais mortos. Foi difícil para Whinney no início também. Você tinha razão sobre conservar o cabresto nele, mas devemos começar a pensar em ensiná-lo a ser como Whinney Jondalar sorriu: - É uma boa idéia, mas como fará isto? - Não sei. - Ayla franziu a testa. Whinney faz coisas para mim porque ela quer, porque somos boas amigas, mas não sei em relação a Racer.

Ele gosta de você, Jondalar. Talvez faça coisas para você. Acho que nós dois devemos tentar.

- Quero tentar - disse ele. - Gostaria de ser capaz de montar Racer, um dia, como você cavalga Whinney.

- Eu também gostaria disso, Jondalar - disse ela, recordando, com o cáldo sentimento do amor que sentira mesmo assim, como ela esperara antes que, se o homem louro dos Outros viesse a gostar do filho de Whinney, talvez isto o encorajasse a ficar no vale, com ela. Foi por isso que ela lhe pedira para dar nome ao potro.

Barzec estivera esperando enquanto os dois estrangeiros falavam na língua estranha que ele não compreendia, impacientando-se um pouco. Afinal, disse: - Bem, se vocês vão buscar as coisas, eu voltarei e ajudarei com os bisões.

- Espere um momento. Auxiliarei Druwez a montar e irei com você - falou Jondalar.

Ambos ajudaram o menino a montar, e ficaram parados observando-os se afastar.

As sombras já se alongavam quando voltaram e os dois correram para ajudar. Mais tarde, enquanto lavava os compridos canais intestinais à margem do riacho, Ayla se lembrou de estripar e talhar animais com as mulheres do Clã. De repente, ela compreendeu que aquela era a primeira vez que caçara como um membro aceito de um grupo de caçadores.

Mesmo quando era jovem, quisera ir com os homens, embora soubesse que as mulheres eram proibidas de caçar. Mas os homens eram tão respeitados por sua habilidade, e faziam a caça parecer tão excitante, que ela sonhava que era uma caçadora, especialmente quando queria escapar de uma situação desagradável ou difícil. Esse foi o começo inocente que levou-a a situações muito mais difíceis do que ela imaginara. Depois de receber permissão para caçar com uma funda, embora outro tipo de caçada continuasse sendo proibida, muitas vezes ela havia prestado atenção, em silêncio, quando os homens discutiam a estratégia de caça. Os homens do Clã quase nada faziam a não ser caçar - exceto discutir caçadas, fabricar armas de caça e participar de rituais de caça. As mulheres do Clã destripavam e cortavam os animais, preparavam as peles para vestimentas e roupas de cama, preservavam e cozinhavam a carne, além de fazer os recipientes para guardar a carne, cordas, capachos e vários objetos domésticos, e de colher vegetais para a alimentação, medicamentos e outras utilidades.

O clã de Brun tinha mais ou menos o mesmo número de pessoas que o Acampamento do Leão, mas os caçadores raramente matavam mais de um ou dois animais de uma só vez. Conseqüentemente, tinham que caçar seguidamente. Naquela época do ano, os caçadores do Clã ficavam fora quase o dia inteiro para

conseguir o máximo que pudessem estocar para O inverno próximo. Desde que ela chegara, aquela era a primeira vez que alguém do Acampamento do Leão havia caçado e, embora ela refletisse a respeito, ninguém mais parecia preocupado com o assunto. Ayla fez uma pausa para fitar os homens e mulheres destripando e cortando um pequeno rebanho. Com duas ou três pessoas trabalhando juntas em cada animal, o trabalho era realizado mais depressa do que Ayla julgara possível. Isso a fez pensar sobre as diferenças entre eles e o Clã.

As mulheres Mamutoi caçavam; isso significava, pensou Ayla, que havia mais caçadores. Era verdade que nove caçadores eram homens e somente quatro eram mulheres - mulheres grávidas raramente caçavam - mas fazia diferença. Podiam caçar mais eficazmente com mais caçadores, exatamente como podiam preparar e cortar mais eficientemente com todos trabalhando juntos.

Fazia sentido, mas ela achava que havia algo mais implícito, um ponto especial que ela não percebia, um significado fundamental que devia aprender. Os Mamutoi tinham uma maneira diferente de pensar, também. Não eram tão rigorosos, tão limitados por normas do que era considerado adequado, e do que havia sido feito antes. Havia uma confusão de papéis, o comportamento de homens e mulheres não era tão rigidamente definido. Parecia depender mais da tendência pessoal, e do que funcionava melhor.

Jondalar havia-lhe contado que entre seu povo ninguém era proibido de caçar e, embora a caça fosse importante e a maioria das pessoas caçasse, ao menos quando eram jovens, não se exigia que ninguém caçasse. Aparentemente, os Mamutoi possuíam costumes semelhantes. Ele tentara explicar que sua gente talvez tivesse outras aptidões e habilidades que eram

igualmente valiosas e usou a si mesmo como exemplo. Depois de ter aprendido a quebrar o sílex, e criado fama por ser um artesão capaz, conseguiu negociar suas ferramentas e pontas aguçadas por qualquer coisa de que necessitasse. Não era preciso que caçasse, de modo algum, a não ser que quisesse.

Mas Ayla não havia compreendido bem. Que tipo de cerimônia de masculinidade tinham, se não importava se um homem caçasse ou não? Os homens do Clã ficariam perdidos se não acreditassem que caçar era essencial para eles. Um menino não se tornava um homem até matar seu primeiro grande animal. Então, pensou em Creb. Ele jamais caçara. Não podia caçar, não tinha um olho, e um braço, e era coxo. Fora o grande Mog-ur, o maior homem santo de cerimônia da masculinidade.

Em seu íntimo, não era um homem. Mas ela sabia que ele era.

Embora já fosse hora do crepúsculo quando terminaram, nenhum dos caçadores salpicados de sangue hesitou em se despir e se dirigir ao rio. As mulheres tomaram banho rio acima, um pouco separadas dos homens, mas podiam-se ver mutuamente. Peles enroladas e carcaças partidas tinham sido fincadas juntas, e várias fogueiras foram acesas para manter afastados os predadores quadrúpedes e animais necrófagos. A madeira lançada à margem do rio, as árvores derrubadas e a madeira verde utilizada na construção da cerca estavam empilhadas perto. Um peso de carne com osso assava em um espeto sobre uma das pilhas, e várias tendas baixas espalhavam-se ao redor.

A temperatura caiu rapidamente quando a escuridão os envolveu. Ayla ficou contente pelas roupas malcombinadas e mal-ajustadas que Tulie e eegie lhe emprestaram enquanto seu traje, que ela havia lavado para tirar as manchas de sangue, secava perto de uma

fogueira juntamente a vários outros. Ela passou algum tempo com os cavalos, certificando-se de que estavam à vontade e calmos. Whinney permaneceu exatamente na extremidade de luz da fogueira onde a carne assava, mas tão longe quanto possível das carcaças, que esperavam para ser transportadas de volta à habitação comunal, e da pilha de restos além da área protegida pelo fogo, de onde se ouviam, ocasionalmente, rosnados e ganidos.

Depois de os caçadores comerem até se fartar o bisão assado e dourado externamente e malpassado perto do osso, avivaram o fogo e sentaram-se ao redor, tomando chá de ervas quente, e conversavam.

- Deviam ter visto como ela fez a manada mudar de rumo - dizia Barzec. - Não sei quanto tempo mais poderíamos ter contido os animais. Estavam ficando cada vez mais nervosos e eu estava certo de que os perderíamos uma vez que aquele touro fugisse.

- Acho que temos que agradecer a Ayla pelo sucesso desta caçada - falou Tulie.

Ayla corou com o elogio a que não estava acostumada, mas a timidez era responsável apenas por parte do seu rubor. A sua aceitação e admiração de seus talentos e capacidade contidas no elogio a fizeram brilhar de entusiasmo. Ela esperara por essa aceitação a sua vida inteira.

- E pensem que história dará na Reunião de Verão! - exclamou Talut.

A conversa se interrompeu. Talut pegou um galho seco, um pedaço de árvore derrubada que permanecera tanto tempo no solo, que a casca pendia solta ao seu redor, como uma pele velha e desgastada. Ele o partiu em dois contra seu joelho e colocou os dois pedaços no fogo. Um gêiser de centelhas irrompeu, iluminando os semblantes das pessoas sentadas juntas ao redor das chamas.

- As caçadas nem sempre são tão bem-sucedidas. Recordam-se da quela vez em que quase pegamos o bisão branco? - perguntou Tulie. - Que pena ele ter fugido! - Aquele devia ser protegido. Eu estava seguro de que o pegávamos. Já viu um bisão branco? - perguntou Barzec a Jondalar.

- Ouvi falar deles, e vi uma pele - replicou Jondalar. - Os animais brancos são sagrados para os Zelandonii.

- As raposas e coelhos também? - interrogou Deegie.

- Sim, mas não tanto. Até ptármigas o são, quando brancas. Acreditamos que significa que os animais foram tocados por Doni. Assim, aqueles que nascem brancos e permanecem brancos o ano inteiro são mais sagrados - explicou Jondalar.

- Os brancos têm significado especial para nós também. É por isto que a Fogueira da Garça tem status tão elevado., em geral - disse Tulie, lançando um olhar a Frebec com uma ponta de desprezo. - A grande garça do norte é branca e aves são os mensageiros especiais de Mut. E mamutes brancos têm poderes especiais.

- Jamais esquecerei a caçada do mamute branco - disse Talut. Olhares ansiosos o encorajaram a prosseguir. - Todos estavam excitados quando o explorador relatou que vira a fêmea. É a maior honra de todas para a Mãe nos dar uma fêmea branca de mamute e, já que era a primeira caçada de uma Reunião de Verão, significaria boa sorte para todos, se conseguíssemos caçá-la - explicou aos visitantes. - Todos os caçadores que quiseram participar da caçada, tiveram que passar por provas de purificação e jejum para ter certeza de que éramos aceitáveis, e a Fogueira do Mamute impôstabus a nós, mesmo depois, mas todos queríamos ser escolhidos. Eu era jovem, não muito mais velho que Danug, mas era grande como ele é. Talvez por isto eu tenha sido escolhido e fui um dos que acertaram

uma lança nela. Como o bisão que o perseguiu, Jondalar, ninguém sabe de quem era a lança que matou a fêmea. Acho que a Mãe não queria que nenhuma pessoa ou acampamento conseguisse grande honraria. A mamute-fêmea branca era de todos. Foi melhor assim. Sem inveja ou ressentimentos.

- Ouvi falar de uma corrida de ursos brancos que vivem distante, ao norte - disse Frebec, não querendo ser deixado de lado na conversa. Talvez nenhuma pessoa ou acampamento pudesse assumir plenamente a façanha de ter matado a fêmea branca, mas isso não excluiu toda inveja e ressentimentos. Qualquer pessoa escolhida para participar de tal caçada ganhava mais status por esta única caçada do que o status com que Frebec nascera.

- Também ouvi falar - disse Danug. - Quando eu estava na mina de sílex, visitantes de Sungaea vieram negociar sílex. Uma mulher era uma contadora de histórias, uma boa contadora de histórias. Ela falou sobre a Mãe do Mundo e os homens-cogumelo que seguem o sol à noite e muitos animais diferentes. Contou-nos sobre o urso branco. Vivem no gelo, disse ela, e comem animais marinhos apenas, mas dizem que são mansos, como o grande urso da caverna que não come carne. Não como o urso pardo. Eles são perversos. - Danug não notou o olhar irritado que Frebec lhe lançava. Ele não tivera intenção de interromper, estava apenas satisfeito por tomar parte com algo para dizer.

- Os homens do Clã voltaram da caçada, uma vez, e contaram sobre o rinoceronte branco - disse Ayla. Frebec ainda estava irritado e olhou-a com raiva.

- Sim, os brancos são raros - disse Ranec - mas os pretos também são especiais. - Ele estava sentado afastado do fogo e mal se podia ver- lhe o rosto na sombra, exceto os dentes brancos e o brilho maroto nos olhos.

- Você é raro, sim, e está mais do que feliz em deixar toda mulher na Reunião de Verão, que quiser descobrir, saber o quanto você é raro - comentou Deegie.

Ranec riu: - Deegie, o que posso fazer se a Mãe tem filhas tão curiosas? Não gostaria que eu desapontasse ninguém, não é? Mas, eu não falava de mim, pensava em felinos pretos.

- Felinos pretos? .- perguntou Deegie.

- Wymez, tenho uma vaga lembrança de um grande felino preto - disse ele, virando-se para o homem com quem dividia uma fogueira. - Sabe alguma coisa sobre isso? - Deve ter-lhe causado uma impressão muito forte. Não pensei que se lembrasse - disse Wymez.

- Era pouco mais que um bebê, mas sua mãe gritou. Você estava perambulando, um pouco afastado e, quando ela o viu, viu também um grande felino negro, como um leopardo da neve, somente preto, saltando de uma árvore. Acho que ela pensou que o animal ia pegá-lo, mas ou o grito dela assustou o felino, ou ele não tinha essa intenção. Ele se afastou, mas ela correu até você e passou-se muito tempo antes que o perdesse de vista novamente.

- Havia muitos desses felinos negros onde você esteve? - perguntou Talut.

- Não muitos, mas havia alguns por perto. Permaneciam nas florestas e eram caçadores noturnos, portanto, difíceis de ver.

- Seriam tão raros quanto os brancos daqui, não? Os bisões são escuros e alguns mamutes também, mas não são realmente negros. Preto é especial. Quantos animais pretos existem? - indagou Ranec.

- Hoje, quando fui com Druwez, vimos um lobo negro - disse Ayla.

- Nunca tinha visto lobo negro antes.

- Era negro, realmente? Ou apenas escuro? - interrogou Ranec, muito interessado.

- Negro. Mais claro na barriga, mas preto. Lobo solitário, eu acho - acrescentou Ayla. - Não vi outros rastros. Em bando seria.., status inferior. Talvez tenha partido e encontre outro lobo solitário e forme novo bando...

- Status inferior? Como sabe tanto sobre lobos? - perguntou Frebec. Havia uma sombra de motejo em sua voz como se não quisesse acreditar nela, mas havia evidente interesse também.

- Quando aprendi a caçar, caçava apenas animais carnívoros. Somente com funda. Eu observava de perto, muito tempo. Aprendi sobre lobos. Uma vez vi uma loba branca, em bando. Outros lobos não gostavam dela. Ela partiu. Outros lobos não gostam de lobo de cor errada.

- Era um lobo negro - disse Druwez, querendo defender Ayla, es pecialmente depois da excitante cavalgada. - Também vi. Não estava certo, a princípio, mas era um lobo, e era preto. E acho que estava sozinho.

- Falando de lobos, devíamos vigiar esta noite. Se há um lobo negro por perto, há ainda mais motivo para vigiar - disse Talut. - Podemos revezar, mas alguém tem que ficar acordado e de vigia a noite toda.

- Devíamos ir descansar - falou Tulie, levantando-se. - Temos uma longa caminhada amanhã.

- Eu vigiarei primeiro - disse Jondalar. - Quando cansar, posso acordar alguém.

- Pode me acordar - falou Talut e Jondalar concordou com um gesto de cabeça.

- Eu vigio também - disse Ayla.

- Por que não vigia com Jondalar? É uma boa idéia ter uma companhia para isso. Podem manter- se acordados, mutuamente.

Capítulo 8

- Estava frio na noite passada. Esta carne está começando a congelar - disse Deegie, prendendo um traseiro a um fardo.

- Isso é bom - falou Tutie - mas há mais do que podemos carregar. Teremos que deixar alguma carne.

- Não podemos construir um monte sobre ela com as pedras da cerca? - perguntou Latie.

- Podemos, e deveríamos, provavelmente, Latie. É uma boa idéia - disse Tulie, preparando um fardo para si mesma que era tão grande que Ayla se perguntou como ela, apesar de ser tão forte, poderia carregá-lo.

- Mas, talvez não voltemos para buscar a carne até a primavera, se o tempo mudar. Se fosse um local mais perto da moradia, seria melhor.

Os animais não se aproximam tanto e poderíamos vigiar, mas aqui, no descampado, se um leão de caverna ou mesmo um carcaju determinado quiser a carne, realmente, encontrará um meio de passar pelo monte de pedras.

- Não podemos derramar água sobre ele para congelar? Isso manteria os animais afastados. É difícil penetrar através de um monte de pedras congelado mesmo com picaretas e enxadas - disse Deegie.

- Manteria os animais afastados, sim, mas como evitaria o sol, Deegie? - perguntou Tornec. - Não pode ter certeza de que continuará frio. A estação está muito no início.

Ayla ouvia e observava a pilha de pedaços de bisão diminuir enquanto todos arrumavam o máximo que podiam carregar. Ela não estava acostumada a excesso, a ter tanto que se podia pegar e escolher e levar apenas o melhor. Sempre houvera alimento abundante quando

ela vivia com o Clã, e mais do que peles suficientes para roupas, cobertas de cama e outros usos, mas pouco era desperdiçado. Ela não estava certa de quanto seria deixado ali, mas tanto já havia sido atirado ao monte de sobras, que a incomodava pensar em abandonar mais, e era óbvio que os outros também o quisessem.

Observou Danug pegar o machado de Tulie, manejando-o com tanta facilidade quanto a mulher, partir uma tora em duas e acrescentá-la à úl tima fogueira que ainda ardia. Ela caminhou até ele.

- Danug - disse, a voz baixa - quer me ajudar? - Hum... ah... sim - balbuciou ele timidamente. A voz dela era tão baixa e suave e seu sotaque incomum era tão exótico! Ela o pegara de surpresa; não a tinha visto aproximar-se, e ficar de pé perto da bela mulher o aturdiu, inexplicavelmente.

- Preciso de... duas toras - disse Ayla, erguendo dois dedos. - Há árvores novas rio abaixo.

Corte-as para mim? - Ah... claro. Cortarei duas árvores para você.

Quando caminharam em direção à curva do riacho, Danug se sentiu mais relaxado, mas continuou abaixando os olhos para a cabeça loura da mulher que caminhava a seu lado e apenas a meio passo à frente. Ela selecionou dois amieiros novos, eretos, de aproximadamente a mesma largura, e depois de Danug derrubá-los, ela lhe ordenou para tirar os galhos e cortar as extremidades, de forma a que ficassem do mesmo comprimento. Então, a maioria da timidez do jovem alto e forte havia desaparecido.

- O que vai fazer com isto? - perguntou Danug.

- Eu lhe mostro - disse ela, depois com um assobio alto, imperioso, chamou Whinney. A égua galopou em sua direção. Ayla havia-lhe colocado antes os arreios e cestos em preparação para a partida. Embora Danug achasse estranho ver uma manta de couro sobre o lombo

de uma égua, e duas cestas amarradas com correias aos seus flancos, notou que o animal não parecia incomodado ou mais lento.

- Como consegue que ela faça isto? - interrogou ele.

- Faça o quê? - Vir até você quando assobia.

Ayla franziu a testa pensativa.

- Não estou certa, Danug. Até Neném chegar eu estava sozinha no vale com Whinney. Era a única amiga que eu tinha. Cresceu comigo e aprendemos... uma sobre a outra.

- É verdade que fala com ela? - Aprendemos a nos conhecer, Danug. Whinney não fala como você. Aprendi... seus sinais.., seus movimentos. Ela aprendeu os meus.

- Quer dizer, como os sinais de Rydag? - Um pouco. Animais, pessoas, todos têm sinais, até você, Danug. Diz palavras, gestos dizem mais. Fala quando não sabe que está falando.

Danug enrugou a testa. Não estava seguro sobre o rumo da conversa.

- Não compreendo - disse, desviando o olhar.

- Agora falamos - continuou Ayla. - Palavras não dizem nada, mas sinais dizem... Quer montar a cavalo. Certo? - Bem... ah... sim, eu gostaria.

- Então... você monta.

- Fala sério? Posso montar a égua, realmente? Como Latie e Druwez fizeram? Ayla sorriu.

- Venha cá. Preciso de pedra grande para ajudá-lo a montar, na primeira vez.

Ayla acariciou e deu tapinhas carinhosos em Whinney, e falou-lhe na única linguagem que se desenvolvera naturalmente entre elas: a combinação de palavras e sinais do Clã, sons tolos que ela inventara com seu filho e aos quais dera significado, e sons de animais que imitava perfeitamente. Disse a Whinney que Danug queria dar uma volta, e para tornar o p'asseio

excitante, mas não perigoso. O rapazola havia aprendido alguns dos sinais do Clã que Ayla ensinava a Rydag e ao acampamento, e ficou surpreso por descobrir o significado de alguns, que eram parte da comunicação de Ayla com o animal, porém, isto o deixou apenas ainda mais assombrado. Ela falava com a égua, mas como Mamut quando invocava espíritos, utilizava uma linguagem mística, poderosa, esotérica.

Quer a égua compreendesse explicitamente ou não, entendia, pelos movimentos de Ayla, que algo especial era esperado quando a mulher ajudou o rapaz alto a montá-la. Para Whinney, ele era como um homem que ela havia conhecido e em quem confiava. Suas pernas compridas pendiam e não havia senso de direção ou comando.

- Segure a crina - instruiu Ayla. - Quando quiser ir, incline-se um pouco à frente Quando quiser diminuir a marcha ou parar, endireite o corpo.

- Quer dizer que não vai comigo? - perguntou Danug, com uma ponta de medo estremecendo sua voz.

- Não precisa de mim - disse ela. Depois, deu uma palmada no flanco de Whinney.

A égua partiu com um súbito impulso de velocidade. Danug saltou para trás, depois agarrou-lhe a crina para curvar-se à frente, passou os braços ao redor do pescoço da égua e se equilibrou a todo custo. Mas quando Ayla cavalgava, inclinada para a frente, era um sinal para ir mais depressa. A égua robusta das planícies frias saltou à frente pela planície lisa de aluvião, que agora já se tornara bastante familiar, pulando toras e galhos cortados, e evitando pedras expostas, pontudas, e árvores ocasionais.

A princípio, Danug ficou tão petrificado que só conseguiu manter os olhos apertadamente cerrados e se segurar. Mas depois, ao compreender que não havia caído, embora pudesse sentir os músculos fortes da égua

quando saltava com a andadura larga do animal, abriu os olhos um pouco. Seu coração batia de excitação enquanto observava as árvores e galhos cortados, e o terreno abaixo, passaram numa velocidade indistinta. Ainda se mantendo seguro, ergueu a cabeça para olhar ao redor.

Mal podia acreditar quão longe havia ido. Os grandes aforamentos que ladeavam o rio estavam bem à frente! Ouvia, vagamente, um assobio agudo atrás de si, ao longe, e imediatamente notou uma diferença na marcha da égua. Whinney ultrapassou os rochedos de proteção, em seguida, reduzindo apenas ligeiramente a velocidade, fez a volta em um círculo largo e regressou. Em bora ainda se segurando com força, Danug sentia menos medo agora. Queria ver para onde iam, e se colocou numa posição um pouco mais ereta, que Whinney interpretou como um sinal para reduzir a velocidade. O sorriso no rosto de Danug quando o animal se acercou fez Ayla pensar em 1 especialmente quando estava satisfeito consigo mesmo. Ela pôde ver o homem no menino. Whinney empinou e parou, e Ayla a conduziu para a pedra a fim de Danug poder descer. Ele estava tão extasiado que mal podia falar, porém não conseguia parar de sorrir. Ele jamais havia pensado em cavalgar rapidamente - isto estava além de sua imaginação - e a experiência ultrapassava suas expectativas mais excitantes. Jamais esqueceria.

Seu sorriso fez Ayla rir sempre que olhava para ele. Ela prendeu as toras aos arreios de Whinney e quando voltaram ao local do acampamento, Danug ainda sorria largamente.

- O que há com você? - perguntou Latie. - Por que está sorrindo assim? - Eu montei a égua - respondeu Danug. Latie sacudiu a cabeça afirmativamente e sorriu.

Quase tudo o que podia ser levado do local da caçada fora preso às costas, ou enrolado em peles,

prontas para oscilarem de varas resistentes, como se fossem redes, carregadas aos ombros por duas pessoas. Ainda havia lombos e peles enroladas abandonados, mas não tantos quanto Ayla imaginara que seriam. Como com a caça e o retalho da carne, poderiam levar mais para o acampamento de inverno quando todos trabalhavam juntos.

Várias pessoas viram que Ayla não preparava um fardo para carregar de volta, e perguntaram-se onde teria ido, mas quando Jondalar a viu regressar com Whinney arrastando as toras, soube o que ela tinha em mente. Ela arrumou novamente as toras de maneira que as extremidades mais grossas se cruzassem bem acima dos cestos através da cernelha da égua e amarrou-as aos arreios, e as extremidades estreitas ficassem obliquamente atrás do animal e descansassem no solo facilmente.

Então, entre as duas toras, ela prendeu um estrado improvisado feito de cobertura da tenda, utilizando galhos para suporte. As pessoas pararam de observá-la, mas somente quando ela começou a transferir os restos da carne de bisão para o travois foi que todos compreenderam o seu propósito.

Ela também encheu os cestos e colocou a última carne em uma mochila, para ela própria carregar.

Quando terminou, para surpresa de todos, não restava nada na pilha.

Tulie olhou para Ayla e a égua com o travois e os cestos, obviamente impressionada.

- Jamais pensei em usar um cavalo para carregar um fardo - disse ela. - Na verdade, nunca me ocorreu utilizar um cavalo para coisa alguma, a não ser alimento.., até agora.

Talut atirou terra ao fogo, e mexeu-o para ter certeza de que se apa gara. Depois levou às costas seu pesado fardo, colocou a mochila ao ombro esquerdo, e

pegou a lança e partiu. O resto dos caçadores o seguiu. Jondalar havia-se perguntado, desde que conhecera os Mamutoi, por que faziam suas mochilas para serem usadas apenas sobre um ombro. Enquanto ajustava o fardo às costas para que se ajustasse de forma confortável, e colocava a mochila ao ombro, compreendeu, de repente. Isso lhes permitia carregar sacos completamente cheios às costas. Devem carregar grandes quantidades, com freqüência, pensou.

Whinney caminhou atrás de Ayla, a cabeça perto do ombro da mulher. Jondalar, conduzindo Racer pelo cabresto, caminhava ao lado dela. Talut recuou e andava logo à frente deles, e trocaram algumas palavras enquanto caminhavam. Enquanto as pessoas se arrastavam sob o peso dos fardos, Ayla notou um olhar ocasional em sua direção e na de Whinney.

Depois de algum tempo, Talut começou a entoar uma melodia em voz sussurrante. Logo, vocalizava sons no compasso de seus passos: "Hus-na, dus-na, teesh-na, keesh-na.

Pec-na, sec-na, ha-na-nya.

Hus-na, dus-na, teesh-na, keesh-na.

Pec-na, sec-na, ha-na-nya!" O resto do grupo participou, repetindo as sílabas e o tom. Depois, com um sorriso malicioso, Talut, mantendo o mesmo ritmo e compasso, olhou para Deegie e mudou para palavras.

"O que a bela Deegie deseja? Branag, Branag, divida minha cama.

Para onde vai a bela Deegie, no entanto? Para casa, esvaziar as peles." Deegie corou, mas sorriu, enquanto todos riam, astuciosamente. Quando Talut repetiu a primeira pergunta, o resto do grupo se uniu na resposta, e depois da segunda, cantaram a réplica. Em seguida, juntaram-se a Talut para cantar o refrão.

"Hus-na, dus-na, teesh-na, keesh-na.

Pec-na, sec-na, ha-na-nya!" Repetiram-no várias vezes, depois Talut improvisou outro verso.

"Como Wymez passa o inverno? Fabricando ferramentas e querendo diversão.

Como Wymez passa o verão? Recuperando-se por não ter nenhuma das duas.

Todos riram à exceção de Ranec. Ele urrou. Quando a estrofe foi repetida pelo grupo, o em geral retraído Wymez ficou vermelho diante da brincadeira gentil. O hábito do fabricante de ferramentas, de tirar proveito das Reuniões de Verão para compensar sua vida de inverno, essencialmente celibatária, era bem conhecido.

Jondalar se divertia com a provocação e brincadeiras, tanto quanto os outros. Era exatamente o tipo de coisa que seu povo costumava fazer. Mas, a princípio, Ayla não compreendeu a situação inteiramente, ou o humor, principalmente ao notar o embaraço de Deegie. Depois, ela viu que havia riso e sorrisos de bom humor, e as zombarias eram bem recebidas. Começava a compreender o humor verbal, e o próprio riso era contagioso. Ela também sorriu da estrofe dirigida a Wymez.

Talut começou o refrão de sílabas cantadas de novo, quando todos se calaram. As pessoas se juntaram a ele, adivinhando agora.

"Hus-na, dus-na, teesh-na, keesh-na. Pec-na, sec-na, ha-na-nya!" Talut olhou para Ayla, depois com um sorriso presunçoso, começou'.

"Quem quer o afeto cálido de Ayla? Dois gostariam de partilhar suas cobertas de pele.

Quem será o raro escolhido? Preto ou branco, a escolha é dela." Ayla ficou contente por ser incluída na brincadeira, e embora não tivesse certeza de entender completamente o significado da estrofe, corou de entusiasmo porque era sobre ela. Refletindo sobre a

conversa da noite anterior, pensou que o preto e branco deviam se referir a Ranec e Jondalar.

O riso deleitado de Ranec confirmou sua suspeita, mas o sorriso forçado de Jondalar a incomodou.

Ele não se divertia agora.

Então, Barzec aproveitou o refrão e até o ouvido não-treinado de Ayla detectou uma qualidade excelente e distinta no timbre e tom de sua voz. Ele também sorriu para Ayla, indicando quem seria o sujeito de sua estrofe provocante.

"Como Ayla escolherá uma cor? O preto é raro, mas o branco também. Como Ayla escolherá um amante? Dois podem aquecer suas cobertas à noite!" Barzec olhou para Tulie, enquanto todos repetiam seu poema, e ela o recompensou com um olhar de ternura e amor. Jondalar, contudo, franziu a testa, incapaz de sequer fingir que se divertia com o rumo da provocação.

Não gostava da idéia de dividir Ayla com ninguém, principalmente com o atraente escultor.

Ranec pegou o refrão em seguida, e os outros se juntaram a ele de pressa.

"Hus-na, dus-na, teesh-na, keesh-na Pec-na, sec-na, ha-na-nya!" A princípio, não olhou para ninguém, querendo manter algum suspense. Depois lançou um largo sorriso radiante a Talut, o instigador da canção provocante, e todos riram antecipadamente, esperando que Ranec tomasse como tema aquele que deixara os outros embaraçados.

"Quem é grande e alto e forte e sábio? O bruto de cabelo ruivo, dono do Acampamento do Leão. Quem maneja uma ferramenta do seu tamanho? Talu, o amigo de toda mulher!" O chefe grandalhão berrou diante da alusão, enquanto os outros gritavam a estrofe pela segunda vez. Depois, ele retomou o refrão. Enquanto regressavam ao Acampamento do Leão, a canção

ritmada determinou passo, e o riso aliviou o peso de carregar de volta o fruto de sua caçada.

Nezzie saiu da habitação comunal e deixou a cortina cair atrás de si. Olhou para a margem oposta do rio. O sol estava baixo no céu ocidental, preparando-se para mergulhar num colchão de nuvens perto do horizonte. Ergueu os olhos para a encosta, sem saber ao certo por quê. Realmente, não esperava os caçadores de volta, ainda; tinham partido apenas na véspera e, provavelmente, ficariam fora duas noites, no mínimo. Alguma coisa a fez levantar os olhos de novo. Havia movimento no alto da trilha que levava às estepes? - É Talut! - gritou, vendo o vulto familiar recortado contra o céu. Enfiou a cabeça para dentro da moradia e berrou: - Estão de volta! e o resto, estão de volta! - Depois correu e subiu a encosta ao encontro deles.

Todos saíram correndo da habitação para saudar os caçadores que regressavam. Ajudaram a tirar os pesados fardos das costas dos que tinham não apenas caçado, mas carregado os produtos de seus esforços para casa. Porém, a visão que causou maior surpresa foi a da égua arrastando um fardo muito maior do que qualquer pessoa poderia carregar. As pessoas se reuniram ao redor, quando Ayla descarregou ainda mais dos cestos. A carne e outras partes dos bisões foram trazidas imediatamente para o interior da moradia, passadas de mão em mão e estocadas.

Ayla certificou-se de que os cavalos estavam bem depois de todos terem entrado, retirando os arreios de Whinney e o cabresto de Racer. Embora parecesse não sofrer qualquer consequência por passar as noites fora, sozinhos, a mulher ainda sentia uma ponta de preocupação por deixá-los todas as tardes, quando entrava na habitação comunal. Enquanto o tempo permanecesse razoavelmente bom, não importava. Um pouco de frio não a incomodava, mas aquela era a

estação das mudanças inesperadas. E se uma tempestade desabasse? Onde os animais iriam ficar, então? Ela ergueu a cabeça com uma ruga de preocupação na testa. Nuvens altas e finas, em tons brilhantes, corriam pelo céu. O sol se pusera não há muito tempo atrás, e deixara uma panóplia de cor viva seguindo-o. Ela observou até os matizes desaparecerem e o azul-claro ficar acinzentado.

Quando Ayla entrou, ouviu um comentário sobre ela e a égua, exata mente antes de empurrar a cortina interna que levava à fogueira de cozinhar. As pessoas estavam sentadas ao seu redor, relaxando, comendo e conversando, mas a conversa cessou quando ela apareceu. Ela se sentiu embaraçada ao passar na primeira fogueira, com todos olhando para ela. Então, Nezzie lhe entregou um prato de ossos e a conversa recomeçou. Ayla começou a se servir. Depois, parou para olhar à volta. Onde estava a carne de bisão que acabavam de trazer? Não havia sinal dela em lugar algum.

Ela sabia que devia ter sido guardada, mas onde Ayla empurrou para trás a pesada pele exterior de mamute e procurou primeiro os cavalos. Segura de que estavam bem, procurou Deegie e sorriu à sua aproximação. Deegie tinha-lhe prometido mostrar, com as peles frescas de bisão, como os Mamutoi preparavam e curtiam as peles. Ayla se interessava, particularmente, como coloriam o couro de vermelho, igual à túnica de Deegie. Jondalar havia dito que o branco era sagrado para ele; o vermelho era sagrado para Ayla porque era sagrado para o Clã. Uma pasta de tingir pele vermelho-ocre misturada com gordura, de preferência gordura de urso de caverna, era utilizada na cerimônia de dar nome; um pedaço de ocre vermelho era o primeiro objeto que entrava num saquinho amuleto, dado à época em que o totem de uma pessoa se tornava conhecido. Do início ao

fim da vida, o ocre vermelho era usado em muitos rituais, inclusive o último, o funeral. O saquinho que continha as raízes usadas para fazer a bebida sagrada era a única coisa vermelha que Ayla já possuía e, depois do seu amuleto, era o seu maior tesouro.

Nezzie saiu da moradia carregando um grande pedaço de couro manchado pelo uso, e viu Ayla e Deegie juntas.

- Oh, Deegie. Eu procurava alguém que me ajudasse - disse ela. - Pensei em fazer um grande assado para todos. A caçada dos bisões teve tanto sucesso que Talut disse que devíamos fazer uma festa para celebrar. Quer preparar isto para cozinhar? Coloquei carvão quente no buraco próximo à grande fogueira, e pus a armação sobre ele. Há um saco de esterco seco de mamute lá para colocar nos carvões. Mandarei Danug e Latie buscarem água.

- Sempre ajudarei a fazer um dos seus assados, Nezzie.

- Posso ajudar? - indagou Ayla.

- E eu - disse Jondalar que acabava de se acercar para falar com Ayla e ouvira a conversa.

- Podem ajudar-me a trazer um pouco de comida para fora - disse Nezzie ao se virar para entrar novamente.

Eles a seguiram em direção às arcadas de presa de mamute que estavam ao longo das paredes no interior da habitação comunal. Ela afastou uma cortina bastante dura e pesada de pele de mamute, que não havia sido tosada. A camada dupla de gordura avermelhada, com seu agasalho penugento e pêlo exterior longo, estava voltada para fora. Uma segunda cortina pendia atrás dela e quando foi empurrada, sentiram uma brisa fria. Olhando o espaço fracamente iluminado, viram um grande buraco, do tamanho de um quarto pequeno. Tinha cerca de 1 metro de profundidade abaixo do nível

do solo, com a terra nua da encosta formando altas paredes, e estava quase cheio de pedaços e nacos congelados e carcaças menores de carne.

- Estocagem! - exclamou Jondalar, segurando as pesadas cortinas enquanto Nezzie descia. - Guardamos carne congelada para o inverno também, mas não tão convenientemente fechada.

Nossos abrigos são construídos sob as saliências de penhascos, ou na frente de algumas cavernas.

Mas é difícil manter a carne congelada lá, daí nossa carne ficar no exterior.

- O Clã conserva a carne congelada na estação fria escondida sob pilhas de pedras - disse Ayla, entendendo agora o que acontecera com a carne de bisão que trouxeram da caçada.

Nezzie e Jondalar expressaram surpresa. Nunca pensaram na gente do Clã estocando carne para o inverno, e ainda estavam espantados quando Ayla mencionou atividades que pareciam tão avançadas, tão humanas. Mas os comentários de Jondalar sobre o local onde vivia tinham surpreendido Ayla. Ela havia imaginado que todos os Outros viviam no mesmo tipo de moradia e não compreendeu que as habitações de terra eram construções tão raras para ele quanto para ela.

- Não temos muitas pedras aqui para fazer esconderijos - disse Talut, em sua voz retumbante.

Levantaram a cabeça para o gigante de cabelos ruivos que se acercava. - Deegie me disse que resolveu fazer um as sado, Nezzie - disse ele com um sorriso satisfeito. - Achei que devia vir ajudar.

- Esse homem sente o cheiro de comida antes de ela estar cozida! - exclamou Nezzie rindo baixinho, enquanto remexia na escavação abaixo.

Jondalar ainda se interessava pelos locais de armazenagem.

- Como a carne fica congelada assim? Dentro da habitação é quente - falou.

- No inverno todo o solo se congela como rocha, mas derrete-se o suficiente para ser escavado no verão. Quando construímos uma moradia, escavamos o suficiente para atingir o solo que está sempre congelado, para recintos de estocagem. Eles manterão o alimento frio mesmo no verão, embora nem sempre congelado. No outono, assim que o tempo fica frio lá fora, o solo começa a congelar. Então, a carne congelará nos buracos e começamos a estocar para o inverno. A pele de mamute mantém o calor dentro e o frio fora - explicou Talut. - Exatamente como faz em relação ao mamute - ajuntou com um sorriso.

- Talut, pegue isto aqui - disse Nezzie, estendendo um naco duro, congelado, marrom- avermelhado, com uma camada espessa de gordura amarelada de um lado.

- Eu pego - ofereceu-se Ayla, estendendo as mãos para a carne.

Talut agarrou as mãos de Nezzie e embora ela não fosse, de modo algum, uma mulher miúda, o homem robusto a ergueu como se fosse uma criança, tirando-a do buraco.

- Você está com frio. Terei de aquecê-la - disse ele, colocando os braços à volta dela, pegando-a no colo e acariciando-lhe o pescoço com o nariz.

- Pare com isso, Talut. Ponha-me no chão! - zangou-se ela, em bora o rosto brilhasse de prazer.

- Tenho trabalho a fazer, não é o momento certo...

- Diga-me o momento certo e a porei no chão, então.

- Temos visitas - protestou ela, mas envolveu o pescoço do homem com os braços e cochichou-lhe ao ouvido.

- É uma promessa! - exclamou o homem grande, pousando-a no chão suavemente e dando-lhe tapinhas nos quadris largos, enquanto a mulher ruborizada

endireitava as roupas e tentava recuperar sua dignidade.

Jondalar riu para Ayla e passou o braço por sua cintura. Novamente, pensou Ayla, eles fazem um jogo, dizendo uma coisa com as palavras e outra coisa com seus atos. Mas, desta vez, compreendeu o humor e o forte amor oculto partilhados por Talut e Nezzie. De repente, compreendeu que eles revelavam amor sem serem óbvios também, como o Clã fazia, dizendo uma coisa que significava outra. Com o novo insight, um conceito importante assumiu o seu lugar, o que esclareceu e resolveu muitas questões que a tinham incomodado, ajudando-a a compreender melhor a graça.

- Esse Talut! - exclamou Nezzie, tentando soar severa, mas seu sorriso satisfeito desmentia o tom de voz. - Se não tem nada a fazer, pode ajudar a pegar as raízes, Talut - Depois, acrescentou à jovem mulher.

- Eu lhe mostrarei onde guardamos, Ayla. A Mãe foi generosa neste ano, foi uma boa estação e conseguimos muitas.

Deram a volta a um estrado de dormir até outro arco com cortina.

- Raízes e frutas são estocadas mais alto - falou Talut aos visitantes, afastando outra cortina e mostrando-lhes cestas carregadas de tubérculos nodosos, de pele marrom, amiláceos; cenouras pequenas, silvestres de cor amarelo-clara; hastes inferiores e suculentas de tábuas e tifáceas; e outros produtos estocados a nível do solo, ao redor da borda de um buraco mais fundo. - Duram mais se forem mantidas frias, porém o congelamento as deixa macias. Mantemos as peles armazenadas também, até alguém estar pronto para prepará-las, e alguns ossos para fabricar ferramentas e um pouco de marfim para Ranec. Ele diz que o congelamento deixa o marfim mais fresco e mais

fácil de trabalhar. Marfim extra e ossos para as fogueiras são estocados na área da entrada e em buracos lá fora.

- O que me faz lembrar que quero um joelho de mamute para o as sado. Sempre dá sabor e paladar - disse Nezzie, enquanto enchia uma grande cesta com verduras diversas. - Agora, onde coloquei aquelas flores secas de cebola? Sempre achei que paredes de pedra eram necessárias para sobre viver ao inverno, para a proteção do pior dos ventos e tempestades - disse Jondalar, com a voz cheia de admiração. - Construímos abrigos no interior de cavernas, contra as muralhas, mas vocês não têm cavernas. Nem sequer têm árvores abundantes para madeira a fim de construir abrigos. Fizemos tudo com mamutes! - Por isto a Fogueira do Mamute é sagrada. Caçamos outros animais, porém nossa vida depende do mamute - disse Talut.

- Quando fiquei com Brecie e o Acampamento do Salgueiro, ao sul daqui, não vi nenhuma construção como esta.

- Conhece Brecie também? - interrompeu Talut.

Brecie e algumas pessoas do acampamento tiraram meu irmão e eu da areia movediça.

- Ela e minha irmã são velhas amigas - disse Talut - e aparentadas, por causa do primeiro homem de Tulie. Crescemos juntos. Chamam seu local de verão de Acampamento do Salgueiro, mas sua casa é o Acampamento do Alce. As moradias de verão são mais leves, não como esta. O Acampamento do Leão é uma habitação de inverno. O Acampamento do Salgueiro vai muitas vezes ao mar Beran a fim de pescar e pegar mariscos e sal para negociar. O que vocês faziam lá? - Thonolan e eu atravessávamos o delta do Grande Rio Mãe. Ela salvou nossas vidas...

- Deveria contar essa história mais tarde. Todos quererão ouvir. - disse Talut.

Ocorreu a Jondalar que a maior parte de suas histórias era também sobre Thonolan. Quer quisesse ou não, teria que falar sobre seu irmão. Não seria fácil, mas teria que se acostumar com isso, se pretendia dizer alguma coisa.

Atravessaram o espaço da Fogueira do Mamute que, exceto pela passagem central, era delimitada por divisões de osso de mamute e cortinas de couro, como todas as fogueiras. Talut notou o arremessador de lanças de Jondalar.

- Vocês dois deram uma demonstração e tanto - disse o chefe. - Aquele bisão foi detido imediatamente.

- Isto pode fazer mais do que viu - falou Jondalar, parando para pegar o implemento. - Com ele, posso atirar uma lança mais firmemente e mais longe.

- Verdade? Talvez possa nos dar outra demonstração - disse Talut.

- Eu gostaria, mas devíamos subir às estepes, a fim de ter uma noção melhor do alcance. Acho que ficará surpreso - disse Jondalar, virando-se depois para Ayla: - Por que não traz o seu, também? Do lado de fora, Talut viu sua irmã dirigindo-se ao rio e gritou para a chefe que eles iam ver a nova maneira de Jondalar arremessar lanças. Começaram a subir a encosta e quando chegaram às planícies abertas, a maior parte do acampamento se reunira a eles.

- A que distância pode jogar uma lança, Talut? - perguntou Jondalar, quando chegaram a um local provável para a exibição. - Pode me mostrar? - Claro. Mas por quê? - Porque quero lhe mostrar que posso arremessar mais longe - replicou Jondalar.

Riso geral seguiu-se à sua afirmação.

- É melhor escolher outra pessoa para desafiar. Sei que é um homem grande e forte, provavelmente, mas ninguém é capaz de atirar uma lança mais longe que Talut - aconselhou Barzec. - Por que não mostra a ele,

Talut? Dê-lhe uma chance de ver o que irá enfrentar. Então, poderá com petir em sua própria categoria. Eu poderia ser um bom adversário, talvez até mesmo Danug.

- Não - disse Jondalar com um brilho nos olhos. Aquilo se tornava uma competição, realmente.

- Se Talut é o melhor, então Talut o fará. E aposto que posso arremessar uma lança mais longe... a não ser que eu não tenha nada para apostar. Na verdade, com isto - prosseguiu Jondalar, levantando o implemento estreito, liso, feito de madeira- aposto que Ayla pode atirar uma lança mais distante e mais depressa e com maior precisão do que Talut.

Houve um burburinho de admiração entre o acampamento reunido, em resposta à afirmação de Jondalar. Tulie lançou um olhar a Ayla e a Jondalar. Estavam relaxados demais, confiantes demais.

Devia ser claro para eles que não se igualavam a seu irmão. Ela duvidava de que sequer fossem adversários à sua altura. Era quase tão alta quanto o homem de cabelos louros e possivelmente mais forte, embora o braço comprido de Jondalar talvez lhe desse vantagem. O que sabiam eles que ela ignorava? Deu um passo à frente.

- Eu lhe darei algo para apostar - disse ela. - Se vencer, dar-lhe-ei o direito de fazer uma reivindicação razoável, e se estiver dentro do meu alcance, eu a concederei.

- E se eu perder? - Você me concederá a mesma coisa.

- Tulie, você está certa de que quer apostar uma reivindicação futura? - perguntou Barzec à companheira, com a testa franzida de preocupação. As condições não-definidas eram um alto risco, invariavelmente exigindo mais do que o pagamento usual. Não tanto porque o vencedor fizesse, em geral, exigências grandes, embora

isto acontecesse, mas porque o perdedor precisava estar certo de que a aposta fora cumprida e de que não haveria qualquer reivindicação posterior. Quem sabia o que aquele estranho poderia pedir? - Contra uma reivindicação futura? Sim - retrucou ela. Mas ela não disse que acreditava não poder perder, de um jeito ou de outro, porque se ele ganhasse, se realmente fizesse o que dizia, eles teriam acesso a uma nova e valiosa arma. Se ele perdesse, ela lhe faria uma reivindicação.

- O que diz, Jondalar? Tulie era arguta, mas Jondalar sorria. Ele já apostara reivindicações tuturas antes; sempre acrescentavam graça ao jogo e interesse nos espectadores. Queria partilhar o segredo de sua descoberta. Desejava ver como seria aceita e como funcionaria numa caçada comunal. Era o próximo passo lógico para testar sua nova arma de caça. Com um pouco de experimentação e prática, qualquer pessoa poderia usá-la. Essa era a beleza da coisa. Mas levava tempo para se treinar e aprender a nova técnica, que exigiria entusiasmo ardente. A aposta ajudaria a criar isso... e ele teria uma reivindicação futura sobre Tulie. Não duvidava disso.

- De acordo! - exclamou ele.

Ayla observava a ação. Não compreendia bem a aposta, exceto que havia competição envolvida, mas sabia que aconteciam mais coisas sob a superfície.

- Vamos trazer alguns alvos para cá e também alguns marcadores disse Barzec, encarregando-se da competição. - Druwez, você e Danug vão buscar alguns ossos compridos para marcos.

Ele sorriu, observando os dois meninos descerem correndo a encosta.

Danug, tão parecido com Talut, ultrapassava o outro garoto em altura, em bora fosse apenas um ano mais velho, mas com treze anos; Druwez começava a revelar

uma musculatura rija, compacta, semelhante à constituição física de Barzec.

Barzec estava convencido de que o rapazola e a pequena Tusie eram a prole de seu espírito, enquanto Deegie e Tarneg eram, provavelmente, do de Darnev. Não estava seguro sobre Brinan.

Oito anos desde o seu nas cimento, mas ainda era difícil dizer. Talvez Mut tivesse escolhido algum outro espírito, não um dos dois homens da Fogueira dos Auroques. Ele se parecia com Tulie, e o cabelo era ruivo como o do seu irmão, mas Brinan tinha sua própria aparência. Da mesma forma que Darnev tivera. Barzec sentiu um nó na garganta, agudamente consciente, por um instante, da ausência de sua companheira. Não era a mesma coisa sem Darnev, pensou ele. Depois de dois anos, ele ainda sofria tanto quanto Tulie.

Quando os postes de osso da perna de mamutes - com rabos de raposa vermelha amarrados a eles, e cestas tecidas com capim brilhantemente tingido, invertidas no topo - foram levantados para marcar a linha de arremesso, o dia começava a dar a impressão de comemoração. Começando a cada poste, emaranhados de capim comprido, ainda em crescimento, foram amarrados juntos a intervalos, criando uma vereda larga. As crianças corriam para cima e para baixo, na linha de arremesso, pisando o capim e delineando o espaço ainda mais. Outros trouxeram lanças. Depois, alguém teve a idéia de encher um velho catre com capim e estrume seco de mamute, que foi então marcado com figuras a carvão negro para usar como alvo móvel.

Durante os preparativos, que pareciam tornar-se mais e mais elaborados por acordo mútuo, Ayla começou a fazer uma refeição matinal para Jondalar, Mamut, e ela própria. Breve, incluiria todos da Fogueira do Leão e assim Nezzie pôde preparar o assado. Talut ofereceu sua bebida fermentada para o jantar, o que fez todos

sentirem que era uma ocasião especial, já que, usualmente, só oferecia a bebida a hóspedes e quando havia celebração. De pois, Ranec anunciou que prepararia seu prato especial, o que deixou Ayla espantada ao saber que ele cozinhava e agradou a todos os outros.

Tornec e Deegie disseram que se iam ter uma "festa",... eles também poderiam fazer alguma coisa.

Era um palavra que Ayla não compreendia, mas que foi saudada com mais entusiasmo ainda do que o prato especial de Ranec.

Quando a refeição da manhã terminou e tudo foi limpo, a moradia ficou vazia. Ayla foi a última a sair. Deixando a cortina da arcada exterior cair atrás de si, percebeu que estavam no meio da manhã. Os cavalos tinham se acercado um pouco mais e Whinney sacudiu a cabeça e relinchou, saudando a mulher quando ela apareceu. As lanças tinham sido deixadas nas estepes, mas ela havia trazido sua funda, e a segurava com uma bolsa de pedras pequenas e redondas que escolhera em um leito de cascalho perto da curva do rio. Ela não tinha uma correia na cintura ao redor de sua pesada parka para guardar a funda, e nenhuma dobra adequada num agasalho onde carregar os projetis. A túnica e parka que usava eram folgadas.

Todo o acampamento se envolveu na competição; quase todas as pessoas já se encontravam no alto da encosta, esperando com ansiedade. Ela começou a subir também, e viu Rydag esperando com paciência que alguém o visse e o carregasse até o alto, mas aqueles que normalmente o faziam - Talut, Danug e Jondalar - já estavam nas estepes.

Ayla sorriu para a criança e se dirigiu a ela para carregá-la. Então, teve uma idéia. Girando, assobiou para Whinney. A égua e o potro galoparam até ela e pareciam satisfeitos por vê-la. Ela percebeu, então, que

não havia passado muito tempo com eles, recentemente. Havia muitas pessoas que ocupavam o seu tempo. Decidiu sair para uma cavalgada todas as manhãs, ao menos enquanto o tempo se mantivesse bom. Depois, pegou Rydag e o colocou no dorso da égua para que Whinney o carregasse até o alto do aclive íngreme.

- Segure na crina para não cair para trás - avisou Ayla.

Ele concordou com um gesto de cabeça, agarrou a crina espessa e escura na parte posterior do pescoço do animal da cor do feno e soltou um grande suspiro de felicidade.

A tensão no ar era palpável quando Ayla atingiu o local de arremesso das lanças. Fez com que compreendesse que, apesar de todas as festividades, a competição se tornara um negócio sério. A aposta a transformara em mais do que uma demonstração. Ela deixou Rydag montado em Whinney, para que tivesse uma boa visão das atividades, e permaneceu silenciosa ao lado dos dois animais para os conservar calmos. Estavam mais à vontade perto daquelas pessoas agora, mas a égua sentia a tensão, ela sabia, e Racer sempre percebia o humor da mãe.

As pessoas rodopiavam na expectativa, algumas atirando suas lanças no campo bem pisado. Não fora marcada hora especial para o início da competição, no entanto, como se alguém houvesse dado um sinal, todos perceberam o momento exato de deixar o caminho livre e se calar. Talut e Jondalar estavam de pé entre os dois postes observando o local. Tulie se encontrava ao lado deles. Embora Jondalar houvesse dito, originalmente, que podia apostar que até Ayla seria capaz de atirar uma lança mais longe que Talut, parecia uma coisa tão forçada que o comentário fora evidentemente ignorado e, das linhas laterais, ela observava com ávido interesse.

As lanças de Talut eram maiores e mais compridas do que qualquer outra, como se seus músculos fortes precisassem de algo com peso e volume para atirar mas, recordou Ayla, as lanças dos homens do Clã eram ainda mais pesadas e volumosas, se não mais compridas. Ayla reparou em outras diferenças também. Ao contrário das lanças do Clã, feitas para arremessar, estas, bem como as dela e de Jondalar, eram feitas para atravessar o ar, e todas eram guarnecidas de penas, apesar de o Acampamento do Leão parecer preferir três penas amarradas à extremidade dos fustes, enquanto Jondalar usava duas. As lanças que ela fizera para si enquanto vivia sozinha no vale tinham pontas aguçadas, endurecidas ao fogo, semelhantes àquelas que vira no Clã. Jondalar havia moldado e aguçado ossos para pontas de lanças e prendeu-as a hastes. Os caçadores de mamutes pareciam preferir lanças com ponta de sílex.

Envolvida em sua observação cuidadosa das lanças que várias pessoas seguravam, ela quase não viu o primeiro arremesso de Talut. Ele recuara alguns passos e, com um impulso rápido, atirara sua lança com movimento poderoso. A lança passou zunindo pelos observadores e aterrissou com um baque sólido, com a ponta quase enterrada no solo e o fuste vibrando sob o impacto. O acampamento admirado não deixou dúvida sobre o que pensava da proeza de seu chefe. Mesmo Jondalar estava surpreso. Ele suspei tara de que o arremesso de Talut seria longo, mas o homem grande havia excedido de muito as suas expectativas. Não era de espantar que as pessoas houvessem duvidado de sua afirmação.

Jondalar avaliou a distância com alguns passos para sentir o percurso que teria que vencer e voltou à linha de arremesso. Segurando o arremessador de lanças horizontalmente, pousou a extremidade traseira da haste da lança no encaixe que percorria a extensão do

mecanismo e ajustou um buraco escavado da extremidade da lança no pequeno gancho saliente, na extremidade de trás do arremessador. Colocou seus dois primeiros dedos nas alças de couro na extremidade dianteira, o que lhe permitiu lançar e o arremessador num bom ponto de equilíbrio. Correu com os o terreno até a lança ereta de Talut, puxou para trás e arremessou.

Ao fazê-lo, a extremidade traseira do arremessador de lanças se ergueu, eficazmente, aumentando de mais 60 centímetros a extensão do seu braço e ajuntando o ímpeto da força extra ao impulso do arremesso. Sua lança assobiou ao passar pelos espectadores e depois, para surpresa de todos, ultrapassou a lança ereta do chefe, e bem, por boa margem. Aterrissou horizontalmente e escorregou um pouco para a frente em vez de se fincar no solo. Com o mecanismo, Jondalar havia duplicado sua própria distância anterior e, embora não tivesse conseguido duplicar a distância do arremesso de Talut, o havia ultrapassado por boa margem.

De repente, antes que o acampamento pudesse respirar de novo e marcar a diferença entre os dois arremessos, outra lança percorreu o trajeto. Tulie, surpresa, olhou para trás e viu Ayla na linha de arremesso, o arremessador de lanças ainda na mão. Ela virou a cabeça a tempo de ver a lança aterrissar. Embora o arremesso de Ayla não se igualasse ao de Jondalar, a jovem havia ultrapassado o lançamento potente de Talut, e a expressão no rosto de Tulie era de pura incredulidade.

Capítulo 9

- Você tem uma reivindicação futura em relação a mim, Jondalar - declarou Tulie. - Admito que talvez lhe tenha dado uma chance extrema para vencer Talut, mas nunca teria acreditado que a mulher pudesse fazê-lo também. Eu gostaria de ver esse... ah... como é que chama? - Arremessador de lança. Não sei que outro nome lhe possa dar. Tirei a idéia de Ayla, quando eu a observava com sua funda, um dia. Fiquei pensando, se ao menos eu pudesse arremessar tão longe a minha lança, e com tanta rapidez, e tão bem quanto ela lança uma pedra com sua funda... Então, comecei a pensar em como fazê-lo - falou Jondalar.

- Falou sobre a perícia dela antes. Ela é tão boa assim, realmente? - perguntou Tulie.

Jondalar sorriu: - Ayla, por que não pega sua funda e mostra a Tulie? A testa de Ayla se enrugou. Ela não estava habituada a exhibições. Havia aperfeiçoado seu atributo em segredo, e depois que lhe permitiram, de má vontade, caçar, só saía sozinha. Tanto para o Clã quanto para ela era desagradável que utilizasse uma arma de caça. Jondalar foi o primeiro que caçou com ela, e o primeiro a vê-la exhibir sua perícia autodidata. Ela observou um instante o homem sorridente. Ele estava relaxado, confiante. Não conseguiu detectar qualquer indício avisando-a para recusar.

Ela sacudiu a cabeça concordando e foi buscar sua funda e a sacola de pedras com Rydag, a quem ela as entregara quando resolveu atirar sua lança. O menino sorriu-lhe, montado em Whinney, sentindo uma parte de excitação, encantado com a agitação que ela provocara.

Ela olhou ao redor em busca de alvos. Reparou nos ossos de costela de mamute eretos e fez pontaria neles

primeiro. O som ressoante, quase musical de pedras atingindo os ossos não deixou dúvidas de que ela havia acertado nos postes, mas isso era fácil demais. Ayla olhou ao redor tentando encontrar outra coisa para mirar. Estava habituada a procurar pequenos animais e aves para caçar, não objetos em que atirar pedras.

Jondalar sabia que ela podia fazer muito mais do que acertar em postes e, lembrando-se de uma tarde durante o último verão, seu sorriso tornou-se mais amplo enquanto olhava à sua volta, depois deu uns chutes soltando alguns torrões.

- Ayla - chamou.

Ela se voltou e, abaixando os olhos para o campo de arremesso, viu-o de pé com as pernas separadas, as mãos nos quadris, e um torrão de pedra equilibrado em cada ombro. Ela franziu a testa. Ele havia feito algo semelhante alguma vez, antes, com duas pedras, e ela não gostava de vê-lo correr riscos. As pedras de uma funda podiam ser fatais. Mas, quando ela pensou a respeito, teve que admitir que era mais perigoso, aparentemente, do que na realidade. Dois objetos imóveis deviam ser um alvo fácil para ela. Não havia perdido um arremesso como aquele em anos. Por que falharia agora, somente porque acontecia que um homem sustentava os objetos - o homem que amava? Fechou os olhos, respirou fundo, depois sacudiu a cabeça concordando de novo. Pegando duas pedras da bolsa a seus pés, no chão, juntou as duas extremidades da tira de couro e ajustou uma das pedras no bolso gasto, no meio, segurando a outra pedra em posição. Depois, levantou os olhos.

Uma imobilidade nervosa pairou e encheu os espaços vazios ao redor dos espectadores. Ninguém falou. Parecia que ninguém sequer respirava. Tudo estava silencioso, com exceção da tensão gritante no ar.

Ayla se concentrou no homem com os torrões sobre os ombros. Quando começou a mover-se, todo o acampamento se inclinou para a frente, tenso. Com o movimento sutil e a graça flexível de uma caçadora experiente que aprendeu a mostrar sua intenção o mínimo possível, a jovem girou o braço e fez voar a primeira pedra.

Mesmo antes de a pedra alcançar seu alvo, ela aprontava a segunda. O torrão duro sobre o ombro direito de Jondalar explodiu com o impacto da pedra mais resistente.

Então, antes que qualquer pessoa tivesse consciência de que ela a havia lançado, a segunda pedra seguiu a primeira, pulverizando o fragmento de solo de loesse marrom-acinzentado sobre o ombro esquerdo do homem, numa nuvem de poeira. Aconteceu tão depressa que alguns dos espectadores sentiram como se não tivessem visto o arremesso, ou fosse um truque de algum tipo.

Era um truque, um truque de habilidade que poucos poderiam repetir. Ninguém ensinara Ayla a usar uma funda. Ela aprendera sozinha, observando secretamente os homens do clã de Brun, e pelo método das tentativas, e pela prática. Ela desenvolvera a técnica de arremesso duplo e rápido de pedras, como meio de defesa depois que errou um disparo uma vez e quase não conseguiu escapar do ataque de um lince. Ela ignorava que a maioria das pessoas teriam dito que isso era impossível; não houvera ninguém para lhe falar.

Embora não o percebesse, era duvidoso que jamais encontrasse alguém que se igualasse à sua perícia, e isso não tinha a menor importância para ela. Competir com outra pessoa para ver quem era melhor não lhe interessava. Sua única competição era consigo mesma; seu único desejo era superar sua própria marca. Conhecia suas possibilidades e quando pensava em uma

nova técnica, como o arremesso de duas pedras ou caçar a cavalo, tentava várias abordagens e quando encontrava uma que parecia funcionar, treinava-a até poder executá-la.

Em toda atividade humana poucas pessoas, através de concentração e treinamento, e desejo profundo, podem tornar-se tão hábeis que excedam todas as outras. Ayla era mesmo uma expert com sua funda.

Houve um momento de silêncio enquanto as pessoas respiravam; de pois, murmúrios de surpresa.

Em seguida, Ranec começou a bater nas próprias coxas com as mãos. Logo, todo o acampamento aplaudia da mesma maneira. Ayla não tinha certeza do que aquilo significava e olhou para Jondalar. Ele inclinava a cabeça com prazer, e ela começou a perceber que o aplauso era sinal de aprovação.

Tulie aplaudia também, embora de forma um pouco mais contida do que alguns outros, não querendo parecer impressionada demais, embora Jondalar tivesse certeza de que ela o estava.

- Se acham que aquilo foi uma coisa espetacular, observem isto! - disse ele, abaixando-se para pegar mais dois torrões de terra. Atirou os dois torrões ao ar de uma só vez. Ayla desfez um e depois o outro em uma explosão de poeira e terra caindo. Ele lançou ao ar mais dois, e ela os explodiu antes de atingirem o solo.

Os olhos de Talut brilhavam de excitação.

- Ela é boa! - exclamou ele.

- Você atira dois para cima - disse-lhe Jondalar. Depois, encontrou os olhos de Ayla e pegou mais dois torrões e ergueu-os para mostrá-los a ela. Ela enfiou a mão na sacola e tirou-a, segurando quatro pedras, duas em cada mão. Seria preciso uma coordenação excepcional apenas para preparar e atirar quatro pedras com uma funda, antes que quatro torrões de terra lançados ao ar caíssem novamente ao solo, mas fazê-lo

com exatidão suficiente para atingi-los seria um desafio que, certamente, testaria sua habilidade. Jondalar ouviu Barzec e Manuv apostarem entre si; Manuv apostou em Ayla. Depois de salvar a vida da pequena Nuvie, ele estava se guro de que Ayla era capaz de fazer qualquer coisa.

Jondalar lançou os torrões para cima, um após o outro, com sua mão direita firme, enquanto Talut lançava mais dois torrões ao ar, o mais alto possível.

Os dois primeiros, um de Jondalar, e outro de Talut, foram atingidos em sucessão rápida. A poeira choveu da colisão, mas Ayla precisou de tempo extra para passar as pedras adicionais de uma das mãos para a outra. O outro torrão de Jondalar caía e o de Talut se movia mais lentamente ao se aproximar do topo de seu arco, antes que Ayla estivesse pronta para usar a funda de novo. Ela mirou o alvo mais baixo, ganhando velocidade ao descer, e atirou-lhe uma pedra com sua funda.

Observou a pedra atingir o alvo, esperando mais tempo do que deveria para estender a mão, mais uma vez, para a extremidade solta da funda. Teria que se apressar.

Com um movimento veloz, Ayla colocou a última pedra na funda, e em seguida, mais depressa do que se poderia acreditar, lançou-a novamente, despedaçando o último torrão pouco antes de ele alcançar o solo.

O acampamento irrompeu em gritos de aprovação e congratulações, e palmas, batendo as mãos nas coxas.

- Foi uma exibição e tanto, Ayla! - exclamou Tulie, a voz cálida, elogiosa. - Acho que nunca vi ninguém fazer uma coisa assim.

- Agradeço - respondeu Ayla, corada de prazer pela resposta da chefe, assim como por sua façanha. Mais pessoas se aglomeraram à sua volta, cheia de elogios. Ela sorriu timidamente e depois olhou para Jondalar, sentindo-se um pouco constrangida com toda a atenção

recebida. Ele falava a Wymez e Talut, que tinha Rugie aos ombros e Latie ao seu lado. E viu Ayla olhá-lo e sorriu, mas continuou a conversar.

- Ayla, como aprendeu a manejar uma funda assim?
- perguntou Deegie.

- E onde? Quem lhe ensinou? - indagou Crozie.

- Eu gostaria de aprender a fazer isso - acrescentou Danug, com timidez. O rapazola alto estava de pé atrás dos outros, olhando para Ayla com adoração. Na primeira vez em que a vira, ela lhe provocara estímulos jovens. Ele achou que era a mulher mais bonita que já havia visto, e Jondalar, a quem admirava, tinha muita sorte. Mais depois do seu panceio a cavalo e, agora, da exibição de perícia dela, seu interesse incipiente desabrochava, de súbito, numa paixão amadurecida.

Ayla enviou-lhe um sorriso hesitante.

- Talvez nos instrua, quando você e Jondalar nos mostrarem seu arremessador de lanças - sugeriu Tulie.

- Sim. Eu não me importaria em saber como usar uma funda desse jeito, mas o arremessador de lanças parece interessante, realmente, se for razoavelmente preciso - ajuntou Tornec.

Ayla recuou. As perguntas e a aglomeração a deixavam nervosa.

- O arremessador de lanças é preciso - disse ela, recordando q diligentemente ela e Jondalar tinham treinado com o implemento. Nada era acurado por si mesmo.

- É sempre assim. A mão e o olho fazem o artista, Ayla - falou Ranec, estendendo a mão para a dela e encarando-a. - Por acaso, sabia como estava bonita e graciosa? Você é uma artista com uma funda.

Os olhos escuros que fixavam os dela forçaram-na a perceber a forte atração e arrancaram da mulher existente nela uma resposta tão antiga quanto a própria vida. Mas seu coração bateu com um aviso também;

aquele não era o homem certo. Não era o homem que ela amava. O sentimento que Ranec provocava nela era inegável, porém de natureza diferente.

Ela desviou os olhos e procurou freneticamente por Jondalar... e o achou. Ele os fitava e seus olhos de vivo azul estavam repletos de fogo e gelo, e de dor.

Ayla puxou a mão, libertando-a da de Ranec e retrocedeu. Era demais. Todas as perguntas e o grupo de gente e emoções incontroláveis esmagavam-na. Seu estômago se apertou em um nó, o peito se oprimiu, a garganta doeu; ela precisava se afastar. Viu Whinney com Rydag montado ainda e, sem pensar, agarrou o saco de pedras com a mão que ainda segurava a funda enquanto corria em direção à égua.

Montou de um salto e passou um braço protetor ao redor do garoto enquanto se inclinava à frente. Com os sinais de pressão e movimento, e a comunicação sutil, inexplicável entre animal e mulher, Whinney sentiu a necessidade de Ayla escapar e, dando um salto inicial, galopou pelas planícies abertas, rapidamente. Racer seguiu a mãe, acompanhando-a sem dificuldade.

As pessoas do Acampamento do Leão surpreenderam-se. A maioria não imaginava por que Ayla correria para a égua, e somente alguns a tinham visto cavalgar com energia. A mulher, o cabelo comprido e louro esvoa çando ao vento, agarrada ao dorso da égua que galopava, era uma visão assombrosa e terrível, e mais de uma pessoa teria trocado, alegremente, de lugar com Rydag.

Nezzie sentiu um vislumbre de preocupação por ele, mas sentindo que Ayla não o deixaria ferir-se, relaxou.

O menino ignorava por que lhe tinha sido concedido aquele prazer raro, mas seus olhos brilhavam de deleite. Embora a excitação apertasse-lhe um pouco o coração, com o braço de Ayla à sua volta, ele não sentia medo,

somente um assombro ofegante por estar correndo ao vento.

A fuga da cena de sua infelicidade e a sensação e som familiares da égua aliviaram a tensão de Ayla. Ao relaxar, notou o coração de Rydag batendo contra seu braço com seu som grave, indistinto, peculiar e teve um instante de preocupação. Perguntou-se se havia sido prudente ao levá-lo consigo, e depois compreendeu que a batida do coração, apesar de anormal, não estava indevidamente acentuada.

Ela reduziu a velocidade do animal e, fazendo um largo círculo, voltou. Quando se aproximaram da pista de arremesso, passaram próximos a duas ptármigas escondidas no capim alto, cuja plumagem malhada de verão ainda não estava totalmente mudada para o branco do inverno. Os cavalos as levantaram. Por hábito, quando subiram ao ar, Ayla aprontou sua funda, abaixou depois os olhos e viu que Rydag tinha duas pedras na mão, tiradas da bolsa que segurava diante de si. Ela as pegou e, guiando Whinney com as coxas, derrubou uma das aves gordas que voava baixo, e depois a outra.

Fez Whinney parar e, segurando Rydag, escorregou das costas da égua com o garoto nos braços.

Colocou-o no solo e recuperou as aves. Torceu-lhes os pescoços e, com algumas hastes fibrosas de feno ereto, amarrou-as juntas pelos pés emplumados. Embora pudessem voar rapidamente e para longe quando queriam, as ptármigas não voavam para o sul. Em vez disso, com o inverno rigoroso, desenvolviam-se penas brancas nelas que camuflavam e aqueciam seus corpos e faziam sapatos adequados para a neve a seus pés. Elas suportavam a estação difícil, alimentando-se de sementes e brotos e, quando havia nevasca, escavavam pequenas cavernas na neve para esperar que a intempérie passasse.

Ayla colocou Rydag sobre o dorso da égua, de novo.

- Quer segurar as ptármigas? - perguntou por um sinal.

- Você deixa? - respondeu ele ao sinal, sua alegria pura revelando-se em mais do que seus sinais manuais. Ele jamais correria velozmente somente pelo prazer de fazê-lo; pela primeira vez na vida sentiu a sensação. Nunca havia caçado ou compreendido, realmente, os sentimentos complexos que vinham do exercício de inteligência e perícia na busca do seu sustento e do seu povo, ou família.

Isso era o mais perto a que já chegara; o mais perto a que poderia chegar.

Ayla sorriu, colocou as aves sobre a cernelha de Whinney, diante de Rydag, depois se virou e começou a caminhar em direção ao campo de arremesso. Whinney a seguiu. Ayla não tinha pressa de voltar, ainda estava aborrecida recordando o olhar irado de Jondalar. Por que ele ficara tão zangado? Em um momento ele lhe sorria, satisfeito... quando todos se reuniam à sua volta. Mas quando Ranec... Ela corou, lembrando-se dos olhos escuros, da voz agradável. Outros!, pensou, sacudindo a cabeça como se quisesse clarear sua mente. Não compreendo esses Outros! O vento soprando de suas costas atirava anéis de cabelo comprido em seu rosto. Aborrecida, ela os afastava com a mão. Ela havia pensado várias vezes sobre trançar o cabelo, como o havia usado quando vivia sozinha no vale, mas Jondalar gostava dele solto. Assim ela o deixava caído. Era um aborrecimento, às vezes. Depois, com uma ponta de irritação, notou que ainda segurava a funda na mão porque não tinha lugar para colocá-la, nenhuma correia adequada para enfiá-la. Não era sequer capaz de carregar a sacola de medicamentos, com aquelas roupas que usava, porque Jondalar gostava delas; ela sempre a havia amarrado à tira de couro que mantinha sua capa fechada.

Ergueu a mão para empurrar o cabelo de sobre os olhos novamente e então notou a funda. Parou, e afastando o cabelo dos olhos, enrolou a funda flexível de couro ao redor da cabeça. Enfiando a ponta solta embaixo, sorriu, satisfeita consigo mesma. Parecia funcionar. Seu cabelo ainda lhe caía solto pelas costas, mas a funda mantinha-o longe dos olhos, e sua cabeça parecia ser um bom local para levar a funda.

A maioria das pessoas imaginou que o salto fugitivo de Ayla sobre Whinney e a cavalgada rápida terminando com a morte das ptármigas eram parte de sua exibição com a funda. Ela se conteve para não corrigi-las, mas evitou olhar para Jondalar e Ranec.

Jondalar sabia que estava aborrecida quando se virou e correu, e tinha certeza de que a culpa fora dele. Ele lamentava e se censurou mentalmente, porém tinha dificuldade em enfrentar aquelas emoções desconhecidas e confusas, e não sabia como dizer a Ayla. Ranec não percebera a profundidade da infelicidade de Ayla. Sabia que provocava algum sentimento nela e suspeitava de que isso talvez houvesse contribuído para sua corrida desconcertada em direção à égua, mas achou suas ações ingênuas e encantadoras. Encontrava-se cada vez mais atraído por ela e se perguntava quão forte seria o sentimento dela pelo grande homem louro.

As crianças subiam e desciam o local de arremesso novamente, correndo, quando Ayla voltou.

Nezzie veio pegar Rydag e levou as aves também. Ayla liberou os cavalos. Eles se afastaram e começaram a pastar. Ayla ficou para observar, quando um desacordo amistoso levou várias pessoas a uma competição informal de arremesso de lanças, o que, em seguida, as conduziu a uma atividade além de seu campo de experiência. Jogaram um jogo. Ela entendia as competições, disputas que testavam as aptidões necessárias - quem corria mais ou atirava uma lança

mais longe - mas não uma atividade cujo objetivo parecia ser simplesmente diversão, com a prova ou aperfeiçoamento de habilidades essenciais, incidentais.

Trouxeram várias argolas da moradia. Eram mais ou menos do tamanho que se ajustaria a uma coxa, e feitas de tiras de couro cru molhado, trançadas e postas a secar para endurecer, depois envolvidas apertadamente com gramíneas. Dardos emplumados e aguçados - lanças pequenas, mas sem pontas de osso ou sílex - também eram parte do equipamento.

As argolas eram roladas ao solo e atiravam-se dardos nelas. Quando alguém detinha uma argola lançando um dardo através de sua abertura e cravando-o no solo, gritos e aplausos com tapas nas coxas demonstravam aprovação. O jogo, que também envolvia palavras de contagem e aquela coisa aposta, a espertara grande exibição, I-tyi stavm as Tanto homens quanto mulheres jogavam, mas revezavam-se rolando as argolas e atirando os dardos, como se fossem adversários.

Finalmente, chegou-se a um término. Várias pessoas se dirigiram à habitação. Deegie, corada de entusiasmo, estava entre elas. Ayla se reuniu ao grupo.

- Este dia parece ter-se tornado festa - disse Deegie. - Jogos, com petições, e acho que teremos um verdadeiro banquete. O assado de Nezzie, a bebida de Talut, o prato de Ranec. O que vai fazer com as ptármigas? - Gosto de cozinhá-las de modo especial. Acha que devo? - Por que não? Daria ao banquete outro prato especial.

Antes de chegarem à moradia, eram evidentes os preparativos para a festa nos odores deliciosos de alimentos que se estendiam até o lado de fora em promessa torturante. O assado de Nezzie era amplamente responsável. Cozinhava calmamente no grande couro de cozinha, naquele momento aos cuidados de Latie e Brinan, embora todos parecessem envolvidos, de alguma forma, com a preparação de

alimentos. Ayla se interessava no arranjo de cozinhar o assado e vira Nezzie e Deegie o prepararem.

Num grande caldeirão que fora escavado próximo a uma fogueira, carvões em brasa foram colocados sobre cinzas acumuladas por uso anterior, que revestiam o fundo. Uma camada de esterco seco, pulverizado, de mamute foi derramada sobre os carvões, e sobre isso fora colocado um grande pedaço de couro cru de mamute sustentado por uma armação, e cheio de água. Os carvões ardendo sob o esterco começaram a aquecer a água mas, quando o estrume pegou fogo, já havia sido queimado suficiente combustível fazendo com que o couro não descansasse mais sobre ele, mas fosse seguro pela armação. O líquido que atravessava lentamente o couro, em bora fervesse, o impedia de incendiar-se. Quando o combustível sob o couro de cozinhar ardeu totalmente, o assado foi mantido em fervura pela adição de pedras incandescentes do rio aquecidas previamente na fogueira, uma tarefa da qual algumas crianças se ocupavam.

Ayla depenou as duas ptármigas e as estripou, usando uma pequena faca de sílex. Não tinha cabo, mas a parte de trás havia sido retocada, era rombuda para evitar que o usuário se cortasse e fora feito um furo atrás da ponta. Era segura com o polegar e o dedo indicador a cada lado, e o indicador no furo, facilitando o seu manejo. Não era uma faca para trabalho pesado, somente para cortar carne ou couro, e Ayla só havia aprendido a usá-la depois que chegara, mas a achava muito conveniente.

Ela sempre havia cozido suas ptármigas numa cavidade ladeada por pedras, em que acendia um fogo e permitia que se apagasse antes de as aves serem colocadas no buraco e cobertas. No entanto, não era fácil encontrar pedras grandes naquela região, e ela resolveu adaptar a cavidade da estufadeira para seu uso.

Era a estação errada para as folhas que gostava de utilizar - tussilagem, urtigas, fedegosa - e para ovos de ptármiga, ou teria recheado a cavidade com elas, mas algumas das ervas em sua sacola de remédios, usadas com critério, também eram boas para tempero, tanto quanto para curar, e o feno em que envolvera as aves somava um odor sutil e próprio. Talvez não fosse exatamente o prato favorito de Creb quando ela terminasse, mas achava que as ptármigas teriam bom sabor.

Quando acabou de limpar as aves, entrou e viu Nezzie na primeira fogueira acendendo um fogo na grande lareira.

- Gostaria de cozinhar as ptármigas na cavidade, como você faz o assado. Posso usar os carvões cortados para queimar? - perguntou Ayla.

- Claro. Precisa de mais alguma coisa? - Tenho ervas secas. Gosto de folhas frescas nas aves. Mas é estação errada.

- Pode olhar no local de estocagem. Há algumas outras plantas que pode pensar em usar, e temos sal - ofereceu Nezzie.

Sal, pensou Ayla. Não cozinhava com sal desde que deixara o Clã.

- Sim, gostaria de sal. Talvez plantas. Vou olhar. Onde encontro carvão? - Eu lhe darei o carvão, assim que isto estiver adiantado.

Ayla observou Nezzie acender o fogo, preguiçosamente a princípio, sem prestar muita atenção, mas depois ficou intrigada. Sabia, mas não havia pensado realmente a respeito antes, que eles não tinham muitas árvores. Queimavam osso para combustível, e osso não queimava muito facilmente.

Nezzie produziu uma pequena brasa de outra fogueira, e com ela incendiara uma felpa de vagens de estramônio colhidas para fazer iscas para fogo.

Acrescentara esterco seco, que formou uma chama mais forte e mais quente e, depois, pequenas lascas e rasps de osso. Não pegaram fogo bem.

Nezzie soprou para que o fogo se mantivesse, enquanto movia um pequeno instrumento que Ayla não notara antes. Ayla ouviu um leve som de vento assobiando, notou algumas cinzas rodopiando e viu a chama se tornar mais viva. Com a chama avivada, as lascas de osso começaram a queimar nas bordas, incendiando-se depois. E, de repente, Ayla compreendeu a fonte de algo que a estivera atormentando, algo que mal tinha notado, mas que a incomodava desde sua chegada ao Acampamento do Leão. O cheiro da fumaça era diferente.

Ela havia queimado esterco seco, ocasionalmente, e estava habituada ao odor forte e penetrante de sua fumaça, mas seu primeiro combustível fora de origem vegetal; estava acostumada ao cheiro de fumaça de lenha. O combustível utilizado pelo Acampamento do Leão era de origem animal. O odor de osso queimando tinha uma característica diferente, uma qualidade que lembrava o cheiro de uma carne deixada tempo demasiado ao fogo. Em combinação com o esterco seco, que também usavam em grandes quantidades, um odor diferente, forte, impregnava todo o acampamento. Não era desagradável, mas desconhecido, o que lhe provocava leve inquietação. Agora, que identificara a causa, uma certa tensão indefinida diminuiu.

Ayla sorriu enquanto observava Nezzie acrescentar mais osso, e ajustar a pequena alavanca que o fazia ficar mais quente.

- Como faz isso? perguntou ela. - Esquenta tanto o fogo? - O fogo também precisa respirar, e o vento é a respiração do fogo. A Mãe nos ensinou isso quando fez as mulheres zeladoras da fogueira. Pode vê-lo quando sopra o fogo e ele se aquece mais. Escavamos um fosso

de sob a fogueira até o exterior para trazer o vento para dentro. A vala é revestida com os intestinos de um animal que se enchem de ar antes de secar, depois são cobertos com osso antes de se colocar a terra de volta. A vala para esta fogueira sai por aquele lado, sob as esteiras de capim. Está vendo? Ayla olhou para o local assinalado e balançou a cabeça afirmativamente.

- Entra aqui - continuou a mulher, mostrando-lhe um chifre oco de bisão projetando-se de uma abertura ao lado do buraco do fogo, que era mais baixo do que o nível do solo. - Mas nem sempre a gente quer a mesma quantidade de vento. Depende da intensidade com que está soprando lá fora e de quanto fogo se quer. Você bloqueia o vento ou o libera - concluiu Nezzie, mostrando-lhe a manivela amarrada a um registro feito de omoplata.

A idéia parecia bastante simples, mas era uma invenção engenhosa, uma verdadeira conquista técnica, e essencial para a sobrevivência. Sem ela, os Caçadores de Mamutes não poderiam viver nas estepes subárticas, exceto em alguns locais isolados, apesar de toda a abundância de caça. No máximo, seriam visitantes sazonais. Numa terra quase desprovida de árvores e com os invernos rigorosos só conhecidos quando as geleiras avançam sobre a terra, a lareira de ar artificial lhes permitia queimar osso, o único combustível em quantidades suficientes para ocupação de ano inteiro.

Depois de Nezzie acender o fogo, Ayla examinou os recintos de estocagem para ver se havia alguma coisa que lhe agradasse para rechear as ptármigas. Ficou tentada por alguns embriões secos de ovos de pássaros, mas provavelmente teriam de ser postos de molho e ela ignorava quanto tempo isto levaria. Pensou em usar cenouras silvestres ou as ervilhas de vagens de astrágalo, mas mudou de idéia.

Então, viu o recipiente entrelaçado que ainda continha a papa de cereais e verduras que ela havia cozido àquela manhã. Fora posta de lado para o almoço por desejo de todos e havia engrossado e consolidado. Ela provou. Sem sal, as pessoas preferiam sabores distintos, picantes, e ela havia temperado a papa com salva e hortelã, e adicionado beldroega, cebolas e cenouras silvestres para serem misturadas ao centeio e à cevada.

Com um pouco de sal, pensou, e as sementes de girassol que vira num local de estocagem, e as groselhas... e talvez a unha-de-cavalo e frutos de roseira de sua sacola de remédios, talvez conseguisse um recheio interes sante para as ptármigas. Ayla preparou e recheou as aves, envolveu-as em feno recém-cortado e enterrou-as num buraco com alguns carvões de osso, cobrindo-os com cinzas. Depois, foi ver o que as outras pessoas faziam.

Havia muita atividade perto da entrada da moradia e a maior parte do acampamento se reunira ali.

Ao se aproximar mais, viu as grandes pilhas de hastes de cereais colhidas. Algumas pessoas debulhavam, pisavam, malhavam e trilhavam maços de hastes para libertar o grão da palha e cascas. Outras removiam o joio que restava, atirando ao ar o grão de uma bandeja achatada de joeirar, feita de palha de salgueiro, para que as cascas voassem longe. Ranec colocava o cereal num pilão feito de osso de pé de mamute esvaziado, prolongado por uma parte de osso da perna. Ele pegou uma presa de mamute, cortada transversalmente, que servia como mão de almofariz, e começou a socar os grãos.

Barzec logo tirou sua parka de pele e, de pé, em posição oposta a Ranec, pegou alternadamente a presa de mamute, de forma ao trabalho se dividir para trás e para a frente, entre os dois. Tornec começou a bater

palmas acompanhando o ritmo e Manuv captou-o com um refrão repetitivo, cantado: "I-yah wo-wo, Ranec socando grãos, yah! I-yah wo-wo, Ranec socando grãos, neh!" Depois, Deegie entrou com a cadência alternativa, em harmonia com uma frase contrastante.

"Neh neh neh neh, Barzec torna a coisa facil, yah! Neh neh neh neh, Barzec torna a coisa facil, nah!" Imediatamente outros bateram com as mãos nas coxas e vozes mas culinas cantaram com Manuv, enquanto as mulheres se juntavam a Deegie. Ayla sentiu o ritmo forte e cantarolou baixinho, não inteiramente certa, sobre participar, mas divertindo-se.

Depois de certo tempo, Wymez, que havia tirado a parka, se aproximou mais de Ranec e, ficando a seu lado, substituiu-o sem falhar uma batida. Manuv foi igualmente rápido para mudar o refrão e, na batida seguinte, cantou um novo verso: "Nah nah we-ye, Wymez pega o moedor, yoh!" Quando Barzec pareceu cansado, Druwez tirou-o dele e Deegie mudou sua frase. Depois, Frebec teve a sua vez.

Pararam, então, para verificar os resultados e derramaram o grão em pó numa cesta de joeirar, feita de folhas trançadas de tifáceas, sacudindo-a. Depois, colocaram mais grão no pilão de osso, mas desta vez Tulie e Deegie pegaram o pilão de presa de mamute. Manuv inventou um refrão para ambas, mas cantou a parte feminina numa voz de falsete que fez todos rirem. Nezzie tomou o lugar de Tulie e, num impulso, Ayla colocou-se ao lado de Deegie, o que provocou sorrisos e gestos de aprovação de cabeça.

Deegie abaixou a presa e soltou-a. Nezzie estendeu a mão e ergueu-a enquanto Ayla ocupava o lugar de Deegie. Ayla ouviu um "ih!" quando o pilão foi batido de novo com força e agarrou a haste de marfim espessa, ligeiramente curvada. Era mais pesada do que ela esperava, mas levantou-a e ouviu Manuv cantar: "A -yah

wa-wa, Ayla é bem-vinda aqui, nah!" Ela quase deixou cair a presa de mamute. Não esperava o gesto espontâneo de amizade e, na batida seguinte, quando todo o acampamento, tanto os homens quanto as mulheres, cantou juntos o verso, ficou tão comovida que teve que pestanejar para esconder as lágrimas. Era mais do que uma simples mensagem de afeto e amizade; era aceitação. Ela encontrara os Outros, e eles a tinham acolhido bem.

Tronie substituiu Nezzie e, depois de certo tempo, Fralie fez um movimento na direção delas, mas Ayla sacudiu a cabeça negativamente e a mulher grávida recuou, concordando prontamente. Ayla ficou contente por Fralie ter agido assim, mas também sentiu sua suspeita confirmada de que Fralie não se sentia bem. Continuaram a triturar o grão até Nezzie detê-las para derramá-lo na cesta e tornar a encher o pilão.

Desta vez, Jondalar deu um passo à frente para revezar na tarefa tediosa e difícil de moer o grão manualmente, que se tornava mais fácil pelo esforço comum e diversão. Mas franziu a testa quando Ranec avançou também. De repente, a tensão entre o homem de pele escura e o visitante louro carregou o ambiente amistoso com uma tendência oculta e sutil de inimizade.

Quando os dois homens, alternando a presa pesada entre si, começaram a retomar o ritmo, todos o sentiram. Enquanto continuaram a acelerar, as cantigas morreram, mas algumas pessoas começaram a bater os pés, e o ruído se tornou mais alto e agudo. imperceptivelmente, Jondalar e Ranec aumentaram a força juntamente com o ritmo e, em vez de um trabalho de esforço mútuo, se tornou uma competição de força e vontade. O pilão era golpeado com tanta força por um homem, que saltava para o outro agarrá-lo e batia novamente, baixando.

O suor gotejava de suas testas, escorria pelos rostos e penetrava nos olhos. Empapava suas túnicas enquanto continuavam instigando um ao Outro, mais depressa e duramente, esmagando o pilão grande e pesado no grão, um após o Outro, para trás e para a frente. Parecia que continuaria para sempre, mas eles não desistiriam. Respiravam com dificuldade, mostrando sinais de esforço e fadiga, mas recusavam-se a parar. Nenhum dos dois queria ceder para o outro; era como se preferissem morrer primeiro.

Ayla estava fora de si. Eles empurravam com demasiada força. Olhou para Talut com pânico Talut balançou a cabeça para Danug e os dois avançaram em direção aos homens teimosos que pareciam determinados a se matar.

- É hora de ceder a vez a outro! - trovejou Talut, enquanto afastava Jondalar do caminho e agarrava o pilão. Danug tirou-o de Ranec no ricochete.

Os dois homens estavam tão atordoados pela exaustão, que mal pareciam entender que a competição terminara quando cambalearam, afastando-se, arquejando em busca de ar. Ayla quis correr para ajudá-los, mas a indecisão a manteve onde estava. Sabia que, de alguma forma, ela era a causa da luta deles, e não importava a qual deles se dirigisse primeiro, o outro perderia o prestígio. As pessoas do acampamento estavam preocupadas também, mas relutavam em oferecer auxílio. Temiam que, se expressassem sua preocupação, estariam reconhecendo que a competição entre os dois homens era mais que um jogo, e dariam crédito a uma rivalidade que ninguém estava preparado para levar tão a sério.

Enquanto Jondalar e Ranec começavam a recuperar-se, a atenção se desviou para Talut e Danug, que ainda amassavam o grão - e fazendo uma competição disso. Uma competição amigável, mas não

menos intensa. Talut sorria para a cópia jovem de si mesmo enquanto esmagava o pilão de marfim sobre o osso. Danug, sem sorrir, golpeava-o de volta com determinação implacável.

- Muito bem, Danug! - gritou Tornec.

- Ele não tem chance - contra-atacou Barzec.

- Danug é mais jovem - falou Deegie. - Talut desistirá primeiro.

- Ele não tem o vigor de Talut - discordou Frebec.

- Ainda não tem a força de Talut, mas Danug tem vigor - falou Ranec. Afinal, tinha conseguido respirar suficientemente bem para acrescentar o comentário. Embora ainda sofresse de cansaço, viu a competição como uma forma de fazer sua disputa com Jondalar parecer menos que esforço sério e fatal que havia sido.

- Vamos, Danug! - gritou Druwez.

- Pode conseguir! - acrescentou Latie, envolvida pelo entusiasmo, embora não estivesse certa se se dirigia a Danug ou Talut.

De repente, com um golpe duro de Danug, o osso do pé estalou.

- Já chega! - esbravejou Nezzie, removendo o conteúdo do joio. Não é preciso socar tão duramente até quebrar o almofariz. Agora, precisamos de um novo e acho que você deve fazê-lo, Talut.

- Acho que tem razão! - exclamou Talut, inclinando a cabeça de leite. - Foi um bom competidor, Danug. Você se tornou forte enquanto esteve fora. Viu o garoto, Nezzie? - Veja isto! - exclamou Nezzie, removendo o conteúdo do almofariz. - Este grão se tornou pó! Eu o queria apenas partido. para tostá-lo e estocá-lo. Não posso tostar este para conservá-lo.

- Que tipo de grão é? Perguntarei a Wymez, mas acho que o povo de minha mãe fazia alguma coisa do grão pulverizado - disse Ranec. - Levarei um pouco, se ninguém mais o quiser.

- É trigo, em sua maioria, mas há também centeio e aveia misturado. Tulie já tem o suficiente para pequenos pães de grãos moídos de que todo mundo gosta, têm apenas que ser cozidos. Talut queria algum grão misturar ao amido da raiz de tabua para sua bebida. Mas, pode ficar com todo ele, se quiser.

Trabalhou para isso.

- Talut também. Se ele quiser um pouco, pode ficar-disse Ranec; - Use o que quiser, Ranec. Levarei o que sobrar - falou Talut O amido da raiz de tabua que tenho empapado está começando a fermentar. Não sei o que aconteceria se eu pusesse isto nele, mas poderia ser interessante tentar e ver.

Ayla observava Jondalar e Ranec para assegurar-se de que estavam bem. Quando viu Jondalar tirar a túnica suada, esparrinhar água sobre si e entrar na habitação, notou que não sofrera qualquer consequência prejudicial. Então, sentiu-se um pouco tola por se preocupar tanto com ele. Era um homem forte, vigoroso, afinal de contas, com certeza um pouco de esforço não lhe faria mal, nem a Ranec, tampouco. Mas evitou os dois. Estava confusa pelas ações deles, e pelos próprios sentimentos, e queria algum tempo para pensar.

Tronie saiu da porta em arco da habitação, parecendo aflita. Segurava Hartal sobre um dos quadris, e um prato de osso, raso, carregado de cestas e implementos sobre o outro. Ayla correu até ela.

- Ajudo? Posso carregar Hartal? - perguntou.

- Oh, faria isso? - disse a jovem mãe, entregando o bebê a Ayla.

- Todo mundo andou cozinhando e preparando comida especial hoje e eu queria fazer algo para a festa também, mas acabei me distraindo. E de pois Hartal acordou. Eu lhe dei de comer, mas ele não está com vontade de dormir de novo, ainda.

Tronie encontrou um local para se espalhar perto da grande fogueira externa. Segurando o bebê, Ayla observou Tronie derramar sementes de girassol descascadas no prato de osso, raso, tirando-as de uma das cestas. Com um pedaço de osso da canela - Ayla achou que vinha de um rinoceronte lanoso - Tronie amassou as sementes até formarem uma pasta. Depois de amassar mais algumas porções de sementes, ela encheu outra cesta com água. Pegou duas lascas retas de osso, que tinham sido esculpidas e moldadas para essa finalidade e, com uma das mãos, habilmente, puxou pedras quentes para cozinhar, do fogo. Com um silvo e uma nuvem de vapor, afundou as pedras na água, tirou outras esfriadas e acrescentou mais algumas quentes até haver fervura. Então, acrescentou a pasta de girassol. Ayla estava curiosa.

O cozimento liberou o óleo das sementes e, com uma concha grande, Tronie tirou a nata e derramou-a em outro recipiente, desta vez feito de casca de vidoeiro. Quando havia escumado tanto quanto possível, ajuntou cereal silvestre partido de alguma variedade indistinguível e pequenas sementes de quenopódio escuro à água fervente, temperando-a com ervas, e ajuntou mais pedras de cozinhar para mantê-la fervendo. Os recipientes de vidoeiro foram postos de lado para esfriar até que a manteiga de semente de girassol solidificasse. Ela deixou Ayla provar da ponta da concha e esta concluiu que era uma delícia.

- E especialmente gostosa nos bolos de Tulie - disse Tronie. - Por Isto eu queria fazê-la.

Enquanto tinha água fervente, pensei que também poderia fazer alguma coisa para o café de amanhã. Ninguém tem muita vontade de cozinhar de manhã, depois de uma grande festa, mas as crianças, no mínimo, gostam de comer. Muito obrigado por me ajudar com Hartal.

- Não agradeça, é um prazer. Há muito tempo que não carregou um bebê - disse Ayla, e compreendeu que era verdade. Encontrou-se olhando atentamente para Hartal, comparando-o, em sua mente, com os bebês do Clã. Hartal não tinha sobrancelhas totalmente desenvolvidas, mas tão pouco os bebês do Clã as tinham. Sua testa era mais reta e a cabeça mais redonda, mas não eram, realmente, tão diferentes naquela tenra idade, pensou, exceto que Hartal ria e soltava risadinhas e arrulhava, e os bebês do Clã não produziam tantos sons.

O bebê começou a se agitar um pouco quando sua mãe foi lavar os implementos. Ayla o sacudiu em seu joelho, depois mudou sua posição até ficar olhando para ele. Conversou com ele e observou sua resposta interessada. Isso o satisfez por algum tempo, mas não muito. Quando se aprontou para chorar de novo, Ayla assobiou para ele. O somo surpreendeu e ele parou para ouvir. Ela tornou a assobiar, desta vez imitando o canto de uma ave.

Ayla havia passado muitas longas tardes, quando estava sozinha em seu vale, treinando gritos e trinados de pássaros. Tornara-se tão adepta de imitar pássaros cantando, que algumas variedades atendiam ao seu assobio, porém essas aves não eram exclusivas do vale.

Ao assobiar para entreter o bebê, algumas aves pousaram perto, e começaram a bicar os grãos e sementes que tinham caído das cestas de Tronie. Ayla as viu, assobiou de novo e estendeu um dedo. Depois de alguma cautela inicial, um corajoso tentilhão pousou em seu dedo.

Cuidadosamente, com assobios que acalmavam e intrigavam a pequena criatura, Ayla pegou-o e aproximou-o mais para que o bebê o visse. Uma risadinha deleitada e um dedo rechonchudo estendido o assustaram.

Então, para sua surpresa, Ayla ouviu aplausos. O som de mãos batendo em coxas a fez erguer a cabeça e ver os rostos da maioria das pessoas do acampamento sorrindo para ela.

- Como faz isso, Ayla? Conheço algumas pessoas que imitam uma ave, ou um animal, mas você o faz tão bem que os engana - disse Tronie.

- Nunca encontrei ninguém com tanto domínio sobre os animais.

Ayla corou, como se tivesse sido apanhada fazendo alguma coisa... incorreta, apanhada no ato de ser diferente. Apesar de todos os sorrisos e aplausos, ela se sentia pouco à vontade. Não sabia como responder à pergunta de Tronie. Ignorava como explicar que, quando você está inteiramente sozinha, tem todo o tempo do mundo para treinar um assobio semelhante ao som de um pássaro.

Quando não existe ninguém no mundo ao seu lado, um cavalo ou até mesmo um leão lhe podem servir de companhia. Quando você não sabe se existe alguém no mundo como você, pro cura contato com alguma coisa viva sempre que pode.

Capítulo 10

Houve calma nas atividades do Acampamento do Leão no início da tarde. Embora sua maior refeição do dia fosse, geralmente, mais ou menos ao meio dia, a maior parte das pessoas não fez a refeição do meio-dia, ou aproveitou as sobras da manhã, na expectativa de uma festa que prometia ser deliciosa, apesar de não ter sido planejada. As pessoas relaxavam; algumas cochilavam, outras vigiavam a comida de vez em quando, poucas falavam em voz baixa, mas havia uma sensação de excitação no ar e todo mundo esperava uma noite especial.

Dentro da habitação comunal, Ayla e Tronie ouviam Deegie, que lhes contava os detalhes de sua visita ao Acampamento de Branag, e os preparativos para a sua união. Ayla ouvia com interesse, a princípio, mas quando as duas jovens Mamutoi começaram a falar sobre este parente ou aquela amiga, nenhum deles seu conhecido, ela se levantou com um comentário sobre verificar as ptármigas e saiu. A conversa de Deegie sobre Branag e seu próximo matrimônio fez Ayla pensar em sua relação com Jondalar. Ele havia dito que a amava, mas nunca propusera uma união com ela, ou falara de matrimônio e ela se perguntou por quê.

Dirigiu-se à cavidade onde as aves cozinhavam, verificou, para ter certeza de que podia sentir o calor, depois viu Jondalar com Wymez e Danug a um lado, onde geralmente trabalhavam, longe das trilhas que as pessoas normalmente usavam. Ela sabia sobre o que falavam e, mesmo se ignorasse, poderia ter adivinhado. O espaço estava cheio de pedaços grandes e lascas aguçadas de sílex, e vários nódulos enormes da pedra útil jaziam no solo perto dos três fabricantes de

ferramentas. Ela se perguntara, muitas vezes, como podiam passar tanto tempo falando sobre sílex.

Com certeza, deviam ter dito tudo o que havia para dizer agora.

Embora não fosse perita, até Jondalar chegar Ayla havia feito suas próprias ferramentas de pedra, que serviam adequadamente às suas necessidades. Quando era jovem, observara muitas vezes Droog, o fabricante de ferramentas do Clã, e aprendera a imitar suas técnicas. Mas Ayla soubera, desde a primeira vez que vira Jondalar trabalhar, que a habilidade dele ultrapassava de longe a dela e, enquanto havia uma semelhança em gosto pelo artesanato e talvez mesmo em capacidade relativa, os métodos de Jondalar e as ferramentas que criava eram muito mais perfeitos que os do Clã. Ela estava curiosa sobre os métodos que Wymez utilizava, e tivera a intenção de perguntar se podia vê-lo trabalhar, um dia. Resolveu que aquele era um bom momento.

Jondalar a percebeu no instante em que saiu da habitação comunal, mas tentou não demonstrá-lo.

Estava certo de que ela o andara evitando desde sua exibição de funda nas estepes, e não queria forçar sua corte, se ela não o desejava por perto. Quando ela começou a caminhar na direção deles, Jondalar sentiu um grande nó de ansiedade no estômago, temeroso de que ela mudasse de idéia, ou de que apenas parecesse vir na direção deles.

- Se não incomodo, queria ver fabricar ferramentas - disse Ayla - Claro. Sente-se - disse Wymez com um sorriso de boas-vindas.

Jondalar relaxou visivelmente; sua testa enrugada ficou lisa e a rigidez de seus maxilares desapareceu. Danug tentou dizer alguma coisa quando ela se acomodou ao seu lado, mas a presença de Ayla o deixou sem jeito. Jondalar notou o olhar de adoração de Danug

e conteve um sorriso de indulgência. Ele havia desenvolvido um afeto sincero pelo garoto, e sabia que o amor de criança não era ameaça para ele. Era capaz de se sentir como um irmão mais velho protetor.

- Sua técnica é usada comumente, Jondalar? - perguntou Wynez continuando, obviamente, uma discussão que Ayla interrompera.

- Mais ou menos. A maioria das pessoas separa as lâminas de parte principal preparada para fazer outras ferramentas. . buris, facas,. padeiras ou pontas para lanças menores.

- E as lanças maiores? Você caça mamutes? - Alguns - respondeu Jondalar. - Não nos especializamos do que vocês fazem. As pontas para lanças maiores são feitas de osso... geralmente de usar a perna dianteira do veado. Um buril é usado para modelá-la, tando encaixes no esboço geral e trabalhando até se partir e libertar-se. Depois, é raspada até a forma correta com uma raspadeira posta sobre gume de uma lâmina. Podem-se tornar pontas fortes, aguçadas com arenito nolhado.

Ayla, que o havia ajudado a fazer as pontas de lança de osso que usavam, estava impressionada com a sua eficácia. Eram longas e mortais e penetravam profundamente quando as lanças eram arremessadas com força, principalmente com o arremessador de lanças. Muito mais leves que as que ela havia usado, que eram iguais à lança pesada do Clã, as lanças de Jondalar destinavam-se completamente a ser arremessadas, não impulsionadas.

- Uma ponta de osso penetra fundo - disse Wynez. - Se você atinge um ponto vital, é uma morte rápida, mas não há muito sangue. É mais comum acertar num local vital de um rinoceronte ou mamute. O pêlo é alto, a pele é grossa, se você acertar entre as costelas ainda há muita gordura e músculo para atravessar. O olho é um bom alvo, mas é pequeno, e sempre em movimento Um

mamute pode ser morto com uma lança na garganta, porém, isso é perigoso. Você tem que chegar muito perto. Uma ponta de lança de sílex bem das aguçadas. Atravessa mais facilmente a pele dura e faz sangrar, e isso aquece o animal. Se puder fazer o animal sangrar, os intestinos e a bexiga os melhores locais para mirar.

Não é tão rápido, mas é muito mais seguro.

Ayla estava fascinada. A fabricação de ferramentas era bastante interessante, porém, ela jamais caçara mamutes.

- Tem razão - falou Jondalar - mas como você faz uma peça grande de lança, reta? Não importa a técnica utilizada para separar lâmina, ela sempre é curva. Essa é a natureza da pedra. Não pode arremessar uma lança com a ponta curva, pois perderia a precisão, perderia a tração, e provavelmente a metade de sua força. É por isso que as pedras de sílex são pequenas. Quando lasca o suficiente do lado inferior para moldar uma ponta reta, não sobra grande coisa.

Wymez sorria, concordando com um balanço de cabeça.

- É verdade, Jondalar, mas deixe-me lhe mostrar uma coisa.

O homem mais velho pegou de trás de si uma trouxa pesada embrulhada em couro e abriu-a.

Pegou uma grande cabeça de machado, uma pedra gigantesca do tamanho de uma malho, feita de um nódulo inteiro de sílex. Tinha uma ponta arredondada e fora moldada em uma extremidade grossa cortante que terminava em ponta.

- Estou certo de que fez algo como isto.

Jondalar sorriu - Sim, tenho feito machados, mas nada tão grande assim. Deve ser para Talut.

- Sim, eu ia pôr um cabo de osso comprido para Talut. . ou talvez, Danug - disse Wymez, sorrindo para o jovem. - Estes são usados para quebrar ossos de mamute

ou cortar presas. É preciso um homem forte para manejar um. Talut o pega como vara. Acho que, agora, Danug já pode fazer o mesmo.

- Ele pode. Pode cortar suportes para mim - disse Ayla, olhando para Danug com simpatia, o que provocou um rubor e sorriso tímido. Ela também havia feito e usado machados manuais, mas não daquele tamanho - Como faz um machado? - continuou Wymez - Em geral, começo partindo uma lasca grossa com um martelo de pedra e retocando os dois lados para dar-lhe um gume e uma ponta - O povo da mãe de Ranec, os Aterianos, fazem uma ponta de lança com um retoque de duas faces.

Duas faces? Partida dos dois lados, como um machado? Para que fique razoavelmente reta, você teria que começar com uma grande lasca para fazer uma lâmina, não uma lasca fina. Isso não seria desajeitado de mais para uma ponta de lança? - Era um pouco grossa e pesada, mas um aperfeiçoamento claro de um machado. E muito eficaz para os animais que caçavam. É verdade, contudo. Para perfurar um mamute ou rinoceronte, precisa-se de uma ponta de sílex que seja longa e reta, e resistente, e fina. Como você faria isso? - Interrogou Wymez.

De duas faces. É o único jeito. Em uma lança grossa assim, eu Usar retoque de pressão simples, para remover raspas finas de ambos os lados - disse Jondalar, pensativo, tentando imaginar como faria tal arma - mas isso exigiria um controle tremendo.

- Exatamente, o problema é controle, e a qualidade da pedra Sim. Teria que ser fresca. Dalanar, o homem que me ensinou, vive Perto de um rochedo exposto de greda que apresenta sílex na superfície do Talvez parte dessa pedra desse resultado. Mas, mesmo assim, seria difícil. Fizemos alguns bons machados, mas não sei como faria uma ponta de lança decente dessa maneira

Wymez estendeu a mão para outro embrulho envolto em couro bom e macio. Abriu-o com cuidado e exibiu várias pontas de sílex.

Os olhos de Jondalar arregalaram-se, surpresos. Ergueu o olhar a Wymez, depois para Danug que sorria com orgulho por seu mentor, e em seguida pegou uma das pontas. Virou-a em suas mãos ternamente, quase acariciando a pedra belamente trabalhada.

O sílex tinha aspecto escorregadio, uma qualidade lisa, não muito oleosa, e uma luminosidade que cintilava das muitas facetas à luz do sol. O objeto tinha a forma de uma folha de salgueiro, com simetria quase perfeita em todas as dimensões, e estendia-se pelo comprimento total de sua mão, da base da palma até as pontas dos dedos. Começando em ponta em uma extremidade, espalhava-se pela largura de quatro dedos no meio, depois voltava a estreitar-se em uma ponta na extremidade oposta. Virando-o sobre o gume, Jondalar viu que não tinha, realmente, a característica forma arqueada das ferramentas em lâmina. Era perfeitamente reta, com uma parte transversal com espessura quase igual à do seu dedo mínimo.

Ele sentiu o fio profissionalmente. Muito aguçado, apenas ligeiramente denticular, pelas marcas das muitas lascas pequenas removidas. Correu os dedos levemente pela superfície e sentiu os pequenos sulcos deixados pelas inúmeras lascas, que tinham sido destacadas, para dar à ponta de sílex uma forma tão exata, excelente - - É bonita demais para ser usada como arma - disse Jondalar - É uma obra de arte.

- Esta não é usada como arma - falou Wymez, satisfeito pelo elogio do colega artesão - Eu a fiz como modelo para mostrar a técnica.

Ayla esticava o pescoço para ver as ferramentas de primoroso artesanato descansando no couro macio, sobre o terreno, sem ousar tocá-las. E... jamais vira

pontas de lança tão lindamente fabricadas. Eram de vários tamanhos e tipos. Além das pontas em forma de folhas, havia pontas assimétricas que se afilavam muito de um lado em direção a uma tibia saliente, que seria inserida em um cabo de forma a poder ser usada como uma faca, e pontas mais simétricas com um espigão centralizado, que podiam pontas de lança ou facas de outro tipo.

- Quer examiná-las de mais perto? - perguntou Wymez.

Os olhos de Ayla brilharam com assombro, e ela pegou cada uma, segurando-as como se fossem pedras preciosas. E quase eram.

- Sílex é... liso., vivo - disse Ayla. - Nunca vi sílex como este, antes.

Wymez sorriu.

- Descobriu o segredo, Ayla - falou. - É isto que torna estas pontas possíveis de fazer.

- Tem sílex como este por perto? - perguntou Jondalar, incrédulo.

- Também nunca vi nenhum igual a este.

- Não, infelizmente não. Não, podemos conseguir sílex de boa qualidade. Um grande acampamento ao norte vive perto de uma boa mina de sílex. É onde Danug esteve, mas esta pedra foi especialmente tratada... fogo.

- Pelo fogo!? - exclamou Jondalar - Sim, pelo fogo. O calor altera a pedra. O calor é que a torna macia...

- Wymez olhou para Ayla - ...É tão viva. O calor é que dá qualidades especiais à pedra. - Enquanto falava, pegou um nódulo de sílex que mostrava sinais definidos de ter estado no fogo.

Estava sujo de fuligem e quei mado, e o córtex exterior gredoso era de tom muito mais escuro quando se abriu com um golpe de um malho. - Da primeira vez, foi um acidente. Um pedaço de sílex caiu na fogueira.

Era um fogo vivo, forte.., sabe como é preciso um fogo forte para queimar um osso? Ayla concordou com um gesto de cabeça, consciente. Jondalar enco lheu os ombros, não havia prestado muita atenção, mas já que Ayla parecia saber, aceitava-o de boa vontade.

- Eu ia rolar o sílex e tirá-lo, mas Nezzie resolveu que já que estava ali, daria um bom suporte para um prato pegar gordura derretida de um assado que ela preparava. Resultou que a gordura se incendiou, e estragou uma boa travessa de marfim. Eu a substitui para ela, já que acabou sendo um golpe de sorte. Mas quase joguei fora a pedra, no início. Estava toda queimada e evitei usá-la até ficar com pouco material. Da primeira vez em que a quebrei, abrindo-a, pensei que estava imprestável. Vejam, podem ver por que motivo - disse Wymez, dando um pedaço a cada um deles.

- O sílex está mais escuro e tem aquele aspecto escorregadio - disse - Aconteceu que fazia experiência com posnas de lanças aterianas tentando melhorar sua técnica.

Já que estava apenas pesquisando novas idéias, pensei que não importava se a pedra fosse imperfeita. Mas, assim que comecei a trabalhar com ela, notei a diferença. Ocorreu pouco depois de que voltei. Ranec ainda era um menino. Eu a tenho aperfeiçoado desde então.

- Que tipo de diferença notou? - perguntou Jondalar.

- Você vai experimentar, Jondalar, e verá.

Jondalar ergueu seu malho, uma pedra oval, denteada e lascada pelo uso, que se acomodava confortavelmente em sua mão, e começou a tirar a harmonia do córtex gredoso em sua preparação para trabalhá-lo.

- Quando o sílex é aquecido fortemente antes de ser trabalhado - continuou Wymez enquanto Jondalar labutava - o controle sobre o material é muito maior. As

lascas muito pequenas, muito mais finas e longas, podem ser removidas aplicando-se pressão. Você pode fazer a pedra assumir quase todas as formas que desejar.

Wymez envolveu a mão esquerda com um pequeno pedaço de couro para protegê-la dos gumes aguçados, depois colocou outro pedaço de Sílex, recentemente partido de um dos nacos queimados, em sua mão esquerda para demonstração. Com a mão direita, ergueu um pequeno retocador ósseo afilado. Colocou a extremidade pontiaguda do osso contra a quina do sílex e empurrou com um movimento forte para a frente e para baixo, separando uma lasca pequena, comprida, achatada de pedra. Ele a manteve erguida. Jondalar pegou o retocador, e depois experimentou por conta própria, bastante surpreso, claramente, e satisfeito com OS resultados.

- Tenho que mostrar isto a Dalanar! É inacreditável! Ele aperfeiçoou alguns dos processos... tem um jeito natural para trabalhar com a pedra, como você, Wymez. Mas você quase pode alisar esta pedra. Isto é causado pelo calor? Wymez sacudiu a cabeça afirmativamente.

- Não diria que se pode polir a pedra. É pedra morta, não tão fácil de moldar quanto o osso, mas se você souber trabalhar a pedra, o aquecimento facilita o trabalho.

- Gostaria de saber o que aconteceria com percussão indireta... Jondalar tentou usar um pedaço de osso ou chifre com uma ponta a fim de dirigir a força do golpe de um malho? Poderá conseguir lâminas muito mais longas e finas assim.

Ayla pensou que Jondalar tinha um dom natural para trabalhar a pedra também. Porém, mais que isso, sentiu em seu entusiasmo e desejo a vontade de dividir aquela descoberta maravilhosa com Dalanar, um e ansioso de ir para casa.

Em seu vale, quando ela hesitara em encarar os Outros descidindo havia pensado que Jondalar queria apenas ir embora para estar com outras pessoas. Ela jamais havia compreendido bem, antes, quão forte o desejo do homem de voltar ao seu lar. Surgiu como uma revelação, inguanto; ela sabia que ele jamais poderia ser realmente feliz em outro lugar.

Embora sentisse uma falta desesperada de seu filho e das pessoas que amava, Ayla não sentira saudades de casa no sentido em que Jondalar afetado, como um desejo de voltar para um local familiar, onde as pessoas eram conhecidas e os costumes confortáveis. Ela soubera, quando deixar o Clã, que jamais voltaria. Para eles, ela estava morta. Se a vissem, pensariam que era um espírito maligno. E agora, ela sabia que não voltaria a voltar com eles, mesmo se pudesse. Embora estivesse com o Acampamento do Leão apenas pouco tempo, já se sentia mais à vontade e em casa do que em todos aqueles anos que vivera com o Clã. Iza tivera razão. Ela não era do Clã. Ela nascera dos Outros.

Perdida em pensamento, Ayla não ouvira parte da discussão posterior. Escutando Jondalar dizer o seu nome, voltou ao presente.

- . . .Acho que a técnica de Ayla deve ser próxima da deles. Foi lá que aprendeu. Vi algumas de suas ferramentas, mas nunca as vi feitas antes de ela me mostrar. Não lhes falta habilidade, mas há um grande passo antes de pré-fabricar um buril intermediário e um cerne, e essa é a diferença entre uma pesada ferramenta lascada e uma ferramenta fina, de lâmina leve.

Wymez sorriu e concordou com um gesto de cabeça.

- Agora, se ao menos pudéssemos encontrar uma maneira de - uma lâmina reta. Não importa como, o gume de uma faca nunca é afiado depois que foi retocado.

- Tenho pensado nesse problema - disse Danug, dando uma contribuição ao debate. - Que tal talhar um encaixe de osso ou chifre e coloca-los em pequenas lâminas? Bastante pequenas para serem quase retas? Jondalar refletiu um instante.

- Como as faria? - Não poderia começar com um cerne pequeno? - sugeriu Danug, um pouco hesitante.

- Talvez dê certo, Danug, mas um cerne pequeno pode ser difícil para se trabalhar - falou Wymez. - Pensei em começar com uma lâmina maior e parti-la em outras menores...

Ainda falavam sobre sílex, percebeu Ayla. Nunca pareciam cansar-se disso. O material e seu potencial nunca deixavam de fasciná-los. Quanto mais aprendiam, mais estimulado ficava o seu interesse. Ela era capaz de apreciar sílex e a fabricação de ferramentas, e pensou nas pontas de lança que Wymez lhes mostrara, mais finas do que jamais vira, tanto por sua beleza quanto por seu uso. Mas ela jamais ouvira o assunto discutido em detalhes tão exaustivos. Então, recordou seu fascínio pelo saber médico e magia de cura. As ocasiões que passara com Iza, e Uba, quando a curandeira lhes estava ensinando, estavam entre as mais felizes recordações.

Ayla viu Nezzie saindo da habitação e levantou-se para saber se podia ajudar. Embora os três homens sorrissem e fizessem comentários quando ela se afastou, imaginou que sequer reparariam que ela se fora.

Isso não era inteiramente verdade. Apesar de nenhum dos homens fazer comentários em voz alta, houve uma pausa em sua conversa enquanto a observavam afastar-se.

É uma mulher jovem e bonita, pensou Wymez. Inteligente e instruída e interessada em muitas coisas. Se fosse Mamutoi, teria um Preço de Noiva elevado. Imagine que status traria para seu companheiro e passaria para os filhos.

Os pensamentos de Danug seguiam o mesmo caminho, embora não estivesse tão claramente formados em sua mente. Idéias vagas sobre Preço de Noiva e matrimônios, e até companheirismo lhe ocorreram, mas não pensou que teria uma chance. Queria apenas, principalmente, estar perto dela.

Jondalar a queria mais ainda. Se pudesse inventar uma desculpa razoável, ter-se-ia levantado e a seguido. No entanto, temia apertar demais o cerco...embrou-se de seus sentimentos quando as mulheres tentavam fazê-lo amá-las com demasiado empenho. Em vez disto, ele quisera evitá-las, e sentira pena delas. Não queria a piedade de Ayla. Queria o seu amor.

Uma náusea sufocante de bÍlis subiu-lhe à garganta quando viu o homem de pele escura sair da habitação de terra e sorrir para Ayla. Tentou engolir, controlar a cólera e a frustração que sentia.

Jamais conhecera ciúme Igual e odiou-se por isso. Estava certo de que Ayla o detestaria, ou pior, sentiria pena dele, se soubesse como se sentia. Estendeu a mão para um grande nódulo de sílex e, com seu malho, despedaçou-o. A pedra se estragou, entremeada com a greda esfarelada de seu córtex externo, mas Jondalar continuou golpeando-a, partindo-a em pedaços cada vez menores.

Ranec viu Ayla vindo da área dos quebradores de sílex. A atração e excitação crescentes que ele sentia todas as vezes em que a via não podiam ser negado. Fora atraído desde o início pela perfeição de forma que ela apresentava a seu senso estético, não apenas como mulher bonita para se olhar, mas em sua graça sutil, não-estudada, de movimentos. Ele possuía olhos sagazes para tal detalhe e não conseguia detectar a menor pose ou afetação. Ela se comportava com um autodomínio, uma confiança destemida, que pareciam tão totalmente naturais que ele sentia que ela devia ter nascido assim, e

isso gerava uma qualidade que ele só podia definir como presença.

Lançou-lhe um sorriso cálido. Não era um sorriso que se podia ignorar facilmente, e Ayla o retribuiu com igual afeto.

- Seus ouvidos se fartaram de conversa sobre sílex?
- perguntou Ranec, dando à frase um tom levemente pejorativo. Ayla percebeu a nuance, mas não ficou muito certa do seu significado, embora pensasse que pretendia ser engraçado, e que era uma piada.

- Sim. Falam de sílex. De fazer lâminas e ferramentas. Pontas lanças. Wymez fabrica pontas bonitas.

- Ah, ele exibiu seus tesouros, não é? Tem razão, são bonitas. T tenho certeza se ele sabe disso, mas Wymez é mais do que um artesão. um artista.

Uma ruga franziu a testa de Ayla. Lembrou-se de que ele usara aquela palavra para descrevê-la quando usou sua funda, e estava incerta sobre se entendia a palavra do jeito que ele a empregava.

- Você é artista? - ela indagou.

Ele fez uma careta esquisita. A pergunta tocara no âmago de toda questão sobre a qual ele tinha fortes sentimentos.

Seu povo acreditava que a Mãe primeiro havia criado um mundo espiritual e os espíritos de todas as coisas nele eram perfeitos. Então os espíritos deram origem a cópias vivas de si mesmos para povoar o comum. O espírito era o modelo, o padrão de que decorriam todas as mas nenhuma cópia podia ser tão perfeita quanto o original; nem os próprios espíritos eram capazes de fazer cópias perfeitas, daí cada ser diferente.

As pessoas eram únicas, estavam mais próximas da Mãe do que outros espíritos. A Mãe deu à luz uma cópia de Si Mesma e chamou-a mulher-Espírito. Depois, fez

com que o Homem-Espírito nascesse de seu út exatamente como cada homem nascia de uma mulher. Então, a Grande fez com que o espírito da mulher perfeita se misturasse ao espírito do homem perfeito, e assim nascessem muitos filhos de espíritos diferentes. Mas, Própria escolhia que espírito de homem se unia a uma mulher antes que Ela soprasse Sua força vital na boca da mulher para que engravidasse. para alguns de seus filhos, mulheres e homens, a Mãe dava dádivas especiais Ranec se referia a si mesmo como entalhador, um fabricante de objetos talhados à semelhança de coisas vivas ou espirituais.

eram objetos úteis. Personificavam espíritos vivos, tornavam-nos ' imagináveis, e eram ferramentas essenciais para certos ritos, necessários à cerimônias realizadas pelos mamuti. Aqueles que criavam esses objeto eram muito estimados; eram artistas talentosos que a Mãe escolhera. Muita gente pensava que todos os entalhadores, na verdade, todas as pessoas capazes de criar ou decorar objetos para torná-los algo mais do que simplesmente utilidades, eram artistas, mas na opinião de Ranec nem todos os artistas eram igualmente dotados, ou talvez não dessem atenção igual ao seu trabalho. Os animais e figuras que faziam eram toscos.

Ele achava que essas representações eram um insulto aos espíritos e à Mãe que os criou.

No ponto de vista de Ranec, o melhor e mais perfeito exemplo de alguma coisa era belo, e tudo o que fosse bonito era o melhor e mais perfeito exemplo do espírito; era a sua essência. Essa era a sua religião. Além disso, no âmago de sua alma estética, sentia que essa beleza possuía um valor intrínseco próprio e acreditava que havia um potencial para a beleza em tudo. Enquanto algumas atividades ou objetos podiam ser simplesmente funcionais, sentia que qualquer pessoa que se aproximava da perfeição em qual quer atividade

era um artista, e os resultados continham a essência de beleza. Mas a arte estava tanto na atividade quanto nos resultados. As obras de arte não eram apenas o produto terminado, mas o pensamento, a ação, o processo que as criava.

Ranec procurava a beleza, quase como uma busca sagrada, com suas mãos experientes, mas ainda mais com seus olhos inatamente sensíveis. Sentia uma necessidade de cercar-se dela e começava a visualizar Ayla como obra de arte, como a melhor e mais perfeita expressão de mulher de que era capaz de conceber. Não era apenas sua aparência que a fazia bonita. A beleza não era uma figura estática; era essência, era espírito, era aquilo que animava. Era mais bem expressa em movimento, comportamento, realização. Uma mulher bonita era uma mulher dinâmica e completa. Embora ele não o dissesse em tantas palavras, Ayla começava a representar para ele uma encarnação perfeita da Mulher-Espírito original. Era a essência de mulher, a essência de beleza.

O homem escuro com os olhos risonhos e o espírito irônico que aprendera a usar para mascarar seus anseios profundos esforçava-se para criar perfeição e beleza em seu próprio trabalho. Por seus esforços, era aclamado por seu povo como o melhor entalhador, um artista de real distinção mas, como muitos perfeccionistas, jamais estava totalmente satisfeito com suas criações. Não se referia a si mesmo como artista.

- Sou um entalhador - disse a Ayla. Depois, porque viu o seu aturdimento, acrescentou: - Algumas pessoas chamam qualquer escultor de artista. - Hesitou um instante, perguntando-se como ela julgaria seu trabalho e disse depois: - Gostaria de ver algumas esculturas minhas? - Sim - respondeu ela.

A franqueza simples de sua resposta o deteve um momento. Depois, ele atirou a cabeça para trás e riu

alto. Claro, o que mais ela diria? Com os olhos enrugados de deleite chamou-a para o interior da moradia.

Jondalar os viu atravessar a entrada em arco juntos e sentiu um peso descer sobre ele. Fechou os olhos e abaixou a cabeça, tristemente.

O homem alto e atraente jamais havia sofrido por falta de atenção feminina, mas do momento em que lhe faltava compreensão da qualidade que o fazia tão sedutor, não tinha confiança em sua atração. Era um fabricante de ferramentas, mais à vontade com o físico do que o metafísico. melhor em aplicar sua inteligência considerável na compreensão de - técnicos de pressão e percussão sobre sílica homogênea, cristalina - Percebia o mundo em termos físicos.

Expressava-se fisicamente também; era melhor com as mãos do que com palavras. Não que falasse mal, apenas não era especialmente dotado com as palavras. Havia aprendido a contar uma história suficientemente bem, mas não era rápido com respostas desembaraçadas e réplicas divertidas. Era um homem sério e reservado, que não gostava de falar sobre si mesmo, embora fosse um ouvinte sensível, que atraía confidências dos outros. Em casa, fora famoso como um excelente artesão, mas as mesmas mãos que podiam moldar tão cuidadosamente a pedra dura em boas ferramentas também eram hábeis nos caminhos de um corpo de mulher. Foi outra expressão de sua natureza física e, embora não tão aberta também fora famoso por isso. As mulheres o perseguiram e inventavam piadas sobre a sua "outra" habilidade.

Era uma arte que aprendera, como aprendera a moldar sílex. Sabi onde tocar, era receptivo e acessível a sinais sutis, e sentia prazer em dar prazer. Suas mãos, olhos, o corpo inteiro falavam com mais eloquência de

que quaisquer palavras que pronunciasse. Se Ranec fosse mulher, tê-lo-ia chamado de artista.

Jondalar desenvolvera afeto e carinho genuínos por algumas mulheres e gostava delas fisicamente, porém não amou até encontrar Ayla, e não se sentia confiante de que ela o amasse verdadeiramente.

Como poderia ela? Ela não tinha parâmetro de comparação. Fora ele o único homem que ela conheceu até chegarem ali. Ele reconhecia que o escultor era um homem de honra e via os sinais de crescente atração por Ayla. Sabia que, se homem fosse capaz, Ranec poderia conseguir o amor de Ayla. Jondalar havi viajado por metade do mundo antes de encontrar uma mulher que pudesse amar. Agora, que a encontrara, afinal, iria perdê-la tão cedo? Mas, merecia ele perdê-la? Podia trazê-la de volta consigo, sabendo como seu povo pensava em relação a mulheres como ela? Apesar de todo o seu ciúme, começava a se perguntar se era a pessoa certa para ela. Disse a si mesmo que queria ser justo com ela mas, no fundo de seu coração perguntou-se se suportaria o estigma de amar a mulher errada, novamente Danug percebeu a angústia de Jondalar e olhou para Wymez, perturbado. Wymez apenas sacudiu a cabeça afirmativamente, com astúcia. também amara uma mulher de exótica beleza, um dia, mas Ranec era o de sua fogueira, e atrasado para achar uma mulher e se fixar e criar família com ela.

Ranec conduziu Ayla à Fogueira da Raposa. Embora ela a houvesse atravessado várias vezes todos os dias, evitara, propositadamente, olhares curiosos aos alojamentos privados; era um costume de sua vida com do Clã que aplicava no Acampamento do Leão. No projeto da casa comum da habitação de terra, a privacidade não era tanto uma questão de portas fechadas quanto de consideração, respeito e tolerância mútua.

- Sente-se - disse ele, guiando-a para um estrado de cama, juncado de peles macias, suntuosas.

Ela olhou ao redor, agora que era aceitável que satisfizesse a sua curiosidade. Embora dividissem uma fogueira, os dois homens que viviam em lados opostos do corredor central tinham espaços disponíveis que eram unicamente individuais.

Do outro lado da fogueira, a área do fabricante de ferramentas tinha uma aparência de indiferente simplicidade. Havia um estrado de cama com almofada estofada e peles, e uma cortina de couro amarrada ao acaso, acima, que parecia não ter sido solta durante anos. Algumas roupas penduradas em cabides e mais peças estavam empilhadas sobre uma parte do estrado de cama, estendendo-se ao longo da parede, além da divisão na cabeceira da cama.

A área de trabalho ocupava a maior parte do recinto, definida por lascas, nacos e pedaços quebrados de sílex, cercando um osso de pé de mamute usado tanto como assento quanto como bigorna. Vários retocadores e martelos de osso e pedra estavam em evidência sobre a extensão do estrado de cama, ao seu pé. Os únicos objetos decorativos eram uma estatueta de marfim da Mãe em um nicho na parede e, pendurado ao seu lado, um cinto intrincadamente decorado de onde pendia uma saia de capim seco e murcho. Ayla notou, sem perguntar, que pertencera à mãe de Ranec.

Em contraste, o lado do entalhador era de um bom gosto suntuoso. Ranec era um colecionador, mas muito seletivo. Tudo era escolhido com cuidado, e exibido de forma a mostrar suas melhores qualidades e a complementar o todo com uma riqueza textural. As peles na cama convidavam ao toque e gratificavam o contato com maciez excepcional. As cortinas dos dois lados, caindo em pregas cuidadosas, eram de pele de veado aveludada, de uma cor castanho-amarelada escura, e

tinham um odor fraco, mas agra dável, da madeira de pinho pulverizada, que lhes dava sua cor. O chão era coberto com esteiras de algum capim aromático tecido primorosamente com desenhos coloridos.

Numa parte do estrado de cama havia cestas de vários tamanhos e for matos; as maiores continham roupas arrumadas para mostrar trabalho decorativo em contas, ou desenhos com penas e pele. Em algumas das cestas e pendendo de cabides, estavam braceletes e pulseiras de marfim esculpido e colares de dentes de animais, conchas de moluscos de água doce, conchas marinhas, tubos cilíndricos de pedra calcária, pingentes e contas de marfim colorido e, realçando entre eles, âmbar.

Uma grande lasca de presa de mamute, esculpida com desenhos geométricos incomuns, estava na parede. Mesmo as armas de caça e as roupas de passeio que pendiam de cabides Somavam ao efeito global.

Quanto mais ela olhava, tanto mais ela via, mas os objetos que pareciam se projetar e prender sua atenção eram uma estatueta da Mãe linda mente feita de marfim, em um nicho, e as esculturas perto de sua área de trabalho.

Ranec a observava, notando onde seus olhos se fixavam, e sabendo o que ela via. Quando os olhos de Ayla pousaram nele, Ranec sorriu. Sentou-se à sua bancada. O osso da canela de um mamute fincado no chão fazia com que a articulação do joelho, achatada, levemente côncava, chegasse à altura do seu peito quando ele se sentava sobre uma esteira, no chão. Na superfície de trabalho horizontal, curva, entre uma variedade de buris instrumentos de sílex similares a cinzéis que ele usava para esculpir, estava uma escultura não-terminada de uma ave.

- Esta é a peça em que estou trabalhando - disse ele, observando a expressão da jovem enquanto lhe

estendia o trabalho.

Ela aninhou, com cuidado, a escultura de marfim nas mãos, olhou-e, depois virou-a e a examinou com mais atenção. Em seguida, parecendo intrigada, virou-a de um lado e depois, novamente, para o outro.

- É ave quando olho deste lado - disse a Ranec - mas agora... segurou a escultura do outro jeito - ...é uma mulher! - Maravilhoso! Você percebeu logo. É uma coisa que tenho tentado fazer. Queria mostrar a transformação da Mãe, Sua forma espiritual. Quero mostrá-La quando Ela assume Sua forma de ave para voar daqui para o mundo espiritual, mas ainda como a Mãe, como mulher. Para incorporar as duas formas ao mesmo tempo! Os olhos escuros de Ranec brilharam, estava tão excitado que quase não podia falar rápido o bastante. Ayla sorriu do seu entusiasmo. Era o lado dele que ela não vira antes. Em geral, ele parecia muito mais desprendido, mesmo quando ria. Por um momento, Ranec a remeteu a Jondalar, quando desenvolvia a idéia para o arremessador de lanças. Franziu a testa sob o pensamento. Aqueles dias de verão no vale pareciam muito distantes. Agora, Jondalar quase nunca sorria ou, se o fazia, ficava zangado no instante seguinte. Ela teve uma sensação repentina de que Jondalar não gostaria de ela estar ali, conversando com Ranec, ouvindo sua satisfação e excitação, e isso a deixou infeliz e um pouco zangada.

Capítulo 11

- Ayla, aí está você - disse Deegie, atravessando a Fogueira da Raposa. - Vamos começar a música. Venha. Você também, Ranec.

Deegie havia reunido a maior parte do Acampamento do Leão pelo caminho. Ayla reparou que ela carregava o crânio de mamute, Tornec omoplata pintada com linhas vermelhas ordenadas e formas geométricas e que Deegie havia usado a palavra desconhecida de novo. Ayla e Ranec acompanharam-na até o lado de fora.

Nuvens leves corriam num céu que escurecia no norte e o vento se intensificava, partindo a pele dos capuzes e parkas. Mas ninguém reunido em círculo pareceu notá-lo.

A fogueira, que fora construída com montes de terra e algumas pedras para tirar proveito do vento norte, estava mais viva à medida que mais ossos e lenha eram postos nela, mas o fogo era uma presença invisível dominada pelo brilho cintilante que descia a oeste. Alguns ossos grandes, que pareciam ter sido deixados jazendo casualmente por perto, assumiram um propósito definido quando Deegie e Tornec reuniram a Mamut e sentaram-se sobre eles. Deegie abaixou o crânio fixado de forma que não ficasse fincado ao solo, mas fosse sustentado na frente e atrás por outros ossos grandes. Tornec segurou a omoplata pintada em posição vertical, e bateu em vários locais com um implemento em forma de martelo feito de chifres, ajustando levemente a posição.

Ayla estava assombrada com os sons que produziam, diferentes dos que ouvira no interior. Havia uma sensação de ritmos de tambor, mas estes sons

tinham tonalidades diversas, como nada do que havia escutado antes, ainda que possuíssem uma qualidade familiar persistente. Em variabilidade, os tons lhe lembravam sons de vozes, como aqueles que ela vez por outra cantarolava baixinho, consigo mesma, se bem que mais definidos. Será que isso era música? De repente, soou uma voz. Ayla se virou e viu Barzec, com a cabeça atirada para trás, emitindo um alto grito ululante que penetrou no ar. Ele abaixou a voz para um vibrato grave que provocou quantidade enorme de emoção, dando um nó na garganta de Ayla, e terminou com uma rajada de ar aguda, alta, que de alguma forma conseguiu deixar uma pergunta em suspenso. Em resposta, os três músicos iniciaram uma batida rápida nos ossos de mamute, que repetia o som que Barzec havia emitido, combinando-o em tom e sentimento de uma maneira que Ayla não conseguia explicar. Prontamente os outros participaram do canto, não com palavras, mas com tons e sons vocais, acompanhados com os instrumentos de osso de mamute. Depois de certo tempo, a música variou e, gradualmente, as sumiu uma qualidade diferente. Tornou-se mais lenta, mais deliberada, e os tons provocaram uma sensação de tristeza. Fralie começou a cantar em voz aguda, agradável, desta vez com palavras. Contou a história de uma mulher que perdeu o companheiro, e cujo filho morrera.

Comoveu Ayla profundamente, fê-la pensar em Durc e trouxe-lhe lágrimas aos olhos. Quando levantou a cabeça, viu que não estava sozinha, mas encontrava-se muito emocionada quando reparou em Crozie, com um olhar perdido, impassível, o rosto idoso sem expressão, mas com lágrimas escorrendo-lhe pelas faces.

Enquanto Fralie repetia as últimas frases da canção, Tronie se juntava a ela, e depois Latie. Na repetição seguinte a frase mudou e Nezzie e Tulie, cuja voz era um contralto rico e grave, cantaram com elas. A

frase variou uma vez mais, mais vozes somaram-se às delas, e a música mudou de personagem novamente. Tornou-se a história da Mãe, e uma lenda do povo, O mundo espiritual e seus primórdios. Quando as mulheres chegaram ao Ponto em que o Homem-Espírito nasceu, os homens participaram, a música alternou-se entre as vozes dos homens e das mulheres, e um espírito amistoso de competição tomou conta deles.

A música se tornou mais rápida, mais rítmica. Em uma explosão de exuberância, Talut tirou sua pele de passeio e se colocou no centro da fogueira com os pés em movimento, os dedos estalando. Entre risos, gritos de aprovação, pés batendo ao solo, palmas de mão batendo nas coxas, Talut foi encorajado a uma dança atlética de chutes e saltos altos, ao compasso da música. Barzec, para não ser vencido, juntou-se a ele. Sua dança de rápidos, exibindo movimentos mais elaborados, provocou mais gritos aplausos. Antes de parar, chamou Wymez, que recuou a princípio, mas de pois, animado pelos outros, começou uma dança cujos movimentos tinham um caráter distintamente diferente para eles.

Ayla ria e gritava com o resto das pessoas, gostando do canto, da música e da dança, mas principalmente do entusiasmo e diversão que a enchiam de sensações boas. Druwez saltou com uma exibição ágil de acrobacia, depois Brinan tentou imitá-lo. Sua dança não tinha a elegância da do irmão mais velho, mas foi aplaudido por seus esforços, o que encorajou o filho mais velho de Fralie, a juntar-se a ele. Então Tusie resolveu queria dançar. Barzec, com um sorriso tolo, segurou-lhe as mãos na mão e dançou com ela. Talut, tirando a idéia de Barzec, encontrou Nezzii e a trouxe para o círculo. Jondalar tentou convencer Ayla a participar, E ela recuou. Então, vendo Latie observar os dançarmos com olhos brilhantes cutucou-o para que dançasse com ela.

- Quer me ensinar os passos, Latie? - pediu ele.

Ela lançou um sorriso grato ao homem alto, o sorriso de Talut, pensou Ayla, novamente, e pegou as duas mãos de Jondalar quando se moveram em direção aos outros. Era esguia para seus doze anos, e se movia graciosamente. Comparando-a com as outras mulheres, com uma visão de rasteira, Ayla achou que ela seria, um dia, uma mulher muito atraente. Mais mulheres entraram na dança e, quando a música mudou novamente, quase todo mundo se movia sob sua cadência. As pessoas começaram a cantar, e Ayla se sentiu puxada para a frente, a fim de dar as mãos e formar um círculo. Com Jondalar de um lado e Talut do outro, ela se movia para frente e para trás, e rodopiava, dançando e cantando, enquanto a música os impelia cada vez mais depressa.

Por fim, com um último grito, a música terminou. As pessoas riam, falavam, inspiravam, os músicos e os dançarmos igualmente.

- Nezzie! A comida ainda não está pronta? Senti seu odor o dia inteiro, e estou faminto! - gritou Talut - Olhem para ele - disse Nezzie, sacudindo a cabeça para o seu grandalhão. - Não parece estar faminto? - As pessoas riram. - Sim, a comida está pronta. Estávamos esperando apenas que todos estivessem prontos para comer - Sim, estou pronto - disse Talut.

Enquanto algumas pessoas iam buscar seus pratos, aquelas que tinham cozinhado trouxeram a comida para fora. Os pratos de cada pessoa eram bem individuais. As travessas eram, em geral, de ossos chatos, pélvicos ou do ombro do bisão ou veado, as xícaras e tigelas podiam ser tecidas, cestas pequenas à prova d'água ou, às vezes, os ossos frontais em forma de cuia de veados, com os chifres removidos. Conchas de moluscos e outros bivalves, negociadas, juntamente com o sal, por pessoas que visitavam ou viviam perto do mar, eram usadas para pratos menores, conchas, e as menores, para colheres.

Ossos pélvicos de mamutes eram bandejas e travessas. A comida era servida com grandes conchas esculpidas de osso ou marfim, ou galhada, ou chifre, e com peças retas casualmente manipuladas como tenazes. Pinças retas menores eram utilizadas para comer juntamente com as facas de sílex. O sal, raro e especial em região tão interior, era servido separadamente, de uma concha de molusco incomum e bonita.

O assado de Nezzie estava tão suculento e delicioso quanto o aroma anunciara que estaria, complementado pelos pequenos pães de cereal moído de Tulie, que foram colocados no assado quente para cozinhar. Embora duas aves não fossem grande coisa para alimentar o acampamento faminto, todos provaram as ptármigas de Ayla. Cozidas no forno de chão, estavam tão tenras que se despedaçavam. Sua combinação de temperos, apesar de incomum ao paladar dos Mamutoi, foi bem recebida pelo Acampamento do Leão. Comeram tudo. Ayla concluiu que gostava do recheio de grãos.

Ranec trouxe seu prato perto do fim da refeição, surpreendendo a todos porque não era sua especialidade costumeira. Em vez disso, passou bolinhos fritos. Ayla experimentou um, depois estendeu a mão para outro.

- Como faz? - perguntou. - É tão bom! - A menos que tenhamos uma competição todas as vezes, acho que não será fácil fazer os bolinhos novamente. Usei o cereal em pó, misturei-o à gordura de mamute, depois acrescentei uvas-do-monte, convenci Nezzie a me ceder um pouco do seu mel, e cozinhei-os em pedras quentes. Wymez disse que o povo de minha mãe usava gordura de javali para cozinhar, mas não tinha certeza de como o faziam. Já que não me recordo deter visto um javali em dia nenhum, achei melhor optar pela gordura de mamute.

- O gosto é quase o mesmo - disse Ayla - mas nada é tão saboroso como isto. Desmancha na boca. - Depois

encarou especulativamente o homem de pele escura e olhos negros e cabelo muito crespo que era, apesar de sua aparência exótica, tão Mamutoi quanto outro qualquer do Acampamento do Leão.

- Por que cozinha? - Por que não? - Ele riu. - Somos apenas dois na Fogueira da Raposa, e gosto de cozinhar, embora fique contente de comer da fogueira de Nezzie quase sempre. Por que pergunta? - Os homens do Clã não cozinham.

- Muitos homens não cozinham, se não precisam.

- Não. Os homens do Clã não são capazes de cozinhar. Não sabem como. Não têm cabeça para a cozinha. - Ayla não estava segura de ser clara, mas Talut se aproximou, então, servindo doses de sua bebida fermentada e ela notou que Jondalar a espiava, tentando não parecer aborrecido.

- Mas você se superou. É o melhor assado que já comi.

- Exagerando de novo. Diz isso para eu não chamar você de glutão.

- Ora, Nezzie - disse Talut pousando seu prato. Todos sorriam, trocando olhares significativos.

Ela estendeu uma tigela de osso e observou Talut enchê-la com a bebida. Ela não gostara muito da bebida da primeira vez que provou, mas todos pareciam gostar tanto que achou melhor experimentar de novo.

Depois de Talut servir a todos, ele pegou seu prato e foi se servir do assado pela terceira vez.

- Talut! Vai comer mais? - falou Nezzie, no tom de não muita censura que Ayla começava a reconhecer, como a forma de Nezzie dizer que estava contente com o grande chefe.

- Quando digo que você é a melhor, falo com sinceridade. - Ele a pegou no colo e roçou o nariz em seu pescoço.

- Talut! Seu grande urso! Ponha-me no chão! Ele fez como ordenado, mas acariciou-lhe o seio e mordiscou-lhe o lóculo da orelha.

- Acho que tem razão. Quem precisa de mais assado? Acho que terminarei o jantar com você.

Não consegui uma promessa antes? - respondeu ele com fingida inocência.

- Talut! Você é tão mau quanto um touro enfurecido!
- Primeiro sou um carcaju, depois um urso, e agora sou um auroque.

- Riu, soltando um berro. - Mas você é a leoa. Venha para a minha fogueira - disse ele, fazendo gestos como se fosse pegá-la no colo e carregá-la até a habitação.

De repente, ela cedeu e riu.

- Oh, Talut! Como a vida seria monótona sem você! Talut sorriu e o amor e compreensão em seus olhos, quando se encararam, disseminavam o seu afeto. Ayla sentiu o lampejo, e no fundo sua alma teve a impressão de que sua união viera de aprenderem a aceitar um ao outro como eram, durante uma vida inteira de experiências partilhadas.

Mas o contentamento deles trouxe a ela pensamentos inquietantes. -- que conheceria, algum dia, essa aceitação? Compreenderia alguém tão bem? Permaneceu sentada ruminando seus pensamentos, fitando o outro lado do rio, e dividiu um momento de silêncio com os outros, enquanto a amplitude da paisagem vazia encenava uma exibição espantosa.

As nuvens ao norte tinham aumentado seu território quando o acampamento do Leão terminou sua festa, e apresentavam suas superfícies refletoras a um sol que se punha rapidamente. Num esplendor flagrante de glória, proclamavam seu triunfo através do horizonte distante, ostentando sua vitória com estandartes fulgurantes de escarlate e laranja - negligenciando o aliado sombrio, a outra parte do dia. A exibição majestosa de cores

voadoras, resplandecente em seu esplendor cor de bronze, era uma celebração de curta vida. A marcha inexorável da noite esgotava o brilho volátil, e vencida as tonalidades ígneas convertendo-se em tons carmins e cornalina. O rosa flamejante que esvanecia-se em alfazema enfumaçada sobrepujado por púrpura acinzentada, e afinal cedeu ao negro fuliginoso. O vento ficou mais forte com a aproximação da noite, e o calor e proteção da moradia de terra acenavam. Na luz que enfraquecia, pratos individuais eram limpos por cada pessoa com areia e lavados com água. O resto do assado de Nezzie foi colocado em uma tigela e a grande pele de cozinhar foi limpa do mesmo jeito e pendurada sobre a armação para secar. Dentro, a roupa de passeio foi tirada e pendurada em cabides e as fogueiras foram atiçadas e avivadas.

Hartal, o bebê de Tronie, alimentado e satisfeito, foi dormir rapidamente, mas a menina de três anos, Nuvie, lutando para manter os olhos abertos, queria reunir-se aos outros que começavam a se agrupar na Fogueira do Mamute. Ayla a pegou no colo e segurou-a quando deu passos incertos, depois carregou-a de volta a Tronie, completamente adormecida, antes que a jovem mãe sequer deixasse sua fogueira.

Na Fogueira da Garça, Ayla reparou que o filho de dois anos de Fralie, Tasher, queria mamar, apesar de ter comido do prato da mãe. Ele se agitou e choramingou, o que convenceu Ayla de que o leite da mãe secara. Acabara de adormecer, quando começou uma discussão entre Crozie e Frebec, acordando-o. Fralie, cansada demais para gastar energia zangando-se, pegou-o ao colo, mas Crisavec, de sete anos, estava carrancudo.

Ele saiu com Brinan e Tusie quando eles passaram. Encontraram Rugie e Rydag, e as cinco crianças, mais ou menos da mesma idade, começaram imediatamente a falar com sinais manuais e palavras, rindo baixinho.

Amontoaram-se num estrado de cama vazio, próximo ao que Ayla dividia com Jondalar.

Druwez e Danug estavam juntos, próximos à Fogueira da Raposa. Latie se encontrava perto, de pé, mas ou eles não a tinham visto, ou não falaram com ela. Ayla a viu dar meia-volta e, afinal, com a cabeça baixa, arrastar os pés ao andar devagar em direção às crianças mais novas. A me nina ainda não era uma mulher jovem, Ayla adivinhava, mas não estava longe disso. Era uma época em que as meninas queriam ter outras meninas para conversar, mas não havia garotas de sua idade no Acampamento do Leão, e os meninos a ignoravam.

Latie, senta comigo? - perguntou ela. Latie se alegrou e acomodou-se ao lado de Ayla.

O resto das pessoas da Fogueira dos Auroques atravessou a habitação comunal ao longo do corredor. Tulie e Barzec se reuniram a Talut, que conferenciava com Mamut. Deegie sentou-se do outro lado de Latie e sorriu-lhe.

- Onde está Druwez? - perguntou. - Eu sempre soube que, se quisesse encontrá-lo, tinha apenas que achar você.

- Oh, ele está conversando com Danug - disse Latie. - Agora, estão Sempre juntos. Fiquei muito contente quando meu irmão voltou, pensei que nós três teríamos tanto sobre o que falar...

Mas eles querem somente falar um com o outro.

Deegie e Ayla trocaram um olhar, e uma expressão sagaz passou de Uma para a outra. Chegara a época em que as amizades feitas em criança precisavam ser examinadas sob nova luz, e adaptadas aos padrões dos relacionamentos adultos, quando se conheceriam como mulheres e homens, mas essa fase podia ser muito confusa e solitária.

Ayla havia sido excluída e afastada, de uma forma ou de outra, durante a maior parte de sua vida. Ela

entendia o que significava ser solitária, mesmo quando cercada por pessoas que a amavam. Mais tarde, em seu vale, ela encontrara um meio fácil de aliviar uma solidão desesperada, e recordou o anseio e nos olhos da garota sempre que olhava para os cavalos.

Ayla fitou Deegie, depois Latie para incluí-la na conversa.

- Um dia muito ocupado. Muitos dias assim. Preciso de ajuda. Poderia me ajudar, Latie? - perguntou Ayla.

- Ajudar? Claro. O que quer que eu faça? - Antes, eu escovava os cavalos todos os dias, cavalgava. Agora, não tenho tanto tempo, mas os cavalos precisam. Pode me ajudar? Eu mostro como é.

Os olhos de Latie se arregalaram e arredondaram.

- Quer que a ajude a tomar conta dos cavalos? - indagou em sussurro surpreso. - Oh, Ayla, eu posso? - Pode. Enquanto eu ficar aqui, será uma grande ajuda - respondeu Ayla.

Todos se tinham reunido na Fogueira do Mamute. Talut e Tulie e todos Outros falavam sobre a caçada dos bisões com Mamut. O velho realizado a Busca, e discutiam se devia fazê-la novamente. Como a caçada tivera tanto sucesso, perguntavam-se se outra seria possível breve. Ele concordou em tentar.

O grande chefe serviu mais doses de sua bebida fermentada, que fizera do amido de raízes de tifáceas, enquanto Mamut se preparava para a Busca, e encheu a tigela de Ayla. Ela tomou a maior parte da bebida que ele lhe dera lá fora, mas sentiu-se um pouco culpada por jogar um pot fora. Desta vez cheirou-a, agitou-a algumas vezes, respirou fundo e engoliu-a. Talut sorriu e tomou-a também.

Encheu a tigela de Ayla mais vezes, quando passou e a encontrou vazia. Ela não queria, mas era tarde de mais para recusar. Fechou os olhos e engoliu depressa a bebida forte. se acostumava mais ao paladar, mas ainda

não podia compreender por que todos pareciam gostar tanto da bebida.

Enquanto esperava, sentiu uma tonteira, os ouvidos zuniram, e percepções se toldaram. Não notou quando Tornec começou uma batida ritmada tonal sobre o osso de omoplata de mamute; em vez.

disso, pareci acontecer dentro dela. Ayla sacudiu a cabeça e tentou prestar atenção Concentrou-se em Mamut e observou-o engolir alguma coisa, e teve a vaga sensação de que não era segura. Quis detê-lo, mas permaneceu onde estava. Ele era Mamut, devia saber o que fazia.

O homem velho, alto e magro, com a barba branca e cabelo comprido branco sentou-se de pernas cruzadas atrás de outro tambor de caveira. Ergueu um martelo de osso e, após uma pausa para ouvir, tocou conforme Depois, começou uma canção cantada. O canto foi entoado pelos outros e prontamente, a maior parte das pessoas ficou profundamente envolvida numa seqüência hipnotizável que consistia de frases repetitivas, cantadas em uma batida vibrante com pouca variação do tom, alternando com rufos de tambor arrítmicos que tinham mais mudança de tom do que as vozes. Outro tocador de tambor juntou-se a eles, mas Ayla só percebeu que Deegie não estava mais ao seu lado.

O som dos tambores combinava com a batida na cabeça de Ayla. De pois, achou que ouvia mais do que apenas o canto e os rufos dos tambores. Os tons instáveis, as cadências diversas, as alterações de altura e volume na batida dos tambores começaram a sugerir vozes, vozes que falavam, dizendo algo que ela quase era capaz de compreender, mas não inteiramente. Tentou concentrar-se, esforçou-se para ouvir, mas sua mente não estava clara e, quanto mais tentava, mais distante da compreensão pareciam ficar as vozes dos

tambores. Por fim, ela desistiu. Cedeu à tonteira que parecia tragá-la.

Então, ouviu os tambores e subitamente foi arrastada para longe.

Ela viajava rapidamente pelas planícies congeladas e desertas. Na paisagem árida estendida sob ela, os aspectos mais distintos quase se encontravam envolvidos por um véu de neve soprado pelo vento. Lentamente, tornou-se ciente de que não estava sozinha. Um companheiro viajante contemplava a mesma cena e, de forma inexplicável, exercia um grau de controle sobre sua velocidade e direção.

Então, fracamente, como uma aura de farol distante, um ponto de referência, ela ouviu vozes cantando e tambores falando. Num instante de nitidez, ouviu uma palavra pronunciada em stacato vibrante que aproximava, se não reproduzia exatamente, a altura, tom e ressonância de uma voz humana.

'Zzllloooow." Depois, novamente, "Zzllloooow heeerrrr." Sentiu sua rapidez diminuir e, abaixando os olhos, viu alguns bisões amontoados no abrigo de uma margem de rio elevada. Os grandes animais permaneciam em resignação estóica sob a nevasca impelida pelo vento, a neve agarrando-se aos pêlos emaranhados, as cabeças abaixadas como se forçadas pelos chifres negros maciços que se estendiam. Somente o vapor soprando dos focinhos em seus rostos distintamente entorpecidos dava uma pista de que viviam, eram seres vivos, e não características da região.

Ayla sentiu-se arrastada para mais perto, suficientemente próxima para contá-los e notar animais isolados. Um filhote dava alguns passos para se aninhar junto à mãe; uma velha vaca, cujo chifre esquerdo estava quebrado na ponta, sacudia a cabeça e bufava; um touro escavava o terreno, empurrando a neve para

um lado, focinhando depois a porção exposta de capim murcho. Ouviu-se um uivo a distância; talvez, do vento.

A paisagem se ampliou de novo quando eles recuavam, e ela vislumbrou quadrúpedes silenciosos movendo-se com firmeza e determinação. O rio corria entre afloramentos idênticos abaixo dos bisões reunidos. Rio acima, a planície aluvial onde os bisões procuraram abrigo estreitava-se entre margens altas e o rio corria por um desfiladeiro escarpado de rocha: recortada, derramando-se depois em cachoeiras e pequenas cascatas. A única saída era um desfiladeiro rochoso, íngreme, um escoadouro para enchentes primaveris, que levava de volta às estepes.

"Hhoomme." A prolongada vogal da palavra ressoava no ouvido de Ayla com vibrações intensificadas, e ela se movia de novo, correndo pelas planícies.

- Ayla! Está bem? - perguntou Jondalar.

Ayla sentiu um sobressalto espasmódico deslocar seu corpo. Então, abriu os olhos para ver um outro par, muito azul, fitando-a com uma ruga de preocupação na testa.

- Hum... sim, acho que sim.

- O que aconteceu? Latie disse que você caiu sobre a cama, depois ficou rígida e em seguida começou a se agitar. Então, adormeceu, e ninguém foi capaz de acordá-la.

- Não sei...

- Você veio comigo, Ayla, é claro. - Ambos se voltaram ao ouvir a voz de Mamut.

- Fui com você? Aonde? - interrogou Ayla.

O velho lançou-lhe um olhar penetrante. Ela está assustada, e Não é de admirar, ela não esperava aquilo. É muito amedrontador da primeira vez, quando se está preparado, mas não pensei em prepará-la. Não suspeitei de que sua capacidade natural fosse tão grande. Ela nem sequer utilizou os somuti. Seu dom é poderoso demais.

Deve ser treinada, para sua própria proteção, mas quanto posso lhe dizer agora? Não quero pense em seu talento como um fardo que deve carregar a vida toda. Quero que saiba que é uma dádiva, embora envolva grande responsabilidade... mas Ela, em geral, não concede Suas Dádivas àqueles que não podem acei tá-las. A Mãe deve ter um propósito especial para esta jovem.

- Onde acha que fomos, Ayla? - perguntou o velho feiticeiro.

- Não tenho certeza. Lá fora... eu estava sob uma nevasca e vi bisão... com chifre quebrado... perto do rio.

- Viu claramente. Fiquei surpreso quando a senti comigo. Mas devia ter compreendido que talvez acontecesse, eu sabia que você possuía potencial. Tem um dom, Ayla, mas precisa de treinamento, de orientação.

- Um dom? - perguntou Ayla, sentando-se. Sentiu um calafrio e por um instante, um choque de medo. Não queria dom algum. Queria apenas um companheiro e filhos, como Deegie ou outra mulher qualquer - Que tipo de dom, Mamut? Jondalar viu seu rosto pálido. Ela parece tão assustada, e tão vulnerável, pensou, abraçando-a.

Queria apenas abraçá-la, protegê-la do mundo - amá-la. Ayla aconchegou-se ao calor do homem e sentiu sua apreensão diminuir. Mamut notou as interações sutis e juntou-as às suas considerações sobre a jovem mulher misteriosa que aparecera subitamente no meio deles. Por que, pensou, no meio deles? Não acreditava que fosse o acaso que conduzira Ayla ao Acampamento do Leão. Casualidade ou coincidência não figuravam largamente em sua concepção do mundo. Mamut estava convencido de que tudo tinha um propósito, uma orientação dirigente, uma razão por existir, quer ele

compreendesse ou não qual era, e estava seguro de que a Mãe tinha uma razão para dirigir Ayla até eles. Ele fizera algumas adivinhações sagazes sobre ela, e agora que sabia mais sobre sua formação, perguntava-se se parte do motivo por que ela havia sido enviada para eles, era ele mesmo. Sabia que era provável que ele, mais do que ninguém, a compreendesse.

- Não estou certo sobre que tipo de dom, Ayla. Uma dádiva da Mãe pode adquirir diversas formas. Parece que você tem um dom para a cura. provavelmente, seu jeito com os animais também é um dom.

Ayla sorriu. Se a magia de cura que ela aprendera com Iza era um dom, não se importava com isso.

E se Whinney e Racer e Neném eram dádivas da Mãe, ela era grata. Já acreditava que o Espírito do Grande Leão da Caverna enviara-os a ela. Talvez a Mãe tivesse algo a ver com aquilo, também.

- E pelo que soube hoje, diria que tem um dom para a Busca. A Mãe tem sido generosa com Suas Dádivas a você - disse Mamut.

A testa de Jondalar enrugou-se de preocupação. Atenção demais de Doni não era necessariamente desejável. Tinham-lhe dito, muitas vezes, o quão dotado ele era; não lhe dera muita felicidade. De repente, lembrou-se das palavras do velho curandeiro de cabelos brancos que servira a Mãe pelo povo dos Sharamudoí. O Shamud lhe dissera, uma vez, que a Mãe o favorecera tanto que nenhuma mulher era capaz de recusá-lo, nem sequer a Própria Mãe o faria - que esse era seu dom - mas preveniu-o para ser cauteloso. Dádivas da Mãe não eram uma bênção pura, sempre colocavam a pessoa em dívida com Ela. Isso significava que Ayla estava em dívida com a Mãe? Ayla não tinha certeza se gostava muito da última dádiva.

- Não conheço Mãe, ou dádivas. Acho que o Leão da Caverna, meu totem, enviou Whinney.

Mamut pareceu surpreso.

- O Leão da Caverna é seu totem? Ayla notou sua expressão e recordou como havia sido difícil para o Clã acreditar que uma mulher pudesse ter um poderoso totem masculino protegendo-a.

- Sim. Mog-ur me disse. O Leão da Caverna me escolheu e me marcou. Eu lhe mostro - explicou Ayla. Ela desatou a tira de couro da Cintura das calças e abaixou a roupa o suficiente para expor a coxa esquerda e as quatro cicatrizes paralelas feitas por uma garra aguçada, prova do seu encontro com um leão de caverna.

As marcas eram antigas, cicatrizadas havia muito tempo, observou Mamut. Ela devia ser muito jovem. Como uma menina havia escapado de um leão de caverna? - Como conseguiu essa marca? - indagou ele.

- Não lembro... mas tive sonho.

- Um sonho? - encorajou-a Mamut, interessado.

- Ele volta, às vezes. Estou em um lugar escuro, pequeno. A luz de uma abertura pequena.

Então... - fechou os olhos e engoliu guma coisa bloqueia a luz. Fico assustada. Depois, a grande pata do leão aparece, com garras afiadas. Eu grito, acordo.

- Tive um sonho sobre leões de caverna recentemente - disse Mamut. - É por isso que me interessei tanto por seu sonho. Sonhei com um bando de leões de caverna, tomando sol nas estepes num dia quente de verão. Havia dois filhotes. Um deles, uma fêmea, tentava brincar com macho, um animal grande com crina avermelhada. Ela estendeu a pata e bateu-lhe no rosto gentilmente, mais como se quisesse apenas tocá-lo. O grande macho a empurrou para um lado, depois a manteve segura com a pata dianteira abaixada e lambeu-a com sua comprida língua grossa.

Tanto Jondalar quanto Ayla ouviam, seduzidos.

- Então, de repente - continuou Mamut - houve uma perturbação. Um rebanho de renas correu diretamente até eles. A princípio, pensei que atacavam... muitas vezes os sonhos têm significado mais profundo do que parecem... mas estas renas estavam em pânico, e quando viram os leões se espalharam. No processo, o irmão da fêmea foi atropelado. Quando terminou, a leoa tentou fazer o pequeno macho se erguer, mas não conseguiu reanimá-lo. Então, afinal, ela partiu somente com a pequena fêmea e o resto do bando.

Ayla estava sentada em estado de choque.

- O que há, Ayla? - interrogou Mamut.

- Neném! Neném era irmão. Persegui renas, caçando. Depois encontrei o pequeno filhote, ferido. Levei para a caverna, curei-o, criei-o como bebê.

- O leão da caverna que você criou tinha sido pisado pelas renas? foi a vez de Mamut sentir um choque. Aquilo não podia ser apenas coincidência ou semelhança de local. Aquilo tinha um significado importante. Ele havia sentido que o sonho do leão da caverna deveria ser interpretado por seus valores simbólicos, mas havia mais significado ali do que ele imaginara. Ultrapassava a Busca, ia além de sua experiência anterior. Ele tinha que pensar profundamente a respeito, e sentia que precisava saber ir.

- Ayla, se não se importa de responder...

Foram interrompidos por uma discussão em voz alta.

- Você não se importa com Fralie! Nem sequer pagou um Preço de Noiva decente! - guinchou Crozie.

- E você não se importa com nada senão o seu status! Estou cansado de ouvir sobre o Preço de Noiva baixo. Paguei o que você pediu, quando mais ninguém pagaria.

- O que quer dizer, ninguém mais pagaria? Você me suplicou por e disse que cuidaria dela e de seus filhos. Disse que me acolheria bem em sua fogueira.

- E não a acolhi? Não? - gritou Frebec.

- Chama isso de me acolher bem? Quando mostrou seu respeito? Quando me honrou como mãe? - Quando você me mostrou respeito? Você questiona tudo o que digo! - Se dissesse, alguma vez, uma coisa inteligente, ninguém precisaria discutir. Fralie merece mais.

Olhe para ela, cheia de bênção da Mãe...

- Mamãe, Frebec, por favor, parem de brigar - interrompeu Fralie.

- Só quero descansar...

Ela parecia abatida e pálida, e preocupava Ayla. A medida que a discussão aumentava, a curandeira que havia nela compreendia como a briga infelicitava a mulher grávida. Levantou-se e foi impelida à Fogueira da Garça.

- Não vêem que Fralie está preocupada? - disse Ayla quando a velha e o homem pararam apenas o tempo suficiente para que ela falasse. - Ela precisa de ajuda, vocês não ajudam. Fazem Fralie ficar doente. Não é bom discutir, para mulher grávida. Faz com que ela perca o bebê.

Tanto Crozie quanto Frebec a olharam, surpresos, mas Crozie se recuperou depressa.

- Está vendo, eu não lhe disse? Não se importa com Fralie. Nem se quer deixa que ela fale com esta mulher que sabe alguma coisa a respeito. Se ela perder o bebê, a culpa será sua! - O que ela sabe a respeito? - escarneceu Frebec. - Criada por um bando de animais sujos, o que pode ela saber de remédios? Depois, traz animais para cá. Ela não passa de um animal, ela mesma! Você tem razão, não deixarei Fralie perto desta abominação. Quem sabe que espíritos malignos ela trouxe para esta moradia? Se Fralie perder o bebê, será

culpa dela! Ela e seus cabeças- chatas amaldiçoados pela Mãe! Ayla recuou, cambaleando, como se recebesse um golpe físico. A força do ataque vituperativo tirou-lhe o ar e deixou o resto do acampamento sem fala. No silêncio de aturdimento, ela arquejou um grito estrangulado, soluçante, virou-se e saiu correndo da moradia. Jondalar agarrou sua parka e a dele e correu atrás.

Ayla empurrou a pesada cortina da entrada exterior em arco e saiu para o vento que uivava. A tempestade sinistra que ameaçara o dia inteiro não trouxe chuva ou neve, mas rugia com feroz intensidade além das paredes grossas da habitação de terra. Sem barreira para deter sua rajada selvagem, a diferença em pressões atmosféricas causada pelas grandes muralhas de gelo glacial ao norte gerava ventos com força de furacão através das vastas estepes descampadas.

Ela assobiou para Whinney e ouviu um relincho próximo como resposta. A égua e seu filhote apareceram, saindo da escuridão do lado protegido da habitação comunal.

- Ayla! Espero que não pretenda cavalgar nesta ventania - disse Jondalar, saindo da habitação.

- Tome, eu trouxe sua parka. Está frio aqui fora. Já deve estar congelando.

- Oh, Jondalar, não posso ficar aqui! - gritou ela.

- Vista sua parka, Ayla - insistiu ele, ajudando-a com a vestimenta sobre a cabeça. Depois, tomou-a nos braços. Ele havia esperado uma cena como a que Frebec acabara de fazer, havia muito tempo. Ele sabia que aconteceria, provavelmente, quando ela falou tão francamente sobre o seu back ground. - Não pode partir agora. Não neste vendaval. Para onde vai? - Não sei, não importa - soluçou ela. - Para longe daqui.

- E Whinney? E Racer? Não é bom estarem aqui fora neste tempo.

Ayla se agarrou a Jondalar sem resposta mas, em outro nível de consciência, ela havia observado que os animais procuraram abrigo perto da bitação de terra. Aborrecia-a não ter uma caverna para lhes oferecer proteção contra o mau tempo, como estavam acostumados. E Jondalar tem razão. Ela não podia partir, possivelmente, numa noite como aquela.

- Não quero ficar aqui, Jondalar. Assim que o tempo melhorar quero voltar ao vale.

- Se quiser, Ayla, voltaremos. Depois que melhorar. Mas, agora, vamos entrar novamente.

Capítulo 12

- Veja, quanto gelo está sobre seus pêlos - disse Ayla, tentando afastar com a mão os sinelos de gelo que pendiam, emaranhados, sobre o pelo comprido e entrelaçado de Whinney. A égua bufou, levantando uma nuvem fumegante de vapor quente no ar frio da manhã que se dissipou rapidamente sob a ação do vento cortante. A tempestade havia cessado, mas as nuvens baixas ainda pareciam ameaçadoras.

- Mas os cavalos ficam sempre do lado de fora no inverno. Eles não vivem em cavernas, Ayla - falou Jondalar, tentando parecer razoável, - E muitos morrem no inverno, embora permaneçam em lugarejos abrigados, quando o tempo é ruim. Whinney e Racer sempre tiveram' local quente e seco quando o quiseram. Não vivem com um bando, não estão habituados a ficar fora o tempo todo. Isto não é um bom lugar para eles... e também não é bom lugar para mim. Você disse que podíamos embora a qualquer momento. Quero voltar para o vale.

- Ayla, não fomos bem recebidos aqui? A maioria das pessoas não foi bondosa e generosa? - Sim, fomos bem acolhidos. Os Mamutoi tentam ser generosos com seus hóspedes, mas somos apenas visitantes aqui, e é hora de partir.

A testa de Jondalar tinha uma ruga de preocupação quando baixou a cabeça e arrastou seu pé.

Queria dizer uma coisa, mas não sabia exata mente como.

- Ayla... ah... eu lhe disse que algo assim talvez acontecesse se você... se você contasse sobre...

ah... sobre as pessoas com quem viveu. A maioria não tem a mesma opinião... que você... sobre elas. -

Levantou a cabeça.

- Se não tivesse dito nada...

- Eu teria morrido se não fosse o Clã, Jondalar! Está dizendo que eu devia me envergonhar do povo que cuidou de mim? Acha que Iza era menos humana que Nezzie? - esbravejou Ayla.

- Não, não, eu não quis dizer isso, Ayla. Não estou dizendo que você devia se envergonhar, estou dizendo apenas... isto é... não precisa falar deles com pessoas que não compreendem.

- Não estou certa de que você compreenda. Sobre quem você acha que eu devia falar quando as pessoas perguntam quem sou? Quem é meu povo? De onde venho? Não sou mais Clã... Broud amaldiçoou-me; para eles, estou morta... mas desejaria poder ser! Ao menos, aceitaram-me, afinal, como curandeira. Não me impediriam de ajudar alguém que precisasse de auxílio. Sabe como é terrível ver essa mulher, Fralie, sofrer, e não ter permissão para ajudar? Sou uma curandeira, Jondalar! - exclamou com um grito de desamparo e frustração, e voltou-se para o cavalo, zangada.

Latie saiu pela entrada da habitação de terra e se aproximou ansiosamente ao ver Ayla com os cavalos.

- O que posso fazer para ajudar? - perguntou, sorrindo largamente. Ayla recordou o oferecimento que ela fizera para ajudar na tarde anterior, e tentou se controlar.

- Agora, acho que não preciso de ajuda. Não vou ficar, voltarei para o vale, imediatamente - disse, falando na língua da menina.

Latie ficou arrasada.

- Oh... bem... acho que estou atrapalhando, então - disse, começando a voltar para a arcada da entrada.

Ayla notou o desapontamento dela.

- Mas, cavalos precisam de pêlo escovado. Cheio de gelo. Quem sabe você possa ajudar hoje? - Oh, sim! - a

garota voltou a sorrir. - O que posso fazer? - Vê, ali, no terreno perto da moradia, talos secos? - Quer dizer, este cardo? - perguntou Latie, pegando uma haste rija com a parte superior redonda, espinhosa, seca.

- Sim, peguei na margem do rio. A parte de cima dá uma boa escova. Quebre, assim. Enrole a mão com pequeno pedaço de couro. É mais fácil de segurar - explicou Ayla. Depois, guiou a menina até Racer e mostrou-lhe como devia segurar o cardo para limpar o emaranhado pêlo do Potro. Jondalar permaneceu próximo para manter o animal calmo até ele se acostumar com a menina estranha, enquanto Ayla voltava a quebrar e escovar o gelo agarrado a Whinney.

A presença de Latie fez cessar temporariamente a conversa de Ayla sobre partir, e Jondalar ficou grato por isso. Sentia que havia dito mais do que deveria e não falou de forma adequada. Agora, procurava palavras.

Não queria que Ayla partisse naquelas circunstâncias. Talvez ela jamais quisesse deixar o vale novamente se fosse embora agora. Embora a amasse muito, não sabia se poderia suportar passar o resto de sua vida sem viver com qualquer outra pessoa. Tampouco acreditava que ela fosse disso. Tem convivido tão bem, pensou ele. Ela não teria dificuldade em viver em lugar algum, mesmo com os Zelandonii. Se, ao menos, ela não falasse mas, tem razão. O que deve dizer quando alguém pergunta qual é o seu povo? Ele sabia que se a levasse para casa consigo, todos perguntariam.

- Você sempre escova os pêlos deles para tirar o gelo, Ayla? - interrogou Latie.

- Não, nem sempre. No vale, os cavalos entram na caverna quando há mau tempo. Aqui, não existe lugar para cavalos - replicou Ayla. - Eu partirei breve. Voltarei para o vale quando o tempo melhorar.

Dentro da moradia, Nezzie havia atravessado a fogueira de cozinhar. e o vestíbulo, a caminho da saída

mas, quando se acercou do arco exterior, ouviu-os falando lá fora e parou para escutar. Ela temia que Ayla talvez desejasse partir depois do contratempo da noite anterior, e isso significava que não haveria mais aulas de linguagem por sinais para Rydag e o acampamento. A mulher já notava a diferença na forma como as pessoas o tratavam, agora, que podiam falar-lhe. Exceto Frebec, claro. Lamento ter pedido a Talut para convidá-los a juntar-se a nós... pensou consigo mesma, exceto que, onde Fralie estaria agora, se eu não o tivesse feito? Ela não está bem; esta gravidez é difícil para ela.

- Por que tem que partir, Ayla? - perguntou Latie. - Podíamos fazer um abrigo para eles aqui.

- Ela tem razão. Não seria difícil construir uma tenda ou alpendre, ou alguma coisa perto da entrada para protegê-los das piores neves e ventos - ajuntou Jondalar.

- Acho que Frebec não gosta de ter animal tão perto - disse Ayla.

- Frebec é só uma pessoa, Ayla - falou Jondalar.

- Mas Frebec é Mamutoi. Eu não sou.

Ninguém refutou sua declaração, mas Latie corou, envergonhada do seu acampamento.

Dentro, Nezzie correu de volta à Fogueira do Leão. Talut, que acabava de acordar, pôs de lado as peles, pendurou as grandes pernas sobre a beira do estrado-cama e sentou-se. Coçou a barba, estendeu os braços amplamente e abriu a boca num bocejo terrível. Depois, fez uma careta com dor e segurou a cabeça com as mãos por um instante. Ergueu os olhos, Nezzie e sorriu mansamente.

- Bebi demais a noite passada - anunciou ele. Levantando-se, estendeu a mão para a túnica e vestiu-a.

- Talut, Ayla está planejando partir assim que o tempo melhorar disse Nezzie.

O homem grande franziu as sobrancelhas.

- Eu temia isso. É pena. Eu esperava que passassem o inverno com nosco.

- Não podemos fazer nada? Por que o mau humor de Frebec deveria afastá-los quando todos querem que fiquem? - Não sei o que podemos fazer. Falou com ela, Nezzie? - Não. Ouvi-a falando lá fora. Disse a Latie que não havia lugar para abrigar os animais aqui, e eles estavam acostumados a entrar em sua caverna quando o tempo estava ruim. Latie disse que podíamos fazer um abrigo e Jondalar sugeriu uma tenda ou algo perto da entrada. Então, Ayla falou que achava que Frebec não gostaria de ter um animal tão perto, e sei que ela não falava dos cavalos.

Talut se dirigiu à entrada e Nezzie o seguiu.

- Provavelmente, poderíamos fazer algo para os cavalos - disse ele - mas, se ela quiser ir, não podemos obrigá-la a ficar. Ela não é sequer Mamutoi, e Jondalar é Zel... Zelan... o que quer que seja.

Nezzie o deteve.

- Não podíamos fazê-la Mamutoi? Ela diz que não tem povo. Podíamos adotá-la, depois você e Tulie realizariam a cerimônia para que entrasse para o Acampamento do Leão.

Talut refletiu.

- Não estou certo, Nezzie. Não se pode fazer alguém Mamutoi. Todos teriam que concordar e precisaríamos de boas razões para explicar ao Conselho, na Reunião de Verão. Além disso, você disse que ela está de partida - falou Talut. Depois, afastou a cortina para um lado e se apressou em direção à vala.

Nezzie ficou fora do arco de entrada, observando as costas de Talut e de pois mudou a direção do olhar para a mulher alta e loura que escovava o pêlo espesso do cavalo cor de feno. Parando para estudá-la cuidadosamente, Nezzie se perguntou quem era ela, realmente. Se Ayla perdera a família na península ao sul,

podiam ter sido Mamutoi. Vários acampamentos passavam o verão perto do mar Beran, e a península não ficava muito distante mas, de algum modo, a mulher mais velha duvidava disso. Os Mamutoi sabiam que era território dos cabeças-chatas e, como regra, permaneciam distantes. E havia alguma coisa nela que não parecia ser de uma Mamutoi. Talvez sua família tivesse sido Sharamudoï, aquelas pessoas do rio, a oeste, com quem Jondalar havia ficado, ou talvez Sungaea, o povo que vivia ao nordeste, mas ela não sabia se eles viajavam tanto para o sul, até o mar. Talvez seu povo houvesse sido estrangeiro, viajando de algum outro lugar.

Era difícil dizer, mas uma coisa era certa. Ayla não era cabeça-chata... e no entanto, eles a aceitaram.

Barzec e Tornec saíram da habitação, seguidos de Danug e Druwez. Fizeram saudações matinais e Nezzie, da maneira como Ayla lhes ensinara; isso estava ficando comum no Acampamento do Leão e Nezzie o encorajava. Rydag saiu em seguida, fez seu cumprimento e sorriu para ela. Nezzie acenou e retribuiu o sorriso, mas quando ela o abraçou, seu sorriso desaparecera. Rydag não parecia bem. Estava ofegante e pálido, e parecia mais Cansado que o usual. Talvez estivesse doente.

- Jondalar! Aí está você - disse Barzec. - Fiz um daqueles arremessadores. Vamos experimentá-lo lá nas estepes. Eu disse a Tornec que um pouco de exercício o ajudaria a melhorar da dor de cabeça, porque bebeu demais ontem à noite. Quer ir conosco? Jondalar lançou um olhar a Ayla. Não era provável que resolvessem alguma coisa naquela manhã, e Racer parecia muito feliz pela atenção que Latie lhe dava.

- Muito bem, vou buscar o meu - disse Jondalar.

Enquanto esperavam, Ayla observou que Danug e Druwez pareciam evitar os esforços de Latie para conseguir sua atenção, embora o garoto ruivo e

desengonçado sorrisse timidamente para ela. Latie vigiava o irmão e o primo com olhar infeliz quando eles se afastaram com os homens.

- Podiam ter-me chamado para ir também - resmungou ela, baixinho, voltando-se depois com determinação para escovar Racer.

- Quer aprender a atirar lanças, Latie? - perguntou Ayla lembrando-se dos dias passados, quando ela observava a partida dos caçadores, desejosa de poder ir com eles.

- Podiam ter-me chamado. Sempre venço Druwez em arcos mas eles nem mesmo olharam para mim - disse Latie.

- Eu mostrarei, Latie, se quiser. Depois dos cavalos escovados - disse Ayla.

Latie ergueu os olhos para Ayla. Lembrou-se das exibições surpreendentes da mulher com a funda e o arremessador de lança, e notara o - riso de Danug para ela. Então, um pensamento lhe ocorreu.

Ayla tentava chamar a atenção para si mesma, ela ia em frente, apenas, e o que queria, mas era tão boa no que fazia, que as pessoas prestavam atenção nela.

- Eu gostaria que me mostrasse, Ayla - falou. Depois, perguntou após uma pausa: - Como conseguiu ficar tão boa? Quero dizer, com funda e o arremessador de lanças.

Ayla refletiu um instante e disse depois: - Eu queria muito, e treino..., muito.

Talut veio subindo do rio, o cabelo e barba molhados, os olhos semi cerrados.

- Oh, minha cabeça - disse ele, com gemido exasperado.

- Talut, por que molhou a cabeça? Ficaré doente, com este tempo.

- disse Nezzie.

- Estou doente. Afundei a cabeça na água fria para tentar me livrar desta dor de cabeça. Oh! - Ninguém o obrigou a beber tanto. Vá para dentro e se enxugue.

Ayla olhou para ele com preocupação, um pouco surpresa de que Nezzie tivesse tão pouca pena dele.

Ela também se sentira um pouco e com dor de cabeça ao acordar. Teria sido por causa da bebida? A bebida fermentada de que todos gostavam tanto? Whinney levantou a cabeça e se agitou. Depois, lhe deu um agrado.

O gelo sobre o pelo dos animais não lhes fazia mal, embora uma quantidade grande pudesse pesar. Mas gostavam de ser escovados e da atenção.

e a égua notara que Ayla havia parado, perdida em seus pensamentos.; - Whinney, pare com isso. Quer apenas mais atenção, não é? - disse ela, usando a forma de comunicação que empregava, em geral, com o animal.

Latie, embora já houvesse ouvido antes, estava ainda um pouco assombrada com a imitação perfeita do som de voz do cavalo que Ayla fazia e reparou na linguagem de sinal, agora que estava mais acostumada a ela, embora não estivesse segura de compreender os gestos.

- É capaz de falar com cavalos! - exclamou a menina.

- Whinney é amiga - disse Ayla, pronunciando o nome da égua da forma que Jondalar fazia, porque as pessoas do acampamento pareciam mais à vontade ouvindo uma palavra em lugar de um relincho. - Por muito tempo, foi minha única amiga. - Deu tapinhas carinhosos na égua, de pois examinou o pêlo do potro e acariciou-o também. - Acho que chega de escovar. Agora, pegamos o arremessador de lanças e vamos treinar.

Entraram na habitação de terra, passando por Talut, que tinha aparência infeliz, a caminho da quarta

fogueira. Ayla pegou seu arremessador e um punhado de lanças e, a caminho da saída, notou o resto do chá de milefólio que ela preparara para sua dor de cabeça matinal. A umbela seca da flor e as folhas quebradiças e frágeis da planta ainda se agarravam a uma haste que crescera junto ao cardo. O milefólio, picante e aromático quando fresco, que crescera perto do rio, perdia sua força com a chuva e o sol, mas lembrou-se de alguns que havia preparado e secado anteriormente. Ela teve uma perturbação de estômago juntamente com a dor de cabeça, por isto decidiu usá-lo também, assim como a casca de salgueiro.

Talvez ajudasse Talut, pensou, embora pelos seus lamentos, ela se perguntasse se o preparado de ergotina, que fazia para dores de cabeça particularmente fortes, seria melhor. Era um remédio muito forte, no entanto.

- Tome isto, Talut. Para dor de cabeça - disse ela a caminho da saída.

Ele sorriu sem vontade, pegou a tigela e bebeu, não esperando grande coisa, mas contente pela compaixão que ninguém mais parecia disposto a lhe oferecer.

A mulher loura e a menina subiram juntas a encosta, dirigindo-se à trilha pisada onde as competições tinham ocorrido. Quando chegaram ao terreno plano das estepes, viram que os quatro homens que tinham subido antes treinavam em uma extremidade; elas se dirigiram ao lado oposto.

Whinney e Racer as seguiram. Latie sorriu para o potro castanho-escuro quando abanou o rabo para ela e sacudiu a cabeça. Depois, ele se pôs a pastar ao lado da mãe, enquanto Ayla mostrava a Latie como arremessar Uma lança.

- Segure assim - começou Ayla, pegando o estreito implemento de madeira que tinha cerca de 60 centímetros de comprimento em posição horizontal. Ela

colocou o primeiro e segundo dedos de sua mão direita nas alças de couro. - Depois, coloque a lança - continuou, descansando a haste da lança, talvez de 1,8 metro de comprimento, em um bojo escavado na extensão do implemento.

Ela ajustou o gancho, esculpido como uma escora, na extremidade da lança, tomando cuidado para não esmagar penas. Então, mantendo a lança firme, puxou-a para trás e arremessou-a. A longa extremidade livre do arremessador se ergueu, acrescentando impulso e força, e a lança voou com velocidade e potência. Ela deu o implemento a Latie.

- Assim? - indagou a menina, segurando o arremessador da maneira como Ayla havia explicado. - A lança descansa nesta cavidade, coloco os dedos através das alças para segurá-la e ponho a ponta com esta parte de trás.

- Ótimo. Arremesse agora.

Latie jogou a lança a boa distância.

- Não é difícil - disse ela, satisfeita consigo mesma.

- Não, não é difícil arremessar lanças - concordou Ayla. - É fácil fazer a lança chegar ao lugar onde você quer que chegue.

- Quer dizer, ser precisa. Como fazer o dardo entrar na argola.

Ayla sorriu.

- Sim. É necessário prática para fazer o dardo passar por argola. pela argola. - Viu Frebec acercando-se para olhar o que os homens faziam e, de repente, ela se tornou consciente de sua fala.

Ainda não fala corretamente. Precisava treinar, pensou. Mas, por que isso era important Ela não ia ficar.

Latie treinou enquanto Ayla lhe dava instruções, e as duas se entreteram tanto, que não perceberam que os homens se tinham acercado e parado de treinar para observá-las.

- Muito bem, Latie! - gritou Jondalar depois que ela atingiu o seu alvo. - Talvez você se torne melhor do que todo mundo! Acho que os garotos cansaram de treinar e quiseram vir ver você, em vez disso.

Danug e Druwez pareciam embaraçados. Havia alguma verdade na provocação de Jondalar, mas o sorriso de Latie era radiante.

- Serei melhor que todo mundo. Vou treinar até ser - disse ela.

Resolveram que tinham treinado o suficiente para um dia e descer de volta à habitação de terra.

Quando se aproximaram da arcada de presas de mamute, Talut saía apressado.

- Ayla! Aí está você. O que havia naquela bebida que me deu? interrogou ele, avançando na direção dela.

Ela recuou um passo.

- Milefólio com um pouco de alfafa e uma pequena folha de framboesa e...

- Nezzie! Ouviu isso? Descubra como ela faz a bebida. Fez minha dor de cabeça desaparecer! Sinto-me um homem novo! - Olhou ao redor.

- Nezzie? - Ela desceu até o rio com Rydag - disse Tulie. - Ele parecia cansado esta manhã, e Nezzie achou que ele não devia ir longe demais. ele disse que queria ir com ela... Não estou certa sobre o sinal... ou talv que queria estar com ela... Eu disse que iria para ajudar a carregá-lo, ou para trazer a água de volta. Estou a caminho.

O comentário de Tulie atraiu a atenção de Ayla por mais de um motivo. Ela sentiu preocupação com a criança, porém, mais que isso, detectou uma mudança clara na atitude de Tulie em relação ao menino. Agora, ele era Rydag, não apenas "o menino", e ela falava sobre o que ele havia dito. para ela, Rydag se tornara pessoa.

- Bem... - Talut hesitou, surpreso por um momento ao saber que Nezzie não se encontrava nas adjacências;

depois, censurando-se por esperar que estivesse. Riu baixinho. - Você me dirá como se faz a bebida, Ayla? - Sim, direi.

Parecia encantado.

- Se vou preparar a bebida fermentada, então, tenho que ter um remédio para a manhã seguinte.

Ayla sorriu. Apesar de todo o tamanho, havia alguma coisa encantadora no enorme chefe de cabelo vermelho. Ela não tinha dúvida de que ele poderia ser temível, se se encolerizasse. Era tão ágil e rápido, quanto forte e, certamente, não lhe faltava inteligência, mas havia ternura nele. Ele resistia à cólera. Embora não fosse contra fazer uma piada à custa de outra pessoa, ria muito freqüentemente, também, de suas próprias fraquezas. Enfrentava os problemas humanos de sua gente com preocupação verdadeira e sua compaixão se estendia além de seu próprio acampamento.

De repente, um lamento agudo chamou a atenção de todos para o rio.

O primeiro olhar de Ayla a fez descer correndo a encosta; várias pessoas a seguiram. Nezzie estava ajoelhada, inclinada sobre um pequeno vulto, gemendo angustiada. Tulie estava de pé ao seu lado, parecendo confusa e indefesa. Quando Ayla chegou, viu Rydag inconsciente.

- Nezzie? - com a expressão, indagou o que ocorrera.

- Subíamos a encosta - explicou Nezzie. - Ele começou a ter problema para respirar. Resolvi que era melhor carregá-lo, mas enquanto colocava o saco de água no chão, ouvi-o gritar de dor.

Quando ergui os olhos, ele jazia ali, assim.

Ayla se ajoelhou e examinou Rydag com cuidado, colocando a mão e depois o ouvido sobre seu peito,

tocando-lhe o pescoço perto do maxilar. Fitou Nezzie com olhos perturbados, depois se voltou para a chefe.

- Tulie, carregue Rydag para a habitação, para a Fogueira do Mamute. Depressa! - ordenou.

Ayla voltou correndo à frente e atravessou rapidamente as arcadas. Correu até o estrado ao pé de sua cama e remexeu seus pertences até encontrar uma bolsa incomum feita de pele inteira de lontra. Virou seu conteúdo sobre a cama e procurou entre a pilha de pacotes e pequenos sacos que continha, examinando a forma do recipiente, a cor e o tipo de corda que o mantinha fechado, e o número e espaço dos nós em cada pacote.

Sua mente disparava. É o coração dele, sei que o problema é o coração dele. Não parecia bem. O que devo fazer? Não sei muito sobre o coração. Ninguém no clã de Brun tinha problemas de coração. Devo recordar o que Iza explicou. E aquela outra curandeira na Reunião de Clãs. Havia duas pessoas em seu acampamento com problemas cardíacos. Pense primeiro, dizia sempre Iza, o que está exatamente errado. Ele está pálido e inchado. Tem dificuldade para respirar e sente dor. Seu batimento é fraco. Seu coração deve trabalhar mais, fazer maiores esforços. O que é melhor? Talvez, a datura? Acho que não. E o heléboro? Beladona? Meimendro-negro? Dedaleira? Dedaleira... folhas de dedaleira. É muito forte. Pode matá-lo. Mas ele morrerá sem alguma coisa forte o bastante para fazer seu coração trabalhar novamente. Então, quanto usar? Devo fervê-la ou fazer uma infusão? Oh, queria lembrar o modo como Iza fazia. Onde está minha dedaleira? Não tenho nenhuma? - Ayla, o que há? - Ela ergueu a cabeça e viu Mamut ao seu lado.

- É Rydag... seu coração. Vão trazer o menino e procuro... planta. Haste comprida... flores penduradas... purpúreas, manchas veridentro. Folhas grandes, como

pele, do lado de baixo. Fazo coração... bater Sabe? - Ayla se sentia sufocada por sua falta de vocabulário, mas ela havia sido mais clara do que imaginava.

- Claro, a digital purpúrea, dedaleira é outro nome. É muito forte...

- Mamut observou Ayla fechar os olhos e respirar fundo.

- É, mas necessária. Preciso pensar, quanto... Aqui está a sacola! Iza disse para ficar sempre com ela.

Neste instante, Tulie entrou carregando o menino. Ayla tirou uma pele de sua cama, colocou-a ao solo perto do fogo, e ordenou à mulher que deitasse ali. Nezzie estava atrás de Tulie, e todos se amontoavam ao redor.

- Nezzie, tire a parka. Abra as roupas. Talut, há gente demais aqui, abra espaço - ordenou Ayla, sem sequer compreender que ela dava ordens. Abriu a pequena bolsa de couro que segurava e cheirou o conteúdo. Ergueu os olhos para o velho feiticeiro, preocupada. Depois, com um olhar à criança inconsciente, seu rosto endureceu com determinação. - Mais preciso de fogo forte. Latie, pegue pedras para cozinhar, tigela de e outra para beber.

Enquanto Nezzie desapertava as roupas do menino, Ayla amontoou mais peles para colocar atrás dele e levantar sua cabeça. Talut fazia as pessoas do acampamento recuarem para dar ar a Rydag, e espaço para Ayla trabalhar. Latie avivava ansiosamente o fogo que Mamut havia feito, tentando fazer as pedras se aquecerem mais depressa.

Ayla verificou o pulso de Rydag. Era difícil de achar. Colocou o ouvido sobre o peito do menino.

Sua respiração era baixa e forçada. Ele precisava de ajuda. Ela recuou a cabeça para abrir sua passagem de ar. Colou a boca à dele para insuflar os pulmões do garoto, como fizera com Nuvie.

Mamut a observou por algum tempo. Ela parecia muito jovem para ter tanta habilidade para curar e, com certeza, houvera um instante de indecisão, mas este passara. Agora ela estava calma, concentrada na criança dando ordens com segurança, tranqüila.

Ele sacudiu a cabeça concordando consigo mesmo, depois se sentou atrás do tambor de crânio de mamute e começou uma cadência média acompanhada por um canto baixo que, estranhamente, teve o efeito de desviar parte da tensão que Ayla sentia. O canto de cura foi rapidamente entoado pelo resto do acampamento; aliviava as tensões de todos ao sentir que contribuía de forma benéfica. Tornec e Deegie entraram para o grupo com seus instrumentos, depois Ranec apareceu com anéis que chocalhavam, feitos de marfim. A música dos tambores, o canto e a vibração dos anéis não eram altos ou dominantes mas, ao contrário, tranqüilos e vibrantes.

A água já fervia. Ayla mediu uma quantidade de folhas de dedaleira secas na palma da mão e espalhou-as na água que borbulhava na tigela. Esperou, então, deixando as folhas se encharcarem e tentou permanecer calma, até, afinal, a cor e seu senso intuitivo lhe dizerem que estava pronta a infusão. Derramou uma parte em uma tigela. Depois, colocou a cabeça de Rydag em seu colo e fechou os olhos um momento. Aquele medicamento não devia ser usado negligentemente. A dosagem errada mataria a criança e a força das folhas de cada planta variava.

Ayla abriu os olhos para ver dois outros de um azul vivo, cheios de amor e preocupação, retribuindo-lhe o olhar, e lançou a Jondalar um sorriso fugaz de gratidão. Levou a tigela à boca e mergulhou nela a língua, testando a força do preparado. Depois, levou a bebida amarga aos lábios da criança.

Ele engasgou ao primeiro gole, mas despertou ligeiramente. Tentou sorrir para Ayla, em sinal de reconhecimento, mas fez uma careta de dor, em vez disso. Ela o fez beber mais, devagar, enquanto observava cuidadosamente suas reações: mudanças na cor e temperatura da pele, o movimento dos olhos, a profundidade de sua respiração. As pessoas do Acampamento do Leão também observavam, com ansiedade. Não tinham compreendido quanto a criança passara a significar para elas até sua vida ser ameaçada. Ele havia crescido na companhia deles, era um deles e, fazia pouco tempo, começaram a entender que Rydag não era diferente de ninguém.

Ayla não estava certa de quando o ritmo e o canto cessaram, mas o som calmo de Rydag respirando profundamente soou como grito de vitória no silêncio absoluto da habitação cheia de tensão.

Ayla notou um rubor leve quando ele respirou fundo pela segunda vez, e sentiu sua apreensão decrescer um pouco. A música recomeçou com um compasso diferente, uma criança gritou, vozes murmuraram. Ela pousou a cuia, verificou a pulsação no pescoço dele, sentiu-lhe o peito. Ele respirava com mais facilidade e menos dor. Ela ergueu a cabeça para Nezzie e a viu sorrindo para ela através de olhos cheios de lágrimas. Não estava sozinha.

Ayla segurou o menino até ter certeza de que ele descansava confortavelmente, e segurou-o depois somente porque tinha vontade. Se ela se micerrasse os olhos, quase poderia esquecer as pessoas do acampamento. Quase era capaz de imaginar aquele menino, tão parecido com seu filho, Como a criança a quem dera realmente à luz. As lágrimas que molharam-lhe a face eram tanto por si própria, pelo filho que ansiava ver, quanto pela criança em seus braços.

Afinal, Rydag adormeceu. A provação havia exigido muito dele e de Ayla também. Talut pegou-o ao colo e

carregou-o para sua cama. Jondalar a ajudou a levantar-se. Ele a abraçou, enquanto ela se aconchegava a ele, sentindo-se extenuada e grata pelo apoio.

Havia lágrimas de alívio nos olhos da maioria das pessoas do acampamento reunido, mas era difícil encontrar palavras apropriadas. Não sabiam o que dizer à jovem mulher que salvara a criança.

Enviaram- sorrisos, sacudiram a cabeça de forma aprovadora, tocaram-na com carinho, murmuraram alguns comentários, pouco mais que simples sons. Mais do que suficiente para Ayla. Naquele momento, ela se sentiria mal com palavras de gratidão ou elogio em demasia.

Depois de Nezzie certificar-se de que Rydag estava confortavelmente acomodado, foi falar com Ayla.

- Pensei que ele tinha morrido. Não acredito que esteja apenas dormindo - disse ela. - Esse remédio foi bom.

Ayla concordou com um gesto de cabeça.

- É, mas forte. Porém, ele deve tomar todos os dias um pouco, não muito. Deve tomar com outro remédio. Eu misturarei para ele. Você como chá, mas ferve um pouco primeiro. Eu mostrarei. Darei a ele pequena tigela de manhã, outra antes de dormir. Ele vai urinar mais à noite.. até a inchação diminuir.

- Esse remédio fará com que fique bom, Ayla? - perguntou Nezzie com voz esperançosa.

Ayla estendeu a mão para a dela e encarou-a.

- Não, Nezzie. Nenhum remédio pode curar Rydag - respondeu com voz firme onde havia uma ponta de tristeza.

Nezzie balançou a cabeça, concordando. Ela soubera o tempo todo mas o medicamento de Ayla realizara uma recuperação tão milagrosa ela não pudera deixar de ter esperança.

- Remédio ajudará. Rydag se sentirá melhor, sem tanta dor - continuou Ayla. - Mas não tenho muito, deixei

a maior parte dos remédios no vale. Não pensei que ficaríamos longe muito tempo.

Mamut conhece a dedaleira, talvez tenha alguma.

Mamut falou: - Meu talento é para Busca, Ayla. Tenho pouco dom para a cura mas o Mamut do Acampamento do Lobo é um bom curandeiro. Podem mandar alguém perguntar se ele tem alguma, depois que o tempo melhorar. No entanto, isso levará alguns dias.

Ayla esperava ter suficiente quantidade do estimulante de chá feito de folhas de dedaleira, para durar até alguém poder conseguir, porém, desejava ainda mais ter o resto de seu preparado consigo. Não estava segura em relação aos métodos de outra pessoa. Ela sempre era muito cuidadosa em secar as grandes folhas encrespadas devagar, num local fresco e seguro longe do sol, para reter o máximo possível do princípio ativo. Na verdade, desejava ter todos os seus remédios de ervas cuidadosamente preparados, mas ainda estavam estocados em sua pequena caverna no vale. Exatamente como Iza fizera, Ayla sempre carregava sua sacola de remédios de pele de lontra, que continha algumas raízes e cascas de árvores, folhas, flores, frutas e sementes. Mas isso era pouco mais do que primeiros socorros para ela. Possuía uma farmacopéia inteira em sua caverna, em bora tivesse vivido sozinha e lá não encontrasse uso para os remédios.

Era o treinamento e o hábito que a fizeram juntar plantas medicinais quando apareciam nas estações passageiras. Era quase tão automático quanto andar. Em seu ambiente, ela conhecia muitos outros usos para os vegetais, desde fibras para cordas até alimento, mas eram as propriedades medicinais que a interessavam mais. Mal podia passar por uma planta, que sabia possuir propriedades medicinais, sem pegá-la, e ela conhecia centenas delas.

Estava tão familiarizada à vegetação, que plantas desconhecidas sempre a intrigavam. Procurava semelhanças com plantas conhecidas e entendia as categorias dentro de classificações mais amplas.

Era capaz de identificar tipos e famílias relacionados, mas sabia bem que a aparência similar não significava necessariamente reações iguais, e experimentava cautelosamente em si mesma, provando e testando com saber e experiência.

Também era cuidadosa com as doses e métodos de preparação. Ayla sabia que uma infusão, preparada pelo derramamento de água fervente sobre várias folhas, flores ou framboesas e frutas semelhantes, deixando-as maceradas, extraía as essências e princípios aromáticos e voláteis. A fervura, que causava cozimento, extraía os princípios resinosos, amargos, extrativos, e era mais eficaz sobre materiais duros como cascas de árvores, raízes e sementes. Ela sabia como extrair as resinas, goma e óleos essenciais de uma erva, como fazer cataplasmas, emplastros, tônicos, xaropes, unguentos ou pomadas utilizando gorduras ou agentes para engrossar. Sabia como misturar ingredientes, e como tonificar ou diluir, segundo a necessidade.

O mesmo processo de comparação que se aplicava aos vegetais revelava as semelhanças entre animais. O conhecimento de Ayla do corpo humano e de suas funções era o resultado de uma longa história de conclusões tiradas de ensaio e erro, e de uma compreensão ampla da anatomia animal proveniente de retalhar os animais caçados. Seu relacionamento com os seres humanos podia ser visto quando acidentes ou danos eram sofridos.

Ayla era botânica, farmacêutica e médica; sua magia consistia de um saber esotérico que passou e se aperfeiçoou de geração após geração, durante centenas, milhares, talvez milhões de anos de colhedores e

caçadores, cuja própria existência dependia de um conhecimento profundo da terra onde viviam e de seus produtos.

Desta fonte inacabável de história não-registrada, passada a ela por meio do treinamento que recebera de Iza, e ajudada por um dom analítico inato e uma percepção intuitiva, Ayla podia diagnosticar e tratar a maior parte das doenças e males. Com uma lâmina de sílex aguçada como navalha, ela realizava até mesmo pequenas cirurgias ocasionalmente, mas a sua medicina dependia mais dos complexos princípios ativos de plantas medicinais. Era hábil e seus remédios, eficazes, mas ela não podia realizar uma grande cirurgia para corrigir um defeito congênito do coração.

Enquanto observava o menino adormecido que parecia tanto com seu filho, Ayla sentiu gratidão e alívio enormes por saber que Dure era forte e saudável ao nascer - mas isso não diminuía a dor de ter que dizer a Nezzie que nenhum remédio podia curar Rydag.

Depois, à tarde, Ayla vasculhou seus embrulhos e sacolas de ervas para preparar a mistura que havia prometido a Nezzie fazer. Mamut a observava em silêncio, de novo. Agora, quase ninguém poderia ter dúvida da capacidade de curar, incluindo Frebec que tinha que reconhecê-lo, talvez não quisesse ainda admiti-lo, e Tulie, que não havia falado mas que, o velho sabia, fora bastante cética a respeito. Ayla parecia ser uma jovem comum, bastante atraente mesmo para seus velhos olhos, mas estava convencido de que havia muito mais poder nela do que qualquer pessoa imaginava; ele duvidava de que ela própria conhecesse a extensão total do seu potencial.

Que vida difícil - e fascinante - ela tem vivido, refletiu ele. Ela parece tão jovem, mas já é muito mais velha em experiência do que a maioria das pessoas serão, um dia. Quanto tempo viveu com eles? Como ela

se transformara tão perita na medicina deles? perguntou-se.

Ele sabia que tal conhecimento não era em geral ensinado a uma pessoa estranha, e ela era forasteira, mais do que a maioria das pessoas poderia compreender. havia seu dom inesperado para a Busca.

Que outros dons jaziam ocultos. Que saber ainda não fora usado? Que segredos, não revelados? Sua força vem à tona numa crise; ele se lembrou como Ayla havia dado ordens a Tulie e Talut. Até a mim, pensou com um sorriso, e ninguém se objetou. A liderança é um dom natural nela. Que adversidade provou ter tal presença tão jovem? A Mãe tem planos para ela, estou certo disso, mas e o rapaz, Jondalar? Certamente, é bem dotado, mas seus talentos não são extraordinários. Qual é o propósito Dela para ele? Ela afastava os pacotes de ervas quando, de repente, Mamut examinou com mais atenção a bolsa de remédios de pele de lontra. Era familiar. podia fechar os olhos e quase viu uma tão semelhante, que lhe trouxe uma torrente de recordações.

- Ayla, posso ver isso? - pediu, querendo ver mais de perto.

- Isto? Minha bolsa de remédios? - indagou ela.

- Sempre me perguntei como eram feitas.

Ayla entregou-lhe a bolsa incomum, notando os inchaços de artrite nas mãos longas, finas, velhas.

O idoso feiticeiro examinou a sacola cuidadosamente. Mostrava sinal de uso; Ayla devia tê-la, havia muito tempo. Fora feita, não por costura ou juntando pedaços, mas da pele de um único animal. Em vez de cortar a barriga da lontra, que era a maneira comum de tirar a pele de um animal, somente a garganta fora cortada, deixando a cabeça presa por uma tira as costas. Os ossos e entranhas eram extraídos através do pescoço e o envoltório do cérebro era esvaziado, ficando um pouco achatado. Toda a era,

então, tratada e pequenos buracos tinham sido feitos a intervalos, ao redor do pescoço, com uma soveia de pedra, para que uma corda passasse através deles como cordão. O resultado era uma bolsa de pele de lontra macia, impermeável, com os pés e rabo ainda intatos, e a cabeça usada como tampa.

Mamut lhe devolveu o objeto - Você fez isso? - Não. Iza fez. Era curandeira do clã de Brun, minha... mãe. Ensinou-me desde garotinha, onde as plantas cresciam, como fazer remédios, como usar os medicamentos. Ela estava doente, não foi à Reunião de Clãs Brun precisava de curandeira. Uba era jovem demais, eu era a única.

Mamut concordou com um gesto de cabeça, depois encarou-a com olhar penetrante.

- Que nome acabou de dizer" - Minha mãe? Iza? - Não,o outro.

Ayla refletiu um instante - Uba? - Quem é Uba? - Uba... é irmã. Não irmã verdadeira, mas como irmã para mim. É filha de Iza. Agora, é curandeira... e mãe de..

- Esse é um nome comum? - interrompeu Mamut em uma voz que continha uma ponta de excitação, - Não... acho que não... Creb deu nome a Uba. A mãe da mãe de Iza tinha o mesmo nome. Creb e Iza tinham a mesma mãe - Creb! Diga-me, Ayla, este Creb tinha um braço defeituoso e man cava? - Sim - respondeu Ayla, intrigada. Como Mamut sabia? - E havia um outro irmão? Mais jovem, porém forte e saudável Ayla franziu a testa diante das perguntas ansiosas de Mamut - Sim, Brun. Era o líder - Santa Mãe! Não acredito! Agora compreendo - Eu não compreendo - disse Ayla.

- Ayla, venha. Sente-se. Quero lhe contar uma história Ele a conduziu a um local perto da fogueira, próximo à sua cama. Empoleirou-se na beira do estrado, enquanto ela se sentava sobre uma esteira no chão e erguia os olhos, na expectativa.

- Certa vez, muitos e muitos anos atrás, quando eu era muito jovem. tive uma estranha aventura que mudou minha vida - começou Mamut. Ayla sentiu um formigamento estranho, repentino, exatamente sob a pele e teve a sensação de que quase sabia o que ele ia dizer - Manuv e eu somos do mesmo acampamento. O homem que sua mãe escolheu para companheiro era meu primo. Crescemos juntos e, como os jovens fazem, falávamos sobre fazer uma jornada juntos, mas no verão em que íamos viajar, ele adoeceu. Ficou muito doente. Eu estava ansioso para partir, planejávamos a viagem havia anos e esperava que ele melhorasse, mas a doença perdurava.

Afinal, perto do fim do verão, resolvi viajar sozinho. Todos me aconselharam o contrário, mas eu estava inquieto.

"Planejávamos margear o mar Beran, e depois seguir o litoral leste do grande mar do Sul, quase do mesmo modo que Wymez fez. Mas, a estação já terminava e, assim, resolvi tomar um atalho através da península com conexão leste para as montanhas.

Ayla balançou a cabeça afirmativamente. O clã de Brun usara aquela rota para a Reunião de Clãs.

- Não contei a ninguém sobre o meu plano. Era terra dos cabeças-chatas e eu sabia que encontraria muitas objeções. Pensei que, sendo cauteloso, poderia evitar qualquer contato, mas não contava com o dente. Ainda não estou certo sobre como aconteceu. Eu caminhava por a margem elevada de um rio, quase um penhasco, e a próxima coisa que soube foi que escorreguei e caí.

Devo ter ficado inconsciente por algum tempo. Era fim de tarde quando voltei a mim. Minha cabeça doía e nada estava muito claro, porém, pior estava meu braço. O osso estava deslocado e quebrado, e eu sentia muita dor "Cambaleei ao longo do rio por algum tempo,

inseguro sobre meu sentido. Eu havia perdido meu bernal e nem sequer pensava em procurá-lo. Não sei por quanto tempo caminhei, mas estava quase escuro quando ví afinal, uma fogueira. Não refleti que estava na península. Quando vi a gumas pessoas perto dela, encaminhei-me em sua direção.

"Posso imaginar a surpresa quando tropecei no meio delas, mas naquele momento eu estava tão desvairado que ignorava onde me encontrara. Minha surpresa aconteceu mais tarde. Despertei num ambiente aquecido, sem imaginar como havia chegado ali. Quando descobri um plasma na minha cabeça e meu braço numa tipóia, lembrei-me de ter caído e pensei em como tivera sorte por ter sido encontrado por um acampamento com um bom curandeiro, e então a mulher apareceu. Talvez possa imaginar Ayla, como fiquei chocado ao descobrir que estava no acampamento de um clã.

A própria Ayla sentia um choque - Você! Você é o homem com o braço quebrado? Conhece Creb Brun? - perguntou Ayla, incrédula.

Uma onda de emoção a invadiu e lágrimas saíram dos cantos de seus olhos. Era como uma mensagem do seu passado.

- Ouviu falar de mim? - Iza me contou que, antes de nascer, a mãe de sua mãe curou um homem com um braço quebrado.

Homem dos Outros. Creb também contou. Disse que Brun me deixou ficar com o Clã porque aprendeu com esse homem... com você, Mamut... que os Outros também são homens.

- Ayla se calou, fitou o rosto enrugado, de cabelos brancos, do velho venerável. - Iza caminha no mundo dos espíritos agora. Ela não era nascida quando você apareceu... e Creb... era menino, não ainda escolhido por Ursus. Creb era velho quando morreu... como você ainda vive? - Eu tenho me perguntado por que a Mãe

resolveu me conceder tanto tempo. Acho que Ela acabou de me dar uma resposta.

Capítulo 13

- Talut? Talut, está dormindo? - cochichou Nezzie ao ouvido do grande chefe enquanto o sacudia.

- Hein? O que há? - perguntou ele, despertando abruptamente.

- Psiu, não acorde todo mundo. Talut, não podemos deixar Ayla ir embora, agora. Quem cuidará de Rydag da próxima vez? Acho que de víamos adotá-la, torná-la parte de nossa família, torná-la Mamutoi.

Ele levantou a cabeça e viu os olhos brilhantes de Nezzie, um reflexo dos carvões em brasa da fogueira limitada.

- Sei que gosta do menino, Nezzie. Eu também gosto. Mas seu amor por ele é motivo para tornar uma estranha um de nós? O que eu diria aos Conselhos? - Não se trata apenas de Rydag. Ela é curandeira. Uma boa curandeira. Os Mamutoi têm tantas curandeiras que possamos nos dar ao luxo de deixar uma tão boa partir? Veja o que aconteceu em apenas poucos dias. Ela salvou Nuvie, impedindo que se asfixiasse até morrer... Sei que Tulie disse que isso podia ser somente uma técnica que Ayla aprendera, mas sua irmã não pode dizer o mesmo sobre Rydag. Ayla sabia o que fazia. Era me dicina de Cura. Ela está certa em relação a Fralie, também. Até eu posso ver que esta gravidez é difícil para ela, e toda essa discussão e brigas não ajudam. E sua dor de cabeça? Talut sorriu.

- Isso foi mais do que mágica de Cura, foi surpreendente! - Psiu! Acordará todos! Ayla é mais do que curandeira. Mamut diz que ela é uma buscadora não-treinada também. E veja seu jeito com os animais, eu não duvidaria que seja, além disso, uma cham adora. Pense que benefício seria um acampamento se ela não

apenas pudesse buscar animais, para caçar, mas também chamar os animais para ela? - Você não sabe, Nezzie. Está apenas supondo.

- Bem, não tenho que supor em relação à sua perícia com aquelas armas. Você sabe que ela conseguiria um bom Preço de Noiva se fosse Mamutoi, Talut. Com tudo o que ela tem para oferecer, diga-me, o que acha que ela valeria como filha de sua fogueira? - Hum... se fosse Mamutoi, e a filha da Fogueira do Leão... Mas, talvez ela não queira se tornar Mamutoi, Nezzie. E o rapaz, Jondalar? É claro que existe um sentimento forte entre eles.

Nezzie havia pensado nisso por algum tempo e estava pronta: - Pergunte a ele também.

- Os dois! - explodiu Talut, sentando-se.

- Ei, fale baixo! - Mas ele tem um povo. Diz que ele é Zel... Zel... o que quer que seja.

- Zelandonii - cochichou Nezzie. - Mas seu povo vive muito distante daqui. Por que ele desejaria fazer uma viagem tão longa se pode encontrar um lar conosco? Pode lhe perguntar de qualquer forma, Talut.

Aquela arma que ele inventou pode ser um motivo suficiente para satisfazer os Conselhos. E Wymez diz que ele é um perito fabricante de ferramentas. Se seu irmão lhe der uma recomendação, sabe que os Conselhos não pensarão.

- É verdade... mas, Nezzie - falou Talut, deitando-se de novo - como sabe que eles quererão ficar? - Não sei, mas você pode perguntar, não pode? A manhã estava no meio quando Talut saiu da habitação comunal e Ayla e Jondalar afastando os cavalos do acampamento. Não havia neve, mas o gelo claro ainda perdurava em manchas de branco cristal, e suas cabeças eram coroadas por vapor a cada exalação. A estática serpenteava no ar seco e gelado. A mulher e o homem estavam vestidos para o frio, com parkas de pele e

capuzes amarrados com firmeza ao redor dos pescoços, e calças de pele que eram enfiadas em sapatos, e estes presos ao redor da beirada das calças, e amarrados...

- Jondalar! Ayla! Vão embora? - gritou ele, correndo para alcançá-los.

Ayla respondeu afirmativamente com um gesto de cabeça, o que o sorriso de Talut desapareceu, e Jondalar explicou: - Vamos apenas levar os cavalos para fazer exercício. Voltamos depois de meio-dia.

Deixou de mencionar que também procuravam um pouco de privacidade, um local em que pudessem ficar a sós por algum tempo a fim de discutir, sem interrupção, se voltariam para o vale de Ayla. Ou, em vez na cabeça de Jondalar, convencer Ayla a desistir de ir.

- Ótimo. Eu gostaria de providenciar algumas sessões de treinamento com aqueles arremessadores de lanças quando o tempo melhorar. Eu gostaria de ver como funcionam e o que eu faria com um deles - falou Talut.

- Acho que talvez fique surpreso - replicou Jondalar, sorrindo - ao ver como funcionam bem.

- Não sozinhos. Estou certo de que funcionam bem, com qualquer um de vocês, mas é preciso certa habilidade, e talvez não haja muito tempo para treinar antes da primavera. - Talut fez uma pausa, refletindo Ayla esperava, a mão sobre a cernelha da égua, bem abaixo de sua curvatura. Uma luva de pele grossa com separação apenas para o dedão pendia por um cordão da manga de sua parka. O cordão era puxado por cima por meio da manga, por uma alça na parte de trás do pescoço, cendo pela outra manga e preso à outra luva. Com o cordão preso a esse fosse necessário a agilidade da mão nua, as luvas podiam ser tiradas rapidamente, sem medo de perdê-las. Numa terra de frio muito rigoroso e ventos fortes, uma luva perdida podia significar uma mão perdida, ou uma vida perdida. O

potro bufava e cabriolava com excitação, e se jogava contra Jondalar, impacientemente. Pareciam ansiosos para se pôr a caminho, esperavam que ele terminasse apenas por cortesia; Talut sabia disso. Resolveu, de qualquer maneira, prosseguir.

- Nezzie conversou comigo na noite passada, e esta manhã falei com alguns outros. Seria útil ter alguém por perto para nos mostrar como usar essas armas de caça.

- Sua hospitalidade tem sido mais que generosa. Sabe que eu ficaria feliz em mostrar a qualquer um como usar o arremessador de lanças. É muito pouco por tudo o que tem feito - disse Jondalar.

Talut sacudiu a cabeça, concordando, depois continuou.

- Wymez me disse que você é um ótimo quebrador de sílex, Jondalar. Os Mamutoi sempre podem utilizar alguém que possa fabricar ferramentas de boa qualidade. E Ayla tem muitos talentos que beneficiariam o acampamento. Não é apenas perita com o arremessador de lanças e sua funda..

você tinha razão... - virou-se de Jondalar para Ayla -
. . .ela é uma curandeira. Gostaríamos que vocês ficassem.

- Eu esperava passar o inverno com vocês, Talut, e agradeço seu oferecimento, mas não estou seguro do que Ayla sente a respeito - respondeu Jondalar, sorrindo, sentindo que o oferecimento de Talut não poderia ter sido feito em melhor ocasião. Como poderia ela partir agora? Com certeza o convite de Talut significava mais que a maldade de Frebec. Talut continuou, dirigindo suas palavras à jovem.

- Ayla, você não tem povo agora e Jondalar mora distante, talvez mais longe do que deseja viajar, se puder encontrar um lar aqui. Gostaríamos que vocês dois ficassem, não apenas durante o inverno, mas sempre.

Convido-os a se tornarem um de nós e falo por mais pessoas além de mim.

Tulie e Barzec desejariam adotar Jondalar na Fogueira dos Auroques, e Nezzie e eu queremos que se torne a filha da Fogueira do Leão. Já que Tulie é chefe, e eu sou chefe, isso lhes daria uma posição elevada entre os Mamutoi.

- Quer dizer que deseja nos adotar? Quer que nos tornemos Mamutoi? - deixou escapar Jondalar, um pouco aturdido e corado de surpresa.

- Você me quer? Quer me adotar? - perguntou Ayla. Ela ouvira a conversa, a testa enrugada em concentração, não inteiramente segura de que acreditava no que escutava. - Quer fazer Ayla de Nenhum Povo, Ayla dos Mamutoi? - Sim. - O homem grande sorriu.

Jondalar procurava palavras. Hospitalidade para visitantes talvez fosse uma questão de costume e de orgulho, mas nenhum povo tinha o costume de convidar estranhos para se juntarem à sua tribo, e família, sem séria reflexão.

- Eu...- hum... não sei o que dizer... - falou ele. - Estou muito honrado. Ser convidado é um grande elogio.

- Sei que precisam de algum tempo para pensar a respeito. Os dois -disse Talut. - Eu ficaria surpreso, se não pensassem. Não mencionamos isso a todas as pessoas do acampamento e o acampamento inteiro deve concordar, mas isso não deve ser problema com tudo o que vocês trazem, e Tulie e eu falamos por vocês. Eu queria lhes perguntar primeiro. Se concordarem convocarei uma reunião.

Observaram, em silêncio, o grande chefe voltar à habitação de terra Tinham planejado encontrar um lugar para conversar, cada um esperando resolver os problemas que, sentiam, tinham começado a surgir entre si. O convite inesperado de Talut havia

acrescentado uma dimensão inteiramente nova aos seus pensamentos, às decisões que precisavam tomar, na verdade às suas vidas. Sem dizer palavra, Ayla montou Whinney e Jondalar subiu atrás dela. Com Racer acompanhando-os, começaram a subir a encosta atravessaram o campo aberto, cada um perdido em seus pensamentos.

Ayla estava comovida de forma indescritível com o convite de Talut. Quando ela vivia com o Clã, muitas vezes se sentiu alienada, mas isso não era nada em comparação ao vazio doloroso, à desesperada solidão que conhecera sem eles. Desde o momento em que deixou o Clã até o instante em que Jondalar chegou, pouco mais do que uma estação antes, ela esteve sozinha. Não tivera ninguém, nem a sensação de relacionamento íntimo nem lar, família ou povo, e sabia que jamais veria seu clã novamente. A causa do terremoto que a deixara órfã, antes de ser encontrada pelo terremoto no dia em que foi expulsa, deu à sua separação um sentido fundo de irrevocabilidade.

Sustentando seu sentimento, havia um medo elementar enorme, uma combinação do terror primordial de terra deslocada e o sofrimento convulsivo de uma menina pequena que perdera tudo, até sua lembrança da queles a quem havia pertencido. Não existia nada que Ayla temesse mais do que movimentos de deslocamentos de terra. Sempre pareciam assinalar mudanças tão abruptas e violentas em sua vida quanto as mudanças ocasionavam na terra. Era quase como se a própria terra lhe dissesse o esperar... ou estremecesse de piedade.

Mas, depois da primeira vez em que ela perdeu tudo, o Clã tornara-se seu povo. Agora, se quisesse, poderia ter um povo de novo. Podia tornar-se Mamutoi; não estaria sozinha.

Mas, e Jondalar? Como ela poderia escolher um povo diferente do dele? Será que ele queria ficar e se tornar Mamutoi? Ayla duvidava. Estava segura de que ele queria voltar a seu próprio lar. Mas ele temera que todos os Outros se comportassem em relação a ela como Frebec o fizera. Ele não queria que ela falasse do Clã. E se ela fosse com ele e não a aceitassem? Talvez o povo de Jondalar fosse como Frebec. Ela não deixar de mencioná-los, como se Iza e Creb e Brun e seu filho fossem pessoas quem devesse se envergonhar. Ela não teria vergonha das pessoas amava.

Será que ela queria ir para o lar de Jondalar e arriscar-se a ser tratada como animal? Ou desejava permanecer ali, onde era querida e aceita? O Acampamento do Leão havia até recebido uma criança mista, como filho... De repente, um pensamento lhe ocorreu. Se tinham aceitado um aceitariam outra? Uma criança que não era fraca ou doente? Que era capás de aprender a falar? O território dos Mamutoi se estendia até o mar Beran Talut não dissera que alguém tinha um Acampamento do Salgueiro ali? A península onde o Clã vivia não era muito além. Se ela se tornasse Mamute.

talvez, um dia, pudesse... Mas, e Jondalar? E se ele partisse? Ayla sentiu uma dor forte na boca do estômago ao pensar nisso. Ela suportaria viver sem Jondalar? perguntou-se enquanto lutava com sentimentos diversos.

Jondalar também lutava com desejos conflitantes. Mal considerou o oferecimento que lhe foi feito, exceto que desejava encontrar um motivo para recusar que não ofendesse Talut e os Mamutoi. Ele era Jondalar, dos Zelandonii, e sabia que seu irmão tivera razão. Jamais poderia ser outra coisa.

Queria ir para casa, mas era uma dor importuna, mais do que uma grande urgência. Era impossível pensar em quaisquer outros termos. Seu lar era tão distante que levaria um ano para viajar até ele.

Seu turbilhão mental era sobre Ayla. Embora jamais lhe houvesse faltado parceiras dispostas, a maioria mais do que desejosa de formar um laço mais duradouro, ele nunca havia conhecido uma mulher que quisesse tanto quanto Ayla. Nenhuma das mulheres de seu povo, e nenhuma das que encontrara em suas viagens, fora capaz de provocar nele aquele estado que vira em outros, mas não havia, ele mesmo, sentido, até encontrá-la. Amava-a mais do que imaginava ser possível. Ela era tudo o que sempre desejava em uma mulher, e mais ainda. Não suportava o pensamento de viver sem ela.

Mas também sabia o que significava desonrar-se. E as qualidades dela que o atraíam - sua combinação de inocência e sabedoria, de honestidade e mistério, de autoconfiança e vulnerabilidade - eram o resultado das mesmas circunstâncias, que poderiam levá-lo novamente a sentir a dor da infelicidade e exílio.

Ayla fora criada pelo Clã, pessoas diferentes de forma inexplicável. Para a maioria das pessoas que ele conhecia, aqueles que Ayla chamava de Clã não eram seres humanos. Eram animais, mas não como os outros animais criados pela Mãe para suas necessidades. Embora não admitidas, as semelhanças entre eles eram reconhecidas, porém as óbvias características humanas do Clã não provocavam sentimentos íntimos de fraternidade. Em vez disso, eram vistos como ameaça e suas diferenças eram enfatizadas. Para pessoas como Jondalar, o Clã era considerado como uma espécie bestial indescritível, nem sequer incluída no panteão de criações da Grande Mãe Terra, como se houvesse sido gerada de algum grande mal insondável.

Havia, porém, maior reconhecimento de sua humanidade mútua em ação do que em palavra. A raça de Jondalar havia ido para o território do Clã não há muitas gerações antes, ocupando freqüentemente bons locais para viver, perto de áreas de caça e forragem

abundante, e obrigando o Clã a ir para outras regiões. Mas, exatamente como bandos de lobos dividem um território entre si e defendem-no mutuamente, não de outros animais de rapina ou predatórios, a aceitação dos limites dos territórios de cada um era um acordo tácito de que eram da mesma espécie.

Quando percebeu seu sentimento por Ayla, Jondalar viera a com preender que toda vida era uma criação da Grande Mãe Terra, inclusive Os cabeças-chatas. Mas, embora a amasse, estava convencido de que Ayla Seria rejeitada por seu povo. Era mais do que sua ligação com o Clã que a tornava pária. Seria considerada como abominação indescritível, que condenada pela Mãe, porque havia dado à luz um filho de espíritos mistos, parcialmente animal e parcialmente humano.

O tabu era comum. Todas as pessoas que Jondalar havia conhecido em suas viagens acreditavam nisso, embora algumas mais firmemente que outras, Certas pessoas nem sequer admitiam a existência de um filho ilegítimo, outra pensavam na situação como piada desagradável. Por isto, ficara tão chocado ao encontrar Rydag no Acampamento do Leão. Estava certo de que não forafácil a Nezzie e, na verdade, ela suportara o impacto de dura crítica e preconceito. Somente alguém serenamente confiante e seguro de sua posição poderi ousar encarar seus difamadores e, por fim, a humanidade e compaixão genuinas de Nezzie prevaleceram. Mas até Nezzie não mencionara o filho sobi quem Ayla lhe falara, quando tentava persuadir os outros a aceita-la.

Ayla ignorava o sofrimento de Jondalar quando Frebec a tinha redicularizado, embora ele houvesse esperado mais motejos. No entanto, esse sofrimento era mais do que apenas empatia por ela. Todo o confronto colérico lhe lembrou outra época, quando suas emoções o tinham desencaminhado, e expôs uma dor profunda e

enterrada. Porém, pior ainda, sua reação inesperada. Isso causava sua angústia agora. Jondalar ainda rava de culpa porque, por um momento, se sentira mortificado por ela ligado a ela quando Frebec gritou sua acusação. Como podia ele amar mulher e sentir vergonha dela? Desde a época terrível de sua juventude, Jondalar lutara para se controlar, mas parecia incapaz de conter os conflitos que o atormentava agora. Queria levar Ayla para casa consigo. Desejava que ela conhecesse Dalanar e o povo de sua caverna, e sua mãe, Marthona, e seu irmão velho, e irmã mais nova, e seus primos, e Zelandoni. Queria que eles a recebessem bem, para fixar sua própria fogueira com ela, um local onde pudesse ter filhos que talvez fossem do seu espírito. Não havia mais ninguém na terra que ele quisesse, no entanto, se encolhia sob o pensamento do desprezo que cairia sobre ele, talvez, por trazer para casa tal mulher e relutava em expô-la a isso.

Especialmente, se não fosse necessário. Ao menos, se ela não falasse sobre o Clã, ninguém saberia.

No entanto, o que poderia dizer quando alguém perguntasse quem era o seu povo? De onde ela vinha? As pessoas que a criaram eram as únicas que conhecia, a menos... que ela aceitasse o oferecimento de Talut. Então, poderia ser Ayla dos Mamutoi, exatamente como se houvesse nascido entre eles. A maneira peculiar de Ayla pronunciar algumas palavras seria apenas um sotaque.

Quem sabe? pensou. Talvez ela seja Mamutoi. Seus pais podiam ser. Ela ignora quem eram.

Mas, se ela se tornar Mamutoi, talvez resolva ficar. E se o fizer? seria capaz de ficar? Poderia aprender a aceitar este povo como o meu? Thonolan o fez. Será que ele amou Jetamio mais do que amo Ayla? Mas, Sharamudoï eram o seu povo. Ela nasceu e lá foi criada. Os Mamutoi não são o povo de Ayla, mais do que são o

meu. Se ela pudesse ser feliz aqui poderia ser feliz com os Zelandonii, Mas, se ela se tornar um deles, talvez não queira ir para casa comigo. Não teria dificuldade em encontrar alguém aqui... Estou certo de que Ranec não se importaria, de modo algum.

Ayla o sentiu apertá-la possessivamente, e perguntou-se por que motivo. Notou uma fila de galharia quebrada à frente, pensou que ali havia um riacho e apressou Whinney nessa direção. Os cavalos farejaram a água e não precisaram de muito estímulo. Quando chegaram à corrente, Ayla e Jondalar desmontaram e procuraram um local confortável para sentar.

O curso d'água tinha um espessamento nas margens que, sabiam, era apenas o começo. O limite branco que fora construído, camada após camada, fora das águas escuras ainda redemoinhando no centro, cresceria até o término da estação, e se fecharia até a corrente turbulenta ficar imóvel, mantida em suspensão até o ciclo mudar. Então, as águas irromperiam novamente em manifestação de liberdade.

Ayla abriu uma pequena bolsa de couro cru, em que havia colocado comida para ambos, um pouco de carne-seca que achava ser de auroques, e uma cestinha de uvas-do-monte e ameixas ácidas.

Tirou um nódulo cinza, brônzeo, de pinta e um pedaço de sílex para fazer uma pequena fogueira a fim de ferver água para o chá. Jondalar maravilhou-se de novo com a facilidade com que ela fez o fogo com a pinta. Era magia, um milagre. Ele jamais vira algo assim antes de conhecê-la.

Nódulos de pinta - pedras-de-fogo - espalhavam-se pela praia rochosa do vale de Ayla. Sua descoberta de que uma centelha quente sobre vivia o suficiente para acender um fogo, e podia ser tirada de uma pinta golpeando-a com sílex, fora um acidente, mas Ayla estava pronta para aproveitá-la. Seu fogo se apagara.

Ela sabia como fazer uma fogueira pelo processo trabalhoso que a maioria das pessoas usava, torcendo um pau contra uma base, ou plataforma, de madeira até a fricção provocar calor suficiente para produzir brasa ardente. Assim, ela compreendeu como aplicar o princípio quando pegou um pedaço de pinta, por engano, em vez de seu martelo de pedra de moldar sílex, e conseguiu a primeira fagulha.

Jondalar havia aprendido a técnica com Ayla. Trabalhando com sílex, ele produziu pequenas centelhas muitas vezes, mas pensava nelas como o espírito vivo da pedra liberado como parte do processo. Não lhe ocorreu tentar fazer uma fogueira com as fagulhas. Mas, então, ele não se encontrava sozinho num vale, lutando para sobreviver; em geral, estava cercado de pessoas que quase sempre tinham um fogo aceso. As centelhas que produzia apenas com sílex usualmente não tinham vida bastante para acender um fogo, de qualquer forma. Foi a combinação casual de Ayla, de sílex e pinta que criou a centelha que podia converter-se em fogo. Ele entendeu imediatamente o valor do processo e das pedras-de-fogo, contudo, e os benefícios a serem usufruídos pela capacidade de fazer fogo tão depressa e facilmente.

Enquanto comiam, riram das cabriolas de Racer atraindo sua mãe para uma brincadeira de "venha me pegar" e, depois, dos dois cavalos rolando de costas, as pernas dando chutes no ar, sobre uma margem arenosa protegida do vento e aquecida pelo sol. Evitaram cuidadosamente qualquer comentário.

- Latie gostaria de ver os dois cavalos brincando desse jeito, - disse Jondalar.

- É. Ela gosta de cavalos, não é? - Gosta de você também, Ayla. Tornou-se uma admiradora. - - hesitou, depois continuou: - Muitas pessoas gostam de você e a admira aqui. Não precisa, realmente, voltar para o vale e

viver sozinha, não Ayla abaixou os olhos para a tigela em suas mãos, girou o resto de comida com os resíduos das folhas, e bebeu um gole pequeno.

- É um alívio ficar a sós novamente. Eu não sabia como poderia sentir bem afastando-me de todos, e há algumas coisas na caverna dos que eu gostaria de ter. Mas, você tem razão. Agora, que conheci os outros, não quero viver sozinha o tempo todo. Gosto de Latie, Deegie e todos... e Nezzie, de todos...

exceto Frebec.

Jondalar suspirou com alívio. A primeira e maior barreira fora ultrapassada.

- Frebec é apenas um. Não pode deixar uma pessoa estragar tudo Talut... e Tulie... não teriam feito o convite para ficarmos se não gostassem de você, e não sentissem que você tinha alguma coisa valiosa para oferecer.

- Você tem uma coisa valiosa para oferecer, Jondalar. Quer ficar se tornar um Mamutoi? - Eles foram bondosos conosco, muito mais do que a hospitalidade exige. Eu poderia ficar, certamente durante o inverno, e até mais tempo e ficaria feliz em lhes dar qualquer coisa que pudesse.

Mas eles não necessitam de meu trabalho como quebrador de sílex. Wymez é muito melhor do que eu, e breve Danug será igualmente bom. E já lhes mostrei o arre messador de lanças. Viram como é feito. Com prática, poderiam usá-lo Basta apenas quererem. E sou Jondalar dos Zelandonii...

Calou-se e seus olhos assumiram uma expressão vaga como se vissem através de uma grande distância. Depois, tornou a desviar o olhar, de volta e sua testa se franziu enquanto tentava pensar em alguma explicação.

- Devo voltar... um dia... ao menos para contar à minha mãe sobre a morte do meu irmão... e dar a Zelandoni a chance de encontrar seu - rito e guiá-lo até

o mundo seguinte. Eu não poderia me tornar Jondalar dos Mamutoi sabendo disso, não posso esquecer minha obrigação.

Ayla olhou-o atentamente. Sabia que ele não queria ficar. Não por causa de obrigações, embora, ele pudesse senti-las. Ele queria ir para casa - E você? - perguntou Jondalar, tentando manter o tom de voz expressão neutros. - Quer ficar e tornar-se Ayla dos Mamutoi? Ela fechou os olhos, procurando uma forma de se expressar, sentindo que não sabia palavras suficientes, ou as palavras certas, ou que palavra não eram suficientes.

- Desde que Broud me amaldiçoou, não tenho tido povo, Jondalar Tenho-me sentido vazia por isso. Gosto dos Mamutoi e os respeito. Sinto-me bem com eles. O Acampamento do Leão é... como o clã de Brun... a maioria das pessoas é boa. Não sei quem era meu povo antes do Clã, acho que nunca saberei, mas às vezes, à noite, penso... gostaria que fosse Manutoi.

Ela olhou firmemente para o homem, para o cabelo louro liso contra a pele escura do capuz, para o rosto atraente que ela achava tão bonito, embora ele lhe tivesse dito que essa não era a palavra adequada para um homem, para seu corpo forte, sensível, e mãos grandes, expressivas, e os olhos azuis que pareciam tão ansiosos e perturbados.

- Mas, antes dos Mamutoi você chegou. Tirou o vazio de mim e encheu-me de amor. Quero estar com você, Jondalar.

A ansiedade abandonou os olhos de Jondalar, substituída agora pelo afeto tranquilo a que ela estava acostumada no vale, e depois pelo desejo magnético, arrebatador, que fazia o corpo de Ayla responder com um desejo próprio. Sem qualquer vontade consciente, ela foi impelida para ele, sentiu sua boca encontrar a dela e seus braços cercarem-na.

- Ayla, minha Ayla, amo-a tanto - gritou ele num soluço estrangulado, cheio de angústia e alívio.

Manteve-a apertada ao peito, mas sua vemente, enquanto permaneciam sentados ao solo, como se não quisesse soltá-la nunca, mas tivesse medo de que ela se libertasse. Afrouxou seu abraço o suficiente para levantar o rosto de Ayla para o seu, e beijou-lhe a testa, e os olhos, e a ponta do nariz. Depois, a boca, e sentiu seu desejo crescer. Estava frio, não tinham um lugar onde se abrigar ou aquecer, mas ele a queria.

Ele desatou o cordão do capuz de Ayla, e encontrou seu pescoço, enquanto as mãos enfiavam-se sob sua parka e túnica e descobriam a pele cálida e seios fartos, com os mamilos duros, eretos. Um gemido baixo escapou dos lábios de Ayla quando ele os acariciou, apertando e puxando firmemente. Jondalar desfez o laço do cordão das calças de Ayla, e enfiou a mão sob elas encontrando o púbis. Ela fez pressão contra ele, quando Jondalar tocou a fenda quente, úmida, e sentiu latejar, contrair-se.

Depois, ela procurou, sob a parka e túnica de Jondalar, o seu cordão e desatou-o. Estendeu a mão até o membro rijo, palpitante, e esfregou as mãos ao longo de seu fuste. Ele soltou um suspiro alto de prazer quando ela se inclinou e tomou-o na boca. Ela sentiu a pele lisa com a língua, e tomou posse dele o máximo possível. Depois, empurrou-o para fora e tomou-o de novo, ainda esfregando o fuste quente, curvado, com as mãos.

Ela o ouviu gemer, começar a gritar e depois respirar fundo e afastá-la gentilmente.

- Espere, Ayla, quero você - disse ele.

- Eu teria que tirar minha calça e protetor dos pés para isso - falou ela.

- Não, não precisa, está frio demais aqui. Vire-se. Lembra? - Como Whinney e seu garanhão - cochichou Ayla.

Ela se virou e se pôs de joelhos. Por um instante, a posição a fez rememoração dos pensamentos que estavam em suas mentes, mas o riso relaxou-os a ambos, e o isolamento e privacidade lhes recordaram os dias de intimidade no vale. Quando tomavam chá quente, estavam prontos a se aventurar em assuntos mais difíceis.

- Quero estar com você.

Não recordar, não Whinney e seu garanhão ansioso, mas Broud, quando fora jogada ao chão e forçada. O toque amoroso de Jondalar, todavia, não é a mesma coisa. Abaixou o cinto, desnudando as nádegas firmes e uma abertura que acenava para ele como uma flor para as abelhas, com suas pétalas macias e profunda garganta rosada. O convite era quase excessivo. Ayla sentiu uma onda de pressão que doía, desejando libertar-se. Após um instante para se conter, ele se curvou mais para mantê-la aquecida enquanto acariciava as nádegas macias, e explorava a cavidade convidativa e o sulco e dobras de umidade cálida e prazer com seu toque gentil, experiente, os gritos de Ayla e uma nova fonte de calor lhe disserem que não se contivessem mais.

Então, ele separou os dois montículos gêmeos e guiou sua virilidade plena e pronta para a entrada profunda e desejosa de sua feminilidade, com tal prazer agonizante que provocou um grito dilacerante de ambos. Ele recuou quase inteiramente, e penetrou de novo, puxando-a para si, e deleitou-se e... seu amplexo profundo. Mais uma vez retirou-se e penetrou repetidamente até que, afinal, em uma grande explosão, a liberação gloriosa aconteceu.

Após alguns golpes que prolongaram o limite final, e ainda no fundo da calidez da mulher, ele passou os braços em volta dela e fez os dois rolares de lado. Manteve-a perto, cobrindo-a com o seu corpo e sua parca por um momento, enquanto descansavam.

Afinal, separaram-se e Jondalar se sentou. O vento era mais forte, Jondalar lançou um olhar para as nuvens maciças com apreensão.

- Devia me limpar um pouco - disse Ayla, levantando-se. - Esta calças novas são de Deegie.

- Quando voltarmos, pode deixá-las fora para congelar e depois...

- Está ficando muito rápida com as palavras, mulher. Terei dificuldade de me igualar a você, em minha própria língua! - Ele colocou os braços em volta da cintura de Ayla, e abaixou os olhos até ela, um olhar cheio de amor e orgulho. - Você é boa com a linguagem, Ayla. Mal acre dito como aprende depressa. Como faz isso? - Tenho que aprender. Este é meu mundo, agora. Não tenho povo. Estou morta para o Clã, não posso voltar.

- Poderia ter um povo, poderia ser Ayla dos Mamutoi. Se quiser. Quer? - Ainda assim, poderá estar comigo. Só porque alguém adota você não significa que não poderá partir... um dia. Podíamos ficar aqui... por algum tempo. E se algo me acontecesse... sabe, poderia...

talvez não fosse mau ter um povo. Pessoas que a querem.

Você quer dizer que não se importaria? - Importar-me? Não, claro que não, se é isso que você quer.

Ayla pensou notar alguma hesitação, mas ele parecia sincero.

- Jondalar, sou apenas Ayla. Não tenho povo. Se fosse adotada, teria alguém. Seria Ayla dos Mamutoi. - Ela recuou, afastando-se dele. - Preciso pensar sobre isso.

Ela deu meia-volta e caminhou para o fardo que carregara. Se vou partir com Jondalar breve, eu não deveria concordar, refletiu. Não seria justo. Mas, ele disse que gostaria de ficar. Por algum tempo. Talvez, de

pois que viver com os Mamutoi mude de idéia e queira fazer daqui o seu lar. Ela se perguntou se estava tentando encontrar uma desculpa.

Enfiou a mão na parka em busca do seu amuleto e enviou um pensamento ao seu totem. "Leão da Caverna, eu gostaria que houvesse uma maneira de saber o que é certo. Amo Jondalar, mas quero ter um povo, também. Talut e Nezzie querem adotar-me, querem me fazer a filha da Fogueira do Leão... do Leão. E do Acampamento do Leão! Oh, Grande Leão da Caverna, será que você tem guiado meus passos o tempo todo, e eu não prestei atenção? Ela girou sobre os calcanhares. Jondalar ainda estava de pé onde ela o deixara, observando-a em silêncio.

- Já resolvi! Vou fazer isso! Vou ser Ayla do Acampamento do Leão dos Mamutoi! Ela notou a ruga fugidia em seu rosto antes de ele sorrir.

- Ótimo, Ayla. Fico contente por você.

- Oh, Jondalar. Será certo? Será que tudo dará certo? - Ninguém pode responder a isso. Quem poderia saber? - disse ele, aproximando-se, com um olhar erguido para o céu que escurecia. - Espero que sim... para nós dois. - Agarraram-se um ao outro por um instante. - Acho que devemos voltar.

Ayla estendeu a mão para a bolsa de couro cru a fim de arrumar as coisas nela, mas algo atraiu sua atenção. Pôs um joelho em terra, e pegou uma substância sólida dourada. Esfregando-a, examinou-a com atenção. Completamente encerrado dentro da pedra lisa, que começara a se aquecer sob o toque, estava um inseto de asas.

- Jondalar! Veja isto. Já viu algo igual? Jondalar pegou a substância sólida, olhou-a com atenção, encarou Ayla com espanto.

- É âmbar. Minha mãe tem um igual, e lhe dá grande valor. E talvez seja ainda mais valioso. - Viu que

Ayla o fitava, parecendo perdida. Não achou que havia dito alguma coisa tão surpreendente assim. O que é, Ayla? - Um sinal. É um sinal do meu totem, Jondalar. O espírito do Leão da Caverna está me dizendo que tomei a decisão certa. Ele quer eu me torne Ayla dos Mamutoi! - Está gelada, Ayla! - Eu sei. Andarei depressa.

Caminhando com cuidado sobre o gelo, agachou-se perto da água e lavou-se com as mãos. Ao retroceder um passo na margem, Jondalar veio por trás e enxugou-a com a pele de sua parka.

- Não quero que isso congele - disse ele com um largo sorriso, quanto lhe dava tapinhas com a pele e depois a acariciava.

- Acho que saberá mantê-la bastante quente - disse ela com um sorriso, amarrando o cordão e endireitando sua parka.

Aquele era o Jondalar que ela amava. O homem que era capaz de fazê-la sentir-se ardente e trêmula por dentro com um olhar apenas, ou com toque de suas mãos; o homem que conhecia seu corpo melhor do que ela e podia trazer à tona sentimentos que ela ignorava existir; o homem a fizera esquecer o sofrimento da primeira penetração forçada de Brodii e lhe ensinou o que eram os prazeres, e como deveriam ser. O Jondalar que ela amava era brincalhão, e carinhoso, e amoroso. Era assim que ele havia sido no vale, e agora, quando estavam sozinhos. Por que ele era tão diferente no Acampamento do Leão? A força dos ventos se intensificou quando Ayla e Jondalar cavalgaram de volta, e embora fosse apenas pouco mais de meio-dia, a luz do sol enfraquecida pelas nuvens de solo seco de loesse levantando-se do teri congelado. Mal podiam ver o caminho através da poeira soprada pelo vento. Os relâmpagos estalavam ao redor deles no ar seco e gelado, e o trovão bombava e retumbava. Racer empinou,

amedrontado, quando um sintilou e um estalo de trovão soou próximo. Whinney bufava com nervosismo.

Desmontaram para acalmar o potro, e continuaram a pé, conduzindo os dois animais.

Quando chegaram ao acampamento, ventos tempestuosos arrastava um vendaval de poeira que escurecia o céu e crestava suas peles. Ao se aproximarem da habitação de terra, um vulto emergiu da obscuridade pelo vento, segurando-se em algo que se agitava e retorcia como se tivesse vida.

- Aí estão vocês. Eu começava a me preocupar - gritou Talut do uivo e do trovão.

- O que está fazendo? Podemos ajudar? - perguntou Jondalar.

- Fizemos um alpendre para os cavalos de Ayla quando parecia que viria uma tempestade. Eu não sabia que seria uma tempestade seca. O vento derrubou o alpendre. Acho que é melhor trazer os animais para dentro. Podem ficar na área da entrada - disse Talut.

- Isso acontece muitas vezes? - perguntou Jondalar, agarrando a extremidade do grande couro que deveria ter sido uma proteção contra o vento.

- Não. Alguns anos não temos qualquer tempestade seca. Ela paraará assim que tivermos neve - disse Talut - e então, teremos apenas nevasca! - terminou com uma risada. Enfiou-se, abaixado, na comunal, depois manteve afastada a pesada cortina de couro de manute para que Ayla e Jondalar pudessem levar os cavalos para dentro.

Os cavalos estavam nervosos por entrar no local estranho cheios de odores tão pouco conhecidos, mas gostavam menos ainda da ruidosa ventania, e confiavam em Ayla. O alívio foi imediato assim que saíram do vento, e acalmaram-se depressa. Ayla se sentiu grata a Talut por sua preocupação com eles, embora um pouco surpresa. Ao atravessar a segunda fogueira Ayla notou como ela estava fria. Os grãos de poeira que a picavam

distraído, mas a temperatura abaixo de zero e o vento forte a tinham gelado até os ossos.

Capítulo 14

O vento ainda assolava fora da habitação de terra, chocalhando as coberturas sobre os buracos de saída da fumaça e inchando as pesadas cortinas. rajadas repentinas enviavam poeira voando, e faziam com que o fogo na fogueira de cozinhar se avivasse. As pessoas estavam reunidas em grupos casuais ao redor do espaço da primeira fogueira, terminando a refeição tomando chá de ervas, esperando que Talut começasse.

Por fim, ele se levantou e deu largos passos em direção à Fogueira do Leão. Quando voltou, carregava um bastão de marfim, mais alto do que ele, grosso na parte inferior, afinando ao alto. Era decorado com um objeto pequeno, com raios como uma roda, que fora preso ao bastão a um terço mais ou menos do comprimento, de cima para baixo. Penas de garça brancas estavam presas à metade superior, formando um leque em semi círculo, enquanto entre os raios da metade inferior sacos enigmáticos, marfim esculpido e pedaços de pele oscilavam de tiras de couro. Examinando melhor, Ayla viu que o bastão era feito de uma única e comprida presa de mamute que, por algum método desconhecido, havia sido endireitada. Como, perguntou-se Ayla, alguém conseguira tirar a curva de uma presa de mamute? Todos silenciaram e voltaram sua atenção para o chefe. Ele olhou para Tulie e ela balançou a cabeça afirmativamente. Depois, ele bateu a extremidade do bastão no solo quatro vezes.

- Tenho um assunto sério a apresentar ao Acampamento do Leão - começou Talut. - Uma coisa que diz respeito a todos, portanto, falo com o Bastão Falante, para que todos ouçam com atenção e ninguém in

terrompa. Quem desejar falar sobre este assunto pode pedir o Bastão Falante.

Houve um murmúrio de excitação enquanto as pessoas endireitavam O corpo e ficavam atentas.

- Ayla e Jondalar vieram para o Acampamento do Leão não há muito tempo. Quando contei os dias que estiveram aqui, fiquei surpreso Por ter sido tão pouco tempo. Eles já se sentem como velhos amigos, como Se pertencessem ao acampamento. Acho que a maioria de vocês sente o mesmo. Por causa de sentimentos tão afetuosos de amizade por nosso parente, Jondalar, e sua amiga Ayla, eu esperava que eles prolongassem sua Visita e pretendia convidá-los a passar o inverno aqui. Mas, no curto tempo que estiveram aqui, mostraram mais do que amizade. Os dois trouxeram conhecimento e perícia valiosos, e os ofereceram a nós sem reserva, como fossem um de nós.

Wymez recomenda Jondalar como um hábil trabalhador em sílex. partilhando seu conhecimento livremente com Danug e Wymez. Mais que isso, trouxe consigo uma nova arma de caça, um arremessador de lanças aumenta tanto o alcance quanto a força de uma lança.

Houve gestos afirmativos de cabeça e comentários de aprovação, e Ayla observou, de novo, que os Mamutoi raramente permaneciam sentados em silêncio, mas expressavam-se com comentários em participação ativa.

- Ayla traz muitos dons incomuns - continuou Talut. - Ela é hábil e precisa com o arremessador de lanças e com sua própria arma, a funda. Mamut diz que ela é uma buscadora, embora sem treinamento, e Nezzie acha que pode ser também uma chamadora. Talvez não, mas é verdade que é capaz de fazer com que cavalos lhe obedeçam, e permitam que ela monte. Ela até nos ensinou a falar sem palavras, o que nos ajudou a compreender Rydag de uma nova maneira. Mas, talvez,

o mais importante: e. é uma curandeira. Já salvou as vidas de duas crianças... e tem um maravilhoso remédio para dores de cabeça! O último comentário provocou uma onda de riso.

- Os dois trazem tanto, que não quero que o Acampamento do Leão ou os Mamutoi os percam.

Pedi-lhes para ficar conosco, não apenas durante o inverno, mas sempre. Em nome de Mut, Mãe de Todos...

- Taludii bateu uma vez no solo com o bastão, firmemente - . . .peço que eles se juntem a nós, e que vocês os aceitem como Mamutoi.

Talut fez um gesto afirmativo de cabeça para Ayla e Jondalar. se levantaram e aproximaram-se com a formalidade de uma cerimônia parada. Tulie, que esperara a um lado, acercou-se para ficar de pé ao lado do irmão.

- Peço o Bastão Falante - disse ela.

Talut o passou para ela.

- Como chefe feminina do Acampamento do Leão, declaro que concordo com os comentários de Talut. Jondalar e Ayla seriam adições valiosas ao Acampamento do Leão, e aos Mamutoi. - Encarou o homem alto louro. - Jondalar - falou, batendo o Bastão Falante três vezes - também e Barzec o convidaram a ser um filho da Fogueira dos Auroques. Falamo por você. O que diz, Jondalar? Ele se acercou dela, segurou o bastão que lhe foi oferecido e bateu- três vezes.

- Sou Jondalar da Nona Caverna dos Zelandonii, filho de Marthona ex-líder da Nona Caverna, nascido na fogueira de Dalanar, líder dos zalondonii - começou ele.

Desde que era uma ocasião formal, resolveu usar seu discurso mais serimonioso e citar seus primeiros laços, o que provocou sorrisos e sinais aprovadores de cabeça. Todos os nomes estrangeiros davam um aspecto exótico e importante à cerimônia.

- Estou grandemente honrado por seu convite, mas devo ser justo e dizer que tenho grandes obrigações. Um dia preciso voltar para os landonii. Tenho que contar à minha mãe sobre a morte de meu irmão, preciso contar a Zelandoni, nosso Mamut. Assim, poderá ser feita a Busca do seu espírito, para guiá-lo para o mundo dos espíritos. Não quero partir. Quero ficar com vocês, meus amigos e parentes, por quanto tempo puder. - Jondalar devolveu o bastão a Tulie.

- Estamos tristes por não poder entrar para nossa fogueira, Jondalar, mas compreendemos suas obrigações. Tem o nosso respeito. Do momento em que somos parentes, através de seu irmão que era companheiro de Tholie, é bem-vindo, para ficar o tempo que desejar - falou Tulie, depois passou o Bastão Falante para Talut Ayla - disse Talut, batendo o bastão três vezes no chão. - Nezzie e eu queremos adotá-la como filha da Fogueira do Leão. Falamos por você Como você fala? Ayla pegou o bastão e bateu-o no chão três vezes.

- Sou Ayla. Não tenho povo. Estou honrada e feliz por ser convidada a me tornar uma de vocês.

Eu sentiria orgulho em ser Ayla dos Mamutoi - disse ela, em uma fala cuidadosamente ensaiada.

Talut pegou novamente o bastão e bateu-o quatro vezes - Se não há objeções, encerrarei esta reunião especial..

- Peço o Bastão Falante - disse uma voz da audiência Todos pareceram surpresos ao ver Frebec se acercar Ele pegou o bastão do chefe, bateu-o três vezes - Não concordo. Não quero Ayla - disse As pessoas do Acampamento do Leão silenciaram, aturdidadas. Depois, houve um tumulto de surpresa e choque. O chefe havia apadrinhado Ayla, com a chefe plenamente de acordo. Embora todos conhecessem os sentimentos de Frebec por Ayla, ninguém mais parecia compartilhá-los. E ainda mais, Frebec e a Fogueira da Garça mal pareciam em

posição de objetar. Tinham sido aceitos pelo Acampamento do Leão recentemente, depois de vários Outros acampamentos os terem recusado, somente porque Nezzie e Talut argumentaram em seu favor. A Fogueira da Garça tivera um elevado Status, antes, e existiram pessoas em outros acampamentos que quiseram apadrinhá-los, mas sempre houvera dissidentes, e não podia haver dissidente algum. Todos tinham que concordar. Afinal, parecia ingratidão de Frebec opor-se ao chefe depois do apoio que este lhe dera, e ninguém esperara isso, menos ainda Talut.

O alvoroço morreu rapidamente quando Talut tirou o Bastão Falante de Frebec, ergueu-o e sacudiu-o, invocando o seu poder.

- Frebec tem o bastão. Que ele fale - disse Talut, devolvendo o bastão de marfim.

Frebec bateu no solo três vezes e continuou: - Não quero Ayla porque acho que ela não ofereceu o suficiente para Se tornar uma Mamutoi. - Houve uma objeção dissimulada a esta declaração, especialmente depois das frases elogiosas de Talut, mas não o suficiente para interromper o orador - Convidamos qualquer estranho que pára para uma visita a se tornar um Mamutoi? Mesmo com a limitação do Bastão Falante, era difícil para o acampamento evitar falar - O que quer dizer com "ela não tem nada a oferecer"? E sua habilidade para a caça? - gritou Deegie, com justa raiva. Sua mãe, a chefe não aceitara Ayla à primeira vista. Somente após cuidadoso exame concordara com Talut. Como o tal Frebec podia se opor? - E daí, se ela caça? Todos que caçam se tornam um de nós? - Desafiou Frebec. - Essa não é uma boa razão. Ela não caçará por muito tempo, de qualquer maneira. Não, depois que tiver filhos.

- Ter filhos é mais importante! Isso lhe dará mais status - esbravejou Deegie.

- Acha que não sei disso? Nem sequer sabemos se ela pode ter filhos e, se não tiver filhos, não terá grande valor, afinal de contas. Mas não falávamos de filhos, falávamos sobre caçar. Só porque ela caça, não é um bom motivo para torná-la Mamutoi - argumentou Frebec.

- E o arremessador de lanças? Não pode negar que é uma arma de valor, e ela é boa nisso e já mostrou aos outros como usá-lo - disse Tornec - Ela não trouxe a arma. Foi Jondalar, e ele não se juntará a nós.

Danug falou: - Talvez ela seja uma buscadora, ou uma chamadora. Pode fazer cavalos obedecerem-lhe, e chega até a montá-los.

- Cavalos são alimentos. A Mãe quis que nós caçássemos os cavalos e não vivêssemos com eles. Nem sequer estou certo se é correto. E ninguém tem certeza sobre o que ela é. Talvez seja uma buscadora, talvez uma chamadora. Talvez seja a Mãe na terra, mas talvez não. Desde quando "talvez" é uma razão para tornar alguém um de nós? - Ninguém é capaz de objetar a isso. Frebec começava a se divertir e a gostar da atenção que recebia.

Mamut olhava para Frebec com alguma surpresa. Embora o feiticeiro discordasse totalmente dele, tinha que reconhecer que os argumentos de Frebec eram inteligentes. Era pena que fossem mal dirigidos.

- Ayla ensinou Rydag a falar, quando ninguém imaginava que ele fosse capaz - gritou Nezzie, entrando na discussão.

- Falar! - escarneceu ele. - Pode chamar um bando de sinais manuais de "falar", se quiser, mas eu não. Não imagino nada mais estúpi do que fazer gestos inúteis para um cabeça-chata. Não é razão para aceitá-la. No máximo, é motivo para não aceitá-la.

- E apesar do óbvio, suponho que ainda não acredita que ela é uma curandeira - comentou Ranec.

- Compreende, espero, que se expuis Ayla, talvez lamente quando não houver ninguém para ajudar Fralie a à luz? Ranec sempre havia sido uma anomalia para Frebec. Apesar de do elevado status e fama como escultor, Frebec não sabia o que fazer homem de pele escura, e se sentia pouco à vontade perto dele. Frebec sempre tivera a sensação de que Ranec era desdenhoso ou caçoava dele quando usava aquele tom de ironia sutil. Não gostava daquilo, e além disso, havia alguma coisa provavelmente anormal naquela pele negra.

- Está certo, Ranec - disse Frebec em voz baixa. - Não creio que ela seja uma curandeira.

Como alguém que cresceu com aqueles animais poderia aprender a ser curandeira? E Fralie já teve bebês. Por que seria diferente desta vez? A menos que ter essa mulher-animal aqui lhe traga má sorte. Esse menino cabeça-chata já diminui o status d acampamento. Não vêem isso Ela apenas o diminuirá mais. Por que alguém quereria uma mulher criada por animais? E o que as pessoas pensariam se alguém viesse aqui e encontrasse cavalos dentro de uma habitação? Não, não quero uma mulher-animal que viveu com os cabeças-chatas, sendo membro do Acampamento do Leão.

Houve um grand' alvoroço sobre estes comentários a respeito do Acampamento do Leão, mas Tulie ergueu a voz acima do tumulto.

- Qual sua base para dizer que o status deste acampamento decresceu? Rydag não tira meu status de mim, ainda sou uma voz de liderança no Conselho de Irmãs. Talut tampouco perdeu sua posição.

- As pessoas estão sempre dizendo "esse acampamento com o me nino cabeça-chata". Eu me envergonho de dizer que sou membro - gritou Frebec.

Tulie mostrou sua altura ao lado do homem de constituição bastante franzina.

- Pode ir embora quando quiser - falou, a voz muito fria.

- Agora, veja o que fez - gritou Crozie. - Fralie está esperando um filho, e irá obrigá-la a partir, neste frio, sem ter lugar algum para onde ir. Por que concordei com sua união? Por que acreditei que alguém que pagou um Preço de Noiva tão baixo, seria suficientemente bom para ela? Minha pobre filha, pobre Fralie...

Os lamentos da velha foram abafados pelo nível geral do ruído das vozes coléricas e discussões de que Frebec era o alvo. Ayla deu meia-volta e caminhou para a Fogueira do Mamute. Notou que Rydag observava a reunião com grandes olhos tristonhos, da Fogueira do Leão, e dirigiu-se a ele, então. Sentou-se ao seu lado, escutou-lhe o coração e olhou para ele com atenção, a fim de se certificar de que ele estava bem. Depois, sem tentar conversar, porque não sabia o que dizer, pegou-o ao colo. Manteve-o ali, balançando-o para diante e para trás, cantarolando uma salmodia monótona, baixinho. Ela havia ninado seu filho assim, outrora, e depois, sozinha em sua caverna do vale, muitas vezes havia-se balançado para dormir da mesma maneira.

- Ninguém respeita o Bastão Falante? - esbravejou Talut, dominando o resto do furor. Seus olhos brilhavam. Ele estava zangado. Ayla nunca o havia visto tão zangado, mas ela admirou seu autocontrole quando voltou a falar: - Crozie, não expulsaríamos Fralie para o frio e você insulta a mim e ao Acampamento do Leão sugerindo que o faríamos.

A velha olhou para o chefe de boca escancarada. Ela não pensava, realmente, que eles expulsariam Fralie. Estivera apenas reprovando Frebec não imaginara que aquilo seria tomado como insulto. Ela teve a decência de corar de vergonha, o que surpreendeu algumas pessoas, mas ela com preendia os melhores pontos de comportamento aceito. O status de Fralie afinal, viera

dela em primeiro lugar. Crozie era muito estimada por si - pria, ou havia sido, até perder tanto, e tornar todos ao seu redor, e ela mesma, tão infelizes. Ela ainda podia reivindicar a distinção, se não a queza.

- Frebec, talvez sinta embaraço por ser um membro do Acampamento do Leão disse Talut - mas se este acampamento perdeu qualquer status, é porque foi o único acampamento que o aceitou.

Como disse, ninguém o está forçando a ficar. É livre para partir quando quiser mas não o expulsaremos, não com uma mulher doente que terá um filho neste inverno. Talvez não tenha estado perto de mulheres grávidas muitas vezes, antes, mas quer compreenda ou não, a doença de Fralie é mais do que gravidez. Até eu sei disso.

"Mas essa não é a razão por que convoquei esta reunião. Não impõe sua opinião, ou a nossa, ainda é um membro do Acampamento do Leão. Eu declarei meu desejo de adotar Ayla na minha fogueira, de torná-la uma manutoi. Mas, todos devem concordar, e você se opôs.

Agora, Frebec estava constrangido. Uma coisa era se sentir importante objetando e contrariando todo mundo, mas Talut acabava de lhe lembrar como se sentira humilhado e desesperado, quando tentava encontrar um acampamento para estabelecer nova fogueira, com sua valiosa nova mulher, que era mais desejável e lhe trouxera mais status do que jamais teve na vida.

Mamut observava-o de perto. Frebec nunca fora particularmente ilustre. Tinha pouco status, desde que sua mãe possuía pouco para lhe dar, nenhuma realização para seu crédito, e poucas qualidades ou dons de qualquer mérito verdadeiro. Não era odiado, mas tampouco era amado. Parecia ser um homem bastante medíocre, de capacidade , Mas mostrava habilidade na

argumentação. Embora falsos, seus argumentos tinham lógica. Talvez ele tivesse mais inteligência do que se pensara e, aparentemente, tinha aspirações elevadas. Unir-se a Fralie fora uma grande proeza para um homem como ele. Ele deveria ser observado com mais atenção.

Mesmo fazer uma proposta a uma mulher como ela revelava certa e sadia. O Preço de Noiva era a base do valor econômico entre os Mamut as noivas eram o padrão da moeda. A posição de um homem em sua sociedade originava-se da mulher que lhe dera à luz e da mulher ou mulher que fosse capaz de atrair - por status, habilidade na caça, ou - dom ou charme - para viver com ele.

Encontrar uma mulher de estatos elevado, desejosa de tornar-se sua mulher, era como descobrir grandes riquezas, e Frebec não ia deixá-la escapar.

Mas, por que ela o havia aceitado? pensou Mamut. Certamente, havi outros homens que tinham feito propostas; Frebec havia somado às dificuldades dela. Ele tinha tão pouco a oferecer, e Crozie era tão desagradável que o acampamento de Fralie os havia expulsado, e o acampamento de Frebec os tinha recusado. Depois, os outros acampamentos, um após o outro, os havia recusado, mesmo com uma mulher grávida, de alto status. E todas as vezes, por seus sentimentos de pânico, Crozie piorava as coisas, repreendendo-o e censurando-o, e tornando-os ainda menos desejáveis.

Frebec fora grato ao Acampamento do Leão quando este dissera sim, mas fora um dos últimos que ele havia tentado. Não porque não tivessem posição elevada, mas porque eram considerados como tendo uma variedade incomum de membros. Talut tinha a capacidade de ver o incomum como especial, mais do que como estranho. Ele havia conhecido o status durante a vida inteira, procurava algo mais, e encontrou-o no incomum. Veio a

sentir prazer naquela qualidade e encorajou-a no seu acampamento. O próprio Talut era o maior homem que alguém já vira, não somente entre os Mamutoi, mas também entre os povos vizinhos. Tulie era a maior e mais forte mulher. Mamut era o homem mais velho. Wymez era o melhor bri tador de sílex, Ranec não apenas o homem mais escuro, mas o melhor escultor. E Rydag era a única criança cabeça-chata. Talut queria Ayla, que era muito estranha com os seus cavalos, e sua habilidade e dons, e não se importaria com Jondalar, que viera do local mais distante.

Frebec não queria ser incomum, especialmente desde que se via unicamente como o mais insignificante de todos. Procurava ainda posição entre os comuns, e começara tornando o mais comum uma virtude. Era Mamutoi, portanto, melhor do que todos que não o eram, melhor do que alguém diferente. Ranec, com sua pele escura - e seu- espírito mordaz, satírico - não era, realmente, Mamutoi. Nem sequer nascera entre eles, mas Frebec sim, e era certamente melhor do que aqueles animais, aqueles cabeças-chatas. O menino que Nezzie amava tanto não tinha status algum desde que sua mãe era uma cabeça-chata.

E Ayla, que veio com os seus cavalos e seu desconhecido alto, já havia atraído o desdenhoso Ranec, que todas as mulheres queriam apesar da sua diferença, ou por causa dela. Ela nem sequer olhara para Frebec, como se soubesse que ele não era nada que valesse a sua atenção. Não importava que ela fosse hábil, ou talentosa, ou bonita; ele era, seguramente, melhor do que ela era.

não era uma Mamutoi, e ele era um deles. E além disso, ela vivera com os cabeças-chatas. Agora, Talut queria torná-la uma Mamutoi.

Frebec sabia que ele era a causa da cena desagradável que irrompera. Havia provado que era

importante o bastante para mantê-la fora, mas havia encolerizado, mais do que nunca, o grande chefe, e era um pouco assustador ver o grande urso tão zangado. Talut podia pegá-lo do chão e parti-lo ao meio. No mínimo, Talut podia fazê-lo ir embora. Então, por quanto tempo ele manteria sua mulher de status elevado? No entanto, apesar de toda a sua cólera controlada, Talut tratava Frebec com mais respeito do que estava acostumado a receber. Seus comentários não tinham sido ignorados ou deixados de lado.

- Se suas objeções são razoáveis, não importa - continuou Talud friamente. - Acredito que ela tem tantos dons incomuns que podia trazer benefícios para nós. Você duvidou disso, e disse que ela não tem nada de valor a oferecer. Não sei o que poderia ter oferecido, possivelmente, uma pessoa não pudesse discutir, se desejasse...

- Talut - disse Jondalar - desculpe minha interrupção enquanto está segurando o Bastão Falante, mas acho que sei de uma coisa que pode ser discutida.

- Sabe? - Sim, acho que sim. Posso falar a sós com você? - Tulie, quer segurar o bastão? - disse Talut, caminhando depois para a Fogueira do Leão com Jondalar. Um murmúrio de curiosidade ce seguiu.

Jondalar se acercou de Ayla e lhe falou. Ela sacudiu a cabeça, concordando, e colocando Rydag no chão, levantou-se e correu para a Fogueira do Mamute.

- Talut, quer apagar todos os fogos? - disse Jondalar.

- Todos? - Talut franziu atesta. - Está frio lá fora, e ventoso. Poderia ficar frio aqui dentro, rapidamente.

- Eu sei, mas acredite-me. Valerá a pena. Para Ayla demonstrar da melhor maneira, é necessário estar escuro. Não ficará frio por muito tempo.

Ayla voltou com algumas pedras nas mãos. Talut desviou o olhar da jovem para Jondalar, e de novo para ela. Depois, sacudiu a cabeça, dando. Sempre se podia

fazer um fogo de no mesmo que e esforço. Voltaram para a fogueira de cozinhar, e falou com ele em particular. Havia alguma discussão, e Mamut foi chamado; depois Tulie conversou com Barzec. Barzec fez sinal a Druwez e Danug, e todos os três vieram... tiram parkas, pegaram cestas grandes, entrelaçadas apertadamente, e saíram O murmúrio da conversa estava repleto de excitação. Alguma coisa especial acontecia e o acampamento se encontrava cheio de expectativa quase da forma como ficava antes de uma cerimônia especial. Não esperavam consultas secretas e uma demonstração misteriosa.

Barzec e os meninos voltaram rapidamente com cestas cheias de barro Depois, começando na extremidade da Fogueira dos Auroques, os carvões empilhados ou pequenos fogos de sustentação em cada um dos buracos de fogo e derramaram o barro solto sobre eles para abafar chamas.

As pessoas do acampamento ficaram nervosas quando compreenderam o que ocorria.

A medida que a habitação comunal escurecia com cada fogueira que era apagada, todos pararam de falar e a habitação ficou em silêncio. O vento além das paredes uivava mais alto, e as rajadas eram mais frias e traziam consigo um frio mais forte e ameaçador. O fogo era apreciado e compreendido, mesmo se tido como certo, às vezes, mas sabiam que sua vida dependia dele quando viram as fogueiras se apagando.

Afinal, somente o fogo da grande fogueira de cozinhar permaneceu: Ayla tinha seus materiais de fazer fogo prontos ao lado da lareira e, então, com um gesto afirmativo de cabeça de Talut, Barzec, sentindo o momento dramático, derramou a terra sobre o fogo enquanto as pessoas arquejavam.

Num instante, a moradia estava imersa na escuridão. Não era apenas ausência de luz, mas plenitude de escuridão. Um negrume sufocante,

inflexível, profundo ocupava todo espaço vazio. Não havia estrelas, orbe cintilante, ou nuvem nacarada, luminosa. Não se podia ver a mão levada à frente dos olhos. Não havia dimensão, ou sombra, ou vulto de preto sobre preto. O sentido da visão perdeu todo o seu valor.

Uma criança gritou e foi acalmada pela mãe. Depois, ouviram-se respiração, ruído de passos arrastados, e uma tosse. Alguém falou em voz baixa e a resposta foi dada por outro, de voz mais grave. O odor de osso queimado era forte, mas estava misturado a inúmeros outros cheiros, fragrâncias e aromas: couro curtido, alimento que se encontrava cozido, e alimento estocado, esteiras de capim, ervas secas e o odor de gente, de pés e corpos e hálitos quentes.

O acampamento esperava no escuro, pensando. Não exatamente as sustado, mas um pouco apreensivo. Parecia ter-se passado um longo tempo, e eles começaram a ficar inquietos. O que demorava tanto? A escolha do momento fora deixada por conta de Mamut. A segunda natureza do velho feiticeiro era criar efeitos dramáticos, e quase um instinto conhecer exatamente o momento certo. Ayla sentiu um tapinha em seu ombro. Era o sinal por que esperava. Tinha um pedaço de pinta em uma das mãos, sílex na outra e havia no chão, à sua frente, uma pequena pilha de lanugem de estramônio. Na escuridão total da habitação, ela fechou os olhos e respirou fundo, depois golpeou a pinta com o sílex.

Uma grande centelha brilhou e, na escuridão total, a pequenina clari dade iluminou exatamente a jovem ajoelhada ao chão por um momento, provocando um arquejo surpreso e sons de espanto do acampamento. Depois, apagou-se. Ayla golpeou de novo, desta vez mais perto da isca que preparara. A centelha caiu sobre o material rapidamente inflamável. Ayla inclinou-se mais para soprar, e em um instante, converteu-se em chamas, e ela ouviu os "ahs" e "ohs" e exclamações de pasmo.

Ela alimentou pequenas aparas de galhos de uma pilha próxima, e quando se incendiaram, gravetos e galhos maiores. Depois, sentou-se e observou enquanto Nezzie retirava a terra e cinzas da fogueira de cozinhar e transferia a chama para ela. Regulando o registro do cano que trazia o vento do exterior, ela começou a queimar o osso. A atenção das pessoas do acampamento tinha-se concentrado no processo, mas depois de o fogo ser avivado, compreenderam quão pouco tempo fora necessário para isso. Era magia! O que ela havia feito para criar um fogo tão depressa? Talut bateu o Bastão Falante três vezes com a extremidade grossa.

- Agora, alguém tem mais objeções contra Ayla se tornar uma Manutoi e um membro do Acampamento do Leão? - perguntou.

- Ela nos mostrará como fazer essa mágica? - indagou Frebec.

- Ela não apenas mostrará como prometeu dar uma de suas pedras-de-fogo para cada fogueira deste acampamento - replicou Talut.

- Não tenho mais objeções - disse Frebec.

Ayla e Jondalar vasculharam seus sacos de viagem para reunir todas as piritas que tinham com eles e escolheram seis das melhores. Ela havia tornado a acender os fogos de cada fogueira na noite anterior, mostrando-lhes o processo, mas estava cansada e era tarde demais para procurar pedras-de-fogo em seus bornais antes de ir dormir.

As seis pedras, amarelo-acizentadas com brilho metálico, faziam uma pequena pilha, insignificante, sobre o estrado da cama, no entanto uma delas fora a causa da diferença entre a aceitação e rejeição de Ayla. Ao ver as pedras, ninguém imaginaria que magia jazia oculta na alma daquelas rochas.

Ayla as pegou e, segurando-as nas mãos, ergueu os olhos a Jondalar.

- Se todos me queriam, por que deixariam que uma só pessoa me mantivesse de fora? - perguntou.

- Não estou certo - disse ele - mas todos em um grupo como este têm que conviver com os demais. Se uma pessoa realmente não gosta de outra, isto pode causar muito problema, especialmente quando o tempo mantém as pessoas dentro de casa durante muitos dias. As pessoas acabam tomando partido, discussões podem levar a brigas, e alguém pode ficar ferido, ou pior. Isso leva à cólera e então, alguém quer se vingar. As vezes, a única maneira de evitar mais tragédia é separar o grupo... ou pagar um preço alto e enviar o encrenqueiro embora...

Sua testa se franziu com o sofrimento, enquanto ele fechava os olhos por um instante e Ayla se perguntou qual seria o motivo de sua tristeza.

- Mas Frebec e Crozie discutem o tempo todo, e as pessoas não gostam disso - falou ela.

- O resto do acampamento sabia sobre isso antes de os aceitar, ou ao menos fazia alguma idéia.

Todos tiveram a chance de dizer não, por isto ninguém pode culpar ninguém. Uma vez tendo concordado com alguma coisa, você tende a sentir que deve resolver o caso, e sabe que é apenas durante o inverno. É mais fácil fazer mudanças no verão.

Ayla sacudiu a cabeça, concordando. Não estava inteiramente certa de que ele queria que ela se tornasse Mamutoi, mas mostrar a pedra-de-fogo fora idéia dele, e funcionara. Os dois caminharam para a Fogueira do Leão a fim de entregar as pedras. Talut e Tulie conversavam. Nezzie e Mamut falavam alguma coisa ocasionalmente, porém ouviam mais que outra coisa.

- Aqui estão as pedras-de-fogo que prometi - disse Ayla quando perceberam sua aproximação.

- Podem dar as pedras hoje.

- Oh, não! - exclamou Tulie. - Hoje não. Vou guardá-las para a cerimônia. Falávamos justamente sobre isso. Elas serão parte das dádivas. Temos que lhes dar um valor para podermos planejar o que mais será necessário dar. Elas devem ter um valor muito alto, não só por si mesmas, mas para negociar, e pelo status que darão a você.

- Que dádivas? - perguntou Ayla.

- Quando alguém é adotado - explicou Mamut - é costume trocar presentes. A pessoa que é adotada recebe presentes de todos e, em nome da fogueira que a está adotando, são distribuídas dádivas para o resto das fogueiras do acampamento. Podem ser pequenas, apenas uma troca de prenda, ou muito valiosas. Depende das circunstâncias.

- Acho que as pedras-de-fogo têm valor suficiente para ser um presente para cada fogueira - disse Talut.

- Talut, eu concordaria com você se Ayla fosse Mamutoi e seu valor estivesse estabelecido - disse Tulie - mas neste caso, estamos tentando fixar seu Preço de Noiva. o acampamento se beneficiará se pudermos justificar um valor elevado para ela. Desde que Jondalar recusou ser adotado, ao menos por enquanto... - O sorriso de Tulie, mostrando que não tinha qualquer animosidade por ele, era quase um galanteio, mas de forma alguma recatado. Expressava, simplesmente, a convicção de que ela era atraente e desejável. - Ficarei feliz em contribuir com alguns presentes para a distribuição.

- Que tipo de presentes? - perguntou Ayla.

- Oh, apenas presentes... podem ser muitas coisas - disse Tulie. - As peles são bonitas, e roupas... túnicas, calças, botas ou o couro para fazê-las. Deegie faz couro lindamente tingido.

Ambar e conchas, e contas de marfim para colares e ornamentos de roupas. Presas longas de lobos e outros

carnívoros são bastante valiosas. Da mesma forma, esculturas de marfim. Sílex, sal... é bom dar alimento, principalmente quando pode ser estocado. Qualquer coisa bem-feita, cestas, esteiras, cintos, facas. Acho importante dar tanto quanto possível. Assim, quando todos mostrarem os presentes na Reunião, parecerá que você tem uma abundância, para exibir seu status. Não importa, realmente, se a maior parte for doada por Talut e Nezzie para você.

- Você e Talut e Nezzie não têm que dar por mim. Eu tenho coisas para dar - disse Ayla.

- Sim, claro, tem as pedras-de-fogo. E são muito valiosas, mas não causam muita impressão. Mais tarde, as pessoas compreenderão seu valor, porém, as primeiras impressões fazem diferença.

- Tulie tem razão - falou Nezzie. - A maioria das jovens passa anos acumulando e fazendo presentes para dar em seus matrimônios, ou se são adotadas.

- Muitas pessoas são adotadas pelos Mamutoi? - indagou Jondalar.

- Não forasteiros - respondeu Nezzie - mas os Mamutoi adotam, muitas vezes, outros Mamutoi. Todo acampamento precisa de uma irmã ou irmão para ser a chefe ou o chefe, mas nem todo homem tem sorte suficiente de ter uma irmã como Tulie. Se alguma coisa acontece a um ou outro, Ou se um jovem ou uma jovem desejam começar um novo acampamento, uma irmã ou irmão podem ser adotados. Mas, não se preocupe. Tenho muitas coisas que você pode dar, Ayla, e mesmo Latie ofereceu algumas de suas coisas para Ayla dar.

- Mas tenho coisa para dar, Nezzie. Tenho coisas na caverna do vale - falou Ayla. - Passei anos fazendo essas coisas.

- Não é necessário voltar... - disse Tulie, pensando consigo mesma que, o que quer que Ayla tivesse seria muito primitivo, com seu background de cabeça-chata.

Como ela poderia dizer à jovem que seus presentes não seriam, provavelmente, adequados? Poderia ser inconveniente.

- Quero voltar - insistiu Ayla. - Preciso de outras coisas. Minhas plantas que curam. Alimento estocado. E alimento para os cavalos. - Voltou-se para Jondalar. - Quero voltar.

- Acho que podemos. Se nos apressarmos e não pararmos pelo caminho, creio que poderíamos...

se o tempo melhorar.

- Em geral, depois da primeira onda de frio como esta, temos tempo bom - falou Talut. - É imprevisível, contudo. Pode mudar a qualquer momento.

- Bem, se tivermos tempo bom, talvez corramos o risco de voltar ao vale - disse Jondalar e foi recompensado por um dos belos sorrisos de Ayla.

Havia outras coisas que ele queria, também. Aquelas pedras-de-fogo tinham causado boa impressão, e a praia rochosa na curva do rio no vale de Ayla estivera cheia delas. Um dia, esperava ele, voltaria e partilharia com seu povo tudo o que havia aprendido e descoberto: as pedras-de-fogo, o arremessador de lanças e, para Dalanar, o truque de Wymez de aquecer sílex. Um dia...

- Voltem depressa - gritou Nezzie, acenando com a palma virada para cima e dando adeus.

Ayla e Jondalar retribuíram o aceno. Estavam montados, os dois, em Whinney, com Racer amarrado a uma corda, atrás, e olharam para o povo do Acampamento do Leão que se reunira para vê-los partir. Ayla, excitada como estava por voltar ao vale que fora seu lar durante três anos, sentiu uma ponta de tristeza ao deixar aquela gente que já parecia uma família.

Rydag, de pé a um lado de Nezzie, e Rugie do outro, agarravam-se à mulher enquanto acenavam.

Ayla não pôde deixar de notar quão pouca semelhança existia entre eles. Uma era uma pequena imagem de Nezzie, o outro parcialmente Clã. No entanto, tinham sido criados como irmão e irmã.

Com um repentino insight, Ayla lembrou-se de que Oga havia amamentado Durc, juntamente com seu próprio filho, Grev, os dois, irmãos de leite. Grev era totalmente Clã e Durc apenas parcialmente; a diferença entre eles fora igualmente grande.

Ayla fez pressão com as pernas sobre Whinney e mudou de posição, como sua segunda natureza, mal pensando que guiava a égua. Viraram-se e começaram a subir a encosta.

A viagem de volta não foi de lazer, como havia sido quando deixaram o vale. Viajavam firmemente, sem fazer excursões secundárias exploratórias, ou desvios para caçar, nem paradas prematuras para relaxar ou usufruir prazeres. Esperando regressar, tinham observado pontos de referência quando vinham do vale, alguns afloramentos, terras altas e formações rochosas, vales e riachos, porém, a mudança de estação havia alterado a paisagem.

Em parte, a vegetação mudara o seu aspecto. Os vales protegidos onde pararam tinham assumido uma variação de estação que provocava uma sensação inquietante de desconhecido. O salgueiro e o vidoeiro ártico tinham perdido as folhas e seus galhos raquíticos, tremendo ao vento, pareciam murchos e sem vida. Coníferas - espruce branco, lanço, pinheiro - vigorosas e arrogantes em sua força verde-cristalizada, eram proeminentes, em vez disso, e mesmo as plantas anãs isoladas nas estepes, contorcidas pelo vento, ganhavam substância, comparativamente. Porém, mais confusas eram as mudanças nos contornos da superfície daquela terra frígida peri glacial, realizadas pela permafrosz. Permafrost - camada do solo permanentemente gelada

qualquer parte da crosta terrestre, da superfície ao leito rochoso profundo, que permanece congelada o ano inteiro, foi causada naquela terra distante das regiões polares, há tanto tempo atrás, por camadas de gelo que abarcaram o continente - com 1,5 quilômetro ou 2, ou mais de altura. Uma interação complexa de clima, superfície e condições subterrâneas criou e manteve o solo congelado. O sol influenciou, e a água parada, vegetação, densidade de solo, vento e neve.

As temperaturas anuais médias somente alguns graus mais baixas do que aquelas que, mais tarde, conservariam as condições temperadas, eram suficientes para provocar a invasão da terra por geleiras maciças e a formação da permafrost mais ao sul. Os invernos eram longos e frios, e tempestades ocasionais traziam neve forte e nevascas intensas, mas a queda de neve durante a estação era relativamente pouca, e muitos dias eram claros. Os verões eram curtos, com poucos dias quentes, tão quentes que desvir tuavam a proximidade de qualquer massa glacial, mas em geral eram nublados e frios, com pouca chuva.

Embora uma porção do solo estivesse sempre congelada, a permafrost não era permanente, nem condição imutável; era tão inconstante e caprichosa quanto as estações. Nos rigores do inverno, quando havia um congelamento sólido por toda parte, a terra parecia passiva, dura e estéril, mas não era o que aparentava. Quando a estação mudava, a superfície amaciava somente algumas polegadas onde a cobertura espessa do terreno, ou solos densos, ou sombra demasiada resistiam ao calor suave do verão. Mas a camada ativa se degelava vários metros sobre encostas ensolaradas de cascalho bem seco, com pouca vegetação.

No entanto, a camada fofa era uma ilusão. Sob a superfície, a garra de ferro do inverno ainda imperava.

O gelo impenetrável dominava e, com o degelo e as forças da gravidade, os solos saturados e seu fardo de rochas e árvores deslocavam-se, deslizavam e corriam através da camada de solo lubrificada pela água ainda congelada, abaixo. Aconteciam quedas e desmoronamentos quando a superfície se aquecia e, onde o degelo de verão não encontrava saída, apareciam brejos, pântanos e lagos.

Quando o ciclo mudava uma vez mais, a camada ativa acima do solo congelado endurecia de novo, mas sua aparência fria e gelada disfarçava um coração inquieto. As pressões e cargas extremas provocavam deslocamento, compressão e deformação. O terreno congelado se partia e rachava e, depois, se enchia de gelo que, para aliviar a pressão, era expulso como gelo cuneiforme. As pressões enchiam os buracos de lama e faziam com que o lodo fino crescesse em bolhas de aluvião e borbulhas congeladas. Quando a água gelada se expandia, montes e colinas de gelo lodoso - "pingos" - projetavam-se de terras baixas, pantanosas, alcançando alturas de 60 metros e diâmetros de mais de 100 metros.

Quando Ayla e Jondalar voltaram sobre seus passos, descobriram que o relevo da paisagem havia mudado, tornando os pontos de referência enganadores. Alguns riachos que pensavam recordar tinham desaparecido. Tinham congelado mais perto de sua nascente e secado corrente abaixo.

Colinas de gelo apareceram onde não havia nenhuma antes, originárias de brejos de verão e terras baixas pantanosas onde subsolos densos, de textura fina, provocavam uma drenagem pobre. Filas de árvores cresciam em talik - ilhas de camadas não-congeladas cercadas por permafrost - dando, às vezes, uma impressão falsa de um pequeno vale, onde não conseguiram se lembrar de ter visto um.

Jondalar não estava familiarizado com o terreno geral e mais de uma vez recorreu à melhor memória de Ayla. Quando estava insegura, Ayla se guia a orientação de Whinney. A égua a havia trazido para casa mais de uma vez antes, e parecia saber aonde ia. Às vezes, cavalgando os dois a égua, outras revezando-se ou caminhando para que o animal descansasse, avançaram até serem obrigados a parar para passar a noite. Então, acamparam simplesmente com uma pequena fogueira, sua tenda de couro e peles de dormir. Cozinharam cereal partido, seco, fazendo uma papa, e Ayla fermentou uma bebida quente de ervas.

De manhã, tomaram chá quente para aquecer enquanto se preparavam para continuar, e durante o caminho comeram carne moída seca e amoras secas misturadas com gordura e com a forma de bolinhos. Exceto por uma lebre que Ayla caçou, acidentalmente, com sua funda, não caçaram. Mas suplementaram os alimentos que Nezzie lhes dera para a viagem, com as sementes ricamente oleosas e nutritivas das pinhas do pinheiro-manso, juntadas em locais onde pararam e atiradas ao fogo para se abrir com um estalo.

À medida que o terreno à sua volta mudava, tornando-se rochoso e mais acidentado, com ravinas e desfiladeiros íngremes, Ayla sentia uma excitação crescente. O território tinha algo familiar, como a paisagem ao sul e oeste do seu vale. Quando viu um escarpamento com um padrão especial de coloração nas camadas, seu coração saltou.

- Jondalar! Veja! Veja aquilo! - gritou, apontando. - Estamos quase lá! Até Whinney parecia excitada, e acelerou o passo, sem precisar ser instigada. Ayla observou, à procura de outro ponto de referência, um afloramento de pedra com uma forma distinta, que lhe lembrava uma leoa agachada. Quando o encontrou, viraram para o norte até chegarem à beira de uma

encosta escarpada juncada de cascalho e rochas soltas. Pararam e olharam da borda. Ao fundo, um riacho, correndo em direção leste, cintilava ao sol enquanto se derramava sobre pedras.

Desmontaram e desceram com cuidado. Os cavalos partiram, depois pararam para beber água. Ayla encontrou as pedras projetando-se da água, com apenas um espaço amplo para pular, que sempre havia usado. Tomou um gole de água também, quando alcançaram o lado oposto.

- A água está mais doce aqui. Veja como está clara! - exclamou ela.

- Não está enlameada, pode-se ver o fundo. E veja, Jondalar, os cavalos estão aqui! Jondalar sorriu afetuosamente diante da exuberância de Ayla, sentindo uma sensação semelhante, embora mais amena, de chegada ao lar à vista do comprido vale familiar. Os ventos fortes e gelo das estepes pincelavam a cavidade protegida com um toque mais claro, e até desprovida de folhas de verão, uma vegetação mais rica e viçosa era aparente. A encosta escarpada, que acabavam de descer, precipitava-se para uma muralha de pedra pura, enquanto avançava descendo em direção ao vale, à esquerda. A larga orla de moita cerrada e árvores ladeava a margem oposta do riacho que corria ao longo de sua base. Depois, atinava em uma campina de feno dourado ondulando sob o sol da tarde. O campo plano de capim alto subia gradualmente para as estepes à direita, mas estreitava-se e se tornava mais escarpado na extremidade distante do vale, até se tornar a outra muralha de uma garganta estreita.

Na metade da descida, um pequeno bando de cavalos de estepe tinha parado para pastar e olhava para eles. Um deles relinchou. Whinney sacudiu a cabeça e respondeu. O grupo os observou se acercarem, até estarem bem próximos. Então, quando o estranho

odor dos seres humanos continuou a progredir, eles deram meia-volta juntos e, com cascos soando no terreno e rabos abanando, galoparam, subindo a encosta suave para as estepes descampadas acima. Os dois seres humanos montados em um dos ani mais que traziam, pararam para vê-los partir. O mesmo fez o potro amarrado a uma corda.

Racer, com a cabeça erguida e as orelhas levantadas, seguiu os cavalos até onde era possível.

Depois, ficou parado com o pescoço esticado e as narinas abertas, vigiando-os. Whinney relinchou para ele enquanto recomeçavam a descer o vale e ele voltou e seguiu a mãe.

Quando se apressaram, subindo a corrente em direção à extremidade estreita do vale, puderam ver o riacho fazendo uma curva abrupta ao redor de uma muralha saliente e uma praia rochosa, à direita. Do lado oposto havia uma grande pilha de pedras, madeira trazida pela corrente, e ossos, chifres, e presas de todo tipo. Alguns eram esqueletos das estepes, outros eram restos de animais apanhados em enchentes, carregados rio abaixo, e atirados contra a muralha.

Ayla mal podia esperar. Escorregou das costas de Whinney e subiu correndo uma trilha estreita e íngreme, ao lado da pilha de ossos, em direção ao alto da muralha, que formava uma saliência em frente a uma cavidade diante do penhasco rochoso. Ela quase correu para dentro, mas controlou-se no último minuto.

Aquele era o lugar onde havia vivido sozinha e sobrevivido porque nunca, por um momento sequer, esquecera de ficar alerta em relação a um perigo possível. As cavernas não eram usadas apenas por homens. Acercando-se, sorradeira, ao longo da muralha exterior, ela tirou a funda da cabeça e parou para pegar alguns pedaços de rocha.

Cuidadosamente, examinou o interior. Viu apenas escuridão, mas seu olfato detectou um odor leve de madeira queimada há muito tempo atrás, e um cheiro um pouco mais recente de carcaju. Mas, esse também era antigo. Ela entrou pela abertura e deixou seus olhos se habituarem à luz fraca.

Depois, olhou ao redor.

Sentiu a pressão de lágrimas enchendo seus olhos e lutou para contê-las, em vão. Ali estava, a sua caverna. Estava em casa. Tudo era tão familiar, no entanto, o local onde vivera durante tanto tempo parecia abandonado e esquecido. A luz que entrava pela abertura acima da entrada, mostrava-lhe que seu olfato estava certo, e uma inspeção mais atenta provocou um arquejo de tristeza. A caverna estava uma bagunça. Um animal, talvez mais de um, havia entrado realmente, e deixara a evidência espalhada por toda parte. Ela não tinha certeza de quanto dano fora causado.

Jondalar apareceu na entrada, então. Acercou-se, seguido por Whinney e Racer. A caverna também fora o lar da égua, e o único que Racer conhecera até chegarem ao Acampamento do Leão.

- Parece que tivemos um visitante - disse ele quando viu o estrago.

- Este lugar está uma confusão! Ayla suspirou longamente e limpou uma lágrima.

- É melhor eu fazer um fogo e acender tochas, para podermos ver o quanto foi danificado. Mas, primeiro, é melhor eu descarregar Whinney para ela poder descansar e pastar.

- Acha que devemos soltá-los assim? Racer parecia estar pronto para seguir aqueles cavalos.

Talvez devêssemos prendê-los - disse Jondalar, hesitante.

Whinney sempre andou solta - disse Ayla, sentindo-se um pouco chocada. - Não posso prendê-la, ela é

minha amiga. Ela fica comigo porque quer. Uma vez, ela foi viver com um bando de cavalos, quando queria um garanhão, e senti muita falta dela. Eu não sabia o que faria se não tivesse Neném. Mas ela voltou. Ela ficará e, se o fizer, Racer também fará o mesmo, ao menos até crescer. Neném me deixou. Racer talvez me deixe também, como os filhos deixam as fogueiras das mães quando crescem. Mas cavalos são diferentes de leões. Acho que se ele se tornar um amigo, como Whinney, talvez fique.

Jondalar balançou a cabeça afirmativamente.

- Muito bem, você os conhece melhor do que eu. - Afinal, Ayla era uma perita. A única perita quando se tratava de cavalos. - Por que eu não faço o fogo e você livra Whinney de seus fardos, então? Enquanto ia aos locais onde Ayla sempre guardara os materiais para fazer um fogo e madeira, sem compreender quão familiar a caverna se tornara para ele no curto verão que vivera ali com ela, Jondalar se perguntou como poderia fazer, de Racer, um bom amigo. Ele ainda não compreendia completamente como Ayla se comunicava com Whinney, de forma que ela ia para onde Ayla desejava quando cavalgavam, e permanecia perto, embora tivesse liberdade para ir embora. Talvez ele jamais aprendesse, mas gostaria de tentar. Ainda assim, até aprender, não faria mal prender Racer a uma corda, ao menos quando viajavam por locais onde poderia haver outros cavalos.

Um exame da caverna e de seu conteúdo contou a história. Um carcaju ou uma hiena, Ayla não podia dizer qual, desde que ambos tinham estado na caverna em ocasiões diferentes, e seus rastros estavam misturados, havia atacado um dos esconderijos de carne-seca e acabado com ela. Uma cesta de cereal que pegaram para Whinney e Racer, que havia ficado bastante exposta, fora mastigada em vários lugares. Uma

variedade de pequenos roedores - a julgar pelos rastros - ratazanas, lagômos, esquilos, gerbos e hamsters grandes - tinha levado os alimentos e quase não restava uma só sementt Encontraram um ninho repleto com o saque sob uma pilha de feno próxima, porém, a maior parte das cestas de cereais e raízes e frutas secas, que tinham sido colocadas em buracos feitos no chão de terra da caverna, ou protegidas por pilhas de pedras postas sobre elas, sofreram muito menos dano.

Ayla ficou contente por terem decidido colocar as peles e couros macios que ela fizera, durante anos, em uma cesta forte e escondê-la em um monte de pedras. A grande pilha de pedras se mostrara resistente aos animais saqueadores, porém o couro deixado exposto, restos das roupas que Ayla fizera para Jondalar e para ela própria antes de partirem, fora despe daçado. Outro monte de pedras que continha, entre outras coisas, um recipiente de couro cru cheio de gordura, cuidadosamente derretida estocada em pequenas porções semelhantes a salsichas, de intestinos de veados, fora alvo de assaltos repetidos. Um canto da bolsa de couro cru havia sido dilacerado por dentes e garras, uma salsicha aberta, mas o monte de pedras havia resistido.

Além de atacar o alimento estocado, os animais tinham rondado outras áreas de armazenagem, derrubado grande quantidade de xícaras e ti gelas de madeiras feitas a mão e polidas, arrastado cestas e esteiras entrelaçadas e tecidas em desenhos e padrões sutis, defecado em vários locais e, em geral, destruído tudo o que encontraram. Mas o dano real era muito menor do que parecera a princípio, e tinham ignorado essencialmente a grande farmacopéia de Ayla, de remédios de ervas secas e conservadas.

À noite, Ayla se sentia muito melhor. Tinham feito limpeza e colocado a caverna em ordem, determinado

que a perda não era muito grande, cozinhado e feito uma refeição e até explorado o vale para ver que mudanças tinham ocorrido. Ayla sentiu-se finalmente à vontade com um fogo na lareira, peles de dormir espalhadas sobre feno limpo na vala vazia que havia usado como cama, e Whinney e Racer confortavelmente instalados em seu lugar do outro lado da entrada.

- É difícil acreditar que estou de volta - disse ela, sentando-se numa esteira diante do fogo, ao lado de Jondalar. - Sinto como se tivesse ficado longe uma vida inteira, mas não foi tanto assim.

- Não, não foi muito tempo.

- Aprendi muito, talvez seja por isto que parece muito tempo. Foi bom você ter-me convencido a ir com você, Jondalar, e estou contente por termos conhecido Talut e os Mamutoi. Sabia que eu tinha medo de encontrar os Outros? Eu sabia que você se preocupava com isso, mas tinha certeza de que assim que conhecesse algumas pessoas, gostaria delas.

- Não era apenas conhecer pessoas. Era conhecer os Outros. Para o Clã, era isto o que eles eram e, embora me tivessem dito, a vida toda, que eu nascera dos Outros, ainda pensava em mim como Clã.

Mesmo quando fui amaldiçoada e soube que não poderia voltar, tinha medo dos Outros. Depois que Whinney veio viver comigo, foi pior. Eu não sabia o que fazer. Temia que eles não me deixassem ficar com ela, ou a matassem para se ali mentar. E tinha medo de que não me permitissem caçar. Eu não queria viver com pessoas que não me deixassem caçar, se eu quisesse, ou que talvez me obrigassem a fazer alguma coisa que eu não queria fazer - falou Ayla.

De repente, a lembrança de seus temores e ansiedades encheram-na de desconforto e energia nervosa. Ela se levantou e caminhou até a boca da caverna, afastou o pesado protetor contra o vento e saiu

para o topo da muralha saliente que formava um amplo pórtico para a caverna. Estava frio e claro lá fora. As estrelas, rijas e cintilantes, brilhavam no céu escuro com uma força tão intensa quanto o vento. Ela se abraçou e esfregou os braços enquanto caminhava para a extremidade da saliência.

Começou a tremer e sentiu uma pele envolvendo seus ombros; virou-se para encarar Jondalar. Ele a tomou nos braços e ela se aninhou no seu calor.

Ele se inclinou para beijá-la, depois disse: - Está frio aqui fora. Volte para dentro.

Ayla o deixou conduzi-la para o interior, mas parou em seguida ao couro pesado, que usara como quebra-ventos desde seu primeiro inverno.

- Esta era minha tenda... não, a tenda de Creb - corrigiu-se. - Ele nunca a usou, no entanto. Era a tenda que usei quando fui uma das mulheres escolhidas para acompanhar os homens em suas caçadas, a fim de retalhar a carne e ajudar a carregá-la. Mas não me pertencia, pertencia a Creb.

Trouxe comigo quando parti porque achei que Creb não se impor taria. Não podia perguntar a ele.

Estava morto, mas não me teria visto, se estivesse vivo. Acabara de ser amaldiçoada. - As lágrimas começaram a escorrer por seu rosto, embora ela não parecesse notá-las. - Eu estava morta, mas Durc me viu. Ele era pequeno demais para saber que não devia me ver. Oh, Jondalar, eu não queria deixá-lo! - Ela soluçava agora. - Mas eu não podia trazê-lo comigo, eu não sabia o que poderia me acontecer.

Ele hesitava sobre o que dizer, ou fazer. Por isto, abraçou-a apenas e a deixou chorar.

- Quero ver Durc de novo. Toda vez que vejo Rydag, penso em Dure.

Eu queria que ele estivesse aqui comigo, agora. Eu gostaria que nós dois fôssemos adotados pelos Mamutoi.

- Ayla, é tarde. Está cansada. Venha para a cama - disse Jondalar, levando-a para as peles de livres dormir. Mas se sentia inquieto. Tal pensamento era irreal e ele não queria encorajá-la.

Ela se virou, obediente e deixou que ele a guiasse. Em silêncio, ele a ajudou a tirar as roupas, depois sentou-a e empurrou-a suavemente para trás, e cobriu-a com as peles. Colocou mais lenha e empilhou os carvões na lareira para que durassem mais. Depois, se despiu rapidamente, e enfiou-se na cama ao lado dela. Abraçou-a e beijou-a suavemente, mal tocando-lhe os lábios com os dele.

O efeito foi atormentador e ele sentiu a resposta trêmula de Ayla. Com o mesmo toque leve, quase fazendo cócegas, ele começou a beijar-lhe o rosto; as faces, os olhos fechados e depois os lábios macios e carnudos no vamente. Estendeu a mão e inclinou o maxilar de Ayla para trás e acariciou-lhe o pescoço da mesma maneira. Ayla se obrigou a jazer imóvel e, em vez de sentir cócegas, arrepios de um fogo esquisito acompanharam o toque rápido de Jondalar e puseram fim ao seu humor tristonho.

As pontas dos dedos dele traçaram a curva do ombro de Ayla e deslizaram pelo comprimento do seu braço. Depois, lentamente, com um toque sutil, subiu a mão pelo interior do braço da jovem.

Ela estremeceu com um espasmo que encheu cada nervo com expectativa rápida. Enquanto seguia o contorno do corpo de Ayla descendo a mão experiente, examinou o mamilo macio. Este se ergueu pronto e firme, enquanto um choque intenso de prazer a percorria.

Jondalar não pôde resistir e se inclinou para tomá-lo na boca. Ela o apertou contra si enquanto ele sugava e puxava e mordiscava, sentindo uma umidade cálida entre as coxas enquanto as sensações agudas enviavam

ferroadas correspondentes bem no fundo. Ele sentiu o odor da pele da jovem e também uma plenitude arrebatadora em seus rins ao pressentir que ela estava pronta. Ele jamais parecia capaz de conseguir o suficiente dela, e Ayla parecia estar sempre pronta para ele. Nenhuma vez, que ele se lem brasse, ela o rejeitara. Não importavam as circunstâncias, dentro ou fora de casa, em peles quentes ou chão frio, sempre que ele a queria, ela estava ali para ele, não apenas aquiescendo, mas como parceira ativa, desejosa. Somente durante seu período mensal é que ficava um pouco reprimida, como se sentisse timidez, e ele se controlava, respeitando seus desejos.

Quando estendeu a mão para acariciar-lhe a coxa e ela se abriu para ele, Jondalar sentiu uma tal urgência que poderia tê-la possuído no mesmo instante, mas queria que o ato durasse. Estavam num local quente e seco, sozinhos e, provavelmente, pela última vez em todo o inverno. Não que ele hesitasse na habitação comunal dos Mamutoi, mas estarem sozinhos, os dois, dava uma qualidade especial de liberdade e intensidade a seus prazeres. A mão dele encontrou-lhe a umidade, depois seu pequeno e ereto centro de prazer, e ele ouviu a respiração dela explodir em arquejos e gritos quando a acariciou e friccionou. Desceu mais a mão e penetrou com dois dedos, explorando-lhe as profundezas, enquanto ela arqueava as costas e gemia. Oh, como ele a desejava, pensou, mas ainda não! Ele soltou-lhe o mamilo e descobriu-lhe a boca, levemente aberta. Beijou-a com firmeza, amando o toque sensual lento da língua que encontrou a dele, quando procurava a dela. Ele recuou por um momento, para exercitar algum controle antes de ceder inteiramente ao próprio impulso esmagador e à bela, ávida mulher que amava. Examinou-lhe o rosto até ela abrir os olhos.

A luz do dia os olhos dela eram cinza-azulados, a cor do sílex, mas agora estavam escuros e tão cheios de desejo e amor que a garganta de Jondalar doeu com a sensação que surgiu das profundezas de seu ser. Ele tocou-lhe a face com a parte de trás da ponta do dedo indicador, contornou-lhe o maxilar e correu-o pelos lábios dela. Não se fartava de olhá-la, tocá-la, como se quisesse gravar seu rosto na memória. Ela ergueu a cabeça para ele, para olhos tão vividamente azuis que pareciam violáceos sob a luz da lareira, e tão irresistíveis com seu amor e desejo que ela quis fundir-se neles. Se quisesse, não teria sido capaz de recusá-lo, e ela não queria.

Ele a beijou, depois desceu a língua cálida pelo pescoço e pela depressão entre os seios. Com as duas mãos, segurou-lhe as mamas, procurou um mamilo e sugou-o. Ela massageou os ombros dele e braços, gemendo suavemente enquanto ondas de uma sensação de dormência atravessavam-lhe o corpo.

Ele percorreu-lhe o corpo com a boca, molhou-lhe a cavidade do umbigo com a língua e sentiu depois a textura de pêlo macio. Ela arqueou um pouco o corpo, num convite e, com a língua sensível e úmida, ele encontrou o topo da fenda e depois o pequeno centro de prazer. Ela gritou quando ele o alcançou.

Ela se sentou, então, enroscando-se até encontrar o membro rijo dele, tomou-o na boca o máximo possível, enquanto suas mãos se estendiam até os testículos macios.

Ele sentiu a pressão crescer, o ímpeto dos rins, e as pulsações latejantes do membro pleno, enquanto provava-lhe o sexo e tornava a descobrir suas dobras e arestas e também sua profundidade adorável. Quase não conseguia o bastante. Queria tocar cada parte de Ayla, provar cada parte, queria mais e mais dela, sentia sua calidez e sua sensação arrebatadora, e as duas mãos da

jovem movendo-se para cima e para baixo por seu dardo longo e cheio. Ele ansiava por penetrá-la.

Com supremo esforço, ele se afastou, virou-se e encontrou novamente a fonte de sua feminilidade, explorou-a com mãos experientes. Depois se inclinou para seu centro, focinhando-o até a respiração de Ayla se converter em espasmos e gritos. Ela sentiu o aparecimento, o crescimento de tensão rara e inexprimível. Chamou-o, estendeu as mãos para ele, e depois ele se ergueu entre as coxas da mulher e, com um tremor de expectativa e controle penetrou-a, afinal, e exultou em sua afetuosa acolhida.

Ele se controlara durante tanto tempo que levou um momento para gozar. Penetrou-a de novo, profundamente, deleitando-se com a mulher maravilhosa que era capaz de aceitar todo o seu tamanho. Com desembaraço, Jondalar investiu outra vez, e repetiu o ato, mais depressa, alcançando níveis mais altos, enquanto ela se erguia para encontrá-lo, movendo-se em harmonia com ele, golpe a golpe. Em seguida, com gritos agudos, ele sentiu a onda vindo, surgindo dentro dela, e eles investiram na arrancada final esmagadora de energia e prazer, e alívio.

Ambos estavam esgotados demais, sensualmente exaustos, para se mover. Ele estava espalhado sobre ela, mas Ayla sempre amara essa parte, o peso do corpo de Jondalar sobre o seu. Ela sentiu o seu fraco odor, nele, lembrando-se de como fora amada e por que estava tão deliciosamente entorpecida. Ainda sentia a pura maravilha inesperada dos prazeres. Ayla não soubera que seu corpo podia experimentar tanto deleite e júbilo. Ela só conhecera a degradação de ser possuída com ódio e desprezo. Até surgir Jondalar, ela ignorava que existisse outra maneira.

Ele afinal se ergueu, beijando-lhe um dos seios e acariciando-lhe o um bigo com o nariz, enquanto

recuava e se levantava. Depois, ela ficou de pé também e se dirigiu para os fundos, deixando cair algumas pedras de cozinhar no fogo.

- Quer pôr um pouco de água naquela cesta de cozinhar, Jondalar? Acho que a bolsa grande de água está cheia - disse ela a caminho do canto distante da caverna que ela usava quando estava frio demais para sair, a fim de fazer suas necessidades.

Quando voltou, pegou as pedras quentes do fogo como havia aprendido com os Mamutoi, e deixou-as cair na água que estava em uma cesta à prova d'água. As pedras sibilaram e soltaram vapor enquanto aqueciam a água. Ela as pegou e recolocou-as no fogo, acrescentando outras que estavam quentes.

Quando a água ferveu, ela tirou algumas porções de água com uma concha, colocou numa bacia de madeira e, de seu suprimento de ervas, adicionou algumas flores secas de ceanoto, tipo lilás. Um perfume forte, aromático encheu o ar e, quando mergulhou uma tira macia de couro, a solução de saponina espumou levemente. Mas não precisaria lavagem e deixaria somente um aroma agradável. Ele a observou de pé perto do fogo enquanto ela enxugava o rosto e lavava o corpo, deleitando-se com sua beleza, enquanto ela se movia, e desejando poder recomeçar.

Ela deu a Jondalar um pedaço de pele absorvente de coelho e lhe passou a bacia. Enquanto ele se limpava - era um costume que ela desenvolvera depois que Jondalar chegara, que ele adotou - examinou novamente suas ervas, contente por ter todo o seu suprimento disponível. Selecionou com binações individuais para um chá para cada um deles. Para ela, começou com sua fibra dourada usual e raiz de antílope, perguntando-se, novamente, se devia parar de tomá-lo e ver se um bebê começaria a crescer dentro dela. Apesar das explicações de Jondalar, ela ainda acreditava que era um homem,

não os espíritos, que dava origem ao desenvolvimento da vida. Mas, qualquer que fosse a causa, a magia de Iza parecia funcionar, e sua maldição de mulher, ou melhor, seu período mensal, como Jondalar chamava, ainda vinha regularmente. Seria bom ter um bebê nascido de pra zeres com Jondalar, pensou ela, mas talvez fosse melhor esperar. Se ele resolver tornar-se um Mamutoi também, então, talvez.

Em seguida, procurou cardo para seu chá, um fortificante do coração e respiração, e bom para o leite materno, mas resolveu usar, em vez disso, damiana, que ajudava a manter os ciclos da mulher em equilíbrio. Depois, selecionou trevo-dos-prados e frutos da roseira para a saúde geral e sabor.

Para Jondalar, pegou jinsão, para resistência, energia e equilíbrio do homem. Acrescentou labaçal amarelo, um tônico e purificador; depois, raiz de alcaçuz, porque notara que Jondalar franzia atesta, o que normalmente era sinal de que estava preocupado ou estressado por algum motivo, e para adoçar a bebida. Também colocou umas gotas de camomila, também para os nervos.

Pôs em ordem e arrumou as peles novamente, e deu a Jondalar sua tigela, a de madeira que ela fizera e de que ele gostava tanto. Depois, com um pouco de frio, os dois voltaram para a cama, terminaram seu chá e se aconchegaram um ao outro.

- Você cheira bem, como flores - disse ele, respirando no ouvido de Ayla e mordiscando o lóbulo de sua orelha.

- Você também.

Ele a beijou, suavemente; depois, prolongou o beijo com mais sentimento.

- O chá estava bom. O que havia nele? - perguntou, beijando seu pescoço.

- Apenas camomila e algumas coisas para que se sintam bem e para que tenham força e resistência.

Não sei os nomes que dá a todas elas.

Ele a beijou, então, com mais ardor e ela respondeu. Ele se ergueu sobre um cotovelo e abaixou os olhos para ela.

- Ayla, tem idéia de como você é surpreendente? Ela sorriu e sacudiu a cabeça.

- Todas as vezes que quero você, está pronta para mim. Jamais me deixou de lado ou me rejeitou, embora quanto mais eu a possuo, mais pareça querer você.

- Isso é surpreendente? Que eu deseje você tantas vezes quanto você me queira? Você conhece meu corpo melhor do que eu, Jondalar. Você me fez sentir prazeres que eu não sabia que existiam.

Por que não iria querer você sempre que me quer? - Mas, para a maioria das mulheres, há alguns momentos em que não estão dispostas, ou apenas não lhes convém. Quando está um frio intenso lá fora nas estepes, ou na margem úmida de um rio, quando a cama quente se encontra a alguns passos de distância. Mas você nunca diz não. Nunca diz "espere".

Ela fechou os olhos e, quando os abriu, havia uma leve ruga em sua testa.

- Jondalar, fui criada assim. Uma mulher do Clã nunca diz não. Quando um homem lhe faz o sinal, onde quer que ela esteja, ou o que quer que esteja fazendo, pára e responde à necessidade dele. Qualquer homem, mesmo se ela o odiar, como eu odiava Broud. Jondalar, você só me dá alegria e prazer. Adoro quando me quer, a qualquer hora, em qualquer lugar. Se você me quer, não há momento em que eu não esteja pronta para você. Sempre quero você. Eu amo você.

Ele a abraçou, de repente, e apertou-a tanto que ela mal podia respirar.

- Ayla, Ayla - gritou num sussurro rouco, a cabeça enterrada no pescoço da jovem - pensei que jamais me apaixonaria. Todos encontravam uma mulher para companheira, para fazer uma fogueira e uma família. Eu estava envelhecendo, apenas. Até Thonolan encontrou uma mulher na Jornada. Por isto ficamos com os Sharamudoí. Conheci muitas mulheres. Gostei de muitas mulheres, mas havia sempre alguma coisa que faltava. Pensei que era eu. Pensei que a Mãe não me deixaria amar. Achei que era meu castigo.

- Castigo? Por quê? - perguntou Ayla.

- Por... por algo que aconteceu muito tempo atrás.

Ela não pressionou. Isso também fazia parte de sua educação.

Capítulo 15

Uma voz o chamou, a voz de sua mãe, porém distante, hesitante através de um vento intermitente.

Jondalar estava em casa, mas o lar era estranho; familiar, contudo, desconhecido. Ele estendeu a mão para o lado. O local estava vazio! Em pânico, levantou-se de um salto, completamente desperto.

Olhando ao redor, Jondalar reconheceu a caverna de Ayla. O protetor contra o vento à entrada havia-se soltado numa extremidade e agitava-se ao vento. Rajadas de ar frio entravam na pequena caverna, mas o sol penetrava pela entrada e um buraco acima dela. Ele vestiu rapidamente calças e túnica, e notou então a xícara fumegante de chá perto da lareira e, a seu lado, um graveto novo com sua casca removida.

Ele sorriu. Como ela fazia aquilo? pensou. Como ela conseguia sempre ter chá quente pronto e esperando por ele quando acordava? Ao menos ali, na caverna de Ayla, ela o fazia. No Acampamento do Leão havia sempre alguma coisa acontecendo, e as refeições eram geralmente divididas com os outros. Ele tomava sua bebida matinal tão freqüentemente na Fogueira do Leão ou na fogueira de cozinhar, como na Fogueira do Mamute, e depois uma outra pessoa sempre se juntava a eles. Lá ele não notou se Ayla tinha sempre uma bebida quente esperando por ele quando acordava mas, quando refletiu a respeito, percebeu que sim. Nunca era do feitio de Ayla falar sobre aquilo. A bebida sempre estava lá, apenas, como tantas outras coisas que ela fazia para ele, sem ter que jamais pedir.

Ele pegou a xícara e bebeu um gole. Havia hortelã no chá - ela sabia que ele gostava de hortelã de manhã - camomila também, e algo mais que não podia discernir

exatamente. O chá tinha cor avermelhada, quem sabe, frutos da roseira? Como é fácil voltar aos velhos hábitos, pensou. Sempre fora um jogo para ele tentar adivinhar o que havia no chá da manhã de Ayla. Pegou o graveto e mastigou uma ponta enquanto saía, e usou a ponta mastigada para limpar os dentes. Encheu a boca com um gole de chá enquanto caminhava para a saliência das rochas para urinar. Atirou fora o graveto e cuspiu o chá. Depois, ficou de pé, à borda, meditando, observando sua corrente fumegante fazer um arco em direção ao solo.

O vento não era forte e o sol matinal, refletindo na rocha de cor clara, dava impressão de calor. Ele atravessou a superfície acidentada até a ponta protuberante e olhou o riacho abaixo. O gelo se amontoava ao longo de suas margens, mas o rio ainda corria rapidamente ao redor da curva acidentada, que mudava a sua costumeira direção sul para o leste, por alguns quilômetros, antes de voltar ao seu curso para o sul. A sua esquerda, o vale tranqüilo se estendia ao lado do rio e ele reparou em Whinney e Racer pastando por perto. A paisagem rio acima, à sua direita, era inteiramente diversa. Além da pilha de ossos, ao pé da muralha, e da praia rochosa, altos paredões de pedra se fechavam e o rio corria no fundo de uma garganta profunda. Ele se lembrou de ter subido o rio a nado, uma vez, até onde pudera ir, até a base de uma queda d'água agitada.

Viu Ayla surgir quando ela subiu a trilha escarpada e sorriu.

Onde esteve? Mais alguns passos e sua pergunta foi respondida sem que ela dissesse uma palavra. Ela carregava duas ptármigas gordas, quase brancas, pelos pés emplumados.

- Eu estava plantada aí, onde você está, quando as vi na campina - disse Ayla, mostrando as aves. - Achei que seria bom ter carne fresca, para variar. Fiz um fogo

na minha cavidade de cozinhar, lá na praia. Vou depenar as aves e começar a cozinhá-las depois que acabarmos a refeição da manhã. Oh, aqui está outra pedra-de-fogo que encontrei! Há muitas na praia? - interrogou ele.

- Talvez não tantas quanto antes. Tive que procurar esta.

- Acho que descerei até lá, mais tarde, e procurarei mais algumas.

Ayla entrou para acabar de preparar a refeição da manhã que incluía cereais cozidos com mirtilos vermelhos que encontrara ainda presos a arbustos sem folhas. As aves não deixaram muitos, e ela teve que escolher, diligentemente, para reunir alguns punhados, mas estava contente por tê-los colhido.

- Era isso! - exclamou Jondalar quando terminava outra xícara de chá. - Você pôs mirtilos vermelhos no chá! Hortelã, camomila, e mirtilos vermelhos.

Ela sorriu, concordando, e ele ficou feliz consigo mesmo por ter solucionado a pequena charada.

Depois da refeição matinal, os dois desceram para a praia e enquanto Ayla preparava as aves para assar no forno de pedras, Jondalar começou a procurar os pequenos nódulos de pinta de ferro que se espalhavam pela praia. Ele ainda procurava quando ela subiu de volta à caverna. Ele também encontrou pedaços de sílex de bom tamanho e os separou. No meio da manhã, acumulara uma pilha de pedras-de-fogo e estava entediado de fitar a praia rochosa. Caminhou ao redor da muralha saliente e vendo a égua e o potro a alguma distância, vale abaixo, dirigiu-se a eles.

Quando se aproximou mais, notou que os dois olhavam na direção das estepes. Vários cavalos se encontravam no alto da encosta, também olhando para eles. Racer deu alguns passos em direção ao bando selvagem, com o pescoço arqueado e o focinho tremendo. Jondalar reagiu sem pensar.

- Vamos, saiam daqui! - gritou, correndo na direção deles, sacudindo os braços.

Os cavalos, surpresos, saltaram para trás, relinchando e bufando, e se afastaram depressa. O último, um garanhão castanho, investiu contra o homem; depois, recuou como se desse um aviso, antes de galopar atrás dos outros.

Jondalar se virou e caminhou de volta na direção de Whinney e Racer. Ambos estavam nervosos.

Também tinham ficado espantados e sentido o pânico da cavalcada. Jondalar deu tapinhas carinhosas em Whinney e pôs o braço em volta do pescoço de Racer.

- Tudo bem, garoto - disse ao potro - eu não queria assustar você. Só não queria que eles o atraíssem para segui-los, antes de termos uma chance para nos tornarmos bons amigos. - Coçou e alisou o animal com afeto. - Imagine como seria cavalgar um garanhão como aquele castanho - refletiu alto. - Seria difícil montá-lo, e ele também não me deixaria coçá-lo assim, não é? O que eu teria que fazer para que me deixe montá-lo e ir aonde eu quiser? Quando devo começar? Devo tentar montar você agora, ou esperar? Você ainda não é totalmente adulto, mas será, breve. É melhor eu perguntar a Ayla. Ela deve saber. Whinney sempre parece compreendê-la. Pergunto-me se me entende, Racer? Quando Jondalar voltou à caverna, afinal, Racer o seguiu, dando-lhe encontrões, alegremente, e focinhando sua mão, o que agradou muito ao homem. O potro parecia querer ser amigo. Racer seguiu Jondalar durante todo o caminho de volta e subiu a trilha até a caverna.

- Ayla, tem alguma coisa que eu possa dar a Racer? Algum grão? - perguntou Jondalar assim que entrou.

Ayla estava sentada perto da cama com uma variedade de pilhas e montes de objetos espalhados ao seu redor.

- Por que não dá a ele algumas daquelas pequenas maçãs daquela tigela ali? Eu examinei algumas - disse ela - e aquelas estão amassadas.

Jondalar pegou um punhado das frutas pequenas, redondas, e deu-as a Racer, uma de cada vez.

Depois de mais algumas carícias no potro, Jondalar caminhou até Ayla. Foi seguido pelo cavalo amistoso.

- Jondalar, tire Racer daí! Pode pisar em alguma coisa! Ele se virou e esbarrou no potro.

- Já chega, Racer - disse o homem, voltando com ele para o outro lado da abertura da caverna, onde o jovem animal e sua mãe costumavam ficar. Mas quando Jondalar quis se afastar, foi seguido de novo. Levou outra vez Racer para o seu lugar, mas não teve sorte em fazê-lo ficar. - Agora que ele se mostra tão amigo, como o faço parar? Ayla estivera observando as cabriolas, sorrindo.

- Pode tentar pôr um pouco d'água em sua tigela, ou algum grão em sua tina de comida.

Jondalar fez as duas coisas, e quando o cavalo se distraiu o suficiente, afinal, voltou para perto de Ayla, atento às suas costas para certificar-se de que o potro não estava mais atrás dele.

- O que está fazendo? - perguntou.

- Estou tentando resolver o que levar comigo e o que abandonar aqui - explicou ela. - O que acha que devo dar a Tulie na cerimônia de adoção? Tem que ser uma coisa especialmente bonita.

Jondalar examinou as pilhas e montes de coisas que Ayla fizera para se ocupar, durante as noites vazias e invernos rigorosos e longos que passara sozinha na caverna. Mesmo quando vivia com o Clã, ela se tornara respeitada pela sua habilidade e qualidade do seu trabalho e, durante os anos que passara no vale, tivera pouco mais a fazer. Dedicou tempo extra e atenção

cuidadosa a cada plano, para que durasse. Os resultados eram evidentes.

Ela pegou uma tigela de uma pilha. Era enganadoramente simples. Quase perfeitamente circular e fora feita de uma única peça de madeira. A qualidade do acabamento era tão delicada que quase parecia ter vida. Ela lhe contara como fazia as tigelas. O processo era essencialmente o mesmo que qualquer dos que ele conhecia; a diferença era o cuidado e atenção ao detalhe. Primeiro, ela estriava a forma rústica com uma enxó de pedra, depois esculpia melhor com uma faca de sílex. Com uma pedra arredondada e areia, aplainava tanto o interior quanto o exterior até quase não se sentir uma ondulação sequer, e dava um acabamento final à peça com um polimento feito com cavalinha.

Suas cestas, quer tecidas frouxamente ou impermeáveis, possuíam a mesma qualidade de simplicidade e perícia artesanal. Não se usavam corantes ou cores, mas o interesse textural fora criado pela mudança do modo de entrelaçamento e pela utilização de variações de cor natural das fibras. As esteiras tinham a mesma característica. As espirais de corda e cordões de nervos e córtex, não importava de que tamanho fossem, eram iguais e uniformes, assim como as longas tiras cortadas numa espiral de um único couro.

O couro cru que ela curtia era macio e flexível, porém, mais que todo, ele estava impressionado com as peles. Era uma coisa tornar a pele de veado maleável raspando a superfície áspera da pele no exterior, assim como raspando o interior mas, com a sobra de pele, os couros eram normalmente mais duros. Os de Ayla eram não somente suntuosos no lado da pele, mas aveludados e macios e fofos no interior.

- O que vai dar a Nezzie? - perguntou ele.

Alimento, como aquelas maçãs, e recipientes para guardá-las.

- É uma boa idéia. O que pensava dar a Tulie? - Ela tem muito orgulho do couro de Deegie, por isso, acho que não lhe darei couro, e não quero lhe dar alimento, como a Nezzie. Nada prático demais. Ela é a chefe. Deve ser uma coisa especial para usar, como âmbar ou conchas, mas não tenho nada especial assim - disse Ayla.

- Tem, sim.

- Pensei em dar-lhe o âmbar que encontrei, mas é um sinal do meu totem. Não posso dar.

- Não falo do âmbar. Provavelmente, ela tem muito âmbar. Dê-lhe pele. Foi a primeira coisa que ela mencionou.

- Mas ela deve ter muitas peles também.

- Não tão bonitas e especiais como as suas, Ayla. Somente uma vez na vida eu vi uma coisa como elas. Tenho certeza de que ela nunca viu. A pele que vi foi feita por uma cabeça-chata - uma mulher do Clã.

À noite, Ayla havia tomado algumas decisões duras, e o acúmulo de anos de trabalho estava dividido em duas pilhas. A maior seria abandonada, juntamente com a caverna e o vale. A menor era tudo o que levaria consigo... e suas lembranças. Foi um processo angustioso, às vezes agonizante, que a fez sentir-se vazia. Seu estado de espírito passou para Jondalar, que se encontrou pensando mais em seu lar e seu passado e sua vida, do que o fizera por muitos anos. Sua mente continuou desviando-se para recordações dolorosas que ele pensava ter esquecido, e desejava poder esquecer. Perguntou-se por que motivo se lembrava agora.

A refeição noturna foi silenciosa. Fizeram comentários esporádicos, e muitas vezes ficaram calados, cada um ocupado por seus pensamentos particulares.

- As aves estão deliciosas, como sempre - disse Jondalar.

- Creb gostava delas assim.

Ela havia mencionado aquilo antes. As vezes ainda era difícil de acreditar que ela aprendera tanto com os cabeças-chatas com quem vivera. Quando ele pensava a respeito, contudo, se perguntava: por que eles não saberiam cozinhar tão bem quanto qualquer outra pessoa? - Minha mãe é boa cozinheira. Provavelmente, ela também gostaria das aves.

Jondalar estivera pensando muito na mãe, ultimamente, refletiu Ayla. Ele disse que acordara, naquela manhã, sonhando com ela.

- Quando eu era criança, havia alimentos especiais que ela gostava de cozinhar... quando não estava ocupada com os assuntos da caverna.

- Assuntos da caverna? - Ela era a líder da Nona Caverna.

- Você me disse isso, mas eu não compreendi. Quer dizer que ela era como Tulie? Uma chefe? - Sim, algo parecido. Mas não havia Talut, e a Nona Caverna é muito maior do que o Acampamento do Leão. Muito mais pessoas. - Ele parou, fechou os olhos, concentrado. - Talvez quatro pessoas para cada uma.

Ayla tentou pensar sobre quantas pessoas seriam, depois decidiu que solucionaria isso mais tarde, com marcas no solo, mas perguntou-se como tantas pessoas podiam viver juntas o tempo todo.

Parecia ser quase suficiente para uma Reunião de Clãs.

- Não havia mulheres líderes no Clã - disse ela.

- Marthona se tornou líder depois de Joconnan. Zelandoni me disse que ela era uma parte tão grande de sua liderança que, depois que morreu, todos se voltaram para ela. Meu irmão, Joharran, nasceu na fogueira dele.

Ele é líder agora, mas Marthona ainda é uma conselheira... ou era, quando partiu.

Ayla franziu a testa. Ele havia falado deles antes, mas ela não compreendera bem todos os seus relacionamentos.

- Sua mãe era companheira de... como disse? Jozannan? - Era.

- Mas você sempre fala de Dalanar.

- Nasci na fogueira dele.

- Então, sua mãe foi companheira de Dalanar também.

- Sim. Ela já era líder quando se uniram. Eram muito íntimos, as pessoas ainda contam histórias sobre Marthona e Dalanar, e cantam canções tristes sobre o seu amor. Zelandoni me contou que eles se gostavam muito. Dalanar não queria dividi-la com a caverna. Ele passou a odiar o tempo que ela passava em seus deveres de liderança, mas ela sentia que tinha uma responsabilidade. Por fim, eles se separaram e ele partiu. Mais tarde, Marthona fez uma nova fogueira com Wiliomar, e deu à luz Thonolan e Folara. Dalanar viajou para o nordeste, descobriu uma mina de sílex e conheceu Jerika. E fundou ali a Primeira Caverna dos Lanzadonii.

Ficou calado por algum tempo. Parecia sentir necessidade de falar sobre sua família. Assim, Ayla ouviu, embora ele repetisse algumas coisas que já contara antes. Ela se levantou, serviu o resto do chá, acrescentou lenha ao fogo e depois se sentou sobre as peles na beira da cama. Observou a luz trêmula das chamas mover sombras através do rosto pensativo de Jondalar.

- O que significa, Lanzadonii? - perguntou.

Jondalar sorriu.

- Significa apenas... pessoas... filhos de Doni... filhos da Grande Mãe Terra que vivem no nordeste, para ser

exato.

- Você viveu lá, não? Com Dalanar? Ele fechou os olhos. Seu maxilar se moveu enquanto cerrava os dentes e sua testa se contorcia de dor. Ayla havia visto aquela expressão antes e refletiu. Ele havia falado sobre aquela fase de sua vida durante o verão, mas aborrecia-o e ela sabia que ele se reprimia. Ela sentiu uma tensão no ar, uma grande pressão crescendo e concentrando-se em Jondalar, como uma dilatação da terra aprontando-se para explodir de grandes profundezas.

- Sim, vivi lá - disse ele - durante três anos. - Ficou de pé em um salto, de repente, derramando o chá e caminhou para a parede do fundo da caverna com passos largos. - O Mãe, foi terrível! - Encostou o braço erguido na parede e pousou a cabeça nele, no escuro, tentando manter-se controlado. Por fim, voltou, abaixou os olhos para o local molhado onde o líquido penetrara no solo de terra dura e pousou um dos joelhos no chão para pegar a tigela. Revirou-a nas mãos e fitou o fogo.

- Foi tão ruim assim viver com Dalanar? - perguntou Ayla, afinal.

- Viver com Dalanar? Não. - Parecia surpreso com o que ela dissera. - Não foi isso que foi ruim. Ele ficou contente em me ver, recebeu-me bem em sua fogueira, ensinou-me minha ocupação juntamente com Jo playa, tratou-me como adulto... e jamais disse uma palavra a respeito.

- A respeito do quê? Jondalar respirou fundo: - Da razão por que fui mandado para lá - falou, e olhou para a tigela em sua mão.

Enquanto o silêncio crescia, a respiração dos cavalos enchia a caverna, e os ruídos altos do fogo ardendo e estalando ressoavam nas paredes de pedra. Jondalar pousou a tigela e se levantou.

- Sempre fui grande para minha idade e mais amadurecido do que outros de minha idade - começou

ele, atravessando a extensão do espaço vazio ao redor do fogo e voltando novamente. - Amadureci jovem. Não tinha mais de onze anos quando a donii apareceu-me pela primeira vez num sonho... e ela tinha o rosto de Zolena.

Lá estava o nome dela de novo. A mulher que havia significado tanto para ele. Jondalar falara sobre ela, mas apenas brevemente e com tristeza evidente. Ayla não compreendera o que causara tanta angústia nele.

- Todos os jovens a queriam para sua mulher-donii, todos a queriam para ensiná-los. Eles deviam querê-la, ou alguém como ela... - ele se virou e encarou Ayla - . . .mas não se esperava que a amassem! Sabe o que significa apaixonar-se por sua mulher-donii? Ayla sacudiu a cabeça.

- Ela deve lhe mostrar, lhe ensinar, ajudá-lo a compreender a grande Dádiva da Mãe, para prepará-lo quando chegar sua vez de converter uma menina em mulher. Todas as mulheres devem ser mulheres-donii ao menos uma vez, quando são mais velhas, exatamente como todos os homens devem partilhar os Primeiros Ritos de uma jovem, ao menos uma vez. É um dever sagrado em honra de Doni. - Ele abaixou os olhos. - Mas uma mulher-doni representa a Grande Mãe; você não se apaixona, nem a quer como com panheira. - Tornou a levantar os olhos para Ayla. - Entende isso? E É proibido. EÉ como se apaixonar por sua mãe, como querer sua irmã por companheira. Desculpe-me, Ayla. É quase como querer uma cabeça-chata para companheira! Ele se virou e em poucos passos encontrava-se à entrada. Afastou o quebra-vento para um lado, depois curvou os ombros, mudou de idéia e voltou. Sentou-se ao lado dela com o olhar perdido na distância.

- Eu tinha doze anos e Zolena foi minha mulher-donii e eu a amei. E ela me amou. A princípio, era apenas o fato de que ela parecia saber exatamente como

me agradar mas, depois, foi mais. Eu podia falar-lhe sobre qualquer coisa; gostávamos de estar juntos. Ela me ensinou sobre as mulheres, sobre o que lhes agradava e aprendi bem porque a amei e quis agradá-la. Amava satisfazê-la. Não pretendíamos nos apaixonar, nem sequer dissemos um ao outro, no começo. Depois, tentamos guardar segredo. Mas eu a queria para minha companheira. Queria viver com ela, queria que seus filhos fossem filhos da minha fogueira.

Ele pestanejou e Ayla viu uma umidade brilhante nos cantos de seus olhos enquanto ele fitava o fogo.

- Zolena dizia sempre que eu era muito jovem, que ia esquecer. A maioria dos homens tem no mínimo quinze anos, antes de começar a procurar seriamente uma mulher para companheira. Não me sentia jovem de mais, mas não importava o que eu queria. Não podia tê-la. Ela era minha mulher-donii, minha conselheira e professora, e não devia deixar que eu me apaixonasse por ela.

Culparam-na mais do que a mim, porém isso piorou a coisa. Ela não teria sido acusada, de modo algum, se eu não tivesse sido tão estúpido! - exclamou Jondalar, explodindo. - Outros homens também a queriam. Sempre. Quer ela os quisesse ou não. Um a estava sempre importunando...

Ladroman. Ela havia sido sua mulher-donii há alguns anos antes. Imagino que não posso culpá-lo por desejá-la, mas ela não se interessava mais por ele. Ele começou a nos seguir, vigiando-nos.

Então, uma vez, encontrou-nos juntos. Ameaçou-a, disse que, se ela não fosse com ele, contaria a todos sobre nós.

"Ela tentou rir dele, disse para que fosse em frente, não havia nada a contar, ela era apenas minha mulher-donii. Eu devia ter feito o mesmo, mas quando ele caçou de nós com palavras que disséramos em

particular, encolerizei-me. Não... não fiquei zangado apenas. Descontrolei-me e bati nele.

Jondalar afundou o punho no solo ao seu lado, depois outra vez e mais outra.

- Eu não podia parar de bater nele. Zolena tentou deter-me. Finalmente teve que chamar alguém para me afastar. Foi bom ela ter feito isso. Acho que o teria matado.

Jondalar se levantou e começou a caminhar de um lado para o outro novamente.

- Então, tudo veio a público. Cada detalhe sórdido. Ladroman contou tudo, em público... diante de todos. Fiquei constrangido ao descobrir por quanto tempo ele nos vigiara e o quanto ouvira. Zolena e eu fomos interrogados... - corou apenas ao lembrar - . . .e denunciados, mas odiei ela ter sido responsabilizada. O que piorou tudo foi eu ser filho de minha mãe, a líder da Nona Caverna, e eu a desgracei. Toda a caverna estava em tumulto.

- O que ela fez? - perguntou Ayla.

- Fez o que devia. Ladroman estava muito ferido, havia perdido vários dentes. Isso dificultava a mastigação e as mulheres não gostam de homens sem dentes. Minha mãe teve que pagar uma multa enorme por mim, como indenização e, quando a mãe de Ladroman insistiu, ela concordou em me mandar embora.

Ele se calou e fechou os olhos. A testa estava franzida com a dor da recordação.

- Chorei aquela noite. - A confissão era obviamente difícil para ele.

- Eu não sabia para onde iria. Não sabia que mamãe enviara um mensageiro a Dalanar para pedir- lhe para me aceitar.

Ele respirou e continuou: - Zolena partiu antes de mim. Ela sempre se sentira atraída pelas zelandonia, e

se reuniu Aquelas Que Servem a Mãe. Também pensei em servir, talvez como escultor... achei que tinha algum talento para a escultura, naquela época. Mas Dalanar mandou um recado e a próxima coisa que me dei conta foi de Willomar me levando para os Lanzadonii. Eu realmente não conhecia Dalanar. Ele partiu quando eu era criança e só o via nas Reuniões de Verão. Eu não sabia o que esperar, mas Marthona fez o que era certo.

Jondalar parou de falar e se sentou perto do fogo de novo. Então, pegou um galho partido, seco e quebradiço, e juntou-o às chamas.

- Antes de eu viajar, as pessoas me evitavam, insultavam-me - continuou ele. - Algumas afastavam os filhos quando eu estava perto, para que não ficassem expostos à minha má influência, como se olhar para mim os corrompesse. Sei que merecia aquilo, o que fizéramos fora terrível, mas eu queria morrer.

Ayla esperou em silêncio, observando-o. Não compreendia inteiramente os costumes de que ele falava, mas sofria por ele com uma empatia nascida de sua própria dor. Ela também havia desafiado tabus e pago duras conseqüências, mas tirara uma lição disso. Talvez porque ela fosse tão diferente, para começar, havia aprendido a questionar se o que fizera havia sido realmente tão mau.

Ela viera a compreender que não era errado, para ela, caçar com funda ou lança ou qualquer coisa que quisesse, só porque oClã acreditava que era errado as mulheres caçarem, e não se odiava porque enfrentara Broud contra toda tradição.

- Jondalar - falou, sofrendo por ele quando o homem abaixou a cabeça, derrotado, e recriminando-se - você fez uma coisa terrível... - ele concordou com um gesto de cabeça - ...quando espancou um homem. Mas, o que você e Zolena fizeram que era errado? - perguntou.

Ele a encarou, admirado com a pergunta. Havia esperado menosprezo, desdém, o tipo de desprezo que sentia por si próprio.

- Não compreende. Zolena era minha mulher-donii. Desonramos a Mãe. Nós A ofendemos. Foi vergonhoso.

- O que foi vergonhoso? Ainda não sei o que vocês fizeram que foi tão errado.

- Ayla, quando uma mulher assume o aspecto da Mãe, para ensinar a um jovem, tem uma grande responsabilidade. Ela o está preparando para a virilidade, para ser o criador de mulher. Doni fez responsabilidade do homem abrir uma mulher, aprontá-la para receber os espíritos mistos da Grande Mãe Terra, de modo que a mulher possa tornar-se mãe. É um dever sagrado. Não é um relacionamento comum, rotineiro, que qualquer um pode ter em qualquer momento, não é uma coisa a se considerar com negligência - explicou Jondalar.

- Você considerou-a com negligência? - Não! Claro que não! - Então, o que fez de errado? - Profanei um rito sagrado. Apaixonei-me...

- Apaixonou-se. E Zolena se apaixonou. Por que isso era errado? Esses sentimentos não o fazem sentir-se bem e animado? Não planejou isso. Aconteceu apenas. Não é natural se apaixonar por uma mulher? - Mas não essa mulher - protestou Jondalar. - Você não compreende.

- Tem razão, não compreendo. Broud me forçou. Foi cruel e odioso, e foi isso que deu prazer a ele. Depois você me ensinou o que os prazeres deveriam ser, não dolorosos, mas excitantes e bons.

Amar você também me faz sentir bem e animada. Pensei que o amor sempre fazia a pessoa se sentir assim, mas agora você me diz que pode ser errado amar alguém, e pode causar grande sofrimento.

Jondalar pegou outro pedaço de lenha e o colocou no fogo. Como fazê-la entender? Você pode amar sua mãe também, mas não quer que seja sua companheira, e não quer que sua mulher-donii tenha os filhos de sua fogueira. Ele não sabia o que dizer, mas o silêncio era forçado.

- Por que deixou Dalanar e voltou? - perguntou Ayla após algum tempo.

- Minha mãe mandou-me... não, foi mais que isso. Eu queria voltar. Por melhor que Dalanar fosse para mim, por mais que eu gostasse de Jerika e de meu primo, Joplaya, não era o meu lar. Eu não sabia se podia regressar um dia. Estava muito preocupado com minha volta, mas queria ir. Jurei nunca mais me descontrolar, jamais me encolerizar outra vez.

Ficou contente por ir para casa? - Não era a mesma coisa mas, depois dos primeiros dias, foi melhor do que eu imaginava. A família de Ladroman deixara a Nona Caverna e, sem ele lá para lembrar a todos, as pessoas esqueceram o caso. Não sei o que eu teria feito se ele ainda estivesse lá. Era bem terrível nas Reuniões de Verão. Todas as vezes que o via, lembrava-me da desgraça. Houve muito falatório quando Zolena voltou um pouco mais tarde. Eu tinha medo de revê-la, mas queria fazer isso. Não podia evitar, Ayla, mesmo depois de tudo aquilo, acho que ainda a amava. - Seu olhar suplicava compreensão.

Ele se levantou de novo e começou a andar de um lado para o outro.

- Mas ela havia mudado muito. Já havia subido nas categorias das zelandonia. Era realmente Uma Que Serve a Mãe. Não quis acreditar, no início. Queria ver o quanto ela mudara, ver se sentia alguma coisa por mim, ainda. Queria estar sozinho com ela, e planejei como fazer isso. Esperei até o festival seguinte para Honrar a Mãe. Ela devia ter adivinhado. Tentou evitar-me, depois

mudou de idéia. Algumas pessoas ficaram escandalizadas no dia seguinte, embora fosse inteiramente adequado partilhar prazeres com ela num festival. - Ele riu com desdém. - Não precisavam preocupar-se. Ela disse que ainda se importava comigo, queria o melhor para mim, mas não era a mesma coisa. Não me desejava mais, realmente.

"A verdade e disse ele com amarga ironia - que ela se importa comigo, acho. Somos bons amigos agora, mas Zolena sabia o que queria... e conseguiu-o. Não é Zolena agora. Antes de eu iniciar minha jornada, ela se tornou Zelandoni, Primeira entre Aquelas Que Servem a Mãe. Parti com Thonolan pouco depois. Creio que foi por isso que parti.

Caminhou para a entrada de novo e ficou lá, de pé, olhando para fora, por cima da parte superior do protetor contra ventos consertado. Ayla ergueu-se e se reuniu a ele. Ela fechou os olhos, sentindo o vento no rosto, e ouviu a respiração uniforme de Whinney e a mais nervosa de Racer. Jondalar respirou fundo, depois voltou e se sentou em uma esteira perto do fogo, mas não fez menção de dormir. Ayla o seguiu, pegou a grande sacola de água e virou um pouco numa cesta de cozinhar.

Depois, colocou algumas pedras no fogo para esquentar. Ele não parecia pronto para dormir ainda.

Não terminara.

- A melhor coisa ao voltar para casa foi Thonolan - disse ele, retomando o fio da história. - Ele crescera enquanto eu estava fora, e depois que voltei nos tornamos bons amigos e começamos a fazer muitas coisas juntos...

Jondalar se interrompeu e seu rosto se encheu de tristeza. Ayla recordou como a morte do irmão fora dura para ele. Ele se curvou ao lado dela, os ombros vergados, esgotado e exausto, e ela compreendeu que

provação fora, para ele, falar sobre o passado. Ela não estava certa sobre o que provocara o assunto, sabia que alguma coisa estivera crescendo dentro dele.

- Ayla, ao voltar, acha que podemos encontrar... o lugar onde Thonolan foi... morto? - perguntou ele, virando-se para ela, os olhos brilhantes e a voz trêmula.

- Não estou segura, mas podemos tentar. - Ela acrescentou mais pedras à água e pegou ervas calmantes.

De repente, ela se lembrou, com toda a preocupação e medo que sentira então, da primeira noite de Jondalar na caverna, quando não tinha certeza se ele viveria. Ele havia chamado o irmão e, embora ela não houvesse compreendido as palavras, entendeu que queria ver o homem que estava morto.

Quando ela o fez compreender, afinal, ele passara sua dor torturante nos braços dela.

- Naquela primeira noite, sabe quanto tempo fazia que eu chorava? - perguntou ele, surpreendendo-a, quase como se soubesse o que ela estivera pensando mas, depois, ele andara falando sobre Thonolan. - Não chorava desde então, desde que minha mãe me disse que eu tinha que ir em bora. Ayla, por que ele teve que morrer? - disse, com voz suplicante, tensa.

- Thonolan era mais jovem que eu! Não devia ter morrido tão novo! Eu não podia suportar saber que ele morrera. Depois que comecei, parecia incapaz de parar. Não sei o que teria feito se você não estivesse aqui, Ayla. Nunca lhe disse isso antes. Acho que estava envergonhado porque... porque perdi o controle de novo.

- Não há vergonha na dor, Jondalar... ou no amor.

Ele desviou o olhar dela.

- Acha que não? - A voz dele tinha um vislumbre de desprezo por si mesmo. - Mesmo quando você o usa em seu benefício e magoa outra pessoa? Ayla franziu a testa, intrigada.

Ele se virou e encarou o fogo novamente.

- No verão, depois que regressei, fui escolhido na Reunião de Verão para Primeiros Ritos. Fiquei preocupado, a maioria dos homens fica. Você se preocupa em machucar uma mulher, e não sou um homem pequeno. Há sempre testemunhas para verificar que uma moça foi aberta, mas também para ver se não foi machucada, realmente. Você se preocupa porque, talvez, não será capaz de provar sua virilidade, e terão que encontrar outro homem no último instante, e você ficará envergonhado.

Podem acontecer muitas coisas. Tenho que agradecer a Zelandoni. - Seu riso era sarcástico. - Ela fez exatamente o que uma mulher-donii deve fazer. Ela me aconselhou... e ajudou-me.

"Mas, pensei em Zolena naquela noite, não na Zelandoni que ela de sejava ser. Então, vi a garota assustada e compreendi que ainda estava mais preocupada do que eu. Realmente, ela ficou com medo quando me viu pronto, pleno. Muitas mulheres ficam, na primeira vez. Mas lembrei-me do que Zolena me ensinou, como fazê-la ficar pronta, como limitar-me e controlar-me, como lhe dar prazer. O resultado foi maravilhoso, porque a vi mudar de garota assustada para uma mulher entregue, desejosa. Ela ficou tão grata, e tão amorosa... senti que a amei, naquela noite.

Fechou os olhos, a testa com a ruga de dor que Ayla havia visto tanto, recentemente. Depois, tornou a erguer-se de um salto e a caminhar para lá e para cá.

- Nunca aprendo! No dia seguinte, eu sabia que não a amava, realmente, mas ela me amava! Ela não devia se apaixonar por mim, mais do que eu devia apaixonar-me por minha mulher-doni.

Devia torná-la mulher, ensinar-lhe sobre os prazeres, não fazer com que me amasse. Tentei não ferir

seus sentimentos, mas pude notar seu desapontamento quando a fiz compreender, afinal.

Ele voltava da abertura da caverna com passos largos, e deteve-se diante da jovem, e quase gritou para ela.

- Ayla, é um ato sagrado fazer de uma menina, uma mulher, um dever, uma responsabilidade, e cometi nova profanação! - Começou a andar. - Não foi a última vez. Disse a mim mesmo que jamais faria aquilo novamente, mas aconteceu do mesmo jeito na vez seguinte. Prometi a mim mesmo que não aceitaria mais o papel, não o merecia. Mas da próxima vez que me escolheram, não pude dizer não. Eu o queria. Escolheram-me com frequência e comecei a esperar por aquilo, pelos sentimentos de amor e afeto naquela noite, embora eu me odiasse no dia seguinte por usar as jovens mulheres e o rito sagrado da Mãe em meu benefício.

Ele parou e se agarrou a um dos suportes da armação de secar ervas de Ayla, e abaixou os olhos para ela.

- Mas, depois de dois anos, compreendi que algo estava errado e soube que a Mãe me castigava.

Os homens da minha idade encontravam companheiras, fixavam-se, exibiam os filhos de suas fogueiras. Mas eu não conseguia encontrar uma mulher para amar assim. Conheci muitas mulheres. Gostava delas por sua companhia e seus prazeres, mas somente senti amor quando não devia, nos Primeiros Ritos... e somente naquela noite - curvou a cabeça.

Ele levantou os olhos, surpreso, quando ouviu um riso suave.

- Oh, Jondalar! Mas você amou. Você me ama, não ama? Não com preende? Não estava sendo punido, esperava por mim. Eu lhe disse que meu totem o guiou a mim, talvez a Mãe também o tenha feito, mas você teve que percorrer um longo caminho. Teve que esperar. Se

tivesse amado antes, nunca teria vindo. Nunca me teria encontrado.

Aquilo podia ser verdade? perguntou-se ele. Queria acreditar que sim. Pela primeira vez, em anos, sentiu o fardo, que pesava sobre seu espírito, mais leve e uma expressão de esperança atravessou-lhe o rosto.

- E Zolena, minha mulher-donii? - Acho que não foi errado amá-la, mas mesmo que tenha sido contra seus costumes, você foi punido, Jondalar. Foi mandado embora. Está acabado agora. Não precisa ficar recordando isso, castigando-se - Mas, as jovens nos Primeiros Ritos, que...

A expressão de Ayla endureceu.

- Jondalar, sabe como é terrível ser forçada, a primeira vez? Sabe o que é odiar e ter que suportar o que não é um prazer, mas uma coisa dolorosa e feia? Talvez você não devesse se apaixonar por aquelas mulheres, mas deve ter sido um sentimento maravilhoso para elas serem tratadas gentilmente, sentir os prazeres que você sabe dar tão bem, e se sentirem amadas na primeira vez. Se deu a elas mesmo um pouco do que me deu, então, deu a elas uma bela lembrança para levarem consigo a vida inteira. Oh, Jondalar, você não magoou as jovens. Fez exatamente o que era certo.

Por que acha que foi escolhido tantas vezes? O fardo de vergonha e desprezo por si próprio que ele havia carregado no fundo de si mesmo durante tanto tempo começou a desaparecer. Pensou que talvez existisse uma razão para sua vida, que suas experiências dolorosas da infância tinham algum propósito. Na catarse da confissão, ele viu que talvez suas ações não tivessem sido tão desprezíveis quanto imaginara, que talvez ele fosse útil - e queria ser útil.

Mas a bagagem emocional que arrastara consigo durante tanto tempo era difícil de desfazer. Sim, afinal, havia encontrado uma mulher para amar, e era verdade

que ela era tudo que ele sempre quisera, mas e se a levasse para casa e ela dissesse a alguém que fora criada por cabeças-chatas? Ou pior, que tinha um filho misto? Uma abominação? Seria ele insultado, novamente, juntamente a ela, por trazer uma mulher assim? Corou sob o pensamento.

Era justo para ela? E se a desprezassem e a injuriassem? E se ele não ficasse ao lado dela? E se deixasse que eles se comportassem assim? Estremeceu. Não, pensou. Ele não os deixaria fazer tal coisa a Ayla. Ele a amava. Mas, e se deixasse? Por que Ayla era a mulher que ele encontrara para amar? Sua explicação parecia simples demais.

Sua crença de que a Grande Mãe o estava punindo por seu sacrilégio não podia ser deixada de lado tão facilmente. Talvez Ayla tivesse razão, talvez Doni o houvesse conduzido até ela, mas será que não era um castigo que aquela bela mulher que ele amava não fosse mais aceitável para seu povo, do que a primeira mulher que ele amara? Será que não era ironia que aquela mulher que ele encontrara, afinal, fosse uma pária, que dera à luz uma abominação? Mas os Mamutoi tinham crenças semelhantes e não expulsaram Ayla. O Acampamento do Leão ia adotá-la, mesmo sabendo que ela fora criada pelos cabeças-chatas. Até tinham acolhido uma criança mista. Talvez ele não devesse tentar levá-la para casa. Talvez ela fosse mais feliz se ficasse.

Talvez ele devesse ficartambém, deixar que Tulie o adotasse e se tornar um Mamutoi. Sua testa se enrugou. Mas ele não era Mamutoi. Era Zelandonii. Os Mamutoi eram boas pessoas e seus costumes eram semelhantes, mas não eram o seu povo. O que ele podia oferecer a Ayla ali? Não tinha parentesco nem família entre aquelas pessoas. Mas, o que ele podia lhe oferecer se a levasse para casa? Estava indeciso entre tantos caminhos que,

de repente, se sentiu exausto. Ayla viu seu rosto flácido, os ombros curvados.

- É tarde, Jondalar. Beba um pouco disto e vamo-nos deitar - disse ela entregando-lhe uma xícara.

Ele concordou com um gesto de cabeça, tomou a bebida quente, tirou as roupas e arrastou-se para as peles. Ayla deitou-se ao lado dele, observando-o até as rugas de sua testa desaparecerem e sua respiração se tornar profunda e regular, mas o sono demorou mais a chegar para ela. A infelicidade de Jondalar a perturbou. Ela ficou contente por ele lhe ter contado sobre si mesmo e sua vida quando mais jovem. Ela acreditava, havia muito tempo, que alguma coisa no fundo dele lhe causava grande angústia, e talvez falar a respeito aliviasse parte de seu sofrimento. Mas alguma coisa ainda o incomodava. Ele não lhe contara tudo, e ela se sentia inquieta ao pensar nisso.

Ficou acordada, tentando não perturbá-lo, desejando dormir. Quantas noites havia passado sozinha naquela caverna, incapaz de dormir? Então, lembrou-se do manto. Escorregando silenciosamente para fora da cama, vasculhou sua trouxa e pegou um pedaço velho de couro macio, e encostou-o ao rosto. Era uma das poucas coisas que ela trouxera do entulho da caverna do Clã, antes de partir. Ela o usara para ajudar a carregar Durc quando bebê, e para sustentá-lo sobre seu quadril quando era um pouco maior. Ela não sabia por que trouxera o pedaço de couro. Não fora necessidade, contudo, mais de uma vez, quando estava sozinha, ela se havia em balado com ele para dormir. Mas não desde a chegada de Jondalar.

Ela enrolou o couro velho e macio em uma bola, colocou-a sobre o ventre e enrolou-se nela.

Depois, fechou os olhos e foi dormir.

- É muita coisa, mesmo com o travois e cestas sobre Whinney. Preciso de dois cavalos para levar tudo isto! -

exclamou Ayla, examinando a pilha de trouxas e objetos bem amarrados que desejava levar consigo. - Terei que deixar mais coisas aqui, mas já examinei tudo tantas vezes, não sei mais o que abandonar. - Olhou ao redor, tentando encontrar alguma coisa que lhe desse uma idéia para a solução do seu dilema.

A caverna parecia abandonada. Tudo que era útil e que não iam levar fora colocado de volta aos buracos de estocagem e montes de pedras, só para o caso de quererem voltar, um dia, embora nenhum dos dois acreditasse que o fizessem. Tudo o que estava à vista era uma pilha de refugos.

Até o suporte de secar ervas de Ayla se encontrava vazio.

- Você tem dois cavalos. É pena que não possa usar ambos - disse Jondalar, vendo os dois animais em seu lugar, perto da entrada, mascando feno.

Ayla examinou os cavalos, especulativamente. O comentário de Jondalar a fizera pensar.

- Ainda penso nele como o filhote de Whinney, mas Racer está quase tão grande quanto a mãe.

Talvez ele possa levar uma carga pequena.

Jondalar se interessou imediatamente.

- Tenho me perguntado quando ele seria bastante grande para fazer algumas das coisas que Whinney faz, e como você o ensinaria a fazê-las. Quando montou Whinney pela primeira vez? E o que fez você pensar nisso, em primeiro lugar? Ayla sorriu.

- Eu só estava correndo com ela, um dia, desejando poder correr mais rapidamente e, de súbito, ocorreu-me a idéia. Ela ficou um pouco assustada no começo e galopou, mas me conhecia. Quando se cansou, parou e não pareceu se importar. Foi maravilhoso! Era correr como o vento! Jondalar a observava enquanto ela recordava sua primeira cavalgada, os olhos brilhando e a respiração ofegante com a excitação da lembrança. Ele

se sentira da mesma maneira quando Ayla o deixou montar Whinney pela primeira vez, e ele partilhou a sua excitação. Foi tomado de um repentino desejo por ela. Nunca deixava de se surpreender por ser capaz de, tão fácil e inesperadamente, ser levado a querê-la. Mas, o pensamento de Ayla estava em Racer.

- Pergunto-me quanto tempo levaria para ele se acostumar a carregar alguma coisa. Eu montava Whinney antes de começar a fazê-la carregar alguma coisa, ou seja, não levou muito tempo. Mas, se ele comesse com um pequeno fardo, talvez se habituasse mais depressa a levar um cavaleiro mais tarde. Vejamos se encontro alguma coisa com que treinar.

Ela vasculhou a pilha de refugo, tirando peles, algumas cestas, pedras extras que usava para lixar tigelas e ferramentas de britar sílex, e as varetas que marcara para saber quantos dias passara no vale.

Fez uma pausa, um instante, segurando uma vareta, e colocou cada dedo de uma das mãos sobre as primeiras marcas, como Creb lhe havia mostrado tanto tempo atrás. Ela engoliu em seco pensando em Creb. Jondalar havia usado as marcas nas varetas para confirmar o tempo que ela estivera ali, e para ajudá-la a colocar, em suas palavras de contagem, o número de anos de sua vida. Tinha dezessete anos então, no início do verão; no fim do inverno ou primavera, teria mais um ano. Ele havia dito que tinha 21 anos, e rindo, se chamou de velho. Ele iniciara sua jornada há três anos antes, na mesma época em que ela deixara o Clã.

Ela reuniu tudo e se dirigiu para fora, assobiando para que Whinney e Racer seguissem-na. No campo, ambos passaram algum tempo alisando e coçando o potro. Depois, Ayla pegou um couro.

Deixou que o animal o cheirasse e mastigasse, e esfregou-o com ele. Em seguida, colocou-o sobre seu lombo, e deixou-o pender. O potro agarrou a ponta do

couro com os dentes e puxou-o, depois entregou-o a Ayla para brincar um pouco mais. Ela tornou a colocar o couro em seu dorso. Da vez seguinte, Jondalar colocou o couro sobre o lombo do animal, enquanto Ayla pegou uma longa tira de couro enroscada e se ocupou com ela, fazendo alguma coisa. Colocaram o couro sobre Racer e deixaram que o puxasse mais algumas vezes. Whinney relinchou, bufou, observando com interesse, e recebeu alguma atenção também.

Da vez seguinte em que Ayla colocou o couro sobre Racer, pôs também uma longa tira de couro, estendeu a mão sob o potro para agarrar a ponta solta, e amarrou o couro com ela. Desta vez, quando Racer foi puxar o couro com os dentes, ele não saiu imediatamente. A princípio, ele não gostou e tentou tirá-lo corcoveando, mas depois encontrou uma ponta solta e começou a arrancá-la com os dentes até puxá-la de sob a tira. Pôs-se a deslocá-la com os dentes até desatá-la. Pegou o couro com os dentes e deixou-o cair aos pés de Ayla, depois arrancou atira. Ayla e Jondalar riram, enquanto Racer empinava, a cabeça erguida, parecendo orgulhoso de si mesmo.

O potro permitiu que Jondalar amarrasse o couro nele de novo e caminhou com ele no dorso, antes de começar a brincar de puxá-lo e tirá-lo. Então, parecia estar perdendo o interesse. Ayla amarrou o couro sobre ele de novo e o potro deixou-o ficar enquanto ela o acariciava e lhe falava. Depois, ela estendeu a mão para o mecanismo de treinamento que havia construído, duas cestas amarradas juntas, de modo que pendessem de ambos os lados, com pedras para adicionar peso, e varas projetando-se como as extremidades dianteiras de paus de travois.

Ela o colocou ao longo do dorso de Racer. Ele abaixou as orelhas e virou a cabeça para olhar. Não estava acostumado com peso sobre o dorso, mas tinha

sido dirigido e puxado tantas vezes em sua vida, que estava habituado a sentir alguma pressão e peso. Não era uma experiência totalmente estranha, porém, mais importante, ele confiava na mulher, e sua mãe também. Ela deixou o carregador de cestas no local enquanto acariciava e coçava e falava com o potro e, depois, tirou-o com a tira e o couro. Ele o cheirou de novo, depois ignorou-o.

- Talvez tenhamos que ficar um dia a mais para que ele se acostume, e ainda repetirei tudo mais uma vez, mas acho que dará certo - disse Ayla, sorrindo de prazer enquanto voltavam a pé à caverna. - Talvez não puxe uma carga sobre paus, como Whinney faz, mas acho que Racer poderá carregar alguma coisa sobre o dorso.

- Só espero que o tempo permaneça bom por mais alguns dias - disse Jondalar.

- Se não tentarmos cavalgar, podemos colocar um feixe de feno onde sentamos, Jondalar. Eu o amarrei bem firme - disse Ayla, gritando para o homem que dava uma última busca à procura de pedras-de-fogo na praia rochosa, abaixo. Os cavalos também estavam na praia. Whinney, equipada com a carga do travois e cestas além de um fardo volumoso coberto de pele em sua anca, esperava pacientemente. Racer estava mais arisco em relação às cestas penduradas em seus flancos, e o pequeno fardo amarrado sobre seu dorso. Ainda não estava acostumado a carregar qualquer carga, mas o cavalo de estepe era a raça original, um cavalo robusto, resistente, acostumado a viver no deserto e excepcionalmente forte.

- Pensei que fosse trazer cereal para eles. Por que quer feno? Há mais capim lá fora do que todos os cavalos podem comer.

- Mas quando neva muito ou, pior, quando o gelo forma uma crosta na superfície, é difícil para eles chegar ao capim, e cereal demais pode fazê-los inchar. É bom

ter suprimento de feno à mão para alguns dias. Os cavalos podem morrer de fome no inverno.

- Você não deixaria aqueles cavalos morrerem de fome, mesmo se tivesse que quebrar o gelo e cortar o capim você mesma, Ayla - disse Jondalar com uma risada- mas não me importo de andarmos ou montarmos.

- Seu sorriso desapareceu ao levantar os olhos para o céu azul-claro. - De qualquer maneira, levaremos mais tempo para voltar do que levamos para chegar aqui, com os cavalos carregados como estão.

Segurando na mão mais três pedaços das pedras de aparência inócua, Jondalar começou a subir a trilha escarpada para a caverna. Quando chegou à entrada, encontrou Ayla de pé, fixando o interior com lágrimas nos olhos. Ele colocou as pintas numa bolsa perto de sua mochila e, em seguida, foi ficar de pé ao lado dela.

- Este era o meu lar - disse ela, vencida pela perda quando a finalidade da mudança lhe ocorreu.

- Este era o meu lugar. Meu totem me conduziu para cá, deu-me um sinal. - Estendeu a mão para a bolsinha de couro que usava em volta do pescoço. - Eu estava só, mas fiz o que queria fazer aqui, e o que tinha que fazer. Agora, o Espírito do Leão da Caverna quer que eu vá embora.

- Ergueu os olhos para o homem alto, ao seu lado. - Acha que voltaremos, um dia? - Não - respondeu ele. Havia um tom de depressão em sua voz. Ele olhava a pequena caverna, mas via outro local e outra época. - Mesmo se voltar ao mesmo local, não é o mesmo.

- Então, por que você quer voltar agora, Jondalar? Por que não ficar aqui, tornar-se um Mamutoi? - Não posso ficar. É difícil de explicar. Sei que não será o mesmo local, mas os Zelandonii são meu povo. Quero mostrar-lhes as pedras-de-fogo. Quero mostrar-lhes como caçar com o arremessador de lanças. Quero que vejam o que pode ser feito com o sílex que foi aquecido.

Todas estas coisas são importantes e valiosas e podem trazer muitos benefícios. Quero que meu povo as conheça. - Abaixou o olhar para o solo e sua voz era um sussurro: - Quero que me vejam e achem que valho a pena.

Ela observou os olhos perturbados, expressivos, e desejou poder remover o sofrimento que via ali.

- O que eles pensam é tão importante? Não é mais importante você saber que tem valor? - disse ela.

Então, recordou que o Leão da Caverna era seu totem também, escolhido pelo Espírito do animal poderoso exatamente como ela havia sido. Sabia que não era fácil viver com um totem poderoso, os testes eram difíceis, mas as dádivas e o saber interior sempre valiam a pena. Creb lhe havia dito que o Grande Leão da Caverna nunca escolhia alguém que não valesse a pena.

Em vez da mochila menor, de um só ombro dos Mamutoi, colocaram sacos de viagem pesados, semelhantes ao que Jondalar usara antes, destinados ao uso sobre as costas, com tiras de couro sobre os ombros. Certificaram-se que os capuzes de suas parkas estavam livres para serem colocados ou tirados. Ayla havia acrescentado correias presas à testa, que podiam ser usadas para apoio adicional, se quisessem, embora em geral ela dispensasse a correia em favor do uso da sua funda enrolada ao redor da cabeça. Seu alimento, materiais para acender um fogo, tenda e peles de dormir estavam guardados dentro.

Jondalar também carregava dois nódulos de sílex, de bom tamanho, escolhidos cuidadosamente entre vários que encontrara na praia, e uma bolsa cheia de pedras-de-fogo. Numa alça presa ao seu flanco, ambos carregavam lanças e arremessadores de lanças. Ayla levava várias pedras de atirar em uma bolsa e, sob a parka, presa a uma tira de couro que amarrava ao redor

da túnica, estava sua sacola de remédios de pele de lontra.

O feno que Ayla havia convertido num fardo redondo, encontrava-se amarrado à égua. Ela fez uma avaliação crítica dos dois animais, verificando suas pernas, postura, conduta para ter certeza de que não estavam sobre carregados. Com um último olhar do alto da trilha escarpada, começaram a descer o vale extenso. Whinney seguindo Ayla, Jondalar puxando Racer por uma corda.

Atravessaram o riacho perto das alpondras. Ayla pensou em retirar parte da carga de Whinney para facilitar-lhe a subida da encosta de cascalho, mas a égua robusta o fez sem grande dificuldade.

Uma vez no alto das estepes ocidentais, Ayla seguiu um caminho diferente do da vinda. Ela fez uma curva errada, depois retrocedeu, até encontrar o que procurava.

Por fim, alcançaram um desfiladeiro emparedado, salpicado por grandes pedras pontiagudas, que tinham sido aparadas de muralhas de granito cristalino pelo gume cortante do gelo, do calor e do tempo. Observando Whinney em busca de sinais de nervosismo - o desfiladeiro fora, antes, lar de leões da caverna - avançaram, atraídos para a encosta de cascalho solto na extremidade distante.

Quando Ayla os encontrara, Thonolan já estava morto e Jondalar gravemente ferido. Exceto por um pedido ao Espírito do Leão da Caverna para guiar o homem para o outro mundo, ela não tivera tempo para ritos fúnebres, mas não podia deixar o corpo exposto aos animais predatórios. Ela o arrastara até a extremidade, pegando sua lança pesada, do tipo usado pelos homens do Clã, empurrou para o lado uma rocha que reprimia um acúmulo de pedras soltas. Ela se angustiara quando o cascalho cobriu o corpo ensangüentado, sem vida, de

um homem que ela não conhecia, e agora, jamais conheceria; um homem como ela, um homem dos Outros.

Jondalar ficou de pé na base da encosta desejando que houvesse alguma coisa que ele pudesse fazer para reconhecer o local onde seu irmão fora enterrado, Talvez Doni já houvesse encontrado, desde que Ela o chamou para Si tão cedo, mas ele sabia que Zelandoni tentaria encontrar este local de descanso do espírito de Thonolan, e guiá-lo, se pudesse. Mas, como ele poderia dizer a ela onde era o local? Ele nem sequer pudera encontrá-lo.

- Jondalar? - disse Ayla. Ele olhou para ela e reparou que ela tinha uma bolsinha de couro na mão. - Você me disse que seu espírito deveria voltar para Doni. Não conheço os meios da Grande Mãe Terra, só conheço o mundo espiritual dos totens do Clã. Pedi ao meu Leão da Caverna para guiá-lo até lá. Talvez seja o mesmo local, ou talvez sua Grande Mãe saiba sobre esse local, mas o Leão da Caverna é um totem poderoso e seu irmão não está sem proteção.

- Obrigado, Ayla. Sei que fez o melhor que pôde.

- Talvez você não compreenda, exatamente como não compreendo Doni, mas o Leão da Caverna é seu totem também, agora. Ele escolheu você, como me escolheu, e marcou você, como me marcou.

- Você me disse isso antes. Não estou certo do que significa.

- Ele tinha que escolher você, quando o escolheu para mim, Somente um homem com um totem do Leão da Caverna é bastante forte para uma mulher com um totem do Leão da Caverna, mas existe alguma coisa que você deve saber. Creb sempre me dizia que não é fácil viver com um totem poderoso. Seu Espírito testará você, para saber se você tem valor. Será muito difícil, mas você ganhará mais do que sabe. - Ela ergueu a bolsinha.

- Fiz um amuleto para você. Não precisa usá-lo à volta do pescoço, como eu faço, mas deve guardá-lo com você. Coloquei um pedaço de ocre vermelho nele, assim poderá conservar uma parte do seu espírito e uma parte do seu totem, mas acho que seu amuleto devia conter mais uma coisa.

Jondalar franziu a testa. Não queria ofendê-la, mas não estava certo de querer aquele amuleto do totem do Clã.

- Acho que devia pegar um pedaço de pedra do túmulo de seu irmão. Uma parte do seu espírito ficará com ele, e você pode levar a pedra de volta a seu povo.

As rugas de consternação se aprofundaram na testa dele. Depois, de repente, desapareceram. Claro! Aquilo talvez ajudasse Zelandoni a encontrar aquele local em um transe. Talvez os totens do Clã valessem mais do que imaginava. Afinal, Doni não criara os espíritos de todos os animais? - Ayla, como sabe exatamente o que fazer? Como aprendeu tanto onde cresceu? Sim, guardarei isto e porei uma pedra do túmulo de Thonolan na bolsinha - disse ele.

Olhou para a subida íngreme de cascalho solto, contra a muralha em um equilíbrio tênue, criada pelas mesmas forças que partiram os blocos e lâminas de pedra das partes laterais escarpadas do desfiladeiro. De repente, uma pedra, cedendo lugar à força cósmica da gravidade, rolou entre outras e caiu aos pés de Jondalar. Ele a pegou. A primeira vista, parecia ser igual aos outros pedaços pequenos de granito partido e rocha sedimentar. Mas quando a virou, ficou surpreso ao ver uma opalescência brilhante onde a pedra se quebrara. Luzes vermelhas faiscantes cintilavam do centro da pedra branca leitosa, e riscas vivas de azuis e verdes dançavam e resplandeciam ao sol enquanto ele a virava de um lado para o outro.

- Ayla, veja isto - disse ele, mostrando-lhe o pequeno pedaço de opala. - Você jamais adivinharia, pensaria que era somente uma pedra comum, mas veja aqui, onde foi partida. As cores parecem vir do fundo, e são muito vivas. Parece quase ter vida.

- Talvez tenha, ou talvez seja uma parte do espírito de seu irmão - respondeu ela.

Capítulo 16

Um redemoinho de ar frio enroscou-se sob a beira da tenda baixa; um braço exposto foi trazido, rapidamente, para debaixo de uma pele. Uma brisa cortante assobiou através da abertura; uma ruga de preocupação vincou uma testa adormecida. Uma rajada atingiu a borda da abertura com um estalo agudo e balançou-a para diante e para trás, abrindo caminho para correntes de ar que rugiam e que despertaram completamente Ayla e Jondalar, no mesmo instante. Jondalar amarrou a ponta solta embaixo, mas o vento, aumentando firmemente com a progressão da noite, tornou o sono inquieto e intermitente enquanto arquejava e gemia, arfava e uivava ao redor do pequeno abrigo de couro.

De manhã, lutaram para dobrar o couro da tenda sob o vento tempestuoso e prepararam-se rapidamente, não se dando o trabalho de acender uma fogueira. Em vez disso, beberam água fria do riacho gelado e próximo e comeram alimentos trazidos para a viagem. O vento diminuiu no meio da manhã, mas havia uma tensão na atmosfera que os fez duvidar de que o pior havia passado.

Quando o vento recomeçou, perto do meio-dia, Ayla notou um aroma novo, quase metálico no ar, mais como uma ausência de odor, do que um odor verdadeiro. Ela fungou, voltando a cabeça, testando, avaliando.

- Há neve no vento - gritou Ayla para ser ouvida acima do rugido.

- Posso cheirá-la.

- O que disse? - perguntou Jondalar, mas o vento fustigou suas palavras e Ayla compreendeu seu significado, mais pelas formas que sua boca tomou

quando ele falou, do que por ouvi-lo. Ela parou para deixá-lo ficar ao seu lado.

- Posso sentir o cheiro da neve a caminho. Temos que encontrar um lugar onde nos abrigarmos antes de ela chegar - disse Ayla, examinando a extensão ampla, plana, com olhar preocupado. - Mas, onde encontraremos abrigo aqui? Jondalar estava igualmente preocupado enquanto observava as estepes vazias. Depois, se lembrou do riacho quase congelado perto do local onde tinham acampado na noite anterior. Eles não tinham atravessado, o riacho ainda se encontrava à sua esquerda, não importava quanto serpenteasse. Ele se esforçou para ver através da nuvem de poeira, mas nada estava claro. De qualquer maneira, ele se virou para a esquerda.

- Vamos tentar encontrar aquele riacho - falou. - Talvez haja árvores ou margens altas ao longo dele, que nos darão alguma proteção. - Ayla concordou com um gesto de cabeça, seguindo-o. Whinney tampouco protestou.

A qualidade sutil no ar que a mulher havia detectado, e pensado que era odor da neve, fora um aviso preciso. Pouco tempo depois, uma peneira clara pulverulenta redemoinhou e soprou em um padrão errático, definindo e dando forma ao vento. Imediatamente, deu lugar a flocos maiores que dificultaram ainda mais a visibilidade.

Mas quando Jondalar pensou ter visto o contorno de formas indistintas erguendo-se à frente, e parou para tentar decifrá-las, Whinney avançou e todos seguiram seu comando. As árvores curvadas e um anteparo de moita cerrada marcavam a extremidade de uma cascata. O homem e a mulher podiam agachar-se atrás delas, mas a água continuou descendo a corrente, até alcançarem uma curva onde a água havia penetrado fundo numa margem de solo firme. Lá, ao lado da

ribanceira baixa, fora da força total do vento, Whinney instigou o potro e ficou de pé no exterior para protegê-lo.

Ayla e Jondalar retiraram depressa os fardos dos animais e armaram sua pequena tenda quase sob os pés da égua. Depois, arrastaram-se para dentro para esperar a tempestade.

Mesmo no abrigo da margem, fora da força direta do vento, a tempestade ameaçava-os. O vendaval atreador soprava de todas as direções ao mesmo tempo, e parecia determinado a encontrar um meio de entrar. Teve sucesso, muitas vezes. Correntes de ar e rajadas penetraram sob as beiradas ou passaram através de rachaduras no couro que cobria a entrada, ou pelo buraco para saída da fumaça, onde sua cobertura era amarrada, muitas vezes trazendo neve. A mulher e o homem rastejavam sob as peles para se manterem aquecidos, e falavam. Incidentes de sua infância, histórias, lendas, pessoas que conheceram, costumes, idéias, sonhos, esperanças. Jamais pareciam deixar de ter coisas para dizer.

Quando a noite chegou, partilharam os prazeres e depois dormiram. Num momento, no meio da noite, o vento parou de atacar a tenda.

Ayla acordou e jazeu com os olhos abertos, examinando o interior obscuro, combatendo um pânico crescente. Ela não se sentia bem, tinha dor de cabeça, e a imobilidade abafada pesava no ar viciado da tenda. Alguma coisa estava errada, mas ela não sabia o que era. Sentia que a situação era familiar, ou uma lembrança, como se ela já houvesse estado ali antes, mas não exatamente isso. Era mais como um perigo que devia reconhecer. Mas o quê? De repente, não suportou mais e sentou-se, puxando as cobertas quentes do homem deitado ao seu lado.

- Jondalar! Jondalar! - Ela o sacudiu, mas não precisava fazê-lo. Ele acordou no momento em que ela se sentou de um salto.

- Ayla! O que é? - Não sei, alguma coisa está errada! - Não vejo nada errado - disse ele. Não via, mas alguma coisa, obviamente, incomodava Ayla.

Ele não estava habituado a vê-la tão perto do pânico. Em geral ela era tão calma, tão completamente controlada, mesmo quando se encontrava em perigo iminente. Nenhum predador de quatro patas era capaz de trazer um terror tão abjeto aos seus olhos. - Por que acha que há alguma coisa errada? - Tive um sonho. Estava em um lugar escuro, mais escuro do que a noite, e eu estava com asfixia, Jondalar. Não podia respirar! Uma expressão conhecida de preocupação se espalhou pelo rosto dele quando olhou ao redor da tenda mais uma vez. Não era do temperamento de Ayla amedrontar-se tanto; talvez alguma coisa estivesse errada. Estava escuro na tenda, mas não totalmente. Uma luz fraca penetrava. Nada parecia fora do lugar, o vento não havia quebrado nada, nem partido nenhuma corda. Na verdade, nem sequer ventava. Não havia movimento algum. Tudo estava absolutamente imóvel...

Jondalar afastou as peles, se deslocou até a entrada. Abriu a proteção da tenda, expondo uma parede branca que desmoronou no interior da barraca, mas mostrou apenas mais parede branca além.

- Estamos enterrados, Jondalar! Estamos enterrados na neve! - Os olhos de Ayla arregalavam-se de pavor e sua voz se partiu com o esforço de tentar mantê-la sob controle.

Jondalar estendeu a mão para ela e abraçou-a.

- Está tudo bem, Ayla. Está tudo bem - murmurou, de forma alguma seguro de que estava - Está tão escuro que não posso respirar! Sua voz soou estranha, tão distante, como se viesse de muito longe, e ela se tornou

flácida em seus braços. Ele a deitou sobre as peles, e notou que seus olhos estavam fechados, mas ainda continuava gritando naquela voz distante, estranha, que estava escuro e não podia respirar. Jondalar estava perdido, assustado por ela, e temendo-a um pouco. Algo estranho acontecia, uma coisa mais do que seu sepultamento na neve, por mais que isso fosse amedrontador.

Ele notou sua mochila perto da abertura, parcialmente coberta pela neve, e fixou-a por um momento. De repente, arrastou-se sobre ela. Afastando a neve, sentiu a alça lateral de couro e encontrou uma lança. Ficando de joelhos, desatou a cobertura do buraco para fumaça que ficava perto do meio. Com a ponta da lança remexeu a neve. Um monte caiu sobre as peles de dormir, e depois a luz do sol e uma rajada de ar fresco atravessaram a pequena tenda.

A mudança em Ayla foi imediata. Ela relaxou visivelmente e logo abriu os olhos.

- O que fez? - indagou.

- Enfie uma lança através do buraco de fumaça e atravessei a neve. Teremos que escavar para sair daqui, mas a neve pode não estar tão funda quanto parece. - Olhou para ela atentamente, preocupado. - O que aconteceu com você, Ayla? Fiquei nervoso. Você repetia que não podia respirar. Acho que desmaiou.

- Não sei, talvez tenha sido a falta de ar puro.

- Não me pareceu tão ruim assim, não tive grande dificuldade para respirar. E você estava realmente com medo. Acho que nunca a vi tão assustada.

Ayla se sentia pouco à vontade diante do interrogatório dele. Ela se sentia estranha, um pouco tonta ainda, e parecia recordar sonhos desagradáveis, mas não era capaz de explicá-lo.

- Lembro que, uma vez, a neve cobriu a abertura da pequena caverna em que fiquei quando tive que deixar o

clã de Brun. Acordei no escuro e o ar estava viciado. Deve ter sido isso.

- Imagino que isso poderia amedrontar você, se acontecesse de novo - disse Jondalar, mas de alguma forma, não acreditava naquilo, e Ayla também não.

O homem grande, de barba ruiva, ainda estava trabalhando lá fora, em bora o crepúsculo se convertesse rapidamente em escuridão. Foi o primeiro a ver a estranha procissão no alto da encosta e começando a descer. Primeiro vinha a mulher, avançando com esforço e cansaço através da neve funda, seguida por um cavalo cuja cabeça pendia de exaustão, com uma carga no dorso e arrastando o travois atrás de si. O potro, também carregando fardos, era conduzido por uma corda puxada pelo homem que se guia a égua. Caminhava com mais facilidade, já que a neve fora pisada por aqueles que vinham à frente, embora Jondalar e Ayla tivessem trocado de lugar no trajeto, para descansar um ao outro.

- Nezzie! Estão de volta! - gritou Talut ao começar a subir para encontrá-los, e pisar a neve para Ayla, para os últimos passos da jornada. Ele os conduziu, não para a entrada em arco conhecida, na frente, mas para o meio da habitação comuna!. Para surpresa dos recém-chegados, havia sido construída uma nova adição à estrutura durante sua ausência. Era semelhante à sala da entrada, porém maior. Dali, uma outra entrada se abria, diretamente, para a Fogueira do Mamute.

- Isso é para os cavalos, Ayla - anunciou Talut quando entraram, com um largo sorriso de auto-satisfação, diante da expressão de incredulidade assombrada de Ayla. - Eu sabia, depois daquela última tempestade de neve, que um alpendre não seria suficiente. Se você, e seus cavalos, vão viver conosco, precisávamos de alguma coisa mais sólida. Acho que devemos chamar o local de "fogueira dos cavalos"! As

lágrimas encheram os olhos de Ayla. Ela estava cansadíssima, grata por ter chegado, afinal, e se encontrava esmagada. Ninguém jamais tivera tanto trabalho porque a queria. Enquanto vivera com o Clã nunca se sentira totalmente aceita, nunca sentira que pertencia ao lugar. Estava certa de que jamais teriam permitido que ficasse com os cavalos, muito menos, construído uma casa para eles.

- Oh, Talut - falou com emoção na voz. Depois, ergueu os braços, passou-os pelo pescoço de Talut e encostou seu rosto frio contra o dele. Ayla sempre parecera a ele tão eservada, que sua expressão espontânea de afeto foi uma surpresa adorável. Talut a abraçou e deu-lhe tapinhas carinhos às costas, sorrindo com prazer óbvio e sentindo-se muito presumido.

A maioria do Acampamento do Leão se reuniu à volta deles no novo anexo, dando boas-vindas à mulher e ao homem como se ambos fossem membros maduros do grupo.

- Estávamos ficando preocupados com vocês - disse Deegie - especialmente depois que nevou.

- Teríamos regressado antes se Ayla não quisesse trazer tanto consigo - disse Jondalar. - Nos últimos dois dias, não estava certo se conseguiríamos chegar.

Ayla já começara a descarregar os cavalos, pela última vez e, enquanto Jondalar a ajudava, os fardos misteriosos despertavam grande curiosidade.

- Trouxe alguma coisa para mim? - perguntou Rugie afinal, fazendo a pergunta em que todos pensavam.

Ayla sorriu para a garotinha.

- Sim, eu trouxe alguma coisa para todos - respondeu ela, fazendo todos se perguntarem que presente ela havia trazido para cada um deles.

- Para quem é isso? - perguntou Tusie, quando Ayla começou a cortar os cordões do pacote maior.

Ayla levantou os olhos para Deegie e as duas sorriram, tentando não deixar a irmã mais nova de Deegie notar sua diversão um pouco benevolente, ao ouvir as inflexões e tom de voz de Tulie na voz da filha mais nova.

- Até trouxe alguma coisa para os cavalos - disse Ayla à menina enquanto cortava as últimas cordas e o feixe de feno se escancarou. - Isto é para Whinney e Racer.

Depois de espalhar o feno para os animais, começou a desatar o fardo no travois.

- Devia levar o resto para dentro.

- Não precisa fazer isso agora - falou Nezzie. - Nem sequer tirou suas roupas de passeio.

Venha e beba alguma coisa quente, e coma algo também. Tudo ficará bem aqui, por enquanto.

- Nezzie está certa - disse Tulie. Estava tão curiosa quanto o resto do acampamento, mas os pacotes de Ayla podiam esperar. - Vocês dois necessitam de descanso e devem comer alguma coisa. Parecem exaustos Jondalar sorriu, grato, para a chefe, quando seguiu Ayla ao interior da moradia.

De manhã, Ayla encontrou muitas mãos para ajudá-la a levar os fardos para dentro, mas Mamut havia sugerido tranqüilamente que ela conservasse seus presentes escondidos até a cerimônia daquela noite. Ayla sorriu, concordando, compreendendo rapidamente o elemento de mistério e expectativa que ele implicava, mas suas respostas evasivas às insinuações de Tulie para que lhe mostrasse o que havia trazido aborreceram a chefe, embora não quisesse demonstrá-lo.

Assim que os fardos e trouxas foram empilhados num dos estrados de cama vazios e as cortinas fechadas, Ayla se arrastou para o espaço privado cercado, acendeu três candeias de pedra e espalhou-as para ter boa iluminação, e examinou e arrumou os presentes que trouxera.

Fez algumas pequenas mudanças em suas escolhas anteriores, acrescentando ou trocando alguns itens, mas quando apagou as candeias e saiu, fechando as cortinas atrás de si, estava satisfeita.

Saiu pela nova abertura, um espaço ocupado antes por uma parte de um estrado-cama sem uso. O chão do novo anexo era mais alto do que o da habitação de terra, e três degraus largos de 10 centímetros de altura tinham sido feitos para um acesso mais fácil. Ela parou para olhar ao redor do anexo. Os cavalos tinham desaparecido. Whinney estava acostumada a afastar um protetor contra o vento, de pele, com o focinho, e Ayla só lhe mostrara uma vez como se fazia. Racer aprendeu o truque com a mãe. Obedecendo a uma necessidade impulsiva de ver se os animais estavam bem - como uma mãe com os filhos, uma parte de sua mente estava sempre ligada aos cavalos - a jovem atravessou o espaço fechado para a arcada de presa de mamute, empurrou a pesada cortina de pele e olhou para fora.

O mundo havia perdido toda forma e definição; cor firme, sem sombra ou forma se espalhava através da paisagem em dois tons: azul-vivo, vibrante, era o céu sem qualquer sinal de nuvem; e branco, da neve completamente alva, refletindo um resplandecente sol de fim de manhã. Ayla perscrutou contra o brilho do branco; a única evidência da tempestade que reinara durante dias.

Devagar, enquanto seus olhos se habituavam à claridade, e uma sensação prévia de distância e profundidade informavam sua percepção, os detalhes se encaixaram. A água, ainda se encrespando no meio do rio, cintilava mais do que as margens brancas cobertas de neve, que se misturavam a cacos de gelo brancos, embotados pela neve, nas margens do rio. Perto, misteriosos montes brancos assumiam as formas de ossos de mamute e pilhas de barro.

Ela avançou alguns passos do lado de fora para verificar na curva do rio onde os cavalos gostavam de pastar, fora do alcance da vista. Estava quente ao sol e a superfície da neve brilhava com um vislumbre de degelo. Os cavalos teriam que escavar a camada profunda, macia e fria para encontrar o capim seco encoberto por ela. Quando Ayla se preparava para assobiar, Whinney apareceu, ergueu a cabeça e a viu. Relincho uma saudação enquanto Racer surgiu de trás da mãe. Ayla retribuiu o relincho.

Quando a jovem deu meia-volta para ir embora, reparou que Talut a observava com uma expressão peculiar, quase de admiração.

- Como a égua soube que você tinha saído? - perguntou ele.

- Acho que não sabia, mas cavalos têm bom olfato, sentem o cheiro longe. Bons ouvidos também.

Ouvem longe. Ela vê tudo o que se move.

O homem grande concordou com um gesto de cabeça. Ela fazia parecer tão simples, tão lógico, mas ainda assim... Ele sorriu, então, contente por eles estarem de volta. Esperava a adoção de Ayla com ansiedade. Tinha muito a oferecer, seria bem-vinda e valiosa entre as mulheres Mamutoi.

Ambos voltaram para o novo anexo e, quando entraram, Jondalar apareceu vindo da moradia comunal.

- Vi que seus presentes estão todos prontos - disse ele, com um largo sorriso enquanto caminhava com passos grandes em sua direção. Gostava da expectativa causada pelos misteriosos pacotes de Ayla e de participar da surpresa. Havia ouvido Tulie expressar preocupação sobre a qualidade dos presentes, mas ele não tinha dúvidas. Seriam incomuns para os Mamutoi, porém, bonito artesanato era bonito artesanato, e ele estava certo de que a arte de Ayla seria reconhecida.

- Todo mundo está se perguntando o que você trouxe, Ayla - disse Talut. Ele adorava a expectativa e excitação também, ou mais do que todos.

- Não sei se meus presentes são satisfatórios - disse Ayla.

- Claro que são. Não se preocupe com isso, O que quer que tenha trazido será o bastante. Somente as pedras-de-fogo são suficientes. Mesmo sem as pedras-de-fogo, somente você seria suficiente - disse Talut, depois acrescentando com um sorriso: - Dar-nos razão para ter uma grande comemoração poderia ser suficiente! - Mas você diz que há trocas de presentes, Talut. No Clã, para uma troca, tinha que se dar uma coisa do mesmo tipo, do mesmo valor. O que pode ser suficiente para dar a você, a todos, que fizeram este lugar para os cavalos? - disse Ayla, olhando à sua volta. - É como uma caverna, mas vocês fizeram. Não sei como as pessoas podem fazer uma caverna como esta.

- Eu também já me perguntei sobre isso - disse Jondalar. - Devo confessar que nunca vi nada igual, e já vi muitos abrigos, abrigos de verão, abrigos construídos no interior de uma caverna ou sob uma saliência rochosa, mas sua habitação é tão sólida quanto a própria rocha.

Talut riu.

- Tem que ser, para se viver aqui, especialmente no inverno. Com a força que o vento sopra, qualquer coisa mais leve seria posta abaixo. - Seu sorriso desapareceu, e uma expressão suave de algo próximo ao amor tomou conta de seu rosto. - A terra dos Mamutoi é terra rica, rica em caça, em peixe, em alimentos que crescem. É uma terra bonita, forte. Eu não queria viver em outro lugar... - O sorriso voltou. - Mas aqui se precisa de abrigos firmes, e não tem muitas cavernas.

- Como faz uma caverna, Talut? Como faz um lugar como este? - interrogou Ayla, lembrando-se de como

Brun havia procurado a caverna adequada para seu clã, e como ela se sentira sem lar até encontrar um vale que tinha uma caverna habitável.

Se querem saber, vou contar. Não é um grande segredo! - disse Talut, sorrindo com prazer. Estava encantado com a admiração óbvia deles.

O resto da habitação é feito da mesma maneira, mais ou menos mas, para este acréscimo, começamos medindo uma distância a passo, da parede exterior da Fogueira do Mamute. Quando alcançamos o centro da área que achamos ser de bom tamanho, colocamos uma vara no solo... era ali que seria a lareira, se resolvêssemos que precisaríamos de um fogo aqui. Depois, medimos a mesma distância com uma corda, amarramos uma ponta à vara, e com a outra ponta marcamos um círculo para saber onde seria a parede.

Talut demonstrou o que explicava, atravessando a distância com passos largos e amarrando uma corda imaginária e uma vara não-existente.

- Em seguida, cortamos a relva e depois a retiramos com cuidado para poupá-la e depois escavamos a extensão do tamanho do meu pé. - Para esclarecer melhor seus comentários, Talut ergueu um pé inacreditavelmente comprido, mas surpreendentemente estreito e bem-feito enfiado em um sapato macio e bem ajustado. - Depois, marcamos a largura da bancada... o estrado que pode ser cama ou depósito... e mais espaço para a parede. Da orla interior da bancada, escavamos mais fundo, cerca de dois ou três pés meus, para aprofundar o meio para o chão. A terra foi empilhada igualmente em toda a volta, no exterior, em uma borda que ajuda a sustentar a parede.

- É preciso escavar muito - disse Jondalar, lançando um olhar ao recinto. - Eu diria que a distância de uma parede à outra é, talvez, de trinta pés seus, Talut.

Os olhos do chefe se arregalaram, surpresos.

- Tem razão! Medi exatamente isso. Como descobriu? - Um palpite apenas - disse Jondalar, dando de ombros.

Era mais que um palpite, era outra manifestação de sua compreensão instintiva do mundo físico.

Ele podia julgar exatamente a distância apenas com os olhos, e media o espaço com as dimensões do próprio corpo. Conhecia a extensão do seu passo e a largura de sua mão, o alcance do seu braço e do seu palmo; podia calcular uma fração contra a espessura do polegar, ou a altura de uma árvore atravessando sua sombra ao sol. Não era uma coisa que soubesse ser um dom com que nascera e desenvolvera com o uso. Nunca lhe ocorreu questionar aquilo.

Ayla também pensou que era muita escavação. Ela havia escavado sua parte de armadilhas e conhecia o trabalho envolvido, e estava curiosa.

- Como cava tanto, Talut? - Como a pessoa cava? Usamos picaretas para romper o barro, pás para retirá-lo, exceto a relva compacta da superfície. Nós a cortamos com a borda aguçada de um osso achatado.

Sua expressão intrigada deixava claro que ela não entendera. Talvez desconhecesse as palavras para as ferramentas na língua dele, pensou Talut e, saindo pela porta, voltou com alguns implementos.

Todos tinham cabos compridos. Um tinha um pedaço de osso de costela de mamute preso a ele, tendo sido raspado até formar uma ponta aguçada em uma extremidade. Parecia uma enxada com uma comprida lâmina curva. Ayla examinou-a cuidadosamente.

- Acho que é como um pau de escavar - disse ela, olhando para Talut em busca de confirmação.

Ele sorriu.

- Sim, é uma picareta. As vezes também usamos paus pontudos de cavar. São mais fáceis de fazer quando se está com pressa, mas a picareta é mais fácil de usar.

Depois, ele mostrou-lhe uma enxada feita da larga disposição palmada de um chifre gigante de um megáceros, partido no sentido do comprimento através do centro mole, depois moldado e aguçado.

Utilizavam os chifres de animais novos; os chifres de um veado maduro gigante podiam atingir 3,3 metros de comprimento, e eram grandes demais. O cabo estava preso por meio de uma corda forte enfiada em três partes de buracos abertos no centro. Era um implemento usado com o lado esponjoso para baixo, não para escavar, mas para retirar e jogar fora o bom solo de loesse solto pela picareta ou, se quisessem, para a neve. Ele também tinha uma segunda enxada, com uma forma mais de concha, feita da parte exterior de marfim lascado de uma presa de mamute.

- São enxadas - disse Talut, dizendo-lhe o nome. Ayla sacudiu a cabeça, concordando. Ela havia usado pedaços achatados de osso e chifres quase da mesma forma, mas suas enxadas não tiveram cabos. - Estou contente porque o tempo permaneceu bom durante certo período depois que vocês partiram - continuou o chefe. - Se estivesse como agora, não teríamos escavado tanto. O terreno já está duro sob a superfície. Ano que vem, poderemos cavar mais fundo e fazer alguns buracos de estocagem também, talvez até um banho de vapor quando voltarmos da Reunião de Verão.

- Não iam caçar novamente, quando o tempo melhorasse? - indagou Jondalar.

- A caçada ao bisão foi muito bem-sucedida, e Mamut não tem tido muita sorte na Busca. Tudo que ele parece encontrar são os poucos bisões que perdemos, e não vale a pena ir atrás deles.

Resolvemos fazer o anexo, em vez disso, para construir um lugar para os cavalos, já que Ayla e sua égua eram tão úteis.

- Picareta e enxada facilitam, Talut, mas é trabalho... muita escavação - disse Ayla surpresa e um pouco conquistada.

- Tivemos muita gente trabalhando, Ayla. Quase todos acharam que era uma boa idéia e quiseram ajudar... a lhe dar boas-vindas.

A jovem sentiu uma súbita onda de emoção e fechou os olhos para controlar as lágrimas de gratidão que ameaçavam cair. Jondalar e Talut no taram e viraram para o lado por consideração.

Jondalar examinou as paredes, ainda intrigado com a construção.

- Parece que escavaram também entre o estrado - comentou.

- Sim, para os principais esteios - disse Talut, apontando para seis enormes presas de mamute, encravadas na base com ossos menores - partes de espinhas dorsais e falanges - com suas pontas apontadas para o centro. Estavam colocados a intervalos regulares ao redor da parede, de ambos os lados dos dois pares de presas de mamute, que eram usadas para as entradas em arco. As presas fortes, longas e curvas eram os principais elementos estruturais da habitação. Quando Talut, dos Caçadores de Mamutes, continuou a descrever a construção da habitação de terra parcialmente subterrânea, Ayla e Jondalar se tornaram ainda mais impressionados. Era muito mais complexa do que tinham imaginado. A meio caminho entre o centro e os suportes de parede de presas, havia seis estacas de madeira - árvores pontiagudas, desprovidas de casca e bifurcadas no alto. Em volta do exterior do anexo, fixados contra o fundo da borda, crânios de mamute permaneciam eretos no solo, escorados por omoplatas, ilíacos, ossos da espinha dorsal e vários ossos longos estrategicamente colocados, pernas e costelas. A parte superior da parede, consistindo principalmente de

omoplatas, ilíacos e presas menores de mamute, unia-se no telhado que era sustentado por vigas de madeira estendidas através e entre o círculo externo de presas, e o círculo interior de estacas. O mosaico de ossos, todos escolhidos deliberadamente e alguns ajustados até a forma conveniente, era encravado e golpeado sobre as presas robustas, criando uma parede curva que se unia como peças engatadas de um quebra-cabeças.

Havia madeira disponível de vales à beira de rios, mas os ossos de mamute eram em maior suprimento para os fins de construção. Os mamutes que eles caçavam, porém, contribuíram somente com pequena porção dos ossos usados. A grande maioria de seus materiais de construção era selecionada de uma pilha de ossos na curva do rio. Alguns ossos vinham mesmo de carcaças, despojadas por animais que se alimentavam de carniça, encontradas nas estepes próximas, mas os pastos abertos eram mais importantes para fornecer materiais de outra variedade.

A cada ano, os rebanhos migratórios de renas deixavam cair seus chifres para dar lugar aos do ano seguinte, e todos os anos eram ajuntados. Para completar a moradia, os chifres das renas eram unidos uns aos outros a fim de fazer um vigamento forte de suportes entrelaçados para um telhado abobadado, deixando no centro uma abertura para a fumaça sair. Depois, galhos de salgueiros do vale do rio eram amarrados juntos, formando um capacho espesso que era colocado em toda a extensão preso seguramente sobre e ao redor dos chifres, e revestindo a parede de osso a fim de criar uma base vigorosa sobre o telhado e a parede. Em seguida, um telhado de capim ainda mais espesso, sobreposto para desviar a água, era preso aos salgueiros, até o solo. No topo do telhado de capim, havia uma camada de relva compacta. Parte da relva

vinha do solo que tinha sido escavado para o acréscimo, e parte da terra próxima.

As paredes de toda a estrutura eram de 60 a 90 centímetros de espessura, mas uma camada final de material permanecia para completar o anexo.

Estavam de pé do lado de fora, admirando a nova estrutura, quando Talut terminou sua explicação detalhada da construção da habitação de terra.

- Eu esperava que o tempo melhorasse - disse ele, fazendo um gesto amplo em direção ao céu azul-claro. - Precisamos terminar isto. Sem terminar, não estou certo de quanto tempo durará.

- Quanto tempo dura uma habitação? - perguntou Jondalar.

- O tempo que eu viver, às vezes mais. Mas habitações de terra são casas de inverno. Em geral, partimos no verão, para a Reunião de Verão e a grande caça ao mamute, e outras viagens, O verão é para viajar, reunir plantas, caçar ou pescar, negociar ou visitar. Deixamos a maior parte de nossas coisas aqui quando partimos, porque voltamos todos os anos. O Acampamento do Leão é nosso lar.

- Se espera que esta parte seja o lar dos cavalos de Ayla por muito tempo, então, é melhor terminarmos enquanto temos chance - interrompeu Nezzie. Ela e Deegie pousaram a grande e pesada pele com água que tinham trazido do rio parcialmente congelado.

Ranec chegou, então, carregando ferramentas de escavar e arrastando uma grande cesta cheia de terra molhada compacta.

- Nunca ouvi falar de ninguém construindo uma moradia, ou mesmo parte dela, tão no fim da estação - disse ele.

Barzec estava exatamente atrás dele.

- Será um teste interessante - falou, pousando uma segunda cesta de lama escorregadia, que tinham

escavado de um determinado local ao longo da margem do rio. Danug e Druwez apareceram então, cada um carregando cestas adicionais da lama úmida.

- Tronie fez um fogo - disse Tulie, pegando a pesada pele de água trazida por Nezzie e Deegie, sozinha. - Tornec e alguns outros estão em pilhando neve para derreter, assim que tivermos a água quente.

- Quero ajudar - disse Ayla, perguntando-se que auxílio poderia prestar. Todos pareciam saber exatamente como agir, mas ela não fazia idéia alguma do que acontecia, muito menos o que poderia fazer para ajudar.

- Sim, podemos ajudar? - perguntou Jondalar.

- Claro, é para o cavalo - comentou Deegie - mas deixe-me dar alguma coisa minha, velha, para você usar, Ayla. É um trabalho confuso. Talut ou Danug têm algo para Jondalar? - Encontrarei alguma coisa para ele - disse Nezzie.

- Se estiverem tão dispostos a ajudar depois que terminarmos, podem vir e auxiliar a construir a nova moradia que Tarneg e eu faremos para iniciar nosso acampamento... depois que eu me unir a Branag - acrescentou Deegie, sorrindo.

- Alguém acendeu fogos nos banhos de vapor? - perguntou Talut.

- Todos quererão limpar-se depois disto, especialmente se vamos ter uma celebração esta noite.

- Wymez e Frebec os acenderam esta manhã. Estão arranando mais água agora - disse Nezzie.

- Crozie e Mamut saíram com Latie e as crianças para conseguir ramos frescos de pinheiro, a fim de que os banhos tenham um aroma gostoso. Fralie também queria ir, mas não gostei da idéia de ela subindo e descendo colinas. Assim, perguntei-lhe se podia tomar conta de Rydag. Ela está vigiando Hartal também. Mamut está ocupado preparando alguma coisa para a

cerimônia desta noite também. Tenho a impressão de que ele está planejando algum tipo de surpresa.

- Oh... Mamut me pediu, quando eu saía, para dizer que os sinais são favoráveis para uma caçada dentro de poucos dias, Talut. Ele quer saber se você deseja que ele faça uma Busca - falou Barzec.

- Os sinais são favoráveis para uma caçada - disse o grande chefe.

- Vejam esta neve! Macia no subsolo, derretendo na superfície. Se conseguirmos um bom congelamento, terá uma crosta de gelo, e os animais sempre ficam presos quando a neve está nesta condição. Sim, acho que seria uma boa idéia.

Todos tinham caminhado em direção à lareira, onde uma grande pele, cheia com água gelada do rio, havia sido apoiada sobre uma armação diretamente sobre as chamas. A água do rio era apenas para iniciar o processo de derretimento da neve que estava depositada. Enquanto derretia, cestas de água eram tiradas e derramadas em outra pele grande, manchada e suja que revestia uma depressão no terreno. A terra especial tirada de uma margem do rio era acrescentada e misturada à água para formar uma massa espessa de argila macia e viscosa.

Várias pessoas subiram no topo do anexo novo, recém-coberto de relva, com cestas à prova d'água da melhor lama, macia e fluida e, com conchas, começaram a derramá-la pelos lados. Ayla e Jondalar observavam, e logo se reuniram aos outros. Mais pessoas, no chão, espalhavam a lama certificando-se de que toda a superfície possuía uma camada espessa.

A argila lisa e firme, lavada e convertida em pequenas partículas pelo rio, não absorveria água. Era impermeável. Chuva, granizo ou neve derretida, nada podia penetrar. Era impermeável, mesmo molhada. A medida que secava, e com uso prolongado, a superfície

se tornava bastante dura e era usada com frequência como um local acessível de estocagem de objetos e implementos. Quando o tempo estava agradável, era um local onde repousar, visitar, expor-se em discussão em voz alta, ou sentar-se tranqüilamente e meditar. As crianças subiam quando os visitantes chegavam, para observar sem estarem no caminho e todos usavam o "poleiro" quando se precisava de uma audiência ou havia alguma coisa para ver.

Misturaram mais argila e Ayla carregou uma cesta pesada para cima, derramando-a sobre a borda e salpicando-se. Não importava, ela já estava coberta de lama, como todo mundo. Deegie tinha razão, era um trabalho sujo. Quando terminaram os lados, afastaram-se da borda e começaram a revestir o topo, mas quando a superfície da abóbada foi coberta por lama molhada e escorregadia, tornou-se traiçoeiro caminhar ali.

Ayla derramou a última lama de sua cesta e observou-a escorregar de vagar para o solo. Virou-se para ir embora, sem olhar com cuidado onde pisava. Antes que se desse conta, seus pés deslizaram.

Ela caiu com um chape na argila fresca e macia que acabara de derramar, e foi resvalando e escorregando sobre a borda arredondada do telhado e pela parte lateral do anexo para os cavalos, soltando um grito involuntário.

No instante seguinte, encontrou-se segura por braços fortes exatamente quando atingia o solo e, surpresa, olhou para o rosto sorridente, salpicado de lama de Ranec.

- Essa é uma maneira de espalhar a lama na parte lateral - disse ele, firmando-a, enquanto ela recuperava o equilíbrio. Depois acrescentou, ainda segurando-a: - Se quiser repetir esperarei por você aqui.

Ela sentiu calor no local em que ele tocava a pele fria do seu braço, e estava inteiramente consciente do

corpo do homem pressionando contra ela. Seus olhos escuros, brilhantes e penetrantes, estavam cheios de um anseio que provocava uma resposta espontânea do âmago de sua feminilidade. Ela tremeu de leve e sentiu o rosto corar antes de baixar os olhos, e depois se afastar do seu toque.

Ayla lançou um olhar a Jondalar, confirmando o que esperava ver. Ele estava zangado. Seus punhos estavam apertados e as têmporas palpitando. Ela desviou o olhar rapidamente. Agora, compreendia um pouco mais a cólera de Jondalar, entendendo que era uma expressão do medo do homem - temor de perda, temor de rejeição - mas ela sentiu uma ponta de irritação diante da reação dele, apesar de tudo. Não pôde evitar o escorregão, e era grata por Ranec ter estado ali, casualmente, para segurá-la. Corou de novo, lembrando-se de sua resposta ao toque demorado do homem. Também não pudera evitar aquilo.

- Venha, Ayla - disse Deegie. - Talut falou que é suficiente e que os banhos de vapor estão quentes. Vamos limpar esta lama e nos aprontarmos para a celebração. É para você.

As duas jovens entraram na habitação de terra através do novo anexo. Quando chegaram à Fogueira do Mamute, Ayla se virou, de repente, para a outra mulher.

- Deegie, o que é banho de vapor? - Nunca tomou um? - Não - respondeu Ayla, balançando a cabeça.

- Oh, você adorará! Também pode tirar as roupas enlameadas na Fogueira dos Auroques. Em geral, as mulheres usam o banho de vapor dos fundos. Os homens gostam deste. - Quando falou, indicou uma arcada além da cama de Manuv enquanto atravessavam a Fogueira da Rena e entravam na Fogueira da Garça.

- Não é para estocagem? - Achou que todos os recintos laterais eram para estocagem? Ima gino que não poderia saber, não é? Você parece tão parte de nós

que é difícil lembrar que realmente não está aqui há tanto tempo assim. - Ela parou, então, e virou-se para Ayla. - Estou contente porque será um de nós, acho que você estava destinada a isso.

Ayla sorriu timidamente. - Também estou contente, e feliz por você estar aqui, Deegie. É bom conhecer mulher... jovem... como eu.

Deegie sorriu também.

- Eu sei. Gostaria que você tivesse vindo antes. Irei embora depois do verão. Quase detesto ir.

Quero ser chefe do meu próprio acampamento, como minha mãe, mas sentirei falta dela e de você, e de todos.

- Vai para muito longe? - Não sei, não resolvemos ainda - respondeu Deegie.

- Por que ir para longe? Por que não construir uma moradia nova aqui perto? - Não sei. A maioria das pessoas não faz isso, mas acho que eu poderia fazer. Não pensei nisso - disse Deegie, com uma estranha expressão de surpresa. Depois, quando chegaram à última fogueira da habitação comunal, ela ajuntou: - Tire essas roupas sujas e deixe-as empilhadas aqui.

Deegie e Ayla despiram as roupas enlameadas. Ayla podia sentir o calor irradiando-se de trás de uma cortina de couro vermelho, suspensa de uma arcada bastante baixa de presa de mamute, na parede mais ao fundo da estrutura. Deegie se agachou e entrou primeiro. Ayla a seguiu, mas parou um instante antes de entrar com a cortina afastada para um lado, tentando ver o interior.

- Entre depressa e feche a cortina! Está deixando o calor escapar! - gritou uma voz do interior fumegante, fracamente iluminado, um pouco enfumaçado.

Ela se apressou, deixando a cortina cair em seu lugar atrás dela, mas em vez de frio, sentiu o calor assaltá-la. Deegie conduziu-a por uma escada rústica feita de ossos de mamute, colocada contra a parede de

barro de uma escavação que tinha cerca de 90cm de profundidade. Ayla ficou de pé no fundo, sobre um chão coberto por uma pele macia, profundamente esta cada, esperando que seus olhos se adaptassem, depois olhou ao redor. O espaço que havia sido escavado era de cerca de dois metros de largura e três de comprimento. Consistia de duas partes circulares unidas, cada uma com um teto abobadado baixo - de onde ela estava em pé, cerca de apenas 7 ou 10 centímetros acima de sua cabeça.

Carvões quentes de osso espalhados pelo chão da parte maior brilhavam intensamente. As duas jovens atravessaram a porta menor para se reunirem às outras e Ayla viu que as paredes, eram cobertas por peles e o chão do espaço maior era revestido com ossos de mamute espaçados cuidadosamente. Dava-lhes um local para caminhar acima dos pedaços de carvões ardentes. Mais tarde, quando derramaram água no chão para fazer vapor, ou para lavar, a água escorreu para a terra abaixo dos ossos, o que mantinha os pés acima da lama.

Havia mais carvões empilhados na lareira, no centro. Eles forneciam calor e a única fonte de luz, exceto um esboço desmaiado de luz do dia ao redor do buraco de fumaça coberto. Mulheres nuas encontravam-se ao redor da lareira, sentadas em bancos improvisados, feitos de ossos achatados estendidos através de outros suportes de osso de mamute. Recipientes de água se alinhavam ao longo de uma parede. Cestas grandes, fortes, entrelaçadas, impermeáveis, continham água fria, enquanto o vapor vinha dos estômagos de grandes animais sustentados por armações de chifres. Alguém pegou uma pedra em brasa da lareira com dois ossos chatos e deixou-a cair em um dos estômagos cheios de água. Uma nuvem de vapor com aroma de pinheiro se elevou e envolveu o recinto.

- Aqui, sente-se entre Tulie e eu - disse Nezzie, movendo seu corpo robusto para um lado, e abrindo espaço. Tulie se afastou para o lado oposto. Era uma mulher grande também, mas a maior parte do seu tamanho era pura massa muscular, embora sua forma feminina plena não deixasse dúvidas quanto ao seu sexo.

- Quero tirar um pouco de lama primeiro - disse Deegie. - Provavelmente, Ayla também quer.

Viram quando ela escorregou? - Não. Você se machucou, Ayla? - perguntou Fralie, parecendo preocupada e levemente pouco à vontade com sua gravidez adiantada.

Deegie riu antes que Ayla pudesse responder.

- Ranec a pegou e não pareceu infeliz a respeito, tampouco. - Houve sorrisos e gestos aprovadores de cabeça.

Deegie pegou uma bacia de crânio de mamute, misturou água quente e fria nela, tirando acidentalmente um ramo de pinheiro da água quente e de um montículo escuro, uma substância mole, separando um punhado para Ayla e outro para si mesma.

- O que é isto? - perguntou Ayla, sentindo a textura luxuriosamente macia e sedosa do material.

- Lã de mamute - disse Deegie. - O pêlo oculto que desenvolvem no inverno. Eles o perdem em grandes maços, toda primavera, através do comprido pêlo exterior. Fica preso em arbustos e árvores. As vezes, você pode encontrá-lo no solo. Mergulhe na água e use para retirar a lama.

O cabelo também está enlameado - disse Ayla - deve ser lavado.

- Lavaremos mais tarde, depois de suar um pouco.

Lavaram-se em ondas de vapor, depois Ayla se sentou entre Deegie e Nezzie. Deegie se recostou e fechou os olhos, suspirando satisfeita, mas Ayla, perguntando-se por que elas estavam sentadas juntas,

suando, observou todas no recinto. Latie, sentada do lado oposto a Tulie, sorriu para ela. Ayla lhe retribuiu o sorriso.

Houve movimento à entrada. Ayla sentiu um vento frio e compreendeu como ela estava quente.

Todas olharam para ver quem chegava. Rugie e Tusie desceram, seguidas por Tronie, segurando Nuvie.

- Tive que amamentar Hartal - disse Tronie. - Tornec queria levá-lo para um banho de vapor e eu não o queria bisbilhotando.

Ayla se perguntou se não havia permissão para os homens irem ali, nem mesmo os bebês machos? - Todos os homens estão no banho de vapor, Tronie? Talvez eu deva ir buscar Rydag - falou Nezzie.

- Danug o levou. Acho que os homens decidiram que queriam todos os machos desta vez - disse Tronie. - Mesmo as crianças.

- Frebec levou Tasher e Crisavec - disse Tusie.

- Já é hora de ele se interessar mais por aqueles meninos - resmungou Crozie. - Não foi essa a única razão por que você se uniu a ele, Fralie? - Não, mãe, não foi a única razão.

Ayla ficou surpresa. Jamais ouvira Fralie discordar da mãe antes, mesmo brandamente. Ninguém mais pareceu notar. Talvez ali, com as outras mulheres, Fralie não tivesse que se preocupar sobre tomar partido. Crozie estava sentada de olhos fechados, recostada; era surpreendente como a filha se parecia com ela. Na verdade, parecia-se demais. Exceto pela barriga de mulher grávida, Fralie estava tão magra que era quase como se ti vesse a idade da mãe, observou Ayla. Seus tornozelos estavam inchados. Isso não era bom sinal. Ela gostaria de poder examinar Fralie. Depois, compreendeu que talvez pudesse fazê-lo, ali.

- Fralie, os tornozelos incham muito? - perguntou, um pouco hesitante. Todas se sentaram, eretas,

esperando a resposta de Fralie, como se compreendessem, de repente, o que acabara de ocorrer a Ayla. Até Crozie observou a filha sem dizer palavra.

Fralie abaixou os olhos para os pés, parecendo examinar os tornozelos inchados, refletindo. Então, ergueu a cabeça.

- Sim, têm inchado ultimamente - respondeu.

Nezzie soltou um suspiro de alívio audível, alívio que todas as outras sentiram.

- Ainda sente enjôo de manhã? - perguntou Ayla, inclinando-se para a frente.

- Não fiquei tão enjoada assim com os dois primeiros.

- Fralie... deixaria que eu examinasse você? Fralie olhou para as mulheres, ao seu redor. Ninguém disse uma palavra. Nezzie sorriu e sacudiu a cabeça afirmativamente para ela, insistindo, em silêncio, para que concordasse.

- Muito bem - disse Fralie.

Ayla se levantou depressa, examinou os olhos de Fralie, sentiu o cheiro de seu hálito, tocou-lhe a testa. Estava escuro demais para ver muita coisa, e quente demais no banho de vapor para perceber febre.

- Quer deitar? - pediu Ayla.

Todas saíram do caminho para dar lugar a Fralie. Ayla a apalpou e ouviu, e examinou com meticulosidade e conhecimento óbvio, enquanto as outras observavam com curiosidade.

- Acho mais doente do que de manhã - falou Ayla quando ter minou. - Posso preparar alguma coisa, ajudar o alimento a não subir e você se sentirá melhor. Ajudará a inchação. Você vai tomar? - Não sei - respondeu Fralie. - Frebec vigia tudo o que como. Acho que está preocupado comigo, mas não quer confessar isso. Ele perguntará o que é.

Crozie estava sentada de lábios apertados, reprimindo claramente as palavras que queria dizer, temendo que, se o fizesse, Fralie tomasse o partido de Frebec e recusasse a ajuda de Ayla. Nezzie e Tulie se entreolharam. Não era do temperamento de Crozie treinar tanto autocontrole.

Ayla sacudiu a cabeça afirmativamente: - Acho que sei um meio.

- Não sei sobre o resto de vocês, mas estou pronta para me limpar e sair - disse Deegie. - O que acha de um rápido mergulho na neve agora, Ayla? - Acho que seria bom. Estou quente.

Capítulo 17

Jondalar abriu as cortinas que pendiam fechadas em frente ao estrado-cama que ele dividia com Ayla, e sorriu. Ela estava sentada, com as pernas cruzadas, totalmente nua, a pele rosada e brilhante, escovando o cabelo molhado.

- Sinto-me muito bem - disse ela, sorrindo também. - Deegie disse que eu adoraria o banho de vapor. Você gostou? Ele subiu na cama ao lado dela, deixando a cortina cair. Sua pele também estava rosada e brilhante, mas ele acabava de se vestir e havia penteado e amarrado o cabelo em uma daga na parte de trás do pescoço. O banho de vapor fora tão repousante que ele até pensara em se barbear, mas apenas aparara a barba, em vez disso.

- Sempre gosto deles - disse ele. Depois, não pôde resistir. Tomou-a nos braços, beijou-a e começou a acariciar-lhe o corpo cálido. Ela respondeu ansiosamente, entregando-se ao abraço dele e Jondalar ouviu um gemido baixo, quando se inclinou para tomar um mamilo na boca.

- Grande Mãe, mulher, você é tentadora - disse ele ao recuar. - Mas o que dirão as pessoas quando começarem a chegar na Fogueira do Mamute para sua adoção e nos encontrarem partilhando prazeres em vez de estarmos vestidos e prontos? - Podíamos dizer para que voltassem depois - retrucou ela com um sorriso.

Jondalar riu alto.

- Acredito que você diria, não é mesmo? - Bem, você me deu o sinal, não foi? - disse ela com um sorriso malicioso.

- Meu sinal? - Você lembra. O sinal que um homem dá a uma mulher quando ele a quer. Você disse que eu

sempre saberia, depois me beijou e me tocou assim. Bem, acabou de me dar seu sinal e, quando um homem dá seu sinal, uma mulher do Clã nunca recusa.

- É realmente verdade que ela nunca recusa? - perguntou ele, ainda não totalmente capaz de acreditar.

- É isso que ensinam a ela, Jondalar. É assim que se comporta uma mulher digna do Clã - respondeu ela, com uma seriedade perfeitamente normal.

- Hum, quer dizer que a escolha é minha? Se eu dissesse vamos ficar aqui e partilhar prazeres, você faria todos esperarem? - Ele tentava ficar sério, mas os olhos piscavam com deleite pelo que considerava a brincadeira particular dos dois.

- Somente se me der o sinal - replicou ela, no mesmo tom.

Ele a tomou nos braços e beijou-a de novo e, sentindo sua pele cálida e uma resposta mais entusiasmada, quase sentiu a tentação de descobrir se ela brincava ou se realmente falava a sério, mas soltou-a com relutância.

- Não se trata do que eu preferia fazer, mas acho melhor deixar você se vestir. As pessoas estarão aqui breve, O que vai usar? - Não tenho nada, realmente, exceto alguns agasalhos do Clã e o traje que tenho usado, e um par extra de leggings. Gostaria de ter. Deegie me mostrou o que vai vestir. É tão bonito, nunca vi nada igual. Ela me deu uma de suas escovas depois que comecei a escovar o cabelo com cardo - disse Ayla, mostrando a Jondalar a escova dura de pêlo de mamute, enrolada apertadamente em uma extremidade com couro cru para formar o cabo, dando-lhe a forma de uma escova larga e afilada.

- Ela me deu alguns fios de contas e conchas também. Acho que vou usar no cabelo, como ela faz.

- É melhor deixar que se apronte disse Jondalar, abrindo a cortina para sair. Inclinou-se para beijá-la de

novo, depois levantou-se. Quando a cortina se fechou, ele ficou parado, fitando-a um pouco e uma ruga apareceu em sua testa. Ele gostaria de ter podido ficar com ela, e não ter que preocupar-se com outras pessoas. Quando estavam no vale de Ayla, podiam fazer o que queriam, sempre. E ela não estaria se preparando para ser adotada por pessoas que viviam tão longe do seu lar. E se ela quisesse permanecer ali? Ele tinha uma impressão angustiante que, depois daquela noite, nada seria igual.

Ao se virar para afastar-se, Mamut o viu e o chamou. O jovem alto caminhou em direção ao velho feiticeiro.

- Se não estiver ocupado, gostaria de sua ajuda - disse Mamut.

- Ficarei contente em ajudar. O que posso fazer? - perguntou Jondalar.

Mamut lhe mostrou quatro estacas compridas tiradas do fundo de um estrado de estocagem.

Examinando mais de perto, Jondalar viu que não eram de madeira, mas de marfim sólido; presas curvas de mamute que tinham sido moldadas e endireitadas. Depois, o velho lhe deu uma marreta grande, com cabo, de pedra. Jondalar parou para examinar a ferramenta pesada parecida com um martelo, já que nunca havia visto uma igual antes. Era totalmente revestida de couro. Podia sentir que um entalhe circular havia sido chanfrado ao redor da grande pedra e que um junco flexível de salgueiro fora enrolado ao redor do entalhe, depois preso a um cabo de osso. Toda a marreta fora envolvida, então, com couro molhado, não-curtido, que tinha sido apenas raspado para limpar. O couro cru encolhia ao secar, encerrando tanto o cabo quanto a marreta de pedra em couro resistente e duro, mantendo-os assim firmemente unidos.

O feiticeiro o conduziu em direção ao buraco do fogo e, erguendo uma esteira de capim, mostrou-lhe uma escavação, com cerca de 15 centímetros de largura, cheia de pequenas pedras e pedaços de osso. Eles os retiraram. Depois, Jondalar trouxe uma das estacas de marfim e enfiou a extremidade na abertura. Enquanto Mamut a mantinha ereta, Jondalar empilhou as pedras e ossos ao redor da estaca, firmando-os solidamente com a marreta de pedra. Quando a estaca se encontrava firmemente cravada no solo, colocaram outra, e depois outra, em um arco à volta, mas de alguma forma distante, da lareira.

Então o velho pegou um pacote e cuidadosamente, com reverência, desembulhou-o e retirou uma folha bem enrolada de um material fino, membranoso, de um tipo semelhante ao papel vegetal.

Quando se abriu, Jondalar viu que vários animais - um mamute, aves, e um leão da caverna, entre outros - e estranhos desenhos geométricos tinham sido pintados nele. Eles o prenderam em volta das estacas erguidas de marfim, criando uma tela pintada translúcida, afastada da fogueira. Jondalar recuou alguns passos para captar o efeito global; depois, examinou mais de perto, curioso. Os intestinos, depois de abertos, limpos e secos eram geralmente translúcidos, mas aquela tela era feita de alguma outra coisa. Ele pensou saber de que material era, mas não estava seguro.

- A tela não é feita de intestinos, é? Teriam que ser costurados juntos e aquela é uma única peça.

O Mamut concordou com um gesto de cabeça. - Então, tem que ser a camada de membrana, da parte interior da pele de um animal muito grande, de alguma forma removida inteira.

O velho sorriu.

- Um mamute - falou. - Uma fêmea branca de mamute.

Os olhos de Jondalar se arregalaram e ele tornou a olhar para a tela com assombro.

- Cada acampamento recebeu uma parte da fêmea branca, desde que ela entregou seu espírito durante a primeira caçada de uma Reunião de Verão. A maioria dos acampamentos queria alguma coisa branca. Pedi esta, que chamamos de pele irreal. Tem menos substância que qualquer das peças brancas e não pode ser exibida para que todos vejam seu poder óbvio, mas acredito que o que é sutil pode ser mais poderoso. Este é mais que um pequeno pedaço, este cercou o espírito interior do todo.

Brinan e Crisavec irromperam, de repente, no espaço, no meio da Fogueira do Mamute, descendo correndo do corredor das Fogueiras dos Auroques e da Garça, perseguindo um ao outro. Caíram juntos em um monte, lutando, e quase furaram a tela delicada. Mas pararam quando Brinan notou a canela fina de uma perna comprida barrando-lhes a passagem. Eles ergueram os olhos diretamente para o desenho do mamute e ambos arquejaram. Depois, olharam para Mamut. Para Jondalar, o rosto do feiticeiro era sem expressão, mas quando os meninos de sete e oito anos voltaram o olhar para o velho feiticeiro, levantaram-se rapidamente e se esgueiraram com cuidado, caminhando para a primeira fogueira como se tivessem sido severamente censurados.

- Pareciam contritos, quase assustados, mas você não disse uma palavra e nunca tiveram medo de você antes - falou Jondalar.

- Eles viram a tela. As vezes, quando se considera a essência de um espírito poderoso, pode-se ver o próprio coração.

Jondalar sorriu e concordou com um gesto de cabeça, mas não estava certo de compreender o que o velho feiticeiro queria dizer. Ele fala como um zelandoni,

pensou o rapaz, de maneira obscura, como aqueles de sua raça faziam tantas vezes. Mesmo assim, ele não tinha certeza de desejar ver o próprio coração.

Quando os meninos atravessaram a Fogueira da Raposa, fizeram um gesto de cabeça para o escultor, que lhes sorriu. O sorriso de Ranec se tornou mais largo quando voltou sua atenção novamente à Fogueira do Mamute, que estivera observando por algum tempo. Ayla acabava de aparecer, e estava de pé em frente à cortina, puxando sua túnica para endireitá-la. Em bora não se pudesse ver em sua pele escura, o rosto de Ranec corou ao ver a moça. Sentiu o coração martelar e uma tensão nos rins.

Quanto mais a via, mais bela ela estava. Os longos raios de sol, infiltrando-se pela abertura para saída da fumaça, dirigiam sua luz cintilante para ela, de propósito, ou assim parecia a Ranec. Ele queria recordar aquele momento, para encher os olhos com a visão de Ayla. Ele pensava nela em hipérbole ardente. Seu cabelo farto, viçoso, caindo em ondas suaves ao redor do rosto, era como uma nuvem dourada brincando com raios de sol; seus movimentos não conscientes de si mesmos possuíam graça suprema. Ninguém conhecia a ansiedade que havia tomado conta dele quando ela partira, ou a felicidade que sentiu por ela estar se tornando Mamutoi. Franziu a testa quando Jondalar a viu, caminhou na direção dela, abraçou-a possessivamente e depois ficou de pé entre eles, bloqueando-lhe a visão.

Eles caminharam juntos até ele quando se dirigiram à primeira fogueira. Ela parou para olhar a tela, com admiração e espanto óbvios. Jondalar a seguiu quando chegaram ao corredor, através da Fogueira da Raposa. Ranec viu Ayla corar com sentimento afetuoso ao vê-lo, antes de abaixar os olhos. O rosto do homem alto ficou rubro quando viu Ranec, também, mas a expressão em

seu olhar deixou claro que não havia prazer em sua emoção. Cada homem tentava fazer o outro baixar os olhos quando passaram um pelo outro - o ciúme e raiva violenta de Jondalar eram evidentes, Ranec esforçava-se muito para parecer confiante e cínico. Os olhos de Ranec se dirigiram automaticamente depois para o olhar firme e fixo do homem atrás de Jondalar, o homem que era a essência da espiritualidade para o acampamento e, por alguma razão, se sentiu um pouco desconcertado.

Aproximaram-se da primeira fogueira e saíram pelo vestíbulo de entrada. Ayla começou a compreender por que ela não havia notado os preparativos febris para a festa. Nezzie supervisionava a remoção de folhas murchas e relva fumegante de um buraco para assar, no solo, e os odores que se erguiam faziam todos ficar de água na boca. Os preparativos tinham começado antes de terem ido buscar argila no rio, e a comida estivera cozinhando durante todo o tempo em que trabalharam. Agora, só precisava ser servida ao acampamento de pessoas famintas.

Certa variedade de raízes redondas, amiláceas duras, que se davam bem com cozimento demorado, saíram primeiro, seguidas por cestas de uma mistura de tutano, uva-ursina e uma variedade de sementes partidas e moídas - fedegosa, uma mistura de grãos e sementes oleosas de castanhas. O resultado, após horas de cozimento, era uma consistência compacta como um pudim que retinha a forma da cesta depois que ela era removida e, em bora não fosse doce, apesar de as uvas darem-lhe leve sabor de fruta, era deliciosamente rica. Um pernil inteiro de carne de mamute foi trazido em seguida, regado por si mesmo, pelo vapor e espessa camada de gordura, e partindo-se de tão macio.

O sol se punha e um vento cortante fez todos voltarem rapidamente para o interior da moradia, carregando a comida consigo. Desta vez, quando

pediram a Ayla que escolhesse primeiro, ela não se mostrou tão tímida. A festa era em sua homenagem e, embora ser o centro das atenções ainda não fosse fácil para ela, estava feliz pelo motivo da celebração.

Deegie veio sentar-se perto dela e Ayla não pôde deixar de encará-la. O cabelo grosso, castanho-avermelhado, de Deegie estava puxado para trás e enrolado num coque que se avolumava ao alto de sua cabeça. Um fio de contas redondas de marfim, cada uma esculpida e furada a mão, havia sido enrolado com o cabelo e realçava como foco contrastante. Ela usava um vestido longo e solto, de couro flexível - Ayla achou que era uma túnica comprida - que caía em pregas suaves da cintura com faixa, tingido de marrom-escuro com um acabamento bastante brilhante, polido. Não tinha mangas, mas era largo nos ombros, dando a aparência de mangas curtas. Uma franja de pêlo de mamute comprido, castanho-avermelhado, caía de seus ombros nas costas e de uma pala na frente em forma de "V", pendendo até abaixo da cintura.

O decote era contornado por uma fila tripla de contas de marfim e ao redor do pescoço ela usava um colar de conchas cônicas, separadas por tubos cilíndricos de cal e pedaços de âmbar. Em volta do braço direito, havia uma pulseira de marfim gravada com um padrão alternativo em zig-zague. O padrão era repetido em tons de vermelho-ocre, amarelo, e marrom no cinto, que era tecido com pêlo de animal, parte dele tingido.

Preso ao cinto por uma alça estava uma faca de sílex e cabo de marfim, numa bainha de couro cru e, suspensa de outra alça, a parte inferior de um chifre oco de auroque negro, uma tigela para beber, que era um talismã da Fogueira dos Auroques.

A saia fora cortada enviesada, começando nos lados acima dos joelhos até uma ponta tanto na frente quanto

atrás. Três filas de contas de marfim, uma tira de pele de coelho e uma segunda tira de pele que tinha sido unida de dorsos listrados de vários esquilos acentuavam a bainha enviesada e, pendendo dela, havia outra franja do comprido pêlo protetor externo do mamute lanoso, chegando à parte inferior da barriga da perna. Ela não usava perneiras e suas pernas apareciam através da franja, assim como as botas de cano alto, marrom-escuras, tipo mocassim, polidas para ter um brilho impermeável.

Ayla se encontrou perguntando como faziam o couro brilhar. Todas as suas peles e couros possuíam a textura macia natural de pele de gamo. Mas, principalmente, ela apenas fitava Deegie assombrada, e pensou que ela era a mulher mais bonita que já vira.

- Deegie, isso é bonito... É uma túnica? - Pode chamar de túnica longa. Realmente é um vestido de verão. Eu o fiz para a Reunião do ano passado, quando Branag se declarou a mim pela primeira vez. Mudei de idéia sobre o traje que iria usar. Eu sabia que ficaríamos no interior e, com toda a comemoração, ficará quente.

Jondalar veio reunir-se a elas e era óbvio que ele também achava Deegie muito atraente. Quando sorriu para ela, o carisma que o tornava irresistivelmente sedutor não apenas transmitiu seu sentimento mas, de alguma forma, o intensificou e provocou a resposta invariável. Deegie sorriu afetuosamente e convidativamente para o homem alto e atraente com os vivos olhos azuis.

Talut se aproximou com uma grande travessa de comida à mão. Ayla arquejou, fitando-o. Ele usava um chapéu fantástico, tão alto em sua cabeça, que roçava o teto. Era feito de couro tingido de várias cores, diversos tipos de pele, inclusive um comprido rabo peludo de esquilo pendurado em suas costas, e as extremidades dianteiras de duas presas de mamute relativamente

pequenas projetando-se diretamente para cima de ambos os lados de sua cabeça, e reunidas nas pontas como as arcadas de entrada. Sua túnica, que caía até os joelhos, era marrom-escuro - ao menos as partes que ela podia ver eram marrons. A frente era tão ricamente ornamentada, com um padrão complexo de contas de marfim, dentes de animais e várias conchas, que era difícil ver o couro.

Além disso, havia ao redor do pescoço de Talut um colar pesado de garras de leão da caverna e um dente canino, entremeados com âmbar e, pendendo dele até o peito, estava uma placa de marfim gravada com marcas enigmáticas. Um cinto largo de couro negro, usado baixo, cercava-lhe a cintura e se fechava na frente com laços que pendiam em borlas. Pendendo dele por alças estava uma adaga, feita de ponta de presa de mamute açada e, para maior vantagem, entrecruzando o punho, uma bainha de couro cru com uma faca de sílex de cabo de marfim, e um objeto redondo com a forma de uma roda e divisões como raios de roda, de onde pendiam, por correias, de bolsa, alguns dentes caninos e, mais proeminente, a ponta farta do rabo de um leão da caverna. Uma franja de pêlo comprido de mamute que quase varria o chão revelava, quando ele se movia, que suas perneiras eram tão ornamentadas quanto sua túnica.

Sua proteção para os pés, brilhante e preta, era particularmente interessante, não pela ornamentação, porque não havia nenhuma, mas pela falta de qualquer costura visível. Parecia ser uma peça única de couro macio moldado exatamente como seu pé. Era mais um dos enigmas que Ayla queria decifrar, mais tarde.

- Jondalar, vejo que encontrou as duas mais belas mulheres daqui! - exclamou Talut.

- Tem razão - disse Jondalar, sorrindo.

- Eu não hesitaria em apostar que estas duas poderiam sair-se bem em qualquer companhia - continuou Talut. - Você viajou, o que tem a dizer? - Eu não discutiria isso. Tenho visto muitas mulheres, mas em lugar algum vi mais bonitas do que aqui - falou Jondalar, olhando diretamente para Ayla. Depois, sorriu para Deegie.

Deegie riu. Gostava do papel secundário, mas não havia dúvida sobre onde estava o coração de Jondalar. E Talut sempre lhe fizera elogios extravagantes; ela era sua herdeira e descendente reconhecida, a filha de sua irmã, que era a filha da mãe de Talut. Ele amava os filhos de sua fogueira e os sustentava, mas eram de Nezzie, e os herdeiros de Wymez, irmão dela. Ela havia adotado Ranec também, desde que a mãe dele morrera, o que o tornava filho da fogueira de Wymez e seu legítimo descendente e herdeiro, mas isso era uma exceção.

Todas as pessoas do acampamento receberam bem a oportunidade de exibir sua elegância e Ayla se esforçava para não encarar uma ou outra. Suas túnicas eram de comprimentos diversos, com ou sem mangas, e em cores variadas, com decorações individuais. Os homens tendiam a usar tunicas mais curtas, mais pesadamente ornamentadas e, em geral, usavam um acessório na cabeça, de algum tipo. As mulheres eram usualmente favoráveis à bainha em forma de "V", embora a de Tulie fosse mais como uma camisa cintada usada sobre perneiras. Era coberta, com desenhos intrincados e artísticos, por contas, conchas, dentes, marfim esculpido e, principalmente, pesados pedaços de âmbar. Embora não usasse chapéu, seu cabelo estava tão primorosamente arranjado e ornamentado que era como se usasse um.

Entre todas as túnicas, porém, a de Crozie era a mais incomum. Em vez de terminar em ponta na frente,

era cortada enviesada em toda a frente, com uma ponta arredondada do lado direito e um corte arredondado do esquerdo. Mais surpreendente, ainda, era sua cor. Era branca, não branco-gelo ou marfim, mas realmente branca e com franja e ornamentação, entre outras coisas, de penas brancas da grande garça do norte.

Até as crianças estavam vestidas para uma cerimônia. Quando Ayla viu Latie de pé na ponta do grupo que rodopiava ao seu redor e de Deegie, pediu a Latie para se aproximar e mostrar seu traje, convidando-a, na verdade, para se reunir a elas. Latie comentou, a caminho, que Ayla usava as contas e conchas que Deegie lhe dera, e achava que ia tentar usá-las da quela forma. Ayla sorriu.

Ela não fora capaz de pensar numa maneira de usá-las e, por fim, apenas as torcera juntas e as enrolara ao redor da cabeça, na extensão da testa, do modo como levava sua funda. Latie foi rapidamente incluída na brincadeira geral e corou quando Wymez disse-lhe que ela estava bonita - um cumprimento extravagante de um homem la cônico. Assim que Latie se reuniu ao grupo, Rydag a imitou depressa. Ayla levou-o ao colo. Sua túnica era do mesmo modelo que a de Talut, porém muito menos ornamentada. Ele não poderia carregar o peso. O traje de cerimônia de Talut pesava várias vezes mais o que Rydag pesava. Poucas pessoas seriam capazes de usar apenas seu enfeite de cabeça.

Mas Ranec demorou a aparecer. Ayla notou, várias vezes, a sua ausência e procurou-o mas, quando o viu, foi apanhada de surpresa. Todos tinham gostado de mostrar a Ayla seus trajes de festa só para ver a reação dela. Ranec a estivera observando e quis produzir um efeito especialmente memorável. Assim, voltou à Fogueira da Raposa para mudar de roupa. Ele estivera observando da Fogueira do Leão e esgueirou-se para o lado dela enquanto Ayla estava entretida na conversa.

Quando ela virou a cabeça, de repente, ele estava ali e, pelo olhar aturdido da mulher, ele percebeu que havia conseguido o efeito desejado.

O corte e estilo de sua túnica eram raros; seu corpo afunilado e mangas largas em leque davam-lhe uma aparência distintamente diferente e traíam a origem estrangeira da roupa. Não era uma túnica Mamutoi. Era uma que ele havia comprado - e pago caro - mas sabia que precisava tê-la desde o primeiro momento em que a vira. Um homem dos acampamentos do norte tinha feito uma expedição de negócios, alguns anos antes, a um povo ocidental que era parente distante dos Mamutoi, e o líder recebera a camisa como símbolo de laços mútuos e de futuras relações amistosas. Ele não estava inclinado a cedê-la, mas Ranec fora tão persistente e afinal lhe oferecera tanto que ele não conseguiu recusar.

A maioria dos trajes usados pelas pessoas do Acampamento do Leão tinham sido tingidos em tons de marrom, vermelho-vivo e amarelo-escuro, e pesadamente decorados com contas de marfim levemente coloridas, dentes, conchas marinhas e âmbar, realçados por peles e penas. A túnica de Ranec era de um marfim-creme, quase tão claro, porém mais rico do que o verdadeiro branco, e ele sabia que fazia um contraste surpreendente com sua pele escura, mas ainda mais assombrosa era a ornamentação. Tanto a frente quanto as costas da camisa foram usadas como fundo para um trabalho feito com espinhos de porco-espinho e cordões fortes que tinham sido tingidos com cores fortes, vivas, primárias.

Na frente da camisa, estava um retrato abstrato de uma mulher sentada, feito de um arranjo de círculos concêntricos em tons de vermelho, laranja, azul, preto e marrom; um conjunto de círculos representava seu ventre, dois mais eram seus seios. Arcos de círculos no interior de círculos representavam os quadris, ombros e

braços. A cabeça era um desenho baseado em um triângulo, com um queixo pontudo e o alto achatado, e linhas enigmáticas em vez de feições. No meio dos círculos do seio e do estômago, obviamente destinados a representar o umbigo e os mamilos, estavam granadas vermelhas, vivas, e uma linha de pedras coloridas - turmalinas verdes e rosas, granadas vermelhas, águas-marinhas - tinha sido presa ao longo do alto achatado da cabeça. A parte de trás da camisa mostrava a mesma mulher vista por trás, com porções de círculos ou círculos concêntricos representando as nádegas e ombros. A mesma série de cores se repetia várias vezes ao redor das pontas em sino das mangas.

Ayla apenas fitou, incapaz de falar. Até Jondalar estava surpreso. Ele havia viajado muito, conhecera povos diferentes com muitas formas diversas de se trajar, tanto para fins diários quanto cerimoniais. Havia visto bordado de espinhos e compreendia e admirava o processo de tingir e costurar, mas jamais vira uma roupa tão imponente ou colorida antes, em sua vida.

- Ayla - disse Nezzie, tirando-lhe o prato - Mamut quer vê-la, um instante.

Quando ela se levantou, todos começaram a retirar a comida, raspar pratos e preparar-se para a cerimônia. Durante o longo inverno próximo, várias festas e cerimônias aconteceriam para acrescentar interesse e mudança a um período relativamente inativo - a Celebração de Irmãos e Irmãs, a Festa da Longa Noite, a Competição do Riso, vários festivais e comemorações em honra da Mãe - mas a adoção de Ayla era uma ocasião ines perada e, por isto, todos a receberam melhor ainda.

Enquanto as pessoas começavam a se deslocar para a Fogueira do Mamute, Ayla preparou os materiais para fazer fogo, como Mamut havia pedido. Depois, ela esperou, de repente, sentindo-se nervosa e excitada. A cerimônia geral lhe havia sido explicada e também o que

esperavam dela, mas ela não fora criada com os Mamutoi. Atitudes aceitas e padrões de comportamento não eram sua segunda natureza e, embora Mamut parecesse compreender e tentasse acalmar seus temores, ela se preocupava por fazer, talvez, algo inadequado.

Estava sentada numa esteira perto do fogo, observando as pessoas. Com o rabo do olho, viu Mamut beber alguma coisa de um só gole. Notou que Jondalar estava sentado em seu estrado-cama, sozinho. Tinha aspecto preocupado e não parecia muito feliz, e ela se encontrou perguntando se estava fazendo a coisa certa ao se tornar uma Mamutoi. Fechou os olhos e enviou um pensamento silencioso ao seu totem. Se o Espírito do Leão da Caverna não quisesse, teria ele lhe dado um sinal? Ela notou que a cerimônia estava para começar quando Talut e Tulie se aproximaram e ficaram de pé a cada lado dela e Mamut derramou cinzas frias sobre o último fogo que ardia na habitação. Embora houvesse acontecido antes, e o acampamento soubesse o que esperar, aguardar no escuro pelo fogo era uma experiência enervante. Ayla sentiu a mão em seu ombro e produziu a faísca para um coro de suspiros aliviados.

Quando o fogo estava bem vivo, ela se levantou. Talut e Tulie deram um passo à frente, cada um de um lado da jovem, cada um segurando uma comprida haste de marfim. Mamut estava de pé atrás de Ayla.

- Em nome de Mut, a Grande Mãe Terra, estamos aqui para dar boas-vindas a Ayla na habitação do Acampamento do Leão dos Mamutoi - começou Tulie. - Mas fazemos mais do que acolher esta mulher no Acampamento do Leão.

Ela chegou aqui como estranha, queremos fazê-la uma de nós, fazê-la Ayla dos Mamutoi.

Talut continuou: - Somos caçadores do grande mamute lanudo que a Mãe nos deu para usar. O mamute

é alimento, é roupa, é abrigo. Se honrarmos Mut, Ela fará com que o Espírito do Mamute se renove e volte a cada estação. Se desonrarmos a Mãe, um dia, ou deixarmos de apreciar o Dom do Espírito do Mamute, este partirá e jamais voltará. Assim nos contaram.

- O Acampamento do Leão é como o grande leão da caverna; cada um de nós caminha sem medo e com orgulho. Ayla também caminha, destemida e orgulhosa. Eu, Talut, da Fogueira do Leão, chefe do Acampamento do Leão, ofereço a Ayla um lugar entre os Mamutoi no Acampamento do Leão.

- É uma grande honra que lhe é oferecida. O que a faz merecedora? - gritou uma voz entre o grupo reunido. Ayla reconheceu a voz de Frebec e ficou contente por lhe terem dito que isso faria parte da cerimônia.

- Ayla provou seu valor pelo fogo que estão vendo. Ela descobriu um importante mistério, uma pedra de onde se pode tirar fogo, e ofereceu esta magia gratuitamente, a cada fogueira - respondeu Tulie.

- Ayla é uma mulher de muitos dons, de muitos talentos - acrescentou Talut à resposta. - Salvando a vida, ela demonstrou seu valor como hábil curandeira. Ao trazer alimento, provou seu valor como caçadora hábil com uma funda, e com uma nova arma que trouxe consigo quando veio, um arremessador de lanças. Pelos cavalos além daquela arcada, ela provou seu valor como domadora de animais. Ela traria estima para qualquer fogueira, e valor para o Acampamento do Leão. Ela é merecedora dos Mamutoi.

- Quem fala por esta mulher? Quem será responsável por ela? Quem lhe oferecerá o parentesco da fogueira? - gritou Tulie, em voz alta e clara, olhando para o irmão. Mas antes de Talut poder replicar, outra voz falou.

- O Mamut fala por Ayla! O Mamut será responsável! Ayla é uma filha da Fogueira do Mamute! -

disse o velho feiticeiro, com a voz mais grave, forte e dominadora do que Ayla jamais julgara possível.

Arquejos surpresos e conversas sussurrantes foram ouvidas no espaço obscuro. Todos pensavam que ela seria adotada pela Fogueira do Leão. Aquilo era inesperado... ou não? Ayla nunca dissera ser feiticeira, ou que queria ser; não se comportava como pessoa familiarizada com o desconhecido e ignorado; não estava treinada para controlar poderes especiais. No entanto, era curandeira. Tinha domínio extraordinário sobre os cavalos, e talvez outros animais. Talvez fosse uma buscadora, talvez até uma chamadora. Ainda assim, a Fogueira do Mamute representava a essência espiritual daqueles filhos da Terra que se chamavam de caçadores de mamutes. Ayla não era capaz, se quer, de expressar-se totalmente em sua língua, ainda. Como alguém que não conhecia seus costumes, e que desconhecia Mut, poderia compreender as necessidades e desejos da Mãe para eles? - Talut ia adotá-la, Mamut - disse Tulie. - Por que deveria ela ir para a Fogueira do Mamute? Ela não se tem dedicado a Mut, e não está treinada para Servir à Mãe.

- Eu não disse que ela estava treinada, ou que estará um dia, Tulie, embora seja mais dotada do que pode imaginar e acho que o treinamento seria muito indicado, para o bem dela. Não disse que ela seria uma filha da Fogueira do Mamute. Eu disse que ela é uma filha da Fogueira do Mamute.

Ela nasceu nela, oferecida pela própria Mãe. Se ela resolver ser treinada ou não, é uma escolha que só ela pode fazer, mas não importa nada. Ayla não tem que se dedicar, está fora de suas mãos.

Treinada ou não, sua vida Servirá à Mãe. Falo por ela, a menos que queira, não a aceitarei para treinamento. Quero adotá-la como a filha da minha fogueira.

Enquanto Ayla ouvia o velho, sentiu um arrepio repentino. Não gostava da idéia de que seu destino estava traçado, fora de suas mãos, escolhido para ela quando nascera. O que ele queria dizer com "ela fora oferecida pela Mãe, que sua vida Serviria à Mãe"? Seria ela escolhida pela Mãe também? Creb havia-lhe dito, quando ele explicava sobre totens, que havia uma razão por que o Espírito do Grande Leão da Caverna a escolhera. Disse que ela precisaria de proteção poderosa. O que significava ser escolhida pela Mãe? Era por isto que precisava de proteção? Ou significava que, se ela se tornasse Mamutoi, o Leão da Caverna não seria mais seu totem? Não a protegeria mais? Era um pensamento inquietante. Ela não queria perder seu totem. Agitou-se, tentando afastar a sensação de premonição.

Se Jondalar estivera sentindo inquietação em relação à adoção de Ayla, aquela súbita virada nos eventos o deixou menos à vontade, ainda. Ele ouviu os comentários baixos das pessoas que o cercavam e se perguntou se era verdade que ela estava destinada a se tornar um deles. Talvez ela tivesse até sido Mamutoi antes de se perder, se Mamut dizia que ela nascera na Fogueira do Mamute.

Ranec estava totalmente feliz. Quisera que Ayla se tornasse um deles mas, se fosse adotada pela Fogueira do Leão, seria irmã dele. Ranec não desejava ser irmão dela. Queria unir-se a ela, e irmão e irmã não podiam unir-se. Já que ambos seriam adotados e, obviamente não tinham a mesma mãe, ele estava preparado para encontrar outra fogueira que o adotasse a fim de poder perseguir seu desejo, tanto quanto odiaria desistir de seus laços com Nezzie e Talut. Mas se ela fosse adotada pela Fogueira do Mamute, ele não precisaria fazê-lo.

Estava particularmente contente porque ela seria adotada como a filha de Mamut, e não como uma

dedicada a Servir, em bora nem isso o detivesse.

Nezzie estava um pouco desapontada; já sentia como se Ayla fosse uma filha. Porém, mais importante para Nezzie era que Ayla ficasse com eles e, se Mamut a quera, isso a tornaria ainda mais aceitável no Conselho da Reunião de Verão. Talut lançou-lhe um olhar e, quando ela concordou com um gesto de cabeça, ele cedeu a Mamut. Tulie tampouco tinha qualquer objeção.

Os quatro conferenciaram depressa e Ayla concordou. Por alguma razão que não podia definir exatamente, agradou-lhe ser a filha de Mamut. Quando a habitação escurecida silenciou de novo, Mamut ergueu a mão, a palma virada para trás, de frente para ele.

- A mulher Ayla quer dar um passo à frente? O estômago de Ayla se revolveu e os joelhos fraquejaram quando se acercou do velho.

- Quer ser uma dos Mamutoi? - perguntou ele.

- Sim - cochichou ela, a voz partindo-se.

- Honrará Mut, a Grande Mãe, venerará todos os seus Espíritos e, especialmente, nunca ofenderá o Espírito do Mamute; fará um esforço para ser digna dos Mamutoi, para trazer honrarias ao Acampamento do Leão e sempre respeitará Mamut e o significado da Fogueira do Mamute? - Sim - ela mal podia dizer mais. Não estava segura sobre o que deveria fazer para realizar tudo aquilo, mas com certeza, tentaria.

- Este acampamento aceita esta mulher? - perguntou Mamut ao grupo.

- Nós a aceitamos - responderam juntos.

- Existe alguém aqui que a recuse? Houve longa pausa e Ayla não tinha certeza se Frebec não iria objetar, mas ninguém retrucou.

- Talut, chefe do Acampamento do Leão, quer gravar a marca? - entendeu Mamut.

Quando Ayla viu Talut tirar a faca da bainha, seu coração bateu de pressa. Aquilo era inesperado.

Ela ignorava o que ele faria com a faca, mas, o que quer que fosse, ela estava certa de que não iria gostar. O grande chefe pegou o braço de Ayla, levantou sua manga, e pousou a faca de sílex; depois, cortou rapidamente em linha reta o seu braço, fazendo sangrar.

Ayla sentiu a dor, mas não se retraiu. Com o sangue ainda molhando a faca, Talut fez uma marca reta no pedaço de marfim pendurado como placa em volta de seu pescoço, que Mamut segurava, fazendo uma estria avermelhada. Depois, Mamut pronunciou algumas palavras que Ayla não compreendeu.

Ela não percebeu que ninguém as entendeu, também.

- Ayla faz parte, agora, do povo do Acampamento do Leão, uma entre os caçadores de Mamute - disse Talut. - Esta mulher é e será sempre Ayla dos Mamutoi.

Mamut pegou uma pequena tigela e derramou um líquido que ardia sobre o corte em seu braço - ela compreendeu que era uma solução anti-septica para limpar - depois ele a fez virar-se de frente para o grupo.

- Bem-vinda seja, Ayla dos Mamutoi, membro do Acampamento do Leão, filha da Fogueira do Mamute. - Fez uma pausa, acrescentando: - Escolhida do Espírito do Grande Leão da Caverna.

O grupo repetiu as palavras e Ayla compreendeu que era a segunda vez em sua vida que ela havia sido acolhida, aceita, e feita membro de um povo cujos costumes mal conhecia. Fechou os olhos, ouvindo as palavras ecoarem em sua mente. Depois, lhe ocorreu. Mamut havia incluído o seu totem! Embora ela não fosse Ayla do Clã, não havia perdido seu totem! Ainda estava sob a proteção do Leão da Caverna. Porém, ainda mais: ela não era Ayla de Nenhum Povo; ela era Ayla dos Mamutoi.

Capítulo 18

- Você sempre pode reivindicar o abrigo da Fogueira do Mamute, onde quer que esteja, Ayla. Por favor, aceite esta lembrança, filha da minha fogueira - disse Mamut enquanto retirava um bracelete de marfim esculpido com linhas em ziguezague do braço e prendia as extremidades furadas no braço de Ayla, exatamente abaixo do corte. Então, deu-lhe um abraço afetuoso.

Ayla tinha lágrimas nos olhos quando foi para o estrado-cama, onde seus presentes estavam expostos, mas ela os afastou antes de pegar uma tigela de madeira. Era redonda, forte, mas de finura uniformemente requintada. A tigela não exibia desenho pintado ou esculpido, somente um padrão sutil de fibras da madeira, mas com equilíbrio simétrico.

- Por favor, aceite o presente da tigela de remédio da filha da fogueira, Mamut - disse Ayla. - E, se permite, a filha da fogueira encherá a tigela todos os dias com remédio para articulações doloridas dos dedos e braços e joelhos.

- Ah, eu daria boas-vindas a algum alívio da minha artrite neste inverno - disse ele com um sorriso, pegando a tigela e passando-a a Talut, que a examinou, sacudiu a cabeça aprovando, e passou-a a Tulie.

Tulie examinou-a de forma crítica, primeiro julgando que era um objeto simples porque não tinha o desenho adicional, nem pintado, nem esculpido, a que estava acostumada. Mas ao olhar com mais atenção, correndo as pontas dos dedos sobre o acabamento notavelmente liso, notando a forma perfeita e a simetria, teve que admitir que era realmente uma obra artesanal muito bem-feita, talvez a melhor do seu tipo que ela já vira. Quando a tigela foi passada de mão em mão,

despertou interesse e curiosidade sobre os outros presentes que Ayla trouxera, já que cada pessoa começou a se perguntar se todos os presentes seriam igualmente belos e raros.

Talut avançou em seguida e deu a Ayla um grande abraço. Depois, presenteou-a com uma faca de sílex de cabo de marfim, em uma bainha de couro cru tingido de vermelho, que era esculpida com um desenho intrincado, semelhante à faca que Deegie usava em seu cinto. Ayla pegou a faca, retirou-a da bainha e suspeitou imediatamente deque a lâmina havia sido feita, provavelmente, por Wymez, e desconfiou de que Ranec esculpira e moldara o cabo.

Ayla trouxe uma pilha pesada de pele escura para Talut. Ele sorriu largamente quando sacudiu a capa feita de uma pele inteira de bisão e colocou-a sobre os ombros. A cabeleira espessa e a capa aos ombros faziam o homem grande parecer ainda maior do que era, e ele gostou do efeito. Depois, notou a maneira como a capa se prendia aos seus ombros e descia em dobras flexíveis, e examinou com mais atenção o interior macio e maleável do manto que aquecia.

- Nezzie! Veja isto - disse ele. - Já viu pele mais macia? E aquece. Acho que não quero que isto se transforme em coisa alguma, nem mesmo uma parka! Vou usar exatamente como está! Ayla sorriu diante do deleite de Talut, satisfeita por seu presente ser tão admirado. Jondalar estava recuado, observando acima de várias cabeças que se amontoavam para ver, divertindo-se com a reação de Talut também. Ele a havia previsto, mas era bom ver que suas expectativas se tornavam reais.

Nezzie deu um abraço afetuoso em Ayla, e depois um colar de conchas combinadas e gradualmente em espiral, cada uma separada, por pequenas partes cuidadosamente serradas, dos ossos duros e ocos das

pernas da raposa ártica e, pendurado como um pingente na frente, um grande dente canino de um leão de caverna. Ayla o segurou enquanto Tronie o amarrava nas costas. Depois, ela abaixou os olhos e admirou-o, erguendo o dente do leão de caverna e se perguntando como conseguiram fazer a abertura através da raiz.

Ayla afastou para um lado a cortina em frente ao estrado e trouxe uma cesta com tampa muito grande, e colocou-a aos pés de Nezzie. Parecia bastante simples. Nenhum capim de que fora feita havia sido tingido, e nenhum padrão colorido de desenhos geométricos ou figuras estilizadas de aves ou animais enfeitava os lados da tampa. Mas, examinando melhor, a mulher notou o desenho sutil, e viu como fora feito com perícia. Ela sabia que era impermeável o bastante para ser uma cesta de cozinhar.

Nezzie ergueu a tampa e examinou-a e todo o acampamento notou a sua surpresa. A cesta, dividida em partes por casca de vidoeiro flexível estava cheia de alimentos. Havia pequenas maçãs consistentes, cenouras silvestres doces e apimentadas, descascadas, raízes nodosas de amendoim, cerejas secas estocadas em buracos, botões de hemerocales secos, mas ainda verdes, ervilhaca redonda, verde, seca na vagem, cogumelos secos, hastes secas de cebolas verdes, e algumas porções e folhas secas não-identificáveis. Nezzie riu calorosamente para Ayla ao examinar a seleção. Era um presente perfeito.

Tulie se acercou em seguida. Seu abraço de boas-vindas não deixou de ser afetuosos, porém foi mais formal, e sua apresentação do presente dado a Ayla, embora não exatamente feita com um floreio, demonstrou um sentido adequado de cerimônia. O presente era um pequeno recipiente, primorosamente decorado. Fora esculpido na madeira, na forma de uma pequena caixa com os cantos arredondados. Desenhos

de peixe foram esculpidos e pintados nela e pedaços de concha também colados sobre ela. O desenho total dava a impressão de água cheia de peixes e plantas submarinas.

Quando Ayla levantou a tampa, encontrou a finalidade de uma caixa tão valiosa. Estava cheia de sal.

Ela fazia alguma idéia do valor do sal. Quando fora criada com o Clã, que vivia perto do mar Beran, ela havia aceito o sal como algo natural. Era bastante fácil de obter, e alguns dos peixes eram até defumados com ele, mas no interior, quando ela vivera em seu vale, não havia sal, e ela levava algum tempo para se acostumar com isso. O Acampamento do Leão era mais distante do mar do que o seu vale. O sal, assim como conchas marinhas, tinha que ser transportado por longa distância. No entanto, Tulie havia-lhe dado a caixa inteira de sal. Era presente caro e raro.

Ayla se sentiu adequadamente atemorizada quando exibiu seu presente para a chefe, e esperava que Jondalar estivesse certo ao sugerir o que seria apropriado. A pele que ela escolhera era de um leopardo da neve, um que tentara roubar-lhe um animal caçado no inverno em que ela e Neném aprendiam a caçar juntos. Ela havia planejado assustá-lo para que se afastasse mas o leão de caverna adolescente tinha outras idéias. Ayla havia aturdido o felino maduro, embora pequeno, com uma pedra de sua funda quando parecia que aconteceria uma luta, e depois resolvera tudo com outra pedra.

O presente foi obviamente inesperado, e os olhos de Tulie mostraram seu prazer, mas somente quando sucumbiu à tentação de atirar ao redor dos ombros a pele luxuriante e grossa de inverno, notou sua qualidade única, a mesma qualidade que Talut observara na sua. Era inacreditavelmente macia do lado de dentro. Em geral, as peles eram mais rijas do que o couro. Por sua

natureza, a pele só podia ser trabalhada de um lado com as raspadeiras usadas para esticar e amaciar. Enquanto o método dos Mamutoi para preservar peles tornava o material mais resistente e duradouro do que o de Ayla, que era coberto apenas de gordura, também tornava o couro menos macio e flexível. Tulie ficou mais impressionada do que esperara, e resolveu que descobriria qual era o método de Ayla.

Wymez se aproximou com um objeto enrolado em uma pele macia. Ela abriu e prendeu a respiração. Era uma ponta de lança magnífica, como as que ela admirara tanto. Brilhava à luz do fogo como uma pedra preciosa facetada, e era muito valiosa. O presente de Ayla para ele era uma esteira de capim resistente para ele sentar-se quando trabalhava. A maior parte do trabalho de entrelaçamento de Ayla em cestas e esteiras não tinha desenhos coloridos mas, no último inverno, em sua caverna, ela começara a experimentar capins diferentes que tinham variações de cor naturais. O resultado, em combinação com seus padrões comuns de tecer, foi uma esteira com um padrão sutil, mas nitidamente estrelado. Ela ficara bastante satisfeita quando fez a esteira e, quando escolhia os presentes, os raios pontiagudos projetando-se do centro lembraram-lhe as belas pontas de lança de Wymez, e a textura entrelaçada era sugestiva das pequenas estrias de lascas de madeira que ele descarnava. Ela se perguntou se ele notaria. Depois de examinar o presente, ele lhe enviou um dos seus raros sorrisos.

- Isto é bonito, lembra-me o trabalho feito pela mãe de Ranec. Ela entendia de tecer com capins mais do que todos os que conheci. Imagino que deveria guardá-la, pendurá-la na parede, mas em vez disso, vou usá-la. Sentarei nela enquanto trabalho. Ajudará a lembrar-me do meu propósito. - Seu abraço de boas-vindas não possuía nada da reserva de sua maneira de falar. Ela

compreendeu que, sob o aspecto tranqüilo, Wymez era um homem de afeição amistosa e sentimento perceptivo.

Não havia seqüência especial, ou ordem, para dar os presentes, e a próxima pessoa que Ayla notou, de pé perto do estrado, esperando para chamar sua atenção, foi Rydag. Ela se sentou perto dele e retribuiu seu abraço forte. Depois, ele abriu a mão e estendeu um comprido tubo redondo, o osso oco da perna de uma ave, com buracos feitos nele. Ela pegou-o e virou-o nas mãos, incerta sobre seu propósito. Ele o pegou de novo, levou-o à boca e soprou. O apito emitiu um som alto, agudo.

Ayla experimentou-o e sorriu. Depois, ela lhe deu um capuz impermeável de carcaju para o frio, feito no estilo do Clã, mas ela sentiu uma dor lancinante quando ele o colocou. Ele a recordava demais Durc.

- Eu lhe dei um apito como esse, para me chamar quando precisar de mim. As vezes, ele não tem força suficiente para gritar, mas consegue soprar o apito - explicou Nezzie - mas ele mesmo fez esse.

Deegie a surpreendeu com o traje que ela planejara usar naquela noite. Quando viu a expressão nos olhos de Ayla diante do traje, resolveu dá-lo a ela. Ayla ficou sem palavras, e apenas fitou o presente até seus olhos se encherem de lágrimas.

- Nunca tive nada para vestir que fosse tão bonito.

Então, deu seu presente a Deegie, uma pilha de cestas e várias tigelas de madeira lindamente acabadas, de vários tamanhos, que podiam ser usadas como xícaras ou para sopas, ou mesmo para cozinhar, para que Deegie usasse em sua fogueira depois que se unisse a Branag. Em uma região em que a madeira era relativamente rara e o osso e marfim mais comumente usados para utensílios, as tigelas eram um presente especial. Ambas estavam encantadas, e se abraçaram com o afeto de irmãs.

Frebec, para mostrar que não lhe dava um presente decente de má vontade, deu-lhe um par de botas de pele de cano alto, decoradas e encanudadas perto da parte superior, e ela ficou contente por ter escolhido uma de suas melhores peles de rena para ele. O pêlo da rena era oco, um tubo minúsculo cheio de ar, e naturalmente, isolante. A pele de verão era a mais quente e mais leve, a mais prática e confortável para se usar durante o tempo frio, nas caçadas e, portanto, a mais valiosa.

Das peças que ela lhe deu podia-se fazer um traje completo de túnica e calças, que seriam tão quentes, que seria necessário apenas uma única vestimenta externa, mesmo durante o tempo mais frio, liberando-o de peso volumoso. Ele observou a maciez de suas peles terminadas, como os outros tinham feito, mas não fez comentário a respeito e seu abraço de boas-vindas foi frio.

Fralie deu-lhe luvas de pele para combinar com as botas e Ayla presenteou a mulher grávida com uma bela tigela de cozinhar de madeira, cheia com uma bolsa de folhas secas.

- Espero que goste deste chá, Fralie - disse, encarando-a, como se quisesse enfatizar as palavras.

- É bom tomar uma xícara de manhã, assim que acordar, e talvez outra de noite, antes de dormir.

Se gostar, eu lhe darei mais quando este terminar.

Fralie concordou com um gesto de cabeça enquanto se abraçavam. Frebec olhou para elas desconfiado, mas Ayla estava apenas dando um presente, e ele mal poderia reclamar do presente que o mais novo membro do Acampamento do Leão dera a Fralie, não é? Ayla não estava inteiramente feliz com as circunstâncias. Ela preferiria cuidar de Fralie direta e abertamente, mas o subterfúgio era melhor do que não ajudá-la de modo algum, e Fralie se recusava a ficar numa situação, em

que talvez parecesse que ela fazia uma escolha entre sua mãe e seu companheiro.

Crozie avançou em seguida e balançou a cabeça aprovadamente para Ayla. Depois, entregou-lhe uma pequena sacola de couro, unida dos lados por uma costura e fechada na parte superior. A bolsa era tingida de vermelho, lindamente decorada com pequenas contas de marfim, e bordada em branco com triângulos de vértices voltados para baixo. Pequenas penas de garça branca estavam enfileiradas ao redor da borda circular do fundo. Ayla a admirou, mas quando não fez qualquer menção de abri-la, Deegie lhe disse para fazê-lo. Dentro havia cordões e correntes feitos de lã de mamute, tendões, peles de animais e fibras vegetais, tudo cuidadosamente tecido em círculos ou em volta de pequenas falanges de osso. O saco de costura também continha lâminas aguçadas e sovelas para cortar e furar. Ayla ficou encantada. Ela desejava aprender o método dos Mamutoi fazerem e decorarem roupas.

Tirou de seu estrado uma pequena tigela de madeira com uma tampa bem ajustada e entregou-a à velha. Quando Crozie a abriu, olhou para Ayla com expressão intrigada. Estava cheia de puro sebo branco marmorizado, amolecido - gordura animal sem sabor, incolor, sem odor que havia sido derretida em água fervente. Ela cheirou e sorriu, mas ainda estava intrigada.

- Faço água de rosa, de pétalas... misturo... com outras coisas - começou a explicar Ayla.

- Imagino que é isto que faz cheirar bem, mas para o que é? - perguntou Crozie.

- É para as mãos, rosto, cotovelos, pés. É bom, amacia - disse Ayla, pegando uma pequena quantidade e esfregando-a na mão velha, enrugada, seca, rachada da mulher. Depois da mão esfregada, Crozie tocou-a, em se

guida fechou os olhos e sentiu lentamente a pele mais macia.

Quando a velha abriu os olhos, Ayla achou que eles brilhavam mais, embora não houvesse nenhuma lágrima à mostra, mas quando a mulher lhe deu um abraço forte de boas-vindas, Ayla sentiu-a tremendo por dentro.

Cada presente trocado fazia todos esperarem o próximo com maior ansiedade, e Ayla estava gostando tanto de dar quanto de receber. Seus presentes eram tão incomuns para eles, quanto os deles o eram para ela, e era tão divertido ver seus presentes bem-aceitos quanto sentir-se desarmada pelos presentes que lhe eram dados. Ela jamais se sentira tão especial, nunca a tinham feito sentir-se tão bem acolhida, tão querida. Se ela se permitisse pensar nisso, lágrimas de alegria ameaçariam rolar.

Ranec se demorava, esperando que todos os outros tivessem trocado presentes com Ayla. Queria ser o último, assim seu presente não seria confundido com os outros. Entre todos os presentes especiais e únicos que ela recebera, ele queria que o seu fosse o mais lembrado. Ayla colocava suas coisas sobre o estrado que estava tão cheio quanto quando ela começara, quando viu o presente que havia escolhido para Ranec. Teve que refletir um momento antes de compreender que não trocara presentes com ele, ainda. Com o presente nas mãos, ela se virou para olhar para ele, somente para se encontrar diante dos dentes de seu sorriso provocante.

- Esqueceu de um para mim? - perguntou ele. Ele estava de pé tão perto, que ela podia ver as grandes pupilas negras e, pela primeira vez, fracas riscas de luz convergentes dentro dos olhos castanhos-escuros - seus olhos escuros penetrantes, transparentes, sedutores. Ela sentiu um calor emanando dele que a desconcertou.

- Não, ah... não esqueci... Aqui está - disse ela, lembrando-se que o presente estava em suas mãos e

erguendo-o. Ele abaixou os olhos e estes mostraram seu prazer diante das peles espessas, viçosas, brancas, de inverno, de raposas árticas, que ela lhe estendeu. O momento de hesitação lhe deu a chance de se recompor e, quando ele tornou a olhá-la, os olhos de Ayla tinham um sorriso provocante. - Acho que você esqueceu.

Ele riu, tanto porque ela foi muito rápida em entender e participar de sua brincadeira, quanto porque isso lhe dava uma abertura apropriada para apresentar seu presente.

- Não, não esqueci. Aqui - disse ele e exibiu um objeto que estivera escondendo atrás das costas. Ela olhou para a peça de marfim esculpido aninhada nas mãos dele, e quase não acreditou no que viu. E mesmo quando ele a liberou das peles brancas que segurava, ela não estendeu a mão para o presente. Tinha quase medo de tocar nele. Ergueu a cabeça para Ranec com assombro genuíno.

- Ranec - ela respirou, estendendo as mãos então, hesitando. Ele teve que colocá-lo em suas mãos e depois ela o segurou como se fosse que brar. - É Whinney! É como pegar Whinney e fazê-la menor - exclamou ela, virando o primoroso cavalo de marfim esculpido, com uns 7 centímetros no máximo de comprimento, nas mãos. Um toque de cor fora aplicado à escultura: amarelo-ocre sobre o pêlo, e preto nas pernas, na crina rígida e ao longo do dorso até o rabo para combinar com o colorido de Whinney. - Veja, as orelhas pequenas, exatamente iguais. E os cascos e o rabo. Até sinais, como o seu pêlo. Oh, Ranec, como faz isso? Ranec não poderia se sentir mais feliz quando lhe deu um abraço de boas-vindas. A reação de Ayla foi exatamente aquela que ele esperava, até sonhara, e a expressão de amor nos olhos dele quando a encarou era tão óbvia que trouxe lágrimas aos olhos de Nezzie. Ela lançou um olhar a Jondalar e notou que ele tinha visto também. A

angústia surgiu no semblante dele. Ela sacudiu a cabeça, sabiamente.

Depois da troca de todos os presentes, Ayla foi até a Fogueira dos Auroques com Deegie a fim de vestir seu novo traje. Desde que Ranec com prara a camisa estrangeira, Deegie tentara igualar a cor.

Afinal, chegara perto, e do couro cor de creme ela fizera uma túnica de mangas curtas e decote em "V" com bainha também em "V", e perneiras para combinar, cintada com cordões de cores vivas tecidos a mão, semelhantes às cores dos desenhos da camisa. O verão passado ao ar livre deixou a pele de Ayla bastante bronzeada e seu cabelo louro mais claro, quase da cor do couro. O traje caía tão bem nela como se houvesse sido feito sob encomenda.

Com a ajuda de Deegie, Ayla recolocou o bracelete de marfim de Mamut; depois, acrescentou a faca de bainha vermelha de Talut e o colar de Nezzie, mas quando a jovem Mamutoi sugeriu que ela tirasse o saquinho de couro gasto, manchado, encrespado, de volta do pescoço, Ayla recusou com veemência.

- É meu amuleto, Deegie. Contém o Espírito do Leão da Caverna, do Clã, meu. Pequenas peças, como a escultura de Ranec é Whinney em tamanho menor. Creb me disse que se eu perdesse meu amuleto, o totem não poderia me achar. Eu morreria - tentou explicar Ayla.

Deegie refletiu por um momento, olhando para Ayla. Todo o efeito era estragado pelo saquinho de couro encardido. Mesmo a correia ao redor do pescoço estava gasta, mas isso lhe deu uma idéia.

- Ayla, o que faz quando fica gasta? Essa tira de couro parece que vai se partir breve - disse Deegie.

- Faço saquinho novo e correia nova.

- Então, não é o saquinho que é tão importante, mas o que há dentro dele, não é? - É...

Deegie olhou ao redor e, de repente, localizou o saco de costura que Crozie havia dado a Ayla. Ela o pegou, esvaziou-o de seus conteúdos com cuidado em um estrado, e estendeu-o a Ayla.

- Há alguma razão para não usar isto? Podemos prendê-lo a um fio de contas... um dos seus cabelos será ótimo... e você poderá colocar ao redor do pescoço.

Ayla pegou o saco bonito, decorado, da mão de Deegie examinou-o, passou depois a mão em volta do velho saquinho familiar de couro e teve a sensação de conforto que o amuleto do Clã lhe dava.

Mas ela não era mais do Clã. Não perdera seu totem. O Espírito do Leão da Caverna ainda a protegia, e os sinais que recebera ainda eram importantes, mas agora ela era Mamutoi.

Quando Ayla voltou para a Fogueira do Mamute era, em cada centímetro, uma mulher Mamutoi, bela, bem-vestida, de status elevado e valor óbvio, e todos os olhos mostraram expressões aprovadoras pelo mais novo membro do Acampamento do Leão. Mas dois pares de olhos mostravam mais que aprovação. Amor e desejo brilhavam em olhos escuros, sorri dentes, cheios de ansiosa esperança, não menos que em olhos miseravelmente infelizes de um tom de azul incrivelmente vivo.

Manuv, com Nuvie ao colo, sorriu afetuosamente para Ayla quando ela passou para guardar suas outras roupas e ela sorriu com alegria também, tão cheia de júbilo e felicidade que imaginou não ser capaz de contê-las. Ela era Ayla dos Mamutoi e faria tudo o que pudesse para ser uma entre eles, integralmente. Então, viu Jondalar falando com Danug, somente de costas, mas sentiu seu regozijo desaparecer. Talvez fosse a postura dele, ou a maneira como estavam seus ombros, mas algo em um nível subconsciente a fez parar. Jondalar não estava feliz. Mas, o que ela poderia fazer a respeito

naquele momento? Ela se apressou para pegar as pedras-de-fogo. Mamut lhe havia dito para esperar até mais tarde antes de dá-las. Uma cerimônia apropriada investiria as pedras de importância própria e acentuaria seu valor. Ela pegou os nódulos pequenos, cinza-amarelados, de colorido metálico de pinta de ferro e levou-os com ela para a fogueira. No caminho, passou por trás de Tulie que conversava com Nezzie e Wymez, e ouviu-a dizer: - . . .mas eu não imaginava que ela possuía tantos bens. Vejam as peles, apenas. A pele de bisão e as de raposa branca, e esta do leopardo da neve... não se vêem muitas delas por aí...

Ayla sorriu enquanto sua sensação de alegria voltava. Seus presentes tinham sido aceitos e apreciados.

O velho feiticeiro não estivera ocioso. Enquanto ela trocara de roupa, Mamut fez o mesmo. Seu rosto estava pintado com linhas em ziguezague que acentuavam e realçavam sua tatuagem, e ele usava como capa a pele de leão da caverna, o mesmo leão da caverna cujo rabo Talut exibia. O colar de Mamut era feito de pequenas partes ocas da presa de um mamute pequeno, entremeadas com dentes caninos de vários animais diferentes, incluindo um leão da caverna que combinava com o dela.

- Talut planeja uma caçada, assim vou fazer uma Busca - disse-lhe o feiticeiro. - Junte-se a mim, se puder... e quiser. De qualquer maneira, prepare-se.

Ayla concordou com um gesto de cabeça, mas seu estômago se revolveu.

Tulie aproximou-se da fogueira e lhe sorriu.

Eu não sabia que Deegie ia lhe dar essa roupa - disse ela. - Não estou certa de que aprovaria antes; ela trabalhou arduamente no traje, mas devo admitir que fica muito bem em você, Ayla.

Ayla sorriu apenas, incerta sobre como responder.

- Foi por isso que eu dei, mãe - disse Deegie, aproximando-se com seu instrumento de caveira.

- Eu tentava descobrir o processo para conseguir que o couro terminado resultasse tão claro. Sempre posso fazer outro traje.

- Estou pronto - anunciou Tornec quando chegou com seu instrumento de osso de mamute.

- Ótimo. Podem começar assim que Ayla entregar as pedras - disse Mamut. - Onde está Talut? - Está servindo sua bebida - respondeu Tornec, sorrindo - e com grande generosidade. Ele disse que quer que esta seja uma celebração adequada.

- E será! - exclamou o grande chefe. - Aqui está, Ayla, eu lhe trouxe uma taça. Afinal, você é a razão para esta comemoração! Ayla provou a bebida, ainda achando que o sabor fermentado não era muito do seu gosto, mas todos os Mamutoi pareciam gostar. Ela resolveu que aprenderia a gostar também. Queria ser um deles, fazer o que faziam, gostar do que gostavam. Bebeu. Talut tornou a encher sua taça.

- Talut lhe dirá quando deve começar a dar as pedras, Ayla. Produza uma faísca pelo atrito antes de dar cada uma delas - instruiu Mamut. Ela concordou com um gesto de cabeça, olhou para a taça em sua mão, depois bebeu o conteúdo, balançando a cabeça diante da bebida forte e pousou a taça para pegar as pedras.

- Ayla, agora, pertence ao Acampamento do Leão - disse Talut assim que todos se sentaram - mas ela tem mais um presente. Para cada fogueira, uma pedra de fazer fogo. Nezzie é a zeladora do Acampamento do Leão. Ayla lhe dará a pedra-de-fogo para ela guardar.

Ao caminhar em direção a Nezzie, Ayla esfregou a pinta de ferro com sílex, produzindo uma faísca brilhante, e depois lhe entregou a pedra.

- Quem é o zelador da Fogueira da Raposa? - continuou Talut enquanto Deegie e Tornec começaram a

bater nos seus instrumentos de osso.

- Eu. Ranec é o zelador da Fogueira da Raposa.

Ayla lhe deu uma pedra e feriu-a. Mas, quando entregou-lhe a pedra, ele cochichou em voz cálida: - As peles de raposa são as mais macias e bonitas que já vi. Eu as perei em minha cama e pensarei em você todas as noites, quando sentir sua maciez contra minha pele nua. - Tocou-lhe o rosto de leve, apenas, com as costas das mãos, mas ela sentiu o contato como um choque físico.

Recuou, confusa, enquanto Talut perguntava pelo zelador da Fogueira da Rena, e teve que ferir a pedra-de-fogo duas vezes antes de conseguir uma centelha para Tronie. Fralie recebeu a pedra pela Fogueira da Garça e, quando Tulie pegou a sua, e Ayla deu uma a Mamut para a Fogueira do Mamute, ela se sentia tonta e desejando muito sentar-se perto do fogo onde Mamut indicou.

Os tambores começaram a produzir seu efeito. O som era calmante e compulsivo ao mesmo tempo.

A habitação estava escura - um fogo pequeno e difuso através da tela era a única claridade. Ela podia ouvir uma respiração próxima, e olhou para ver de onde vinha. Agachado perto da fogueira estava um homem - ou era um leão? A respiração se tornou um rugido baixo, quase, mas não exatamente - para seu ouvido perceptivo - como o rugido de advertência de um leão da caverna. O rufo de tambor vocalizado retomou o som, dando-lhe ressonância e profundidade.

De repente, com uma rosnadela selvagem, a figura do leão saltou, e a silhueta de um leão percorreu a tela. Mas, quase parou de um salto em uma resposta sobressaltada à reação não-intencional de Ayla. Ela desafiou o leão sombrio com um rugido tão realista e tão ameaçador, que provocou um arquejo na maior parte das pessoas presentes. A silhueta recuperou sua postura de leão e respondeu com o rugido tranqüilo de um leão que

recuava. Ayla expressou uma rosnadela irada de vitória, depois começou uma série de "hnk, hnk, hnk", roncões que diminuíram como se o leão estivesse se afastando.

Mamut sorriu consigo mesmo. Seu leão é tão perfeito que enganaria um leão, pensou, satisfeito por ela ter-se unido a ele espontaneamente. Ayla não sabia por que o fizera, exceto que, depois de seu primeiro desafio improvisado, era divertido falar como um leão com Mamut. Ela não havia feito nada parecido desde que Neném deixara o seu vale. Os tambores tinham captado e realçado a cena, mas agora acompanhavam o vulto que se movia sinuosamente pela tela. Ela estava bastante próxima para ver que era Mamut quem produzia a ação, mas mesmo ela foi envolvida pelo efeito.

Ela se perguntou, no entanto, como o velho normalmente rígido e artrítico era capaz de se mover com tanta facilidade. Então, lembrou-se de vê-lo engolindo alguma coisa antes, e desconfiou de que devia ter sido um analgésico forte. Provavelmente, ele sofreria as conseqüências no dia seguinte.

De súbito, Mamut saltou de trás da tela e se agachou perto do tambor de caveira de mamute. Bateu nele rapidamente por curto tempo, depois parou abruptamente. Ergueu uma taça que Ayla não notara, bebeu e aproximando-se da jovem, ofereceu-lhe a bebida. Sem nem sequer refletir a respeito, Ayla tomou um pequeno gole, depois outro, embora o sabor fosse forte, almiscarado e desagradável. Encorajada pelos tambores ruidosos, ela começou a sentir logo os efeitos.

As chamas saltitantes atrás da tela davam aos animais pintados nela uma sensação de movimento.

Ela foi atraída por eles, concentrou ali toda a sua atenção, e ouviu somente ao longe as vozes do acampamento começando a cantar. Um bebê chorou, mas o som parecia vir de um outro mundo, enquanto era

atraída pelo estranho movimento ondulante dos animais na tela. Eles pareciam quase tão vivos quanto a música dos tambores a enchia de cascos que martelavam, de bezerros que gritavam, de mamutes que trombeteavam.

Então, não estava mais escuro. Em vez disso, um sol brumoso olhava para uma planície nevoenta.

Um pequeno rebanho de bois almiscarados estava amontoado, uma nevasca rodopiando à sua volta.

Quando ela se precipitou, sentiu que não estava sozinha. Mamut se encontrava com ela. A cena mudou. A tempestade passara, mas demônios da neve levados pelo vento gemiam através das estepes como aparições fantasmáticas. Ela e Mamut se afastaram do deserto desolador. Então, ela viu alguns bisões de pé, estoicamente, no lado abrigado de um vale estreito, tentando permanecer fora do alcance do vento. Ela corria à frente, disparando ao longo do vale do rio que atravessava ravinas profundas.

Eles acompanharam um afluente que se estreitava num desfiladeiro de muralhas escarpadas à frente, e ela viu a trilha secundária familiar que subia o leito seco de um riacho periódico.

E depois, ela se encontrava num local escuro, os olhos abaixados para uma pequena fogueira e pessoas reunidas ao redor de uma tela. Ouviu um canto lento, uma repetição contínua de som.

Quando pestanejou e viu os rostos toldados, percebeu Nezzie e Talut e Jondalar fitando-a com expressões preocupadas.

- Você está bem? - perguntou Jondalar, falando Zelandonii.

- Sim, sim. Estou bem, Jondalar. O que aconteceu? Onde eu estava? Você terá que me contar.

- Como se sente? - indagou Nezzie. - Mamut sempre gosta deste chá, depois.

- Estou bem - falou ela, sentando-se e aceitando a xícara.

Ela se sentia bem. Um pouco cansada, um pouco tonta, mas bem.

- Acho que não foi tão assustador para você desta vez, Ayla - disse Mamut, aproximando-se.

Ayla sorriu.

- Não, não estou assustada, mas o que fazemos? - Nós buscamos. Achei que você era uma buscadora. Por isto é a filha da Fogueira do Mamute - disse ele. - Você tem outros dons naturais, Ayla, mas precisa de treinamento, - Ele viu a ruga na testa dela. - Não se preocupe com isso, agora. Há tempo para pensar a respeito mais tarde.

Talut serviu mais bebida fermentada a Ayla e alguns outros, enquanto Mamut lhes contou sobre a Busca, onde foram, o que encontraram. Ela engoliu depressa - não parecia tão ruim assim- depois se esforçou para ouvir, mas a bebida pareceu subir-lhe à cabeça rapidamente. Sua mente vagou e ela notou que Deegie e Tornec ainda tocavam seus instrumentos, mas com sons tão ritmados e atraentes que ela teve vontade de se mover com eles. A música a fez recordar a Dança das Mulheres do Clã, e ela achou difícil se concentrar em Mamut.

Sentiu que alguém a observava, e olhou ao redor. Perto da Fogueira da Raposa, viu Ranec fitando-a. Ele sorriu e ela retribuiu-lhe o sorriso. De repente, Talut enchia sua taça novamente. Ranec avançou e ofereceu sua taça para Talut enchê-la. Este acedeu, depois voltou à discussão.

- Não está interessada nisto, está? Vamos ali, onde Deegie e Tornec estão tocando - disse Ranec em voz baixa, inclinando-se perto do ouvido dela.

- Acho que não, eles falam sobre caça. - Ayla se voltou para a discussão séria, mas havia perdido tanto

que não sabia em que ponto eles estavam, e eles não pareciam notar se ela ouvia ou não.

Não perderá nada. Eles nos contarão tudo depois. Ouça aquilo - falou, calando-se em seguida para que ela ouvisse os sons musicais vibrantes vindos do lado oposto da fogueira. - Não prefere ver como Tornec o faz? Ele é muito bom, realmente.

Ayla se inclinou para o som, atraída pela batida ritmada. Lançou um olhar ao grupo que fazia planos, depois fitou Ranec e sorriu larga e radiantemente.

- Sim, prefiro ver Tornec! - exclamou, sentindo-se satisfeita com sigo mesma.

Quando se levantaram, Ranec, de pé perto dela, a deteve.

- Deve parar de sorrir, Ayla - disse ele, o tom sério e severo.

- Por quê? - perguntou ela com grande preocupação, o sorriso desaparecendo, indagando-se o que fizera de errado.

- Porque você é tão encantadora quando sorri, que me faz perder o fôlego - disse Ranec, e era sincero, mas ajuntou: - E como falarei com você se estiver sem ar? O sorriso de Ayla voltou diante do elogio. Depois, a idéia de Ranec arquejar em busca de ar por causa do seu sorriso a fez rir baixinho. Era uma brincadeira, claro, pensou ela, embora não tivesse absoluta certeza de que ele brincava. Caminharam em direção à nova entrada para a Fogueira do Mamute.

Jondalar os observou enquanto se aproximavam. Ele andara se divertindo com os ritmos e a música enquanto esperava por ela, mas não gostou de ver Ayla caminhando na direção dos músicos com Ranec. Sentiu o ciúme crescer em sua garganta e teve uma necessidade urgente de atacar com violência o homem que ousava assediar a mulher que ele amava. Mas Ranec, apesar de sua aparência totalmente diferente,

era Mamutoi e pertencia ao Acampamento do Leão. Jondalar era apenas um hóspede. Eles se poriam ao lado de seu membro e ele estava sozinho. Tentou exercer controle e raciocinar. Ranec e Ayla apenas caminhavam juntos. Como ele podia objetar a isto? Ele tinha sentimentos confusos sobre a adoção de Ayla desde o início. Queria que ela pertencesse a algum grupo de pessoas porque ela o desejava e, admitiu ele, porque assim ela seria mais aceitável para o seu povo. Ele vira como ela ficara feliz quando trocaram presentes e ficou satisfeito por ela, mas se sentiu distante e mais preocupado que nunca porque, talvez, ela não quisesse partir.

Perguntou-se se ele devia ter permitido sua própria adoção, afinal.

Sentira-se parte da adoção de Ayla no começo. Mas, agora, sentia-se como forasteiro, mesmo em relação a Ayla. Ela era uma entre eles. Aquela era a sua noite, a sua celebração, sua e do Acampamento do Leão. Ele não lhe havia dado presente e não recebera um em troca. Sequer pensara nisso, embora agora quisesse tê-lo feito. Mas ele não tinha presentes para dar a ela ou a ninguém. Havia chegado ali sem nada, e não passara anos fazendo e juntando coisas. Aprendera muitas coisas em suas viagens e acumulara conhecimento, mas não tivera oportunidade para se beneficiar, ainda, de suas aquisições.

Com uma carranca sombria, Jondalar observou-a sorrindo e rindo com Ranec, sentindo-se como um intruso indesejável.

Capítulo 19

Quando a discussão foi interrompida, Talut distribuiu mais de sua bebida fermentada, feita do amido de raízes de tifáceas e vários outros ingredientes, com os quais fazia experimentos constantes. As festividades centralizadas em Deegie e Tornec se tornaram mais animadas. Eles tocaram música, as pessoas cantaram, às vezes sozinhas, em outras, juntas. Alguns dançaram, não o tipo de dança vivo que Ayla havia visto antes, lá fora, mas uma forma sutil de movimento corporal feito de pé num único local, acompanhando o compasso muitas vezes com canto também.

Ayla reparou em Jondalar muitas vezes, um pouco retraído, e caminhou em sua direção em diversas oportunidades, mas alguma coisa sempre a interrompia. Havia muita gente e todo mundo parecia querer chamar sua atenção. Ela não estava inteiramente autocontrolada, devido à bebida de Talut, e sua concentração era facilmente interrompida.

Ela tomou o lugar de Deegie uma vez, tocando o tambor com coragem e entusiasmo, e recordou alguns dos ritmos do Clã. Eram complexos, distintos e, para o Acampamento do Leão, incomuns e intrigantes. Se Mamut tinha alguma dúvida sobre as origens de Ayla, as lembranças despertadas por sua música a eliminou completamente.

Depois, Ranec ficou de pé e dançou e cantou uma canção divertida, cheia de insinuações e duplos sentidos sobre os prazeres de dádivas, diri gida a Ayla. Provocou sorrisos largos e olhares maliciosos, e foi suficiente para fazer Ayla corar. Deegie lhe mostrou como dançar e cantar a resposta satírica mas, no fim, onde um vislumbre de aceitação ou rejeição devia terminá-la, Ayla

parou. Ela não podia fazer nem uma coisa nem outra. Não compreendia exatamente as sutilezas da brincadeira e, embora não fosse sua intenção encorajá-lo, não queria que ele pensasse que ela não gostava dele, tampouco. Ranec sorriu. A canção, disfarçada como humorística, era muitas vezes usada como meio, que preservava a dignidade, de descobrir se o interesse era mútuo. Nem mesmo uma recusa clara o teria detido; ele a considerava nada menos que promissora.

Ayla estava tonta com a bebida, o riso e a atenção. Todos queriam envolvê-la, todos queriam falar-lhe, ouvi-la, abraçá-la e se sentirem íntimos. Ela não se lembrava de ter-se divertido tanto alguma vez, ou de ter-se sentido tão excitada e amistosa, ou tão querida. E todas as vezes que olhava ao redor encontrava um sorriso sedutor, radiante, e olhos escuros penetrantes concentrados nela.

À medida que a noite passava, o grupo começou a diminuir. As crianças adormeceram e foram levadas para a cama. Fralie fora dormir mais cedo, por sugestão de Ayla, e o resto da Fogueira da Garça a seguiu pouco depois. Tronie queixando-se de dor de cabeça - ela não se sentia bem àquela noite - foi para a sua fogueira para amamentar Hartal e adormeceu. Jondalar também se esgueirou e saiu, então. Estendeu-se no estrado-cama esperando por Ayla e observando-a.

Wymez ficou incomumente loquaz depois de algumas taças da bebida de Talut, e contou histórias e fez comentários provocantes, primeiro, a Ayla, depois a Deegie, em seguida, a todas as mulheres.

Tulie começou a achá-lo interessante, de repente, depois de todo aquele tempo e retribuiu as provocações e brincadeiras. Acabou convidando-o a passar a noite na Fogueira dos Auroques consigo e Barzec. Ela não dividira sua cama com um segundo homem desde a morte de Darnev.

Wymez resolveu que poderia ser uma boa idéia deixar a fogueira de Ranec e talvez não fosse tolice deixar que soubessem que uma mulher podia escolher dois homens. Ele não estava cego para a situação que se desenvolvia, embora duvidasse que Ranec e Jondalar pudessem chegar a qualquer acordo. Mas a mulher grande parecia particularmente atraente naquela noite, e ela era uma chefe de alto valor, que tinha muito status para ou torgar. Quem poderia dizer que mudanças ele queria fazer, se Ranec de cidisse alterar a composição da Fogueira da Raposa? Não muito depois de os três se dirigirem para o fundo da habitação, Talut provocou Nezzie para acompanhá-lo à Fogueira do Leão. Deegie e Tornec se envolveram com testes com seus instrumentos, excluindo todos os outros, e Ayla pensou ouvir alguns de seus ritmos. Depois, compreendeu que ela e Ranec conversavam sozinhos, e ficou constrangida.

- Acho que todos foram dormir - disse ela, com a voz um pouco arrastada. Ela sentia os efeitos da bebida fermentada, e se movia para frente e para trás no mesmo lugar. A maioria das luzes tinha-se apagado, e o fogo morria.

- Talvez devêssemos - disse ele, sorrindo. Ayla sentiu o convite não-falado brilhando em seus olhos, e foi atraída por ele, mas não sabia o que fazer - Sim, estou cansada - disse ela, começando a caminhar para sua cama Ranec segurou-a pela mão e a deteve - Ayla não vá. - Seu sorriso desaparecera, e o tom de voz era insistente. Ela se virou e, no instante seguinte, os braços de Ranec a abraçavam e sua boca era exigente sobre a dela. Ayla entreabriu os olhos e a resposta do homem foi imediata. Ele a beijou toda, a boca, o pescoço, abaixo do pescoço. Suas mãos se estenderam para os seios dela, depois acariciaram-lhe os lábios, e as coxas, e tomaram seu montículo, como se ele não pudesse se saciar dela e a quisesse, inteira, imediatamente. Choques inesperados

de excitação a percorreram. Ele a puxou para si e ela sentiu um volume duro e quente contra seu corpo, e um súbito calor próprio, entre as pernas.

- Ayla, quero você. Venha para minha cama - disse ele com insistência e domínio. Com complacência inesperada, ela o seguiu. Durante toda a noite, Jondalar havia observado a mulher que amava rir e brincar e dançar com seu novo povo e, quanto mais observava, mais se sentia um estranho. Mas era o escultor atencioso de pele escura, em particular, que o irritava. Ele queria dar vazão à sua cólera, avançar e levar Ayla para longe, mas aquele agora era o seu lar, aquela era a noite de sua adoção. Que direito tinha ele de interferir em sua comemoração? Ele só podia fingir que aceitava, se não que sentia prazer, mas estava infeliz e foi para o estrado-cama desejando o esquecimento no sono que não vinha.

Do espaço escuro, cercado, Jondalar observou Ranec abraçar Ayla e conduzi-la em direção à sua cama e sentiu um choque de incredulidade. Como Ayla podia ir com outro homem quando ele a esperava? Nenhuma mulher escolhera outro homem quando ele a queria, e aquela era a mulher que ele amava! Sentiu vontade de saltar da cama, agarrá-la, e dar um soco na boca sorridente de Ranec.

Depois, imaginou o sangue e dentes quebrados e recordou a agonia e vergonha do exílio. Aqueles não eram sequer seu povo. Certamente o expulsariam, e na noite fria e gelada das estepes periglaciais não havia lugar aonde ir. E como ele poderia ir para algum lugar sem Ayla? Mas ela havia feito sua escolha. Ela escolhera Ranec, e era direito dela escolher qualquer um que quisesse. Somente porque Jondalar estava esperando não significava que Ayla tivesse que ir para ele, e não fora. Ela escolheu um homem do seu povo, um homem Mamutoi, que cantava e dançava e namorava com ela, e

com quem ela havia rido e se divertido. Podia culpá-la? Quantas vezes ele havia escolhido alguém com quem rira e se divertira? Mas, como ela fora capaz de fazer aquilo? Era a mulher que ele amava! Como ela pudera escolher Outro homem, quando ele a amava? Jondalar se angustiou e desesperou, mas o que podia fazer? Nada, a não ser engolir sua náusea amarga de ciúme e ver a mulher que amava acompanhar outro homem à cama.

Ayla não pensava claramente, sua mente estava confusa devido à bebida de Talut, e não havia dúvida de que se sentia atraída por Ranec, mas essas não foram as razões para ter ido com ele. Ela teria ido, de qualquer maneira. Ayla fora criada pelo Clã. Foi ensinada a ceder, sem discutir, a qualquer homem que lhe ordenasse, que lhe desse o sinal de que desejava ter relações com ela.

Se qualquer homem do Clã desse o sinal a qualquer mulher, ela devia prestar o serviço, assim como trazer-lhe água ou alimento. Embora se levasse na conta de uma cortesia pedir, em primeiro lugar, os favores de uma mulher ao seu companheiro, ou ao homem com quem estava unida, isto não era uma exigência, e seria considerado coisa natural. Um homem devia mandar em sua companheira, mas não exclusivamente. O elo entre uma mulher e um homem era naturalmente benéfico, compassivo, e muitas vezes, após algum tempo, afetuoso, mas era inconcebível demonstrar ciúme ou qualquer outra emoção forte. Uma mulher não se tornava menos com companheira de um homem porque prestara um pequeno favor a outro homem; e ele não amava menos os filhos de sua companheira. Ele assumia certa responsabilidade por eles, em termos de cuidado e treinamento, mas sua caça fornecida ao seu Clã, e todo alimento colhido ou caçado, eram divididos.

Ranec havia dado a Ayla o que ela viera a interpretar como o "sinal" dos Outros, uma ordem para satisfazer suas necessidades sexuais. Como qualquer

mulher adequadamente criada pelo Clã, nunca lhe ocorreu recusar. Ela olhou uma vez na direção de sua cama, mas não viu os olhos azuis cheios de choque e sofrimento. Teria ficado surpresa, se os visse.

O ardor de Ranec não esfriara quando caminharam para a Fogueira da Raposa, mas ele estava mais controlado porque Ayla se encontrava dentro de seus limites, embora mal pudesse acreditar nisso.

Sentaram-se no estrado-cama de Ranec. Ela notou as peles brancas que havia dado a ele. Começou a desatar seu cinto, mas Ranec a deteve.

- Quero despi-la, Ayla. Sonhei com isto, e quero que seja exatamente assim - falou Ranec.

Ela encolheu os ombros, satisfeita. Já havia notado que Ranec era diferente de Jondalar, de certa forma, e estava curiosa. Não era uma questão de julgar que homem era melhor, apenas observar as diferenças.

Ranec olhou para ela durante algum tempo.

- Você é tão bonita - disse ele, afinal, e se inclinou para beijá-la. A boca era macia, embora pudesse endurecer quando a beijava com ardor. Ela reparou na mão escura contornada pela pele branca, e esfregou o braço dele suavemente. A pele dele era igual a qualquer outra.

Ele começou tirando as contas e conchas que ela tinha no cabelo; de pois, correu a mão pelos cabelos, e os trouxe até seu rosto para senti-los e cheirá-los.

- Bonita, tão bonita.. - sussurrou.

Desamarrou seu colar e depois o novo saquinho do amuleto, e os colocou cuidadosamente ao lado das contas na bancada de estocagem perto da cabeceira da cama. Em seguida, desatou o cinto de Ayla, levantou-se e puxou-a para que ficasse de pé ao seu lado. De repente, ele lhe beijava a face e o pescoço de novo, e apalpava-lhe o corpo sob a túnica, como se não pudesse esperar. Ayla sentiu a excitação do homem. Os dedos dele

acariciando-lhe o mamilo enviavam uma corrente de sensações através dela. Ela se inclinou para ele, entregando-se.

Ele parou, então e, respirando fundo, ergueu a túnica por cima da cabeça, e dobrou-a com cuidado ao lado das outras coisas de Ayla. Em seguida, apenas olhou para ela, como se tentasse memorizá-la. Virou-a de um lado, depois do outro, enchendo os olhos como se eles, também, precisassem de satisfação.

- Perfeitos, perfeitos. Olhe para eles, cheios, no entanto bem-feitos, perfeitos - disse ele, correndo a ponta do dedo levemente ao longo do perfil do seio. Ela fechou os olhos e estremeceu com o toque terno. De súbito, uma boca morna sugava-lhe um mamilo e ela sentiu um choque no fundo de si mesma. - Perfeitos, tão perfeitos... - murmurou ele, mudando para o outro seio.

Pressionou o rosto entre eles; depois, com as duas mãos os manteve juntos e sugou os dois bicos ao mesmo tempo, produzindo pequenos ruídos de grunhidos deleitados. Ela arqueou o pescoço para trás e fez pressão contra ele, sentindo ondas gêmeas de emoção; depois, estendeu a mão até a cabeça do homem e, reparando no cabelo tão abundante e crespo, deixou que suas mãos usufríssem a experiência nova.

Ainda estavam de pé quando ele recuou e olhou-a com um sorriso no rosto, enquanto desatava o cordão da cintura e abaixava as pernas dela. Não conseguiu resistir e sentiu a textura do cabelo crespo e louro, e tomou o púbis com as mãos em taça para tocar a umidade cálida; depois, a fez sentar-se. Removeu rapidamente sua camisa e colocou-a ao lado da dela; em seguida, ajoelhou-se diante da jovem e retirou um sapato tipo mocassim para uso caseiro.

- Sente cócegas? - perguntou.

- Um pouco. Na ponta.

- Que tal isso? - ele esfregou-lhe o pé, suave mas firmemente, aplicando pressão no peito do pé.

- É bom. - Ele lhe beijou o peito do pé. - É bom - repetiu ela com um sorriso.

Ele retribuiu o sorriso, depois tirou o outro sapato de Ayla, e esfregou-lhe o pé. Puxou as perneiras e colocou-as com os sapatos e as outras coisas da jovem. Tomando-lhe as mãos, ele a fez ficar de pé novamente, de modo que ela permanecesse nua sob a última luz dos carvões que se apagavam na Fogueira do Mamute. Ele a virou novamente, de frente e de costas, olhando-a.

- O Mãe! Tão bonita, tão perfeita. Exatamente como eu sabia que seria - cantarolou ele, mais para si mesmo do que para ela.

- Ranec, não sou bonita - censurou ela.

- Devia se ver, Ayla. Então, não diria isso.

- É bom você dizer, é bom pensar assim, mas não sou bonita - insistiu Ayla.

- É mais bela do que todas que já vi.

Ela concordou, apenas, com um gesto de cabeça. Ele podia pensar assim, se quisesse. Ela não poderia impedi-lo.

Depois de encher os olhos, ele começou a tocar primeiro, levemente, todo o corpo da jovem, contornando-o com as pontas dos dedos, de ângulos diferentes. Então, com mais detalhe, traçou a estrutura muscular sob a pele. De súbito, ele parou e tirou o resto das roupas, deixando-as onde caíram, e tomou-a nos braços, querendo sentir o corpo de Ayla com o dele. Ela o sentiu também, seu corpo quente, compacto, musculoso, seu membro endurecido, ereto e palpitante. Ela inalou seu agradável odor masculino. Ele beijou-lhe a boca, depois o rosto e pescoço, mordiscando-lhe os ombros com dentadas suaves que a fizeram estremecer, e murmurou num sus surro: - Tão bonita, tão perfeita... Ayla, quero-a de todas as maneiras. Quero ver você e

tocá-la e abraçá-la. O Mãe, tão bonita! As mãos de Ranec estavam sobre os seios dela de novo, e sua boca sobre os mamilos, sugando, depois mordiscando, depois sugando os dois, produzindo seus sons baixos de prazer. Ele tomou um dos seios na boca, tentando sugá-lo o máximo possível; depois avançou para o outro.

Ajoelhou-se diante dela, roçou o nariz por seu umbigo, e passou os braços ao redor das pernas da mulher e do par de nádegas, macias e redondas, acariciando-as e depois, a fenda entre elas. Cheirou-lhe o pêlo louro e, levemente, provo cantemente, encontrou-lhe a rachadura com uma língua molhada. Ela gemeu e ele sentiu sua resposta trêmula..

Ele se levantou, então, e deitou-a na cama, sobre as peles muito macias, luxuosas, aconchegantes.

Ele se arrastou para o lado dela, beijou-a com lábios macios, que mordiam, e não dentes, sugou e mordiscou-lhe os seios e, com a mão, acariciou e apalpou-lhe as dobras e gretas do sexo. Ela gemeu e gritou enquanto ele parecia tocar todos os pontos, ao mesmo tempo.

Ele pegou a mão dela e colocou-a sobre seu órgão firme, cheio, ingurgitado. Ela se sentou, enroscou-se e esfregou a face contra ele, para deleite de Ranec. À luz fraca, ela podia ver o contorno de sua mão clara contra o negrume dele. Ele tinha a pele lisa. Seu odor de homem era diferente, contudo, semelhante mas diferente, e seus pêlos eram como arame e encarapinhados.

Ele gemeu com um doce êxtase ao sentir uma umidade cálida encerrar seu membro e uma sensação devastadora, irresistível. Aquilo era mais do que ele imaginara, mais do que ousara sonhar. Pensou que jamais conseguiria conter-se quando ela começou a usar técnicas que havia aprendido tão recentemente, a língua envolvendo-o depressa, puxando-o e libertando-o, acrescentando golpes firmes ao membro ereto.

- Oh, Ayla, Ayla! Você é Ela! Eu sabia que era. Você me honra.

De repente, ele se sentou - Quero você, e não posso esperar. Por favor, agora - disse num sussurro rouco, contido.

Ela rolou e se abriu para ele. Ranec montou e penetrou, emitindo um grito prolongado e trêmulo.

Depois, ele recuou e tornou a avançar, uma vez e outra e mais outra, sua voz crescendo em volume a cada investida. Ayla curvou o corpo para encontrá-lo, tentando uma harmonia com os seus movimentos.

- Ayla, estou pronto. Aqui está - gritou ele, retesando-se, em se guida. De repente, gemeu um grande suspiro de alívio, penetrou-a e liberou-a por mais algumas vezes e relaxou sobre ela. Ayla levou muito mais tempo para relaxar.

Depois de algum tempo, Ranec ergueu o corpo, libertou-se e rolou de lado, e levantando-se sobre um cotovelo, abaixou o olhar para Ayla.

- Temo não ter sido tão perfeito quanto você - disse ele.

Ela franziu a testa.

- Não compreendo esse perfeito, Ranec. O que é perfeito? - Foi rápido demais. Você é tão maravilhosa, tão perfeita naquilo que faz, fiquei pronto cedo demais. Não podia esperar e acho que não foi tão perfeito para você - disse ele.

- Ranec, esta é a dádiva do prazer, não é? - Sim, é um dos seus nomes.

- Acha que não foi prazer para mim? Eu tive prazeres. Muitos.

- Muitos, mas não o prazer perfeito. Se puder esperar acho que, com um pouco de tempo, estarei pronto novamente.

- Não é necessário.

- Talvez não seja necessário, Ayla, mas eu quero - disse ele, inclinando-se para beijá-la. - Eu quase poderia agora - acrescentou, acariciando-lhe o seio, o ventre e estendendo a mão até o púbis. Ela saltou sob o toque e ainda tremia. - Lamento, você estava quase pronta. Se eu tivesse conseguido conter-me um pouco mais...

Ela não respondeu. E beijava-lhe o seio, friccionando a pequena saliência dentro da fenda e, num instante, ela estava novamente pronta. Movia os quadris, pressionando-o contra ele, gritando. De repente, com uma onda e um grito veio o alívio, e ele sentiu um calor úmido. Ela relaxou então.

Sorriu para ele.

- Acho que, agora, são prazeres perfeitos - falou.

- Não exatamente, mas talvez da próxima vez. Espero que tenhamos muitas próximas vezes, Ayla - replicou ele, deitado de lado, próximo a ela, com a mão descansando sobre o ventre da jovem.

Ela franziu a testa, sentindo-se confusa. Perguntou-se se entendia mal alguma coisa.

Na penumbra, ele podia ver sua mão escura sobre a pele clara, e sorriu. Ele sempre gostara do contraste entre sua cor escura e o branco da pele das mulheres que amava. Deixava uma impressão que nenhum outro homem podia causar, e as mulheres notavam isso. Sempre comentavam e jamais o esqueciam. Estava contente porque a Mãe resolvera lhe dar aquela cor escura. Tornava-o diferente, incomum, inesquecível. Gostava da sensação do ventre de Ayla sob sua mão também, porém, ainda mais, gostava de saber que ela estava ali, ao lado dele, em sua cama. Ele havia esperado por aquele momento, desejado, sonhado e, mesmo agora, com ela ali, parecia-lhe impossível.

Um pouco depois, ele subiu a mão até os seios dela, acariciou-lhe um mamilo e sentiu-o endurecer.

Ayla tinha começado a cochilar, estava cansada e com um pouco de dor de cabeça e, quando ele roçou o nariz em seu pescoço e depois pousou a boca sobre a dela, ela compreendeu que ele a queria, tinha-lhe dado novamente o sinal. Sentiu um instante de aborrecimento e, por um momento, teve necessidade de recusar. Ficou surpresa, quase chocada e despertou completamente. Ele estava-lhe beijando o pescoço, alisando-lhe o ombro e braço, sentindo depois a plenitude e redondeza de seus seios. Quando ele levou um mamilo à boca, ela não estava mais aborrecida. Sensações agradáveis percorreram-lhe as profundezas, alcançando seu local de prazer perfeito. Ele mudou para o outro seio, afagando a ambos e sugando cada um de uma vez, produzindo seus ruídos de prazer no fundo da garganta.

- Ayla, bela Ayla - murmurou. Depois, se sentou e olhou-a na cama dele. - O Mãe! Não acredito que esteja aqui. Tão adorável! Desta vez será perfeito, Ayla. Desta vez, sei que será perfeito.

Jondalar jazia rígido na cama, o maxilar apertado, querendo desesperadamente usar os punhos fechados contra o escultor, mas forçando-se a não se mover. Ela havia olhado diretamente para ele, depois se virara e fora com Ranec. Toda vez que fechava os olhos, via o rosto de Ayla olhando diretamente para ele, depois afastando-se.

É sua escolha! É sua escolha, continuou repetindo a si mesmo. Ela disse que o amava, mas como poderia saber? Claro, ela podia ter gostado dele, até o amado quando estavam sozinhos no vale; ela não conhecia mais ninguém, então. Ele era o primeiro homem que conhecera. Mas, agora, que encontrara outros homens, por que não amaria outro? Tentou convencer-se de que era justo para ela conhecer outros e fazer sua escolha, mas não podia esquecer que naquela noite ela havia escolhido outro homem.

Desde que voltara de sua estada com Dalanar, o homem alto, musculoso, quase belamente atraente, pudera escolher suas mulheres. Uma expressão convidativa de seus olhos irresistíveis, e qualquer mulher que quisesse seria sua. Na verdade, elas faziam tudo o que era possível para encorajá-lo.

Seguiam-no, perseguiam-no, desejavam que ele as convidasse. E ele o fazia, mas nenhuma mulher fora capaz de igualar a lembrança de seu primeiro amor, ou derrotar o fardo de culpa por ele.

Agora, a única mulher no mundo que havia encontrado, afinal, a única mulher que amava, estava na cama de outro.

O simples pensamento de que ela havia escolhido outro provocava sofrimento, mas quando ele ouviu os sons inconfundíveis de sua partilha de prazeres com Ranec, abafou um gemido, deu socos na cama e sua agonia dobrou. Era como um carvão ardente fervendo em seu estômago. Seu peito estava apertado, a garganta queimava, ele respirava em arquejos sufocados como se vapor enfumaçado o abafasse. A pressão fez rolar lágrimas dos cantos de seus olhos embora ele as contivesse, fechando os olhos tão apertadamente quanto possível.

Afinal terminou e, quando ele teve certeza, relaxou um pouco. Mas então recomeçou e ele não pôde suportar. Levantou-se de um salto, permaneceu um momento indeciso, depois saiu correndo em direção ao novo anexo. As orelhas de Whinney se ergueram e ela se voltou para ele, enquanto passava e atravessava a arcada externa para sair.

O vento o jogou contra a habitação de terra. O frio repentino tirou-lhe o ar e despertou-o para que tomasse consciência dos arredores. Olhou para a margem oposta do rio congelado e viu nuvens cruzando a lua, arrastando bordas em farrapos. Afastou-se alguns passos

do abrigo. Rajadas de vento penetraram em sua túnica e, parecia, em sua pele e músculos até os ossos. Voltou ao interior, tremendo, caminhou lentamente pelo local dos cavalos e entrou de novo na Fogueira do Mamute.

Retesou-se escutando, e nada ouviu a princípio. Depois vieram os sons de respiração, e gemido, e grunhido. Ele olhou para seu estrado-cama e depois virou-se para o anexo, sem saber que rumo tomar. Não podia suportá-lo ali dentro; não sobreviveria lá fora. Afinal, não resistiu. Tinha que sair.

Agarrando suas peles de dormir em viagem, atravessou novamente a passagem em arco para o anexo dos cavalos.

Whinney bufou e agitou a cabeça, e Racer, que jazia deitado, levantou a cabeça do solo e saudou Jondalar suavemente. O homem se dirigiu aos animais, abriu as peles ao chão, ao lado de Racer, e deitou-se nelas. Estava frio no anexo, mas não tão frio quanto lá fora. Não havia vento, algum calor se infiltrava, e os cavalos geravam mais. E a respiração deles abafava os sons de outra respiração pesada. Mesmo assim, ele permaneceu acordado a maior parte da noite, sua mente recordando sons, repetindo cenas reais e imaginárias, uma e outra vez.

Ayla acordou quando as primeiras réstias de luz do dia penetraram através de rachaduras ao redor do buraco de saída da fumaça. Ela estendeu a mão para o outro lado da cama em busca de Jondalar e ficou desconcertada ao encontrar Ranec. Com a lembrança da noite anterior veio o conhecimento de que teria uma forte dor de cabeça; os efeitos da bebida fermentada de Talut. Esgueirou-se para fora da cama, pegou as roupas que Ranec havia arrumado tão bem, e correu para a própria cama.

Jondalar tampouco estava ali. Ela olhou ao redor, para as outras camas da Fogueira do Mamute.

Deegie e Tornec dormiam em uma e ela se perguntou se eles tinham partilhado os prazeres.

Depois, lembrou-se que Wymez fora convidado para a Fogueira dos Auroques e que Tronie não se sentia bem. Talvez Deegie e Tornec tivessem apenas achado mais conveniente dormir ali. Não importava, mas ela se perguntou onde Jondalar estaria.

Recordou que não o havia visto depois que a noite anterior havia avançado. Alguém disse que ele fora dormir, mas onde estava ele agora? Reparou novamente em Deegie e Tornec. Ele também devia estar dormindo em uma fogueira diferente, pensou. Ficou tentada a verificar, mas ninguém mais parecia estar acordado e de pé, e ela não queria despertar nenhum deles. Sentindo-se inquieta, rastejou até a cama vazia, puxou as peles ao seu redor, e depois de algum tempo, adormeceu de novo.

Da vez seguinte que acordou, a cobertura do buraco de fumaça fora afastada para um lado e a brilhante claridade do dia resplandecia no interior. Ela começou a levantar-se, sentiu forte dor latejante na cabeça, e voltou a deitar-se, fechando os olhos. Ou estou muito doente, ou isto é resultado da bebida de Talut, pensou. Por que as pessoas gostam de beber se isto as faz ficar doentes? Depois, refletiu sobre a celebração. Ela não tinha uma lembrança exata de tudo, mas recordava os ritmos tocados, a dança e o canto, embora não soubesse realmente como. Ela havia rido muito, até de si mesma, ao descobrir que tinha pouca voz para cantar, não se importando, de forma alguma, por ser o centro de atenção. Isso não era do seu feitio. Normalmente, preferia permanecer nos bastidores e observar, e fazer seu aprendizado e treinamento em particular. Teria sido a bebida que mudara sua tendência natural e fizera com que fosse menos cuidadosa? Mais ousada? Seria por isso que as pessoas bebiam? Ela tornou a abrir os olhos e depois se levantou com muito cuidado, segurando a

cabeça. Urinou na cesta noturna caseira - uma cesta entrelaçada apertadamente, cheia, até a metade, do esterco seco, pulverizado, de animais de pasto das estepes, que absorvia líquido e matéria fecal. Ela se lavou com água fria. Depois, avivou o fogo e ajuntou pedras quentes de cozinhar. Vestiu-se com a roupa que havia feito antes de chegar ali, pensando nela agora como um traje simples, comum, embora, quando o fizera, parecesse a ela muito exótico e complexo.

Ainda se movendo com cuidado, tirou vários pacotes de sua bolsa de remédios e misturou casca de salgueiro, milefólio, betônica e camomila em quantidades diversas. Derramou água fria na cesta de cozinhar que usava para o chá da manhã, acrescentou pedras quentes até a água ferver, depois o chá. Em seguida, agachou-se diante do fogo e fechou os olhos enquanto esperava o chá ficar pronto. De repente, levantou-se abruptamente e se pôs de pé, sentindo a cabeça latejar, mas ignorando o fato, e pegou novamente a bolsa de remédios.

Quase esqueci, pensou, tirando os embrulhos das ervas anticoncepcionais secretas de Iza. Quer as ervas ajudassem seu totem a expulsar o espírito do totem de um homem, como Iza acreditava, ou de alguma forma resistissem à essência de um órgão masculino, como ela suspeitava, não queria correr o risco de engravidar naquele momento. Tudo estava muito incerto. Ela quisera um bebê de Jondalar, mas enquanto esperava pelo chá, começou a pensar que aparência teria um bebê que fosse uma mistura de Ranec e sua. Seria como ele? Como ela? Ou teria um pouco de ambos? Provavelmente de ambos... como Dure e Rydag. Eram mistos. Um filho escuro de Ranec pareceria diferente também, exceto, pensou, com uma ponta de amargura, que ninguém o chamaria de abominação, ou o consideraria um animal.

Ele seria capaz de falar e rir e chorar, como as outras pessoas.

Sabendo como Talut apreciara seu remédio para dor de cabeça da última vez em que ele tomara sua bebida fermentada, Ayla fez uma quantidade suficiente para várias pessoas. Depois de beber sua porção, saiu à procura de Jondalar. O novo anexo que levava ao exterior, diretamente da Fogueira do Mamute, estava provando ser uma conveniência e, por alguma razão, ela ficou contente por não ter que atravessar a Fogueira da Raposa. Os cavalos estavam lá fora mas, quando percorreu o recinto, notou a pele de dormir em viagem, de Jondalar, enrolada ao lado da parede e se perguntou, ao passar, como a pele fora parar ali.

Ao afastar a cortina para o lado e atravessar o segundo arco, viu Talut, Wymez e Mamut conversando com Jondalar, de costas para ela.

- Como vai a cabeça, Talut? - perguntou ela, acercando-se.

- Está me oferecendo o seu remédio mágico da manhã seguinte? - Estou com dor de cabeça e fiz um chá. Há mais lá dentro - disse ela; depois se virou para Jondalar com um sorriso largo e feliz, agora que o havia encontrado.

Por um instante, seu sorriso teve idêntica resposta, mas somente por um instante. Depois, o semblante de Jondalar ficou sombrio, com uma ruga na testa, e os olhos cheios de uma expressão que ela jamais vira ali antes. O sorriso de Ayla a abandonou.

- Também quer chá, Jondalar? - interrogou, confusa e perturbada.

Por que acha que preciso? Não bebi demais na noite passada, mas imagino que você não reparou - replicou ele com voz tão fria e distante que ela mal reconheceu.

- Onde esteve? Procurei por você, antes, mas não estava na cama.

- Você também não - disse ele. - Acho que pouco lhe importava saber onde eu estava. - Ele se virou e afastou-se. Ela olhou para os outros três homens. Viu embaraço no rosto de Talut.

Wymez parecia pouco à vontade, mas não inteiramente infeliz. Mamut tinha uma expressão que ela não foi capaz de decifrar.

- Ah... acho que vou tomar o chá que ofereceu - disse Talut, inclinando-se depressa para entrar na habitação.

- Talvez eu também deva tomar uma xícara - falou Wymez e seguiu-o.

O que fiz de errado? pensou Ayla e a inquietação que sentia se converteu, ao crescer, em um nó duro de sofrimento na boca do seu estômago.

Mamut a observou, depois disse: - Acho que você devia vir e falar comigo, Ayla. Mais tarde, quando pudermos ter um instante sozinhos. Talvez seu chá traga inúmeros visitantes à fogueira agora. Por que não come alguma coisa? - Não estou com fome - respondeu Ayla, o estômago revolvendo-se. Não queria começar com seu novo povo fazendo alguma coisa errada, e perguntou-se por que Jondalar estava tão zangado.

Mamut sorriu de forma tranqüilizadora.

- Devia tentar comer alguma coisa. Há sobra de carne de mamute da sua festa, e acho que Nezzie guardou um daqueles pães cozidos para você.

Ayla balançou a cabeça, concordando. Ao caminhar em direção à entrada principal da habitação comunal, aborrecida e preocupada, procurou os cavalos com a parte de sua mente que estava sempre atenta a eles. Quando os viu, notou que Jondalar se encontrava com eles, e sentiu uma pequena sensação de alívio. Muitas vezes, os animais a tinham confortado quando estava perturbada e, embora não fosse um pensamento completamente formado, ela esperava que Jondalar se

sentisse eventualmente melhor ao se voltar para os animais.

Ela atravessou o vestíbulo e entrou na fogueira de cozinhar. Nezzie estava sentada com Rydag e Rugie, comendo. Sorriu ao ver Ayla e se levantou. Apesar de seu corpo amplamente volumoso, Nezzie era ativa e graciosa em seus movimentos e, Ayla suspeitava, provavelmente bastante forte.

- Coma um pouco de carne. Vou buscar o pão que separei para você. É o último - disse Nezzie.

- E pegue uma xícara de chá quente, se quiser. É de estramônio e hortelã.

Ayla partiu pedaços do pão firme e úmido para Rydag e Rugie quando se sentou com eles e com Nezzie, mas apenas provou a sua comida.

- Há algo errado, Ayla? - perguntou a mulher, sabendo que havia: e imaginando a causa.

Ayla a encarou com olhos perturbados.

- Nezzie, conheço os costumes do Clã, não os costumes dos Mamutoi. Quero aprender, quero ser uma boa mulher Mamutoi, mas não sei quando ajo errado. Acho que fiz alguma coisa errada na noite passada.

- Por que acha isso? - Quando fui lá fora, Jondalar estava zangado. Acho que Talut não está feliz. Wymez também.

Eles se afastaram depressa. Diga-me o que fiz de errado, Nezzie.

Não fez nada de errado, Ayla, a menos que ser amada por dois homens seja errado. Alguns homens são possessivos quando nutrem sentimentos fortes por uma mulher. Não querem que elas estejam com outros homens. Jondalar acha que tem direito sobre você e está zangado porque você partilhou a cama de Ranec. Mas não é apenas Jondalar. Acho que Ranec sente o mesmo, e seria tão possessivo como o outro, se pudesse. Eu o criei desde menino, e nunca o vi tão atraído por uma

mulher. Acho que Jondalar está tentando não mostrar como se sente, mas nada pode fazer e, se mostrou sua raiva, provavelmente embarçou Talut e Wymez. Talvez por isto tenham-se afastado, apressados.

"As vezes, gritamos um bocado, ou provocamos um ao outro. Orgulhamo-nos da hospitalidade e gostamos de ser amistosos, mas os Mamutoi não mostram muito seus sentimentos mais profundos.

Pode causar problema. Tentamos evitar disputas, e brigas são desencorajadas. O Conselho de Irmãs censura até mesmo os ataques que os jovens gostam de fazer contra outros povos, como os Sungaea, e estão tentando condená-los. As Irmãs dizem que apenas levam a ataques como resposta, e as pessoas têm sido mortas. Dizem que é melhor negociar com eles do que atacar. O Conselho de Irmãos é mais complacente. A maioria já praticou muitos ataques na juventude e diz que é apenas um meio de usar os músculos jovens e promover alguma excitação para si mesmos.

Ayla não ouvia mais. A explicação de Nezzie, em lugar de esclarecer alguma coisa, somente a deixava mais confusa. Será que Jondalar estava zangado porque ela respondera ao sinal de outro homem? Isso era motivo para se zangar? Nenhum homem do Clã se envolveria numa resposta emocional desse tipo. Broud foi o único homem que sempre demonstrara o menor interesse por ela e assim mesmo porque sabia que ela odiava isso. Mas muitas pessoas se perguntavam por que ele se incomodava com uma mulher tão feia e recebia bem uma demonstração de interesse de outro homem. Quando pensou a respeito, compreendeu que Jondalar se aborre cera com o interesse de Ranec desde o início.

Mamut apareceu, vindo do vestíbulo, caminhando com visível dificuldade.

- Nezzie, prometi encher a tigela de remédios de Mamut com medicamento para artrite - disse Ayla.

Ela se levantou para ajudá-lo, mas ele acenou, dispensando-a.

- Vá na frente. Eu estarei lá, apenas levarei um pouco mais de tempo.

Ela atravessou depressa a Fogueira do Leão e a Fogueira da Raposa, aliviada por encontrar a última vazia, e ajuntou lenha ao fogo da Fogueira do Mamute. Enquanto procurava entre seus medicamentos, recordou as inúmeras vezes que aplicara cataplasmas e emplastos, e fizera bebidas analgésicas para aliviar as articulações doloridas de Creb. Era um campo de sua medicina que ela conhecia muito bem.

Esperou até Mamut descansar confortavelmente, tomando goles de chá quente depois de ter acabado com a maioria de suas antigas dores, antes de fazer qualquer pergunta. Era calmante para ela, como para o velho feiticeiro, aplicar seu conhecimento, perícia e inteligência na prática de sua arte, e aliviava parte do stress que ela andara sentindo. No entanto, quando pegou uma xícara de chá e sentou-se diante de Mamut, não sabia exatamente por onde começar.

- Mamut, você ficou muito tempo com o Clã? - perguntou, afinal.

- Sim, leva bastante tempo para uma fratura sarar e, na época, eu queria saber mais. Assim, fiquei até eles partirem para a Reunião de Clãs.

- Aprendeu os costumes do Clã? - Alguns.

- Sabe sobre o sinal? - Sim, Ayla, sei sobre o sinal que um homem dá a uma mulher. - Fez uma pausa, parecendo refletir, depois continuou: - Eu lhe direi uma coisa que jamais disse antes a alguém. Havia uma jovem que ajudava a cuidar de mim enquanto meu braço consolidava, e depois fui incluído em uma cerimônia de caça e cacei com eles; depois disso, ela me foi dada. Sei qual é o sinal e o que significa. Eu usei o sinal, embora não me sentisse à vontade sobre isso, no início. Era uma

mulher cabeça-chata, e não muito atraente para mim, principalmente por eu ter ouvido muitas histórias sobre eles enquanto crescia. Mas eu era jovem e saudável, e esperavam que me comportasse como um homem do Clã.

"Quanto mais tempo eu ficava, mais sedutora ela se tornava... você não tem idéia de como pode ser atraente ter alguém esperando, para satisfazer qualquer necessidade ou desejo seu. Somente mais tarde descobri que ela tinha um companheiro. Ela era uma segunda mulher, seu primeiro companheiro morrera. Assim, um dos outros caçadores a aceitou, um pouco relutantemente, já que ela vinha de um clã diferente e não tinha filhos. Quando parti, não queria deixá-la lá, mas achei que ela seria mais feliz com um clã do que comigo e meu povo. E não estava certo de como seria recebido quando voltasse se trouxesse uma mulher cabeça-chata comigo. Muitas vezes, tenho-me perguntado o que aconteceu com ela.

Ayla fechou os olhos enquanto as lembranças a inundavam. Parecia estranho aprender coisas sobre seu clã com aquele homem, que ela conhecia havia tão pouco tempo. Ela juntou a história dele com o seu próprio conhecimento sobre a história do clã de Brun.

Ela nunca teve filhos, sempre foi segunda mulher, mas sempre foi aceita por alguém. Morreu no terremoto, antes de eles me encontrarem.

Ele concordou com um gesto de cabeça. Também estava contente por ter uma pequena parte de seu passado revelada.

- Mamut, Nezzie disse que Jondalar está zangado porque dividi a cama com Ranec. É verdade? - Achoqueé.

- Mas Ranec me deu o sinal! Como Jondalar pode estar zangado se Ranec me deu o sinal? - Onde Ranec aprendeu o sinal do Clã? - perguntou Mamut, surpreso.

- Não o sinal do Clã, o sinal dos Outros. Quando Jondalar encontrou meu vale e ensinou-me os Primeiros Ritos e a Dádiva do Prazer da Grande Mãe Doni, perguntei qual era o seu sinal. Ele colocou a boca na minha, beijou-me. Disse que era assim que eu saberia que ele me queria; mostrou-me o seu sinal. Ranec me deu sinal na noite passada. Então, ele disse "Eu quero você.

Venha para minha cama." Ranec me deu o sinal. Ek deu ordem.

Mamut olhou para o céu e disse: - Ó Mãe! - Depois, tornou a olhar para ela. Ayla você não com preende. Certamente Ranec lhe deu o sinal de que queria você, mas não era uma ordem.

Ayla olhou para ele com grande aturdimento.

- Não compreendo.

- Ninguém pode mandar em você, Ayla. Seu corpo lhe pertence, é sua escolha. Você decide o que quer fazer e com quem quer fazê-lo. Pode ir para a cama de qualquer homem que escolher, contanto que ele queira... e não vejo muito problema aí... mas não tem que partilhar prazeres com qualquer homem que não queira. Jamais.

Ela parou para refletir nas palavras dele.

- E se Ranec der ordem de novo? Ele disse que me quer de novo, muitas vezes.

- Não duvido de que queira, mas não lhe pode dar ordem alguma. Ninguém pode mandar em você, Ayla. Não contra a sua vontade.

- Nem o homem que é meu companheiro? Nunca? - Acho que você não continuaria unida a um homem sob estas circunstâncias, por muito tempo.

mas não, nem mesmo seu companheiro pode lhe dar ordens. Seu companheiro não é seu dono.

Somente você pode de cidir.

- Mamut, quando Ranec me der o sinal, não preciso ir? - Isso mesmo. - Olhou para a testa franzida de Ayla. - Lamenta ter ido para a cama dele? - Lamentar? - Ela sacudiu a cabeça. - Não. Não lamento. Ranec é... bom. Não é rude... como Rroud. Ranec... gosta de num... traz bons prazeres. Não, não lamento por Ranec. Lamento por Jondalar. Lamento Jondalar estar zangado. Ranec faz bons prazeres, mas Ranec não é... Jondalar.

Capítulo 20

Ayla virou a cabeça para o lado enquanto se inclinava para o vento uivante, tentando proteger o rosto da rajada fria da neve trazida pela ventania. Cada passo cuidadoso à frente era violentamente combatido por uma força tornada visível apenas pela massa em redemoinho de grãos brancos congelados atirados contra ela. Enquanto a tempestade de neve campeava, ela enfrentava chicotadas de bolinhas que picavam e mantinha os olhos abertos. De pois, se virava e dava mais alguns passos. Fustigada pela tempestade forte, ela olhou de novo. A forma lisa e arredondada à sua frente acenou, e ela ficou aliviada ao tocar, afinal, o sólido arco de marfim.

- Ayla, não devia ter saído nessa tempestade de neve! - exclamou Deegie. - Pode-se perder o caminho a alguns passos além da entrada.

- Mas a tempestade não pára há dias, e Whinney e Racer saíram. Eu queria saber aonde foram.

- Descobriu? - Sim. Eles gostam de se alimentar em um local na curva do rio. O vento lá não sopra tão forte, e a neve não cobre o capim seco com uma camada muito espessa. O vento sopra do outro lado.

Tenho cereal, mas não tenho mais capim. Os cavalos sabem onde há capim, mesmo quando a nevasca acontece. Darei água aqui, quando eles voltarem - disse Ayla, batendo os pés, e sacudindo a neve da parka que acabava de tirar. Pendurou-a em um cabide perto da entrada para a Fogueira do Mamute, ao entrar.

- Acreditam nisso? Ela saiu. Com este tempo! - anunciou Deegie a várias pessoas reunidas na quarta fogueira.

Mas, por quê? - perguntou Tornec.

- Os cavalos precisam comer e eu... - começou a responder Ayla.

- Achei que sumiu por muito tempo disse Ranec. - Quando perguntei a Mamut onde você estava, ele disse que a vira entrando na fogueira dos cavalos, mas quando fui ver, você não estava lá.

- Todos começaram a procurar você, Ayla - disse Tronie.

- Então, Jondalar viu que sua parka não estava, e os cavalos tam pouco. Ele achou que você poderia ter saído com os animais - falou Deegie -então resolvemos que era melhor procurar você lá fora. Quando olhei para ver como estava o tempo, vi você chegando.

- Ayla, devia avisar alguém quando sair com mau tempo - disse Mamut, gentilmente.

- Não sabe que faz as pessoas se preocuparem quando sai em uma nevasca como esta? - falou Jondalar. o tom colérico.

Ayla tentou responder, mas todos falavam ao mesmo tempo. Ela olhou para todos os semblantes que a observavam e corou.

- Lamento. Não queria que se preocupassem. Vivi sozinha muito tempo, não tinha ninguém para se preocupar comigo. Eu saía e voltava quando queria, não estou acostumada com as pessoas, com alguém se preocupando - disse ela, olhando para Jondalar, depois para os outros. Mamut viu a testa de Ayla se enrugando quando o homem louro se afastou.

Jondalar se sentiu corar e afastou-se das pessoas que se tinham preocupado com Ayla. Ela estava certa, ela vivera sozinha e cuidara muito bem de si mesma. Que direito tinha ele de discutir suas ações ou censurá-la por não dizer a ninguém que ia sair? Mas ele temera desde o momento em que descobriu que ela não estava e, provavelmente, tivesse saído na nevasca. Ele havia visto mau tempo - invernos onde crescera eram ex

cepcionalmente frios e desolados - mas nunca vira um clima tão rigoroso. Aquela tempestade devastara sem interrupção por metade da estação, segundo parecia.

Ninguém temera mais pela segurança de Ayla do que Jondalar, mas ele não queria mostrar sua profunda preocupação. Estava tendo dificuldades em falar com ela desde a noite da adoção. A princípio, ficara muito magoado por ela ter escolhido outro homem de que ele se afastara, e estava ambivalente em relação aos seus próprios sentimentos. Estava terrivelmente enciumado, no entanto, duvidava de seu amor por ela porque se havia envergonhado por tê-la trazido.

Ayla não partilhara as peles de Ranec outra vez, mas todas as noites Jondalar temia que o fizesse.

Isso o deixava tenso e nervoso, e permanecia longe da Fogueira do Mamute até ela estar na cama.

Quando, afinal, se juntava a ela no estrado de dormir, dava-lhe as costas e resistia à tentação de tocá-la, temeroso de perder o controle, com medo de ceder e pedir-lhe para amá-lo.

Mas Ayla não sabia por que ele a evitava. Quando tentava falar com ele, Jondalar respondia com monossílabos, ou fingia estar adormecido; quando colocava um braço à volta dele, ele ficava rígido e frio. Parecia-lhe que ele não gostava mais dela, especialmente depois que trouxe peles separadas para dormir, de forma a ele não sentir o toque cauterizador do corpo dela próximo ao dele. Mesmo durante o dia ele ficava longe dela. Wymez, Danug e ele tinham construído uma área para trabalhar no sílex na fogueira de cozinhar e ali ele passava a maior parte das horas do dia - não supor taria trabalhar com Wymez na Fogueira da Raposa, do lado oposto do acesso à cama em que Ayla havia deitado com Ranec.

Pouco tempo depois, quando as investidas amistosas de Ayla tinham sido muitas vezes rejeitadas,

ela se tornou confusa e hesitante, e se afastou dele. Somente então, ele começou afinal a compreender que a distância crescente entre eles era culpa sua, mas não sabia como resolver o problema. Apesar de toda a sua experiência e conhecimento sobre mulheres, não estava acostumado a se apaixonar. Encontrou-se relutando em dizer a Ayla como se sentia em relação a ela. Lembrava-se de jovens seguindo-o, declarando-lhe seus sentimentos fortes por ele, quando não sentia o mesmo por elas. Ele ficara pouco à vontade, quisera fugir. Não queria que Ayla se sentisse assim em relação a ele, por isto, conteve-se.

Ranec sabia que eles não estavam partilhando prazeres. Estava dolorosamente consciente de Ayla.

a cada momento, embora tentasse não deixá-lo óbvio demais. Sabia quando ela ia dormir e quando acordava, o que comia e com quem falava, e passava o maior tempo possível na Fogueira do Mamute. Entre aqueles que ali se reuniam, o humor de Ranec, às vezes dirigido a um ou outro membro do Acampamento do Leão, era freqüentemente motivo de risadas estridentes. Era escrupulosamente cuidadoso, contudo, para jamais denegrir Jondalar quer Ayla estivesse por perto ou não. O visitante estava ciente da habilidade de Ranec com as palavras, mas tal atributo jamais fora o ponto forte de Jondalar. A musculosidade com pacta de Ranec e sua autoconfiança despreocupada tinham o efeito de fazer o homem alto, dramaticamente atraente, sentir-se como grande imbecil.

A medida que o inverno avançava, o mal-entendido não-resolvido de Jondalar e Ayla continuou a piorar. Jondalar temia perdê-la inteiramente para o homem escuro, exótico e envolvente. Continuou tentando convencer-se de que deveria ser justo, e deixá-la fazer a escolha, de que não tinha qualquer direito de fazer exigências. Mas ficava distante porque não queria

presenteá-la com uma escolha que lhe daria a chance de rejeitá-lo.

Os Mamutoi não pareciam perturbados pelo mau tempo. Tinham muito alimento estocado e se ocupavam com suas diversões costumeiras de inverno, protegidos e seguros no interior de sua habitação comunal parcialmente subterrânea. Os membros mais velhos do acampamento tendiam a reunir-se ao redor da fogueira de cozinhar, bebericando chá quente, contando histórias, recordando, tagarelado e jogando jogos de azar com pedaços de osso ou carvão esculpido, quando não estavam ocupados com algum projeto. As pessoas mais jovens reuniam-se na Fogueira do Mamute, rindo e pilheriando, cantando e tocando instrumentos musicais, embora houvesse muita mistura entre todos e as crianças fossem bem-vindas em toda parte. Era tempo de lazer; a época de fazer e consertar ferramentas e armas, utensílios e adornos; a época para tecer cestas e esteiras, esculpir marfim, osso e chifre; fazer correias, cordas, cordões e redes, e a época de fazer e enfeitar roupas.

Ayla se interessava em saber como os Mamutoi preparavam seu couro e, principalmente, como o coloriam. Também estava intrigada com o bordado colorido, trabalho com contas e espinhos. As roupas decoradas e costuradas eram algo novo e incomum para ela.

- Você disse que me ensinaria como fazer o couro vermelho depois que eu aprontasse a pele.

Acho que a pele de bisão em que estou trabalhando está pronta - falou Ayla.

- Pois bem, eu lhe mostro - disse Deegie. - Vejamos como está a pele.

Ayla se dirigiu ao estrado de estocagem próximo à cabeceira de sua cama, desdobrou uma pele inteira e espalhou-a. Era inacreditavelmente macia ao toque,

flexível e quase branca. Deegie a examinou com ar crítico. Ela havia observado o processo de Ayla, sem comentários, mas com grande interesse.

Em primeiro lugar, Ayla cortava a pesada crina rente à pele com faca afiada, enrolando-a depois; deixava-a cair sobre um grande osso liso de perna de mamute e raspava-a, usando a extremidade levemente rombuda de uma lâmina de sílex. Raspava o interior para remover pedaços pendurados de gordura e vasos sanguíneos, e o exterior, contra a disposição do pêlo, retirando a camada externa de pele, que incluía também a superfície do couro. Deegie a teria enrolado e deixado perto do fogo por alguns dias, permitindo que começasse a soltar, a perder o pêlo. Quando estivesse pronta, o pêlo sairia, deixando atrás de si a camada externa de pele que se tornaria a superfície do couro. Para fazer o couro mais macio, como Ayla fizera, ela teria amarrado a peça a uma armação para raspar o pêlo e a superfície.

O passo seguinte de Ayla incorporava uma sugestão de Deegie. De pois de embeber e lavar, Ayla planejara esfregar gordura na pele para amaciá-la, como estava acostumada a fazer. Mas Deegie lhe mostrou como preparar uma papa fina dos miolos em putrefação do animal para molhar a pele, em vez disso. Ayla ficou surpresa e satisfeita com os resultados. Podia sentir a mudança na pele, a maciez e elasticidade que o tecido cerebral dava, mesmo enquanto esfregava. Mas era depois de torcer completamente a pele que começava o trabalho. O couro tinha que ser puxado e esticado constantemente enquanto secava, e a qualidade do couro pronto dependia de quão bem se trabalhava a pele nesta fase.

- Tem uma boa mão para couro, Ayla. A pele de bisão é pesada, e esta está muito macia. Parece maravilhosa. Resolveu o que quer fazer com ela - Não -

Ayla sacudiu a cabeça- mas quero fazer couro vermelho O que acha? Sapatos? - É bastante pesado para isso, mas o suficientemente macio para uma túnica. Vamos em frente e cobramos o couro. Pode pensar no que fazer com ele mais tarde - disse Deegie enquanto caminhavam juntas para a úl tima fogueira, quando ela perguntou. - O que faria com esse couro agora? Se não fosse colori-lo? - Eu o poria sobre um fogo bem enfumaçado para não endurecer de novo, se ficar molhado da chuva ou mesmo de nadar - disse Ayla.

Deegie concordou com um gesto de cabeça.

- É isso que eu faria também. Mas o que vamos fazer com o couro fará com que a chuva deslize por ele.

Passaram por Crozie quando atravessaram a Fogueira da Garça, o que lembrou a Ayla uma coisa que ela tivera intenção de perguntar.

- Deegie, sabe como fazer o couro branco também? Como a túnica que Crozie usou? Gosto de vermelho, mas depois gostaria de aprender a fazer o branco. Acho que conheço alguém que gostaria de branco.

- É difícil fazer branco, difícil tornar o couro realmente cor da neve. Acho que Crozie poderia lhe mostrar melhor do que eu. Você precisaria de cré. Talvez Wymez tenha algum. O sílex é encontrado no cré e, em geral, os pedaços que ele retira da mina ao norte têm uma cobertura de cré no lado externo - falou Deegie.

As jovens voltaram para a Fogueira do Mamute com alguns pequenos pilões e almofarizes, e vários pedaços de material de colorir vermelho-ocre em diversos tons. Deegie colocou um pouco de gordura para derreter sobre o fogo, depois arrumou os fragmentos coloridos de material perto de Ayla. Havia pedaços de carvão para a cor negra, manganês para preto-azulado, e um brilhante amarelo sulfúreo, em adição a ocres de muitas cores: marrons, vermelhos, castanho-avermelhados, amarelos. Os pilões eram as formas naturais de tigelas de alguns

ossos, tais como o osso frontal de um veado, ou feitos de granito ou basalto, exatamente como eram as candeias de pedra. Os almofarizes eram moldados de osso ou marfim resistente, exceto um que era uma pedra naturalmente alongada.

Que tonalidade de vermelho quer, Ayla? Vermelho forte, vermelho-sangue, vermelho-terra, vermelho-amarelado; essa é uma espécie de cor do sol.

Ayla não sabia que teria tantas opções.

- Não sei... vermelho, vermelho respondeu.

Deegie estudou as cores.

- Acho que se pegarmos este - faloti. apanhando um pedaço que era mais um vermelho-vivo, cor de terra - e acrescentarmos um pouco de amarelo, para avivar mais o vermelho, talvez seja uma cor que você goste.

Ela colocou a pequena massa de ocre vermelho no pilão de pedra e mostrou a Ayla como triturá-la bem fina, depois moeu o pedaço amarelo numa vasilha separada. Em uma terceira vasilha Deegie misturou as duas cores até ficar satisfeita com o tom. Depois ajuntou a gordura quente, que mudou e avivou mais a cor para uma tonalidade que fez Ayla sorrir.

- Sim. Isso é vermelho. Vermelho bonito - disse ela.

Em seguida, Deegie pegou uma comprida costela de veado, que fora cortada no sentido do comprimento, para que o osso poroso interno ficasse exposto na extremidade convexa. Usando o polidor de costela com o lado esponjoso para baixo, pegou uma pincelada da gordura vermelha resfriada, e esfregou a mistura na pele preparada de bisão, pressionando com força enquanto segurava a pele em sua mão. Enquanto fazia o colorido mineral penetrar nos poros do couro, este adquiria um brilho suave. No couro granulado, a ferramenta de lustrar e os agentes de colorir teriam produzido um acabamento brilhante e áspero.

Depois de observar algum tempo, Ayla pegou outro osso de costela e copiou a técnica de Deegie.

Deegie a vigiou, fazendo algumas correções. Quando um canto do couro estava pronto, ela deteve Ayla por um momento.

- Veja - falou, derramando algumas gotas d'água sobre o couro, enquanto mantinha o canto erguido. - Escorre, vê? - A água escorreu em gotas, não deixando marca no acabamento impermeável.

- Já resolveu o que fará com seu pedaço de couro vermelho? - perguntou Nezzie.

para mostrar a Rydag e admirá-la novamente, ela própria. Era dela, porque ela havia curtido e tratado do couro, e jamais tivera uma coisa tão grande que fosse vermelha, e o couro resultara notavelmente vermelho. - Ver melho era uma cor sagrada para o Clã. Eu a daria a Creb, se pudesse.

"É o vermelho mais vivo que já vi. Certamente, pode-se ver a pessoa a grande distância, ao usar uma roupa dessa cor.

- Também é macio - Rydag falou por sinais. Ele vinha freqüente mente visitá-la na Fogueira do Mamute e ela lhe dava boas-vindas.

- Deegie me ensinou a fazer ficar macio com miolos, primeiro - falou Ayla, sorrindo para o amigo. - Eu usava gordura antes. Difícil de fazer e mancha, às vezes. Melhor usar miolos de bisão. - Fez uma pausa com expressão pensativa, depois perguntou: - Dará certo com todo animal, Deegie? - Então, quando Deegie concordou com um gesto de cabeça, ela disse: - Que quantidade deveríamos usar? Quanto para a rena? E para o coelho? - Mut, a Grande Mãe, em sua infinita sabedoria - replicou Ranec em vez de Deegie, com um vislumbre de sorriso - sempre dá miolos suficientes a cada animal para preservar sua pele.

A risada gutural suave de Rydag intrigou Ayla por um instante; de pois ela sorriu: - Alguns não têm miolos suficientes para não ser apanhados? Ranec riu e Ayla se juntou a ele, satisfeita consigo mesma por com preender a piada oculta no significado da palavra. Ela se sentia mais à vontade com a língua, agora.

Jondalar acabando de entrar na Fogueira do Mamute, e vendo Ranec e Ayla rindo juntos, sentiu o estômago revolver-se como se desse um nó.

Mamut o viu fechar os olhos como se sofresse. Lançou um olhar a Nezzie e sacudiu a cabeça.

Danug, que viera atrás do trabalhador de sílex visitante, observou-o parar, agarrar um suporte e abaixar a cabeça. Os sentimentos de Jondalar e Ranec por Ayla e o problema que se desenvolvia por causa deles, eram óbvios para todos, embora a maior parte das pessoas não o reconhecesse. Não queriam interferir, esperando dar aos três espaço para resolver o caso sozinhos. Danug gostaria de poder fazer alguma coisa para ajudar, mas estava desconcertado. Ranec era um irmão, desde que Nezzie o adotara, mas ele gostava de Jondalar e sentia empatia por sua angústia. Ele também tinha sentimentos fortes, embora indefinidos, pelo belo novo membro do Acampamento do Leão. Além dos rubores inexplicáveis e sensações físicas quando ele estava perto de Ayla, sentia uma afinidade por ela. Ela parecia estar tão confusa sobre como controlar a situação quanto ele se sentia, muitas vezes, em relação às novas mudanças e complicações em sua vida.

Jondalar respirou fundo e endireitou o corpo; depois, avançou mais para o interior do recinto. Os olhos de Ayla o seguiram enquanto ele caminhava até Mamut e lhe entregava alguma coisa. Ela os viu trocarem algumas palavras. Depois, Jondalar saiu, rapidamente, sem lhe falar. Ela havia perdido o fio da conversa que tinha lugar à sua volta e, quando Jondalar saiu, - Não -

replicou Ayla. Ela havia desdobrado a pele inteira de bisão ela correu para Mamut, não ouvindo a pergunta que Ranec lhe tinha feito, nem vendo a expressão fugaz de desapontamento no rosto dele. Ele fez uma brincadeira, que ela tampouco ouviu, para encobrir seu desalento. Mas Nezzie, que era sensível às nuances sutis dos sentimentos mais profundos de Ranec, notou a mágoa em seus olhos, e depois o viu firmar o maxilar e aprumar os ombros com resolução.

Ela queria aconselhá-lo, dar-lhe a contribuição de sua experiência e a sabedoria de seus olhos, mas calou-se. Eles devem solucionar seus destinos, pensou.

Como os Mamutoi viviam em locais acanhados por períodos prolongados de tempo, tinham que aprender a tolerar-se mutuamente. Não havia realmente privacidade na habitação comunal, exceto a privacidade dos pensamentos de cada pessoa, e tinham muito cuidado para não se intrometer nos pensamentos particulares do outro. Evitavam fazer perguntas pessoais, ou insistir em ofertas não-pedidas de ajuda e conselho, ou intervir em disputas, a menos que lhes pedissem, ou se as alterações se tornassem incontroláveis e um problema para todos. Em vez disso, se vissem o desenvolvimento de uma situação perturbadora, tornavam-se silenciosamente disponíveis e esperavam com paciência e indulgência, até haver necessidade de um amigo para discutir preocupações, temores e frustrações. Não eram judiciosos ou altamente críticos, e impunham poucas restrições ao comportamento pessoal se não magoasse ou perturbasse gravemente os outros. Uma solução para um problema era aquela que funcionava e satisfazia todos os envolvidos.

Eram gentis com as almas uns dos outros.

- Mamut... - começou Ayla, depois compreendeu que não sabia, exatamente, o que queria dizer.

- Ah... acho que agora é bom momento para fazer remédio para artrite.

- Não faço objeção - disse o velho, sorrindo. - Não passo um inverno tão confortável há muitos anos. Se não por outra razão, estou contente por estar aqui, Ayla. Deixe-me guardar esta faca que ganhei de Jondalar, e me porei em suas mãos.

- Ganhou uma faca de Jondalar? - Crozie e eu apostávamos com os ossinhos de carneiros. Ele observava e parecia interessado, por isso o convidei a jogar. Ele disse que gostaria, mas nada tinha para apostar. Eu disse que contanto que tivesse sua arte, sempre teria alguma coisa, e que apostaria contra uma faca especial, que eu queria que fosse feita de uma certa maneira. Ele perdeu. Ele devia saber que não se aposta contra Um Que Serve. - Mamut riu baixinho. - Aqui está a faca.

Ayla concordou com um gesto de cabeça. Sua resposta satisfez a curiosidade dela, mas gostaria que alguém pudesse lhe contar por que motivo Jondalar não queria falar com ela. O grupo de pessoas que estivera admirando o couro vermelho de Ayla se dispersou e deixou a Fogueira do Mamute, com exceção de Rydag, que se reuniu a Ayla e Mamut. Havia alguma coisa confortadora em vê-la tratando o velho feiticeiro. Ele se acomodou a um canto da cama.

- Primeiro, farei cataplasma quente para você - disse Ayla, e começou a misturar ingredientes em uma vasilha de madeira.

Mamut e Rydag a observaram medir, misturar, esquentar a água.

- O que usa no cataplasma? - perguntou Mamut.

- Não conheço seus nomes para as plantas.

- Descreva-as para mim. Talvez eu possa lhe dizer. Conheço algumas plantas e alguns remédios.

Tive que aprender alguns.

- Uma planta, cresce mais alto que o joelho - explicou Ayla, pensando com cuidado sobre a planta. - Tem folhas grandes, não de um verde vivo, mas como poeira sobre elas. As folhas crescem junto com a haste pri meiro, depois ficam grandes, em seguida se tornam pontiagudas. Sob a folha, é como pele macia. As folhas são boas para muitas coisas, e as raízes também, especialmente, ossos quebrados.

- Comfrey! Deve ser comfrey! O que mais há no cataplasma? - Isto é interessante, pensou.

- Outra planta menor, não alcança o joelho. As folhas são como pequenas pontas de lança que Wymez faz, de um verde escuro e brilhante, permanecem verdes no inverno. O galho se projeta das folhas, tem pequenas flores, de cor clara, com pequenas manchas vermelhas dentro. É boa para inflamações, erupções também - disse Ayla.

Mamut sacudia a cabeça.

- As folhas permanecem verdes no inverno, flores manchadas. Acho que não conheço essa. Por que não chamá-la apenas de gualtéria manchada? Ayla concordou, balançando a cabeça.

- Quer conhecer outras plantas? - perguntou ela.

- Sim, vá em frente e descreva outra.

- Planta grande, maior que Talut, quase árvore. Cresce em terras baixas, perto dos rios. Bagas escuras, purpúreas permanecem na planta mesmo no inverno. Folhas novas são boas para comer, as grandes e velhas são muito fortes, podem causar doença. A raiz seca em cataplasma é boa para inchação, "inchação vermelha" também, e para a dor. Eu coloco bagas secas no chá que faço para sua artrite. Sabe o nome? - Não, acho que não, mas contanto que você conheça a planta, estou satisfeito - disse Mamut. - Seus remédios para a minha artrite têm ajudado. você é perita em medicamentos para os idosos.

- Creb era velho. Era coxo e tinha dores de artrite. Aprendi a ajudar com Iza. Depois, ajudei outros no Clã. - Ayla fez uma pausa e ergueu os olhos de sua mistura. - Acho que Crozie também sofre de dores por causa da idade. Quero ajudar. Acha que ela se oporia, Mamut? - Ela não gosta de admitir as deficiências da idade. Era bela e ativa quando jovem, mas acho que tem razão. Você poderia perguntar a ela, especialmente se puder pensar em uma maneira de não ferir-lhe o orgulho. É tudo o que lhe resta agora.

Ayla concordou com um gesto de cabeça. Quando o preparado estava pronto, Mamut tirou a roupa.

- Quando estiver descansando com o cataplasma - disse Ayla - tenho um pó de raiz de outra planta que quero colocar sobre carvões quentes para que cheire. Você vai suar, e é bom para a dor. Então, antes de dormir esta noite, tenho novo líquido para as juntas..

Suco de maçã e raiz forte...

- Quer dizer rábano-picante? A raiz que Nezzie usa com a comida.

- Acho que sim, com suco de maçã e a bebida fermentada de Talut. Aquecerá a pele por dentro e por fora.

Mamut riu.

Como conseguiu que Talut deixasse você colocar sua bebida fora, sobre a pele, e não no interior? Ayla sorriu.

- Ele gosta do "remédio mágico da manhã seguinte". Eu digo que sempre o prepararei para ele - falou ela, enquanto aplicava um cataplasma espesso, viscoso, quente nas articulações doloridas do velho.

Ele se recostou, confortavelmente, e fechou os olhos.

Este braço parece bom - comentou Ayla, trabalhando sobre o braço que fora fraturado. - Acho que foi uma fratura grave.

- Foi uma fratura grave - disse Mamut, abrindo os olhos. Lançou um olhar a Rydag, que assimilava tudo silenciosamente. Mamut nunca falara a ninguém de sua experiência, com exceção de Ayla. Fez uma pausa; depois, balançou a cabeça fortemente, com decisão.

- É hora de você saber, Rydag. Quando eu era um jovem e fazia uma jornada, caí por um penhasco e quebrei o braço. Fiquei tonto, e finalmente, vaguei até chegar a um acampamento de cabeças-chatas, pessoas do Clã. Vivi com elas por algum tempo.

- Por isto você aprende os sinais depressa! - Rydag sorriu. - Achei que era muito esperto.

- Sou muito esperto, rapaz - disse Mamut, sorrindo - mas também me lembrava de alguns deles, quando Ayla me fez recordar.

O sorriso de Rydag se ampliou. Exceto por Nezzie e o resto de sua família da Fogueira do Leão, ele amava aquelas duas pessoas mais que a tudo no mundo, e nunca fora tão feliz desde que Ayla chegara. Pela primeira vez na vida podia falar, podia fazer as pessoas compreendê-lo, era capaz até de fazer alguém sorrir. Observou Ayla trabalhando em Mamut, e até ele podia reconhecer o conhecimento e dedicação da jovem. Quando Mamut olhou em sua direção, ele fez o sinal: - Ayla é boa curandeira.

- As curandeiras do Clã são muito inteligentes, ela aprendeu com elas. Ninguém poderia ter feito um trabalho melhor em meu braço. A pele estava esfolada, com terra suja dentro, e aberta, com o osso fraturado projetando-se para fora. Parecia um pedaço de carne. A mulher, Uba, limpou o braço e fixou-o, e sequer inflamou com pus e febre. Pude usá-lo totalmente quando ficou bom, e somente nestes últimos anos senti um pouco de dor de vez em quando. Ayla aprendeu com a neta da mulher que cuidou do meu braço. Disseram-me que ela

era considerada a melhor - anunciou Mamut, observando a reação de Rydag.

O garoto olhou para os dois curiosamente, perguntando-se como podiam conhecer as mesmas pessoas.

- Sim. E Iza era melhor, como sua mãe e avó - disse Ayla, termi nando. Ela não prestara atenção à comunicação silenciosa entre o menino com velho. - Ela sabia tudo que a mãe dela sabia, tinha as lembranças da mãe e da avó.

Ayla tirou algumas pedras da fogueira, aproximando-as da cama de Mamut, ergueu alguns carvões em brasa com dois paus e os colocou sobre as pedras. Depois, salpicou raiz pulverizada de ioneybloom sobre os carvões. Foi buscar cobertas para Mamut conservar o calor, mas enquanto as enfiava à volta dele, ele se levantou em um cotovelo e olhou para a jovem pensativamente.

- As pessoas do Clã são diferentes de uma forma que a maior parte dos indivíduos não compreende. Não se trata de que não falam, ou de que sua fala é diferente. A maneira como pensam é que é um pouco diversa. Se Uba, a mulher que cuidou de mim, era a avó de sua Iza, e aprendeu das lembranças de sua mãe e avó, como você aprendeu, Ayla? Você não tem as lembranças do Clã.

- Mamut notou um rubor de constrangimento e um rápido arquejo de surpresa antes de Ayla abaixar o olhar. - Ou tem? Ayla ergueu o olhar para ele de novo, depois abaixou-o.

Não. Não tenho as lembranças do Clã - respondeu.

- Mas...? Ayla tornou a encará-lo.

- O que quer dizer, mas? - ela perguntou, com a expressão cautelosa, quase assustada. Voltou os olhos para o chão novamente.

- Você não tem as lembranças do Clã, mas... tem alguma coisa, não é? Alguma coisa do Clã? Ayla manteve

a cabeça inclinada. Como podia ele saber? Ela jamais contara a ninguém, nem mesmo a Jondalar. Ela mal chegava a admitir a si própria, porém, nunca mais fora a mesma depois.

Existiram aqueles momentos que lhe trouxeram inspiração...

- Isso tem algo a ver com sua perícia como curandeira? - indagou Mamut.

Ela levantou os olhos e sacudiu a cabeça.

- Não - retrucou, os olhos suplicando para que ele acreditasse nela.

- Iza me ensinou, eu era muito jovem. Acho que não tinha a idade de Rugie ainda, quando ela começou. Iza sabia que eu não tinha as lembranças, mas fez-me lembrar, fez-me contar-lhe uma e outra vez, até eu não esquecer mais. Ela era muito paciente. Algumas pessoas disseram a ela que era tolice me ensinar. Que eu não conseguiria me lembrar... era estúpida demais. Ela me disse que não, que eu era apenas diferente. Eu não queria ser diferente. Eu me obriguei a me lembrar. Eu disse a mim mesma, uma e outra vez, mesmo quando Iza não estava ensinando. Aprendi a me lembrar, do meu jeito. Depois, forcei-me a aprender depressa, para que eles não pensassem que eu era tão estúpida assim.

Os olhos de Rydag estavam arregalados, redondos. Mais do que tudo, compreendia exatamente como ela se sentira, mas ignorava que alguma pessoa se tivesse sentido da mesma forma, principalmente alguém como Ayla.

Mamut olhou para ela com assombro.

- Então, decorou as "memórias" do clã de Iza! Isso é uma façanha. Elas recuam de geração a geração, não é? Rydag ouvia com atenção, pressentindo algo muito importante para ele.

- Sim - disse Ayla - mas não aprendi todas as suas lembranças. Iza não podia ensinar-me tudo o que sabia.

Ela me disse que nem sequer 1 sabia quanto conhecimento tinha, mas ensinou-me a aprender. Como testar, como tentar cuidadosamente. Então, quando eu fiquei mais velha, ela disse que eu era sua filha, curandeira de sua linhagem. Perguntei como podia reivindicar sua linhagem? Não era sua verdadeira filha, não era sequer Clã, não tinha memórias. Então, ela me disse que eu tinha outra coisa, tão boa quanto as memórias, talvez melhor. Iza achava que eu nascera de uma família de curandeiras dos Outros, da melhor linhagem, como a sua. Por isto eu era curandeira de sua linhagem. Ela disse que eu seria a melhor, um dia.

- Sabe o que ela queria dizer? Sabe o que possui? - perguntou) Mamut.

- Sim, acho que sim. Quando alguém não está bem, vejo o que está errado. Vejo expressão dos olhos, cor do rosto, odor da respiração. Reflito a respeito, às vezes sei apenas olhando, outras vezes, sei o que perguntar. Depois faço remédio para ajudar. Nem sempre é o mesmo remédio. As vezes remédio novo, como a bebida fermentada no preparado para artrite.

- Talvez sua Iza tivesse razão. Os melhores curandeiros possuem esse dom - disse Mamut.

Depois, um pensamento lhe ocorreu e ele prosseguiu: - Notei uma diferença entre você e os curandeiros que conheço, Ayla. Você usa remédios de plantas e outros tratamentos para curar. Os curandeiros Mamutoi invocam também o auxílio dos espíritos.

- Não conheço o mundo dos espíritos. No Clã somente ,nog-urs conhecem. Quando Iza queria ajuda dos espíritos, pedia a Creb.

O Mamut a fixou de forma penetrante.

- Ayla, gostaria de ter a ajuda do mundo espiritual? - Gostaria, mas não tenho mog-ur a quem pedir.

- Não precisa pedir a ninguém. Você pode ser seu próprio mog-ur - Eu? Um mog-ur? Mas sou uma mulher.

Uma mulher do Clã não pode ser um mog-ur - disse Ayla, aturdida com a sugestão.

- Mas você não é uma mulher do Clã. Você é Ayla dos Mamutoi. É a filha da Fogueira do Mamute. Os melhores curandeiros Mamutoi conhecem os caminhos dos espíritos. Você é uma boa curandeira, Ayla, mas como será a melhor se não puder pedir o auxílio do mundo espiritual? Ayla sentiu um grande nó de ansiedade se apertar em seu estômago. Era curandeira, uma boa curandeira, e Iza dizia que ela seria a melhor, algum dia. Agora, Mamut dizia que não poderia ser a melhor sem a ajuda dos espíritos, e ele devia ter razão. Iza sempre pedia a ajuda de Creb, não pedia? - Mas, não conheço o mundo dos espíritos, Mamut - disse Ayla, sentindo-se desesperada, quase em pânico.

Mamut se inclinou para mais perto dela, sentindo que a ocasião era adequada, e extraindo de alguma fonte interior uma força para compelir.

- Conhece, sim - disse ele, o tom de voz autoritário - não é ver dade, Ayla? Os olhos da jovem se arregalaram de medo.

- Não quero conhecer o mundo espiritual! - gritou.

- Você teme esse mundo apenas porque não o compreende. Posso ajudá-la a compreender. Posso ajudá-la a usá-lo. Você nasceu para a Fogueira do Mamute, para os mistérios da Mãe, não importa onde tenha nascido ou para onde vá. Não pode fazer nada, está atraída por esse mundo e ele a procura. Não pode fugir mas, com treinamento e compreensão, é capaz de controlá-lo. Pode fazer os mistérios trabalharem a seu favor. Ayla, não pode lutar contra o destino, e é seu destino Servir à Mãe.

- Sou curandeira! Esse é o meu destino.

- Sim, esse é o seu destino: ser uma curandeira. Mas isso é Servir à Mãe, e um dia, talvez seja chamada para servir de outra maneira. Precisa estar preparada,

Ayla, sabe que algumas doenças não podem ser curadas com remédios e tratamento apenas. Como curar alguém que não quer mais viver? Que medicamento dá a alguém a vontade de se recuperar de um acidente grave? Quando alguém morre, que tratamento dá àqueles que ficam? Ayla inclinou a cabeça. Se alguém tivesse sabido o que fazer por ela quando Iza morreu, talvez não houvesse perdido seu leite e não tivesse que dar seu filho para outras mulheres com filhos, para ser amamentado. Saberia ela o que fazer se isso acontecesse com alguém de quem cuidava? O conhecimento do mundo espiritual a ajudaria a saber o que fazer? Rydag observava a cena tensa, sabendo que havia sido esquecido momentaneamente. Temia mover-se, com medo de distraí-los de alguma coisa muito importante, embora não estivesse certo do que fosse.

- Ayla, o que teme? O que aconteceu que a fez se afastar? Conte-me - disse Mamut, a voz persuasiva, e afetuosa.

Ayla ficou de pé, de repente. Pegou as peles quentes e enfiou-as ao redor do velho feiticeiro.

- Deve se cobrir, manter-se aquecido para o cataplasma fazer efeito - disse ela, obviamente perturbada e preocupada. Mamut jazeu de costas, permitindo que ela completasse o tratamento sem objeção, compreendendo que ela precisava de tempo. Ela começou a andar de um lado para o outro, nervosa e agitada, os olhos vagos fixando o espaço ou alguma cena interior. Ela girou e o encarou.

- Eu não tinha intenção! --- exclamou - Não tinha intenção de quê? - perguntou Mamut - De entrar na caverna... ver os mog-urs.

- Quando entrou na caverna, Ayla? - Mamut conhecia as proibições contra mulheres participarem dos rituais do Clã. Ela deve ter feito alguma coisa que

não devia, quebrado algum tabu, pensou ele - Na Reunião de Clãs.

- Você foi à Reunião de Clãs? Eles fazem uma Reunião uma vez a cada sete anos, não é verdade? Ayla balançou a cabeça, concordando.

- Há quanto tempo foi essa Reunião? Ela teve que parar para pensar a respeito, e a concentração abriu um pouco sua mente.

- Dure tinha nascido, então, na primavera. No próximo verão, fará sete anos! No próximo verão, haverá Reunião de Clãs. Clã irá à Reunião, trará Ura de volta. Ura e Dure serão companheiros. Meu filho será homem, lãgo! - É verdade, Ayla? Ele terá apenas sete anos quando tiver uma com panheira? Seu filho será homem tão cedo? - indagou Mamut.

- Não, não tão jovem. Talvez mais três ou quatro anos. Ele é... como Druwez. Ainda não é homem. Mas a mãe de Ura me pediu Durc, para Ura.

Ela também é filha de espíritos mistos. Ura viverá com Brun e Ebra. Quando Durc e Ura tiverem idade suficiente, serão companheiros.

Rydag fitava Ayla, incrédulo. Não entendia claramente todas as implicações, mas uma coisa parecia certa. Ayla tinha um filho, misto como ele, que vivia com o Clã! - O que aconteceu na Reunião de Clãs sete anos atrás, Ayla? - interrogou Mamut, não querendo deixar o assunto morrer quando parecera tão perto de conseguir que Ayla concordasse em começar o treinamento, embora ela houvesse mencionado alguns pontos intrigantes que ele gostaria de esclarecer. Estava convencido de que não era apenas importante, mas essencial para seu próprio bem, que isto acontecesse.

Ayla fechou os olhos com expressão angustiada.

- Iza estava muito doente para ir. Ela disse a Brun que eu era uma curandeira, Brun realizava a cerimônia. Ela me disse como mastigar a raiz para preparar a

bebida para os mog-urs. Só disse, não podia me mostrar. Era sagrada... demais para fazer para treinar, Os Mog-urs não me queriam na Reunião de Clãs, eu não era Clã. Mas ninguém mais sabia, somente a linhagem de Iza. Afinal, disseram sim. Iza medisse para não engolir o suco, quando mastigasse, para cuspir na tigela, mas eu não consegui, engoli um pouco. Mais tarde, fiquei confusa, entrei na caverna, segui as fogueiras, encontrei os Mog-urs. Eles não me viram, mas Creb viu.

Ela se agitou de novo, andando de um lado para o outro.

- Estava escuro, como um buraco fundo, e eu caía. Ela curvou os ombros, esfregou os braços como se sentisse frio. - Depois. Creb veio, como você, Mamut, porém mais. Ele... ele... me levou consigo.

Ficou em silêncio, então, caminhando. Afinal, parou e falou de novo.

- Depois, Creb ficou zangado e infeliz. E eu... fiquei diferente. Nunca digo, mas às vezes, penso que volto lá... e fico assustada.

Mamut esperou para ver se ela terminara. Ele tinha alguma idéia do que ela passara. Ele tivera a permissão de estar presente em uma cerimônia do Clã. Eles usavam cenas plantas de forma única, e ele havia experimentado algo insondável. Ele havia tentado, mas nunca fora capaz de repetir a experiência, mesmo depois de se tornar Mamut. Ia dizer alguma coisa quando Ayla tornou a falar.

- As vezes, quero jogar a raiz fora, mas Iza me disse que é sagrada.

Ele levou um instante para registrar o significado das palavras de Ayla. mas o choque da compreensão quase o fez ficar de pé.

- Está dizendo que tem a raiz com você? - perguntou ele, achando difícil controlar sua excitação.

- Quando parti, trouxe a bolsa de remédios. A raiz está na bolsa, em um saquinho vermelho especial.

- Mas, ainda está boa? Você disse que faz mais de três anos que partiu. Ela não perdeu sua potência durante esse tempo? - Não, está preparada de modo especial. Depois de a raiz secar, se mantém muito tempo, muitos anos.

- Ayla - começou o Mamut, tentando dizer as palavras corretas- talvez seja uma sorte você ainda ter a raiz. Sabe, a melhor forma de vencer um temor é enfrentá-lo. Gostaria de preparar essa raiz de novo? Somente para você e eu? Ayla estremeceu sob o pensamento - Não sei, Mamut. Não quero, estou assustada.

- Não digo imediatamente - falou ele. - Não até você ter tido algum treinamento e estar preparada para isso. E deveria ser uma cerimônia especial, com significado profundo e importância.

Talvez o Festival de Primavera, o começo de nova vida. - Ele a viu estremecer novamente. - É você quem sabe, mas não tem que decidir agora. Tudo o que peço é que me permita iniciar o treinamento e a preparação. Quando a primavera chegar, se não se sentir pronta, poderá dizer não.

- O que é treinamento? - perguntou Ayla.

- Em primeiro lugar, gostaria que aprendesse algumas canções e cânticos, e como usar a caveira de mamute. Depois, há o significado de alguns símbolos e sinais.

Rydag a viu fechar os olhos e enrugar a testa. Esperava que ela concordasse. Ele acabara de saber mais sobre o povo de sua mãe do que nunca antes, mas queria saber mais. Se Mamut e Ayla planejavam uma cerimônia com rituais do Clã, tinha certeza de que saberia.

Quando Ayla abriu os olhos, eles tinham expressão perturbada, mas ela engoliu com dificuldade e depois concordou com um gesto de cabeça: - Sim, Mamut. Tentarei enfrentar o medo do mundo espiritual, se você me ajudar.

Quando Mamut se deitou outra vez, não notou que Ayla apertava o pequeno saco ornamentado que usava em volta do pescoço.

Capítulo 21

- Hu, hu, hu! Três! - gritou Crozie, rindo astutamente enquanto contava os discos com o lado marcado para cima, que tinham sido apanhados na tigela entrelaçada e vazia.

- Sua vez de novo - disse Nezzie. Estavam sentadas ao chão, ao lado da abertura circular de solo de loesse seco que Talut utilizara para fazer o mapa de um projeto de caçada. - Ainda faltam sete. Aposto mais dois.

- Ela traçou mais duas linhas na superfície alisada da cavidade de desenhar. Crozie pegou a tigela de vime e sacudiu os sete discos de marfim juntos.

Os discos, que formavam levemente um bojo de forma a balançar sobre uma superfície plana, eram lisos de um lado; o outro lado era esculpido com linhas e coloridos. Crozie, mantendo a grande tigela vazia perto do solo, atirou os discos para o ar. Depois, movendo a cesta com habilidade através da esteira com borda vermelha que limitava o campo de jogo, pegou os discos com a cesta.

Desta vez, quatro discos tinham o lado marcado para cima e somente três eram lisos.

- Veja isso! Quatro! Só faltam três. Aposto mais cinco.

Ayla, sentada em uma esteira próxima, bebericava chá de sua xícara de madeira, e observava a velha agitar os discos, juntos, na cesta novamente. Crozie jogou-os para o alto e pegou-os mais uma vez. Agora, cinco discos tinham o lado com marcas esculpidas visível.

- Ganhei! Quer jogar de novo, Nezzie? - Bem, talvez mais uma vez - disse Nezzie estendendo a mão para a cesta de vime e sacudindo-a. Ela atirou os discos para o alto e pegou-os com a cesta achatada.

- Lá está o olho negro! - gritou Crozie, apontando para um disco que tinha o lado virado para cima colorido de negro. - Você perdeu! Isso faz com que me deva doze. Quer jogar mais? - Não, você está com muita sorte hoje - disse Nezzie, levantando-se.

- Que tal você, Ayla? - perguntou Crozie. - Quer jogar? - Não sou boa em jogo - replicou Ayla. - As vezes, não pego todos os discos.

Ela havia observado o jogo muitas vezes enquanto o frio rigoroso da prolongada estação se tornava pior, mas jogara pouco, e apenas para pra ticar. Ela sabia que Crozie era uma jogadora séria, que não jogava para treinar apenas, e tinha pouca paciência com jogadores indecisos ou inábeis.

- Bem, que tal o jogo com ossinhos? Não precisa de habilidade para jogá-lo.

- Eu jogaria, mas não sei o que apostar - disse Ayla.

- Nezzie e eu jogamos por marcas e depois acertamos as contas.

- Agora, ou depois, não sei o que apostar.

- Certamente, você tem alguma coisa que pode apostar - falou Crozie, um pouco impaciente para continuar a jogar. - Alguma coisa de valor.

- E você aposta alguma coisa do mesmo valor? A velha concordou com um gesto de cabeça, bruscamente.

- Claro.

Ayla franziu a testa com concentração.

- Talvez... peles, ou couro ou algo para fazer. Espere! Acho que sei de uma coisa. Jondalar jogou com Mamut e apostou sua perícia. Ele fez uma faca especial quando perdeu. É bom apostar a perícia, Crozie? - Por que não? -disse ela. -Vou marcar aqui - ajuntou, alisando a terra com o lado achatado da faca de desenhar. A mulher pegou dois objetos no chão ao seu lado e estendeu-os, um em cada mão. Se adivinhar, consegue

uma marca. Se errar, eu ganho um ponto. A primeira que conseguir três pontos ganha o jogo.

Ayla olhou para os dois ossos de metacarpo de um boi almiscarado que ela segurava, um pintado de linhas vermelhas e pretas, o outro liso.

- Devo pegar o liso, não é? - perguntou.

- Exatamente - disse Crozie, com um brilho malicioso nos olhos.

- Está pronta? - Esfregou as palmas uma na outra com os ossinhos dentro, mas olhou para Jondalar, sentado com Danug na área de trabalho em sílex. - Ele é realmente tão bom como dizem? - interrogou, balançando a cabeça na direção do homem.

Ayla lançou um olhar na mesma direção, e viu a cabeça louca de Jondalar inclinada perto da do garoto ruivo. Quando ela virou a cabeça, Crozie tinha as duas mãos atrás das costas.

- Sim. Jondalar é bom - falou.

Crozie tentara, propositadamente, desviar sua atenção para outro lugar, a fim de distraí-la? perguntou-se. Olhou para a mulher com cuidado, observando a leve inclinação de seus ombros, a forma como mantinha a cabeça, a expressão do rosto.

Crozie trouxe as mãos para a sua frente, de novo, e estendeu-as, fechadas ao redor dos ossinhos.

Ayla examinou o rosto enrugado, que se tornara vazio e inexpressivo, e as mãos artríticas de nós dos dedos brancos. Uma das mãos se encontrava um pouco mais perto do seu peito? Ayla escolheu a outra.

- Perdeu! - regozijou-se Crozie, ao abrir a mão e mostrar o osso marcado de vermelho e preto.

Traçou uma linha curta no local de marcação.

- Está pronta para tentar de novo? - Estou - respondeu Ayla.

Desta vez, Crozie começou a cantarolar baixinho enquanto esfregava os ossos um no outro, entre as suas

palmas. Fechou os olhos, depois olhou para o teto e fitou-o, como se visse alguma coisa interessante perto da abertura para passagem da fumaça. Ayla ficou tentada a erguer os olhos e ver o que era tão fascinante, e começou a acompanhar o olhar de Crozie. Então, lembrou-se do truque sagaz que fora usado para desviar sua atenção antes, e voltou a olhar para a mulher, a tempo de ver a velha astuciosa espiar as palmas das mãos antes de escondê-las atrás das costas. Um sorriso experiente de respeito rancoroso atravessou o seu rosto. O movimento de seus ombros e músculos dos braços dava a impressão de ação entre as mãos escondidas. Crozie pensava que Ayla havia vislumbrado um dos ossos, e trocava-os de mãos? Ou Crozie queria apenas que Ayla pensasse isso? Ayla refletiu que havia mais naquele jogo do que adivinhação, e era mais interessante jogar do que observar. Crozie lhe mostrou os punhos fechados novamente. Ayla olhou para ela com atenção, mas disfarçadamente. Não era educado encarar os outros, em primeiro lugar, e em nível mais sutil, não queria que Crozie soubesse o que ela procurava. Era difícil dizer, a mulher era perita no jogo, mas parecia que o outro ombro estava um pouco] mais erguido, e que a outra mão estava um pouco à frente desta vez. Ayla escolheu a mão que pensou que Crozie desejava que escolhesse, a mão errada.

- Ah! Perdeu de novo! - exclamou Crozie, animada, depois ajuntou 1 depressa: - Está pronta? Antes de Ayla concordar com um gesto de cabeça, Crozie tinha as mãos atrás das costas, e depois à sua frente para que adivinhasse, mas agora, inclinava-se para a frente. Ayla resistiu, sorrindo. A velha sempre mudava alguma coisa, tentando evitar dar algum sinal válido. Ayla escolheu a mão que pensou ser a certa, e foi recompensada com uma marca no local de mar cação. Da vez seguinte,

Crozie mudou a posição novamente, abaixando as mãos e Ayla errou.

- Três! Eu ganhei! Mas não pode realmente testar sua sorte com uma partida apenas. Quer jogar outra? - perguntou Crozie.

- Quero, gostaria de jogar de novo - respondeu Ayla.

Crozie sorriu, mas quando Ayla adivinhou acertadamente duas vezes seguidas, sua expressão era muito menos simpática. Franziu a testa enquanto esfregava as mãos com os ossinhos nas palmas, pela terceira vez.

Olhe lá! O que é aquilo? - falou Crozie, apontando com o queixo em uma tentativa espalhafatosa de distrair a jovem.

Ayla olhou e quando tornou a olhar para Crozie, a velha sorria outra vez. A jovem não se apressou em esconder a mão que continha o osso vencedor, embora houvesse decidido rapidamente. Não queria que Crozie ficasse preocupada demais, mas havia aprendido a interpretar os sinais inconscientes do corpo, que a mulher fazia quando jogava, e ela sabia em que mão se encontrava o osso liso, tão claramente como se Crozie lhe tivesse contado.

Não teria agradado a Crozie saber que ela se revelava tão facilmente, mas Ayla possuía uma vantagem rara. Estava acostumada a observar e interpretar detalhes sutis de postura e expressão como algo quase instintivo. Eles eram uma parte essencial da linguagem do Clã que comunicava nuances e matizes de significado. Ela notara que as posturas e movimentos corporais também exprimiam um significado entre aquelas pessoas que se comunicavam, principalmente, com sons verbais, mas que isso não era proposital.

Ayla estivera tão ocupada tentando aprender a linguagem falada de seu novo povo, que não havia feito

qualquer esforço verdadeiro para compreender sua linguagem inconsciente, não-falada.

Agora, que se sentia à vontade, e embora não exatamente fluente, podia expandir sua comunicação para incluir os predicados da linguagem que não eram considerados, normalmente, parte da fala. O jogo que jogava com Crozie a fez compreender quanto podia aprender sobre seu próprio tipo de pessoa, aplicando o conhecimento e insight que havia aprendido com o Clã. E se o Clã não pudesse mentir por causa da impossibilidade de esconder a linguagem corporal, aqueles que ela conheceu como os Outros poderiam guardar segredos dela, ainda menos. Nem sequer sabiam que estavam "falando". Ela não era totalmente capaz de interpretar os sinais corporais dos Outros, ainda... mas estava aprendendo.

Ayla escolheu a mão que continha o osso liso do boi almiscarado, e Crozie, com uma facada de irritação, marcou uma terceira linha para Ayla.

- Agora, a sorte é sua - disse ela. - Como venci uma partida e você outra, podemos dizer que empatamos e esquecer as apostas.

- Não - disse Ayla. - Apostamos a perícia. Você ganha a minha: é medicina. Eu a darei a você. Quero sua arte. - - Que arte? - perguntou Crozie. - Minha habilidade no jogo? É o que faço de melhor hoje em dia, e você já me venceu, Para que me quer? - Não, não é o jogo. Quero fazer couro branco - disse Ayla.

Crozie arquejou de surpresa.

- Couro branco? - Couro branco, como a túnica que usou na adoção.

- Há anos que não faço couro branco - disse Crozie.

- Mas é capaz de fazer? - Sou. - Os olhos de Crozie suavizaram-se com expressão distante.

- Aprendi em menina, com minha mãe. Em uma época era sagrado para a Fogueira da Garça, ou assim

dizem as lendas. Ninguém mais podia usá lo... - Os olhos da velha endureceram. - Mas isso foi antes de a Fogueira da Garça decair tanto em seu valor que até o Preço de Noiva é uma insignificância. - Olhou duramente para a jovem. - O que é o couro branco para você? - É bonito - disse Ayla, o que provocou uma nova expressão suave nos olhos de Crozie. - E o branco é sagrado para alguém - terminou, os olhos fixos nas mãos. - Quero fazer uma túnica especial, do modo que alguém gosta. Túnica especial branca.

Ayla não notou Crozie lançar um olhar a Jondalar, que naquele momento olhava para elas, casualmente. Ele desviou o olhar depressa, parecendo embaraçado. A velha sacudiu a cabeça para a jovem, que continuava de olhos baixos.

- E o que ganho por isto? - perguntou Crozie.

- Você me ensinará? - indagou Ayla, erguendo a cabeça e sorrindo. Notou um brilho de cobiça nos olhos da velha, mas alguma coisa mais, também. Algo mais distante eterno. - Fazer remédio para artrite - disse ela - como para Mamut.

Quem disse que preciso de remédio? - rebateu Crozie. - Não sou. de forma alguma, tão velha quanto ele - Não, não é tão velha, Crozie, mas sente dor. Você não diz que sente dor, faz outra queixa, mas eu sei, porque sou curandeira. O remédio não pode curar as articulações e ossos doloridos, nada pode curar a doença, mas é capaz de fazê-la sentir-se melhor. Cataplasma quente facilitará o movimento e inclinação do corpo, e farei remédio para dor, um para de manhã, um pouco para outros momentos - disse Ayla. Depois, percebendo que a mulher precisava de algo para salvar as aparências, acrescentou: - Preciso fazer remédio para você, para pagar minha aposta. E a minha arte.

Bem, acho que devo deixá-la pagar sua aposta - falou Crozie - mas quero mais uma coisa.

- O quê? Eu farei, se puder.

Quero mais daquela gordura que deixa a pele, velha e seca, macia... e jovem - falou em voz baixa.

Depois, endireitou o corpo e declarou: - Minha pele sempre fica rachada no inverno.

Ayla sorriu.

- Eu farei isso. Agora, diga-me qual é a melhor pele para couro branco, e perguntarei a Nezzie o que há nos locais de congelamento.

- Pele de veado. A da rena é boa, embora seja melhor usá-la como pele, para aquecer. Qualquer veado serve, gamo, alce, megáceros. Antes de conseguir a pele, contudo, precisará de outra coisa.

- O quê? Terá de guardar sua urina.

- Minha urina? - Isso mesmo. Não apenas sua, mas de qualquer pessoa, embora a sua seja melhor. Comece a recolhê-la agora, mesmo antes de descongelar uma pele de veado. Deve ser deixada onde estiver quente, por algum tempo - falou Crozie.

- Em geral, urino atrás da cortina, na cesta com esterco de mamute e cinzas. É jogada fora.

Não use a cesta. Guarde a urina em uma bacia de crânio de mamute ou em uma cesta impermeável.

Algo que não vaze.

- Por que a urina é necessária? Crozie fez uma pausa e avaliou a jovem diante dela antes de responder.

- Não estou mais jovem - disse, afinal- e não tenho ninguém ex ceto Fralie... Em geral, uma mulher transmite sua arte para os filhos e netos, mas Fralie não tem tempo e não se interessa muito em curtir couro... ela gosta de costura e bordado com contas... e não tem filhas. Seus filhos... bem, são jovens. Quem sabe? Mas minha mãe me legou o saber, e devo passá-lo... para alguém. É trabalho difícil preparar couro cru, mas vi seu trabalho em couro. Mesmo as peles para agasalho e as peles simples que você trouxe mostram habilidade e

cuidado, e isso é necessário para fazer o couro branco. Não tenho pensado em fazê-lo, há anos, e ninguém mais mostrou muito interesse, mas você sim. Por isto, eu lhe direi.

A mulher se inclinou para a frente e apertou a mão de Ayla.

- O segredo do couro branco está na urina. Isso pode lhe parecer estranho, mas é verdade.

Depois de ser deixada em um local quente por algum tempo, ela muda. Então, se você mergulha peles nela, todos os restos de gordura que possam ter ficado, saem, e quaisquer manchas de gordura. O pêlo sairá mais facilmente, a pele não apodrecerá depressa, e permanece macia mesmo sem curar, ou seja, não ficará queimada pelo sol ou marrom.

Na verdade, ela embranquece a pele, ainda não verdadeiramente branca, mas quase. Depois, quando o couro é lavado e torcido várias vezes, e seco, está pronto para a cor branca.

Se alguém lhe houvesse perguntado, Crozie não poderia ter explicado que a uréia, o principal componente da urina, se decompunha, se tornava amoníaco, em um meio quente. Ela sabia apenas que se a urina fosse envelhecida, tornava-se outra coisa. Algo que dissolveria a gordura e agiria como alvejante, e no mesmo processo, ajudaria a preservar o couro do apodrecimento bacteriano.

Ela não precisava saber por quê, ou conhecer a amônia, tinha apenas que saber que funcionava.

- Temos crê? - perguntou Crozie.

- Wymez tem. Ele disse que o sílex que acabou de trazer era de um penhasco de calcário, e ainda tem várias pedras cobertas por ele - disse Ayla.

- Por que perguntou a Wymez sobre crê? Como sabia que eu concordaria em lhe mostrar? - indagou Crozie, desconfiada.

- Não sabia. Há muito tempo que ando querendo fazer uma túnica branca. Se você não me mostrasse, eu mesma iria tentar, mas não sabia sobre guardar a urina, e não teria pensado nisso.

Estou feliz porque me mostrará como fazer corretamente - disse Ayla.

- HUUU - foi o único comentário de Crozie, convencida, mas não querendo admiti-lo. - E certifique-se de que fará aquele sebo macio e branco. - Depois acrescentou: - E faça um pouco para o couro também, acho que seria bom misturá-lo com o crê.

Ayla segurou a cortina de um lado e olhou para fora. O vento de fim de tarde gemia e entoava um canto triste e lúgubre, um acompanhamento adequado para a paisagem monótona e gelada, e o céu cinzento e nublado. Ela ansiava por algum alívio do frio árido, mas a estação opressora parecia que jamais terminaria. Whinney bufou e ela deu meia-volta para ver Mamut entrando na fogueira dos cavalos. Ela lhe sorriu.

Ayla sentira profundo respeito pelo velho feiticeiro desde o início mas, quando ele havia começado a treiná-la, seu respeito aumentou e se converteu em amor. Parcialmente, ela percebia forte semelhança entre o velho feiti ceiro, alto e magro, e o mágico baixo, coxo, de um só olho do Clã, não em aparência, mas no temperamento. Era quase como se tivesse encontrado Creb de novo, ou ao menos sua réplica. Ambos mostravam compreensão e reverência profundas pelo mundo dos espíritos, embora os espíritos que venerassem tivessem nomes diferentes; os dois podiam dominar poderes ter ríveis, embora cada um fosse fisicamente frágil; e os dois eram sábios em relação às pessoas. Mas, talvez, a razão mais forte para o amor de Ayla fosse que, como Creb, Mamut lhe tinha dado boas-vindas, ajudara-a a com preender, e a aceitara como filha em sua fogueira - Eu estava à sua procura, Ayla. Achei

que talvez estivesse aqui, com seus cavalos - falou Mamut.

Eu estava olhando lá para fora, querendo que fosse primavera- disse Ayla.

- Esta é a época em que a maioria das pessoas começa a desejar uma mudança, para ter alguma coisa nova para ver ou fazer. As pessoas ficam entediadas, dormem mais. Acho que é por isto que temos mais festas e comemorações na última parte do inverno. A Competição do Riso será breve.

A maioria das pessoas gosta dela.

- O que é Competição do Riso? - Exatamente o que parece. Todos tentam fazer os outros rir. Algumas pessoas usam roupas engraçadas, ou usam a roupa às avessas, fazem caretas divertidas umas para as outras, fazem truques, mutuamente. E se alguém fica zangado por isto, mais se ri dele então. Quase todo mundo espera a festa com ansiedade, mas nenhuma celebração é aguardada com tanta expectativa quanto o Festival de Primavera. Na verdade, é por este motivo que eu a procurava - disse Mamut. - Há ainda muitas coisas que você deveria aprender antes dele.

- Por que o Festival de Primavera é tão especial? - Ayla não tinha certeza se estava ansiosa a respeito.

- Por muitas razões, imagino. É nossa comemoração mais solene e mais feliz. Marca o fim do frio rigoroso e prolongado, e o começo do calor. Diz-se que se você observar o ciclo das estações durante um ano, compreenderá a vida. A maioria das pessoas conta três estações. A primavera é a estação de nascimento. A Grande Mãe Terra, no jorro de Suas águas de origem, as enchentes primaveris, cria nova vida outra vez, O verão, a estação quente, é a época de crescimento e proliferação. O inverno é a "pequena morte". Na primavera, a vida se renova, renasce. Três estações são suficientes para a maioria dos propósitos, mas a

Fogueira do Mamute conta cinco, O número sagrado da Mãe é cinco.

Apesar de suas restrições iniciais, Ayla se encontrava fascinada pelo trei namento sobre o qual Mamut havia insistido. Ela estava aprendendo muito: idéias novas, pensamentos novos, até novas maneiras de pensar. Era excitante descobrir e pensar sobre tantas coisas novas, ser incluída em vez de excluída. O conhecimento dos espíritos, dos números, até mesmo o conhecimento de caçada haviam sido mantidos longe dela quando vivera com o Clã; eram reservados somente aos homens. Apenas os mog-urs e seus acólitos os estudavam profundamente, e nenhuma mulher podia tornar-se mog-ur. As mulheres não eram sequer admitidas em discussões sobre conceitos como espíritos e números. A caça também fora tabu para ela, mas eles não proibiam as mulheres de ouvir; tinham suposto, apenas, que nenhuma mulher aprenderia.

- Eu gostaria de repetir ainda as canções e cânticos que temos trei nado, e quero começar mostrando-lhe algo especial. Símbolos. Creio que os achará interessantes. Alguns são sobre medicina.

- Símbolos de medicina? - perguntou Ayla. Claro que se interessava. Entraram juntos na Fogueira do Mamute - Vai fazer alguma coisa com o couro branco? - perguntou Mamut, colocando esteiras ao lado do fogo, perto de sua cama. - Ou vai guardá-lo, como o vermelho? - Não sei ainda sobre o vermelho, mas quero fazer uma túnica especial com o branco. Estou aprendendo a costurar, mas me sinto desajeitada. Ele ficou tão perfeito que não quero estragar o branco até eu ficar melhor. Deegie está me ensinando, e Fralie, às vezes, quando Frebec não dificulta as coisas para ela.

Ayla partiu uns ossos e acrescentou-os às chamas enquanto Mamut apresentava uma parte oval bastante fina de marfim com uma grande superfície curva. O

contorno oval tinha sido gravado numa presa de mamute com um cinzel de pedra, depois repetido até se tornar um entalhe fundo.

Um golpe forte dado precisamente em uma extremidade soltou a lasca de marfim. Mamut pegou um pedaço de carvão de lenha de osso da fogueira, enquanto Ayla conseguia um crânio de mamute e uma baqueta do feitio de um martelo, feito de chifre, e sentou-se ao lado dele.

- Antes de praticarmos com o tambor, quero lhe mostrar alguns símbolos que usamos para nos ajudar a memorizar coisas, como canções, histórias, provérbios, lugares, ocasiões, nomes, qualquer coisa que alguém queira lembrar - começou Mamut. - Você nos tem ensinado símbolos e sinais manuais, e sei que notou que usamos certos gestos também, em bora não tantos quanto o Clã.

Acenos em despedida, ou dando boas-vindas a alguém, se queremos que venha, e todo mundo compreende. Usamos outros símbolos manuais, principalmente quando descrevemos alguma coisa, ou contamos uma história, ou quando Um Que Serve dirige uma cerimônia. Aqui está um que será fácil. É semelhante a um símbolo do Clã.

Mamut fez um movimento circular com a mão, a palma para fora.

- isso significa "tudo", todo mundo, todas as coisas - explicou. Depois, pegou um carvão de lenha. - Agora, posso fazer o mesmo gesto com este pedaço de carvão sobre o marfim, vê? - disse, desenhando um círculo. - Agora, esse símbolo significa "tudo" e sempre que o vir, mesmo se desenhado por outro Mamut, saberá que significa "tudo".

O velho feiticeiro gostava de ensinar a Ayla. Ela era inteligente e aprendia depressa, porém, mais ainda, seu prazer em aprender era bem aparente! Enquanto ele

explicava, o rosto dela revelava seus sentimentos, sua curiosidade e interesse, e o encantamento puro quando compreendia.

- Jamais teria pensado nisso! Qualquer pessoa pode aprender esta experiência? - perguntou ela.

- Alguns conhecimentos são sagrados, e somente aqueles ligados à Fogueira do Mamute podem receber o ensinamento, porém, a maior parte das coisas pode ser aprendida por qualquer pessoa que revele interesse. Muitas vezes, resulta que aqueles que mostram grande interesse dedicam-se, eventualmente, à Fogueira do Mamute. O saber sagrado é, muitas vezes, escondido atrás de um segundo significado, ou mesmo um terceiro. A maioria das pessoas conhece este. - desenhou outro círculo sobre o marfim -significa "tudo", mas tem outro significado. Há muitos símbolos para a Grande Mãe, este é um deles. Significa Mut, A Criadora de Toda Vida. Muitos outros traços e formas possuem significado - continuou ele. - Este quer dizer "água" - falou, traçando uma linha em ziguezague.

- Essa estava no mapa quando caçamos os bisões - disse Ayla. Achei que queria dizer rio.

- Sim, pode significar rio. Como a linha é traçada, ou onde é desenhada, ou o que acompanha o desenho pode mudar o significado. Se for assim - disse ele, fazendo outro ziguezague com algumas linhas adicionais - significa que a água não deve ser bebida. E, como o círculo, possui um segundo significado. É o símbolo para sentimentos, paixões, amor e, às vezes, para o ódio.

Também pode ser um lembrete para um provérbio que temos: o rio corre silencioso quando a água é profunda.

Ayla enrugou a testa, percebendo algum significado para ela no ditado.

- A maioria dos curandeiros dá significados aos símbolos para ajudá-los a recordar, como lembretes para

provérbios, exceto os provérbios que são sobre medicina ou cura, e em geral não são compreendidos por outra pessoa - disse Mamut. - Não conheço muitos, mas quando formos à Reunião de Verão, você encontrará outros curandeiros. Eles poderão lhe dizer mais.

Ayla se interessava. Lembrava-se de ter encontrado outras curandeiras na Reunião de Clãs, e de como ela havia aprendido muito com elas. Partilharam seus tratamentos e remédios, até lhe ensinaram novos ritmos, porém melhor que tudo era ter outras pessoas com quem dividir experiências.

- Eu gostaria de aprender mais - disse ela. - Só conheço medicina do Clã.

- Acho que tem mais conhecimento do que pensa, Ayla, certamente, mais que muitos curandeiros acreditarão, a princípio. Alguns poderiam aprender com você, mas espero que compreenda que talvez leve algum tempo para ser completamente aceita. - O velho a observou enrugando a testa de novo, e desejou que houvesse algum modo de poder facilitar sua apresentação inicial. Ele podia pensar em várias razões pelas quais não seria fácil para ela conhecer outros Mamutoi, especialmente, em grande número. Mas não havia necessidade de se preocupar com aquilo ainda, pensou ele, e mudou de assunto. - Há uma coisa sobre medicina do Clã que eu gostaria de lhe perguntar. Tudo é apenas "lembrança"? Ou vocês têm meios para ajudar a recordar? - Como as plantas são, em semente, e broto e maduras; onde crescem, para que servem; como misturá-las, prepará-las e usá-las: isso é da memória. Outros tipos de tratamentos também são lembrados. Penso em uma nova maneira de usar alguma coisa, mas isso é porque sei como usá-la - falou ela.

- Não usa nenhum símbolo ou lembrete? Ayla refletiu um pouco, depois se levantou sorrindo e trouxe sua bolsa de remédios. Retirou o seu conteúdo,

colocando-o diante de si, uma variedade de pequenos sacos e embrulhos cuidadosamente amarrados com cordões e pequenas tiras de couro. Ela pegou dois.

- Este tem hortelã - disse, mostrando um saquinho a Mamut - e este tem frutos da roseira.

- Como sabe? Você não os abriu, nem cheirou.

- Eu sei porque a hortelã tem um cordão feito da casca fibrosa de um certo arbusto, e existem dois nós em uma extremidade do cordão. O cordão do embrulho de frutos de roseira é do pêlo comprido de um rabo de cavalo, e tem três nós seguidos, e juntos - falou Ayla. - Posso sentir a diferença pelo olfato também... se não estiver resfriada, mas alguns remédios muito fortes quase não têm odor. Este é misturado às folhas com cheiro forte de planta com pouco remédio, de modo que não se use o remédio errado. Cordão diferente, nós diferentes, odor diferente, às vezes, embrulho diferente. São lembretes, não são? - Inteligente... muito inteligente - disse Mamut. - Sim, são lembretes. Mas você tem que lembrar os cordões e nós de cada um, não é? Mesmo assim, é uma boa maneira de ter certeza de que está utilizando o medicamento adequado.

Os olhos de Ayla estavam abertos, mas ela jazia imóvel. Estava escuro, exceto pela fraca luz noturna de fogos limitados. Jondalar subia na cama, tentando fazer o mínimo possível de agitação enquanto se movia à volta dela. Ela havia pensado em ir para o lado de dentro uma vez, mas resolveu que não o faria. Não queria tornar fácil para ele entrar e sair da cama, esgueirando-se silenciosamente. Ele rolou em suas peles separadas e jazeu de lado, de frente para a parede, imóvel.

Ela sabia que ele não adormeceria depressa, e ansiava para estender a mão e tocá-lo, mas havia sido rejeitada antes e não queria correr esse risco de novo. Havia doído quando ele disse que estava cansado, ou fingiu dormir, ou não lhe respondeu.

Jondalar esperou até o som da respiração de Ayla indicar que ela adormecera, afinal. Então, rolou na cama, levantou-se em um cotovelo e encheu os olhos com a visão da jovem. Seu cabelo desgrenhado se espalhava sobre as peles, e um braço estava abandonado fora das cobertas, desnudando um seio. Uma calidez emanava dela, e um leve odor de mulher. Ele podia se sentir tremendo com o desejo de tocá-la, mas estava seguro de que ela não queria que ele a incomodasse quando dormia. Depois de sua reação zangada e confusa diante da noite de Ayla com Ranec, ele temia que ela não o quisesse mais. Ultimamente, sempre que se roçavam acidentalmente, ele recuava. Várias vezes, havia pensado em mudar para outra cama, até para outra fogueira, mas se já era tão difícil dormir ao lado dela... muito pior seria dormir longe.

Um fio delicado de cabelo jazia sobre o rosto da jovem e se movia a cada respiração dela. Ele estendeu a mão e afastou o cabelo gentilmente, depois se deitou com cuidado e permitiu-se relaxar.

Fechou os olhos e adormeceu ao som da respiração de Ayla.

Ayla despertou com a sensação de que alguém a estava olhando. As fogueiras estavam acesas e a claridade do dia penetrava através da abertura para saída da fumaça parcialmente descoberta. Ela virou a cabeça e viu os olhos penetrantes, escuros de Ranec observando-a da Fogueira da Raposa. Sorriu sonolentemente para ele, e foi recompensada por um sorriso largo, encantado. Estava certa de que o lugar a seu lado se encontrava vazio, mas estendeu a mão através das peles empilhadas apenas para ter certeza. Depois, afastou as cobertas e sentou-se. Sabia que Ranec esperaria até ela sair da cama e vestir-se antes de entrar na Fogueira do Mamute para uma visita. Ela ficara pouco à vontade quando se tornou consciente, pela

primeira vez, de que ele a observava o tempo todo. De certa forma, era lisonjeiro e ela sabia que não havia malícia em sua atenção, mas no Clã era considerado descortês olhar, em meio às pedras que serviam como limite, a área de moradia de outra família. Não houvera mais real privacidade na caverna do Clã do que havia na habitação comunal dos Mamutoi, mas a atenção de Ranec era como uma invasão de sua privacidade - exatamente como era - e acentuava uma corrente oculta de tensão que ela sentia.

Alguém estava sempre por perto. Não fora diferente quando ela vivia com o Clã mas não fora criada de acordo com os costumes daquelas pessoas. As diferenças eram sutis. muitas vezes, mas, na proximidade íntima da habitação de barro, elas cresciam, ou ela se tornava mais sensível a elas.

Ocasionalmente, desejava poder fugir. Depois de três anos de solidão no vale, nunca imaginara que chegaria o momento em que desejaria ficar sozinha, mas havia ocasiões em que ela ansiava pela solidão e a liberdade da pessoa solitária.

Ayla se apressou em sua costumeira rotina matinal, comendo algumas pequenas porções, apenas, da comida que sobrara da noite anterior. Os buracos de saída de fumaça abertos normalmente significavam que o tempo estava bom, e resolveu sair com os cavalos. Quando afastou a cortina que levava ao anexo, viu Jondalar e Danug com os animais, e parou para reconsiderar Atender às necessidades dos cavalos, quer no anexo, ou quando o tempo permitia, fora, dava-lhe alguma folga das pessoas quando queria um momento para si própria, mas Jondalar também parecia gostar de passar o tempo com eles. Quando ela via Jondalar com os cavalos, geralmente ficava distante, porque ele deixava os animais com ela sempre que ela se reunia a eles, com comentários balbuciados de que não queria inter ferir

em sua convivência com os cavalos. Até queria lhe dar algum tempo com os animais. Não apenas eles proporcionavam uma ligação entre ela e ele, como seu cuidado mútuo com os cavalos exigia comunicação, embora reservada. O desejo de Jondalar de estar com eles e a sensibilidade em relação aos cavalos fizeram com que Ayla pensasse que talvez ele necessitasse mais da companhia dos animais do que ela Ayla avançou para a fogueira dos cavalos. Talvez, com Danug ali, Jondalar não se afastasse tão depressa. Ao se aproximar, Jondalar já retrocedia, mas ela se apressou em dizer uma coisa que o manteria envolvido na conversa - Já pensou como vai ensinar a Racer, Jondalar. - perguntou, e sorriu, cumprimentando Danug.

- Ensinar o quê? - interrogou Jondalar, um pouco desconcertado pela pergunta.

- Ensiná-lo a deixar que você o monte.

Ele estivera refletindo sobre isso. Na verdade, acabava de comentar com Danug no que esperava ser uma forma casual. Não queria trair seu desejo cada vez maior de cavalgar o animal.

Principalmente, quando se sentia frustrado por sua incapacidade de enfrentar a atração clara de Ayla por Ranec, imaginava-se galopando pelas estepes no dorso do potro castanho, tão livre quanto o vento, mas sem certeza de que ainda o seria. Talvez ela quisesse que Ranec cavalgasse o potro de Whinney agora.

- Tenho pensado nisso, mas não sabia se... como começar - disse Jondalar.

- Acho que devia continuar fazendo o que começou no vale. Acostume Racer com coisas sobre seu dorso. Acostume-o a carregar fardos. Não estou segura de como ensiná-lo a ir aonde você deseja que vá. Ele seguirá uma corda, mas não sei como obedecerá a uma corda quando você estiver montado nele - disse Ayla,

falando depressa, fazendo sugestões impulsivamente, tentando mantê-lo envolvido.

Danug a observava, depois olhou para Jondalar, querendo poder dizer ou fazer alguma coisa que resolvesse a situação, de repente, não apenas para eles, mas para todos. Um incômodo instante de silêncio os cercou, inquietador, quando Ayla parou de falar. Danug se apressou a preencher a lacuna.

- Talvez ele pudesse segurar a corda de trás, enquanto estiver montado no potro, em vez de segurar a crina de Racer - falou o rapazola.

De súbito, como se alguém houvesse golpeado um pedaço de sílex com pinta de ferro na habitação escura, Jondalar foi capaz de visualizar exatamente o que Danug havia dito. Em vez de recuar, parecendo que estava pronto para escapar diante da primeira oportunidade, ele fechou os olhos e enrugou a testa, concentrando-se.

- Sabe, talvez dê certo, Danug! - exclamou. Tomado de excitação por uma idéia que talvez fosse a solução de um problema que estivera tentando resolver, esqueceu, por um instante, sua incerteza em relação ao futuro. - Talvez eu possa amarrar alguma coisa ao seu cabresto e segurar detrás.

Uma corda forte... ou uma fina tira de couro... duas delas, talvez.

- Tenho algumas correias estreitas - falou Ayla, notando que ele parecia menos tenso. Ficou satisfeita pelo incontinuo de Jondalar no treinamento do potro, e curiosa de como a coisa funcionaria. - Vou buscá-las para você. Estão lá dentro.

Jondalar a acompanhou através da arcada interna em direção à Fogueira do Mamute. Então, parou de repente quando ela se dirigiu à plataforma de estocagem para pegar as correias. Ranec falava com Deegie e Tronie, e se virou para lançar o sorriso vitorioso a Ayla. Jondalar sentiu o estômago revolver-se, fechou os olhos

e cerrou os dentes. Começou a recuar em direção à abertura. Ayla se voltou para entregar-lhe um rolo estreito de couro flexível.

- Isto é correia, é forte - disse ela, entregando-lhe o couro. - Fiz no último inverno. - Ergueu a cabeça para os perturbados olhos azuis que revelavam o sofrimento, a confusão, e a indecisão que o atormentava. - Antes de chegar ao meu vale, Jondalar. Antes de o Espírito do Grande Leão da Caverna escolher você e o conduzir até lá.

Ele pegou o rolo e se apressou em sair. Não podia ficar. Sempre que o escultor vinha à Fogueira do Mamute, ele tinha que sair. Não era capaz de ficar por perto quando o homem escuro e Ayla estavam juntos, o que acontecia com mais freqüência recentemente. Ele havia observado de longe quando os jovens se reuniam no espaço mais amplo do recinto de cerimônias para exibir seu trabalho, partilhar idéias e arte. Ele os ouvia praticar música e cantar, escutava suas brincadeiras e risos. E todas as vezes que ouvia o riso de Ayla unido ao de Ranec, estremecia.

Jondalar colocou o rolo de couro perto do cabresto do potro, tirou sua parca do cabide no anexo, e saiu, sorrindo tristemente para Danug, no caminho. Escorregou-a pela cabeça, amarrou o capuz ao redor do rosto, e enfiou as mãos nas luvas que pendiam das mangas. Depois, caminhou para as estepes.

O vento forte que impelia nuvens cinzentas através do céu era normal para a estação e o sol brilhando intermitentemente entre as nuvens muito irregulares parecia produzir pouco efeito sobre a temperatura que permanecia bem abaixo de zero. O manto de neve era escasso e o ar seco estalava e roubava umidade de seus pulmões, em nuvens de vapor, a cada respiração. Ele não ficaria fora muito tempo, mas o frio o acalmava com sua exigência insistente de colocar a sobrevivência à frente

de qualquer outro pensamento. Ele ignorava por que reagia tão violentamente a Ranec. Em parte, sem dúvida, estava o medo de perder Ayla para ele, e também havia a visualização dos dois juntos em sua imaginação. Porém, havia também uma culpa torturante sobre sua própria hesitação em aceitá-la totalmente e sem reservas. Parte dele acreditava que Ranec a merecia mais que ele.

Mas uma coisa, ao menos, parecia certa. Ayla queria que ele, e não Ranec, tentasse aprender a montar Racer.

Danug viu Jondalar começar a subir a encosta, depois deixou a cortina cair, e caminhou devagar para o interior. Racer relinchou e agitou a cabeça quando o rapaz passou por ele, e Danug olhou para o potro e sorriu. Quase todos pareciam gostar dos animais agora, acariciando-os e conversando com eles, embora sem a familiaridade de Ayla. Parecia muito na tural ter cavalos em um anexo da moradia. Como era fácil esquecer o assombro e surpresa que sentira quando vira os animais pela primeira vez. Atravessou a segunda arcada e viu Ayla de pé ao lado de seu estrado- cama. Parou, depois se juntou a ela.

- Ele está dando uma caminhada nas estepes - disse a Ayla. - Não é uma boa idéia sair sozinho quando está frio e ver mas não está tão mau tempo quanto acontece, às vezes.

- Está tentando me dizer que ele estará bem, Danug? - Ayla lhe sorriu e ele se sentiu tolo por um instante. Claro que Jondalar estaria bem. Ele havia viajado muito, sabia cuidar de si mesmo. - Obrigada - disse ela - por sua ajuda e por querer ajudar - estendendo a mão e tocando a dele. A mão de Ayla estava fria, mas o toque era cálido, e ele sentiu-o com a especial intensidade que ela provocava nele, mas em um

nível mais profundo sentiu que ela oferecia algo mais: sua amizade.

- Talvez eu saia para verificar algumas armadilhas que preparei - falou ele.

- Tente deste jeito, Ayla - disse Deegie.

Destramente, ela abriu um furo perto da extremidade do couro com um ossinho, um pequeno osso duro e resistente da perna de uma raposa ártica, que tinha uma ponta naturalmente aguçada, que se tornara ainda mais pontiaguda com arenito. Depois, estendeu um pedaço fino de fio de tendão pelo orifício e, com a ponta do furador de costura, puxou-o através do buraco. Segurou-o com os dedos pela parte de trás do couro e atravessou o furador. Em um local correspondente, sobre outro pedaço de couro que ela costurava à primeira peça, fez outro furo e repetiu o processo.

Ayla pegou os pedaços de couro para treinamento. Usando um quadrado de pele resistente de mamute como dedal, passou o aguçado osso de raposa ártica pelo couro, fazendo uma pequena perfuração. Depois, tentou colocar o furador fino sobre o orifício e atravessá-lo, mas não parecia capaz de dominar a técnica, e se sentiu totalmente frustrada, outra vez.

- Acho que nunca aprenderei isto, Deegie! - gemeu.

- Tem apenas que praticar, Ayla. Faço isto desde menina. Claro que é fácil para mim, mas você conseguirá, se continuar se esforçando. É a mesma idéia como cortar uma pequena lasca com uma ponta de sílex e atravessar a correia de couro para fazer roupas de trabalho, e você faz isso muito bem.

- Mas é muito mais difícil com o furador fino e buracos pequenos. Não consigo passar o furador.

Sinto-me tão desajeitada! Não sei como Tronie pode costurar com contas e espinhos, como faz - disse Ayla, olhando para Fralie, que girava um fino e comprido cilindro de marfim no encaixe de um bloco de arenito. -

Eu esperava que ela me ensinasse, assim eu poderia enfeitar a túnica branca depois de pronta, mas não sei sequer se serei capaz de fazê-la do jeito que quero.

- Será, Ayla. Acho que não há nada que não se possa fazer, se se deseja, realmente - disse Tronie - Exceto cantar! - exclamou Deegie.

Todas riram, inclusive Ayla. Embora sua voz, ao falar, fosse grave e agradável, cantar não era um dos seus dons. Ela podia manter uma amplitude limitada de tons suficiente para um monótono canto de embalar, e tinha bom ouvido para música. Sabia quando desafinava e era capaz de assobiar uma melodia, mas qualquer habilidade vocal estava fora de seu alcance.

O virtuosismo de alguém como Barzec era uma maravilha total. Ela poderia ouvi-lo o dia inteiro, se ele consentisse em cantar tanto tempo. Fralie também tinha boa voz, cristalina, aguda, meiga, que Ayla adorava ouvir. Na verdade, a maior parte dos membros do Acampamento do Leão podia cantar, mas não Ayla.

Faziam piadas sobre seu canto e voz, quando incluíam comentários sobre seu sotaque, embora fosse mais um maneirismo de fala do que um sotaque. Ela ria tanto quanto os outros. Era incapaz de cantar e sabia disso e, se brincavam em relação à sua voz, muitas pessoas também tinham individualmente elogiado sua fala. Eles encaravam como elogio o fato de ela se ter tornado tão fluente em sua língua, tão rápida, e as troças sobre seu canto a faziam sentir que pertencia ao grupo Todos tinham algum traço ou característica que os outros achavam engraçado: o tamanho de Talut, a cor de Ranec, a força de Tulie. Somente Frebec se ofendia com as brincadeiras. Assim, caçoavam dele pelas costas, em linguagem de sinais. O Acampamento do Leão também se tornara fluente, sem sequer refletir a respeito, em uma versão modificada da linguagem do Clã. Como

resultado, Ayla não era a única a sentir o calor da aceitação. Rydag também era incluído na brincadeira.

Ayla lançou um olhar em direção ao menino. Ele estava sentado em uma esteira com Hartal ao colo, mantendo o bebê ativo, ocupado com uma pilha de ossos, principalmente, vértebras de veado, para que ele não pudesse engatinhar atrás da mãe e espalhar as contas que ajudavam Fralie a bordar. Rydag era paciente com bebês. Brincava com eles e os entretinha tanto tempo quanto quisessem.

Ele sorriu para Ayla.

- Você não é a única que não pode cantar, Ayla - falou por sinais.

Ela sorriu também. Não, pensou, não era a única que não podia cantar. Rydag não era capaz de cantar. Ou falar. Ou correr e brincar. Ou até viver uma vida plenamente. Apesar do seu remédio, ela não sabia quanto tempo ele viveria. Podia morrer naquele dia, ou sobreviver vários anos. Ela só podia amá-lo cada dia que vivesse, e esperar poder amá-lo no dia seguinte.

- Hartal também não pode cantar! - ele fez sinais e riu com seu riso estranho, gutural.

Ayla soltou uma risadinha, balançando a cabeça com deleite confuso. Ele adivinhou o que ela pensava e fez uma graça inteligente e divertida.

Nezzie estava de pé perto da lareira e os observava. Talvez você não cante, Rydag, mas pode falar agora, pensou. Ele passava uma corda grossa com várias vértebras presas, pelo orifício da medula espinhal, e chocalhava-as juntas para o bebê. Sem as palavras de sinais manuais, e a percepção crescentt que elas trouxeram da inteligência e compreensão de Rydag, ele jamais teria a permissão de assumir a responsabilidade de tomar conta de Hartal para que a mãe pudesse trabalhar, nem que fosse diretamente ao lado dela. Que diferença Ayla havia trazido para a vida de Rydag.

Naquele inverno, ninguém questionara sua humanidade essencial, exceto Frebec, e Nezzie estava certa de que era mais por teimosia do que por crença.

Ayla continuou a lutar com o furador e o tendão. Se ela conseguisse apenas fazer com que os fios finos de tendão entrassem no buraco e saíssem do outro lado... Tentou fazê-lo do jeito que Deegie lhe ensinara, mas era uma habilidade que vinha de anos de experiência, e Ayla se encontrava muito longe disso. Ela deixou cair os pedaços para treino no colo, frustrada, e começou a observar as outras fazendo contas de marfim.

Um golpe forte em uma presa de mamute no ângulo adequado fazia com que uma parte curva, fina, se partisse. Cortavam-se entalhes na lasca grande com buris, como cinzéis, gravando uma linha e refazendo-a várias vezes até os pedaços compridos se partirem. Eram aparados e talhados, tornando-se cilindros toscos, com facas e raspadoras que tiravam longas lascas encrespadas, depois alisados com arenito mantido molhado para ser mais abrasivo. Usavam-se lâminas aguçadas de sílex, com borda denteada e fixadas a um cabo comprido, para serrar os cilindros de marfim em panes menores, e depois suas extremidades eram alisadas.

O passo final era fazer um orifício no centro, para enfileirá-los em um cordão ou costurá-los em uma roupa. Isto era feito com ferramenta especial. O sílex, cuidadosamente moldado em uma comprida e fina ponta por um ferramenteiro hábil, era inserido então na extremidade de uma vareta estreita e comprida, perfeitamente reta e lisa. A ponta da broca manual era centralizada sobre um pequeno e grosso disco de marfim e, então, da mesma forma que no processo de fazer fogo, a vareta era rodada para diante e para trás entre as palmas das mãos, enquanto exercia pressão para baixo, até um orifício ser aberto.

Ayla observou Tronie girar a vareta entre as palmas das mãos, concentrada para fazer o orifício corretamente. Ocorreu-lhe que elas tinham muito trabalho para fazer algo que não tinha utilidade aparente. As contas não ajudavam em nada o preparo ou estocagem do alimento, e não faziam as vestimentas, às quais eram pregadas, mais úteis. Mas ela começou a com preender por que as coisas tinham tanto valor. O Acampamento do Leão jamais poderia fazer tal investimento de tempo e esforço sem a segurança do conforto e aquecimento, e a garantia de alimento adequado. Somente um grupo bem organizado, cooperativo poderia planejar e estocar suficientes gêneros de primeira necessidade adiantadamente, para assegurar o lazer de fabricar contas. Portanto, quanto mais contas usavam, tanto mais demonstravam que o Acampamento do Leão era um local próspero, agra dável para se viver, e tanto maior respeito e status poderiam exigir de outros acampamentos.

Ela pegou o couro de seu colo e o furador de osso, e examinou o úl timo buraco que ela fizera um pouco maior; depois tentou passar o nervo pelo orifício, com o furador. Conseguiu e puxou o tendão por trás, mas o trabalho não tinha a aparência limpa dos pontos apertados de Deegie. Ela levantou os olhos de novo, desencorajada, e observou Rydag enfiar um segmento de espinha dorsal sobre uma corda por um buraco natural de sua medula espinhal. Ele pegou outra vértebra e enfiou a corda bastante rija pelo orifício.

Ayla respirou fundo, e retomou seu trabalho mais uma vez. Não era tão difícil forçar a ponta através do couro, pensou. Quase empurrava o osso Inteiro através da abertura. Se ao menos pudesse prender a fibra nele, retilinha, seria mais fácil...

Parou e examinou o ossinho com atenção. Depois olhou para Rydag, unindo as pontas da corda e

sacudindo o chocalho de espinha dorsal para Hartal. Viu Tronie girando a broca manual entre as palmas das mãos, de pois se virou para Fralie, que alisava um cilindro de marfim entalhado, com um pequeno bloco de arenito. Depois fechou os olhos, recordando Jondalar fazendo pontas de lança de osso em seu vale, no verão anterior...

Olhou para o furador de costura de osso novamente.

- Deegie! - gritou.

- O quê? - perguntou a jovem, surpresa.

- Acho que sei um meio de fazê-lo! - Fazer o quê? Passar o furador pelo orifício. Por que não fazer um buraco na ponta de trás de um osso com uma ponta aguçada e depois passar a fibra pelo buraco? Como Rydag atravessa aquela corda pela espinha dorsal. Depois, pode-se empurrar o osso através do couro e o fio o seguirá. O que acha? Daria certo? - indagou Ayla.

Deegie fechou os olhos por um instante, depois pegou o furador da mão de Ayla e examinou-o.

- Teria que ser um orifício muito pequeno.

- Os buracos que Tronie está fazendo naquelas contas são pequenos. Teria que ser muito menor? - Este osso é muito duro e resistente. Não seria fácil abrir um buraco nele, e não vejo um bom local para um furo.

- Não podíamos fazer algo com uma presa de mamute ou qualquer outro tipo de osso? Jondalar fabrica pontas compridas, estreitas, de lanças, com osso e alisa-os e aguça-os com arenito, como Fralie está fazendo. Não podemos fazer algo como uma pequena ponta de lança, e depois fazer um furo na outra extremidade? - perguntou Ayla tensa de excitação.

Deegie refletiu de novo.

- Teríamos que pedir a Wymez ou outra pessoa para fazer um furador menor, mas... talvez dê certo, Ayla, acho que talvez dê certo! Quase todos pareciam circular em volta da Fogueira do Mamute. Reuniam-se em grupos

de três ou quatro, conversando, mas a expectativa estava no ar. De algum modo, correra o boato de que Ayla iria fazer uma experiência com o novo "puxador-de-fio". Várias pessoas trabalharam na sua fabricação, mas desde que a idéia original fora de Ayla, ela seria a primeira a usá-lo. Wymez e Jondalar tinham trabalhado juntos para projetar um modo de fazer um perfurador de sílex bastante pequeno para abrir o furo. Ranec escolhera o marfim e, usando suas ferramentas de escultor, havia moldado diversos cilindros muito pequenos, compridos, pontiagudos. Ayla as havia alisado e aguçado como desejava, mas Tronie abriu o furo, realmente.

Ayla podia sentir a excitação. Quando pegou o couro de praticar e o tendão, todos se agruparam ao seu redor, todo o fingimento de que a visita deles era apenas casual, esquecido. O tendão duro, seco de veado, marrom como couro velho e tão grande quanto um dedo, parecia uma vareta de madeira. Foi golpeado até se tornar um feixe de fibras brancas de colagênio, que se separaram facilmente em filamentos de tendão, que podiam ser cordas grossas ou fio fino, excelente, dependendo do que ela desejava. Ela sentiu que o momento necessitava de drama e levou tempo examinando o tendão, depois finalmente retirou, puxando, um fino filamento. Molhou-o com sua boca para amaciá-lo e uni-lo, depois com o puxador-de-fio na mão esquerda, examinou o furo pequeno com ar crítico.

Poderia ser difícil passar o fio pelo buraco. O tendão começava a secar e endurecer levemente, o que facilitava a tarefa. Ayla enfiou cuidadosamente o filamento de tendão no furo, e respirou com alívio, soltando um suspiro curto, ao passá-lo pelo orifício, e ergueu a ponta de costurar de marfim com o fio pendendo de sua extremidade.

Em seguida, pegou o pedaço de couro usado que utilizara para treinar e enfiou a ponta perto de uma borda, fazendo um furo. Mas, desta vez, atravessou o furador e sorriu ao vê-lo arrastando o filamento atrás de si. Manteve-o erguido para mostrar e houve exclamações de assombro. Depois, apanhou outro pedaço de couro que queria prender e repetiu o processo, embora tivesse que usar o quadrado de pele de mamute como um dedal para forçar a ponta através do couro mais espesso e duro. Ela juntou as duas peças e depois deu um segundo ponto, e segurou os dois pedaços erguidos para exibí-los.

- Funciona! - exclamou Ayla com um largo sorriso vitorioso.

Ela entregou o couro e agulha a Deegie, que deu alguns pontos.

- Funciona. Aqui, mãe, experimente você - disse ela, entregando o couro e a agulha à chefe.

Tulie também deu alguns pontos e sacudiu a cabeça, aprovando, depois passou a agulha a Nezzie, que fez uma tentativa, em seguida foi a vez de Tronie. Esta entregou a agulha a Ranec que tentou perfurar as duas peças de couro de uma só vez e descobriu que o couro espesso era mais resistente à perfuração.

- Acho que se fizer uma pequena ponta cortante de sílex - disse ao entregar a agulha a Wymez - seria mais fácil furar o couro pesado. O que acha? Wymez experimentou e concordou com um gesto de cabeça.

- Sim, mas este puxador-de-fio é muito inteligente.

Todas as pessoas do acampamento experimentaram o novo implemento, e concordaram. Facilitava muito a costura ter alguma coisa que puxava o fio através do couro, em vez de empurrá-lo.

Talut segurou o pequeno apetrecho de costura e examinou-o de todos os ângulos, sacudindo a cabeça com admiração. Uma comprida haste fina, com ponta de um lado, orifício do outro, era uma invenção cujo valor

se reconhecia imediatamente. Perguntou-se por que ninguém havia pensado naquilo antes. Era simples, tão óbvio uma vez visto, e tão eficiente!

Capítulo 22

Dóis pares de cascos avançavam em unísono através do solo duro. Ayla estava abaixada sobre a cernelha da égua, com os olhos semicerrados contra um vento frio que ardia em seu rosto. Ela cavalgava agilmente, a interação controlada de tensão em seus joelhos e quadris em harmonia perfeita com os músculos fortes, empenhados do cavalo a galope. Ela notou uma mudança no ritmo das batidas dos cascos do outro animal, e lançou um olhar a Racer. Ele havia ido à frente, mas, mostrando sinais inconfundíveis de cansaço, ele recuava. Ela fez Whinney reduzir a marcha gradualmente até parar, e o jovem garanhão parou também. Os cavalos, envolvidos em nuvens de vapor de sua respiração difícil, abaixaram as cabeças. Os dois estavam cansados, mas havia sido uma boa corrida.

Sentando-se ereta e acompanhando facilmente com o corpo o passo da égua, Ayla voltou em direção ao rio em marcha confortável, usufruindo da oportunidade de estar ao ar livre. Estava frio, mas era bonito, com a luz viva de um sol incandescente mais brilhante pelo gelo que cintilava e o branco de uma nevasca recente.

Assim que Ayla saíra da habitação comuna! naquela manhã, resolveu levar os cavalos para uma longa corrida, O próprio ar a atraiu para fora. Parecia mais leve, como se um fardo opressivo houvesse sido afastado. Ela achou que o frio não era tão intenso, apesar de nada estar visivelmente mudado. O gelo continuava congelado, as pequenas bolas de neve carregadas pelo vento, duras como sempre.

Ayla não tinha um meio absoluto de saber que a temperatura havia subido e que o vento soprava com menos força, mas ela detectara as alterações sutis.

Embora pudesse ser interpretada como intuição, impressão, na verdade era uma sensibilidade aguçada. Para pessoas que viviam em climas de frio extremo, as condições mesmo um pouco menos rigorosas eram notadas, e muitas vezes saudadas com boas sensações exuberantes. Ainda não era primavera, mas o domínio incansável do frio profundamente esmagador havia diminuído, e o aquecimento pequeno, mas que se notava, trazia consigo a promessa de que a vida se agitaria de novo.

Ela sorriu quando o garanhão novo empinou à frente, o pescoço ar queado com orgulho e o rabo erguido. Ela ainda pensava em Racer como o filhote que ajudara a nascer, porém, ele não era mais um bebê. Embora ainda não totalmente adulto, era maior que sua mãe e era um corredor. Gostava de correr e era ligeiro, mas havia uma diferença nos padrões de corrida dos dois animais. Racer era invariavelmente mais rápido do que a mãe em uma corrida curta, distanciando-se facilmente dela na partida, mas Whinney possuía mais resistência. Ela era capaz de correr uma distância maior e, se percorriam um trajeto longo, inevitavelmente ela alcançava o filho e saltava à frente dele.

Ayla desmontou, mas parou momentaneamente antes de afastar a cortina e entrar na habitação de barro. Ela havia usado os cavalos, muitas vezes, como desculpa para se afastar e, naquela manhã, ficara particularmente aliviada porque o tempo estava apropriado para uma longa corrida. Da mesma maneira que ficara feliz por ter encontrado pessoas novamente e por ter sido aceita como uma delas e incluída em suas atividades, precisava ficar sozinha, ocasionalmente. Era verdade, especialmente, quando incertezas e mal-entendidos não solucionados aumentavam as tensões.

Fralie andara passando grande parte do seu tempo na Fogueira do Mamute com os jovens, para

aborrecimento crescente de Frebec. Ayla ouvira discussões na Fogueira da Garça, ou melhor, lamentações de Frebec, queixando-se da ausência de Fralie. Ela sabia que ele não gostava que Fralie ficasse muito amiga dela, e estava certa de que a mulher grávida se afastava mais para manter a paz. Ayla se aborrecia com isso, principalmente, desde que Fralie lhe havia confiado que andava urinando sangue. Ela prevenira a mulher de que poderia perder o bebê se não descansasse, e prometeu-lhe um remédio, mas agora seria mais difícil tratar de Fralie, com Frebec rondando com ar desaprovador.

Além disso, havia sua crescente confusão em relação a Jondalar e Ranec. Jondalar estivera distante mas, recentemente, parecia-se mais consigo próprio. Alguns dias antes, Mamut lhe pedira para ir falar com ele sobre uma determinada ferramenta que tinha em mente, mas o feiticeiro estivera ocupado o dia todo, e somente encontrara tempo para discutir seu projeto à noite, quando os jovens se reuniam, em geral, na Fogueira do Mamute. Embora se acomodassem com calma a um lado, o riso e troça eram ouvidos sem dificuldade.

Ranec estava mais atencioso que nunca e ultimamente andava pressionando Ayla, com o disfarce de provocação e brincadeira, para que ela fosse para sua cama de novo. Ela ainda achava difícil recusá-lo diretamente; obediência aos desejos de um homem era algo que fora inteiramente inculcado nela para poder superá-lo com facilidade. Ela ria dos gracejos dele - com preensão mais o humor agora, até a intenção séria o humor às vezes mascarava - mas fugia com habilidade do convite implícito causando um coro de risadas à custa de Ranec. Ele também ria, divertindo-se com o espírito de Ayla, e ela se sentia atraída para a sua amizade agradável. Era bom estar com ele.

Mamut notou que Jondalar também sorria, e sacudiu a cabeça, apro vando. O quebrador de sílex havia evitado a reunião de gente jovem, observando apenas as troças amistosas de longe, e o riso havia somente aumentado seu ciúme. Ele ignorava que era, muitas vezes, provocado pelas recusas de Ayla às propostas de Ranec, embora Mamut soubesse.

No dia seguinte, Jondalar sorriu para ela, pela primeira vez em muito tempo, pensou Ayla, mas ela sentiu a respiração presa na garganta e o coração acelerar-se. Durante os dias seguintes, ele começou a voltar para a fogueira mais cedo, nem sempre esperando até ela adormecer. Apesar de ela relutar em pressioná-lo, e de ele parecer hesitante em se aproximar dela, Ayla começava a ter esperança de que ele superava o que quer que o inco modara. No entanto, ela temia ter esperanças.

Ayla respirou fundo, depois afastou a cortina pesada e segurou-a para os animais entrarem. Depois de sacudir aparka e pendurá-la, entrou. Para variar, a Fogueira do Mamute estava quase vazia. Somente Jondalar ali se encontrava conversando com Mamut. Ela ficou satisfeita, mas surpresa por vê-lo, e compreendeu, então, quão pouco o tinha visto ultimamente. Sorriu e correu para eles, mas a carranca de Jondalar abaixou os cantos de sua boca.

Ele não parecia muito feliz em vê-la.

- Você passou a manhã fora sozinha! - explicou ele. - Não sabe que é perigoso sair sozinha? Você preocupa as pessoas. Breve, alguém teria que irá sua procura. - Ele não disse que era ele próprio que estava preocupado, ou que era quem pensava em sair para procurá-la.

Ayla recuou diante da veemência dele.

- Eu não estava sozinha. Estava com Whinney e Racer. Levei-os para uma corrida. Precisavam correr.

- Bem, você não devia ter saído assim, quando está tão frio. É perigoso sair só - falou ele um pouco claudicante, olhando para Mamut à espera de apoio.

- Eu disse que não estava sozinha. Estava com Whinney e Racer, e o tempo está bom, ensolarado, não tão frio. - Ficou desapontada com a raiva dele, sem compreender que a raiva encobria um medo dele por sua segurança que era quase insuportável. - Saía sozinha no inverno antes, Jondalar. Quem pensa que saía comigo quando eu vivia no vale? Ela tem razão, pensou ele. Sabe como cuidar de si mesma. Eu não devia tentar lhe dizer quando e aonde pode ir. Mamut não parecia muito preocupado ao perguntar onde Ayla estava, e ela é a filha de sua fogueira. Devia ter prestado mais atenção ao velho feiticeiro, pensou Jondalar, sentindo-se tolo, como se tivesse feito uma cena por nada.

- Hum... bem... talvez eu deva ir ver os cavalos - resmungou, virando de costas e correndo para o anexo.

Ayla o acompanhou com o olhar, perguntando-se se ele pensava que ela não estava cuidando dos animais. Estava confusa e aborrecida. Parecia impossível compreender Jondalar.

Mamut a observava com atenção. A mágoa e infelicidade de Ayla eram evidentes. Por que acontecia de as pessoas envolvidas acharem tão difícil compreender seus próprios problemas? Ele estava inclinado a confrontá-los e obrigá-los a ver o que parecia óbvio para todos os outros membros do acampamento, mas resistiu ao desejo. Já havia feito tanto quanto achava que devia.

Havia sentido, desde o início, uma corrente oculta de tensão no homem dos Zelandonii, e estava convencido de que o problema não era tão óbvio quanto parecia. Era melhor deixá-los resolver o caso por conta própria. Todos aprenderiam mais com a experiência se tivessem que encontrar as próprias soluções. Mas ele

podia encorajar Ayla a falar-lhe a respeito ou ao menos, ajudá-la a descobrir suas opções e saber quais eram seus próprios desejos e potencial.

- Você disse que não está tão frio lá fora? - perguntou Mamut.

A pergunta levou um segundo para atravessar a confusão de outros pensamentos insistentes que a preocupavam.

- O quê? Oh... sim. Acho que sim. Realmente, não está mais quente, parece apenas não estar tão frio.

- Eu me perguntava quando Ela quebraria as costas do inverno - falou Mamut. - Achei que o dia se aproximava.

- Quebrar as costas? Não entendo.

- É apenas um ditado, Ayla. Sente-se. Eu lhe contarei uma história do inverno sobre a Grande e Generosa Mãe Terra, que criou tudo o que vive - disse o velho, sorrindo, e Ayla se sentou ao lado dele, sobre uma esteira perto do fogo.

- Em uma grande luta, a Mãe Terra tirou uma força vital do Caos, que é um vazio frio e imóvel, como a morte, e com ela a Mãe criou a vida com calor, mas Ela sempre tem que lutar pela vida que criou. Quando o inverno se aproxima, sabemos que a luta começou entre a Generosa Mãe Terra, que quer uma vida de calor, e a morte fria do Caos, mas primeiro, Ela deve cuidar de Seus filhos.

Ayla agora se interessava pela história, e sorriu de forma encorajadora.

- O que Ela faz para cuidar de Seus filhos? - Ela coloca alguns para dormir, a outros veste com roupas quentes para que resistam ao frio, e pede a outros, ainda, que estoquem alimento e peles. À medida que esfria cada vez mais, a morte parece vitoriosa, e a Mãe é empurrada para mais e mais longe. Nos rigores da estação fria, quando a Mãe está encerrada na batalha de

vida e morte, nada se move, nada muda, tudo parece estar morto.

Para nós, sem um local quente onde viver e alimento estocado, a morte venceria no inverno; às vezes, se a batalha se prolonga mais do que o normal, isso acontece. Então, ninguém sai muito. As pessoas fazem coisas, ou contam histórias, ou conversam, mas não se movimentam muito e dormem mais. É por isto que se chamam o inverno de pequena morte.

"Por fim, quando o frio já a carregou para o mais longe que Ela irá, a Mãe resiste. Ela força e força até quebrar as costas do inverno. Isso significa que a primavera voltará, mas não é primavera ainda. Ela teve uma longa luta, e deve descansar antes de produzir vida novamente. Mas você sabe que Ela venceu. Pode sentir o cheiro da vitória, pode senti-lo no ar.

- Eu senti! Eu senti, Mamut! Foi por isto que tive que levar os cavalos para uma corrida. A Mãe quebrou as costas do inverno! - exclamou Ayla.

A história parecia explicar exatamente como ela se sentia.

- Acho que é hora de comemoração, não? - Oh, sim, acho que sim! - Quem sabe você queira ajudar-me a prepará-la, bem? - esperou somente o tempo suficiente para Ayla concordar com um gesto de cabeça.

- Nem todas as pessoas sentem Sua vitória, ainda, mas breve sentirão. Nós dois podemos observar os sinais e depois resolver quando chegar o momento certo.

- Que sinais? - Quando a vida começa a se agitar de novo, cada pessoa o sente de forma diferente. Algumas ficam felizes e querem sair, mas ainda está muito frio para sair com frequência, por isso, elas ficam impacientes ou irritadas. Querem reconhecer os movimentos vitais dentro de si, mas ainda virão muitas tempestades. O inverno sabe que tudo está perdido e se enfurece mais nesta época do ano, e as pessoas o

sentem e se encolerizam também. Estou contente porque você me alertou. Entre este momento e a primavera, as pessoas ficarão mais inquietas.

Acho que o notará, Ayla. É quando uma comemoração é melhor. Dá às pessoas uma razão para expressar felicidade em vez de raiva.

Eu sabia que ela notaria, pensou Mamut, quando a viu enrugando a testa. Mal comecei a perceber a diferença, e ela já a reconheceu. Eu sabia que ela era bem-dotada, mas sua capacidade ainda me assombra, e estou certo de que ainda não descobri todo o seu alcance. Talvez eu nunca saiba; seu potencial pode ser muito maior que o meu. O que foi que ela disse sobre aquela raiz e a cerimônia com os Mog-ur? Eu gostaria de tê-la preparada... a cerimônia de caça com o Clã! Aquilo mudou-me, os efeitos foram profundos. Está ainda em mim. Ela também teve uma experiência... será que isso a mudou? Salientou suas tendências naturais? Pergunto-me... o Festival de Primavera, seria cedo demais para trazer à baila aquela raiz, novamente? Talvez eu deva esperar até ela trabalhar comigo na Celebração de Quebrar as Costas... ou a próxima... haverá tantas daqui até a primavera..

Deegie desceu o corredor em direção à Fogueira do Mamute, usando roupa de passeio pesada.

- Esperava encontrar você, Ayla. Quero verificar aquelas armadilhas que coloquei, para ver se peguei alguma raposa branca para enfeitar a parka de Branag. Quer vir comigo? Ayla, acabando de acordar, ergueu os olhos para o buraco de saída da fumaça parcialmente descoberto - Parece que está bom lá fora. Vou me vestir.

Ela afastou as cobertas, sentou-se, espreguiçou-se e bocejou. Depois foi para a área sem cortina perto do anexo dos cavalos. No caminho, passou por um estradocama onde meia dúzia de crianças dormiam, espalhadas

uma sobre a outra, formando um monte, como um bando de filhotes de lobo.

Ela viu os grandes olhos castanhos de Rydag abertos e sorriu para ele. Rydag fechou os olhos de novo, e aninhou-se entre a criança mais nova, Nuvie, com quase quatro anos, e Rugie que faria oito anos breve. Crisavec, Brinan e Tusie também estavam na pilha, e ultimamente, ela havia visto o filho mais novo de Fralie, Tasher, com três anos incompletos ainda, começando a reparar nas outras crianças. Latie, quase uma mulher, notou Ayla, brincava cada vez menos com as crianças.

Estas eram benevolmente mimadas. Podiam comer e dormir onde e quando quisessem. Raras vezes observavam os direitos territoriais dos mais velhos; toda a habitação era delas. Podiam exigir a atenção de membros adultos do acampamento, e muitas vezes achavam que isso era bem recebido como uma interessante diversão; nenhuma delas tinha pressa especial ou algum lugar para ir.

Onde quer que seus interesses as levassem, um membro mais velho do grupo estava pronto para ajudar ou explicar. Se elas queriam costurar peles, recebiam as ferramentas e tiras de couro, e fibras de nervo. Se queriam fazer ferramentas de pedra, recebiam pedaços de sílex e martelos de pedra ou osso.

Elas lutavam e caíam, e inventavam jogos que eram, muitas vezes, ver sões das atividades adultas.

Faziam suas próprias pequenas fogueiras, e aprendiam a usar o fogo. Fingiam caçar, espetando com lança pedaços de carne dos recintos de congelamento e cozinhavam-nos. Quando brincavam de "fogueira", chegando a imitar as atividades sexuais dos mais velhos, os adultos sorriam com indulgência. Nenhuma parte da vida normal era isolada como algo a ser escondido ou reprimido; tudo era instrução necessária para se tornar

um adulto. O único tabu era a violência, principalmente, violência extrema ou desnecessária.

Vivendo tão juntos, tinham aprendido que nada podia destruir um acampamento ou povo como a violência, particularmente quando estavam confinados na habitação comunal durante os invernos prolongados e rigorosos. Quer por acidente ou plano, todo costume, hábito, convenção ou prática, mesmo se não abertamente dirigido para isso, destinava-se a manter a violência a nível mínimo. A conduta aprovada permitia um amplo círculo de diferenças individuais em atividades que não levavam, como regra, à violência, ou que talvez pudessem ser saídas aceitáveis para dar vazão a emoções fortes. A perícia pessoal era fomentada. A tolerância era encorajada; o ciúme ou inveja, embora compreendidos, eram desencorajados. As competições, incluindo discussões, eram usadas ativamente com alternativas, mas seguiam um ritual, eram estritamente controladas, e mantidas dentro de limites definidos. As crianças aprendiam rapidamente as regras básicas. Gritar era aceitável; pancada não era. Quando Ayla verificou o grande recipiente de água, sorriu de novo diante das crianças adormecidas, que tinham estado acordadas até tarde na noite anterior. Ela gostava novamente de ter crianças por perto.

- Eu devia ir buscar neve antes de sairmos. Temos pouca água, e não neva há algum tempo. Neve limpa, aqui por perto, está se tornando difícil de encontrar.

- Não percamos tempo - disse Deegie. - Temos água em nossa fogueira e Nezzie também.

Podemos conseguir mais quando voltarmos. - Ela vestia as roupas quentes de passeio, para o frio, enquanto Ayla se vestia.

- Tenho uma bolsa de água e comida para levamos, por isto, se não está com fome, podemos ir agora.

- Posso esperar a comida, mas preciso fazer um pouco de chá quente - disse Ayla. A ansiedade de Deegie para sair a contagiava. Eles começavam ainda, apenas, a deixar a habitação, e passar algum tempo sozinha somente com Deegie parecia divertido.

- Acho que Nezzie tem chá quente, e acredito que ela não se importaria se tomássemos uma xícara.

- Ela faz chá de hortelã de manhã. Vou apenas pegar alguma coisa para acrescentar a ele... algo que gosto de tomar de manhã. Creio que pegarei minha funda também.

Nezzie insistiu para que as duas jovens comessem cereal cozido e quente também e lhes deu fatias de carne de seu assado da noite anterior para levar. Talut quis saber que caminho pretendiam seguir e a localização geral das armadilhas de Deegie. Quando elas saíram pela entrada principal, o dia havia começado; o sol subira acima de um aglomerado de nuvens no horizonte e iniciara sua jornada através de um céu claro. Ayla notou que os cavalos já estavam fora. Ela não os culpou.

Deegie mostrou a Ayla o movimento rápido do pé que convertia a alça de couro, presa à armação circular alongada, tecida com vime de salgueiro resistente, em um engate adequado para raquetes de neve. Com um pouco de treino, Ayla já caminhava com passos largos através da parte superior da neve juntamente com Deegie.

Jondalar as viu passar da entrada para o anexo. Com uma ruga na testa, olhou para o céu e pensou em segui-las, mas depois mudou de idéia. Viu algumas nuvens, mas nada para pressagiar perigo.

Por que ele ficava sempre tão preocupado com Ayla quando ela deixava a habitação comunal? Era ridículo segui-la por toda parte. Ela não ia sair sozinha, estava com Deegie, e as duas jovens eram perfeitamente

capazes de cuidar de si mesmas... mesmo se nevasse, ou pior. Elas o veriam seguindo-as depois de algum tempo, e então, ele estaria apenas atrapalhando, quando elas desejavam ficar sozinhas. Deixou a cortina cair, e virou-se para o interior, mas não foi capaz de afastar a sensação de que talvez Ayla estivesse em perigo.

- Oh, veja, Ayla! - gritou Deegie, de joelhos, examinando a carcaça congelada de pele branca, pendendo de um laço apertado ao redor do pescoço.

Coloquei outras armadilhas. Vamos vê-las depressa.

Ayla queria ficar e examinar o laço, mas acompanhou Deegie.

- O que vai fazer com ela? - perguntou quando a alcançou.

- Depende de quantas conseguir. Eu queria fazer uma franja em uma parka de pele para Branag, mas estou fazendo uma túnica, para ele também, vermelha... não tão viva quanto o seu couro vermelho. Terá mangas com pidas e levará duas peles, e estou tentando combinar a cor da segunda pele com a da primeira. Acho que gostaria de decorá-la com a pele e dentes de uma raposa branca.

O que acha? - Acho que ficará bonita. - Avançaram na neve por algum tempo, e depois Ayla disse: - O que acha que seria melhor para uma túnica branca? - Depende. Quer outras cores, ou quer a túnica toda branca? - Acho que quero branca, mas não tenho certeza.

- Pele de raposa branca seria bonito.

- Pensei nisso, mas... acho que não seria adequado - disse Ayla. Não era tanto a cor que a perturbava. Ela lembrava que havia escolhido peles de raposa branca para dar a Ranec na cerimônia de adoção, e não queria recordações daquele momento.

Tinham feito saltar a segunda armadilha, mas estava vazia. O laço de tendão fora mordido e havia

rastros de lobo. A terceira também apanhara uma raposa, e tinha aparentemente congelado na armadilha, porém fora mordida, a maior parte comida, na verdade, e a pele estava estragada. Novamente, Ayla assinalou rastros de lobo.

- Parece que estou pegando raposas para os lobos - falou Deegie.

- Parece que é um só lobo, Deegie - disse Ayla.

Deegie começava a temer não conseguir outra boa pele, mesmo se houvesse uma raposa presa na quarta armadilha. Correram para o local onde Deegie a armara.

- Deve estar ali, perto daqueles arbustos - disse ela enquanto se aproximavam de um pequeno bosque - mas não vejo...

- Lá está, Deegie! - gritou Ayla, correndo à frente. - Parece em ordem também. E veja aquele rabo! - Perfeito! - Deegie suspirou com alívio. - Eu queria duas, ao menos. - Tirou a raposa congelada do laço, amarrou-a juntamente com a primeira raposa, e atirou-as sobre um galho de árvore. Sentia-se mais relaxada agora que havia apanhado duas raposas. - Estou com fome. Por que não paramos e comemos alguma coisa aqui? - Estou com fome, agora que você falou nisso.

Estavam numa ravina escassamente arborizada, mais matagal do que árvores, formada por um riacho que atravessara depósitos espessos de solo de loesse. Uma sensação de exaustão triste e aborrecida impregnava o pequeno vale nos dias reduzidos do longo e rigoroso inverno. Era um local monótono de brancos, pretos e cinzentos terríveis. A camada de neve, rompida pela vegetação rasteira do bosque, era antiga e compacta, perturbada por muitos rastros, e parecia usada e encardida. Os galhos quebrados expondo a madeira tosca mostravam os danos do vento, neve e animais famintos. Os salgueiros e amieiros pendiam próximos ao solo, inclinados pelo peso do clima e da

estação, sobre arbustos vergados. Poucas bétulas esguias permaneciam altas e finas, raspando ruidosamente galhos nus um no outro, sob o vento, como se clamando pelo toque eficaz do verde. Mesmo as coníferas tinham perdido sua cor. Os pinheiros retorcidos, a casca com manchas de líquen cinza murchavam, e os lanços altos estavam escuros e se curvavam pesadamente com seu fardo de neve.

Dominando uma encosta baixa havia um monte de neve provido de bambus compridos espetados com espinhos aguçados - as hastes secas, lenhosas de estolhos que se tinham projetado no verão anterior para reivindicar novo território. Ayla anotou-o em sua mente, não como uma moita impenetrável de urzes-brancas espinhosas, mas como um local onde procurar frutos, como amoras, morangos, e folhas medicinais na estação adequada. Ela viu além da cena tristonha, cansada, a esperança que ela continha e, depois do longo confinamento, mesmo uma paisagem tediosa de inverno parecia promissora, especialmente com o sol brilhando.

As duas jovens empilharam a neve para fazer assentos sobre o que seria a margem de um córrego, se fosse verão. Deegie abriu sua mochila e retirou o alimento que havia guardado alie, mais importante, a água. Abriu um embrulho de casca de vidoeiro e deu a Ayla um bolo compacto de alimento para viagem - a mistura nutritiva de frutas secas e carne e gordura, essencial para dar energia, com a forma de um bolinho.

Mamãe fez alguns dos seus pães assados com pinhas na noite passada e me deu um - disse Deegie, abrindo outro embrulho e partindo um pedaço para Ayla. Os pães eram o alimento favorito de Ayla agora.

- Terei que perguntar a Tulie como se faz este pão - disse Ayla, dando uma mordida antes de desembulhar as fatias de carne assada de Nezzie e colocar algumas ao lado de cada uma delas. - Acho que estamos tendo uma

festa aqui Tudo do que precisamos é de verduras frescas da primavera.

- Tornariam a refeição perfeita. Mal posso esperar pela primavera. Quando temos a Celebração de Quebrar as Costas, parece que fica cada vez mais difícil esperar - replicou Deegie.

Ayla se divertia com a saída em companhia de Deegie e começava a fazer calor na depressão rasa, protegida dos ventos. Ela desatou a correia na altura da garganta, afastou o capuz para trás, e depois endireitou a funda ao redor da cabeça. Fechou os olhos e ergueu o rosto para o sol. Viu a imagem persistente e circular do orbe ofuscante contra o fundo vermelho de suas pálpebras abaixadas, e sentiu o calor bem-vindo. Depois, tornou a abrir os olhos e pareceu ver com mais clareza.

- As pessoas sempre lutam nas Celebrações de Quebrar as Costas? - perguntou. - Nunca vi ninguém lutar sem mover os pés antes.

- Sim, é para honrar...

- Veja, Deegie! É primavera! - interrompeu Ayla, ficando de pé em um salto e correndo em direção a um salgueiro próximo. Quando a outra mulher se juntou a ela, Ayla apontou para o vislumbre de botões inchados ao longo de um galho fino, e um, chegado cedo demais para sobreviver, havia irrompido em brilhante verde primaveril. As mulheres sorriam uma para a outra, admiradas, exuberantes com a descoberta, como se elas próprias tivessem inventado a primavera.

O laço de armadilha de tendão ainda pendia perto do salgueiro. Ayla o segurou.

- Acho que esta é uma boa maneira de caçar. Não precisa procurar os animais. Faz uma armadilha e volta mais tarde para pegá-los, mas como faz isto e como sabe que pegará uma raposa? - Não é difícil de fazer. Você sabe como os tendões endurecem se são molhados e

postos para secar, exatamente como o couro que não é curtido.

Ayla concordou com um gesto de cabeça.

Você faz um pequeno laço na ponta - continuou Deegie, mostrando-lhe o laço. - Depois, pega a outra ponta e passa por ele para fazer outro laço, do tamanho suficiente apenas para uma cabeça de raposa passar. Então, você o molha e deixa secar com o laço aberto, deforma que permaneça aberto.

Em seguida, tem que ir ao lugar onde estão as raposas, em geral onde você as viu ou as pegou antes.. Minha mãe me mostrou este lugar. Normalmente, há raposas aqui todos os anos, você pode saber, se encontrar rastros. Muitas vezes, elas seguem as mesmas trilhas quando estão perto de suas tocas.

Para colocar a armadilha, você descobre uma trilha de raposa e, onde ela passar por arbustos ou perto de árvores, coloca o laço exatamente através da trilha, mais ou menos à altura de suas cabeças, e amarra-o assim, aqui e aqui. - Deegie demonstrou enquanto explicava. Ayla observava, a testa enrugada em concentração. - Quando as raposas correm pela trilha a cabeça atravessa o laço, e quando ela corre, o laço se fecha ao redor do seu pescoço. Quanto mais a raposa luta, mais apertado fica o laço. Não leva muito tempo. Depois, o maior problema é encontrar a raposa antes de outra coisa o fazer. Danug me contava sobre a forma como as pessoas do norte armam os laços.

Disse que elas inclinam uma árvore nova e amarram-na ao laço, de modo que se afrouxe assim que o animal é apanhado, e salte para cima quando a árvore volta à sua posição normal. Isso mantém a raposa fora do solo até você voltar.

- Acho uma boa idéia - disse Ayla caminhando de volta aos assentos. Ela ergueu a cabeça.

Depois, de repente, para surpresa de Deegie, arrancou a funda da cabeça e vasculhou o chão. - Onde há uma pedra? - cochichou. - Lá! Com um movimento tão rápido que Deegie mal acompanhou, Ayla pegou a pedra, colocou-a na funda, girou-a e a fez voar. Deegie ouviu a pedra aterrissar, mas somente quando voltou para os assentos viu o objetivo do míssil de Ayla. Era um arminho branco, uma doninha pequena de cerca de 35 centímetros de comprimento total, mas 12 centímetros eram um rabo peludo branco com ponta preta. No verão, o animal de pele macia, alongado, teria um rico pêlo marrom com o ventre branco, mas no inverno o arminho sinuoso, pequeno, se tornava branco sedoso, exceto pelo focinho preto, olhinhos vivos, e a ponta do rabo.

- Estava roubando nosso assado! - exclamou Ayla.

- Eu nem sequer o vi próximo à neve. Você tem boa vista - disse Deegie. - E é tão rápida com a funda! Não sei por que precisa se preo cupar com armadilhas, Ayla.

- Uma funda é boa para a caça, quando você vê o que quer caçar, mas uma armadilha pode caçar para você quando você nem está presente. As duas são úteis - replicou Ayla, considerando a questão com seriedade.

Sentaram-se para terminar sua refeição. A mão de Ayla voltou a esfregar o pêlo macio e espesso do pequeno arminho, enquanto conversavam.

- Arminhos têm a melhor pele - disse ela.

- A maior parte das fuinhas compridas também - disse Deegie. - Martas, zibelinas, até carcajus têm boa pele. Não tão macia, mas a melhor para capuzes, se não quer o gelo agarrado ao seu rosto.

Mas é difícil pegá-los com armadilha e não se pode realmente caçá-los com uma lança. São rápidos e selvagens. Sua funda pareceu funcionar, embora eu não saiba, ainda, como você o pegou.

- Aprendi a usar a funda caçando essa espécie de animais. Só cacei carnívoros no começo e aprendi

primeiro seus hábitos.

- Por quê? - Eu não devia caçar, de forma alguma. Assim, não caçava animais que serviam para alimento, somente aqueles que roubavam comida de nós.

- Riu alto, com desdém e percepção. - Achei que isto resolveria tudo.

- Por que não queriam que você caçasse? - As mulheres do Clã não têm permissão para caçar... mas, afinal, deixaram que usasse minha funda. - Ayla fez uma pausa rápida, recordando: - Sabe, matei um carcaju muito antes de matar um coelho.

Sorriu com ironia.

Deegie balançou a cabeça, espantada. Que estranha infância Ayla devia ter tido, pensou.

Levantaram-se para ir embora e, enquanto Deegie ia buscar suas raposas, Ayla levantou o pequeno arminho branco, macio. Esfregou a mão ao longo do corpo do animal, até a ponta do rabo.

- É isso o que quero! - exclamou, de repente. - Arminho! - Mas, é isso o que você tem - falou Deegie.

- Não, quero dizer para a túnica branca. Quero enfeitá-la com pele de arminho branco, e os rabos.

Gosto dos rabos com as pequenas pontas pretas.

- Onde conseguirá arminho suficiente para decorar uma túnica? - perguntou Deegie. - A primavera vai chegar, eles logo mudarão de cor novamente.

- Não preciso de muitos e, onde há um, em geral, há mais por perto. Vou caçá-los, agora - disse Ayla. - Preciso de algumas boas pedras. - Começou a abrir caminho na neve, procurando pedras perto da margem do riacho congelado.

- Agora? - perguntou Deegie.

Ayla parou e levantou a cabeça. Quase havia esquecido a presença de Deegie em sua excitação. Ela poderia dificultar o rastreamento e a espreita da caça.

- Não precisa esperar por mim, Deegie. Volte. Eu sei o caminho.

- Voltar? Eu não perderia isso por nada! - É capaz de ficar muito quieta? Deegie sorriu: - Já cacei antes, Ayla.

Ayla corou, sentindo que dissera a coisa errada.

- Eu não queria dizer...

- Sei que não - falou Deegie, e sorriu. - Acho que eu poderia aprender algumas coisas com alguém que matou um carcaju antes de matar um coelho. Os carcajus são mais perversos, astutos, destemidos e rancorosos que qualquer outro animal, incluindo as hienas. Eu já os vi afastar leopardos de suas próprias caças, e chegam a enfrentar um leão da caverna. Tentarei ficar fora do seu caminho. Se achar que estou afugentando o arminho, diga-me, e esperarei por você aqui. Mas não me peça para voltar.

Ayla sorriu com alívio, pensando como era maravilhoso ter uma amiga que a compreendia tão depressa.

- Arminhos são tão maldosos quanto carcajus, Deegie. Apenas, são menores.

- Há alguma coisa que eu possa fazer para ajudar? - Ainda temos carne assada, talvez seja útil, mas primeiro devemos encontrar rastros... depois de eu ter um bom suprimento de pedras.

Quando Ayla havia acumulado uma pilha satisfatória de mísseis e os colocou na bolsa presa ao seu cinto, pegou a mochila e atirou-a sobre o ombro esquerdo. Depois, parou e estudou a paisagem, buscando o melhor local para começar. Deegie estava de pé ao lado dela e a apenas um passo atrás, esperando que ela tomasse a frente. Quase como se pensasse alto, Ayla começou a lhe falar em voz baixa.

- Doninhas não fazem covas. Usam o que encontram, até mesmo a toca de um coelho... depois que

matam o coelho. As vezes, acho que não precisariam de uma toca, se não tivessem filhotes.

Estão sempre em movimento: caçando, correndo, subindo, erguendo-se e espiando, e sempre matando, dia e noite, mesmo depois de terem acabado de comer, embora possam abandonar o animal caçado. Comem tudo, esquilos, coelhos, aves, ovos e carne fresca. Produzem um odor forte e com mau cheiro quando estão acuados, não para esguichar como o gambá, mas o odor é igualmente ruim, e fazem sons como este... - Ayla soltou um grito que era um berro parcialmente abafado e também uma espécie de grunhido. - Na época de seus prazeres, assobiam.

Deegie estava completamente assombrada. Ela havia aprendido agora mais sobre doninhas e arminhos do que aprendera durante a vida inteira. Ela nem sequer sabia que emitiam um som como aquele.

- São boas mães, têm muitos filhos, duas mãos... - Ayla parou para pensar no nome da palavra de contagem. - Dez, às vezes mais. Ou então, poucos, apenas. Os filhotes ficam com a mãe até quase adultos. - Parou de novo para examinar a paisagem com ar crítico. - Nesta época do ano, os filhotes talvez ainda estejam com a mãe. Procuramos rastros... Acho que perto do bambuzal. - Partiu em direção ao monte de neve que cobria mais ou menos a massa emaranhada de caules e estolhos que tinham germinado no mesmo local, havia muitos anos.

Deegie a seguiu, perguntando-se como ela poderia ter aprendido tanto, sendo Ayla não muito mais velha que ela. Deegie havia notado que a fala de Ayla havia deslizado apenas um pouco - era o único sinal de sua excitação - mas a fez compreender como Ayla falava bem agora. Raramente falava depressa, mas seu Mamutoi era quase perfeito, exceto pela maneira como pronunciava alguns sons. Deegie achava que talvez ela jamais

perdesse aquele maneirismo de fala, e esperava realmente que não perdesse. Aquilo a tornava diferente... e mais humana.

- Procure pequenos rastros com cinco unhas, às vezes apenas quatro aparecem, eles deixam os menores rastros de qualquer carnívoro, e as garras traseiras entram nos mesmos rastros que as dianteiras fizeram.

Deegie se demorava atrás, não querendo pisar nos rastros delicados, observando. Ayla vasculhou, lenta e cuidadosamente, cada área do espaço à sua volta a cada passo que dava, o terreno coberto de neve e cada tora caída, cada galho de todos os arbustos, os troncos finos de videiros nus e os ramos curvados de pinheiros com folhas escuras. De repente, seus olhos se detiveram em sua vigilância constante, imobilizados por uma visão que prendeu sua respiração. Ela abaixou o pé devagar enquanto estendia a mão para a mochila, a fim de pegar um grande pedaço de carne de bisão mal-passada, e pousou-o no solo à sua frente. Depois, recuou com cautela, e enfiou a mão na sacola de pedras.

Deegie olhou além de Ayla sem se mover, tentando ver o que ela via. Afinal, notou movimento, e depois, concentrou-se em várias pequenas formas brancas que se moviam, sinuosamente, em direção a elas. Corriam com velocidade surpreendente embora estivessem subindo em um emaranhado de árvores derrubadas, escalando e descendo de árvores, através de moitas, entrando e saindo de pequenas cavidades e fendas, e devorando tudo o que encontravam em seu caminho. Deegie jamais havia observado os pequenos carnívoros vorazes antes, e olhava com fascinação arrebatada.

Eles ficavam de pé ocasionalmente, os brilhantes olhos negros alertas, os ouvidos atentos a qualquer som, mas arrastados infalivelmente pelo olfato para sua infeliz vítima.

Enfiando-se em ninhos de ratazanas e ratos, sob raízes de árvores em busca de rãs e salamandras que hibernavam, e disparando atrás de pequenas aves com demasiada fome e frio para voar, o bando destruidor de oito ou dez pequenas doninhas brancas se aproximou. Com as cabeças movendo-se para a frente e para trás, os olhos ansiosos de pequenas contas negras, saltavam com precisão mortal sobre o cérebro, a nuca e a veia jugular. Ata cando sem piedade, eram os mais eficazes assassinos sanguinários do mundo animal, e Deegie ficou, de repente, muito contente por serem pequenas do ninhas. Não parecia haver razão para tal destruição leviana, a não ser um desejo de matar - exceto a necessidade de manter um corpo continuamente ativo estimulado do modo que a natureza lhes ordenava e destinava fazer.

Os arminhos foram atraídos para o pedaço de carne malpassada e, sem hesitação, começaram a cortar caminho em direção a ele. De súbito, houve confusão, pedras atiradas com força aterrissavam entre os animais que comiam, derrubando alguns e, então o inconfundível odor de almíscar encheu o ar. Deegie estivera tão absorta observando os animais, que não vira os preparativos controlados de Ayla e seus arremessos rápidos.

Então, de algum lugar, um grande animal negro saltou entre os arminhos brancos, e Ayla ficou aturdida ao ouvir um uivo ameaçador. O lobo avançou para a carne de bisão, mas foi afastado por dois arminhos ousados e destemidos. Recuando um pouco, apenas, o carnívoro preto descobriu um arminho recentemente tornado inofensivo, e agarrou-o, em vez disso.

Mas Ayla não tinha a intenção de deixar o lobo negro roubar-lhe o arminho; ela havia feito muito esforço para pegá-los. Eram sua caça e ela os queria para a túnica branca. Quando o lobo se afastava com o

pequeno arminho branco à boca, Ayla foi atrás. Os lobos também eram carnívoros.

Ela os havia examinado tão de perto quanto as doninhas quando ensinava a si mesma a usar uma funda. Ela os compreendia também. Pegou um galho caído enquanto corria atrás do animal. Um lobo solitário, normalmente, cedia diante de um ataque determinado e talvez soltasse o arminho.

Se fosse uma alcatéia, ou mesmo apenas dois lobos, ela não teria tentado um ataque tão imprudente, mas quando o lobo negro parou para mudar a posição do arminho em sua boca, Ayla o perseguiu como galho, para desferir-lhe um golpe firme. Ela não pensava no galho como arma, mas planejava apenas assustar o lobo e fazê-lo largar o pequeno animal peludo que segurava na boca.

Mas Ayla foi quem ficou sobressaltada. O lobo deixou cair o arminho aos seus pés, e com um uivo maldoso e feio, saltou diretamente para ela.

Sua reação imediata foi atravessar o galho diante dela como defesa, para conter o lobo que atacava, e sua rápida onda de energia lhe dizia para correr. Mas, no bosque arborizado, o galho frio e quebradiço se partiu quando ela o girou e atingiu uma árvore. Ela ficou com um toco podre na mão, mas a ponta partida voou para a cara do lobo. Foi o suficiente para detê-lo. O animal também estivera blefando, e não se encontrava muito ansioso para atacar. Parando para pegar o arminho morto, o lobo se afastou da ravina arborizada.

Ayla estava assustada, mas zangada, e chocada, também. Não podia deixar o arminho ser levado assim. Perseguiu o lobo mais uma vez.

- Deixe! - gritou Deegie. - Já conseguiu o suficiente! Deixe o lobo ficar com ele.

Mas Ayla não ouviu, não prestava atenção. O lobo se dirigia para terreno aberto e ela estava bem atrás

dele. Pegando outra pedra, e encontrando apenas duas, Ayla correu atrás do lobo. Embora esperasse que o grande carnívoro se distanciasse logo dela, tinha que fazer mais uma tentativa. Colocou uma pedra em sua funda e arremessou-a sobre o animal que fugia. A segunda pedra, que seguiu a primeira logo depois, terminou aquilo que a primeira começara. As duas atingiram o alvo.

Ela sentiu uma sensação de alegria quando o lobo caiu. Aquele não roubaria mais nada dela.

Enquanto corria para pegar o arminho, resolveu que talvez levasse a pele do lobo também, mas quando Deegie a encontrou, Ayla estava sentada ao lado do lobo morto e do arminho, e não se movia. A expressão em seu rosto fez Deegie se preocupar.

- O que há, Ayla? - Eu devia ter deixado a loba levar o arminho. Eu devia saber que havia uma razão para ela ir atrás da carne, embora o arminho a quisesse. Os lobos sabem como os arminhos são maldosos, e em geral, um lobo solitário recua sem atacar em um local desconhecido. Eu devia ter deixado que ficasse com o arminho.

- Não entendo. Você pegou o arminho de volta, e além disso, a pele de uma loba. O que quer dizer com "devia ter deixado que ficasse com o arminho"? - Veja - disse Ayla, apontando para o ventre da loba. - Ela está amamentando, teve filhotes.

- Não é cedo para as lobas darem cria? - É. Ela está fora da temporada e era solitária. Por isto tinha tanta dificuldade em encontrar alimento suficiente. E por isto ela veio atrás da carne e queria o arminho também. Veja suas costelas. Os filhotes têm tirado muito dela, é pouco mais que pele e ossos. Se vivesse com um bando, eles a ajudariam a alimentar os filhotes, mas se vivesse com um bando de lobos, não teria tido filhos. Somente a líder fêmea de uma alcatéia tem filhotes, em geral, e esta loba

é da cor errada. Os lobos se acostumam com certas cores e marcas. Ela é como a loba branca que eu costumava observar quando aprendia sobre lobos. Tampouco gostavam dela. Ela estava sempre tentando se dar bem com a líder fêmea e o líder macho, mas eles não a queriam por perto. Depois que o bando cresceu, ela se foi. Talvez estivesse cansada de ninguém gostar dela.

Ayla abaixou os olhos para a loba negra.

- Como esta fez. Talvez por isto ela quis ter filhotes, porque estava solitária. Mas não devia ter tido tão cedo. Acho que é a mesma loba negra que vi quando caçamos os bisões, Deegie. Ela deve ter deixado o bando para procurar um lobo solitário a fim de começar seu próprio bando, porque os novos bandos começam assim. Mas é sempre difícil para os solitários. Os lobos gostam de caçar juntos, e cuidam um do outro. O líder sempre ajuda a fêmea líder com os filhotes. Devia vê-los às vezes, gostam de brincar com os filhotes. Mas, onde está seu companheiro? Será que ela encontrou um macho? Será que ele morreu? Deegie estava surpresa por ver que Ayla lutava contra as lágrimas por causa de uma loba morta.

- Todos morrem um dia, Ayla. Todos nós vamos voltar para a Mãe.

- Eu sei, Deegie, mas em primeiro lugar ela era diferente e, em segundo, estava sozinha. Ela teria alguma coisa enquanto vivia, um companheiro, uma alcatéia de que fazia parte, no máximo alguns filhotes.

Deegie achou que começava a compreender por que Ayla sentia tão fortemente por causa de uma velha loba preta, esquelética. Ela se colocava no lugar da loba.

- Ela teve filhotes, Ayla.

- E agora, eles também vão morrer. Não têm um bando, nem sequer um macho, líder. Sem mãe, morrerão. - De repente, Ayla se levantou de um salto. - Não vou deixá-los morrer! - O que quer dizer? Não vai? -

Vou encontrá-los. Vou seguir o rastro da loba preta até sua cova.

- Pode ser perigoso. Talvez haja outros lobos por perto. Como pode ter certeza? - Estou certa, Deegie. Tenho apenas que olhar para ela.

- Bem, se não posso fazer com que mude de idéia, tenho apenas uma coisa a dizer, Ayla.

- O quê? - Se espera que eu percorra tudo o que é lugar atrás de rastros de lobo com você, poderá carregar seus arminhos - disse Deegie, tirando cinco carcaças de arminhos brancos de seu bornal. - Tenho o suficiente para carregar, com minhas raposas! - Deegie sorria de deleite.

- Oh, Deegie - disse Ayla, retribuindo o sorriso com calor e afeto.

- Você os trouxe! As duas jovens se abraçaram com toda a força do seu carinho e amizade.

- Uma coisa é certa, Ayla. Nada é monótono perto de você! - exclamou Deegie, ajudando Ayla a encher sua mochila com os arminhos. - O que vai fazer com a loba? Se não a levamos, alguém o fará, e uma pele de lobo negro não é tão comum assim.

- Eu queria levá-la, mas primeiro vou encontrar seus filhotes.

- Muito bem, eu a carrego - disse Deegie, içando a carcaça para o ombro. - Se tivermos tempo mais tarde, tirarei a pele dela. - Começou a fazer mais uma pergunta, depois mudou de idéia.

Logo descobriria, exatamente, o que Ayla pretendia fazer se encontrasse algum filhote de lobo vivo.

Tiveram que voltar ao vale para encontrar os rastros corretos. A loba havia feito um bom trabalho ao encobrir seu rastro, sabendo quão precária era a vida que ela deixava desprotegida. Deegie teve certeza, várias vezes, de que tinham perdido a pista, e ela sabia rastrear, mas Ayla estava motivada a persistir até

encontrar a pista deles. Quando chegaram ao local em que Ayla tinha segurança de estar a cova, o sol mostrava que era o fim da tarde.

- Tenho que ser honesta, Ayla. Não vejo sinais de vida.

- E assim que deve ser, se eles estão sozinhos. Se houvesse sinais de vida, seria um convite a encrenca.

- Talvez tenha razão, mas se há filhotes ali, como vai fazê-los sair? Acho que só existe um meio. Terei que entrar para pegá-los.

Não pode fazer isso, Ayla! Uma coisa é observar lobos de longe, outra é entrar em seus covis. E se houver lá mais que filhotes? Pode haver outro lobo adulto por perto.

- Viu algum outro rastro adulto além dos da loba? - Não, mas ainda não gosto da idéia de você entrarem uma cova de lobo.

- Não vim até tão longe para ir embora sem descobrir se há filhotes por perto. Tenho que entrar, Deegie.

Ayla pousou sua mochila e se dirigiu para a pequena e escura cavidade no solo. Fora escavada de um velho covil abandonado há muito tempo atrás, porque não era o local mais favorável, mas era o melhor que a loba negra conseguiu encontrar depois que seu companheiro, um velho lobo solitário, atraído para ela no cio antecipado, morreu em uma luta. Ayla se agachou e começou a se introduzir furtivamente.

- Espere, Ayla! - gritou Deegie. - Aqui está minha faca. Leve-a! Ayla concordou com um gesto de cabeça, colocou a faca entre os dentes e começou a entrar no buraco escuro. A princípio havia uma inclinação para baixo e a passagem era estreita. De repente, ela se encontrou presa e teve que recuar.

- Não - disse ela, tirando a parka por cima da cabeça. - Vou] Tremia de frio até estar no interior da

toca, mas a primeira parte do túnel só dava para seu corpo passar. Perto do fundo, onde terminava o declive e era um local plano, havia mais espaço, mas a cova parecia deserta. Com o corpo ainda bloqueando a claridade, ela levou algum tempo para seus olhos se acostumarem à escuridão, mas só quando começou a recuar foi que achou ter ouvido um som.

- Lobo, lobinho, está aí? - gritou; depois, lembrando-se das inúmeras vezes em que havia vigiado e ouvido os lobos, emitiu um ganido suplicante.

Então, ouviu. Um chorinho fraco vinha do recesso mais profundo e escuro da cova, e Ayla sentiu vontade de gritar de júbilo.

Ela rastejou para mais perto do som e ganiu de novo. O choro estava mais próximo, e então, viu dois olhos brilhantes, mas quando estendeu a mão para o filhote, ele recuou e soltou um rosnado e ela sentiu dentes aguçados morderem sua mão.

- Ah, você é valente! - exclamou Ayla e depois sorriu. - Ainda está vivo! Vamos, venha, lobinho. Tudo ficará bem. Venha - estendeu a mão para o filhote de novo, soltando seu ganido suplicante, e sentiu uma felpuda bola de pele.

Segurando-a bem, puxou o filhote, bufando e lutando o tempo todo, para ela. Então, recuou, saindo da toca.

- Veja o que achei, Deegie! - exclamou Ayla, sorrindo, vitoriosa, enquanto erguia um lobinho cinzento e peludo.

Capítulo 23

Joudalar estava fora da habitação, andando de um lado para o outro, entre a entrada principal e o anexo dos animais. Mesmo com a parka quente que usava, uma velha de Talut, sentia a queda da temperatura quando o sol descia ao encontro do horizonte. Ele havia subido a encosta várias vezes na direção que Ayla e Deegie tinham tomado, e pensava em subi-la de novo.

Esforçara-se por acalmar sua ansiedade desde que as duas jovens partiram, naquela manhã e, quando começou a passear para lá e para cá, preo cupado, no início da tarde, os outros sorriram com condescendência, porém, não estava mais sozinho em sua preocupação. Tulie já tinha subido a encosta algumas vezes, e Talut falava em formar um grupo para ir pro curar as moças com tochas.

Até Whinney e Racer pareciam nervosos.

Quando o fogo brilhante no oeste escorregou para trás de um aglomerado de nuvens pendendo perto da extremidade da terra, o sol emergiu como um agudamente definido círculo cintilante e vermelho de luz; um círculo do outro mundo, sem profundidade ou dimensão, perfeito e simétrico demais para pertencer ao meio natural. Mas o orbe vermelho brilhante em prestava colorido às nuvens e um vislumbre de saúde ao outro rosto parcialmente pálido da outra companhia sobrenatural que estava baixa, no céu oriental.

Exatamente quando Joudalar estava a ponto de subir novamente a encosta, dois vultos surgiram no topo, recortados contra um vivido fundo cor de alfazema que mudava gradualmente para anil. Uma única estrela cintilava ao alto. Ele soltou um grande suspiro e curvou-se contra as presas em arco, sentindo-se aliviado com a

repentina liberação da tensão. Estavam salvas. Ayla estava salva.

Mas, por que tinham demorado tanto? Elas deviam saber que não era certo preocupar tanto os outros. Por que demoraram tanto? Talvez tivessem dificuldades. Ele devia tê-las seguido - Elas estão aqui! Estão aqui! - gritava Latie.

As pessoas saíam correndo da habitação comunal parcialmente vestidas; aquelas que se encontravam do lado de fora e vestidas correram ao encontro das moças.

- Por que demoraram tanto? É quase noite. Onde estavam? - perguntou Jondalar assim que Ayla alcançou a habitação Ela o encarou com surpresa.

- Vamos fazê-las entrar primeiro - disse Tulie. Deegie sabia que a mãe não estava satisfeita, mas elas tinham estado fora o dia todo, estavam cansadas, e esfriava depressa. As recriminações viriam mais tarde, depois que Tulie se certificasse de que ela estava bem. Foram empurradas para o interior, diretamente através do vestíbulo e para a fogueira de cozinhar.

Deegie, grata por se livrar dos fardos, pegou a carcaça da loba negra que havia endurecido com a forma do seu ombro. Quando ela a deixou cair sobre a esteira, houve exclamações de surpresa, e Jondalar empalideceu. Elas tinham estado em apuros.

- Isso é um lobo! - disse Druwez, olhando para a irmã com medo.

Onde arranjou esse lobo? - Espere até ver o que Ayla trouxe - disse Deegie, tirando as raposas brancas de seu bernal.

Ayla tirava os arminhos congelados de seu saco com uma das mãos, mantendo a outra cuidadosamente contra seu ventre, sobre a sua quente túnica de pele com capuz.

- São arminhos muito bonitos - disse Druwez, não tão impressionado com os pequenos arminhos brancos

quanto estava com o lobo negro, mas não querendo ofender.

Ayla sorriu para o garoto, depois desatou a tira de couro que prendera ao redor da parca e, estendendo a mão sob ela, retirou uma bolinha cinzenta de pele. Todos olhavam para ver o que tinha. De repente, a bolinha se moveu.

O lobinho havia dormido confortavelmente contra o corpo quente de Ayla, sob sua roupa exterior, mas a claridade e o ruído, e os odores não-familiares o assustaram. O filhote chorou e tentou aninhar-se contra a mulher cujo odor e calor tinham-se tornado familiares. Ela colocou o filhote no chão da escavação de desenhos. O filhote ficou de pé, deu alguns passos vacilantes, agachou-se prontamente em seguida e fez uma poça que foi rapidamente absorvida pela terra seca, macia.

- É um lobo! - exclamou Danug.

- Um filhote de lobo! - acrescentou Latie, os olhos cheios de leite. Ayla viu Rydag se aproximando para ver o animal. Ele estendeu a mão e o filhote a cheirou, e depois lambeu-a. O sorriso de Rydag era de alegria pura.

- Onde conseguiu o lobinho? - perguntou por sinais a Ayla.

- É uma longa história - respondeu ela também por sinais - que contarei mais tarde. - Tirou sua parka rapidamente. Nezzie a pegou e lhe entregou uma xícara de chá quente. Ela sorriu, grata, e bebeu um gole.

- Não importa onde ela o encontrou. O que ela fará com ele? - perguntou Frebec. Ayla sabia que ele compreendia a linguagem de sinais, em bora ele afirmasse o contrário. Obviamente, havia compreendido Rydag. Virou-se e encarou-o.

- Vou cuidar dele, Frebec - disse, os olhos cintilantes, em desafio.

- Eu matei a mãe dele... - fez um gesto em direção à loba negra - . . . e vou cuidar deste bebê.

- Isso não é um bebê. É um lobo! Um animal que pode ferir as pessoas - disse ele.

Raras vezes Ayla tomava uma posição tão firme contra ele ou outra pessoa, e ele descobria que muitas vezes ela cedia em coisas pequenas para evitar conflito, se ele fosse suficientemente desagradável. Não esperava um confronto direto, e não gostava daquilo, especialmente ao pressentir que não havia probabilidade de ele se sair bem.

Manuv olhou para o filhote e depois para Frebec, o rosto partido em um largo sorriso: - Tem medo de que esse animal fira você, Frebec? O riso rouco fez Frebec corar de raiva.

- Eu não quis dizer isso. Quero dizer que os lobos podem ferir as pessoas. Primeiro, os cavalos, agora, lobos. O que virá depois? Não sou animal e não quero viver com animais - falou. Depois se afastou, não estando pronto para testar se o resto do Acampamento do Leão preferiria ficar com ele, ou com Ayla e seus animais, se ele os obrigasse a fazer uma escolha.

- Tem carne sobrando daquele assado de bisão, Nezzie? - Deve estar faminta. Vou preparar um prato para você jantar.

- Para mim, não. Para o filhote - disse Ayla.

Nezzie trouxe uma fatia de carne assada para Ayla, perguntando-se como um lobo tão pequeno iria comê-la. Mas Ayla se lembrava de uma lição que aprendera havia muito tempo: os bebês podem comer qualquer coisa que suas mães comam, porém deve ser um alimento mais macio e mais fácil de mastigar e engolir.

Uma vez, ela havia levado um filhote de leão da caverna ferido para o seu vale, e o alimentara com carne e caldo em vez de leite. Os lobos também eram carnívoros. Ela recordou que quando observava os lobos para aprender sobre eles, muitas vezes os lobos mais velhos mastigavam o alimento e o engoliam para levá-lo

de volta ao covil. Depois, vomitavam-no para os filhotes. Mas ela não precisava mastigar a carne, ela tinha mãos e uma faca afiada, podia cortá-la.

Depois de picar a carne até formar uma pasta com ela, Ayla a colocou em uma tigela e acrescentou água quente, para que a temperatura se aproximasse à do leite materno- O filhote estivera cheirando as bordas da escavação de desenhos, mas parecia com medo de se aventurar além dos seus limites. Ayla se sentou na esteira, estendeu a mão e, suavemente, chamou o lobinho. Ela tirara o filhote de um local frio e solitário, e trouxe-lhe calor e conforto, e seu odor já estava associado a segurança. A bola felpuda de pele caminhou para a mão estendida de Ayla.

Ela o pegou, primeiro, para examiná-lo. Um estudo revelou que era um macho, e muito novo, provavelmente não mais que um ciclo completo de fases da lua se tinha passado, desde que ele nascera. Ela se perguntou se ele tivera irmãos e, neste caso, quando morreram. Ele não estava ferido, de forma alguma visível, e não parecia mal nutrido, embora a loba negra estivesse muito magra, com certeza. Quando Ayla pensava nas terríveis dificuldades que a loba tivera que enfrentar para manter aquele filhote vivo, ela se lembrou de uma provação que enfrentara, certa vez, e isso fortaleceu sua resolução. Se pudesse, manteria o filhote da loba vivo, não importava o que fosse preciso, e nem Frebec, nem ninguém mais iria detê-la.

Conservando o filhote ao colo, Ayla mergulhou o dedo na tigela de carne picada e manteve-o sob o focinho do lobinho. Ele estava com fome. Cheirou a carne, lambeu, e depois lambeu o dedo inteiro de Ayla. Ela repetiu o gesto e ele tornou a lambe-lo. Ela o manteve ao colo e continuou a alimentá-lo, sentindo seu pequeno ventre arredondar-se. Quando achou que ele comeria o suficiente, colocou um pouco d'água sob seu focinho,

mas ele apenas provou. Depois ela se ergueu e carregou-o para a Fogueira do Mamute.

- Acho que encontrará algumas cestas velhas ali naquele banco - disse Mamut, acompanhando-a.

Ela lhe sorriu. Ele sabia exatamente o que ela tinha em mente. Ela vasculhou por perto e encontrou um grande recipiente de cozinhar de vime entrelaçado, abrindo-se de um lado, e colocou-o sobre o estrado perto da cabeceira da sua cama. Mas, quando colocou o filhote dentro, ele chorou para sair.

Ela o pegou e olhou ao redor de novo, incerta sobre o que funcionaria. Ficou tentada a levá-lo para sua cama, mas já passara por isso com filhotes de leão e cavalos em crescimento. Era difícil demais fazê-los mudar de hábitos mais tarde, e além disso, talvez Jondalar não quisesse dividir sua cama com um lobo.

- Ele não está feliz na cesta. Provavelmente, quer sua mãe ou outros filhotes com quem dormir - disse Ayla.

334 335 - De-lhe alguma coisa sua, Ayla - falou Mamul. - Alguma coisa macia, confortável, familiar.

Você é a mãe dele, agora.

Ela concordou, com um gesto de cabeça, e examinou sua pequena variedade de roupas. Não tinha muitas. Seu belo traje que Deegie lhe dera, o que ela havia feito no vale antes de vir para ali, e algumas bugigangas que lhe foram dadas por outras pessoas, como troca. Ela tivera muitos agasalhos sobrando quando vivera com o Clã, e até no vale...

Observou o bernal que trouxera do vale, abandonado num canto distante da plataforma de estocagem. Vasculhou-o e tirou uma capa de Durc, mas, depois de segurá-la um pouco, dobrou-a e guardou-a novamente. Não suportava cedê-la. Depois encontrou seu antigo agasalho do Clã, uma pele grande e velha de couro macio. Ela havia usado uma igual, enrolada à sua

volta e amarrada com uma tira de couro comprida, por tanto tempo quanto era capaz de lembrar, até o dia em que deixara o vale pela primeira vez com Jondalar. Parecia que tanto tempo se passara! Revestiu a cesta com a capa do Clã e colocou o filhote nela. Ele cheirou, depois se aninhou depressa e adormeceu rapidamente.

De súbito, ela compreendeu o quanto estava cansada e faminta, e como suas roupas continuavam úmidas de neve. Tirou as botas molhadas e o forro feito de lã feltrada de mamute, e trocou por um traje seco e a proteção para os pés, caseira e macia, que Talut lhe havia mostrado como fazer. Ela ficara intrigada com o par que ele usara na cerimônia de sua adoção e convencera-o a lhe ensinar como se fazia.

As proteções para os pés baseavam-se em uma característica natural do alce ou veado: a perna traseira se curva tão agudamente na articulação do jarrete que tem a forma natural de um pé humano. A pele era cortada acima e abaixo da junta e tirada em uma só peça. Depois de curar, a extremidade inferior era costurada com nervo, no tamanho desejado, e a parte superior era enrolada e amarrada acima do tornozelo com cordões ou tiras de couro. O resultado era um sapato-meia de couro sem costura, quente e confortável.

Depois de se trocar, Ayla foi para o anexo ver os cavalos, e tranqüili z-los, mas notou uma hesitação e resistência na égua quando foi acariciá-la.

- Está sentindo o cheiro do lobo, não é, Whinney? Terá que se acostumar com ele. Vocês dois. O lobo ficará aqui conosco, por algum tempo - estendeu as mãos e deixou os dois animais cheirarem-nas. Racer recuou, bufou e agitou a cabeça e cheirou novamente. Whinney colocou o focinho nas mãos da mulher, mas as orelhas se abaixaram e se moveu, indecisa. - Você se acostumou com Neném, Whinney, pode acostumar-se com... Lobo. Eu o trarei aqui amanhã, quando ele acordar. Quando

você vir quão pequeno ele é, saberá que não pode lhe fazer mal.

Quando Ayla voltou ao interior, viu Jondalar perto da cama, olhando para o filhote. Sua expressão era impenetrável, mas ela pensou ver curiosidade e alguma coisa como ternura em seus olhos. Ele ergueu a cabeça e viu-a, e sua testa se enrugou em uma forma familiar.

- Ayla, por que ficaram fora tanto tempo? - perguntou ele. Todos se preparavam para ir procurá-las.

- Não pretendíamos ficar, mas quando vi que a loba negra que matei estava amamentando, tive que descobrir se havia filhotes vivos - respondeu Ayla.

- Que diferença faz? Os lobos morrem o tempo todo, Ayla! - Ele havia começado a falar em tom de voz razoável, mas seu medo pela segurança dela fazia sua voz elevar-se. - Foi estúpido seguir o rastro de um lobo assim. Se tivesse encontrado um bando de lobos, eles a teriam matado.

- Jondalar estivera descontrolado de preocupação, mas com o alívio veio a incerteza e uma ponta de raiva frustrada.

- Faz diferença para mim, Jondalar - disse ela, zangada, saltando em defesa do lobo. - E não sou estúpida. Cacei muitos carnívoros antes de caçar qualquer outra coisa. Conheço os lobos. Se houvesse um bando, eu não teria seguido o rastro da loba, inversamente, até sua cova. O bando teria tomado conta dos filhotes.

- Mesmo sendo uma loba solitária, por que passou o dia inteiro procurando um filhote? - A voz de Jondalar soou mais alta, ele liberava suas tensões assim como tentava convencê-la a não correr tais riscos novamente.

- Aquele filhote era tudo o que a loba tinha. Não podia deixá-lo morrer de fome porque matei sua mãe. Se alguém não se tivesse importado comigo quando eu era criança, eu não estaria viva.

Também tenho que me importar, mesmo com um lobinho. - A voz de Ayla também era alta.

- Não é a mesma coisa. Um lobo é um animal. Você devia ter mais juízo, Ayla, e não arriscar a vida por causa de um filhote de lobo - gritou Jondalar. Ele não parecia fazê-la compreender. - Este não é o tipo de clima para ficar fora o dia todo.

- Tenho bom senso, Jondalar - disse Ayla com a raiva brilhando em seus olhos. - Fui eu que saí. Não acha que sei como estava o tempo? Não acha que sei quando minha vida está em perigo? Tomei conta de mim antes de você chegar, e enfrentei perigos maiores. Até cuidei de você. Não preciso que me diga que sou estúpida e sem juízo.

As pessoas que se reuniam na Fogueira do Mamute reagiam à discussão, sorrindo nervosamente, e tentando não dar importância ao caso. Jondalar olhou ao redor e viu várias pessoas sorrindo e conversando entre si, mas quem se salientava era o homem escuro de olhos penetrantes. Havia uma ponta de condescendência em seu largo sorriso? - Tem razão, Ayla. Não precisa de mim, não é? Para nada - rebateu Jondalar e, vendo Talut se acercar, perguntou: - Você se importaria se eu me mudasse para a cozinha, Talut? Tentarei não incomodar ninguém.

- Não, claro que não me importo, mas...

- Ótimo. Obrigado. - disse ele, e agarrou suas cobertas e pertences do estrado-cama que dividia com Ayla.

Ayla ficou magoada, descontrolada ao pensar que ele talvez quisesse realmente dormir longe dela.

Estava quase pronta a pedir que ele ficasse, mas o orgulho a manteve calada. Ele havia partilhado sua cama, mas fazia tanto tempo que não compartilhavam prazeres que ela estava certa de que ele deixara de amá-la. Se ele não a amava mais, ela não o forçaria a ficar,

embora o pensamento desse um nó de medo e dor em seu estômago.

- É melhor levar sua parte de comida também - disse ela, enquanto ele enfiava coisas em uma mochila. Depois, tentando um meio de tornar a separação menos total, acrescentou: - Embora eu não saiba quem irá cozinhar para você lá. Não é uma verdadeira fogueira.

- Quem pensa que cozinhas para mim quando eu fazia minha jornada? Uma donii Não preciso de uma mulher para cuidar de mim. Eu mesmo cozinharei! - Ele se afastou, os braços carregados de pele, através da Fogueira da Raposa e da Fogueira do Leão, e atirou sua cobertura de cama perto da área de trabalhar em ferramentas. Ayla o viu sair, sem querer acreditar.

A habitação fervilhava com conversas sobre sua separação. Deegie desceu correndo o corredor depois de ouvir a notícia, achando difícil acreditar. Ela e a mãe tinham ido para a Fogueira dos Auroques, enquanto Ayla alimentava o lobo e conversaram em voz baixa durante algum tempo.

Deegie, que também trocara as roupas molhadas por outras, secas, parecia tanto calma quanto decidida. Sim, elas não deviam ter ficado fora tanto tempo, por sua própria segurança como também pela preocupação que causaram aos outros, mas não, diante das circunstâncias, ela não teria feito nada diferente. Tulie gostaria de ter falado com Ayla também, mas sentiu que não seria adequado, especialmente depois de ouvir a história de Deegie. Ayla havia dito a Deegie para voltar antes de iniciarem o rastreamento sem sentido, e ambas eram adultas que deviam ser perfeitamente capazes de cuidar de si mesmas agora, mas Tulie jamais se preocupara tanto com Deegie em sua vida.

Nezzie cutucou Tronie e ambas encheram pratos com comida quente e levaram para a Fogueira do Mamute, para Ayla e Deegie. Talvez as coisas se

consertassem depois que comessem alguma coisa e tivessem a chance de contar sua história.

Todos tinham esperado para perguntar sobre o filhote de lobo, até as necessidades de alimento e aquecimento para as jovens e o animaizinho terem sido satisfeitas. Embora houvesse estado faminta, Ayla teve dificuldade, agora, de colocar alimento na boca. Continuou olhando na direção que Jondalar tomara. Todos pareceram encontrar o caminho para a Fogueira do Mamute, prevendo a narrativa de uma aventura excitante e in comum, que poderia ser contada e recontada. Todos queriam conhecer a história, quer ela estivesse disposta a contar ou não, de como ela voltara para a habitação comunal com um filhote de lobo.

Deegie começou relatando as estranhas circunstâncias das raposas brancas nas armadilhas. Ela estava bastante certa, agora, de que tinha sido a loba negra, enfraquecida e faminta, e incapaz de caçar veados ou cavalos ou bisões, que fora atraída para as armadilhas e tirara as raposas de lá para se alimentar. Ayla sugeriu que a loba poderia ter seguido as pegadas de Deegie, de armadilha a armadilha, quando ela as colocou. Então, Deegie contou sobre Ayla querer pele branca para fazer uma coisa para alguém, mas não de pele de raposa branca, desta vez, e como ela seguira os rastros de arminhos brancos.

Jondalar chegou depois de a história começar, e tentava permanecer silenciosamente despercebido, sentado perto do fogo. Já lamentava e se censurava por ter saído tão depressa, mas sentiu o sangue deixar seu rosto ao ouvir o comentário de Deegie. Se Ayla estava fazendo algo de pele branca para alguém, e não queria raposa branca, devia ser porque já dera raposa branca para aquela pessoa. E ele sabia a quem ela dera peles de raposa branca em sua cerimônia de adoção. Jondalar fechou os olhos e apertou os punhos, no colo. Nem

sequer queria pensar naquilo, mas não conseguia afastar os pensamentos de sua mente. Ayla devia estar fazendo algo para o homem escuro que ficava tão atraente em pele branca; para Ranec.

Ranec refletia também sobre quem era a pessoa. Suspeitava de que se tratava de Jondalar, mas esperava que fosse, talvez, outra pessoa, até mesmo ele. No entanto, teve uma idéia. Quer ela estivesse fazendo alguma coisa para ele, ou não, ele podia, mesmo assim, fazer algo para ela.

Lembrou-se da alegria de Ayla e de seu prazer por causa do cavalo esculpido que lhe dera, e animou-se com o pensamento de esculpir outra coisa para ela; uma coisa que a encantasse e a deleitasse de novo, especialmente agora, que o grande homem louro se mudara. A presença de Jondalar sempre agira como influência restringente, mas se ele desejava abdicar de sua posição principal, deixando a cama e a fogueira de Ayla, então, Ranec se sentia livre para persegui-la mais ativamente.

O pequeno lobo gemeu em seu sono e Ayla, sentando-se à beira do estrado-cama, estendeu a mão e afagou-o a fim de acalmá-lo. A única vez na vida em que ele se sentira aquecido e seguro como agora fora quando se aninhara ao lado da mãe, e ela o havia deixado sozinho muitas vezes na cova fria e escura. Mas a mão de Ayla o havia tirado daquele lugar solitário, triste e assustador, e lhe dera calor, alimento e uma sensação de segurança. Ele se acalmou sob o toque tranquilizador sem sequer acordar.

Ayla deixou Deegie continuar a história, ajuntando apenas comentários e explicações. Não sentia grande vontade de falar, e era interessante que a história de Deegie não fosse a mesma que ela teria contado. Não era menos verdadeira, porém, vista de um ponto diferente, e Ayla ficou um pouco surpresa com algumas

das impressões da companheira. Ela não havia visto a situação como tão perigosa. Deegie estivera muito mais assustada por causa do lobo; ela não parecia compreendê-los, realmente.

Os lobos estavam entre os carnívoros mais dóceis, muito previsíveis, se se prestasse atenção aos seus sinais - os arminhos eram muito mais sangüinários e os ursos, mais imprevisíveis. Era raro os lobos atacarem os homens.

Mas Deegie não os via dessa maneira. Ela descreveu a loba como se atacasse Ayla maldosamente, e ela ficara com medo. Havia sido perigosa, mas mesmo se Ayla não a tivesse repelido, o ataque fora defensivo. Ela poderia ter sido ferida, mas provavelmente não seria morta, e a loba recuaria assim que pudesse pegar o arminho morto e fugir. Quando Deegie descreveu Ayla enfiando a cabeça, primeiro, na cova da loba, o acampamento olhou para ela atemorizado. Ou era muito corajosa, ou muito louca, mas Ayla achava que não era nem uma coisa nem outra. Ela sabia que não havia lobos adultos por perto, não havia rastros. A loba negra era solitária, provavelmente distante de seu território, e estava morta agora.

A narrativa vivida de Deegie das explorações de Ayla fez mais do que causar terror em um dos ouvintes. Jondalar se tornou mais e mais agitado. Em sua mente, havia embelezado ainda mais a história, visualizando Ayla não só em grande perigo, mas atacada por lobos, ferida e ensangüentada, e talvez pior ainda. Não suportava o pensamento e sua ansiedade anterior voltou com força redobrada. Outras pessoas tinham sentimentos semelhantes.

- Não devia ter-se colocado em tal perigo - disse a chefe.

- Mãe! - exclamou Deegie. A mulher havia dito antes, que não demonstraria suas preocupações.

As pessoas que ainda se encontravam presas à aventura, censuraram-na por interromper uma história dramática, contada com habilidade. Era mais excitante ainda por ser verdadeira e, embora fosse contada e recontada, já mais teria o impacto novo da primeira vez, O estado de espírito estava sendo estragado - afinal, ela estava de volta e segura, agora.

Ayla olhou para Tulie, depois lançou um olhar a Jondalar. Ela o notara no instante em que ele voltara à Fogueira do Mamute. Estava muito zangado, e assim também parecia estar Tulie.

- Não corri esse perigo - disse Ayla.

- Não acha perigoso entrar em um covil de lobos? - indagou Tulie.

- Não, não havia perigo. Era o covil de uma loba solitária, e ela estava morta. Só entrei para procurar seus filhotes.

- Talvez, mas era necessário ficar fora até tão tarde, seguindo o rastro da loba? Estava quase escurecendo quando vocês voltaram - disse Tulie.

Jondalar havia dito a mesma coisa.

- Mas eu sabia que a loba tinha filhotes, ela estava amamentando. Sem mãe, eles morreriam - explicou Ayla, embora houvesse dito isso antes e pensasse que tinham compreendido.

Então, você arrisca sua vida... - e a de Deegie, pensou, embora não o dissesse - . . . pela vida de um lobo? Depois que a loba preta a atacou, foi loucura continuar a persegui-la apenas para recuperar o arminho que ela havia levado. Devia ter desistido.

- Discordo, Tulie - intrometeu-se Talut. Todos se voltaram para o chefe. - Havia um lobo faminto na vizinhança, um que já seguira Deegie quando ela colocou as armadilhas. Quem diz que o lobo não a seguiria até aqui? O tempo está mais quente, as crianças brincam mais, fora. Se o lobo ficasse desesperado, talvez

atacasse uma das crianças, e nós não o teríamos esperado. Agora sabemos que a loba está morta. É melhor assim.

As pessoas sacudiam a cabeça, concordando, mas Tulie não se dava por vencida tão depressa.

- Talvez tenha sido melhor que a loba fosse morta, mas não pode dizer que era necessário ficar fora tanto tempo procurando o filhote. E agora, que encontrou o filhote, o que vamos fazer com ele? - Acho que Ayla fez o que era certo indo atrás da loba e matando-a, mas é uma pena que uma mãe que amamentava tivesse que ser morta. Todas as mães devem ter o direito de criar seus filhos, mesmo lobas. Porém, mais que isso, não foi um esforço inteiramente inútil de Ayla e Deegie seguir a pista da loba até a toca, Tulie. Elas fizeram mais do que encontrar um lo binho. Desde que acharam somente os rastros de um animal, agora, sabemos que não há outros lobos famintos por perto. E se, em nome da Mãe, Ayla ficou com pena do filhote, não vejo mal algum nisso. É um lobo tão pequenino! - É pequenino agora, mas não continuará pequeno, O que fazemos com um lobo totalmente adulto perto da habitação? Como sabe que não atacará as crianças, então? - perguntou Frebec. - Breve haverá um bebê em nossa fogueira.

- Considerando a perícia de Ayla com animais, acho que ela saberia como impedir que o lobo ferisse alguém. Porém, mais que isso, direi agora, como chefe do Acampamento do Leão, se houver sequer uma indicação de que aquele lobo possa ferir alguém... - Talut encarou Ayla - . . .eu o matarei. Concorda com isso, Ayla? Todos os olhos se voltaram para ela. Ela corou e gaguejou a princípio. Depois, disse o que sentia.

- Não posso afirmar que este filhote não ferirá ninguém quando crescer. Não posso sequer dizer se ele ficará aqui. Criei uma égua desde bebê. Ela partiu para encontrar seu garanhão e se juntou a um bando por

algum tempo, mas voltou. criei um leão da caverna até ele ficar adulto. Whinney era como uma babá para Neném quando era pequeno, e se tornaram amigos. Embora os leões da caverna cacem cavalos, e ele pudesse ter-me ferido facilmente, não ameaçou nenhum de nós.

Sempre foi apenas o meu neném.

"Quando Neném foi embora em busca de uma companheira, não voltou, não para ficar, mas fazia visitas e às vezes o encontrávamos nas estepes. Jamais ameaçou Whinney ou Racer, ou a mim, mesmo depois de encontrar uma companheira e iniciar seu próprio grupo. Neném atacou dois homens que entraram em seu covil, e matou um, mas quando eu lhe disse para ir embora e deixar Jondalar e seu irmão em paz, obedeceu. Um leão da caverna e um lobo são carnívoros. Vivi com um leão da caverna e observei os lobos. Acho que um lobo que cresce em companhia das pessoas de um acampamento jamais irá feri-las, mas digo aqui que se houver qualquer indício de perigo para qualquer criança ou pessoa.. - engoliu algumas vezes - ..eu, Ayla dos Mamutoi, o matarei, eu mesita.

Ayla resolveu apresentar o filhote de lobo a Whinney e Racer na manhã seguinte, de forma que se acostumassem com o odor e evitassem um nervosismo desnecessário. Depois de dar de comer ao filhote, ela o carregou e levou-o para o anexo dos cavalos a fim de conhecer os dois eqüinos. Embora não soubesse disso, várias pessoas a tinham visto ir Antes de se acercar dos cavalos com o pequeno lobo, no entanto, ela pegou um pedaço seco de excremento dos cavalos, amassou-o e esfregou o filhote com a massa fibrosa. Ayla esperava que o cavalo de estepe se mostrasse inclinado à amizade com outro animal de caça recém-nascido, como ocorrera com o leão da caverna, mas Ayla recordava que Whinney

havia aceitado melhor Neném depois que ele rolara no esterco.

Quando ela estendeu a pequena pele felpuda a Whinney, a égua recuou primeiro, mas sua curiosidade natural venceu. Ela avançou com cautela e cheirou, sentindo o odor familiar, confortador de cavalo juntamente com' o cheiro mais perturbador de lobo. Racer também ficou curioso, e mostrou-se menos cauteloso. Embora tivesse uma precaução instintiva em relação a lobos, jamais vivera com uma cavahada selvagem e nunca fora: objeto de perseguição por um grupo de caçadores eficientes. Ele se aproximou da coisa quente e viva, interessante, embora vagamente ameaçadora e peluda que Ayla segurava nas mãos em concha, e esticou a cabeça para uma inspeção mais de perto.

Depois que os dois cavalos cheiraram suficientemente para se familiarizar com o filhote, Ayla o pousou ao solo diante dos grandes animais de pastagem e ouviu um arquejo. Ela lançou um olhar em direção à entrada da Fogueira do Mamute e viu Latie mantendo a cortina aberta. Talut, Jondalar e vários outros se amontoavam atrás dela. Não queriam perturbá-la, mas também estavam curiosos, e não podiam resistir ao desejo de ver o primeiro encontro do filhote de lobo com os cavalos.

Embora muito pequeno, o lobo era um predador, e cavalos eram a caça natural dos lobos. Mas cascos e dentes podiam ser armas formidáveis. Os cavalos tinham fama de ferir ou matar lobos adultos que os atacavam, e podiam facilmente vencer um] predador tão pequeno.

Os cavalos sabiam que não corriam perigo por causa do jovem caçador e venceram rapidamente sua cautela inicial. Mais de uma pessoa sorriu ao ver o lobinho vacilante, não muito maior que um casco, erguendo a cabeça para as pernas maciças dos gigantes

estranhos. Whinney abaixou a cabeça e estendeu o focinho, recuou, depois moveu o focinho comprido novamente para o filhote. Racer se aproximou do interessante bebê pelo outro lado. O filhote se encolheu e agachou-se ao ver as grandes cabeças se acercando' dele. Mas do ponto de vista do filhote, o mundo era povoado por gigantes. Os homens, mesmo a mulher que dava-lhe de comer e o confortava, eram gigantescos também.

Ele não detectou ameaça na respiração morna que soprava das narinas largas. Para o olfato sensível do lobo, o odor dos cavalos era familiar. Impregnava os pertences e roupas de Ayla, e até a própria mulher. O lobinho decidiu que os gigantes de quatro pernas faziam parte do seu bando também, e, com sua ansiedade normal, infantil, de agradar, ergueu-se para tocar com' o pequeno focinho negro o focinho quente da égua.

- Estão roçando os focinhos! - Ayla ouviu Latie dizer em um cochicho alto.

Quando o lobo começou a lambe o focinho da égua, à maneira comum dos filhotes de lobo se aproximarem dos membros de sua alcatéia, Whinney ergueu a cabeça depressa. Mas estava intrigada demais para se afastar por muito tempo do surpreendente animal e logo aceitava as lambidas cálidas e carinhosas do pequeno predador.

Após alguns momentos de travarem conhecimento, mutuamente, Ayla pegou o filhote para carregá-lo de volta para dentro. Fora um início auspicioso, mas ela resolveu não abusar. Mais tarde, ela o traria para fora, para um passeio.

Ayla havia visto uma expressão de ternura e diversão no rosto de Jondalar quando os animais se encontraram. Era uma expressão que lhe fora familiar antes, e que a encheu de uma onda inenarrável de felicidade. Talvez ele quisesse voltar para a Fogueira do

Mamute, agora, que tivera tempo para pensar a respeito. Mas quando ela entrou e lhe sorriu - seu largo e belo sorriso - ele desviou o rosto e abaixou os olhos; depois, seguiu Talut depressa até a área de cozinhar. Ayla inclinou a cabeça quando a alegria se evaporou, deixando um peso dolorido em seu lugar, convencida de que ele não mais se importava com ela.

Nada estava mais longe da verdade. Ele lamentava ter agido tão apressadamente, envergonhado por ter exibido um comportamento tão imaturo, e certo de que não era mais bem-vindo depois de sua partida abrupta. Não achava que o sorriso de Ayla fosse destinado a ele, realmente. Acreditava que era o resultado do encontro bem-sucedido dos animais, mas vê-lo o encheu de agonia de amor e desejo, a tal ponto que não suportou estar perto dela.

Ranec viu os olhos de Ayla acompanharem o homem grande que se retirava. Perguntou-se quanto tempo duraria sua separação, e que efeito teria. Embora tivesse quase medo de esperar, não podia deixar de pensar que a ausência de Jondalar talvez aumentasse suas chances com Ayla. Ele tinha alguma noção de que era, em parte, uma causa de sua separação, mas sentia que o problema entre eles era mais profundo. Ranec tornava óbvio o seu interesse por Ayla, e nenhum deles indicara que estava totalmente mal colocado. Jondalar não o havia enfrentado com uma declaração definitiva de sua intenção de se unir a Ayla em um vínculo exclusivo; havia apenas agido com raiva contida e se afastado. E da mesma forma que Ayla não o havia exatamente encorajado, tampouco o havia recusado.

Era verdade, Ayla acolhia bem a companhia de Ranec. Não tinha certeza por que Jondalar estava tão distante, mas sentia, com segurança, que era alguma coisa que ela fazia, erradamente. A presença atenciosa

de Ranec a fazia sentir que seu comportamento não podia ser inteiramente inadequado.

Latie estava de pé ao lado de Ayla, com os olhos brilhantes de interesse no lobinho que ela segurava. Ranec se juntou a elas.

- Foi uma visão que jamais esquecerei, Ayla - disse Ranec. - Essa coisinha roçando o focinho no da grande égua. O lobinho é valente.

Ela ergueu a cabeça e sorriu, tão satisfeita como elogio de Ranec, como teria ficado se o animal fosse um filho seu.

- O lobo estava amedrontado no início. Os cavalos são muito maiores que ele. Estou contente porque ficaram amigos tão depressa.

- É esse o nome que vai lhe dar? Lobo? - perguntou Latie.

- Ainda não pensei sobre isso, realmente. No entanto, parece um nome adequado.

- Não sou capaz de pensarem outro melhor - disse Ranec.

- O que acha, Lobo? - perguntou Ayla, erguendo o filhote e olhando para ele. O animal avançou para ela depressa e lambeu-lhe o rosto. Todos sorriam.

- Acho que ele gosta do nome - falou Latie.

- Você conhece animais, Ayla - disse Ranec. Depois com expressão interrogativa, ajuntou: - Há uma coisa que eu gostaria de perguntar, todavia. Como sabia que os cavalos não iriam machucá-lo? Os lobos caçam cavalos e já vi cavalos matarem lobos. São inimigos mortais. Ayla parou e refletiu.

- Não sei. Eu apenas tinha certeza, talvez por causa de Neném. Leões da caverna matam cavalos também, mas devia ter visto Whinney com ele, quando era pequeno. Era tão protetora, como uma mãe, ou ao menos uma tia. Whinney sabia que um filhote de lobo não poderia feri-la e Racer também pareceu saber. Acho

que se você começa quando são bebês, muitos animais podem ser amigos, e amigos de pessoas também.

- É por isto que Whinney e Racer são seus amigos? - indagou Latie.

- Sim, acho que sim. Tivemos tempo de nos acostumarmos um com o outro. Acho que é disso que Lobo precisa.

- Acha que ele se acostumará comigo? - perguntou Latie, ansiosa, e Ayla sorriu ao perceber seu sentimento.

- Aqui - disse, estendendo o filhote para a garota. - Segure-o. Latie aninhou o animalzinho cálido e inquieto nos braços, depois inclinou a face para sentir a macia pele felpuda. Lobo lambeu seu rosto também, incluindo-a em seu bando.

- Acho que ele gosta de mim - disse Latie. - Acabou de me beijar.

Ayla sorriu diante da reação satisfeita. Ela sabia que essa simpatia era natural para os filhotes de lobo; as pessoas pareciam achá-la tão irresistível quanto os lobos adultos achavam. Somente quando os lobos crescem é que se tornavam tímidos, defensivos e desconfiados de estranhos.

A jovem observou o filhote com curiosidade, enquanto Latie o segurava. O pêlo do lobinho ainda era do tom cinza-escuro uniforme dos muito novos. Somente mais tarde o pêlo desenvolveria as listras claras e escuras da típica coloração de um lobo adulto se tal acontecesse. Sua mãe fora preta, até mais escura que o filhote, e Ayla se perguntou de que cor Lobo seria.

Todos voltaram as cabeças quando ouviram o guincho de Crozie.

- Suas promessas não significam nada! Você me prometeu respeito! Prometeu que eu sempre seria bem-vinda, de qualquer modo! - Sei o que prometi. Não precisa me lembrar - gritou Frebec.

A discussão não era inesperada. O inverno prolongado havia proporcionado tempo para fabricar e consertar, esculpir e tecer, contar histórias, cantar canções, jogar e tocar instrumentos musicais; entregar-se a todos os passatempos e diversões já inventados. Mas, quando a longa estação chegava ao fim, também era época em que o confinamento rigoroso fazia com que os gênios se inflamassem. A subcorrente de conflito entre Frebec e Crozie causara relações tão tensas, que a maioria das pessoas sentia que uma explosão seria iminente - Agora, diz que quer que eu vá embora. Sou uma mãe, sem lugar para ir e você quer que eu vá.

Isso é manter sua promessa? A batalha verbal era realizada ao longo do corredor, e logo alcançava a Fogueira do Mamute com força total. O filhote, amedrontado pelo ruído e tumulto, saiu dos braços de Latie e desapareceu antes que ela pudesse ver para onde fora - Eu cumpro minhas promessas - disse Frebec - Não me ou direito. O que eu quis dizer foi - Ele lhe fizera promessas, mas não sou bera, antes, o que seria viver com a velha megera. Se pudesse ter apenas Fralie e não precisar conviver com a mãe dela, pensou, olhando ao redor, tentando pensar em algum modo de sair do canto em que Crozie o encurralara. - O que eu quis dizer foi. - Notou Ayla e encarou-a diretamente.

- Precisamos de mais espaço - A Fogueira da Garça não é o bastante grande para nós. É o que faremos quando o bebê chegar? Parece haver bastante espaço nesta fogueira, até para animais! - Não é para os animais, a Fogueira do Mamute era deste tamanho antes de Ayla chegar - falou Ranec, vindo em defesa de Ayla - Todo mundo do Acampamento se reúne aqui, tem que ser maior. Mesmo assim, fica apinhada. Você não pode ter uma fogueira tão grande quanto esta.

- Eu pedi uma deste tamanho? Eu disse apenas que a nossa não era suficiente. Por que o Acampamento do

Leão precisa ceder espaço aos ani mais, e não às pessoas? Mais gente se aproximava para ver o que acontecia. Você não pode ocupar espaço algum da Fogueira do Mamute disse Deegie, deixando que o velho feiticeiro avançasse mais - Diga-lhe, Mamut.

- Ninguém cedeu espaço ao lobo. Ele dorme em uma cesta, perto da cabeceira da cama dela - começou Mamut em tom razoável. - Implica que Ayla tem esta fogueira toda para si, mas ela possui pouco espaço que pode chamar de seu. As pessoas se reúnem aqui, quer exista uma cerimônia ou não, principalmente as crianças. Há sempre alguém por perto, inclusive Fralie e suas crianças, às vezes.

- Eu disse a Fralie que não gosto que ela passe muito tempo aqui, mas ela diz que precisa de mais espaço para espalhar seu trabalho. Fralie não teria que vir trabalhar aqui, se tivéssemos mais espaço em nossa fogueira.

Fralie corou, e voltou para a Fogueira da Garça. Ela dissera aquilo a Frebec, mas não era inteiramente verdade. Ela também gostava de passar algum tempo na Fogueira do Mamute pela companhia, e porque o conselho de Ayla a havia ajudado em sua gravidez difícil. Agora, Fralie sentiu que teria que ficar afastada.

- De qualquer maneira, eu não falava sobre o lobo - continuou Frebec - embora ninguém me perguntasse se eu queria dividir a moradia com esse animal. Só porque uma pessoa quer trazer animais para cá, não sei por que eu teria que viver com eles. Não sou um animal e não cresci com eles, mas por aqui os animais valem mais que as pessoas. Todo este acampamento constrói um recinto separado para cavalos, enquanto estamos espremidos na menor fogueira da habitação comunal! Um tumulto nasceu, com todos gritando ao mesmo tempo, tentando se fazer ouvir.

- O que quer dizer com a menor fogueira da habitação? - trovejou Tornec. - Não temos mais espaço do que você, talvez menos, e o número de pessoas é igual! - É verdade - falou Tronie. Manuv sacudia a cabeça vigorosamente, concordando.

- Ninguém tem muito espaço - disse Ranec.

- Ele está certo! - concordou Tronie novamente, com mais veemência. - Acho que até a Fogueira do Leão é menor que a sua, Frebec, e eles têm mais pessoas do que você, e maiores também. Estão apertados, realmente. Talvez deversem ter parte do espaço da área de cozinhar. Se alguma fogueira o merece, é a deles.

- Mas a Fogueira do Leão não está pedindo mais espaço - tentou dizer Nezzie.

Ayla olhou de uma pessoa para a outra, incapaz de compreender como todo o acampamento se envolvera, de repente, em uma discussão violenta, mas sentindo que, de algum modo, a culpa era toda sua.

No meio de tudo, um berro potente soou subitamente, dominando toda a agitação e detendo todo mundo. Talut estava de pé no meio da fogueira com segurança de líder. Seus pés estavam separados, e na mão direita estava o bastão enigmaticamente decorado, comprido, reto, de marfim.

Tulie se juntou a ele, emprestando sua presença e autoridade. Ayla se sentiu intimidada pelo par poderoso.

- Eu trouxe o Bastão Falante - disse Talut, erguendo o bastão e sacudindo-o para poder dizer o que queria. - Discutiremos este problema de modo pacífico e o resolveremos imparcialmente.

- Em nome da Mãe, que ninguém desonre o Bastão Falante - disse Tulie. - Quem falará primeiro? - Acho que Frebec deve falar primeiro - disse Ranec. - É ele que tem um problema.

Ayla andara se esgueirando em direção à periferia, tentando escapar das pessoas ruidosas e que gritavam.

Notou que Frebec parecia pouco à vontade e nervoso com toda a atenção hostil concentrada nele. O comentário de Ranec carregara a forte implicação de que a confusão era inteiramente por culpa dele. Ayla, de pé, um pouco escondida atrás de Danug, examinou Frebec com atenção pela primeira vez. tinha estatura mediana, talvez um pouco menos. Agora, que reparava nisso, ela era provavelmente um pouco mais alta que ele, mas também era mais alta que Barzec e, talvez da mesma altura de Wymez. Ela estava acostumada a ser mais alta que os outros e não prestara atenção nisso antes. Frebec tinha cabelo castanho claro, um tanto escasso, olhos de um tom de azul médio, e feições regulares, corretas, sem deformações. Era um homem de aparência comum e ela não encontrava nada que pudesse justificar seu comportamento belicoso e desagradável. Havia momentos, quando Ayla era criança, em que desejara ser tão parecida com o resto do Clã quanto Frebec parecia com o seu povo.

Quando Frebec avançou e pegou o Bastão Falante de Talut, Ayla viu Crozie, com o rabo do olho, com um sorriso de regozijo no rosto. Certa mente, a velha era ao menos parcialmente culpada pelas ações de Frebec, mas era só isso? Tinha que haver mais alguma coisa. Ayla olhou para Fralie, mas não a viu entre as pessoas que se reuniam na Fogueira do Mamute. Então, viu a mulher grávida observando da extremidade da Fogueira da Garça.

Frebec pigarreou algumas vezes, depois, mudando a posição em que segurava o bastão de marfim e agarrando-o com firmeza, começou: - Sim, eu tenho um problema - olhou ao redor, nervoso, depois, carrancudo, endireitou mais o corpo. - Quero dizer, temos um problema. A Fogueira da Garça. Não há espaço suficiente. Não temos lugar para trabalhar, é a menor fogueira da habitação...

- Não é a menor. É maior que a nossa! - falou Tronie sem se controlar.

Tulie a fitou com severidade.

- Terá uma chance de falar, Tronie, quando Frebec terminar.

Tronie corou e resmungou desculpas. Seu embaraço pareceu dar coragem a Frebec. Sua postura se tornou mais agressiva.

- Não temos espaço suficiente agora, Fralie não tem lugar para trabalhar e... e Crozie precisa de mais espaço. E breve haverá outra pessoa. Acho que devíamos ter mais espaço. - Frebec devolveu o Bastão a Talut e recuou um passo.

- Tronie, pode falar agora - disse Talut.

- Acho que... eu estava apenas... bem, talvez eu fale - disse, avançando um passo para pegar o Bastão. - Não temos mais espaço do que na Fogueira da Garça e somos o mesmo número de pessoas. - Depois acrescentou, tentando conseguir a ajuda de Talut: - Creio que a Fogueira do Leão é menor...

- Isso não é importante, Tronie - falou Talut. - A Fogueira do Leão não está pedindo mais espaço e não estamos o suficientemente perto da Fogueira da Garça para sermos afetados pelo desejo de Frebec de ter mais espaço. Você, da Fogueira da Rena, tem o direito de falar, já que mudanças na Fogueira da Garça talvez causem alterações no seu espaço.

Tem mais alguma coisa a dizer? - Não, acho que não - respondeu Tronie, sacudindo a cabeça e entregando o Bastão.

- Mais alguém? Jondalar queria poder dizer alguma coisa que ajffdasse, mas era um estranho e sentia que não devia se intrometer. Queria estar ao lado de Ayla, e lamentou ainda mais, agora, ter mudado o seu local de dormir. Ficou quase contente quando Ranec avançou e

pegou o bastão de marfim. Al guém precisava falar em favor de Ayla.

- Não é terrivelmente importante, mas Frebec exagera. Não posso dizer se eles precisam de mais espaço ou não, mas a Fogueira da Garça não é a menor da habitação. A Fogueira da Raposa tem essa honra. Mas, somos apenas dois e estamos contentes.

Houve murmúrios, e Frebec lançou um olhar feroz ao escultor. Nunca houvera grande entendimento entre os dois homens. Ranec sempre achara que tinham pouco em comum e tendia a ignorá-lo. Frebec tomou isto como desdém e havia alguma verdade nisso. Particularmente, desde que ele começara a fazer comentários depreciativos a Ayla, Ranec achou que Frebec valia pouco.

Talut, tentando impedir outra discussão geral, levantou a voz e se dirigiu a Frebec.

- Como acha que o espaço da habitação deveria ser mudado para lhe dar mais conforto? - Entregou o comprido bastão de marfim ao homem.

- Eu nunca disse que queria tirar espaço da Fogueira da Rena, mas se há lugar para animais eles têm mais espaço do que precisam Acrescentou. - se um anexo à habitação para os cavalos, mas ninguém parece tomar conhecimento de que, breve, teremos mais uma pessoa. Talvez as coisas..' pudessem ser mudadas - terminou Frebec, vacilante. Não ficou feliz ao ver Mamut estender a mão para o Bastão Falante.

- Sugere que, a fim de haver mais espaço na Fogueira da Garça, a Fogueira da Rena deveria se mudar para a Fogueira do Mamute? Isso seria um grande transtorno para eles. Quanto a Fralie vir trabalhar aqui, não está insinuando que ela se limita a viver na Fogueira da Garça, não é? Seria pouco saudável, e a privaria do companheirismo que encontra aqui. É para cá que se espera que ela traga seus projetos. Esta fogueira se

destina a acomodar trabalho que precisa demais espaço, do que existe na fogueira pessoal de qualquer um. A Fogueira do Mamute pertence a todos e é quase pequena, agora, para reuniões.

Quando Mamut devolveu o bastão a Talut, Frebec parecia mais calmo, porém, se pôs na defensiva, vivamente, quando Ranec pegou o bastão de novo.

- Quanto ao anexo para os cavalos, todos nos beneficiaremos com o espaço, principalmente depois que se escavarem os depósitos de estocagem. Mesmo agora, tornou-se uma entrada conveniente para muitas pessoas. Observo que conserva ali as suas roupas de passeio, Frebec, e usa aquela entrada com mais freqüência do que o acesso principal - disse Ranec. - Além disso, os bebês são pequenos, não ocupam muito espaço. Não creio que necessite de mais espaço.

- Como pode saber? - intrometeu-se Crozie. - Nunca teve nenhum bebê nascente em sua fogueira. Eles ocupam espaço, muito mais do que imagina.

Somente depois de ter falado Crozie percebeu que, pela primeira vez, havia tomado o partido de Frebec. Franziu a testa, depois resolveu que talvez ele tivesse razão. Talvez precisassem de mais espaço. Era verdade que a Fogueira do Mamute era local de reuniões, mas parecia conceder a Ayla maior status porque vivia em uma fogueira tão grande. Embora todos a houvessem considerado de Mamut quando ele viveu lá sozinho, agora, ex ceto pelas reuniões cerimoniais, todos a tratavam como se pertencesse a Ayla. Uma área maior para a Fogueira da Garça poderia elevar o status de seus membros.

Aparentemente todos encararam a interrupção de Crozie como um sinal para comentário geral e, trocando um olhar experiente entre eles, Talut e Tulie permitiram que o alarido seguisse seu curso.

Às vezes, as pessoas precisavam desabafar. Durante a interrupção, Tulie encontrou o olhar de Barzec e, depois que tudo se acalmou, ele avançou um passo e pediu o bastão. Tulie fez um gesto com a cabeça, concordando, como se soubesse o que ele ia dizer, embora não se houvessem falado.

- Crozie tem razão - disse ele, sacudindo a cabeça em sua direção. Ela ficou mais ereta, aceitando o reconhecimento, e sua opinião sobre Barzec melhorou. - Os bebês ocupam espaço, muito mais do que se poderia imaginar diante de seu tamanho talvez seja hora de algumas mudanças, mas não acho que a Fogueira do Mamute deva ceder espaço. As necessidades da Fogueira da Garça estão crescendo, mas as necessidades da Fogueira dos Auroques são menores.

brneg foi viver no acampamento de sua mulher, e breve começará novo acampamento com Deegie. Então, ela irá embora também. Ibrtanto, a Fogueira dos Auroques, compreendendo as necessidades de uma família em crescimento, cederá algum espaço à Fogueira da Garça.

- É satisfatório para você, Frebec? - perguntou Talud.

- É - replicou Frebec, mal sabendo como responder a esta virada inesperada dos acontecimentos.

- Então, deixarei por sua conta resolver, entre vocês, quanto espaço a Fogueira dos Auroques cederá, mas acho que é justo não haver mudanças até Fralie ter o seu bebê. Concorda, Frebec? Frebec sacudiu a cabeça afirmativamente, ainda desarmado. Em seu acampamento anterior, ele não sonharia em pedir mais espaço; se o tivesse feito, teriam caçado dele. Não tinha a prerrogativa, o status, para fazer tais pedidos. Quando a discussão com Crozie começou, ele não estava pensando em espaço, de forma alguma. Apenas procurara um meio de responder às acusações

insultuosas, embora verdadeiras, da mulher. Agora, ele se convencera de que a falta de espaço havia sido a razão, o tempo todo, para a discussão e, por uma vez, ela havia ficado do lado dele. Ele sentiu a emoção do sucesso. Havia vencido uma batalha. Duas batalhas: uma com o acampamento, outra com Crozie. Quando as pessoas se dispersaram, ele viu Barzec falando com Tulie, e ocorreu-lhe que devia agradecer a eles.

- Agradeço sua compreensão - disse Frebec à chefe e ao homem da Fogueira dos Auroques.

Barzec usou as costumeiras negativas, mas não teriam ficado satisfeitos se Frebec não houvesse reconhecido a acomodação feita para ele. Sabiam muito bem que o valor de sua concessão ia muito além de alguns metros de espaço. Anunciava-se que a Fogueira da Garça tinha status para merecer tal doação da fogueira da chefe, embora fosse o status de Crozie e Fralie que considerassem quando Tulie e Barzec discutiram, previamente, uma mudança de limites, entre si. Eles já antecipavam as necessidades de mudança das duas famílias. Barzec havia pensado mesmo em abordar o assunto antes, mas Tulie sugeriu que esperassem um momento apropriado, talvez como um presente para o bebê.

Ambos sabiam que aquele era o momento. Não fora necessário mais que alguns olhares e gestos de cabeça como sinais entre os dois. E já que Frebec havia conseguido uma vitória nominal, a Fogueira da Garça tinha, a obrigação moral de concordar com o ajuste dos limites. Barzec acabara de comentar como Tulie havia sido sábia quando Frebec se acercou para agradecer. Quando Frebec voltou à Fogueira da Garça, saboreava o incidente, calculando os pontos que vencera, exatamente como se fosse um dos jogos que o acampamento gostava de jogar, e ele contasse os pontos conquistados.

Num sentido muito real era um jogo, o jogo muito sutil e inteiramente sério de posição comparativa, que é jogado por todos os animais sociais. É o método pelo qual os indivíduos se colocam - cavalos em uma cavahada, lobos em uma alcatéia, pessoas em uma comunidade - de forma apoderem viver juntos. O jogo coloca duas forças contrárias em oposição uma à outra, ambas igualmente importantes para sobreviver: autonomia individual e bem-estar da comunidade. O objetivo é alcançar equilíbrio dinâmico.

As vezes e sob certas condições, os indivíduos podem ser quase autônomos. Um indivíduo é capaz de viver sozinho e não se preocupar com classe social, mas nenhuma espécie pode sobreviver sem interação entre os indivíduos. O preço derradeiro seria mais final que a morte. Seria a extinção. Por outro lado, a subordinação total do indivíduo ao grupo é igualmente devastadora. A vida não é estática, nem imutável. Sem individualidade não pode haver mudança, ou adaptação e, em um mundo inerentemente mutável, qualquer espécie incapaz de se adaptar também está condenada.

Os seres humanos em uma comunidade, quer seja tão pequena quanto duas pessoas ou tão grande quanto o mundo, e não importa que forma a: sociedade assume, se colocarão de acordo com alguma hierarquia. Os costumes e cortesias comumente compreendidos podem ajudar a aliviar o atrito e diminuir o stress de manter um equilíbrio funcional dentro deste sistema em mudança constante. Em algumas situações, a maioria dos indivíduos não necessitará comprometer muito de sua independência pessoal para o: bem-estar da comunidade. Em outras, as necessidades da comunidade talvez exijam o máximo sacrifício pessoal do indivíduo, mesmo da própria vida.

Nenhuma forma é mais certa que a outra, depende das circunstâncias; porém, nenhum extremo pode ser

mantido por muito tempo, tampouco uma sociedade perdura se algumas pessoas exercem sua individualidade à custa da comunidade.

Ayla seguidamente se encontrava comparando a sociedade do Clã com a dos Mamutoi, e começou a ter um vislumbre deste princípio enquanto refletia sobre os estilos diferentes de liderança de Brun e do chefe e da chefe do Acampamento do Leão. Ela viu Talut recolocar o Bastão Falante no lugar habitual, e recordou que, ao chegar pela primeira vez ao acampamento Mamutoi, achava Brun um líder muito melhor que Talut. Brun teria simplesmente tomado uma decisão e os outros seguiriam sua ordem, quer gostassem ou não. Alguns sequer pensariam se gostavam ou não. Brun jamais tinha que discutir ou gritar. Um olhar penetrante ou uma ordem curta provocavam atenção imediata. Parecera-lhe que Talut não tinha controle sobre as pessoas ruidosas, briguentas, e que elas não o respeitavam.

Agora, Ayla não tinha tanta certeza. Achava que era mais difícil liderar um grupo de pessoas que acreditavam que todos, homens e mulheres, tinham o direito de falar e ser ouvidos. Ainda pensava que Brun fora um bom líder para sua sociedade, mas perguntava-se se ele poderia ter chefiado aquelas pessoas que davam suas opiniões tão livremente. As vozes podiam elevar-se muito e haver ruído demais quando todos tinham uma opinião e não hesitavam em expressá-la, mas Talut jamais permitia que a situação ultrapassasse certos limites. Embora ele fosse forte, certamente, para ter forçado sua vontade, preferia comandar por consenso e acordo, em vez disso. Recorria a certas sanções e crenças, e tinha técnicas próprias para ter a atenção geral, mas era preciso ter um tipo diferente de força para persuadir, em vez de obrigar. Talut ganhava respeito ao respeitar.

Quando Ayla caminhou para um grupo de pessoas de pé perto da escavação para o fogo, olhou ao redor procurando o filhote de lobo. Era um gesto subconsciente e quando não o viu, presumiu que ele encontrara um local onde se esconder durante o tumulto.

- ...Certamente, Frebec conseguiu o que queria - dizia Tornec - graças a Tulie e Barzec.

- Estou contente, pelo bem de Fralie - disse Tronie, aliviada em saber que a Fogueira da Rena não seria invadida ou reduzida em seu tamanho. - Espero apenas que isso acalme Frebec por uns tempos. Realmente, ele começou uma grande discussão desta vez.

- Não gosto de discussões assim - disse Ayla, recordando que a briga havia começado com a reclamação de Frebec por seus animais terem mais espaço que ele.

- Não se perturbe com isso - falou Ranec. - Foi um inverno prolongado. Alguma coisa assim sempre acontece nesta época do ano. É um pouco de diversão, apenas, para criar alguma excitação.

- Mas ele não precisava ter feito tanta confusão para conseguir mais espaço - disse Deegie. - Ouvi mamãe e Barzec falando sobre isso muito antes de Frebec tocar no assunto. Eles iam dar espaço à Fogueira da Garça como presente para o bebê de Fralie. Tudo que Frebec tinha que fazer era pedir.

Por isto Tulie é uma chefe tão boa - disse Tronie. - Ela pensa em coisas como essa.

- Ela é boa e Talut também - falou Ayla.

- Sim, ele é. - Deegie sorriu. - Por isto ainda é o chefe Ninguém permanece chefe por tanto tempo, se não for capaz de liderar e ter o respeito de seu povo. Acho que Branag será tão bom quanto ele. Talut pôde lhe ensinar.

- Os sentimentos afetuosos entre Deegie e o irmão de sua mãe eram mais profundos do que o relacionamento formal que, juntamente com o status e a herança de sua mãe, garantiam à jovem uma elevada posição entre os Mamutoi.

- Mas, quem se tornaria líder, se Talut não fosse respeitado? - indagou Ayla. - E como? - Bem... ah... - começou Deegie. Depois, os jovens se voltaram para Mamut a fim de que ele desse a resposta.

- Se for o caso de antigos líderes entregarem a liderança ativa a uma irmã e irmão mais jovens, que foram escolhidos... parentes, em geral... há um período de aprendizado, depois uma cerimônia e finalmente os antigos líderes se tornam conselheiros - disse o feiticeiro e professor.

- Sim. Foi isso que Brun fez. Quando era mais jovem, respeitava o velho Zoug e prestava atenção ao seu conselho e, quando ficou mais velho, entregou a liderança a Broud, o filho de sua companheira. Mas o que acontece se um acampamento perde o respeito por um líder? Um líder jovem? - perguntou Ayla, muito interessada.

- A mudança não ocorreria depressa - falou Mamut - mas as pessoas apenas não o procurariam, depois de certo tempo. Procurariam outro, alguém que pudesse chefiar uma caçada com mais sucesso, ou resolver melhor os problemas. As vezes, a liderança é abandonada, noutras um acampamento apenas se divide, alguns seguem o novo líder, e outros permanecem com o antigo. Mas, em geral, os líderes não abandonam suas posições ou autoridade facilmente, e isso pode causar problemas, até lutas. Então, a decisão ficaria nas mãos dos Conselhos. O chefe ou a chefe que dividiu a liderança com alguém que causa encrenca ou é responsabilizado por um problema, raramente é capaz de iniciar um novo acampamento, embora possa não

ser... - Mamul hesitou e seus olhos, Ayla percebeu, se fixaram na direção da velha da Fogueira da Garça, que falava com Nezzie -.. culpa dela. As pessoas querem líderes em quem possam confiar, e suspeitam da queles indivíduos que têm problemas... ou viveram tragédias.

Ayla sacudiu a cabeça, concordando, e Mamut notou que ela com preendera, tanto o que ele havia dito quanto o que insinuara. A conversa continuou, porém a mente de Ayla havia retrocedido ao Clã. Brun havia sido um bom líder, mas o que o seu clã faria se Broud não o fosse? Ela se perguntou se eles se voltariam para um novo líder, e quem seria. Ainda se passaria muito tempo antes de o filho da companheira de Broud ter idade suficiente. Uma preocupação persistente que andara exigindo sua atenção irrompeu, de repente.

- Onde está Lobo? - disse.

Ela não o via desde a discussão e ninguém o vira tampouco. Todos começaram a procurar. Ayla remexeu no seu estrado-cama, e depois todos os cantos da fogueira, mesmo na área sem cortina, com a cesta de cinzas e esterco de cavalo, que ela havia mostrado ao filhote. Começava a sentir o mesmo pânico que uma mãe sente quando dá por falta do filho.

- Aqui está ele, Ayla! - ouviu Tornec dizer, com alívio, mas sentiu o estômago revolver-se quando ele acrescentou: - Frebec está com ele. - A surpresa de Ayla chegou ao limite do choque enquanto o observava aproximar-se. Ela não era a única a encarar o homem com incredulidade e assombro.

Frebec, que nunca negligenciava uma chance de censurar os animais de Ayla, ou ela própria, por sua ligação com eles, carregava o filhote com ternura nos braços. Entregou-lhe o lobinho, mas ela notou um instante de hesitação, como se ele se desfizesse do animalzinho com relutância, e ela viu uma expressão mais terna em seus olhos, do que já vira antes.

- Ele deve ter-se assustado - explicou Frebec. - Fralie falou, de repente, que ele estava lá, na fogueira, chorando. Ela não sabia de onde ele viera. A maior parte das crianças lá estava, também, e Crisavec o pegou e o colocou em uma plataforma de estocagem, perto da cabeceira de sua cama.

Mas há um nicho fundo na parede, lá, que entra pela encosta da colina. O lobo descobriu, rastejou até o fundo e não queria sair.

- Com certeza, lembrou-se de sua cova - disse Ayla.

- Foi o que Fralie disse. Era muito difícil para ela ir pegá-lo, grande como está, e acho que tinha medo, depois de ouvir Deegie contar sobre você ter entrado em um covil de lobos. Ela não queria que Crisavec lá entrasse, tampouco. Quando cheguei, tive que entrar e tirá-lo. - Frebec fez uma pausa, depois acrescentou, enquanto Ayla notava um tom de assombro em sua voz: - Quando o alcancei, ficou tão contente de me ver que lambeu todo o meu rosto. Tentei fazê-lo parar.

Frebec assumiu uma atitude mais despreocupada e negligente, para esconder o fato de que ele estava obviamente comovido pela maneira naturalmente simpática do animal assustado.

- Mas quando o coloquei ao chão, chorou e chorou até eu pegá-lo no colo de novo. - Várias pessoas se aglomeravam ao redor agora. - Não sei por que ele escolheu a Fogueira da Garça ou a mim para socorrê-lo quando procurava um local seguro.

- Agora, ele imagina o acampamento como seu bando, e sabe que você é um membro do acampamento, especialmente depois de tirá-lo da cova que encontrou - retrucou Ayla, tentando reconstruir os eventos.

Frebec sentia o ardor da vitória quando voltou à sua fogueira, e algo mais profundo que o fazia experimentar uma animação incomum; uma sensação de pertencer a um lugar, como um igual.

Eles não o tinham ignorado apenas ou caçoado dele. Talut sempre o ouvia, exatamente como se ele ti vesse o status para garantir isso, e Tulie, a chefe, oferecera-se para ceder-lhe um pouco do seu espaço. Crozie até tomara o seu partido.

Um nó subiu-lhe à garganta ao ver Fralie, sua mulher estimada, de status elevado, que tornara tudo isso possível; sua bela mulher grávida que breve daria à luz o primeiro filho de sua fogueira, a fogueira que Crozie lhe dera, a Fogueira da Garça. Ele ficara aborrecido quando ela lhe disse que o filhote estava escondido no nicho, mas ficou surpreso diante da aceitação pelo filhote, apesar de todas as suas palavras duras. Até o bebê lobo dava-lhe as boas-vindas, e depois só queria ser cuidado por ele. E Ayla disse que era porque o lobo sabia que ele era um membro do Acampamento do Leão. Até um lobinho sabia que ele pertencia ao acampamento.

- Bem, é melhor você ficar com ele daqui por diante
- aconselhou Frebec ao dar meia-volta para afastar-se. -
E vigie-o. Do contrário, poderá ser pisado.

Depois que Frebec se retirou, várias pessoas que estavam por perto se entreolharam em total assombro.

- Foi uma mudança! O que deu nele? - falou Deegie.
- Se eu não o conhecesse bem, diria que ele gosta de Lobo, na verdade! - Eu não sabia que ele seria capaz disso - falou Ranec, sentindo mais respeito do que jamais tivera pelo homem da Fogueira da Garça.

Capítulo 24

As criaturas de quatro patas do domínio da Mãe sempre tinham sido alimento, pele ou a personificação dos espíritos para o Acampamento do Leão. Eles conheciam os animais em seu meio natural, conheciam seus movimentos e padrões de migração, sabiam onde procurá-los e como caçá-los. Mas as pessoas do acampamento nunca tinham conhecido animais individuais até Ayla chegar com a égua e o garanhão jovem.

A interação dos cavalos a Ayla e, à medida que o tempo passava, a outras pessoas em vários graus, era fonte constante de surpresa. Jamais ocorrera a alguém, antes, que esses animais responderiam a um ser humano, ou que poderiam ser domesticados para atender a um assobio ou levar um cavaleiro. Mas mesmo os cavalos, com todo o interesse e atração, não provocaram o fascínio do lobinho no acampamento. Eles respeitavam os lobos como caçadores e, ocasionalmente, adversários. Às vezes, um lobo era caçado por causa de uma pele de inverno e, embora fosse raro, um homem era vítima ocasional de uma alcatéia. A maior parte das vezes, lobos e homens tendiam a respeitar-se e evitar-se mutuamente.

Mas os muito jovens sempre exercem uma atração especial; são a fonte inata de sua sobrevivência. Os bebês, inclusive os animais, tocam alguma corda interior que ressoa em resposta, mas Lobo - o nome pelo qual passou a ser conhecido - possuía um charme especial. Desde o primeiro dia em que o peludo filhote cinza-escuro caminhou com passos vacilantes sobre o chão da habitação, atraiu a população humana. Seus modos

ansiosos de filhote eram irresistíveis e logo se tornou o favorito do acampamento.

Ajudou, embora as pessoas do acampamento não o percebessem, que os hábitos dos homens e dos lobos não fossem tão diferentes. Ambos eram animais inteligentes, sociáveis, que se organizavam dentro de um padrão global de relacionamentos complexos e mutáveis, que beneficiava o grupo enquanto acomodava as diferenças individuais. Devido às semelhanças de estruturas sociais e certas características que tinham evoluído independentemente em canídeos e humanos, um relacionamento único se tornou possível entre eles.

A vida de Lobo começou sob circunstâncias incomuns e difíceis. Como único sobrevivente de uma ninhada nascida de uma loba solitária que perdera o companheiro, ele nunca conheceu a segurança de uma alcatéia. Mais do que o conforto de irmãos, ou de uma tia ou tio solícitos, que teriam permanecido perto, no caso de a mãe sair por pouco tempo, ele havia experimentado a solidão rara para um filhote de lobo, O único outro lobo que conhecera fora a mãe, e sua lembrança dela se toldava à medida que Ayla tomava o seu lugar.

Ayla, porém, era mais alguma coisa. Ao decidir manter e criar o filhote, tornou-se a metade humana de um elo extraordinário que se desenvolveu entre duas espécies completamente diferentes - dos canídeos e dos humanos - um elo que teria efeitos profundos e duradouros.

Mesmo se houvesse outros lobos por perto, Lobo era novo demais quando foi encontrado para ter-se ligado a eles adequadamente. Em sua idade, um mês, mais ou menos, ele teria apenas começado a sair da cova para encontrar os parentes, os lobos a quem teria se associado pelo resto da vida. Em vez disso, ele se fixou nas pessoas, e nos cavalos, do Acampamento do Leão.

Foi a primeira, mas não seria a última vez. Por acaso ou desígnio, enquanto a idéia se espalhava, aconteceria de novo, muitas vezes, em inúmeros locais. Os ancestrais de todas as raças domésticas caninas eram lobos, e conservaram no começo suas características essenciais de lobo. Mas, à medida que o tempo passou, as gerações de lobos nascidas e criadas em um ambiente humano começaram a diferir dos canídeos selvagens originais.

Animais nascidos com variações genéticas normais na cor, forma e tamanho - um pêlo escuro, uma mancha branca, um rabo curvado para cima, um tamanho maior ou menor - que os teriam empurrado para a periferia ou para fora da alcatéia, em geral, eram protegidos pelos homens.

Mesmo aberrações genéticas na forma de pigmeus, anões, ou gigantes de ossos pesados, que não teriam sobrevivido na selva para a reprodução, eram protegidos e criados. Eventualmente, canídeos incomuns ou aberrações eram criados para a preservação e fortalecimento de certas características desejáveis para os homens, até a semelhança externa de muitos cães com o lobo ancestral ser tão remota, realmente. Contudo, as características do lobo - inteligência, proteção, lealdade e ludismo permaneciam.

Lobo foi rápido em descobrir pistas de posição social relativa dentro do acampamento, como teria feito em uma alcatéia, embora sua interpretação de status talvez não estivesse de acordo com as noções dos homens. Embora Tulie fosse a chefe do Acampamento do Leão, para Lobo, Ayla era a mulher mais importante; em uma alcatéia, a mãe da ninhada era a líder e raramente permitia que outras fêmeas tivessem filhos.

Ninguém no acampamento sabia exatamente o que o animal pensava ou sentia, ou se sequer tinha pensamentos e sentimentos que pudessem ser

compreendidos pelos humanos, mas isso não importava. As pessoas do acampamento julgavam pelo comportamento e pelas ações de Lobo, ninguém duvidava de que ele amava e idolatrava Ayla, ilimitadamente. Onde quer que ela estivesse, ele sempre tinha consciência dela, e a um assobio, um estalo dos dedos, um gesto de aceno, até a uma inclinação da cabeça, ele estava a seus pés, a cabeça erguida com adoração nos olhos, antecipando avidamente seu menor desejo. Era totalmente altruísta em suas respostas, e completamente clemente. Gania em desespero servil quando ela o censurava e se retorcia em êxtases de deleite quando ela o acalmava. Vivia para a atenção de Ayla. Sua maior alegria era quando ela brincava ou corria com ele, mas até uma palavra ou um carinho eram suficientes para provocar lambidas excitadas e outros óbvios sinais de devoção.

Lobo não era tão efusivo com mais ninguém. Ele demonstrava, com a maioria, graus diversos de amizade ou aceitação, causando certa surpresa por poder demonstrar tal variedade de sentimentos.

Sua reação a Ayla for taleceu a percepção do acampamento de que ela possuía uma capacidade mágica de controlar animais, e aumentou seu valor.

O lobinho tinha um pouco mais de dificuldade em determinar quem era o líder masculino em seu grupo humano. Aquele que mantinha essa posição na alcatéia era objeto da atenção mais solícita de todos os outros lobos. Uma cerimônia de saudação, em que o líder macho era cercado pelo resto do grupo ávido para lambe-lo o rosto, cheirar sua pele e ficar próximo, terminando freqüentemente com uma maravilhosa cerimônia comunal de uivos, em geral, confirmava sua liderança. Mas o grupo de homens não oferecia essa deferência a nenhum macho em particular.

Lobo observou, contudo, que os dois grandes membros de quatro patas do seu bando não-convencional, saudavam o alto homem louro com mais entusiasmo do que qualquer outra pessoa, exceto Ayla. Além disso, seu odor permanecia fortemente perto da cama de Ayla e da área próxima, o que incluía a cesta de Lobo. Na ausência de outras pistas, Lobo se inclinou a reconhecer a liderança do grupo em Jondalar. Sua tendência se fortaleceu quando seus avanços amistosos foram recompensados com atenção afetuosa e lúdica.

A meia-dúzia de crianças que brincavam juntas eram seus companheiros de ninhada e Lobo podia ser encontrado, muitas vezes, com elas, na Fogueira do Mamute. Assim que desenvolveram um respeito adequado por seus dentes pequenos e afiados, as crianças descobriram que Lobo gostava de ser tocado, acariciado e afagado. Tolerava excesso não-intencional e parecia saber a diferença entre Nuvie apertá-lo com um pouco de excesso de força quando o carregava, e Brinan puxar-lhe o rabo apenas para vê-lo gritar. O primeiro era suportado com paciência, o último recompensado com uma mordida de retribuição. Lobo gostava de brincar e sempre conseguia meter-se no meio de lutas, e as crianças aprenderam depressa que ele amava ir buscar coisas que eram jogadas. Quando todas se amontoavam em uma pilha, cansadas, adormecendo onde quer que estivessem, o filhote de lobo estava entre elas, muitas vezes.

Ayla, após a primeira noite em que prometera jamais deixar o lobo ferir qualquer pessoa, tomou a decisão de treiná-lo com propósito e atenção. No começo, seu treinamento de Whinney fora casual.

Ela havia agido impulsivamente na primeira vez que montou a égua, e não soubera que estava, intuitivamente, aprendendo a dominar o animal, à medida que cavalgava. Embora agora estivesse ciente

dos sinais que desenvolvera e os usasse conscientemente, seus meios de controle eram muito intuitivos, e Ayla acreditava que Whinney obedecia às suas ordens porque queria.

Treinar o leão da caverna havia sido um pouco mais intencional. Quando ela encontrou o filhote ferido, sabia que um animal podia ser encorajado a seguir-lhe os desejos. Seus primeiros esforços de treinamento foram dirigidos ao controle do afeto indisciplinado do leãozinho. Ela treinava pelo amor, da mesma forma que as crianças era criadas pelo Clã. Recompensava seu comportamento meigo com afeto, e o afastava firmemente ou se levantava e ia embora quando ele esquecia de recolher suas garras ou brincava com exagerada rudeza. Quando, por excitação, ele se inclinava para ela com entusiasmo descontrolado, aprendera a deter-se quando ela erguia a mão e dizia "Pare!" com voz decidida. A lição foi tão bem assimilada que, mesmo quando se tornou um leão da caverna totalmente adulto, quase tão alto, porém mais pesado que Whinney, detinha-se diante de uma ordem de Ayla. Invariavelmente ela respondia com coçaduras e carinhos afetuosos e, às vezes, um abraço completo, rolando com ele no solo. Ao crescer, ele aprendeu muitas coisas, até mesmo a caçar com ela.

Ayla logo compreendeu que as crianças podiam beneficiar-se de algum entendimento sobre os hábitos dos lobos. Começou a contar-lhes histórias sobre a época em que ela aprendia a caçar e observar os lobos juntamente a outros carnívoros. Ela explicou que as alcatéias tinham uma líder fêmea, e um líder macho, como os Mamutoi, e lhes falou que os lobos se comunicavam com alguns gestos e posturas e também com sons vocais. Ela lhes mostrou, com as mãos no chão e de joelhos, a postura de um líder - cabeça erguida, orelhas levantadas, rabo esticado - e a postura de um

que se aproximava de um líder - um pouco mais abaixado e lambendo o focinho do líder - ajuntando sons com imitação perfeita. Descreveu avisos de "ficar longe" e comportamento brincalhão. O lobinho participava, muitas vezes.

As crianças gostavam e freqüentemente os adultos ouviam com igual prazer. Logo, os sinais do lobo estavam incorporados à brincadeira das crianças, mas ninguém os usava melhor, ou com maior compreensão, do que a criança cuja própria linguagem era falada principalmente por sinais. Um relacionamento extraordinário se desenvolveu entre o lobo e o menino, surpreendendo as pessoas do acampamento, e fez Nezzie sacudir a cabeça, espantada. Rydag não somente usava os sinais do lobo, inclusive muitos dos sons, mas parecia avançá-los um passo à frente. Para as pessoas que observavam, pareciam inúmeras as vezes em que eles falavam realmente um com o outro, e o animalzinho indicava saber que o menino exigia atenção e cuidado especiais.

Desde o início, Lobo foi menos indisciplinado, mais manso perto de Rydag e, em sua maneira de filhote, seu guardião. Exceto por Ayla, não havia outra companhia que Lobo preferisse mais. Se Ayla estivesse ocupada, ele procurava Rydag, e era encontrado, muitas vezes, dormindo em seu colo ou perto dele. Ayla não tinha absoluta certeza de como Lobo e Rydag vieram a se entender tão bem. A habilidade inata de Rydag de ler nuances sutis nos sinais do lobo talvez explicasse a capacidade do menino, mas como um animal poderia conhecer as necessidades de uma frágil criança? Ayla desenvolveu sinais de lobo modificados com outras ordens, para treinar o filhote. A primeira lição, depois de vários acidentes, foi usar uma cesta de esterco e cinzas como os homens faziam, ou ir fora da moradia. Foi surpreendentemente fácil; Lobo parecia embaraçado

com suas confusões, e se encolhia quando Ayla o repreendia. A lição seguinte foi mais difícil.

Lobo adorava mastigar couro, especialmente botas e sapatos, e tirar-lhe o hábito foi vergonhoso e frustrador. Sempre que ela o pegava em flagrante e o censurava, ele se arrependia e ficava ansioso para agradar, mas era teimoso e voltava ao couro novamente, às vezes no instante em que Ayla virava as costas. A proteção dos pés de qualquer pessoa corria um risco, porém, especialmente, as meias macias de couro, prediletas de Ayla. Lobo parecia não poder deixá-las em paz. Ayla teve que pendurá-las ao alto, onde ele não as podia alcançar ou teriam sido dilaceradas. Porém, embora objetasse à mas tigação de suas coisas pelo lobinho, sentia-se muito pior quando ele estragava algo de outra pessoa. Ela era responsável por sua vinda para a moradia, e achava que qualquer prejuízo causado por Lobo, fosse culpa dela.

Ayla costurava as contas de terminação na túnica de couro branco quando ouviu uma agitação na Fogueira da Raposa.

- Ei! Você! Dê-me isso! - gritou Ranec.

Ayla percebeu, pelo som, que Lobo havia feito alguma travessura, de novo. Correu para ver qual era o problema desta vez e viu Ranec e Lobo em luta por uma bota usada.

- Lobo! Solte-a! - disse ela, deixando cair a mão em um gesto rápido a curta distância do seu focinho.

O filhote soltou a bota imediatamente e se agachou, com as orelhas levemente para trás e o rabo abaixado, e chorou de modo suplicante. Ranec colocou sua bota no estrado.

- Espero que ele não tenha estragado sua bota - disse Ayla.

- Não importa, é velha - falou Ranec, sorrindo e acrescentou, com admiração: - Você conhece lobos, Ayla.

Ele faz exatamente o que você manda.

- Mas, somente enquanto estou perto e o vigio - disse ela, olhando para o animal. Lobo a observava, retorcendo-se na expectativa. - No instante em que dou as costas, ele mexe em outra coisa que não deve. Larga o objeto quando vê que me aproximo, mas não sei como ensiná-lo a não pegar as coisas dos outros.

- Talvez precise de alguma coisa só dele - falou Ranec. Então olhou Ayla com olhos negros ternos e acolhedores: - Ou talvez sua.

O animal se erguia para ela, chorando em busca de sua atenção. Por fim, impaciente, ganiu algumas vezes.

- Fique aqui! Fique quieto! - exclamou ela, zangada. Ele recuou, deitou-se sobre as patas e ergueu os olhos para ela, totalmente arrasado.

Ranec observou, depois disse a Ayla: - Ele não suporta quando você se zanga com ele. Quer que saiba que a ama. Acho que sei como ele se sente.

Ele se aproximou e os olhos escuros se encheram de calor e necessidade que a tinham comovido tanto antes. Ayla sentiu uma resposta, como um formigamento, e recuou, corada. Então, para encobrir a agitação, inclinou-se e pegou o lobinho que lambeu seu rosto, excitadamente, contorcendo-se de felicidade.

- Vê como ele está feliz agora, sabendo que você gosta dele? - falou Ranec. - Eu também ficaria feliz se soubesse que você se importa comigo. Importa-se? - Hum... claro que sim, Ranec - gaguejou Ayla, pouco à vontade.

Ele exibiu um largo sorriso, e seus olhos cintilaram com uma ponta de malícia e algo mais profundo.

- Seria um prazer lhe mostrar como fico feliz ao saber que você gosta de mim - disse ele, colocando o braço em volta da cintura de Ayla, e aproximando-se mais.

- Acredito em você - disse ela, afastando-se. - Não precisa me mostrar, Ranec.

Não era a primeira vez que ele fazia investidas. Em geral, eram disfarçadas em gracejos que permitiam que ela soubesse como ele se sentia, enquanto dava a chance a Ayla de evitá-los sem que nenhum dos dois perdesse o prestígio. Ela começou a caminhar de volta, pressentindo uma confrontação mais séria e querendo evitá-la. Tinha a impressão de que ele pediria para que fosse para a cama dele, e ela não sabia se poderia recusar um homem que lhe ordenava para ir para sua cama, ou mesmo fazia um pedido direto. Ela compreendia que era direito dela, mas a resposta obediente estava tão arraigada que não tinha certeza se poderia ser de outra forma.

- Por que não, Ayla? - disse ele, seguindo-a e emparelhando o passo com o dela. - Por que não deixa eu lhe mostrar? Dorme sozinha agora. Não deveria dormir sozinha.

Ela sentiu uma ponta de remorso, compreendendo que dormia sozinha, mas tentou não demonstrá-lo.

- Não durmo sozinha - retrucou, pegando o lobinho. - Lobo dorme comigo em uma cesta bem aqui, perto da minha cabeceira.

- Não é a mesma coisa - disse Ranec. O tom de voz era sério e ele parecia pronto para insistir.

Depois parou e sorriu. Não queria apressá-la. Sabia que ela estava aborrecida. A separação acontecera havia pouco tempo. Tentou afastar a tensão. - Ele é pequenino demais para aquecê-la...

mas devo admitir, ele é atraente - esfregou a cabeça de Lobo com afeição.

Ayla sorriu e colocou o filhote na cesta. Imediatamente, ele saltou para fora e depois para o solo; sentou-se e se coçou; em seguida, dirigiu-se ao seu prato de comida. Ayla começou a dobrar a túnica branca para

guar dá-la. Alisou o couro branco macio e a pele de arminho branco e endireitou os rabinhos com as pontas pretas, sentindo o estômago se comprimir e um nó formar-se em sua garganta. Seus olhos ardiavam com as lágrimas que lutava para controlar. Não, não era a mesma coisa, pensou. Como poderia ser? - Ayla, sabe o quanto quero você, o quanto gosto de você - disse Ranec, de pé atrás dela. - Não sabe? - Acho que sim - disse ela, sem se virar, mas fechando os olhos.

- Amo você, Ayla. Sei que está indecisa agora, mas quero que saiba. Amei você desde o primeiro momento que a vi. Quero partilhar minha fogueira com você, unir-me a você. Quero fazer você feliz. Sei que precisa de tempo para refletir sobre isso. Não estou pedindo que tome uma decisão, mas diga-me que pensará a respeito... de me deixar fazê-la feliz. Pensará? Ayla abaixou os olhos para a túnica branca em suas mãos e sua mente se agitou. Por que Jondalar não quer mais dormir comigo? Por que parou de me tocar, de dividir prazeres, mesmo quando dormia comigo? Tudo mudou depois que me tornei Mamutoi. Será que ele não queria que eu fosse adotada? Se não queria, por que não me disse? Talvez quisesse, disse que queria. Pensei que me amava. Talvez tenha mudado de idéia. Talvez não me ame mais. Nunca me pediu para unir-me a ele. O que farei se Jondalar partir sem mim? O nó em seu estômago era tão duro quanto uma rocha.

Ranec gosta de mim e quer que eu goste dele. Ele é bom, engraçado, sempre me faz rir... e me ama.

Mas eu não o amo. Eu queria poder amá-lo., talvez eu deva tentar.

- Sim, Ranec, pensarei sobre isso - falou suavemente, mas sua garganta se apertou e doeu enquanto ela falava.

Jondalar viu Ranec deixar a Fogueira do Mamute. O homem alto se tornara um vigia, embora se sentisse

embaraçado por isso. Não era um com portamento adequado, quer nesta sociedade ou na sua, os adultos olharem fixamente ou se preocuparem indevidamente com as atividades comuns de outra pessoa, e Jondalar sempre havia sido especialmente sensível às convenções sociais.

Incomodava-o parecer tão imaturo, porém, nada podia fazer. Tentava escondê-lo, mas vigiava Ayla e a Fogueira do Mamute constantemente.

O passo vivaz do escultor e o sorriso satisfeito quando voltou à Fogueira da Raposa encheram o visitante alto de horror. Sabia que tinha que ser alguma coisa que Ayla havia dito ou feito a causa para tal animação do homem dos Mamutoi e, com sua imaginação mórbida, temeu o pior.

Jondalar sabia que Ranec se tornara uma visita constante desde que ele deixara a Fogueira do Mamute, e censurava-se por ter criado essa opor tunidade. Queria poder engolir suas palavras e toda a discussão tola, mas estava convencido de que era tarde demais para emendas. Sentia-se desamparado mas, de certa forma, era um alívio haver alguma distância entre eles.

Embora não o admitisse a si mesmo, suas ações eram motivadas por mais do que um simples desejo de permitir a Ayla a escolha do homem que ela queria. Ele fora magoado tão profundamente que parte dele queria retribuir o golpe; se ela podia rejeitá-lo, ele podia fazer o mesmo também com ela. Mas ele precisava, além disso, de uma chance de ver se era possível superar o seu amor por ela. Perguntava-se, sinceramente, se não seria melhor para ela permanecer ali, onde era aceita e amada, do que voltar com ele para seu povo, e temia qual seria a sua própria reação se sua gente a rejeitasse. Ele desejaria partilhar uma vida de exílio com ela? Desejaria ir em bora, abandonar novamente seu povo, especialmente depois de fazer uma jornada tão longa

para regressar? Ou ele a rejeitaria também? Se ela escolhesse outro homem para amar, aí, ele seria forçado a deixá-la, e não enfrentaria tal decisão. Mas o pensamento de Ayla amar outro homem o enchia de tanta dor no estômago, asfixia, nó na garganta, sofrimento insuportável, que ele não sabia se seria capaz de sobreviver, ou se queria fazê-lo. Quanto mais lutava consigo mesmo para não mostrar seu amor, tanto mais possessivo e ciumento se tornava, e mais odiava a si mesmo por isso.

O turbilhão de tentar resolver suas fortes emoções confusas cobrava o seu preço. Ele não era capaz de comer ou dormir, e parecia macilento e enfraquecido. As roupas começavam a ficar folgadas em seu corpo alto. Não podia se concentrar, nem sequer em um novo e bonito pedaço de sílex. As vezes, perguntava-se se estava enlouquecendo, ou possuído por algum espírito noturno pernicioso.

Estava tão torturado pelo amor por Ayla, pela dor de que ia perdê-la e pelo medo do que aconteceria se não a deixasse, que não suportava ficar muito perto dela. Tinha medo de perder o controle e fazer alguma coisa por que se lamentasse. Mas não podia deixar de vigiá-la.

O Acampamento do Leão era clemente em relação à pequena indiscrição de seu visitante. Eles estavam cientes de seus sentimentos por Ayla apesar das tentativas para escondê-los. Todos, no acampamento, comentavam a situação difícil em que os três jovens estavam envolvidos. A solução para o seu problema parecia muito simples para aqueles que observavam do lado de fora.

Ayla e Jondalar gostavam um do outro, ob viamente, portanto, por que simplesmente não diziam um ao outro o que sentiam e depois convidavam Ranec para partilhar sua união? Mas Nezzie sentia que não era tão simples

assim. A mulher sábia, maternal, achava que o amor de Jondalar por Ayla era forte demais para ser sustado pela falta de algumas palavras. Alguma coisa muito mais profunda estava entre eles.

E ela, mais do que ninguém, compreendia a força do amor de Ranec pela jovem. Ela não acreditava que era uma situação que pudesse ser resolvida com uma união partilhada. Ayla teria que fazer uma escolha.

Como se a idéia possuísse algum poder impelente, desde que Ranec havia pedido a Ayla para pensar sobre dividir sua fogueira, e expôs o fato obviamente doloroso de que, agora, ela dormia sozinha, ela não havia sido capaz de pensar em outra coisa. Ela se agarrara à convicção de que Jondalar esqueceria suas palavras duras e voltaria, especialmente desde que, aparentemente toda vez que ela olhava para a área de cozinhar, vislumbrava-o, entre as estacas de sustentação e objetos pendendo do teto nas fogueiras intermédias, quando ele se virava e afastava. Isso a fazia pensar que ele ainda se interessava o suficiente para olhar na sua direção. Mas cada noite que passava sozinha reduzia sua esperança.

Pensar sobre isso... As palavras de Ranec se repetiam na mente de Ayla, enquanto esmagava bardana seca e folhas de samambaia para um chá para a artrite de Mamut, refletindo sobre o homem escuro e sorridente, e se perguntando se ela poderia aprender a amá-lo. Mas o pensamento de sua vida sem Jondalar fazia seu estômago doer com um vazio estranho. Ela ajuntou gualtéria fresca e água quente às folhas esmagadas em uma tigela e levou para o velho.

Sorriu quando ele lhe agradeceu, mas parecia preocupada e triste. Estivera distraída o dia inteiro.

Mamut sabia que ela ficara perturbada desde que Jondalar se mudara, e gostaria de poder ajudar.

Havia visto Ranec falando-lhe antes e pensou em tentar conversar com ela a respeito disso, mas acreditava que nada acontecia na vida de Ayla sem uma finalidade. Estava convencido de que a Mãe havia criado suas dificuldades atuais por um motivo, e hesitava em interferir. Quaisquer provações que ela e os dois rapazes passassem eram necessárias. Observou-a saindo para o anexo dos cavalos e ficou ciente quando ela voltou, algum tempo depois.

Ayla protegeu o fogo, voltou para seu estrado-cama, despiu-se e se preparou para dormir. Era um sofrimento enfrentar a noite sabendo que Jondalar não dormiria ao seu lado. Ela se ocupou com pequenas tarefas para retardar a acomodação de si mesma entre as peles, sabendo que permaneceria acordada metade da noite. Por fim, pegou o filhote de lobo e colocou-o à beira da cama, afagando, acariciando e falando ao animalzinho cálido e adorável até ele adormecer em seus braços. Depois, o colocou na cesta, acariciando-o até se acalmar de novo. Para compensar a ausência de Jondalar, Ayla esbanjava amor pelo lobinho.

Mamut compreendeu que estava acordado e abriu os olhos. Mal podia distinguir formas vagas na escuridão. A habitação estava silenciosa, a noite tranqüila, cheia apenas com os sussurros leves, a respiração forte, e baixos roncoss. Devagar, virou a cabeça para o fraco brilho vermelho das brasas da fogueira, esforçando-se para descobrir o que o havia tirado de um sono profundo para um despertar pleno. Ouviu a respiração contida perto, e um soluço abafado e afastou suas cobertas.

- Ayla? Ayla, está sofrendo? - perguntou, suavemente, ela sentiu a mão cálida em seu braço.

- Não - respondeu ela, a voz rouca da tensão. Seu rosto estava voltado para a parede.

- Está chorando.

- Desculpe, eu o acordei. Devia ter feito menos barulho.

- Você não fez barulho que me acordasse, foi sua necessidade que me despertou. A Mãe me chamou para ver você, que está sofrendo. Está ferida por dentro, não é? Ayla respirou fundo, dolorosamente, esforçando-se para conter o choro que queria se expressar.

- Sim - disse ela, e se virou para o velho, as lágrimas brilhando na luz fraca.

- Então, chore, Ayla. Não deve prender o choro. Tem razão para estar sofrendo e tem o direito de chorar - falou Mamut.

- Oh, Mamut - exclamou ela, um grande soluço se ouvindo; depois conteve o som ainda, mas com o alívio da permissão dele derramou silenciosamente o choro de seu sofrimento e angústia.

- Não se contenha, Ayla. É bom chorar - disse ele, sentando-se à beira da cama da jovem e dando-lhe tapinhas carinhosos. - Tudo se resolverá como deve, como se destina a ser. Está tudo bem, Ayla.

Quando ela parou, afinal, encontrou um pedaço de couro macio para limpar o rosto e nariz, e sentou-se ao lado do velho.

- Sinto-me melhor agora - falou.

- É sempre bom chorar quando se sente necessidade, mas não está terminado, Ayla.

Ayla inclinou a cabeça.

- Eu sei. - Depois se virou para ele e perguntou: - Mas, por quê? - Algum dia você saberá por quê. Acredito que sua vida é dirigida por forças poderosas. Você foi escolhida para um destino especial. Não é um fardo fácil o que você carrega; veja o que já passou durante sua curta vida. Mas sua vida não será de sofrimento somente, terá grandes alegrias. É amada, Ayla. Atrai amor para você. Isso lhe é dado para ajudá-la a suportar o fardo. Você terá sempre amor... talvez demasiado...

- Pensei que Jondalar me amava...

- Não fique muito certa de que não a ama, mas muitas outras pessoas a amam, inclusive este velho - disse Mamut, sorrindo. Ayla sorriu também. - Até um lobo e cavalos amam você. Não existiram muitos que a amaram? - Tem razão. Iza me amava. Era minha mãe. Não importava que eu não tivesse nascido dela.

Quando morreu, disse que me amava muito... Creb me amou... embora eu o tenha desapontado..- e magoado. - Ayla parou por um momento, depois continuou: - Uba me amava... e Durc. - Parou de novo. - Acha que tornarei a ver meu filho, um dia, Mamut? O feiticeiro fez uma pausa antes de responder.

- Quanto tempo faz que você não o vê? - Três... não, quatro anos. Ele nasceu no começo da primavera. Tinha três anos quando parti. É quase da idade de Rydag... - De repente, Ayla olhou para o velho feiticeiro e falou com grande excitação. - Mamut, Rydag é uma criança mista, exatamente como meu filho. Se Rydag pode viver aqui, por que Durc não poderia? Você foi até a península e voltou, por que eu não poderia ir buscar Durc e trazê-lo para cá? Não é tão longe.

Mamut franziu a testa, considerando sua resposta.

- Não posso responder a isso, Ayla, somente você pode, mas deve refletir com muito cuidado antes de resolver o que é melhor, não só para você, mas para seu filho. Você é Mamutoi. Aprendeu a falar nossa língua, e aprendeu muitos de nossos costumes, mas ainda tem muito o que aprender sobre nossos hábitos.

Ayla não ouvia as palavras cuidadosamente escolhidas pelo feiticeiro. Sua mente já corria à frente.

- Se Nezzie pôde aceitar uma criança que nem sequer pode falar, por que não uma que é capaz de falar? Durc seria capaz, se tivesse uma língua para aprender. Durc poderia ser um amigo para Rydag. Durc

o ajudaria, correria e traria coisas para ele. Durc é um bom corredor.

Mamut deixou-a continuar a recitação entusiástica das virtudes de Durc até ela parar por conta própria, e depois lhe perguntou: - Quando pretenderia ir buscá-lo, Ayla? - Assim que puder. Esta primavera... Não, é muito duro viajar na primavera, há muitas enchentes.

Terei de esperar o verão. - Ayla fez uma pausa. - Talvez não. Este é o verão da Reunião de Clãs.

Se eu não chegar lá antes de eles partirem, terei que esperar sua volta. Mas, então, Ura estará com eles...

- A menina que foi prometida a seu filho? - indagou Mamut.

- É. Dentro de poucos anos, serão companheiros. As crianças do Clã crescem mais cedo do que as dos Outros... do que eu cresci. Iza achava que eu jamais me tornaria mulher. Eu era tão lenta em comparação com as meninas do Clã... Ura podia ser mulher, contudo, e pronta para ter um companheiro e sua própria fogueira. - Ayla franziu a testa. - Era bebê quando a vi e a Durc... A última vez que vi Durc... era um menininho. Breve será um homem, sustentando sua companheira, uma mulher que pode ter filhos. Eu nem mesmo tenho um companheiro. A companheira de meu filho pode dar à luz antes de mim.

- Sabe qual é sua idade, Ayla? - Não exatamente, mas sempre conto meus anos no fim do inverno, mais ou menos agora. Não sei por quê. - Franziu a testa de novo. - Acho que é hora de eu ajuntar outro ano. Isso significa que devo estar... - Fechou os olhos para se concentrar nas palavras de contagem. - Tenho dezoito anos agora, Mamut. Estou envelhecendo! - Você tinha onze quando seu filho nasceu? - perguntou ele, surpreso. Ayla concordou com um gesto de cabeça. - Conheci algumas meninas que se tornaram mulheres com nove ou dez

anos, mas é muito cedo. Latie ainda não é mulher, e está com doze anos.

- Ela será, breve. Afirmando-lhe - falou Ayla.

- Acho que tem razão. Mas não é tão velha, Ayla. Deegie tem dezessete e só se unirá neste verão, na Reunião de Verão.

- É verdade, e prometi que eu tomaria parte em seu Matrimônio. Não posso ir a uma Reunião de Verão e a uma Reunião de Clãs ao mesmo tempo.

- Mamut a viu empalidecer. - Não posso ir a uma Reunião de Clãs, de qualquer maneira. Nem sequer estou certa de poder voltar para o Clã. Fui amaldiçoada. Estou morta. Até Durc pode pensar que sou um espírito e ter medo de mim. Oh, Mamut! O que devo fazer? - Deve refletir sobre tudo isso com cuidado, antes de resolver o que é melhor - replicou ele. Ela parecia preocupada e ele decidiu mudar de assunto.

- Mas, você tem tempo. Ainda não é primavera. O festival de Primavera acontecerá antes de nos darmos conta, no entanto. Já pensou na raiz e na cerimônia de que falou? Quer incluir isso no Festival de Primavera? Ayla sentiu um arrepio. A idéia a amedrontava, mas Mamut estaria presente, para ajudar. Ele saberia o que fazer, e parecia tão interessado em querer aprender sobre aquilo.

- Está bem, Mamut. Sim, eu farei isso.

Jondalar soube da mudança no relacionamento entre Ayla e Ranec imediatamente, embora não quisesse aceitar o fato. Observou-os durante vários dias até não poder negar a si mesmo que Ranec quase vivia na Fogueira do Mamute e que sua presença era bem-vinda e apreciada por Ayla. Não importava quanto ele tentava se convencer de que era melhor assim, e que ele havia feito o que era certo ao se mudar, não conseguia acalmar a dor de perder o amor de Ayla, ou vencer a mágoa de ser excluído. Apesar do fato de que fora ele

quem se retirara e, voluntariamente, havia deixado a cama e a companhia da jovem, agora sentia que ela o estava rejeitando.

Eles não precisaram de muito tempo, pensou Jondalar. Ele estava lá no dia seguinte, rondando-a, e ela mal podia esperar que eu fosse embora para dar-lhe as boas-vindas. Deviam estar apenas esperando a minha partida. Eu deveria saber...

Por que a está culpando? Foi você quem saiu, Jondalar, disse a si mesmo. Ela não o mandou embora. Depois da primeira vez, ela não voltou para ele. Ela estava lá, pronta para você, e você sabe disso..

Assim, agora, ela está pronta para ele. E ele está ansioso. Pode culpá-lo? Talvez seja melhor assim. Ela é querida aqui, estão mais habituados com cabeças-chatas... Clã. E é amada...

Sim, é amada. Não é isso que quer para ela? Ser aceita e ter alguém que a ame...

Mas, eu a amo, pensou ele com um jorro de dor e angústia. Ó Mãe! Como suportá-lo? Ela é a única mulher que já amei dessa maneira. Não quero que seja magoada, não quero que seja rejeitada. Por que ela? Ó Doni, por que tinha que ser ela? Talvez eu deva partir. É isso, eu partirei, pensou, além da capacidade de refletir claramente naquele momento.

Jondalar se dirigiu com passos largos à Fogueira do Leão e interrompeu Talut e Mamut, que discutiam o próximo Festival de Primavera.

- Vou embora - desabafou. - O que posso fazer para negociar em troca de alguns suprimentos? - Tinha uma expressão maníaca de desespero.

Um olhar sagaz foi trocado pelo feiticeiro e o chefe.

- Jondalar, meu amigo - falou Talut, batendo em seu ombro - ficaremos felizes em lhe dar quaisquer suprimentos de que necessite, mas não pode partir agora. A primavera está próxima, porém, olhe lá fora,

está soprando uma nevasca, e as nevascas de fim de estação são as piores.

Jondalar se acalmou e compreendeu que seu impulso repentino de ir embora era impossível.

Ninguém, em seu juízo perfeito, iniciaria uma longa jornada agora.

Talut sentiu um relaxamento de tensão nos músculos de Jondalar, enquanto continuava falando.

- Na primavera, haverá enchente, e existem muitos rios para cruzar. Além disso, não pode viajar para tão distante de seu lar, passar o inverno com os Mamutoi e não caçar mamutes com os Caçadores de Mamutes, Jondalar. Se voltar, você jamais terá outra chance. A primeira caçada será no início do verão, pouco depois de todos irmos à Reunião de Verão. A melhor época para começar a viajar seria em seguida. Você me faria um grande favor se pensasse em ficar conosco até, ao menos, a primeira caçada de mamutes. Eu gostaria que você mostrasse seu arremessador de lanças.

- Sim, claro, pensarei sobre isso - falou Jondalar. Depois, olhou para o grande chefe de cabelos ruivos. Encarou-o: - E obrigado, Talut. Tem razão. Não posso partir agora.

Mamut estava sentado de pernas cruzadas em seu local favorito para meditação, o estrado-cama perto do dele, que era usado como depósito para cobertas extras de cama, de pele de rena, peles e outras roupas de cama. Não meditava tanto quanto pensava. Desde a noite em que fora despertado pelas lágrimas de Ayla, estava muito mais ciente do desespero de Ayla devido à mudança de Jondalar. A lamentável infelicidade dela havia deixado uma impressão profunda nele. Embora ela conseguisse esconder a extensão de seus sentimentos da maioria das pessoas, ele estava mais consciente, agora, de pequenos detalhes do comportamento de Ayla que talvez passassem despercebidos antes. Apesar de gostar

verdadeiramente da companhia de Ranec, e rir de suas piadas, Ayla estava vencida, e o cuidado e atenção esbanjados com Lobo e os cavalos tinham a característica de anseio desolado.

Mamut prestava maior atenção ao visitante alto e notou a mesma tristeza no comportamento de Jondalar. Ele parecia cheio de ansiedade e tormento, embora também tentasse escondê-los. Após o desesperado impulso de partir no meio de uma tempestade, o velho feiticeiro temia que o bom senso de Jondalar deixasse de existir diante do pensamento de perder Ayla. Para o velho feiticeiro, que lidava tão intimamente com o mundo espiritual de Mut e Seus destinos, aquilo implicava uma compulsão mais profunda do que simplesmente amor jovem. Talvez a Mãe tivesse planos para ele também; planos que envolviam Ayla.

Embora Mamut relutasse em avançar, perguntou-se por que a Mãe lhe havia mostrado aquilo. Ela era a força por trás de seus sentimentos mútuos. Apesar de ele estar convencido de que, posteriormente, Ela daria um jeito nas circunstâncias segundo Lhe conviesse, talvez Ela quisesse que ele ajudasse nesse caso.

Enquanto refletia se e como tornaria os desejos da Mãe conhecidos, Ranec entrou na Fogueira do Mamute, obviamente procurando por Ayla. Mamut sabia que ela levava o filhote do lobo para uma cavalgada em Whinney e não voltaria logo. Ranec olhou ao redor, depois viu o velho e se acercou.

- Sabe onde Ayla está, Mamut? - interrogou.

- Sim. Ela saiu com os animais.

- Perguntava-me por que eu não a via há algum tempo.

- Você tem visto muito Ayla, ultimamente.

Ranec sorriu: - Espero ver muito mais ainda.

- Ela não chegou aqui sozinha, Ranec. Jondalar não tem um interesse anterior? - Talvez tivesse, quando

chegaram, mas ele desistiu. Saiu da fogueira - disse Ranec. Mamut notou que o tom era defensivo.

- Acho que ainda existe um sentimento forte entre eles. Não creio que a separação seja permanente se sua ligação profunda tiver uma chance de crescer novamente, Ranec.

- Se está me dizendo para recuar, Mamut, lamento muito. É tarde demais. Também tenho um sentimento forte por Ayla. - A voz de Ranec se partiu com a emoção que sentia. - Mamut, amo Ayla, quero unir-me a ela, fazer uma fogueira com ela. É hora de me fixar com uma mulher e quero seus filhos na minha fogueira. Jamais conheci alguém como ela. É tudo o que sonhei. Se puder convencê-la a concordar, quero anunciar nossa promessa no Festival de Primavera, e unir-me no Matrimônio este verão.

- Está certo de que é o que quer, Ranec? - perguntou Mamut. Ele gostava de Ranec e sabia que Wymez ficaria satisfeito se o menino de pele escura, que ele trouxera de suas viagens, encontrasse uma mulher e se fixasse. - Há muitas mulheres Mamutoi que acolheriam bem uma união com você, O que diria daquela bela jovem de cabelos ruivos com quem você quase assumiu compromisso? Qual o nome dela? Tricie? - Mamut estava certo de que, se um rubor pudesse se revelar, o rosto de Ranec estaria rubro.

- Eu direi... eu direi que lamento. Não posso fazer nada. Não há mais ninguém que eu queira, a não ser Ayla. Agora, ela é Mamutoi. Deve unir-se a um Mamutoi. Quero que este seja eu.

- Se tiver que ser, Ranec - disse Mamut bondosamente- será, mas lembre-se disto: a escolha não é sua. Não é sequer de Ayla. Ela foi escolhida pela Mãe para um objetivo e recebeu muitas dádivas. Não importa o que você decida, ou o que ela decida. Mut tem o

primeiro direito sobre ela. Qualquer homem que se unir a ela, se une também com o seu propósito.

Capítulo 25

À medida que a terra antiga inclinou seu rosto setentrional gelado imperceptivelmente para mais perto do grande astro brilhante que ela circundava mesmo as regiões próximas das geleiras sentiram um toque de calor suave e, lentamente, despertaram do sono de um inverno mais longo e rigoroso.

A primavera se agitou devagar a princípio, depois, com a pressa de uma estação cujo tempo era curto, retirou a camada congelada num ímpeto exuberante que irrigou e avivou o solo.

As gotas pingando de galhos e arcadas no primeiro calor de um meio-dia sem gelo se endureceram em pingentes quando as noites esfriaram. Nos dias gradualmente mais quentes que se seguiram, os veios longamente minguados cresceram, escorregaram sua garra gelada e perfuraram montes de neve, reduzidos a amontoados de lodo pela água enlameada. Os regatos, ribeiros e córregos de neve e gelo derretidos se uniram em correntes para arrastar a umidade acumulada que fora mantida em suspensão fria. Os rios que se avolumavam desciam velhos canais e regos, ou abriam novos no loesse, às vezes ajudados e dirigidos por uma pá de galhada ou uma concha de marfim.

O rio limitado pelo gelo gemia e rangia em sua luta para afrouxar a garra do inverno enquanto o material derretido se derramava em sua corrente oculta. Então, sem aviso, um estrondo potente, ouvido até na habitação comunal, seguido de um segundo estalo e depois de um ruído retumbante, anunciava que o gelo não detinha mais a cheia. Os pedaços de madeira e banquetas, saltitando, afundando, agitando-se, presos e arrastados

pela rápida e poderosa corrente, marcavam o ponto crucial da estação.

Como se o frio fosse levado também pela enchente, as pessoas do acampamento, tão confinadas quanto o rio pelo frio rigoroso, deixavam a habitação comunal. Embora estivesse mais quente apenas por comparação, a vida interior restrita mudava para vigorosa atividade externa. Qualquer desculpa para sair era saudada com entusiasmo, mesmo a limpeza de primavera.

As pessoas do Acampamento do Leão eram limpas, por seus próprios padrões. Embora a umidade na forma de gelo e neve fosse abundante, era necessário o fogo e grandes quantidades de combustível para produzir água. Mesmo assim, parte do gelo e da neve que derretiam para cozinhar e beber era usada para a lavagem, e eles tomavam banhos de vapor periodicamente. Áreas individuais eram geralmente bem organizadas, cuidavam bem de ferramentas e implementos, as poucas roupas que usavam no interior da habitação eram escovadas, às vezes lavadas e bem conservadas. Mas, no fim do inverno, o mau cheiro no interior da habitação era inacreditável.

Contribuindo para isso estava o alimento em várias fases de preser vação ou deterioração, cozido, cru e podre; óleos inflamáveis, muitas vezes rançosos desde que pedaços recém-congelados de gordura eram, em geral, acrescentados ao óleo velho nas lamparinas; cestas usadas para defecar, nem sempre despejadas imediatamente; recipientes de urina guardada para se tornar amoníaco pela decomposição da uréia através das bactérias; e as pessoas. Embora os banhos a vapor fossem saudáveis e limpassem a pele, quase não eliminavam os odores normais do corpo, mas esse não era o seu propósito. O odor pessoal era parte da identidade de um indivíduo.

Os Mamutoi estavam acostumados com os ricos e fortes odores naturais da vida diária. Seu sentido do olfato era bem desenvolvido e usado, como a visão e audição, para manter a consciência de seu meio. Nem mesmo os odores dos animais eram considerados desagradáveis; eram naturais, também. Mas à medida que a estação esquentou, até os narizes habituados aos odores comuns da vida, começaram a notar as conseqüências de setenta e sete pessoas vivendo juntas em acomodações próximas, por um período prolongado. A primavera era a época em que as cortinas eram abertas para arejar a habitação, e o entulho acumulado de todo o inverno era limpo e jogado fora. No caso de Ayla, isso incluía remover, com uma pá, os excrementos dos cavalos, do anexo. Os animais tinham resistido bem ao inverno, o que agradou a Ayla, mas não era um fato surpreendente. Os cavalos de estepe eram animais fortes, adaptados aos rigores dos invernos difíceis. Embora tivessem que ir à procura de forragem, Whinney e Racer tinham liberdade para ir e vir a um local de proteção bem além daquele disponível, em geral, para seus primos selvagens.

Além disso, recebiam água e algum alimento. Os cavalos amadureciam depressa no ermo, o que era necessário, sob circunstâncias normais, para a sobrevivência, e Racer, como outros potros que nasceram na mesma época, havia atingido o desenvolvimento total. Em bora ainda fosse engordar um pouco mais nos próximos anos, era um jovem garanhão robusto, ligeiramente maior que sua mãe.

A primavera era também a época de carências. O suprimento de alguns alimentos, principalmente produtos vegetais preferidos, estava esgotado, e outros alimentos se encontravam escassos.

Quando examinaram o estoque, todos ficaram contentes por terem ido à caçada de bisões. Se não o

tivessem feito, talvez agora tivessem pouca carne. Mas embora a carne os alimentasse, deixava-os insatisfeitos. Ayla, recordando os tônicos de primavera de Iza para o clã de Brun, resolveu fazer alguns para o acampamento. Suas tisanas de várias ervas secas, inclusive de labaga, rica em ferro, e frutos de roseira que evitavam o escorbuto, reduziram a falta oculta de vitamina que provocava o desejo por alimento fresco, mas não eliminaram o desejo. Todos estavam ansiosos pelas primeiras verduras frescas. A necessidade de seu conhecimento médico, contudo, foi além dos tônicos de primavera.

A habitação comunal parcialmente subterrânea, bem isolada e aquecida por vários fogos, lamparinas e calor natural dos corpos, era quente. Mesmo quando fora era extremamente frio, usavam poucas roupas dentro da moradia. Durante o inverno tomavam cuidado para vestir-se adequadamente antes de sair, mas quando a neve começou a derreter, essa cautela desapareceu.

Embora a temperatura subisse apenas um pouco acima de zero, parecia fazer tão mais calor, que as pessoas saíam usando pouco mais que seus trajes caseiros. Com as chuvas primaveris e derretimento da neve, muitas vezes se molhavam e sentiam frio antes de voltar à habitação, o que diminuía sua resistência. Ayla estava mais ocupada tratando de tosses, resfriados e dores de garganta, nos dias mais quentes da primavera, do que estivera no maior rigor do inverno. A epidemia de resfriados e infecções respiratórias da primavera preocupou todos. Até Ayla ficou alguns dias de cama para curar uma febre baixa e uma tosse forte. Antes de entrarem realmente na primavera, ela já havia tratado quase todos os membros do Acampamento do Leão. Dependendo da necessidade, ela forneceu chás medicinais, tratamentos de vapor, cataplasmas quentes para gargantas e peitos, e uma afabilidade simpática e

convincente de enfermagem. Todos elogiavam a eficácia de seus medicamentos. No mínimo, ela fazia as pessoas se sentirem melhor. Nezzie lhe contou que eles sempre tinham resfriados de primavera, mas quando Mamut apareceu com a doença, pouco depois de Ayla, ela ignorou os sintomas que lhe restavam, para cuidar dele. Era um homem muito velho e ela se preocupava com ele. Uma grave infecção respiratória podia ser fatal.

O feiticeiro, contudo, apesar de sua idade avançada, ainda possuía energia e recuperou-se mais depressa do que alguns outros na habitação. Apesar de ter gostado da atenção dedicada de Ayla, ele insistiu com ela para que visse os outros que precisavam mais de seus cuidados, e que descansasse.

Ela não precisou de insistência quando Fralie apresentou febre, e uma tosse forte que sacudia seu corpo, mas sua vontade de ajudar não fez diferença. Frebec não permitiu que Ayla entrasse na fogueira para cuidar de Fralie. Crozie discutiu violentamente com ele e todos concordaram com ela no acampamento, mas ele foi inflexível. Crozie chegou até a discutir com Fralie, tentando convencê-la a ignorar Frebec, sem resultado. A mulher doente apenas sacudiu a cabeça e tossiu. Mas por quê? - perguntou Ayla a Mamut, tomando uma bebida quente com ele e ouvindo o último espasmo de tosse de Fralie. Tronie havia levado Tasher, que ficava entre Nuvie e Hartal em idade, para sua fogueira. Crisavec dormia com Brinan na Fogueira dos Auroques. Assim, a mulher doente e grávida podia descansar, mas Ayla se preocupava todas as vezes que Fralie tossia. - Por que ele não me deixa ajudá-la? Ele pode ver que outras pessoas se sentem melhor, e ela precisa disso mais que ninguém. Tossir assim é penoso demais para ela, especialmente agora.

- Não é uma pergunta difícil, Ayla. Se uma pessoa acredita que os membros do Clã são animais, é

impossível acreditar que sabem alguma coisa sobre medicina. E se você cresceu com eles, como poderia saber algo a respeito? - Mas eles não são animais! Uma curandeira do Clã é muito capaz.

- Eu sei disso, Ayla. Sei melhor do que ninguém que uma curandeira do Clã é perita. Acho que todos aqui sabem disso, agora, até Frebec. Ao menos apreciam sua capacidade, mas Frebec não quer recuar depois de toda a discussão. Ele teme ficar desacreditado.

- O que é mais importante? O seu prestígio ou o bebê de Fralie? - Fralie deve achar que o prestígio de Frebec é mais importante.

- Não é culpa de Fralie. Frebec e Crozie tentam fazer com que ela escolha entre eles, e ela não fará isso.

- É uma decisão de Fralie.

- Esse é o problema. Ela não quer tomar uma decisão. Ela se recusa Mamut balançou a cabeça.

- Não, ela está escolhendo, quer queira ou não. Mas a escolha não é entre Frebec e Crozie. Quanto tempo falta para ela dar à luz? - perguntou ele. - Para mim, parece pronta.

- Não tenho certeza, mas acho que ainda não está na hora. Ela parece maior porque é muito magra, mas o bebê não se encontra em posição, ainda. É isso que me preocupa. Acho que é cedo demais.

- Não há nada que possa fazer, Ayla.

- Mas se Frebec e Crozie não discutissem tanto sobre tudo...

- Isso não tem nada a ver com o caso. Não é esse o problema de Fralie, isso é entre Frebec e Crozie. Fralie não tem que se deixar ficar no meio do problema deles. Ela pode tomar suas próprias decisões e, na verdade, está tomando. Está decidindo não fazer nada. Ou melhor, se seus temores são fundados... e acho que são... ela está resolvendo se dá à luz agora ou mais tarde. Talvez esteja escolhendo a vida para seu bebê, e a morte... e

pode estar correndo risco também. Mas a escolha é dela, e talvez exista mais nesse caso do que qualquer um de nós imagina.

Os comentários de Mamut permaneceram na mente de Ayla muito tempo depois de a conversa terminar, e ela foi para a cama ainda pensando neles. Ele estava certo, claro. Apesar dos sentimentos de Fralie por sua mãe e Frebec, a luta não era dela. Ayla tentou pensar em algum meio de convencer Fralie, mas havia tentado antes, e agora ela não tinha chance de falar com Fralie porque Frebec a mantinha longe de sua fogueira. Quando Ayla foi dormir, a preocupação pesava em sua cabeça.

Acordou no meio da noite, e jazeu imóvel, ouvindo. Não tinha certeza do que a havia acordado, mas pensou que foi o som da voz de Fralie gemendo na escuridão da habitação de terra. Após um silêncio prolongado, ela resolveu que devia ter sido um sonho. Lobo chorou, e ela estendeu a mão para consolá-lo. Talvez ele estivesse tendo um pesadelo e fora isso que a despertara. Sua mão parou antes de alcançar o filhote quando ela se esforçou para ouvir o que achava ser um gemido abafado.

Ayla afastou as cobertas e se levantou. Silenciosamente, deu volta à cortina e tateou seu caminho para a cesta a fim de urinar; depois enfiou uma túnica pela cabeça e caminhou para a lareira. Ouviu uma tosse aba fada, depois um espasmo de tossidelas que afinal se converteu em um la mento igualmente sufocado. Ayla avivou os carvões, ajuntou um pouco de lascas de osso e gravetos até conseguir um fogo pequeno, depois deixou cair nele algumas pedras de cozinhar e estendeu a mão para a bolsa de água.

- Pode fazer chá para mim também - disse Mamut em voz baixa da escuridão de seu estrado- cama, depois

empurrou suas cobertas e sentou-se. - Acho que todos nós estaremos Logo de pé.

Ayla concordou com um gesto de cabeça e derramou mais água na cesta de cozinhar. Houve mais tossidelas, depois agitação e vozes sussurrantes na Fogueira da Garça.

- Ela precisa de algo para acalmar a tosse, e algo para serenar o trabalho... se não for tarde demais. Acho que vou olhar meus remédios - disse Ayla, pousando sua tigela de chá, depois hesitou: - Só para o caso de alguém pedir.

Ela pegou um facho e Mamut a observou mover-se entre os suportes de plantas secas que ela trouxera do vale. É uma maravilha vê-la praticar sua arte de curar, pensou Mamut. Ela é jovem para possuir tal habilidade, no entanto. Se eu fosse Frebec, ficaria mais preocupado com a juventude de Ayla e uma possível inexperiência, do que com o seu passado. Eu sei que ela foi treinada pela melhor, mas como já pode saber tanto? Ela deve ter nascido com esse dom, e a curandeira, Iza, deve tê-lo percebido desde o início. Sua reflexão foi interrompida por outro acesso de tosse na Fogueira da Garça.

- Aqui, Fralie, tome um gole d'água - disse Frebec, ansioso.

Fralie sacudiu a cabeça, incapaz de falar, tentando controlar a tosse. Ela estava de lado, erguida sobre um cotovelo, segurando um pedaço de couro macio contra a boca. Seus olhos estavam embaciados de febre e o rosto vermelho de esforço. Ela lançou um olhar à mãe, que estava sentada à beira da cama do outro lado do corredor, fitando-a.

A raiva de Crozie e sua infelicidade eram evidentes. Ela havia tentado tudo para convencer a filha a pedir ajuda: persuasão, discussão, diatribe; nada funcionava. Até ela havia tomado remédio de Ayla para seu resfriado, e era estupidez de Fralie não usar a ajuda

disponível. Tudo por culpa daquele homem imbecil, Frebec, mas não adiantava falar a respeito. Crozie decidira não dizer mais uma só palavra.

A tosse de Fralie cedeu, e ela caiu de costas na cama, esauستا. De vez a outra dor, a que ela não queria admitir, não viesse desta vez. Fralie esperou, prendendo a respiração de forma a não perturbar coisa alguma, na expectativa amedrontada. Uma dor começou na parte inferior de suas costas. Ela fechou os olhos e respirou fundo e tentou induzi-la a desaparecer. Colocou uma das mãos sobre o lado do estômago dilatado, e sentiu os músculos se contraírem, enquanto a dor e sua ansiedade aumentavam. É cedo demais, pensou. O bebê não poderia chegar senão dentro de outro ciclo lunar, no mínimo.

- Fralie? Está bem? - perguntou Frebec, ainda de pé, com a água. Ela tentou lhe sorrir vendo sua infelicidade, sua sensação de desamparo.

- É esta tosse - falou. - Todo mundo adoece na primavera.

Ninguém o compreendia, pensou ela, ainda menos sua mãe. Ele tentava tanto mostrar a todos que valia alguma coisa. Por isto ele não cedia, por isto discutia tanto, e se ofendia com tanta facilidade.

Ele embaraçava Crozie. Ele não compreendia que se mostrava o valor - o número e a qualidade de seus parentescos, e a força de sua influência - por quanto você podia exigir que a família e o seu povo cedessem, de forma que todos pudessem vê-lo. Sua mãe havia tentado mostrar a Frebec, dando-lhe o direito da Garça, não apenas a fogueira que Fralie lhe trouxe quando se uniram, mas o direito de reivindicar a Garça como seu direito inato.

Crozie havia esperado concordância com os seus desejos e pedidos, para mostrar que ele havia apreciado e entendido que a Fogueira da Garça, que ainda era dela

no nome, embora ela possuísse pouco mais, era dele de direito. Mas as exigências dela podiam ser excessivas. Ela perdera tanto que era difícil ceder qualquer restante reivindicação sua a status, principalmente a alguém que tinha tão pouco. Crozie temia que ele o reduzisse e precisava de afirmação constante de que era apreciado. Fralie não envergonharia Frebec, tentando explicar. Era uma coisa delicada, algo que se crescia sabendo... se sempre se possuía. Mas Frebec jamais teve coisa alguma.

Fralie começou a sentir uma dor nas costas, de novo. Se ficasse dei tada, imóvel, talvez a dor desaparecesse... se ela conseguisse evitar a tosse. Começava e desejava poder conversar com Ayla, ao menos para tomar um remédio para a tosse, mas não queria que Frebec pensasse que ela estava tomando o partido de sua mãe. E explicações longas apenas irritariam sua garganta, e poriam Frebec na defensiva. Ela recomeçou a tossir, exatamente quando a contração chegava ao auge. Ela abafou um grito de dor.

- Fralie? É... mais que tosse? - perguntou Frebec, olhando-a duramente. Achava que uma tosse não a faria gemer daquele jeito.

Ela hesitou.

- O que quer dizer? - perguntou.

- Bem, o bebê... mas você teve dois filhos, sabe como fazer estas coisas, não sabe? Fralie se perdeu em uma tosse dilacerante e quando recuperou o controle, esquivou-se à pergunta.

A claridade começava a surgir ao redor das bordas da tampa, do buraco de saída da fumaça, quando Ayla voltou para a cama a fim de acabar de se vestir. A maior parte do acampamento estivera acordada metade da noite. Primeiro foi a tosse incontrolável que os acordou, mas logo se tornou claro que Fralie sofria de mais do que um resfriado. Tronie tinha algum trabalho com

Tasher que queria voltar para a mãe. Ela o pegou ao colo e, em vez disso, levou-o à Fogueira do Mamute.

Ele ainda choramingava, e Ayla o pegou e o carregou pela fogueira, mostrando-lhe objetos para distraí-lo. O filhote de lobo a seguiu. Ela carregou Tasher através da Fogueira da Raposa e da Fogueira do Leão, e depois entrou na área da cozinha.

Jondalar a observou aproximar-se, tentando acalmar e consolar a criança, e seu coração bateu mais depressa. Em sua mente, ele desejava que ela se acercasse mais, mas estava nervoso e ansioso. Mal tinham-se falado desde que ele se mudara, e ele não sabia o que dizer. Olhou ao redor esforçando-se para pensar em algo que pudesse aquietar o bebê, e viu um pequeno osso de uma sobra de assado.

- Talvez ele queira mastigar isto - ofereceu Jondalar, quando Ayla entrou na grande cozinha comunal, estendendo-lhe o osso.

Ela pegou o osso e colocou-o na mão da criança.

- Tome. Gosta disto, Tasher? Não havia carne no osso, mas ainda restava algum aroma. Tasher pôs o osso na boca, provou, concluiu que gostava e se acalmou, afinal.

- Foi uma boa idéia, Jondalar - disse Ayla, segurando o menino de três anos, de pé perto dele e erguendo a cabeça para o homem.

- Minha mãe costumava fazer isso quando minha irmãzinha ficava zangada - disse ele.

Eles se entreolharam, ansiosos pela visão um do outro e enchendo os olhos, sem dizer nada, mas notando cada feição, cada sombra e cada traço, e todo detalhe de mudança. Ele perdeu peso, pensou Ayla. Parece abatido. Ela está preocupada, perturbada por causa de Fralie, e quer ajudar, pensou Jondalar. Ó Doni, ela é tão bonita! Tasher deixou cair o osso e Lobo pegou-o.

- Solte-o! - ordenou Ayla.

O animal obedeceu com relutância, pousou o osso no chão, mas ficou vigiando-o.

- É melhor deixar Lobo ficar com o osso agora. Acho que Frebec não gostaria muito se você desse o osso a Tasher, depois de Lobo tê-lo colocado na boca.

- Não quero que Lobo fique pegando coisas que não são dele.

- Ele não pegou, realmente. Tasher deixou cair. Provavelmente, Lobo pensou que era para ele - disse Jondalar, sensatamente.

- Talvez tenha razão. Suponho que não faria mal deixar o osso com ele. - Ela fez um sinal e o lobinho se moveu e pegou o osso novamente. Depois, caminhou diretamente para as peles de dormir que Jondalar havia espalhado ao chão, perto da área de trabalhar o sílex. Pôs-se à vontade em cima delas, e depois começou a roer o osso.

- Lobo, saia daí - disse Ayla, partindo atrás dele.

- Está bem, Ayla... se não se importa. Ele vem muitas vezes e fica à vontade... Gosto muito dele.

- Não, não me importo - disse ela, depois sorriu. - Você sempre foi bom com Racer também.

Os animais gostam de você, eu acho.

- Mas não como gostam de você. Eles adoram você. Eu... - Parou, de repente. Sua testa se enrugou e fechou os olhos. Quando os abriu, endireitou mais o corpo e recuou um passo. - A Mãe lhe concedeu um dom raro - falou, o tom de voz e atitude muito mais formais.

De súbito, ela sentiu lágrimas ardentes nos olhos e uma dor na garganta. Abaixou a cabeça, depois recuou um passo também.

- Ao que parece, acho que Tasher terá um irmão ou irmã logo - disse Jondalar, mudando de assunto.

- Infelizmente sim - disse Ayla.

- Oh? Acha que ela não devia ter o bebê? - indagou Jondalar, surpreso. - Claro que devia, mas não agora. É

cedo demais.

- Tem certeza? - Não, não tenho. Não permitiram que eu visse Fralie - disse Ayla.

- Frebec? Ayla sacudiu a cabeça afirmativamente.

- Não sei o que fazer.

- Não entendo por que ele ainda subestima sua capacidade.

- Mamut diz que ele acha que "cabeças-chatas" não sabem nada sobre curar, por isso, não acredita que eu pudesse ter aprendido alguma coisa com eles. Acho que Fralie precisa de ajuda, realmente, mas Mamut diz que ela tem que pedi-la.

- Mamut está certo, provavelmente, mas se ela vai ter o bebê, na verdade, talvez peça ajuda.

Ayla mudou Tasher de posição. O menino pusera um polegar na boca e parecia satisfeito com isso, por enquanto. Ela viu Lobo sobre as peles familiares de Jondalar, que tinham ficado, até recentemente, ao lado das dela. As peles e a proximidade do homem a fizeram lembrar o toque de Jondalar, o modo como ele a fazia sentir. Quando olhou para ele novamente, seus olhos continham desejo e Jondalar sentiu uma resposta tão instantânea que ansiou estender a mão para ela, mas controlou-se. Sua reação confundiu Ayla. Ele havia começado a olhar para ela do jeito que sempre provocava uma onda de formigamento bem no fundo de si mesma. Por que ele parara? Ela estava arrasada, mas havia sentido um momento de... alguma coisa... esperança, talvez. Talvez ela conseguisse encontrar um meio de chegar até ele, se continuasse tentando.

- Espero que ela faça isso - disse Ayla - mas talvez seja tarde de mais para deter o trabalho de parto. - Começou a se afastar e Lobo ficou de pé para segui-la. Ela olhou para o animal, depois para o homem, fez uma pausa e perguntou: - Se ela me chamar, Jondalar, você

ficará com Lobo aqui? Não posso deixar que ele me siga e fique atrapalhando na Fogueira da Garça.

- Claro que sim - respondeu ele - mas ele virá aqui? - Lobo, volte! - ordenou ela. O filhote olhou para ela com um pequeno ganido na garganta, parecendo interrogar. - Volte para a cama de Jondalar! - disse ela, erguendo o braço e apontando. - Vá para a cama de Jondalar! - repetiu. Lobo abaixou o rabo, agachou-se e voltou. Sentou-se em cima das peles, e vigiou Ayla. - Fique aí! - ordenou ela. O filhote se abaixou, descansou a cabeça nas patas e seus olhos a acompanharam quando ela se virou e deixou a fogueira.

Crozie, ainda sentada em sua cama, observava Fralie gritar e se agitar. Afinal, a dor passou, e Fralie respirou fundo, mas isso provocou um acesso de tosse, e sua mãe notou uma expressão desesperada na filha. Crozie também se sentia desesperada. Alguém tinha que fazer alguma coisa. Fralie estava em trabalho de parto e a tosse a enfraquecia. Não havia mais muita esperança para o bebê, nasceria cedo demais, e bebês que nasciam prematuros não sobreviviam. Mas Fralie precisava de alguma coisa para aliviar a tosse e a dor, e mais tarde, ela precisaria de alguma coisa para reduzir sua tristeza. Não adiantara falar com Fralie, não com aquele homem estúpido por perto. Ele não via que ela estava em apuros? Crozie examinou Frebec, que rondava a cama de Fralie parecendo desamparado e preocupado.

Talvez estivesse, pensou ela. Talvez ela devesse tentar de novo, mas adiantaria alguma coisa falar com Frebec? - Frebec! - exclamou ela. - Quero falar com você.

O homem pareceu surpreso. Crozie se dirigia a ele raras vezes pelo nome, ou anunciava que desejava lhe falar. Em geral ela apenas gritava com ele.

- O que quer? - Fralie é teimosa demais para ouvir, mas agora, deve estar bem claro para você que ela está

tendo o bebê...

Fralie a interrompeu com um acesso de tosse sufocante.

- Fralie, diga-me a verdade - falou Frebec quando a tosse cessou.

- Está tendo o bebê? - Eu... eu acho que sim.

Ele sorriu: - Por que não me disse? - Porque esperava que não fosse verdade.

- Mas, por quê? - perguntou ele, aborrecido de repente. - Não quer este filho? - É cedo demais, Frebec. Os bebês que nascem prematuros não vivem - respondeu Crozie pela filha.

- Não vivem? Fralie, alguma coisa não está bem? É verdade que o bebê não viverá? - perguntou Frebec chocado e em pânico. A sensação de que alguma coisa estava terrivelmente errada crescera dentro dele durante o dia inteiro, mas ele não quisera acreditar, e não imaginara que podia estar tão errada assim.

- Esta é a primeira criança da minha fogueira, Fralie. Seu bebê, nas cido na minha fogueira. - Ele se ajoelhou ao lado da cama e segurou a mão dela. - Este bebê tem que viver. Diga-me que ele viverá - suplicou.

- Fralie, diga-me que este bebê viverá.

- Não posso lhe dizer. Não sei. - A voz estava cansada e rouca.

- Pensei que soubesse essas coisas, Fralie. É mãe. Já tem dois filhos.

- Cada um é diferente - cochichou ela. - Este tem sido difícil desde o início. Eu estava preocupada em perdê-lo. Havia tanto problema.. encontrar um local para se fixar... Não sei. Acho apenas que é cedo demais para este bebê nascer.

- Por que não me disse, Fralie? - O que você teria feito? - perguntou Crozie, o tom de voz contido, quase desesperançado. - O que podia fazer? Sabe alguma coisa sobre gravidez? Nascimento? Tosse? Dor? Ela não quis

lhe contar porque você não tem feito nada senão insultar aquela que poderia ajudar Fralie. Agora a criança morrerá e não sei quão fraca Fralie está.

Frebec se virou para Crozie: - Fralie? Não pode acontecer nada com Fralie! Pode? As mulheres têm filhos o tempo todo.

- Não sei, Frebec. Olhe para ela, julgue você mesmo.

Fralie se esforçava para controlar a tosse que ameaçava voltar e a dor nas costas recomeçava. Seus olhos estavam fechados e as sobrancelhas franzidas, O cabelo emaranhado e pegajoso, e o rosto brilhante de suor. Frebec se levantou de um salto em direção à saída da fogueira.

- Onde vai, Frebec? - perguntou Fralie.

- Vou buscar Ayla.

- Ayla? Mas pensei...

- Ela tem dito que você tinha problemas desde que chegou aqui. Estava certa. Se sabia tanto, talvez seja uma curandeira. Todo mundo diz isso. Não sei se é verdade, mas temos que fazer alguma coisa... a menos que você não queira.

- Chame Ayla - cochichou Fralie.

A tensão e excitação atravessaram a habitação comunal quando Frebec desceu o corredor em direção à Fogueira do Mamute.

- Ayla, Fralie está... - mal começou ele, nervoso e preocupado de mais para se importar com o seu prestígio.

- Sim, eu sei. Peça a alguém para chamar Nezzie para me ajudar, e traga aquele recipiente.

Cuidado, está quente. É um cozimento para a garganta - disse Ayla correndo para a Fogueira da Garça.

Quando Fralie ergueu os olhos e viu Ayla sentiu, de repente, um grande alívio.

- A primeira coisa que temos que fazer é endireitar esta cama e deixar você à vontade - disse Ayla, puxando a roupa de cama e cobertas e acolchoando-a com peles e travesseiros para apoio.

Fralie sorriu e de repente notou que, por alguma razão, Ayla ainda falava com sotaque. Não, não realmente um sotaque, pensou. Apenas, tinha dificuldade com alguns sons. Estranho como era fácil acostumar-se com algo assim. A cabeça de Crozie apareceu em seguida e ela entregou a Ayla um pedaço de couro dobrado.

- Aqui está seu cobertor de dar à luz, Ayla. - Abriram-no e, enquanto Fralie mudava de posição, espalharam-no sob a mulher. - Já era hora de chamarem você, mas é tarde demais para deter o trabalho de parto agora - disse Crozie. - pena, eu tinha o palpite de que este bebê seria menina. É pena que vá morrer.

- Não tenha tanta certeza disso, Crozie - falou Ayla.

- Este bebê está chegando cedo. Sabe disso.

- Sim, mas não entregue ainda esta criança ao outro mundo. Há coisas que podem ser feitas, se não for cedo demais... e se o parto correr bem. - Ayla abaixou os olhos para Fralie. - Vamos esperar e ver.

- Ayla - disse Fralie, os olhos brilhando - acha que há esperança.

- Sempre há esperança. Agora, beba isto. Acalmará sua tosse e fará com que se sinta melhor.

Então, veremos quão adiantada você está.

- O que há nisso? - perguntou Crozie.

Ayla examinou a mulher por um instante antes de replicar. Havia um tom de arrogância implícito na pergunta, mas Ayla sentiu que a preocupação e interesse motivaram a frase. O tom da interrogação era mais um modo de falar, concluiu Ayla, como se estivesse acostumada a dar ordens. Mas podia ser mal interpretado como insensatez ou arrogância o tom

autoritário assumido por uma pessoa que não estivesse em posição de liderança.

- A casca interna de amora preta silvestre para acalmá-la e aliviar a tosse e a dor de parto - explicou Ayla - fervida com a raiz seca de actéia, moídas até virar pó para ajudar os músculos dinâmicos a trabalhar mais arduamente, a fim de apressar o nascimento. Ela está muito adiantada no trabalho de parto para detê-lo.

- Hum - vocalizou Crozie, sacudindo a cabeça em sinal de aprovação. Estava tão interessada em verificar a perícia de Ayla quanto em conhecer os ingredientes exatos. Crozie ficou satisfeita com a resposta de Ayla, por ela não estar apenas dando um medicamento que alguém lhe recomendara, mas por saber o que estava fazendo. Não porque ela conhecia as propriedades das plantas, mas porque Ayla conhecia.

Todos pararam por alguns instantes para visitar e oferecer apoio moral à medida que o dia avançava, mas os sorrisos encorajadores tinham um vislumbre de tristeza. Sabiam que Fralie enfrentava uma provação que tinha muito pouca esperança de um resultado feliz. O tempo se arrastava para Frebec. Não sabia o que esperar e sentia-se perdido, inseguro. Nas vezes em que andara por perto de mulheres que davam à luz, não se lembrava de ter levado tanto tempo, e não lhe parecera que o nascimento era tão difícil para outras mulheres. Todas elas se agitavam e esforçavam, e gritavam daquele jeito? Não havia espaço para ele em sua fogueira com todas as mulheres lá, e de qualquer forma, ele não era necessário. Ninguém sequer o notou na cama de Crisavec observando e esperando. Afinal, ele se levantou e se afastou, incerto sobre para onde ir. Resolveu que estava com fome e se dirigiu para a área de cozinhar esperando encontrar sobra de assado ou alguma coisa. No fundo de sua mente, pensou em procurar Talut. Sentia necessidade de conversar com

alguém, partilhar aquela experiência com uma pessoa que o compreendesse. Quando chegou à Fogueira do Mamute, Ranec, Danug e Tornec estavam de pé perto de uma escavação para fogo, conversando com Mamut, bloqueando parcialmente a passagem. Frebec parou, sem vontade de enfrentá-los para pedir que dessem licença.

Hesitou, mas não podia ficar ali de pé para sempre, e atravessou o espaço central da Fogueira do Mamute em direção a eles.

- Como está ela, Frebec? - perguntou Tornec.

Ele ficou vagamente sobressaltado pela pergunta amistosa.

- Eu queria saber - retrucou.

- Sei como se sente - disse Tornec com um sorriso torto. - Nunca me sinto mais inútil do que quando Tronie está dando à luz. Odeio vê-la sofrer e desejo sempre que houvesse algo que eu pudesse fazer para ajudar, mas nunca há. É uma coisa de mulher, ela tem que agir. Sempre me surpreendo depois como ela esquece o apuro e a dor assim que vê o bebê e sabe que ele será... - Calou-se, compreendendo que havia falado demais. - Sinto muito, Frebec, eu não queria...

Frebec franziu a testa, depois se virou para Mamut.

- Fralie disse que ela achava que o bebê estava chegando cedo de mais. Crozie disse que os bebês prematuros não sobrevivem. Isso é verdade? Este bebê viverá? - Não posso responder a isso. Frebec. Está nas mãos de Mut - disse o velho - mas sei que Ayla não vai desistir. Depende de quão cedo. Os bebês que nascem cedo são pequenos e fracos, por isto morrem, geralmente. Mas não morrem sempre, especialmente se não for cedo demais, e quanto mais vivem, maiores são suas chances. Não sei que ela pode fazer, mas se alguém é capaz de fazer qualquer coisa, Ayla é essa pessoa. Ela recebeu um dom poderoso e posso lhe

assegurar, nenhuma curandeira poderia ter tido melhor treinamento. Sei por experiência própria como as curandeiras do Clã são capazes. Uma delas me curou.

- Você! Você foi curado por uma mulher cabeça-chata? - perguntou Frebec. - Não compreendo. Como? Quando? - Quando eu era jovem, em minha jornada - replicou Mamut.

Os rapazes esperaram que ele continuasse sua história, mas logo se tornou evidente que ele não daria mais informação alguma.

- Velho - disse Ranec com um largo sorriso - pergunto-me quantas histórias e segredos se escondem nos anos de sua longa vida.

- Esqueci mais do que o total de sua vida, rapaz, e lembro-me de muita coisa. Eu era velho quando você nasceu.

- Quantos anos tem? - perguntou Danug. - Sabe? - Houve uma época em que eu marcava minha idade, desenhando um lembrete em um couro, toda primavera, de um evento significativo que acontecia durante o ano. Enchi vários, a tela cerimonial é um deles. Agora, estou tão velho que não conto mais. Porém, eu lhe direi, Danug, quantos anos tenho. Minha primeira mulher teve três filhos. - Mamut olhou para Frebec. - O primeiro a nascer, um menino, morreu. O segundo, uma menina, teve quatro filhos. O mais velho dos quatro era uma menina e ela cresceu para dar à luz Tulie e Talut. Você, claro, é o primeiro filho da mulher de Talut. A mulher do primogênito de Tulie talvez esteja esperando uma criança agora. Se Doni me conceder outra estação, talvez eu veja a quinta geração. É essa a minha idade, Danug.

Danug sacudiu a cabeça. Era mais idade do que ele imaginara.

- Você e Manuv não são parentes, Mamut? - perguntou Tornec.

- Ele é o terceiro filho da mulher de um primo mais jovem, assim como você é o terceiro filho da mulher de Manuv.

Nesse momento, pareceu haver alguma excitação na Fogueira da Garça e todos se viraram para olhar.

- Agora, respire fundo - disse Ayla - e faça força mais uma vez. Está quase conseguindo.

Fralie arquejou em busca de ar e fez um esforço, segurando as mãos de Nezzie.

- Ótimo! Ótimo! - encorajou Ayla. - Aí vem, aí vem! Ótimo! Pronto! - É uma menina, Fralie! - exclamou Crozie. - Eu lhe disse que desta vez seria mulher...! - Como está ela? - perguntou Fralie. - Está...

- Nezzie, quer ajudar a remover as páreas - disse Ayla, limpando muco da boca do bebê, enquanto ele lutava para respirar. Havia um silêncio terrível. Depois um grito de vida miraculoso, emocionante.

- Ela está viva! Ela está viva! - disse Fralie, lágrimas de alívio e esperança nos olhos.

Sim, ela estava viva, pensou Ayla, mas era muito pequena. Jamais vira um bebê tão pequeno. Sim, estava viva, lutando e dando chutes, e respirando. Ayla colocou o bebê de braços atravessado sobre o ventre de Fralie, e lembrou a si mesma de que havia visto, apenas, recém-nascidos do Clã. Bebês dos Outros eram, provavelmente, menores. Ajudou Nezzie com as páreas, depois virou o bebê e amarrou o cordão umbilical em dois lugares com os pedaços de tendão tingido de vermelho que havia preparado. Com uma faca afiada de sílex cortou o cordão entre as amarrações. Para o melhor ou para o pior, a menina estava sozinha; um ser humano independente, vivo, respirando.

Mas os próximos dias seriam críticos.

Ayla examinou o bebê cuidadosamente enquanto o limpava. A menina parecia perfeita, apenas excepcionalmente pequena e seu choro era fraco. Ayla a

enrolou em um macio cobertor de pele e entregou-a a Crozie. Quando Nezzie e Tulie haviam retirado o cobertor de pano, e Ayla certificou-se de que Fralie estava limpa e com conforto, usando uma toalha absorvente de lã de mamute, sua nova filha foi colocada na curva do braço de Fralie. Então, ela fez sinal a Frebec para se aproximar e ver a primeira filha de sua fogueira. Crozie rondava.

Fralie a desenrolou, depois levantou a cabeça para Ayla com lágrimas nos olhos.

- Ela é tão pequena.. - falou, acariciando o bebê.

Em seguida, desatou a frente de sua túnica e ofereceu o seio à menina. A recém-nascida roçou o nariz, encontrou o bico e pelo sorriso no rosto de Fralie, Ayla percebeu que a menina sugava. Mas dentro de alguns momentos, a criança soltou o bico e pareceu exausta com o esforço - Ela é tão pequena, viverá? - perguntou Frebec a Ayla, porém, era mais uma súplica.

- Ela está respirando. Se for capaz de mamar, haverá esperança, mas precisará de ajuda para viver.

Deve ser mantida aquecida e não poderá usar a pouca força que possui a não ser para mamar. Todo o leite que tomar deve ser para crescer - disse Ayla. Depois olhou com severidade para Frebec e Crozie. - Não pode haver mais discussão nesta fogueira, se querem que a menina viva. Ela ficará nervosa, e não podem deixá-la ficar nervosa se desejam que ela cresça. Não se deve permitir sequer que chore, porque não tem força para isso. Desviará seu leite do crescimento.

- Como impedir que ela chore, Ayla? Como saberei quando alimentá-la se ela não chorar? - perguntou Fralie.

- Crozie e Frebec devem ajudar você porque a menina precisa ficar com você o tempo todo, como se ainda não tivesse nascido, Fralie. Acho que a melhor maneira seria fazer um receptáculo, um tipo de cesta,

que manterá a menina perto de seu seio. Assim, você a manterá aquecida. Ela será confortada por sua proximidade e o som de seu coração, porque está acostumada a ele. Porém, mais importante ainda, sempre que quiser mamar, precisará apenas virar a cabeça para alcançar seu peito, Fralie. Assim, ela não usará a força de que necessita para crescer, com o choro.

- E para trocá-la? - perguntou Crozie.

- Cubra sua pele com um pouco daquele sebo macio que lhe dei, Crozie. Farei mais. Use esterco seco, limpo, embrulhado ao seu redor para absorver sua urina e fezes. Jogue fora quando precisar trocá-la, mas não mova muito a criança. E deve descansar, Fralie, e não se movimentar muito como nenéni. Também lhe fará bem. Precisamos tentar controlar sua tosse. Se a menina sobreviver durante os próximos dias, então, todo dia que ela viver a tornará mais forte. Com sua ajuda, Frebec e Crozie, ela tem uma chance.

Uma sensação de esperança moderada tomou conta da habitação, quando as cortinas se fecharam sobre um sol vermelho penetrante num aglomerado de nuvens pairando sobre o horizonte. A maioria das pessoas terminara a refeição da noite e atiçava os fogos, limpava coisas, levava as crianças para a cama, e se reunia para a conversa noturna e por companhia. Várias pessoas estavam sentadas ao redor da lareira da Fogueira do Mamute, mas a conversa era mantida em voz baixa, como se vozes altas fossem, de alguma forma, inadequadas.

Ayla havia dado a Fralie uma suave bebida relaxante, e deixou-a para que dormisse. Ela não dormiria o suficiente nos próximos dias. A maior parte dos bebês se fixava em uma rotina de dormir por um tempo razoável antes de acordar para mamar. Porém, o bebê de Fralie não podia mamar muito tempo de uma só

vez, e assim, não dormia muito antes de precisar novamente de leite materno. Fralie teria que tirar cochilos curtos também, até o bebê ficar mais forte.

Era quase estranho ver Frebec e Crozie trabalhando juntos, ajudando-se a ajudar Fralie, e sendo extremamente corteses e controlados. Talvez não durasse, mas estavam se esforçando e parte de sua animosidade parecia desaparecer.

Crozie havia ido cedo para a cama. Fora um dia difícil e ela não era mais jovem. Estava cansada e esperava levantar mais tarde a fim de auxiliar Fralie. Crisavec ainda dormia com o filho de Tulie, e Tronie estava com Tasher. Frebec ficou sentado sozinho na Fogueira da Garça, olhando para o fogo, sentindo emoções diversas. Estava ansioso em relação à criança, e sentia-se protetor do bebê também, a primeira criança de sua fogueira, e temeroso. Ayla havia colocado a menina em seus braços para que a carregasse um pouco, enquanto ela e Crozie deixavam Fralie à vontade. Ele fitou a menina, espantado por alguém tão pequeno poder ser perfeito. As mãos minúsculas da criança tinham até unhas. Ele teve medo de se mover, medo de quebrá-la, e ficou muito aliviado quando Ayla a pegou novamente. Contudo, relutou em entregar a menina.

De repente, Frebec ficou de pé e desceu o corredor. Não queria ficar sozinho naquela noite. Parou à entrada da Fogueira do Mamute e olhou para as pessoas sentadas em volta do fogo. Eram os membros mais jovens do acampamento, e no passado, ele teria passado por eles a caminho da área de cozinhar, para visitar Talut e Nezzie, ou Tulie e Barzec, ou Manuv, ou Wymez, ou ultimamente, Jondalar, e às vezes, Danug. Em bora Cruzie estivesse muitas vezes na área de cozinhar, era mais fácil ignorá-la do que enfrentar a possibilidade de ser ignorado por Deegie ou desprezado por Ranec. Mas Tornec fora amistoso antes, e sua mulher tinha dado à

luz, e ele sabia como era. Frebec respirou fundo e caminhou em direção à lareira.

Eles começaram a rir assim que ele alcançou Tornec, e por um momento, Frebec pensou que caçoavam dele. Sentiu a tentação de sair.

- Frebec! Aí está você! - exclamou Tornec.

- Acho que ainda sobrou algum chá - disse Deegie. - Vou lhe servir um pouco.

- Todos me dizem que ela é uma menina bonita - falou Ranec. - E Ayla diz que ela tem uma chance.

- Temos sorte por Ayla viver aqui - disse Tronie.

- Sim, temos - concordou Frebec. Ninguém falou nada por um instante. Era a primeira coisa boa que Frebec dizia de Ayla.

- Talvez ela possa receber seu nome no Festival de Primavera - disse Latie. Frebec não a havia visto sentada ao lado de Mamut, na sombra - Isso seria uma sorte - Sim, seria - disse Frebec, pegando a xícara que Deegie lhe dava e se sentindo um pouco mais à vontade.

- Tomarei parte no Festival de Primavera também - anunciou ela, meio timidamente e meio orgulhosamente.

- Latie é uma mulher - disse-lhe Deegie com o ar levemente condescendente de uma irmã mais velha informando outro adulto que é instruído.

- Ela terá seus Ritos de Primeiros Prazeres na Reunião de Verão deste ano - ajuntou Tronie.

Frebec sacudiu a cabeça, concordando, e sorriu para Latie, incerto sobre o que dizer.

- Fralie está dormindo, ainda? - perguntou Ayla.

- Estava, quando saí.

- Acho que também vou para a cama - disse ela, levantando-se. - Estou cansada. - Colocou a mão no braço de Frebec. - Você me chamará quando Fralie acordar? - Sim, Ayla, chamarei... e... hum... obrigado - disse ele sua vemente.

- Ayla, acho que ela está crescendo - disse Fralie. - Estou certa de que pesa mais e começa a olhar em volta. Acho que também está mamando mais tempo.

- Cinco dias se passaram, creio que ela está mais forte - disse Ayla.

Fralie sorriu, depois lágrimas surgiram em seus olhos.

- Ayla, não sei o que teria feito sem você. Tenho-me culpado o tempo todo por não ter recorrido a você mais cedo. Esta gravidez não ia bem desde o início, mas quando mamãe e Frebec começavam a discutir, eu não podia tomar partido.

Ayla apenas concordou com um gesto de cabeça.

- Sei que mamãe pode ser difícil, mas ela perdeu tanto. Era uma chefe, sabe.

- Eu imaginava.

- Eu era a mais velha de quatro filhos, tinha duas irmãs e um irmão... eu era mais ou menos da idade de Latie quando aconteceu. Mamãe me levou para o Acampamento do Veado a fim de conhecer o filho de sua chefe. Ela queria arranjar uma união. Eu não queria ir, e não gostei dele quando o conheci. Era mais velho, e mais preocupado com o meu status do que cmigo, mas antes de a visita terminar ela conseguiu me fazer concordar. Os preparativos foram feitos para nossa união no verão seguinte. Quando voltamos ao nosso acampamento... oh, Ayla, foi horrível... - Fralie fechou os olhos, tentando controlar-se. - "Ninguém sabe o que aconteceu... houve um incêndio. Era uma moradia antiga, construída pelo tio de mamãe. As pessoas disseram que o sapé, e madeira e ossos devem ter ressecado. Acharam que o fogo devia ter começado à noite... ninguém saiu...

- Sinto muito, Fralie - disse Ayla.

- Não tínhamos para onde ir, assim, voltamos ao Acampamento do Veado. Lamentaram nossa sorte, mas não ficaram felizes com isso. Tinham medo do azar, e

hávamos perdido status. Quiseram romper o acordo, mas Crozie discutiu diante do Conselho de Irmãs e os fez manter a palavra. O Acampamento do Veado teria perdido influência e status se tivesse recuado. Eu me uni naquele verão. Mamãe disse que eu devia, era tudo o que nos restava, mas nunca existiu muita felicidade na união, exceto por Crisavec e Tasher. Mamãe sempre discutia com eles, principalmente com o meu homem. Ela estava habituada a ser chefe, a tomar decisões e a ser respeitada. Não foi fácil para ela perder isso. Não era capaz de desistir. As pessoas começaram a achar que ela era uma pessoa amarga, implicante, que não parava de se queixar e não queriam estar por perto. - Fralie fez uma pausa, depois continuou: - Quando meu homem foi ferido por um auroque, o Acampamento do Veado disse que dávamos azar e nos obrigou a partir. Mamãe tentou arranjar outra união para mim. Havia algum interesse. Eu ainda tinha meu status de nascimento, ninguém pode tirar aquilo com que você nasce, mas ninguém queria mamãe. Diziam que ela dava azar, mas acho que apenas não gostavam de suas queixas, o tempo todo. Eu, com tudo, não podia culpá-la. Eles não compreendiam, apenas isso.

"O único que fez uma proposta foi Frebec. Ele não tinha muito a oferecer", Fralie sorriu, "mas ofereceu tudo o que tinha. Eu não estava se gura sobre ele, a princípio. Ele jamais tivera muito status, e nem sempre sabe como agir... ele embaraça mamãe. Quer ter valor, assim tenta se fazer importante, dizendo coisas desagradáveis sobre... outras pessoas. Resolvi ir com ele para tentar.

Mamãe ficou surpresa quando voltamos e eu lhe disse que queria aceitar a proposta dele. Ela jamais compreendeu...

Fralie olhou para Ayla, e sorriu gentilmente.

- Pode imaginar o que é se unir a alguém que você não queira, e que jamais se importou com você desde o começo? Depois encontrar um homem que a desejava tanto que queria dar tudo que tinha, e prometer tudo que conseguisse, um dia? Na primeira noite, depois que fomos embora juntos, ele me tratou como... um tesouro raro. Não podia acreditar que tinha o direito de me tocar. Fez-me sentir...

não posso explicar... querida. Ele ainda é assim quando estamos sozinhos, mas ele e mamãe começaram a discutir imediatamente. Quando se tornou uma questão de orgulho entre eles, se eu ia procurar você ou não, não consegui acabar com o amor-próprio de Frebec.

- Acho que compreendo, Fralie.

- Esforçava-me para dizer a mim mesma que as coisas não estavam tão mal assim, e que seu remédio me ajudou. Sempre acreditei que ele iria mudar de idéia quando chegasse a hora, mas eu queria que fosse decisão dele, não uma coisa que eu o obrigasse a fazer.

- Estou contente porque ele o fez.

- Mas não sei o que eu teria feito se meu bebê...

- Não podemos ter certeza ainda, mas acho que a menina está bem. Ela parece mais forte - falou Ayla.

Fralie sorriu.

- Escolhi um nome para ela, espero que deixe Frebec feliz. Resolvi chamá-la Bectie.

Ayla estava de pé perto de uma plataforma de estocagem vazia, remexendo em uma variedade de vegetação seca. Havia pequenas pilhas de cascas de árvore, raízes e sementes, pequenos montes de talos, tigelas de frutos, flores e folhas secas, e algumas plantas inteiras. Ranec se aproximou, tentando ser discreto sobre algo escondido atrás das costas.

- Ayla, está ocupada? - perguntou Ranec.

- Não, não realmente, Ranec. Andei olhando meus remédios para ver o que precisarei. Saí hoje com os

cavalos. A primavera está chegando mesmo... é minha estação favorita. Os brotos verdes estão surgindo, e salgueiros de amentilhos sedosos... sempre adorei as pequenas flores flocosas.

Breve, tudo estará verde.

Ranec sorriu diante do seu entusiasmo.

- Todo mundo espera ansiosamente o Festival de Primavera. É quando comemoramos vida nova, novos começos e com o novo bebê de Fralie e a nova feminilidade de Latie, temos muito o que celebrar.

Ayla franziu a testa ligeiramente. Ela não estava segura de que aguar dava com ânsia sua participação no Festival de Primavera. Mamut a estivera treinando, e aconteceram algumas coisas muito interessantes, mas era um pouco assustador. Todavia, não tanto o quanto ela pensava que seria. Tudo daria certo. Ela sorriu de novo.

Ranec a estivera observando, perguntando-se o que ela pensava, e tentando imaginar uma maneira de abordar o assunto que o trouxera ali.

- A cerimônia poderia ser especialmente excitante este ano... - fez uma pausa, procurando as palavras corretas.

- Suponho que tem razão - disse Ayla, ainda pensando em seu papel no festival.

- Não parece muito animada - disse ele, sorrindo.

- Não? Na verdade, estou ansiosa para que Fralie dê o nome ao bebê e estou muito contente por Latie. Lembro como fiquei feliz quando me tornei uma mulher, afinal, e como Iza ficou aliviada. É que Mamut está planejando uma coisa e não estou certa a respeito. Apenas isso.

- Vivo esquecendo que não é Mamutoi há muito tempo. Não sabe o que é um Festival de Primavera. Não é de admirar que não esteja ansiosa, como todo mundo. - Mudou de posição, nervosamente, e abaixou os olhos;

depois tornou a encará-la. - Ayla, você poderia aguardar com mais expectativa, e eu também se... - Ranec parou de falar, decidiu mudar sua abordagem, e estendeu-lhe o objeto que escondera. - Fiz isto para você.

Ayla viu o que ele segurava. Ergueu a cabeça, os olhos arregalados de surpresa e prazer ao ver o objeto.

- Fez isto para mim? Mas, por quê? - Porque quis. É para você, só isso. Pense nele como um presente de primavera - disse ele, insistindo para que ela o aceitasse. Ela pegou a escultura de marfim, segurando-a cuidadosamente, e examinou-a.

- Esta é uma de suas figuras de mulher-ave - disse Ayla com espanto e prazer - como uma que você me mostrou antes, mas não é a mesma.

Os olhos de Ranec brilharam.

- Eu a fiz especialmente para você, mas devia tê-la avisado - disse com seriedade trocista - coloquei magia nela, assim você.. gostará dela, e daquele que a fez.

- Não precisava colocar magia na escultura para isso, Ranec.

- Gosta dela, então? Diga-me, o que acha? - perguntou Ranec, em bora geralmente não pedisse a opinião das pessoas sobre seu trabalho. Não lhe importava o que pensavam. Trabalhava para si mesmo e para agradar à Mãe, mas desta vez queria, mais do que tudo, agradar Ayla. Pusera seu coração, seu desejo e seus sonhos em cada entalhe que cortara, em cada linha esculpida, esperando que a escultura da Mãe fizesse uma mágica na mulher que ele amava.

Ayla examinou o trabalho com atenção e notou o triângulo com o vértice para baixo. Era o símbolo da mulher que ela aprendera e o motivo por que três era o número do poder produtivo e sagrado para Mut. O ângulo era repetido como ziguezagues, no que seria a frente da escultura, se fosse uma mulher, ou as costas, se fosse uma ave. Todo o objeto era decorado com

fileiras de ziguezagues e linhas paralelas num fascinante desenho geométrico que era agradável de se admirar por si só, mas que sugeria mais.

- Está muito bem-feito, Ranec. Gosto, especialmente, da maneira como esculpiu estas linhas. O padrão me lembra penas, de certa forma, mas também me faz pensar em água, como nos mapas - disse Ayla.

O sorriso de Ranec se alargou, com deleite.

- Eu sabia! Sabia que você veria isso! As penas do Seu espírito quando Ela se torna uma ave e voa de volta na primavera, e as águas de nascerça da Mãe que encheram os mares.

- É maravilhoso, Ranec, mas não posso aceitar - falou ela, tentando devolver a escultura.

- Por que não? Fiz para você - disse ele, sem pegar a obra.

- Mas, o que posso lhe dar em troca? Não tenho nada deste valor.

- Se é isto que a preocupa, tenho uma sugestão. Você tem uma coisa que quero, que vale muito mais do que este pedaço de marfim - disse Ranec, sorrindo, com os olhos brilhantes de humor e amor. Ele ficou mais sério: - Una-se a mim, Ayla. Seja minha mulher.

Quero partilhar uma fogueira com você, quero que seus filhos sejam os filhos da minha fogueira.

Ayla relutou em responder. Ranec notou sua hesitação e continuou falando, tentando persuadi-la.

- Pense quanta coisa temos em comum. Você é uma mulher Mamutoi, eu sou um homem Mamutoi, mas ambos fomos adotados. E, se nos uníssemos, nenhum de nós teria que se mudar para outro acampamento. Ambos poderíamos ficar no Acampamento do Leão, e você continuaria cuidando de Mamute Rydag, e isso deixaria Nezzie feliz. Porém, mais importante, amo você, Ayla, quero partilhar minha vida com você.

- Eu... não sei o que dizer.

- Diga sim, Ayla. Vamos anunciá-lo, incluir uma Cerimônia de Promessa no Festival de Primavera. Depois, podemos formalizar a união no Matrimonial este ano, quando Deegie o fizer.

- Não estou certa... acho que não...

- Não precisa responder já. - Ele havia esperado que ela concordasse imediatamente. Agora, compreendia que talvez levasse mais tempo, porém, não queria que ela dissesse não. - Diga-me apenas que me dará a chance de mostrar o quanto a amo, quanto a quero, como poderemos ser felizes juntos.

Ayla recordou o que Fralie havia dito. Ela se sentia especial ao saber que um homem a queria, que havia um homem que se importava com ela e não a evitava o tempo todo. E gostava da idéia de permanecer ali, onde as pessoas a amavam, pessoas que ela amava. O Acampamento do Leão era como sua família agora. Jondalar jamais ficaria. Ela sabia disso havia muito tempo. Ele queria voltar para o seu lar e, antes, quisera levá-la com ele. Agora, não parecia querê-la, de modo algum.

Ranec era bom, ela gostava dele, e unir-se a ele significaria permanecer ali. E se ela ia ter outro bebê, devia tê-lo breve. Ela não era mais jovem. Apesar do que Mamut havia dito, dezoito anos pareciam muita idade para ela. Seria tão maravilhoso ter outro filho, pensou. Como o bebê de Fralie. Apenas mais forte. Ela podia ter um filho com Ranec. Será que teria as feições de Ranec, os olhos negros penetrantes, os lábios macios, o nariz largo e curto, tão diferente dos narizes grandes, finos, pontudos dos homens do Clã? O nariz de Jondalar estava entre eles em tamanho e forma...

por que ela pensava em Jondalar? Então, uma idéia lhe ocorreu que fez o coração bater mais depressa, de excitação. Se eu ficar aqui e me unir a Ranec, pensou, poderia ir buscar Durc! Talvez no próximo verão. Não

haverá Reunião de Clãs, então. E Ura? Por que não trazê-la também? Se eu for embora com Jondalar, sei que nunca mais verei Durc. Os Zelandonii vivem muito longe, e Jondalar não voltará para buscar Durc e levá-lo conosco. Se ao menos Jondalar ficasse, e se tornasse Mamutoi... mas ele não fará isso. Ela olhou para o homem escuro, e viu o amor nos olhos de Ranec. Talvez eu deva pensar sobre me unir a ele.

- Eu disse que pensaria a respeito, Ranec - disse ela.

- Sei que disse, mas se precisar de mais tempo para pensar em fazer uma Promessa, ao menos venha para a minha cama, Ayla. Dê-me uma chance de lhe mostrar o quanto gosto de você. Diga-me que fará isso. Venha à minha cama, Ayla - insistiu, segurando-lhe a mão.

Ela abaixou a cabeça, tentando reconhecer-lhe os sentimentos. Sentia uma compulsão forte, embora sutil, de obedecer. Embora a reconhecesse pelo que era, era difícil vencer a sensação de que devia ir para a cama dele. Porém, mais que isso, perguntou-se se devia dar-lhe uma chance, talvez fazer uma tentativa com ele, como Fralie fizera com Frebec.

Ela sacudiu a cabeça afirmativamente, os olhos ainda abaixados.

- Irei a sua cama.

- Esta noite? - disse ele, trêmulo de alegria e sentindo vontade de gritar.

- Sim, Ranec. Se quiser. Irei à sua cama esta noite.

Capítulo 26

Jondalar se posicionou de maneira que pudesse ver a maior parte da Fogueira do Mamute, olhando pelo corredor e através das áreas abertas das fogueiras que os separavam. Ele se acostumou de tal maneira a vigiar Ayla, que quase não pensava mais nisso. Nem sequer o constrangia, era uma parte de sua existência. Não importava o que ele fizesse, Ayla estava sempre no seu pensamento, muitas vezes exatamente à beira da percepção. Ele estava ciente de quando ela dormia, e quando estava acordada, quando comia e quando trabalhava em algum projeto. Estava ao par de quando saía e quem a visitava, e quanto tempo permaneciam. Até fazia idéia sobre o que conversavam.

Sabia que Ranec havia passado ali a maior parte do seu tempo. Em bora não gostasse de vê-los juntos, também sabia que Ayla não tivera intimidades com ele, e parecia evitar qualquer contato íntimo. As ações de Ayla o tinham levado a uma certa aceitação da situação, e aliviaram sua ansiedade, de forma que estava despreparado para a visão de Ayla caminhando com Ranec em direção à Fogueira da Raposa, quando todos se aprontavam para dormir. A princípio, não conseguiu acreditar. Presumiu que ela ia apenas buscar alguma coisa e voltaria para sua própria cama. A compreensão de que ela pretendia passar a noite como escultor não aconteceu senão quando ele a viu mandar Lobo ir para a Fogueira do Mamute.

Mas, ao compreender, foi como um fogo explodindo em sua cabeça. espalhando a dor ardente e a cólera por seu corpo. Estava arrasado. Seu primeiro impulso foi correr até a Fogueira da Raposa e arrancar Ayla dali. Teve visões de Ranec caçando dele e sentiu o desejo de

esmagar aquele rosto sorridente, demolir o sorriso trocista, escarninho. Lutou para controlar-se e afinal, agarrou sua parca e saiu apressado.

Jondalar inspirou grandes golfadas de ar frio, tentando moderar seu ciúme flamejante, e quase secou os pulmões com o frio. Uma onda de frio de início de primavera, que desceu a temperatura a abaixo de zero, havia endurecido a neve enlameada, convertido riachos em pistas escorregadias e traiçoeiras, e transformado a lama em saliências e escavações irregulares, tornando difícil caminhar. Ele escorregou na escuridão e lutou desordenadamente para manter o equilíbrio. Quando alcançou o anexo dos cavalos, voltou ao interior.

Whinney bufou uma saudação e Racer resfolegou e cutucou-o na escuridão e de afago. Jondalar havia passado muito tempo com os cavalos, o inverno difícil, e mais ainda durante a primavera incerta. Eles receberam bem sua companhia e ele relaxou em sua presença cálida, silenciosa. Um movimento da cortina interna chamou a atenção do homem. Então, sentiu patas sobre sua perna e ouviu um choro suplicante. Abaixou-se e pegou o filhote de lobo.

- Lobo! - exclamou, sorrindo, mas recuando quando o animal ansioso lambeu-lhe o rosto. - O que está fazendo aqui? - Então, o sorriso desapareceu. - Ela o fez sair, não foi? Você está acostumado com ela perto de você, e sente falta. Eu sei como se sente. É difícil habituar-se a dormir sozinho depois que ela dormiu ao seu lado.

Enquanto acariciava e alisava o lobinho, Jondalar sentia um alívio da tensão, e relutou em colocar o animal no chão.

- O que devo fazer com você, Lobo? Odeio mandá-lo voltar. Acho que pode dormir comigo.

Depois franziu a testa, compreendendo que estava diante de um dilema. Como ia voltar para sua cama com

o filhote? Estava frio lá fora e ele não tinha certeza se o animalzinho queria sair com ele, mas se ao entrar atravessasse a Fogueira do Mamute teria que passar pela Fogueira da Raposa para chegar à sua cama. Nada no mundo o levaria a caminhar pela Fogueira da Raposa naquele momento. Jondalar gostaria de ter as peles de dormir consigo. Sem fogo, estava frio no anexo, mas dormir com as peles, entre os cavalos, o aqueceria o suficiente. Não tinha escolha. Teria que levar o filhote para fora consigo e voltar pela entrada da frente.

Acariciou os cavalos com tapinhas carinhosos, depois, aninhando o filhote perto do peito, afastou a cortina e saiu para a noite fria. O vento, mais acentuado àquela hora, fustigou seu rosto com um tapa gelado, e abriu a pele de sua parka. Lobo tentou aconchegar-se mais e chorou, mas não fez qualquer movimento para fugir. Jondalar se moveu cuidadosamente sobre o solo congelado e sentiu alívio ao alcançar o arco da frente.

A habitação estava silenciosa quando ele entrou na área de cozinhar. Caminhou para as peles de dormir e colocou Lobo ao chão, satisfeito porque o animal parecia feliz em ficar. Rapidamente, tirou a parka e sapatos, depois arrastou-se para as peles, levando o lobinho consigo. Ele havia descoberto que não era tão quente no chão da área aberta da fogueira quanto nos estrados cercados para dormir, e dormia com suas roupas caseiras, amassando-as. Levou alguns minutos para encontrar uma posição confortável e se acomodar, mas em pouco tempo a trouxa quente de pele enroscada ao seu lado dormia.

Jondalar não teve a mesma sorte. Assim que fechou os olhos ouviu os sons noturnos e enrijeceu, resistindo. Normalmente, a respiração, mudança de posição, cochicho, tosse eram ruídos noturnos de fundo do acampamento facilmente ignorados, mas os ouvidos de Jondalar escutavam o que não queria ouvir.

Ranec recostou Ayla às peles, depois olhou para ela.

- Você é tão bonita, Ayla, tão perfeita! Quero-a tanto, quero que fique sempre comigo. Oh, Ayla...

- disse ele, e se inclinou para respirar em seu ouvido e inspirar seu odor feminino. Ela sentiu a boca macia e carnuda do homem sobre a sua, e encontrou-se correspondendo um pouco e depois, ele colocou a mão sobre o ventre da jovem, exercendo pressão.

Prontamente, estendeu a mão e tomou um seio e em seguida abiliou a cabeça e sugou um mamilo endurecido com a boca. Ela gemeu ao sentir um formigamento interno e moveu seus quadris para ele. Ranec pressionou o corpo contra o dela e Ayla sentiu uma dureza quente ao lado da coxa, enquanto ele movia a boca para sugar o outro mamilo, produzindo pequenos ruídos de prazer.

Ele levou a mão pelos flancos e quadris, depois pela perna e subiu pela parte interna da coxa, encontrando as dobras úmidas e alcançando-lhe as entranhas. Ela sentiu-o vasculhar as entranhas e se ergueu contra ele. Ranec se moveu com calma até comprimir-se contra ela, enquanto sugava um dos seios e depois o outro e em seguida roçava o nariz entre ambos.

- Oh, Ayla! Minha bela mulher, minha mulher perfeita. Como me deixou pronto tão depressa? É a vontade da Mãe, você controla Seus segredos. Minha mulher perfeita...

Sugava novamente, Ayla podia sentir a pressão enquanto ele sorvia, e lhe provocava arrepios. Por dentro, ela sentia um movimento de penetração e saída, até a mão de Ranec descobrir seu local de prazer. Ela gritou quando ele o friccionou ritmadamente, com mais firmeza e rapidez. De repente, estava pronta. Comprimiu-se contra ele mexendo os quadris, gritando e agarrando-o.

Ele moveu-se entre as pernas dela enquanto ela as levantava, ajudando a guiá-lo. Ela soltou um suspiro de prazer quando o sentiu penetrar. O corpo dele se movia para frente e para trás, sentindo a sensação crescer ao gritar o nome dela.

- Oh, Ayla, Ayla, quero muito você. Seja minha mulher, Ayla. Seja minha mulher - disse Ranec, enquanto uma grande onda se intensificava. Os gritos dela vinham em arquejos ritmados. Ele mexia mais e mais depressa até a onda cálida de sensação indescritível libertar-se e inundá-los.

Ayla respirou forte, tomando fôlego, enquanto Ranec se esparramava sobre ela. Fazia muito tempo que ela partilhara prazeres com ele. A última vez havia sido na noite de sua adoção, e ela compreendia, agora, que sentira falta daquilo. Ranec ficara tão encantado por possuí-la e tão ansioso para agradar, que quase se esforçou em demasia, porém, ela estivera mais preparada do que imaginou, e embora tudo acontecesse depressa, ela não se sentiu insatisfeita.

- Foi perfeito para mim - cochichou Ranec. - Está feliz, Ayla? - Sim, prazeres com você são bons, Ranec - disse ela, e ouviu-o suspirar.

Os dois jazeram imóveis, usufruindo o resultado, mas os pensamentos de Ayla voltaram à pergunta dele. Estava feliz? Não estava infeliz. Ranec era um homem bom e atencioso, e ela havia sentido prazer, mas... alguma coisa faltava. Não era o mesmo que com Jondalar, mas ela não sabia qual era a diferença.

Talvez fosse apenas porque ela ainda não estava acostumada com Ranec, pensou, enquanto tentava mudar para uma posição mais confortável. Ele começava a pesar um pouco. Ranec, sentindo o movimento da jovem, ergueu-se, sorriu-lhe, depois rolou e deitou-se ao seu lado, virado para ela, aninhando-se perto dela.

Ele roçou o nariz no pescoço dela, e cochichou-lhe ao ouvido: - Amo você, Ayla. Quero-a muito. Diga que será minha mulher. Ayla não respondeu. Não podia responder sim, e não responderia não.

Jondalar cerrou os dentes e agarrou-se à sua pele de dormir, apertando-a com força enquanto ouvia, contra a vontade, o murmúrio, a respiração ofegante, e forte movimento ritmado da Fogueira da Raposa. Puxou as cobertas sobre a cabeça, mas não conseguiu bloquear o som abafado da voz de Ayla gritando. Mordeu um pedaço de couro para impedir-se de emitir quaisquer sons mas, no fundo de sua garganta, a própria voz gritava de dor e desespero total. Lobo, ouvindo o choro, aconchegou-se a ele e lambeu as lágrimas salgadas que o homem tentava conter à força.

Não podia suportá-lo. Não era capaz de tolerar o pensamento de Ayla com Ranec. Mas era escolha dela, e dele. E se ela voltasse novamente à cama do escultor? Ele não suportaria ouvir aquilo outra vez. Mas o que podia fazer? Partir. Podia ir embora. Tinha que ir. No dia seguinte. De manhã, à primeira claridade, ele partiria.

Jondalar não dormiu. Jazeu rígido de tensão sob as peles quando compreendeu que eles descansavam apenas, e não tinham terminado. Afinal, quando os sons do sono apenas eram ouvidos na habitação, Jondalar ainda não dormia. Ouviu Ayla e Ranec uma e outra vez em sua mente, e visualizava-os juntos.

Com o primeiro vislumbre de claridade delineando a abertura de saída da fumaça, antes de qualquer pessoa se agitar, Jondalar estava de pé, guardando suas peles em um saco de viagem. Depois, vestindo a parka e calçados, e pegando as lanças e o arremessador de lanças, caminhou silenciosamente até a primeira arcada e afastou a cortina. Lobo o seguiu, mas Jondalar disse-lhe para "ficar" num cochicho rouco e fechou a cortina atrás de si.

Uma vez fora, colocou o capuz para enfrentar o vento forte e amarrou-o ao redor do rosto, deixando quase que apenas uma abertura para enxergar. Colocou as luvas que pendiam de suas mangas por cordões, mudou o saco de posição, e começou a caminhar, subindo a encosta. O gelo era esmagado sob seus pés, e ele tropeçou à luz fraca da manhã cinzenta, cego pelas lágrimas ardentes, agora que estava sozinho.

O vento soprava forte, e frio, quando chegou ao topo, fustigando-o com contracorrentes. Ele fez uma pausa, tentando decidir que caminho tomar, depois se virou para o sul, seguindo o rio. Era difícil caminhar. A geada fora suficiente para formar uma crosta de gelo sobre algumas das correntes que derretiam, e ele afundou até os joelhos e tinha que puxar os pés para fora a cada passo. Onde não havia neve acumulada pelo vento, o terreno era duro e árido, e muitas vezes, escorregadio. Ele escorregou e deslizou e caiu uma vez, machucando o quadril.

À medida que a manhã avançava, não apareceu o brilho do sol no céu fortemente nublado. A única evidência de sua presença era a luz difusa, porém mais forte, doditeirizento, sem sombra. Jondalar caminhava com dificuldade, os pensamentos voltados para dentro, mal prestava atenção ao rumo que tomava.

Por que não suportava o pensamento de Ayla e Ranec juntos? Por que era tão difícil para ele deixá-la fazer sua própria escolha? Será que ele a queria apenas para si mesmo? Será que outros homens se sentiam assim, também? Sentiam aquela dor? Será que era porque outro homem a tocava? Era medo de a estar perdendo? Ou era mais que isso? Será que sentia que a merecia. Ela falava simplesmente sobre sua vida com o Clã, e ele a aceitara como qualquer outra pessoa, até imaginar o que seu povo poderia pensar. Será que ela se sentiria igualmente livre, para falar de sua infância com

os Zelandonii? Ela se ajustava muito bem ao Acampamento do Leão. Eles a aceitaram sem reservas, mas será que o fariam se soubessem sobre seu filho? Ele odiava pensar assim. Se sentia vergonha dela, talvez devesse desistir, mas não tolerava a idéia de perdê-la.

Afinal, a sede penetrou nos recantos sombrios de sua introspecção. Ele parou, estendeu a mão até o cantil e descobriu que esquecera de trazê-lo. Na neve próxima acumulada pelo vento, ele quebrou a crosta de gelo e colocou um punhado de neve na boca, mantendo-a ali até derreter. Era a segunda natureza, ele nem sequer tinha que pensar sobre isso. Havia sido treinado desde a infância, a não comer neve para matar a sede sem deixar derreter primeiro, de preferência antes de colocá-la na boca. Engolir neve esfriava o corpo, e mesmo derretê-la na boca era um último recurso.

O cantil que faltava o fez analisar sua situação por um instante. Ele também compreendeu que se esquecera de alimento, mas deixou isso de lado em seguida. Estava muito preso à lembrança, que vinha uma e outra vez, dos sons da habitação, e as cenas e pensamentos que criavam em sua mente.

Ele chegou a uma extensão branca e mal parou antes de avançar com dificuldade até ela. Se houvesse observado os arredores, talvez visse que era mais do que neve acumulada pelo vento, mas ele não refletia. Depois dos primeiros passos, partiu a crosta e penetrou não em neve, mas afundou até os joelhos numa lagoa de água parada. Seu calçado de couro, revestido de sebo, era suficientemente à prova d'água para suportar certa quantidade de neve, até derretida, mas não água. O choque do frio afinal o arrancou de sua preocupação absorta. Avançou mais, quebrando mais gelo e sentiu o frio extra trazido pelo vento.

Que coisa estúpida para se fazer, pensou. Nem mesmo tenho roupas secas comigo. Ou alimento. Ou um

recipiente de água. Tenho que voltar. Não estou preparado para viajar, de forma alguma. Em que andei pensando? Sabe muito bem no que pensava, Jondalar, disse a si mesmo, fechando os olhos enquanto o sofrimento o apertava.

Sentia frio nos pés e parte inferior das pernas, e a umidade desconfortável, lamacenta. Perguntou-se se devia tentar se secar antes de voltar. Compreendeu que não tinha uma pedra-de-fogo consigo, ou mesmo um apetrecho para fazer um fogo ou uma isca, e seu calçado tinha revestimento de lã feltrada de mamute. Mesmo molhado, não deixaria que seus pés congelassem, se continuasse andando. Voltou, censurando-se por sua estupidez, no entanto, odiando cada passo.

Ao retroceder sobre seus passos, encontrou-se pensando no irmão. Lembrou o momento em que Thonolan ficara preso em areia movediça na foz do Grande Rio Mãe, e queria ficar lá e morrer.

Pela primeira vez, Jondalar compreendera plenamente por que Thonolan havia perdido a vontade de viver depois que Jetamio morreu. Seu irmão havia decidido ficar com o povo da mulher que amava, recordou. Mas Jetamio havia nascido do povo do rio, pensou. Ayla era tanto uma estranha, quanto ele o era para os Mamutoi. Não, corrigiu-se. Isto não é verdade. Agora, Ayla é Mamutoi.

Quando se aproximou da habitação viu um vulto volumoso caminhando em sua direção.

- Nezzie estava preocupada com você e me mandou procurá-lo. Onde esteve? - perguntou Talut ao alcançar Jondalar - Fui dar uma caminhada.

O grande chefe concordou com um gesto de cabeça. Não era segredo que Ayla havia partilhado prazeres com Ranec, porém a angústia de Jondalar tampouco era tão particular quanto ele imaginava.

- Seus pés estão molhados.

- Quebrei o gelo de uma poça, pensando que era neve acumulada pelo inverno.

Enquanto se dirigiam para o Acampamento do Leão descendo a encosta, Talut disse: - Deve mudar as botas imediatamente, Jondalar Tenho um par extra que darei a você.

- Obrigado - respondeu o rapaz, consciente, de repente, de que ele era, em grande parte, um forasteiro. Não tinha nada seu e dependia inteiramente da boa vontade do Acampamento do Leão até para as roupas e suprimentos necessários para viajar. Não gostava da idéia de pedir mais, porém não tinha escolha, se ia partir e, uma vez indo embora, não comeria mais o seu alimento, nem faria outras exigências por conta deles.

- Aí está - disse Nezzie quando ele entrou na moradia. - Jondalar! Está com frio e molhado! Tire essas botas e me deixe dar-lhe alguma coisa quente para beber Nezzie lhe trouxe uma bebida quente e Talut lhe deu um par de botas velhas e calças secas.

- Pode ficar com elas - disse ele.

- Sou grato, Talut, por tudo que tem feito por mim, mas preciso lhe pedir um favor Tenho que partir Necessito voltar para meu lar. Estou vivendo longe há muito tempo. É hora de partir, mas preciso de algum equipamento de viagem e alimento.

Quando o tempo esquentar, será mais fácil encontrar alimento pelo caminho, porém preciso de algum para começar.

- Eu ficaria feliz em lhe dar o que precisa. Embora minhas roupas sejam um pouco grandes para você, pode usá-las. - O chefe grandalhão sorriu, alisou a barba ruiva e farta, acrescentando: - Mas tenho uma idéia melhor. Por que não pede a Tulie para vesti-lo? - Por que Tulie? - indagou Jondalar, intrigado.

- Seu primeiro homem era mais ou menos do seu tamanho, e estou certo de que ela ainda tem muitas

roupas dele. Eram da melhor qualidade, Tulie certificou-se disso.

- Mas, por que ela me daria as roupas? - Você ainda não recebeu sua reivindicação futura e ela está em dívida com você. Se lhe disser que quer ser pago com roupas e alimentos para viajar, ela tomará providências para você ter o melhor que existe, a fim de livrar-se da obrigação - disse Talut.

- É verdade - falou Jondalar com um sorriso. Ele havia esquecido a aposta que ganhara. Sentiu-se melhor ao saber que não estava inteiramente sem recursos. - Falarei com Tulie.

- Mas não planeja partir, não é? - Planejo sim, o mais breve possível - retrucou Jondalar. O chefe se sentou para uma conversa séria.

- Não é prudente viajar, ainda. Tudo está derretendo. Olhe o que aconteceu somente dando uma caminhada - disse Talut - e eu esperava que você nos acompanhasse à Reunião de Verão e caçasse mamutes conosco.

- Não sei - disse Jondalar. Viu Mamut comendo perto de uma das fogueiras e lembrou-se de Ayla. Achou que não suportaria mais nenhum dia ali. Como poderia ficar até a Reunião de Verão? - O início do verão é uma época melhor para começar uma longa viagem. É mais seguro. Devia esperar, Jondalar.

- Vou pensar - disse Jondalar, embora não tivesse intenção de ficar mais tempo do que o absolutamente necessário.

- É bom. Faça isso - falou Talut, levantando-se. - Nezzie me disse para certificar-me de que você tomaria sua sopa quente como refeição matinal. Ela colocou as últimas raízes boas nela.

Jondalar acabou de experimentar o calçado de Talut, levantou-se e se dirigiu à fogueira onde Mamut terminava uma tigela de sopa. Saudou o vello depois

pegou uma das tigelas empilhadas ali perto, e serviu-se. Sentou-se ao lado do feiticeiro, pegou sua faca de comida e espetou um pedaço de carne.

Mamut limpou sua tigela e pousou-a; depois virou-se para Jondalar - Não pude deixar de ouvir que pretende partir logo.

- Sim. Amanhã ou depois, assim que me aprontar.

- É cedo demais! - Eu sei. Talut disse que era uma época ruim para viajar, mas já viajei em épocas ruins antes.

- Não é isso que quero dizer. Deve ficar até o Festival de Primavera - falou, com absoluta seriedade.

- Sei que é uma grande ocasião, todo mundo fala a respeito, mas realmente preciso ir.

- Não pode. Não é seguro.

- Por quê? Que diferença farão mais alguns dias? Haverá ainda descongelamento e enchentes. - O jovem visitante não compreendia a insistência do velho para que ficasse para um festival que não tinha significado especial para ele.

- Jondalar, não tenho dúvidas de que você pode viajar com qualquer tempo. Eu não pensava em você, pensava em Ayla.

- Ayla? - falou Jondalar, a testa enrugada, enquanto seu estômago dava um nó. - Não entendo.

Tenho treinado Ayla em algumas práticas da Fogueira do Mamute, e planejo uma cerimônia especial para este Festival de Primavera com ela. Usaremos uma raiz que ela trouxe do Clã. Ela a usou uma vez... com a orientação do seu Mog-ur. Tenho experiência com várias plantas mágicas que podem levar a pessoa para o mundo espiritual, mas jamais utilizei esta raiz, e Ayla nunca a usou sozinha. Ambos tentaremos alguma coisa nova. Ela parece ter... algumas preocupações, e...

certas mudanças talvez fossem perturbadoras. Se partir, poderia haver um efeito imprevisível sobre Ayla.

Está dizendo que existe algum perigo para Ayla na cerimônia da raiz? - perguntou Jondalar, com os olhos cheios de aflição.

- Sempre existe algum elemento de perigo ao se lidar com o mundo espiritual - explicou o feiticeiro - mas ela viajou para lá sozinha, e se ocorrer novamente, sem orientação ou treinamento, poderia ficar desorientada. É por isto que a estou treinando, mas Ayla precisará da ajuda da queles que têm sentimentos por ela, amor por ela. É essencial que você esteja aqui.

- Por que eu? - disse Jondalar. - Não estamos... mais juntos. Há outros que têm sentimentos...

que amam Ayla. Outros que ela também ama.

O velho se levantou.

- Não lhe posso explicar, Jondalar. É uma sensação, uma intuição. Só posso dizer que quando o ouvi falar de partir, um pressentimento terrível, sombrio me atingiu. Não estou certo do que significa, mas eu... preferia... Não, falarei com mais firmeza. Não parta, Jondalar. Se você a ama, prometa-me que não irá embora senão depois do Festival de Primavera - disse Mamut.

Jondalar se levantou e olhou para o rosto velho, inescrutável do velho feiticeiro. Não era do seu feitio fazer um pedido assim, sem motivo, mas por que era tão importante que ele ficasse ali? O que Mamut sabia, que ele ignorava? O que quer que fosse, os temores de Mamut o encheram de apreensão. Não podia partir se Ayla corria perigo.

- Ficarei - disse. - Prometo que não partirei senão depois do Festival de Primavera.

Passaram-se alguns dias antes de Ayla voltar à cama de Ranec, embora não fosse porque ele não a tivesse encorajado. Foi difícil para ela recusá-lo à primeira vez que ele lhe pediu diretamente. Sua educação em criança havia sido tão firme que ela sentiu que fizera uma coisa terrivelmente errada quando dissera não, e quase

esperou que Ranec se zangasse. Mas ele encarou a recusa com compreensão e disse que sabia que ela precisava de algum tempo para pensar.

Ayla soubera sobre a longa caminhada de Jondalar na manhã seguinte, após sua noite com o escultor escuro, e desconfiou que tinha algo a ver com sigo. Era essa a maneira de Jondalar mostrar que ainda se importava com ela? Porém, Jondalar estava ainda mais distante. Ele a evitava sempre que era possível e falava somente quando necessário. Ela concluiu que devia estar enganada.

Jondalar não a amava. Ela ficou desolada quando, afinal, começou a aceitar isso, mas tentava não demonstrá-lo.

Em contrapartida, Ranec deixava totalmente claro que a amava. Continuou a pressioná-la para ir à sua cama e também a unir-se a ele em sua fogueira de uma maneira formalmente reconhecida; para ser sua mulher. Ela afinal consentiu em dividir a cama dele de novo, principalmente por causa de sua compreensão, mas não quis se comprometer a um relacionamento mais permanente. Passou várias noites com ele, mas depois resolveu afastar-se de novo, desta vez achando mais fácil recusar.

Sentia que tudo se movia depressa demais. Ele queria fazer o anúncio de sua Promessa no Festival de Primavera, que estava apenas a alguns dias de distância. Ela queria tempo para refletir sobre isso. Gostava dos prazeres com Ranec, ele era amoroso e sabia agradá-la, e ela gostava dele.

Gostava muito, na verdade, mas alguma coisa faltava. Ela o sentia como uma espécie indistinta de algo incompleto. Embora quisesse e desejasse amá-lo, não o amava.

Jondalar não dormia quando Ayla estava com Ranec, e a tensão começava a ficar aparente. Nezzie

achou que ele havia emagrecido mais, porém, nas roupas de Talut, que estavam folgadas nele, e com a barba de inverno não cuidada, era difícil dizer. Mesmo Danug notou que ele parecia cansado e abatido, e achou que conhecia a razão. Queria que houvesse alguma coisa que pudesse fazer para ajudar; gostava muito de Jondalar e Ayla, mas ninguém podia ajudar. Nem mesmo Lobo, embora o filhote o consolasse mais do que ele imaginava. Sempre que Ayla se ausentava da fogueira, o filhote procurava Jondalar. Isto fazia com que o homem não se sentisse sozinho em sua dor e rejeição. Também passava mais tempo com os cavalos, até dormia com eles, às vezes, para fugir das cenas dolorosas na habitação, mas resolveu manter-se afastado quando Ayla estava por perto.

Nos dias que se seguiram o tempo esquentou e tornou-se mais difícil, para Jondalar, evitá-la.

Apesar da neve enlameada e das cheias, ela cavalgava com mais freqüência e, embora ele tentasse esgueirar-se quando a via acercar-se do anexo, encontrou-se, várias vezes, balbuciando desculpas e saindo depressa após encontrá-la por acaso. Muitas vezes levava Lobo e, ocasionalmente, Rydag, cavalgando com ela mas, quando queria estar livre de responsabilidade, deixava o filhote aos cuidados do menino, para deleite de Rydag. Whinney e Racer estavam inteiramente familiarizados e à vontade com o filhote, e Lobo parecia gostar da companhia dos cavalos, quer estivesse sobre o dorso de Whinney com Ayla, ou correndo ao lado, tentando acompanhar a égua. Era um bom exercício e uma desculpa bem recebida para ela se afastar da habitação, que parecia pequena e restrita após o prolongado inverno, mas não podia escapar do turbilhão de seus fortes sentimentos, que girava à sua volta e em seu íntimo.

Ela havia começado a encorajar e dirigir Racer pela voz, assobio e si nais enquanto cavalgava Whinney, mas sempre que pensava que devia começar a acostumá-lo a carregar um cavaleiro, pensava em Jondalar e adiava a ação. Não era só uma decisão consciente como também uma tática de retardamento, e um desejo forte de que tudo, de alguma forma, desse certo como antes ela havia esperado, e de que Jondalar o treinasse e o montasse.

Jondalar pensava mais ou menos a mesma coisa. Num dos seus encontros casuais, Ayla o encorajara a levar Whinney para uma cavalgada, insistindo em que ela estava muito ocupada, e que a égua precisava de exercício depois de longo inverno. Ele havia esquecido a excitação pura que era correr ao vento sobre o dorso de um cavalo. E quando viu Racer avançando a seu lado, e depois saltando à frente de sua mãe, sonhou em cavalgar o jovem garanhão ao lado de Ayla e Whinney.

Embora normalmente pudesse conduzir a égua, achava que ela o tolerava simplesmente, e sempre se sentia pouco à vontade em relação a isso. Whinney pertencia a Ayla e, apesar de observar o garanhão castanho e possuir um afeto verdadeiro por ele, em seu pensamento Racer também era de Ayla.

À medida que o tempo esquentava, Jondalar pensava mais em partir. Resolveu seguir o conselho de Talut e pedir equipamento de viagem e roupas necessárias a Tulie por conta da aposta que ganhara.

Como o chefe havia sugerido, Tulie ficou encantada em pagar sua dívida tão facilmente.

Jondalar experimentava um cinto ao redor de sua nova túnica marrom-café, quando Talut entrou na área de cozinhar com passos largos. O Festival de Primavera seria dali a dois dias. Todos experimentavam adornos em preparação para o grande dia e relaxavam após banhos a vapor e um mergulho no rio gelado. Pela primeira vez desde que saíra de casa, Jondalar tinha excesso de roupa

bem-feita, lindamente adornada, assim como mochilas, tendas e outros equipamentos de viagem.

Ele sempre gostava de coisas de boa qualidade, e sua apreciação não era indiferente a Tulie. Ela suspeitara o tempo todo, e agora estava convencida, de que quem quer que os Zelandonii fossem, Jondalar vinha de pessoas de alto status.

- Parece que foi feita para você, Jondalar - falou Talut. - O trabalho em contas nos ombros cai muito bem.

- Sim, as roupas caem bem, e Tulie foi mais que generosa. Obrigado pela sugestão.

- Estou contente por você ter resolvido não partir imediatamente. Gostará da Reunião de Verão.

- Bem... ah... eu não... Mamut... - Jondalar lutava para encontrar palavras para explicar por que não havia partido como planejara.

- . . .e me certificarei para que seja convidado para a primeira caçada - continuou Talut, supondo que Jondalar havia ficado por causa de seu conselho e convite.

- Jondalar? - disse Deegie, um pouco de costas, pensei que era Darnev! - Caminhou e rodeou-o com um sorriso no rosto, examinando-o. Gostou do que viu. - Fez a barba - falou.

- É primavera, achei que era o momento - disse ele, sorrindo, os olhos dizendo a Deegie que ela também era atraente.

Ela ficou presa aos olhos azuis dele, a atração era irresistível; depois riu, achando que estava na hora de ele apresentar uma aparência limpa e vestir roupas decentes. Ele vinha parecendo tão negligente em sua barba hirsuta, malcuidada e roupas velhas de Talut, que ela esquecera quão atraente ele era.

- Jondalar, a roupa fica muito bem em você. Espere até chegar na Reunião de Verão. Um estranho sempre recebe muita atenção e acho que as mulheres Mamutoi

quererão fazer você se sentir muito bem acolhido - disse Deegie com sorriso provocante.

- Mas... - Jondalar desistiu de tentar explicar que não pretendia ir à Reunião de Verão com eles.

Poderia dizer-lhe mais tarde, quando partisse.

Experimentou outro traje depois que saíram, mais um adequado para viagem ou uso diário, depois saiu à procura da chefe para agradecer-lhe novamente, e lhe mostrar como as roupas caíam bem nele. Na área da entrada, encontrou Danug, Rydag e Lobo acabando de entrar. O rapaz segurava Rydag com um braço e Lobo com o outro. Tinham uma pele enrolada ao redor de si e os cabelos de ambos ainda estavam úmidos. Danug havia carregado o menino desde o rio, depois de seus banhos de vapor. Colocou ambos no chão.

- Jondalar, você está muito bem - disse Rydag por sinais. - Está pronto para o Festival de Primavera? - Sim. E você? - perguntou também por sinais.

- Tenho roupas novas também. Nezzie fez para mim, para o Festival - replicou Rydag, sorrindo.

- Para a Reunião de Verão também - acrescentou Danug. - Ela fez roupas novas para mim, e Latie e Rugie.

Jondalar notou que o sorriso de Rydag desapareceu quando Danug falou sobre a Reunião de Verão.

Ele não parecia esperar ansiosamente a grande reunião de verão, como os outros.

Quando Jondalar afastou a pesada cortina e saiu, Danug cochichou com Rydag, não querendo que suas palavras fossem ouvidas: - Devíamos ter-lhe dito que Ayla está lá fora? Todas as vezes que a vê, ele foge dela.

- Não. Ele quer vê-la. Ela quer vê-lo. Fazem sinais certos, dizem palavras erradas - assinalou Rydag.

- Tem razão, mas por que não vêem isso? Como fazer um e outro entenderem? - Esquecendo as palavras, fazendo sinais - replicou Rydag com seu sorriso diferente

do do Clã, depois pegou o filhote de lobo e carregou-o consigo para o interior da moradia.

Jondalar descobriu o que os garotos não lhe disseram no instante em que saiu. Ayla estava diante da entrada da frente com os dois cavalos. Ela acabara de dar Lobo a Rydag, para que o menino tomasse conta do animal, e ansiava por uma cavalgada longa, veloz, a fim de livrar-se da tensão que sentia. Ranec queria que concordasse antes do Festival de Primavera, e ela não se conseguia decidir. Esperava que o passeio a cavalo a ajudasse a pensar. Quando viu Jondalar, sua primeira reação foi oferecer-lhe a égua para montar, como havia feito antes, sabendo que ele adorava isso, e esperando que o amor de Jondalar pelos cavalos o trouxesse para mais perto dela. Mas ela queria montar. Estivera esperando por aquilo e estava pronta para o passeio.

Quando olhou para ele, de novo, tomou fôlego. Ele havia raspado a barba com uma de suas aguçadas lâminas de sílex, e parecia tanto com o homem que vivera com ela em seu vale no verão anterior, que seu coração martelou e o rosto corou. Ele reagiu aos seus sinais físicos com sinais próprios inconscientes, e a atração magnética de seus olhos a prendeu.

- Você tirou a barba - disse ela.

Sem perceber, ela falara em Zelandonii. Ele demorou um pouco para compreender o que estava diferente, depois não pôde deixar de sorrir. Não ouvia sua língua havia muito tempo. O sorriso a encorajou, e um pensamento ocorreu a ela.

- Eu ia sair com Whinney e tenho pensado que alguém precisa começar a acostumar Racer a um cavaleiro. Por que não vem comigo e tenta montá-lo? É um bom dia para isso. A neve quase desapareceu, capim novo está brotando, mas o solo ainda não está tão duro, para o caso de alguém cair - disse ela, apressando-se,

antes que alguma coisa acontecesse que o fizesse mudar e ficar distante outra vez.

- Bem... não sei - Jondalar hesitou. - Pensei que você quereria montá-lo primeiro.

Ele está acostumado a você, Jondalar, e não importa quem o monte primeiro, ajudaria ter duas pessoas- Uma pode acalmá-lo e mantê-lo parado enquanto a outra monta.

- Suponho que esteja certa - disse ele, enrugando a testa. Não sabia se devia sair para as estepes com ela, mas não sabia como recusar e queria montar o cavalo. - Se quer realmente que eu monte, acho que posso fazê-lo.

- Vou buscar o cabresto e a rédea que fez para ele - disse Ayla, correndo para o anexo antes que ele mudasse de idéia. - Por que não começa a subir a encosta com eles? Ele começou a pensar melhor, porém ela havia desaparecido antes de ele poder reconsiderar.

Chamou os cavalos e começou a subirem direção às largas planícies à sua frente. Ayla os alcançou quando chegavam ao topo.

Ela levava uma mochila e um saco de água, além do cabresto e uma corda. Quando atingiram as estepes, Ayla conduziu Whinney a um montículo que ela havia usado antes, quando deixava alguns membros do Acampamento do Leão, principalmente os mais jovens, cavalgar a égua. Com um salto treinado, ela montou no animal cor de feno.

- Suba, Jondalar. Podemos cavalgar juntos.

- Cavalgar juntos! - exclamou ele, quase em pânico. Não havia pensado em cavalgar com ela, e estava pronto para fugir.

- Só até encontrarmos uma boa faixa aberta de solo plano. Não podemos tentar aqui. Racer talvez corresse ravina adentro ou escorregasse encosta abaixo - falou ela.

Ele se sentiu preso. Como poderia dizer que não cavalgaria com ela por uma distância curta? Caminhou até o montículo e cuidadosamente sentou-se à égua com uma perna de cada lado, tentando recuar e evitar tocar em Ayla. No instante em que ele montou, ela guiou Whinney num trote rápido.

Não havia meio de evitar. Embora ele tentasse, no cavalo saltitante, não podia impedir de escorregar para perto dela. Sentia-lhe a calidez do corpo através da roupa, cheirava o odor agradável e leve das flores secas para limpeza que ela usava ao lavar-se, misturado a seu aroma feminino familiar. A cada passo da égua, ele sentia-lhe as pernas, os quadris, as costas pressionados contra si, e sentia seu membro dilatar em resposta. Sua cabeça girava, e lutou consigo mesmo para não beijá-la ao pescoço, ou estender a mão ao redor da mulher e segurar um dos seios firmes e fartos.

Por que havia ele concordado com aquilo? Por que não recusara? Que diferença faria se ele montasse Racer, um dia? Jamais cavalgariam juntos. Ele ouvira as pessoas falando; Ayla e Ranec iam anunciar sua promessa no Festival de Primavera e, depois, ele partiria e iniciaria sua longa jornada para casa.

Ayla fez sinal à égua para parar.

- O que acha, Jondalar? Lá está uma boa faixa plana.

- Sim, parece boa - disse ele depressa, e passando a perna por trás do animal, saltou ao chão.

Ayla ergueu a perna sobre a égua e escorregou para o lado oposto. Ela respirava depressa, o rosto estava corado, os olhos cintilantes. Havia sentido profundamente o odor do homem, derretido na calidez do corpo, e estremecido ao sentir o membro duro, quente. Pude sentir a necessidade dele, pensou ela. Por que ele estava com tanta pressa de se afastar de mim? Por que ele não me quer? Por que não me ama mais? Em

lados opostos da égua, ambos tentavam se recompor. Ayla assobiou para Racer, um assobio diferente do que ela usava para chamar Whinney, e quando ela o acariciou e coçou, e lhe falou, estava pronta para encarar Jondalar novamente.

- Quer colocar o cabresto nele? - perguntou ela, conduzindo o jovem garanhão para uma pilha de ossos grandes que havia visto.

- Não sei. O que você faria? - perguntou ele, também controlado agora, e começando a ficar excitado em relação a cavalgar o cavalo.

- Nunca usei nada para guiar Whinney, exceto a forma como me movia, mas Racer está acostumado a ser conduzido pelas correias. Acho que as usaria - disse ela.

Ambos colocaram o cabresto em Racer. Sentindo alguma coisa diferente, ele estava mais agitado que o normal, e eles o alisaram e afagaram para tranquilizá-lo. Empilharam dois ossos de mamute para que Jondalar tivesse alguma coisa onde ficar em pé a fim de montar, depois levaram o cavalo para o seu lado. Por sugestão de Ayla, Jondalar esfregou-lhe o pescoço, dorso e pernas, e inclinou-se sobre ele, coçando-o e acariciando-o, e fazendo com que se familiarizasse, totalmente, ao toque do homem.

- Quando subir nele pela primeira vez, segure-o ao redor do pescoço. Talvez empine para tentar atirá-lo ao chão - disse Ayla, dando um conselho de última hora. - Mas ele se habituou a carregar um fardo quando voltou do vale para cá; assim, talvez não demore muito a se habituar com você. Segure a correia, para que não caia no solo e o faça tropeçar, mas eu o deixaria correr para onde quisesse até se cansar. Seguirei montada em Whinney. Está pronto? - Acho que sim - respondeu ele, sorrindo nervosamente.

Jondalar ficou de pé sobre os grandes ossos, inclinou-se para o animal peludo, robusto, falando-lhe,

enquanto Ayla segurava-lhe a cabeça. Depois, passou uma das pernas por seu dorso, acomodou-se e passou os braços pelo pescoço. Quando o garanhão sentiu o peso, abaixou as orelhas para trás.

Ayla o soltou. Ele saltou sobre as patas traseiras uma vez e depois arqueou o dorso tentando deslocar o fardo, mas Jondalar se manteve firme. Em seguida, fazendo jus ao nome, o jovem garanhão partiu num galope rápido pelas estepes.

Jondalar semicerrou os olhos no vento frio e sentiu uma enorme onda de puro júbilo. Viu o terreno toldar-se sob si, e não conseguiu acreditar. Na verdade, cavalgava o garanhão agora, e era exatamente tão excitante quanto ele havia imaginado. Fechou os olhos e sentiu a força enorme dos músculos juntando-se e retesando-se sob ele, e uma sensação de assombro mágico o inundou, como se pela primeira vez na vida partilhasse a maravilha e criação da Própria Grande Mãe Terra.

Sentiu o jovem garanhão cansando-se e, ouvindo outros ruídos de cascos, abriu os olhos para ver Ayla e Whinney correndo a seu lado. Sorriu, encantado e deleitado para Ayla, e o sorriso que ela lhe devolveu fez seu coração bater mais depressa. Tudo o mais se tornou insignificante naquele momento. Todo o mundo de Jondalar era uma cavalgada inesquecível no dorso de um garanhão veloz, e o sorriso dolorosamente bonito no rosto da mulher que ele amava.

Afinal, Racer reduziu a marcha, depois parou. Jondalar desmontou de um salto. O garanhão tinha a cabeça pendendo até quase o solo, as patas separadas, os flancos elevando-se enquanto respirava com dificuldade. Whinney parou e Ayla saltou ao chão. Pegou alguns pedaços de couro macio em sua mochila, deu um a Jondalar para passar no animal suado, depois ela fez o mesmo em Whinney.

Os dois animais exaustos se encostaram um ao outro em busca de tranqüilidade.

- Ayla, enquanto eu viver, jamais esquecerei essa cavalgada - falou Jondalar.

Havia muito tempo que ele não relaxava tanto, e ela sentiu sua excitação. Olharam um para o outro, sorriram, riram, partilhando o momento maravilhoso. Sem pensar, ela ergueu a cabeça para beijá-lo, ele começou a corresponder, depois, de repente, lembrou-se de Ranec. Enrijeceu, retirou os braços dela do seu pescoço.

- Não brinque comigo, Ayla - disse ele, a voz rouca, controlada enquanto a afastava.

- Brincar com você? - disse ela, a mágoa enchendo-lhe os olhos.

Jondalar fechou os seus, cerrou os dentes, estremeceu com o esforço para tentar se controlar. Então, de súbito, como barragem de gelo cedendo... era demais. Ele a agarrou, beijou-a, um beijo rude, desesperado, que machucava a boca. No instante seguinte ela estava ao chão, as mãos de Jondalar sob sua túnica, puxando o cordão.

Ela tentou ajudá-lo, desamarrar a roupa para ele, mas Jondalar não foi capaz de esperar.

Impacientemente, agarrou a cintura de suas macias pernas de couro com as duas mãos e, com a força de paixão negada, que não mais podia ser negada, ela ouviu o ruído da roupa sendo rasgada nas costuras. Ele lutou com a abertura de suas calças; depois, estava sobre ela, selvagem em seu frenesi, enquanto seu dardo palpitante, duro, procurava e sondava.

Ela estendeu a mão para ajudá-lo, sentindo a própria excitação crescer enquanto ela compreendia o que ele queria desesperadamente. Mas, o que o impelia a uma fúria tão ardente? O que lhe causava tal necessidade e ânsia? Será que não conseguia ver que ela

estava pronta para ele? Ela estivera pronta para ele por todo o inverno. Nunca houve um momento em que não estivesse pronta para ele. Como se o seu corpo tivesse sido treinado desde a infância para responder à necessidade dele, ao sinal dele, ele tinha apenas que querê-la para que ela o quisesse. Aquilo era tudo o que ela esperara. Lágrimas de carência e amor estavam em seus olhos; ela havia esperado muito tempo para que ele a quisesse novamente.

Com uma paixão tanto tempo negada quanto a dele, ela se abriu para ele, acolheu-o, deu-lhe o que ele pensou que tomava. Vibrou com a sensação do membro extenso e firme procurando suas profundezas, enchendo-a. Ele recuou e ela ansiou que ele voltasse, a enchesse de novo. Ela avançou ao encontro dele quando ele investiu outra vez; ela comprimiu-se contra a lança quente, sentiu bem no fundo de si um palpitar crescer. Ela arqueou as costas para sentir o movimento de Jondalar, para pressionar seu local de prazer contra ele, para encontrá-lo mais uma vez.

Ele gritou com a alegria inacreditável de possuí-la. Ele se sentira assim desde a primeira vez. Os dois se ajustavam, combinavam, a profundidade de Ayla com o tamanho dele, como se ela fosse feita para ele, e ele para ela. Ó Mãe! Ó Doni! Como ele sentira falta de Ayla! Como ele a havia querido, como ele a amava! Ele penetrou, sentiu a sua carícia úmida e cálida envolvê-lo, tomá-lo, estender-se em busca de mais até seu membro hirto enterrar-se nela.

Ondas enormes de prazer o inundaram, em movimentos combinados com os seus próprios. Ele mergulhou de novo, e outra vez, enquanto ela se estendia para ele, ansiava por ele, desejava-o. Com desembaraço selvagem, sem restrições, ele voltou, e voltou para ela, mais depressa, e ela o acolheu todas as vezes, sentiu sua tensão crescer com a dele até o cume,

o clímax, a última onda de prazer quebrar-se sobre os dois.

Ele descansou sobre ela, no meio das estepes descampadas, desabrochando com vida nova. Depois, de repente, ele a apertou, enterrou a cabeça em seu pescoço e gritou seu nome.

- Ayla, oh, minha Ayla, minha Ayla! Beijou-lhe o pescoço, a boca e um dos olhos fechados. Então parou, tão abruptamente quanto começou. Ergueu o corpo e olhou para ela.

- Está chorando! Eu a magoei! O Grande Mãe, o que fiz? - disse ele. Ficou de pé em um salto e abaixou os olhos para ela, jazendo no solo nu, as roupas rasgadas. - Doni. Ó Doni, o que fiz? Eu a forcei. Como pude fazer isso? Com ela, que só conheceu este sofrimento no início. Agora, eu a fiz sofrer. Ó Doni! Ó Mãe! Como me deixou fazer isso? - Não, Jondalar! - exclamou Ayla, sentando-se. - Está tudo bem, você não me magoou.

Mas ele não a ouvia. Virou-lhe as costas, incapaz de olhar para ela, e se compôs. Não podia voltar.

Afastou-se, zangado consigo mesmo, cheio de vergonha e remorso. Se não podia confiar em si mesmo para não magoar Ayla, teria que ficar longe dela e certificar-se de que ela permanecesse distante dele. Ela tem razão em escolher Ranec, pensou. Não a mereço. Ele a ouviu levantar-se e dirigir-se aos cavalos. Então, ouviu-a caminhar na direção dele e sentiu a mão dela em seu braço.

- Jondalar, você não...

Ele deu meia-volta.

- Fique longe de mim! gritou, cheio de cólera culpada contra si Ela recuou. Agora, o que ela tinha feito de errado? - Jondalar...? - disse, de novo, dando um passo na direção dele.

- Fique longe de mim! Não ouviu? Se não ficar longe de mim, talvez eu perca o controle e force você

novamente! - As palavras soaram como ameaça.

- Não me forçou, Jondalar - disse ela quando ele se voltou e se afastou com passos largos. - Não pode me forçar. Não existe momento em que eu não esteja pronta para você...

Mas os pensamentos de Jondalar estavam cheios de remorso e ódio por si mesmo, e não a ouviu.

Ele continuou andando, de volta ao Acampamento do Leão. Ela o viu afastar-se, tentando resolver sua confusão durante algum tempo. Depois, voltou até os cavalos. Pegou o cabresto de Racer e, segurando-se à crina ereta de Whinney, montou a égua e alcançou Jondalar rapidamente.

Não vai caminhar até lá, vai? - perguntou ela.

Ele não respondeu a princípio, nem sequer se virou para olhá-la. Se mesmo.

ela imaginava que ele iria montar Whinney junto a ela de novo... pensou, quando ela parou ao seu lado. Com o rabo do olho, ele viu que ela conduzia o jovem garanhão atrás de si, e finalmente virou-se para encará-la.

Olhou-a com ternura e desejo. Ela parecia mais atraente, mais desejável, e ele a amava mais que nunca, agora que tinha certeza de que havia estragado tudo. Ela ansiava por estar perto dele, por lhe dizer como fora maravilhoso, como ela se sentia realizada e completa, como ela o amava. Mas ele ficara tão zangado, e ela estava tão confusa, que não sabia o que dizer.

Eles se fitaram, desejando-se, atraídos mutuamente, mas seu grito si lencioso de amor não foi ouvido nem no bramido do mal-entendido, nem no ruído de crenças culturalmente arraigadas.

Ao longo do caminho, ela derramou água em suas grandes tigelas, pegou os panos de couro macio e começou a esfregar Whinney novamente. Ela colocou logo os braços ao redor da égua, encostando-se nela, sua

testa sobre o pescoço peludo da velha amiga, a única amiga que tivera quando vivia no vale. Racer logo se encostou nela, e ela ficou presa entre os dois animais, porém a pressão familiar consolava.

Acho que devia voltar montado em Racer - disse Ayla. - É muito distante para andar.

Muito distante, pensou ele. Quanto tinha ele caminhado desde seu lar? Mas concordou com um gesto de cabeça e seguiu-a até uma rocha ao lado do riacho. Racer não estava acostumado a ter cavaleiros. Ainda era melhor acalmá-lo gentilmente. As orelhas do garanhão foram para trás e ele fez algumas cabriolas, mas acalmou-se depressa e acompanhou a mãe como havia feito muitas vezes antes.

Eles não falaram no trajeto de volta e, quando chegaram, ficaram contentes porque as pessoas estavam no interior da habitação, ou fora, mas a uma certa distância dela. Nenhum dos dois tinha vontade de conversar casualmente. Assim que pararam, Jondalar desmontou e dirigiu-se à entrada da frente. Ele se virou quando Ayla entrava no anexo, achando que devia dizer alguma coisa.

- Hum... Ayla? Ela parou e levantou a cabeça.

- Sabe, eu fui sincero. Jamais esquecerei esta tarde. Quero dizer, o passeio a cavalo. Obrigado.

- Não me agradeça, Jondalar. Agradeça a Racer.

- Sim, bem, Racer não fez tudo sozinho.

- Não, você o fez comigo.

Ele começou a dizer alguma coisa, depois mudou de idéia, franziu a testa, abaixou a cabeça e atravessou a arcada da frente.

Ayla fitou, um pouco, o local onde ele estivera, fechou os olhos e lutou para engolir um soluço que ameaçava uma torrente. Quando ela recuperou o controle, entrou. Embora os cavalos tivessem bebido água de riachos ao longo do caminho, ela deu-lhes Água.

Capítulo 27

Mamut vira Jondalar entrar pela frente e ouviu Ayla e os animais no anexo. Teve a impressão clara de que alguma coisa estava muito errada. Quando ele a viu entrar na Fogueira do Mamute, sua aparência desgrenhada o fez perguntar-se se ela havia caído e se machucado, porém era mais que isso. Alguma coisa a perturbava. Da sombra de seu estrado, ele a observou. Ela trocou de traje e ele notou-lhe a roupa rasgada. Algo devia ter acontecido. Lobo entrou correndo, seguido por Rydag e Danug, que orgulhosamente exibiu uma bolsa, como rede, cheia de peixes. Ayla sorriu e cumprimentou os pescadores, mas assim que se dirigiram à Fogueira do Leão para ali deixar os seus peixes e receberem mais elogios, ela pegou o lobinho ao colo e balançou-o para a frente e para trás. O velho ficou preocupado. Levantou-se e se aproximou do estrado-cama de Ayla.

- Eu gostaria de repetir o ritual do Clã com a raiz - disse. - Só para ter certeza de que fazemos tudo certo.

- O quê? -- disse ela, os olhos fixos nele. - Oh... se quer, Mamut.

- Colocou Lobo em sua cesta, mas ele saltou para fora imediatamente e foi para a Fogueira do Leão em busca de Rydag. Não estava com vontade de descansar.

Ela estivera, obviamente, absorta em algum pensamento que a deixava infeliz. Parecia que estivera chorando, ou a ponto de chorar.

- Você disse - começou ele, tentando fazê-la falar, e talvez desabafar - que Iza contou-lhe como preparar a bebida.

- Sim.

- E ela lhe disse como preparar-se. Tem tudo do que precisa? - É necessário purificar-me. Não tenho

exatamente as mesmas coisas, é uma estação diferente, mas posso usar outras coisas para me limpar.

- Seu Mog-ur, Creb, controlava a experiência para você? Ela hesitou: - Sim.

- Ele deve ter sido muito poderoso.

- O Urso da Caverna era o seu totem. Escolheu-o, deu-lhe poder - Havia outros envolvidos no ritual com a raiz? Ayla manteve a cabeça ereta, depois sacudiu-a, concordando.

Havia alguma coisa que ela não lhe contara, pensou Mamut, perguntando-se se era importante.

- Eles o ajudavam a controlá-la? - Não. A força de Creb era maior do que de todos eles. Eu sabia, eu sentia isso.

- Como podia sentir, Ayla? Jamais me contou. Pensei que as mulheres do Clã eram proibidas a participar dos rituais mais profundos.

Ela tornou a abaixar os olhos.

- Elas são - murmurou.

Ele ergueu o queixo de Ayla: - Talvez deva me falar sobre isso, Ayla.

Ela concordou com um gesto de cabeça.

- Iza jamais me mostrou como fazer, ela disse que era algo sagrado demais para ser desperdiçado em treinamento, mas tentou me contar exatamente como agir. Quando chegamos à Reunião de Clãs, os mog-urs não queriam que eu preparasse a bebida para eles. Disseram que eu não era do Clã. Talvez tivessem razão - ajuntou Ayla, abaixando a cabeça de novo.

- Mas não havia outra pessoa.

Suplicava ela compreensão? pensou Mamut.

- Acho que preparei a bebida forte demais, ou fiz quantidade demasiada. Eles não beberam tudo.

Mais tarde, depois da datura e da dança das mulheres, eu a encontrei. Eu estava tonta, tudo o que pude pensar foi que lia dissera que era sagrada demais

para desperdiçar. Assim, bebi. Não lembro o que aconteceu depois disso e, no entanto, jamais esquecerei. De certa forma, encontrei Creb e os mog-urs, e ele me levou de volta até o início das lembranças. Recordo a brisa da água quente do mar, a escavação de argila... o Clã e os Outros, ambos viemos dos mesmos inícios, sabia disso? - Não estou surpreso - disse Mamut, pensando quanto ele teria dado por aquela experiência.

- Mas eu tinha medo também, especialmente antes de Creb me descobrir, e guiar-me. E... desde então, não... sou a mesma. As vezes meus sonhos me assustam. Acho que ele me mudou.

Mamut concordava, balançando a cabeça.

- Isso poderia explicar - falou. - Eu me perguntava como você podia fazer tanta coisa sem treinamento.

- Creb também mudou. Durante longo tempo não foi a mesma coisa entre nós. Comigo, ele viu uma coisa que nunca vira antes. Eu o magoei, não sei como, mas magoei - disse Ayla, enquanto as lágrimas se avolumavam.

Mamut a abraçou enquanto ela chorava baixinho em seu ombro. De pois, as lágrimas ameaçaram tornar-se um dilúvio e ela soluçou e estremeceu de tristeza mais recente. Sua infelicidade por causa de Creb trouxe lágrimas que estivera contendo, as lágrimas de sua tristeza, confusão e amor frustrado.

Jondalar estivera observando da fogueira de cozinhar. Quisera acompanhá-la, desculpar-se de alguma forma, e tentava pensar no que dizer a Mamut quando a conversa com Ayla terminasse.

Quando viu Ayla chorando, teve certeza de que ela contara ao velho feiticeiro. O rosto de Jondalar queimava de vergonha. Não podia deixar de pensar sobre o incidente nas estepes, e quanto mais pensava, mais a coisa piorava.

E depois, disse a si mesmo, tudo o que você fez foi afastar-se. Nem sequer tentou ajudá-la, nem mesmo lhe disse que lamentava, ou como se sentia mal. Jondalar se odiou e quis ir embora, arrumar tudo e partir, e não enfrentar Ayla ou Mamut, ou qualquer pessoa de novo, mas havia prometido a Mamut que ficaria até depois do Festival de Primavera. Mamut já deve pensar que sou desprezível, refletiu. Não cumprir uma promessa seria tão pior assim? Mas era mais do que a promessa o que o detinha. Mamut havia dito que Ayla talvez corresse perigo, e não importava o quanto se odiava, o quanto queria fugir, não podia deixar Ayla enfrentar qualquer perigo sozinha.

- Sente-se melhor agora? - perguntou Mamut quando ela se sentou e enxugou os olhos.

- Sim.

E não foi ferida? Ayla ficou surpresa com a pergunta. Como ele sabia? - Não, de modo algum, mas ele pensa que sim. Eu gostaria de poder compreendê-lo - falou ela, as lágrimas ameaçando rolar de novo. Depois, esforçou-se para sorrir. - Eu não chorava tanto quando vivia com o Clã. Eles ficavam inquietos. Iza achava que eu tinha olhos fracos, porque ficavam cheios d'água quando eu estava triste, e sempre os tratava com medicamentos especiais quando eu chorava. Eu costumava perguntar-me se era apenas eu, ou se todos os Outros tinham olhos lacrimosos.

- Agora, você sabe. - Mamut sorriu. - As lágrimas nos foram dadas para aliviar a dor. A vida nem sempre é fácil.

- Creb costumava dizer que um totem poderoso nem sempre é de convivência fácil. Ele estava certo. O Leão da Caverna dá proteção firme, mas também faz testes difíceis. Sempre aprendi com eles, e sempre fui grata, mas não é fácil.

- Mas é necessário, acredito. Você foi escolhida para uma finalidade especial.

- Por que, Mamut? - gritou Ayla. - Não quero ser especial. Quero ser apenas uma mulher, encontrar um companheiro, e ter filhos, como qualquer outra.

- Você deve ser o que deve ser, Ayla. É o seu fado, o seu destino. Não teria sido escolhida se não fosse capaz de realizá-lo. Talvez seja uma coisa que só uma mulher pode fazer, mas não fique infeliz, menina. Sua vida não será apenas provas e testes. Haverá muita felicidade também. Talvez não resulte apenas no que deseja, ou no que acha que deveria ser.

- Mamut, o totem de Jondalar é o Leão da Caverna também, agora. Ele foi escolhido e marcado, como eu. - Suas mãos, inconscientemente, se estenderam para as cicatrizes em sua perna, mas estava coberta pelas perneiras. - Achei que ele estava escolhido para mim, porque uma mulher com um totem poderoso precisa ter um homem com um totem poderoso também. Agora, não sei.

Acha que ele será meu companheiro? - A Mãe é quem decide, e não importa o que você fizer, não mudará isso. Mas se ele foi o escolhido, deve haver uma razão.

Ranec soube que Ayla havia saído para cavalgar com Jondalar. Ele também fora pescar com alguns dos outros, mas preocupou-se o dia inteiro com que o homem alto, atraente, pudesse reconquistá-la.

Jondalar, com as roupas de Darnev, era uma figura arrebatadora, e o escultor, com sua sensibilidade estética bem desenvolvida, estava bastante consciente da atração inegável do visitante, particularmente para as mulheres. Ficou aliviado ao ver que ainda estavam separados e pareciam tão distantes quanto nunca antes mas, quando ele pediu a Ayla para dormir com ele, ela replicou que estava cansada. Ele sorriu e lhe disse para

descansar, satisfeito por ver que ela estava, ao menos, dormindo sozinha, já que não dormiria com ele.

Ayla não estava tão cansada quanto emocionalmente exausta quando foi para a cama e jazeu acordada durante longo tempo, refletindo. Estava contente porque Ranec não se encontrava na habitação quando ela e Jondalar regressaram, e grata porque ele não se zangara quando ela o recusara - ainda esperava cólera, e castigo por ousar desobedecer. Mas Ranec não era exigente, e sua compreensão quase a fez mudar de idéia.

Ela tentou compreender o que havia acontecido e, mais ainda, seus sentimentos a respeito. Por que Jondalar a havia tomado, se não a queria? E por que fora tão rude com ela? Fora quase como Broud. Depois, por que ela estava tão pronta para Jondalar? Quando Broud a tinha forçado, fora uma provação. Era amor? Sentia prazeres porque o amava? Mas Ranec a fazia sentir prazeres, e ela não o amava. Ou amava? Talvez amasse, de certa forma, mas não era esse o caso. A impaciência de Jondalar fazia a experiência parecer-se com a de Broud, mas não era a mesma coisa. Ele foi rude e ansioso, mas não a forçara. Ela sabia a diferença. Broud quisera apenas feri-la, e obrigá-la a ceder. Jondalar a queria, e ela respondeu profundamente, com cada partícula de seu ser, e se sentiu satisfeita e completa. Ele a teria forçado se ela não o quisesse? Não, pensou, não teria.

Estava convencida de que, se fizesse objeção, ele teria parado. Mas ela não objetou, ela o acolheu bem, desejando-o, e ele devia tê-lo sentido.

Ele a desejava, mas a amava? Só porque queria partilhar prazeres com ela não significava que ele ainda a amava. Talvez o amor pudesse tornar os prazeres melhores, mas era possível ter uma coisa sem outra. Ranec lhe mostrou isso. Ranec a amava, ela não tinha

dúvidas sobre isso. Ele queria unir-se a ela, queria fixar-se com ela, queria filhos seus. Jondalar jamais lhe pedira para se unir a ele, jamais dissera que queria filhos dela.

No entanto, ele a tinha amado, um dia. Talvez ela sentisse prazeres porque ela o amava, embora ele não a amasse mais. Porém ele a desejava ainda, e a possuía. Por que fora tão frio depois? Por que a rejeitara de novo? Por que deixara de amá-la? Antes, ela pensava que o conhecia. Agora, não o compreendia, de modo algum. Rolou sobre si mesma e enroscou-se em uma bola apertada, e chorou silenciosamente outra vez, chorou por querer que Jondalar a amasse novamente.

- Estou contente por ter convidado Jondalar para a primeira caçada de mamute - disse Talut a Nezzie quando se retiraram para a Fogueira do Leão. - Ele tem andado tão ocupado fazendo aquela lança toda noite, que acho que quer ir, realmente.

Nezzie olhou para ele, erguendo uma das sobrelanceiras e sacudindo a cabeça.

- A caçada de mamutes é a coisa em que menos pensa - disse ela. Depois, enfiou a pele ao redor da cabeça loura adormecida de sua filha mais nova, e sorriu com ternura para o vulto de menina- mulher da filha mais velha, aninhada ao lado da mais nova. - No próximo inverno, teremos que pensar em um local separado para Latie. Ela será uma mulher, mas Rugie sentirá sua falta.

Talut olhou para trás e viu o visitante raspando tascas de sílex enquanto tentava ver Ayla através das fogueiras intermediárias. Quando não conseguiu, olhou para a Fogueira da Raposa. Talut virou a cabeça e viu Ranec deitar-se sozinho, mas também ele olhava para a cama de Ayla. Provavelmente, Nezzie tem razão, pensou Talut.

Jondalar havia ficado acordado até a última pessoa deixar a área de cozinhar, trabalhando em uma comprida lâmina de sílex que ele proveria de cabo resistente, da

mesma maneira que Wymez fazia, aprendendo a fabricar uma lança de caçar mamutes dos Mamutoi, fazendo, primeiro, uma cópia exata de uma. A parte de sua mente que estava sempre ciente das nuances de sua profissão já havia tido idéias para aprimoramentos possíveis ou, ao menos, experimentos interessantes, mas o trabalho era um processo familiar que exigia sua pouca concentração, o que era igualmente bom.

Ele não conseguia pensar em nada a não ser Ayla, e usava apenas o seu trabalho como uma forma de evitar companhia e conversa, e para ficar sozinho com os seus pensamentos.

Sentiu grande alívio quando a viu ir para sua cama sozinha, mais cedo; achava que não suportaria vê-la na cama de Ranec. Cuidadosamente, dobrou suas roupas novas, depois enfiou-se entre peles de dormir novas, espalhadas sobre seu velho cilindro de viagem. Colocou as mãos atrás da cabeça e fitou o teto familiar demais da área de cozinhar. Havia permanecido acordado muitas noites, examinando-o. Ainda sofria de remorso e vergonha, mas não, naquela noite, da dor ardente da necessidade, e tanto quanto se odiava por isso, lembrava-se do prazer da tarde. Refletiu a respeito, cuidadosamente recordando cada instante, examinando os detalhes em sua mente, saboreando devagar, agora, o que ele não tivera tempo de analisar antes.

Estava mais relaxado do que desde a adoção de Ayla e mergulhou num cochilo parcial, meditando no sonho. Havia ele imaginado que ela estivera tão ansiosa? Com certeza, ela não podia desejá-lo tanto. Será que ela havia realmente correspondido a tal sentimento? Procurando alcançá-lo, como se o desejasse tanto quanto ele a desejava? Sentiu uma tensão na virilha ao pensar nela de novo, em penetrá-la, em sua calidez profunda envolvendo-o completamente. Mas a necessidade era mais simples, mais parecida a um êxito passado e

ardente, não a dor vigorosa que magoava e que era uma combinação de desejo reprimido, amor imenso e ciúme forte. Ele pensou em satisfazê-la - adorava lhe dar prazer - e começou a levantar-se para ir procurá-la de novo.

Foi somente quando afastou a coberta e sentou-se, quando começou a agir de acordo com a urgência trazida à tona por suas meditações, seus devaneios íntimos, que as conseqüências da tarde o atingiram. Não podia ir para a cama de Ayla. Nunca. Jamais poderia tocá-la. Ele a havia perdido.

Não era mais uma questão de escolha. Ele destruíra qualquer chance que tivera de ela o escolher.

Ele a possuía à força, contra a vontade dela.

Sentando-se em suas peles de dormir, com os pés num capacho e os cotovelos apoiados sobre os joelhos dobrados, segurou a cabeça abaixada e sentiu a agonia da vergonha. Seu corpo estremeceu em náusea silenciosa de nojo. De todas as coisas desprezíveis que ele fizera em sua vida, aquele ato anormal era, de longe, o pior.

Não havia abominação pior, nem sequer o filho de espíritos mistos, ou a mulher que deu à luz a um, do que um homem que tomava uma mulher contra a vontade dela. A Grande Mãe Terra censurava-o, proibia-o. Tinha-se apenas que observar os animais de Sua criação para saber quão anormal era.

Nenhum macho jamais possuía a fêmea contra sua vontade.

Na época propícia, talvez os veados lutassem um contra o outro para ter o privilégio de satisfazer as corças, mas quando o macho tentava possuir a fêmea, ela precisava apenas de se afastar, se não o quisesse. Ele podia tentar e tentar, mas era necessário que ela o permitisse, tinha que estar disposta.

Ele não podia forçá-la. Era a mesma coisa com todos os animais. A loba ou a leoa convidavam o macho que escolhiam. Esfregavam-se nele, passando-lhe o odor tentador diante do focinho, e moviam o rabo para o lado quando ele montava. Porém, a fêmea se encolerizava se qualquer macho tentasse cruzar contra a vontade dela. Ele pagava caro por sua audácia. Um macho podia ser persistente, mas a escolha era sempre da fêmea. Era assim que a Mãe queria que fosse. Somente o homem forçava uma mulher, apenas o homem anormal, abominável.

Aqueles Que Serviam a Mãe tinham dito muitas vezes a Jondalar que ele era favorecido pela Grande Mãe Terra e todas as mulheres sabiam disso. Nenhuma mulher podia rejeitá-lo, nem mesmo a Própria Mãe. Essa era sua dádiva. Mas mesmo Doni lhe daria as costas agora. Ele não pedira a Doni, nem a Ayla, nem a ninguém. Ele a forçara, possuindo-a contra sua vontade.

Entre o povo de Jondalar, qualquer homem que cometesse tal perversão era evitado, ou pior.

Durante sua infância, os meninos conversavam entre si sobre serem dolorosamente castrados.

Embora ele jamais conhecesse alguém que o tivesse sido, acreditava que era um castigo adequado.

Agora, era ele que devia ser punido. No que estivera pensando? Como pudera fazer tal coisa? E você se preocupava com ela não ser aceita, disse a si mesmo. Temia que fosse rejeitada, e não tinha certeza se poderia suportar isso. Quem seria rejeitado agora? O que pensariam de você, se soubessem? Especialmente depois do que acontecera antes. Nem mesmo Dalanar o aceitaria agora.

Ele o expulsaria de sua fogueira, o afastaria, desprezaria todos os laços. Zolena ficaria horrorizada também. Marthona... odiava pensar como sua mãe se sentiria.

Ayla estivera conversando com Mamut, devia ter contado a ele, com certeza, por isto, ela havia chorado. Inclinou a testa contra os joelhos e cobriu a cabeça com os braços. Ele merecia qualquer coisa que fizessem com ele. Ficou sentado, curvado, durante algum tempo, imaginando os castigos terríveis que lhe imporiam. Chegou até a desejar que fizessem alguma coisa horrível com ele para aliviá-lo do fardo de culpa que lhe pesava agora.

Mas, finalmente, a razão prevaleceu. Ele compreendeu que ninguém lhe havia dito uma palavra sobre o caso durante toda a noite. Mamut até lhe falou do Festival de Primavera, e não abordou o assunto. Então, por que Ayla estivera chorando? Talvez chorasse por causa daquilo, mas nada tivesse dito. Ergueu a cabeça e olhou através das fogueiras escuras na direção de Ayla. Seria possível? De todas as pessoas, ela teria mais direito do que nenhuma de reivindicar uma compensação. Ela já havia tido mais do que uma cota justa de atos anormais, ao ser obrigada por aquele cabeça-chata brutal... Que direito tinha ele de falar mal de qualquer outro homem? Será que ele era melhor, por acaso? No entanto, ela havia guardado segredo. Não o denunciou, não exigiu sua punição. Ela era boa demais para ele. Ele não a merecia. Era certo que ela e Ranec fizessem a Promessa, pensou. Mesmo que pensar nisso lhe provocasse um nó apertado de dor, ele compreendeu que este era o seu castigo. Doni lhe havia dado o que ele mais desejara. Ela encontrou para ele a única mulher que ele podia amar, mas não foi capaz de aceitá-la. E agora, a perdera. Era sua culpa, aceitaria seu castigo, mas não sem tristeza.

Até onde era capaz de lembrar, Jondalar havia lutado por se controlar. Outros homens mostravam emoção - riam ou se encolerizavam, ou choravam - muito mais facilmente do que ele mas, acima de tudo, ele

resistia às lágrimas. Desde que fora mandado embora e perdera sua juventude terna e crédula, em uma noite de choro pela perda do lar e da família, só havia chorado uma vez: nos braços de Ayla, pela morte de seu irmão. Mas, novamente, naquela noite, ele chorou. Na habitação de barro escura, de pessoas que viviam a um ano de jornada de seu lar, ele chorou lágrimas silenciosas, incessantes, pela perda que sentia mais agudamente, entre todas. A perda da mulher amada.

O longamente esperado Festival de Primavera era tanto uma celebração de ano novo quanto uma festa de ação de graças. Realizado não no início, mas no auge da estação, quando os primeiros brotos e botões verdes estavam bem desenvolvidos e podiam ser colhidos, marcava o começo do ciclo anual para os Mamutoi. Com alegria jubilosa e alívio inenarrável, que só podiam ser totalmente apreciados por aqueles que viviam à margem da sobrevivência, davam boas vindas ao verdor da terra que garantia vida para si mesmos e para os animais com quem dividiam a terra.

Nas noites mais escuras e frias do rigoroso inverno glacial, quando o próprio ar parecia congelar-se, a dúvida de que o calor e a vida pudessem voltar um dia podia nascer no coração mais crédulo. Na época em que a primavera parecia mais remota, lembranças e histórias de antigos Festivais de Primavera punham fim a medos arraigados e davam esperança renovada de que o ciclo de estações da Grande Mãe Terra continuaria, realmente.

Eles faziam cada Festival de Primavera tão excitante e memorável quanto possível.

Para a grande Festa de Primavera, nada que sobrara do ano anterior seria comido. Os indivíduos e pequenos grupos tinham saído durante dias para pescar, caçar, colocar armadilhas e para colheita.

Jondalar fizera bom uso de seu arremessador de lanças e estava satisfeito por contribuir com uma fêmea grávida de bisão, por si só, embora ela estivesse magra e ossuda. Todo produto vegetal comestível que achavam era colhido: amentilhos de salgueiros e vidoeiros; os talos novos e abertos de fetos, assim como os velhos rizomas que podiam ser cozidos, descascados e pulverizados em farinha; a casca suculenta interior de câmbio de pinheiros e vidoeiros, doce com a nova seiva; algumas cureewberries negras-púrpuras, cheias de sementes duras, crescendo ao lado das pequenas flores rosas, no arbusto baixo, sempre carregado; e de áreas abrigadas, onde tinham sido cobertas pela neve, lingonherries de um vermelho vivo, congeladas e degeladas em uma beleza suave, estendiam-se com as folhas escuras, coriáceas, sobre galhos baixos em tufos.

Botões, brotos, bulbos, raízes, folhas, flores de todo tipo; a terra abundava com alimentos frescos, gostosos. Brotos e vagens novas de asclépias eram usados como verduras, enquanto a flor, cheia de um rico néctar, era utilizada como adoçante. As novas folhas verdes do trevo, fedegosa, urtigas, raiz do abeto balsâmico, dente-de-leão e alface eram cozidas ou comidas cruas; hastes de cardo e, especialmente, raízes de cardo eram procuradas. Bulbos de lírio eram favoritos, e brotos de tifáceas e hastes de junco. Raízes doces, cheirosas de alcaçuz podiam ser comidas cruas ou as sadas na brasa. Reuniam algumas plantas para a alimentação, outras principalmente pelo aroma, e muitas para fazer chás. Ayla conhecia as propriedades medicinais da maioria delas, e também juntava algumas para usar como medicamentos.

Em declives rochosos, colhiam-se os novos brotos finos tubulares de cebola silvestre e, em locais secos, nus, pequenas folhas de labaga. Colhia-se unha-de-cavalo de terreno úmido e aberto perto do rio. Seu sabor

levemente salgado tornava-a útil para tempero, embora Ayla colhesse algumas para tosse e asma. Verduras com sabor de alho eram colhidas para dar gosto e aroma, como bagas de junípero, bulbos de lírio-tigrino picantes, manjeriço aromatizante, salva, tomilho, hortelã, tília que crescia como um arbusto prostrado, e uma variedade de outras ervas e verduras, Algumas seriam secas e estocadas, outras, usadas para temperar o peixe fresco e os vários tipos de carnes trazidos de volta da festa.

Os peixes eram em abundância e preferidos nesta época do ano, já que a maioria dos animais ainda se encontrava magra como resultado dos rigores do inverno. A carne fresca, porém, inclusive no mínimo um animal novo, simbólico, nascido na primavera - este ano um tenro filhote de bisão - eram sempre incluídos na festa. Fazer um banquete com apenas os produtos frescos da terra, mostrava que a Mãe Terra oferecia Sua generosidade total novamente, e que Ela continuaria a prover a subsistência e a alimentar Seus filhos.

Com a procura e a reunião de alimentos para a festa, a expectativa em relação ao Festival de Primavera crescia havia dias. Até os cavalos a sentiam. Ayla notou que estavam nervosos. Pela manhã, ela os levava para fora, a alguma distância da habitação, a fim de limpá-los e escová-los.

Era uma atividade que relaxava Whinney e Racer, e que a relaxava também, e lhe dava uma desculpa para sair sozinha a fim de refletir. Ela sabia que devia dar uma resposta a Ranec naquele exato dia. O dia seguinte seria o Festival de Primavera.

Lobo estava enroscado perto, observando-a. Ele cheirou o ar, levantou a cabeça e olhou, e sacudiu o rabo contra o terreno, assinalando a aproximação de alguém que era amigo. Ayla virou e sentiu o rosto corar e o coração bater com força.

- Eu esperava encontrar você sozinha, Ayla. Gostaria de lhe falar, se não se importa - disse Jondalar, em uma voz estranhamente contida.

- Não, não me importo.

Ele estava barbeado, o cabelo claro puxado para trás, caprichosamente, e amarrado na nuca, e usava um dos trajes que Tulie lhe dera. Parecia tão bem a Ayla - atraente, era a palavra que Deegie usava - que quase ficou sem ar, e sua voz estava presa na garganta. Porém, foi mais do que sua aparência que comoveu Ayla. Mesmo quando ele usava as roupas gastas de Talut, parecia bonito para ela. Sua presença enchia o espaço à sua volta e a emocionava, como se houvesse uma brasa cintilante que a aquecesse, mesmo mantendo-se distante. Era uma calidez que não era calor, porém maior, mais penetrante, e ela queria tocar essa calidez, ansiava para senti-la ao seu redor, e se inclinou para ele. Mas alguma coisa nos olhos de Jondalar a deteve, alguma coisa inefavelmente triste que ela nunca vira ali antes. Ficou de pé, silenciosa, esperando que ele falasse.

Ele fechou os olhos por um momento, reunindo seus pensamentos, inseguro sobre como começar.

- Recorda quando estávamos juntos no vale, antes de você ser capaz de falar bem, e queria me dizer uma coisa importante, certa vez, mas não sabia que palavras usar? Você começou a falar comigo por sinais - lembro que achei seus movimentos bonitos, quase como uma dança.

Ela se lembrava muito bem. Estivera tentando lhe dizer o que gostaria de poder dizer-lhe agora: como se sentia em relação a ele, como ele a enchia com um sentimento para o qual ainda não tinha palavras. Mesmo dizer que o amava não era suficiente.

- Não estou certo de que existam palavras para dizer do que preciso. "Sinto muito" é apenas um som que sai de minha boca, mas não sei de que outra maneira

dizê-lo. Sinto muito, Ayla, mais do que posso dizer. Eu não tinha o direito de forçá-la, mas não posso desfazer o que já foi feito. Só posso dizer que nunca mais acontecerá. Partirei breve, assim que Talut achar que é seguro viajar. Este é o seu lar. As pessoas daqui gostam de você... amam-na. Você é Ayla dos Mamutoi. Eu sou Jondalar dos Zelandonii. É hora de voltar para casa.

Ayla não podia falar. Abaixou a cabeça, tentando esconder as lágrimas que era incapaz de conter, depois deu meia-volta e começou a escovar Whinney, sem conseguir olhar para Jondalar. Ele ia embora. Ia para casa e não lhe pedira para acompanhá-lo. Não a queria. Não a amava. Ela engoliu os soluços enquanto passava a escova no pêlo do cavalo. Desde que vivera com o Clã, ela jamais lutara tanto para conter as lágrimas, ou para escondê-las.

Jondalar ficou ali de pé, fitando as costas de Ayla. Ela não se importa, pensou. Eu devia ter partido há muito tempo atrás. Ela lhe dera as costas; ele queria dar meia-volta e deixá-la com seus cavalos, mas a linguagem corporal silenciosa dos movimentos dela enviou uma mensagem que ele não conseguiu converter em palavras. Era somente uma sensação, uma impressão de que alguma coisa não estava certa, mas que o fazia relutar em afastar-se.

Ayla...? - Sim - disse ela, mantendo-se de costas e lutando para impedir que sua voz se partisse.

- Há... alguma coisa que eu possa fazer antes de partir? Ela não respondeu imediatamente. Queria dizer alguma coisa que o fizesse mudar de idéia, e tentou, freneticamente, pensar em uma maneira de o aproximar mais de si, de mantê-lo interessado.

Os cavalos. Ele gostava de Racer, gostava de montá-lo.

- Sim, há sim, falou afinal, esforçando-se para a voz soar normal.

Ele voltara para ir embora quando ela não respondeu, mas virou-se rapidamente.

- Você poderia ajudar-me a treinar Racer... enquanto estiver aqui. Não tenho tanto tempo quanto deveria, para levá-lo a passear - ela se permitiu dar meia-volta e encará-lo, outra vez.

Será que ele imaginava que ela parecia cálida, que tremia? - Não sei quanto tempo ficarei - disse ele - mas farei o que puder.

- Começou a dizer mais alguma coisa, queria lhe dizer que a amava, e que ia partir porque ela merecia mais, merecia alguém que a amasse sem reservas, alguém como Ranec. Abaixou os olhos enquanto buscava as palavras certas.

Ayla teve medo de não conseguir conter as lágrimas por muito mais tempo. Virou-se para a égua e começou a escová-la de novo; depois largou a escova e montou, uma perna de cada lado, e começou a cavalgar em uma só ação rápida. Jondalar ergueu a cabeça e recuou alguns passos, surpreso, e observou Ayla e a égua galopando encosta acima, com Racer e o lobinho acompanhando-as. Ele permaneceu ali por longo tempo depois que eles desapareceram. Em seguida, caminhou lentamente de volta à habitação comunal.

A expectativa e tensão eram tão intensas à véspera do Festival de Primavera que ninguém conseguiu dormir à noite. Tanto crianças quanto adultos ficaram acordados até tarde. Latie estava em estado de grande excitação, sentindo-se impaciente em um instante, e nervosa noutro, sobre a curta cerimônia de puberdade, que anunciaria que ela estava pronta para começar os preparativos para a Cerimônia de Feminilidade que aconteceria na Reunião de Verão.

Apesar de ter atingido a maturidade física, sua feminilidade não estaria completa até a cerimônia que culminaria na Primeira Noite de Pra zeres, quando um

homem a abriria de forma que pudesse receber os espíritos fertilizadores reunidos pela Mãe. Somente quando fosse capaz de ser mãe, seria considerada mulher sob todos os aspectos e, portanto, disponível para estabelecer uma fogueira e unir-se a um homem para formar um vínculo. Até lá, ela viveria na condição intermediária de não- mais-criança, porém, ainda-não-mulher, quando aprenderia sobre a feminilidade, maternidade, e os homens, com mulheres mais velhas e Aqueles Que Serviam a Mãe.

Os homens, exceto Mamut, tinham sido expulsos da Fogueira do Mamute. Todas as mulheres tinham-se ali reunido enquanto Latie era instruída para a cerimônia da noite seguinte, para oferecerem apoio moral, conselho e sugestões úteis à mulher inexperiente. Embora estivesse ali como mulher mais velha, Ayla aprendia tanto quanto a jovem.

- Você não terá muito o que fazer amanhã à noite, Latie - explicava Mamut. - Mais tarde, terá outras coisas a aprender, mas isto é apenas para comunicar. Talut fará a declaração, depois eu lhe darei a mula. Guarde-a em um local seguro até você estar pronta para estabelecer sua própria fogueira.

Latie, sentada diante do velho, concordou com um gesto de cabeça, sentindo-se tímida, mas gostando bastante de toda a atenção que recebia.

- Entenda, depois de amanhã, não deve nunca ficar sozinha com um homem, ou falar com um homem sozinha, até ser totalmente mulher - disse Mamut.

- Nem com Danug ou Druwez? - perguntou Latie.

- Não, nem com eles - disse o velho feiticeiro, explicando que durante esta época de transição, quando ela não tinha a proteção dos espíritos guardiães da infância e tampouco a força plena da feminilidade, era considerada muito vulnerável a influências malignas. Ela teria que ficar sob a vigilância de uma mulher o tempo

todo, e não devia ficar sozinha sequer com o irmão ou o primo.

- E Brinan? Ou Rydag? - perguntou a jovem.

- Eles ainda são crianças - disse Mamut. - As crianças são sempre seguras. Têm espíritos protetores pairando à sua volta, o tempo todo. É por isto que você deve ser protegida agora. Seus espíritos guardiães a estão deixando, abrindo caminho para a força vital, para que a força da Mãe entre - Mas Talut ou Wymez não me fariam mal. Por que não posso falar com eles a sós" - Os espíritos machos são atraídos para a força vital, exatamente como você descobrirá que os homens são atraídos para você, agora. Alguns espíritos masculinos ficam enciumados do poder da Mãe. Talvez tentem tirá-la de você nesta época, quando está vulnerável. Não podem usar essa força para criar vida, mas é uma força poderosa. Sem precaução adequada, um espírito masculino poderá entrar e, mesmo se não roubar sua força vital, talvez a prejudique ou subjugue. Então, você poderá nunca ter filhos, ou seus desejos poderão tornar-se os de um homem, e você quererá partilhar prazeres com mulheres.

Os olhos de Latie se arregalaram. Ela ignorava que fosse tão perigoso.

- Tomarei cuidado, não deixarei qualquer espírito macho se aproximar demais, porém... Mamut..

- O que é, Latie? - E você, Mamut? Você é homem.

Várias mulheres riram baixinho, e Latie corou. Talvez fosse uma pergunta idiota.

- Eu teria feito a mesma pergunta - comentou Ayla.

Latie lançou-lhe um olhar de gratidão.

- É uma boa pergunta - disse Mamut. - Sou homem, mas também A Sirvo. Seria provavelmente seguro falar comigo a qualquer momento e, naturalmente, para certos rituais quando represento Um Que Serve, você terá que falar comigo a sós, Latie. Mas acho que será

boa idéia não vir visitar-me ou falar comigo a menos que esteja acompanhada por outra mulher.

Latie sacudiu a cabeça, concordando, franzindo a testa seriamente, começando a sentir a responsabilidade de um novo relacionamento com pessoas que ela havia conhecido e amado a vida toda.

- O que acontece quando um espírito masculino rouba a força vital? - perguntou Ayla, muito curiosa sobre estas crenças interessantes dos Mamutoi que eram um pouco semelhantes, no entanto, muito diferentes das tradições do Clã.

- Neste caso, você tem um feiticeiro poderoso - disse Tulie.

- Ou um maldoso - falou Crozie.

- É verdade, Mamut? - indagou Ayla. Latie parecia surpresa e intrigada, e até Deegie, Tronie e Fralie se voltaram para Mamut com interesse.

O velho pôs seus pensamentos em ordem, tentando escolher a resposta com cuidado.

- Somos apenas Seus filhos - começou. - É difícil para nós saber por que Mut, a Grande Mãe, escolhe alguns de nós para propósitos especiais. Sabemos apenas que Ela tem Suas razões. Talvez existam momentos em que Ela tenha necessidade de alguém de força excepcional. Algumas pessoas podem nascer com certos dons. Outras podem ser escolhidas mais tarde, mas ninguém é escolhido sem o Seu conhecimento.

Vários olhos se desviaram para Ayla, tentando não ser conspícuos de mais.

- Ela é a Mãe de todos - continuou ele. - Ninguém A conhece inteiramente, em todas as Suas faces. É por isto que o rosto da Mãe é desconhecido, nas figuras que A representam. - Mamut se virou para a mulher mais velha do acampamento. - O que é o mal, Crozie? - O mal é o dano malicioso. O mal é a morte - replicou a velha com convicção.

- A Mãe é tudo, Crozie. O rosto de Mut é o nascimento da primavera, a generosidade do verão, mas também é a pequena morte do inverno. A força da vida é Dela, mas a outra face da vida é a morte. O que é a morte a não ser a volta para Ela a fim de renascer? A morte é um mal? Sem a morte, não pode haver vida. O mal é um dano malicioso? Talvez, mas mesmo aqueles que parecem praticar o mal, fazem-no por Suas razões. O mal é uma força que Ela controla, um meio de realizar Seus fins; é apenas uma face desconhecida da Mãe - Mas o que acontece quando uma força masculina rouba a força vital de uma mulher? - perguntou Latie. Ela não queria filosofias, queria saber.

Mamut olhou para ela especulativamente. Era quase uma mulher, tinha o direito de saber.

- Ela morrerá, Latie.

A garota estremeceu.

- Mesmo se for roubada. Alguma força pode permanecer, suficiente para ela começar uma vida nova. A força vital que reside em uma mulher é tão poderosa que talvez ela não saiba que foi roubada, até ela dar à luz. Quando uma mulher morre ao ter um filho, é sempre porque um espírito macho roubou sua força vital antes de ela ser aberta. É por isto que não é saudável esperar demais pela cerimônia da Feminilidade. Se a Mãe tivesse aprontado você no último outono, eu teria falado com Nezzie para providenciar a reunião de alguns acampamentos a fim de ter uma cerimônia, de modo que você não atravessaria o inverno desprotegida, embora isso significasse que você perderia a excitação da celebração na Reunião de Verão.

- Estou contente porque não terei que perdê-la, mas... - Latie fez uma pausa, ainda mais preocupada com a força vital do que com a celebração - uma mulher sempre morre? - Não, às vezes ela luta para conservar sua força vital, e se for poderosa, talvez não apenas a

consERVE, mas também a força masculina, ou parte dela. Então, ela tem o poder de ambas em um corpo.

- Essas são aquelas que se tornam feiticeiras poderosas - disse Tulie.

Mamut balançou a cabeça, concordando.

- Isso é verdade. Muitas vezes, a fim de aprender como usar a força masculina e feminina, muitas pessoas se voltam para a Fogueira do Mamute em busca de orientação, e inúmeras são chamadas para Servi-La. Em geral, são excelentes curandeiras ou viajantes no mundo da Mãe.

- E o espírito masculino que rouba a força vital? - perguntou Fralie, colocando seu bebê novo ao ombro e dando-lhe tapinhas suaves. Ela sabia que era uma pergunta que sua mãe queria fazer.

- Essa é que é má - falou Crozie.

Não - disse Mamut, balançando a cabeça. - Não é verdade. A força masculina é apenas atraída por uma força vital feminina. Nada pode fazer e, em geral, os homens não sabem que sua força masculina roubou uma força vital feminina, até descobrirem que não se sentem atraídos por mulheres, mas preferem a companhia dos homens. Os rapazes são vulneráveis, então. Não querem ser diferentes, não querem que ninguém saiba que seu espírito masculino talvez tenha prejudicado alguma mulher. Muitas vezes, sentem enorme vergonha e em vez de virem à Fogueira do Mamute, tentam esconder o fato.

- Mas existem alguns maus, entre eles, com grande poder - disse Crozie. - Poder para destruir um acampamento inteiro.

- A força masculina e feminina em um corpo é muito forte. Sem orientação, pode se tornar pervertida e maliciosa, e talvez queira causar doença a infortúnio, e até morte. Mesmo sem esse poder, uma pessoa que deseja causar infortúnio a uma outra pode fazê-lo

acontecer. Assim, os resultados são quase inevitáveis mas, com orientação adequada, um homem com ambas as forças pode-se tornar um feiticeiro tão poderoso quanto uma mulher com as duas forças e, muitas vezes, toma o cuidado para usar seu poder apenas para o bem.

- E se uma pessoa assim não quiser ser feiticeiro? - perguntou Ayla.

- Talvez ela tenha nascido com seus "dons", mas ainda sinta que foi em purrada para uma coisa que não tinha certeza de querer.

- Não precisam ser - respondeu Mamut. - Mas é mais fácil para eles encontrar companheirismo, outros como si mesmos entre Aqueles Que Servem a Mãe.

- Lembra-se daqueles viajantes Sungaea que encontramos há anos atrás, Mamut? - perguntou Nezzie. - Eu era jovem, então, mas não havia uma confusão em relação a uma de suas fogueiras? - Sim, eu me lembro, agora que falou a respeito. Acabávamos de voltar da Reunião de Verão, vários acampamentos ainda viajavam juntos quando os encontramos. Ninguém tinha certeza sobre o que esperar, houvera algum ataque, mas afinal tivemos uma fogueira amistosa com eles.

Algumas mulheres Mamutoi ficaram preocupadas porque um Sungaea queria juntar-se a elas na "casa da mãe" deles. Foi difícil explicar para ser entendido, que a fogueira que pensávamos consistir de uma mulher e seus dois companheiros era, realmente, formada por um homem e seus dois companheiros, exceto que um deles era uma mulher e o outro era um homem. O Sungaea se referia a ele como "ela". Tinha barba, porém usava roupas femininas e embora não tivesse seios, era "mãe" para uma das crianças. Certamente, agia como a mãe da criança. Não estou certo se a criança lhe fora dada pela mulher daquela fogueira, ou por outra, mas disseram-me que ele experimentara todos os sintomas de gravidez, e a dor do parto.

- Ele devia querer muito ser uma mulher - comentou Nezzie. - Talvez não tenha roubado a força vital de uma mulher, talvez tenha nascido no corpo errado. Isso também pode acontecer.

- Mas, ele tinha dores de estômago em todo período da lua? - perguntou Deegie. - Este é o teste de uma mulher. - Todos riram.

- Você tem dores de estômago no período da lua? Posso lhe dar alguma coisa para ajudar, se quiser - disse Ayla - Talvez eu peça, da próxima vez - Quando tiver um filho, não será tão ruim, Deegie - falou Tronie - E quando a mulher está grávida não precisa se preocupar com panos absorventes, e sobre sua colocação adequada - disse Fralie. - Mas a gente fica ansiosa para ter os filhos - ajuntou, sorrindo para o rosto adormecido de sua filha pequena, mas saudável, e limpando uma gota de leite do canto de sua boca. Ergueu os olhos a Ayla, curiosa, de repente. - O que você usou quando era... mais jovem? - Tiras macias de couro. Funcionam bem, especialmente se você precisa viajar, mas às vezes eu as dobrava ou acolchoava com lã de carneiro selvagem ou pele ou até penugem de ave. Às vezes, felpa macia de plantas, amassada. Jamais com esterco de mamute, antes, mas também funciona.

Mamut tinha a capacidade de apagar sua presença e desaparecer ao fundo quando achava que devia, de forma que as mulheres o esqueciam e falavam livremente, de uma maneira que jamais fariam se outro homem estivesse presente. Ayla tinha consciência dele, todavia, e observava-o, silenciosamente observando-as. Afinal, quando a conversa diminuiu, ele se dirigiu novamente a Latie.

- Dentro de pouco tempo, você quererá encontrar um lugar para sua comunhão com Mut. Preste atenção aos seus sonhos. Eles a ajudarão a encontrar o local adequado. Antes de visitar seu sacrário pessoal, terá que

jejuar e purificar-se, reconhecer sempre as quatro direções e o outro mundo, e o céu, e fazer ofertas e sacrifícios a Ela, principalmente se quiser Sua ajuda, ou uma bênção Dela. É muito importante, quando chegar o momento, que queira ter um filho, Latie, ou quando souber que terá um. Então, deve ir ao seu santuário pessoal e queimar um sacrifício para Ela, uma dádiva que subirá até Ela na fumaça.

- Como saberei o que lhe dar? - perguntou Latie.

- Pode ser algo que encontre ou uma coisa que faça. Você saberá o que é certo. Saberá sempre.

- Quando quiser um homem especial, poderá pedir a Ela também - disse Deegie, com um sorriso conspiratório. - Não lhe posso dizer quantas vezes pedi por Branag.

Ayla lançou um olhar a Deegie, e resolveu descobrir mais sobre sacrários pessoais.

- Há tanto o que aprender! - exclamou Latie.

- Sua mãe pode ajudá-la, e Tulie também - falou Mamut.

- Nezzie me pediu e concordei em ser a Mulher Guardiã este ano, Latie - mencionou Tulie.

- Oh, Tulie Estou tão contente... - disse Latie. - Então, não me sentirei tão sozinha.

- Bem - disse a chefe, sorrindo da acolhida ansiosa da menina - não é todo ano que o Acampamento do Leão tem uma nova mulher.

Latie franziu a testa, concentrada, depois perguntou com voz suave.

- Tulie, como é? Quero dizer, na tenda. Essa noite.

Tulie olhou para Nezzie e sorriu: - Está um pouco preocupada com isso - Sim, um pouco.

- Não se preocupe. Tudo lhe será explicado, você saberá o que esperar.

- É algo parecido com a forma como Druwez e eu brincávamos em crianças? Ele saltava sobre mim tão

duramente... acho que ele tentava ser Talut.

- Não realmente, Latie. Aquilo eram brincadeiras de crianças, vocês apenas brincavam, tentavam ser adultos. Todos os dois eram jovens então, muito jovens.

- É verdade, éramos muito jovens - disse Latie, sentindo-se muito mais velha agora. - São brincadeiras de criança pequena. Deixamos de brincar daquele jeito há muito tempo. Na verdade, não brincamos de mais nada. Ultimamente, nem Danug nem Druwez falam muito comigo.

- Vão querer falar com você - disse Tulie. - Estou certa disso, mas lembre, não deve falar com eles agora, não muito, e jamais fique sozinha na companhia deles.

Ayla estendeu a mão para a grande bolsa de água que pendia de uma tira de couro, em um cabide preso a uma das estacas de sustentação. Era feita de estômago de um veado enorme, um megácero, que havia sido curado para manter sua qualidade natural de impermeabilidade. Estava cheia até a abertura inferior, que estava dobrada e fechada. Um pedaço pequeno de osso da pata dianteira, com um orifício natural no meio, havia sido enta lhado em toda a volta peno de uma extremidade. Para formar um bico, a pele da abertura do estômago do veado estava amarrada ao osso por meio de uma corda enrolada, apertadamente, ao seu redor, no encaixe.

Ayla tirou a rolha - uma fina tira de couro que fora passada pela abertura e em que foram dados vários nós num local - serviu água na cesta impermeável que usava para fazer seu chá da manhã especial, e empurrou o nó de volta ao bico para fechá-lo. A pedra de cozinhar rubra estalou quando ela a deixou cair na água. Mexeu-a algumas vezes, para retirar da pedra o máximo de calor possível, e devolveu-a ao fogo, usando duas varetas lisas. Com as varetas úmidas, pegou outra pedra quente e deixou-a cair n'água. Enquanto a água fervia, colocou

nela uma quantidade medida de uma mistura de folhas secas, raízes e, principalmente, talos como de videira, de fibra dourada, e deixou a água impregnar-se.

Havia sido especialmente cuidadosa em lembrar-se de tomar o remédio secreto de Iza. Esperava que a magia poderosa funcionasse por ela como havia feito por Iza durante tantos anos. Não queria um bebê agora. Estava insegura demais.

Depois de se vestir, derramou a tisana em sua xícara pessoal, em seguida sentou-se a uma esteira perto do fogo e provou a bebida bastante amarga, de sabor pronunciado. Ela se acostumara ao sabor de manhã. Era sua hora de despertar e fazia parte de sua rotina matinal. Ao tomar um gole, refletiu sobre as atividades que ocorreriam naquele dia. Aquele era o dia auspicioso que todos tinham esperado, ansiosos, o dia do Festival de Primavera.

O evento mais feliz, para ela, seria a cerimônia de dar nome ao bebê de Fralie. A meninazinha havia crescido e desenvolvido, e não precisava mais ficar sempre perto do seio materno. Estava suficientemente forte para chorar, agora, e podia dormir sozinha durante o dia, embora Fralie preferisse conservá-la perto e, muitas vezes, usasse a cesta para carregar a criança. A Fogueira da Garça estava muito mais feliz naqueles últimos dias, não somente porque partilhavam a alegria do bebê, mas porque Frebec e Crozie aprendiam que podiam conviver sem discutir a todo instante. Não que ainda não existissem problemas, mas eles os enfrentavam melhor, e a própria Fralie desempenhava um papel mais ativo na tentativa de mediação.

Ayla pensava na criança de Fralie quando ergueu a cabeça e viu Ranec observando-a. Aquele também era o dia que ele queria anunciar sua Promessa, e com um salto, ela se lembrou de que Jondalar lhe dissera que iria

partir. De repente, encontrou-se recordando a noite terrível em que Iza morrera.

- Você não é Clã, Ayla - dissera-lhe Iza. - Você nasceu dos Outros, pertence a eles. Vá para o norte, Ayla. Encontre o seu povo. Encontre seu companheiro.

Encontre seu companheiro... pensou ela. Certa vez, imaginara que Jondalar seria o seu companheiro, mas ele ia partir, ia para casa sem ela. Jondalar não a queria...

Mas Ranec queria. Ela não estava mais tão jovem; se ia ter um filho, deveria fazê-lo logo. Tomou um gole do medicamento de Iza, e fez girar o resto do líquido e resíduos na xícara. Se ela deixasse de tomar o remédio de Iza, e partilhasse prazeres com Ranec, isso iniciaria um bebê dentro dela? Podia experimentar e descobrir. Talvez devesse unir-se a Ranec. Viver com ele, ter os filhos de sua fogueira. Seriam bonitos bebês escuros com olhos negros e cabelo bem crespo? Ou seriam claros como ela? Ou ambas as coisas? Se ela ficasse ali, se se unisse a Ranec, não estaria tão longe do Clã. Poderia ir buscar Durc e trazê-lo. Ranec era bom para Rydag, talvez não se importasse de ter um filho misto em sua fogueira.

Talvez ela pudesse adotar Durc formalmente, torná-lo Mamutoi.

O pensamento de que poderia ser possível ir buscar seu filho a encheu de ansiedade. Talvez fosse bom que Jondalar partisse sem ela. Se a levasse, ela jamais veria o filho. Mas, se ele fosse embora sem ela, ela jamais veria Jondalar de novo.

A escolha fora feita para ela. Ficaria, se uniria a Ranec. Ela tentou pensar em todos os elementos positivos, convencer-se de que seria melhor permanecer. Ranec era um homem bom, e a amava e a queria. E ela gostava dele. Não seria tão terrível viver com ele, ela poderia ter filhos. Seria possível encontrar Dure e trazê-

lo para viver com eles. Um homem bom, seu próprio povo, e ela teria seu filho novamente.

Seria mais do que sonhara, de uma só vez, O que mais poderia querer? Sim, o que mais, se Jondalar ia embora...

Direi a ele, pensou. Direi a Ranec que pode anunciar nossa Promessa hoje. Mas, ao levantar-se e caminhar para a Fogueira da Raposa, sua mente estava ocupada apenas de um pensamento.

Jondalar ia embora sem ela. Ela nunca mais o veria. Mesmo enquanto a compreensão a atingia, sentiu o peso esmagador, e fechou os olhos para conter a tristeza.

- Tàlut! Nezzie! - Ranec saiu correndo da habitação à procura do chefe e de sua mãe adotiva. Quando os viu, estava tão excitado que mal podia falar.

- Ela concordou! Ayla concordou! Vamos fazer a Promessa! Ayla e eu! Ele nem sequer viu Jondalar, e se o houvesse visto, não se teria importado. Ranec não podia pensar em nada exceto que a mulher que ele amava, a mulher que queria mais que a tudo no mundo havia concordado em ser dele. Mas Nezzie viu Jondalar, viu-o empalidecer e agarrar a presa curva de mamute da arcada em busca de apoio, e viu o sofrimento em seu rosto. Por fim, ele abandonou o local descendo em direção ao rio, e uma preocupação fugaz cruzou os pensamentos dela, O rio estava cheio e caudaloso. Seria fácil ser arrastado pelas águas ao tentar nadar.

Capítulo 28

- Mãe, não sei o que usar hoje. Não consigo me decidir - gemeu Latie, nervosa sobre a primeira cerimônia que reconheceria seu status elevado.

- Vamos ver - disse Nezzie lançando um último olhar ao rio. Jondalar não estava à vista.

Jondalar passou a manhã inteira caminhando ao longo do rio, sua mente em um turbilhão, ouvindo uma e outra vez as palavras alegres de Ranec. Ayla concordara. Anunciariam sua Promessa na cerimônia daquela noite. Ele repetia a si mesmo que havia esperado aquilo o tempo todo mas, diante do fato, compreendeu que não era verdade. Foi um choque muito maior do que imaginara que seria. Como Thonolan, depois de perder Jetamio, ele desejava morrer.

Nezzie tinha alguma base para seus temores. Jondalar não descera em direção ao rio com qualquer propósito definido. Tomou aquela direção casualmente mas, assim que alcançou o rio turbulento, achou-o estranhamente atraente. Parecia oferecer paz, alívio para o sofrimento, a tristeza e a confusão, mas apenas o fitou. Alguma coisa igualmente irresistível o deteve. Ao contrário de Jetamio, Ayla não estava morta e, porque vivia, podia haver uma pequena chama de esperança. Porém, mais que isso, ele temia pela segurança da jovem.

Encontrou um local isolado protegido por arbustos e pequenas árvores dando para o rio e tentou preparar-se para a provação das festividades da noite, que incluíam a Cerimônia da Promessa.

Disse a si mesmo que não era como se ela estivesse, na verdade, se unindo a Ranec naquela noite.

Ela estava apenas prometendo criar uma fogueira com ele, um dia, no futuro, e ele também fizera uma promessa. Jondalar havia dito a Mamut que ficaria até depois do Festival de Primavera, porém, não foi a promessa que o deteve. Embora não tivesse idéia do que era, ou do que poderia fazer, não era capaz de partir sabendo que Ayla enfrentava algum perigo desconhecido, mesmo se significasse ter que assistir à sua Promessa a Ranec. Se Mamut, conhecedor dos métodos dos espíritos, pressentia perigo para ela, Jondalar só podia esperar o pior.

Ao redor de meio-dia, Ayla disse a Mamut que ia começar a preparar-se para a cerimônia da raiz.

Eles tinham recapitulado os detalhes várias vezes até ela se sentir razoavelmente segura de que não havia esquecido nada importante. Ela havia reunido roupas limpas, uma pele macia de veado, absorvente, e várias outras coisas mas, em vez de sair pelo anexo, dirigiu-se à área de cozinhar a caminho da saída. Ela queria ver Jondalar, e ao mesmo tempo esperava não vê-lo, e ficou desapontada e aliviada ao ver somente Wymez na área de fabricação de ferramentas. Ele disse que não via Jondalar desde cedo, aquela manhã, mas estava feliz em lhe dar o pequeno nódulo de sílex que ela queria.

Quando ela chegou ao rio, subiu a corrente por certa distância, procurando um local que parecesse adequado. Parou onde um pequeno riacho se reunia ao rio maior. O córrego havia rodeado um afloramento rochoso que formava uma margem elevada do lado oposto, bloqueando o vento. Uma proteção de árvores e arbustos com brotos novos tornava-o um local isolado, cercado, e também proporcionava madeira seca da derrubada de árvores do ano anterior.

Jondalar observava o rio de seu ponto de vista, isolado, mas estava tão voltado a si mesmo que não via, realmente, a água revolta, enlameada, rápida. Nem

sequer tinha consciência das sombras instáveis enquanto o sol se elevava mais no céu, e ficou sobressaltado quando ouviu que alguém se aproximava. Não estava disposto a conversar, ou a tentar ser agradável e amigável naquele dia de celebração para os Mamutoi e esgueirou-se rapidamente para trás de alguns arbustos a fim de esperar, sem ser visto, até a pessoa passar. Quando viu Ayla acercar-se, e depois, obviamente, decidindo ficar, não soube o que fazer. Pensou em afastar-se sorrateiramente, mas Ayla era uma excelente caçadora. Ela o ouviria, ele estava certo. Depois, pensou em sair apenas dos arbustos, dando uma desculpa qualquer sobre suas necessidades, e seguindo o seu caminho, mas não fez uma coisa, nem outra.

Ficou escondido e observou, esforçando-se para permanecer tão discreto quanto possível. Não podia fazer nada, nem sequer desviar o olhar, embora compreendesse logo que ela se preparava para o ritual pensando estar sozinha. A princípio, ele ficou apenas esmagado pela presença de Ayla, depois fascinado. Era como se fosse obrigado a observar.

Ayla fez uma fogueira depressa com uma pedra-de-fogo e um pedaço de sílex e colocou nela pedras de cozinhar para aquecê-las. Queria fazer seu ritual de purificação o mais igual possível à maneira como era realizado no Clã, mas algumas mudanças eram inevitáveis. Ela havia considerado em fazer o fogo da maneira do Clã, girando um pau seco entre as palmas das mãos, contra um pedaço liso de madeira, até criar uma brasa ardente. Mas, no Clã, as mulheres não deviam se encarregar do fogo, ou fazer uma fogueira para fins de ritual, de forma alguma, e ela resolveu que, se ia romper com a tradição o suficiente para fazer sua fogueira, poderia também usar sua pedra-de-fogo.

As mulheres tinham permissão, contudo, para fazer facas e outras ferramentas de pedra, contanto que as

ferramentas não fossem usadas como armas de caça ou para fabricá-las. Ela decidira que precisava de um novo saquinho de amuleto. A bolsinha Mamutoi decorada que ela usava agora não seria apropriada para um ritual do Clã. Para fazer um saquinho de amuleto adequado do Clã, achou que precisava de uma faca do Clã, e por isto havia pedido a Wymez um nódulo inteiro de sílex. Ela procurou perto da água e encontrou uma pedra de rio redonda, do tamanho de um punho, para usar como martelo. Com ele, tirou a casca exterior branco-acinzentada do pequeno nódulo de sílex, começando o processo de moldá-lo. Ela não fazia suas ferramentas havia algum tempo, mas não esquecera a técnica e logo se envolveu na tarefa.

Quando terminou, a pedra cinza-escura lustrosa tinha a forma de um tosco cilindro oval com uma parte superior achatada. Ela o examinou, retirou alguma lasca, depois mirou com cuidado e arrancou uma lasca da borda da tampa achatada, na extremidade estreita do cilindro oval, para fazer uma chapa notável. Virando a pedra para posicioná-la exatamente no ângulo certo, golpeou o local que havia talhado. Uma lasca bastante grossa se soltou, tendo a mesma forma que o topo oval formado antes, e um gume afiado como navalha.

Embora usando apenas o martelo, e fazendo o trabalho com a facilidade e rapidez da experiência, ela havia fabricado uma faca perfeitamente útil, muito afiada, que exigira controle cuidadoso e precioso, mas ela tencionava conservá-la. Era uma faca destinada a ser usada sem cabo e, com todas as boas ferramentas cortantes que tinha agora, a maioria com cabo, não tinha necessidade de uma faca do Clã, exceto para aquele uso especial. Sem parar para cegar o gume extremamente aguçado, a fim de facilitar e tornar mais seguro o manuseio, Ayla cortou uma comprida tira da pele de veado que trouxera consigo e retalhou uma

ponta, de onde tirou um pequeno círculo. Então, pegou novamente o martelo. Depois de tirar dois pedaços de sílex, a faca era agora um furador com ponta aguçada. Ela o usou para fazer orifícios em toda volta do círculo de couro, e depois passou o cordão de couro por eles.

Removeu a bolsinha decorada do pescoço, desfez o nó, e virou os objetos sagrados, os símbolos de seu totem, na mão. Examinou-os um pouco, depois os apertou contra o seio, antes de colocá-los na nova bolsa mais simples, ao estilo do Clã, e apertar bem o cordão. Ela havia tomado a decisão de ficar com os Mamutoi e se unir a Ranec mas, de alguma forma, não esperava encontrar um símbolo de seu Leão da Caverna, confirmando que era uma decisão correta.

Com o amuleto terminado, ela se dirigiu ao córrego e colocou água na cesta de cozinhar, e ajuntou as pedras quentes do fogo. Era cedo de mais no ano para encontrar saboeiro, e o campo estava aberto demais para cavalinha, que crescia em locais úmidos e sombrios. Ela precisava encontrar alternativas para os tradicionais agentes de limpeza do Clã.

Depois de colocar as flores secas, de aroma agradável, espumosas de coesianthus na água quente ela acrescentou folhas de samambaia e algumas flores de aquilégia que colhera no caminho, e depois galhos de botões de vidoeiro pelo aroma de gualtéria e pôs o recipiente de lado. Tivera que pensar muito e arduamente para resolver o que usar, a fim de substituir o inseticida de pulga e piolho feito com o ácido eqüisseto que teria extraído com uma infusão do feto. Inadvertidamente Nezzie lhe havia dito como fazer.

Ela se despiu depressa, depois pegou dois recipientes apertadamente entrelaçados, cheios de líquido e se dirigiu ao rio. Um recipiente continha a mistura agradavelmente aromática que ela acabava de fazer, o outro, urina velha.

Jondalar havia-lhe pedido para ensinar-lhe as técnicas do Clã para quebrar o sílex, certa vez, antes, e ficara impressionado, mas estava fascinado ao vê-la trabalhar, em sua privacidade imaginada, com tanta habilidade, segurança e tranquilidade. Ela trabalhava sem martelo de osso ou sovela, mas fabricava as ferramentas que desejava rapidamente, fazendo o trabalho parecer fácil, mas ele se perguntou se poderia fazer o mesmo utilizando um malho. Ele sabia que era necessário grande controle; contudo, ela lhe contara que o fabricante de ferramentas do Clã, que lhe havia ensinado, era muito melhor do que ela. De repente, a avaliação de Jondalar sobre a capacidade de fabricar ferramentas dos cabeças-chatas aumentou.

Ela também fez a bolsinha de couro depressa. O saquinho simples não era de grande utilidade, mas sua fabricação era engenhosa, à sua maneira. Somente quando observou Ayla segurar os objetos da bolsinha e notou a forma como os segurava, foi que percebeu uma aparência melancólica, uma aura de tristeza e sofrimento envolvendo-a. Ela deveria estar cheia de alegria, no entanto parecia infeliz.

Ele devia estar imaginando coisas.

A respiração de Jondalar ficou presa na garganta quando ela começou a se despir, e a visão de sua beleza plena, madura, o fez desejá-la com uma necessidade que quase o esmagava. Mas o pensamento de suas ações indescritíveis da última vez que desejara a jovem, o manteve afastado. Ela havia recomeçado a usar tranças durante o inverno, em um estilo semelhante ao de Deegie e, quando soltou o cabelo comprido, ele se lembrou da primeira vez em que a vira nua, no calor do verão no vale, dourada e bonita e molhada após um nado. Disse a si mesmo para não olhar, e teve a oportunidade de esgueirar-se quando ela entrou no rio,

mas se sua vida dependesse disso, ele não teria, mesmo assim, sido capaz de se mover.

Ayla começou seu processo de limpeza com a urina velha. O fluido amoniacal era forte e tinha odor ativo, mas dissolvia óleos e gordura de sua pele e cabelo, e matava qualquer pulga ou piolho que tivesse apanhado. Tendia até a clarear seu cabelo. As águas do rio, ainda cheias de neve derretida, estavam muito frias, mas o choque revigorava e a agitação do rio lodoso, arenoso, mesmo na margem mais calma, limpava e carregava a sujeira e óleos, juntamente com o odor forte da amônia.

O corpo de Ayla estava rosado da limpeza e da água fria, e ela estremeceu ao sair, mas a mistura de aroma agradável ainda estava quente e borbulhando na espuma escorregadia, rica em saponina, quando ela a esfregou em todo o corpo e cabelo. Desta vez ela se dirigiu para uma lagoa perto da foz do riacho, que continha água menos enlameada do que o rio, para se lavar. Quando saiu, enrolou a pele macia de veado ao redor do seu corpo para secar-se, enquanto desembaraçava o cabelo com sua escova resistente e um grampo de marfim. Era bom sentir-se limpa e fresca.

Embora ele ansiasse para reunir-se a ela e desejasse satisfazê-la, sentiu certa alegria em encher os olhos com a visão de Ayla. Era mais do que ver seu corpo exuberante, rico em curvas femininas, no entanto, firme e bem-feito, com os músculos achatados, resistentes que implicavam força. Jondalar gostou de observá-la, vendo seus movimentos naturalmente graciosos, e seu trabalho realizado com a facilidade da experiência e habilidade treinada. Quando fazia um fogo ou a ferramenta que queria, Ayla sabia exatamente como proceder e não perdia tempo. Jondalar sempre admirara sua perícia e técnica, sua inteligência. Era parte da atração de Ayla para ele. Entre todas as outras emoções, ele sentira falta

de estar com ela e apenas observá-la preenchia uma necessidade de ficar perto dela.

Ayla estava quase vestida quando o ganido do lobinho a fez erguer a cabeça e sorrir.

- Lobo! O que está fazendo aqui? Fugiu de Rydag? - perguntou, enquanto o filhote saltava sobre ela, satisfeito e excitado por tê-la encontrado. Depois ele começou a farejar por perto enquanto ela ajuntava as coisas.

- Bem, agora que me achou, podemos voltar. Vamos, Lobo. Vamos! O que está procurando nesses arbustos... Jondalar! Ayla ficou muda diante do assombro que sentiu quando descobriu o que o lobinho estivera procurando, e Jondalar estava embaraçado demais para falar, mas seus olhos ficaram presos, e falaram mais do que as palavras diriam. Mas, eles não acreditavam no que viam. Afinal, Jondalar tentou explicar.

- Eu estava... bem... caminhando e... bem...

Desistiu, nem sequer tentando terminar a tentativa frustrada de uma desculpa. Deu meia-volta e se afastou rapidamente. Ayla o acompanhou de volta ao acampamento, em passo mais lento, subindo a encosta na direção da habitação comunal. O comportamento de Jondalar a confundia. Ignorava quanto tempo ele ali estivera, mas sabia que ele a observara, e perguntou-se por que se escondera dela. Ela não sabia o que pensar mas, ao entrar na moradia através do anexo, em direção à Fogueira do Mamute, para encontrar Mamut a fim de poder terminar seus preparativos, lembrou-se do modo como Jondalar a havia olhado.

Jondalar não voltou ao acampamento imediatamente. Não estava certo de poder encará-la ou a qualquer pessoa naquele momento. Quando se aproximou da trilha que subia do rio para a habitação, virou-se e caminhou de volta, e logo se encontrou no mesmo local isolado.

Caminhou para os restos da fogueira pequena, ajoelhou-se e sentiu o leve calor com a mão.

Semicerrou os olhos, recordando a cena que observara secretamente. Quando abriu os olhos, examinou o centro da pedra que Ayla abandonara, e pegou-a. Depois, viu as lascas e pedaços que ela tirara da pedra, e ajustou alguns em seu antigo lugar, para estudar o método mais detalhadamente. Perto de aparas de couro, viu o furador. Pegou-o e examinou-o. Não era feito no estilo a que estava habituado. Parecia simples demais, quase tosco, mas era uma ferramenta boa, eficiente. E afiada, pensou, quando lhe cortou o dedo.

A ferramenta fabricada por Ayla lembrou-lhe a moça, parecendo representar o enigma da jovem, suas contradições evidentes. Sua candura inócua, envolta em mistério; a simplicidade, impregnada de conhecimento antigo; a ingenuidade sincera, cercada pela profundidade e riqueza de sua experiência. Ele resolveu guardar a ferramenta, para lembrar-se sempre de Ayla, e embrulhou-a nas tiras de couro a fim de levá-la consigo.

O banquete teve lugar no calor da tarde, dentro da área de cozinhar, mas com as cortinas da arcada, mesmo as do novo anexo, puxadas para trás e amarradas, a fim de permitir a entrada de ar fresco e acesso fácil. Muitas das festividades realizavam-se do lado de fora, principalmente jogos e competições - a luta corpo a corpo parecia ser um dos esportes prediletos da primavera - canto e dança.

Trocavam-se presentes para desejar sorte, felicidade e boa-vontade, em emulação da Grande Mãe Terra, que trazia novamente vida e calor para o solo, a fim de mostrar a apreciação das dádivas da terra que Ela lhes concedia. As dádivas normalmente eram pequenos itens como cintos e bainhas de facas, dentes de animais com orifícios na raiz ou talhadas para que um

cordão passasse por eles a fim de ficarem suspensos como pendanis, e fios de contas que podiam ser usados assim, ou costurados em roupas. Naquele ano, a nova agulha era um presente preferido para dar e receber, juntamente às caixas de agulhas, pequenos tubos de marfim ou ossos ocos de aves, para guardá-las. Nezzie havia feito a primeira caixa, que guardava com um quadrado de pele de mamute usado como dedal em sua bolsa de costura decorada. Várias outras pessoas tomaram sua idéia emprestado.

As pedras-de-fogo de propriedade de cada fogueira eram consideradas mágicas e sagradas, e conservadas no nicho juntamente à figura da Mãe, mas Barzec cedeu vários kits de iscas que projetou, que provocaram comentários entusiasmados. Eram adequados para carregar e continham materiais especialmente fáceis para acender com a centelha que começava o fogo - fibras felpudas, esterco seco amassado, lascas de madeira - e tinham um lugar para a pinta e uma espécie de fuzil de pederneira quando se viajava.

Com o vento frio da noite, o acampamento levou sua animação para o interior e fechou as pesadas cortinas isolantes. Houve um momento de calma, de trocar as roupas pelos trajes de cerimónia ou de acrescentar as peças finais de decoração, de encher novamente as taças com uma bebida favorita, um borbulhante chá de ervas ou a bebida fermentada de Talut Depois, todos se dirigiram à Fogueira do Mamute para a parte séria do Festival de Primavera.

Ayla e Deegie acenaram para Latie, convidando-a a sentar-se com elas; agora, era quase uma delas, quase uma jovem mulher. Danug e Druwez olharam-na com timidez não-habitual quando ela passou por eles. Ela endireitou os ombros e manteve a cabeça erguida, mas conteve-se e não falou com eles. Os olhos dos rapazes seguiram-na. Latie sorria ao sentar-se entre as duas

mulheres, sentindo-se muito especial, e que fazia parte do ambiente.

Latie havia sido companheira de brincadeiras e amiga dos rapazes quando crianças, mas não era mais criança, nem uma menina que devesse ser ignorada ou desprezada pelos jovens. Ela havia entrado no mundo magicamente atraente, levemente ameaçador, e totalmente misterioso da mulher. Seu corpo mudara de formas, e ela podia provocar respostas e sentimentos inesperados e incontroláveis nos corpos masculinos somente ao passar por eles. Até um olhar direto podia ser desconcertante.

Porém, mais assustador era uma coisa de que apenas tinham ouvido falar. Ela podia fazer sangue sair de seu corpo sem ferimento, e aparente mente, sem dor e, de alguma forma, isso a tornava capaz de atrair a magia da Mãe para si mesma. Eles não sabiam por quê, somente sabiam que um dia ela traria vida nova do interior do seu corpo; um dia Latie faria filhos. Mas, primeiro, um homem teria que torná-la mulher. Este seria o papel deles - não com Latie, claro, ela era irmã e prima, um parentesco muito próximo deles. Mas, um dia, quando fossem mais velhos e tivessem mais experiência, talvez fossem escolhidos para realizar essa importante função porque em bora ela pudesse fazer sangue, uma mulher não podia fazer filhos antes de um homem torná-la mulher. A Reunião de Verão seguinte seria esclarecedora para os dois jovens particularmente para Danug, já que era mais velho. Eles nunca eram pressionados mas, quando estivessem prontos, existiriam mulheres que se tinham dedicado a honrar a Mãe por uma estação, que ficariam disponíveis para rapazes, para dar-lhes experiência, e para ensinar-lhes os caminhos e alegrias misteriosas das mulheres.

Tulie caminhou para o centro do grupo, segurando e agitando o Bastão Falante, e esperou que as pessoas se

calassem. Quando obteve atenção de todos, entregou o bastão de marfim decorado a Talut, que estava em traje de cerimônia, incluindo seu adorno de cabeça de presa de mamute.

Mamut apareceu, vestido com uma capa ornamentada, de couro branco. Segurava uma haste de madeira destramente moldada que parecia ser uma única peça, exceto que, em uma extremidade era um galho seco, nu, sem vida, e na outra desabrochava com brotos verdes e pequenas folhas novas.

Ele deu o galho a Tulie. Como chefe feminina, o Festival de Primavera devia ser aberto por ela. A primavera era a estação das mulheres; a época de nascimento e nova vida, o momento de novos inícios. Ela segurou o galho com as duas mãos acima da cabeça, fazendo uma pausa para um efeito total, depois abaixou-o vivamente sobre o joelho, partindo-o em dois, simbolizando o fim do velho e o começo do novo ano, e o início da parte cerimonial da noite.

- A Mãe sorriu para nós concedendo-nos grande dádiva no ciclo passado - disse Tulie. - Temos tanto a comemorar que será difícil saber que evento importante usar para marcar a contagem do ano. Ayla foi adotada como Mamutoi, ou seja, temos uma nova mulher, e a Mãe escolheu Latie para tornar-se mulher. Assim, logo teremos outra. - Ayla ficou surpresa ao ver seu nome mencionado. - Temos uma nova menina e ela receberá seu nome hoje, e fará parte do nosso grupo, e anunciaremos uma nova união. - Jondalar fechou os olhos e engoliu com dificuldade.

Tulie prosseguiu: - Atravessamos bem o inverno, com saúde, e esta é a época de o cido recomeçar.

Quando Jondalar ergueu os olhos, Tulie havia dado um passo à frente e segurava o Bastão Falante.

Ele viu Nezzie fazer sinal a Latie. Esta se levantou, sorriu nervosamente para as duas jovens que a tinham

feito sentir-se tão segura e se aproximou do homem grande, de cabelos ruivos, de sua fogueira. Talut lhe sorriu, com afeição amorosa e encorajamento. Ela viu Wymez de pé ao lado de sua mãe. O seu sorriso, embora menos contagioso, era também cheio de orgulho e amor pela filha de sua irmã, e sua herdeira, que logo se tornaria mulher. Era um momento importante para todos eles.

- Sinto muito orgulho de comunicar que Latie, a primeira filha da Fogueira do Leão, ficou pronta para se tornar uma mulher - disse Talut - e de anunciar que ela será incluída na Celebração da Feminilidade na reunião deste verão.

Mamut avançou até ela e lhe entregou um objeto.

- Esta é sua mula, Latie - disse ele. - Com isto, como um lugar para a Mãe morar, você pode estabelecer uma fogueira própria, um dia. Guarde em local seguro.

Latie pegou o objeto de marfim esculpido e voltou ao seu lugar; ficou encantada em mostrar sua mula aos que estavam por perto. Ayla estava interessada. Sabia que fora Ranec quem fizera porque ela possuía uma igual e, lembrando das palavras que tinham sido ditas, começou a compreender por que ele lhe dera o objeto. Ela precisava de uma mula para fixar uma fogueira com ele.

- Ranec deve estar tentando alguma coisa nova - comentou Deegie, vendo a figura de mulher-ave. - Nunca vi uma assim antes. É muito incomum. Não estou certa de compreender. A minha se parece mais com uma mulher.

- Ele me deu uma igual à de Latie - disse Ayla. - Achei que era tanto uma mulher quanto uma ave, dependendo de como você a olhasse.

- Ayla pegou a mula de Latie e mostrou-a de perspectivas e ângulos diferentes. - Ele disse que queria que ela representasse a Mãe em Sua forma espiritual.

- Sim, posso ver isso, agora que me mostrou - falou Deegie. Ela devolveu a pequena escultura a Latie, que a aninhou cuidadosamente nas mãos.

- Gosto dela. Não é como a de todo mundo, e significa algo especial - disse Latie, contente por Ranec lhe ter dado uma mula que era única. Embora ele não houvesse vivido, jamais, na Fogueira do Leão, Ranec também era seu irmão, mas era tão mais velho que Danug que parecia mais tio do que irmão. Ela nem sempre o compreendia, mas olhou para ele e notou que era respeitado por todos os Mamutoi como um escultor. Ela ficaria contente com qualquer mula feita por ele, mas estava contente por ele ter decidido lhe dar uma igual à de Ayla.

Só daria a Ayla uma escultura que ele considerasse a melhor possível.

A cerimônia de dar o nome à menina de Fralie já havia começado e as três jovens voltaram sua atenção para ela. Ayla reconheceu a placa de marfim gravada com marcas talhadas que Talut segurava e sentiu um instante de preocupação, recordando sua adoção. Mas a cerimônia era obviamente bastante comum. Mamut devia saber o que fazer. Enquanto ela observava Fralie apresentar seu bebê ao feiticeiro e ao chefe do Acampamento do Leão, Ayla se lembrou, de repente, de outra cerimônia semelhante. Fora primavera, então, recordou, somente ela era a mãe e apresentara seu bebê temerosamente, esperando o pior.

Ouviu Mamut dizer: - Que nome escolheu para esta criança? E ouviu Fralie replicar: - Ela deverá se chamar Bectie.

Mas, em sua mente, Ayla ouviu Creb dizer "Durc. O nome do bebê é Durc".

As lágrimas apareceram em seus olhos enquanto sentia gratidão, novamente, e alívio, quando Brun aceitara seu filho e Creb lhe dera um nome. Ela ergueu

os olhos e viu Rydag, sentado em meio a várias crianças com Lobo ao colo, observando-a com os mesmos olhos grandes, castanhos, antigos que lhe lembravam tanto os de Durc. Ela sentiu um desejo repentino de ver seu filho outra vez, mas depois compreendeu uma coisa. Durc era misto, como Rydag, mas havia nascido no Clã, recebido um nome e sido aceito pelo Clã, criado pelo Clã. Seu filho era Clã, e ela estava morta para o Clã. Estremeceu e tentou afastar os pensamentos.

O som de um berro horrorizado de bebê chamou a atenção de Ayla para a cerimônia, novamente, O braço do bebe havia sido cortado com uma faca aguçada, e uma marca talhada na placa de marfim.

Beetie recebera um nome e se achava entre os Mamutoi. Mamut derramava a solução forte sobre o pequeno corte, fazendo o bebê, que nunca conhecera qualquer dor, expressar seu desprazer ainda mais alto, mas o grito zangado e insistente do bebê trouxe um sorriso ao rosto de Ayla. Apesar de seu nascimento prematuro, Bectie era uma criança forte. Era saudável o bastante para gritar Fralie exibiu a filha para que todos a vissem, depois, embalando a criança, cantou uma canção de consolo e alegria em uma voz aguda e agradável, que acalmou a menina. Quando terminou, voltou ao seu lugar perto de Frebec e Crozie. Em poucos instantes Bectie recomeçou a chorar, mas os gritos cessaram de repente, anunciando que ela havia adormecido, afinal.

Deegie a cutucou e Ayla compreendeu que chegara o momento. Era a sua vez. Chamavam-na. Por um instante, foi incapaz de se mover. De pois, quis fugir, mas não havia lugar para onde ir. Ela não queria fazer aquela Promessa a Ranec, ela queria Jondalar, queria lhe pedir para não deixá-la mas, quando ergueu os olhos e viu o rosto ansioso, feliz e sorri dente de Ranec, respirou fundo e se levantou. Jondalar não a queria e ela havia

dito a Ranec que faria a Promessa. Relutante, Ayla caminhou para os co-líderes do acampamento.

O homem escuro a viu aproximar-se, saindo das sombras para a claridade da fogueira central, e sua respiração ficou presa à garganta. Ela usava o traje de couro claro que Deegie lhe dera, aquele que era perfeito para ela, mas seu cabelo não estava trançado nem em coque, ou em um dos estilos complicados que incorporava contas e enfeites em geral usados pelas mulheres Mamutoi. Em deferência à cerimônia da raiz do Clã, ela deixara os cabelos soltos e as ondas fartas, brilhantes, que caíam abaixo dos ombros, cintilavam à luz do fogo e emolduravam seu rosto único, lindamente esculpido com um halo dourado. Naquele momento, Ranec convenceu-se de que ela era a Mãe encarnada, incorporada ao corpo da perfeita Mulher-Especial. Ele a desejava tanto para sua mulher que era quase uma dor, uma dor de desejo, e ele mal podia acreditar que aquela noite era verdadeira.

Ranec não estava sozinho no assombro diante da beleza de Ayla. Quando ela avançou para a claridade do fogo, todo o acampamento foi apanhado de surpresa. A roupa Mamutoi, ricamente elegante, e a gloriosa beleza natural de seu cabelo formavam uma combinação surpreendente, realçada pela claridade dramática. Talut pensou no valor que ela acrescentaria ao Acampamento do Leão, e Tulie estava determinada a fixar um Preço de Noiva muito alto, mesmo que tivesse que contribuir, ela mesma, com metade, por causa do status que isso daria a todos eles. Mamut, já convencido de que ela estava destinada a Servir a Mãe de alguma forma importante, anotou o senso instintivo de oportunidade de Ayla, e tendência natural para o dramático, e percebeu que, um dia, ela seria uma força com quem ajustar contas.

Mas ninguém sentiu mais o impacto de sua presença do que Jondalar. Ele ficou ofuscado por sua

beleza, como Ranec, mas a mãe de Jondalar fora uma líder, e depois seu irmão, após ela; Dalanar havia criado e era o chefe de um novo grupo, e Zolena alcançara o posto mais alto das Zelandonia.

Ele crescera entre os líderes naturais de seu povo, e sentia as qualidades que eram notadas pelo feiticeiro e co-líderes do Acampamento do Leão. Como se alguém lhe houvesse dado um chute no estômago e lhe tirado o ar, de repente compreendeu o que havia perdido.

Assim que Ayla se colocou ao lado de Ranec, Tulie começou: - Ranec dos Mamutoi, filho da Fogueira da Raposa do Acampamento do Leão, pediu a Ayla dos Mamutoi, filha da Fogueira do Mamute do Acampamento do Leão, e protegida pelo Espírito do Leão da Caverna, para se unirem e estabelecerem uma fogueira. É verdade, Ranec? - Sim, é verdade - respondeu ele, depois se virou para Ayla com um sorriso de total alegria.

Talut se dirigiu a Ayla, então.

- Ayla dos Mamutoi, filha da Fogueira do Mamute do Acampamento do Leão, e protegida pelo Espírito do Leão da Caverna, concorda com esta união com Ranec dos Mamutoi, filho da Fogueira da Raposa do Acampamento do Leão? Ayla fechou os olhos e engoliu antes de responder.

- Sim - disse, afinal, em uma voz pouco audível - concordo.

Jondalar, sentado ao fundo, perto da parede da habitação, fechou os olhos e apertou o maxilar até suas têmporas latejarem. Era sua culpa. Se ele não a tivesse forçado, talvez ela não se voltasse para Ranec. Mas ela já se voltara para ele, já tinha partilhado sua cama. Desde o primeiro dia de sua adoção pelos Mamutoi, ela dividira a cama de Ranec.

Não, ele tinha que admitir, isso não era verdade. Depois da primeira noite, ela não dividiu a cama do

escultor com ele, senão depois que eles tiveram aquela discussão estúpida e ele, Jondalar, abandonara a Fogueira do Mamute. Por que discutiram? Ele não estava zangado com ela, apenas preocupado. Então, por que saíra da Fogueira do Mamute? Tulie se virou para Wymez, que estava de pé ao lado de Ranec, perto de Nezzie. Ayla nem sequer o notara.

- Aceita esta união entre o filho da Fogueira da Raposa e a filha da Fogueira do Mamute? - Aceito esta união e a acolho com alegria - replicou Wymez.

- E você, Nezzie? - perguntou Tulie. - Aceita esta união, entre seu filho Ranec, e Ayla, se conseguir um Preço de Noiva adequado? - Aceito a união - respondeu a mulher.

Talut falou em seguida, ao velho ao lado de Ayla: - Buscador Espiritual dos Mamutoi, ele que abandonou nome e fogueira, ele que foi chamado, ele que se dedicou à Fogueira do Mamute, ele que fala à Grande Mãe de todos, Aquele Que Serve Mut - disse o chefe, recitando cuidadosamente todos os nomes e títulos do feiticeiro - o Mamut concorda com uma união entre Ayla, filha da Fogueira do Mamute, e Ranec, filho da Fogueira da Raposa? Mamut não respondeu imediatamente. Ele olhou para Ayla que se encontrava de pé, a cabeça inclinada. Ela esperou e quando ele não falou, ela o encarou. Ele examinou sua expressão, observou sua postura, e a aura ao seu redor.

- A filha da Fogueira do Mamute pode se unir ao filho da Fogueira da Raposa, se desejar - disse ele afinal. - Não há nada para impedir essa união. Ela não precisa de minha aprovação ou da aceitação de ninguém. A escolha é dela. Mas ela continuará sempre a filha da Fogueira do Mamute.

Tulie olhou o velho de soslaio. Sentia que havia mais em suas palavras do que parecia. Havia alguma coisa ambígua em sua resposta e ela se perguntou o que

ele queria dizer, mas resolveu refletir sobre isso mais tarde.

- Ranec, filho da Fogueira da Raposa, e Ayla, filha da Fogueira do Mamute, declararam sua intenção de se unirem. Desejam formar uma união para misturar seus espíritos, e partilhar uma fogueira. Todos os interessados concordaram - disse Tulie. Depois, voltou-se para o escultor. - Ranec, se se unir, promete dar a Ayla a proteção de seu espírito masculino e a sua, cuidará dela quando for abençoada pela Mãe com nova vida, e aceitará seus filhos como os filhos de sua fogueira? - Sim, prometo. É o que mais quero no mundo - falou Ranec.

- Ayla, se se unir, promete cuidar de Ranec e lhe dar a proteção do poder de sua mãe, acolherá bem a Dádiva de Vida da Mãe sem reservas, e partilhará seus filhos com o homem de sua fogueira? - perguntou Tulie.

Ayla abriu a boca para falar, mas nenhum som saiu, a princípio. Ela tossiu e pigarreou, depois replicou, mas sua resposta foi quase inaudível.

- Sim, prometo.

- Todos ouvem e testemunham esta Promessa? - perguntou Tulie às pessoas reunidas.

- Ouvimos e testemunhamos - respondeu o grupo.

Depois, Deegie e Tornec começaram a tocar um ritmo lento em seus instrumentos de osso, mudando sutilmente o tom para acompanhar as vozes que cantavam.

- Vocês se unirão no Matrimônio de Verão, de forma que todos os Mamutoi possam presenciar - disse Tulie. - Dêem volta à fogueira três vezes para ratificar a Promessa.

Lado alado, Ranec e Ayla caminharam devagar ao redor da fogueira, ao som da música tonal e pessoas que cantavam. Estava feito. Tinham feito a Promessa. Ranec estava extasiado. Sentia como se seus pés mal tocassem

o chão enquanto andava. Sua felicidade era tão avassaladora que era impossível acreditar que Ayla não a partilhasse. Ele havia notado uma certa relutância, mas ele inventou desculpas, presumiu que fosse timidez, ou que ela estivesse cansada, ou nervosa. Ele a amava tanto que estava além dele considerar que ela não o amava da mesma maneira.

Mas Ayla sentia o coração pesado enquanto rodeava a fogueira, embora tentasse não demonstrá-lo. Jondalar se curvou, incapaz de sustentar-se, como se seus ossos tivessem desmoronado, sentindo-se como um saco vazio, jogado fora. Mais do que tudo desejou partir, fugir da visão da bela mulher que amava, caminhando ao lado do homem de pele escura, sorridente e feliz.

Quando completaram a terceira volta, houve uma pausa nas cerimônias para desejar felicidades e dar presentes a todos os celebrantes. Presentes para Bectie incluíam o espaço dado à Fogueira da Garça pela Fogueira dos Auroques, assim como um colar de âmbar e conchas marinhas, e uma pequena faca em uma bainha decorada, que eram o começo da riqueza que ela acumularia durante sua vida. Latie recebeu presentes pessoais, impor tantes para uma mulher, e uma bela e ricamente decorada túnica de verão de Nezzie, para ser usada durante as festividades na Reunião de Verão.

Ela receberia muito mais presentes de parentes e amigos íntimos em outros acampamentos.

Ayla e Ranec ganharam itens domésticos: uma concha esculpida de um chifre, um raspador de dois cabos usado para amaciar as partes internas das peles, com um entalhe para uma lâmina substituível, esteiras tecidas, xícaras, tigelas, travessas. Embora Ayla sentisse que ganhavam muitas coisas, elas eram apenas um sinal. Receberiam muito mais na Reunião de Verão, mas eles, e o Acampamento do Leão, também deviam dar presentes em troca. Presentes, pequenos ou valiosos, sempre

incluíam obrigações, e o cálculo de quem devia o que a que pessoa era um jogo complexo mas interminavelmente fascinante.

- Oh, Ayla, estou tão contente porque nos uniremos na mesma época! - exclamou Deegie. - Será tão divertido planejá-lo com você, mas você voltará para cá, e eu partirei para construir nova moradia. Sentirei sua falta no ano que vem. Seria tão engraçado saber quem a Mãe abençoará primeiro. Você ou eu. Ayla, você deve estar tão feliz! - Suponho que sim - disse Ayla e depois sorriu, embora seu coração não se alegrasse.

Deegie se perguntou o porquê da falta de entusiasmo de Ayla. De alguma forma, ela não parecia tão excitada sobre ter sido prometida quanto ela, Deegie, havia ficado. Ayla também refletia. Devia estar feliz, queria estar feliz, mas tudo o que sentia era esperança perdida.

Durante a confraternização geral, Ayla e Mamut esgueiraram-se à Fogueira dos Auroques a fim de fazer os preparativos finais. Quando estavam prontos, voltaram pelo corredor, mas Mamut parou nas sombras entre a Fogueira da Rena e a Fogueira do Mamute. As pessoas formavam pequenos grupos, envolvidas profundamente em conversa, e o feiticeiro esperou que ninguém olhasse naquela direção. Então, fez um sinal a Ayla e moveram-se rapidamente para a área cerimonial, permanecendo no escuro até o último momento.

Mamut, despercebido a princípio, ficou de pé silenciosamente diante da fogueira perto da tela, com a capa fechada à sua frente com os braços cruzados ao peito, os olhos aparentemente fechados.

Ayla, sentada de pernas cruzadas ao chão, aos pés de Mamut, com a cabeça inclinada, tinha uma capa caída de seus ombros, também. Quando foram vistos, foi com a sensação estranha de que tinham, de repente,

aparecido no meio deles. Ninguém os vira aproximar-se. Apenas, estavam ali.

As pessoas encontraram lugares para sentar, rapidamente, cheias de uma sensação de antecipação e excitação, preparadas agora para o mistério e magia da Fogueira do Mamute, e curiosas em relação a esta nova cerimônia que havia sido preparada.

Primeiro, todavia, Mamut queria estabelecer a presença do mundo espiritual, para mostrar a realidade elevada do sentido alterado em que ele funcionava, para aqueles que o conheciam somente por palavras, ou talvez, resultados. O grupo se calou. No silêncio, o som da respiração aumentou, assim como o estalido do fogo. O ar em movimento era uma presença invisível bafejando através das aberturas da lareira, e soltando um lamento mudo através dos buracos de saída da fumaça, parcialmente abertos. Assim, gradualmente, sem ninguém notar que começava, o vento que gemia se tornou uma salmódia sussurrante, depois um canto ritmado. Enquanto as pessoas agrupadas se juntavam ao canro, aumentando o tom ondulante com harmonias naturais, o velho feiticeiro começou um movimento de dança gingado e elaborado. Então, o tambor tonal acentuou o ritmo e o estalo de uma matraca, que parecia ser várias braçadeiras mantidas juntas e sacudidas.

De repente, Mamut arrancou a capa e ficou de pé totalmente nu diante do grupo. Ele não tinha bolsos, mangas, dobras secretas para esconder coisa alguma. Imperceptivelmente, pareceu crescer, diante dos olhos das pessoas presentes, sua presença bruxuleante, transparente, enchendo o espaço.

Ayla pestanejou, sabendo que o velho feiticeiro não havia mudado. Se ela se concentrasse, poderia ver a forma familiar do velho com a pele flácida e pernas e braços compridos, magros e ossudos, mas era difícil.

Ele encolheu, voltando ao tamanho normal, mas parecia ter engolido ou incorporado, de algum modo, a presença bruxuleante, de maneira que contornava-o com um brilho que o fazia parecer enorme. Ele estendeu as mãos abertas diante de si. Estavam vazias. Bateu as mãos uma à outra, uma vez, depois as manteve juntas. Seus olhos se fecharam, e no início ficou imóvel, mas tremia como se lutasse contra uma grande força. Devagar, com imenso esforço, separou as mãos. Uma forma negra, amorfa, apareceu entre ambas, e mais de um observador estremeceu. Tinha o sentido inefável, o odor do mal; de alguma coisa odiosa, fétida e assustadora. Ayla sentiu os cabelos ficarem em pé em sua nuca, e prendeu a respiração.

Quando Mamut estendeu as mãos, separadamente, a forma cresceu. O odor acre do medo nasceu do grupo sentado. Todos se encontravam eretos, inclinados à frente, cantando com uma intensidade pesada, e a tensão dentro da habitação era quase insuportável. A forma se tornou mais escura, inchada, retorcida com vida própria, ou melhor, a antítese da vida. O velho feiticeiro lutava, o corpo tremia com o esforço. Ayla se concentrou nele, temerosa por ele.

Sem aviso prévio, Ayla se sentiu atraída, arrastada e, de repente, se encontrou com Mamut, em sua mente ou em sua visão. Ela via claramente agora, compreendia o perigo, e estava apavorada. Ele controlava uma coisa inenarrável, incompreensível Mamut a havia atraído tanto para protegê-la quanto para ajudá-lo. Enquanto ele trabalhava para controlar a coisa, ela estava com ele, sabendo e aprendendo ao mesmo tempo. Quando ele forçou as mãos para se juntarem outra vez, o vulto diminuiu, e Ayla pôde ver que ele empurrava o vulto de volta ao local de onde viera. Um estalo alto, como um trovão, soou na mente de Ayla quando as mãos do feiticeiro se juntaram.

Desaparecera. Mamut havia expulso o mal, e Ayla se tornou consciente de que Mamut havia invocado outros espíritos para ajudá-lo a lutar com a coisa. Ela percebeu vagos vultos de animais, espíritos guardiães, o Mamute e o Leão da Caverna, talvez até o Urso da Caverna, o próprio Ursus.

Então, ela voltou, sentada a uma esteira, olhando para o velho que era apenas Mamut, novamente.

Ele estava fisicamente cansado, mas, mentalmente, sua capacidade estava aguçada, afiada pela luta de vontades. Ayla também parecia ver mais claramente, e percebeu que os espíritos guardiães ainda estavam presentes. Ela havia tido treinamento suficiente para agora compreender que o propósito de Mamut havia sido afastar quaisquer influências malévolas presentes que pudessem comprometer sua cerimônia. Elas seriam atraídas para o mal que ele invocara, e expulsas com ele.

Mamut fez sinal de silêncio. O canto e o rufo de tambores cessaram. Era hora de Ayla iniciar a cerimônia da raiz do Clã, mas o feiticeiro queria enfatizar a importância da ajuda do acampamento quando chegasse o momento de eles tornarem a cantar. Sempre que o ritual da raiz os possuísse, o som do canto podia guiá-los de volta.

No silêncio expectante da noite, Ayla começou a tocar uma série incomum de ritmos em um instrumento diferente de todos que tinham visto. Era exatamente o que parecia ser, uma grande tigela de madeira, esculpida de um pedaço de madeira, virada de cabeça para baixo. Ela a havia trazido consigo do vale, e a tigela surpreendia tanto pelo tamanho quanto pelo fato de ser usada como instrumento. As árvores suficientemente grandes para fornecer madeira para tal tigela não cresciam no terreno aberto, seco e ventoso das estepes. Mesmo o vale do rio periodicamente inundado, raramente desenvolvia árvores muito grandes, mas o

pequeno vale onde ela vivera era protegido do pior dos ventos cortantes, e tinha mais do que o suficiente em água para algumas coníferas grandes.

Uma fora derrubada por um raio, e Ayla fizera uma tigela de uma parte dela.

Ayla usava uma vareta lisa de madeira para produzir o som. Embora pudesse conseguir certa variação no tom batendo em locais diferentes, não era um instrumento musical de percussão, como a omoplata e tambor de crânio ressoante o eram; era feita para cadências. As pessoas do Acampamento do Leão estavam intrigadas, mas aquela não era a sua música, e não se sentiam inteiramente à vontade com ela. Os sons rítmicos que Ayla produzia eram distintamente estrangeiros, mas como ela havia esperado, criavam uma atmosfera que combinava, uma atmosfera com a sensação do Clã. Mamut estava esmagado por lembranças do tempo que ele passara com eles. As batidas com que Ayla terminou não deram impressão de encerramento, mas criavam a sensação de que se esperava mais e deixavam uma expectativa suspensa no ar.

Os membros do acampamento não sabiam o que esperar mas, quando Ayla tirou a capa e levantou-se, ficaram surpresos pelos desenhos pintados em seu corpo, círculos vermelhos e negros. Exceto por algumas tatuagens faciais daqueles que pertenciam à Fogueira do Mamute, os Mamutoi decoravam suas roupas, não seus corpos. Pela primeira vez, o povo do Acampamento do Leão percebia o mundo de onde Ayla viera: uma cultura tão estranha que não podiam compreendê-la inteiramente. Não era apenas um estilo diferente de túnica, ou escolha de cores predominantes, ou preferência por um tipo de lança, ou mesmo uma linguagem diversa. Era uma maneira diferente de

pensar, mas eles reconheciam que era um modo humano de pensar.

Observavam com fascínio enquanto Ayla enchia a tigela de madeira, que ela dera a Mamut, com água. Depois, pegou uma raiz seca em que eles não tinham reparado, e começou a mastigá-la. Foi difícil, a princípio. A raiz era velha e seca, e os sumos tinham que ser cuspidos à tigela. Ela não devia engolir nada. Quando Mamut havia perguntado, de novo, se a raiz ainda seria eficaz depois de tanto tempo, Ayla respondera que era provável que fosse mais forte agora.

Depois do que pareceu um tempo muito longo - ela recordou que parecera levar muito tempo da primeira vez - cuspiu a polpa mastigada e o resto do suco na tigela de água. Mexeu com um dedo até o líquido ficar aguado e esbranquiçado. Quando achou que estava correto, entregou a tigela a Mamut.

Com a batida de seu tambor e a agitação do chocalho, o feiticeiro as sinalou o andamento certo para os tamborileiros e cantores manterem, e depois, com um gesto de cabeça para Ayla, indicou que estava pronto. Ela estava nervosa, sua experiência anterior com a raiz tivera associações desagradáveis e ela recapitulou cada detalhe da preparação em sua mente, e tentou se lembrar de tudo o que Iza lhe dissera. Ela havia feito tudo o que pudera para que a cerimônia fosse o mais parecida possível com o ritual do Clã. Ela respondeu a Mamut também com um gesto de cabeça, e Mamut levou a tigela à boca e tomou o primeiro gole. Quando bebeu metade, deu o resto a Ayla. Ela bebeu a outra metade.

O sabor era antigo, lembrança de terra fértil em densas florestas sombrias, primitivas, de estranhas árvores gigantescas e uma cobertura verde filtrando sol e luz. Ela começou a sentir os efeitos quase imediatamente. Uma sensação de náusea a dominou, e uma impressão de vertigem. Enquanto a habitação

girava e girava à sua volta, sua visão toldou-se e o cérebro pareceu expandir-se e ficar comprimido em sua cabeça. De repente, a moradia desapareceu e ela estava em outro local, um lugar escuro. Sentiu-se perdida e teve um instante de pânico. Depois, teve a sensação de que alguém lhe estendia a mão e compreendeu que Mamut se encontrava no mesmo local. Ayla ficou aliviada por encontrá-lo, mas Mamut não estava em sua mente como Creb estivera, e ele não a dirigiu, nem a si próprio, como Creb havia feito. Ele não exercia controle algum, apenas estava ali, esperando para ver o que aconteceria.

Fracamente, como se estivessem dentro da habitação comunal, e ela do lado de fora, Ayla ouviu o canto e ruído ressoante dos tambores. Ela focalizou sua atenção no som. Tinha um efeito de apoio, dava-lhe um ponto de referência e uma impressão de não estar sozinha. A proximidade de Mamut também era uma influência calmante, embora ela desejasse a fortemente orientadora, que lhe mostrara o caminho, antes.

A escuridão mudou gradualmente para cinza que se tornou luminoso, depois iridescente. Ela percebeu movimento, como se ela e Mamut sobre voassem a paisagem novamente, mas não havia feições distintas, somente uma sensação de passagem através da nuvem opalescente, circundante.

Aos poucos, à medida que sua velocidade aumentava, a nuvem nevoenta fundia-se numa película fina de brilhantes cores do arco-íris. Ela escorregava por um comprido túnel translúcido, com paredes como o interior de uma bolha, movendo-se mais e mais depressa, dirigindo-se diretamente para uma luz branca ardente, como o sol, mas fria como gelo. Ela gritou, porém não emitiu som algum, depois irrompeu na luz e através dela.

Estava num vazio profundo, frio, negro que dava uma impressão assustadoramente familiar. Ela estivera ali antes, mas então, Creb a havia encontrado e a tirado de lá. Apenas vagamente, sentiu que Mamut ainda estava com ela, mas ela sabia que ele não podia ajudá-la. O canto das pessoas não passava de uma reverberação indistinta. Ela estava certa de que, se parasse, jamais encontraria seu caminho de volta, mas estava incerta sobre se queria voltar. Naquele local não havia sensação, nem sentimento, somente uma ausência que fazia com que visse sua confusão, seu amor doloroso, e sua infelicidade desesperada. O vazio negro era amedrontador, mas não parecia pior que a desolação que sentia em seu íntimo.

Ela sentiu movimento de novo, e a escuridão desapareceu. Estava outra vez em uma nuvem nevoenta, mas era diferente, mais espessa e pesada. A nuvem se partiu e um panorama se abriu diante dela, mas não tinha qualquer significado. Não era a paisagem suave, casual, natural que conhecia. Estava cheia de formas e vultos desconhecidos; plana, regular, com superfícies achatadas e duras, e linhas retas, e grandes massas de cor brilhante, espalhafatosa, pouco natural. Algumas se moviam rapidamente, ou talvez apenas fosse impressão.

Ela não sabia, mas não gostava desse lugar, e lutou para afastá-lo dela, para fugir dele.

Jondalar havia visto Ayla beber a mistura, e franziu a testa, preocupado, quando a viu cambalear, o rosto pálido. Ela teve náuseas algumas vezes e depois caiu ao solo. Mamut também havia caído, mas não era raro o feiticeiro tombar quando ele ia longe, no outro mundo, à procura de espíritos, quer comesse ou bebesse alguma coisa para ajudá-lo, ou não. Mamute e Ayla estavam deitados de costas, enquanto o canto e rufo dos tambores continuavam. Ele viu Lobo tentar alcançá-la, mas o filhote foi mantido longe. Jondalar compreendeu

como Lobo se sentia. Ele queria correr para Ayla e até lançou um olhar a Ranec para ver sua reação, mas o Acampamento do Leão não parecia alarmado, e hesitou em interferir em um ritual sagrado. Em vez disso, começou a cantar também. Mamut fizera questão de lhes dizer como o canto era importante.

Depois de ter passado longo tempo, e nenhum deles ter-se movido, ele ficou mais temeroso por Ayla e pensou ver expressões preocupadas nos rostos de algumas das pessoas. Ele se levantou e tentou vê-la, mas os fogos enfraqueceram e a habitação estava obscurecida. Ouviu um ganir e abaixou os olhos para Lobo. O filhote ganiu de novo e olhou para ele, suplicante. Partiu em direção a Ayla várias vezes, e depois voltou para ele.

Ouviu o relincho de Whinney no anexo. A égua parecia infeliz, como se pressentisse perigo. O homem alto foi ver qual era o problema. Era improvável, mas um predador podia entrar sorrateiramente no anexo dos cavalos, e talvez pôr em perigo os animais quando todos estavam ocupados. Whinney se agitou quando viu o homem. Jondalar não encontrou nada que pudesse ser responsável pelo comportamento da égua, mas ela estava obviamente assustada por algum motivo.

Nem mesmo os afagos e palavras consoladoras de Jondalar a acalmaram. Ela continuou voltada para a entrada da Fogueira do Mamute, embora nunca tivesse tentado entrar ali antes. Racer também estava inquieto, talvez sensível ao nervosismo da mãe.

Lobo estava aos pés de Jondalar de novo, uivando e ganindo, correndo em direção à entrada da Fogueira do Mamute, e depois de volta até ele novamente.

- O que é, Lobo? O que está incomodando você? - Eo que está perturbando Whinney, pensou.

Depois lhe ocorreu o que talvez incomodasse os dois animais. Ayla! Deviam pressentir algum perigo para Ayla! Jondalar voltou ao interior a passos largos e viu

várias pessoas ao redor de Mamut e Ayla, agora, tentando despertá-los. Incapaz de se controlar mais, ele correu para Ayla. Ela estava dura, rígida, com os músculos retesados, e fria. Mal respirava.

- Ayla! - gritou Jondalar. - Ó Mãe, ela parece quase morta! Ayla! Ó Doni, não a deixe morrer! Ayla, acorde! Não morra, Ayla! Por favor, não morra! Ele a segurou nos braços, gritando seu nome, com grande insistência, repetidas vezes, suplicando-lhe para não morrer.

agora, ouviu com mais clareza seu nome gritado com angústia e necessidade e amor esmagador. Sentiu um contato gentil alcançá-la e tocar a essência combinada dela e de Mamut.

De repente, ela se movia, sendo puxada e empurrada ao longo de um único filamento brilhante.

Teve a impressão de enorme velocidade. A nuvem pesada a cercou e desapareceu. Ela atravessou o vazio em um piscar de olhos, O arco-íris cintilante se tornou uma neblina cinza, e no instante seguinte, ela estava na habitação comunal. Abaixo dela, seu próprio corpo, incomumente imóvel com uma palidez cinzenta, estava espalhado no chão. Ela viu as costas de um homem louro que a abraçava, segurando-a. Então, sentiu Mamut empurrá-la.

As pálpebras de Ayla estremeceram, depois ela abriu os olhos e viu o rosto de Jondalar inclinado para ela. O medo intenso em seus olhos azuis mudou para um alívio imenso. Ela tentou falar, mas sua língua estava grossa, e ela estava fria, gelada.

- Voltaram! - ouviu Nezzie dizer. - Não sei onde estiveram, mas estão de volta. E com frio! Tragam peles e alguma bebida quente.

Deegie trouxe uma porção de peles de sua cama, e Jondalar saiu do caminho para que ela pudesse enfiá-las ao redor de Ayla. Lobo veio correndo, saltando e lambendo-lhe o rosto, depois Ranec trouxe uma xícara

de chá quente. Talut ajudou-a a sentar-se. Ranec segurou a bebida quente para que ela a levasse à boca, e ela sorriu, grata. Whinney relinchou do anexo e Ayla reconheceu o som de infelicidade e medo. A mulher se sentou, preocupada, e produziu um som igual ao do animal, para acalmar e tranquilizar a égua. Depois perguntou por Mamut e insistiu em vê-lo.

Foi ajudada a levantar-se, a pele envolvendo-lhe os ombros, e levada ao velho feiticeiro. Estava embrulhado em peles e segurava, também, uma xícara de chá quente.

Sorriu-lhe, mas havia um vislumbre de preocupação em seus olhos. Não querendo preocupar o acampamento indevidamente, ele tentara negligenciar a importância de sua perigosa experiência, mas não queria que Ayla compreendesse mal o sério perigo que tinham corrido. Ela também queria falar a respeito, mas ambos evitaram referências diretas à experiência. Nezzie percebeu, rapidamente, sua necessidade de falar e fez com que todos se retirassem, deixando-os a sós.

- Onde estivemos, Mamut? - perguntou Ayla.

- Não sei, Ayla. Nunca estive lá antes. Era outro lugar, talvez outra época. Talvez não fosse um lugar real - falou ele, pensativo.

- Devia ser - disse ela. - Aquelas coisas pareciam reais, e parte do local era familiar. Aquele lugar vazio, a escuridão, eu estive lá com Creb.

- Acredito quando diz que seu Creb era poderoso. Talvez mais do que você imagina, se podia dirigir e controlar aquele lugar.

- Sim, ele era, Mamut, mas... - Um pensamento ocorreu a Ayla, mas ela estava incerta de poder expressá-lo. - Creb controlava aquele lugar, mostrou-me suas memórias e nossos começos, mas acho que Creb nunca esteve onde estivemos, Mamut. Acho que ele não podia. Talvez tenha sido isso que me protegeu. Ele tinha

certos poderes, e podia controlá-los, mas eram diferentes. O local a que fomos desta vez era um novo lugar. Ele não poderia ir a um lugar novo, só podia ir onde já estivera. Mas, talvez, visse que eu podia. Pergunto-me se isso foi o que o entristecia tanto.

Mamut concordou com um gesto de cabeça.

- Talvez, porém, mais importante, aquele local era muito mais perigoso do que imaginei que seria. Tentei não mencionar isso, para não assustar todos. Se tivéssemos ficado muito mais tempo lá, não teríamos sido capazes de voltar. E não voltamos por nós mesmos. Fomos ajudados por... por alguém que tinha um desejo... tão forte que voltássemos, que venceu todos os obstáculos. Quando a força de vontade pura é dirigida para conseguir seu propósito, nenhuma barreira pode resistir, exceto, talvez, a própria morte.

Ayla franziu a testa, obviamente perturbada, e Mamut se perguntou se ela sabia quem os havia trazido de volta, ou compreendido por que o propósito coerente poderia ser necessário para a sua proteção. Ela compreenderia com o tempo, mas não era ele quem devia lhe dizer. Ela tinha que descobrir sozinha.

- Jamais irei àquele lugar novamente - continuou ele. - Estou velho demais. Não quero meu espírito perdido naquele vazio. Um dia, quando você tiver desenvolvido seus poderes, talvez queira voltar lá. Eu não a aconselharia, mas se for, certifique-se de que tem proteção poderosa. Certifique-se de que alguém espera por você, alguém que possa chamá-la de volta.

Quando Ayla caminhou para sua cama, procurou Jondalar, mas ele havia recuado quando Ranec lhe trouxe o chá, e agora, estava permanecendo fora do caminho. Embora ele não houvesse hesitado em se aproximar quando sentiu que ela corria perigo, estava inseguro agora. Ela havia acabado de fazer a Promessa ao escultor dos Mamutoi. Que direito tinha ele de

segurá-la nos braços? E todos pareciam saber o que fazer, trazendo-lhes bebidas quentes e peles. Ele havia sentido que, porque a amava tanto, talvez tivesse ajudado de algum modo estranho mas, quando refletiu sobre isso, começou a ter dúvidas. Ela estava voltando, provavelmente, quando ele a chamou, disse a si mesmo. Foi coincidência. Eu estava lá, só isso. Ela nem se lembrará.

Ranec se dirigiu a Ayla quando ela acabou de falar a Mamut, e pediu-lhe para ir para a cama dele, não para ter relações, somente para poder abraçá-la e mantê-la aquecida. Mas ela insistiu em que ficaria mais confortável em sua própria cama. Afinal, ele concordou, mas jazeu acordado em suas peles durante bastante tempo, pensando. Embora tivesse sido evidente para todos, ele fora capaz de ignorar o interesse constante de Jondalar por Ayla, apesar de ter deixado a Fogueira do Mamute.

Depois daquela noite, contudo, Ranec não podia negar os fortes sentimentos que o homem alto ainda nutria por ela, não depois de vê-lo suplicar à Mãe pela vida de Ayla.

Ele não tinha dúvida de que Jondalar havia sido um instrumento para trazer Ayla de volta, mas não queria acreditar que ela correspondesse a esses sentimentos na mesma moeda. Ela havia-se prometido a ele naquela noite. Ayla seria sua mulher e partilharia sua fogueira.

Ele também havia temido por ela, e o pensamento de perdê-la, quer para algum perigo, quer para outro homem, só fazia com que a quisesse mais.

Jondalar viu Ranec aproximar-se dela e respirou mais facilmente quando o homem escuro voltou a sua fogueira sozinho mas, então, rolou sobre si mesmo e puxou as peles sobre a cabeça. Que diferença fazia se Ayla estava com ele ou não naquela noite? Ela iria para ele, afinal. Ela havia-se prometido a Ranec.

Capítulo 29

Ayla contava sua idade, em geral, no fim do inverno, começando seu novo ano com a estação da vida nova, e a primavera de seu décimo oitavo ano fora gloriosa, com uma profusão de flores do campo e verduras frescas recém-nascidas. Foi bem-vinda como podia ser apenas, em um local de terras invernais incultas e geladas mas, depois do Festival de Primavera, a estação amadureceu depressa. Quando as flores vivas das estepes murcharam, foram substituídas pela safra viçosa, de crescimento rápido de capim novo - e os animais de pasto que trazia. As migrações sazonais tinham começado.

Animais numerosos e de muitas espécies migravam através das planícies descampadas. Alguns se reuniam em número incontável, outros em pequenos rebanhos ou grupos familiares, mas todos tiravam seu sustento, sua vida, dos grandes pastos incrivelmente ricos, varridos pelo vento, e dos sistemas de rios alimentados pelas geleiras que atravessavam as pastagens.

Grandes manadas de bisões de chifres enormes cobriam colinas e depressões como uma massa viva, gritante, inquieta, ondulante, que deixava atrás de si terra pisada e nua. Gado selvagem, auroques, enfileiravam-se por quilômetros nas florestas amplas ao longo dos vales do rio principal, enquanto viajavam para o norte, às vezes misturados a rebanhos de alces e veados gigantescos com galhadas maciças. Os tímidos cabritos monteses viajavam através de bosques ribeirinhos e florestas boreais em pequenos agrupamentos para os pastos de primavera e verão, juntamente aos insociáveis alces americanos que

também viviam nos pântanos e lagos de neve derretida das estepes.

Cabras monteses e carneiros selvagens, em geral habitantes dos montes, dirigiam-se às planícies nas terras frias do norte, e misturavam-se, em locais onde os animais bebem água, com pequenas famílias de antílopes ou grupos mais numerosos de cavalos das estepes.

O movimento sazonal de animais peludos era mais limitado. Com sua espessa camada de gordura e pesados mantos duplos de pêlo, adaptavam-se à vida perto das geleiras e não sobreviviam a muito calor. Viviam o ano inteiro nas regiões periglaciais das estepes, onde o frio era maior, porém seco, e a neve era pouca, sustentando-se no inverno do feno grosseiro e seco. O boi almiscarado semelhante ao carneiro era um habitante permanente do norte gelado, e movia-se em pequenos rebanhos dentro de território limitado. Rinocerontes peludos que se agrupavam, em geral, somente em famílias, e as manadas maiores de mamutes penugentos iam mais longe, todavia, permaneciam no norte durante o inverno. Nas estepes ao sul, levemente mais quentes e mais úmidas, neves profundas enterravam o alimento e faziam os animais pesados chapinhar. Eles se dirigiam ao sul na primavera para engordar no capim novo e tenro mas, assim que esquentava, voltavam para o norte de novo.

O Acampamento do Leão regozijou-se ao ver as planícies proliferando devida novamente, e comentou sobre cada espécie que aparecia, especialmente os animais que se desenvolviam no frio rigoroso. Esses eram aqueles que mais os ajudavam a sobreviver. Uma visão do enorme e imprevisível rinoceronte, com dois chifres, o da frente comprido e grosso, e duas camadas de pêlo avermelhado, uma camada inferior de lã macia e

felpuda, e uma externa de comprido pêlo protetor, sempre trazia exclamações de as sombro.

Nada, contudo, criava excitação maior entre os Mamutoi do que a visão de mamutes. Quando a época de eles passarem se aproximava, alguém do Acampamento do Leão estava sempre de vigia.

Exceto de alguma distância, Ayla não havia visto um mamute desde que vivia com o Clã, e estava mais excitada que todos quando Danug se acercou correndo encosta abaixo, uma tarde, gritando: Mamutes! Mamutes! Ela estava entre os primeiros a sair correndo da habitação para vê-los. Talut, que muitas vezes carregava Rydag empoleirado aos ombros, estivera nas estepes com Danug, e ela viu Nezzie com o menino sobre seu quadril, arrastando-se atrás. Ela começou a recuar para ajudar, então viu Jondalar tirar o garoto da mulher e colocá-lo sobre seus ombros. Recebeu sorrisos gentis de ambos. Ayla sorriu também, embora ele não a visse. A expressão continuava no rosto dela quando se virou para Ranec, que havia corrido para alcançá-la. Seu sorriso terno, bonito, provocou nele um sentimento intenso de afeto e um desejo forte de que ela já fosse dele. Ela não conseguiu deixar de responder ao amor nos olhos escuros, brilhantes, e no sorriso atraente; O sorriso de Ayla permaneceu para ele.

Nas estepes, o Acampamento do Leão observou com assombro silencioso os animais grandes, de pêlo emaranhado. Eram os maiores animais em sua terra - na verdade, seriam em qualquer região.

A manada, com vários filhotes entre eles, passava perto, e a velha matriarca observou as pessoas com desconfiança. Tinha cerca de 3 metros de altura nos ombros, e uma cabeça alta, arredondada e uma corcova na cernelha, usada para estocar gordura adicional para o inverno. Um dorso curto que descia abruptamente para a bacia completava o característico e

imediatamente reconhecido perfil. Seu crânio era grande em comparação ao tamanho, mais da metade do comprimento do tronco relativamente curto, de cuja extremidade projetavam-se dois apêndices da largura de dedos, móveis, sensíveis, um superior e um inferior. O rabo era curto também e as orelhas pequenas para conservar o calor.

Os mamutes condiziam eminentemente com sua região frígida. Sua pele era muito espessa, isolada por três ou mais polegadas de gordura sub-cutânea, e revestida com um manto inferior macio e compacto, com cerca de uma polegada. O pêlo exterior comprido, grosso, com cerca de vinte polegadas de comprimento, era marrom-avermelhado escuro, e pendia em camadas ordenadas sobre a espessa lã penugenta de inverno, como protetor contra o vento e revestimento quente contra a umidade. Com molares eficientes, tipo raspadeiras, consumiam uma alimentação de inverno de capim seco, galhos e cascas de vidoeiros, salgueiros e lanços com tanta facilidade quanto a alimentação de verão que constava de capim verde, junças e ervas.

As imensas presas dos mamutes, mais impressionantes que tudo, provocavam assombro e terror.

Projetando-se juntas da mandíbula inferior, primeiramente apontavam diretamente para baixo, depois curvavam-se fortemente para fora, para cima e, afinal, para dentro. Nos machos velhos, uma presa podia atingir 4,80 metros de comprimento, mas então, cruzavam-se na frente. Nos animais novos, as presas eram armas eficazes e ferramentas embutidas para desarraigar árvores e limpar a neve do pasto e alimentar-se mas, quando as duas pontas se curvavam para cima e se brepunham, atrapalhavam e prejudicavam mais do que ajudavam.

A visão dos enormes animais trouxe um fluxo de lembranças a Ayla, da primeira vez em que vira um mamute. Recordou ter desejado, então, poder caçá-los com os homens do Clã, e lembrou-se de que Talut a havia convidado para ir à primeira caçada de mamutes com os Mamutoi. Ela gostava de caçar, e a idéia de que, talvez, se juntasse realmente aos caçadores desta vez lhe deu um formigamento de antecipação. Começou a ansiar realmente pela Reunião de Verão.

A primeira caçada da temporada tinha importante significado simbólico. Embora os mamutes penugentos fossem majestosos e maciços, o sentimento dos Mamutoi por eles ia muito além da admiração por seu tamanho. Dependiam do animal para muito mais que alimento e, em sua necessidade e desejo de assegurar a continuação das grandes bestas, conceberam um relacionamento especial com eles. Reverenciavam-nos, porque baseavam sua própria identidade neles.

Os mamutes não tinham verdadeiros inimigos naturais; nenhum carnívoro dependia deles regularmente para sua subsistência. Os grandes leões de caverna, duas vezes o tamanho de qualquer felino grande, que normalmente caçavam os animais de pastagem maiores - auroques, bisões, veados gigantes, alces, alces americanos ou cavalos - e podiam matar um adulto, às vezes derrubavam um mamute novo, doente ou muito velho, mas nenhum predador quadrúpede, sozinho ou em grupo, podia matar um mamute adulto em seu apogeu.

Somente os Mamutoi, os filhos homens da Grande Mãe Terra, receberam o poder para caçar a maior de Suas criaturas. Eles eram os escolhidos. Entre todas as Suas criações, eles eram superiores. Eram os Caçadores de Mamutes.

Depois que a manada de mamutes passou, as pessoas do Acampamento do Leão a seguiram

ansiosamente. Não para caçar, isso aconteceria mais tarde. Estavam atrás de sua lã macia, felpuda das camadas inferiores de inverno, que se soltava através dos pêlos protetores externos mais grosseiros, em grandes punhados. A lã naturalmente colorida, vermelho-escura, que era apanhada no solo e em moitas espinhosas que a pegavam e conservavam, era considerada uma dádiva especial do Espírito do Mamute.

De acordo com a oportunidade, a lã branca do carneiro selvagem que era libertada naturalmente na primavera, a lã incrivelmente macia, marrom, felpuda do boi almiscarado e a lã de camada interna, vermelha mais clara, do rinoceronte, também eram reunidas com grande entusiasmo. Em suas mentes, agradeciam e ofereciam estima à Grande Mãe Terra que dava aos Seus filhos tudo do que precisavam, abundantemente: produtos vegetais e animais e materiais como sílex e argila. Eles só tinham que saber onde e quando procurar.

Embora as verduras frescas - carboidratos - fossem acrescentadas entusiasticamente à sua alimentação, por toda a rica variedade disponível, os Mamutoi caçavam pouco na primavera e início de verão, a menos que os estoques de carne fossem poucos. Os animais estavam magros demais. O inverno, demorado e rigoroso, os privava das fontes concentradas exigidas de energia, na forma de gordura. Suas perambulações eram movidas pela necessidade de reabastecimento.

Alguns bisões machos eram apanhados, se o pêlo de sua nuca ainda fosse preto, indicando que ainda existia alguma gordura, e fêmeas grávidas de várias espécies, pela pele e carne tenra do feto que servia para a fabricação de roupas macias de bebê ou roupas de baixo. A principal exceção era a rena.

Grandes rebanhos de renas migravam para o norte, as fêmeas com galhadas, com o filhote do ano anterior à frente, seguindo trilhas conhecidas para seus tradicionais terrenos de dar cria, seguidas pelos machos. Como acontece com outros animais em rebanho, suas fileiras eram reduzidas por lobos que se colocavam ao longo de seus flancos procurando o animal mais fraco e mais velho, e por várias espécies de felinos: grandes lince, leopardos de corpos longos, e um ocasional leão de caverna maciço. Os grandes carnívoros brincavam de anfitriões com suas sobras, para uma enorme variedade de carnívoros secundários e necrófagos, tanto quadrúpedes quanto aves: raposas, hienas, ursos marrons, almiscareiros, pequenos gatos das estepes, carcajus, doninhas, corvos, milhafres, gaviões, e muitos mais.

Os caçadores bípedes atacavam todos eles. O pêlo e penas de seus com petidores de caça não eram desdenhados, embora as renas fossem a principal caça do Acampamento do Leão - não pela carne, apesar de não ser desperdiçada. A língua era considerada uma iguaria e grande parte da carne era seca para uso como alimento de viagem, mas eram as peles que eles queriam. Comumente de cor castanha-acinzentada, mas indo desde o branco leite até quase preto, com um tom marrom- avermelhado nos animais novos, o pêlo da maior parte das renas do norte era não só leve quanto quente. Porque seu pêlo era naturalmente isolado, não se podia encontrar melhor agasalho do que aquele feito com couro de rena, e era sem igual para roupa de cama e tapetes. Com rodeios e armadilhas, o Acampamento do Leão as caçava todos os anos, para reabastecer seus suprimentos e para presentes que levavam consigo quando partiam em suas migrações de verão.

Enquanto o Acampamento do Leão se preparava para a Reunião de Verão, a excitação era grande. Ao

menos uma vez por dia, alguém dizia a Ayla o quanto ela gostaria de conhecer algum parente ou amigo, ou quanto eles quereriam conhecê-la. Rydag era o único a quem parecia faltar entusiasmo para a reunião dos Acampamentos. Ayla nunca vira o menino tão tristonho, e preocupou-se com sua saúde.

Ela o observou cuidadosamente durante vários dias, e em uma tarde incomumente quente, quando ela saiu para ver várias pessoas estenderem peles de renas, sentou-se ao lado dele.

- Fiz remédio novo para você, Rydag, para levar à Reunião de Verão - disse Ayla. - É mais fresco e talvez seja mais forte. Terá que me dizer se sentir alguma diferença para melhor ou pior - acrescentou ela, usando sinais manuais e palavras, como costumava fazer com ele. - Como se sente agora? Houve alguma mudança ultimamente? Rydag gostava quando Ayla conversava com ele. Embora fosse profundamente grato por sua nova capacidade de se comunicar com seu acampamento, a sua compreensão e uso da linguagem de sinais era simples e essencialmente direta com Ayla. Ele havia compreendido a linguagem verbal das pessoas desde muitos anos, porém, quando lhe falavam, tendiam a simplificá-la para combinar com os sinais que usavam. Os sinais de Ayla estavam mais próximos em nuance e sentimento à fala verbal, e realçavam as palavras.

- Não, sinto o mesmo - falou o garoto por sinais.

- Não está cansado? - Não... Sim. Sempre um pouco cansado - sorriu. - Não muito.

Ayla sacudiu a cabeça, concordando, examinando-o cuidadosamente, verificando algum sintoma visível, tentando assegurar-se de que não havia mudança no estado dele, ao menos para o pior. Ela não viu qualquer sinal de deterioração física, mas ele parecia abatido.

- Rydag, alguma coisa o incomoda? Está infeliz? Ele encolheu os ombros e desviou o olhar. Depois voltou os

olhos para ela.

- Não quero ir - disse, por sinais.

- Aonde não quer ir? Não entendo.

- Não quero ir à Reunião - disse ele, desviando o olhar outra vez.

Ayla franziu a testa, mas não pressionou. Rydag não parecia querer falar a respeito, e entrou logo na habitação. Ela o seguiu através do vestíbulo, tentando não parecer conspícua, e da área de cozinhar viu-o deitar-se em sua cama. Estava preocupada com ele.

Raramente se deitava durante o dia por sua livre vontade. Ela viu Nezzie entrar e parar para prender a cortina da frente. Ayla correu até ela, a fim de ajudar.

- Nezzie, sabe o que há de errado com Rydag? Ele parece tão... infeliz - disse Ayla.

- Eu sei. Ele fica assim nesta época do ano. É a Reunião de Verão. Não gosta dela.

- Foi o que ele disse. Por quê? Nezzie fez uma pausa e olhou diretamente para Ayla.

- Você não sabe, realmente, não é? - A jovem sacudiu a cabeça. Nezzie deu de ombros: - Não se preocupe, Ayla. Não há nada que possa fazer.

Ayla atravessou a habitação pelo corredor e olhou para o garoto. Os olhos estavam fechados, mas ela sabia que ele não dormia. Ela sacudiu a cabeça, desejando poder ajudar. Adivinhava que se tratava de algo relativo à diferença de Rydag, mas ele estivera na Reunião antes.

Atravessou rapidamente a vazia Fogueira da Raposa e entrou na Fogueira do Mamute. De repente, Lobo irrompeu pela entrada da frente e estava nos calcanhares dela, saltando com alegria. Ela o fez parar com um gesto. Ele obedeceu, mas pareceu tão magoado que ela compadeceu-se e lhe atirou o pedaço bem mastigado de couro macio que um dia havia sido um de seus favoritos sapatos-meias.

Afinal, ela o dera a Lobo quando pareceu ser a única maneira de fazê-lo parar de roer as botas e sapatos das outras pessoas. Ele se cansou depressa do brinquedo velho e, agachando-se sobre as patas dianteiras, agitou o rabo e ganiu para ela. Ayla não conteve um sorriso, e resolveu que era um dia bonito demais para ficar dentro de casa. Em um impulso, pegou a funda e uma bolsa de pedras redondas que reunira, e fez sinal a Lobo para segui-la. Vendo Whinney no anexo, resolveu incluir a égua também.

Ayla saiu pela entrada em arco do anexo, seguida pela égua cor de feno, e pelo lobinho cinzento, cujo pêlo e marcas eram típicos de sua espécie, ao contrário de sua mãe preta. Ela viu Racer na metade da descida em direção ao rio. Jondalar estava com ele, sem camisa sob o sol quente, e puxava o jovem garanhão por uma corda. Como havia prometido, ele treinava Racer passando a maior parte do tempo nisso e, na verdade, tanto ele quanto o animal pareciam gostar do que faziam.

Ele a viu e acenou-lhe para que esperasse, enquanto começava a subir em direção à jovem. Era raro ele aproximar-se de Ayla, ou indicar que desejava lhe falar. Jondalar havia mudado desde o incidente nas estepes. Não mais a evitava, exatamente, mas poucas vezes fazia um esforço para falar com ela, e quando o fazia era como estranho, reservado e polido. Ela esperara que o jovem garanhão aproximasse Jondalar dela, porém, ele parecia até mais distante.

Ela esperou, observando o homem alto, musculoso, atraente se acercar e, incontrolável, o pensamento de sua afetuosa resposta à necessidade dele nas estepes, surgiu em sua mente. Em um instante, ela sentiu que o desejava. Era uma reação de seu corpo, além do seu controle, mas quando Jondalar se aproximou, ela notou o rubor em seu rosto e os belos olhos azuis se encherem daquela expressão especial. Ela viu o volume de seu

membro, embora não tivesse intenção de olhar para o local, e se encontrou corando.

- Desculpe-me, Ayla. Não quero incomodá-la, mas senti que deveria lhe mostrar este novo freio que fiz para Racer. Talvez queira usar um em Whinney -disse Jondalar, mantendo a voz normal e desejando poder controlar o resto de si mesmo.

- Não me incomoda - disse Ayla, embora ele a perturbasse. Ela olhou para o dispositivo feito de tiras finas de couro, trançado, e presas com alças uma na outra.

A égua ficara no cio no início da estação. Pouco depois de Ayla notar a condição de Whinney, ouviu o relincho distinto de um garanhão nas estepes. Apesar de Ayla ter encontrado a égua depois de ela ter ido viver com um garanhão e uma cavalhada antes, não podia pensar em ceder Whinney a um cavalo. Talvez não tivesse sua amiga de volta desta vez. Ayla havia usado um tipo de cabresto e uma corda ao redor do pescoço para conter a égua - e o jovem garanhão que havia demonstrado grande interesse e excitação - e os manteve dentro do anexo quando não podia estar com eles.

Desde então, continuou a usar o cabresto ocasionalmente, embora preferisse dar a Whinney a liberdade de ir e vir quando quisesse.

- Como funciona? - perguntou Ayla.

Ele demonstrou em Whinney, com um extra que tinha feito para ela. Ayla fez várias perguntas em um tom aparentemente calmo, porém, mal prestava atenção. Estava muito mais consciente do calor de Jondalar quando ele se encontrava ao lado dela, e também de seu leve odor agradavelmente masculino. Ela parecia incapaz de deixar de encará-lo, de fixar suas mãos, o movimento dos músculos sobre seu peito, e o volume de sua virilidade. Ela esperava que suas perguntas

levassem a mais conversa, mas assim que ele acabou de explicar o mecanismo, afastou-se abruptamente. Ayla o viu suspender a camisa, montar Racer e, guiando-o com movimentos das rédeas novas, subir a encosta. Ela considerou, por um instante, em ir atrás dele montada em Whinney, depois mudou de idéia. Se ele estava tão ansioso para se afastar, significava que não a queria por perto.

Ayla fitou Jondalar até ele ficar fora do alcance de sua vista. Lobo, ganindo ansiosamente para ela, afinal chamou sua atenção. Ela passou a funda ao redor da cabeça, e verificou as pedras na bolsa.

Depois, pegou o filhote de lobo e colocou-o sobre a cernelha de Whinney. Em seguida, montou e começou a subir a encosta em uma direção diferente da que Jondalar havia seguido. Ela planejara caçar com Lobo e talvez o fizesse. Lobo havia começado a espreitar e tentar pegar ratos e caça pequena por conta própria, e ela descobrira que ele era muito bom em levantar a caça para sua funda. Embora fosse acidental no início, o lobo era rápido no aprendizado e já se tornava treinado em levantar a caça sob as ordens de Ayla.

Ayla estava certa em um ponto. Jondalar partiu com tanta pressa não porque não queria ficar perto dela naquele momento, mas somente porque desejava ficar ao lado dela o tempo todo. Precisava fugir de suas próprias reações diante da proximidade de Ayla. Ela estava prometida a Ranec, agora, e ele havia perdido qualquer direito que pudesse ter sobre ela. Ultimamente, ele começara a cavalgar quando queria fugir de uma situação difícil, ou de um esforço para combater emoções conflitantes, ou apenas para pensar. Começou a compreender por que Ayla havia tantas vezes se afastado, montando Whinney, quando alguma coisa a perturbava. Cavalgar através dos pastos abertos, uma perna de cada lado do garanhão jovem, sentindo o vento

no rosto, tinha um efeito tanto calmante quanto estimulante.

Uma vez no alto das estepes, comandou Racer para um galope e inclinou-se para mais perto do pescoço forte que se estendia para a frente. Tinha sido surpreendentemente fácil acostumar o cavalo a aceitar um cavaleiro, mas de muitas maneiras Ayla e Jondalar o tinham feito se habi tuar a isso por algum tempo. Era mais difícil resolver como fazer Racer compreender e querer ir aonde seu cavaleiro queria.

Jondalar entendeu que o controle de Ayla sobre Whinney tinha funcionado tão naturalmente que suas ordens eram ainda bastante inconscientes, mas ele começou com a idéia de treinar o cavalo.

Suas indicações eram muito mais determinadas, e enquanto treinava o cavalo, ensinava a si mesmo também. Aprendeu como sentar-se sobre o animal, como traba lhar com os músculos fortes do garanhão, não apenas saltar em seu dorso, e descobriu que a sensibilidade do animal à pressão das coxas e mudanças de posição do corpo fazia com que se tornasse mais fácil dirigi-lo.

a medida que ganhou mais confiança e se tornou mais confortável, cavalgava mais, o que era exatamente o tipo de treinamento necessário, porém, quanto mais se ligava a Racer, maior afeição sentia por ele também. Gostara do cavalo desde o início, mas ele ainda era de Ayla. Repetia a si mesmo que treinava Racer para ela, mas odiava pensar em abandonar o jovem garanhão.

Jondalar tinha planejado partir imediatamente depois do Festival de Primavera, no entanto, ainda continuava ali e não tinha certeza do motivo. Pensou em razões - ainda era muito cedo na estação imprevisível, ele prometera a Ayla treinar Racer - mas sabia que eram apenas desculpas. Talut pensava que ele permanecia para ir à Reunião de Verão com eles, e Jondalar não

tentava corrigir essa impressão, apesar de dizer a si mesmo, repetidas vezes, que partiria antes que eles viajassem.

Todas as noites, quando ia para a cama, e principalmente se Ayla ia para a Fogueira da Raposa, dizia a si mesmo que iria embora no dia seguinte, e adiava a partida todos os dias. Lutava consigo mesmo, mas quando pensava seriamente em arrumar sua bagagem e partir, lembrava-se de Ayla jazendo fria e imóvel no solo, na Fogueira do Mamute, e não podia ir embora.

Mamut havia-lhe falado no dia seguinte ao Festival, e lhe disse que a raiz havia sido forte demais para ele controlar. Era perigosa demais, falou o feiticeiro, ele jamais tornaria a usá-la. Aconselhara Ayla a também não usá-la, e preveniu-a de que precisaria de forte proteção se o fizesse. Sem dizê-lo, na verdade, o velho insinuou que Jondalar, de alguma forma alcançara Ayla e era responsável por trazê-la de volta.

As palavras do feiticeiro perturbaram Jondalar, mas também tirou delas uma estranha forma de consolo. Quando o homem da Fogueira do Mamute temera pela segurança de Ayla, por que lhe pedira para ficar? E por que Mamut dizia que fora ele quem a trouxera de volta? Ela estava prometida a Ranec e não havia dúvida do sentimento do escultor por ela.

Se Ranec estava ali, por que Mamut o queria? Por que Ranec não a trouxe de volta? O que o velho sabia? O que quer que fosse, Jondalar não podia suportar o pensamento de não estar ali se ela precisasse dele novamente, ou de deixá-la enfrentar um perigo terrível sem ele, porém, tampouco suportava o pensamento de Ayla viver com outro homem. Ele era incapaz de resolver se ia ou ficava.

- Lobo, largue isso! - gritou Rugie, zangada e aborrecida. Ela e Rydag brincavam na Fogueira do

Mamute, aonde Nezzie os mandara ir de modo que pudesse arrumar a bagagem. - Ayla! Lobo não quer largar minha boneca! Ayla estava sentada no meio de sua cama, cercada por pilhas ordenadas de suas coisas.

- Lobo, solte! - ordenou. - Venha cá! - fez um gesto.

Lobo largou a boneca feita de tiras de couro e se dirigiu a Ayla com o rabo entre as pernas.

- Aqui! - falou ela, batendo no local da cabeceira de sua cama onde ele dormia, em geral. O filhote saltou para a cama. - Agora, deite e não aborreça mais Rugie e Rydag. - Ele se deitou com a cabeça sobre as patas, fixando-a com olhos tristonhos, arrependidos.

Ayla voltou a remexer em suas coisas, mas logo parou e observou as duas crianças brincando no chão da Fogueira do Mamute, não querendo fitá-las, mas intrigada. Elas brincavam de "fogueiras", fingindo que dividiam uma fogueira como os homens e mulheres faziam. Seu "filho" era a boneca de couro, moldada em forma humana com uma cabeça redonda, corpo, braços e pernas, enrolada em uma macia manta de pele. A boneca é que fascinava Ayla. Ela jamais tivera uma boneca; a gente do Clã não fazia imagens de qualquer tipo, desenhadas, esculpidas ou moldadas de couro, porém, a boneca a fez recordar um coelho ferido que uma vez levou para a caverna para Iza tratar.

Ela havia aninhado e balançado o coelho da mesma maneira que Rugie segurava e brincava com a boneca.

Ayla sabia que, geralmente, era Rugie quem iniciava as brincadeiras. Às vezes brincavam que estavam unidos, outras eram "líderes", um irmão e uma irmã encarregados de seu próprio acampamento. Ayla observou a meninazinha loura e o menino de cabelos castanhos, consciente, de repente, das feições do Clã de Rydag. Rugie o considera seu irmão, pensou Ayla, mas duvidava de que seriam, algum dia, co-líderes de um acampamento.

Rugie entregou a boneca a Rydag, depois levantou-se e se afastou em alguma missão imaginária.

Rydag a viu ir embora, depois colocou a boneca ao chão e ergueu a cabeça para Ayla e sorriu. O menino não se interessava muito pelo bebê imaginário depois que Rugie não voltou em curto tempo. Ele preferia bebês reais, embora não se importasse de brincar com Rugie quando ela estava presente. Depois de algum tempo, Rydag se levantou e saiu também. Rugie havia esquecido a brincadeira e a boneca por certo tempo, e Rydag foi procurá-la, ou encontrar outra coisa para fazer.

Ayla voltou a escolher o que levaria para a Reunião de Verão. No ano anterior, parecia, ela havia vasculhado suas coisas demasiadas vezes, tomando decisões sobre o que levar e o que deixar.

Desta vez, preparava-se para viajar, e levaria somente o que pudesse carregar. Tulie já lhe falara sobre a utilização dos cavalos e do travois para carregar presentes; aumentaria tanto o seu status quanto o do Acampamento do Leão. Ela pegou a pele que tingira de vermelho e sacudiu-a, tentando resolver se precisaria dela ou não. Jamais fora capaz de decidir o que fazer com a pele vermelha.

Não sabia o que faria com ela agora, mas vermelho era uma cor sagrada para o Clã, e além disso ela gostava. Dobrou-a e colocou-a junto das outras poucas coisas que queria levar além do que era essencial: o cavalo esculpido que ela amava tanto, que Ranec lhe dera em sua adoção, e a nova mula; a bela ponta de sílex de Wymez; alguns adornos, contas e colares; seu traje que fora presente de Deegie, a túnica branca que ela fizera e a capa de Durc. Sua mente vagou enquanto remexia mais alguns itens, e encontrou-se pensando em Rydag. Teria ele realmente uma companheira, um dia, como Dure? Ela achava que não haveria nenhuma menina como ele na Reunião de Verão. Ela não estava

certa de que ele atingiria a idade adulta sequer, refletiu. Sentia-se grata por seu filho ter sido forte e sadio, e porque teria uma companheira. O clã de Broud, agora, estaria se preparando para ir à Reunião de Clãs, se já não houvessem partido. Ura esperava voltar com eles para se unir finalmente a Durc e, com certeza, odiando a idéia de deixar seu próprio clã. Pobre Ura, seria difícil para ela deixar as pessoas que conhecia, para ir viver num lugar estranho, com um clã estranho. Um pensamento atravessou a mente de Ayla pela primeira vez. Será que ela gostaria de Durc? Ele gostaria dela? Esperava que sim, porque não era provável que tivessem outra chance.

Pensando em seu filho, Ayla estendeu a mão para uma bolsinha que trouxera do vale, abriu-a e retirou o conteúdo. Seu coração falhou quando viu a escultura de marfim. Ela apegou. Era de uma mulher, mas não igual a qualquer das esculturas femininas que já vira, e compreendia, agora, como era incomum. A maioria das muta, exceto a mulher-ave simbólica de Ranec, eram formas cheias, redondas, maternais, com somente uma saliência decorada como cabeça. Todas se destinavam a simbolizar a Mãe, mas aquela era uma escultura de uma mulher magra, com o cabelo em muitas pequenas tranças, da maneira como costumava usar o seu. Mais surpreendente, tinha um rosto cuidadosamente esculpido, com queixo e nariz fino, e uma sugestão de olhos.

Ela segurou a escultura na mão, e a peça se toldou diante de seus olhos quando todas as lembranças voltaram. Sem saber, as lágrimas rolavam por seu rosto. Jondalar a havia esculpido no vale.

Quando a fez, disse que queria aprisionar seu espírito de forma que nunca se separassem. Por isto fez a escultura parecida com ela, embora ninguém devesse fazer uma imagem a semelhança de uma pessoa real,

por medo de capturar o espírito. Ele disse que queria que ela ficasse com a escultura, assim, ninguém poderia usá-la para propósitos perversos contra ela. Compreendeu que era a sua primeira muta. Jondalar deu-lhe depois de seus Primeiros Ritos, quando ele a havia tornado uma verdadeira mulher.

Ela jamais esqueceria aquele verão em seu vale, apenas os dois, juntos Mas Jondalar ia embora sem ela. Ayla apertou a escultura de marfim contra o peito e desejou ir com ele. Lobo gania para ela, em solidariedade, avançando muito lentamente porque sabia que devia ficar onde estava. Ela estendeu a mão para ele e escondeu o rosto no pêlo do animal, enquanto ele tentava lambe-las suas lágrimas salgadas.

Ela ouviu alguém descendo o corredor e se sentou ereta, rapidamente, enxugou o rosto e lutou para se controlar. Virou-se como se procurasse alguma coisa atrás de si, quando Barzec e Druwez passaram, envolvidos em sua conversação. Depois, guardou a escultura na bolsinha novamente e, com cuidado, colocou-a sobre o couro vermelho vivo que ela havia tingido para levá-la consigo.

Não podia, jamais, abandonar sua primeira muta. Mais tarde, naquela noite, quando o Acampamento do Leão se preparava para dividir uma refeição, Lobo rosnou de forma ameaçadora e correu para a entrada da frente. Ayla ficou de pé em um salto e correu atrás dele, perguntando-se o que podia estar errado. Vários outros a seguiram. Quando abriu a cortina, ficou surpresa ao ver um desconhecido, um estranho muito assustado, retrocedendo enquanto um lobo quase adulto parecia pronto para atacar.

- Lobo, venha cá! - ordenou Ayla. O filhote recuou com relutância, mas ainda encarava o homem desconhecido com os dentes à mostra e uma rosnadela baixa na garganta.

- Ludeg! - exclamou Talut, dando um passo à frente, com um largo sorriso e um grande abraço de urso. - Entre. Entre. Está frio.

- Eu... ah... não sei - disse o homem, olhando de soslaio para o filhote. - Há mais aí dentro iguais a este? - Não, não - respondeu Ayla. - Lobo não ferirá você. Eu não dei xarei.

Ludeg olhou para Talut, sem saber se acreditava na mulher estranha - Por que tem um lobo em sua moradia? - É uma longa história, que será melhor contada ao lado de um fogo Venha, Ludeg. O filhote de lobo não machucará você. Prometo - disse Talut, lançando um olhar significativo a Ayla, enquanto conduzia o rapaz através da arcada.

Ayla sabia exatamente o que o olhar significava. Era melhor Lobo não ferir aquele desconhecido. Ela os acompanhou, fazendo sinal ao filhote para ficar ao seu lado, mas não sabia como lhe dizer para parar de rosnar. Era uma situação nova. Ela sabia que os lobos, embora muito afetivos e ligados aos seus bandos, tinham fama de atacar e matar desconhecidos que invadiam o seu território. O comportamento de Lobo era perfeitamente compreensível, mas isso não o tornava aceitável. Ele teria que se habituar com estranhos, quer gostasse ou não.

Nezzie cumprimentou o filho de sua prima com afeição, pegou sua mochila eparka, e entregou-as a Danug para que as levasse para um estrado-cama vazio na Fogueira do Mamute; depois encheu um prato e encontrou um lugar para ele se sentar. Ludeg continuou lançando olhares cautelosos a Lobo, cheio de apreensão e nervosismo e, sempre que Lobo via o seu olhar, a rosnadela ameaçadora em sua garganta se tornava mais forte. Quando Ayla o afagou, ele abaixou as orelhas e se deitou, mas no instante seguinte voltou a rosnar para o estranho. Ela pensou em conter Lobo com uma corda ao

redor do seu pescoço, mas não imaginou que solucionaria alguma coisa. Somente deixaria o animal mais ansioso na defensiva, e em troca, poria o homem mais nervoso.

Rydag hesitava, tímido diante do visitante, embora já o conhecesse, mas percebeu rapidamente o problema. Sentiu que a preocupação tensa do homem contribuía para o problema. Talvez, se Ludeg visse que o lobo era amistoso, relaxaria. A maioria das pessoas se amontoavam na área de cozinhar, e quando Rydag ouviu Hartal acordar, teve uma idéia. Foi à Fogueira da Rena e consolou o bebê, depois puxou-o pela mão e dirigiu-se com ele à área de cozinhar, mas não em direção à sua mãe; em vez disso, caminhou com Hartal para Ayla e Lobo.

Hartal havia desenvolvido, naqueles últimos dias, forte atração pelo filhote brincalhão e, no instante em que viu o animal cinzento e peludo, riu de alegria. Encantado, Hartal correu até o filhote, mas seus passos de bebê eram vacilantes. Tropeçou e caiu sobre o animal. Lobo uivou, mas sua única reação foi lambe o rosto do bebê, o que fez Hartal dar risadinhas. Ele empurrou a língua molhada e quente para longe, colocando as mãozinhas gorduchas dentro das grandes mandíbulas de dentes aguçados. Depois, agarrou punhados de pêlo e tentou puxar Lobo para si.

Esquecendo seu nervosismo, Ludeg fitava, com olhos arregalados de surpresa, o bebê forçando o animal a mover-se, porém, mais que isso, a aceitação gentil e paciente do carnívoro feroz. Lobo tampouco podia manter a vigilância defensiva sobre o estranho diante do assalto, e não estava totalmente adulto para ser capaz da persistência sustentada pelos membros adultos de sua espécie.

Ayla sorriu para Rydag, sabendo imediatamente que ele havia trazido Hartal exatamente com aquele

propósito, Quando Tronie veio e pegou o filho, Ayla segurou Lobo, resolvendo que estava na hora de ele ser apresentado ao estranho.

- Acho que Lobo se acostumará com você mais facilmente se deixar que sinta seu cheiro - disse ela ao rapaz.

Ayla falava a língua perfeitamente, mas Ludeg notou uma diferença na forma como pronunciava algumas palavras. Ele a examinou atentamente pela primeira vez, perguntando-se quem era. Ele sabia que ela não estivera como Acampamento do Leão no ano anterior, quando partiram. Na verdade, não se lembrava de tê-la visto antes, e estava certo de que se lembraria de uma mulher tão bonita. De onde ela viera? Ele ergueu a cabeça e notou um estranho alto e louro, observando-o.

- O que tenho que fazer? - perguntou ele.

- Acho que se deixar apenas que ele cheire sua mão, ajudará. Ele gosta de ser acariciado também, mas eu não tentaria apressar as coisas. Ele necessita de um pouco mais de tempo para conhecer você - falou Ayla.

De forma bastante insegura, Ludeg estendeu a mão. Ayla colocou Lobo ao chão para deixá-lo cheirar o rapaz, mas ficou perto, por precaução. Ela não achou que Lobo atacaria, mas não tinha certeza. Um pouco de pois, o homem estendeu a mão para tocar o pêlo espesso, protetor. Jamais havia tocado um lobo vivo antes, e era bastante excitante. Sorriu a Ayla, e pensou de novo como ela era bonita quando lhe retribuiu o sorriso.

- Talut, acho melhor contar minhas novidades depressa - disse Ludeg. - Creio que o Acampamento do Leão tem histórias que eu gostaria de ouvir.

O grande chefe sorriu. Aquele era o tipo de interesse que ele recebia bem. Em geral, corredores apareciam com novidades para contar, e eram escolhidos

tanto porque gostavam de contar uma boa história quanto por sua capacidade em correr velozmente.

- Conte, então. Que notícias traz? - perguntou Talud.

- A mais importante é a mudança do local de reunião para a Reunião de Verão. O Acampamento do Lobo é o anfitrião. O local de Reunião que foi escolhido no ano passado foi inundado. Tenho outras notícias, notícias tristes. Parei no Acampamento Sungaea por uma noite. Existe doença, doença que mata. Alguns morreram, e quando parti, o filho e a filha da chefe estavam doentes.

Havia dúvidas sobre se viveriam.

- Oh, isso é horrível! - exclamou Nezzie.

- Que tipo de doença têm? - perguntou Ayla.

- Parece ser no peito. Febre alta, muita tosse e dificuldade para respirar.

- A que distância fica este lugar? - perguntou Ayla.

- Não sabe? - Ayla era uma visitante, mas foi adotada - disse Tulie. Depois se virou para Ayla: - Não é muito longe.

- Podemos ir lá, Tulie? Ou alguém pode me levar lá? Talvez eu possa ajudar, se essas crianças estão doentes.

- Não sei. O que acha, Talut? - É fora do caminho para a Reunião de Verão, se esta vai ser no Acampamento do Lobo, e nem sequer são parentes, Tulie.

- Acho que Darnev tinha parentes distantes nesse acampamento - falou Tulie. - É uma pena um jovem irmão e irmã estarem tão doentes! - Talvez devêssemos ir, mas teríamos que partir assim que pudermos - falou Talut.

Ludeg havia ouvido com grande interesse.

- Bem, agora que lhes dei as notícias, gostaria de saber sobre o novo membro do Acampamento do Leão, Talut. Ela é uma curandeira, real mente? E de onde veio

o lobinho? Nunca ouvi falar de ter um lobo em uma moradia.

- E não é só isso - disse Frebec. - Ayla tem dois cavalos: uma égua e um jovem garanhão.

O visitante olhou para Frebec com incredulidade, depois se recostou e preparou-se para ouvir as histórias que o Acampamento do Leão tinha para contar.

Na manhã seguinte a uma longa noite de narração de histórias, Ludeg teve uma demonstração da habilidade de montar de Ayla e Jondalar, e ficou convenientemente impressionado. Partiu para o acampamento seguinte pronto para espalhar a notícia da nova mulher Mamutoi, juntamente com a notícia da mudança do local da Reunião de Verão, O Acampamento do Leão planejou partir na manhã seguinte, e o resto do dia foi passado em preparativos de última hora.

Ayla resolveu carregar mais remédios do que geralmente levava em sua bolsa de medicamentos, e remexia seu estoque de ervas, conversando com Mamut enquanto ele arrumava sua bagagem. Ela pensava muito na Reunião de Clãs, e vendo o velho feiticeiro poupar suas articulações rígidas, lembrou-se de que as pessoas idosas do Clã, incapazes de fazer a longa viagem, eram deixadas para trás. Como Mamut suportaria a prolongada viagem? Ficou suficientemente preocupada para sair e procurar Talut a fim de perguntar.

- Eu o carrego nas costas a maior parte do caminho - respondeu Talut.

Ela viu Nezzie ajuntando mais um fardo à pilha de coisas que seriam puxadas sobre o travois, pelos cavalos. Rydag estava sentado ao chão, perto, parecendo desconsolado. De repente, Ayla foi procurar Jondalar. Ela o encontrou arrumando o bernal de viagem que Tulie lhe dera.

- Jondalar! Aí está você! - exclamou ela.

Ele levantou a cabeça, sobressaltado. Ela era a última pessoa que esperava ver naquele momento.

Ele estivera pensando nela e como lhe diria adeus. Havia resolvido que chegara a hora, quando todos deixassem a habitação, para ele partir também. Mas, em vez de ir com o Acampamento do Leão para a Reunião de Verão, ele iria em direção oposta e iniciaria sua longa jornada de volta ao lar.

- Sabe como Mamut vai à Reunião de Verão? - perguntou ela.

A pergunta apanhou-o totalmente de surpresa. Não era a coisa mais importante em seu pensamento. Ele nem sequer tinha certeza do que ela falava.

- Bem... não... - respondeu.

- Talut tem que carregá-lo às costas. E depois, há Rydag. Também tem que ser carregado. Eu estava pensando, Jondalar, você tem treinado Racer, ele está acostumado a um cavaleiro agora, não é? - E você pode controlá-lo, ele irá para onde você quiser, não? - Sim, acho que sim.

- Ótimo! Então, não há razão para Mamut e Rydag não montarem os cavalos para ir à Reunião.

Eles não podem conduzi-los, mas você e eu podemos. Seria bem mais fácil para todos, e Rydag tem estado tão infeliz ultimamente, talvez isto o animasse. Lembra como ele ficou excitado na primeira vez que montou Whinney? Não se importa, não é, Jondalar? Não precisamos cavalgar, todos os outros irão a pé - disse ela.

Estava tão contente e excitada com a idéia, que era óbvio que ela não havia pensado que ele pudesse não ir com eles. Como ele poderia recusar? pensou. Era uma boa idéia e o Acampamento do Leão tinha feito tanto por ele, que lhe pareceu o mínimo que podia fazer.

- Não, não me importo de andar - respondeu. Sentiu uma estranha sensação de alegria ao ver Ayla dirigir-se

a Talut, como se houvesse se livrado de um grande peso. Apressou-se a terminar a arrumação da bagagem; depois, pegando suas coisas, foi-se juntar aos outros. Ayla supervisionava o carregamento dos dois travois. Estavam quase prontos para partir Nezzie o viu acercarse e lhe sorriu.

- Estou contente porque resolveu vir conosco e ajudar Ayla com os cavalos. Mamut ficará muito mais confortável, acho, e veja kydag! Nunca o vi tão feliz por ir a uma Reunião de Verão antes.

Por que ele tinha a impressão, perguntou-se Jondalar, de que Nezzie sabia que ele havia pensado em ir embora? - E pense que impressão causaremos ao chegar não apenas com os cavalos, mas com cavaleiros - disse Barzec.

- Jondalar, esperávamos você. Ayla não estava certa sobre quem deve montar qual cavalo - disse Talut.

- Acho que não faz diferença - disse Jondalar. - Whinney é um pouco mais fácil de montar. Ela não faz você saltar tanto.

Notou que Ranec ajudava Ayla a equilibrar os fardos. Crispou-se internamente ao vê-los rindo juntos, e compreendeu quão temporária era a sua recuperação. Ele apenas adiarda o inevitável, mas assumira um compromisso, agora. Depois de fazer gestos misteriosos e pronunciar palavras esotéricas, Mamut cravou uma mula no solo, na entrada da frente, a fim de proteger a habitação, e depois, com a ajuda de Ayla e Talut, montou Whinney. Ele pareceu nervoso, mas era difícil saber.

Jondalar achou que ele montava bem.

Contudo, Rydag não ficou nervoso, já havia montado antes. Estava apenas excitado quando o homem alto o pegou ao colo e o colocou sobre o dorso de Racer. Rydag nunca montara o garanhão.

Sorriu para Latie, que o olhava, com uma mistura de preocupação pela segurança dele, prazer por sua

nova experiência e apenas uma pontinha de inveja. Ela havia visto Jondalar treinar o animal, tanto quanto possível, de alguma distância, desde que era difícil convencer outra mulher a acompanhá-la apenas para ficar por perto e observar havia desvantagens na vida adulta. Ela concluiu que treinar um cavalo novo não era necessariamente mágica. Era preciso apenas ter paciência e, naturalmente, um animal para treinar.

Uma última verificação no acampamento e eles começaram a subir a encosta. A meio caminho da subida, Ayla parou. Lobo também, observando-a em expectativa. Ela olhou para trás, para a habitação onde havia encontrado um lar e aceitação entre aqueles de sua própria raça. Ela já sentia falta de sua segurança aconchegante, mas a moradia estaria ali quando voltassem, pronta para abrigá-los de novo durante um longo e frio inverno. O vento soprou a cortina através da arcada de presas de mamutes na entrada, e ela viu o crânio do Leão da Caverna acima dela. O Acampamento do Leão parecia solitário, sem seus moradores. Ayla dos Mamutoi estremeceu com uma repentina e angustiante tristeza.

Capítulo 30

As pastagens imponentes, fonte abundante de vida naquela terra fria, exibiam ainda outra face do ciclo renovador quando o Acampamento do Leão viajou. As flores amarelas e violetas-azuladas da última iridescência anã murchavam, porém ainda estavam coloridas e as peônias floresciam. Um vasto canteiro de botões vermelhos-vivos enchia toda a depressão entre duas colinas, provocando exclamações de assombro e admiração dos viajantes. Mas o que predominava eram o capim-do-campo novo e a festuca desenvolvida e estipas, tornando as estepes ondas de prata suavemente onduladas, realçadas por sombras de salvas azuis. Somente mais tarde, quando o capim novo amadurecia e as estipas perdiam suas plumas é que as ricas planícies mudavam de prata para ouro.

O filhote de lobo sentiu prazer em descobrir a multidão de pequenos animais que viviam e cresciam na vasta planície. Ele corria atrás de furões-bravos e arminhos - de pêlos marrons - e recuava quando predadores destemidos defendiam seu território. Quando ratos, ratazanas e musaranhos de pêlo aveludado, acostumados a fugir de raposas, enfiavam-se em buracos escavados pouco abaixo da superfície, Lobo caçava gerbos, /iamsters, e ouriços-cacheiros de orelhas compridas e espinhosos. Ayla ria diante da expressão sobressaltada do filhote quando um gerbo de rabo grosso, com patas dianteiras curtas e três unhas compridas nas patas traseiras, afastava-se aos saltos e entrava na toca em que hibernara durante todo o inverno. Lebres, hamsters gigantes e gerbos grandes eram suficientes para uma refeição, e saborosos quando esfolados e espetados sobre uma fogueira, à noite. A

funda de Ayla derrubou vários animais que Lobo perseguiu.

Os roedores de estepe que cavavam a terra eram benéficos, soltando e revirando a superfície do solo, mas alguns mudavam a característica da terra com suas escavações constantes. Quando o Acampamento do Leão viajava por terra, os buracos ubíquos de esquilos eram numerosos demais para se contar, e em algumas regiões, tinham que dar a volta ao redor de centenas de montículos cobertos de capim, de 60 centímetros a 1 metro de altura, cada um deles uma comunidade de marmotas das estepes.

Os esquilos eram a caça preferida de milhafres negros, embora os gaviões de asas longas também se alimentassem de outros roedores, assim como de carniça e insetos. As aves sagazes em geral detectavam os esquilos ingênuos enquanto voavam alto, mas o milhafre também podia rondar como o francelho - o falcão nativo - ou voar muito baixo para pegar sua vítima de surpresa. Além de gaviões e falcões, a águia castanha-amarelada preferia o pequeno roedor prolífico. Numa ocasião, quando Ayla viu Lobo em uma atitude que a fazia prestar mais atenção, notou um dos grandes predadores marrons pousar perto de seu ninho no solo, trazendo um esquilo para seus filhotes. Ela observou com interesse, mas nem ela, nem o lobinho, perturbaram as aves.

Um grande número de outras aves se sustentava da abundância da terra vasta. Cotovias e caminheiros estavam em toda parte, nas estepes, galos silvestres, ptármigas e perdizes, cortiçolas e grandes betardas, e belas garças, cinza-azuladas com cabeças negras e tufo branco de penas atrás dos olhos. Chegavam para fazer ninhos na primavera, desenvolviam-se com alimentação de insetos, lagartos e cobras, e partiam no outono em grandes forrações em "V", trombeteando através do céu.

Talut havia partido em uma marcha que estava habituado a usar quando viajava com todo o acampamento, a fim de não forçar demais os membros mais lentos do grupo. Mas descobriu que se moviam muito mais depressa do que o comum. Os cavalos faziam a diferença. Carregando os presentes, produtos para serem negociados, e peles para tendas nos travois, e as pessoas que tinham que ser ajudadas, sobre seus dorsos, tinham tornado mais leve a carga de todos. O chefe estava satisfeito com sua marcha rápida, especialmente, desde que se desviavam do seu caminho, mas isso também apresentava um problema. Ele havia planejado o trajeto que fariam, e as paradas, para tirar proveito de alguns locais com bebedouros conhecidos. Agora, tinha que reconsiderar à medida que avançavam.

Haviam parado perto de um riacho, embora ainda fosse o começo do dia. As estepes, às vezes, cediam o lugar a bosques perto de água, e eles acamparam num grande campo parcialmente cercado por árvores. Depois que Ayla removeu o travois de Whinney, resolveu levar Latie para uma cavalgada. A menina gostava de ajudar a cuidar dos cavalos, e os animais mostravam grande afeição em troca. Quando as duas montaram, cavalgando através de um pequeno arvoredo, uma mistura de espruce, vidoeiro, carpa, lanço, chegaram a uma clareira florida, um pequeno prado viçoso que era um pedaço verdejante das estepes, cercado de árvores. Ayla parou e cochichou ao ouvido da jovem que estava à sua frente, com uma perna a cada lado da égua.

- Fique muito quieta, Latie, mas olhe ali, perto da água.

Latie olhou o local indicado, franziu a testa a princípio, quando não conseguiu ver nada, depois sorriu ao ver uma antílope-fêmea com dois filhotes levantar a cabeça, cautelosa, mas insegura. Depois Latie viu vários outros antílopes. Os chifres espiralados cresciam

diretamente da cabeça do pequeno antílope, curvando-se ligeiramente na ponta, e seu grande focinho sobranceiro lhe dava um rosto comprido, distinto.

O som das aves se tornou audível quando as duas jovens permaneceram sentadas sobre o dorso da égua, em silêncio, observando: o arrulho dos pom-bos, o canto alegre de toutinegras, o grito de um pica-pau. Ayla ouviu o belo som, como o da flauta, de um papafigo dourado, e respondeu, imitando-o tão exatamente que confundiu a ave. Latie gostaria de ser capaz de assobiar assim.

Ayla deu um sinal a Whinney fazendo-a avançar lentamente em direção à abertura semelhante a um parque, no bosque. Latie quase tremeu de excitação, quando se aproximaram dos antílopes, e viu outra fêmea com dois filhotes. De repente, houve uma mudança no vento e todos os antílopes levantaram as cabeças, e num instante, se dirigiam através dos bosques para as estepes amplas. Uma listra cinzenta os seguiu e Ayla percebeu quem os fizera fugir.

Quando Lobo voltou, ofegante, e caiu ao chão, Whinney pastava tranqüila, e as duas jovens estavam sentadas no prado ensolarado, colhendo morangos silvestres. Um punhado de flores coloridas se encontrava no solo ao lado de Ayla, flores de um vermelho-vivo com compridas pétalas finas que pareciam ter sido mergulhadas num corante vermelho brilhante, e maços de grandes capítulos amarelos-dourados, misturados a brancos de rástios felpudos.

- Eu gostaria que houvesse bastante para levar alguns - disse Ayla, pondo outro morango pequeno, mas excepcionalmente doce e saboroso, na boca.

- Teria que haver muito mais. Eu gostaria que houvesse mais, para mim - disse Latie com largo sorriso. - Além disso, quero pensar que este é um lugar especial somente para nós, Ayla. - Colocou um morango na boca e fechou os olhos, saboreando. Sua expressão ficou

pensativa: - Aqueles filhotes de antílopes eram realmente novos, não? Nunca estive tão perto de filhotes assim.

- É por causa de Whinney que podemos nos aproximar tanto. Os antílopes não temem cavalos.

Mas Lobo - disse Ayla, olhando para o animal. Ele ergueu os olhos ao ouvir o seu nome. - Foi ele quem assustou os antílopes.

- Ayla, posso perguntar uma coisa? - Claro, sempre pode perguntar o que quiser.

- Acha que eu poderia encontrar um cavalo algum dia? Quero dizer, um potro que eu pudesse cuidar como você fez com Whinney, de modo que ele se acostumasse comigo.

- Não sei. Eu não pretendia encontrar Whinney. Aconteceu, apenas. Seria difícil encontrar um potro. Todas as mães protegem seus filhos.

- Se você quisesse conseguir outro cavalinho, como faria? - Nunca pensei nisso... acho que se quisesse um potro... deixe-me pensar... teria que pegar sua mãe. Lembra-se da caçada de bisões no úl timo outono? Se você estivesse caçando cavalos e levasse uma cavahada para um cercado como aquele, não teria que matar todos eles. Poderia ficar com um ou dois. Talvez pudesse até separar um potro do resto, e depois libertar os outros, se não precisasse deles. - Ayla sorriu. - Agora, acho mais difícil caçar cavalos.

Quando voltaram, a maior parte das pessoas estava sentada ao redor de uma grande fogueira, comendo. As duas jovens se serviram e sentaram-se.

- Vimos alguns antílopes - disse Latie. - Até filhotes.

- Acho que viram alguns morangos também - disse Nezzie seca- mente, vendo as mãos manchadas de vermelho da filha. Latie corou, lembrando-se de que quisera ficar com os morangos só para si.

- Não havia suficiente para trazer - disse Ayla.

- Não teria feito diferença. Conheço Latie e morangos. Ela é capaz de comer um campo inteiro, sem dividir com ninguém, se tiver uma chance.

Ayla notou o embaraço de Latie e mudou de assunto.

- lâmbém colhi um pouco de unha-de-cavalo para a tosse, para o acampamento doente, e uma planta de flores vermelha., não sei o nome... O ja raiz é muito boa para tosses e para apectorar o catarro do peito - disse ela.

- Eu não sabia que colhia essas flores por este motivo - falou Latie.

- Como sabe que eles estão com esse tipo de doença? - Não sei, mas desde que vias plantas, pensei que poderia colher algumas, especialmente já que estavam tão doentes com aquele tipo de enfermidade. Quanto tempo levaremos para chegar lá, Talut? - É difícil dizer - falou o chefe. - Estamos viajando mais depressa do que o usual. Devemos alcançar o Acampamento Sungaea dentro de um dia, mais ou menos. O mapa que Ludeg fez para mim era muito bom, mas espero não estarmos atrasados demais. A doença deles é pior do que pensei.

Ayla franziu a testa: - Como sabe? - Encontrei sinais deixados por alguém.

- Sinais? - Venha comigo, vou-lhe mostrar - disse Talut, pousando sua xícara e levantando-se. Conduziu Ayla até uma pilha de ossos perto da água. Ossos, particularmente ossos grandes como crânios, podiam ser encontrados por todas as planícies, mas ao se aproximarem Ayla compreendeu que não era um arranjo natural. Alguém os havia empilhado propositada- mente. Um crânio de mamute com presas quebradas havia sido colocado no alto do monte, de cabeça para baixo.

- Isto é sinal de más notícias - disse Talut, apontando para o crânio.

- Muito más. Vê esta mandíbula inferior com os dois ossos da espinha inclinados contra ele? A ponta da mandíbula mostra que direção tomar, e o acampamento fica a dois dias de distância.

- Devem precisar de ajuda, Taluti É por isso que colocam este sinal aqui? Talut apontou para um pedaço de casca de vidoeiro queimada, pendendo da extremidade quebrada da presa esquerda.

- Vê isto? - perguntou.

- Sim. Está queimada, como se estivesse num fogo.

- Significa doença, doença que mata. Alguém morreu. As pessoas têm medo desse tipo de doença, e este é um lugar onde as pessoas param, muitas vezes. Esse sinal não foi posto aqui para pedir ajuda, mas para prevenir as pessoas e afastá-las.

- Oh, Talut! Eu preciso ir. Vocês não precisam, mas eu sim. Posso ir agora, cavalgando Whinney.

- E o que dirá a eles quando chegar lá? - disse Talut.

- Não, AyLa. Não deixarão que você ajude. Ninguém a conhece. Não são sequer Mamutoi, são Sungaea. Falamos sobre isso. Sabíamos que você queria ir. Tomamos este caminho e iremos com você. Acho que podemos chegar lá em um ou dois dias, por causa dos cavalos.

O sol deslizava pela borda da terra quando o grupo de viajantes do Acampamento do Leão se acercou de um grande acampamento situado sobre um terraço natural amplo, a cerca de 9 metros acima de um rio grande, rápido. Pararam quando foram vistos por algumas pessoas que os fitaram, assombradas, antes de correrem para o interior de um dos abrigos. Um homem e uma mulher apareceram. Tinham os rostos vermelhos com uma pomada de ocre, e seu cabelo era coberto de cinzas.

É tarde demais, pensou mamut, quando ele e Talud se acercaram do Acampamento Surigaea, seguidos por Nezzie e Ayla, que puxavam Whinney, com Mamut em

seu dono. Era óbvio que tinham interrompido alguma coisa importante. Quando os visitantes estavam a uns 3 metros de distância, o homem com o rosto colorido de vermelho ergueu o braço e a mão, a palma virada para a frente. Era o sinal claro para parar. Ele falou a Talut em uma linguagem diferente, no entanto, havia algo de familiar nela para Ayla. Ela sentiu que devia ser capaz de compreendê-la. Uma semelhança com Mamutoi. Talut respondeu, em sua própria língua. Depois, o homem tornou a falar.

- Por que o Acampamento do Leão dos Mamutoi vem aqui neste momento? - disse, falando Mamutoi agora. - Há doença e grande tristeza neste acampamento. Não viram os sinais? - Sim, vimos - replicou Talut. - Temos conosco uma filha da Fogueira do Mamute, uma perita curandeira. O corredor, Ludeg, que passou por aqui alguns dias atrás, nos contou sobre seus problemas. Nós nos preparávamos para viajar para nossa Reunião de Verão, mas primeiro, Ayla, nossa curandeira, quis vir aqui oferecer seus préstimos. Um de nós tinha parentesco com um de vocês; somos parentes. Viemos.

O homem olhou para a mulher de pé ao seu lado. Era claro que ela sofria e fazia algum esforço para se conservar firme.

- É tarde demais - disse ela. - Eles estão mortos. - Sua voz desapareceu em um gemido, e ela chorou, angustiada. - Estão mortos. Meus filhos, meus bebês, minha vida, estão mortos.

Duas pessoas se colocaram a cada lado da mulher e a levaram embora.

- Minha irmã sofreu uma grande dor - disse o homem. - Perdeu um filho e uma filha. A menina era quase mulher, o menino alguns anos mais novo. Todos estamos sofrendo.

Talut sacudiu a cabeça, solidário.

Realmente, é uma grande tristeza. Partilhamos sua dor, e oferecemos qualquer conforto que pudermos dar. Se for seu costume, gostaríamos de ficar para somar nossas lágrimas às suas, enquanto são devolvidos ao seio da Mãe.

- Sua bondade é apreciada, e sempre será lembrada, mas ainda há doentes entre nós. Pode ser perigoso ficar. Pode ser perigoso terem vindo.

- Talut, pergunte se eu posso ver os que estão doentes. Talvez eu possa ajudá-los - disse Ayla.

- Sim, Talut. Pergunte se Ayla pode ver os doentes - ajuntou Mamut. - Acho que ela será capaz de dizer se é seguro, para nós, ficar aqui.

O homem de rosto vermelho olhou duramente para o velho montado a cavalo. Ficara surpreso quando vira os cavalos, mas não queria parecer dominado pelo assombro, e estava tão entorpecido por causa da tristeza que deixou a curiosidade de lado um instante, ao agir como porta-voz de sua irmã, e do seu acampamento. Mas quando Mamut falou, a visão estranha de um homem montado em um cavalo foi, de repente, trazida à sua percepção com novo impacto.

- Como aquele homem está sentado sobre um cavalo? - falou ele, de forma abrupta, afinal. - Por que o cavalo permite isso? E aquele outro, lá atrás. - - É uma longa história - disse Talut. - O homem é nosso Mamut, e os cavalos obedecem à nossa curandeira. Quando houver tempo, ficaremos felizes em lhe contar a respeito mas, primeiro, Ayla gostaria de ver seus doentes. Talvez possa ajudá-los. Ela será capaz de nos dizer se os espíritos malignos ainda permanecem e se ela pode contê-los e torná-los inofensivos; se para nós é seguro ficar aqui.

- Diz que ela é capaz. Devo acreditar. Se é capaz de comandar o espírito do cavalo, deve possuir magia poderosa. Deixe-me falar com os que estão lá dentro.

- Há um outro animal sobre o qual deve saber - disse Talut e se voltou para Ayla: - Chame-o, Ayla.

Ela assobiou e antes mesmo de Rydag soltá-lo, Lobo já se libertara. O homem Sungaea e outros espectadores ficaram surpresos quando o lo binho se acercou correndo, porém ainda mais assombrados ficaram quando parou aos pés de Ayla, e olhou para ela com ânsia. A um gesto da mulher, ele se deitou sobre a barriga, mas sua atenção se concentrou nos desconhecidos, inquietamente.

Tulie estivera observando com cuidado as reações do Acampamento Sungaea e compreendeu, rapidamente, que forte impressão os animais dóceis produziram. Tinham acentuado a importância das pessoas a quem estavam ligados e do Acampamento do Leão como um todo. Mamut, pelo simples fato de montar a égua, havia adquirido prestígio. Eles o observavam com olhares desconfiados, e suas palavras foram bastante autoritárias, mas a resposta a Ayla foi ainda mais reveladora. Olhavam para ela com temor, e uma espécie de respeito e receio.

A chefe compreendeu que ela havia-se habituado aos cavalos, mas recordou sua apreensão na primeira vez em que vira Ayla com os animais, e não era difícil se colocar no lugar daquelas pessoas. Ela estivera presente quando Ayla trouxe o lobinho para a habitação, e o vira crescer mas, considerando Lobo como um estranho poderia olhá-lo, compreendeu que não seria tomado por filhote. Podia ser jovem mas, aparentemente, era um lobo adulto e a égua era madura. Se Ayla era capaz de dominar cavalos fortes e o espírito de lobos independentes, que outras forças seria capaz de controlar? Especialmente quando diziam que ela era a filha da Fogueira do Mamute, e uma curandeira.

Tulie se perguntou que tipo de recepção teriam quando chegassem à Reunião de Verão, mas não ficou

surpresa, de modo algum, quando Ayla foi convidada a examinar os membros doentes do acampamento. Os Mamutoi se prepararam para esperar. Quando Ayla saiu, dirigiu-se a Mamut, Talut e Tulie.

- Acho que têm o que Nezzie chama a doença da primavera, febre e aperto no peito, e problema para respirar, exceto que adoeceram mais gravemente e mais tarde, na estação - explicou Ayla.

- Duas pessoas velhas morreram, mas é muito duro quando crianças morrem. Não estou certa por que aconteceu. Em geral, os jovens são mais resistentes para se recuperar deste tipo de doença.

Todos os outros parecem ter ultrapassado a pior fase. Alguns tosse muito, e posso ajudá-los a se sentir melhor, mas ninguém parece estar gravemente doente agora. Eu gostaria de preparar alguma coisa para a mãe que perdeu os filhos. Ela sofre muito e não posso culpá-la. Não estou absolutamente certa, mas acho que não correremos perigo em ficar para o funeral. Creio que deveríamos, contudo, não ficar dentro de suas moradias.

- Eu sugeriria que armássemos nossas tendas, se decidíssemos ficar - falou Tulie. - Já é bastante difícil para eles sem ter estranhos por perto o tempo todo, e nem sequer são Mamutoi. Sungaea são diferentes.

Ayla acordou de manhã ao som de vozes não muito distante de sua tenda. Levantou-se depressa, vestiu-se e espiou. Várias pessoas cavavam uma vala comprida e estreita. Tronie e Fralie estavam lá fora, sentadas perto do fogo, amamentando seus bebês. Ayla sorriu e se reuniu a elas. O cheiro de chá de salva vinha de uma cesta de cozinhar fervente. Ela tirou uma xícara com uma concha e se sentou com as duas mulheres, bebericando o líquido quente.

- Vão enterrá-los hoje? - Fralie quis saber.

- Acho que sim - replicou Ayla. - Creio que Talut não quis perguntar diretamente, mas tive essa impressão.

Não compreendo a língua deles, embora entenda algumas palavras de vez em quando.

- Devem estar cavando a sepultura. Pergunto-me por que a estão fazendo tão comprida? - disse Tronie.

- Não sei, mas estou contente porque partiremos logo. Sei que é certo ficarmos, mas não gosto de funerais - disse Fralie.

- Ninguém gosta - falou Ayla. - Gostaria que tivéssemos chegado aqui alguns dias antes.

- Você não sabe se poderia ter feito alguma coisa por aquelas crianças, de qualquer forma - falou Fralie.

- Sinto muita pena da mãe - comentou Tronie. - Já seria muito duro perder um filho, mas dois ao mesmo tempo... não sei se suportaria puxou Hartal contra si, mas o bebê somente se contorceu para soltar-se.

- Sim. É duro perder um filho - disse Ayla. Sua voz soou tão triste que Fralie olhou-a, espantada. Ayla pousou a xícara e se ergueu. - Vi absinto crescendo aqui perto. A raiz produz um remédio muito forte. Não a uso com frequência, mas quero fazer algo para acalmar e relaxar a mãe e precisa ser forte.

O Acampamento do Leão observou ou participou externamente de muitas atividades e cerimônias durante o dia mas, ao se aproximar a noite, a atmosfera mudou, se tornou carregada com uma intensidade que atingiu até mesmo os visitantes. As emoções exaltadas provocaram gritos genuínos de dor e tristeza dos Mamutoi quando as duas crianças foram carregadas solenemente para fora da habitação em esquifes tipo maca, e trazidas para que cada pessoa lhes desse um adeus.

Quando as pessoas que carregavam as macas passaram, lentamente, pelos viajantes chorosos, Ayla notou que as crianças tinham sido vestidas com trajes lindamente feitos e ornados com refinamento, como se vestidas para um importante festival. Ela não pôde

deixar de ficar impressionada e intrigada. Pedacos de couro tingidos diferentemente e coloridos naturalmente, assim como peles, tinham sido costurados com cuidado formando intrincados padrões geométricos na confecção de túnicas e calças compridas, contornadas e realçadas por partes sólidas, adornadas com milhares de pequenas contas de marfim. Um pensamento desgarrado passou por sua mente. Todo o trabalho teria sido feito usando apenas um furador aguçado? Talvez alguém apreciase a pequena agulha de marfim, de ponta fina, com o buraco na extremidade.

Ela também reparou nos enfeites de cabeça e cintos, e nos ombros das meninas, uma capa com desenhos fascinantes, trabalhados em um material que parecia ter sido feito de fios de lã, dos animais lanosos de passagem por ali. Ela queria tocá-la, examiná-la com atenção e saber como fora feita, mas não seria adequado. Ranec, de pé ao seu lado, reparou também na capa e comentou sobre o padrão intrincado de espirais formando ângulo reto. Ayla esperava que, antes de partirem, pudesse descobrir mais sobre como era feita, talvez em troca de uma de suas agulhas de marfim.

As duas crianças também estavam adornadas com adereços feitos de conchas, dentes caninos de animais, ossos; o menino até usava uma pedra grande e rara que fora furada para se converter em um pendani. Ao contrário dos adultos, cujo cabelo estava despenteado e coberto de cinzas, o das crianças estava muito bem penteado em estilos elaborados - o menino de tranças, a menina com grandes coques de ambos os lados da cabeça.

Ayla não conseguia afastar a impressão de que as crianças se encontravam apenas dormindo e acordariam a qualquer momento. Pareciam jovens demais e muito saudias, com os rostos redondos, sem rugas, para morrer, para terem ido para o reino dos espíritos. Ela sentiu um

calafrio, e involuntariamente lançou um olhar a Rydag. Encontrou os olhos de Nezzie e desviou os seus.

Os corpos das crianças foram finalmente levados à vala comprida e estreita. Foram colocados nela, uma cabeça contra a outra. Uma mulher, com um adorno de cabeça peculiar e uma comprida túnica de contas, ergueu-se e começou um canto fúnebre, alto que fez todos estremecerem. Ela usava muitos colares ependantsao redor do pescoço, que balançavam e chocalhavam quando ela se movia, e vários braceletes de marfim nos braços, consistindo de argolas separadas de cerca de meia polegada de largura. Ayla percebeu que eram semelhantes àquelas usadas por mulheres Mamutoi.

Um rufo de tambor ecoou profundamente com o som familiar de um tambor de crânio de mamute.

A mulher, lamentando e cantando, começou a dar voltas e balançar, erguendo-se na ponta dos pés, e levantando-os, às vezes de frente para locais diferentes, mas permanecendo em um só lugar.

Enquanto dançava, sacudia os braços com força e ritmo fazendo com que as pulseiras chocalhassem. Ayla a havia conhecido e, embora não tivessem podido conversar, sentiu-se atraída a ela. Mamut explicara que não era uma curandeira como Ayla, mas alguém que se comunicava com o mundo espiritual. Era a réplica dos Sungaea de Mamut - ou de Creb, compreendeu Ayla com um sobressalto. Era difícil para ela imaginar uma mulher mog-ur.

O homem e a mulher de rostos vermelhos salpicaram ocre vermelho pulverizado sobre as crianças, fazendo Ayla pensar na pomada de ocre vermelha que Creb esfregara no corpo de Iza. Várias outras coisas foram colocadas cerimoniosamente na sepultura: fustes de presa de mamute que tinha sido endireitada, lanças, facas de sílex e adagas, esculturas de um mamute, um

bisão e um cavalo - não tão bem-feitas quanto as de Ranec, achou Ayla. Ficou surpresa em ver um comprido bastão de marfim, decorado com uma escultura circular, com raios como uma roda, a que estavam presas penas e outros objetos, jazendo ao lado de cada criança. Quando o povo do acampamento se juntou ao lamentoso, choroso canto da mulher, Ayla se inclinou à frente e cochichou a Mamut: - Aqueles bastões se parecem com o de Talut. São Bastões Falantes? - Sim, são. Os Sungaea são parentes dos Mamutoi, mais próximos do que algumas pessoas desejam admitir - disse Mamut. - Existem diferenças, mas a cerimônia do funeral é muito parecida com a nossa.

- Por que colocam Bastões Falantes em uma sepultura de crianças? - Elas recebem as coisas de que precisarão quando despertarem no mundo espiritual. Por serem filha e filho da chefe, são uma irmã e um irmão que se destinavam a ser co-líderes, se não nesta vida, então na outra - explicou Mamut. - É necessário mostrar sua posição para não perderem status lá.

Ayla observou um pouco e, depois, quando começaram a cobrir a sepultura com terra, ela se dirigiu a Mamut novamente: - Por que são enterradas assim, cabeça contra cabeça? - São irmão e irmã - respondeu ele, como se o resto se explicasse por si só. Depois viu a expressão intrigada de Ayla e continuou: - Poderá ser uma longa jornada, difícil e confusa para o mundo dos espíritos, principalmente para aqueles que são tão jovens. Precisam poder se comunicar, para ajudar e consolar um ao outro, mas é uma abominação para a Mãe um irmão e irmã partilharem prazeres. Se acordarem lado a lado podem esquecer que são irmão e irmã, e ter relações por engano, imaginando que dormiam juntos porque seu destino era se unirem. Assim, uma cabeça contra a outra faz com que possam encorajar-se mutuamente durante a Jornada, e não se

confundirem sobre seu relacionamento quando chegarem ao outro local.

Ayla sacudiu a cabeça concordando. Parecia lógico, mas enquanto via a sepultura ser coberta, desejou, ardentemente, que tivessem chegado ali há alguns dias antes. Talvez não tivesse podido ajudar, mas poderia ter tentado.

Talut parou à margem de um pequeno córrego, olhou para um e outro lados, depois consultou o pedaço marcado de marfim que segurava na mão. Verificou a posição do sol, examinou algumas formações de nuvens ao norte e cheirou o vento. Por fim, estudou a área próxima.

- Acampamos aqui esta noite-disse ele, tirando a mochila e o saco das costas. Caminhou em direção à irmã enquanto ela decidia onde seria armada a primeira tenda, para que as vizinhas, que utilizavam parte dos mesmos suportes estruturais, tivessem suficiente terreno plano. - Tulie, o que acha de pararmos para negociar um pouco? Eu olhava estes mapas que Ludeg fez. A princípio, não me ocorreu, mas vendo onde estamos, olhe aqui - disse, mostrando-lhe dois pedaços diferentes de marfim com marcas riscadas neles - este mapa mostra o caminho para o Acampamento do Lobo, o novo local de Reunião de Verão, e aqui está o atalho que traçou para o Acampamento Sungaea.

Daqui, não nos desviaríamos muito do nosso trajeto para visitar o Acampamento do Mamute.

- Quer dizer o Acampamento do Boi-Almiscarado - falou Tulie com desdém. - Foi presunção deles dar nome novo ao seu acampamento. Todos têm uma Fogueira do Mamute, mas ninguém deveria dar o nome do Mamute a um acampamento. Todos nós não somos Caçadores de Ma mutes? - Mas os acampamentos sempre recebem o nome de acordo com a fogueira do chefe, e seu novo chefe é o seu Mamut. Além disso, isso não significa que

não possamos negociar com eles... se não tiverem viajado no verão. Sabe que eles são aparentados com o Acampamento do Âmbar, e sempre têm âmbar para negociar - falou Talut, conhecendo a fraqueza da irmã pelas pedras matizadas de dourado de resina petrificada. - Wymez diz que eles têm acesso a bom sílex também. Temos muitos couros de rena, para não falar em algumas belas peles.

- Não sei como um homem pode estabelecer uma fogueira quando não tem, sequer, uma mulher, mas eu disse apenas que eles foram presunçosos. Mas podemos negociar com eles. Claro que podemos parar, Talut.

- A expressão da chefe mudou para um sorriso enigmático. - Sim, por favor. Acho que seria interessante para o Acampamento do "Mamute" conhecer nossa Fogueira do Mamute.

- Ótimo. Então, é melhor partimos - disse Talut, mas olhou-a com curiosidade, e sacudiu a cabeça perguntando-se o que sua inteligente e astuta irmã estava pensando.

Quando o Acampamento do Leão chegou a um grande rio sinuoso abrindo um canal entre as margens escarpadas de solo de loesse, semelhante à paisagem perto de sua habitação comunal, Talut se dirigiu a um promontório entre ravinas e examinou com cuidado o terreno circunjacente.

Viu veados e auroques próximos à água, na planície aluvial abaixo, pastando num campo verde salpicado de pequenas árvores. A alguma distância deles, notou uma grande pilha de ossos embaralhados contra uma margem elevada onde o rio fazia uma curva fechada. Pequenos vultos caminhavam depressa sobre o monte de ossos secos e ele viu vários deles carregando pedaços de ossos.

- Ainda estão aqui - anunciou. - Devem estar construindo.

Os viajantes agruparam-se por uma encosta abaixo em direção ao acampamento situado em um largo terraço, não mais de 4,5 metros acima do nível do rio, e se Ayla ficara surpresa na habitação do Acampamento do Leão, assombrou-se diante do Acampamento do Mamute. Em vez de uma habitação comunal grande, coberta de relva, parcialmente subterrânea, que Ayla comparara a uma caverna ou mesmo a uma toca do tamanho de um homem, neste acampamento várias moradias individuais, redondas, estavam amontoadas no terraço. Elas também eram sólidas e resistentes sob uma camada espessa de torrões de relva coberta com argila, e pequenos canteiros de grama ao redor das bordas, mas não no topo. Fizeram lembrar a Ayla montes grandes, sem vegetação, de marmotas.

Quando se aproximaram, ela compreendeu por que motivo os telhados eram nus. Exatamente como eles faziam, o Acampamento do Mamute também usava os telhados de suas moradias como plataformas de observação. Duas habitações sustentavam uma multidão de observadores e, embora os vigias tivessem voltado sua atenção para os visitantes, esta não era a razão para eles estarem no alto dos telhados arredondados. Quando o Acampamento do Leão deu volta a uma moradia e bloqueou-lhes a visão, Ayla viu o objeto do seu interesse, e ficou surpresa.

Talut tinha razão. Estavam construindo. Ayla havia escutado os comentários de Tulie sobre o nome que aquelas pessoas tinham escolhido para si próprias, porém, após ver a habitação que faziam, o nome parecia bastante apropriado. Embora ela pudesse terminar parecida com todas as outras quando estivesse acabada, a forma como usavam ossos de mamute para vigas parecia reter uma qualidade especial do animal. Era verdade que o Acampamento do Leão havia utilizado ossos de mamute na viga de sustentação de sua

habitação, e selecionara alguns pedaços e os ajustara para que assentassem, mas os ossos usados naquela moradia faziam mais do que sustentar. Eram selecionados e arrumados de forma que a estrutura comunicasse a essência do mamute, de um modo que expressava as crenças dos Mamutoi.

Para criar o design, trouxeram grande número das mesmas partes do esqueleto de muitos mamutes da pilha de ossos abaixo. Começaram com um círculo, de cerca de 4,80 metros de diâmetro da base, de crânios de mamute colocados de modo que a superfície sólida da testa ficasse de frente para a parte interna. A abertura era a arcada conhecida, construída com duas grandes presas curvas de mamute, apoiadas de cada lado no encaixe de um crânio de mamute, e juntas ao alto. Ao redor da parte exterior e subindo até a metade dela, estava uma parede circular feita talvez de uma centena de mandíbulas de mamute, as mandíbulas inferiores em forma de "V", empilhadas com os queixos pontudos para baixo, um sobre quatro de fundo.

O efeito global destas pilhas em "V" colocadas Lado a lado era o conceito mais impressionante da construção, e o mais significativo. Juntas, criavam um padrão em ziguezague, semelhante àquele usado para simbolizar a água nos mapas. E, além disso, como Ayla havia aprendido com Mamut, o símbolo de ziguezague para a água era também o símbolo mais profundo para a Grande Mãe, Criadora da Vida. Representavam o triângulo com vértice para baixo de Seu monte, a expressão exterior de Seu útero. O símbolo, multiplicado muitas vezes, representava toda a vida; não apenas a água, mas as águas da Mãe que tinham inundado a terra e enchido os rios e mares quando Ela deu à luz toda a vida da terra. Não podia haver dúvida de que aquela seria a casa da Fogueira do Mamute.

A parede circular não estava terminada, mas eles trabalhavam no resto da habitação, encravando omoplatas e ossos pélvicos e pedaços de espinha em uma forma ritmadamente simétrica, contudo, apertadamente ajustada. No interior, uma estrutura aberta de madeira proporcionava apoio adicional para a construção e parecia que o telhado seria feito de presas de mamute.

- Este trabalho é de um verdadeiro artista! - exclamou Ranec, avançando mais e admirando abertamente a obra.

Ayla sabia que ele aprovaria. Viu Jondalar de pé a curta distância, se segurando Racer pela corda.

Compreendeu que ele estava igualmente impressionado e apreciava também a mente inspirada que imaginara o projeto. Na verdade, todo o Acampamento do Leão estava desconcertado, em busca de palavras. Mas, como Tulie desconfiara, o Acampamento do Mamute estava igualmente assombrado com os seus visitantes - ou melhor, os animais domesticados que viajavam com eles.

Houve um período de tempo de olhares fixos, mutuamente maravilhados e surpresos, e depois, uma mulher e um homem, ambos um pouco mais jovens que os líderes do Acampamento do Leão, aproximaram-se para saudar Talut e Tulie. O homem estivera carregando pesados ossos de mamute encosta acima -aquelas não eram, de forma alguma, moradias temporárias que seriam carregadas de um local para outro, mas um acampamento permanente - e estava nu até a cintura e suado. O rosto era fortemente tatuado e Ayla teve que se obrigar a não encará-lo. Ele não tinha apenas um desenho em ziguezague na face esquerda, como o Mamut do Acampamento do Leão, mas um arranjo simétrico de ziguezagues, triângulos, e losangos, e espirais em ângulo reto em duas cores, azul e vermelho.

A mulher havia estado trabalhando também, obviamente, e também estava nua da cintura para cima, mas em vez de calças, usava uma saia enrolada que caía exatamente abaixo de seus joelhos.

Não tinha tatuagens, mas o lado do nariz estava furado e ela usava um botoque feito de um pedaço pequeno de âmbar esculpido e polido através do orifício.

- Tulie, Talut, que surpresa! Não os esperávamos, mas em nome da Mãe, nós lhes damos boas-vindas, boas-vindas ao Acampamento do Leão - disse a mulher.

- Em nome de Mut, agradecemos suas boas-vindas, Avarie - disse Tulie. - Não tínhamos intenção de vir em uma hora inconveniente.

- Estávamos aqui perto, Vincavec - ajuntou Talut - e não poderíamos seguir em frente sem parar aqui.

- Uma visita do Acampamento do Leão nunca é inconveniente para nós - disse o homem - mas como estavam aqui perto? Este não é o caminho para o Acampamento do Lobo, para vocês.

- O corredor nos veio dizer que a Reunião será realizada em outro local, e ele parou a caminho em um Acampamento Sungaea e nos contou que eles estavam doentes. Temos um novo membro, uma curandeira, Ayla da Fogueira do Mamute - falou Talut, fazendo um sinal a Ayla para que se aproximasse - e ela quis vir ver se podia ajudar. Estamos vindo de lá.

- Sim, conheço esse Acampamento Sungaea - disse Vincavec, de pois se virou para Ayla. Por um momento, ela sentiu seus olhos penetrarem nos dela. Ayla hesitou um pouco, ainda desabituada a retribuir o olhar direto de um desconhecido, mas sentiu que aquela não era hora para timidez ou a modéstia de uma mulher do Clã, e correspondeu ao olhar penetrante. De repente ele riu, e seus olhos cinza-claros brilharam de aprovação, e uma expressão apreciadora de sua feminilidade. Ela notou, então, que ele era um homem muito atraente, não

porque era bonito ou por qualquer feição determinada, embora as tatuagens o fizessem salientar-se, mas por causa de uma característica de força de vontade e inteligência. Ele ergueu o olhar para Mamut, montado em Whinney.

- Então, continua conosco, velho - falou, obviamente satisfeito, depois ajuntou com um sorriso experiente - e ainda apresenta surpresa. Desde quando se tornou um chamador? Ou precisamos de outro nome? Dois cavalos e um lobo viajando como Acampamento do Leão? Isto é mais do que um Dom de Chamar.

- Outro nome poderia ser adequado, Vincavec, mas não é meu dom. Os animais obedecem a Ayla.

- Ayla? Parece que o velho Mamut encontrou uma filha valiosa. - Vincavec tornou a olhar para Ayla, com interesse óbvio. Não reparou na carranca de Ranec, mas Jondalar viu. Compreendeu o sentimento e, pela primeira vez, sentiu um estranho tipo de afinidade com o escultor.

- Chega de conversar aqui, em pé - disse Avarie. - Temos muito tempo para isso. Os viajantes devem estar cansados, e famintos. Devem permitir que eu providencie uma refeição para vocês e um lugar para descansarem.

- Vemos que estão construindo uma nova habitação, Avarie. Não precisam preocupar-se conosco.

Um lugar para armar nossas tendas será suficiente - disse Tullie. - Mais tarde, ficaríamos contentes em partilhar uma refeição com vocês, e talvez lhes mostrar algumas peles e couros bonitos de rena que temos conosco.

- Tenho uma idéia melhor! - ribombou Talut, tirando seu fardo das costas e deixando-o cair onde ele se encontrava. - Por que não ajudamos vocês? Talvez tenham que me dizer onde colocar os ossos, mas sou

bastante forte para carregar um ou dois ossos de mamute.

- Sim, eu gostaria de ajudar - ofereceu-se Jondalar, avançando com Racer e pondo Rydag no solo. - É uma habitação rara, nunca vi nada igual.

- Sem dúvida, acolhemos com alegria sua ajuda. Alguns de nós estão com pressa para chegar à Reunião de Verão, mas uma moradia necessita de um verão para se erguer adequadamente, assim, tivemos que construí-la antes de partir. O Acampamento do Leão é muito generoso - disse Vincavec, perguntando-se quantos pedaços de âmbar sua generosidade iria custar quando a negociação começasse. Em seguida, concluiu que valeria a pena ter a moradia terminada, e fazer calar alguns dos que se queixavam.

Vincavec não havia notado o alto homem louro no grupo de pessoas, a princípio, mas tornou a olhar para Jondalar, depois fitou Ayla que tirava os arreios de Whinney, livrando-a do travois. Ele era um estranho, como Ayla, e parecia tão à vontade com os cavalos, quanto ela. Em contrapartida, o pequeno cabeça-chata parecia se dar muito bem com o lobo, e não era mais estranho. Devia ter algo a ver com a mulher. O chefe-Mamut do Acampamento do Mamute voltou sua atenção a Ayla novamente. Observou o escultor de pele escura rondando-a; Ranec sempre soubera descobrir o belo e excepcional, pensou. Na verdade, ele agia de forma possessiva, mas, então, quem era o estranho? Não estava ligado à mulher? Vincavec lançou um olhar a Jondalar e viu que ele observava Ayla e Ranec.

Alguma coisa acontecia ali, concluiu Vincavec, depois sorriu. Qualquer que fosse o relacionamento entre eles, se ambos estavam tão interessados, era provável que a mulher não estivesse ainda formalmente unida. Tornou a examinar Ayla. Era uma mulher arrebatadora, e uma filha da Fogueira do Mamute, uma

curandeira, ou assim diziam, e certamente possuía um dom único com os animais. Uma mulher de alto status, sem dúvida, mas de onde viera? E por que era sempre o Acampamento do Leão que aparecia com alguém diferente? As duas chefes se encontravam de pé no interior de uma quase completa, mas vazia e nova habitação. Embora o exterior estivesse coberto, o padrão de zigzague das paredes estava sutilmente aparente no interior.

- Tem certeza de que não viajarão conosco, Avarie? - perguntou Tulie. Um novo fio de grandes contas de âmbar adornava seu pescoço. - Ficaríamos felizes em esperar mais alguns dias, até estarem prontos.

- Não, vão em frente. Sei que todo mundo está ansioso para chegar à Reunião, e vocês já fizeram muito. A habitação está quase terminada e, sem vocês, jamais teríamos progredido tanto.

- Foi um prazer para nós trabalhar com vocês. Devo confessar, a nova habitação é imponente. É uma honra para a Mãe. Seu irmão é realmente notável. Pode-se quase sentir a presença da Mãe dentro da casa. - Era sincera, e Avarie sabia disso. - Obrigada, Tulie, e não esqueceremos sua ajuda. É por isto que não queremos detê-los mais. Já estão atrasados porque ficaram para nos ajudar. Todos os melhores locais estarão ocupados.

- Agora, não levaremos muito tempo para chegar lá. Nossa carga é bastante leve. O Acampamento do Mamute conseguiu uma pechincha.

Os olhos de Avarie se fixaram no colar novo da grande chefe.

- Não tão boa pechincha quanto o Acampamento do Leão - disse. Tulie concordava. Acreditava que o Acampamento do Leão conseguira o melhor do negócio, mas era impróprio admiti-lo, assim, mudou de assunto: - Bem, esperamos ver vocês lá. Se pudermos, marcaremos um lugar - Agradeceríamos, mas imagino que seremos

os últimos a chegar. Teremos que ficar com o que pudermos conseguir. No entanto, procuraremos vocês - disse Avarie, enquanto saíam da habitação.

- Partiremos de manhã, então - falou Tulie. As duas mulheres se abraçaram, e encostaram os rostos um no outro, depois a chefe do Acampamento do Leão começou a se dirigir para as tendas.

- Oh, Tulie, no caso de eu não vir Ayla antes de partirem, por favor, agradeça a pedra-de-fogo a ela novamente - disse Avarie, depois ajuntou com tom aparentemente casual: - Já fixaram um Preço de Noiva para ela? - Temos pensado sobre isso, mas ela tem tanto a oferecer que é difícil - disse Tulie; depois se virou para continuar seu caminho. Após alguns passos, deu meia-volta e sorriu: - Ela e Deegie se tornaram tão íntimas que Ayla é quase como uma filha para mim.

Tulie mal pôde conter um sorriso ao se afastar. Ela achava que Vicavec andara prestando especial atenção em Ayla, e sabia que o comentário de Avarie não fora casual. Ele havia mandado a irmã fazê-lo. Não seria um mau acordo, pensou Tulie, e ter laços com o Acampamento do Mamute para vocês poderia ser benéfico. Claro, Ranec tem prioridade. Afinal, eles estão prometidos, mas se alguém como Vincavec fizesse uma proposta, não faria mal levá-la em consideração. No mínimo, aumentaria o valor de Ayla. Sim, Talut tivera uma boa idéia ao sugerir que parassem e negociassem.

Avarie a viu afastar-se. Então, Tulie vai negociar, ela mesma, o Preço de Noiva. Foi o que pensei.

Talvez devêssemos parar no Acampamento do Ambar no caminho, eu sei onde Mãe guarda a pedra bruta, e se Vincavec vai lutar por Ayla, precisará de tudo que puder conseguir. Nunca vi uma mulher negociar melhor do que Tulie, pensou Avarie com admiração e má vontade. Ela não dera muita importância à grande chefe do Acampamento do Leão, antes, mas naqueles últimos

dias que tiveram a chance de se conhecer melhor, ela passara a respeitar Tulie, e até a gostar dela. Tulie havia trabalhado arduamente com eles e era generosa em elogios, quando eram merecidos, e se era uma excelente negociante, bem, esse era o papel da chefe. Na verdade, se fosse jovem e pronta para se unir a alguém, pensou Avarie, não se importaria de ter alguém como Tulie negociando o seu Preço de Noiva.

Do Acampamento do Mamute, o Acampamento do Leão viajou em direção ao norte, seguindo o rio a maior parte do tempo. Perto dos grandes rios que atravessavam o continente, a paisagem setentrional mudava continuamente e exibia uma rica diversidade de vida vegetal. Sua viagem os levou de planícies de loesse e tundras até lagos florestais juncosos, de turfeiras viçosas e campos de pastagem e colinas ventosas brilhantes como as flores de verão. Embora as plantas do norte fossem mirradas, as flores eram muitas vezes maiores e mais brilhantes que as variedades sulistas. Ayla era capaz de identificar a maioria delas, apesar de não saber sempre como chamá-las. Quando passavam por elas, ou se ela cavalgava ou caminhava sozinha, freqüentemente colhia algumas para Mamut, ou Nezzie, ou Deegie, ou alguém que pudesse dizer-lhe os nomes.

Quanto mais se aproximavam do local da Reunião de Verão, tanto mais Ayla encontrava razões para fazer excursões secundárias. O verão sempre fora a época em que ela queria solidão- Havia sido seu padrão, desde que se lembrava. No inverno ela aceitava o confinamento imposto pelo clima rigoroso, quer fosse na caverna do clã de Brun, ou na sua, em seu vale, ou na habitação comunal dos Mamutoi. Mas no verão, embora não gostasse de ficar sozinha à noite, muitas vezes se divertira saindo sozinha durante o dia. Era seu momento de meditar, e seguir seus impulsos, livre da restrição de ser muito observada, quer por desconfiança, ou amor.

Quando paravam para passar a noite, era bastante fácil dizer que queria identificar plantas ou caçar, e fazia as duas coisas, usando o arremessador de lança tanto quanto a funda, para trazer carne fresca, mas queria realmente afastar-se sozinha. Precisava de tempo para pensar. Temia sua chegada agora e não compreendia por quê. Havia conhecido pessoas suficientes e fora aceita com bastante facilidade, assim sabia que o problema não era este. Porém, quanto mais perto chegavam, mais excitado Ranec ficava e mais soturno Jondalar parecia. E tanto mais ela desejava poder evitar aquela reunião dos acampamentos.

Na última noite da viagem, Ayla voltou de uma longa caminhada com um punhado de flores. Notou que um pedaço de solo perto do fogo havia sido alisado, e Jondalar fazia marcas nele com a faca de desenhar. Tornec tinha um pedaço quebrado de marfim na mão e uma faca aguçada na outra, e estudava as marcas.

- Aqui está ela - disse Jondalar. - Ayla pode dizer melhor do que eu. Não estou certo de ser capaz de descobrir o caminho de volta para o vale saindo do Acampamento do Leão, e sei que não poderia fazê-lo daqui. Fizemos muitas voltas e desvios.

- Jondalar tentava fazer um mapa indicando o caminho para o vale onde você encontrou as pedras-de-fogo - falou Talut.

- Tenho procurado desde que partimos, e não vi uma pedra-de-fogo sequer - disse Tornec. - Eu gostaria de fazer uma viagem até o vale, um dia, e trazer mais pedras. As que temos não durarão para sempre. A minha já tem um grande sulco nela.

- Tenho dificuldade em calcular a distância - disse Jondalar. - Viajamos a cavalo, por isto é difícil dizer quantos dias levaríamos a pé. E ex ploramos muito, paramos quando sentimos vontade, não seguimos qualquer trilha lógica. Estou quase certo de que

voltamos através do rio que corta o seu vale, no extremo norte. Talvez mais de uma vez. Quando voltamos era quase inverno, e muitos pontos de referência tinham mudado.

Ayla pousou as flores, e pegou a faca de desenhar, e tentou pensar sobre como fazer um mapa para o vale. Começou a traçar uma linha, de pois hesitou.

- Não se preocupe em fazer o caminho a partir daqui - falou Talut.

- Pense apenas em como chegar lá saindo do acampamento. Ayla franziu a testa, concentrada.

- Sei que posso mostrar. o caminho saindo do Acampamento do Leão - disse ela- mas ainda não entendo os mapas muito bem. Acho que não sei fazer um.

- Bem, não se preocupe com isso - disse Talut. - Não precisamos de um mapa se pode nos indicar o caminho. Talvez, depois que voltarmos da Reunião de Verão, possamos viajar até lá. - Então, fez um gesto com o queixo de barba ruiva em direção às flores: - O que trouxe desta vez, Ayla? - É o que quero que me digam. Sei o que são, mas não sei como chamá-las.

- Sei que a flor vermelha é um gerânio - falou Talut - E esta é uma papoula.

- Mais flores? - disse Deegie, vindo reunir-se a eles.

- Sim. Talut me disse o nome destas duas - falou Ayla.

- Vejamos, essa é urze e aquela é cravo rosa - disse Deegie, identi ficando as outras duas e sentando-se ao lado de Ayla em seguida. - Estamos quase chegando. Talut diz que chegaremos amanhã, a qualquer hora.

Mal posso esperar. Amanhã verei Branag, e depois não demorará para nos unirmos, afinal. Nem sequer sei se serei capaz de dormir esta noite.

Ayla lhe sorriu. Deegie estava tão animada que era difícil não partilhar do seu entusiasmo, mas serviu

também para lembrar-lhe que ela se uniria breve, igualmente. A conversa de Jondalar sobre o vale e para lá voltar tinha renovado seu sofrimento e o desejo por ele. Ela o estivera observando, tentando não deixá-lo claro, e tinha a impressão de que ele a andara vigiando também. Ela vivia encontrando seus olhos, brevemente, antes de os dois desviarem o olhar.

- Oh, Ayla, há tantas pessoas que quero que conheça, e estou tão feliz por nos unirmos no mesmo Matrimônio. Isso é uma coisa que sempre teremos juntas.

Jondalar se levantou.

- Preciso ir... e... bem... arrumar meu rolo de dormir - disse, e se afastou depressa.

Deegie observou o olhar de Ayla acompanhá-lo e teve quase certeza de que viu lágrimas contidas neles. Sacudiu a cabeça. Ayla não parecia uma mulher que estava a ponto de se unir e estabelecer uma nova fogueira com o homem que amava. Não havia alegria, ou excitação. Faltava alguma coisa. Alguma coisa que se chamava Jondalar.

Capítulo 31

De manhã, o Acampamento do Leão começou a subir o rio, permanecendo no platô das planícies, mas captando vislumbres da rápida corrente d'água abaixo, à esquerda, nebulosa com escoamento glacial e espumando com lodo. Quando alcançaram uma confluência, um local em que dois rios principais se uniam, tomaram o braço esquerdo. Depois de vadear dois grandes afluentes, colocando a maior parte da bagagem em um barco bojudo que haviam trazido para esse propósito, desceram para a planície aluvial e viajaram pelas matas e campos de relva até o vale do rio.

Talut continuava observando o sistema de cavidades e ravinas na margem direita elevada do rio, comparando a paisagem real com o marfim riscado de símbolos, cujo significado ainda não era claro para Ayla. À frente, perto de uma curva pronunciada, encontrava-se o ponto mais elevado da margem oposta, erguendo-se a uns 60 metros acima da água. Do seu lado, um grande campo herbáceo e trechos de matas se estendiam para o interior por alguns quilômetros. Ao se aproximarem mais, Ayla notou um monte de ossos com uma caveira de lobo ao alto. Um arranjo peculiar de pedras se estendia do lado oposto do rio, na direção que Talut tomava.

O rio era largo ali e raso, e seria vadeável de qualquer modo, porém alguém tornara a travessia ainda mais fácil. Pilhas de rochas e cascalho, e alguns ossos tinham sido colocados e espalhados como um caminho de pedras para fazer uma trilha para as pessoas atravessarem o rio, enquanto desviavam o fluxo de água para os espaços no meio.

Jondalar parou para olhar mais atentamente.

- Que idéia inteligente! - comentou. - Pode-se cruzar o rio aqui sem sequer molhar os pés.

- Os melhores lugares para alojamentos são daquele lado... aquelas depressões protegem bastante contra o vento... porém, a melhor caça está deste lado - explicou Barzec. - Este caminho é levado pelas enchentes, mas o Acampamento do Lobo constrói um novo todos os anos. Parece que tiveram trabalho extra este ano, provavelmente, para facilitar as coisas para os visitantes.

Talut começou a cruzar o rio. Ayla reparou que Whinney estava extremamente nervosa em relação ao caminho de pedras com os espaços de água no meio, mas a égua a seguiu sem incidentes.

O chefe parou depois da metade da travessia.

- Este local é bom para pescar - disse ele. - O rio corre depressa, portanto é profundo. O salmão sobe até aqui. O esturjão também. E outros peixes, bagre, truta, lúcio. - Dirigia seus comentários a Ayla e Jondalar particularmente, embora incluísse qualquer um dos jovens que não estivera ali antes. Fazia alguns anos que o Acampamento do Leão visitara o Acampamento do Lobo como um grupo.

No lado oposto, quando Talut os conduziu para uma larga ravina, talvez com uns 600 metros de um lado ao outro, no topo, Ayla ouviu um som estranho, como um zumbido alto ou um berro abafado.

Subiram a colina aos poucos. Mais ou menos a uns 18 metros acima do nível do rio e a uns 150 metros de distância, chegaram à base da ravina. Ayla olhou à frente e arquejou. Protegidas por muros altos, meia-dúzia de habitações redondas isoladas e enfileiradas estavam confortavelmente fixadas, dentro da depressão de quase 1.6 quilômetro de comprimento. Mas não foram as moradias redondas que fizeram Ayla arquejar.

Foram as pessoas. Em toda a sua vida, Ayla jamais vira tanta gente. Muito mais do que mil pessoas, mais do que trinta acampamentos, tinham se reunido para a Reunião de Verão dos Mamutoi. O comprimento e largura de toda a área estavam cheios de tendas. Havia, no mínimo, quatro ou cinco vezes mais pessoas do que o número que se reunia para a Reunião de Clãs - e todo mundo a fitava.

Ou melhor, fitava seus cavalos e a Lobo. O filhote se encolhia contra a perna de Ayla tão sobressaltado quanto ela. Ayla sentiu pânico em Whinney e estava certa de que Racer sentia o mesmo. O medo pelos animais ajudou-a a vencer seus próprios sentimentos de puro terror à vista de tantos seres humanos. Ela ergueu a cabeça e viu Jondalar segurando a corda, lutando para impedir que Racer empinasse, enquanto o menino asustado se agarrava com força ao animal.

- Nezzie, pegue Rydag! - gritou. A mulher já percebera o problema e não necessitava das palavras de Ayla para se mover. Ayla ajudou Mamut a descer, e colocou o braço em volta do pescoço da égua para levá-la em direção ao jovem garanhão a fim de ajudá-lo a se acalmar. O lobo a seguiu.

- Lamento muito, Ayla. Eu devia ter pensado no modo como os cavalos reagiriam diante de tanta gente - disse Jondalar.

- Sabia que haveria tanta assim? - Eu... não sabia, mas achei que deveria haver tanta gente quanto em uma Reunião de Verão dos Zelandonii.

- Creio que deveríamos fixar o Acampamento de Tifáceas em algum lugar fora do caminho - disse Tulie, falando alto para conseguir a atenção de todos. - 1 aqui, perto da atremidade do acampamento. Estaremos longe de tudo!.. - ela olhava ao redor ao falar - ...mas o Acampamento do Lobo tem um riacho atravessando sua depressão este ano, e ele virá para cá.

Tulie estivera antecipando a reação das pessoas e não ficou desapontada. Tinham cruzado o rio e todo mundo se aglomerara para ver a chegada do Acampamento do Leão. Mas ela não havia previsto que os animais pudessem ficar assustados ao serem apresentados, inicialmente, a um rebanho de homens.

- Que tal lá, perto do muro - sugeriu Barzec. - Não é muito plano, mas podemos nivelar o terreno.

- Parece ótimo. Há alguma objeção? - perguntou Talut, olhando diretamente para Ayla. Ela e Jondalar tinham levado os animais àquele local, querendo acomodá-los. O Acampamento do Leão começou a remover pedras e a nivelar um lugar para armar sua grande tenda comunal de pele dupla.

Era muito mais confortável viver numa tenda feita com duas camadas de couro. A camada isolante de ar no meio ajudava a manter o aquecimento interno, e a umidade, condensando-se no frio da noite, descia rapidamente pelo lado interno dos couros externos até o solo. Os couros internos, que eram enfiados sob os panos usados no chão do interior, também mantinham as correntes de ar afastadas. Embora não tão permanente quanto a habitação de barro do Acampamento do Leão, era uma estrutura mais sólida do que o abrigo de parede única para passar a noite, que era somente uma parte da tenda completa de verão, que usavam quando viajavam. Referiam-se à sua casa de verão como Acampamento de Tifáceas para diferenciar a habitação de verão, onde quer que fosse, da moradia de inverno, embora se considerassem sempre membros de um grupo chamado Acampamento do Leão.

A tenda era dividida em quatro partes cônicas interdependentes, cada uma com uma lareira, sustentada por árvores novas flexíveis e vigorosas, embora ossos de costela de mamute ou outros ossos compridos pudessem ser e tivessem sido usados. A parte

central, a maior delas, abrigaria a Fogueira do Leão, a Fogueira da Raposa e a Fogueira do Mamute. Como a tenda não era tão espaçosa quanto a habitação de terra, seria utilizada primeiramente para dormir, e era raro que todos estivessem dormindo ao mesmo tempo. Outras atividades particulares, sociais e públicas seriam realizadas fora, ou seja, armar a tenda significava também definir o território além da tenda. A localização da Fogueira de Tifáceas, a principal fogueira externa para cozinhar, era uma questão de alguma importância.

Enquanto trabalhavam para armar a tenda e marcar seu território, o resto das pessoas na Reunião começou a recuperar-se do silêncio inicial espantado, e se pôs a conversar excitadamente entre si.

Afinal, Ayla descobriu a fonte do berro peculiar abafado. Lembrou-se de que quando chegou ao Acampamento do Leão, achou que havia ruído demais quando todos falavam ao mesmo tempo. Ali, havia aquele barulho multiplicado muitas vezes; eram as vozes combinadas de toda a multidão.

Não era de admirar que Whinney e Racer ficassem tão ariscos, pensou Ayla. O som constante de conversa a deixava assustada também. Não estava acostumada a ela. A Reunião de Clãs não havia sido tão grande, mas mesmo se fosse, não teria sido tão ruidosa. Eles usavam poucas palavras para se comunicar; uma reunião da gente do Clã era silenciosa. Mas com pessoas que usavam fala verbal, exceto em raras ocasiões, era sempre ruidoso dentro do acampamento. Como o vento nas estepes, as vozes jamais cessavam, somente variavam de intensidade.

Muitas pessoas correram para saudar o Acampamento do Leão, oferecendo para ajudar a erguer a tenda e arrumar a moradia, e foram acolhidas amavelmente, mas Talut e Tulie se entreolharam várias vezes, significativamente. Não se lembravam de ter

tantos amigos tão desejosos de ajudar, antes. Com o auxílio de Latie, Jondalar e Ranec, e por algum tempo, Talut, Ayla providenciou um local para os cavalos. Os dois rapazes trabalharam juntos facilmente, porém, falaram pouco. Ela recusou ofertas de pessoas curiosas dispostas a ajudar, explicando que os cavalos eram tímidos, e desconhecidos os deixavam nervosos. Mas isso deixou claro, apenas, que ela era a pessoa que controlava os animais e provocou mais curiosidade. Os boatos sobre ela correram rapidamente.

Na extremidade mais distante do acampamento, ao redor de uma curva do muro da ravina que se abria para o vale do rio, construíram um alpendre tipo toldo, utilizando a tenda de couro que ela e Jondalar tinham usado quando viajaram juntos, sustentada por pequenas árvores e galhos fortes.

Estava um pouco escondida da visão das pessoas acampadas na depressão, porém a vista do rio e dos belos prados arborizados era ampla.

Eles se instalavam e preparavam locais para dormir nos alojamentos um pouco mais apinhados, quando uma delegação do Acampamento do Lobo, juntamente a várias outras, vieram dar-lhes as boas-vindas, oficialmente. Estavam em território do Acampamento anfitrião e, embora fosse esperado, era mais do que cortesia estender a todos os visitantes o uso das caniçadas hereditárias para pesca do Acampamento do Lobo, canteiros de raízes, sementes, nozes e morangos, amoras, e terrenos de caça. Embora a Reunião de Verão não fosse durar a estação inteira, hospedar um tão grande número de pessoas teria um preço, e era necessário descobrir se alguma determinada área devia ser evitada, para não exigir demais dos recursos da região.

Talut ficara bastante surpreso quando recebeu a notícia da mudança de local da Reunião de Verão.

Os Mamutoi, em geral, não se reuniam num acampamento doméstico. Usualmente escolhiam um local nas estepes ou nalgum vale ribeirinho que pudesse acomodar uma concentração tão grande de pessoas mais facilmente.

- Em nome da Grande Mãe de todos, o Acampamento do Leão é bem-vindo - disse uma mulher magra, de cabelos grisalhos.

Tulie ficou chocada ao vê-la. Ela havia sido uma mulher de raro encanto e saúde excelente, que dividira a responsabilidade de sua co-liderança com tranqüilidade, mas parecia ter envelhecido dez anos desde a última estação.

- Marlie, apreciamos sua hospitalidade. Em nome de Mut, agradecemos.

- Vejo que repetiu a façanha - disse um homem, segurando as duas mãos de Talut em saudação.

Valez era mais jovem que a irmã mas, pela primeira vez, Tulie notou que ele também mostrava sinais de envelhecimento. Ela ficou consciente, de súbito, de sua própria mortalidade. Sempre considerara Marlie e Valez como mais ou menos de sua idade.

- Mas acho que esta é a sua maior surpresa - continuou Valez. - Quando Toran entrou correndo, gritando algo sobre cavalos cruzando o rio com vocês, todos tiveram que ir olhar. E depois, alguém descobriu o lobo..

- Não pediremos para que nos conte sobre os animais agora - disse Marlie - embora deva confessar que estou curiosa. Apenas, terá que repetir a história muitas vezes. Talvez possamos esperar até esta noite, para você poder contar a todo mundo de uma só vez.

- Claro, Marlie tem razão - falou Valez, embora estivesse pronto para ouvir a história imediatamente. Também notou que sua irmã parecia especialmente cansada. Temia que aquela fosse sua última Reunião de

Verão. Por isto ele concordara em hospedar a todos, quando o local que havia sido originalmente escolhido fora inundado por uma mudança no curso do rio. Naquela estação, eles entregariam sua co-liderança.

- Por favor, usem o que precisarem. Estão à vontade? Lamento terem que ficar tão longe, mas estão atrasados. Eu não tinha sequer certeza se viriam - disse Marlie.

- Nós não viemos diretamente - concordou Talut. - Mas este é o melhor lugar. É melhor para os animais. Não estão acostumados a tanta gente.

- Eu gostaria de saber como se acostumaram com uma pessoa! - gritou uma voz. Os olhos de Tulie se iluminaram quando um rapaz alto se acercou, mas Deegie chegou até ele primeiro.

- Tarneg! Tarneg! - gritou, enquanto o abraçava. O resto da Fogueira dos Auroques estava atrás dela. Ele abraçou sua mãe, e depois Barzec, e todos tinham lágrimas nos olhos. Em seguida, Druwez, Brinan e Tusie reclamaram sua atenção. Ele colocou os braços ao redor dos ombros dos meninos, abraçou-os e apreciou como tinham crescido. Em seguida pegou Tusie ao colo.

Depois de um abraço mútuo e cócegas que causaram risadinhas deleitadas, Tarneg a colocou no chão.

- Tarneg! - trovejou Talut.

- Talut, seu grande urso! - Tarneg respondeu em uma voz tão forte quanto a do chefe, enquanto se abraçavam. Havia fone semelhança familiar - ele era quase tão urso quanto seu tio- mas Tarneg tinha o colorido mais bronzeado da mãe. Inclinou-se para roçar a face de Nezzie com a sua, depois, com um sorriso malicioso, abraçou a mulher gorda e pegou- a ao colo.

- Tarneg! O que está fazendo? Ponha-menochão! - censurou ela.

Ele obedeceu, depois piscou para ela.

- Agora, sei que sou um homem tão bom quanto você, Talut - disse, e riu alto. - Sabe há quanto tempo eu queria fazer isso? Só para provar que era capaz? - Não é necessário... - começou Nezzie.

Talut atirou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada.

- É preciso mais que isso, rapaz. Quando puder me igualar nas peles de dormir, será um homem tão bom quanto eu.

Nezzie desistiu de tentar recuperar sua dignidade, e apenas olhou para o grande urso, sacudindo a cabeça com afeição exasperada.

- O que há na Reunião de Verão que faz os velhos quererem provar que são jovens de novo? - disse ele. - Bern, ao menos, deixe-me descansar.

- Percebeu o olhar interessado de Ayla.

- Eu não apostaria nisso! - exclamou Talut. - Não sou tão velho que não possa abrir caminho para a leoa da minha fogueira, somente porque tenho outros envolvimento.

- Hum - Nezzie deu de ombros, afastando-se, desdenhando responder.

Ayla estava de pé perto dos dois cavalos, e conservando o lobo ao seu lado, para que não uivasse e assustasse as pessoas, mas estivera observando toda a cena com grande interesse, inclusive as reações das pessoas que se encontravam próximas. Danug e Druwez pareciam embaraçados.

Embora ainda não tivessem experiência, sabiam que assunto estava sendo discutido, e andavam pensando bastante naquilo. Tarneg e Barzec riam largamente. Latie corou e tentou esconder-se atrás de Tulie, que parecia não ser atingida por toda aquela tolice. A maioria das pessoas sorria, afavelmente, até Jondalar, notou Ayla, surpresa. Ela havia-se perguntado se as razões para o modo de agir de Jondalar em relação

a ela tinham algo a ver com os costumes, que eram muito diferentes. Talvez, ao contrário dos Mamutoi, os Zelandonii não acreditassem que as pessoas tinham o direito de escolher seus parceiros, mas ele não parecia desaprovar.

Quando Nezzie passou por Ayla a caminho da tenda, esta notou um sorriso experiente brincando em sua boca também.

- Acontece todo ano - disse ela, quase num cochicho. - Ele tem que fazer uma cena, dizer a todos que homem é, e nos primeiros dias até encontrar um ou dois "envolvimentos". embora sejam sempre mulheres parecidas comigo: louras e gordas. Depois, quando acha que ninguém mais está reparando, fica suficientemente feliz para passar a maior parte da noite no Acampamento de Tifáceas... e não tão feliz se não estou lá.

- Onde você vai? - Quem pode garantir? Com uma Reunião deste tamanho, embora se conheça todo mundo, ou ao menos, todo acampamento, você não conhece bem todas as pessoas. Cada ano existe alguém para se conhecer melhor. Embora, confesso, a maior parte das vezes seja uma outra mulher com filhos adolescentes e uma nova maneira de temperar mamutes. Às vezes, um homem me atrai, ou eu o atraio, mas não preciso fazer um "espetáculo" por causa disso. Talut acha certo se vangloriar, mas se a verdade fosse conhecida, acho que ele não gostaria que eu me vangloriasse.

- Então, não faz isso - disse Ayla.

- É uma coisa insignificante para preservar a harmonia e boa vontade na fogueira... e bem, para agradá-lo.

- Você o ama realmente, não é? - Aquele urso velho!

- Nezzie começou a objetar, depois sorriu e a ternura surgiu em seus olhos.

- Nós tivemos nossas dificuldades no início... sabe como ele é forte... mas nunca permiti que levasse vantagem comigo, ou me dominasse com gritos. Acho que é isso que ele gosta em mim.

Talut poderia partir um homem ao meio, se quisesse, mas não é de seu feitio. As vezes, encoleriza-se, mas não existe crueldade nele. Jamais ferirá alguém mais fraco... e isto inclui quase todo mundo! Sim, eu o amo, e quando você ama um homem, quer fazer coisas para agradá-lo.

- Você... não iria com outro homem que a atraísse, mesmo querendo, se isto o agradasse? - Isso não seria difícil na minha idade, Ayla. Realmente, se a verdade fosse conhecida, eu não teria muito do que me gabar. Quando era mais jovem, ainda esperava com ansiedade a Reunião de Verão para ver caras novas e jogos divertidos, e até uma vez ou outra as peles de dormir... mas acho que Talut tem razão numa coisa. Não há muitos homens capazes de igualá-lo. Não por causa de todos os "envolvimentos" de que é capaz de ter, mas porque se importa como faz a coisa.

Ayla sacudiu a cabeça com compreensão. Depois franziu a testa, pensando. O que você faz se existem dois homens e todos dois se importam? - Jondalar! Ayla levantou os olhos ao ouvir a voz desconhecida gritar o nome dele. Ela viu Jondalar sorrir e caminhar para uma mulher e cumprimentá-la cordialmente.

- Então ainda está com os Mamutoi! Onde está seu irmão? - disse a mulher. Era uma mulher de aparência forte, não alta, mas musculosa.

A testa de Jondalar se enrugou de sofrimento. Ayla pôde ver pela expressão da mulher.

- Como aconteceu? - Uma leoa roubou sua caça e ele a perseguiu até a toca. Seu companheiro o atacou, feriu-me também - disse Jondalar no menor número de palavras possível.

A mulher sacudiu a cabeça, compreensiva.

- Diz que foi ferido? Como escapou? Jondalar olhou para Ayla e viu que ela o observava. Conduziu a mulher até ela.

- Ayla, esta é Brecie dos Mamutoi, chefe do Acampamento do Salgueiro... ou melhor, Acampamento do Alce. Talut disse que esse é o nome do seu Acampamento de inverno. Esta é Ayla dos Mamutoi, filha da Fogueira do Mamute, do Acampamento do Leão.

Brecie ficou surpresa. Filha da Fogueira do Mamute? De onde ela viera? Não estava com o Acampamento do Leão no ano anterior. Ayla não era, sequer, um nome Mamutoi.

- Brecie - disse Ayla. - Jondalar me falou de você. Foi quem salvou Jondalar e o irmão das areias movediças do Grande Rio Mãe, e é amiga de Tulie. Estou contente por conhecê-la.

Certamente, esse sotaque não é Mamutoi, e tampouco Sungaea, pensou Brecie. Também não é o sotaque de Jondalar. Não estou certa, sequer, se é um sotaque. Ela fala Mamutoi realmente muito bem, mas tem uma maneira peculiar de engolir algumas palavras.

- É um prazer... Ayla, não é? - perguntou Brecie.

Sim, Ayla.

- É um nome diferente. - Quando não houve explicação, Brecie continuou: - Parece ser você que está... hum... vigiando os animais. - Ocorreu-lhe que nunca estivera tão perto de um animal vivo, ao menos um que estivesse parado, e não tentasse fugir.

- Porque eles obedecem a Ayla - disse Jondalar com um sorriso.

- Mas não vi você com um deles? Confesso que me surpreendeu, Jondalar. Com essas roupas, pensei a princípio que fosse Darnev, e quando você conduzia um cavalo, pensei que ou estava imaginando coisas, ou que Darnev voltara do mundo dos espíritos.

- Aprendo sobre estes animais com Ayla - falou Jondalar. - Foi ela quem me salvou do leão da caverna também. acredite, ela tem um dom para cuidar de animais.

- Parece óbvio - falou Brecie, agora abaixando o olhar para Lobo, que não estava tão nervoso, embora seu estado de alerta parecesse mais ameaçador. - Foi por isto que ela foi adotada pela Fogueira do Mamute? - Esta foi uma das razões - disse Jondalar.

Fora um tiro no escuro de Brecie, o palpite de que Ayla havia sido recentemente adotada pelo Mamut do Acampamento do Leão. A resposta de Jondalar confirmou suas especulações. Não explicava, porém, de onde Ayla viera. A maioria das pessoas supunha que ela viera com o homem alto e louro, talvez uma companheira de fogueira, ou uma irmã, mas ela sabia que Jondalar chegara em seu território somente com um irmão. Onde ele encontrara aquela mulher? - Ayla! Que bom rever você.

Ela levantou a cabeça para ver Branag de braços dados com Deegie. Abraçaram-se com afeto e roçaram os rostos um no outro. Embora ela tivesse visto Branag apenas uma vez, ele parecia um velho amigo, e era bom conhecer alguém naquela Reunião.

- Mamãe quer que venha conhecer o chefe e a chefe do Acampamento do Lobo - disse Deegie.

- Claro - concordou Ayla, bastante contente por ter uma desculpa para se afastar da arguta Brecie. Ayla havia notado a mente rápida trabalhando nos palpites sagazes da mulher, e sentiu-se um pouco desconcertada perto dela. - Jondalar, quer ficar aqui com os cavalos? - Ela observara algumas pessoas se aproximarem com Branag e Deegie, e se acercavam mais dos animais. - Tudo isto é novo para eles, e ficam mais felizes quando há alguém que conhecem por perto. Onde está Rydag? Ele pode vigiar Lobo.

- Está lá dentro - disse Deegie.

Ayla se voltou para olhar e o viu de pé, timidamente, à entrada.

- Tulie quer que eu conheça a chefe. Pode vigiar Lobo? - disse Ayla, fazendo sinais também.

- Vigio - respondeu ele por sinais, olhando para a multidão próxima, com um pouco de apreensão. Rydag saiu devagar, depois se sentou ao lado de Lobo e passou o braço em volta do animal.

- Vejam aquilo! Ela até fala com cabeças-chatas. Deve ser boa com animais! - gritou uma voz desdenhosa do meio da multidão. Várias pessoas riram.

Ayla deu meia-volta e fitou-as com raiva, procurando quem falara.

- Qualquer pessoa pode falar com eles... pode-se falar com uma rocha também... o difícil é conseguir que respondam - disse outra voz, provocando mais riso.

Ayla se virou nessa direção, quase explodindo, tão zangada que mal conseguia falar.

- Alguém aqui está dizendo que o menino é um animal? - falou uma voz familiar. Ayla franziu a testa quando um membro do Acampamento do Leão avançou.

Eu estou, Frebec. Por que não? Ele não sabe o que digo. Os cabeças-chatas são animais, você mesmo disse isso muitas vezes.

- Agora digo que eu estava errado, Chaleg. Rydag sabe exatamente o que você está dizendo, e não é difícil fazê-lo responder. Você tem apenas que aprender sua linguagem.

- Que linguagem? Cabeças-chatas não falam. Quem está lhe contando essas histórias? - Linguagem de sinais. Ele fala com as mãos - disse Frebec. Houve um riso geral de caçada.

Agora, Ayla observava Frebec com curiosidade. Ele não gostava que rissem dele.

- Então, não acredite em mim - disse, dando de ombros e começando a se afastar, como se não se impã virou-se para encarar o homem que havia ridicularizado Rydag. - Mas, vou lhe dizer mais uma coisa. Ele é capaz de falar com aquele lobo também, e se ele disser ao lobo para pegar você, eu não apostaria em suas chances.

Sem Chaleg perceber, Frebec havia feito sinais a Rydag, os sinais manuais que não significavam nada para Chaleg. Rydag, em troca, havia interrogado Ayla. Todo o Acampamento do Leão observava, divertindo-se ao saber o que acontecia por meio da linguagem de sinais, que podiam falar diante de toda aquela gente sem que soubessem.

Sem se virar, Frebec continuou: - Por que não mostra a eles, Rydag? De repente, Lobo não estava mais sentado pacificamente com o braço do menino ao seu redor.

Num salto rápido, Lobo atacou o homem, o pêlo eriçado, os dentes à mostra, e um uivo que arrepiou os cabelos da nuca de todos os presentes. Os olhos do homem se arregalaram quando saltou para trás, aterrorizado. A maioria das pessoas ao seu lado recuou também, mas Chaleg continuou a correr. A um sinal de Rydag, Lobo voltou calmamente para o seu lugar ao lado do menino, parecendo bastante satisfeito consigo mesmo. Girou algumas vezes, depois deitou-se com a cabeça sobre as patas e observou Ayla.

Era correr um risco, pensou Ayla. No entanto, o sinal dado não era exatamente para atacar. Era uma brincadeira que as crianças faziam com Lobo, um jogo de salto e de avanço que os filhotes de lobo utilizavam entre si com freqüência, exceto que Lobo havia sido ensinado a controlar sua mordida.

Ayla usara um sinal semelhante em suas incursões de caça, quando queria que o animal levantasse a caça para ela. Embora, às vezes, ele acabasse saltando e

matando os animais, não era o sinal para ferir, realmente, alguém, e Lobo não havia tocado no homem. Apenas saltara em sua direção. Mas o perigo estava em que poderia tê-lo feito.

Ayla sabia como os lobos protegiam seu território, ou sua alcatéia. Eles matariam para defendê-los.

No entanto, enquanto observava Lobo voltar ao seu lugar, pensou que, se lobos pudessem rir, Lobo estaria rindo. Não pôde deixar de sentir que ele sabia o que estava acontecendo; que a idéia era apenas blefar, e sabia exatamente como fazê-lo. Não era apenas um ataque de brincadeira, não havia nada de engraçado na maneira como se moveu. Deu todos os avisos de ataque. Apenas, parara a tempo. A exposição repentina a grupos de pessoas fora difícil para o lobinho, mas ele havia-se portado bem. E ver a expressão no rosto daquele homem, fizera valer a pena correr o risco.

Rydag não era um animal! Branag parecia um pouco chocado, mas Deegie sorria quando se juntaram a Tulie e Tàlut, e outro casal. Ayla foi formalmente apresentada aos co-líderes do acampamento anfitrião e, imediatamente, soube o que todo mundo sabia. Marlie estava muito doente. Não devia sequer estar ali de pé, pensou Ayla, prescrevendo mentalmente medicamentos e preparados para ela. Ao notar a cor, a expressão do olhar, a textura da pele e do cabelo, Ayla se perguntou se alguma coisa poderia ajudá-la, mas sentiu a força da mulher; ela não cederia facilmente. E isso podia ser mais importante que remédios.

- Foi uma demonstração e tanto, Ayla - disse Marlie, notando a rvi lisrids de interessante de sua fala. - Quem controlava o lobo, o me- - O Conselho de Irmãs - disse Tulie. - As irmãs são a autoridade nino ou você? Não sei - disse ela, sorrindo. - Lobo responde a sinais, mas nós dois os fizemos.

- Lobo? Você fala como se fosse um nome - disse Valez.

- É o nome dele.

- Os cavalos também têm nome? - perguntou Marlie.

- A égua é whinny - disse Ayla da forma como soaria um relincho, e Whinney respondeu ao som, provocando sorrisos, mas nervosos. - A maioria das pessoas apenas diz o seu nome, Whinney. O garanhão é seu filho. Jondalar lhe pôs o nome de Racer. É uma palavra da língua dele que significa alguém que corre depressa e vence os outros.

Marlie balançou a cabeça afirmativamente. Ayla olhou fixamente para Marlie, depois se virou para Talut.

- Estou muito cansada do trabalho de acomodar os animais. Vê aquela grande tora? Pode trazê-la para cá para que me sente? A principio, o grande chefe ficou totalmente assombrado. Era tão fora de propósito. Simplesmente.

Ayla não pediria uma coisa dessas, ainda mais no meio de uma conversa com a chefe do acampamento anfitrião. Se alguém precisava de um lugar para sentar-se, era Marlie, sem dúvida.

Então, compreendeu. Claro! Por que não havia pensado nisso antes? Correu para pegar a tora e trouxe-a, ele mesmo.

Ayla se sentou.

- Espero que não se incomodem. Estou realmente cansada. Quer sentar-se, Marlie? Marlie se sentou, tremendo um pouco. Um pouco depois, ela sorriu.

Obrigada, Ayla. Não tencionava ficar aqui tanto tempo. Como soube que eu sentia tonteira? - Ela é curandeira - disse Deegie.

- Uma chamadora e uma curandeira? Uma combinação rara. Não é de admirar que a Fogueira do Mamute a tenha reivindicado.

- Há uma coisa que gostaria de preparar para você, se quiser tomar - disse Ayla.

- As curandeiras me viram, mas pode tentar, Ayla. Agora, antes que o assunto seja esquecido para sempre, existe uma pergunta que quero fazer. Tinha certeza de que o lobo não iria ferir o homem? Ayla fez uma pausa rápida.

- Não, não tinha. Ele ainda é muito novo, e nem sempre completamente confiável. Mas pensei que me encontrava perto o bastante para impedir seu ataque, se não se detivesse.

Marlie concordou com um gesto de cabeça.

- As pessoas nem sempre são totalmente confiáveis. Não esperaria que os animais fossem. Se tivesse dito outra coisa, eu não acreditaria. Chaleg se queixará, sabe, assim que se recuperar, para salvar as aparências. Levará o assunto ao Conselho de Irmãos e eles o trarão a nós.

- Nós? final. Estão mais perto da Mãe.

- Estou contente porque vi o fato. Agora, não preciso preocupar-me em escolher entre histórias conflitantes que, para começar, são inacreditáveis - disse Marlie. Desviou o olhar e examinou os cavalos e Lobo. - Parecem animais perfeitamente normais, não espíritos ou outras coisas mágicas. Diga-me, o que os animais comem quando estão com você, Ayla? Eles comem, não é? - A mesma coisa que comem sempre. Lobo come carne, em geral, tanto crua quanto cozida. É como outra pessoa na habitação e come, na maioria das vezes, o mesmo que eu, até verduras. As vezes, caço para ele, mas ele já sabe pegar ratos e pequenos animais sozinho. Os cavalos comem capim e cereais. Eu pensava em levá-los para aquele prado do outro lado do rio e deixá-los lá por algum tempo.

Valez olhou para o rio e depois para Ayla pendeu que ele refletia.

- Não gosto de dizer isto, Ayla, mas poderia ser perigoso deixá-los - Por quê? - perguntou ela com um vislumbre de pânico na voz.

- Caçadores. Os cavalos se parecem com qualquer outro, particularmente a égua. A cor escura do mais novo ainda é bastante rara. Teríamos que avisar para que não matassem nenhum cavalo castanho, especialmente se parecessem amistosos. Mas a égua... todo cavalo da estepe é daquela cor, e não creio que possamos pedir às pessoas para não matar cavalos. É a carne favorita de algumas - explicou Valez.

- Então terei que ir com ela - disse Ayla.

- Não pode fazer isso! - exclamou Deegie. - Perderá as festividades.

- Não posso deixar nada feri-la - disse Ayla. - Terei que perder as cerimônias.

- Seria uma grande pena - falou Tulie.

- Não tem nenhuma idéia? - perguntou Deegie.

- Não... se ao menos ela fosse castanha também - falou Ayla.

- Bem, por que não a fazer castanha? - Fazer castanha? Como? - E se misturarmos algumas cores que faço com o couro, e passarmos Ayla refletiu um pouco.

- Creio que não dará certo. É uma boa idéia, Deegie, mas o problema é que a cor, realmente, não fará grande diferença. Até Racer corre perigo. Um cavalo castanho continua sendo um cavalo, e se alguém está caçando cavalos, não será fácil lembrar de não matar os castanhos.

- Verdade - falou Talut. - Os caçadores pensam em caçar, e dois cavalos castanhos que não temem as pessoas seriam alvos muito tentadores.

- Que tal uma cor diferente como... vermelho? Por que não transformar Whinney numa égua vermelha? Uma égua vermelha. Então, ela realçaria certamente.

lá sozinhos.

Ayla fez uma careta.

- Não gosto da idéia de fazê-la ficar vermelha, Deegie. Ela pareceria muito estranha. No entanto, é uma boa idéia. Todo mundo saberia que ela não é um cavalo comum. Acho que deveríamos fazer isso, mas um cavalo vermelho... Espere! Tenho outra idéia - Ayla entrou correndo na tenda.

Deixou cair a mochila sobre as peles de dormir, e encontrou o que procurava perto do fundo. Saiu correndo.

- Veja, Deegie! Lembra-se disto? - perguntou Ayla, estendendo o couro vermelho-vivo que ela mesma havia tingido. - Eu nunca soube o que fazer com isto. Gostei apenas por causa da cor.

Posso amarrar o couro em Whinney quando ela estiver no campo sozinha.

- É um vermelho-vivo! - disse Valez, sorrindo e sacudindo a cabeça afirmativamente. - Acho que dará certo. Com o couro sobre ela, todo mundo que vir a égua saberá que é um animal especial, e provavelmente, hesitará em caçá-la, mesmo sem ser avisado. Podemos anunciar esta noite que o cavalo com o manto vermelho e o castanho não devem ser caçados.

- Não faria mal amarrar alguma coisa em Racer também - disse Talut. - Não precisaria ser uma cor tão viva, mas algo feito por uma pessoa, de forma que alguém que se aproximar o bastante para atirar uma lança saberá que não é um cavalo comum.

- Eu sugeriria - ajuntou Marlie - que do momento em que todas as pessoas não são inteiramente confiáveis, às vezes, avisar não é suficiente. Talvez fosse prudente para você e seu Mamut inventarem alguma proibição sobre matar cavalos. Uma boa maldição pode assustar bastante alguém que se sinta tentado a ver se esses animais são mortais, realmente.

- Pode sempre dizer que Rydag enviará Lobo para atacar qualquer pessoa que fira os cavalos - falou Branag com um sorriso. - É provável que esta história tenha se espalhado por toda a Reunião agora, e sinto aumentada à medida que é contada por cada um.

- Talvez não sejam má idéia - disse Marlie, levantando-se para ir em bora. - Ao menos, poderia espalhar-se como um boato.

Eles observaram os co-líderes do Acampamento do Lobo se afastarem, depois, sacudindo a cabeça com tristeza, Tulie foi acabar de se instalar. Talut resolveu ir ver quem estava organizando as competições para que houvesse uma disputa com o arremessador de lanças, e parou para falar com Brecie e Jondalar. Os três prosseguiram juntos. Deegie e Branag se dirigiram para os cavalos com Ayla.

- Sei quem poderá começar o boato - disse Branag. - Com as histórias que já circulam, mesmo que não se acredite nelas inteiramente, acho que evitarão os cavalos. Não acredito que alguém queira correr o risco de Rydag mandar o lobo persegui-lo. Tenho querido perguntar uma coisa: como Rydag sabe fazer sinais ao lobo? Deegie olhou para o homem a quem estava prometida, surpresa.

- Acho que não sabe, não é? Não sei por que motivo fico pensando que somente porque sei uma coisa você também sabe. Frebec não inventava apenas uma coisa para defender o Acampamento do Leão. Dizia a verdade. Rydag compreende tudo o que todos dizem. Sempre entendeu. Apenas, não sabíamos disso até Ayla nos ensinar toda a linguagem de si nais para podermos compreendê-lo. Quando Frebec fingiu se afastar, fez sinal a Rydag e Rydag perguntou a Ayla. Todos sabíamos o que eles diziam, assim sabíamos o que ia acontecer.

- É verdade? - indagou Branag. - Vocês falavam uns com os outros e ninguém sabia! - Riu.

- Bem, se vou fazer parte das surpresas do Acampamento do Leão é melhor aprender também esta linguagem secreta.

- Ayla! - gritou Crozie, saindo da tenda. Pararam e esperaram por ela. - Tulie acabou de me contar que resolveu marcar os cavalos - disse ela, caminhando para eles. - Idéia inteligente, e vermelho realçará em um cavalo de pêlo claro, mas não tem duas peles vermelhas brilhantes.

Quando eu desfazia a bagagem, encontrei uma coisa que quero lhe dar. - Abriu uma trouxa que havia sido recentemente desamarrada e pegou um couro dobrado e sacudiu-o, abrindo-o.

- Oh, Crozie! - exclamou Ayla. - Este é bonito! - disse, maravilhada quando viu uma capa de couro branco-giz, enfeitada com contas de marfim em triângulos sutilmente repetidos, e espinhos de ouriço, tingidos de vermelho-ocre e costurados em padrões de ziguezagues e espirais formando ângulos retos.

Os olhos de Crozie se iluminaram diante da admiração de Ayla. Tendo feito uma túnica, Ayla compreendia a dificuldade de tornar o couro branco.

- É para Racer. Acho que o branco contra seu pêlo marrom-escuro realçará mais.

Crozie, é uma capa bonita demais para isso. Ficarà suja e empoeirada, e especialmente, se ele tentar rolar com ela, ficará sem os enfeites. Não posso deixar Racer usar isto no campo - disse Ayla.

Crozie olhou para ela severamente.

- Se alguém estiver lá caçando cavalos e vir um cavalo marrom enfeitado com uma capa branca decorada, acha que o caçador atirá uma lança contra ele? - Não, mas você teve muito trabalho com isso para deixar que se estrague.

- O trabalho foi feito muitos anos atrás - disse Crozie. Depois com uma expressão suave e os olhos

toldados, ajuntou: - Foi feita para meu filho, o irmão de Fralie. Jamais fui capaz de dá-la a ninguém mais. Não podia suportar ver alguém usando a capa e era incapaz de jogá-la fora. Eu a tenho arrastado de um lugar a outro, um pedaço de couro inútil, o trabalho perdido. Se este couro ajudar a proteger o animal, não mais será inútil, o trabalho terá algum valor. Quero que fique com ela, pelo que você tem me dado.

Ayla pegou o embrulho, mas pareceu intrigada: - O que tenho lhe dado, Crozie? - Não é importante - respondeu ela, abruptamente. - Pegue a capa, só isso.

Frebec, entrando apressadamente na tenda, levantou os olhos e os viu, e sorriu, cheio de amor-próprio, antes de entrar. Eles retribuíram o sorriso.

- Fiquei muito surpreso quando Frebec defendeu Rydag - comentou Branag. - Eu achava que ele seria a última pessoa a fazê-lo.

- Ele mudou muito - disse Deegie. - Ainda gosta de discutir, mas não é tão difícil conviver com ele agora. As vezes, ele ouve os outros.

- Bem, ele nunca teve medo de dar um passo à frente e dizer o que pensava - falou Branag.

- Talvez tenha sido isso - disse Crozie. - Nunca compreendi o que Fralie viu nele. Tentei convencê-la a não se unir a ele. Ele nada tinha a oferecer. Sua mãe não tinha status, ele não possuía qualquer dom particular, eu achava que ela jogava sua vida fora. Talvez, só ter a coragem de pedir seja algo a seu favor, e ele realmente a quera. Suponho que eu devia ter confiado no critério de Fralie o tempo todo, afinal, ela é minha filha. Só porque alguém vem de uma origem pobre não significa que não queira melhorar.

Branag olhou para Deegie, depois para Ayla, por sobre a cabeça de Crozie. Em sua opinião, ela havia mudado ainda mais que Frebec.

Capítulo 32

Ayla estava sozinha na tenda. Ela lançou um olhar à área que seria sua casa durante sua estada, tentando encontrar mais um item para dobrar, ou um objeto para arrumar, ou mais uma razão para demorar a deixar os limites do Acampamento de Tifáceas. Assim que ficasse pronta, tinha lhe dito Mamui, ele queria levá-la para conhecer as pessoas com quem ela estava ligada de uma forma única, os Mamuti, aqueles que pertenciam à Fogueira do Mamute.

Ela considerava o encontro uma provação, certa de que iriam interrogá-la, avaliá-la, e julgar se tinha o direito de ser incluída em suas fileiras. Em seu coração, não acreditava que tivesse. Não se sentia dotada de dons únicos e dádivas especiais. Era curandeira porque havia aprendido a arte e saber de uma curandeira como Iza. Não havia grande magia em ter animais, tampouco. A égua lhe obedecia porque, quando estava sozinha e solitária em seu vale, havia tido por companhia uma cria sem mãe, e Racer lá nascera. Ela salvou Lobo porque devia isso à mãe dele, e ela sabia, na época, que os animais criados perto das pessoas eram amistosos. Não era um grande mistério.

Rydag havia permanecido um pouco no interior da tenda com ela, de pois que ela o examinara, fazendo-lhe perguntas específicas sobre como se sentia e fazendo uma anotação mental para ajustar seu medicamento. Depois, ele saiu e sentou-se com Lobo, observando as pessoas. Nezzie havia concordado com ela em que parecia mais animado. A mulher estava cheia de deleite assumido e elogios para Frebec, que havia ouvido tantas palavras de louvor, que estava quase embaraçado. Ayla nunca o tinha visto sorrir tanto, e sabia que parte da sua

felicidade era a sensação de aceitação e participação. Ela compreendia o seu sentimento.

Ayla olhou ao redor uma Última vez, pegou um recipiente de couro cru e prendeu-o ao cinto; depois, suspirou e caminhou para o exterior.

Todos pareciam ter desaparecido, exceto Mamut que falava com Rydag.

Lobo a viu e levantou a cabeça quando Ayla se acercou, o que fez com que Rydag e Mamut olhassem também.

- Todos foram embora? Talvez eu deva ficar aqui e tomar conta de Rydag até alguém voltar - disse ela, rápida em fazer o oferecimento.

- Lobo me vigia - disse Rydag por sinais, rindo. - Ninguém fica muito tempo quando vê Lobo.

Eu disse para Nezzie ir. Você também, Ayla.

- Ele tem razão. Lobo parece contente em ficar aqui com Rydag e não posso imaginar um guardião melhor - disse Mamut - E se ele ficar doente? - disse Ayla.

- Se ficar doente digo a Lobo para chamar Ayla - Rydag fez o sinal que tinha usado antes na prática e na brincadeira. Lobo ficou de pé em um salto, colocou as patas no peito de Ayla e esticou o pescoço para lambê-lo o queixo, ansioso para atrair sua atenção.

Ela sorriu, acariciou-lhe o pescoço, depois lhe fez sinal para deitar.

- Quero ficar aqui, Ayla. Gosto de observar, O rio. Cavalos no campo. Pessoas passando. - Rydag sorriu. - Nem sempre me vêem, olham para a tenda, para o lugar dos cavalos. Depois vêem Lobo. Gente engraçada.

Mamut e Ayla sorriam diante do prazer simples de Rydag em ver as reações surpresas das pessoas.

- Bem, suponho que está bem. Nezzie não o teria deixado se não achasse que seria seguro - disse Ayla, cedendo seu último argumento para não se afastar. - Estou pronta para ir, Mamut.

Quando caminharam juntos para os alojamentos permanentes do Acampamento do Lobo, Ayla notou uma concentração mais compacta de tendas e acampamentos, e maior número de pessoas circulando entre eles. Ela ficou contente por eles estarem na extremidade externa, de onde ela podia ver árvores e capim, e o rio e a pradaria. Várias pessoas sacudiram a cabeça em saudação ou lhes falaram quando passaram. Ayla observou Mamut, notando como ele reconhecia as saudações e respondia da mesma maneira.

Uma habitação no fim da fila um pouco irregular de seis, parecia ser o centro das atividades. Ayla reparou uma área vazia, sem acampamentos perto da moradia, e compreendeu que devia ser o local onde as pessoas se reuniam. Os acampamentos que eram imediatamente adjacentes à clareira não tinham a aparência de áreas domésticas comuns. Um deles tinha uma cerca feita de ossos de mamute abertamente espaçados, galhos e arbustos secos marcando os limites territoriais. Quando passaram por ele, Ayla ouviu chamarem seu nome. Parou, surpresa com quem a havia chamado do outro lado da cerca.

- Latie! - exclamou, depois se lembrou do que Deegie lhe contara. Enquanto Latie continuava, ainda, na habitação do Acampamento do Leão, a restrição sobre sua associação com homens não limitava seus movimentos ou atividades, demasiadamente. No entanto, quando chegassem ao local da Reunião, era necessário que ela fosse mantida em reclusão. várias outras jovens se encontravam com ela, todas sorrindo e rindo baixinho. Ela foi apresentada às companheiras de idade de Latie, que pareciam sentir grande admiração por ela.

- Onde vai, Ayla? - A Fogueira do Mamute - respondeu Mamut.

Latie sacudiu a cabeça concordando, como se devesse saber. Viu Tulie no pátio cercado ao redor de

uma tenda, que estava decorada com desenhos pintados em ocre vermelho conversando com outras mulheres. Ela acenou sorrindo.

- Latie, veja! Uma "pé vermelho"! - exclamou uma das jovens, em voz excitada. Todo mundo parou para olhar, e as jovens riram baixinho. Ayla se encontrou olhando com grande interesse, para a mulher que passeava, e observou que as solas dos seus pés nus eram de cor vermelha viva.

Tinham-lhe contado sobre aquilo, mas era a primeira vez que via uma mulher de pés vermelhos.

Parecia uma mulher perfeitamente comum, pensou Ayla. No entanto, havia algo nela que fazia com que a olhassem duas vezes.

A mulher aproximou-se de um grupo de rapazes, que Ayla não havia visto antes, matando o tempo perto de árvores pequenas do outro lado da clareira. Ayla achou que o andar da mulher ficou mais exagerado quando se acercou deles, o sorriso mais lânguido e, de repente, notou mais os pés vermelhos. A mulher parou para falar com os rapazes, e seu riso cristalino flutuou através do espaço vazio. Quando ela e o homem mais velho se afastaram, Ayla recordou a conversa que as mulheres, e Mamut, tiveram na noite anterior ao Festival de Primavera.

Todas as jovens que estavam no estado de transição de não-ainda-mulheres encontravam-se sob vigilância constante - mas não somente das acompanhantes. Ayla reparava, agora, em vários grupos de rapazes de pé perto das margens da área proibida, onde Latie e suas companheiras de idade permaneciam, esperando vislumbrar as jovens proibidas, e portanto, mais desejáveis. Em época nenhuma de sua vida uma mulher era objeto de maior interesse da população masculina. As jovens divertiam-se com seu status único e atenção especial que ele causava, e estavam também igualmente

interessadas no sexo oposto, embora negligenciassem mostrá-lo abertamente.

Passavam a maior parte do tempo espiando a tenda ou rondando a cerca, especulando sobre os homens que desfilavam e demoravam-se na periferia com casualidade exagerada.

Embora os jovens que vigiavam e eram observados, em troca, eventualmente formassem uma fogueira com aquelas que se tornavam mulheres exatamente naquele momento, não era provável que fossem os escolhidos para a primeira, importante iniciação. As jovens e as mulheres mais velhas, que faziam o papel de conselheiras dividindo a tenda entre elas, discutiam várias possibilidades sobre os homens mais velhos e mais experientes. Aqueles levados em consideração eram aproximados em geral, particularmente, antes de a seleção eventual ser feita.

Na véspera da cerimônia, as jovens que ficavam juntas em uma tenda - ocasionalmente havia muitas para uma tenda e dois acampamentos de jovens eram estabelecidos - saíam em grupo. Quando encontravam um homem com quem gostariam de passar a noite, o cercavam e o "capturavam". Os homens assim capturados deviam acompanhar as iniciadas - poucos homens faziam objeções à exigência. Naquela noite, depois de alguns rituais preliminares, entravam juntos para a escuridão da tenda, tateavam para achar um ao outro, e passavam a noite explorando as diferenças e aprendendo os prazeres mútuos. Nem a jovem, nem o homem deviam saber com quem tinham relações, eventualmente, embora na prática real, em geral, soubessem. As mulheres mais velhas observavam, certificando-se de que não havia rudeza indevida, e estavam disponíveis sempre que um conselho era necessário. Se, por alguma razão, qualquer uma das jovens não fosse aberta, podia-se arranjar um ritual de

se gunda noite mais tranqüilo, sem se atirar a culpa abertamente sobre ninguém.

Nem Danug nem Druwez seriam convidados para a tenda de Latie. pri meiramente porque eram parentes muito próximos, mas também porque eram jovens demais. Outras mulheres, que celebraram seus Primeiros Ritos nos anos anteriores, particularmente aquelas que não tinham filhos ainda, podiam decidir ficar no lugar da Grande Mãe e ensinar Sua maneira aos rapazes. Depois de uma cerimônia especial, que as honrava e as isolava para a estação, as solas dos pés destas mulheres eram pintadas com um corante vermelho vivo que não sairia com água, embora, eventualmente, fosse descolorindo, para significar que estavam disponíveis para ajudar os rapazes a ganhar experiência. Muitas usavam também argolas de couro vermelho amarradas ao redor dos braços, ou tornozelos ou cinturas.

Embora alguma provocação fosse inevitável, as mulheres apreciavam a seriedade oculta de sua tarefa. Compreendendo a timidez natural do rapaz, e a premência por trás de sua ansiedade, tratavam cada um com consideração, ensinando-o a conhecer uma mulher ternamente, de forma que depois pudesse ser escolhido para converter uma jovem em mulher, para que, um dia, ela pudesse ter um filho. E para lhes mostrar como Ela estava satisfeita com esse oferecimento de si mesmas, Mut abençoava muitas dessas mulheres. Mesmo quem se tinha unido há algum tempo atrás, e jamais engravidara, muitas vezes gerava nova vida no final da estação.

Em seguida às não-ainda-mulheres, as mulheres de pés vermelhos eram as mais procuradas por homens de todas as idades. Durante o resto de sua vida, nada estimularia mais rapidamente um homem dos Mamutoi do que o vislumbre de um pé vermelho quando uma

mulher passava, e sabendo disso, algumas mulheres tingiam os pés de vermelho para se tornarem mais atraentes.

Embora uma mulher que houvesse feito tal escolha para si mesma fosse livre para querer qualquer homem, seu serviço se dedicava aos mais jovens, e qualquer homem mais velho que conseguisse convencê-la a partilhar sua companhia se considerava um favorito.

Mamut conduziu Ayla para um acampamento que não era distante do Acampamento dos Ritos de Feminilidade. A primeira vista, parecia ser uma tenda comum dentro de um acampamento doméstico. A diferença, observou ela, era que todos tinham tatuagens. Alguns, como o velho Mamut, somente um desenho simples em ziguezague azul-escuro, na parte superior da face direita; três ou quatro traços interrompidos, como as partes inferiores de triângulos com vértices voltados para baixo, se amontoavam, um aninhado sobre o outro. Lembraram-lhe as mandíbulas inferiores de mamutes que tinham sido usadas para construir a habitação de Vincavec. As tatuagens dos outros, principalmente dos homens, notou Ayla, eram muito mais elaboradas. Os desenhos incorporavam não apenas ziguezagues, mas triângulos, losangos, e espirais formando ângulo reto, tanto em azul quanto em vermelho.

Ayla ficou contente porque tinha parado no Acampamento do Mamute antes de virem para a Reunião. Ela sabia que ficaria sobressaltada diante dos rostos tatuados, se não houvesse conhecido Vincavec antes. Em bora as tatuagens nos rostos daquelas pessoas fossem fascinantes e complexas, nenhuma era tão intrincada quanto a dele.

A diferença seguinte que ela observou foi que, embora parecesse haver preponderância de mulheres naquele acampamento, não havia crianças. Obviamente, elas tinham sido deixadas aos cuidados de alguém nos

acampamentos domésticos. Ayla compreendeu, rapidamente, que aquele não era considerado local adequado para crianças. Era um local para adultos se reunirem, para rituais, discussões e encontros sérios - e para jogar. Várias pessoas jogavam com ossos marcados, varetas e pedaços de marfim na área externa do acampamento.

Mamut subiu até a entrada da tenda, que estava aberta, e arranhou o couro como se batesse a uma porta. Ayla olhou para o interior em penumbra por sobre o ombro de Mamut, tentando não parecer evidente para aqueles que passeavam no exterior, mas também eles tentavam, sem parecer ansiosos demais, vê-la de mais perto. Estavam curiosos sobre a mulher jovem, que o velho Mamut havia não apenas aceito para treinamento, mas adotado como filha. Era uma estranha, diziam, nem sequer uma Mamutoi. Ninguém sabia, ao menos, de onde ela viera.

Muitos tinham conseguido passar pelo Acampamento de Tifáceas a fim de ver os cavalos e o lobo, e ficaram surpresos e impressionados em ver os animais, embora não quisessem demonstrá-lo.

Como uma pessoa podia dominar um garanhão? Ou fazer uma égua ficar quieta com tantas pessoas - e um lobo, ao redor? Por que o lobo era tão dócil com as pessoas do Acampamento do Leão? Comportava-se como um lobo normal perto de todas elas. Ninguém mais podia aproximar-se dele, ou atravessar os limites do seu acampamento, sem um convite, e, dizia-se, ele atacara Chaleg.

O velho fez Ayla entrar, e ambos se sentaram perto de uma grande lareira, embora somente uma pequena chama ardesse nela, a um lado, próxima a uma mulher sentada. Era uma mulher pesada, pensou Ayla, que jamais havia visto alguém tão gordo e se perguntou como poderia ter caminhado para chegar ali.

- Trouxe minha filha para conhecê-la, Lomie - disse o velho Mamut.

- Eu me perguntava quando viriam - replicou ela.

Então, antes de dizer mais alguma coisa, removeu uma pedra vermelha e quente do fogo, com varetas. Abriu um pacote de folhas e deixou cair algumas sobre a pedra e inclinou-se mais a fim de soprar a fumaça que subia em espiral. Ayla sentiu o odor de salva e, menos forte, o de verbasco e lobélia. Ela observou a mulher com atenção, reparou em uma respiração pesada, que logo se tornou mais fácil, e compreendeu que ela sofria de uma tosse crônica, provavelmente, asma.

- Também faz xarope da raiz de verbasco? - perguntou Ayla. - Pode ajudar. - Havia hesitado em falar primeiro, e não estava certa por que o fazia sem ter sido apresentada, mas queria ajudar e sentiu, de alguma forma, que era a coisa certa a fazer.

A cabeça de Lomie se levantou depressa, surpresa, e olhou para a jovem loura com novo interesse.

A sombra de um sorriso cruzou o rosto de Mamut.

- Ela também é curandeira? - disse Lomie a Mamut.

- Acredito que não exista nenhuma melhor, nem mesmo você, Lomie.

Lomie sabia que o velho falava seriamente. Mamut tinha grande respeito por sua capacidade.

- E pensei que você adotara apenas uma jovem bonita para aliviar seus últimos anos, Mamut.

- Ah, mas acertou, Lomie. Ela aliviou minha artrite de inverno e outras dores e sofrimentos diversos - disse ele.

- Estou contente por saber que ela tem mais do que aparência exterior. No entanto, ela é jovem para isso.

- Existe mais nela do que imagina, Lomie, apesar de sua juventude.

Lomie se virou, então: - Você é Ayla.

- Sim, sou Ayla do Acampamento do Leão dos Mamutoi, filha da Fogueira do Mamute... e protegida pelo Leão da Caverna - terminou Ayla, como Mamut a havia instruído.

- Ayla dos Mamutoi. Hummm. Tem um som incomum, mas sua voz também o tem. Não é desagradável, contudo. Salienta-se. Muitas pessoas reparam em você. Eu sou Lomie, Mamut do Acampamento do Lobo e curandeira dos Mamutoi.

- Primeira-curandeira - corrigiu Mamut.

- Como posso ser a primeira-curandeira, velho Mamut, se ela é igual a mim? - Eu não disse que Ayla era igual a você, Lomie. Eu disse que não há ninguém melhor. Sua experiência é... incomum. Foi treinada por... alguém com grande profundidade de conhecimento em certos métodos de Cura. Você identificaria o odor sutil de verbasco, camuflado pelo cheiro forte da salva, tão depressa, se não soubesse que estava lá? E saberia, em seguida, de que você estava se tratando? Lomie começou a falar, depois hesitou e não respondeu. Mamut continuou: - Acho que ela soube apenas olhando para você. Ela possui um dom raro para saber, e um conhecimento surpreendente de remédios e tratamentos, mas falta-lhe habilidade somente nos métodos em que você é mais capaz, descobrindo e aliviando o problema que cria a doença, e ajudando o desejo de alguém se curar. Ela poderia aprender muito com você, e espero que consentirá em treiná-la, mas creio que você também poderia aprender muita coisa com ela.

Lomie se voltou para Ayla.

- É isso que você quer? - É isso que quero.

- Se já sabe tanto, o que acha que pode aprender comigo? - Sou uma feiticeira. É... isso que sou... minha vida. Eu não poderia ser diferente. Fui treinada por uma que era... Primeira, mas desde o início ela me disse que sempre há mais para aprender. Eu seria grata em

aprender com você - disse Ayla. Sua sinceridade não era fingida. Ela estava ansiosa para conversar com alguém com quem partilhasse idéias e discutisse tratamentos, e aprendesse.

Lomie fez uma pausa. Feiticeira? Onde ela havia ouvido aquela palavra em vez de curandeira, antes? Afastou o pensamento. Lembrada mais tarde.

- Ayla tem um presente para você - disse Mamut. - Chame quem quiser, mas depois, se preferir, feche a tenda.

Todos que se encontravam fora tinham entrado enquanto eles falavam ou estavam de pé à entrada.

Todos se amontoaram no interior. Ninguém queria perder coisa alguma. Quando estavam acomodados e a cortina da entrada fechada e amarrada, Mamut pegou um punhado de terra de um círculo de desenhar, e apagou a pequena chama, mas a luz clara do dia não ficou completamente do lado de fora. Penetrou através do buraco para saída da fumaça e, fracamente, através das paredes de couro. Não seria uma demonstração tão dramática na tenda em penumbra, quanto o fora na habitação comunal escura, mas todos os mamuti reconheceriam suas possibilidades.

Ayla abriu o pequeno recipiente em sua cintura, um que ela e Mamut pediram a Barzec para fazer, e retirou a isca, pedra-de-fogo e sílex. Depois de tudo pronto, Ayla fez uma pausa e, pela primeira vez em muitos ciclos da lua, enviou um pensamento silencioso ao seu totem. Não era um pedido específico, mas ela pensava em uma centelha grande, imponente, brilhante, para que o efeito fosse o que Mamut desejava. Então, pegou o sílex e golpeou-o com força contra a pinta de ferro. Brilhou vivamente, mesmo na tenda, depois apagou. Ela repetiu a operação e desta vez a centelha perdurou e logo o pequeno fogo na lareira ardia novamente.

Os inamntal eram sábios nas formas de artifício e estavam acostumados a criar efeitos. Orgulhavam-se de ser capazes de reconhecer como eram do tados. Pouca coisa os surpreendia, mas o truque do fogo de Ayla deixou-os sem palavras.

- A mágica está na própria pedra-de-fogo - disse o velho Mamut quando Ayla tornou a guardar os materiais no recipiente de couro cru, e o entregou a Lomie. Então, o tom e timbre de sua voz mudaram. - Mas a forma de arrancar fogo dela lhe foi mostrada. Eu não precisava adotá-la, Lomie. Ela nasceu da Fogueira do Mamute, escolhida pela Mãe. Só pode seguir seu destino mas, agora, eu sei que fui escolhido para ser parte dele, e por que recebi tantos anos.

Suas palavras enviaram uma onda de arrepios e puseram em pé o cabelo de todos na tenda da Fogueira do Mamute. Ele havia tocado no mistério real, no chamamento profundo que cada um deles sentia, em alguma extensão, além das armadilhas superficiais e cinismo casual. O velho Mamut era um fenômeno. Sua própria existência era mágica. Ninguém jamais vivera tanto tempo.

Seu nome estava até perdido na passagem dos anos. Cada um deles era um Mamut, feiticeiro de seus acampamentos, mas ele era simplesmente Mamut, seu nome e título tinham-se tornado um só.

Ninguém ali duvidou de que havia algum propósito na sua longevidade. Se ele dizia que Ayla era o motivo, então, ela era tocada pelos profundos e inexplicáveis mistérios da vida e do mundo ao redor deles, que cada um se sentia convocado a enfrentar.

Ayla estava preocupada quando ela e Mamut deixaram a tenda. Ela também sentira a tensão, um arrepio na pele quando o velho Mamut falou do seu destino, mas ela não queria ser objeto de interesse tão intenso por poderes além do seu controle. Era

assustador, todo esse falatório sobre seu destino. Ela não era diferente de ninguém e não queria ser. Tampouco gostava quando comentavam sobre sua fala. No Acampamento do Leão, ninguém mais notava. Ela havia esquecido que existiam algumas palavras que não conseguia pronunciar direito, não importava o quanto se esforçasse.

- Ayla, aí está você! Eu a procurava.

Ela ergueu a cabeça para os olhos negros brilhantes e sorriso luminoso do homem de pele escura a quem estava prometida. Devolveu-lhe o sorriso. Ele era exatamente a pessoa de quem precisava para tirar de sua mente os pensamentos perturbadores. Virou-se para Mamut a fim de ver se ele a queria ainda. Ele sorriu e lhe disse para ir e dar uma volta pelo acampamento com Ranec.

- Quero que conheça alguns escultores. Vários estão fazendo um belo trabalho - disse Ranec, conduzindo-a com um braço ao redor de sua cintura. - Sempre temos um acampamento perto da Fogueira do Mamute. Não apenas escultores, outros artistas também.

Ele estava excitado, e Ayla percebeu o mesmo júbilo que ela sentira quando compreendeu que Lomie era uma curandeira. Embora pudesse haver certa competição entre elas, em relação à capacidade e o status de cada uma, ninguém conhecia as nuances de uma arte ou habilidade como outra pessoa que as praticava. Somente com outra curandeira ela poderia discutir os méritos relativos de verbasco versus gualtéria no tratamento de tosses, por exemplo, e ela sentira falta desse tipo de discussão. Havia visto como Jondalar, Wymez e Danug passavam períodos de tempo inacreditáveis conversando sobre sílex e fabricação de ferramentas, e ela compreendeu que Ranec também gostava da companhia de outros que trabalhavam com marfim.

Quando atravessaram parte da clareira, Ayla viu Danug e Druwez com vários outros homens jovens, sorrindo e movendo-se nervosamente, enquanto conversavam com uma mulher de pé vermelho. Danug levantou a cabeça, a viu e sorriu, depois deu uma desculpa rápida e atravessou rapidamente alguns metros de capim pisado e seco para se unir a eles. Esperaram que ele os alcançasse.

- Vi você falando com Latie e ia trazer alguns amigos para conhecer, Ayla, mas não podemos nos aproximar muito do Acampamento de Garota-Risadinha... hum, quero dizer... - Danug corou compreendendo que dissera o apelido que os rapazes tinham dado ao local onde estavam proibidos de entrar.

- Tudo certo, Danug. Elas soltam muitas risadinhas, realmente.

O rapaz alto relaxou.

- Não que haja algo de errado nisso. Está com pressa? Pode vir conhecê-los agora? Ayla olhou interrogativamente para Ranec.

- Eu ia levá-la para conhecer algumas pessoas - disse Ranec. - Mais não há pressa. Podemos ir conhecer seus amigos primeiro.

Quando voltaram em direção ao grupo de rapazes, Ayla reparou que a mulher de pé vermelho ainda estava lá.

- Eu queria conhecer você, Ayla - disse a mulher depois que Danug fez as apresentações. - Todos falam sobre você, perguntando de onde veio, e por que os animais lhe obedecem. Você nos apresentou um mistério que estou certa, será comentado durante anos. - Sorriu, e piscou com astúcia para Ayla. - Ouça meu conselho. Não diga a ninguém de onde veio. Deixe que façam suposições. É mais divertido.

Ranec riu: - Talvez ela tenha razão, Ayla. Diga-me, Mygie, por que usa pés ver melhos este ano? - Depois

que Zacanen e eu dispersamos a fogueira, não quis ficar com seu acampamento, mas não tinha certeza de desejar voltar para o acampamento de minha mãe, tampouco. Isto apenas pareceu-me a coisa certa a fazer. Dá-me um local para ficar por algum tempo e, se a Mãe decidir dar-me um filho por isso, eu não lamentaria. Oh, isso me lembra, sabia que a Mãe deu a outra mulher um filho do seu espírito, Ranec? Lembra-se de Tricie? A filha de Marlie? A que vive aqui, no Acampamento do Lobo? Ela escolheu pés vermelhos no ano passado, este ano tem um menino. A menina de Toralie era escura como você, mas este bebê não. Eu o vi. É muito claro, com cabelo ruivo mais brilhante que o dela, mas parece-se com você. O mesmo nariz e tudo.

Ela o chama Ralev.

Ayla olhou para Ranec com um sorriso peculiar no rosto, e notou que a cor dele ficou mais escura.

Está corando, pensou ela, mas é preciso conhecê-lo bem para notar. Estou certa de que ele se lembra de Tricie.

- Acho melhor irmos, Ayla - disse Ranec, abraçando-a pela cintura, como para apressá-la através da clareira.

Mas ela resistiu um instante.

- Foi muito interessante falar com você, Mygie. Espero que conversemos de novo - disse Ayla, virando-se depois para o filho de Nezzie. - Estou contente porque me convidou para vir conhecer seus amigos, Danug.

- Enviou-lhe um dos seus belos e excitantes sorrisos, e a Druwez também.

- E estou feliz por ter conhecido todos vocês - acrescentou, olhando para cada um dos jovens. Depois, afastou-se com Ranec.

Danug a viu afastar-se, depois soltou um grande suspiro.

- Gostaria de que Ayla estivesse com os pés vermelhos - disse. Ouviu vários comentários,

concordando.

Quando Ranec e Ayla passaram a grande habitação, cercada pela clareira de três lados, ela ouviu o som de tambores vindo dela, e alguns outros sons interessantes que não havia escutado antes.

Lançou um olhar em direção à entrada, mas estava fechada. No instante exato em que se virava para entrar em outro acampamento na extremidade da clareira, alguém se pôs à sua frente.

- Ranec - disse uma mulher. Era mais baixa que a média, com pele branca leitosa, salpicada de sardas. Seus olhos castanhos, pontilhados de ouro e verde, cintilavam de raiva.

- Então, você chegou com o Acampamento do Leão. Quando não parou em nossa habitação para dizer alô, achei que, talvez, tivesse caído no rio ou sido morto em um estouro de boiada. - O tom de voz era venenoso.

- Tricie! Eu... hum... eu ia... hum... tínhamos que armar o acampamento - falou Ranec. Ayla jamais vira o homem fluente, loquaz, tão mudo, e seu rosto estaria tão vermelho quanto os pés de Mygie se sua pele escura não escondesse o rubor.

- Não vai me apresentar à sua amiga, Ranec? - falou Tricie sarcasticamente. Era óbvio que ela estava zangada.

- Sim - disse Ranec - gostaria que a conhecesse. Ayla, esta é Tricie, uma... uma amiga minha.

- Eu tinha algo a lhe mostrar, Ranec - disse Tricie, ignorando a apresentação - mas suponho que não importa agora. Promessas insi nuadas não significam muito. Suponho que esta é a mulher com quem se unirá no Matrimônio nesta estação. - Havia mágoa assim como ódio em sua voz.

Ayla adivinhou qual era o problema, e sentiu compaixão, mas não sabia bem como enfrentar a

situação difícil. Então, avançou um passo e estendeu as duas mãos.

- Tricie, sou Ayla, dos Mamutoi, filha da Fogueira do Mamute do Acampamento do Leão, protegida pelo Leão da Caverna.

A formalidade da sua saudação lembrou Tricie de que ela era a filha de uma chefe, e o Acampamento do Lobo era o anfitrião da Reunião de Verão. Ela tinha uma responsabilidade.

- Em nome de Mut, a Grande Mãe, o Acampamento do Lobo lhe dá boas-vindas, Ayla dos Mamutoi - disse ela.

- Disseram-me que sua mãe é Marlie.

- Sim, sou filha de Marlie.

- Eu a conheci antes. uma mulher notável. Estou contente em conhecê-la.

Ayla ouviu Ranec soltar um suspiro de alívio. Ela lhe lançou um olhar e, por cima do ombro dele, notou Deegie dirigindo-se ao alojamento onde ela ouvira o rufo dos tambores. Em um impulso, resolveu que Ranec devia resolver seu relacionamento com Tricie sozinho.

- Ranec, Deegie está ali, e há algumas coisas que quero dizer a ela. Irei conhecer os escultores mais tarde - disse Ayla e se afastou rapidamente.

Ranec ficou espantado por sua partida apressada e, de repente, compreendeu que teria que enfrentar Tricie e dar algumas explicações, quer quisesse ou não. Olhou para a jovem bonita de pé, à espera, zangada e vulnerável. Seu cabelo ruivo, de uma cor especialmente brilhante como nenhuma outra já vista, juntamente com seus pés vermelhos, a tinham tornado duplamente atraente na estação passada, e ela era uma artista também. Ele ficou impressionado com a qualidade do seu trabalho. Suas cestas eram refinadas, e a excepcional esteira em seu chão viera das mãos dela. Mas ela levava tão a sério seu oferecimento à Mãe, que

nem sequer quis considerar um homem experiente, no início- Sua resistência apenas inflamara o desejo de Ranec por ela.

Ele não havia, contudo, na verdade, prometido. Era certo que tinha pensado seriamente nisso, e o teria feito se ela não estivesse consagrada. Fora ela quem havia recusado uma promessa formal, temendo que Mut se encolerizasse e retirasse Sua bênção. Bem, pensou Ranec, a Mãe não ficara zangada demais, se havia retirado da essência dele para fazer o bebê de Tricie. Ele adivinhou que era o bebê que ela desejava mostrar-lhe, desde que já tinha uma criança para trazer para sua fogueira, e além disso, um filho do seu espírito. Isto a tornaria irresistível em outras circunstâncias, mas ele amava Ayla. Se tivesse o bastante para oferecer, talvez considerasse pedir as duas, mas desde que era necessário fazer uma escolha, não havia dúvida. Só o pensamento de viver sem Ayla colocava um nó de pânico na boca do seu estômago. Ele a queria mais do que já quisera qualquer outra mulher em sua vida.

Ayla chamou Deegie com um grito e, quando a alcançou, caminharam juntas.

- Vejo que conheceu Tricie - disse Deegie.

- É, mas ela parecia precisar falar com Ranec, assim, fiquei feliz ao ver você. Deu-me a chance de me afastar e deixá-los sozinhos.

Não duvido de que queira falar com ele. Todo o acampamento comentava, na estação passada, que planejavam fazer a Promessa.

- Sabe, ela tem um filho. Um menino.

- Não, eu não sabia! Mal tive a chance de dizer alô às pessoas, e ninguém me contou. Isso a fará valer mais e aumentará seu Preço de Noiva. Quem lhe disse? Mygie, uma das de pés vermelhos. Ela diz que o menino é do espírito de Ranec.

- Esse espírito se movimenta! Há uns dois bebês com sua essência. Não se pode sempre ter certeza, com os outros homens, sobre de quem é o espírito, mas com ele, sim. Sua cor o deixa claro - disse Deegie.

- Mygie disse que este menino é muito claro e de cabelo ruivo, mas de rosto se parece com Ranec.

- Isso pode ser interessante! Creio que terei que ir ver Tricie mais tarde - falou Deegie com um sorriso. - A filha de uma chefe deve fazer uma visita à filha de outra chefe, especialmente do acampamento anfitrião. Quer ir comigo? Não estou certa... sim, acho que sim - disse Ayla.

Tinham chegado à arcada curva da entrada do alojamento de onde vinham os sons incomuns.

Eu ia parar aqui, na Habitação de Música. Creio que você se divertiria, Ayla - disse Deegie, depois unhou o couro que cobria a entrada. Enquanto esperavam que alguém o desatasse do interior, Ayla olhou ao redor.

Havia uma cerca, a sudeste da entrada, feita de sete crânios de mamute e mais outros ossos, cheios de argila bem socada para haver solidez. Provavelmente, um protetor contra o vento, pensou Ayla.

Na depressão onde se encontrava a moradia, o único vento viria do vale ribeirinho. No nordeste, ela contou quatro grandes fogueiras externas e duas distintas áreas de trabalho. Uma parecia destinar-se à fabricação de ferramentas e implementos de marfim e osso, as outras deviam ter relação, primeiramente, com o trabalho no sílex encontrado próximo. Ayla viu Jondalar e Wymez e vários outros homens e mulheres que também eram trabalhadores de sílex, segundo ela imaginou. Ela devia saber que ali era o lugar onde encontraria Jondalar.

A cortina foi aberta, e Deegie fez sinal a Ayla para segui-la, mas alguém, à entrada, a deteve.

- Deegie, sabe que não permitimos a entrada de visitantes aqui - disse. - Estamos praticando.

- Mas, Kylie, ela é uma filha da Fogueira do Mamute - falou Deegie, surpresa.

- Não vejo uma tatuagem. Como pode ela ser Mamut sem uma tatuagem? - Esta é Ayla, filha do velho Mamut. Ele a adotou na Fogueira do Mamute.

- Oh. Espere um momento, vou perguntar.

Deegie estava impaciente enquanto tornaram a esperar, mas Ayla examinou a moradia mais atentamente, e teve a impressão de que tinha afundado ou cedido, de alguma forma.

- Por que não me disse que ela é a jovem dos animais? - disse Kylie ao voltar. - Entrem.

- Você devia saber que eu não traria ninguém aqui que não fosse aceitável - disse Deegie.

Não estava escuro no recinto, o buraco de saída da fumaça era um pouco maior que o normal, e permitia que a claridade entrasse, mas levava algum tempo para os olhos se acostumarem depois do sol brilhante, lá fora. A princípio, Ayla pensou que a pessoa com quem Deegie falava era uma criança. Mas quando a viu, Ayla compreendeu que ela era mais velha, não mais nova do que sua amiga alta, entroncada. A impressão errada foi causada pela diferença de tamanho entre as duas mulheres. Kylie era pequena, com corpo magro, quase delicada, e ao lado de Deegie era fácil tomá-la por criança, mas seus movimentos ágeis, graciosos, indicavam a confiança e experiência da maturidade.

Embora o abrigo parecesse grande do exterior, havia menos espaço dentro do que Ayla imaginara.

O teto era mais baixo que o usual, e metade do espaço útil no recinto era ocupado por quatro crânios de mamute, que estavam parcialmente enterrados no chão, com os encaixes das presas para cima. Os troncos de pequenas árvores tinham sido colocados nos encaixes, e

eram usados como suportes para escorar o teto, que havia afundado ou cedido. Ocorreu a Ayla, ao olhar ao redor, que aquele abrigo era bastante antigo. A madeira e o colmo tinham a cor cinza da idade. Não havia mercadorias domésticas ou grandes fogueiras de cozinhar, apenas uma lareira. O chão estava limpo, apenas com vestígios escuros das antigas fogueiras principais.

As cordas tinham sido presas entre as estacas eretas, e cortinas, que podiam ser usadas para dividir o espaço, pendendo delas, juntas numa extremidade. Sobre as cordas, ou pendurada em pregos de madeira sobre as estacas, estava a série mais incomum de objetos que Ayla já vira. Trajes coloridos, enfeites de cabeça fantásticos e ornados, fios de contas de marfim e conchas marinhas, pendants de osso e âmbar, e algumas coisas que ela não conseguia adivinhar.

Havia várias pessoas no abrigo. Algumas sentadas ao lado de uma pequena lareira, bebericando de cuias; mais duas à luz que se infiltrava pelo buraco para saída da fumaça, costuravam roupas. À esquerda da entrada, algumas pessoas se encontravam sentadas ou ajoelhadas em esteiras, no chão, perto dos grandes ossos de mamute, decorados com linhas vermelhas e ziguezagues. Ayla identificou um osso de perna, uma omoplata, duas mandíbulas inferiores, um osso pélvico, e um crânio. Foram saudados amistosamente, mas Ayla sentiu que interrompiam alguma coisa. Todos pareciam olhar para elas, como se esperassem descobrir por que motivo tinham vindo.

- Não parem de praticar por nossa causa - falou Deegie. - Eu trouxe Ayla para conhecê-los, mas não queremos interromper. Esperaremos até estarem prontos para parar. - As pessoas voltaram à sua tarefa enquanto Deegie e Ayla se sentavam em esteiras próximas.

Uma mulher que estava ajoelhada diante do grande fêmur começou a tocar uma batida firme, com uma parte em forma de martelo de chifre de rena, mas os sons que produzia eram mais do que rítmicos. Quando ela batia no osso da perna em locais diferentes, um som ressoante, melódico surgia, mudando de intensidade e tom. Ayla examinou melhor, perguntando-se o que provocava o som incomum.

O osso da perna tinha cerca de 76 centímetros de comprimento e descansava horizontalmente sobre dois suportes que o mantinham longe do chão. A epífise na extremidade superior fora removida, e parte do material esponjoso interno fora retirado, alargando o canal natural. O osso estava pintado na parte de cima com listras regularmente espaçadas, em ziguezague, em vermelho-ocre escuro, semelhante aos padrões encontrados tão freqüentemente em tudo, desde o calçado até a construção de casas, mas estas pareciam ter mais utilidade do que apenas uma função decorativa ou simbólica. Depois de observar por algum tempo, Ayla teve certeza de que a mulher que tocava o instrumento de osso da perna de mamute usava o padrão de listras como guia para o local que deveria golpear a fim de produzir o som que desejava.

Ayla havia ouvido tambores de crânio e a omoplata de Tornec tocados. Todos tinham alguma variação tonal, mas jamais ouvira tal amplitude de tons musicais antes. Aquelas pessoas pareciam pensar que ela possuía alguns dons mágicos, mas aquilo era mais mágico do que qualquer coisa que já tinha visto. Um homem começou a bater na lâmina de omoplata de mamute, como a de Tornec, com um martelo de chifre. O timbre e tom tinham uma ressonância diferente, uma característica mais aguda, no entanto, o som complementava e adicionava interesse à música que a mulher tocava no osso da perna.

A omoplata grande, de forma triangular, tinha cerca de 63 centímetros de comprimento, com um estreito pescoço no alto, alargando cerca de 50 centímetros na extremidade do fundo. Ele segurava o instrumento pelo pescoço, ereto, em posição vertical, com o fundo largo descansando sobre o solo. Também era pintado com listras paralelas, e em ziguezague, em vermelho vivo. Cada listra, da largura de um dedo mínimo, era dividida por espaços da mesma largura, e cada uma tinha uma extremidade perfeitamente reta e regular. No centro da larga área inferior mais freqüentemente golpeada, o padrão vermelho de listras estava gasto, e o osso estava polido pelo uso repetido, prolongado.

Quando o resto dos instrumentos de osso de mamute começou a soar, Ayla prendeu a respiração. A princípio só pôde ouvir, dominada pelo som complexo da música, mas pouco depois ela se concentrou em cada um, individualmente.

Um homem mais velho tocava o maior dos ossos de mandíbula inferior, mas em vez de um martelo de chifre, usava uma extremidade de presa de mamute, com cerca de 30 centímetros de comprimento, entalhada para formar uma saliência na extremidade mais grossa. A mandíbula era pintada, como os outros instrumentos, mas apenas na metade direita. Foi virada e descansou firmemente, sustentada pelo lado esquerdo não-decorado, que mantinha a metade direita usada para tocar afastada do chão, para haver um som claro, puro.

Enquanto tocava, o homem batia ao longo das faixas vermelhas em ziguezagues paralelos, que eram pintados dentro da cavidade, assim como ao longo da extremidade mais externa da face, e ele esfregava o pedaço de marfim sobre a superfície encrespada do dente, a fim de criar uma modulação dissonante.

Uma mulher tocava o outro osso de mandíbula, que era de um animal mais novo. Tinha 50 centímetros de

comprimento e 38 centímetros de largura em sua parte maior, e também era pintado de vermelho em listras em ziguezague do lado direito. Um buraco fundo, com cerca de 5 centímetros de largura por 12 centímetros de comprimento, onde um dedo fora remo vido, alterava a ressonância e enfatizava o tom mais agudo.

A mulher que tocava o instrumento do osso pélvico também o segurava ereto, descansando uma extremidade no chão. Ela batia, com um martelo de chifre, principalmente no centro do osso onde uma pequena curvatura natural para dentro se encontrava. Os sons se intensificavam e as mudanças em tom, distintas, naquele lugar, e as listras vermelhas pintadas ali eram quase inteiramente desbotadas pelo uso.

Ayla conhecia os tons fortes, ressoantes, mais graves do tambor de crânio de mamute tocado por um rapaz. Era como os tambores tocados por Deegie e Mamut com tal habilidade. O tambor também era pintado onde era golpeado, na testa e topo da caveira, mas neste caso, não tinha traços em ziguezague, mas um padrão distintamente diferente de linhas ramificadas e pontos e marcas isolados.

Depois que as pessoas pararam de tocar, com um acorde satisfatoriamente conclusivo, envolveram-se em uma discussão. Deegie participou, mas Ayla ouvia apenas, tentando compreender os termos desconhecidos, mas não querendo intrometer-se.

- A composição precisa de equilíbrio, assim como de harmonia - disse a mulher que tocara o instrumento de osso da perna de mamute. - Acho que devemos introduzir uma flauta de cana antes de Kylie dançar.

- Estou certa de que poderiam convencer Barzec a cantar esse trecho - disse Deegie.

- Seria melhor trabalhar com ele mais tarde. Kylie e Barzec seriam demais. Um depreciaria o outro. Não, acho que a flauta de cana será melhor. Vamos

experimental, Manen - disse ela a um homem com uma barba muito bem-cuidada, que se reunira a eles vindo do outro grupo.

Tharie começou a tocar, de novo e, desta vez, os sons se tornaram familiares para a recém- chegada. Ayla ficou feliz por ter permissão para observar, e não queria mais nada senão sentar em silêncio e usufruir a nova experiência. Com a introdução dos tons persistentes da flauta de cana, um instrumento musical feito do osso da perna de uma garça, Ayla se lembrou, subitamente, da estranha voz espiritual de Ursus, o Grande Urso da Caverna, da Reunião de Clãs.

Somente um mog-ur podia produzir aquele som. Era um segredo passado através de sua linhagem, mas ele havia levado alguma coisa à boca. Devia ser o mesmo tipo de coisa, pensou ela.

Nada, contudo, comoveu tanto Ayla como quando Kylie começou a dançar. Ayla notou, primeiro, que ela usava braceletes folgados em cada braço, semelhante aos dançarmos Sungaea. Cada bracelete era feito de uma série de cinco tiras finas de marfim, talvez com 1 centímetro de largura, gravadas com cortes diagonais irradiando-se de uma forma central em losango, de maneira a criar um padrão global em ziguezague quando as cinco tiras eram mantidas juntas. Um pequeno orifício havia sido feito em cada extremidade para amarrá-las juntas, e elas chocalhavam quando Kylie as movia de uma certa maneira.

Kylie permanecia em um local, mais ou menos, às vezes devagar, as sumindo posições impossíveis que sustentava, e outras vezes executando movimentos acrobáticos que faziam com que os braceletes usados em cada braço chocalhassem como ênfase. Os movimentos da mulher flexível, robusta, eram tão graciosos e rápidos que ela fazia a dança parecer fácil, mas Ayla sabia que jamais poderia executar aqueles movimentos. Ficou

encantada com o desempenho e se encontrou fazendo comentários espontâneos depois que a dança terminou, da maneira habitual dos Mamutoi.

- Como faz aquilo? É maravilhoso! Tudo. Os sons, os movimentos. Nunca vi nada igual - disse Ayla. Os sorrisos de satisfação lhe mostraram que seus comentários foram bem acolhidos.

Deegie percebeu que os músicos estavam contentes e sua necessidade de concentração intensa havia acabado. Agora, estavam mais relaxados, prontos para um descanso, e também para satisfazer sua curiosidade em relação à misteriosa mulher que tinha, aparentemente, vindo de lugar algum, e era uma Mamutoi agora. Os carvões na lareira foram avivados, ajuntaram madeira, e pedras de cozinhar, e água para o chá foi derramada em uma tigela de cozinhar de madeira.

- Certamente, viu alguma coisa como nossa dança, Ayla - disse Kylie.

- Não, de modo algum - protestou Ayla.

- E os ritmos que você me mostrava? - perguntou Deegie.

- Não é a mesma coisa. Aquilo são simples ritmos do Clã.

- Ritmos do Clã? - perguntou Tharie. - O que é isso?

- O Clã são as pessoas com quem cresci - começou a explicar Ayla.

- São enganosamente simples - disse Deegie - mas despertam sentimentos fortes.

- Pode nos mostrar? - perguntou o homem que tocara o tambor de crânio de mamute.

Deegie olhou para Ayla.

- Mostramos, Ayla? - perguntou, depois continuou para explicar aos outros. - Temos tocado um pouco com eles.

- Acho que sim - disse Ayla.

- Vamos, então - disse Deegie. - Precisamos de alguma coisa que produza uma batida firme, profunda, abafada, sem ressonância, como algo batendo contra o solo. Se Ayla puder usar seu tambor, Marut.

- Acho que talvez dê certo se enrolarmos um pedaço de couro ao redor deste martelo - disse Tharie, oferecendo seu instrumento de osso de perna.

Os músicos estavam intrigados. A promessa de alguma coisa nova sempre era interessante. Deegie ajoelhou-se na esteira, no lugar de Tharie, e Ayla sentou-se, as pernas cruzadas, perto do tambor e bateu nele para sentir o instrumento. Depois, Deegie golpeou o instrumento de osso de perna em alguns locais até Ayla indicar que o som estava correto.

Quando estavam prontas, Deegie começou a bater um compasso lento, firme, mudando o tempo ligeiramente até vir Ayla sacudir a cabeça afirmativamente, mas sem mudar o tom, de forma alguma. Ayla fechou os olhos e, quando sentiu que caminhava para a batida firme de Deegie, juntou-se a ela. O timbre do tambor de crânio ressoava demais para imitar exatamente os sons de que Ayla se lembrava. Era difícil criar o sentido de um estalo agudo do trovão, por exemplo; o staccato pronunciado das batidas salientou-se mais como um ribombo sustentado, mas ela estivera treinando com um tambor como aquele. Logo, ela tecia um ritmo incomum de contraponto ao redor da batida forte, firme, um padrão aparentemente casual de sons staccato que variavam em tempo. As duas séries de ritmos eram tão distintas que não possuíam relacionamento mútuo algum, no entanto uma batida enfatizada dos ritmos de Ayla coincidia com cada quinta batida do som firme de Deegie, quase como que por acidente.

Os dois ritmos tinham o efeito de uma sensação crescente de expectativa e, um pouco depois, um leve

sentimento de ansiedade até as duas batidas, embora parecesse impossível acontecer, se unirem. Com cada liberação, outra onda de tensão crescia. No momento em que pareceu que não se podia mais suportar, Ayla e Deegie pararam antes de uma batida final, e deixaram uma expectativa acentuada pendendo no ar. Então, para surpresa de Deegie e de todos, um som de flauta, como o vento soprando, foi ouvido, com uma melodia estranha e assustadora, que enviou arrepios através dos ouvintes. Terminou com um acorde de encerramento, mas uma sensação de espiritualidade ainda pairava.

Durante alguns instantes, ninguém falou. Afinal, Tharie disse: - Que estranha música assimétrica, sedutora. - Em seguida, várias pessoas queriam que Ayla lhes mostrasse os ritmos, ansiosas para experimentá-los.

- Quem tocou a flauta de cana? - perguntou Tharie, sabendo que não fora Manen, que estivera de pé a seu lado.

- Ninguém - disse Deegie. - Não era um instrumento, era Ayla as sobiando.

- Assobiando? Como alguém pode assobiar assim? - Ayla pode imitar qualquer som sibilante - falou Deegie. - Deviam ouvir os sons das aves.

Até elas pensam que Ayla é uma ave. Ela consegue chamar as aves e elas comem de sua mão. É parte de seu dom com os animais.

- Quer nos mostrar um assobio de ave, Ayla? - pediu Tharie, em tom de voz que parecia incrédulo.

Ela não achou que era o lugar, realmente, mas apresentou o repertório rápido de assobios de aves, que provocou os olhares e expressões assombradas que Deegie esperara.

Ayla ficou grata quando Kylie ofereceu-se para mostrar-lhe o lugar. Viu alguns dos trajés e outros acessórios, e descobriu que alguns ornatos de cabeça eram, na verdade, máscaras faciais. A maior parte das

coisas era vivamente colorida, mas à noite, perto da lareira, as cores dos trajes realçariam, sem parecer espalhafatosas, contudo. Alguém tirava ocre vermelho em pó de uma bolsinha e o misturava à gordura. Com um calafrio, ela recordou novamente Creb, esfregando uma pasta de ocre vermelho sobre o corpo de Iza antes de seu funeral, mas disseram-lhe que este seria usado para decorar e intensificar a cor dos rostos e corpos dos jogadores e dançarinos. Ela notou carvão em pó e cré branco também.

Ayla observou um homem costurando contas em uma túnica, usando um furador, e ocorreu-lhe que seria muito mais fácil se usasse uma agulha, mas resolveu pedir a Deegie que trouxesse uma. Ela já recebia atenção demasiada, e se sentia pouco à vontade. Olharam fios de contas e outros adereços, e Kylie ergueu duas conchas marinhas espiraladas e cônicas até suas orelhas.

- Pena que suas orelhas não são furadas - disse ela. - Estas conchas ficariam bem em você.

- São bonitas - disse Ayla. Reparou nos furos nas orelhas de Kylie e também em seu nariz.

Gostava de Kylie, e admirava-a, e sentiu uma relação que poderia levar a uma amizade.

- Por que não fica com elas, de qualquer modo? Pode falar com Deegie ou Tulie e pedir que furem suas orelhas. E devia ter uma tatuagem, Ayla. Então, você poderá ir aonde quiser, sem ter que explicar que pertence à Fogueira do Mamute.

- Mas, não sou Mamut, realmente - disse Ayla.

- Acho que é, Ayla. Não estou certa sobre o significado dos ritos, mas sei que Domie não hesitaria se você lhe dissesse que estava pronta para se dedicar à Mãe.

- Não tenho certeza de estar pronta.

- Talvez não, mas estará. Sinto isso em você.

Quando ela e Deegie saíram, Ayla compreendeu que recebera alguma coisa muito especial, uma visão particular dos bastidores que poucas pessoas tinham permissão de desfrutar. Era um local de mistério, mesmo exposto e explicado, mas como deve parecer mais mágico e sobrenatural, Ayla pensou, quando visto de fora. Ela lançou um olhar para a área de trabalho em sílex quando se afastavam, porém Jondalar não estava lá.

Ela acompanhou Deegie através do acampamento, dirigindo-se para o fundo da depressão, procurando amigos e parentes, e descobrindo onde se localizavam todos os outros acampamentos. Passaram por um terreno onde três acampamentos, enfiados entre moitas, davam para uma clareira. Havia uma notável impressão na área que era diferente, mas Ayla não descobriu o que era a princípio. Depois, ela começou a reparar em detalhes específicos. As tendas eram rasgadas, e não estavam bem armadas, e buracos eram imperfeitamente remendados, quando havia remendo. Um odor forte, desagradável e o zumbido de moscas chamaram sua atenção para um pedaço de carne apodrecendo, abandonado no terreno entre as tendas, e depois reparou em mais lixo espalhado casualmente por perto. Ela sabia que as crianças se sujavam com frequência, mas aquelas que as encaravam pareciam que não se limpavam havia muito tempo. Suas roupas estavam encardidas, o cabelo desgrenhado, os rostos sujos. Havia imundície desagradável no local.

Ayla reparou que Chaleg descansava diante de uma tenda. Foi apanhado de surpresa ao ver Ayla aparecer e sua primeira expressão foi de ódio maligna. Ela ficou chocada. Somente Broud a havia olhado daquele jeito. Então Chaleg disfarçou, mas o sorriso falso, maldoso era quase pior que o ódio evidente; - Vamos sair daqui - disse Deegie, com uma fungadela de desdém.

- Sempre é bom saber onde estão, para sabermos o que evitar.

De repente, houve uma explosão de gritos e berros quando dois jovens, um menino no início da adolescência, e uma menina de uns onze anos saíram correndo de uma das tendas.

- Devolva-me isso! Está ouvindo? Devolva! - gritava a garota enquanto perseguia o menino.

- Primeiro tem que me pegar, irmãzinha - provocou o garoto, se gurando alguma coisa e agitando-a diante do rosto da menina.

- Você... Oh, você... Devolva-me isso! - berrou a garota outra vez e correu atrás dele com novo ímpeto de velocidade.

O sorriso do menino deixou claro que ele se divertia muito com a raiva e frustração da menina, mas quando se virou para olhá-la, não viu uma raiz exposta. Tropeçou e caiu pesadamente, e a menina subiu sobre ele, golpeando-o e batendo com toda a sua força. Então, ele a atingiu no rosto com grande força e fez sair um jato de sangue do nariz da menina. Ela gritou e lhe devolveu o soco na boca, rasgando seu lábio.

- Ajude-me, Ayla! - disse Deegie, enquanto caía sobre os dois, rolando no solo. Ela não era tão forte quanto a mãe, mas era uma jovem alta e robusta e quando agarrou o garoto, que estava sobre a irmã no momento, não houve resistência, Ayla segurou a menina, que lutava para atacar novamente o irmão.

- O que acham que estão fazendo? - disse Deegie, severa. - Como se podem cobrir dessa vergonha? Atingindo e golpeando um ao outro, e são irmão e irmã, além disso. Bem, vocês dois virão comigo. Daremos um jeito nisso imediatamente! - exclamou ela enquanto arrastava o garoto relutante pelo braço. Ayla a seguiu com a menina, que agora lutava para fugir.

as crianças salpicadas de sangue, e seguiam o grupo. Quando Deegie e Ayla chegaram aos alojamentos no centro do acampamento, o boato correrá à frente, e um grupo de mulheres esperava.

Tulie estava entre elas, viu Ayla, e Marlie, e Crecie, chefes femininas, compreendeu ela, que formavam o Conselho de Irmãs.

- Ela começou... - gritou o garoto.

- Ele pegou meu... - começou a berrar a menina.

- Silêncio! - ordenou Tulie com firmeza e em voz alta, os olhos cintilando de cólera.

Não há desculpas para atingir e ferir outra pessoa - disse Marlie tão duramente e tão zangada quanto Tulie. - Vocês já têm idade suficiente para saber disso, e se não sabem, aprenderão agora.

Tragam as coneias - ordenou.

Um rapaz entrou correndo em uma das moradias e imediatamente Valez saiu segurando várias tiras de couro. A garota entrou em pânico e os olhos do menino se arregalaram. Ele lutou para fugir, libertar-se, e começou a correr, mas Talut, que vinha depressa do Acampamento de Tifáceas o agarrou rapidamente e o trouxe de volta.

Ayla estava preocupada. As duas crianças precisavam ser cuidadas, estavam machucadas; porém, mais que isso, o que iam fazer com elas? Afinal eram apenas crianças.

Enquanto Talut segurava o menino, outro homem pegou uma das longas tiras de couro e começou a envolver o menino com ela, amarrando-lhe o braço direito abaixado a seu lado. Não estava suficientemente apertada para impedir a circulação, mas mantinha o braço imóvel. Então, alguém trouxe a menina, que começou a chorar quando seu braço direito foi preso da mesma forma que o do irmão.

- Mas... mas ele pegou meu...

- Não importa o que ele pegou - disse Tulie.

- Há outras maneiras de recuperar uma coisa - disse Brechie. - Podia ter vindo ao Conselho de Irmãs. É para isto que temos Conselhos.

- O que acha que aconteceria se todos tivessem permissão para atacar-se mutuamente, somente porque alguém discordava, ou provocava, ou pegava alguma coisa? - disse outra mulher.

- Vocês dois precisam de uma lição - falou Marlie, enquanto o tornozelo esquerdo do menino era preso ao tornozelo direito da menina - não existe laço tão forte quanto o elo entre irmão e irmã. É o elo do nascimento. Assim, quando se lembrarem disso, ficarão presos um ao outro durante dois dias, e as mãos que agrirem serão mantidas abaixadas para não poderem se erguer com raiva.

Agora, devem ajudar um ao outro. Um não pode ir aonde o outro não puder. Um não pode dormir a menos que o outro se deite. Um não pode comer, ou beber, ou se lavar, ou fazer qualquer ação pessoal, sem o outro. Aprenderão a depender um do outro, como devem fazer a vida inteira.

- E todos que os virem saberão sobre a maldade que cometeram um contra o outro - anunciou Talut em voz alta, para que todos ouvissem.

- Deegie - disse Ayla em voz baixa - precisam de ajuda. O nariz da menina está sangrando e a boca do garoto está inchada.

As pessoas fitavam as duas quando passavam, puxando com firmeza Deegie se acercou de Tulie e cochichou em seu ouvido. A mulher concordou com um gesto de cabeça, depois deu um passo à frente.

- Antes de voltarem ao seu acampamento, vão com Ayla à Fogueira do Mamute, onde ela cuidará dos ferimentos que infligiram um ao outro.

A primeira lição em cooperação que tiveram que aprender foi como igualar seus passos, de forma que pudessem caminhar com os tornozelos amarrados juntos. Deegie acompanhou Ayla e os jovens à Fogueira do Mamute, e depois de serem limpos e tratados, as duas mulheres os observaram afastarem-se juntos, mancando.

- Eles estavam brigando de verdade - disse Ayla enquanto se dirigiam ao Acampamento de Tifáceas - mas o menino pegou, realmente, alguma coisa da menina.

- Não importa - falou Deegie. - Brigar não é a melhor maneira de conseguir algo de volta.

Devem aprender que brigar é inaceitável. É óbvio que não aprenderam isso em seu acampamento, de forma que devem aprender aqui. Faz você compreender por que Crozie estava tão relutante em aceitar a união de Fralie com Frebec.

- Não entendo. Por quê? - Não sabia? Frebec veio de um daqueles acampamentos. Todos três são intimamente aparentados. Chaleg é primo de Frebec.

- Bem, certamente Frebec mudou muito.

- É verdade, mas serei sincera com você. Não tenho certeza, ainda, sobre ele. Acho que guardarei minha opinião até ele ser posto à prova.

Ayla não podia afastar o pensamento das crianças, ou da idéia de que ela deveria aprender alguma coisa daquela experiência. O julgamento fora rápido e absolutamente sem apelação. Nem sequer tiveram chance de explicar, e ninguém considerou o tratamento dos danos em primeiro lugar - ela ainda nem sequer sabia os nomes das crianças. Mas, não estavam gravemente machucadas, e não havia dúvida de que brigaram. Embora o castigo fosse rápido e não era provável que o esquecessem, não era doloroso, apesar de talvez sentirem a mágoa da humilhação e ridículo por muitos anos.

- Deegie - falou Ayla - sobre as crianças, seus braços esquerdos estão livres, O que os impedirá de desatar aquelas tiras? - Todo mundo saberá. Já é tão humilhante caminhar pelo acampamento presos um ao outro com os braços abaixados, muito pior seria se se soltassem. Diriam que eram crianças controladas pelos espíritos malignos da cólera, que não eram capazes nem de se dominar o suficiente para aprender o valor da ajuda um do outro. Elas seriam evitadas e ficariam mais envergonhadas ainda.

- Acho que jamais esquecerão - disse Ayla.

- Nem muitos outros jovens. Até a discussão será menor por algum tempo, embora não lhes faça mal gritar um com o outro - disse Deegie.

Ayla estava ansiosa para voltar à familiaridade do Acampamento de Tifáceas. Havia conhecido tantas pessoas e visto tantas coisas que sua mente estava num turbilhão. Seria necessário algum tempo para absorver tudo, mas ela não pôde deixar de olhar quando passaram, novamente, pela área de trabalhar o sílex. Desta vez viu Jondalar, mas também viu alguém que não esperava encontrar ali. Mygie lá estava, olhando com adoração para os olhos azuis, e Ayla pensou que a maneira como estava de pé era particularmente exagerada. Jondalar sorria para Mygie, um sorriso amável, agradável, que ela não via desde muito tempo, e ele tinha aquela expressão nos olhos que tampouco havia visto desde muito tempo.

- Pensei que as mulheres de pé vermelho deviam se preocupar em ensinar os rapazes - disse Ayla, pensando que ninguém precisava ensinar coisa alguma a Jondalar.

Deegie notou a expressão de Ayla e viu depressa o motivo para sua testa enrugada. Podia compreender, mas por outro lado, havia sido um inverno muito longo e difícil para ele também.

- Ele tem necessidades físicas, Ayla, exatamente como você.

De repente, Ayla corou. Havia sido ela, afinal, quem partilhara a cama de Ranec enquanto Jondalar dormia sozinho. Por que devia se aborrecer por ele encontrar uma mulher com quem ter prazeres na Reunião de Verão? Ela devia ter esperado por isso, mas sabia o motivo. Queria que ele partilhasse prazeres com ela. Não era tanto a idéia de ele ter escolhido Mygie, era que ele não a havia escolhido.

- Se ele vai procurar uma mulher, é melhor que encontre uma "pé-vermelho" agradável - continuou Deegie. - Elas não se podem com-prometer. Quando a estação terminar, a menos que o sentimento seja muito forte, não durará durante um prolongado inverno. Acho que o sentimento dele por Mygie não será muito forte, e ela talvez o ajude a relaxar e refletir com maior clareza.

- Tem razão, Deegie. Que diferença faz? Ele diz que partirá depois da caçada do mamute... e eu prometi me unir a Ranec - disse ela.

Então, pensou, enquanto caminhavam pela multidão, voltarei para o Clã, e encontrarei Durc, e o trarei para cá. Ele pode se tornar um Mamutoi e partilhar nossa fogueira, e ser amigo de Rydag. E pode trazer l também, assim terá uma companheira... e viverei aqui com todos os meus novos amigos, e Ranec, que me ama, e Durc, meu filho... meu único filho... e kydag, e os cavalos e Lobo.

E jamais verei Jondalar outra vez, pensou Ayla, enquanto uma desolação fria a enchia.

Capítulo 33

Rugie e Tusie entraram correndo na parte principal da tenda, sorridentes e soltando risadinhas.

- Há outra lá fora - anunciou Rugie Ayla abaixou a cabeça depressa, Nezzie e Tulie se entreolharam com sagacidade, Fralie sorriu e Frebec também, com mais afetação.

- Outra o quê? - perguntou Nezzie, para ter certeza, embora já sou besse.

- Outra "legação" -disse Tusie, com o tom presunçoso de estar cansada de toda aquela tolice.

- Entre as delegações e seus deveres como guardiã, está tendo um verão ocupado, Tulie - disse Fralie, cortando carne para Tasher, mas sabendo que a chefe estava encantada por ser o foco de todo o interesse demonstrado pelo Acampamento do Leão e seus membros.

Tulie e Ayla saíram. Depois, Nezzie o fez também, para dar apoio, já que todos os outros pareciam ter desaparecido. Fralie e Frebec caminharam até a abertura da tenda para ver quem viera. Frebec seguiu as três mulheres até o lado de fora, mas Fralie ficou para trás a fim de manter as crianças fora do caminho. Um grupo de pessoas se encontrava de pé fora do território que Lobo havia determinado pertencer ao Acampamento do Leão. Ele havia marcado limites invisíveis com seu faro e os patrulhava com regularidade. Qualquer pessoa podia chegar até os limites, mas ninguém podia colocar um pé dentro deles, sem indicação clara de boas-vindas de alguém que ele conhecia.

O animal estava entre as pessoas e atenda, em uma postura defensiva, que incluía dentes à mostra e um uivo baixo, e nenhum dos visitantes desejava testar suas

intenções. Ayla lhe fez sinal para se acercar dela, e lhe fez o sinal de "amigo" que ela o havia ensinado a aceitar durante uma manhã inteira, tanto dela quanto de qualquer pessoa do Acampamento do Leão. Contra seus melhores instintos, significava que ele devia permitir estranhos dentro dos limites do território de seu bando.

Embora os visitantes conhecidos fossem mais tolerados do que os completos desconhecidos, ele deixava claro que não gostava de companhia, e ficava sempre aliviado quando as visitas iam embora.

Ocasionalmente, só para acostumá-lo a grande número de pessoas, Ayla o conduzia através do acampamento, mantendo-o perto de si. Sempre provocava olhares fixos e arquejos ver a mulher caminhando confiantemente com um lobo ao lado, e isso deixava Ayla pouco à vontade, mas ela sentia que era necessário. Apesar de os hábitos dos homens e lobos serem semelhantes, se as pessoas iam ser sua alcatéia, havia algumas coisas sobre elas com que Lobo teria que se acostumar.

As pessoas gostavam da companhia uma das outras, mesmo a de estranhos, e gostavam de reunir-se em grandes grupos.

Mas Lobo não passava todo o seu tempo dentro do Acampamento de Tifáceas. Muitas vezes descia até o prado com os cavalos, e saía sozinho em excursões, ou então com uma pessoa apenas, Ayla, na maior parte das vezes, mas também com Jondalar ou Danug, ou suficientemente estranho para algumas pessoas, com Frebec.

Frebec chamava o animal e o conduzia em direção ao alpendre dos cavalos, para mantê-lo fora do caminho. Lobo deixava algumas pessoas nervosas, e isso podia ter um efeito negativo sobre as delegações que vinham para cortejar Ayla em nome de algum homem. Os homens não se interessavam em unir-se a Ayla, sabiam que ela

estava prometida a Ranec. Não procuravam uma companheira, mas uma irmã. As delegações vinham com propostas para adotá-la.

Embora astuta e experiente sobre a natureza e costumes de seu povo, nem mesmo Tulie havia considerado essa possibilidade. Mas, a primeira vez que fora procurada por uma mulher que conhecia, que tinha apenas filhos, perguntando-lhe se consideraria uma proposta de sua fogueira e acampamento para a adoção de Ayla, Tulie compreendeu imediatamente as implicações.

- Eu devia ter entendido desde o início - explicou Tulie ao acampamento mais tarde - que uma mulher sozinha de status elevado, beleza e talentos daria uma irmã extremamente desejável, principalmente desde que foi adotada pela Fogueira do Mamute.

Esta não é tida, em geral, como uma fogueira familiar. Nós, ou melhor, Ayla não precisa aceitar qualquer das ofertas a menos, claro, que o deseje, mas somente as propostas já aumentam o seu valor.

Os olhos de Tulie se encheram de alegria ao considerar como Ayla contribuía para o status e valor do Acampamento do Leão. Em seu coração, quase desejava que Ayla não estivesse prometida a Ranec. Seu Preço de Noiva seria assombrosamente alto, se estivesse disponível. Por outro lado, isso significaria que o Acampamento do Leão a perderia, mesmo por um bom preço. Enquanto não se fixava um valor certo, a especulação sempre o aumentaria. Mas as ofertas que recebiam para a adoção de Ayla abriram um novo campo de possibilidades. Ela podia ser adotada em nome, sem deixar o Acampamento do Leão. Podia até tornar-se chefe, se seu irmão em potencial tivesse as conexões certas e ambição. E se Ayla e Deegie fossem chefes, com elos diretos com o Acampamento do Leão, isso traria enorme influência. Todos estes pensamentos

atravessavam a mente de Tulie quando se aproximavam da nova delegação.

Ayla começara a entender que as variações no padrão dos desenhos usados para ornar roupas e protetores para os pés eram um meio de definir a identidade do grupo. Embora todos usassem algumas formas geométricas básicas, uma preponderância de uma sobre a outra - ziguezagues sobre losangos, por exemplo - e a maneira como eram combinadas eram indicadores significativos da afiliação e laços com outros acampamentos. Ao contrário de Tulie, no entanto, ela ainda não conhecia instantaneamente esses padrões e, pelo conhecimento pessoal dos indivíduos, não sabia exatamente onde colocá-los dentro da estrutura global de hierarquia e relacionamento dentro do grupo.

O status de alguns acampamentos era tão elevado que Tulie teria aceitado menos em bens materiais, por causa das afiliações e valor que traziam. Outros podiam ser boas possibilidades, se desejassem pagar bastante. Tulie, com base nas ofertas já recebidas, punha o grupo de lado com um só olhar. Não valia a pena falar com eles. Simplesmente, não possuíam o suficiente para trazer para o relacionamento, a fim de fazer com que a associação valesse a pena. Como resultado, Tulie era extremamente amável, mas não os convidava a entrar e eles compreendiam que tinham chegado com muito pouco e tarde demais. No entanto, apenas fazer a proposta tinha suas com pensações. Era uma maneira de se aliarem ao Acampamento do Leão, o que aumentava sua influência, e isso seria lembrado favoravelmente.

Enquanto estavam de pé, fora da tenda, trocando amabilidades, Frebec viu Lobo adotando uma postura defensiva e rosnando em direção ao rio. De repente, ele partiu.

- Ayla! - gritou Frebec. - Lobo está atrás de alguma coisa! Ela assobiou alto, de forma penetrante e urgente,

depois correu para olhar a trilha que levava ao rio.

Viu Lobo regressar, seguido por um novo grupo de pessoas. Mas estas não eram desconhecidas.

- É o Acampamento do Mamute - disse Ayla - Vejo Vincavec Tulie se virou para Frebec: - Quer ver se encontra Talut? Devemos saudá-los adequadamente, e pode dizer a Marlie ou Valez que eles chegaram, afinal.

Frebec concordou com um gesto de cabeça e se afastou.

A delegação que viera fazer uma proposta estava curiosa demais para ir embora agora. Vincavec foi o primeiro a alcançá-los, viu a delegação, Ayla e Tulie, e compreendeu rapidamente o que acontecia. Deixou cair seu bornal e avançou com um sorriso.

- Tulie, deve ser auspicioso ser você a primeira pessoa que vejo, já que é a primeira pessoa que eu queria ver - disse Vincavec estendendo as duas mãos e roçando sua face na dela como um bom e velho amigo.

- Por que seria eu a primeira pessoa que você queria ver? - disse Tulie sorrindo, contra a vontade: ele era fascinante. Ele ignorou a pergunta.

- Diga-me, por que seus convidados estão trajando as roupas mais finas? Uma delegação, talvez? Uma mulher falou.

- Fizemos uma oferta para adotar Ayla - disse ela com dignidade, como se o oferecimento não houvesse sido realmente recusado. - Meu filho não tem irmã.

- Bem, eu também farei uma proposta, mais formalmente depois, mas para lhe dar o que pensar, Tulie, quero propor uma união. - Virou-se para Ayla e segurou-lhe as mãos. - Quero me unir a você, Ayla. Quero que venha e faça minha Fogueira do Mamute algo mais que um nome. Somente você pode me dar isso, Ayla. É sua fogueira que traz, mas em troca, posso lhe dar o Acampamento do Mamute.

Ayla estava espantada e assombrada. Vincavec sabia que ela já tinha um compromisso. Por que ele lhe pedia aquilo? Mesmo que ela quisesse, será que poderia de repente mudar de idéia e se unir a ele? Será que era tão fácil assim quebrar uma Promessa? - Ela já está prometida a Kanec - disse Tulie.

Vincavec olhou diretamente para a grande chefe, e sorriu com experiência. Depois, enfiou a mão em uma bolsa e retirou a mão fechada. Abriu-a e exibiu, na palma, dois pedaços de âmbar bonitos, polidos, iguais.

- Espero que ele tenha um bom Preço de Noiva, Tulie - disse.

Os olhos de Tulie se arregalaram. Sua oferta era suficiente para tirar-lhe o ar. Ele lhe dissera, realmente, para dizer o preço, e em âmbar, se quisesse, embora naturalmente, ela não o quisesse, não inteiramente. Os olhos de Tulie se estreitaram.

- Não sou eu que devo decidir, Ayla faz suas próprias escolhas, Vincavec.

- Eu sei, mas receba estas pedras como um presente meu a você, Tulie, por toda a sua ajuda na construção de minha moradia - disse ele, e empurrou-as para ela.

Tulie ficou dividida. Devia recusar. Aceitar as pedras daria a ele uma vantagem sobre ela, mas a decisão era de Ayla, e prometida ou não, era livre para fazer essa escolha. Por que ela rejeitaria? Ao fechar a mão sobre o âmbar Tulie viu a expressão de triunfo de Vincavec, e sentiu-se como se tivesse sido comprada com dois pedaços de âmbar. Ele sabia que ela não consideraria nenhuma outra proposta. Se ele conseguisse convencer Ayla, ela seria dele. Mas Vincavec não conhece Ayla, pensou Tulie. Ninguém conhece. Ela pode se chamar Mamutoi, mas ainda é uma estranha, e Quem poderia dizer o que a faria escolher? Ela observou o homem com a surpreendente tatuagem

no rosto virar-se completamente à jovem e viu a reação de Ayla. Sem dúvida, havia interesse.

- Tulie! Que bom tornar a vê-la! - Avarie se acercava, estendendo as mãos. - Estamos tão atrasados, todos os bons lugares estão ocupados. Conhece algum local adequado para estabelecer um acampamento? Onde vocês estão? - Bem aqui - disse Nezzie, aproximando-se para saudar a chefe do Acampamento do Mamute, em seguida. Ela estivera muito interessada na troca entre Tulie e Vincavec, e notara a expressão dele, também. Ranec não ficaria feliz ao saber que Vincavec ia fazer uma oferta por Ayla, mas Nezzie não estava segura, de modo algum, de que o chefe-Mamut do Acampamento do Mamute encontrasse muita facilidade para convencer Ayla, não importava o que oferecesse.

- Estão aqui? Tão longe de tudo? - disse Avarie.

- É o melhor lugar para nós, com os animais. Eles ficam nervosos perto de muita gente - explicou Tulie, como se o local houvesse sido escolhido de propósito.

- Vincavec, se o Acampamento do Leão é aqui, por que não acampamos por perto? - disse Avarie.

- Não é um mau lugar. Há vantagens, mais espaço para se espalhar - disse Nezzie. Se o Acampamento do Leão e o Acampamento do Mamute estão aqui, pensou, parte do interesse do centro também virá para cá.

Vincavec sorriu para Ayla.

- Não posso pensar em nada de que gostasse tanto quanto de acampar perto do Acampamento do Leão - disse ele.

Talut se acercou com passos largos e saudou os colíderes do Acampamento do Mamute com sua voz retumbante.

- Vincavec! Avarie! Afinal, chegaram! O que os deteve? - Fizemos algumas paradas pelo caminho - falou Vincavec.

- Peça a Tulie para mostrar o que ele lhe trouxe - disse Nezzie.

Tulie ainda se sentia um pouco embaraçada, e desejou que Nezzie não houvesse dito nada, mas abriu a mão e estendeu o âmbar para seu irmão ver - São bonitos - disse Talut. - Vejo que resolveu negociar. Sabia que o Acampamento do Salgueiro tem conchas marinhas espiraladas brancas? - Vincavec quer mais do que conchas - disse Nezzie. - Quer fazer uma oferta por Ayla. para sua fogueira.

- Mas ela está prometida a Ranec - disse Talut - Uma Promessa é apenas uma Promessa - disse Vincavec.

Talut olhou para Ayla, depois para Vincavec, e Tulie. Então riu: - Bem, esta é uma Reunião de Verão que não será esquecida por muito tempo.

- Não foi somente a parada no Acampamento do Âmbar - disse Avarie. - Vendo você, Talut, com sua cabeleira ruiva, me fez lembrar. Ficamos tentando dar a volta por um leão da caverna com uma juba avermelhada, mas ele parecia seguir a mesma direção que nós. Não vi um bando, mas é melhor prevenir as pessoas de que há leões por perto.

- Sempre há leões por perto - disse Talut.

- Sim, mas este agia de forma estranha. Em geral, os leões não incomodam muito as pessoas mas, por algum tempo, pensei que ele nos caçava. Aproximou-se tanto que tive dificuldade para dormir, uma noite. Era o maior leão da caverna que já vi. Ainda tremo quando penso nele - disse Avarie.

Ayla ouviu com atenção, franzindo a testa, depois sacudiu a cabeça. Não. Apenas coincidência, pensou. Há muitos leões da caverna grandes.

- Quando estiverem acomodados, venham até a clareira. Falávamos sobre a caçada de mamutes, e a Fogueira do Mamute planeja a cerimônia de Caça. Não fará mal ter outro bom chamador. Estou certo de que

quererá carne de mamute para a Festa Matrimonial, já que planeja ser parte dela, Vincavec! - exclamou Talut. Começou a afastar-se, depois se virou para Ayla: - Já que caçará mamutes conosco, por que não volta comigo e traz seu arremessador de lanças? De qualquer maneira, eu vinha buscá-la.

- Caminharei com você - disse Tulie. - Tenho que ir ao Acampamento da Feminilidade e ver Latie.

- Este é de boa qualidade. Especialmente para ferramentas de lâminas, como cinzéis, raspadeiras, furadores - disse Jondalar, abaixado sobre um joelho, examinando a face interior lisa e cinzenta de sílex bem estruturado.

Ele havia usado um pedaço especialmente moldado de chifre novo, forte e suficientemente resistente para não se partir, como escavadeira e alavanca, para arrancar a massa exposta da sílica dura de sua matriz gredosa. Depois, ele a abriu com um martelo de pedra.

- Wymez diz que o melhor sílex vem daqui - disse Danug.

Jondalar subiu a encosta perpendicular do penhasco, de uma garganta do rio, que havia sido desgastada com o tempo pela água agitada. Mais fragmentos do sílex duro, encaixados em uma crosta branca, opaca, saltaram da pedra gredosa um pouco menos dura.

- O sílex é sempre melhor se você pode tirá-lo de sua fonte. Este é semelhante ao sílex da mina de Dalanar, e o seu é a melhor pedra da região.

- O Acampamento do Lobo certamente pensa que este é o melhor sílex - disse Tarneg. - Na primeira vez que vim aqui estava com Valez.

Deviam tê-lo ouvido entusiasmar-se. Com este local tão perto do acampamento deles, consideram isto aqui como pertencendo a eles. Você fez a coisa certa ao pedir permissão para vir aqui, Jondalar.

- É somente cortesia. Sei como Dalanar se sente em relação à sua mina.

- O que há de tão especial nesta pedra? Já vi sílex, muitas vezes, em planícies aluviais - disse Tarneg.

- Às vezes podem-se encontrar bons nódulos que foram recentemente inundados nas planícies aluviais, e são muito mais fáceis de se arrancar. Dá trabalho tirá-los da rocha. Mas o sílex tende a secar se jaz ao ar livre muito tempo - disse Jondalar. - Então, as lascas saem mais abruptamente, menores.

- Se ficou muito tempo na superfície - disse Danug - Wymez costuma enterrar o sílex em solo úmido por algum tempo para facilitar o trabalho nele.

- Já fiz isso. Pode ajudar, mas depende do tamanho do nódulo, e quão seco está. Se for um pedaço grande, não pode ser muito antigo. Funciona melhor para pedaços pequenos, mesmo do tamanho de um ovo, mas dificilmente vale a pena trabalhá-los, a menos que sejam de boa qualidade.

- Fazemos algo semelhante com presas de mamute - disse Tarneg.

- Como primeiro passo, envolvemos a presa em couros úmidos e enter ramos com cinzas quentes.

O marfim muda, torna-se mais denso, porém mais fácil de trabalhar, e de dobrar. É a melhor maneira de endireitar uma presa de mamute.

- Eu me perguntava como vocês faziam isso - disse Jondalar, depois fez uma pausa para pensar, claramente.

- Meu irmão gostaria de aprender isso. Ele fabricava lanças. Podia fazer uma haste boa ereta, mas entendia as propriedades da madeira, como curvá-la e moldá-la. Acho que teria compreendido seu processo também. Talvez o conhecimento de seus métodos seja uma razão para Wymez entender tão depressa a idéia de aquecer o sílex a fim de torná-lo mais maleável para o trabalho. Ele

é um dos melhores trabalhadores de sílex que já conheci.

- Você também é um bom quebrador de sílex, Jondalar - disse Tarneg. - Mesmo Wymez fala muito bem de você, e ele não elogia facilmente. Sabe, andei pensando. Precisaréi de um bom trabalhador em sílex para o Acampamento dos Auroques. Sei que você tem dito que vai voltar para sua casa, mas parece-me uma longa viagem. Você consideraria a idéia de ficar se tivesse um local? O que quero dizer é, que tal acharia em se reunir ao meu acampamento? A testa de Jondalar se enrugou enquanto pensava em um meio de recusar o oferecimento de Tarneg sem ofendê-lo.

- Não tenho certeza. Preciso pensar sobre isso.

- Sei que Deegie gosta de você, estou certo de que ela concordaria. E não teria problema algum para estabelecer uma fogueira com alguém - encorajou Tarneg. - Tenho reparado que as mulheres estão à sua volta, até as "pés-vermelhos". Primeiro foi Mygie, agora todo o resto encontra motivos para visitar o local de trabalho em sílex. Deve ser porque você é novo por aqui. - Sorriu.

- Tenho ouvido mais de um homem desejar ser um estrangeiro alto, louro. Todos gostariam de ter uma "pé-vermelho" interessada, novamente, mas agora é a vez de Danug. - Tarneg sorriu afetadamente para o jovem primo.

Jondalar e Danug pareciam embaraçados. Jondalar ficou de pé e desviou o olhar para mudar a atenção para outro local e, de forma incidental, notou que perto daqueles dois homens, ele não era excepcionalmente alto. Todos três tinham quase a mesma altura e Danug ainda iria crescer. Ele seria um segundo Talut. Mas havia homens de todo tamanho na Reunião, exatamente como havia nas Reuniões de Verão dos Zelandonii.

- Bem, eu gostaria que pensasse no Acampamento dos Auroques, Jondalar. Agora que Deegie e Branag se unirão, afinal, construiremos neste ou tano, embora eu ainda não tenha decidido onde fazer uma habitação única, como o Acampamento do Leão, ou as menores, para cada família.

Tendo a ser antiquado. Gosto mais das moradias grandes, mas muitos jovens querem um local com somente seus próprios parentes e, confesso, quando as pessoas começam a discutir, seria muito bom ter sua própria habitação para ficar.

-- Aprecio sua proposta, Tarneg - disse Jondalar. - Falo com sinceridade, mas não quero lhe dar uma impressão falsa. Vou para casa. Tenho que ir. Eu poderia lhe dar muitas razões, por exemplo, que preciso comunicar a morte do meu irmão. Mas a verdade é que não sei por que tenho que ir. Apenas tenho.

- É por causa de Ayla? - perguntou Danug, uma ruga de preocupação na testa.

- Ayla é parte do motivo, confesso. Não anseio em vê-la partilhar uma fogueira com Ranec, mas eu tentava convencê-la a voltar comigo quando encontramos vocês. Agora, parece que voltarei sozinho, de qualquer maneira... Não estou ansioso por isso, tampouco, mas não muda nada. Ainda preciso ir.

- Não estou seguro de entender, mas desejo-lhe boa sorte, e que a Mãe lhe sorria em sua jornada.

Quando pensa partir? - perguntou Tarneg.

- Pouco depois da caçada de mamute.

- Falando da caçada de mamute, devíamos voltar. Estão planejando isso esta tarde - disse Tarneg.

Começaram a caminhar ao longo do rio que era um afluente da corrente principal perto do acampamento, e subiram por rochas em um local onde as muralhas se estreitavam. Abrindo caminho para fora da garganta em volta de uma saliência alcantilada, chegaram até um

grupo de rapazes que gritavam palavras insultuosas e de encorajamento para dois deles, que lutavam.

Druwez estava entre os espectadores.

- O que está ocorrendo aqui? - perguntou Tarneg, intrometendo-se no meio deles e separando os lutadores. Um sangrava da boca, o outro tinha um olho inchado e fechado.

- Estão apenas... competindo - falou alguém.

- Sim, estão... hum... treinando... para as lutas corpo a corpo.

- Isto não é competição - disse Tarneg - é uma luta.

- Não, sinceramente, não brigávamos - disse o rapaz com o olho inchado - apenas nos divertíamos um pouco.

- Chama olhos roxos e dentes quebrados de brincadeira? Se treinavam apenas, não viriam aqui, a este lugar escondido onde ninguém os veria. Acho melhor me dizerem o que está havendo.

Ninguém respondeu voluntariamente, mas houve muito movimento de arrastar os pés.

- E o resto? - disse Tarneg, olhando para os outros jovens. - O que todos estão fazendo aqui? Inclusive você, Druwez. O que acha que a Mãe e Barzec farão quando descobrirem que você estava aqui, encorajando uma briga? Acho melhor me dizerem o que aconteceu.

Ainda assim, ninguém falou.

- Talvez seja melhor levarmos vocês e deixar que os Conselhos decidam o que fazer. As Irmãs encontrarão um meio de vocês se livrarem de sua necessidade de lutar, e de darem um bom exemplo. Talvez até excluam todos vocês das caçadas de mamutes.

- Não conte nada, Tarneg. Dalen tentava apenas detê-los - falou Druwez.

- Detê-los? Talvez deva me dizer o motivo desta luta - falou Tarneg.

- Acho que sei - disse Danug. Todos se voltaram para o rapaz alto: - É por causa do ataque.

- Que ataque? - interrogou Tarneg. Aquilo parecia grave.

- Algumas pessoas falavam sobre atacar um Acampamento Sungaea - explicou Danug.

- Sabem que os ataques foram proibidos. Os Conselhos têm tentado negociar uma chama de amizade e estabelecer comércio com os Sungaea. Odeio pensar no problema que um ataque causaria - disse Tarneg. - De quem foi a idéia? - Não sei - respondeu Danug. - Um dia, todos falavam sobre o ataque. Alguém descobriu um Acampamento Sungaea a alguns dias daqui.

O plano era dizer que iam caçar e, em vez disso, destruir o acampamento, roubar a comida e expulsá-los. Eu lhes disse que não estava interessado, e que achava isso uma estupidez. Só arranjariam encrenca para si mesmos e para os outros. Além disso, paramos em um Acampamento Sungaea quando vínhamos para cá. Um irmão e uma irmã acabavam de morrer. Talvez não seja o mesmo acampamento, mas provavelmente todos eles estão tristes. Não achei certo atacá-los.

- Danug pode fazer isso - disse Druwez. - Ninguém o chamará de covarde porque ninguém quer brigar com ele. Mas quando Dalen disse que não ia tomar parte em ataque algum, tampouco, um grupo começou a dizer, então, que ele tinha medo de briga. Foi quando ele disse que ia lhes mostrar que não tinha medo de lutar com ninguém. Dissemos que viríamos com ele, para que não o atacassem em grupo.

- Quem é Dalen? - perguntou Tarneg. O rapaz com o dente que brado e a boca sangrando, avançou um passo.

- Quem é você? - perguntou Tarneg ao outro, cujo olho já ficava roxo. Ele não respondeu.

- Chamam-no de Cluve. É sobrinho de Chaleg - disse Druwez.

- Sei o que está tentando fazer - disse Cluve sotumamente. - Está tentando jogar toda a culpa em

mim porque Druwez é seu irmão.

- Não, eu não ia culpar ninguém. Deixarei o Conselho de Irmãos de cidir. Todos podem esperar uma convocação deles, inclusive meu irmão. Agora, é melhor se limparem. Se voltarem à Reunião com essa aparência, todos saberão que brigavam, e ninguém será capaz de impedir que as Irmãs saibam. Não preciso dizer-lhes o que acontecerá se descobrirem que estiveram brigando por causa de um ataque.

Os rapazes se apressaram em partir antes que Tarneg mudasse de idéia, mas afastaram-se em dois grupos, um com Cluve, o outro com Dalen. Tarneg tomou conta de quem ia com quem. Depois, os três continuaram voltando para a Reunião.

- Se não se importa, Tarneg, há uma coisa que eu gostaria de saber - disse Jondalar, - Por que deixa que o Conselho de Irmãos decida sobre o que fazer com os rapazes? Eles não contariam nada, realmente, ao Conselho de Irmãs? - As Irmãs não toleram brigas, e não ouvirão desculpa alguma, mas muitos dos Irmãos tomaram parte em ataques quando eram jovens, ou em uma luta ou duas, só para terem um pouco de excitação. Você nunca brigou com alguém quando não devia fazer isso, Jondalar? - Ora, sim, acho que sim. E também fui apanhado.

- Os Irmãos são mais tolerantes, especialmente em relação a alguém que lutava por uma boa causa, embora Dalen devesse ter contado a alguém sobre o ataque, em vez de brigar para mostrar que não tinha medo. Parece mais fácil para um homem perdoar esse tipo de coisa. As Irmãs dizem que a luta sempre leva a mais luta, e talvez seja verdade, mas Cluve estava certo sobre uma coisa - disse Tarneg. - Druwez é meu irmão. Ele não encorajava a briga, realmente, tentava ajudar seu amigo. Detesto vê-lo ter problemas por isso.

- Já brigou com alguém, Tarneg? - perguntou Danug.

O futuro chefe olhou para seu primo mais jovem por um momento; depois concordou com um gesto de cabeça.

- Uma vez ou duas, porém não muitos homens desejam me desafiar.

Como você, sou maior do que a maioria. Às vezes, essas competições são mais violentas do que as pessoas querem admitir, contudo.

- Eu sei - disse Danug com expressão pensativa.

- Mas, ao menos, eles estão sob a guarda de olhos atentos, que não permitirão que alguém fique gravemente ferido, e não vão mais longe, começando uma briga de vingança. - Tarneg lançou um olhar ao céu.
- É perto de meio-dia, mais tarde do que pensei. É melhor nos apressarmos se queremos ouvir sobre a caçada de mamutes.

Quando Ayla e Talut alcançaram a clareira, ele a conduziu em direção a uma pequena elevação, a um lado, que se prestava, naturalmente, para local de reunião de pequenos grupos e era usada para reuniões casuais e especiais. Uma estava em andamento, e Ayla examinou as pessoas procurando ver Jondalar. Ultimamente, ela só o via assim, de relance. Desde o instante em que chegaram, ele parecia perder-se na multidão, deixando o Acampamento de Tifáceas de manhã cedo, e voltando tarde, se voltava.

Quando ela o via, ele estava em geral com alguma mulher, usualmente, uma diferente de cada vez.

Ela se encontrou fazendo comentários depreciativos a Deegie e alguns outros sobre as muitas parceiras de Jondalar. Ela não era a única. Ouviu Talut comentar que ele se perguntava se Jondalar tentava compensar o inverno inteiro na curta temporada. Suas explorações eram comentadas por muitos dos acampamentos, muitas

vezes com humor e uma espécie de admiração, tanto por sua vitalidade aparente, quanto por sua atração evidente. Não era a primeira vez que sua atração pelas mulheres era motivo de conversa, mas era a primeira vez que ele não se importava, realmente.

Ayla também ria dos comentários, mas na escuridão da noite, continha as lágrimas e perguntava-se o que havia de errado com ela. Por que ele nunca a escolhia? No entanto, havia um estranho consolo em vê-lo com tantas mulheres diferentes. Ao menos, ela sabia que ele não encontrava nenhuma especial para substituí-la.

Ela ignorava que Jondalar se esforçava para ficar longe do Acampamento de Tifáceas o máximo possível. Na acomodação mais íntima da tenda, ele estava muito mais consciente de Ayla e Ranec dormindo juntos - não na mesma cama todas as noites, desde que ela sentia precisar da privacidade de sua própria cama, às vezes, porém, lado a lado. Era bastante fácil permanecer perto da área de trabalhar o sílex durante o dia, e isso levava a convites para conhecer pessoas e dividir refeições. Pela primeira vez desde rapaz, fazia amigos por conta própria, sem a ajuda do irmão, e descobriu que isso não era tão difícil.

As mulheres também lhe davam uma desculpa para ficar longe à noite, se não a noite toda, ao menos até tarde. Ele tinha pouco sentimento verdadeiro por qualquer uma delas, mas sentia-se culpado por usá-las em troca de um lugar para ficar, e fazia isso da melhor maneira que conhecia, o que o tornava mais irresistível ainda. Muitas mulheres haviam tido a experiência, que um homem tão atraente quanto Jondalar se preocupava mais em satisfazer a si próprio do que a elas, mas ele era bastante hábil para fazer qualquer mulher se sentir querida.

Se sente como um irmão, infelizmente isso mancharia a cerimônia.

Era um alívio para ele não ter que lutar contra suas necessidades potentes, assim como tentar enfrentar seus sentimentos confusos, e ele se divertia com as mulheres, porém, da mesma maneira que sempre gostara de mulheres, a um nível superficial. Ele ansiava pelos sentimentos mais profundos que sempre havia procurado, e que mulher alguma havia despertado nele, com exceção de Ayla.

Ayla o viu voltando da mina de sílex do Acampamento do Lobo, juntamente a Tarneg e Danug, e como fazia muitas vezes quando o via, seu coração martelou e sua garganta doeu. Ela viu Tulie aproximar-se dos três homens, e depois a viu afastar-se com Jondalar, enquanto Tarneg e Danug continuavam em direção a eles. Talut acenou, chamando os dois.

- Quero lhe perguntar sobre os costumes de seu povo, Jondalar - disse Tulie quando encontraram um local privado para conversar. - Sei que honram a Mãe, e que isso enaltece você e seus Zela... Zelandonii, mas vocês também têm uma iniciação formal para a feminilidade com compreensão e delicadeza? - Primeiros Ritos? Sim, claro. Como alguém não se importaria com a maneira como uma jovem é possuída pela primeira vez? Nossos rituais não são exatamente iguais aos seus, mas acho que o propósito é o mesmo - disse Jondalar.

- Ótimo. Tenho falado com algumas mulheres, elas o elogiam muito e foi recomendado várias vezes, e isso é importante, porém mais importante é que Latie pediu você. Gostaria de ser uma parte de sua iniciação? Jondalar compreendeu que devia ter sabido o que o esperava. Não que nunca lhe tivessem pedido antes mas, por alguma razão, pensou que ela só queria saber sobre os costumes de seu povo. No passado, ele sempre desejara muito participar e ficava tentado mas, desta vez, hesitou. Ele também havia sentido uma culpa terrível depois, por usar a cerimônia profundamente

sagrada para satisfazer suas necessidades próprias, pelos sentimentos mais profundos que ela provocava. Não estava certo de conseguir controlar os sentimentos confusos agora, principalmente com alguém de quem gostava tanto quanto Latie.

- Tulie, participei de rituais semelhantes, e compreendo a honra que você e Latie me concedem, mas acho que devo recusar. Compreendo que não temos relacionamento verdadeiro, mas vivi com o Acampamento do Leão o inverno inteiro, e naquela época, vim a considerar Latie como uma irmã - disse Jondalar - uma irmã mais nova, especial.

Tulie concordou com um gesto de cabeça.

- É pena, Jondalar. Sob muitos aspectos, você seria perfeito. Você vem de tão longe, não há relacionamento possível entre vocês. Mas com preendo como ela passou a ser como uma irmã.

Vocês não partilharam a mesma fogueira, exatamente, mas Nezzie trata-o com a afeição de um filho, e Latie é uma pessoa com muita esperança. Não há abominação pior aos olhos da Mãe do que um homem iniciar uma mulher nascida de sua própria fogueira.

Estou contente porque me contou isso.

Voltaram juntos em direção às pessoas sentadas e de pé na encosta e onde da se nivelava, dando para a clareira. Jondalar viu Talut conversando e, mais interessante ainda, Ayla de pé ao lado dele com seu arremessador de lanças.

- Vocês viram como Ayla atira a lança longe com este arremessador -dizia Talut - mas gostaria que vissem em melhores circunstâncias, onde poderiam notar, realmente, o que o arremessador pode fazer. Sei que a maioria de nós gosta de usar uma lança maior com as pontas moldadas, que Wymez desenvolveu para caçar mamutes, mas este arremessador possui algumas vantagens reais. Alguns de nós, do Acampamento do

Leão, o experimentamos. Ele arremessa uma lança de bom tamanho, mas é necessário prática, como atirar uma lança com a mão também precisa. A maioria cresce atirando lanças em jogos e caçadas. Estão acostumados a atirar mas, se pudessem ver como funciona bem, estou certo de que muitas pessoas fariam uma tentativa. Ayla diz que planeja usá-lo na caçada de mamutes, e estou certo de que Jondalar o fará também, assim, algumas pessoas verão como funciona. Falamos sobre uma competição, mas ainda não se resolveu nada. Quando voltarmos da caçada, acho que deveríamos organizar uma grande competição, com todos os tipos de provas.

Houve expressões gerais de apoio à sua sugestão, depois Brecie disse: - Acho que uma grande competição é uma boa idéia, Talut. Eu não me importaria de ver dois ou três dias dela. Temos trabalhado em um pau de arremessar. Alguns conseguiram atingir várias aves com um só arremesso. Enquanto isso, acho que devíamos deixar os mamuti decidirem qual o melhor dia para partir, e fazer alguns Chamados para os mamutes. E se não temos mais nada sobre o que falar, preciso voltar ao meu acampamento.

A reunião começou a se dissolver, depois houve uma onda repentina de interesse quando Vincavec entrou na clareira com passos largos, seguido por seu acampamento, a delegação que havia falado em adotar Ayla, e os últimos do Acampamento do Leão, Nezzie e Rydag. As pessoas da delegação começaram a espalhar a notícia de que o chefe-Mamut do Acampamento do Mamute queria pagar qualquer Preço de Noiva que Tulie pedisse por Ayla, apesar do fato de ela já estar prometida.

- Sabe que ele reivindica o direito de chamar seu acampamento como a Fogueira do Mamute, somente porque ele é Mamut - Jondalar ouviu uma mulher dizer a outra, próxima - mas ele não pode reivindicar qualquer

fogueira até estar unido. A mulher traz a fogueira. Ele a quer somente porque ela é filha da Fogueira do Mamute, para tornar o seu, assim chamado, Acampamento do Mamute, aceitável.

Por acaso, Jondalar estava de pé ao lado de Ranec quando ouviu alguém lhe contar. Ficou surpreso por Ler um sentimento de compaixão ao ver a expressão do homem escuro. Ocorreu-lhe que se alguém sabia como Ranec se sentia naquele momento, esse alguém era ele. Mas, ao menos, ele sabia que o homem que convencera Ayla a viver com ele a amava. Parecia óbvio que Vincavec queria Ayla apenas para servir seus propósitos, não porque gostasse dela.

Ayla também havia ouvido trechos de conversa em que se mencionava o seu nome. Ela não gostava de ouvir por acaso. No Clã, ela poderia ter desviado os olhos para não ver os sinais, mas quando a conversa era toda verbal, não podia fechar os ouvidos.

E então, de repente, ela não ouvia ninguém, exceto o tom de vozes provocantes de algumas crianças mais velhas, e a palavra "cabeça-chata".

- Veja aquele animal, vestido como gente - disse um menino, apontando o dedo para Rydag, e rindo.

- Eles vestem os cavalos, por que não um cabeça-chata? - disse outro, com mais risadas.

- Ela afirma que ele é uma pessoa, sabem. Dizem que ele compreende tudo o que você fala, e pode até falar - disse outro jovem.

- Claro, e se ela conseguisse fazer o lobo andar sobre as patas traseiras, também o chamaria de gente, com certeza.

- Talvez deva tomar cuidado com o que diz. Chaleg disse que o cabeça-chata pode fazer o lobo perseguir as pessoas. Ele disse que o cabeça-chata fez o lobo atacá-lo, e vai levar o caso ao Conselho de Irmãos.

- Bem, isso não prova que ele é um animal? Se é capaz de fazer outro animal atacar? - Minha mãe diz que não acha certo trazerem animais para uma Reunião de Verão.

- Meu tio disse que ele não se importa muito com os cavalos, ou o lobo, contando que fiquem afastados, mas acha que deviam ser proibidos de trazer aquele cabeça-chata para reuniões e cerimônias destinadas às pessoas.

- Ei, cabeça-chata! Vamos, saia daqui! Volte para seu bando, com outros animais, onde é o seu lugar.

A princípio. Ayla ficou espantada demais para reagir aos comentários claramente desdenhosos.

Depois viu Rydag fechar os olhos e abaixar a cabeça e começar a voltar para o Acampamento de Tifáceas. Com cólera flamejante, avançou para os jovens.

- O que há com vocês? Como podem chamar Rydag de animal? Estão cegos? - disse com fúria mal reprimida.

Várias pessoas pararam para ver o que ocorria.

- Não percebem que ele compreende tudo o que dizem? Como podem ser tão cruéis? Não se envergonham? - Por que meu filho deveria se envergonhar? - perguntou uma mulher, vindo em defesa do filho.

- Aquele cabeça-chata é um animal, e não devia estar presente em cerimônias que são sagradas para a Mãe.

Outras pessoas se amontoavam ao redor, inclusive a maior parte do Acampamento do Leão.

- Ayla, não dê atenção a eles - disse Nezzie, tentando acalmá-la.

- Animal! Como ousa dizer que ele é um animal? Rydag é tão gente quanto você - gritou Ayla, voltando-se para a mulher - Não tenho que ser insultada assim - disse a mulher. - Não sou mulher cabeça-chata.

- Não, não é! Ela seria mais humana do que você. Teria mais com preensão, mais compaixão.

- Como sabe tanto? - Ninguém melhor do que eu. Eles me aceitaram, me criaram quando perdi minha família e não tinha mais ninguém. Eu teria morrido se não fosse a compaixão de uma mulher do Clã - disse Ayla. - Eu me orgulhava de ser uma mulher do Clã, e uma mãe.

- Não, Ayla, não! - ouviu Jondalar dizer, mas ela não se importava com nada agora.

- Eles são humanos e Rydag também. Eu sei, porque tenho um filho como ele.

- Oh, não! gemeu Jondalar, enquanto abria caminho em direção a ela.

- Ela disse que tem um filho como ele? - falou um homem. Um filho de espíritos mistos? - Receio que tenha falado demais, Ayla - disse Jondalar em voz baixa.

- Ela deu à luz uma aberração? Fique longe dela, é melhor. - Um homem avançou para a mulher que discutira com Ayla. - Se ela atrai esse tipo de espírito para si, talvez penetre também em outras mulheres.

- Tem razão! É melhor se afastar dela também - disse outro homem para a mulher obviamente grávida, de pé ao seu lado, enquanto a levava em bora. Outras pessoas recuavam, as expressões cheias de repugnância e medo.

- Clã? - disse um dos músicos. - Aqueles ritmos que ela tocou, não disse que eram ritmos do Clã? É isso que queria dizer: cabeças-chatas? Quando Ayla olhou ao redor, sentiu um instante de pânico, e uma necessidade de fugir de todas aquelas pessoas que a olhavam com tanto nojo. Depois fechou os olhos e respirou fundo, levantou o queixo, e permaneceu parada, desafiante. Que direito tinham eles de dizer que seu filho não era humano? Com o rabo do olho, viu Jondalar ao seu lado, e ficou mais grata do que poderia expressar.

Então do outro lado, outro homem deu um passo à frente. Ela se virou e sorriu para Mamut, e Ranec

também. Em seguida, Nezzie estava com ela, e Talut, e depois, surpreendentemente, Frebec. Quase como uma só pessoa, o resto do Acampamento do Leão estava ao lado dela.

- Estão enganados - disse Mamut à multidão, com voz que parecia forte demais para vir de um velho. - Os cabeças-chatas não são animais. São gente, e filhos da Grande Mãe, tanto quanto vocês. Eu também vivi com eles por algum tempo, e cacei com eles. Sua curandeira tratou meu braço, e aprendi meu caminho para a Mãe através deles. A Mãe não mistura espíritos, não existem cavalos-lobos, ou leões-veados. As pessoas do Clã são diferentes, mas a diferença é insignificante.

Nenhuma criança como Rydag, ou o filho de Ayla nasceria se não fosse humana também. Não são aberrações, são simplesmente crianças.

Não me importo com o que diz, velho Mamut - falou a mulher grávida. - Não quero um filho cabeça-chata ou misto. Se ela já teve um, esse espírito pode pairar perto dela.

- Mulher, Ayla não é ameaça para você - disse o velho feiticeiro.

- O espírito que foi escolhido para seu filho já está lá. Não pode ser mudado agora. Não foi obra de Ayla dar ao seu bebê o espírito de um homem cabeça-chata, ela não atraiu esse espírito para si.

Foi escolha da Mãe. Deve lembrar que o espírito de um homem jamais permanece longe do próprio homem. Ayla cresceu com o Clã. Tornou-se mulher enquanto vivia com eles. Quando Mut resolveu lhe dar um filho, Ela só poderia escolher entre os homens próximos, e todos eram homens do Clã.

Claro, o espírito de um deles foi escolhido para penetrá-la, mas não vêem nenhum homem do Clã aqui por perto, não é? - Velho Mamut, e se houvesse alguns

homens cabeças-chatas aqui? - gritou uma mulher de entre a multidão.

- Acredito que teriam que ser muito íntimos, até partilhar a mesma fogueira, antes de esse espírito ser escolhido. As pessoas do Clã são humanas, mas existem algumas diferenças. Enquanto, para a Mãe, a vida é melhor do que nenhuma vida, e por isto Ayla recebeu um filho quando desejou um, não é fácil misturar os dois. Com tantos homens Mamutoi por perto, um deles seria escolhido primeiro.

- Isso é o que diz... velho - gritou outra voz - Não tenho certeza de que é verdade. Vou conservar minha mulher longe dela.

- Não é de admirar que ela seja boa com animais, já que cresceu com eles. - Ayla se virou e viu que era Chaleg quem falava.

- Isso significa que sua magia é mais forte do que a nossa? - retrucou Frebec. Houve alguma inquietação na multidão.

- Eu a ouvi dizer que não é mágica. Ela diz que qualquer um pode fazê-lo. - Frebec reconheceu a voz do Mamut do Acampamento de Chaleg.

- Então, por que ninguém o fez antes? - disse Frebec. - Você é Mamut. Se alguém é capaz de fazê-lo, quero vê-lo sair e cavalgar um cavalo. Por que não domina um lobo? Tenho visto Ayla fazer aves descer do céu com seus assobios.

- Por que a defende, Frebec, contra sua família, seu acampamento? - perguntou Chaleg.

Que acampamento é o meu? Aquele que me expulsou. ou o que me aceitou? Minha fogueira é a Fogueira da Garça, meu acampamento é o do Leão. Ayla viveu conosco o inverno todo. Ayla estava presente quando Hectie nasceu, e ela não é mista. A filha da minha fogueira não estaria aqui.

agora, se não fosse Ayla.

Jondalar ouvia Frebec com um nó na garganta. Apesar do que ele dizia, era preciso verdadeira coragem para enfrentar seu próprio primo e parentes do acampamento onde nascera. Jondalar mal podia acreditar que aquele era o mesmo homem que fora tão arruaceiro. No início, ele havia condenado Frebec tão depressa, contudo, quem é que se sentira embaraçado por causa de Ayla? Quem temia o que as pessoas diriam se ela falasse algo sobre sua formação? Quem tinha medo de ser rejeitado por sua família e seu povo, se a defendesse? Frebec lhe havia mostrado que covarde ele era. Frebec, e Ayla.

Quando ele a vira engolir o medo e levantar o queixo para enfrentar todos eles, nunca sentira tanto orgulho de alguém em sua vida. Então, o Acampamento do Leão a apoiou e ele mal podia acreditar.

Aqueles que contavam eram os que se importavam. Jondalar esquecia, enquanto pensava em Ayla e no Acampamento do Leão com admiração e orgulho, que ele fora o primeiro a correr para o lado dela. O Acampamento do Leão voltou para o Acampamento de Tifáceas a fim de discutir a crise inesperada. Uma sugestão inicial de partir imediatamente foi abandonada com rapidez. Afinal, eram Mamutoi, e aquela era a Reunião de Verão. Tylie havia ido buscar Latie para que participasse dos debates, e estivesse preparada para a possibilidade de comentários maldosos dirigidos a ela, a AyLa ou ao Acampamento do Leão. Perguntaram-se se queria retardar os ritos de feminilidade.

Latie defendeu Ayla com veemência, e resolveu que voltaria para o acampamento especial para a cerimônia e ritual, e que alguém experimentasse falar mal de Ayla ou do Acampamento do Leão! Então, Tylie perguntou a Ayla por que ela não mencionara o filho antes. Ayla explicou que não gostava de falar dele porque ainda doía muito e Nezzie deixou claro, rapidamente, que ela

soubera desde o início. Mamut também confessou que sabia sobre o menino. Embora a chefe desejasse ter sabido e se perguntasse por que motivo não lhe contaram, não culpou Ayla. Considerou se teria tido opinião diferente sobre a jovem, se soubesse, e admitiu que talvez não lhe creditasse tanto status ou valor potencial. Então, começou a questionar sua posição. Por que devia fazer diferença? Ayla estava diferente, de algum modo?

Capítulo 34

Rydag estava muito aborrecido e deprimido, e nada que Nezzie dissesse ou fizesse pareceu ajudar.

Ele não quis comer, não quis sair da tenda, não se comunicou, exceto para responder a uma pergunta direta. Permaneceu sentado, apenas, abraçando Lobo. Nezzie ficou grata pela paciência do animal. Ayla resolveu ver se havia algo que pudesse fazer. Encontrou-o sentado com o lobo em seu rolo de dormir, em um canto escuro. Lobo ergueu a cabeça e abanou o rabo contra o solo quando ela apareceu - Posso sentar aqui com você, Rydag? - perguntou ela.

Ele deu de ombros. Ela se acomodou ao seu lado e perguntou como se sentia, falando alto com ele mas, automaticamente, fazendo sinais também, até compreender que, provavelmente, estava escuro demais para ver. Então, lhe ocorreu a verdadeira vantagem de ser capaz de falar com palavras. Não se tratava de não poder falar tão bem com gestos e sinais manuais, mas sim de que você não se limitava a falar somente quando podia ver.

Era como a diferença entre investir com a lança ao caçar, como o Clã fazia, ou atirá-la. Ambas eram formas eficazes de trazer carne para casa, porém uma tinha maiores possibilidades e alcance.

Ela havia visto como sinais e gestos podiam ser úteis, embora não compreendidos por todos, principalmente para comunicação secreta e particular, mas normalmente havia maior vantagem em se comunicar com palavras que podiam ser ouvidas e compreendidas. Com uma linguagem verbal total, você podia falar com uma pessoa que se encontrasse atrás de uma barreira, ou em um recinto diferente, ou até gritar

através de uma distância, ou para um grande grupo. Você podia falar quando alguém estava de costas, ou quando você segurava alguma coisa nas mãos, o que as liberava para outras finalidades, e você podia falar suavemente no escuro.

Ayla se sentou em silêncio com o menino, durante algum tempo, sem fazer perguntas, apenas oferecendo companhia e proximidade. Um pouco depois, começou a lhe falar, contando a Rydag sobre a época em que vivera com o Clã.

- De alguma forma, esta Reunião me lembra a Reunião de Clãs - disse Ayla. - Aqui, mesmo se pareço com todo mundo, sinto-me diferente. Lá, eu era diferente... mais alta do que qualquer dos homens... somente uma grande mulher feia. Foi horrível quando chegamos lá pela primeira vez.

Quase não deixaram o clã de Brun ficar quando me levaram. Disseram que eu não era Clã, mas Creb insistiu em que eu o era. Ele era Mog-ur, e não ousaram discutir com ele. Foi bom que Durc era apenas um bebê. Quando o viram, pensaram que era deformado. Era apenas uma mistura, como você. Ou talvez você seja mais como Ura. Sua mãe era Clã.

- Você disse antes que Ura se unirá com Durc? - perguntou Rydag, virando-se para a luz do fogo para fazer com que ela visse seus sinais. Ele estava intrigado, embora contra a vontade.

- Disse. Sua mãe me procurou, e foi arranjado. Ela ficou tão aliviada em saber que havia outra criança, um menino, como sua filha! Tinha tanto medo que Ura jamais encontrasse um companheiro. Para ser sincera, eu não pensava muito nisso. Fiquei apenas grata por terem aceito Durc no Clã.

- Durc é Clã? É misto, mas é Clã? - o garoto fez sinais.

- Sim, Bruno aceitou, Creb lhe deu o nome. Nem sequer Broud pode tirar isso dele E todos o amam... exceto Broud... até Oga, companheira de Broud. Ela o amamentou quando perdi meu leite, juntamente com o seu filho, Ores Cresceram juntos como irmãos, e são bons amigos. O velho Grod fez uma pequena lança para Durc, exatamente do seu tamanho. - Ayla sorriu ao recordar. - Uba o ama muito, mais que todos. Uba é minha irmã, como você e Rugie. Ela é mãe de Durc, agora. Eu o dei a Uba quando Broud me fez partir. Talvez pareça um pouco diferente, mas sim, Durc é Clã.

- Odeio este lugar - disse Rydag com um gesto veemente de raiva.

- Gostaria de ser Durc e viver com o Clã.

O comentário de Rydag surpreendeu Ayla. Mesmo depois de conversarem mais e de ela convencê-lo a comer alguma coisa, afinal, e depois colocá-lo na cama, a frase permaneceu em sua mente.

Ranec observou Ayla a noite toda. Notou como ela parava no meio de alguma atividade, enquanto seus olhos cintilavam com expressão distante enquanto levava um pedaço de alimento à boca, por exemplo, ou uma ruga de concentração vincava-lhe a testa. Ele sabia que seus pensamentos pesavam muito na mente dela, e queria muito consolá-la, partilhá-los com ela.

Todos ficaram no Acampamento de Tifáceas naquela noite e a tenda estava apinhada. Ranec esperou Ayla até ela, afinal, começar a escorregar para seu rolo de pele, depois foi rapidamente para as dele.

- Quer dividir minhas peles esta noite, Ayla? - Ranec a viu fechar os olhos e franzir atesta. - Não digo para prazeres - acrescentou ele, de pressa - amenos que você queira. Eu sei que foi um dia difícil para você...

- Acho que foi mais difícil para o Acampamento do Leão.

- Creio que não foi mais difícil, mas isso não importa. Quero apenas lhe dar alguma coisa, Ayla.

Minhas peles para mantê-la aquecida, meu amor para confortá-la. Quero estar perto de você esta noite.

Ela concordou com um gesto de cabeça, e escorregou para as peles de Ranec com ele, mas não conseguiu dormir, nem sequer descansar confortavelmente, e ele estava consciente disso.

- Ayla, o que a perturba? Gostaria de falar a respeito? - disse Ranec.

- Tenho pensado em Rydag e meu filho, mas não sei se posso falar sobre isso. Preciso apenas pensar.

- Você preferia estar em sua cama, não é? - disse ele, afinal.

- Sei que quer ajudar, Ranec, e isso ajuda mais em si mesmo do que posso dizer. Não sei lhe dizer o quanto significou para mim quando o vi ali, de pé a meu lado. Sou muito grata ao Acampamento do Leão também. Todos têm sido bons comigo, tão maravilhosos comigo, quase em demasia.

Aprendi tanto com eles e fiquei tão orgulhosa em ser Mamutoi, em dizer que eles são meu povo! Pensei que todos os Outros... aqueles que eu costumava chamar de Outros... eram iguais ao Acampamento do Leão, mas agora sei que isso não é verdade. Como o Clã, a maioria das pessoas é boa, porém, nem todas, e mesmo as pessoas boas não o são em relação a tudo. Eu tinha algumas idéias e... eu fazia planos... mas, agora, preciso pensar.

- E pensa melhor em sua própria cama, não encolhida aqui comigo. Vá, Ayla, ainda continuará ao meu lado - disse Ranec.

Ranec não era o único que andara observando Ayla e, quando Jondalar a viu sair das peles de dormir de Ranec e ir para as suas, teve uma série estranha de sentimentos diversos. Ficou aliviado porque não teria

que apertar os dentes ao ouvir os sons deles partilhando prazeres, mas sentiu uma ponta de pena de Ranec. Se estivesse no lugar do escultor, queria conservar Ayla, e consolá-la, tentar assumir parte de seu sofrimento. Teria ficado magoado se ela houvesse deixado sua cama para dormir sozinha.

Depois de Ranec adormecer e uma imobilidade profunda descer sobre o acampamento, Ayla se levantou em silêncio, enfiou uma parka leve para se proteger do frio da noite e saiu para a noite estrelada. Em um instante, Lobo estava ao seu lado. Caminharam em direção ao alpendre e foram bem recebidos por um relincho de Racer e um bufo suave de Whinney. Depois de afagar e coçar os animais, e de palavras calmas, Ayla colocou os braços ao redor do pescoço de Whinney e recostou-se nela.

Quantas vezes, a égua cor de feno havia sido sua amiga quando ela precisara de uma? Ayla sorriu.

O que o Clã pensaria de seus amigos? Dois cavalos e um lobo! Ficou grata pela presença deles, por sua companhia. mas havia ainda um vazio nela. Faltava alguém, aquele que ela mais queria. No entanto, ele estivera lá. Mesmo antes do Acampamento do Leão apoiá-la. Ela nem sequer soubera de onde ele tinha vindo. De repente, Jondalar estava ali, ao lado dela, enfrentando todos eles.

Contra sua repugnância, seu nojo. Havia sido terrível, pior do que a Reunião de Clãs. Não se tratava apenas de ela ser diferente. Eles a temiam, a odiavam. Fora isto que ele havia tentado lhe dizer, o tempo todo. Mas, mesmo se ela soubesse, não teria feito diferença. Não poderia deixá-los atacar Rydag ou denegrir seu filho.

Da abertura da tenda, outro par de olhos a observava. Jondalar tam pouco pudera dormir. Ele a tinha visto levantar-se e seguiu-a em silêncio. Quantas

vezes ele a vira assim com Whinney? Estava feliz por ela ter os animais para procurar, mas ansiava estar no lugar da égua. Mas era tarde de mais. Ela não o queria e ele não podia culpá-la. Com uma compreensão súbita, ele viu através da sua confusão emocional, viu suas ações com nova clareza, e compreendeu que ele mesmo o fizera.

No início, ele não estava apenas sendo "justo" e deixando-a fazer sua própria escolha. Ele se afastara dela, por puro ciúme. Estava magoado e queria vingar-se.

Havia mais que isso, confesse, Jondalar, falou consigo mesmo. Você estava magoado, mas sabia como ela fora criada. Ela nem sequer com preendeu o seu ciúme. Quando foi para a cama de Ranec naquela noite, estava sendo apenas uma "boa mulher do Clã". Este era o verdadeiro problema, sua experiência no Clã. Você se envergonhava dela. Envergonhava-se por amá-la, temendo ter que enfrentar o que ela enfrentou hoje. Não sabia se poderia defendê-la. Não importa quanto tenha dito que a amava, você temia se voltar contra ela, também. Bem, não existe vergonha em amá-la, a vergonha está em sua própria covardia. E agora é tarde demais. Ela não precisou de você. Ela se defendeu, e depois todo o Acampamento do Leão ficou ao seu lado. Ela não precisa de você, de modo algum, e você não a merece.

Finalmente, o frio fez Ayla voltar para a tenda. Lançou um olhar ao local de dormir de Jondalar quando entrou. Ele estava virado de lado, voltado para a direção oposta. Ela escorregou para a cama e sentiu a mão pesada, adormecida, tocar a sua. Ranec a amava, ela sabia disso. E ela o amava também, à sua maneira. Jazeu imóvel, e ouviu a respiração regular de Ranec. Um pouco depois, ele se virou para o lado oposto e a mão se foi.

Ayla tentou dormir, mas não podia parar de pensar. Quisera ir buscar Durc para trazê-lo para o Acampamento do Leão a fim de viver com ela. Agora, perguntava-se se isso seria o melhor para ele. Será que Durc seria mais feliz ali com ela, do que vivendo com o Clã? Poderia ele ser feliz vivendo com gente que o odiaria? Que o chamaria de cabeça-chata e, pior, uma aberração parcialmente animal? Com o Clã ele era conhecido, amado, era um deles. Talvez Broud o odiasse mas, mesmo na Reunião de Clãs, ele teria amigos. Era aceito, poderia participar das competições e cerimônias - será que Durc tinha as lembranças do Clã? perguntou-se.

Se ela não podia tirá-lo de lá, seria capaz de voltar a viver com o Clã? Agora que encontrara pessoas como ela mesma, poderia aceitar novamente os hábitos do Clã? Jamais lhe permitiriam manter animais. Desejaria ela desistir de Whinney e Racer, e Lobo e ser apenas a mãe de Durc? Durc precisa de uma mãe? Ele era um bebê quando parti, porém, não é mais um bebê agora. Brun deve estar lhe ensinando a caçar, agora.

Provavelmente, ele já fez suas pequenas caçadas agora, e trouxe a caça para mostrar a Uba. Ayla sorriu consigo mesma diante da cena que suscitava. Uba iria elogiá-lo muito e lhe dizer que caçador valente e forte ele era.

Durc tem uma mãe!, compreendeu ela. Uba é sua mãe. Uba o criou, cuidou dele, tratou de seus pequenos arranhões e cortes. Como posso tirá-lo dela? Quem tomará conta de Uba quando envelhecer? Mesmo quando ele era um bebê, as outras mulheres do Clã foram mais mãe para ele do que eu, depois que perdi meu leite.

Como posso voltar apegá-lo, de qualquer modo? Estou amaldiçoada. Para o Clã, estou morta! Se Durc me visse, eu apenas o assustaria, e a todos os outros.

Mesmo se não existisse maldição de morte sobre mim, será que ele ficaria feliz em me ver? Será que se lembraria de mim? Ele era pouco mais que um bebê quando parti. Agora, está na Reunião de Clãs e conheceu Ura.

Ainda é jovem, mas deve estar pensando na época em que se unirão. Planeja fazer uma fogueira - exatamente como eu, pensou ela. Mesmo se eu pudesse convencê-lo de que não sou um espírito, Durc teria que trazer Uba com ele, e Um seria infeliz aqui. Já será bastante difícil para ela deixar seu clã, mas mudar para um mundo em que nada lhe é familiar seria muito pior. Especialmente, um mundo onde seria odiada e incompreendida.

E se eu voltasse para o vale? E depois trouxesse Dure e Ura para viver lá? Mas Durc precisa de gente... e eu também. Não quero viver sozinha, por que Durc deveria querer viver sozinho em um vale comigo? Tenho pensado em mim, não em Durc. Não seria melhor para ele vir para cá. Não o faria feliz.

Somente me faria feliz. Mas não sou mais a mãe de Durc. Uba é a mãe dele. Não sou para ele mais que uma lembrança de uma mãe que morreu, e talvez seja melhor assim. O Clã é o seu mundo e, quer eu queira ou não, este é o meu mundo. Não posso voltar ao Clã; Durc não pode vir para cá.

Não existe lugar no mundo onde meu filho e eu possamos viver juntos, e ser felizes Ayla acordou cedo na manhã seguinte. Mesmo depois de ter finalmente adormecido, não dormiu bem. Acordou muitas vezes de sonhos de tremores de terra e cavernas destruídas, e se sentiu inquieta e deprimida. Ajudou Nezzie a esquentar a água para a sopa e a moer grãos para uma refeição matinal, e ficou contente pela oportunidade de conversar com ela.

- Sinto-me muito mal por causa de toda a encrenca que causei, Nezzie. Todo o Acampamento do Leão está sendo desprezado por minha causa - disse ela.

- Não diga isso! Não é culpa sua, Ayla. Tínhamos uma opção e a fizemos. Você apenas defendia Rydag e ele também é membro do Acampamento do Leão, ao menos para nós.

- Todo este problema me fez compreender uma coisa - continuou Ayla. - Desde que deixei o Clã, sempre pensei em voltar, um dia, para buscar meu filho. Agora, sei que não poderei. Nunca.

Não posso trazê-lo para cá e não posso voltar para lá. Mas saber que nunca mais o verei faz-me sentir como se acabasse de perdê-lo, novamente. Gostaria de poder chorar, lamentar-me por ele, pranteá-lo, mas sinto-me seca e vazia.

Nezzie tirava os talos das amoras frescas colhidas na véspera. Parou e lançou um olhar sensato a Ayla.

- Todos sofrem desapontamentos na vida. Todos perdem seres amados. Às vezes acontecem verdadeiras tragédias. Você perdeu sua gente quando era criança. Foi uma tragédia, mas não havia nada que você pudesse fazer. É pior se culpar a si mesma. Wymez vive todos os dias de sua vida culpando-se pela morte da mulher amada. Acho que Jondalar se culpa pela morte do irmão. Você perdeu um filho. É difícil para uma mãe perder um filho, mas você possui alguma coisa. Sabe que, provavelmente, ele ainda vive. Rydag perdeu a mãe... um dia eu o perderei.

Ayla saiu depois da refeição matinal. A maioria das pessoas estava perto do Acampamento de Tifáceas. Ela olhou para o centro da Reunião, depois para o Acampamento de Lanços, a moradia recém-armada do Acampamento do Mamute. Ficou surpresa ao ver Avarie olhando para ela.

Perguntou-se o que achavam, hoje, de ter armado o acampamento tão perto do Acampamento do Leão.

Avarie se dirigiu à tenda que o irmão havia designado como a Fogueira do Mamute, arranhou o couro, depois, sem esperar resposta, entrou. Vincavec havia espalhado seu rolo de pele de dormir de maneira que ocupava quase metade do espaço, no chão. No meio, havia uma espécie de almofada, uma pele decorada esticada sobre uma armação de osso de mamute, que tinha sido atada com couro cru. Ele estava sentado em suas peles, descansando na almofada.

- Os sentimentos são confusos - disse ela sem preâmbulo.

- Posso imaginar - replicou Vincavec. - O Acampamento do Leão trabalhou arduamente conosco para construir a moradia. Quando partiram, todos se sentiam mais amistosos em relação a eles. E Ayla era fascinante com os cavalos e o lobo... e inspirava um pouco de medo. Mas agora, se devemos acreditar nos antigos costumes e histórias, o Acampamento do Leão está abrigando uma abominação, uma mulher de maldade incontrolável, que atrai espíritos de animais cabeças-chatas para si, como um fogo atrai as mariposas à noite, e os espalha perto das outras mulheres, O que acha, Avarie? - Não sei, Vincavec. Gosto de Ayla e não me parece uma pessoa má. O menino tampouco parece um animal. Ele é apenas fraco e incapaz de falar, mas acredito que compreende. Talvez seja humano, e talvez os outros cabeças-chatas também o sejam. Talvez o velho Mamut tenha razão. A Mãe apenas escolheu um espírito dos únicos homens próximos a Ayla quando Ela lhe deu um filho.

Eu não sabia que ela viveu com um bando de cabeças-chatas antes, contudo, ou que o velho sabia disso.

- Aquele velho já viveu tantos anos que esqueceu mais coisas do que um punhado de jovens já aprendeu, e ele tem razão, geralmente. Tenho uma impressão sobre isto, Avarie. Creio que não terá efeitos perniciosos duradouros. Há alguma coisa em Ayla que me faz pensar que a Mãe zela por ela. Creio que ela pode sair disto mais forte do que era antes. Vamos saber o que o Acampamento do Mamute pensa sobre estar localizado ao lado do Acampamento do Leão.

- Onde está Tulie? - indagou Fralie, olhando ao redor da tenda.

- Ela voltou ao Acampamento da Feminilidade com Latie - respondeu Nezzie. - Por quê? - Lembra-se daquele acampamento que se ofereceu para adotar Ayla exatamente antes da chegada do Acampamento do Mamute? Ayla olhou para Fralie interrogativamente.

- Sim - disse Nezzie. - Aquele que Tulie achou que não possuía o bastante para oferecer.

- Estão lá fora perguntando por Tulie de novo.

- Verei o que querem - disse Nezzie.

Ayla esperou no interior, não querendo realmente enfrentá-lo, se não fosse necessário. Alguns momentos depois, Nezzie voltou.

- Ainda querem adotá-la, Ayla - disse ela. - A chefe daquele acampamento tem quatro filhos.

Querem você como irmã. Ela disse que se você já teve um filho, é prova de que poderá ter outros.

Aumentaram sua proposta. Talvez você deva sair e dar-lhes as boas-vindas, em nome da Mãe.

Tulie e Latie caminharam com passos largos e determinados, pelo acampamento, lado a lado, olhando diretamente à frente, ignorando os olhares fixos curiosos das pessoas por quem passavam.

- Tulie! Latie! Esperem um momento - gritou Brecie, apressando-se para alcançá-las. - Estávamos nos preparando para lhe enviar um corredor, Tulie.

Gostaríamos de convidá-los para partilhar uma refeição conosco esta noite no Acampamento do Salgueiro.

- Obrigada, Brecie. Aprecio seu convite. Claro que iremos. Eu devia saber que podia contar com vocês.

- Somos amigas há tanto tempo, Tulie. Às vezes, histórias antigas merecem crédito somente porque são antigas. O bebê de Fralie me parece muito bem.

- E nasceu cedo demais. Bectie não viveria se não fosse Ayla - disse Latie, defendendo depressa sua amiga.

- Eu me perguntei de onde ela viera, contudo. Todos pensavam que tinha vindo com Jondalar.

Ambos são altos e louros, mas eu sabia que não. Lembro-me quando tiramos Jondalar e o irmão do charco perto do mar Heran. Ela não estava com eles na época, e eu sabia que seu sotaque não era Mamutoi, nem tampouco dos Sungaea. Mas ainda continuo ignorando como ela domina os cavalos e o lobo.

Tulie se sentia muito melhor quando continuaram em direção ao centro da depressão, e das habitações de terra do Acampamento do Lobo.

- Quantas são, com esta? - perguntou Tarneq a Barzec, quando outra delegação se afastava.

- Quase metade dos acampamentos tomou alguma atitude de reconciliação - disse Barzec. - Posso pensar em mais um ou dois que talvez ainda se resolvam unir a nós.

- Mas isso ainda deixa de lado metade dos acampamentos - disse Talut. - E alguns estão discutindo bastante, argumentando contra nós e chegando a dizer que devíamos ir embora.

Sim, mas veja quem são, e Chaleg é o único que ouvi falar que diz que devemos partir - disse Tarneq.

- Mas são Mamutoi também - falou Nezzie - e até sementes carregadas por maus ventos são capazes de germinar.

- Não gosto desta divisão - disse Talut. - Há muitas pessoas boas de ambos os lados. Gostaria de poder pensar numa maneira de dar um jeito nas coisas.

- Ayla também se sente muito mal. Diz que está causando problemas para o Acampamento do Leão. Viu a expressão em seu rosto quando os jovens que brigavam começaram a chamá-la de "mulher-animal"? - Quer dizer, aqueles que pegamos perto do...? - começou a perguntar Danug, mas Tarneg o interrompeu depressa.

- Ela fala do irmão e da irmã que Ayla e Deegie pegaram brigando.

- Danug teria que tomar cuidado. Quase esquecera e mencionara a briga dos rapazes, pensou Tarneg.

Nunca vi Rydag tão preocupado - continuou Nezzie.
- Todos os anos as Reuniões têm sido difíceis para ele, cada vez mais difíceis. Ele não gosta da maneira como as pessoas o tratam, mas desta vez está pior... talvez porque seja tão melhor para ele, agora, no Acampamento do Leão.

Infelizmente, tudo isto não é bom para ele, mas não sei o que fazer. Até Ayla está preocupada, e isso me preocupa mais.

- Onde está Ayla, agora? - perguntou Danug.

- Lá fora, com os cavalos - disse Nezzie.

Acho que ela devia encarar como elogio quando a chamam de "mulher-animal". Devem admitir, ela é boa com animais - disse Barzec.

- Algumas pessoas acham, até, que ela é capaz de falar com os seus espíritos do outro mundo.

Alguns dos outros dizem que isso só prova que ela viveu com animais - lembrou-lhe Tarneg. - E a acusam de atrair diferentes tipos de espíritos que não são tão bem-vindos.

- Ayla diz ainda que qualquer pessoa pode tornar os animais amistosos - falou Talut.

- Ela tenta diminuir seu valor - falou Barzec. - Talvez, por isso, alguns dos outros não dão tanta importância ao seu dom. As pessoas estão mais acostumadas com alguém como Vincavec, alguém que lhes diz como ele próprio é maravilhoso.

Nezzíe olhou para o homem de Tulie, e se perguntou por que ele parecia não gostar muito de Vincavec. O Acampamento do Mamute fora um dos primeiros a ficar do lado deles. - Talvez esteja certo, Barzec - disse Tarneg. - É estranho como nos acostumamos facilmente com animais por perto, quando se comportam tão bem. Não parecem anormais. São como qualquer outro animal, exceto que você pode se aproximar deles e tocá-los. Mas quando se pensa a respeito, está além da razão. Por que o lobo obedeceria a um sinal de uma criança fraca que ele poderia destruir facilmente? Por que os cavalos permitem que alguém os monte e os cavalgue? E o que faria uma pessoa se quer pensar em tentar? - Eu não ficaria surpreso se Latie tentasse, um dia - disse Talut.

- Ela o fará, antes que qualquer outra pessoa - disse Danug. - Viram Latie quando esteve aqui? O primeiro lugar onde foi: o local dos cavalos. Ela sentiu mais falta deles do que qualquer pessoa.

Acho que ela está apaixonada por aqueles cavalos.

Jondalar estivera ouvindo sem fazer qualquer comentário. A situação que Ayla provocara para si mesma, ao admitir seu passado, era dolorosa e degradante, mas, de muitas formas não havia sido tão terrível quanto ele imaginava. Ficou surpreso que ela não houvesse sido mais completamente denunciada. Ele esperara que ela fosse difamada, expulsada, totalmente exilada. O tabu era pior entre o seu povo, ou será que ele apenas imaginava que fosse? Quando o Acampamento do Leão tomou o partido de Ayla, ele achou que eram uma rara exceção, que perdoavam talvez por causa de Rydag.

De pois, quando Vincavec e Avarie, do Acampamento do Mamute, vieram oferecer apoio, e quando mais e mais acampamentos voluntariamente vieram apoiar o Acampamento do Leão, ele foi obrigado a examinar suas próprias crenças.

Jondalar era um homem material. Compreendia conceitos como amor, compaixão, cólera, com uma empatia baseada em seus próprios sentimentos, embora não pudesse expressá-los bem. Era capaz de discutir filosofias intangíveis e temas espirituais com inteligência, mas não era sua paixão, e aceitava suas posições na sociedade sem desconfianças profundas. Mas Ayla havia enfrentado a multidão com tal dignidade e força superior, que o respeito por ela cresceu muito. Isso deu a Jondalar um insight raro.

Ele começou a compreender que somente porque algumas pessoas achavam que um determinado comportamento era errado, isto não fazia que fosse. Uma pessoa podia resistir à crença popular e apoiar princípios pessoais, e embora pudessem haver conseqüências, nem tudo estaria necessariamente perdido. Na verdade, uma coisa importante podia ser conquistada, mesmo que apenas dentro de si próprio. Ayla não foi expulsa do acampamento que a havia adotado tão recentemente. Metade deles queria aceitá-la, e acreditava que ela era uma mulher de raro talento e coragem.

A outra metade pensava de forma diferente, mas nem sempre pelas mesmas razões. Alguns viam o incidente como uma chance para ganhar influência e status, opondo-se ao poderoso Acampamento do Leão num momento em que sua posição estava ameaçada. Outros estavam genuinamente indignados por uma mulher tão depravada poder viver entre eles. Em sua opinião ela personificava o mal, ainda mais porque não parecia maldosa. Era como qualquer outra mulher, mais

atraente que a maioria, mas os havia enganado com um truque de dominar os animais, que devia ter aprendido quando vivera com as abominações bestiais cabeças-chatas, que chegaram até a enganar algumas pessoas, levando-as a pensar que eles eram humanos.

Muitos tinham medo dela. Por confissão própria, ela havia dado à luz um daqueles reles animais pela metade, e agora ameaçava todas as mulheres da Reunião de Verão. Não importava o que dizia o velho Mamut, todos sabiam que alguns espíritos masculinos eram atraídos, consistentemente, para a mesma mulher. O Acampamento do Leão permitira que Nezzie conservasse aquela criança-animal, e agora, o que tinham eles! Mais animais, e uma aberração de mulher que havia sido, provavelmente, atraída para o menino. Todo o Acampamento do Leão devia ser banido.

Os Mamutoi eram um povo inteiramente unido. Quase todos podiam contar ao menos um parente ou amigo em todo acampamento. Mas, agora, a estrutura de suas vidas ameaçava ser dilacerada, e muitas pessoas, inclusive Talut, estavam bastante infelizes. Os Conselhos se reuniram, mas acabaram por questionar a disputa. Esta era uma situação sem precedentes, e eles não tinham meios ou estratégias para resolvê-la.

O brilhante sol da tarde fez pouco para mudar o humor sombrio do acampamento. Conduzindo Whinney pela trilha em direção ao Acampamento de Tifáceas, Ayla notou o local onde terra vermelho-ocre havia sido escavada do solo e lembrou-se de sua visita ao recinto de música.

Embora ainda ensiassem, e planejassem uma grande comemoração depois da caçada de mamutes, não havia a mesma sensação de expectativa e excitação. Até a felicidade que Deegie sentiu por seu Matrimônio, e Latie por sua ascensão à condição de mulher, estava

abafada pelas disputas que ameaçavam romper toda a Reunião de Verão.

Ayla falou em partir, mas Nezzie lhe disse que isto não resolveria nada.

Ela não havia causado problema. Sua presença apenas trouxera à tona uma diferença básica e profunda entre as duas facções. Nezzie disse que o problema se formava desde que ela acolhera Rydag. Muitas pessoas ainda desaprovavam o fato de ele ter permissão para viver com eles.

Ayla se preocupava com Rydag. Ele sorria raras vezes e ela notou a ausência de seu estado de espírito amável. Ele não tinha apetite, e ela achava que ele não dormia bem. Ele parecia gostar de ouvir sua fala sobre a vida com o Clã, mas poucas vezes tomava parte em conversas.

Ela acomodou Whinney no alpendre e viu Jondalar no prado amplo, relvoso, cavalgando Racer em direção ao passo do rio, abaixo. Última mente, ele parecia diferente. Não tão distante, mas triste.

Num impulso, Ayla resolveu dirigir-se à clareira, no centro do acampamento e ver que atividades aconteciam. O Acampamento do Lobo insistia em que, desde que eram os anfitriões da Reunião, não podiam tomar partidos, mas ela acreditava que eles apoiavam a posição do Acampamento do Leão. Ela não ia se esconder. Não era uma "abominação", o Clã era seu povo, e da mesma forma, Rydag e seu filho. Ela queria fazer alguma coisa, mostrar-se. Talvez visitar a Fogueira do Mamute, ou o recinto de Música, ou falar com Latie.

Partiu com passos determinados, balançando a cabeça para quem a cumprimentava, ignorando quem não o fazia e, quando se aproximou do recinto de Música, viu Deegie saindo.

- Ayla! Você é exatamente a pessoa que eu queria ver. Vai a algum lugar especial? - Acabei de resolver sair

do Acampamento do Leão.

- Ótimo! Eu ia visitar Tricie, e ver o seu bebê. Estou para visitá-la há tempos, mas ela nunca está quando vou lá. Kylie acabou de me dizer que ela está lá, agora. Quer vir comigo? - Quero.

Caminharam em direção à moradia da chefe.

- Viemos visitar Tricie - explicou Deegie à entrada - e ver o seu bebê.

- Entrem - disse Tricie. - Acabei de colocá-lo para dormir, mas creio que ainda está acordado.

Ayla ficou distante enquanto Deegie pegava o bebê ao colo e lhe falava amorosamente.

- Não quer vê-lo, Ayla? - perguntou Tricie, afinal. Era quase um desafio.

- Sim, quero.

Ela tirou o bebê do colo de Deegie e o examinou com cuidado. A pele era tão branca que chegava quase a ser translúcida, e os olhos de um azul tão claro que eram quase incolores, O cabelo era de um tom ruivo alaranjado, mas tinha a textura e a ondulação apertada e elástica do de Ranec. O rosto, mais característico ainda, era uma versão infantil da face de Ranec. Ayla notou, sem dúvida alguma, que Ralev era filho de Ranec. Ranec dera origem a ele tão certamente quanto Broud iniciara o crescimento de Durc dentro dela. Não pôde deixar de pensar: quando se unisse a ele, teria um filho como aquele, um dia? Ayla falou com o bebê em seus braços. Ele ergueu os olhos para ela com interesse, como se fascinado, depois sorriu e soltou uma risada suave, deleitada. Ayla o abraçou, fechou os olhos e sentiu a maciez de seu rosto contra o dela, e seu coração se enterneceu.

- Ele não é bonito, Ayla? - disse Deegie.

- Sim, não é bonito? - falou Tricie, o tom de voz mais áspero.

Ayla olhou para a jovem mãe.

- Não, ele não é bonito.

Deegie ficou embasbacada.

- Ninguém poderia dizer que ele é bonito, porém, é o bebê... mais adorável que já vi. Nenhuma mulher no mundo resistiria a ele. Não precisa ser bonito. Há algo especial nele, Tricie. Acho que é muita sorte tê-lo.

O sorriso da mãe se suavizou.

- Acho que é, Ayla. E concordo, ele não é bonito, mas é bom e tão adorável! De repente, surgiu um alvoroço lá fora, com gritos e gemidos. As três jovens correram para a entrada.

- Ó Grande Mãe! Minha filha! Alguém tem que ajudá-la! - gemia uma mulher.

- O que há? Onde está ela? - indagou Deegie.

- Um leão! Um leão a pegou! Lá no prado. Alguém tem que ajudá-la, por favor! Vários homens com lanças já corriam em direção à trilha.

- Um leão? Não, não pode ser! - exclamou Ayla ao começar a correr atrás dos homens.

- Ayla! Aonde vai? - gritou Deegie atrás dela, tentando alcançá-la.

- Pegar a menina - respondeu Ayla, gritando.

Correu na direção da trilha. Uma multidão se encontrava de pé perto do topo, observando os homens com lanças que desciam o caminho. Além deles, claramente à vista na planície aluvial herbácea do outro lado do rio, estava um forte leão da caverna, com uma juba desgrenhada avermelhada, cercando uma menina alta que estava apavorada demais para se mover. Ayla olhou para baixo, examinou o animal com atenção para se certificar, depois correu para o Acampamento do Leão. Lobo saltou sobre ela.

- Rydag! -- chamou. - Venha ficar com Lobo! Tenho que salvar aquela menina. - Quando Rydag saiu da tenda, ela ordenou ao lobo: - Fique aqui! - em tom de voz

muito firme, depois disse ao garoto para não soltar o animal.

Somente então ela assobiou, chamando Whinney.

Saltou sobre a égua e desceu a trilha rapidamente. Os homens com lanças já atravessavam o rio quando ela conduziu Whinney para perto deles. Assim que alcançou solo firme, do outro lado, fez Whinney galopar, dirigindo-se diretamente para o leão e a menina. As pessoas observavam do alto da trilha com espanto e assombro.

- O que ela pensa que pode fazer? - disse alguém, com raiva. - Nem mesmo tem uma lança. A menina não parece ferida até agora, mas correr em direção ao leão com um cavalo poderá incitá-lo.

Será culpa dela se a menina for ferida.

Jondalar ouviu o comentário, assim como várias outras pessoas do Acampamento do Leão, que viraram para ele, interrogativamente. Ele apenas vigiou Ayla, engolindo as dúvidas que cresciam em sua garganta. Não podia ter certeza, mas ela devia ter, ou nunca desceria lá com Whinney.

Quando Ayla e Whinney se acercaram, o grande leão da caverna parou e encarou-a. Havia uma cicatriz no focinho dele, uma cicatriz conhecida. Ela se lembrava de quando ele a conseguira.

- Whinney, é Neném! É Neném, realmente! - gritou ela, enquanto fazia a égua parar e escorregava para o solo.

Correu para o leão, nem sequer pensando que ele podia não se lembrar dela. Aquele era o seu Neném. Ela era sua mãe. Ela o havia criado desde pequenino, cuidado dele, caçado com ele.

Era exatamente daquela intrepidez que ele lembrava. Partiu em direção a ela, enquanto a menina observava com medo. A próxima coisa que Ayla percebeu foi que o leão lhe dera uma rasteira para derrubá-la, e ela passou, então, os braços ao redor de

seu grande pescoço peludo, abraçando-o completamente, enquanto ele passava as patas dianteiras em volta dela, na melhor imitação de um abraço que podia conseguir.

- Oh, Neném, você voltou. Como me encontrou? - gritou ela, enxugando as lágrimas de alegria em sua juba áspera.

Afinal, ela se sentou e sentiu uma língua grossa lambe-la o rosto.

- Pare! - disse ela, sorrindo. - Não me deixará com pele alguma! Ela coçou-o em seus locais prediletos, e um rugido baixo, como um ronco, lhe contou sobre seu prazer. Ele rolou e ficou deitado de costas para que Ayla coçasse sua barriga. Ela viu a garota alta, de cabelo louro com prido, de pé, os olhos arregalados, observando-os - Ele procurava por mim - disse-lhe Ayla. - Acho que se enganou, pensou que você era eu.

Pode ir agora, mas caminhe, não corra.

Ayla coçou a barriga de Neném, e atrás das orelhas, até a menina encontrar os braços abertos de um homem, que a abraçou com alívio evidente, depois levou-a pela trilha acima. O resto estava de pé, segurando as lanças, de prontidão. Entre eles viu Jondalar, com seu arremessador de lanças em posição, e ao lado dele, um homem mais baixo, de pele escura. Talut estava do outro lado de Ranec, e Tulie em seguida.

- Tem que ir, Neném. Não quero que seja ferido. Mesmo sendo o maior leão da caverna da terra, uma lança pode detê-lo - disse Ayla, falando na linguagem especial originária dos sinais e palavras do Clã e de sons de animais. Neném estava familiarizado com os sons e compreendia os sinais. Ele rolou sobre si mesmo e levantou-se. Ayla o abraçou pelo pescoço, e então, não conseguiu resistir. Escorregou a perna sobre o animal e montou-o, segurando a juba avermelhada. Não era a primeira vez.

Ela sentiu músculos fortes, resistentes sob si, depois, com um salto, o leão partiu e, em um instante, alcançou a velocidade total de um leão ao caçar. Embora ela houvesse montado o leão antes, jamais fora capaz de desenvolver qualquer sinal para dirigi-lo. Ele ia para onde queria, mas permitia que ela fosse com ele. Era sempre um passeio excitante e ela o adorava por esse motivo. Segurou-se à juba, enquanto o vento açoitava-lhe o rosto, e ela inspirava o odor forte, desagradável.

Ayla o sentiu virar-se e diminuir a marcha - o leão era um corredor de velocidade; ao contrário do lobo não tinha resistência para distâncias longas - e ela olhou à frente para ver Whinney esperando, pastando pacientemente. A égua relinchou quando se acercaram e sacudiu a cabeça. O cheiro do leão era forte e perturbador, mas a égua havia ajudado a criar aquele animal desde filhote, e à sua maneira, havia sido mãe para ele. Em bora ele estivesse quase tão alto quanto ela, e mais comprido e pesado, a égua não teve medo daquele determinado leão, principalmente quando Ayla estava com ele.

Quando o leão parou, Ayla escorregou para o chão. Abraçou-o e coçou-o de novo. Depois, com um sinal que sugeria atirar uma pedra com uma funda, ela lhe disse para ir embora. As lágrimas rolavam enquanto ela o via afastar-se, o rabo abanando de um lado para o outro. Quando ela ouviu o som distinto de sua voz roncando, respondeu com um soluço. As lágrimas escorreram, toldando-lhe a visão enquanto o grande gato castanho-amarelado, com a juba avermelhada, desaparecia entre o capim alto. Ela sabia, de alguma forma, que jamais tornaria a montá-lo; que jamais veria, de novo, seu filho leão, selvagem e diferente.

Os rugidos continuaram até que, finalmente, o grande leão da caverna, gigantesco se comparado com suas cópias posteriores, soltou um urro vio lento,

retumbante, potente que podia ser ouvido a quilômetros de distância. Estremeceu a própria terra com o seu adeus.

Ayla fez sinal a Whinney, e começou a voltar a pé. Apesar de amar cavalgar a égua, queria lembrar a sensação da última cavalgada selvagem enquanto pudesse.

Jondalar afastou os olhos, afinal, da cena hipnotizadora e reparou nas expressões dos rostos dos outros. Pôde ver que pensavam. Cavalos eram uma coisa, até mesmo um lobo, talvez, mas um leão da caverna? Ele sorriu larga e exultantemente, de orgulho e alívio. Agora, queria ver alguém duvidar das histórias de Ayla.

Os homens começaram a subir a trilha atrás de Ayla, sentindo-se quase tolos ao carregarem lanças que nem tiveram utilidade. As pessoas que observaram a cena, recuaram quando ela se acercou, abrindo caminho para a mulher e a égua, e fixaram-na com terror e incredulidade. Até mesmo o Acampamento do Leão, que havia escutado as suas histórias de Jondalar, e sabia sobre a vida de Ayla no vale, não podia acreditar no que tinha visto.

Capítulo 35

Ayla estivera escolhendo a roupa que levaria na caçada - disseram-lhe que talvez fizesse muito frio à noite. Estariam perto da gigantesca muralha de gelo que era a borda saliente da geleira. Para sua surpresa, Wymez lhe havia trazido várias lanças habilidosamente feitas, e explicava-lhe os méritos da ponta de lança que ele idealizara para caçar mamutes. Era um presente inesperado e, depois de toda a adulação e outros comportamentos estranhos dos Mamutoi, ela não tinha certeza de como responder. Mas ele a deixou à vontade com seu especial sorriso cálido, e lhe disse que estivera planejando aquele presente, desde que ela prometera unir-se ao filho de sua fogueira. Ela lhe perguntou sobre adaptar a ponta de lança para que funcionasse com o arremessador quando Mamut entrou na tenda.

- Os mamuti gostariam de lhe falar. Querem que ajude com o Chamado para trazer os mamutes, Ayla - disse ele. - Pensam que se você falar com o Espírito Mamute, talvez tenhamos muitos.

- Mas eu já lhe disse. Não tenho qualquer poder especial - suplicou Ayla. - Não quero falar com eles.

- Eu sei, Ayla. Expliquei que talvez você tenha um dom de chamadora, mas não está treinada.

Insistem que eu lhe peça. Depois que a viram montar o leão e dizer-lhe para ir embora, estão convencidos de que você teria uma influência forte sobre o Espírito Mamute, treinada ou não.

- Aquele era Neném, Mamut. O leão que criei. Não poderia fazer aquilo com qualquer leão.

- Por que fala daquele leão como se fosse sua mãe? - disse uma voz da entrada. Um vulto robusto estava de pé

ali. - É a mãe dele? - perguntou Lomie, entrando na tenda quando Mamut a chamou com um gesto.

- Acho que de certa forma, sou. Eu o criei desde que era um filhote.

Ele estava ferido, fora pisado em um estouro de boiada e chutado na cabeça. Eu o chamo de Neném porque era apenas um bebê, então, quando o encontrei. Nunca o chamei de qualquer outra coisa. Ele sempre foi apenas Neném, mesmo quando cresceu - explicou Ayla. - Não sei como chamar animais, Lomie.

- Então, por que o leão apareceu, em um momento muito providencial, se você não o chamou? - perguntou Lomie.

- Foi apenas casualidade. Não há nada de misterioso. Provavelmente, ele me seguiu pelo faro, ou sentiu o odor de Whinney, e veio me procurar. Ele costumava voltar para uma visita, às vezes, mesmo depois de encontrar uma companheira e seu bando. Pergunte a Jondalar.

- Se ele não estava sob influência especial, por que não feriu aquela menina? Ela não tinha qualquer relacionamento "maternal" com ele. Ela disse que ele a derrubou, e ela pensou que ele ia devorá-la, mas apenas lambeu-lhe o rosto.

- Acho que a única razão por que ele deteve aquela menina foi porque ela se parece comigo. É alta e tem cabelo louro. Ele cresceu com uma pessoa.

e não com outros leões, ou seja, ele considera as pessoas como sua família.

E sempre costumava dar-me uma rasteira ou derrubar-me quando não me via por algum tempo, se eu não o impedisse. É sua maneira de brincar.

Queria ser abraçado e coçado - explicou Ayla. Notou que a tenda estava cheia de mamuti, enquanto falava.

Wymez recuou, saindo do caminho com um sorriso astuto no rosto. Ela não iria até os Mamuti, assim, eles

vieram até ela, pensou. Franziu a testa quando viu Vincavec se aproximando. Seria duro para Ranec se Ayla decidisse escolher Vincavec. Nunca havia visto o filho de sua fogueira tão aborrecido como quando soubera da proposta de Vincavec. Wymez tinha que admitir que também ficara zangado.

Vincavec observou Ayla enquanto ela respondia às perguntas. Não era vencido facilmente. Afinal, É chefe e Mamut, e conhecedor dos projetos de influência temporal assim como dos aspectos da força sobrenatural. Mas, como os outros mwnuti, foi chamado à Fogueira do Mamute porque sentia ânsia de explorar dimensões mais profundas, descobrir e explicar as razões além das aparências, e podia-se comover diante de um mistério verdadeiramente inexplicável ou demonstração de poder evidente.

Desde seu primeiro encontro, ele sentira um mistério em Ayla que o havia intrigado, e uma característica de força e tranqüilidade, como se já tivesse sido posta à prova. A interpretação de Vincavec foi de que a Mãe a protegia, e que por isto seu problema seria resolvido. Mas ele não tivera indicação dos meios e ficou genuinamente surpreso com o resultado. Sabia que ninguém sonharia em opor-se a ela, agora, ou àqueles que a abrigavam. Nem alguém objetaria em relação ao seu passado, ou ao filho a quem dera à luz certa vez. Seu poder era grande demais. Se ela o usaria para finalidades benéficas ou maléficas era incidental - como o verão e inverno, ou o dia e a noite, eram duas faces da mesma substância - exceto que ninguém queria ganhar sua inimizade.

Se ela podia controlar um leão da caverna, quem sabia do que era capaz? Vincavec, juntamente ao velho Mamut e outros mamuti, tinham sido criados no mesmo meio, educados na mesma cultura, e os padrões de crença que evoluíram para ajustar sua existência

estavam arraigados, eram parte de sua fibra mental e moral.

Suas vidas eram amplamente concebidas para serem predeterminadas, já que possuíam controle sobre elas. A doença atacava sem razão, e em bora pudesse ser tratada, alguns morriam, às vezes, enquanto outros sobreviviam. Acidentes também eram imprevisíveis e, se ocorriam quando a pessoa estava sozinha, em geral eram fatais. Climas severos e padrões de tempo que mudavam constantemente, provocados pela proximidade de maciças geleiras terrestres, podiam causar secas ou enchentes que tinham um efeito imediato sobre o meio natural de que eles dependiam. Um verão muito frio ou com chuva excessiva podia impedir o crescimento das plantas, reduzir as populações animais e mudar os padrões de migração, resultando em miséria para os povos caçadores de mamutes.

A estrutura de seu universo metafísico era paralela a seu mundo físico, e útil em proporcionar respostas para questões insolúveis - questões que podiam causar grande ansiedade sem qualquer explicação razoável e aceitável, baseada em seus preceitos. Mas qualquer estrutura, não importa quão útil, também limita. Os animais do mundo deles perambulavam livremente, as plantas cresciam ao acaso, e as pessoas estavam intimamente familiarizadas com estes padrões. Conheciam o local onde certas plantas se desenvolviam, e compreendiam o comportamento dos animais, mas nunca lhes ocorrera que os padrões podiam ser mudados que animais e plantas e pessoas nascessem com uma capacidade inata de mudança e adaptação. Que realmente, sem ela, não sobreviveriam.

O domínio de Ayla sobre os animais que havia criado não era entendido como natural; ninguém jamais tentara domesticar um animal antes.

Os mamuti, prevendo a necessidade de explicações para aliviar as ansiedades causadas por esta inovação surpreendente, tinham procurado mentalmente a construção teórica de seu mundo metafísico em busca de respostas que satisfizessem. Não era uma simples ação de domesticar animais. Em vez disso, Ayla demonstrou um poder sobrenatural, muito além da imaginação de qualquer pessoa. Seu controle dos animais, parecia óbvio, só podia ser explicado pelo seu acesso a forma original do Espírito e, portanto, à própria Mãe.

Vincavec, como o velho Mamut e o resto dos mamuti, estava convencido agora de que Ayla não era apenas Mamut - Quem Serve a Mãe - tinha que ser mais alguma coisa. Talvez encarnasse alguma presença sobrenatural; poderia até ser a Própria Mut, encarnada. Isto podia ser verdade, principalmente, porque ela não se vangloriava. Mas qualquer que seja o seu poder, ele estava certo de que um destino importante a esperava. Havia uma razão para a sua existência, e ele queria ardentemente ser parte dela. Ela era escolhida pela Grande Mãe Terra.

- Todas as suas explicações têm mérito - disse Lomie, persuasiva, depois que ouviu as objeções de Ayla - mas gostaria de participar da cerimônia do Chamado, mesmo pensando que não tem dom algum? Muitas pessoas, aqui, estão convencidas de que você traria sorte à caçada de mamutes se tomar parte no Chamado, e trazer boa sorte não lhe fará nenhum mal. Os Mamutoi ficariam muito felizes.

Ayla não viu maneira de recusar, mas não estava à vontade com a adulação. Quase odiava atravessar o acampamento agora, e esperava a caçada de mamutes do dia seguinte com grande excitação, e alívio pela chance de poder se afastar por algum tempo.

Ayla acordou e olhou pela extremidade triangular aberta da tenda de viagem. A luz do dia começava a iluminar a parte leste do céu. Ela se levantou em silêncio, esforçando-se para não acordar Ranec ou qualquer outro, e esgueirou-se para fora. O frio úmido do começo da manhã pairava no ar, porém não havia grande quantidade de insetos voadores ainda, e ela ficou grata por isso.

Na noite anterior o ar estivera toldado com eles.

Ela caminhou para a beira de um charco escuro de água estagnada, coberto com limo e pólen; terrenos de procriação de bandos de mosquitos-pólvora, borrachudos, muriçocas e principalmente pernilongos, que se puseram a voar para recebê-los como um redemoinho com zumbido agudo, de fumaça escura. Os insetos tinham penetrado sob as roupas deixando uma trilha de mordidas vermelhas inflamadas, e zunido ao redor dos olhos e sufocado as bocas de caçadores e cavalos.

Os cinquenta homens e mulheres escolhidos para a primeira caçada de mamutes da estação tinham alcançado os desagradáveis, mas inevitáveis pântanos. O solo permanentemente congelado sob a superfície, mais macio agora pelo derretimento da primavera e do verão, não permitia que qualquer escoamento se infiltrasse. O resultado era água estagnada onde o acúmulo de derretimento era maior do que podia ser dissipado pela evaporação. Em qualquer viagem prolongada na estação mais quente, era provável que se encontrassem extensões de umidade acumulada, desde grandes lagos rasos derretidos até pequenas lagoas paradas, que refletiam o céu em movimento para lamaçais pantanosos.

A tarde já terminava e não dera para decidir se tentariam atravessar o pântano ou encontrar um caminho ao seu redor. O acampamento foi armado

rapidamente e fogueiras acesas para deter as hordas voadoras. Na primeira noite da viagem, aqueles que não tinham visto Ayla usar a pedra-de-fogo antes, soltaram as costumeiras exclamações de surpresa e espanto mas, agora, era tido como certo que ela acenderia o fogo. As tendas que usavam eram abrigos simples feitos de vários couros costurados juntos para formar uma cobertura grande. Sua forma dependia dos materiais estruturais que encontravam ou traziam consigo. Uma cabeça de mamute com presas grandes ainda intatas poderia ser usada para sustentar a cobertura de couro, ou a força elástica de um salgueiro-anão podia executar a tarefa, até lanças de mamute serviam também como suportes da tenda, ocasionalmente. Às vezes o couro era usado apenas como uma coberta extra. Desta vez, o couro de cobertura, que era partilhado pelos caçadores do Acampamento do Leão e alguns poucos outros, estava pendurado através de uma viga inclinada, com uma extremidade metida com força no solo e a outra presa a uma forquilha de árvore.

Depois de acamparem, Ayla fez uma excursão ao redor da vegetação densa próxima ao pântano e ficou satisfeita em encontrar pequenas plantas com folhas em forma de mão e de um tom verde-escuro. Escavando o sistema subterrâneo de raízes e rizomas, colheu vários, e ferveu a raiz amarelo-esverdeada de hidraste para preparar um líquido para as gargantas e olhos irritados dos cavalos que curava e repelia os insetos. Quando usou o preparado em sua própria pele mordida por mosquitos, outras pessoas pediram para usar também, e ela acabou tratando as mordidas de insetos de todo o acampamento. Acrescentou mais raiz em pó à gordura, para fazer uma pomada para o dia seguinte. Depois, encontrou um canteiro de pulicária e colheu várias plantas para jogar no fogo, como um impedimento adicional, juntamente à fumaça comum, a fim de ajudar

a manter uma área pequena, perto do fogo, relativamente livre de insetos.

Mas, na umidade fria da manhã, os flagelos voadores repousavam. Ayla estremeceu e esfregou os braços, porém não fez qualquer movimento para voltar a um local mais aquecido. Fitou a água escura, mal notando a invasão gradual de luz do leste, enchendo toda a abóbada celeste, e salientando muito a vegetação emaranhada. Ela sentiu uma pele quente sobre os ombros. Grata, enrolou-se nela e sentiu braços a envolverem pela cintura, por trás.

- Está fria, Ayla. Esteve aqui fora muito tempo - disse Ranec.

- Não consegui dormir.

- O que há de errado? - Não sei, apenas uma sensação de inquietude. Não sei explicar. Ficou perturbada desde a cerimônia do Chamado, não foi? - interrogou Ranec.

- Eu não tinha pensado nisso. Talvez esteja certo.

- Mas não participou, só observou.

Não quis participar, mas não estou segura. Talvez tenha acontecido alguma coisa - disse Ayla.

Imediatamente após a refeição matinal, os caçadores arrumaram a bagagem e retomaram a viagem.

A princípio, tentaram ladear o pântano, mas não parecia haver caminho ao redor dele, sem se fazer um grande desvio. Talut e vários outros líderes da caçada espreitaram a mata densa, pantanosa, coberta por neblina fria, conferenciaram com alguns outros e resolveram, afinal, por um trajeto que parecia oferecer a passagem mais fácil.

O terreno alagado perto da borda logo cedeu lugar a um brejo trêmulo. Muitos caçadores tiraram sua proteção dos pés e entraram descalços na água fria, enlameada. Ayla e Jondalar conduziram os cavalos

nervosos com mais cuidado. Trepadeiras amantes do frio e compridas barbas de líquen cinza-esverdeado pendiam de vidoeiros-anões, salgueiros, e amieiros crescendo tão juntos, que formavam uma selva ártica em miniatura. Era perigoso caminhar. Sem terreno sólido para prender as raízes e dar estabilidade, as árvores cresciam em ângulos improváveis e se espalhavam pelo chão. E os caçadores lutavam para abrir caminho através de troncos caídos, arbustos retorcidos e galhos e raízes parcialmente submersos que armavam laços para pés confiantes. Moitas de caniço e junça pareciam muito mais sólidas do que eram, e musgos e samambaias escondiam charcos de água estagnada e fétida.

O avanço era lento e exaustivo. No meio da manhã quando pararam para descansar, todos suavam e sentiam calor, mesmo à sombra. Recomeçando, Talut se chocou com um galho particularmente firme de amieiro e, tendo uma rara explosão de raiva, golpeou a árvore furiosamente com seu machado maciço. O líquido brilhante cor de laranja, escorrendo dos sulcos na árvore ferida se parecia com sangue, e deu a Ayla uma impressão desagradável de presságio.

Nada foi tão bem-vindo quanto o terreno sólido. Samambaias altas e capins ainda mais altos, mais do que um homem, cresciam na rica ciareira perto do pântano. Eles viraram para leste a fim de evitar terras úmidas que seestendiam para oeste, depois subiram uma elevação que saía da depressão nas planícies cheias de pântanos, e viram a junção de um grande rio com um afluente. Talut, Vincavec e os líderes de alguns dos outros acampamentos pararam para consultar mapas traçados em marfim, e fizeram mais marcas no solo, com facas.

Ao se aproximarem do rio, atravessaram uma floresta de vidoeiros. Não uma floresta com as árvores altas e resistentes de climas mais quentes; os vidoeiros eram mirrados e pequenos por causa das rigorosas

condições periglaciais, no entanto, não deixavam de ser bonitos. Cada árvore, como se moldada e podada de propósito para a apresentação de formas individuais fascinantes, intermináveis, possuía graça distinta, pálida, delicada. Mas os galhos finos, frágeis, oscilantes, eram enganadores. Quando Ayla tentou quebrar um, era duro como tendão e, no vento, malhavam os vegetais competidores levando-os à submissão.

- Estas árvores se chamam "Velhas Mães".

Ayla deu meia-volta e viu Vincavec.

- Acho que é um nome apropriado. Lembrem que nunca se deve fazer juízo falso sobre a força de uma velha. Este é um arvoredo sagrado, as árvores são guardiães dos somuti - disse ele, apontando para o solo.

As pequenas folhas trêmulas, verde-claras de vidoeiro não bloqueavam inteiramente o sol, e desenhos mosqueados de sombra dançavam levemente sobre o solo da floresta com forma de folhas. Então, Ayla notou, brotando do musgo sob certas árvores, os grandes cogumelos vermelhos- vivos com manchas brancas.

- Esses cogumelos, é isso que chamam de somuti? São venenosos, podem matar - disse Ayla.

- Sim, claro, a menos que conheça os segredos para prepará-los. Assim, não serão usados inadequadamente. Somente aqueles que são escolhidos podem explorar o mundos dos somuti.

- Eles têm propriedades medicinais? Não conheço nenhuma - disse ela.

- Não sei, não sou curandeiro. Terá que perguntar a Lomie - disse Vincavec. Então, antes que ela se desse conta, ele havia segurado suas duas mãos e a olhava, ou melhor, penetrava-a, sentiu ela. - Por que lutou comigo na cerimônia do Chamado, Ayla? Eu havia preparado o caminho para você para o mundo secreto, mas você resistiu a mim.

Ayla teve uma estranha sensação de conflito interior, de dois caminhos atraindo-a. A voz de Vincavec era afetuosa e dominadora, e ela sentiu um grande desejo de perder-se nas profundezas escuras de seus olhos, de flutuar nas frias poças escuras, de ceder a qualquer coisa que ele quisesse. Mas também sentiu uma necessidade esmagadora de se afastar, de manter-se distante e conservar sua própria identidade. Com enorme esforço de vontade, desviou os olhos e vislumbrou Ranec observando-os. Ele se virou rapidamente para o lado.

- Talvez tenha preparado um caminho, mas eu não estava pronta - disse Ayla, evitando o olhar fixo de Vincavec. Ergueu a cabeça quando ele riu. Seus olhos eram cinzentos, não pretos.

- - Você é boa! Você é forte, Ayla. Nunca conheci alguém como você. É tão adequada para a Fogueira do Mamute, para o Acampamento do Mamute. Diga-me que partilhará minha fogueira - falou Vincavec, como máximo de persuasão e sentimento que era capaz de demonstrar.

- Eu fiz a promessa a Kanec - disse ela.

- Isso não importa Ayla. Traga-o com você, se quiser. Eu não me importaria de dividir a Fogueira do Mamute com um escultor tão bem-do-tado. Aceite-nos a nós dois! Ou eu aceitarei a ambos - riu de novo. - Não seria a primeira vez. Um homem também tem uma certa atração! - Eu... eu não sei - disse ela, depois ergueu a cabeça para o ruído abafado de cascos.

- Ayla, vou levar Racer até o rio e escovar suas pernas. A lama está colada e secando nelas. Quer que eu leve Whinney também? - perguntou Jondalar.

- Eu mesma a levarei - disse Ayla, contente pela desculpa para ir embora. Vincavec era fascinante, mas um pouco assustador.

- Ela está lá, perto de Ranec - disse Jondalar, virando-se na direção do rio.

Os olhos de Vincavec acompanharam o homem alto e louro. Pergunto-me que papel ele representa em tudo isto, pensou o chefe-Mamut. Chegaram juntos, e ele compreende os animais, talvez tanto quanto ela, mas não parecem ser amantes, e não é porque ele tenha problemas com mulheres.

Avarie me contou que elas o adoram, mas ele nunca toca Ayla, nunca dorme com ela. Diz-se que ele recusou o ritual de Feminilidade porque seus sentimentos eram muito fraternais. É assim que se sente em relação a Ayla? Fra ternal? É por isto que ele nos interrompeu e a dirigiu ao escultor? Vincavec franziu a testa, depois pegou com cuidado alguns cogumelos grandes e, com uma corda, amarrou-os de cabeça para baixo aos galhos das "Velhas Mães" para secar. Planejava pegá-los no caminho de volta.

Depois de cruzarem o afluente, chegaram a uma região mais seca, com brejos desprovidos de árvores, bastante isolados. O grasnido, cacarejo e guincho de aves aquáticas os avisaram do grande lago derretido à frente.

Armaram a tenda não longe dele e várias pessoas se dirigiam à água para trazer de volta o jantar.

Não se encontrava peixe em porções de água temporárias, a menos que se tornassem casualmente parte de uma corrente ou rio permanente, mas entre as raízes de altos juncos, salgueiros, junças, e tifáceas nadavam os girinos de rãs comestíveis e sapos.

Por algum misterioso sinal sazonal, um grande bando de aves, aquáticas na sua maior parte, voaram a norte a fim de juntarem-se às ptármigas, à águia-real e à coruja branca real. O degelo de primavera, que trazia renovado crescimento vegetal e os grandes limites

juncosos, convidava números incontáveis de aves migradoras a parar, construir ninhos e proliferar.

Muitas aves se alimentavam dos anfíbios incompletos, e de alguns adultos, assim como de cobras e salamandras, sementes e bolbos, dos inevitáveis insetos, mesmo de pequenos mamíferos.

- Lobo adoraria este lugar - disse Ayla a Brecie enquanto obser vava, com a funda na mão, um casal de aves circundantes esperando que se aproximassem mais da borda, para que ela não tivesse que patinhar até muito longe para trazê-las. - Ele está muito bom na perseguição à caça para mim.

Brecie prometera mostrar a Ayla seu pau de arremessar, e queria ver a perícia muito comentada da mulher com a funda. Ambas ficaram mutuamente impressionadas. A arma de Brecie era uma parte em cruz de osso de perna, alongada com forma aproximada de losango, com a epífise no dosa removida na extremidade e a borda aguçada. Seu vôo era circular, e atirada contra um bando de aves podia matar várias ao mesmo tempo. Ayla achou que a arma era muito melhor para caçar aves do que sua funda, mas a funda tinha aplicação mais geral. Ela também podia caçar animais com ela.

- Você trouxe os cavalos, por que deixou o lobo? - perguntou Brecie.

- Lobo ainda é muito novo, eu não sabia como se comportaria numa caçada de mamutes, e não quis correr o risco de acontecer alguma coisa de errado nesta. Os cavalos, contudo, podem ajudar a carregar a carne. Além disso, acho que Rydag se sentiria só sem Lobo - falou Ayla. - Sinto falta dos dois.

Brecie sentiu a tentação de perguntar se Ayla tinha, realmente, um filho como Rydag, depois mudou de idéia. O assunto era delicado demais.

Ao continuarem na direção norte nos dias seguintes, ocorreu uma mudança distinta na paisagem.

Os pântanos desapareceram e, uma vez deixando para trás as árvores ruidosas, o som do vento encheu as planícies descampadas com um silêncio lúgubre e queixoso e uma sensação de desolação. O céu se tornou nublado com uma cobertura de nuvens sem formas, cinzentas, que obscurecia o sol e escondia as estrelas à noite, mas raras vezes chovia. Em vez disso, o ar era mais seco e mais frio, com um vento forte que extraía até a umidade da respiração exalada. Mas, uma abertura ocasional nas nuvens à tarde vencia a monotonia tediosa dos céus com um pôr-do-sol tão resplandecente e tão brilhante, enquanto refletia o céu carregado de umidade, que deixava os viajantes sem palavras para descrevê-lo, fascinados por sua beleza pura.

Era uma região de horizontes remotos. Uma baixa colina arredondada se seguia a outra colina baixa, arredondada, sem picos salientes para em prestar distância e perspectiva, e nenhum pântano de junco verde para sua vizar os intermináveis cinzas, marrons e amarelos pardacentos. As planícies pareciam se estender em todas as direções, para sempre, exceto ao norte. Lá, a grande amplidão era engolida por uma neblina densa que escondia todos os sinais do mundo além dela, e enganava a visão sobre a distância até ela.

A característica da região não era de estepes herbáceas, nem de tundra congelada, mas uma mistura de ambas. Moitas de ervas congeladas e resistentes à seca, ervas com sistemas de raízes compactas, arbustos lenhosos, como miniaturas, de artemísia e absinto, misturados com urzes brancas, rododendros em miniatura, e flores rosas de camarinheiras dominando os botões bonitos e purpúreos de urze alpina. Arbustos de uva-do-monte, com não mais de 10 centímetros de altura prometiam contudo uma profusão de uvas grandes, e

videiros prostrados rastejavam pelo terreno como plantas rastejantes lenhosas.

Mas mesmo as árvores anãs eram escassas com dois tipos de condições de desenvolvimento opondo-se a elas. Na verdadeira tundra setentrional, a temperatura de verão é baixa demais para germinação e crescimento de sementes de árvores. Nas estepes, os ventos uivantes, que absorvem a umidade antes que se acumule, varrem a paisagem, e são um fator tão proibitivo quanto o frio. A combinação deixava a terra tanto congelada quanto seca.

Paisagem ainda mais descampada saudou o grupo de caçadores quando avançaram para a espessa neblina branca à frente. Cascalho e rochedo nus estavam espostos, mas cobertos de líquens; crostas pendentes infestadas de piolhos de cor amarela, cinzenta, marrom, até laranja viva que pareciam mais pedras do que plantas. Algumas ervas fluorescentes e arbustos anões perduravam, e os juncos e capins rijos cobriam extensões razoáveis de terra. Mesmo naquele lugar árido, agreste, de ventos frios e secos que parecia incapaz de conservar a vida, esta continuava.

Começaram a aparecer pistas que levavam ao segredo escondido dentro das neblinas. Arranhões gravados em grandes lousas de pedra; compridos ressaltos de areia, pedras e cascalho; grandes pedras fora do lugar, como se deixadas cair do céu por uma gigantesca mão invisível. A água lavava o solo rochoso, em correntes finas e torrentes borbulhantes e nebulosas, sem padrão discernível, e quando se aproximaram mais puderam sentir, afinal, uma umidade fria no ar. A neve suja permanecia em recantos sombrios, e em uma depressão ao lado de uma enorme pedra, neve antiga, cercada por um pequeno lago. No fundo dele havia bancos de gelo de um rico e vívido tom de azul.

O vento mudou à tarde e, quando os viajantes acampavam, nevava uma neve fria, soprada pelo vento. Talut e os outros conferenciavam, perturbados. Vincavec havia invocado o Espírito do Mamute várias vezes sem resultado. Tinham esperado encontrar os grandes animais antes disto.

À noite, deitada em silêncio em sua cama, Ayla se tornou consciente de sons misteriosos que pareciam vir do fundo da terra: rangidos, estalos, risadinhas, gorgolejos. Não conseguiu identificá-los, não imaginava de onde vinham e ficou nervosa. Tentou dormir, mas continuou acordando. Por fim, perto do amanhecer, a exaustão a venceu e ela cedeu ao cochilo.

Ayla sabia que era tarde quando acordou. Todos estavam fora da tenda e o dia parecia incomumente claro. Agarrou sua parka, mas chegou apenas até a entrada. Quando olhou para fora parou e fixou o olhar, a boca aberta.

A mudança no vento havia afastado temporariamente a neblina de verão de gelo em evaporação. Ela inclinou a cabeça para trás a fim de olhar para a muralha de uma geleira avolumando-se acima dela, tão inacreditavelmente maciça que o cume se perdia nas nuvens.

Seu tamanho a fazia parecer mais próxima do que estava, mas alguns pedaços gigantescos que, certa vez, tinham desmoronado da íngreme muralha recortada encontravam-se juntos, em um monte confuso, a uns 400 metros de distância. Várias pessoas se encontravam ao lado dele. Ela compreendeu que os pedaços eram a escala que lhe havia dado uma impressão adequada do verdadeiro tamanho da imensa barreira de gelo. A geleira era um espetáculo incrível, e inacreditavelmente belo. A luz do sol - de repente, Ayla reparou que havia sol - brilhava com milhões de cristais de gelo quebrados que cintilavam com tonalidades de cores prismáticas,

mas a cor escura básica tinha matizes do mesmo azul surpreendente que ela havia visto no pequeno lago.

Não havia palavras adequadas para descrever a cena; irresistível não significava nada ao lado de sua magnificência, de sua grandeza e força.

Ayla acabou de vestir-se apressadamente, sentindo que havia perdido alguma coisa. Serviu-se de uma tigela do que parecia ser a sobra de um chá com uma leve camada de gelo já se formando em cima, e descobriu que era, em vez disso, caldo de carne. Fez uma pausa por um instante, antes de concluir que estava bom, e tomou-o. Depois pegou um punhado de cereais cozidos congelados, envolveu-os numa fatia grossa de carne assada fria, e se dirigiu para os caçadores com passo rápido.

- Perguntava se você iria acordar algum dia - falou Talut ao vê-la.

- Por que não me acordou? - perguntou Ayla, dando uma última dentada na carne.

Não é prudente acordar alguém que dorme profundamente, a menos que seja uma emergência - respondeu Talut.

- O espírito precisa de tempo para suas viagens noturnas, a fim de poder voltar revigorado - ajuntou Vincavec, acercando-se para saudá-la. Fez um gesto de tomar suas mãos, mas ela as afastou, esfregando rapidamente as faces com elas, e partiu para examinar o gelo.

Os grandes pedaços tinham caído, obviamente, com alguma força. Estavam profundamente enterrados, e o terreno ao seu redor se encontrava revolvido. Também ficou logo evidente que estavam ali, havia vários anos. Um acúmulo de granulação carregada pelo vento, tirada da rocha que estava pulverizada nas bordas do gelo, revestia as superfícies mais elevadas com uma espessa camada de cascalho cinza-escuro, estriada em alguns

lugares com camadas brancas de neve compacta. As próprias superfícies eram corroídas e irregulares pelo derretimento e congelamento desiguais durante muitos e muitos anos, e algumas plantas pequenas, persistentes, tinham-se, na verdade, enraizado no gelo.

Venha cá, Ayla - chamou Ranec. Ela ergueu os olhos e o viu de pé, ao alto de um bloco elevado, levemente inclinado para um lado. Ficou surpresa ao ver Jondalar perto dele. - É fácil, se vier pelo lado.

Ayla deu volta à pilha confusa de blocos de gelo e subiu uma série de placas e fragmentos partidos.

O pó da rocha arenosa penetrou no gelo tornando a superfície em geral escorregadia, áspera, e era razoavelmente se guro caminhar por ela. Com um pouco de cuidado, era fácil subir e se mover.

Quando Ayla chegou ao local mais alto, ficou de pé, depois fechou os olhos. O vento que fustigava parecia querer testar sua determinação de suportar sua força, e a voz da grande muralha ribombava, gemia e esta lava perto dela. Ayla virou a cabeça em direção à claridade intensa, ao alto, vista através de pálpebras fechadas, e sentiu com a pele de sua face a luta cósmica travada entre o calor da bola de fogo celeste e o frio da maciça muralha de gelo. O próprio ar formigava de indecisão.

Então, ela abriu os olhos. O gelo comandava a vista, enchia sua visão. A extensão enorme, majestosa, formidável de gelo que alcançava o céu cobria toda a amplitude da terra até onde se podia ver. Ao seu lado, as montanhas eram insignificantes. A visão encheu-a de uma exultação humilhante, uma excitação que inspirava terror. Seu sorriso fez Jondalar e Ranec sorrirem também, compreensivamente.

- Já vi isso antes - falou Ranec - mas poderia ver tantas vezes quanto há estrelas no céu e nunca me cansaria. - Jondalar e Ayla concordaram com um gesto de cabeça.

- No entanto, pode ser perigoso - ajuntou Jondalar.

- Como este gelo chegou até aqui?- indagou Ayla.

- O gelo se move - disse Ranec. - As vezes, cresce, outras, encolhe. Este se partiu quando a muralha era aqui. Esta pilha era muito maior, então. Tem diminuído, como a muralha. - Ranec examinou a geleira. - Acho que estava mais distante da última vez. Talvez o gelo esteja aumentando de novo.

Ayla varreu com o olhar a paisagem aberta, depois, observando como podia ver muito mais longe de seu ponto de vista mais elevado, gritou, apontando para sudeste: - Mamutes! Vejo um bando de mamutes! - Onde? - perguntou Ranec, subitamente animado.

A excitação se espalhou pelos caçadores como fogo. Talut, que havia começado a dar volta por um lado ao ouvir a palavra "mamutes", já estava a meio caminho do alto do monte de gelo. Alcançou o topo com alguns passos largos, colocou a mão sobre a testa para proteger-se do sol e olhou para o local indicado por Ayla.

- Ela tem razão! Lá estão eles! Mamutes! - trovejou, incapaz de conter a emoção, ou o volume de sua voz.

Vários outros subiam pelo gelo, cada um procurando um local para ver os grandes animais de presas de marfim. Ayla desceu um passo, para que Brecie pudesse ficar em seu lugar.

Havia certo alívio em avistar os mamutes, assim como excitação. Ao menos, eles se mostravam, afinal. O que quer que tivesse feito o Espírito de Mamute esperar, tinha permitido, afinal, aos seus filhos deste mundo apresentar-se àqueles que eram escolhidos por Mut para caçar mamutes.

Uma das mulheres do Acampamento de Brecie contou a um dos homens que tinha visto Ayla ao alto da pilha de gelo com os olhos fechados, virando a cabeça como se procurasse alguma coisa, ou a chamasse e,

quando abriu os olhos, lá estavam os mamutes. O homem sacudiu a cabeça, compreendendo.

Ayla fitava a pilha de gelo abaixo, pronta para descer. Talut apareceu ao seu lado, sorrindo tão largamente como ela jamais vira.

- Ayla, você tornou este chefe um homem muito feliz - disse o gigante de barba ruiva.

- Não fiz nada - respondeu Ayla. - Eu os vi por acaso.

- Chega. Quem quer que os tivesse visto primeiro me faria um homem muito feliz. Mas estou contente porque foi você - disse Talut.

Ayla sorriu-lhe. Realmente, ela amava o grande chefe. Pensava nele como tio, irmão, ou amigo, e sentia que ele gostava dela da mesma maneira.

- O que estava olhando lá embaixo, Ayla? - perguntou Talut.

- Nada em particular. Eu reparava apenas que se pode ver a forma desta pilha daqui. Veja como ela é recortada do lado por que subimos, e depois se curva novamente.

Talut lançou um olhar descuidado, depois outro, mais atento - Ayla! Você o fez de novo! - Fiz o quê? - Tornou este chefe um homem muito feliz! Seu sorriso era contagiante. Ela sorriu também.

- O que o fez feliz desta vez, Talut? - Você me fez reparar na forma deste monte degelo. É como um desfiladeiro sem saída. Não totalmente completo, mas podemos dar um jeito nisso. Agora, eu sei como caçaremos os mamutes! Não perderam tempo. Os mamutes podiam resolver se afastar, ou o tempo podia mudar de novo. Os caçadores tinham que tirar proveito da chance, imediatamente. Os líderes da caçada conferenciaram, depois enviaram rapidamente vários observadores para examinar a configuração do terreno e o tamanho da manada. Enquanto isso, construíram uma muralha de pedra e gelo para bloquear o espaço livre a

um lado do desfiladeiro frio, convertendo o monte confuso de gelo num cercado com uma abertura, apenas. Quando os exploradores voltaram, os caçadores se reuniram para traçar um plano, a fim de levar os grandes animais peludos para a armadilha.

Talut contou como Ayla e Whinney tinham ajudado a levar os bisões a uma armadilha. Muitas pessoas se interessaram, mas todos chegaram à conclusão de que, com os grandes mamutes, um único cavaleiro não seria capaz de iniciar um avanço combinado, embora Ayla pudesse ajudar um pouco. Teriam que encontrar outro meio de levar os animais para a cilada.

A resposta foi fogo. As tardias tempestades de verão tinham incendiado bastantes campos secos para que até mamutes resistentes, que temiam pouca coisa, tivessem um respeito sadio pelo fogo. Naquela época do ano, contudo, talvez fosse difícil incendiar o capim. O fogo teria que ser em forma de tochas, seguras pelos condutores.

- O que usaremos como tochas? - perguntou alguém.

- Capim seco e esterco de mamute, unidos e mergulhados em gordura - disse Brecie - assim, acenderão depressa e arderão.

- E podemos usar a pedra-de-fogo de Ayla para acendê-las rapidamente - ajuntou Talut, e houve gestos de cabeça de concordância.

- Precisaremos de fogo em mais de um local - disse Brecie - e na seqüência certa.

- Ayla deu uma pedra-de-fogo a cada fogueira do Acampamento do Leão. Temos várias conosco.

Eu tenho uma e Ranec também. Jondalar tem mais uma - falou Talut, sabedor do prestígio extra que sua declaração lhes dava. Pena que Tulie não esteja aqui, pensou. Ela apreciaria o momento. As pedras-de-fogo de

Ayla não tinham preço, principalmente desde que não eram muito abundantes, segundo parecia.

- Assim que fizermos os mamutes se moverem, como termos certeza de que se encaminharão para a armadilha? - perguntou a mulher do acampamento de Brechie. - Isto é um descampado.

O plano que traçaram era simples e direto. Construíram duas novas fileiras de montes de pedras com os pedaços quebrados de gelo e rocha, abrindo-se um leque desde a abertura do desfiladeiro de gelo. Talut, com seu machado maciço, não teve dificuldade em quebrar os grandes pedaços da geleira em fragmentos menores, que podiam ser carregados. Várias tochas foram colocadas atrás de cada monte de pedra, de prontidão. Dos cinquenta caçadores, alguns escolheram locais dentro do próprio desfiladeiro. Outros se enfileiraram atrás dos montes de pedra. Os restantes, primariamente os corredores mais velozes e fortes - porque apesar de todo o seu tamanho, os mamutes eram capazes de correr a alta velocidade em distâncias curtas - se dividiriam em dois grupos, para cercar ambos os lados da manada.

Brechie começou a explicar algumas características e fraquezas dos mamutes, e como caçá-los, aos caçadores mais jovens que nunca tinham caçado animais grandes antes. Ayla ouviu com atenção e entrou no desfiladeiro gelado com eles. A chefe do Acampamento do Alce comandaria o assalto frontal do interior, e queria inspecionar a armadilha e escolher o seu lugar.

Assim que estavam dentro das paredes geladas, Ayla notou a queda na temperatura. Com o fogo que tinham feito para derreter a gordura para as tochas, e o esforço de cortar capim e carregar blocos de gelo, ela não reparara no frio. Contudo, estavam tão perto da grande geleira que a água, que sobrava à noite, em geral tinha uma película de gelo na manhã seguinte, mesmo

no verão, e era necessário usar parkas durante o dia. Dentro do cercado gelado, o frio era intenso mas, quando Ayla olhou ao redor do recinto espaçoso no meio da confusão recortada de gelo, sentiu que entrara noutra local, um mundo branco e azul de beleza fria e inflexível.

Como os desfiladeiros rochosos perto de seu vale, grandes blocos recém-cortados das muralhas jaziam espalhados e partidos ao solo. Acima deles, pináculos pontiagudos e pontas elevadas de branco cintilante, à sombra das fendas e cantos, mudavam para um azul rico, vívido. Ela se lembrou, de súbito, dos olhos de Jondalar. As bordas arredondadas, mais suaves, de placas e blocos mais antigos com uma granulação fina soprada pelo vento, convidavam a uma escalada e exploração.

Ayla o fez, apenas por curiosidade, enquanto os outros procuravam locais para caçar. Ela não esperaria ali pelos mamutes. Ela e Whinney ajudariam a caçar os animais peludos, como Jondalar e Racer fariam. A velocidade dos cavalos podia ser útil, e ela e Jondalar proporcionariam uma pedra- de-fogo a um dos grupos dos condutores. Ayla notou mais pessoas reunindo-se à entrada e saiu apressada. Whinney seguia Jondalar e Racer a partir do local do acampamento. Ayla assobiou e a égua passou a frente deles a meio galope.

Os dois grupos de condutores partiram em direção à manada de mamutes, dando uma volta ampla para se colocarem atrás, sem causar muita perturbação. Ranec e Talut se encontravam cada um atrás de uma das filas dos montes de pedras que convergiam para o desfiladeiro de gelo, prontos para fornecer fogo rápido quando necessário. Ayla acenou a Talut e sorriu para Ranec quando passou por eles, esperando perto de uma pilha de gelo e pedra. Vincavec estava do mesmo lado que Ranec, notou Ayla, retribuindo o seu sorriso também.

Ela caminhou à frente de Whinney, suas lanças e arremessador de lanças presos às alças das cestas, juntamente às tochas do grupo. Vários outros caçadores estavam próximos, mas ninguém falava muito. Todos se concentravam nos mamutes, esperando ardentemente que a caçada fosse bem-sucedida. Ayla olhou para Whinney, atrás dela, depois para a manada à frente. Ainda pastavam no mesmo campo de capim onde ela os vira da primeira vez, não há muito tempo atrás. Tudo acontecera tão depressa que ela mal tivera tempo de pensar. Eles tinham conseguido muito num espaço de tempo bastante curto.

Ela sempre havia querido caçar mamutes, e um arrepio de expectativa atravessou-a quando compreendeu que estava, na verdade, a ponto de participar da primeira caçada de mamutes de sua vida. Embora houvesse alguma coisa totalmente ridícula nisso, quando parou para refletir a respeito. Como criaturas tão pequenas e fracas como os homens podiam desafiar os animais grandes, peludos, com presas de marfim, e esperar ter sucesso? No entanto, lá estava ela, pronta para enfrentar o maior animal da terra, com nada mais do que algumas lanças de mamute. Não, isso não era totalmente verdadeiro. Ela também tinha a inteligência, experiência e cooperação dos outros caçadores. E o arremessador de lanças de Jondalar.

Será que o novo arremessador de lanças que ele desenvolveu para ser usado com lanças maiores funcionaria? Eles o tinham testado, mas ela não se sentia ainda inteiramente à vontade com o seu.

Ayla viu Racer e o outro grupo aproximando-se deles pelo capim seco, e a manada de mamutes parecia mover-se mais. Começavam a ficar nervosos por causa das pessoas que tentavam esgueirar-se à volta deles? O andar do seu grupo se acelerava; outros também se preocupavam. Passaram um sinal para pegar as tochas.

Ayla tirou-as rapidamente das cestas que Whinney carregava e entregou-as. Esperaram ansiosamente, observando o outro grupo pegar as tochas. Então, o chefe da caçada fez um sinal.

Ayla tirou suas luvas e se agachou diante da pequena pilha de penugem de estramônio e esterco amassado. Os outros rondavam, esperando. Ela golpeou seu sílex de iniciar o fogo contra o pedaço cinza-amarelado de piritita de ferro. A centelha morreu. Ela golpeou de novo, o fogo pareceu pegar e ela bateu mais uma vez, acrescentando mais centelhas à isca lenta, e tentou soprar para avivar a chama. Então, uma rajada repentina de vento veio em sua ajuda, e o fogo envolveu subitamente a isca e o esterco amassado. Ela acrescentou algum sebo para o fogo se tornar mais forte, e recostou-se enquanto os primeiros caçadores aproximavam suas tochas do fogo. Acenderam as tochas um do outro, depois começaram a se afastar em leque.

Não houve sinal definitivo para começar o avanço. Iniciou-se lentamente, quando os caçadores desorganizados investiam em direção aos animais gigantes, gritando e sacudindo suas chamas móveis, fumegantes. Porém, a maior parte dos Mamutoi era de caçadores de mamutes experientes, e costumava caçar junta. Os esforços logo se tornaram mais harmoniosos quando os dois grupos de condutores combinaram e os elefantes peludos começaram a mover-se na direção dos montes de pedras.

Uma grande mamute-fêmea, a matriarca da manada, parecendo notar um propósito na confusão, virou para o lado. Ayla correu em sua direção, gritando e agitando sua tocha. Ela se lembrou, de repente, da tentativa de perseguir uma cavahada certa vez, sozinha, somente com tochas fumegantes como ajuda. Todos os cavalos, exceto um, fugiram - não, dois, pensou. A égua

que amamentava caiu na armadilha escavada, mas não o pequeno potro amarelo. Ela lançou um olhar a Whinney.

O barrito gritante da fêmea pegou Ayla de surpresa. Ela se virou a tempo de ver a velha matriarca espiar as criaturas fracas, insignificantes que tinham cheiro de perigo, depois começar a correr em direção dela. Mas, desta vez, a jovem não estava sozinha. Ergueu a cabeça e viu Jondalar a seu lado, depois vários outros, mais do que a fêmea peluda desejava enfrentar. Erguendo a tromba para gritar um aviso de fogo, ela se empertigou e tornou a gritar, depois recuou.

A leira de feno seco ficava em terreno mais elevado, não sujeito ao escoamento de verão da geleira e, embora houvesse neblina, nenhuma chuva caíra havia muitos dias. Os fogos usados para acender as tochas foram abandonados e logo se espalharam pelo capim, encorajados pelo vento forte. Os mamutes viram primeiro o fogo, não apenas o odor de capim em chamas, mas de terra queimada e moitas ardendo - um cheiro familiar de incêndio num campo e até mais assustador. A velha matriarca soltou novo barrito, acompanhado agora por um coro de gritos clamantes quando os animais peludos, marrons-avermelhados, novos e velhos, ganharam velocidade e debandaram na direção de um perigo desconhecido, porém ainda maior.

Um vento cruzado enviou uma onda de fumaça em direção dos caçadores que corriam para acompanhar a manada. Ayla, pronta para montar Whinney, lançou um olhar para trás, para o fogo.

compreendendo o que havia impelido os grandes mamutes em seu pânico. Observou por um instante, enquanto as chamas vermelhas, estalando, devoravam avidamente o campo, cuspidas centelhas e fumaça. Mas ela sabia que o fogo não era uma ameaça real. Mesmo que conseguisse atravessar a região de terreno rochoso nu, o próprio desfiladeiro de gelo podia detê-lo. Ela viu

que Jondalar já montara Racer, seguindo bem atrás dos mamutes que retrocediam e se apressou em acompanhá-lo.

Ayla pôde ouvir a respiração ofegante quando passou pela jovem do Acampamento de Brecie, que havia corrido todo o caminho, ficando pouco atrás das grandes bestas. Seria mais difícil para os animais se desviarem de pois de tomarem a rota que os levaria inevitavelmente para o desfiladeiro frio, e as duas mulheres sorriram uma para a outra quando a manada entrou no caminho entre os montes de pedras. Ayla cavalgou à frente. Era sua vez, agora, de conduzi-los.

Ela viu fogos avivando-se ao longo do caminho atrás dos montes de pedra, dos lados e um pouco à frente dos gigantes pesados. Eles não queriam levar as tochas muito longe, à frente deles, e correr o risco de a manada se desviar para um lado, agora que estava tão perto. De repente, ela se aproximava da entrada no gelo. Ela puxou Whinney para o lado, agarrou suas lanças, saltou ao solo e sentiu a vibração da terra, enquanto os últimos mamutes entravam na armadilha. Ela correu para dentro e juntou-se à perseguição, seguindo perto dos calcanhares de um velho mamute com presas cruzadas na frente. Acenderam mais material inflamável, que fora empilhado em montes perto da entrada, numa tentativa de manter os animais assustados no interior. Ayla, dando volta a um fogo, entrou novamente no cercado frio.

Não era mais um local de beleza serena, perfeita. Em vez disso, gritos clamantes de mamutes ecoavam de muralhas duras, geladas, irritando os ouvidos e atormentando os nervos. Ayla estava cheia de uma tensão quase insuportável, em parte medo, em parte excitação. Engoliu o medo, e ajustou sua primeira lança no encaixe no meio do arremessador.

A fêmea mamute se movera para a extremidade distante, procurando um meio de conduzir a manada

para fora, mas Brechie esperava lá, no alto de um bloco de gelo. A velha matriarca levantou a tromba e berrou sua frus tração, e a chefe do Acampamento do Alce atirou uma lança em sua garganta aberta. O grito foi interrompido por um gorgolejo de líquido que jorrou-lhe da boca e manchou o gelo branco com sangue vermelho quente.

O jovem do Acampamento de Brechie atirou uma segunda lança. A ponta longa, aguçada de sílex penetrou no couro resistente e se alojou profundamente no abdômen. Outra lança se seguiu, e também encontrou a barriga macia, provocando um longo talho pelo peso da haste. A fêmea soltou um urro estridente de dor, enquanto sangue e membranas intestinais de um branco-acinzentado brilhante jorravam da ferida. Suas patas traseiras se entrelaçaram em suas vísceras. No entanto, outra lança foi atirada no animal caído, mas atingiu um osso da costela e saltou para fora. A seguinte encontrou um espaço entre duas costelas por onde a ponta longa, achatada e fina penetrou.

A velha mamute ajoelhou-se, tentou levantar-se uma vez mais num esforço para soltar um grito de aviso, depois lentamente, quase graciosa mente, tombou contra o solo. Brechie tocou com uma lança a cabeça da velha mamute corajosa, elogiou sua luta brava, e agradeceu à Grande Mãe pelo sacrifício que permitia que os Filhos da Terra sobrevivessem.

Brechie não foi a única a ficar perto da mamute-fêmea corajosa e a agradecer à Mãe. Grupos de caçadores se reuniram informalmente para um múltiplo ataque sobre cada animal. As lanças atiradas lhes permitiam permanecer fora do alcance das presas e trombas e patas pesadas dos mamutes que escolheram, mas também tinham que vigiar os animais que eram caça de outros homens no cercado. O sangue derramando-se de animais feridos e moribundos

suavizava o gelo do terreno parcialmente congelado, depois se congelava em superfície lisa e vermelha, tornando o caminhar perigoso. O desfiladeiro de gelo era uma mistura de gritos dos caçadores e dos berros dos mamutes, e as muralhas cintilantes amplificavam e reverberavam cada som.

Depois de observar alguns instantes, Ayla perseguiu um mamute novo, cujas presas pesadas eram longas e curvas, mas, ainda assim, úteis como armas. Ela colocou a lança pesada no novo arremessador, tentando conseguir a impressão certa. Lembrou-se de Brecie dizer que o estômago era um dos pontos mais vulneráveis de um mamute, e Ayla ficou muito impressionada com a evisceração da velha matriarca da manada. Fez pontaria e, com um arremesso forte, atirou a arma mortífera através do desfiladeiro gelado.

A lança voou rápida e certa, e atingiu a cavidade abdominal. Mas com a potência da arma e a força de seu lançamento, e sem outros ajudando, ela deveria ter mirado um ponto mais vital. Uma lança no estômago não era imediatamente fatal. O mamute sangrava profusamente, mortalmente ferido, mas a dor o encolerizou, dando-lhe força para se voltar para o atacante. O mamute gritou um desafio, abaixou a cabeça e disparou em direção à jovem.

O arremesso de longa distância do arremessador de Ayla lhe deu sua única vantagem. Ela largou as lanças e correu para um bloco de gelo. Mas seu pé escorregou ao tentar subir. Ela se deslocou para trás dele enquanto o mamute enorme se chocava contra ele com toda a sua força. Suas presas maciças partiram o gigantesco bloco de água congelada em dois e calcou-os para trás, tirando o ar a Ayla. Depois, gritando sua frustração e sua morte, ele socou e dilacerou a lâmina de gelo tentando alcançar a criatura atrás dela. De repente, duas lanças voaram em sucessão rápida e encontraram o macho enraivecido.

Uma atingiu-o no pescoço, a outra estalou-lhe uma costela com tanta força que chegou ao seu coração.

O mamute encolheu-se em um monte perto do gelo partido. Seu sangue vertendo dos ferimentos formou lagos vermelhos vivos que fumegaram, de pois esfriaram, em seguida endureceram sobre o frio gelo glacial. Ainda trêmula, Ayla se arrastou para longe do bloco.

- Está bem? - perguntou Talut, alcançando-a a tempo de ajudá-la a ficar de pé.

- Sim, acho que sim - disse ela, um pouco sem ar.

Talut estendeu a mão para a lança que se projetava do peito do animal, puxou-a com força e arrancou-a. Um novo jorro de sangue aconteceu justamente quando Jondalar chegava até eles.

- Ayla, tive certeza de que ele tinha apanhado você!
- disse Jondalar, a expressão em seu rosto sendo mais que preocupação. - Você devia ter esperado até eu vir... ou alguém vir ajudar. Tem certeza de que está bem? - Sim, tenho, mas estou muito contente porque vocês dois estavam por perto - disse ela. Depois sorriu. - Caçada de mamutes pode ser muito excitante.

Talut a examinou atentamente, por um momento. Ela havia passado por um grande apuro, o mamute quase a pegara, mas ela não parecia incomumente perturbada. Um pouco ofegante e excitada, mas isso era normal. Ele sorriu e concordou com um gesto de cabeça; depois examinou a ponta e haste de sua lança.

- Ah! Ainda está boa! - exclamou. - Posso pegar outro com esta lança! - acrescentou, e voltou à luta.

Os olhos de Ayla acompanharam o grande chefe, mas Jondalar olhava para ela; seu coração ainda martelava de medo por ela. Ele quase a perdera! Aquele mamute quase a havia matado! Seu capuz estava caído para trás e o cabelo despenteado. Seus olhos brilhavam de excitação. O rosto estava corado e ela respirava

entrecortadamente. Era bonita em sua excitação, e o efeito foi imediato e esmagador.

Sua bela mulher, pensou ele. Sua maravilhosa, excitante Ayla, a única mulher que ele amara, realmente O que teria feito se a tivesse perdido? Sentiu o sangue correr para suas virilhas. O medo, ao pensar em perdê-la, e seu amor despertaram seu desejo e encheram-no de uma forte ânsia de abraçá-la. Ele a queria. Ele a queria mais do que já a quisera em sua vida. Poderia tomá-la ali, naquele instante no solo frio e ensangüentado do desfiladeiro de gelo. Ela levantou a cabeça e viu sua expressão, sentiu o carisma irresistível dos seus olhos tão vivamente azuis quanto um profundo lago glacial, mas ardentes. Ele a queria.

Ela sabia que ele a queria, e ela o queria com um fogo que a queimava e não seria apagado. Ela o amava, mais do que imaginara ser possível amar alguém. Ela se esticou para ele, estendendo-lhe as mãos, faminta de seus beijos, de seu toque, de seu amor.

- Talut acabou de me contar - disse Ranec correndo para eles, o pânico na voz. - É esse o mamute? - parecia espantado. - Tem certeza de que não está ferida, Ayla? Ayla fitou Ranec por um momento, sem compreender, e viu um véu cobrir os olhos de Jondalar quando ele recuou um passo. Então, o sentido da pergunta de Ranec a alcançou.

- Não, não estou ferida, Ranec. Estou bem - disse Ayla, mas não tinha certeza de que era verdade. Sua mente era um turbilhão enquanto observava Jondalar arrancar sua lança do pescoço do mamute e afastar-se. Ela o acompanhou com os olhos.

Ela não é mais minha Ayla, e a culpa é minha! pensou ele. De repente, lembrou-se do incidente nas estepes da primeira vez em que ele cavalgou Racer, e ficou cheio de remorso, e vergonha. Ele sabia que crime terrível era aquele e, contudo, seria capaz de cometê-lo

de novo. Ranec era um homem melhor para ela. Ele lhe dera as costas, e depois a maculara. Não a merecia. Esperara estar começando a aceitar o inevitável, esperara que, um dia, depois que voltasse ao seu lar, talvez esquecesse Ayla. Era até capaz de usufruir alguma amizade com Ranec. Mas, agora, sabia que a dor de perdê-la jamais desapareceria, ele nunca esqueceria Ayla.

Viu um mamute, o último de pé, um animal novo que havia escapado, de alguma forma, da carnificina. Jondalar atirou a lança contra o animal com tanta violência que ele caiu de joelhos.

Depois, saiu do desfiladeiro gelado. Tinha que se afastar, que ficar sozinho. Caminhou até saber que estava fora do alcance da visão dos outros caçadores. Então, levou as mãos à cabeça, apertou os dentes e tentou se controlar. Caiu ao solo e golpeou a terra com os punhos.

- Ó Doni - gritou, tentando livrar-se da dor e infelicidade - sei que a culpa é minha. Fui eu que lhe dei as costas e a afastei. Não era apenas ciúme, eu tinha vergonha de amá-la. Eu temia que ela não fosse suficientemente boa para o meu povo, temia que não fosse aceita, e eu seria expulso por causa dela. Mas não me importo mais com isso. Sou eu que não sou bastante bom para ela, mas a amo. Ó Grande Mãe, eu a amo, e a quero. Doni, como a quero! Nenhuma mulher significa coisa alguma. Afasto-me delas, vazio. Doni, eu a quero de volta. Sei que é tarde demais agora, mas quero minha Ayla de volta.

Capítulo 36

Talut nunca se encontrava mais à vontade do que quando talhavam mamutes. De peito nu, suando profusamente, agitando seu machado maciço como se fosse um brinquedo infantil, partia osso e marfim, lascava tendões e abria a pele resistente. Gostava do trabalho e, sabendo que ajudava seu povo, divertia-se em usar seu corpo potente e tornar menor o esforço para outro, sorria com prazer enquanto usava os músculos rijos de forma que ninguém mais era capaz, e todos que o observavam também tinham que sorrir.

Estripar as peles grossas dos animais enormes, contudo, exigia muitas pessoas, assim como aconteceria quando voltassem e fossem curtir e tratar o couro. Mesmo trazer os couros de volta exigia um esforço cooperativo, por isto selecionavam apenas os melhores. O mesmo acontecia com qualquer outra parte dos grandes animais, desde as presas até os rabos.

Eram especialmente discriminadores em sua seleção da carne, escolhendo apenas as melhores porções, de preferência as ricas em gordura, e abandonando o resto.

Mas o desperdício não era tão grande quanto parecia. Os Mamutoi tinham que carregar tudo às costas, e o transporte de carne de má qualidade poderia custar-lhes mais calorias do que ganhavam.

Com escolha cuidadosa, o alimento que levavam de volta sustentaria muitas pessoas por longo tempo, e não teriam logo que caçar novamente. Aqueles que caçavam, e dependiam da caça para ter alimento, não matavam em excesso. Simples mente, utilizavam sabiamente. Viviam unidos à Grande Mãe Terra, sabiam e

compreendiam sua dependência Dela. Não esbanjavam Seus recursos.

O tempo permaneceu notavelmente claro enquanto os caçadores talhavam, provocando oscilações dramáticas na temperatura entre meio-dia e meia-noite. Mesmo assim, perto da grande geleira, os dias podiam ficar quentes sob o brilhante sol de verão - quentes o suficiente, com o vento dessecativo, para secar parte da carne mais magra, e torná-la razoável para ser carregada. Mas as noites sempre pertenciam ao gelo. No dia de sua partida, uma mudança no vento espalhou nuvens esparsas a oeste, e um esfriamento perceptível.

Os cavalos de Ayla nunca foram tão apreciados como quando ela os carregou para a viagem de volta. Cada caçador preparava uma carga com pleta e, imediatamente, compreendeu os benefícios dos animais de carga. Os travois provocaram particular interesse. Várias pessoas tinham-se perguntado por que motivo Ayla insistia em arrastar os paus compridos com ela; obviamente, não eram lanças. Agora, sacudiam as cabeças, aprovando. Um dos homens chegou até a erguer um travois parcialmente cheio, por brincadeira, e arrastou-o, ele próprio.

Embora acordassem cedo, ansiosos para voltar, a manhã já ia no meio quando partiram. Numa ocasião depois do meio-dia, os caçadores subiram uma comprida, estreita colina de areia, cascalho e pedras grandes, depositados há muito tempo atrás pela borda saliente da geleira apontando para o sul. Quando alcançaram o cume arredondado da morena, pararam para um descanso, e Ayla, olhando para trás, viu a geleira não encoberta por neblina, da perspectiva de distância, pela primeira vez. Não podia desviar o olhar.

Brilhando ao sol, algumas nuvens no ocidente obscureciam seus pontos mais elevados, uma barreira contínua de gelo se estendia através da região o mais

distante possível, estabelecendo um limite além do qual ninguém podia ir. Era realmente o fim da terra.

A borda frontal era irregular, acomodando pequenas diferenças no relevo do terreno, e uma escalada ao topo revelaria escavações e sulcos, fendas e gretas bastante grandes em uma escala humana, porém, em relação ao seu próprio tamanho, a superfície era uniforme. A vasta e inexorável geleira, estendendo-se ininterruptamente além da imaginação, revestia um quarto da superfície da terra com uma carapaça de gelo. Ayla continuava olhando para trás quando recomeçaram a jornada, e observou várias nuvens no ocidente se acercarem e a neblina aumentar, envolvendo o gelo em mistério.

Apesar da carga pesada, viajaram mais depressa na volta do que na ida. Cada ano o terreno mudava o suficiente com o vento para haver necessidade de tornar a explorar locais bem conhecidos. Mas o caminho para a geleira setentrional e a rota de volta não eram conhecidos. Todos estavam satisfeitos e de bom humor pela caçada bem-sucedida, e ansiosos para regressar à Reunião. Ninguém parecia sentir a carga pesada, à exceção de Ayla. Enquanto prosseguiam, ela sentia que o pressentimento que experimentara a caminho do norte se tornava mais forte ainda no caminho de volta, mas evitou mencionar seus receios.

O escultor estava tão cheio de expectativa e ânsia que achava difícil se conter. A ansiedade tinha origem, largamente, no interesse contínuo de Vincavec por Ayla, embora tivesse a sensação de conflitos mais graves, também. Mas Ayla ainda lhe era prometida, e carregavam a carne para a Festa Matrimonial. Mesmo Jondalar parecia ter aceitado a união e, embora nada fosse explicitamente declarado, Ranec sentia que o homem alto estava se colocando ao lado dele contra Vincavec. O homem dos Zelandonii possuía muitas

qualidades admiráveis, e se desenvolvia uma amizade experimental. Apesar disso, Ranec achava que a presença de Jondalar era uma ameaça tácita à sua união com Ayla, e podia ser um obstáculo entre ele e a felicidade completa. Ranec ficaria feliz quando Jondalar partisse, afinal.

Ayla não estava nada ansiosa pela Cerimônia Matrimonial, embora soubesse que deveria estar. Sabia o quanto Ranec a amava, e acreditava que poderia ser feliz com ele. A idéia de ter um bebê como o de Tricie a enchia de prazer. Em sua mente, Ayla sabia, sem sombra de dúvida, que Ralev era filho de Ranec. Não era o resultado de nenhuma mistura de espíritos. Ela estava certa de que Ranec havia iniciado o bebê com sua própria essência quando partilhara prazeres com Tricie. Ayla gostava da mulher ruiva e sentia pena dela. Resolveu que não se importaria dividir Ranec e a fogueira com ela e Ralev, se Tricie quisesse.

Era somente na escuridão profunda da noite que Ayla confessava a si mesma que talvez ela fosse igualmente feliz não vivendo, de modo algum, na fogueira de Ranec. Ela havia evitado, geralmente, dormir com ele durante a viagem, exceto em algumas ocasiões quando ele parecia precisar muito dela, não fisicamente, mas porque queria tranquilizar-se e senti-la perto. Na volta, ela não fora capaz de dividir prazeres com Ranec. Em vez disso, à noite, em sua cama, só pensava em Jondalar. As mesmas perguntas cruzavam-lhe a mente uma e outra vez, mas ela não era capaz de chegar a nenhuma conclusão.

Quando pensava no dia da caçada, do grande risco que correria com o mamute, e na expressão de necessidade dolorosa nos olhos de Jondalar, perguntava-se se era possível ele ainda amá-la. Então, por que estivera tão distante o inverno inteiro? Por que parara de encontrar prazer nela? Por que ele havia deixado a

Fogueira do Mamute? Ela se lembrou do dia, nas estepes, em que ele havia montado Racer pela primeira vez. Quando refletia sobre o desejo dele, sua necessidade, e a aceitação pronta e ansiosa dela própria, não conseguia dormir porque o desejava, mas a lembrança era toldada pela rejeição de Jondalar, e por seus próprios sentimentos de infelicidade e confusão.

Após um dia particularmente longo e uma refeição tardia, Ayla estava entre os primeiros que abandonaram a fogueira e se dirigiram à tenda. Ela havia recusado o pedido esperançoso, implícito de Ranec para dividir suas peles, com um sorriso e um comentário sobre estar cansada depois de um dia de viagem e, em seguida, vendo o desapontamento dele, sentiu-se mal. Mas estava fatigada, e muito insegura sobre seus sentimentos. Vislumbrou Jondalar perto dos cavalos antes de entrar na tenda. Ele estava virado de costas e ela o observou, involuntariamente fascinada pela forma do seu corpo, a maneira como se movia e como ficava de pé. Ela o conhecia tão bem, que achava poder reconhecê-lo pela sombra que projetava. Então, notou que seu corpo havia respondido ao dele, sem intenção, também. Ela respirava mais depressa e seu rosto estava corado, e sentiu-se arrastada para ele, de tal forma, que começou a caminhar em sua direção.

Mas não adianta, pensou. Se eu fosse falar com ele, ele iria apenas recuar, afastar-se, dar desculpas e procurar outra pessoa com quem conversar. Ayla entrou na tenda, ainda repleta dos sentimentos que Jondalar provocara nela, e arrastou-se para suas peles.

Ela estivera cansada, mas agora não conseguia dormir, e se agitava e virava, tentando negar seu desejo por ele. O que havia de errado com ela? Ele não parecia querê-la, por que ela o queria? Mas, então, por que ele a olhava daquela maneira, algumas vezes? Era como se ele se sentisse tão atraído para ela que não se pudesse

controlar. Um pensamento lhe ocorreu, então, e ela franziu a testa.

Talvez ele fosse atraído para ela, do mesmo modo que ela era atraída para ele, mas talvez ele não quisesse se sentir assim. Teria sido esse o problema, o tempo todo? Sentiu-se corar de novo, mas desta vez de tristeza. Refletindo sobre o comportamento de Jondalar dessa maneira, de repente, parecia fazer sentido a forma como ele a evitava e fugia dela. Era porque ele não queria querê-la? Quando pensou em todas as vezes que tentara se acercar dele, e falar com ele, e compreendê-lo, quando tudo o que ele queria era evitá-la, sentiu-se humilhada. Ele não me quer, pensou. Não como Ranec. Jondalar disse que me amava, e falou de me levar consigo quando estávamos no vale, mas nunca me pediu para unir-me a ele. Nunca disse que queria dividir uma fogueira ou que desejava meus filhos.

Ayla sentiu lágrimas mornas nos cantos dos olhos. Por que eu me importo com ele, quando ele não gosta de mim, realmente? Fungou e afastou as lágrimas com as palmas das mãos. Todo este tempo, quando tenho pensado nele e o desejado, ele só queria me esquecer.

Bem, Ranec me quer, e ele faz bons prazeres também. E é tão bondoso. Quer partilhar uma fogueira comigo, e nem sequer tenho sido muito boa com ele. E ele faz bebês simpáticos, ao menos o de Tricie é. Acho que devia começar a ser mais bondosa com Ranec, e esquecer Jondalar, pensou.

Mas mesmo enquanto as palavras se formavam em sua mente, as lágrimas recomeçaram e, embora se esforçasse, ela não pôde deter o pensamento que surgiu no fundo de si mesma. Sim, Ranec é bom para mim, mas Ranec não é Jondalar, e eu amo Jondalar.

Ayla ainda estava acordada quando as pessoas entraram na tenda. Observou Jondalar entrar e o viu olhar na direção dela, hesitando. Ela olhou para ele

também por um momento, depois levantou o queixo e desviou o olhar. Ranec entrou nesse exato momento. Ela se sentou e sorriu para ele.

- Pensei que estava cansada. Por isto foi para a cama cedo - disse o escultor.

- Pensei que estava, mas não consegui dormir. Acho que, talvez, gostaria de dividir suas peles afinal - disse ela.

O brilho do sorriso de Ranec rivalizaria com o sol, se este estivesse cintilando. - - E bom nada conseguir me manter acordado quando estou cansado - disse Talut com um sorriso bem-humorado, enquanto se sentava sobre seu rolo de dormir a fim de desamarrar as botas. Mas Ayla notou que Jondalar não sorria. Ele havia fechado os olhos, mas não escondia sua careta de dor, ou o andar curvado de vencido quando se dirigiu ao seu local de dormir. De repente, deu meia-volta e saiu correndo da tenda. Ranec e Talut se entreolharam, mas depois o homem escuro olhou para Ayla.

Quando alcançaram o pântano, resolveram procurar um caminho ao redor. Carregavam muita coisa para abrir caminho por ele de novo. O mapa de marfim do ano anterior foi consultado, e tomaram a decisão de mudar de rumo na manhã seguinte. Talut estava certo de que não levariam mais tempo para dar a volta, embora tivesse alguma dificuldade em convencer Ranec, que não suportaria mais demoras.

No fim da tarde anterior à decisão de tomar novo rumo, Ayla se sentia incomumente nervosa. Os cavalos tinham estado assustadiços o dia inteiro, também, e mesmo escová-los e limpá-los não os houvera acalmado. Alguma coisa estava errada. Ela não sabia o que era, sentia somente uma estranha inquietação. Começou a caminhar pelas estepes, nuas, tentando relaxar e perambulou longe do acampamento.

Descobriu um pequeno bando de ptármigas e procurou a funda, mas a tinha esquecido. De repente, sem razão aparente, as aves voaram em pânico. Então, uma águia-real apareceu acima do horizonte. Com movimentos de asas enganadoramente lentos, seguia as correntes de ar, parecendo não ter grande pressa. No entanto, mais depressa do que Ayla percebeu, a águia avançava sobre as aves que voavam baixo. De súbito, em grande velocidade, a águia agarrou sua vítima com garras fortes e esganou a ptármiga até morrer.

Ayla estremeceu e voltou depressa ao acampamento. Ficou acordada até tarde, tentando distrair-se.

Mas quando foi para a cama, o sono demorou a chegar e, depois, encheu-se de sonhos perturbadores. Ela acordou com frequência e uma vez, perto do amanhecer, encontrou-se acordada de novo, e incapaz de voltar a dormir. Escorregando para fora de seu rolo de dormir, saiu da tenda e acendeu o fogo para ferver água.

Bebeu seu chá da manhã enquanto o céu clareava, fitando, distraidamente, uma haste fina com uma flor seca de umbela crescendo perto da fogueira. Um pernil parcialmente devorado, de carne assada fria de mamute, fora colocado no alto, sobre um tripé de lanças de mamute, diretamente acima do fogo, para protegê-lo de animais de pilhagem. Ela começou a reconhecer a planta de cenoura silvestre e, vendo um galho quebrado com ponta aguçada na pilha de lenha, usou-o como pau para escavar, a fim de descobrir a raiz alguns centímetros abaixo da superfície. Então, viu outras umbelas de flores secas e, enquanto as retirava, notou algumas hastes de cardo, frescos e suculentos depois das espinhas retiradas. Não longe dos cardos, encontrou um grande cogumelo licoperdo, ainda branco e fresco, e hemerocales com botões novos. Quando as pessoas começaram a se levantar, Ayla tinha uma grande cesta-

panela de sopa, engrossada com cereais partidos, cozinhando.

- Isto é maravilhoso! - exclamou Talut, servindo-se pela segunda vez com concha de marfim. - O que a fez resolver preparar uma refeição matinal tão deliciosa hoje? - Não conseguia dormir, e então vi todas estas plantas crescendo aqui perto. Desviou meu pensamento de... coisas - disse ela.

- Dormi como urso no inverno - falou Talut, depois examinou-a com atenção, desejando que Nezzie estivesse ali. - Alguma coisa a está perturbando, Ayla? Ela sacudiu a cabeça.

- Não... bem, sim. Mas não sei o que é.

- Está doente? - Não, não é isso. Sinto-me apenas... estranha. Os cavalos também percebem alguma coisa. Racer está rebelde e Whinney, nervosa...

De repente, Ayla deixou cair sua tigela e, apertando os braços como se para proteger a si, mesma, fixou o sudeste com horror.

- Veja, Talud! - Uma coluna cinzenta se elevava na distância e uma nuvem maciça, escura e encapelada enchia o céu. - O que é? - Não sei - disse o grande chefe, parecendo tão assustado quanto ela. - Vou buscar Vincavec.

- Também não estou certo. - Eles se viraram para a voz do feiticeiro tatuado. - Está vindo das montanhas do sudeste. - Vincavec lutava para manter o controle. Ele não devia mostrar seus receios, mas não era fácil. - Deve ser um sinal da Mãe.

Ayla tinha certeza de que alguma terrível catástrofe acontecia para que a terra vomitasse com aquela força. A coluna cinzenta, escura, devia ser inacreditavelmente grande para parecer enorme vista de tão longe, e a nuvem, agitando-se e avolumando-se encolerizadamente, era cada vez maior. Ventos fortes começavam a empurrá-la para oeste.

- É o leite do seio de Doni - disse Jondalar, mais calmo do que se sentia, usando uma palavra de sua língua. Todos saíram das tendas e fitavam, agora, a erupção amedrontadora e a grande nuvem inchada de cinza vulcânica fervente.

- Que... palavra você disse? - perguntou Talut.

- É uma montanha, um tipo especial de montanha que vomita. Vi uma quando era muito jovem - disse Jondalar. - Nós as chamamos de "Seios da Mãe". Um velho Zelandoni nos contou uma tenda sobre elas.

A montanha que viera distante, na região central elevada. Mais tarde, um homem que viajava e que estava mais perto dela contou-nos o que viu. Era uma história muito excitante, mas ele estava com medo. Houve alguns pequenos terremotos, depois o topo da montanha se abriu e jogou para o alto um grande vômito como aquele, e fez uma nuvem negra que tomou conta do céu. Não é como uma nuvem comum, no entanto, está cheia de um pó claro, como cinza. Aquela... - fez um gesto em direção à grande nuvem negra que corria para o oeste - . . . parece que se afasta de nós. Espero que o vento não mude.

Quando a cinza assentar, cobrirá tudo. Às vezes, muito profundamente.

- Deve ser distante - disse Brecie. - Nem sequer vemos as montanhas daqui, e não há sons, nem estrondos, nem ribombos, ou tremor de terra. Somente aquele grande vômito e a nuvem escura.

- É por isto, mesmo se a cinza cair por aqui, que talvez não seja muito prejudicial. Estamos muito distantes.

- Você disse que houve terremotos? Terremotos sempre são um sinal da Mãe. Este também deve ser. Os mamutes terão que meditar sobre isto, descobrir seu significado - disse Vincavec, não querendo se mostrar menos entendido que o estrangeiro.

Ayla não ouviu muita coisa além de 'terremoto'. Não havia nada no mundo que ela temesse mais do que terremotos. Havia perdido sua família quando tinha cinco anos em um tremor de terra violento, e outro terremoto havia matado Creb quando Broud a expulsara do Clã. Os terremotos sempre pressagiavam perda devastadora, mudança dolorosa. Ela estava a um passo de perder o controle.

Então, com o rabo do olho, vislumbrou um movimento familiar. No instante seguinte, uma listra de pele cinza corria para ela, saltando, e colocando patas molhadas, enlameadas, em seu peito. Ela sentiu a lambida de uma língua áspera em seu queixo.

- Lobo! Lobo! O que está fazendo aqui? - disse ela, enquanto o abraçava pelo pescoço. Então, parou, tomada de horror e gritou: - Oh, não! É Rydag! Lobo veio me chamar, levar-me até Rydag! Devo ir. Preciso ir imediatamente! - Terá que deixar os travois e os fardos dos cavalos aqui, e voltar montada na égua - disse Talut.

O sofrimento em seus olhos era evidente. Rydag era o filho de sua fogueira, tanto quanto qualquer dos filhos de Nezzie, e o chefe o amava. Se ele fosse capaz, se não fosse tão grande, Ayla lhe teria oferecido Racer, para que o montasse e voltasse com ela.

Ela correu até a tenda para se vestir e viu Ranec.

É Rydag - disse.

- Eu sei, ouvi você. Deixe-me ajudar. Colocarei um pouco de alimento e água em sua mochila.

Precisa do rolo de dormir? Eu o porei também - disse ele, enquanto ela amarrava as botas.

- Oh, Ranec - falou Ayla. Ele era tão bom para ela. - Como lhe agradecer? - Ele é meu irmão, Ayla.

Claro! pensou. Ranec também o ama.

- Desculpe, não estou pensando bem. Quer voltar comigo? Eu pensava em pedir a Talut, mas ele é grande demais para montar Racer. Você poderia, contudo.

- Eu? Montar? Nunca! - exclamou Ranec, parecendo surpreso e recuando um pouco.

Ayla franziu a testa. Ela não havia percebido que ele tinha tal sentimento forte em relação aos cavalos, mas agora que refletia a respeito ele era um dos poucos que nunca lhe tinha pedido para dar um passeio a cavalo. Ela se perguntou por quê.

- Eu não saberia como conduzi-lo e... creio que cairia, Ayla. Está certo para você, é uma das coisas de que gosto em você, mas eu jamais cavalgarei - disse Ranec. - Prefiro meus próprios pés. Nem mesmo gosto de barcos.

- Mas alguém tem que ir com ela. Não deve voltar sozinha - disse Talut, pouco além da entrada.

- Ela não voltará - disse Jondalar, com trajes de viagem, de pé ao lado de Whinney, segurando a rédea de Racer.

Ayla soltou um grande suspiro de alívio e depois enrugou a testa. Por que ele ia com ela? Ele nunca quisera ir a lugar algum sozinho com ela. Realmente, não gostava dela. Ela ficou contente por ter a companhia dele, mas não iria lhe dizer. Já se humilhara demasiadas vezes.

Enquanto colocava a bagagem em Whinney, Ayla viu Lobo bebendo água do prato de Ranec. Ele já havia comido também metade de uma travessa de carne.

Obrigada por alimentá-lo, Ranec.

Só porque não monto um cavalo, não significa que não goste de animais, Ayla - disse o escultor, sentindo-se diminuído. Ele não quisera lhe dizer que tinha medo de montar.

Ela concordou com um gesto de cabeça e sorriu.

- Verei você quando você chegar ao Acampamento do Lobo - disse Ayla.

Eles se abraçaram e beijaram, e Ayla achou que ele a segurara com excessivo ardor. Ela abraçou Talut

também, e a Brecie, e roçou a face de Vincavec com a sua, depois montou. O lobo estava imediatamente nos calcanhares de Whinney.

- Espero que Lobo não esteja cansado demais para voltar depois de vir correndo até aqui - disse Ayla.

- Se ele ficar cansado, poderá cavalgar Whinney com você - disse Jondalar sentado sobre Racer, tentando manter o nervoso garanhão calmo - Tome conta dela, Jondalar - disse Ranec. - Quando ela está preocupada com outra pessoa, esquece de cuidar de si mesma. Quero que ela esteja bem para o nosso Matrimônio.

- Tomarei conta dela, Ranec. Não se preocupe, você terá uma mulher sadia e desejável para levar para sua fogueira - replicou Jondalar.

Ayla olhou de um para o outro. Havia mais coisa dita do que as palavras.

Viajaram sem descanso até o meio-dia, depois pararam para repousar e almoçar o que tinham trazido de comida. Ayla estava profundamente preocupada com Rydag, e teria preferido continuar a marcha, mas os animais precisavam de descanso. Ela se perguntou se Rydag teria mandado Lobo por conta própria. Parecia provável. Qualquer outro enviaria uma pessoa. Somente Rydag raciocinaria que Lobo era suficientemente esperto para compreender a mensagem e seguir o rastro de Ayla para encontrá-la. Mas ele não faria isso, a menos que fosse muito importante.

A perturbação no sudeste a amedrontara. A grande coluna cuspida para o céu tinha cessado, mas a nuvem ainda estava lá, espalhando-se. O medo de estranhas convulsões da terra era tão fundamental nela, e tão profundo, que estava em um estado de choque brando. Somente seu medo opressivo por Rydag a forçava a permanecer controlada.

Mas, com todos os seus temores, Ayla estava fortemente consciente de Jondalar. Ela quase havia

esquecido como ficava feliz em estar com ele. Ela havia sonhado em cavalgar com ele montando Whinney e Racer, somente os dois juntos, com Lobo correndo ao lado. Enquanto descansavam, ela o observou, mas, disfarçadamente, com a habilidade de uma mulher do Clã em se anular, em ver sem ser vista. Somente olhar para ele lhe dava uma sensação de calor e um desejo de estar mais perto, mas seu insight recente sobre seu comportamento inexplicável, e o embaraço que sentia em se insinuar para ele a faziam relutante em mostrar seu interesse. Se ele não a queria, ela não o queria, ou, ao menos, não iria deixá-lo saber que queria.

Jondalar também a observava, esperando encontrar um meio de lhe falar, de lhe dizer quanto a amava, de tentar reconquistá-la. Mas ela parecia evitá-lo, não conseguia encontrar seu olhar. Sabia como ela estava preocupada com Rydag - ele mesmo temia o pior - e não queria intrometer-se.

Não tinha certeza se era o momento certo para abordar seus sentimentos pessoais e, depois de todo aquele tempo, não sabia exatamente como começar. Cavalgando de volta, ele tinha visões arrebatadas de nem sequer parar no Acampamento do Lobo, de continuar com ela, talvez todo o caminho de regresso ao seu lar. Mas ele sabia que isso era impossível. Rydag precisava dela, e ela estava prometida a Ranec. Iam unir-se. Por que ela queria ir com ele? Não descansaram muito. Assim que Ayla achou que os cavalos já estavam refeitos, recomeçaram a viagem. Mas viajaram apenas por pouco tempo quando viram alguém se aproximar. Ele ergueu o braço de alguma distância, e quando se acercaram mais, viram que era Ludeg, o mensageiro que lhes havia contado sobre o novo local para a Reunião de Verão.

- Ayla! É você que estou procurando. Nezzie me mandou encontrá-la. Infelizmente, tenho más notícias.

Rydag está muito doente - disse Ludeg. Depois, olhou ao redor. - Onde estão os outros? - Estão vindo. Viemos na frente assim que soubemos - disse Ayla.

- Mas como souberam? Sou o único corredor enviado - falou Ludeg.

- Não - disse Jondalar - você é o único corredor humano que foi enviado, mas os lobos podem correr mais velozmente.

De repente, Ludeg viu o jovem lobo.

Ele não foi caçar com vocês. Como Lobo chegou aqui? - Acho que Rydag o mandou - disse Ayla. - Ele nos encontrou do outro lago do brejo.

- E isso foi muito bom - falou Jondalar. - Talvez você não encontrasse os caçadores. Eles resolveram dar volta ao brejo no caminho de regresso. É mais fácil, quando se está muito carregado, permanecer em terreno seco.

- Então, encontraram mamutes. Ótimo, isso fará todo mundo feliz - disse Ludeg e depois olhou para Ayla. - Acho melhor se apressarem. É sorte estarem tão perto.

Ayla sentiu o sangue desaparecer de seu rosto.

- Gostaria de montar comigo, Ludeg? - perguntou Jondalar, antes de se afastarem depressa.

- Não. Vocês precisam ir. Já me pouparam uma longa viagem, não me importo de voltar a pé.

Ayla galopou Whinney todo o caminho de volta à Reunião de verão Desmontou e entrou na tenda antes que qualquer pessoa soubesse que havia voltado.

- Ayla! Está aqui! Conseguiu chegar a tempo. Eu temia que ele se fosse antes de você chegar - disse Nezzie. - Ludeg deve ter viajado de pressa.

- Não foi Ludeg quem nos encontrou. Foi Lobo - falou Ayla, tirando o agasalho e correndo para a cama de Rydag.

Teve que fechar os olhos para vencer o choque, por um momento. A imobilidade do seu maxilar e as rugas de

tensão lhe disseram mais que qualquer palavra que ele sofria, sofria terrivelmente.

Estava pálido, mas olheiras profundas cercavam-lhe os olhos e sulcos em sua testa e faces projetavam-se em ângulos pronunciados. Cada respiração era um esforço e causava mais dor. Ela ergueu os olhos para Nezzie, de pé ao lado da cama.

- Que aconteceu, Nezzie? - lutava para conter as lágrimas, para o bem dele.

- Queria saber. Ele estava bem, então, de repente, ficou com esta dor.

Tentei tudo o que você me ensinou, dei-lhe o remédio. Nada ajudou - disse Nezzie.

Ayla sentiu um toque leve em seu braço.

- Estou contente porque veio - disse o menino com sinais.

Onde ela havia visto aquilo antes? A luta para fazer sinais com um corpo fraco demais para se mover? Iza. Era assim que estava quando morreu. Ayla havia acabado de voltar de uma longa viagem, então, e uma prolongada estada na Reunião de Clãs.

Mas, desta vez, ela havia ido apenas caçar mamutes. Não ficaram longe muito tempo. O que aconteceu com Rydag? Como ele havia ficado tão doente, tão depressa? A doença havia tomado conta dele devagar? - Você mandou Lobo, não foi? - perguntou Ayla.

- Sabia que ele a encontraria - o garoto fez sinais. - É esperto.

Rydag fechou os olhos, então, e Ayla teve que virar a cabeça para um lado e fechar os seus também. Doía ver a forma como ele se esforçava para respirar, doía ver seu sofrimento.

- Quando tomou seu remédio pela última vez? - perguntou Ayla, quando ele abriu os olhos e ela foi capaz de encará-lo.

Rydag sacudiu a cabeça de leve: - Não adianta. Nada ajuda.

- O que quer dizer, como nada ajuda? Você não é curandeiro. Como sabe? Sou eu que sei - disse Ayla. Tentando soar firme e positiva.

Ele tornou a sacudir a cabeça levemente: -Eu sei.

- Bem, vou examinar você, mas primeiro vou buscar um remédio para você - disse Ayla, porém ela tinha mais era medo de começar a chorar ali mesmo.

Ele tocou a mão dela, quando Ayla se preparara para ir.

- Não vá. - Ele fechou os olhos de novo e ela o viu lutar por mais uma respiração angustiante, e depois outra, impotente para fazer alguma coisa. - Lobo está aqui? - ele fez um sinal, afinal.

Ayla assobiou e quem quer que estivesse lá fora tentando impedir Lobo de entrar na tenda, de repente, descobriu que era impossível deter o animal. Lá estava ele, saltando sobre a cama de Rydag, tentando lamber o rosto. Rydag sorriu. Era quase mais do que Ayla podia suportar, aquele sorriso em um rosto do Clã que era tão unicamente Rydag. O jovem animal turbulento podia ser um excesso. Ayla lhe fez sinal para descer.

- Mandei Lobo. Querida Ayla - Rydag fez sinal de novo. - Quero...

- parecia ter esquecido a palavra em sinais.

- O que quer, Rydag? - encorajou Ayla.

- Ele tentou me dizer - falou Nezzie - mas não consegui entender. Espero que consiga. Parece tão importante para ele.

Rydag fechou os olhos e franziu a testa, e Ayla teve a impressão de que ele tentava lembrar-se de alguma coisa.

- Durc tem sorte. Ele... pertence ao Clã. Ayla, quero... mog-ur.

Ele se esforçava tanto, e cansava-se tanto, mas Ayla só podia tentar entender.

- Mog-ur? - o sinal foi silencioso. - Quer dizer um homem do mundo espiritual? - disse Ayla, alto.

Rydag sacudiu a cabeça afirmativamente, encorajado. Mas a expressão do rosto de Nezzie era insondável.

- É isso que ele está tentando dizer? - perguntou.

- Sim, acho que sim - retrucou Ayla. - Isso ajuda? Nezzie balançou a cabeça concordando depressa, com raiva.

- Eu sei o que ele quer. Não quer ser um animal, quer ir para o mundo espiritual. Quer ser enterrado... como uma pessoa.

Rydag balançava a cabeça agora, concordando.

- Claro - disse Ayla. - Ele é uma pessoa. - Parecia perplexa.

- Não, não é. Nunca foi contado entre os Mamutoi. Não o aceitaram. Disseram que era um animal - falou Nezzie.

- Quer dizer que não pode ter um funeral? Não pode caminhar para o mundo espiritual? Quem diz que não pode? - os olhos de Ayla brilhavam de cólera.

- A Fogueira do Mamute - disse Nezzie. - Não permitirão.

- Bem, não sou filha da Fogueira do Mamute? Eu permitirei! - declarou Ayla.

- Não adiantará. Mamut também permitiria. A Fogueira do Mamute tem que concordar, e não concordarão - murmurou Nezzie.

Rydag estivera ouvindo, esperançoso, mas agora sua esperança desaparecia. Ayla viu sua expressão, o desapontamento, e ficou mais zangada do que já estivera, um dia.

- A Fogueira do Mamute não tem que concordar. Não são os únicos a decidir se alguém é ou não humano.

Rydag é uma pessoa. Não é mais animal do que meu filho. A Fogueira do Mamute pode ficar com seu funeral. Rydag não precisa dele. Quando chegar a hora, eu o farei, da maneira do Clã, da forma como fiz para Creb, o Mog-ur. Rydag caminhará no mundo dos espíritos, com a Fogueira do Mamute ou sem ela! Nezzie olhou para o menino. Ele parecia mais relaxado agora. Não, concluiu. Em paz. O esforço, a tensão que demonstrara tinham desaparecido. Ele tocou o braço de Ayla.

- Não sou animal - disse, por sinais.

Ele parecia a ponto de dizer mais alguma coisa. Ayla esperou. Então, de repente, compreendeu que não havia som, luta alguma para respirar mais uma vez, atormentadamente. Ele não sofria mais.

Mas Ayla, sim. Ela ergueu a cabeça e viu Jondalar. Ele estivera ali o tempo todo e seu rosto estava tão marcado pela dor quanto o dela e o de Nezzie. De súbito, os três se abraçaram, tentando encontrar consolo um no outro.

Então, mais alguém mostrou sua tristeza. Do chão sob a cama de Rydag, um uivo baixo se ergueu de uma garganta peluda, depois ganidos se estenderam e aprofundaram e pairaram no ar, convertendo-se no primeiro uivo total, vibrante de Lobo. Quando o fôlego acabou, recomeçou, gritando a perda nos tons sonoros, estranhos, arrepiantes, inconfundíveis da voz do lobo. As pessoas se reuniram à entrada da tenda para olhar, mas hesitaram em entrar. Mesmo os três que estavam imersos em sua dor, fizeram uma pausa para ouvir e admirar-se. Jondalar pensou consigo mesmo que, animal ou homem, ninguém poderia pedir uma elegia mais pungente ou espantosa.

Depois das primeiras lágrimas angustiadas de tristeza, Ayla sentou-se ao lado do pequeno corpo, imóvel, mas suas lágrimas não cessaram. Ela fitava o espaço, lembrando-se silenciosamente de sua vida com o

Clã, e seu filho, e da primeira vez que vira Rydag. Ela amava Rydag. Ele viera a significar tanto para ela quanto Durc e, de certa forma, o substituiu.

Embora seu filho lhe houvesse sido tirado, Rydag lhe dera uma oportunidade para conhecer mais seu filho, saber como ele crescia e amadurecia, talvez, qual a sua aparência, como pensava, talvez. Quando sorria diante do humor tranquilo de Rydag, ou ficava satisfeita com sua percepção e inteligência, era capaz de imaginar que Durc tinha o mesmo tipo de compreensão. Agora, Rydag morrera, e seu frágil elo com Durc terminava. Sua dor era por ambos.

A tristeza de Nezzie não era menor, mas as necessidades dos vivos também eram importantes.

Rugie subiu em seu colo, magoada e confusa porque seu companheiro de brincadeiras, e amigo e irmão não podia mais brincar, nem sequer formar palavras com suas mãos. Danug estava estendido ao comprimento em seu leito, a cabeça enterrada sob uma coberta, soluçando, e alguém tinha que ir avisar Latie.

- Ayla? Ayla - disse Nezzie, afinal. - O que temos que fazer para enterrá-lo segundo o costume do Clã? Precisamos começar a prepará-lo.

Ayla levou um instante para compreender que alguém lhe falava. Franziu a testa, depois olhou para Nezzie.

- O quê? - Temos que aprontá-lo para o funeral. O que temos que fazer? Não sei coisa alguma sobre funerais do Clã.

Não, nenhum dos Mamutoi sabia, pensou ela. Especialmente a Fogueira do Mamute. Mas ela sabia. Pensou nos funerais do Clã a que tinha assistido e refletiu sobre o que deveria ser feito para Rydag. Antes de ser enterrado segundo o Clã, tem que ser Clã. Isso significa que tem que receber um nome e que precisa de

um amuleto com um pedaço de ocre vermelho nele. De repente, Ayla se levantou e saiu correndo.

Jondalar a seguiu.

- Aonde vai? - Se Rydag vai ser Clã tenho que fazer um amuleto para ele - disse ela.

Ayla atravessou o acampamento com passos largos, obviamente zangada, passando pelo Acampamento da Fogueira do Mamute sem sequer um olhar, e dirigindo-se diretamente à área de trabalho de sílex. Jondalar a acompanhou. Ele tinha alguma idéia do que ela pretendia. Ela pediu um nódulo de sílex, que ninguém poderia lhe recusar. Depois, olhou ao redor, encontrou um martelo de pedra e arranjou um local para trabalhar.

Quando começou a moldar o sílex à moda do Clã, e os quebradores de sílex dos Mamutoi compreenderam o que ela fazia, ficaram ansiosos para ver, e amontoaram-se tão perto quanto puderam ousar. Ninguém queria aumentar sua ira mais ainda, mas aquela era uma oportunidade rara. Jondalar havia tentado explicar as técnicas do Clã uma vez, depois que o back ground de Ayla se tornou geralmente conhecido, mas seu treinamento era diferente. Ele não possuía o controle necessário usando seus métodos. Mesmo quando era bem-sucedido, pensavam que era sua própria habilidade, não o processo incomum.

Ayla resolveu fazer duas ferramentas diferentes, uma faca aguçada e um machado pontudo, e levar as duas de volta para o Acampamento de Tifáceas para fazer o amuleto. Conseguiu fazer uma faca útil, mas estava tão cheia de raiva e dor que suas mãos tremiam. Da primeira vez que tentou fazer a ponta mais difícil, estreita e aguçada, partiu-a, e depois notou que muitas pessoas a observavam, o que a deixou nervosa. Sentiu que os trabalhadores de sílex Mamutoi julgavam o método de fabricar ferramentas do Clã, e ela não o representava bem, e então ficou zangada por se

importar com isso. Da segunda vez que tentou, quebrou-a também. Sua frustração trouxe lágrimas aos seus olhos, lágrimas de cólera, que tentou afastar com a mão. De repente, Jondalar estava ajoelhado à sua frente.

- É isto que quer, Ayla? - perguntou, erguendo a ferramenta aguçada que ela havia feito para a cerimônia especial do Festival de Primavera.

- É uma ferramenta do Clã! Onde você... é a que eu fiz! - exclamou.

- É. Eu voltei e peguei-a naquele dia. Espero que não se importe.

Ela estava surpresa, intrigada e estranhamente satisfeita.

- Não, não me importo. Estou contente porque o fez, mas qual o motivo? - Eu queria... examiná-la - replicou ele. Não conseguia obrigar-se a dizer que queria a ferramenta para se lembrar dela, Ayla, porque pensava que partiria sem ela. Não queria partir sem ela.

Ela levou as ferramentas de volta ao Acampamento de Tifáceas, e perguntou a Nezzie se tinha um pedaço de couro macio. Depois de entregá-lo a Ayla, Nezzie observou a jovem fazer a bolsa simples, pregueada.

- Parecem um pouco mais grosseiras, mas essas ferramentas funcionam realmente muito bem - falou Nezzie. - Para que é a bolsa? - É o amuleto de Rydag, como o que fiz para o Festival de Primavera. Tenho que colocar um pedaço de ocre vermelho nele, e dar-lhe um nome, como o Clã faz. Devia ter um totem também, para protegê-lo em sua ida para o mundo dos espíritos. - Fez uma pausa, e enrugou a testa.

- Não sei o que Creb fazia para descobrir o totem de uma pessoa, mas era sempre certo... talvez eu possa dividir o meu totem com Rydag. O Leão da Caverna é um totem poderoso, freqüentemente difícil de conviver com ele, mas foi testado muitas vezes. Rydag merece um totem forte, protetor.

- Há alguma coisa que eu possa fazer? Precisa ser preparado? Vestido? - perguntou Nezzie.

- Sim, eu também gostaria de ajudar - disse Latie, de pé à entrada. com Tulie.

- E eu também - falou Mamut.

Ayla ergueu a cabeça e viu quase todo o Acampamento do Leão querendo ajudar e olhando para ela, aguardando instruções. Só faltavam os caçadores. Ela ficou cheia de afeição por aquelas pessoas que tinham aceitado uma estranha criança órfã e aceitaram-na como um deles, e de uma cólera justa contra os membros da Fogueira do Mamute que nem sequer lhe dariam um enterro.

- Bem, primeiro alguém pode conseguir um pouco de ocre vermelho, e depois deve amassá-lo como Deegie faz para tingir o couro, e misturá-lo com uma gordura para fazer uma pomada. Essa tem que ser esfregada em todo o corpo de Rydag. Deveria ser gordura do Urso da Caverna, para um funeral adequado do Clã. O Urso da Caverna é sagrado para o Clã.

- Não temos gordura do Urso da Caverna - disse Torneec.

- Não há muitos Ursos da Caverna por aqui - falou Manuv.

- Por que não gordura de mamute, Ayla? - sugeriu Mamut. - Rydag não era somente Clã. Era misto. Era parte Mamutoi também, e o mamute é sagrado para nós.

- Sim, acho que podíamos usar essa. Ele era Mamutoi também. Não deveríamos esquecer isso.

- E que tal vesti-lo, Ayla? - perguntou Nezzie. - Ele não usou as roupas novas que fiz para ele este ano.

Ayla franziu a testa, depois concordou com um gesto de cabeça.

- Por que não? Depois que estiver pintado com o ocre vermelho, como o Clã faz, poderia vestir seus

melhores trajes, como os Mamutoi fazem, para os funerais. Sim, acho uma boa idéia, Nezzie.

- Eu jamais adivinharia que ocre vermelho era uma cor sagrada em seus funerais também - comentou Frebec.

- Eu nem imaginava que enterravam seus mortos - disse Crozie.

- Obviamente, a Fogueira do Mamute também não - disse Tulie.

- Vão ter uma surpresa.

Ayla pediu a Deegie uma das tigelas de madeira que ela lhe dera como um presente da adoção, feita no estilo do Clã, e usada para misturar o ocre vermelho com a gordura de mamute formando um unguento colorido. Mas foram Nezzie, Crozie e Tulie, as três mulheres mais velhas do Acampamento do Leão, que o esfregaram em Rydag, e depois o vestiram. Ayla separou um pouco da pasta vermelha oleosa para mais tarde, e pôs um pedaço de minério de ferro vermelho na bolsa que havia feito.

- Não devia ser embrulhado? - perguntou Nezzie. - Não devia, Ayla? - Não sei o que significa isso - respondeu Ayla.

Usamos um couro ou pele, ou alguma coisa para carregá-lo para fora, e depois embrulhamos o corpo com eles antes de ser colocado na sepultura.

Era outro costume Mamutoi, pensou Ayla, mas parecia que, vestindo-o tão ricamente e enfeitando-o com todos os seus adornos. já havia mais hábitos Mamutoi do que do Clã em seu enterro. As três mulheres a olhavam, ansiosas. Ela olhou para Tulie, depois para Nezzie. Sim, talvez Nezzie estivesse certa. Deviam usar alguma coisa para carregá-lo, algum tipo de roupa ou cobertura. Então, olhou para Crozie.

De repente, embora pensasse nele já há muito tempo, lembrou-se de algo: o manto de Durc. O manto que ela havia usado para carregar seu filho perto do

seio, quando era bebê, e para sustentá-lo sobre seu quadril quando era um pouco mais velho. Fora a única coisa que ela trouxera do Clã que não tinha utilidade definida. No entanto, quantas noites, quando estava sozinha, o manto de carregar Durc lhe dera uma sensação de conexão com o único local seguro que conhecera, e com aqueles que havia amado? Quantas noites dormira com aquele manto? Será que chorara nele? Será que o embalara? Era a única coisa que possuía que havia pertencido ao seu filho, e ela não estava certa de poder cedê-lo, mas será que precisava realmente do manto? Iria levá-lo consigo pelo resto da vida? Ayla viu Crozie olhando para ela, de novo, e lembrou-se da capa branca, que Crozie fizera para seu filho. Ela havia conservado a capa consigo por muitos anos, porque significava muito para ela.

Mas a cedera por um bom propósito a Racer, para protegê-lo. Não era mais importante para Rydag ser enrolado em algo que viera do Clã, quando ela ia enviá-lo em seu trajeto para o mundo dos espíritos, do que para ela, carregar o manto de Durc consigo? Crozie havia, finalmente, se libertado da lembrança de seu filho. Talvez fosse hora de ela esquecer Durc também, e apenas ser grata porque ele era mais que uma lembrança.

- Tenho uma coisa para embrulhá-lo - disse Ayla. Correu para seu local de dormir e do fundo de uma pilha, tirou um couro dobrado e sacudiu-o, abrindo-o. Segurou o couro macio, flexível, antigo manto de seu filho junto a sua face mais uma vez e fechou os olhos, lembrando-se. Depois, voltou e entregou-o à mãe de Rydag.

- Aqui está uma capa - disse a Nezzie - um envoltório do Clã. Um dia, pertenceu ao meu filho. Agora, ajudará Rydag no mundo espiri tual. E obrigada, Crozie - ajuntou.

Por que me agradece? - Por tudo que fez por mim, e por me mostrar que todas as mães devem esquecer, às vezes.

- Ora! - exclamou a velha, tentando parecer severa, mas os olhos brilhantes de emoção. Nezzie pegou o manto e cobriu Rydag.

Já estava escuro, então. Ayla planejava fazer uma cerimônia simples no interior da tenda, mas Nezzie pediu-lhe para esperar até amanhecer, e realizar a cerimônia fora, para mostrar a todos os presentes à Reunião a humanidade de Rydag. Também daria aos caçadores um pouco mais de tempo para voltar. Ninguém queria que Talut e Ranec perdessem o funeral de Rydag, mas não poderiam esperar demais.

Na manhã seguinte, carregaram o corpo para fora e estenderam-no sobre o manto. Muitas pessoas da Reunião se aglomeraram perto, e outras se aproximavam. Havia-se espalhado a notícia de que Ayla daria a Rydag um funeral dos cabeças-chatas, e todos estavam curiosos. Ela estava com a tigela pequena de pasta de ocre vermelha e o amuleto nas mãos, e havia começado a invocar os espíritos, como Creb sempre o fizera, quando outro alvoroço aconteceu.

Para alívio de Nezzie, os caçadores voltaram, e com toda a carne de mamute. Tinham se revezado para arrastar os dois travois, e já planejavam fazer mudanças neles para fazer uma espécie de trenó que as pessoas pudessem puxar com mais facilidade.

A cerimônia foi adiada até a carne de mamute ser estocada, e Talut e Ranec serem postos a par do que acontecera, mas ninguém objetou quando foi feito um resumo breve. A morte da criança mista do Clã na Reunião de Verão havia criado um verdadeiro dilema. Rydag havia sido chamado de Abominação, animal, mas animais não eram enterrados; sua carne era estocada. Somente as pessoas tinham funerais, e não gostavam de

deixar os mortos sem sepultura por muito tempo. Embora os Mamutoi não quisessem conceder a Rydag uma condição humana, sabiam que tampouco era um animal, realmente. Ninguém reverenciava o espírito de cabeças-chatas, como veneravam veados, ou bisões, ou mamutes, e ninguém estava pronto para estocar a carne de Rydag ao lado das carcaças de mamutes. Ele era uma aberração, exatamente porque viam sua humanidade, mas degradavam-na e não a reconheciam. Ficaram contentes ao deixar que Ayla e o Acampamento do Leão se encarregassem do corpo de Rydag de uma forma que parecia resolver o problema.

Ayla ficou de pé em um montículo para recomeçar a cerimônia, tentando recordar os sinais que Creb fizera naquela parte. Ela não sabia, exatamente, o que os sinais significavam, eram ensinados apenas a mog-urs, mas ela sabia a finalidade geral e conhecia o conteúdo, e explicava, enquanto prosseguia, para benefício do Acampamento do Leão e do resto dos Mamutoi presentes.

- Estou invocando os espíritos agora - disse ela. - O Espírito do Grande Urso da Caverna, do Leão da Caverna, do Mamute, todos os outros, e os Espíritos Antigos também, do Vento e da Neblina e da Chuva.

- Depois, estendeu a mão para a pequena tigela. - Agora, vou-lhe dar nome e torná-lo parte do Clã - ajuntou, e enfiando o dedo na pasta vermelha, traçou uma linha da testa até o nariz de Rydag. Depois levantou-se e disse, com sinais e palavras: - O nome do menino é Rydag.

Havia uma característica nela, o tom de voz, a intensidade de sua expressão enquanto tentava lembrar, exatamente, os movimentos e sinais corretos, até mesmo seu estranho maneirismo de fala, que fascinavam as pessoas. A história de que ela ficara em pé no gelo chamando os mamutes se espalhava depressa. Ninguém

duvidava de que aquela filha da Fogueira do Mamute tinha todo direito de conduzir aquela cerimônia, ou qualquer outra, quer tivesse uma tatuagem de Mamut ou não.

- Agora, ele tem nome segundo o costume do Clã - explicou Ayla mas também precisa de um totem para ajudá-lo a encontrar o mundo dos espíritos. Não conheço seu totem, por isso, partilharei meu totem, o Espírito do Leão da Caverna, com ele. É um totem muito poderoso e protetor, mas ele o merece.

Em seguida, ela expôs a pequena perna direita de Rydag, e, com a pasta de ocre vermelho, traçou quatro linhas paralelas em sua coxa. Depois levantou-se e anunciou em palavras e sinais: - Espírito do Leão da Caverna, o menino, Rydag, está entregue à sua proteção. - Em seguida, colocou o amuleto, amarrado a um cordão, em seu pescoço. - Agora, Rydag recebeu um nome e é aceito pelo Clã - Disse ela, esperando, ardentemente, que fosse verdade.

Ayla havia escolhido um local um pouco afastado do acampamento e o Acampamento do Leão havia pedido e recebido permissão do Acampamento do Lobo para enterrá-lo ali. Nezzie envolveu o corpinho rígido no manto de Durc, depois Talut pegou o menino e carregou-o para o lugar do funeral. Não se envergonhava das lágrimas que caíam enquanto colocava Rydag na sepultura vazia.

O povo do Acampamento do Leão permaneceu ao redor da escavação no solo que fora levemente aprofundada apenas, e observou as várias coisas que eram colocadas no túmulo com ele. Nezzie trouxe comida e a pôs ao lado do menino. Latie acrescentou o pequeno apito predileto de Rydag.

Tronie trouxe um fio de ossos e vértebras de veado, que ele havia usado quando tomara conta dos bebês e crianças pequenas do Acampamento do Leão, no inverno

passado. Era o que ele mais gostava de fazer, porque era algo útil que ele era capaz de realizar. Então, inesperadamente, Rugie correu para a cova e deixou cair ali sua boneca favorita.

A um sinal de Ayla, todos os membros do Acampamento do Leão pegaram uma pedra e, cuidadosamente, colocaram-na sobre o vulto envolvido no manto; o início de seu monte de pedras da sepultura. Foi então que Ayla começou a cerimônia do funeral. Não tentou explicar, o propósito parecia bastante claro. Usando os mesmos sinais que Creb utilizara no funeral de Iza, e que ela, em troca, havia usado para honrar Creb, quando o encontrara na caverna semeada de fragmentos de pedra, os movimentos de Ayla davam significado a um rito fúnebre que era muito mais antigo do que qualquer pessoa ali imaginava, e mais bonito do que tinham pensado.

Ela não usava a linguagem de sinais simplificada que ensinara ao Acampamento do Leão. Esta era a linguagem completa, complexa, rica do Clã em que movimentos e posturas de todo o corpo tinham vislumbres e nuances de significado. Embora vários sinais fossem esotéricos - até Ayla não conhecia o significado pleno - muitos sinais comuns também eram incluídos, alguns dos quais o Acampamento do Leão conhecia. Eram capazes de compreender a essência, saber que era um ritual para enviar alguém a outro mundo. Para o resto dos Mamutoi, o movimento de Ayla tinha a aparência de uma dança sutil, contudo expressiva, cheia de gestos manuais e movimentos de braços, posturas e sinais. Ela despertava neles, com sua graça silenciosa, o amor e a perda, a tristeza e a esperança mítica da morte.

Jondalar estava acabrunhado. Derramava lágrimas tão livremente quanto qualquer membro do Acampamento do Leão. Enquanto observava a bela

dança silenciosa de Ayla, lembrou-se de um momento no vale - parecia fazer tanto tempo agora - quando ela, certa vez, havia-lhe tentado dizer alguma coisa com o mesmo tipo de movimentos graciosos. Mesmo então, embora ele não entendesse que era uma linguagem, havia sentido um significado mais profundo em seus gestos expressivos. Agora, que sabia mais, ficou surpreso com o quanto não sabia, contudo, como ele achava bonito quando Ayla se movia daquela maneira...

Ele recordou a postura que ela usara da primeira vez que se encontraram, sentando-se ao solo de pernas cruzadas e inclinando a cabeça, esperando que ele lhe desse um tapinha amistoso no ombro.

Mesmo depois de ela ser capaz de falar, usava essa postura, às vezes. Sempre o embaraçava, principalmente, depois que soube que era um gesto do Clã, mas ela lhe havia dito que era sua forma de tentar expressar alguma coisa para a qual ignorava as palavras. Sorriu consigo mesmo. Era difícil acreditar que, quando ele a conhecera, ela fosse incapaz de falar. Agora, era fluente em duas línguas: a dos Zelandonii e dos Mamutoi; três, se ele contasse a linguagem do Clã. Ela chegara até mesmo a aprender um pouco de Sungaea durante o curto tempo que passara com eles.

Enquanto a observava mover-se segundo o ritual do Clã, cheio de recordações do vale e do seu amor, a quis mais do que já desejara qualquer coisa em sua vida. Mas Ranec estava de pé perto dela, tão fascinado quanto ele. Todas as vezes que Jondalar olhava para Ayla, não podia evitar dever o homem de pele escura. Ranec, no instante em que chegara, a havia procurado e fez questão de deixar Jondalar saber que ela ainda estava prometida a ele. E Ayla parecera distante, esquiva.

Ele havia feito algumas tentativas para falar com ela, expressar sua tristeza, mas depois dos primeiros

momentos de dor partilhada, ela não pareceu querer aceitar seus esforços para consolá-la.

Ele se perguntou se imaginava aquilo. Tão triste quanto estava Ayla, o que ele poderia esperar? De repente, todas as cabeças se voltaram ao som de uma batida regular. Marut, o tamborileiro, havia ido ao Recinto de Música e trouxera seu tambor de crânio de mamute. A música sempre era tocada nos funerais dos Mamutoi, mas os sons que ele produzia não eram os habituais ritmos dos Mamutoi. Eram os ritmos desconhecidos, estranhamente fascinantes do Clã, que Ayla lhe havia ensinado. Então, o músico barbudo, Manen, começou a tocar tons simples de flauta que Ayla havia assobiado. A música se harmonizava, de forma inexplicável, com os movimentos da mulher que dançava um ritual tão evanescente quanto o som da própria música.

Ayla havia quase terminado o ritual, mas resolveu repeti-lo, já que tocavam sons do Clã. A segunda vez que tocaram, os músicos começaram a improvisar. Com sua perícia e habilidade, converteram os sons simples do Clã em algo que não era Clã, ou Mamutoi, mas uma mistura de ambos. Um acompanhamento perfeito, pensou Ayla, para o enterro de um menino que era uma mistura dos dois.

Ayla fez uma repetição final com os músicos e não teve certeza quando suas lágrimas começaram, mas podia ver que não estava sozinha. Havia muitos olhos úmidos, e não apenas do Acampamento do Leão.

Quando terminou pela terceira vez, uma pesada nuvem escura que se aproximara do sudeste começou a esconder o sol. Era a estação das tempestades, e algumas pessoas procuraram abrigo.

Em vez de água, uma poeira fina começou a cair, muito leve a princípio. Depois, a cinza vulcânica da erupção das montanhas distantes caiu com mais força.

Ayla ficou ao lado da sepultura de Rydag, sentindo a cinza vulcânica leve e frágil descer sobre ela, cobrindo seu cabelo, ombros, colando-se aos seus braços, sobancelhas, e até pestanas, convertendo-a num vulto monocromo bege-acinzentado claro. A fina poeira cobriu tudo, as pedras da sepultura, o capim, até o pó marrom da trilha. Troncos e arbustos assumiram a mesma tonalidade. Cobriu as pessoas de pé ao lado da cova também e, para Ayla, todos começaram a ficar iguais. As diferenças desapareciam diante de forças tão terríveis quanto deslocamentos da terra e morte.

Capítulo 37

- Essa coisa é horrível! - exclamou Tronie, sacudindo uma coberta de cama à beira de uma ravina, e fazendo mais cinza subir ao ar. - Estamos limpando a cinza há dias, mas ela está na comida, na água, roupas, cama. Penetra em tudo e não se consegue ficar livre dela.

- Precisamos de outra boa chuva - falou Deegie, jogando fora a água suja que fora usada para lavar a cobertura de couro da tenda. Este é um ano em que esperarei ansiosa pelo inverno.

- Estou certa de que sim - disse Tronie, depois a olhou de esguelha e riu- mas acho que é porque estará unida, então, e vivendo com Rranag.

Um belo sorriso mudou o rosto de Deegie, enquanto pensava nas futuras núpcias.

- Não nego isso, Tronie - disse ela.

- É verdade que a Fogueira do Mamute falava sobre adiar o Matrimônio por causa desta cinza? - perguntou Tronie.

- É, e os Ritos de Feminilidade também, mas todos objetaram. Sei que Latie não quer esperar e eu também não. Afinal, concordaram. Não querem mais ressentimentos. Muitas pessoas acharam que eles estavam errados em relação ao funeral de Rydag - falou Deegie.

- Mas algumas concordaram com eles - disse Fralie, aproximando-se com uma cesta cheia de cinza. Virou-a na ravina. - Não importa o que decidissem, sempre alguém acharia que estavam errados.

- Acho que se precisava viver com Rydag para saber - disse Tronie.

- Não estou tão certa - disse Deegie. - Ele viveu conosco muito tempo, mas nunca pensei nele como totalmente humano, até Ayla chegar.

- Acho que ela não está tão ansiosa pelo Matrimônio quanto você, Deegie - disse Tronie. - Pergunto-me se há algo errado com ela. Está doente? - Acho que não - respondeu Deegie. - Por quê? - Ela não está agindo certo. Prepara-se para se unir, mas não parece ansiosa por isso. Está ganhando muitos presentes, e tudo, mas não tem aparência feliz. Devia ser como você. Toda vez que alguém fala "unir" você sorri, e fica com uma expressão sonhadora no rosto.

- Nem todo mundo anseia por uma união da mesma maneira - disse Fralie.

- Ela era muito unida a Rydag - comentou Deegie. - E está sofrendo, tanto quanto Nezzie. Se ele tivesse sido Mamutoi, provavelmente o Matrimônio seria adiado.

- Também sinto muito por Rydag, e tenho saudades dele.. - era tão bom para Hartal - disse Tronie. - Todos sentimos, embora ele estivesse sofrendo tanto, que fiquei aliviada. Creio que alguma outra coisa está incomodando Ayla.

Ela não acrescentou que havia perguntado sobre a união de Ayla com Ranec desde o início. Não havia razão para isto se tornar tema de discussão, mas apesar do sentimento de Ranec por Ayla, Deegie ainda achava que Ayla gostava mais de Jondalar, embora ela parecesse ignorá-lo ultimamente. Ela viu o alto homem Zelandonii sair da tenda e caminhar em direção ao centro da área de Reunião. Parecia preocupado.

Jondalar sacudiu a cabeça afirmativamente, em resposta às pessoas que o cumprimentavam ao passar, mas seus pensamentos estavam voltados para seu íntimo. Será que ele estava imaginando, ou realmente Ayla o evitava? Depois de todo o tempo que ele passara tentando ficar fora do seu caminho, ainda não conseguia

acreditar, agora que queria falar com ela sozinho, que ela o estivesse evitando. Apesar de sua promessa a Ranec, parte dele sempre acreditara que tudo o que tinha a fazer era deixar de evitá-la, e ela estaria dispo nível para ele, de novo. Não que ela parecesse ansiosa demais, exatamente, mas sim porque parecia aberta para ele. Agora, parecia fechada. Ele havia resolvido que o único meio de descobrir era enfrentá-la diretamente, mas tinha dificuldade em encontrá-la em um momento e lugar onde pudessem conversar.

Viu Latie vindo em sua direção. Sorriu e parou para observá-la. Ela caminhava com um passo largo, independente, agora, sorria com confiança para as pessoas que a saudavam. Há uma diferença, pensou ele. Sempre ficava admirado ao ver a mudança que os Primeiros Ritos causavam.

Latie não era mais uma criança, ou uma menina nervosa, soltando risadinhas. Embora ainda jovem, caminhava com a segurança de uma mulher.

- Olá, Jondalar - disse ela, sorrindo.

- Olá, Latie. Parece feliz. - Uma jovem adorável, pensou ele con sigo mesmo enquanto sorria. O olhar transmitiu seu sentimento. Ela respondeu com uma respiração contida e olhos arregalados, e depois com um olhar que dava resposta ao convite inconsciente de Jondalar.

Estou. Eu já me cansava de ficar em um só lugar o tempo todo. Esta é a primeira chance que tive de dar uma volta sozinha... ou com alguém que quero. - Aproximou-se um pouco mais enquanto erguia os olhos para ele. - aonde vai? - Procuro Ayla. Você a viu? Latie suspirou, depois sorriu de forma amigável.

- Vi. Ela estava vendo o bebê de Tricie. Mamut também está à sua procura.

- Não culpe a todos eles, Ayla - disse Mamut. Estavam sentados ao sol quente, à sombra de um grande

amieiro.

- Houve muitos que discordaram. Eu fui um deles.

- Não o culpo, Mamut. Não sei se posso culpar alguém, mas por que são incapazes de ver? O que faz as pessoas odiá-los tanto? - Talvez porque possam ver como somos parecidos, assim, procuram as diferenças. - Fez uma pausa, depois acrescentou: - Você devia ir à Fogueira do Mamute antes de amanhã, Ayla. Não pode se unir até fazer isso. E a última, sabe.

- Sim, acho que devia - disse Ayla.

- Sua relutância está dando esperança a Vincavec. Ele me perguntou hoje, novamente, se eu achava que você estava refletindo na proposta dele. Ele disse que se você não queria quebrar sua promessa, ele iria falar com Ranec sobre aceitá-lo como companheiro também. Sua proposta aumentaria seu Preço de Noiva substancialmente, e daria status muito elevado a todos vocês. O que pensa sobre isso, Ayla? Gostaria de aceitar Vincavec como "co-companheiro"? Juntamente com Ranec? - Vincavec falou alguma coisa sobre isso na caçada. Eu teria que conversar com Ranec e saber o que ele acha - disse Ayla.

Mamut sentiu que ela mostrava muito pouco entusiasmo, de qualquer forma. Não era um bom momento para uma união por causa de sua tristeza ainda tão grande, mas com todas as propostas e atenção, era difícil aconselhar a esperar. Ele percebeu que ela ficou distraída, de repente, e se virou para ver o que ela observava. Jondalar se dirigia a eles. Ayla parecia nervosa e avançou um passo como se estivesse para se afastar rapidamente, porém não podia interromper, assim, sua conversa com Mamut, tão abruptamente.

você.

- Aí está, Ayla. Tenho andado à sua procura. Gostaria de falar com...

- Estou ocupada com Mamut agora - disse ela.

- Acho que terminamos, se quer falar com Jondalar - disse Mamut.

Ayla abaixou os olhos, depois encarou o velho, evitando o olhar fixo e perturbado de Jondalar, e disse, suavemente: - Acho que não temos mais nada para dizer um ao outro, Mamut.

Jondalar sentiu o sangue fugir de seu rosto, depois um choque de calor que o ruborizou. Ela estivera evitando-o! Nem sequer queria lhe falar.

- Hum... bem... eu... eu sinto muito ter incomodado você - disse ele, recuando. Depois, desejando encontrar um lugar onde se esconder, afastou-se correndo.

Mamut a observou com atenção. Depois que Jondalar se afastou, Ayla o acompanhou com o olhar, ainda mais perturbado que o dele. Ele sacudiu a cabeça, mas evitou falar enquanto voltavam juntos para o Acampamento do Leão.

Quando se aproximavam, Ayla reparou em Nezzie e Tulie dirigindo-se a eles. A morte de Rydag havia sido dura para Nezzie. No dia anterior, ela havia trazido a sobra de seu remédio, e ambas choraram. Nezzie não queria o medicamento por perto, como uma lembrança triste, mas não sabia se devia jogá-lo fora. Ayla compreendeu, então, que com a morte de Rydag, a necessidade de ajudar Nezzie a tratá-lo também desaparecera.

- Procurávamos você, Ayla - falou Tulie. Ela estava encantada com sigo mesma, como alguém que planejara uma grande surpresa, e isso era raro na grande chefe. As duas mulheres abriram algo que estava dobrado cuidadosamente. Os olhos de Ayla se arregalaram, e as duas mulheres se entreolharam e sorriram. - Toda noiva precisa de uma túnica nova. Em geral, é a mãe do homem que a faz, mas eu queria ajudar Nezzie.

Era um traje surpreendente de couro amarelo dourado, ricamente ornado; algumas partes estavam

solidamente cheias de desenhos em contas de marfim, realçados por muitas pequenas contas de âmbar.

- É tão bonita e tão trabalhada! O trabalho com contas deve ter exigido dias e dias. Quando a fizeram? - perguntou Ayla.

- Nós a começamos depois que você anunciou sua promessa, e ter minamos aqui - disse Nezzie.

- Entre na tenda e experimente.

Ayla olhou para Mamut. Ele sorriu e concordou com um gesto de cabeça. Ele soubera do projeto, e até conspirara com elas sobre a surpresa. As três mulheres entraram na tenda, e foram ao local de dormir de Tulie. Ayla se despiu, mas não estava muito certa sobre como usar o traje. As mulheres a vestiram. Era uma túnica especialmente feita que se abria até em baixo, na frente, e era amarrada por uma faixa tecida a mão, de lã de mamute vermelha.

- Pode usá-la fechada assim, se quiser usá-la apenas para mostrar a alguém - disse Nezzie - mas, para a cerimônia, deve abri-la, assim.

- Puxou para trás a parte superior da túnica, abrindo-a, e tornou a amarrar a faixa. - Uma mulher exhibe orgulhosamente seus seios quando se une, quando traz sua fogueira para formar uma união com um homem.

As duas mulheres recuaram para admirar a futura noiva. Ela tem seios de que se orgulhar, pensou Nezzie. Seios de mãe, que podem amamentar. Pena que não tenha mãe aqui, consigo Ayla faria qualquer mulher orgulhosa.

- Podemos entrar agora? - perguntou Deegie, espreitando. Todas as mulheres do acampamento entraram para admirar Ayla em seu traje refinado. Parecia que todas tinham planejado a surpresa.

- Feche a túnica, agora, para poder sair e mostrar aos homens - disse Nezzie, tornando a amarrar a túnica.

- Não deve usá-la aberta em público até a cerimônia.

Ayla ficou de pé fora da tenda para o prazer e aprovação sorridente dos homens do Acampamento do Leão. Outros, que não eram do acampamento, também observavam. Vincavec soubera da surpresa e fez questão de estar por perto. Quando a viu, resolveu que, de alguma forma, se uniria a ela, mesmo se tivesse que dividi-la com mais dez homens.

Outro homem que não era do Acampamento do Leão, embora a maioria das pessoas o considerasse membro, também via a cena. Jondalar havia seguido Ayla de volta, não querendo aceitar sua rejeição, ou sequer acreditando nela. Danug lhe contou sobre o traje, e ele esperou com os outros.

Quando ela saiu, ele encheu os olhos com sua visão, depois fechou-os e sua testa se franziu de dor.

Ele a perdera. Ela mostrava a intenção de se unir a Ranec no dia se guinte; Ele respirou fundo e rangeu os dentes. Não podia ficar para vê-la unida ao escultor de pele escura do Acampamento do Leão. Era hora de partir.

Depois de Ayla trocar a roupa e tornar a sair com Mamut, Jondalar correu para a tenda. Estava contente por encontrá-la vazia. Fez sua bagagem, agradecendo a Tulie novamente por ter-lhe dado o equipamento de viagem, arrumou tudo o que iria levar e depois cobriu com uma pele de dormir.

Planejava esperar até de manhã, dizer adeus a todos, e partir imediatamente após a refeição matinal. Não diria a ninguém até então.

Durante o dia, Jondalar visitou alguns amigos especiais que fizera na Reunião, sem dizer adeus, mas pensando na despedida. A tarde, passou o tempo com cada membro do Acampamento do Leão.

Eram como uma família. Seria duro ir embora, sabendo que nunca mais tornaria a vê-los. Era ainda

mais difícil encontrar um meio de falar com Ayla, ao menos uma vez mais. Ele a observou, e quando ela e Latie saíram para o abrigo dos cavalos, ele as seguiu rapidamente.

As palavras da conversa foram superficiais e incômodas, mas havia uma intensidade nele que encheu Ayla de tensão e inquietude. Quando ela entrou, ele ficou e escovou o jovem garanhão até escurecer. Na primeira vez que Jondalar havia visto Ayla, ela estava ajudando Whinney a dar à luz.

Ele nunca havia visto algo assim antes. Também seria difícil deixar o animal. Jondalar tinha maior sentimento por Racer, do que jamais julgara possível gostar de um animal.

Finalmente, entrou na tenda e arrastou-se para a cama. Fechou os olhos, mas o sono não veio. Jazeu acordado e pensou em Ayla, em seus momentos no vale e em seu amor que crescera devagar. Não, não devagar. Ele a amou desde o início, apenas demorara a reconhecê-lo, demorara a apreciá-lo, demorara tanto que a perdera. Tinha jogado fora o amor de Ayla, pagaria pelo resto da vida. Como pudera ser tão estúpido? Ele nunca a esqueceria, ou o sofrimento de perdê-la, e jamais se perdoaria.

Foi uma noite longa, difícil, e quando a primeira claridade da alvorada se infiltrou escassamente pela abertura da tenda, ele não pôde mais suportar. Não podia dizer adeus, a ela ou a ninguém, tinha apenas que ir embora. Silenciosamente, reuniu sua bagagem e esgueirou-se para fora.

- Resolveu não esperar. Foi o que pensei - disse Mamut.

Jondalar girou.

- Eu... eu tenho que ir. Não posso mais ficar. É hora... ah... - ga guejou.

- Eu sei, Jondalar. Desejo-lhe boa viagem. Tem um longo caminho a seguir. Deve decidir sozinho o que é melhor, mas lembre-se disto, não se pode fazer uma escolha senão há ninguém para escolher. - O velho se inclinou para entrar na tenda.

Jondalar franziu a testa e caminhou para o abrigo dos cavalos, O que Mamut quisera dizer? Por que Aqueles Que Serviam a Mãe sempre diziam palavras inexplicáveis? Quando viu Racer, teve um impulso fugaz de cavalgá-lo, ao menos levar o animal, mas Racer era de Ayla. Acariciou os dois animais, abraçou o garanhão pelo pescoço, e então viu Lobo, e lhe deu uma esfregadela carinhosa. Depois, endireitou o corpo e começou a descer a trilha.

Quando Ayla acordou, o sol entrava. Parecia um dia perfeito. Então, lembrou que era o dia da celebração do Matrimônio. O dia não pareceu mais tão perfeito. Ela se sentou e olhou ao redor.

Alguma coisa estava errada. Sempre tivera o hábito de olhar na direção de Jondalar quando acordava. Ele não estava lá. Jondalar está de pé cedo, hoje, pensou. Não podia vencer a impressão de que alguma coisa estava muito errada.

Levantou-se, vestiu-se e foi para fora a fim de se lavar e encontrar um graveto para os dentes.

Nezzie estava ao lado do fogo, olhando para ela, estranhamente. A impressão de que algo estava errado cresceu ainda mais. Ela lançou um olhar ao abrigo dos animais. Whinney e Racer pareciam bem, e lá estava Lobo. Ela voltou à tenda e olhou ao redor, novamente. Muitas pessoas tinha acordado e saído. Então, notou que o lugar de Jondalar estava vazio. Ele não havia apenas saído.

Seu rolo de dormir e bornais de viagem, tudo faltava. Jondalar fora embora! Ayla saiu correndo, em pânico.

- Nezzie! Jondalar foi embora! Ele não está no Acampamento do Lobo, em lugar algum, foi embora! E abandonou-me! Eu sei, Ayla. Tenho esperado por isso. Você não? - Mas nem sequer disse adeus! Pensei que ia ficar até o Matrimônio.

- Essa é a última coisa que ele queria fazer, Ayla. Jamais quis ver você unida com outro homem.

- Mas... mas Nezzie... ele não me queria, O que mais eu podia fazer? - O que quer fazer? - Quero ir com ele! Mas, ele se foi! Como pôde me abandonar? Ele ia me levar! Foi isso que planejamos. O que aconteceu com tudo o que planejamos, Nezzie? - disse ela, numa súbita explosão de lágrimas.

Nezzie estendeu os braços e consolou a jovem soluçante.

- Os planos mudam, Ayla. A vida muda. E Ranec? - Não sou a mulher certa para ele. Deve-se unir a Tricie. É ela que o ama - disse Ayla.

- Você não o ama? Ele ama você.

- Eu queria amá-lo, Nezzie. Tentei amá-lo, mas amo Jondalar. Agora, Jondalar foi embora. - Ayla soluçou novamente. - Ele não me ama.

- Tem tanta certeza? - Ele me deixou e nem disse adeus. Nezzie, por que ele partiu sem mim? O que fiz de errado? - implorou Ayla.

- Acha que fez alguma coisa errada? Ayla parou e franziu a testa.

- Ele quis falar comigo ontem, e não falei com ele.

- Por quê? - Porque... porque ele não me queria. Durante todo o inverno, quando eu o amava tanto, e queria estar com ele, ele não me quis. Nem se quer falava comigo.

- Assim, quando ele quis falar com você, recusou-se a falar com ele - disse Nezzie. - Isso acontece, às vezes.

- Mas quero falar com ele, Nezzie. Quero estar com ele. Mesmo se ele não me amar, quero ficar com ele.

Mas, agora, foi-se embora. Levantou-se e foi embora. Não pode ter ido embora! Não pode estar... longe...

Nezzie olhou para ela e quase sorriu.

- A que distância ele pode estar, Nezzie? Posso caminhar depressa, talvez possa alcançá-lo.

Talvez eu deva ir atrás dele e saber o que ele queria me dizer. Oh, Nezzie, eu devia estar com ele! Eu o amo.

- Então, vá atrás dele, filha. Se o quer, e o ama, vá atrás dele. Diga-lhe o que sente. Ao menos, dê-lhe a chance de lhe dizer o que desejava.

- Tem razão! - Ayla enxugou as lágrimas com a palma da mão e tentou pensar. - É isso que devo fazer e vou fazê-lo! Agora! - disse, e começou a descer a trilha correndo, antes de Nezzie poder dizer outra palavra. Ela correu através das alpondras e entrou no campo. Então, parou. Ela não sabia que caminho ele tomara, teria que seguir sua pista, e ela levaria tempo demais para alcançá-lo dessa forma.

De repente, Nezzie ouviu dois assobios agudos. Sorriu quando o lobo passou rapidamente por ela, e Whinney levantou as orelhas e o seguiu. Racer correu atrás. Ela observou o declive, quando o lobo saltou em direção à jovem.

Quando ele se acercou mais, Ayla fez sinais e falou: - Encontre Jondalar, Lobo! Encontre Jondalar! O lobo começou a cheirar o terreno e as correntes de ar, e quando partiu, Ayla viu pistas leves de capim pisado e gravetos partidos. Ela montou Whinney e seguiu o lobo.

Somente depois de começar a cavalgar, foi que a pergunta lhe ocorreu. O que vou dizer a ele? Como lhe dizer que ele prometeu me levar consigo? E se ele não me ouvir? E se ele não me quiser? A chuva havia lavado o revestimento de cinza vulcânica das árvores e folhas, mas Jondalar caminhava através dos campos de arvoredos da planície aluvial, indiferente à beleza de um lindo dia de verão. Ele não sabia exatamente para onde

ia, apenas seguia o rio, mas a cada passo que o afastava mais, seus pensamentos se tornavam mais pesados.

Por que estou partindo sem ela? Por que viajo sozinho? Talvez eu devesse voltar, perguntar-lhe se quer vir comigo? Mas, ela não quer vir comigo. É uma Mamutoi. Estas pessoas são seu povo. Ela escolheu Ranec, não você, Jondalar, disse a si mesmo. Sim, escolheu Ranec, mas você lhe deu alguma opção? Então, parou. O que Mamut dissera? Algo sobre escolha? "Não se pode fazer uma escolha quando não há ninguém para escolher." O que ele quisera dizer? Jondalar balançou a cabeça, exasperado, e depois compreendeu, soube. Nunca a deixei escolher.

Ayla não escolheu Ranec, ao menos, não no início. Talvez na noite da adoção, ela teve uma opção... ou não? Foi criada pelo Clã. Ninguém nunca lhe disse que ela podia escolher. E então, eu a afastei. Por que não lhe dei uma opção antes de partir? Porque ela não queria falar comigo.

Não, porque você tinha medo de que ela não o escolhesse. Pare de mentir a si mesmo. Após todo aquele tempo, ela resolvera, afinal, não falar com você, e você teve medo de não ser escolhido por ela, é por isto, Jondalar. Assim, não lhe deu uma chance. Está se sentindo melhor agora? Por que não volta e a deixa escolher? Ao menos, por que não faz uma proposta? Mas, o que lhe dirá? Ela está se preparando para a grande cerimônia. O que lhe oferecerá? O que pode lhe oferecer? Poderia propor de ficar. Até propor de partilhar a fogueira com ela e Ranec. Você suportaria isso? Seria capaz de dividi-la com Ranec? Se a única opção fosse não tê-la senão assim, seria capaz de ficar aqui e dividi-la? Jondalar ficou imóvel, os olhos fechados, a testa enrugada. Somente se não tivesse outra escolha. O que ele mais queria era levá-la para casa, e torná-la a casa dela. Os Mamutoi tinham aceitado Ayla, seriam os

Zelandonii mais severos? Alguns deles talvez, não todos, mas ele não podia fazer promessas.

Ranec temo Acampamento do Leão, e muitas outras associações. Você não pode sequer oferecer a Ayla seu povo, suas ligações. Não sabe se eles a aceitarão, ou aceitarão você. Não tem nada a oferecer, a não ser você mesma. Se ele não pudesse oferecer mais que isso, o que fariam se seu povo não a aceitasse? Poderíamos ir para algum outro lugar, até voltar para cá. Franziu atesta. Muitas viagens. Talvez devesse apenas se oferecer para ficar, estabelecer-se ali. Tarneq disse que queria um quebrador de sílex para seu novo acampamento. E Ranec? Mais importante, e Ayla? E se ela não o quisesse, de modo algum? Estava tão absorto em seus pensamentos que não ouviu o ruído monótono de patas até Lobo saltar sobre ele, repentinamente.

- Lobo? O que está... - ergueu os olhos e fixou, incrédulo, enquanto Ayla desmontava do dorso de Whinney. Ela caminhou para ele, tímida agora, tão temerosa que ele lhe desse as costas novamente.

Como podia lhe dizer? Como fazê-lo ouvir? O que poderia fazer se ele não a ouvisse? Então, recordou aqueles primeiros dias sem palavras, e a forma como ela havia aprendido a pedir a alguém para ouvir, há muito tempo atrás. Caiu ao solo, graciosamente, pela longa prática, e inclinou a cabeça e esperou.

Jondalar arregalou os olhos para ela, não entendeu por um instante, depois lembrou. Era o seu sinal.

Quando ela queria contar alguma coisa importante a ele, mas não sabia as palavras, usava aquele sinal do Clã. Mas por que ela lhe falava agora na linguagem do Clã? O que ela queria lhe dizer que era tão importante? - Levante-se - disse ele. - Não precisa fazer isso. - Então, recordou a resposta adequada, e deu um tapinha no ombro de Ayla. Quando ela levantou a cabeça, tinha lágrimas nos olhos. Ele ficou abaixado, sobre um joelho

para limpá-las. - Ayla, por que está fazendo isto? Por que está aqui? - Jondalar, ontem você tentou me dizer alguma coisa, e eu não quis ouvi-lo; Agora, quero lhe dizer uma coisa. É difícil de dizer, mas quero que ouça. É por isto que peço desta maneira. Você ouvirá e não irá embora? A esperança queimava tanto que ele não conseguiu falar. Apenas balançou a cabeça e segurou-lhe as mãos.

- Antes, você queria que eu fosse embora com você - começou ela - e eu não queria sair do vale. - Parou para respirar fundo. - Agora, quero ir com você, a qualquer lugar, com você. Uma vez você me disse que me amava, que me queria. Agora, acho que não quer me amar, mas mesmo assim, quero ir com você.

- Levante-se, Ayla, por favor - disse ele, ajudando-a. - E Ranec? Pensei que o queria. - Seus braços ainda estavam ao redor dela.

- Não amo Ranec. Amo você, Jondalar. Nunca deixei de amá-lo. Não sei o que fiz para você parar de me amar.

- Você me ama? Você ainda me ama? Oh, Ayla, minha Ayla - disse Jondalar, apertando-a contra ele. Depois olhou para ela como se a visse pela primeira vez, e seus olhos se encheram de amor. Ela ergueu a cabeça e sua boca encontrou a dele. Uniram-se, abraçados, com uma paixão arrebatada e terna, cheios de amor, cheios de desejo.

Ayla não podia acreditar que estava nos braços de Jondalar, que ele a abraçava, desejando-a, amando-a, depois de tanto tempo. As lágrimas encheram-lhe os olhos, depois ela tentou detê-las, temerosa de que ele as interpretasse mal novamente. Em seguida, não se importou e deixou as lágrimas rolarem.

Ele abaixou os olhos para o rosto bonito: - Está chorando, Ayla.

- Somente porque amo você. Tenho que chorar. Faz tanto tempo e amo tanto você - disse ela.

Ele lhe beijou os olhos, as lágrimas, a boca e sentiu-a aberta para ele, gentil, firmemente.

- Ayla, está realmente aqui? - perguntou ele. - Pensei que a tinha perdido, e sabia que era apenas culpa minha. Amo você, Ayla, nunca deixei de amá-la. Deve acreditar nisso. Nunca deixei de amá-la, embora eu saiba por que você pensou o contrário.

Mas você não queria me amar, não é? Ele fechou os olhos e sua testa se franziu com a dor da verdade. Concordou com um gesto de cabeça: Eu me envergonhava por amar alguém que viera do Clã, e odiava-me por sentir vergonha da mulher que amava. Nunca fui tão feliz com alguém como com você. Amo-a, e quando éramos só nós dois, tudo era perfeito. Mas quando estávamos com outras pessoas... sempre que você fazia alguma coisa que aprendera com o Clã, eu me sentia embaraçado. E sempre temia que você dissesse alguma coisa, e então, todos saberiam que eu amava uma mulher que era... uma aberração.

- Mal consegui pronunciar a palavra. - Todos sempre me diziam que eu poderia ter qualquer mulher que quisesse. Nenhuma mulher me rejeitaria, diziam, nem mesmo a Própria Mãe. Parecia ser verdade, O que eles ignoravam era que jamais conheci uma mulher que quisesse, realmente, antes de você. Mas o que diriam se eu a levasse para casa? Se Jondalar podia ter qualquer mulher, por que trouxe para casa... a mãe de um cabeça-chata... uma abominação? Eu temia que eles não a aceitassem, e me rejeitassem também, a menos... que eu desse as costas a você. Eu tinha medo de fazer isso, se tivesse que escolher entre o meu povo e você.

Ayla franzia a testa, a cabeça abaixada.

- Eu não compreendi. Seria uma decisão muito difícil para você.

- Ayla - falou Jondalar fazendo-a erguer o rosto para ele. - Amo você. Talvez somente agora eu compreenda

como isso é importante para mim. Não apenas o fato de você me amar, mas de eu a amar. Agora, sei que só existe uma escolha para mim. Você é mais importante para mim do que meu povo, ou qualquer pessoa. Quero ficar com você para sempre. - Os olhos de Ayla se encheram de lágrimas, novamente, embora se esforçasse para detê-las. - Se quer ficar aqui e viver com os Mamutoi, ficarei e me tornarei Mamutoi. Se quiser que eu partilhe você com Ranec...

farei isso também.

É isso que quer fazer? - Se for o que você quer... - começou a dizer Jondalar, então, recordou as palavras de Mamut.

Talvez devesse dar a ela uma opção, falar sobre sua preferência. - Quero estar com você, e acredite, isto é o mais importante. Eu ficarei aqui, se você quisesse, mas se me pergunta o que desejo, quero ir para casa e levar você comigo.

- Levar-me com você? Não sente mais vergonha de mim? Não se envergonha do Clã e de Durc? - Não, não me envergonho de você. Orgulho-me de você. E tam pouco sinto vergonha do Clã.

Você e Rydag me ensinaram uma coisa muito importante, e talvez seja hora de tentar ensinar a outros. Aprendi tantas coisas que quero levar de volta ao meu povo. Quero lhes mostrar o arremessador de lanças, e os métodos de Wymez de trabalhar sílex, e suas pedras-de-fogo, e a agulha que puxa o fio, e os cavalos e Lobo. Com tudo isso, talvez até desejem ouvir alguém lhes dizer que o povo do Clã também é filho da Mãe Terra.

- O Leão da Caverna é seu totem, Jondalar - disse Ayla, com a finalidade de saber absoluto.

- Você disse isso antes, O que a faz ter tanta certeza? - Recorda quando falei que é difícil conviver com totens poderosos? Suas provas são áridas, mas suas dádivas, o que você aprende com eles, faz com que tudo

valha a pena. Você passou por uma dura prova, mas la menta agora? Este ano foi duro para nós dois, mas aprendi tanto sobre mim mesma e sobre os Outros! Não tenho mais medo deles. Você também aprendeu muito sobre si mesmo e o Clã. Acho que temia o Clã, de maneira diferente. Agora, você venceu esse temor. O Leão da Caverna é seu totem, e você não odeia mais o Clã.

- Acho que tem razão, e estou contente porque um totem do Leão da Caverna do Clã me escolheu, se isso significa que sou aceitável para você. Não tenho nada a lhe oferecer, Ayla, exceto eu mesmo. Não posso prometer quaisquer associações, nem sequer com meu povo. Não posso fazer promessas, porque não sei se os Zelandonii aceitarão você. Se não aceitarem, teremos que encontrar outro lugar para viver. Eu me tornarei um Mamutoi, se quiser, mas eu preferia levá-la para casa e fazer o Zelandoni dar o nó para nós.

- Isso é como uma união? - perguntou Ayla. - Você nunca me pediu para unir-me a você.

Pediu-me para ir com você, mas jamais me pediu para fazer uma fogueira com você.

- Ayla, Ayla, o que há de errado comigo? Por que tenho como certo que você já sabe tudo? Talvez seja porque você sabe tanto o que não sei, e aprendeu tanta coisa, tão depressa, que esqueço que acabou de aprendê-la. Talvez eu deva aprender um sinal para dizer as coisas para as quais não tenho palavras.

Então, com um sorriso divertido de prazer, inclinou-se diante dela com um joelho contra o solo. Ele não estava sentado exatamente de pernas cruzadas, com a cabeça abaixada, como ela fazia sempre, mas tinha a cabeça erguida para ela. Ayla ficou obviamente desconcertada e pouco à vontade, o que agradou Jondalar, porque era sempre assim que ele se sentia.

- O que está fazendo, Jondalar? Os homens não devem fazer isso. Não precisam pedir permissão para falar.

- Mas tenho que pedir, Ayla. Voltará comigo, e se unirá a mim, e terá o Zelandoni dando o nó, e fará uma fogueira comigo, e fará filhos para mim? Ayla recomeçou a chorar, e se sentia tola por causa de todas as lágrimas que andara abrigando.

- Jondalar, nunca quis outra coisa. Sim, é minha resposta a tudo isso. Agora, por favor, levante-se.

Ele se levantou e tomou-a nos braços, sentindo-se mais feliz que nunca na vida. Beijou-a, depois manteve-a junto de si como se tivesse medo de soltá-la, medo de perdê-la, talvez, como quase acontecera.

Tornou a beijá-la e o desejo por ela cresceu com a maravilha de tê-la ali. Ela o sentiu, e seu corpo correspondeu e ficou pronto para ele. Mas não queria arrebatá-la desta vez. Queria-a total, completamente. Recuou e tirou dos ombros o bernal que ainda usava. Depois, tirou uma coberta de chão e abriu-a. De repente, Lobo saltou para ele.

- Terá que ficar longe um pouco - disse Jondalar e sorriu para Ayla.

Ela deu ordem a Lobo para se afastar e retribuiu o sorriso de Jondalar. Ele se sentou sobre a coberta e ergueu a mão para ela. Ayla se reuniu a ele, já ansiosa, na expectativa, e desejando-o muito.

Ele a beijou levemente, e estendeu a mão para seu seio, e saboreou mesmo a pequena familiaridade de sua forma túrgida, redonda, através da túnica fina. Ela se lembrava também, e de muito mais.

Depressa, despiu a túnica. Ele a segurou com as duas mãos e no instante seguinte ela estava deitada de costas, a boca de Jondalar firmemente sobre a sua. A mão dele acariciou-lhe o seio, e encontrou um mamilo e depois uma boca cálida e molhada estava sobre o outro

bico. Ela gemeu enquanto a sensação arrebatadora enviava ondas de sentimento ao íntimo, ao local que ansiava por ele. Ela acariciou-lhe os braços, e as costas largas, depois a nuca e cabelo. Por um instante apenas, ficou surpresa porque o cabelo não era muito crespo. O pensamento morreu tão depressa quanto surgiu.

Ele a beijava de novo, a língua sondando suavemente. Ela a aceitou em sua boca, depois retribuiu a busca, lembrando que o toque de Jondalar jamais era excessivo, ou frenético demais, mas sensível e hábil. Ela sentiu prazer na recordação, e na sua renovação. Era quase como a primeira vez, conhecendo-o novamente, e lembrando-se de como ele a conhecia bem. Quantas noites ela havia ansiado por ele? Ele provou-lhe a calidez da boca, depois o sal de sua garganta. Ela sentiu arrepios agradáveis caminhando por seu maxilar, em seguida, o lado do pescoço. Ele beijou-lhe o ombro, mordiscou de leve e sugou, brincando com os locais sensíveis que sabia onde estavam. Inesperadamente, tomou-lhe o mamilo de novo. Ela arquejou diante do aumento repentino de emoção. A seguir, suspirou e gemeu de prazer enquanto ele brincava com os dois mamilos.

Então, ele se sentou e olhou-a, depois fechou os olhos como se quisessem memorizá-la. Ela sorria quando ele tornou a abri-los.

- Amo você, Jondalar, e tenho desejado tanto você! - Oh, Ayla, eu sofria com meu desejo por você, e no entanto, quase desisti de você. Como pude fazer isso, amando-a tanto? - Beijou-a mais uma vez, abraçando-a com força como se temesse perdê-la de novo, talvez. Ela se agarrou a ele com o mesmo ardor. E de repente, não houve espera.

Ele segurou-lhe os seios e depois desamarrou a cintura de sua calça. Ela ergueu os quadris e tirou as

calças de verão, três-quartos, enquanto ele desatava a sua, tirava a camisa e se livrava do calçado.

Ele a abraçou pela cintura, a cabeça sobre seu ventre, depois se moveu para baixo, entre suas pernas, beijando o montículo de pêlos. Em seguida deteve-se um pouco, separou-lhe as pernas, e com as duas mãos manteve-as assim, e olhou para as dobras de um rosa vivo, como suaves pétalas úmidas. Então, como uma abelha, mergulhou e provou. Ela gritou e arqueou-se para ele enquanto Jondalar explorava cada pétala, cada dobra, cada vinco, mor discando, sugando, provocando, deleitando-se em lhe proporcionar prazer, como havia desejado por dias sem conta.

Aquela era Ayla. A sua Ayla. Aquele era o seu sabor, seu mel e seu próprio membro estava tão crescido e ansioso! Queria esperar, queria que perdurasse, mas de repente, ela não conseguiu. Ela respirava entrecortadamente, e depressa, arquejando, arfando, gritando por ele. Ela estendeu a mão para ele, puxou-o para cima, depois estendeu a mão para guiá-lo até seu poço profundo, tépido.

Ao escorregar para dentro Jondalar soltou um suspiro profundo, e deixou o fuste inteiro deslizar para o interior, até ela o envolver completamente. Aquela era a sua Ayla, a mulher a quem ele convinha, aquela que se ajustava a ele, que o conservava inteiro. Ele permaneceu por um momento, vicejando no abraço total. Desde a primeira vez havia sido assim com ela, e todas as vezes. Como ele pudera sonhar em desistir dela? A Mãe devia ter feito Ayla somente para ele para que pudessem honrá-La completamente a fim de que pudessem agradá-La com seus prazeres, como Ela queria que acontecesse.

Ele recuou e sentiu-a atirar-se para ele, enquanto ele investia para Ayla. Jondalar recuou de novo, e avançou, e retrocedeu e investiu outra vez. Então, de súbito ele estava pronto, e ela gritava, e recuaram e

investiram mais uma vez, e a onda cresceu e atingiu o cume, e quebrou-se sobre eles em uma liberação de deleite trêmulo, esgotado.

O descanso era parte do prazer. Ela amava a sensação do peso de Jondalar sobre ela, então. Ele jamais era pesado. Em geral, ele se levantava primeiro, antes que ela estivesse pronta para isso. Ela sentia seu próprio odor nele, e isso a fazia sorrir, lembrando-se dos prazeres que acabavam de partilhar. Ela nunca se sentia tão completa quanto então, quando ter minavam, e ele ainda permanecia lá, dentro dela.

Ele gostava da sensação do corpo inteiro de Ayla sob o seu, e fazia tanto tempo, tão estupidamente... Mas, ela o amava. Como ela era capaz de amá-lo ainda, depois de tudo? Como ele podia ter tanta sorte? Nunca, nunca mais ele a abandonaria.

Afinal, ele saiu, rolou sobre si mesmo e sorriu para Ayla.

- Jondalar? - disse ela depois de algum tempo.

- Sim.

- Vamos nadar- O rio não fica longe. Vamos nadar como fazíamos no vale, antes de voltarmos ao Acampamento do Lobo.

Ele se sentou ao lado dela e sorriu.

- Vamos! - exclamou, pondo-se de pé em um instante e ajudando-a a levantar-se também. Lobo também ficou de pé e abanou o rabo.

- Sim, pode vir conosco - disse Ayla enquanto pegavam suas coisas e se dirigiam ao rio. Lobo saltou atrás deles, ansioso.

Depois de nadarem e se banharem e brincarem com Lobo no rio, e os cavalos terem rolado e pastado e descansado longe da multidão, Ayla e Jondalar se vestiram, sentindo-se revigorados e famintos.

- Jondalar? - disse Ayla, de pé ao lado dos cavalos.

- Sim.

- Vamos montar Whinney. Quero sentir você perto de mim.

Durante todo o caminho de volta, Ayla pensou sobre como diria a Ranec. Não ansiava por esse momento. Quando chegaram, ele a estava esperando e, obviamente, não estava feliz. Estivera à sua procura. Todo mundo andara se preparando para o Matrimônio naquela tarde, quer para assistir ou participar. Tampouco agradou a Ranec ver Ayla cavalgando com Jondalar sobre Whinney e Racer seguindo-os.

- Onde esteve? Já devia estar vestida.

- Tenho que lhe falar, Ranec.

- Não temos tempo para conversar - disse ele, com uma expressão desvairada no olhar.

- Sinto muito, Ranec. Temos que conversar. Em algum lugar onde possamos ficar sozinhos.

Ele só pôde concordar. Ayla entrou na tenda primeiro, e tirou algo da sua mochila. Caminharam encosta abaixo em direção ao rio, e ao longo de sua margem. Ayla parou, enfiou a mão no interior da túnica e tirou a escultura de uma mulher convertendo-se em sua forma espiritual de ave, a mula que Ranec havia esculpido para ela.

- Tenho que lhe devolver isto, Ranec - disse Ayla, estendendo-lhe - Mas, por quê? Por quê? Por que agora, tão de repente? - perguntou Ranec, a voz aguda, quase estrangulada.

- Porque tenho que partir agora. É a melhor época para viajar, e temos um longo caminho a percorrer. Vou com Jondalar. Eu o amo. Nunca deixei de amá-lo. Achei que ele não me amava...

- Quando achou que ele não a amava, então, eu era suficientemente a escultura.

Ranec saltou para trás, como se o houvessem queimado.

- O que quer dizer? Não pode devolver isso! Precisa dela para fazer uma fogueira. Precisa dela para nosso Matrimônio - falou, uma ponta de pânico na voz.

- É por isto que preciso devolver. Não posso fazer uma fogueira com você. Vou embora.

- Vai embora? Não pode, Ayla. Você prometeu! Tudo está providenciado. O Matrimônio é esta noite. Você disse que se uniria a mim. Amo você, Ayla. Não compreende? Amo você. - O pânico crescia na voz de Ranec a cada declaração.

- Eu sei - disse Ayla suavemente. O choque e o sofrimento nos olhos de Ranec a magoavam. - Eu prometi, tudo está arranjado. Mas tenho que partir.

bom? Foi assim? - disse Ranec. - Todo o tempo que passamos juntos, você desejava que fosse ele. Nunca me amou.

- Eu quis amar você, Ranec. Eu gosto de você. Nem sempre desejava que fosse Jondalar, quando estava com você. Você me fez feliz muitas vezes.

- Mas não sempre. Eu não era bastante bom. Você era perfeita, mas nem sempre fui perfeito para você.

- Nunca procurei a perfeição. Eu o amo, Ranec. Quanto tempo você poderia me amar sabendo que amo outro homem? - Posso amar você até morrer, Ayla, e no outro mundo também. Não compreende? Nunca mais amarei outra mulher como amo você. Não pode me deixar. - O escultor escuro, atraente, suplicava, com lágrimas nos olhos. Jamais havia suplicado coisa alguma em sua vida.

Ayla sentia a dor dele e queria poder fazer alguma coisa para diminuí-la. Mas não podia dar-lhe a única coisa que ele queria. Não era capaz de amá-lo como amava Jondalar.

- Lamento, Ranec. Por favor, fique com a mula. - Estendeu novamente a escultura.

- Guarde-a! - exclamou ele, com tanto veneno quanto era capaz.

- Talvez eu não seja bastante bom para você, mas não preciso de você. Posso ter a melhor mulher deste lugar. Vá em frente, fuja com seu quebrador de sílex. Não me importo.

- Não posso guardar a escultura - disse Ayla, colocando a mula no solo, aos pés dele.

Abaixou a cabeça e deu meia-volta para se afastar.

Ela voltou pela margem do rio, com dor no coração pelo sofrimento que causara. Ela não tivera a intenção de magoá-lo tão profundamente. Se houvesse outra maneira, ela a teria escolhido.

Esperava que ninguém mais a amasse quando ela não pudesse corresponder.

- Ayla? - gritou Ranec.

Ela se virou e esperou que ele a alcançasse.

- Quando vai partir? - Assim que arrumar minhas coisas.

- Sabe, não é verdade. Eu me importo. - Seu rosto estava marcado pelo sofrimento e tristeza. Ela queria correr para ele, consolá-lo, mas não desejava encorajá-lo. - Eu sempre soube que você o amava, desde o início - disse ele. - Mas eu a amava tanto, desejava tanto você, que não queria ver isso. Tentei convencer-me de que você me amava, e esperava, com o tempo, que me amasse, realmente.

- Ranec, sinto muito - disse ela. - Se eu não tivesse amado Jondalar primeiro, teria amado você. Poderia ter sido feliz com você. Era tão bom para mim, e sempre me fazia rir. Sabe, amo você. Não da forma que quer, mas sempre amarei você.

Os olhos negros estavam cheios de angústia.

- Nunca deixarei de amá-la, Ayla. Jamais esquecerei você. Levarei este amor à minha sepultura - falou Ranec.

- Não diga isso! Merece mais felicidade que essa! Ele riu, um riso amargo, implacável.

Não se preocupe, Ayla. Não estou pronto, ainda, para essa sepultura. Ao menos, não o suficiente para fazê-la acontecer. E um dia, talvez, eu me una a uma mulher, faça uma fogueira e ela terá filhos. Talvez até a ame. Mas nenhuma outra mulher será você, e eu jamais sentirei por outra mulher o que sinto por você. Você só pode acontecer uma vez na vida de um homem. - Começaram a regressar.

- Será Tricie? - perguntou Ayla. - Ela ama você.

Ranec sacudiu a cabeça afirmativamente.

- Talvez. Se ela me aceitar. Agora, que tem um filho, será ainda mais requisitada, e ela tinha muitas propostas antes.

Ayla parou e olhou para Ranec.

- Acho que Tricie aceitará você. Está magoada agora, mas isso porque ama você, muito. Porém, há mais uma coisa que deve saber. Seu filho. Ralev, é seu filho, Ranec.

Quer dizer que ele é o filho do meu espírito? - Ranec franziu a testa. - Provavelmente tem razão.

- Não, não quero dizer que ele é o filho do seu espírito. Quero dizer que Ralev é seu filho, Ranec.

Ele é o filho de seu corpo, de sua essência. Ralev é seu filho exatamente como é filho de Tricie.

Você o fez crescer dentro dela, quando partilhou prazeres com ela.

Como sabe que partilhei prazeres com ela? - perguntou Ranec, um pouco constrangido. - Ela era uma "pé vermelho" no ano passado, e muito dedicada.

- Sei porque Ralev nasceu e é seu filho. É assim que toda vida começa. E por isto que os prazeres honram a Mãe. É o começo da vida. Eu sei, Ranec. Prometo-lhe, é verdade, e esta promessa não pode ser quebrada - disse Ayla.

Ranec enrugou a testa, refletindo. Era uma idéia nova, estranha. As mulheres eram mães. Davam à luz filhos, e filhas. Mas um homem podia ter um filho? Italev podia ser seu filho? No entanto, Ayla o dissera. Tinha que ser. Ela carregava a essência de Mut. Ela era a Mulher-Espírito. Talvez ela fosse a Grande Mãe Terra encarnada.

Jondalar verificou a bagagem de novo, depois conduziu Racer para o início da trilha, onde Ayla dizia adeus. Whinney estava com os fardos e esperava pacientemente, mas Lobo corria excitadamente entre eles, sabendo que alguma coisa ocorria.

Tinha sido difícil para Ayla abandonar as pessoas que amava quando fora expulsa do Clã, mas não tivera escolha. Dizer adeus voluntariamente às pessoas que amava no Acampamento do Leão, sabendo que nunca mais as veria, era ainda mais difícil. Já havia derramado tantas lágrimas naquele dia, que se perguntava como ainda tinha mais, no entanto, seus olhos se enchiam delas novamente, cada vez que abraçava um dos amigos.

Talut - soluçou, abraçando o grande chefe de cabelos ruivos. - Já lhe disse que foi seu riso que me fez resolver visitá-los? Eu tinha tanto medo dos Outros, estava pronta para cavalgar de volta ao vale, até ver você rindo.

vá.

- Você me verá chorar dentro de um instante, Ayla. Não quero que - Já estou chorando - falou Latie. - Também não quero que vá. Lembra-se da primeira vez que me deixou tocar Racer? - Lembro quando ela deixou Rydag montar Whinney - disse Nezzie.

- Acho que foi o dia mais feliz da vida dele.

- Também sentirei falta dos cavalos - gemeu Latie, agarrando-se a Ayla.

- Talvez, um dia, consiga um pequeno cavalo para você, Latie - falou Ayla.

- Também sentirei falta dos cavalos - disse Rugie.

Ayla a pegou no colo e apertou-a nos braços.

- Então, talvez também consiga um cavalinho.

- Oh, Nezzie! - chorou Ayla. - Como lhe agradecer? Por tudo? Sabe, perdi minha mãe quando era criança, mas tenho muita sorte. Tive duas mães para substituí-la. Iza tomou conta de mim quando eu era me nina, mas você era a mãe de quem eu precisava para me tornar uma mulher.

- Aqui - disse Nezzie, entregando-lhe um pacote, tentando não ceder inteiramente às lágrimas.

- É sua túnica Matrimonial. Quero que fique com ela para sua união com Jondalar. Ele também é como um filho para mim. E você é minha filha.

Ayla abraçou Nezzie novamente, depois ergueu a cabeça para seu filho grande e robusto. Quando ela abraçou Danug, ele também a abraçou sem acanhamento. Ela sentiu a masculinidade de sua força, e a calidez de seu corpo, e uma centelha fugaz de sua atração por ela quando cochichou: - Gostaria que tivesse sido minha "pé vermelho".

Ela recuou e sorriu.

- Danug! Você será um homem e tanto! Gostaria de ficar para vê-lo se converter em outro Talut.

- Talvez, quando eu for mais velho, faça uma longa jornada e vá visitá-la! Ela abraçou Wymez em seguida, e procurou Ranec, mas ele não estava por perto: - Sinto muito, Wymez - disse ela.

- Eu também. Queria que ficasse conosco. Gostaria de ver os filhos que você traria para a fogueira dele. Mas Jondalar é um bom homem. Que a Mãe abençoe sua jornada.

Ayla pegou Hartal dos braços de Tronie e encantou-se com suas risadinhas. Então Manuv pegou Nuvie ao colo para Ayla beijar.

- Ela está aqui somente por sua causa. Não esquecerei, e tampouco ela esquecerá - disse Manuv.

Ayla o abraçou, e depois abraçou Tronie e Torneç.

Frebec tinha Bectie no colo, enquanto Ayla se despedia de Fralie e dos dois meninos. Depois, abraçou Crozie. Ela recuou, rígida no começo, em bora Ayla a sentisse tremer. Depois a velha a abraçou com força e uma lágrima brilhou em seus olhos.

- Não esqueça como fazer couro branco - ordenou ela.

- Não esquecerei, e tenho a túnica comigo - disse Ayla, depois acrescentou com um sorriso malicioso: - Mas Crozie, de agora em diante, lembre-se. Nunca jogue o jogo dos ossinhos com um membro da Fogueira do Mamute.

Crozie a olhou, espantada, e depois riu quando Ayla se virou para Frebec. Lobo se juntara a eles, e Frebec coçou atrás de suas orelhas.

- Vou sentir falta deste animal - disse.

- E este animal - falou Ayla, dando-lhe um abraço - sentirá sua falta! - Também sentirei saudades, Ayla - falou ele.

Ayla se encontrou no meio de uma porção de pessoas da Fogueira dos Auroques, quando todas as crianças e Barzec se amontoaram ao seu redor. Tarneç também estava ali, com sua mulher. Deegie esperava com Braneg, e depois, as duas jovens caíram nos braços uma da outra com um novo derramamento de lágrimas.

- De alguma forma, é mais difícil dizer adeus a você do que a qualquer outra pessoa, Deegie - falou Ayla. - Nunca tive uma amiga como você, da minha idade e que pudesse me compreender.

- Eu sei, Ayla. Não posso acreditar que esteja indo embora. Agora, como saberemos quem terá um bebê primeiro? Ayla recuou e olhou para Deegie com ar crítico, depois sorriu.

- Você terá. Já tem um iniciado.

- Eu me perguntava sobre isso! Acha isso, realmente? - Sim. Tenho certeza.

Ayla viu Vincavec de pé ao lado de Tulie. Ela roçou levemente seu rosto tatuado.

- Surpreendeu-me - disse ele. - Eu não sabia que seria ele. Por outro lado, todo mundo tem fraquezas. - Lançou um olhar astuto a Tulie.

Vincavec estava aborrecido porque sua avaliação da situação fora tão falha. Ele não havia contado, de modo algum, com o homem louro e alto, e estava um pouco zangado com Tulie porque ela havia aceitado os pedaços combinados de âmbar sabendo que não era provável que ele conseguisse aquilo que queria, apesar de que ele havia quase forçado a aceitação das pedras. Ele andara fazendo comentários mordazes implicando que ela aceitara o âmbar por causa da fraqueza que tinha por ele, e que não dera o valor adequado. Desde que o âmbar havia sido, ostensivamente, um presente, ela não podia devolvê-lo, e Vincavec tirava o máximo proveito de seus comentários contundentes.

Tulie lançou um olhar a Vincavec antes de se aproximar de Ayla, certificando-se de que ele observava, depois deu um abraço sincero e afetuoso na jovem.

- Tenho uma coisa para você. Estou certa de que todos concordarão, são perfeitas para você - disse ela, depois deixou cair os dois pedaços de âmbar na mão de Ayla.

- Combinarão com sua túnica Matrimonial. Deve pensar em usá-los nas orelhas.

- Oh, Tulie! - exclamou Ayla. - Isto é demais. São tão bonitos! - Não são demais, Ayla. Destinavam-se a você - disse, lançando um olhar triunfante a Vincavec.

Ayla viu Barzec sorrindo também, e Nezzie balançava a cabeça, concordando.

Também foi difícil para Jondalar deixar o Acampamento do Leão. Eles lhe tinham dado boas-vindas, e ele viera a amá-los. Muitas de suas despedidas foram chorosas. A última pessoa com quem falou foi Mamut. Abraçaram-se e roçaram as maçãs do rosto, depois Ayla se juntou a eles.

- Quero lhe agradecer - disse Jondalar. - Acho que sabia, desde o início, que eu tinha uma dura lição a aprender. - O velho concordou com um gesto de cabeça. - Mas aprendi muito com você e os Mamutoi. Aprendi o que tem importância e o que é superficial, e conheço as profundezas do meu amor por Ayla. Não tenho mais restrições. Ficarei ao lado dela contra meus piores inimigos ou melhores amigos.

- Vou lhe dizer outra coisa que precisa saber, Jondalar - disse Mamut. - Eu sabia, desde o começo, que o destino dela era com você, e, quando o vulcão entrou em erupção, eu sabia que ela partiria breve com você. Mas, lembre-se disto: o destino de Ayla é muito maior do que qualquer um imagina. A Mãe escolheu-a e sua vida terá muitos desafios, e a sua também. Ela necessitará de sua proteção, e da força que seu amor adquiriu. Por isto teve que aprender essa lição. Nunca é fácil ser escolhido, mas há sempre grandes benefícios. Tome conta dela, Jondalar. Sabe, quando ela se preocupa com os outros, esquece de tomar conta de si mesma.

Jondalar sacudiu a cabeça, concordando. Então, Ayla abraçou o velho, sorrindo através de olhos úmidos.

- Queria que Rydag estivesse aqui. Sinto tanta falta dele. Também aprendi lições. Eu queria ir buscar meu filho, mas Rydag ensinou-me que eu devia deixar Durc viver a vida dele. Como lhe posso agradecer por tudo, Mamut? - Não é necessário agradecer, Ayla. Nossos caminhos estavam destinados a se cruzar. Esperava por você sem saber, e você me deu grande alegria, minha filha. Você não estava destinada a voltar para buscar

Durc. Ele foi sua dádiva ao Clã. As crianças são sempre uma alegria, mas sofrimento também. E todos devem aprender a viver suas próprias vidas. Até Mut deixará Seus filhos seguirem seu caminho, um dia, mas temo por nós se a negligenciarmos. Se esquecermos de respeitar nossa Grande Mãe Terra, Ela reterá Suas bênçãos e não mais proverá nossa subsistência.

Ayla e Jondalar montaram os cavalos, acenaram e disseram os últimos adeuses. A maioria do acampamento viera lhes desejar boa viagem. Quando começaram a se afastar, Ayla continuou procurando uma última pessoa. Mas Ranec já se tinha despedido e não poderia enfrentar mais um adeus em público.

Finalmente, Ayla o viu, quando começaram a descer a trilha, de pé, sozinho. Com grande peso no coração, ela parou e acenou para ele.

Ranec acenou também, mas em sua outra mão segurava, apertado contra o peito, um pedaço de marfim esculpido na forma de uma figura transcendente de mulher-ave. Em cada entalhe esculpido, em cada linha gravada, ele havia cinzelado amorosamente cada esperança de sua alma estética e sensível. Ele a fizera para Ayla, esperando que iria seduzi-la para a sua fogueira, como havia esperado que seus olhos sorridentes e espírito brilhante a seduzissem para o seu coração. Mas, quando o artista de grande talento e encanto e riso observou a mulher que amava afastar-se a cavalo, nenhum sorriso embelezava-lhe o rosto, e os olhos negros, risonhos, estavam cheios de lágrimas.

Fim